



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Cessant tergeminis tollere honoribus.
hor. ed.

It. Angeli veloces. Spas. Cap.

Magnum est nomen meum. mat.

Docteri

Ad ventum expectantem.



Insularum Societas IESV
Super stabilitatem suam. ps. 103.

CHRONICA
DA COMPANHIA DE IESV
Nos Reynos de Portugal
Pelo P. M. BALTHAZAR TELLEZ
natural de Lisboa lente que foy
de Prima de Theologia.



Hinc omni prout...

113 C. # 23.
CHRONICA
DA COMPANHIA
DE IESV.
DA PROVINCIA
DE PORTV GAL.

SEGVNDA PARTE,

NA QVAL SE CONTEM AS VIDAS
de algũs Religiosos mais affinalados, que na mesma
Provincia entraram, nos annos em que viveo

S. IGNACIO DE LOYOLA,
NOSSO FVNDADOR.

COM O SVMMARIO DAS VIDAS DOS
*Serenissimos Reys Dom Ioam Terceyro, & Dom Henrique,
Fundadores, & insignes bemfeytores desta Provincia.*

Compоста

PELO P. M. BALTHEZAR TELLES,
da mesma Companhia, natural da
Cidade de Lisboa.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Por PAVLO CRAESBEECK. Anno M. DC. XLVII.

A
SERENISSIMA
RAINHA DE
PORTUGAL,
DONA LVIZA;
NOSSA SENHORA, &c.



O mesmo ponto, em que dediquey a primeyra parte desta Chronica a el Rey nosso senhor, consagrey a V. Magestade esta segunda, & ainda que o tempo variou o successo na execuçam, a obrigaçam igoalou a offerta nos desejos; & por isso esta segunda parte sahio tam deprèssa á luz da estampa, porque, ainda quando nam estava nascida, já se architectava pera se offerecer às luzes de V. Mag. em rezám do muyto que deseja a Cõpanhia em Portugal, que todas as gloriosas acçoês de seus filhos, cõ toda a prèssa, sejam dedicadas a tam preñados Reys, & Senhores: como senam estimára, nem ainda seus mayores luzimentos, se estes nam tributassẽ logo vassalagem, & rendessẽ as primeyras parias a Vossas Magestades.

Logo no principio do mundo entronizou Deos nosso senhor, nessas espheras do cẽo os

dous lucidíffimos Monarchas, o Sol , & a Lúa, pera que com alternativo dispendio de seus benignos rayos influíffem beneficios resplandores nas estrellas de hũ, & de outro hemispherio: chega tam longe a Monarchia de V. Magest. que se revolve com luzidos paralêlos, debayxo de hum, & de outro polo, alcançando de Occidente ao Oriête. Por ambos estes hemispherios andâram, & andam hoje as Estrellas volantes dos filhos da Companhia, acrescentando as luzes da christandade, & illustrando as trevas da gentildade , como V. Magest. verá nesta Chronica, & assim necessitavam da real protecçam de ambos os Planetas desta Monarchia.

8 Esta foy a caula que me moveo a dedicar a primeyra parte a elRey nosso senhor, a segunda a V. Magest. pera que estes Astros errantes, tivessem os melhores acertos, sendo assistidos, com as beneficis influencias de taes Princepes. E tambẽ pera que nam temendo os eclipfes da morte , se conservem suas memorias vivas nas lembranças dos vivos.

Tornam a refucitar os mortos na estampa dos escritores, porque na verdade cada letra escrita he alma de hum corpo defunto : de sorte, que hũa Chronica imprẽssa he hũa nõva resurreçam de sepultados: sayem agora vivos , neste livro com o emparo de V. Magest. os filhos da Companhia, que por esquecidos estavam já defuntos; & desta maneyra nam só vive a Compa-

nhia viva pelos favores de V. Magestade, mas refucitam no prélo seus mortos, com tam real protecçam, pera que assim a vida dos que ainda vivemos, como a resurreyçam dos que já morreram, se devam particularmente a V. Magestade; persuadindo se tambem V. Magestade, que se lhe dedicamos toda esta estampa, he porque primeyro trazemos a V. Magestade estampada em nossas almas.

E assim como significamos nossas obrigaçoens nestas estampas da escriptura, as gravamos, se nos fora possível, com buris de diamante, nas mesmas laminas da eternidade, tam desejólos estamos de immortalizar o muyto que devemos, pera com estes finaes de agradecidos suprimos a falta da possibilidade; porque ainda que Sancto Ambrosio diga, que o amor nam acha remedio em difficuldades impossiveis, com tudo sò hum agradecimento encarecido se póde sustituir, pera desempenhar impossibilidades.

Ambros. in Ser. de Assupt. Amor non accipit de impossibilitate solatium, nec ex difficultate remedium.

E em rezam destas obrigaçoens, nos nam contentamos só com viver esta gratidam nas lembranças dos que vivemos, senam que atropelando as jurdiçoens da morte, & conquistando as arrayas do esquecimento, aspiramos a que vivam até nas sepulturas de nossos defuntos, cujas vidas aqui offerecemos a V. Magest. pera que os mesmos marmores das campas, que sò sabem enterrar memorias, aprendam a nam sepultar as que devemos a V. Magest. pois nessas mesmas cinzas

frias ardem, com nóvos alentos, vivos agradeci-
mentos a tal Rainha, & Senhora, pelas mercês
que nos faz.

Entre as quaes nam he a menor, fiar tanto
de nós, que nos entrega sua propria consciencia,
escolhendo confessor da Companhia, mostran-
do, que conforme o conceyto, he a entrèga da
alma: Na cruz entregou Christo sua mesma mãy
ao Discipulo querido, porèm a alma entregou
nas mãos de seu eterno Padre (como nos advirte
Sam Lucas) que só de hũas mãos divinas se pòde
fiar o credito de hũa alma. Coroou V. Magest. cõ
este acordo, o que já tinham tomado os serenif-
simos Reys de Portugal D. Ioã Terceyro, D.
Sebastiam seu neto, D. Henrique seu irmã, & a
muy catholica, & esclarecida Rainha D. Cathe-
rina, os quaes todos, como nesta historia mostro,
escolhèram confessores da Companhia.

Isto que atégora tenho dito, he pelo que
pertence a toda a Companhia, pelo que a mim
me toca, se algum merecimento tive, em dar á luz
do prèlo tam resplandecentes rayos de sanctida-
de (que hũa Chronica de varoens Sanctos, he
hũa Aurora fecunda, que rompe em Soes multi-
plicados) a sã recompensado fica todo o desvello
de meu trabalho, com ter tam grande ventura,
que o pude offerecer á V. Magest. que nam po-
dia o engenho mais soberano anhelar a mayor
coroa, que tributar se aos pés de tal Rainha, &
Senhora.

Luc. c. 23. n.
46. Pater in
manus tuas
commendo
spiritum
meum.

2. p. l. 6. cap.
48. n. 2. & c.
45. n. 1.

Cujas reaes, & muy catholicas virtudes aqui nam quero descrever, como custumam fazer os escritores em suas dedicatorias, assim pelas nam menoscabar, por culpa de meu engenho, como por nam offender a singular modestia de V. Magestade: & tambem porque offerecendo a V. Magestade esta Chronica cheya de exemplos de sanctidade alheya, com hum engenhoso disfarce, lerà V. Magestade divinos exemplares de virtudes proprias. Goarde Deos a V. Magestade, &c.

De Vossa Magestade

Humilde servo,

Balthazar Telles.

PROLOGO,
E ADVERTENCIAS
AO LEYTOR.



A primeyra parte desta Chronica contey os principios, & progressos da Religião da Companhia de IESU, em Portugal, por espaço dos primeyros doze annos, no tempo, em que a governou o Padre Mestre Simão Rodrigues, de muy sancta memoria, referindo a sua vida, com a de alguns Religiosos de muyta virtude, que naquelles annos entráram na Companhia: agora nesta segunda parte continuarey, contando as mais cousas que socederam, até a morte de nosso Sancto Patriarcha Ignacio, & as vidas de alguns varoens illustres, que entam entráram na Companhia, que foy o que prometi no principio destas duas partes.

Advertindo porém sempre, que eu, posto que vou dando conta de tudo o que socedeo nos primeyros annos da Companhia, nam pretendo fazer annaes, senam que como occasiam dos annos, em que entro, pera contar nam sò as fundações, & progressos das casas, ou Collegios da Companhia, que entam socederam, mas tambem pera escrever a vida, & a morte de todos os varoens insignes em virtude, que nestes annos, no tempo de S. Ignacio entráram nesta Provincia: & assim ainda que tomo o principio de tam longe, com tudo chego com as cousas, & noticias de muytas dellas, quasi a nossos tempos. Donde se ve a confiança com que professo falar verdade, pois nam conto historias do tempo de Saturno, mas escrevo cousas que tem muytas testemunhas vivas, as quaes me podẽ arguir. Este privilegio tẽ a antiguidade, q̃ nam examinamos, mas veneramos suas cousas, ainda quando sam mais difficulosas de crer, porém as cousas modernas todos tem licença, ou a tomam pera as examinar, & pera nellas inquirir, & assim bem se ve a obrigaçam, que me corre de hir atento nas materias em que falo.

A ligam desta segunda parte pôde recrear aos curiosos, porque contem muytas cousas dignas de se saberem, que tirey alimpo, assim tocantes aos senhores Reys Dom Ioão Terceyro, Dom Sebastião, & Dom Henrique, como pertencentes à Companhia. Porém de mim confesso, que a mim me causam grandissima confusão as vidas sanctas, & os exemplos singulares, que conto daquelles nossos primeyros varoens, cujas historias aqui escrevo. A vista da imagem de Alexandre Magno chorou, como envergonhado Iulio Cesar, vendo o pouco que tinha obrado, coparado cõ as illustres façanhas, & admiraveis proezas daquelle grande

Rey. Com mais rezám pôsso chorar, vendome tam imperfeyto á vista de Varoens perfeysimos: as solemnidades dos Martyres, diz S. Agostinho, ^c sam vivas exhortaçoens pera o martyrio, pera que nos animemos a imitar, os que gostamos festejar. Assim nos deve soceder aos da Companhia, aos quaes, os exemplos daquelles nossos Religiosos, cujas vidas brevemente aqui refiro, nos devem servir de setas abrazadas, pera nos afervorarem a seguir o exemplo dos que nos tam diante, nam menos nos annos, que nos levam, que nas virtudes que tiveram.

No particular da forma, & methodo da composiçam, procurey em tudo ajustarme com o modo de escrever, que goardey na primeyra parte, pera que pois o autor he o mesmo, o estylo nam seja diverso. E ainda que sey que algũs Criticos nam aprovam as alluzoens à sagrada escriptura, & algũas poucas erudiçoens, ou sentenças, que tal vez toco, com tudo álem da resposta fer aqui a mesma que dey na primeyra parte, agora acrecento, que eu nam sigo a opiniã daquelles que cuydam, que grangeam authoridade a seus escritos, com se mostrarem menos cuydadosos no estylo, persuadindo se que os terã por verdadeyros nas cousas, por se mostrarem incultos na fraze: sendo assim que o fazem, ou porque nam podem mais, ou porque se querem furtar ao trabalho, pois he certo que o concerto das palavras nam tira a verdade na historia.

E pera que neste particular diga o que entendo, depois de larga ligam, que tive de muytos historiadores, Gregos, Latinos, Italianos, Hespanhoes, & Portugueses, no fim me vim a resolver, que aquelles melhor compuzeram, que com a felicidade da boa materia, tiveram a dita do bom estylo, escrevendo de maneyra, que juntamete deleytasssem, & ensinaßsem, como o outro Sabio dizia, ^e

Lectorem delectando, paritèrque monendo.

Pois he certo, como diz Sancto Ambrosio ^f, que a peor terra he a mais esteril, & o melhor campo he o que na Primavera se mostra mais enseytado, com os mais luzidos esmaltes das mais lindas flores. E os cèos, a quem o 8. Propheta chamou Livros, que contam as obras mais gloriosas do Creador, nam deyxam de ser bons historiadores, quando se mostram aos olhos mais estrellados, & quando se ostentam à vista mais resplandecentes. Particularmente, que assim como com os annos se mudam os trajos, assim tambem (como o Mestre da Poezia ^g ensina) passa a idade das palavras antigas, & vem outra de costumes novos; & nam havemos de querer, que sendo os tempos diversos, sejam os estylos os mesmos.

Isto he o que na matèria dos estylos julgo; com tudo se houver alguem, que lendo esta minha obra, álem de ser Aristarcho, tambem se faça Antiquario (como Augusto Cesar chamava a semelhantes Criticos ⁱ) ao qual nam cõtente esta minha opiniã, desengane se, que nem elle me fará seguir a sua, nem faltará algum, que aprove a minha, que atè em hum Prado cheyo de rozas, nam falta quem vá demandar os espinhos, que era o com que o outro se consolava. ^k

c
Aug. Serm. 47. de Sanctis. Solemnitates Martyrum exhortationes sunt martyriorum, &c.

d
1. p. in Prolog. in 5. advertent.

e
Horat. in Arte Poetica.

f
Ambros. de Isaac cap. 7. Terra quæ bona, fertilis, atque fecunda, quæ autem mala ieiuna, & sterilis, &c.

g
Ps. 18. n. 2. Cæli enarrant gloriã Dei.

h
Hor. in Arte Poet. — Ita verborum vetus interit ætas, &c.

i
Suet. in Augusto, c. 85.

k
Petron. Arbit. in Sat.

Non

dos utilissima, & muy digna de se imprimir. E porque contem algũas vidas de varoens illustres, & que morreram com fama, & credito de sanctidade, milagres, & outros louvores, deve ser a impresam com os protestos que apontam o nosso Padre Lezana *com. 4. quæst. Regul. Verbo Sanctorum cultus, num. 9. & 10.* pera se satisfazer ao decreto de Urbano VIII. dado em 13. de Março de 1625. que começa *Sanctissimus Dominus noster, &c.* o qual decreto refere Diana *part. 4. fol. mihi 280.* & confirmou o mesmo Papa, em 5. de Julho de 1634. Neste convento de nossa Senhora do Monte do Carmo desta cidade de Lisboa, em 23. de Novembro de 1646.

D. Fr. Gaspar dos Reys.

P. A R E C E R , E . A P P R O U A C A M D O M V Y T O
Reverendo P. Fr. Ignacio Galvam da sagrada Religiam de S. Domingos,
Doutor em Theologia, Mestre da Ordem, Qualificador
do Sancto Officio, &c.

E Ste sexto livro da segunda parte da Chronica da sagrada Religiam da Companhia de IESV, da Provincia de Portugal, nam tem cousa algũa contra nossa fê Catholica, ou bõs costumes, antes todo elle estã cheyo de motivos pera exaltaçam da fê, & de exemplos pera reformaçam de costumes, com grande gloria da mesma Companhia, da qual tantos, & tam insignes logeytos, em letras, & virtudes tem sahido, & sayem, dos quaes podemos entēder aquillo *Dan. 12. 3. Qui ad iusticiã erudiuit multos, quasi stella, &c.* O estylo desta historia, as palavras, & o concerto, com que o muy Reverendo Padre Doutor Balthezar Telles Autor delle dispoem as cousas que trata, he tam subido, & tam bem ordenado, ao proveyto de quem a ler, que nam deyxou de me servir de grande edificaçam, & assim me parece que he dignissimo de sahira luz. S. Domingos de Lisboa, 11. de Dezembro de 1646.

M. Fr. Ignacio Galvam.

Licença do Tribunal da Sancta Inquisiçam.

V Ista as informaçoens podese imprimir a segunda parte da Chronica da Companhia de IESVS, da Provincia de Portugal, Autor o Padre Balthezar Telles, & depois de impres-

sa tornaiã ao conselho, pera se conformar com o original, & se dar
licença pera correr, & sem ella nam correrã . Lisboa 11. de De-
zembro de 1646.

Fr. Joám de Vasconcellos. Pero da Sylva de Faria. Diogo de Sousa.
Francisco Cardoso de Torneo. Pantaleam Rodrigues Pacheco.

Licença do Ordinario.

P Ode se imprimir. Lisboa 6. de Dezembro de 1644.

O Bispo de Targa.

Licença da Mesa do Paço.

Q Ve se possa imprimir este livro, visto as licenças do Sancto
Officio, & Ordinario, & depois de imprêssõ, torne pera se tay-
xar, & sem isso nam correrã. Lisboa 9. de Dezembro de 1645.

Ribeyro.

Coelho.



LIVRO QVARTO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTV GAL.

CAPITVLO I.

Continua em seu governo o P. Provincial Diogo Mirám; exercitãse os nãssos no Collegio de Coimbra em grandes mortificações: E de huma publica disciplina, que tomãram pela mesma cidade.



A primeira parte d'esta Chronica contamos a fundaçam, & progressos d'esta Provincia, no tempo em que a governou o Padre M. Simam Rodrigues, de muy sancta vida, & saudosa memoria, pera todos os da Cõpanhia de Iesu,

em Portugal, & suas conquistas: contamos a sua sahida pera Roma, & a sua ultima jornada pera o céo; dissemos dos desgostos q̃ aquella ausencia causou; assim em alguns seculares de fóra, como em muitos Religiosos de casa. Nesta segunda parte veremos como Deos nosso Senhor, na falta do Padre-mestre Simam, parece que tomou à sua conta, com particular cuydado, o governo d'esta Provincia; & hiremos continuando com os successos restãtes do anno de 1552. que eram 13. da Cõpanhia, em q̃ ficamos, & vêdo o que succedeo na Provincia (sendo Provincial o P. Diogo Mirám) & no Collegio de Coimbra, que governava o P. Manoel Godinho.

2. Sucede muitas vezes,

Como Deos tomou à sua conta esta Provincia.

Anno de
Christo de
1552.

2

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d.
Companhia
13.

depois de alguma grande invernada, que antes de se cõcertar o cõo toldado, se despõde o temporal com hũa grande trovoada, & apos ella se segue logo serenidade alegre, sol claro, & tempo bonançoso, que por isso o outro tomou por empreza hũ fermoso Sol, cercado de escuras nuvens, animando este seu emblema cõ a letra, *Post nubila clarior exit*: assim succedeo por este tẽpo na provincia de Portugal, porq̃ depois dos desgostos passados, q̃ levantaram a mareta, de q̃ fallamos no fim da 1. parte, amãsaram as ondas, ficou a não quieta, & refrescãdo do cõo a viraçam do espirito do Senhor, começou a surgir, & a nauegar prospera, cõ tal bonança, que nam he crível, quam grande foy o celestial fervor, que neste tẽpo, como fogo do cõo, se ateou em toda a Companhia de Portugal; que bẽ podemos aqui applicar o que disse Curcio^a sobre o tempo em que governou em Roma Trajano, q̃ succedeo ao Emperador Nerva (porque a este parece allude, conforme a bõs autores) q̃ de tal maneira, diz, serenou as tẽpestades passadas, q̃ cõ seu bõ governo começou de novo o imperio Romano, nam sò a reverdecer, mas tambem a florecer.

3 A todos hia diãte no exẽplo o P. Provincial Diogo Mirãm; de sua pessoa já fallamos na primeira parte^b, era homẽ de muita óra-

çam, de rara humildade, & notavel mortificaçã, jejuava muitos dias na somanã a pam, & agoa; trazia continuo cilicio, vigiava grande parte da noite em oraçam. Foy homem de grãde charidade, que era nelle mais de estimar, pela severidade de sua pessoa, & alpezeza, q̃ guardava em seus custumes; eram finalmente taes seus procedimentos, q̃ muitos o queriam comparar ao Apostolo do Oriẽte, dizẽdo (como testifica o nosso historiador^c gẽral) q̃ no mesmo foro tinhã o P. Diogo Mirãm em Portugal, q̃ ao S. P. Frãisco de Xavier na India.

4 Seguia bẽ suas pisadas o P. Manoel Godinho, Reytor do Collegio de Coimbra, de quẽ por vezes fallamos na 1. parte, do qual era Religioso de rara virtude, de muita oraçam, & ainda de mayor mortificaçam; nelle se achavam em grao muito conhecido o mõte de myrra, & o outeiro de incẽso, a onde o diuino^e Esposo desejava subir; nelle recendiam a myrra da mortificaçam, & o incenso da oraçam; mas a ventagem, que faz o monte ao outeiro, essa fazia neste bom Padre a mortificaçam animosa, a oraçam affectuosa. Viose bem em seu governo quanta força tem o exemplo do que rege, pera arrebatãr apos sy os que sam regidos. Nam se tratava de outra cousa neste tempo no Collegio de Coimbra, mais

que

Do novo fervor, & espirito, q̃ se levãtou no Collegio de Coimbra.

^a Quint. Curtius l. 10. Quanta tẽpestare subita serenitate discussit? Nõ ergo revirescit solus, sed etiã floret imperium.

^b Par. 1. lib. 1. c. 20. a n. 5.

^c Orland. in hist. Gener. lib. 12. n. 65

^d Par. 1. lib. 1. c. 18. a n. 2.

P. Manoel Godinho foy homem muito mortificado.

^e Cat. c. 4. n. 6 Ascẽdam ad montem myrrhæ, & ad collẽthuris.

que abnegar a propria vontade, & de cativar o entendimento, affligir a carne com aspereza continua de jejuns, cilicios, disciplinas, pondo a ferro os appetites, & mãs inclinaçoens: nenhum pensamento tinham que fiassem de sy, sem primeiro passar pela revista, & exame do superior, a quem davam fiel conta de tudo o que passava por sua alma.

5 E como o Padre Manoel Godinho, seu superior, se avancava tanto nas mortificaçoens, & excessos de penitencia, era tambem muito pera espantar, ver as muitas mortificaçoens publicas, em que neste tempo se exercitavam os habitadores d'este sancto Collegio. Todos os dias no refeitorio havia muitos que publicamente manifestavam suas culpas, suas faltas, seus descuydos males secretos, com huma tam valente, & tam syncera simplicidade, que parecia tornava a reflorece nelles o bom tempo, & sancto costume d'aquelles antigos Padres do ermo, de que falla S. Ioan Climaco; huns se lançavam à porta, & no meyo do refeitorio, como amortalhados, no tempo em que passava a commuidade; outros entravam na mesma casa cõ coroa de espinhos na cabeça; outros comiam de joelhos, depois de beiarẽ os pès a todo o refei-

torio à roda; outros disciplinãose por muito tẽpo: entravam logo outros pela porta do refeitorio, cubertos todos de sinza, atados cõ grossas cadeas, & cõ cordas de esparto ao pescoço: tudo cõ tãtas lagrimas, & devaçam, q̃ bẽ mostravam a fortaleza, & animosa simplicidade de espirito d'aquelles dourados tẽpos. Nam parava este sancto fervor dentro de casa, os mais graves, os mestres mais authorizados sahiam em corpo pela cidade, acarietavam o necessario pera as obras. hiam levar esmola aos pobres, e comer cõ elles, hiam acõdir aos presos, & aos hospitaes, servindoos cõ toda a charidade, traziã a carne do assougue às costas, hiam à feira, & vinham carregados pera casa cõ hũa seirinha, à vista de toda a Vniversidade, cõ grãde espanto, & igual edificaçam.

6 E pera que entendamos quanto se tinha ateado este espirito de mortificaçoens publicas, & quam fogeitos andavam a seguir as pizadas de seu Reitor, cõtarey hũ caso, que se bẽ nam he pera o imitarmos, he muito pera nos edificarmos. Succedeo, por causa de hũa leve demanda, (em que o Collegio justamente se defendeo, & a venceo) q̃ algũs dos cidadãos de Coimbra, como mais apaixonados, & ainda obrigados pela parte cõtraria, mostrarã menos satisfaçã dos nossos, aqual se acrecõtava cõ o desgosto

Grandes mortificaçoens, que se usavam no Collegio de Coimbra.

S. Ioan. Climac. lib. de gradib. & c.

Occasiã, que houve pera hũa disciplina pela cidade.

Anno de
Christo de
1552.

4

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13.

que alguns tiveram, por verem huns seus parentes despedidos da Companhia. Sentio isto muito o P. Manoel Godinho, & além de se nam aproveitar da sentença, que se deo pela sua parte, quiz como verdadeiro humilde dar satisfação da culpa, que nam tinha, da maneira que o Propheta dizia f de sy, que pagava o que nam devia: & como este Padre foy dos primeiros & discipulos do P. M. Simam, & dos mais exercitados vêtoreiros nas mortificações publicas, em q̄ elle os criava (comovimos na 1. p.^h) facilmête veyo em fazer hũa muy notavel, semelhãte a outra, que ja fizera, (como cõtamos na 1. p.¹) cõ que iguالمême se mortificasse a sy, & satisfizesse aos outros, posto que nẽ da sua parte havia culpa, nem alguem requeria satisfação.

7 Passou o caso d'esta maneira: em a oitava de todos os Sanctos, neste anno de 1552. em que himos continuando a historia, depois de en cõmẽdar a Deos o negocio, que meditava, foy dizer missa, a qual acabada se recolheo cõ Deos e acçã de graças, & algũa deliberação do q̄ intentava: fez logo ajutar a cõmuniidade na Capella, aõde estãdo todos jutos, lhes ordenou, & encõmẽdou, que pedisẽ a Deos N. Senhor, com o mayor affecto de sua alma, dẽsse forças, & particular ajuda a hũ grãde peccador, aquẽ era necessaria sua grã-

ça, pera hũa obra muy difficultosa, que emprẽdia: dizia isto o Padre cõ voz tã sentida, & exterior tã magoado, que causou grande suspensão em toda a capella, & mayor ainda, quãdo acrecẽtou, quelhes ordenava, que se deixassem estar em oração cõtinaua, atẽ elle tornar aquelle lugar.

8 E sahindo se de sua presença, ficando o Collegio todo em oração, tomou hũa veste de penitencia, & hũas disciplinas muy asperas, & logo com o rosto descuberto, sahio pelas ruas da cidade de Coimbra, disciplinãdo se, cõ nam menos rigor da sua parte, q̄ espato de toda a gẽte que o via. Hindo assi cõtinaudo, se ajoe lhou doze vezes nos lugares mais publicos da cidade, aõde multiplicãdo mais os a çoutes, & levãtãdo mais as vozes, cõ grãdes lagrimas pedia perdã a todos, e os persuadia a q̄ o pedisẽ a Deos de seus peccados. Depois de correr assi a cidade, tornou a entrar no Collegio, & se foy a demãdar a cõmuniidade, que ainda estava junta em oração: entra o Padre Manoel Godinho pela Capella disciplinãdo se, vem no vestido naquellẽ habito de penitẽcia, lavado em sangue, banhado em lagrimas, ficã por hũa parte cõfusos, por outra movidos de tal exemplo, começã a chorar, sẽ saber a causa destas lagrimas. No meyo desta confusã, levãtãse logo o Padre Antonio de

f
Pf. 68. n. 5.
Quæ nõra-
pui, tũc ex-
oluebam.

g
Vide p. 1.
lib. 1. c. 18.
n. 8.

h
Part. 1. li. 1.
c. 37. & lib
2. c. 2. & 3.

i
Part. 1. li. 1.
c. 18. n. 8.

Como passou
este caso da dis-
ciplina publi-
ca.

Sabe o P. Ma-
noel Godinho,
Reitor do Col-
legio, d'esse pl-
mande se.

Qua-

1
Part. I. lib.
I. c. 32. n. 9

Sabe o Colle-
gio em proci-
sam, discipli-
nando-se.

Quadros, pessoa de tanta autoridade (que era como seu ministro, & collateral no governo, de quem já fallamos na primeira parte, & mais ainda fallaremos nesta segunda) lançou-se aos pés do seu Reitor, pedelhe licença pera à sua imitação tomar outra disciplina publica pela cidade; atease o fervor de huns em outros, com tanta pressa, que o desejo da mortificação, sobrelevou o conselho da prudencia: em brevissimo tempo se prepararam vestes de penitentes, & disciplinas.

9 Logo com hum cêgo, & sancto impeto abalou o Collegio; quasi todo, em procissam pelas ruas de Coimbra capitaneados pelo seu Reitor que tornou a correr as mesmas estaçoens na mesma forma; levavã agora diante huma imagem do Eccé Homo, de grande devaçam: seguiamse dous Irmãos entoando as ladainhas em voz alta; apos elles vinha o Reitor, & logo os mais Religiosos repartidos em suas fileiras, disciplinando-se com grande aspereza, & respondendo às ladainhas, ao som dos açoutes; com voz baixa, & dolorosa: hia tambem grande multidam de povo, que tinha concorrido a este espectáculo, nam menos espantados da novidade, que edificados de tal peniten-

cia. Chegaram à casa da sancta Misericordia, aonde pôstos todos de joelhos, levantando o Reitor primeiro a voz sentida, & chorosa, começou a pedir a Deos misericordia; seguiramno todos os companheiros, ajudados tambem das vozes do povo, com hum pranto tam lastimoso, & com gritos tam altos ao cêo, que a todos os presentes moviam a muitas lágrimas, & a mayores brados: até que finalmente se tornaram a recolher ao Collegio com a mesma solennidade de lagrimas, de ladainhas, & de açoutes. Este foy, contado com toda a verdade, o caso da disciplina publica dos nossos em Coimbra, que tam celebre foy sempre, nam sò nesta Provincia, mas na Companhia toda.

10 Nam faltaram muitos discretos, que tiveram esta açam por menos prudente; mas tambem houve outros, que muito se edificaram, porque as leys do Spirito divino nã caminhã sêpre pelas regras da prudência humana; ao menos he certo que o Apostolico varam D. Gonçalo da Sylveira, quando soube em Braga (aonde entã estava em missam) desta disciplina, se mostrou muy pezaroso de se nam achar presente a ella, & de perder esta boa occasiam de exercitar alguma das suas sanctas valentias. Nòs nam pretendemos agora

13.

Do que alguns
julgarã de-
sta disciplina.

^m
In vitis Pa-
trū lib. 4. c.
42. Omniū
virtutū ge-
nitrix, & cu-
stos, atque
moderatrix
discretio
est.

ⁿ
Orl. lib. 12
n. 62.

ajuizar esta acçam, nem con-
demnar por indiscreto o acto.
que outros tiveram por virtuo-
so: bem vejo que edificam mui-
to penitências publicas, mas tã-
bem julgo que devem ser regu-
ladas pela prudencia interior:
Sancto Antam, ^m o famoso no
mundo, por suas grandes mortifi-
caçoens, dizia, que a prudencia
tinha o primeiro lugar entre to-
das as virtudes moraes.

II Bem entendo que na-
ceo esta obra do espirito verda-
deiramente mortificado, & des-
prezador do mundo do Padre
Manoel Godinho, & de seus sub-
ditos; porèm o que julgo he, que
a causa, que elle teve, nam era
bastante pera se dar por obriga-
do a tam grãde satisfaçam, pois
sabemos de certo que nam he a
que aponta o Padre ⁿ Orlandi-
no no livro duodecimo da sua
Historia gèral: os que nos cria-
mos no Collegio de Coimbra,
ainda hoje vemos fechadas as
janellas de huma torre (que nos
pertence ao nosso edificio) que
està na cortina do muro da ci-
dade, que fica mais sobranceira
aos Reverendos Padres de San-
cta Cruz; & porque havia quei-
xas que estas janellas os deva-
çavam, se levantou esta poeira da
demanda (pretendendo elles que
se fechassem, & sustentando nòs
a nossa posse) na qual posto que o
Collegio ficou com a sentença
por sy, nam quiz usar della, fe-

chando pera sempre as janellas,
como ainda hoje se vem fecha-
das, & condenandose nas custas,
com penitencia tam custosa. Eu
tambem me recolho d'esta hi-
storia, com o parecer de nosso
sancto Patriarcha, o qual ouvin-
do em Roma este successo dos
nossos em Coimbra, lhe cha-
mou, loucura sancta.

CAPITVLO II.

*Escusase o Padre Diogo Miràm de
ser Confessor de sua Alteza, & de
serem os da Companhia Inquisidores
no tribunal do sancto Officio: & o
que sentio sobre estas cou-
sas nosso sancto P.
Ignacio.*

I



OMO a fama das
virtudes do Padre
Provincial Diogo
Miràm voasse tan-

to, & o serenissimo Rey Dom
Ioam tivesse noticia da grande
bondade d'este Padre, & como
cada dia se augmentasse nelle o
amor, & respeito à Companhia;
tratou de tomar cõfessor nosso,
& assim pedio que lhe dessem
ou o mesmo Padre Provincial
Diogo Miràm, ou (se as occupa-
çoens lho nam permitissem) o
Padre Luis Gonçalves, que ja
neste tempo confessava o Prin-
cepe seu filho, em lugar do Pa-
dre mestre Simam, que se tinha
ausentado pera Roma. Foy esta

Quanto o P.
Diogo Miram
resistio em ac-
ceptar a honra
de Confessor
d. l. Rey.

real pretençam couza muy nova pera a humildade do Provincial; resistio constantemete, mostrandose indignissimo de tanta honra, dizendo ao serenissimo Rey, que por estrangeiro na era capaz de tal officio: *Pera mim*, replicou o benignissimo Princepe, *nenhum da Companhia he estrangeiro*; palavras, por certo, dignas de perpetua lembrança, & merecedoras de eterna gratidam, que, como espero, nunca na Companhia faltaram a tal Rey, & a tal pay. Em resoluçam com tantas veras se escusou, dando tam efficazes rezoens, que nam foy possivel acabar com elle aceitar este officio, por lhe parecer que com isto podia entrar na Companhia, em consequencia d'este cargo, algum lugar de se admitirem outras dignidades, & prelasias, que elle sabia que eram tanto contra o espirito de nosso fundador, de quem elle era filho tam particular; & por esta mesma razam o Padre Luis Gonçalves da Camara se tinha quasi retirado de confessar ao Princepe, & agora com a mesma efficacia seguiu o parecer do Padre M. Diogo Miram.

Dã conta o
Provincial a
S. Ignacio.

2 Como a materia porẽm erã de tanto pezo, & em que se deixava de dar gosto a hum Rey, a quem se devia a mesma Companhia, houve muitos, que estranharam esta animosa hu-

mildade destes dous Padres, & elles tambem deram conta a nosso sancto Patriarcha, pera que julgasse o que tinham feito nesta materia, & os ensinasse no que haviam de fazer em outra semelhante: & pera que entendamos a opiniã de nosso Sancto neste particular, quero aqui tresladar huma carta sua, que achei no cartorio de Coimbra, sobre este negocio, escrita ao Padre Provincial M. Diogo Miram, a qual he a seguinte, que porey aqui, posto que veyo no anno seguinte.

13.

CARTÁ DE NOSSO
Padre sancto Ignacio, pera o Pa-
dre Mestre Diogo Miram,
Provincial da Compa-
nhia em Por-
tugal.

3 **A** Summa graça, & amor eterno de Deos nosso Senhor seja sempre em ajuda, & favor nosso. Por diversas cartas, que de là temos, soubemos como pedindovos sua Alteza, que o confessasseis, & tambem ao padre Luis Gonçalves, & isto com instante devaçam; vos escusastes ambos, nam por perigo que temais de vossas consciencias em tratar a de sua Alteza, que tendes por sancto; como escreveis, senam porque vos parece esta dignidade nam menos de recusar, que de tomar Bispados, ou capellos em esse Reyno, & pelo mesmo ainda a do

Escreve S. Ig-
nacio ao P.
Miram.

Ano de
Christo de
1552.

Anno da
Cõpanhia
13.

... m acixaco (segundo pa-
rece) o padre Luis Gonçalves . Eu
certo, olhando vossos motivos, funda-
dos em humildade , & em segurida-
de , que melhor custuma acharse no
baixo, que em o alto, nam posso senam
aprovar vossa intençam , & edifi-
carme della; mas tudo cõsiderado, me
persuado que nam acertastes em tal
determinaçam , olhando o mayor ser-
viço, & gloria de nosso Senhor : pri-
meiramente , porque nossa profissam,
& instituto he de administrar os Sa-
cramentos da confissam , & commu-
nham a todos os estados, & idades de
homens , & como ao muito baixo,
tambem ao muito alto, nos obriga a
mesmarezã da consolaçam , & a-
juda espiritual dos proximos : pois
sendo tam particular a obrigaçam,
que tem toda esta Companhia a sua
Alteza, desde sua origem, & prin-
cipio , sobre todos os Princepes
christãos ; ou se vejã as boas
obras , ou o amor , & charidade
tam singular, que mais que outras cou-
as deve roubar nossos animos; nam
sey que escusa pòde ser bastante pera
nam procurar de servir a suas Alte-
zas, em cousa tam propria de nossa
profissam, donde mostrã receberiam
consolaçam espiritual , & contenta-
mento.

4 Pois se se atença o bem uni-
versal, & mayor serviço divino , disto
se seguirã mayor , em quanto eu posso
servir em o Senhor , porque do bem
da cabeça , participã todos os mē-
bros do corpo; & do bem do Principe
todas os subditos, em maneira que a

ajuda espiritual, que a elles se faz, se
deve mais estimar , que se a outros
se fizesse. E porque de hum caso jul-
gueis outro, olhay se seria importante
fruito de confessar elRey, ter conclui-
do o negocio do Patriarcha de Ethio-
pia , importando tanto a salvaçam,
nam digo de muitas almas, senam de
muitas cidades, & provincias ; &
olhay que, ou confesseis a Sua Alteza
algum de vos outros, ou nam, que nam
deixeis de lebrarlhe este negocio, nem
de escreverme d'elle (cada vez que
escreverdes a Roma) o que tendes fei-
to. Mas tornando às causas porque
nam deveis recuzar este assumpto, di-
go , que ainda a de vossa seguridade
me nam parecia relevãte, porã senam
buscassemos outro fim , segundo nossa
profissam , senam andar seguros, &
houvessemos de pospor o bem por apar-
tarnos longe dos perigos , nam havia-
mos de viver , & conversar com os
proximos : mas segundo nossa voca-
çam, conversamos com todos , antes
segundo dizia S. Paulo , ^a Omnia
omnibus fieri debemus, ut om-
nes Christo lucrifaciamus ; &
andando com intençam recta, & pu-
ra, ^b Quærendo non quæ hostra
sunt, sed quæ Iesu Christi; o mesmo
Senhor nos guardará por sua bonda-
de infinita : & se esta profissam nam
tomasse à sua conta sua poderosa
mã, nam bastaria apartarnos de pe-
rigos semelhantes , pera nam cabir
nelles, & em outros mayores.

5 Pois o que as gentes pode-
riam dizer , que quereis honras , &
dignidades , cahirà de subito com a

Grandes obri-
gaçoes, que s.
y nãto confessa
a elRey Dom
Joam III.

Por segyridade
propria nam
se hade deixar
o bem dos pro-
ximos.

^a
I. ad Cor. 9
n. 19.

^b
I. ad Cor.
c. 13. n. 5.

Anno de
Christo de
1552.

Parte segunda. Livro quarto. Cap. II.

9

Annua
Companhia
13.

Mandou S. I.
n.º, que assi
se o offi-
cio de Confes-
sores do Rey.

força da verdade, & evidencia das obras, vendo que conservais a baixezza, que por Christo nosso Senhor tomastes. Assim que pelo que se pôde dizer, ou cuidar do vulgo, não se hade deixar o que pôde ser em muito serviço de Deos nosso Senhor, & de Suas Altezas, & bem comum: & finalmente porque eu de hum'a vez satisfação em esta parte a minha consciencia, vos mando, em virtude da sancta obediencia, a vós, & ao padre Luis Gonçalves, que fazeis o que Suas Altezas vos mandarem nesta parte, hum de vós, se outro algum, entre os da Companhia, nam vos parecer a vós outros, que tambem agradaße a Suas Altezas, pera que tomaste este cargo, & conziados em a divina bondade, que será tudo pera mayor bem, quanto succeder por esta via da obediencia: & haveis de significar a Sua Alteza isto que se vos ordena, mostrando esta mesma letra, se a quizer ver S. Alteza, & ao menos dizendo a summa d'ella: & porque de out'as cousas estreverá largo mestre Polanco, nam direy outra, senam que em vossas orações, & sacrificios muito me encomendo, & rogo a Deos nosso Senhor a todos de sua graça comprida, pera que sua sanctissima vontade sempre sintamos, & aquella interiormente cumpramos. De Roma, 1. de Fevereiro de 1553.

Vosso em o Senhor nosso
Ignacio.

6 Esta foy a resolu am de
nosso glorioso Patriarcha, esta a

carta, nam menos admiravel, que resoluta, & efficaz, com que ordenou aos dous Padres, que aceitasssem o cargo de confessores do Augustissimo Rey, & do Serenissimo Princepe, ensinandonos, que com titulo de proveito proprio, nam havemos de deixar de procurar o bem dos proximos. Enganamse na Companhia, os que com capa de terem os subditos mais seguros em casa, os nam trazem occupados com o proximo por fora; a nossa vocaçam nam he pera estarmos fechados nos Collegios, he pera discorrermos pelo mundo, como dizẽ nossas Constituçoes: o espirito da Companhia he o que lhe deo sancto Ignacio, este bem se declara na carta, que aqui lemos: se os intentos forem buscarmos em tudo a mayor gloria divina, tam seguros estamos nas praças publicas, como nas selas fechadas; antes se tratarmos de veras de pòr por obra o instituto proprio da Companhia, & houver a desejada confiança da parte dos superiores, & fidelidade devidã nos subditos, mais sanctificados fahiremos de tratar com os proximos em suas casas, que de nos recolher com Deos em nossas selas.

7 E pera que entendamos a celestial armonia, & espirito de nosso sancto Fundador, com a mesma efficacia, com que

mandou

Como os da
Companhia hã
de procurar
em dos pro-
ximos.

c
Const. p. 6.
c. 3. n. 5.
Homines
huius Socie-
tatis se per
parati esse
debent ad
dicurrẽdũ
per qualis
mundi par-
tes.

Anno de
Christo de
1552.

Part. 1. lib.
2. c. 6.

d
Vide Lud.
de Parâmo
de Origin.
S. Officij
Inquisit.
lib. 2. tit. 2
c. 15.

O Infante Car
deal D. Henri-
que poz em or
den o tribu-
nal do S. Of-
ficio.

IO *Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.*

mandou ao Padre Diogo Mirâm que aceitasse fer confessor do Rey, nos prohibio sermos Inquifidores do Reyno: o caso passou d'esta sorte. Na primeira parte dissemos, como por intercessam de S. Ignacio, & boa diligência do insigne Doutor Balthezar de Faria, se alcançou pera este Reyno (à instancia del Rey Dom Ioam III.) o tribunal perpetuo da sancta Inquifisçam, com as segundas Bullas, na forma, por onde hoje se governa este sancto tribunal; era já neste tempo Inquifidor gèral o serenissimo Infante Dom Henrique, em quem tinha renunciado este cargo, no anno de 1539. Dom frey Diogo da Sylva, Bispo de Ceita, Religioso da sagrada ordem dos Minimios; o qual posto que tinha sido o primeiro Inquifidor gèral, com tudo este poder estava ja suspenso, como largamente se pòde ver em Luis^d Parâmo, que trata da Origem do sancto Officio. Tãto que chegaram as segundas Bullas, passadas em 16. de Julho de 1547. tratou o zelosissimo Infante de por em forma este sancto tribunal, como em effeito alcançou, dandolhe as ordens, & o lustre em que hoje o vemos. Desejava muito el Rey de lhe dar por collateraes pessoas duntas, & desinteressadas, & vendo a boa conta, que a Companhia de sy dava, tratou de nos entregar o officio de Inquifidores,

coufa que o serenissimo Intante muito desejava, por nos ter por companheiros, pelo grande amor, que ja nos cobrara, & conceito, que tinha de nossos procedimentos: & quem notar o incomparavel amor, que este grande Rey nos tinha, como consta d'esta Chronica, nam lhe serà difficultoso crer, que entre tantos favores reaes, nos fizesse tambem este.

8 Pera isto mandou sua Alteza neste anno chamar o Padre Diogo Mirâm, manifestandolhe o que tinha assentado, & como d'este novo provimeto esperava seguirse grande gloria divina, exaltaçam da Fè em todos seus Reynos, & Estados. Grãde merce era esta do benignissimo Rey, assim pela excellencia da dignidade, como pela estima da confiança; porèm o humilde Padre Diogo Mirâm primeiramente asombrou com a grandeza da honra, & depois de dar graças ao Augustissimo Rey, pela merce, que queria fazer à Companhia, lhe pedio licença pera a communicar ao sancto Padre Fundador, o qual com a mesma resolução com que lhe mandou a elle, & ao Padre Luis Gonçalves, que aceitassem o cargo de confessores das pessoas Reaes, lhes ordenou que recusassem as dignidades dos sagrados tribunaes; porque o primeiro he cõforme a nosso instituto,

que

Anno da
Companhia
13.

Nam quiz S.
Ignacio, que a-
ceitasse mes ser
Inquifidorcs.

que consiste em ajudar o proximo, confessando, & pregando. O segundo tẽ muito de resplendor, & he como degrão pera honras mayores de mitras autorizadas, que sam contrarias a nossa profissam; & nosso sancto Padre nam queria que houvesse na Companhia nem semelhantes dignidades, nem caminho pera as poder possuir. Edificouse o serenissimo Rey, nam menos da sancta humildade do Padre Miram, que da valente resoluçam do sancto Patriarcha, & por dar gosto a este, & nam cansar a ambos, desistio da empreza: ficando com isto a porta fechada a poderem os da Companhia, aspirar a qualquer outra dignidade, pois S. Ignacio nam quiz, que seus filhos se occupassem em huma, que por antonomasia he sancta; & juntamente porque nam queria que seus filhos tivessem poder pera relaxar hereges a perder a vida, pois desejava, que os acompanhasssem com charidade, quando fossem a morrer; prezandose mais, como verdadeiros humildes, com este officio menos lustroso, que com aquelles cargos mais eminentes: posto que nam he contra esta resoluçam de nosso Padre, servirmos aquelle sancto tribunal, nas cousas em que nos occupamos que nelle presidem, como logo fez o serenissimo Infante Dõ Henrique, aproveitando se mui-

to das grandes letras, & muita prudencia de seu confessor, & mayor valido o Padre Leãm Henriques (como adiante veremos) pera por em ordẽ as cousas daquelle sagrado tribunal, na forma em que hoje vemos, fazendo de seu cõselho geral; & succedendolhe por sua morte o Padre Jorge Serãm, pessoa gravissima, & doutissima, & seguindo se outros varios, os quaes em outros tempos, com grãde proveito do bem commum, sempre serviram aquelle sagrado tribunal.

CAPITULO III.

Do que S. Ignacio escreveu sobre alguns serem despedidos da Companhia; & do successo de hum, que se foy da Religiam.

Acho neste mesmo anno outra carta escrita aos 17. de Dezembro ao mesmo Padre Diogo Mirãm, na qual lhe ordena, que se entre os nossos houvesse algum que fosse contumã em nam obedecer, fizesse huma de duas cousas; primeira, que ou como mẽbro podre o cortassem, despedindo da Companhia, ou se fosse por outra parte sojeito

Carta de S. Ignacio sobre os despedidos

*Rezoens, q
teve S. Ig-
nacio pera
nam acci-
tarmos o
cargo de
Inquisido
res.*

de porte, lho encaminhasse a Roma, pera ver se com esta mudança de terra, tambem se mudava nos costumes. E pera que nam estranhemos as ordinarias despedidas de fogeitos, que muitas vezes vemos lançar da Companhia, & entendamos que semelhantes expulsoens de gente que se nam accommoda às ordens da Religiã, sam conformes ao espirito de nosso primeiro Fundador, & Patriarcha S. Ignacio, porey aqui humas palavras formaes d'esta sua carta pera o Padre Diogo Mirãm, as quaes dizem assim: *Quando melhor fora apartar do corpo da Companhia algum membro estragado, & affegurar a saõs, que deixar infectar a outros muitos com tal exemplo, & conversaçam. Outra vez escrevi, como coisa que me agradava, como o Padre mestre Leonardo em Colonia de huma vez despedira nove, ou dez, que procediam mal: depois o mesmo fez outro tanto, & assim mesmo me pareceo bem; ainda que se acodira ao principio do mal, bastaria por ventura despedir hum, ou dois.*

2 Até aqui o paragrapho da carta do nosso sancto Patriarcha, o qual ainda que via que este modo de governo podia ser exposto a desgostos, & murmuraçoens (por ser tal vez necessario despedir a alguns fogeitos insignes no engenho, & illustres no sangue) com tudo o sancto fundador, pondo sò os olhos

em Deos, & no bem da Companhia, quiz que nossa Religiã fosse sancta, ainda que lhe custasse ser malquista, porque nam se pode conservar a luz entre as trevas, & he impossivel continuar hum membro podre em hum corpo sam: & por isso diz S. Hieronymo, *Rescandæ sunt putridæ carnes, & scabiosa ovis ab ovili repellenda*: que a medicina, & a experiencia nos ensina, ser tal vez necessario cortar, pera sarar. Bem entendemos que hade parecer cruel (como diz Tertuliano^b) a cura que se faz com ferro, & com cauterio, mas nem por isso he mão o cortar, & o queimar, porque estes golpes (dizo mesmo autor) trazem, he verdade, dores ao corpo, mas fazem muitos proveitos na saude. Bem vemos que a muitos parece genero de crueldade a medicina de despedir, mas nosso glorioso Fundador quiz que nos tivessem por sanctos, ainda que nos nam julgassem por brandos.

3 Este foy sempre o espirito da Companhia, herdado do seu primeiro Patriarcha, & conservado em seus filhos: & o Padre Mestre Simam fundador d'esta Provincia, tanto approvava esta doutrina, que em huma carta sua, escrita ao Padre Luis Gonçalves da Camara, Reytor do Collegio de Coimbra, lhe diz estas palavras (que ja na pri-

meira

O q's. Ignacio julga-
va sobre os
despedidos
da Compa-
nhia,

^a Hier. contra
Julian. Rese-
candæ sunt
putridæ car-
nes, & sca-
biosa ovis a
caulis repel-
lenda; ne to-
ta domus,
massaque, &
pecora ar-
deant.

^b Tertullian.
Scorp. c. 5.
Est planè
quasi sævi-
tia medicina
de scapello,
de cauterio,
non tamen
secari, inuti,
morderig,
idcirco ma-
lum, quia
dolores uti-
les afferit.

Notavelre
soluçamdo
P. M. Si-
mam, so-
bre despe-
dir alguns
da Compa-
nhia.

Anno de
Christo de
1552.
Par.1. lib.2.
c.23. n.3.

Anno de
Españha
13.

meira parte referimos em outra occasiã) Por outras vezes vos disse que era melhor sermos quatro na Companhia, agora vos digo que com hum me contentarey, & conhecerã os que sam d'esta Companhia. Qui non sequitur Christum anathema sit, separetur à nobis, recedat, abeat &c. E Sam Francisco de Xavier guardou tanto á risca esta doutrina, que, como se diz na sua vida, contados os que por sy mesmo recebo, muitos mais foram os que despedio; & estando na ilha de Sancham junto ás portas da China, com hum sò companheiro, o mandou despedido pera a India, querendo antes ficar sò, que ter por breve tempo na Companhia quem a nam merecia gozar sempre.

4 Mas nem por haver alguns, que, com se criarem na Companhia, vem a desmerecel, & outros que chegam a deixala por suas faltas, deixa ella de ser sancta por seus estatutos; porque as culpas sam das pessoas que as commetem, & nam do lugar em que se fazem; & assim vemos que chama Sam Paulo à Igreja de Deos immaculada, posto que vivam nella muitos peccadores, porque se ha de olhar pera o estado, nam como alguns maos o infamam, mas como muitos

bons o autorizam; & alem do Estatuto ser em sy sancto, ha outro mayor bem, que o dano dos poucos que se perdem, se recompensa com o ganho dos muitos que se logram: nam atenteis, diz S. Jeronymo, a Iudas, que nega, senam a Paulo, que confessa; & mais nos ham de confirmar tantos Paulos bõs, que escandalizar hum Iudas ruim.

5 Foylhe necessario ao Padre Provincial Diogo Mirán aproveitarse da advertencia de Sancto Ignacio, & despedir neste tempo alguns, & passar outros pera o noviciado em Sam Fins, mandandolhe tomar outra nova fundiçam, no retiro d'a quella Residencia, pera se aproveitarem a sy, & nam fazerem mal aos outros; porque he certo, como ensina o grande Theologo Nazianzeno, que mais facilmente se pega o vicio, do q se comunica a virtude, da maneira, diz elle, q mais depressa se atea no corpo sam a doença, do que no enfermo se pega a faude.

6 Entre outros que entam sahiram da Companhia, foy notavel o successo de hum mancebo, a quem o diabo tentou na vocaçam, causandolhe notaveis desconsoçoens, em continuar entre nõs; foyse este ao principio esfriando na devaçam, & faltando nas cousas espirituaes (que por aqui começa o diabo a

e
Hier. Epist.
34. c. ultim.
Noli respicere Iudam negantem,
sed Paulum respice confitentem.

f
Grego. Naz.
orat. fun. de
Iandibus Basilij.
Multo facilis vitiu
contrahi
quam virtute
communicari,
quæ admodum
facilis quo
que morbus
contrahitur,
quam sanitas
impertitur.

c
Lucena lib.
10. c. 27.

d
Ad Ephe. c.
5. n. 27. Glo
riosam eccle
siam, nõ
habentem
maculam.

Anno de
Christo de
1552.

Donde se
originou a
fundada da
Religião
a esse ir-
mam.

8
Luc. c. 9. n.
62. Nemo
mittens ma-
num ad ara-
trum, & res-
piciens re-
tro, est aptus
ad regnum
Dei.

perdiçam de muitos) sentia as penitencias que lhe davam, lançando a culpa aos superiores, que o vigiavam, & nam ao descuydo com que procedia. Me-teolhe o diabo em cabeça, que buscasse outra Religião mais apertada (sendo assim que nam podia sofrer o aperto da Companhia) moveose emfim com leviandade de moço a querer tomar o capello humilde da ordẽ do. Seraphico Padre Sam Francisco da provincia da Piedade, (que o diabo tambem sabe tentar com habito pobre , & com capa de piedade) porẽm o Padre Manoel Godinho , que era o Reytor do Collegio, bem alcançava a fonte donde nacia este seu requerimento, que nam era o desejo de mayor aspereza, mas era traça de mayor liberdade; tratou primeiro com muita brandura de o persuadir que se aquietasse na sua primeira vocaçam, & que nam largasse a mãõ do arado que huma vez tomãra , pois Christo Nosso Senhor g nos quer tam constantes , que nam permite, que nem huma sò vez voltemos os olhos pera tras; dandolhe claramente a entender que nam procedia esta mudança de desejos de se melhorar em perfeiçam, senam do fastio de continuar na virtude ; & que sò tratava de mudar o lugar , & nam de melhorar os custumes:

muitas vezes lhe repetia a sentença de Sam h Bernardo ao seu discipulo Roberto, quando se quiz sahir da Religião, que primeiro profelsara, *O insãfate puer quis te fascinavit ?* Mas o liviano mancebõ tanto soube importunar os superiores, atẽ que havida licença , se sahio este novo ventureiro, com muy pouca ventura, do nosso Collegio de Coimbra, pera o mosteiro de Sancto Antonio, que estã coufa de hum quarto de legoa, fõra da cidade de Coimbra : nam o levava porẽm a tam sancto lugar o espirito, com que em outro tempo, o nosso glorioso Portuguẽs Antonio deixou Sancta Cruz de Coimbra, por Sancto Antonio dos Olivaes.

7 Era tam grande a charidade do Padre Manoel Godinho , que foy , como bom pastor , seguindo aquella ovelha , a qual posto que hia pera lugar tam sancto , hia com tudo perdida , & desgarrada: continuou muita parte do caminho , dandolhe saudaveis conselhos , atẽ que finalmente se despedio d'elle , com muitas lagrimas , encomendandolhe perseverança na virtude , observancia na Religião tam sancta, a que passava , pera que nam mostrasse, que mais era cabeçada de quem fugia de nõs , do que deijos

Anno de
Companhia

13.
h
Bern. epist.
1. ad Robertum.

Grãde cha-
ridade do
P. Manoel
Godinho.

Anno de
Christo de
1552.

Anno de
Copainna
13.

de buscar a outros. Foy recebido d'aquelles sanctos religiosos com grande applauso, cuidando que teriam nelle hum grande seruo de Deos (& nam foy esta a ultima vez, em que semelhantes mudanças, & conversoens appressadas de manebos de grandes prendas, enchéram de novas esperanças aquelles bons Padres, & causâram grande exemplo na Vniversidade de Coimbra, os quaes depois tornâram atrás, & vieram a parar em nada, mostrando mais ser leviandade de animo, que conversâm de Deos.

8. Muy bem via seu Reytor o Padre Manoel Godinho, em que esta nova conversâm havia de vir a parar. Em resolução nam eram bem passados quatro dias, nos quaes o tiveram como hospede, quando logo se enfadou, & se resolveo em largar aquella vida, dizendo áquelles Padres, que estava arrependido de deixar a sua primeira vocaçam, & se voltou outra vez com a mesma leviandade ao Collegio de Coimbra, pedindo ao Padre Manoel Godinho, que o tornasse a admitir, allegando pera isso muitas rezoens: mas querendo o Padre experimentar se trazia alguma melhora, o mandou meter em huma casa junto á portaria, aonde o fazia vigiar secretamente,

pera ver em que se occupava, & se mostrava alguma mudança das liviandades passadas: porém achavamno, de quando em quando, com huma espada na mãem (que a caso aly deixou hum homem de fora) esgrimindo pola casa toda, com grande desenvoltura; & assim pode acontecer que na Religiãm aonde huns vam aprender a virtude, tal vez vã outro exercitar a esgrima.

9. Sabendo d'isto o Padre Reytor mandou que lhe abrissem a porta, pera ver que resolução tomava; elle lançando mãem da occasiãm, se foy pera casa de sua mãem, (que era o que o diabo pretendia com estas mudanças) a qual, como sentira muito sua entrada na Companhia, festejou tambem muito sua sahida: logo o mandou á Vniversidade de Coimbra, aonde procedeo este novo esgrimidor com tam notavel escandalo, que nem apparecia nelle rasto da Religiãm de Sancto Antonio, que escolhêra, nem final da modestia da Companhia, que professâra. Voltou nas primeiras ferias a casa da mãem, & pozse hum dia a exercitar sua arte de esgrima, diante da mesma mãem, que nelle se revia: eis que a poucos golpes, o competidor,

Como tornou a sahir dos Padres Capuchos.

Experien
cia q delle
fez o P. Rei
tor Manoel
Godinho.

Morte de-
sastrada
deste que
fahio da Re-
ligiam.

com quem se debatia , jugando de hũa ponta, lhe meteo a espada preta por hũ olho, tam desastradamẽte, que logo alli cahio morto , sem se poder confessar: permitindo Deos que com tam repentino caso morresse quem tanto sem conselho o tinha deixado ; & ordenando que a esgrima , com que o diabo o tentou na casa de Deos , lhe causasse a morte na casa de sua mãy ; castigo bem merecido , pois deixou a eschola da virtude, pela eschola da esgrima.

IO Que com estes, & outros espantosos exemplos, deque pudemos tecer hum copioso catalogo , quer Deos mostrar quanto estranha, & castiga aquelles que metendo a mão ao arado , entrando em Religioens sanctas , nam sõmente olham, mas tambem tornam pera traz, deixando o primeiro habito, que com tanto affecto buscaram no principio de sua vocaçam ; nam seguindo o conselho de Christo , nem se aproveitando de seu exemplo, do qual notou Sancto Athanasio , que nam quiz hir padecer na morte, sem os proprios vestidos que trouxera na vida ; porque como advirte o Evangelista , Sam Mattheos , hindo com a cruz às costas pera o Calvario , tomou primeiro seus proprios vestidos,

Induerunt eum vestimentis eius, pera nos ensinar , diz este Sancto , com tam notavel exemplo , que primeiro nos ha de deixar a vida do corpo , do que deixemos o habito de nossa profissam : & pera que entendamos que sò a morte tem licença pera nos despojar d'este thesouro : porque nam deve de haver pera nossos Religiosos purpura de melhor estima , nem roupa de mayor felicidade, que se haja de comparar com a roupeta da Companhia , que huma vez vestimos ; porque d'esta sorte se nos assegura huma vida sancta , & se nos promete huma morte ditosa.

CAPITULO IV.

Do novo augmento , que neste anno de 1552. teve o Collegio de Sancto Antam, com as escholas publicas; & dos primeiros mestres que nellas ensinaram.

NESTE mesmo anno, em que himos de 1552. q̄ eram 13. da Companhia,

foy

i
Atha. in ser.
de Passione.
Resumpfit
simul cum
trophæo ve-
stimeta sua,
ut ea simul
cum morte
exueret.

Mat. c. 27. n.
31. Et induerunt eum vestimentis eius. & iuxerunt eum ut crucifigerent.

A casa de
S. Antam
foy a pri-
meira que
tivemos e
Portugal.

^a
Par. I. lib. I.
c. 17. n. 9.

foy Deos servido com sua alta providencia, que fosse de novo augmentada, com forma de Collegio a residencia, que a Companhia tinha em Lisboa, debaixo da proteçam, & boa sôbra do glorioso S. Antam, pera q̃ assi como a cidade de Lisboa he a cabeça dos Estados destes Reynos, donde principalmente sahem os q̃ navegam pera suas conquistas; assim tambem nella tivesse a Companhia hum real Collegio, donde sahissem os missionarios, que d'aqui pera todo o mundo se repartem: ordenando Deos nosso Senhor as cousas de maneira, que aonde se tinha dado o principio dos Collegios da Companhia neste Reyno, ahi se abrissem a primeira vez escholas publicas, de que tiveram principio, & raiz os grandes frutos, que ao diante se recolhêram, por meyo da doutrina de nossos mestres em Portugal.

2 Na primeira parte dissemos, como em o principio do anno de 1542. a 5. de Janeiro, vespora da Epiphania do Senhor, tomou posse o Padre mestre Simam do mosteiro de S. Antam em Lisboa, pera nella se dar principio a hũ Collegio da Companhia, desde aquelle tempo até Outubro de 1552. em que estamos, foy aquella nossa casa de Sancto Antam sômente hum Collegio principiado,

& o que nella presidia sô tinha titulo de Superior, porque nam era mais que huma residencia do Collegio de Coimbra, da maneira que ainda hoje he o mosteiro de S. Fins. Neste presente anno começou com titulo de Collegio em forma^a, começando a ter Reytor, & se resolveo nosso bemaventurado Padre Sancto Ignacio em dar nelle principio às escholas publicas, que com luz do cêo lhe pareceo meter nos Collegios da Companhia, em beneficio commum da christandade. Foy tam efficaz esta resoluçam no sancto varã, que nam tẽdo ordinariamente por costume mandar a seus subditos em virtude da sancta obediencia, ou por seu commedimento, ou porque bastava o final de sua vontade pera ser obedecido, com tudo neste anno mandou a os Superiores da Companhia em Portugal, em virtude da sancta obediencia, que abrissem logo escholas publicas em Lisboa, como se em espirito visse o S. Patriarcha o copioso fruto, que d'este trabalho da Companhia se havia de seguir nestes Reynos, a q̃ o sancto varã tinha particular amor, pela obrigaçam que tinha a seus Reys.

3 Recebida esta ordẽ propos o P. Provincial Diogo de Mirãm, por parte da Companhia, a ua Alteza el Rey D. Ioam o III.

Manda S.
Ignacio
meter as
classes de
S. Antam,
em virtu-
de de obe-
diencia.

Anno de
Christo de
1552.

I 8

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d.
Companhia

13.

Como o Rei
aceitou a
offerta das
classes.

A Camara
de Lisboa
aceita as
classes da
Companhia.

fosse Collegio com escholas, na forma que a Companhia vsaua ja em Italia, Sicilia, & outras partes, com notaveis proveitos na virtude, & muy grandes progressos nas letras; pera o qual effeito offerencia tres classes de Latin; a primeira de Rhetorica, a segunda de Humanidade, & a terceira de Grammatica, com mais hama de casos de consciencia. Recebeo o Augustissimo Rey, com grande satisfacaõ, esta offerta da Companhia; & logo baixou hum decreto seu, pelo qual mandou propor á camara da cidade este negocio; assistia nella Francisco Correa senhor de Bellas, filho de Christovam Correa commendador de Colos, & de Alualade; era este illustre fidalgo o Vreador mais velho (que naquelle bom tempo dos fidalgos cidadãos se escolhiam os Vreadores pera aquella insigne Camara) & era muy affeicoado á Companhia, & como a tal sempre reconheceremos grandes obrigaçoens; propos elle em Camara o negocio do Collegio, & escholas de São Antam, as quaes os Vreadores recebèram com grande applauso, pondo somente a cidade por condiçaõ, que os da Companhia fossem obrigados a receberem suas escholas os filhos de Lisboa primeiro que os forasteiros: aceitamos a condiçaõ por título de benevolencia, & nam

por obrigaçam de contrato, por quanto a cidade nam tinha á sua conta a fundaçam do Collegio, da qual depois se entregou o Serenissimo Cardeal Infante, como diremos adiante, & veremos a mudança do Collegio pera o sitio junto a Sancta Anna, que chamamos S. Antam o novo.

4 Os primeiros mestres, que deram principio às classes de S. Antam foram quatro varões assinalados, nam menos nas letras, que professáram, que nas virtudes em que floreceram: o primeiro que lia a cadeira de Rhetorica; & huma liçam de Grego, era o Padre Cypriano Soares, Doutor que foy na sagrada Theologia, pela Vniversidade de Evora, homem muito dõuto, & universal em todo genero de sciencias; muy versado nas escripturas divinas, & muy lido nas letras humanas, assim Latinas, como Gregas, & Hebraicas; q todas leu muitos años, cõtinuando no Collegio de Coimbra, de cujas escholas foy por muito tempo o Principal; a que agora chamamos Prefeito, governandoas com muita authoridade, inteireza, & prudencia, que de todas estas boas partes ha de ser dotado o que tiver o cargo de Prefeito, nas escholas da Companhia; depois se passou, por ordem da obediencia, ao Collegio de Alcala, onde final-

Quem foy
o P. Cypriano
Soares.

mente

Anno de
Christi de
1552.

Cópia
13.

mente veyo a morrer com nome de Mestre douto, & com fama de varã sancto. De sua grande erudiçam nam temos outra memoria, mais que os tres livros de Rhetorica, que com maduro juizo, & notavel diligencia, recolheo dos tres Principes da faculdade oratoria Aristoteles, Cicero, & Quintiliano.

P. Pedro de Perpinham foy insigne Orador.

b
Tullius in prol. Rhet. Eloquentia est idoneorum verborum, & sententiarum ad pronuntiationem accommodatio, continens vocis, vultus, gestus moderatorem, cum venustate.

5 O segundo mestre, que lia a humanidade, foy o Padre Pedro de Perpinham, de naçam Valenciano, famoso orador naquelles tempos, como adiante veremos, porque nelle se viam, em grão muy superior, todas as partes, por onde Cicero b definiu a hum perfeito Orador, porque as palavras eram muito boas, as sentenças bem accomodadas, a pronunciaçam excellente, a voz, o rosto, o gesto, o meneo, tudo muy engraçado, & bem proporcionado. Delle temos hoje varias oraçoens impressas, que andam em hum volume, muitas dellas em louvor da Rainha sancta Isabel, tidas diante da Universidade de Coimbra; de cuja grande eloquencia, & particular erudiçam pudéramos escrever outro livro mayor que o das suas oraçoens: elle foy tambem dos primeiros que leram Rhetoricã no Collegio de Coimbra, quando nos entregaram aquellas escolas, como adiante contárey; &

depois com o mesmo applauso a leo em Roma, & na Vniversidade de Paris, aonde acabando hum dia de ter huma oraçam, com grande admiraçam dos ouvintes, consolaçam dos Catholicos, espanto, & confusam dos hereges (aos quaes confundio com grande pezo de rezoens, efficacia de sentenças, copia de palavras, impeto, & vehemencia de affectos) & recolhendo-se pera casa, com huma dor de ilharga (como succedeo depois de semelhante acçam ao outro famoso Orador Romano c Lucio Crasso) veyo a dar fim a sua vida, mas nam a gloria, que com seu sancto zelo, & admiravel eloquencia immortalizou.

6 Neste eloquentissimo Padre se viam bem as boas partes, que S. Gregorio Magno demandava em hum bom orador, quando disse, que sò aquelle percebe a facundia de bem falar, que tem no coraçam a arte do bem viver, porque sò entam nam pôde haver embaraço nas palavras, quando o testemunho da vida precede a eloquencia da lingua. Muito pudéramos dizer de suas grandes virtudes; entre outros exemplos que nos deixou de edificaçam, nam he o menor, que lendo elle a primeira classe de Rhetorica em Coimbra, cõ louvor de toda a Vniversidade, pera dar lugar a outro mestre, que lia a segunda classe

c
Vid. M. Tul. lib. 3. de Oratore.

d
Greg. lib. 6. moral. Ille bene loquendi facundia percipit, qui finum cordis per recte vivendi studia extendit: nec loquentem conscientia praepedit, cum vita lingua antecedit.

P. Pedro de Perpinham foy insigne na humildade.

havia annos, pedio com tam syn-
cera humildade ao Padre Pro-
vincial que melhorasse ao outro
Padre, subindoo á primeira, &
que elle ficaria atras na segun-
da, que o Padre Provincial pela
confiança, que tinha de sua vir-
tude, aceitou a offerta; & assim
sucedeo, que depois de ter li-
da a primeira, deceo a ler a
segunda classe, que com tal
mestre em tudo ficou primeira;
tam confiada he a eloquencia,
& tam generosa a humildade:
deste excellentissimo orador fa-
laremos ainda ao diante.

7 O terceiro mestre foy o
insigne varã Manoel Alvares
Portugués, natural da ilha da
Madeira, Reytor que foy do
Collegio de Coimbra, & Evo-
ra, & Preposito da Casa de Sam
Roque, o qual neste principio
começou a ensinar Grammati-
ca no Collegio de S. Antam, cõ
tam feliz successo, & em tam
boa hora, que ainda agora de-
pois de morto a ensina por qua-
si toda a christandade, com a ar-
te de Grammatica, que com
tanta diligencia, & excellente
disposiçam, & com tam acerta-
do juizo compos, pera proveito
de todos os que começam a a-
prender a lingua latina. Porém
porque as singulares virtudes,
& raros exemplos de hum Pa-
dre tam insigne, pedem particu-
lar narraçam, ao diante se fará
delle a lembrança, que nos me-

rece hum tal mestre univer-
sal, & nosso muy particular, ao
qual todos estamos em grandes
obrigaçoes.

8 O quarto mestre foy o
Padre Francisco Rodriguez o
Manquinho, de quem já fala-
mos na primeira parte, varã
de muita doutrina, prudencia, &
governo, do qual tambem ao
diante necessariamente hemos
de fazer a devida lembrança,
quando o embarcamos pera a
India com o Padre Patriarcha
de Ethiopia. Elle foy o primei-
ro que no Collegio de Sancto
Antam começou a ler duas li-
çoens, huma de Mathematicas,
& outra de casos de conscien-
cia, com tam grande applauso,
& concurso dos ouvintes, que
trazia na liçam de moral qua-
trocentos discipulos, porque aõ-
de lhe faltavam os pès pera po-
der andar, lhe sobejavam as bo-
as partes pera saber ensinar.

9 Estes foram os primei-
ros mestres que começaram a
cultiuar aquellas tenras plant as
dos filhos de Lisboa, que ordi-
nariamente costumam ter lin-
dos engenhos, & indoles excel-
lentes, em cujas aureas nature-
zas melhor lustram os traba-
lhos da Arte, & o emprego dos
mestres, como no mais nobre
metal o mais polido buril. Era
naquelle tempo tanta a curias-
dade dos discipulos, & a pacien-
cia dos mestres, que durava a

classe

P. Frãcis-
co Rodri-
quez foy o
quarto me-
stre.
Lib. 2. c. 26.
n. 5.

P. Manoel
Alvares
foy o tercei-
ro mestre.

Compos a
Arte de
Gramma-
tica.

classe três horas pela manhã, & outras tres à tarde; nam tinham dia de suêto em toda a semana, que nam seY como hoje os estudantes de Lisboa sofreriam esta penitencia; & aos Domingos à tarde acodiam todos às mesmas classes, a ouvir a doutrina, que os mestres lhes ensinavam, que vinha a responder às praticas, que no tempo d'agora lhes fazem às sextas feiras: durou este bom costume aquelles primeiros tempos, introduzido por estes quatro primeiros mestres, nos quaes, como em quatro columnas, se fundaram as escholas do Collegio de Sancto Antam; atè que pello tempo adiante, vendo o Serenissimo Infante Cardeal, & depois decimoséptimo Rey de Portugal, o grande fructo que se tirava d'estas escholas, nam sò nas letras humanas, mas tambem nos costumes sanctos, que principalmente aprendiam os estudantes, tomou à sua conta a fundaçam d'aquelle Collegio; & porque o sitio de S. Antam o velho, em que estauamos, àlem de outros inconvenientes, era muito apertado, a respeito da largueza de seu muy grandioso animo, que queria em Lisboa fazernos hum muy sumptuoso edificio, que dissesse bem com a vontade do fundador que o fazia, & com a grandeza da cidade em que se fundaua; escolheo o sitio

*Occasiam
que houve
de nos mudarmos
para S. Antã
o novo.*

acima do jogo da pella, junto às freiras de Sancta Anna, por ter muita capacidade, & commodidade; & mandando logo por seu Architecto Balthazar Alvares designar, & cordear o edificio, respeito ao sitio por onde havia de começar, em 11. de Mayo de 1579. lhe mandou sua Alteza lançar a primeira pedra, & assim se acrecentaram as classes, & as rendas, & se fez a mudança pera o Collegio novo; o que tudo largamente se contará por quem continuar a Chronica d'aquelles tempos; & nós logo brevemente apontaremos, referindo primeiro algũa parte das obrigaçoens que todos os d'esta Provincia temos a este Collegio.

CAPITULO V.

Das obrigaçoens que todos os desta Provincia temos ao Collegio de Sancto Antam, & de algũas suas excellencias.

ISTE foy o principio das classes do Collegio de Sancto Antam, instituido por ordem de nosso sanctissimo Patriarcha Ignacio de Loyola, esta a principal gloria d'estas escholas serem ordena-

das com particular preceito, & direiçam de varám tam sancto, tam prudente, & tam allumiado, & illustrado com visitações divinas, que como foy obra sua, & invento seu, nam poderà deixar de succeder sempre com felices augmentos, contra a iniquidade, & aperto dos tempos, que nestes annos, em que isto escrevemos, tem perseguido este real Collegio. Mas nam he sò este o louvor, nem goza sò d'esta prerogativa este insigne Collegio, porque tem outras muitas, nas quaes, entre todos os Collegios da Companhia, fica muy aventajado, porque esta foy a primeira habitaçam, que teue a Companhia, no mundo todo (fôra de Roma, aonde naceo) & por isso as obrigaçoens devem ser em nós muito maiores.

Obrigaçã
que os ho-
mens tem
á sua pa-
tria.

2. O amor que os homens tem à sua patria, he muy natural, & he muy bem fundado, porque a patria he a primeira, que em sy nos recolhe, & agasalha, quando nacemos, & sahimos das entranhas de nossas mãys: nasceo a Companhia em Roma, que foy como mãy de nossa Religiã; porèm a primeira parte aonde, como em patria, foy recebida, & agasalhada, he o Reyno de Portugal, no Collegio de Sancto Antam; por onde bem se vê a grande obrigaçam, que a todos nos corre a

este Collegio, & a Sancto Antam, que primeiro nos recebeo com amor, & nos agasalhou como pay. Os filhos primogenitos sempre sam os mais estimados, & sempre sam os mais favorecidos, & os mais privilegiados, por terem a prerogativa de serem primeiros: este Collegio, entre todos os da Companhia, tem esta particular graça de ser a primeira habitaçam, que a mesma companhia teve no mûdo todo, fôra de Roma; & como a filho primogenito d'esta Provincia, se lhe devem os privilegios de morgado.

3. Nam pãram aqui as grandezas, & prerogativas d'este Collegio, elle foy, como vimos, o primeiro que nesta Provincia teve escholas publicas; & pera que digamos tudo, o Collegio das Artes, & as classes de Humanidade, que o magnifico Rey Dom Ioam nos entregou na Vniversidade de Coimbra, se deuem ao Collegio de Sancto Antam, porque vindo hum dia ver os nossos mestres de Sancto Antam D. Antonio Pinheiro, que era muito valido del Rey, & foy Bispo de Miranda, & ultimamente de Leiria, & era homem doutissimo, & muy erudito em letras humanas, ficou tam satisfeito de ouvir os nossos quatro mestres de S. Antam, que foy dar grandes parabens a sua Alteza, dizendolhe que

Collegio de
S. Antam
foy o pri-
meiro que
teve classes.

Anno de
Christo de
1552.

Ao Collegio de S. Antã
tam se deu as
clases que el-Rey nos deu
em Coimbra.

No Collegio de S. Antã
tam se começaram
nesta Provincia a
publicar as Constituições.

dêtro em Lisboa tinha ja outra Vniversidade, como a de Paris, aonde elle estudara; muito gostou o serenissimo Rey de ouvir tam boas novas, vendo quam valente successo tinham as escholas d'este Collegio, & a grande satisfacção q' havia em toda a corte de seus mestres, os quaes muitas vezes hiam a disputar, & ter oraçoões diãte de sua real presença, e d'aqui se moveo a nos entregar o Collegio Real das Artes da Vniversidade de Coimbra, como adiante veremos; de sorte, q' nam s'ò foy este o primeiro Collegio que em Portugal teve classes, mas tambem foy o que deu mestres a Evora, & a Coimbra, & por seu respeito se nos deu o Collegio das Artes, & estudos menores em Coimbra.

4 Outra excellencia tambem muy notavel tẽ este Collegio, porque nelle mandou S. Ignacio que, nesta Provincia, se começassem a publicar as Constituições da Companhia (como logo diremos) porque assim como neste Collegio começou a Companhia com o real emparo do serenissimo Rey D. Ioam, assi tambẽ quiz o Sãcto, q' as Constituições da mesma Companhia sahissẽ a luz com approvaçã, & beneplacito do mesmo Augustissimo Rey, que entã estava em Lisboa, pera que seu real favor juntamente honrasse a Companhia, & lhe au-

torizasse as suas regras. Foy s'empre o monte Sinai tido do povo de Deos em singular veneraçã, por aquelle ser o primeiro lugar, em que Deos manifestou aos homens as leys, com que queria ser venerado; na mesma devemos ter a este sancto Collegio, pois foy o lugar, em que sahiram a publico leys tam sanctas, & estatutos tam sagrados.

5 Tambem he gloria notavel d'este Collegio ser elle o primeiro que em sy recolheo, & agasalhou os Padres que fundaram a casa de S. Roque, porque d'aqui sahiram, com o seu primeiro Preposito (que foy o incomparavel varã Dom Gonçalo da Sylveira) & d'aqui levaram parte emprestados, & partes dados os moveis, & alfayas, com que aquelles bons Padres, como verdadeiros pobres de espirito, entã se remediaram, donde se vè a obrigaçã, & reconhecimento, que a casa de S. Roque deve sempre ao Collegio de S. Antã. D'aqui tambẽ sahiram os que foram fundar o Collegio de Coimbra, & nam s'ò agasalhou entã aos primeiros Padres, que vinham pera S. Roque, senã que ainda agora he este Collegio o commum hospicio de todos os ditos missionarios, que os mais dos annos manda esta Provincia pera a India, pera a China, pera o Japã, & pera as mais partes transma-

1552.
Anno de
Ciparhia

mas, este he o cavallo Troyano cheyo de soldadesca do cèo, donde todos os annos sahẽm os conquistadores das almas. Nam houve no Oriente martyr glorioso da nossa Companhia, sahido de Portugal, que nam experimentasse primeiro a muita charidade que sempre houve neste Collegio, pera com hospedes semelhantes; & em quanto nelle esta charidade durar, he certo que lhe nam ha Deos de faltar; antes he bem que se persuadam os superiores do Collegio de S. Antam, que nam comprirã com as obrigaçoens de seu cargo, se faltarem na charidade com os hospedes.

6 Todas estas grandes excellencias finalmente se coroãram com a illustrissima laureola de martyrio do seu primeiro Reytor deste Collegio, o insigne varam Ignacio de Azevedo, que nam sò na voz do povo he tido por martyr, mas por capitã esclarecido de Martyres gloriosos, pera que esta gloria nam faltasse a quem tantas outras sobejavam; & pera que tambem cõ esta, como em outras muitas prerogatiuas, pudesse assemelhar-se com a casa de S. Roque, a qual assim como com tanta rezã se jacta de ter por seu primeiro Preposito aquelle inestimavel varã, & Padre muy esclarecido, o P. Gonçalo da Sylveira, que deu a vida pela fé de

Christo; assim o Collegio de S. Antam, com igual rezã, se gloria de ter no mesmo tempo por seu primeiro Reytor outro tam insigne varã, & provincial de Martyres, dos quaes logo brevemente falarey, deixando a relaçã mais larga pera diante, em que haverã melhor occasiã.

7 Estã hoje este real Collegio muy atrazado no temporal com dividas, causadas pela innocencia de alguns Padres, que com perdas proprias, tomãrã sobre sy obrigaçoẽs alheyas, experimentando nõs muy roins pagas de quem lhe estava em grandes obrigaçoens, cujo successo a seu tempo se contarã mais por menor, pera que ao mundo todo conste de nossa verdade, & de nossa justiça, & pera que se veja a innocencia de de huns, & a pouca gratidã de outros; & se acautelem os Religiosos, em se fiarem de promessas de gente poderosa, persuadindose os da Companhia, que sua obrigaçã nam he buscar dinheiro pera emprestar, mas buscar almas pera salvar: agora nam he ainda tempo pera bulir neste fogo, que estã debaixo da cinza enganadora. Estã cõ tudo por outra parte o Collegio autorizado, & acrecentado nas Cadeiras, porque (ãlem da liçã do Moral, Mathematicas, Philosophia, & nove classes de Latinidade) tem hoje duas Ca-

deiras

O P. Ignacio de Azevedo foy o primeiro Reytor de S. Antam.

Estado presente do Collegio de S. Antam.


*D.Phelip-
pa de Sã
Cõdeffa de
Linhares,
fundado-
ra do tẽplo
de S.Antã.*

deiras de Theologia especulativa; & esperamos em Deos, que cedo se acabará o seu famoso templo, fundado pela illustrissima senhora Condeffa de Linhares Dona Phelippa de Sã, que poderá competir com as bazilicas mais celebradas em Hespanha toda; & se a obra do Collegio se acabar, conforme agora vay continuando, será hum dos mais grandiosos edificios de Europa.

CAPITULO VI.

Das virtudes do Padre Ignacio de Azevedo, primeyro Reytor do Collegio de Sancto Antam; E de como foy a Roma por Procurador da India, E do Brasil.

Foy o P. Ignacio de Azevedo o primeyro Reytor de S. Antam.

I  **A**M he a menor gloria, entre as grandes prerogativas, que temos apontado deste real Collegio de S. Antam, a que tocamos no capitulo passado do primeyro Reytor que teve, depois de ser Collegio em forma, o qual foy o Padre Ignacio de Azevedo, porque até o anno em que himos nesta Chronica de 1552. o que presidia aos nossos em

Lisboa neste mosteiro de Sancto Antam, nam tinha mais que o nome de Superior. Foy o Padre Ignacio de Azevedo em tudo o primeyro Reytor d'aquelle Collegio, primeyro na oração, e na mortificação; primeyro no illustre sangue, que herdou de seus avós, & muito mais illustre pello sangue, que derramou pela fé Catholica. Na primeira parte d'esta Chronica fizemos mençã de quem era, de si a nobreza, de sua entrada na Cõpanhia, & de seus louvaveis procedimentos nos primeiros annos da Religiã. Mas porque agora nos convida o lugar, pois o temos neste mesmo anno de 1552 (em que himos fallado nesta Chronica) Reytor de S. Antam, nam quero passar sem fazer delle, ainda que brevemẽte, mais algũa cõmemoração, pelo muito q̃ lhe deve este Collegio, & toda a Provincia de Portugal, deixando as mais largas noticias de suas cousas, pera quẽ escrever os successos do anno de 1570. no qual aos 15. de Julho cõ 40. cõpanheiros deo a vida pela profissam da fé Catholica.

2. Admiravel foy sempre na Companhia o procedimento deste insigne varã, era muy continuo na oração, & muy dado aos exercicios espirituaes: até quãdo caminhava tinha quatro horas de meditação, duas pela manhã, & duas

^a
part. 1. lib. 1.
c. 39. a n. 7.

Foy muy dado aos exercicios da oração mental.

a tarde, & tal vez lhe acontecia na cidade o que succedia a sancto Antam no deserto, punhase à noite em oraçam, na qual continuava até o Sol, com sua vinda, trazer a menhã; & entam parece que melhor descãçavã os sentidos, quando melhor vigiavam os pensamentos.

3 Na penitencia foy tam exemplar, que acho escrito, que o cilicio era nelle quasi continuo, & as disciplinas tam asperas, que trazia ordinariamente as costas todas azuladas, & cheyas de vergoens, & piladuras dos crueis golpes, com que abria suas carnes, o q particularmente se advirtia, quando se disciplinava no refeitorio, o que fazia frequentemente.

4 Com este ser pera com sua pessoa o Padre Ignacio de Azevedo, foy notavelmente benigno, & compassivo pera com todos, assim subditos de casa, como pobres de fõra: de tudo pudera contar grandes exemplos: sendo Reytor do Collegio de Braga, como naquelles principios as rendas fossem poucas, necessariamente hãvia de ter algumas faltas no provimento da casa, & dos subditos; chegouse ao Reytor hum Irmãm, representando-lhe que lhe era necessario hum jubam, por ser tempo

de inverno, & o frio grande: disselhe o Padre, que elle o proveria logo; & sahindose o Irmãm, despio elle logo o seu jubam, & o mandou entregar ao Irmãm, sem ninguem saber quãm desacomodado elle ficava: porèm o frio era grande, & assim como apertava d'antes com o subdito, trespassava tambem o superior, de sorte que lhe veyo escrupulo, que lhe poderia fazer muito mal à saude; & desejando por huma parte experimentar faltas, ainda no necessario, & por outra procurando nam se expor a ter alguma enfermidade, tratou de remediar o frio, & de nam faltar à pobreza; vayse à estrebaria, aonde tinham naquelle tempo hum jumentinho, & tomadolhe hum pedaço da cuberta, lhe fez hum buraco no meyo, por onde meteo a cabeça, & a vestio, & trovxe debaixo da roupeta; & assim mal remediado andou por muito tempo, com esta nova traça de jubam; que o varãm sancto sò trata de buscar (como Sam Paulo ^b amoesta) com que se cubrir, & nam com que se enfeitar. Muito mais tempo andaria o bom Reytor com tal pessa, se assim como a encubria con grande silencio, a nam manifestasse o ruim cheiro, por onde

*Desuagrã
de mortifi
caçam.*

*De sua
muita cha
ridade.*

^b
1. Thim. c.6
n.8. Habentes alimeta,
& quibustegamur, his
contenti simus.

advirtindo nisso hum Padre antigo, & tratando de o fazer melhorar de vestido, estranhando-lhe o que trazia, lhe respondeo o Padre Ignacio de Azevedo, que o deixasse continuar, porque nenhum vestido lhe convinha mais que aquelle: tal era o desprezo proprio deste grãde servo de Deos, desejando, à imitação do Rey e Propheta, fazer-se por humildade tam abatido, como por natureza era aquelle cujo fora o seu jubam.

PC. 72. n. 23.
Vestimentū
factus sum
apud te.

De suara-
ra humil-
dade.

5 Neste particular de sua grande humildade fazia excessos dignos de admiração: sendo superior, & tendo cargo d'esta Provincia, quando hia visitar os Collegios, caminhava a pé, ou sobre hum jumento, & em chegando a alguma nossa casa, elle o levava à estrebaria, & o pensava, & lhe dava o necessario; havendo aquelle exemplo por muy principal acto de sua visita, persuadindose que melhor governa, quem melhor se humilha; & era tal o bom modo, com que acodia a estes vis ministerios, que nam diminuia, antes acrescentava sua muita autoridade, que este he o preço inestimavel da virtude, que aly acrescenta o valor mais subido, no que o mundo tem por mais aviltado.

6 O cuydado da salvação das almas neste servo de Deos foy ferventissimo; em nenhum tempo se escusava de pregar, de confessar, & de acodir ao bem dos proximos, como vimos na primeira parte, pelo que lhe succedeo em Braga, quando por causa de sua continuação no confissionario, se moveo aquelle insigne varã Frey Bertholameo dos Martyres, Arcebispo de Braga, & Primas das Hespanhas, a nos fundar o Collegio na sua cidade de Braga. Sendo aly Reytor, & pedindolhe a villa de Barcellos algum Padre pera lhe pregar, & confessar na Quaresma; nam havendo já outro Sacerdote que lhe dar, elle mesmo lhe acodio, deixando o cuydado do Collegio a outrem; estimando mais o officio de Confessor, que o cargo de Reytor. Notavel foy o fruto que recolheo nesta nobre, & antiqua villa, na qual pregava aos Domingos, às quartas, & às sextas feiras, todos os mais dias se hia com seu companheiro a pé, pelos lugares visinhos, pregando muitas vezes no dia, & guardando sempre seu bom costume, de sahir do pulpito pera o Confissionario, & nelle continuar até as

De seu grã
de zelo da
salvaçam
das almas.

1. part. lib. 2.
c. 18. n. 8.

Da mis-
sã q fez
à villa de
Barcellos.

b
Thm
8. Hic
es ale
quib
mur
nter
us.

duas, & tres horas depois do meyo dia: em tudo o proveito dos ouvintes era igual ao trabalho do prégador, que aonde o zelo sobeja, o fruto nunca falta.

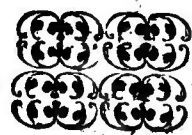
7 Com este mesmo zelo exercitou o cargo de Reytor no Collegio de Sancto Antam; & depois o de Viceprovincial em Portugal, succedendo nesta occupaçam ao Padre Miguel de Torres, quando no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & seis, por morte de Sancto Ignacio, acudio este Padre a Roma à primeira congregaçam gèral, em que foy eleito por Preposito gèral da Companhia o Padre mestre Diogo Laynes. Depois d'isto, levando nesso Senhor pera sy o dito Padre gèral em Janeiro de mil, & quinhentos, & sessenta, & sinco, ajuntandose os Padres em congregaçam provincial, pera nomearem os que haviam de hir a Roma à creaçam do novo gèral, foy eleito o Padre Ignacio de Azevedo pera hir a Roma por procurador da India, & Brasil.

8 Nesta segunda congregaçam de toda a Cõpanhia, foy nomeado pera Preposito gèral o B. Padre Francisco de Borja, diante do qual, com notavel zelo, tratou o Padre Ignacio de Azevedo do bem da

conversam das almas da India, & do Brasil, que era o ponto que levava a seu cargo; & como bom procurador, nam quiz que se dissesse delle q̃ estando descansado em terra, tratava dos que navegavam pelo mar; & que negoceava a hida dos outros pera a India, deixando ficar em Portugal; & que fallava nos que andavam desterrados pelos matos do Brasil, passeando elle nos campos de sua patria; tratou em fim de ser verdadeiro sollicitador, mandando outros, & hindo elle mesmo. Logo com grande efficacia se offereceo ao novo gèral, pera que o mandasse a qualquer d'aquellas duas missões, cujo bem tanto procurava, ou á India; ou ao Brasil, pedindo huma dellas, já que nam podia navegar pera ambas.


Como procurava o bẽ da India, & Brazil.

Occasiã que houve pera o P. Ignacio de Azevedo hir a Roma.



CAPITULO VII.

Vay o Padre Ignacio de Azevedo por Visitador ao Brasil; volta a Portugal a fazer gente pera esta missám; vay a Roma; escreve ao Papa sobre elle o Arcebispo de Braga; alcança do Papa muitas graças pera aquella Provincia, pera onde trata logo de se embarcar.

1  Oltouse a Portugal o P. Ignacio de Azevedo, depois de fazer todas as instancias possiveis pera a jornada da India, ou do Brasil; & logo no anno de 1566. o nomeou o B. P. Francisco de Borja, novo gèral da Companhia, por Visitador do Brasil, que d'esta maneira já de longe o chamava Deos pera a gloria do martyrio, querendo q̃ d'aquella primeira vez fosse passear a carreira de Portugal até o Brasil, pera que tornãdo depois, como forte vencedor, merecesse o pario, & levasse a coroa. Notavel foy a prõptidam, & alegria, cõ q̃ este illustre varã se armou pera esta trabalhosa empresa, q̃ tão cõ mayor gosto recebia, por enten-

He nomea do por Visitador do Brasil.

der, q̃ havia de ser em terras tã incultas, entre gẽte tam barbara, aõde a cruz seria mais secas mas teria melhor merecimẽto, sem esperar outro qualquer cõmodo tẽporal, q̃ a natureza humana he tam sutil, & intereceira, que tal vez até entre cruces quer achar flores.

2 Logo se embarcou na primeira occasiã que se lhe offerreceo, porque aonde o desejo da salvaçam dos proximos he grande, nem há detença, por occasiã de despachos, nem he embaraços por falta de matalogagem. Partio de Lisboa com mais oito Religiosos da Companhia; dos quaes a seu tempo se farã mençam: entrou no Brasil, & com sua chegada tomaram melhores alentos, & concebẽram nõvos espiritos, assim os da Companhia, aquem muito consolou, como tambem os nõvos Christãos, cujo bem por todas vias procurou, a pezar de innumeraveis trabalhos, & de grandes perigos, que passou, por mar, & por terra, visitando todas as Capitaniãs, Collegios, Residencias, & Aldeas, por onde os nossos Religiosos andavam espalhados, cultivando aquella tam estendida, & trabalhosa vinha. Tal era o zelo, & tam cordeal o affecto, que o Padre Ignacio de Azevedo mostrava da salvaçam das almas d'aquelles

Partefelogo pera o Brasil.

Indios; que quando via vir das aldeas os Padres, & Irmãos, que os instruiam nas coufas da fé, descalços, cheyos de lama, magoados, ou feridos dos matos, & charnecas por onde atravessavam, se lançava de joelhos, & por devesam lhe beijava os pés reverenciando nelles, assim escavados, a graça, & a fermosura que o Propheta ^a Isaias achava nos pés dos prégadores, que caminhavam pelas montanhas, annunciando a paz do Evangelho.

3 Concluida a visita continuou o Padre Ignacio de Azevedo com o cargo de Provincial do Brasil, & havida licença do Padre geral, fez volta a Portugal, nam pera deixar o Brasil, & pera fugir dos trabalhos que nelle achou, que isto só fazem os covardes, mas pera buscar mais gente, & chamar outros pescadores, que o ajudassem a tirar as redes que deixava lançadas nos mares vastissimos d'aquella grande gentildade, nam menos barbara nos costumes, que desemparrada de mestres. Desembarcou em Lisboa, partito logo pera Almeirim, aonde estava elRey Dom Sebastiam, proposlhe a embaixada, que da parte de Deos lhe trazia, em nome d'aquellas tam estendidas terras, & incultas gentes, pera que, como Rey, acudisse ao desamparo de tantos vassallos, que

o cêo lhe tinha acrescentado a suas gloriosas conquistas. Trouxo logo elRey de favorecer tam sanctos intêtos, & nomeou pera Governador d'aquellas partes a D. Luis de Vasconcellos de Meneses, fidalgo de muito valor, Cômêdador da Vallada da ordem de Christo, & filho de Dom Fernando de Meneses; & ao Padre Ignacio de Azevedo mandou fazer, com toda a liberalidade, os gastos pera sua pessoa, & pera quantos Religiosos fossem com elle.

4 Nam se aquieta o elemento fora de seu lugar natural, nem pôde ter descanso o espirito afervorado de hum zelador das almas. Em quanto o Governador Dom Luis de Vasconcellos se preparava pera o Brasil, quiz o Padre Ignacio de Azevedo chegar a Roma, pera buscar no Papa favores espirituales, pois já tinha alcançado do benignissimo Rey os temporaes. Muito se alegrou em Braga aquelle grande Prelado D. Frey Bertholameu dos Martyres, dignissimo Primas das Espanhas, & verdadeiro zelador da honra de Deos, quando soube da vinda do Padre Ignacio de Azevedo, & dos intêtos que trazia, & da jornada que tratava de fazer a Roma, & como tinha tam grande conhecimento deste servo de Deos, pelo tempo que o tratara em Braga,

He nomeado por Governador do Brasil D. Luis de Vasconcellos de Meneses

^a
Isai. c. 52. n. 7. Quam pulchri super montes pedes annuntiantis, & prædicantis pacem.

Volta o P. Ignacio de Azevedo a Portugal a buscar gente pera o Brasil.

O Arcebispo de Braga festejou a vinda do P. Ignacio de Azevedo.

quize tambem ter parte em seus sanctos merecimentos, dando-lhe as boas vindas, & animádo-o a continuar com tam gloriosa empresa; escrevendolhe huma carta, na qual lhe dizia o sancto Prelado, que lhe tinha grandes envejas, & juntamente lhe mādou outra carta pera sua Sanctidade o Papa Pio quinto, na qual lhe encommendava o Padre Ignacio de Azevedo, que me pareceo pôr aqui, pera que por huma parte se veja o zelo d'este sancto Arcebispo, & por outra entendamos o conceito, que tinha do Padre Ignacio de Azevedo; diz a carta d'esta maneira.

CARTA DO
Arcebispo de Braga D.
Frey Bertholameo dos
Martyres, pera o
Papa Pio

V.

Beatissimo Padre,

Depois de beijar os be-
 auéturados pés de vos-
 sa Sanctidade.

mesma Companhia nas partes do Bra-
 sil, vay a Roma tratar com vossa San-
 ctidade alguns negocios de muita im-
 portancia, tocantes á mesma Compa-
 nhia: & porque eu tenho bem conheci-
 do sua grande virtude, & o desejo
 que tem de soffrer trabalhos, & levar
 sobre sy a Cruz de Christo, de que elle
 (de prezada a nobreza do mundo) se
 quize fazer verdadeiro imitador, assim
 na pobreza, abnegaçam, & desprezo de
 sy mesmo, como tambem no zelo, &
 aproveitamento das almas, & no aug-
 mento da Religiam Christã, de que tem
 dado a todos boas mostras, assim nesta
 diecese de Braga, aonde por alguns an-
 nos me ajudou muito, como nas partes
 do Brasil, donde pouco hà veyo, me pa-
 receo cousa muito pia pedir a vossa
 Sanctidade o queira favorecer, & o
 receba com aquellas paternaes entra-
 nhas, & amoroso animo, com que cus-
 tuma receber, & abraçar todas aquel-
 las cousas, que ajudam ao culto divino,
 & á salvaçam das almas: assim que
 vossa Sanctidade o pôde ter por hum
 varã apostolico, & cheyo do Spirito
 Sancto, porque nessa conta o tem todos
 aquelles que nesta Provincia de Por-
 tugal o conhecem: pelo qual todo o fa-
 vor que vossa Sanctidade lhe mostrar,
 & toda a ajuda que lhe der, pera se-
 us ministerios, tudo tenho pera mim
 será muito agradavel, & aceito diante
 de nosso Senhor, cujas vezes vossa San-
 ctidade tem em a terra, ao qual cle-
 mentissima senhor, peço acrejcente os
 annos de vida a vossa Sanctidade, com
 os quaes lhe faça muito serviço em a
 eerra. De Braga quatro de Mar-

*Opiniã
 q se tinha
 do P. Igna-
 cio de Aze-
 vedo.*

*Escreve ao
 P. Pio sobre
 o P. Igna-
 cio de Aze-
 vedo.*



IGNACIO de Azevedo,
 Sacerdote da Companhia
 de IESU, Visitador, &
 Preposito Provincial da

ço, de mil, & quinhentos, & sessenta,
& nove.

O Arcebispo Primàs.

*De quãta
autorida-
de seja este
testemu-
nho do Ar-
cebispo de
Braga.*

5 Este he o treslado fielmente tirado (conforme temos no cartorio de Coimbra) da carta, que nesta occasiã escreevo ao Papa Pio quinto aquelle tam sancto, & tam zeloso Prelado, que fcy honra da mitra de Braga, & ornamento da sagrada ordem de S. Domingos: & este he hum dos mayores testemunhos, & das melhores abonaçoẽs que podemos ter da virtude do Padre Ignacio de Azevedo, pois hum homem tam sancto, & de tam raro conhecimẽto das cousas de Deos, como era este excellentissimo Arcebispo Primàs, chama ao Padre Ignacio de Azevedo, *varã Apostolico*, & *cheyo do Spirito Sancto*; & teltifica que nesta conta o tinham todos em Portugal. E quem bẽ conheceo a synceridade d'este insigne Prelado, & a verdade de suas palavras, o pezo, & gravidade de sua pessoa, & o assento de seu maduro juizo, & quam allumiado era no conhecimento das pessoas, com quem tratava, bem julgarã que nam podia deixar de ter grande fundamento este notavel testemunho, que deo a sua Sanctidade acerca do Padre Ignacio de Azevedo.

6 Nam se deteve elle em Portugal, antes, como se fosse hũ

relampago, que apparecendo no Oriente, como diz b Christo, com grande ligeireza voa atè o Occidente; assim correo este rayo celestial Ignacio de Azevedo de Portugal a Italia; & em brevissimo tempo fez esta jornada, sem lhe serem impedimento os caminhos tam compridos, nem as guerras, que entam ardiam por mar, & por terra; que aonde o espirito tem azas, tambem a carne sente espõras. Em Roma deo conta de sua visita do Brasil ao B. P. Francisco de Borja, beijou o pè ao sanctissimo Padre Pio V. alcançou delle grandes graças, muitas indulgencias, & reliquias de grande preço.

7 Entre outras trouxe humma de grande estima, que foy o retrato da Virgem Maria Senhora nossa, tirado muito ao natural pelo que pintou o Evangelista S. Lucas, que se chama Nossa Senhora do Populo, que atè entam se nam consentira retratar, pera mayor veneraçam de tam preciosa reliquia; esta sagrada imagem fez copiar, com particular licença, o B. P. Francisco de Borja, por hum tam insigne pintor, que com hum agradavel engano dos õlhos que a viam, nam sabiam fazer differença da pintura, & do exemplar; & como reliquia de grande estima a mandou pelo Padre Ignacio de Azevedo à serenissima Rainha de Portugal Dona

Vay de Portugal a Roma, cõ grã de pressa.

b
Matt. c. 24. n. 27. Sicut fulgur exit ab oriente, & paret usque in occidentem.

Trouxe de Roma muitas reliquias.

Trouxe hũ retrato da Imagem que pintou S. Lucas.

*Mandou co-
piar qua-
tro retra-
tos, & co-
mo os re-
partio.*

Catherina; & o Padre Ignacio de Azevedo, antes de a entregar, a mostrou com grande solennidade aos nossos Padres, & Irmãos dos Collegios de Coimbra, & de Evora, pondo-se todos de joelhos, & vindo de dous em dous a reverenciar, & beijar mais de perto, imagem de tanto preço. Mandou tambem fazer por este quatro retratos muy ao natural, pela mão de hum Irmão Aragonès, dos que trazia pera o Brasil, chamado Ioam de Mayorga, excellentissimo pintor: d'estas imagens huma levou comfigo na viagem do Brasil, com o successo que ao diante veremos; outra deo ao Collegio de Coimbra, por cujo meyo tẽ Deos feito grandes merces a toda aquella comunidade, em especial no tempo da peste, como em seu lugar se dirà: outra d'estas imagens tem hoje o Collegio do Espirito sancto de Evora; a outra deo ao Collegio de S. Antam, que está na sua capella, todas estimadas com grãde veneraçam, assim pela magestade, & perfeiçam da obra, como por serẽ pintadas pela mão de hum nosso Religioso, que mereceo alcançar a coroa dos que dam a vida pela fé.

*Havia grã
de fervor
pelo: Colle-
gios por on-
de passa-
va.*

8 Quando vinha de Roma este grande servo de Deos, parece que por onde quer que passava a todos abrazava com desejos de seguir seu exemplo,

porque eram muitos os que o queriam acompanhar, pera tam sancta missam: mas posto que elle fazia gẽte pera o Brasil, Deos a listava pera o cẽo, por meyo da gloriosa palma do martyrio, pretẽdendo d'esta vez enriquecer a Companhia de Martyres, & dar ao cẽo hum fermosa novidade, que na verdade foy a mais numerosa, que houve nestes tempos, pois sabemos que passaram de fincoenta Religiosos, que morreram nesta occasiã com o Padre Ignacio de Azevedo, & com o Padre Pedro Dias, os quaes Deos escolheu de quasi todos os Reynos de Espanha, & em especial de Portugal, pera com elles enriquecer o paraíso, & illustrar a Companhia; & todos à vista do exemplo do Padre Ignacio de Azevedo se abalaram, com tanto alvoroço, que a cada hum lhes pullava o coração no peito, com os inflã-mados desejos de tam gloriosa empresa.

9 Chegou o Padre com este exercito de Anjos a Lisboa, deixando na cidade do Porto fretada ametade de huma nao chamada Sanctiago, pera que os viesse tomar a Lisboa, & se partissem logo, sem querer esperar pela armada, & pelo Governador do Brasil Dom Luis de Vasconcellos, que ainda estava devagar, porque estas cousas de armadas reaes, & jornadas de

*Chega a
Lisboa cõ
seus com-
panheiros.*

semelhantes personagens, vam sempre com grandes detenças, ou por negligencia dos ministros que sam vagarosos em despachar, ou por culpa das partes, que sam importunas em requerer.

8 Entre esta gente que o Padre Ignacio trazia, posto que alguns d'elles eram Sacerdotes muy aproveitados em letras, que logo poderiam ler Theologia, & Philosophia, a mayor parte porèm era de irmãos novamente recebidos, em rezám desta gloriosa missám; & como os demais d'elles eram de pouca idade, & em Lisboa ainda havia muitos rebates da peste, que nella ardéra todo aquelle verám, se resolveo o Padre Ignacio de Azevedo, com maduro conselho, em se retirar com toda esta sua angelica soldadesca a hũa quinta do Collegio de Sancto Antam, que está na banda dâlem, pera aly esperar a nao Sanctiago. Aqui foram taes os procedimentos do Padre Ignacio de Azevedo com aquelles seus ditos companheiros, que ainda que vou abreviando muito esta historia, & deixando a notiça mais por extenso pera o anno de 1570. em que estas cousas succedèram, com tudo me nam posso ter sem dar alguma breve noticia do que passou nesta quinta, pera consolaçam, & exemplo dos Religiosos do Collegio

Occasiám. q' houue pera se retirarem de Lisboa á banda dâlem.

de S. Antam, por occasiam do qual vim agora falar no seu primeyro Reytor.

CAPITULO VIII.

Retirase o P. Ignacio de Azevedo cõ seus cõpanheiros á quinta de Val de rozal; descrevese este sitio; & conta-se brevemente a sancta vida, que aly fizèram.

I Em o Collegio de S. Antam da cidade de Lisboa, hũa quinta, ou pera me lhor dizer, huma grande vinha, chamada Valderozal, que está na banda dâlem, no termo de Almada, limite de Caparica, na freguesia de nõsta Senhora do Monte, distante do porto de Casilhas, quasi huma boa legoa: fica esta quinta no meyo de huma grande, & estendida charnéca; he o lugar todo á roda muy tofco, seco, & estéril, cheyo de sylvados incultos, cõtinuado de matos maninhos, & de areas escaldados, escondido em valles, cercados de bre-nhas, cubertos de pinheiraes bravios, de zimbros, de tojos, & de outros frutices sylvestres: he

Descreve-se o sitio de Valderozal.

fitio mais accommodado pera caças de monteria, que pera morada de gente culta, & por isso muy frequentado de corças, & veados, infestado de lobos, & de outros semelhantes animaes monteses.

O sitio de Valderozal he acõmodo pera contemplaçoens.

2 Mis he por outra parte este deserto muy accommodado pera hum sancto retiro dos homens, & contemplaçoens com Deos; porque he muy solitario, tem estradas, & caminhos muy livres, tem sahidas muy alegres, & entre ellas a principal he a que leva ao mar (que dista da quinta, pela parte do Poente, coufa de meya legoa) pera o qual se dẽce por humas quebradas, entre algumas barrõcas, que o tempo, & a corrente das agoas tem abertas. Do alto d'estas quebradas se sobe pera algumas assomadas, que tem vistas muy appraziveis, muy largas, & muy fermosas, porque se descobre todo este grande valle, que começa quasi ao pẽ da montanha de Palmela, & se vay estendendo atẽ Nossa Senhora do Cabo, & dahi volta pera Caparica, & vem a fazer em roda coufa de doze, ou treze legoas; além d'isto se descobre daly muita parte da cidade de Lisboa, & se vem montes muy fermosos, como he o de S. Luis, & a terra da Arrãbida, que ficam perã a parte do Sueste, & tambem se alcança pera o Noroe-

Tem vistas muito fermosas.

Serras, q daly se descobrem.

ste a famosa terra de Sintra; & tem outras vistas de longes muy saudosos. Vemse tambem hũas grandes ferranias de arẽa, que aly chamam os Medos, & vam quasi continuando atẽ huma grande alagõa, chamada Albofeyra, de muita pescaria, que estã como tres legoas da quinta, pera a parte do Sul, caminho de Nossa Senhora do Cabo.

3 Destas assomadas se descobrem muy largamẽte as muy estendidas campinas do Oceano Atlantico, que aly vem tributar suas immensas agoas naquella fermosa praya, que se vay estendendo por espaço de seis legoas, da ponta da Trafaria, junto a Caparica, atẽ o Cabo de Espichel, a que os antigos chamaram *caput Barbaricum*: & como toda aquella paragem he costa brava, o continuo bater que nella faz o rolo do mar, o quebrar das ondas encapelladas naquellas arẽas solitarias, a largueza daquellas prayas, a solidã de todo aquelle sitio, causa por huma parte grandes lembranças, & saudades da gloria aos contemplativos, & por outra parte o continuo crescer, & baixar das marès, o rolo do mar, a refaca das ondas, a vista de muy fermosos orizentes, a largueza d'aquellas immensas agoas, dà grande occasiã pera discorrer na immensidade do creator, & dizer com o Pro-

Cábo de Espichel, Caput Barbaricum.

^c
Pf. 92. n. 4.
Mirabiles
elationes
maris, mira-
bilis in altis
Dominus.

*Da habita-
cam q os
nossos aly
tinham.*

phéta, ^a *Mirabiles elationes maris, mi-
rabilis in altis Dominus.*

4 Pera este sitio de Valde-
derozal se veyo recolher o Pa-
dre Ignacio de Azevedo com
aquelle seu esquadrám de gen-
te apostada ao martyrio: há na
quinta algumas casas, humas
mais antigas, que já nella havia,
quando os Padres a comprã-
ram, que foy no anno de 1559.
outras que elles fizeram de no-
vo, a saber, hum dormitorio fi-
nho com doze cellas, pera os
Religiosos, huma capella muy
bem traçada, muy airosa, & ca-
pãs, por sy, & por suas tribunas
(a qual ajudou a fazer Martim
Gonçalves da Camara escrivam
da Puridade delRey Dom Se-
bastiam, por causa do muito que
seu irmám o Padre Luis Gon-
çalves gostava deste sitio, como
adiante veremos) tem esta ca-
pella tres altares, no meyo dos
quaes, no lugar que he como al-
tar mór, está hum retablo com
a imagem da Virgem nossa Se-
nhora da Assumpçam, & com
os anjos que a vam acompanhã-
do, tudo obra de esculptura,
feita de relevo por hum nosso
Religioso; á qual imagem fez
mais venerave, & respeytada
hum rayo, que em occasiám de
huma grande trovoadá, a que o
lugar he muy fogeito, em espe-
cial pela Primavera, & pelo Ou-
tono; o qual rayo despedido cõ
grande impeto da nuvem, veyo

furiosamente demandar a ca-
pella da Senhora, por ser aly a
casa mais eminente - (que sem-
pre os rayos com mayor força
férem os lugares mais altos) en-
trou este pelo espelho que se a-
bria na parede sobre o nicho,
em que fica o altar mór, & de-
cendo abaixo com a mesma fu-
ria, tanto que chegou ao reta-
blo da Senhora, dividindose em
dous, lhe derrubou as columnas
de huma, & outra parte, rompeo
a parede, assombrou o frontispi-
cio, chamuscou os pilares, & aos
mesmos anjos, que com as mãos
tocam na Senhora, defumou to-
do o ornato do retablo de hu-
ma, & de outra parte, ficãdo sò a
imagem da Virgem intacta, cõ
o mesmo lustre de seus cambiã-
tes, & matizes de ouro, de que
está vestida; como se este rayo
reconhecesse na Senhora o seu
verdadeiro Sol, & se desfizesse a
sy mesmo, por nam fazer mal a
tam sagrada imagem; tratando
de a cercar, & vestir à roda com
veneraçam, & nam de a inve-
stir, & cortar pelo meyo com
impeto; que até hum rayo in-
sensível sente o valor, & reco-
nhece o preço de huma imagẽ
d'aquella Senhora, a quem o di-
vino Sol melhor vestio, com
os melhores rayos da divinda-
de.

5 Nesta quinta se ajuntã-
ram com o Padre Ignacio de
Azevedo mais de sessenta com-

*Oitenta Re-
ligiosos se
ajutaram
em Valde-
rozal.*

*Milagre q
fez N. Se-
nhora por
ocasiám
de hum
rayo.*

panheiros seus, além de outros que também aly se alojavam, & esperavam pera hirem pera as ilhas terceiras, & da Madeira, pera promoverem as fundações d'aquelles Collegios; & como eram tantos, & o lugar muy apertado, necessariamente haviam de ser muitos os incômodos. Os noviços, que era a mayor parte daquelle bẽdito esquadrã, habitavam nas casas velhas, q̃ estã junto do dormitorio, que eram muy apertadas pera tanta gente: a cama era hũ pouco de mato, com huma cortiça. Foy tal a vida destes anjos, tal o fervor, & exemplo que causaram aos Padres professos, & antigos que aly se acharam, que todos se quizeram fazer noviços, & começar de novo a ser soldados; & em tudo seguir as ordens, & direçam de seu Mestre, & illustre Capitã Ignacio de Azevedo. Viviam todos em tam continua òraçam, & apertada mortificação, que parece lhes quiz o Senhor dar esta quinta de Valderozal, pera recreaçã do espirito, & pera ensayo do martyrio, da maneira que Christo b̃ Senhor nosso, nos vltimos dias de sua vida, se retirou com seus discipulos pera Ephrem, & aly esteve recolhido atẽ que veyo a Ierusalem a offerecer o corpo a cruz, & a alma a seu eterno Pav.

Todos quizeram ser noviços.

b
Ioa. c. II. n. 54. Abijt in regione iuxta desertum in civitate, quæ dicitur Ephrem, & ibi morabatur cum discipulis suis.

6 Era aly continua a òraçam diante do sanctissimo Sacramento, que tinham no sacratio que ainda hoje estã na capella: todos tomaram os exercicios espirituales de Sancto Ignacio, & em tudo procediam como os mais perfeitos, & apontados noviços da provincia, como largamente se contem na historia q̃ disto fez o P. Mauricio, confessor del Rey D. Sebastião, & Preposito da casa de S. Roque, a qual anda entre nòs escrita de mã.

7 No meyo deste aperto de vida, & contemplaçõens de cẽo, nam se esquecia o Padre Ignacio de Azevedo, com sua muita prudencia, de os recrear, & aliviar com sanctos alivios, & espirituales recreaçõens, fazendoos hir cada dia, ordenados em procissã, a huma cruz (que estã arvorada sobre hum outeiro defronte das casas) com Ladainha cantada, & o mesmo Padre Ignacio com o Padre Diogo de Andrade (que depois delle era o mais antigo) hiam diante entoando, & todos os mais Padres, & Irmãos se seguiam, respondendo: no cabo da qual, alguns daquelles bẽditos Irmãos, com vozes muy suaves, cantavam hum motete em louvor da sancta Cruz, concluindose este acto com alguns colloquios, emfim com a òraçam da sancta Cruz. D'aqui os

Como tratava o P. Ignacio de os aliviar.

levava tambem a outras cru-
zes, que tinha em certos luga-
res (que todas eram poucas, pe-
ra as muitas que desejava pade-
cer por seu creador)

*Levavaos
a ver o
mar, & pas-
sear pela
praya.*

8 Outras vezes atravessan-
do aquelles matos, subindo por
aquelles montes de arèa, os le-
vava a ver o mar Oceano,
com cuja vista se lhes acres-
centavam os desejos de se ver
já lidando com suas ondas, na
viagem tam esperada do Bra-
sil: decia com elles à praya,
pela qual (por ser muy fer-
mosa, muy larga, & muy
solitaria, & ter algumas fontes,
em especial huma muy gran-
de, & copiosa, que chamam a
fonte d'Adiça) havia occa-
sião pera, com mais alguma re-
ligiosa liberdade, se alliviarem,
passeando junto às ondas, co-
lhendo conchas, & apanhando
marisco: recreãdo-se muito com
a vista d'aquellas immensas a-
goas, com que d'ahi a pouco
haviam de misturar seu proprio
sangue, & levãtando d'aly o pen-
samento a considerar na immê-
sidade do creador.

9 Quem visse por aquelles
incultos matos, cubertos de tó-
jos, carrascos, & sylvados a-
quella luzida companhia de
anjos, aquella florido esqua-
drã de Serafins, com rezã
podia dizer que se comprira o
que Isayas ^c prophetizou, que
o deserto tinha florescido, &

^c
Isai. c. 3. n. 1.
Exultabit fo-
lru do, & flo-
rebit quali
lilia; ger-
mina s ger-
mina; t. &c.

que as selvas bravias, & as
terras maninhas tinham bro-
tado rosas, & produzido açu-
cenas de pureza, de mortifi-
caçam, de sanctidade; &
que àquella charneca, entam
melhor quadrava o nome de
Valderozal, pois tães rosas
nelle de novo brotãram, bran-
cas com a candura da pure-
za, & encarnadas com a pur-
pura do martyrio. Quem
visse aquelle purissimo reba-
nho de cordeiros, seguindo
a seu Pastor o Padre Ignacio
de Azevedo, bem entende-
ria, que ainda que andavam
por aquellas charnecas, tam-
bem eram da manada d'aquel-
le divino cordeiro, que nos
prados da gloria ^d se apascenta
entre lirios, porque tambem
entre os espinhos se dam rosas,
& nestes bemditos Irmãos as
flores da virtude supriam as açu-
cenas do paraíso.

10 Por espaço de sin-
co meses se deteve neste lugar
o Padre Ignacio de Azevedo,
com seus ditosos companheiros,
continuando sempre com esta
angelica vida, que me pare-
ceo appontar aqui, ainda que
muito por mayor (tirada do
que muy largamente, & muy de
proposito conta o Padre Mauri-
cio, como atrás appontamos)
pera com esta breve narraçam
advertir aos nossos Irmãos do
Collegio de Sancto Antãm, que

^d
Cant. c. 2. n.
16. Qui pas-
citur inter
lilia.

*Sinco me-
ses estive
ram em
Valdero-
zal.*

quando se acharem naquella quinta, & andarem por aquelles matos, saybam espiritalizar sua recreaçã, com as lembranças d'estes ditos Irmãos nossos, que com sua devaçã, & sancto exemplo abençoaram aquella quinta, & sanctificaram suas recreaçõens.

CAPITULO IX.

Embarcase o Padre Ignacio de Azevedo com seus companheiros pera o Brasil; chega á vista da ilha da Palma, onde com quarenta Religiosos foy morto por hereges, em odio da fé Catholica.

Parte se o P. Ignacio de Valderozal. pera Lisboa.



I CHEGADO o tempo da embarcaçã se passou o Padre Ignacio de Azevedo de Valderozal pera a casa de S. Roque, levantando seu arrayal, com o qual entrou pelo meyo da cidade de Lisboa, sendo pera todos hum novo, alegre, & devoto espectaculo ver tantos Irmãos juntos, os mais d'elles em corpo sem mantéos, ornados porém de grande modestia nos ólhos, composturas nas mãos, & humildade que

representavam nos aspectos: rebanho sem duvida de innocentes, offerecidos em sacrificio, & verdadeiramente dedicados, & escolhidos pera o cêo. Embarcouse o Padre em a não Sanctiago com quarenta, & quatro companheiros: em a não do Governador fez embarcar ao Padre Pedro Dias, com vinte & tantos, & ao Padre Francisco de Castro com os mais em a não dos Orfãos, assim chamada, por hirem nella muitos mininos orfãos.

Como repartio seus companheiros pelas nãos.

1 A quem houver de contar a historia d'aquelle tempo, lhe deixo, pera escrever por extenso, o que passou o Padre Ignacio de Azevedo com seus companheiros nesta viagem, porque na verdade sanctificou toda aquella não, com práticas, com musicas sanctas, com Ladainhas; de maneira, que no meyo da chusma dos marinheiros, na confusã de huma não, & metidos na perturbaçã das agoas do Oceano, conservaram todos, com grande pontualidade, os exercicios sanctos de Religiosos muy apontados, que tinham passado no retiro de Valderozal, que aõde o espirito nam se muda, sempre a vida he a mesma.

Como passaram o tempo da navegaçã.

3 Por me nam deter mais, & dar logo conta da dita morte d'estes bemitos Padres, & Irmãos, hirei abreviando

esta hitoria: chegaram à ilha da Madeira, & d'aly foy necessario à não Sãctiago, pera tomar carga, hir demandar a ilha da Palma, que he huma das Canarias, a que os antigos chamáram, *Fortunatas*, & ao menos pera esta ditosa cõpanhia foy ella muy bem afortunada, pois aqui tiveram a boa fortuna de alcançar a palma do martyrio. Bem previo o Padre Ignacio, com sua muita prudencia, o grande perigo a que se punham, em hir demandar aquella ilha, pelas novas que corriam de andarem muitos hereges cõfarios infestando aquelles mares, cuja preza era a vida, & fazenda dos Catholicos: advirtio elle isto aos companheiros, & dando franca licença pera ficar em terra, quem se não atrevesse a expor a tal perigo, quatro delles, como menos animosos, aceitãram o quarterel, os quaes vieram depois, por justos juizos de Deos, a perder, não são o martyrio na morte, mas tambem a vida na Companhia, da qual por suas faltas adiante foram despididos, permitindo Deos que faltasse a virtude pera viver religiosos, aos que lhe faltou o animo, pera morrerem martyres.

4 Tanto que detam a vela pera a ilha da Palma, começou logo o Padre a ani-

mar a todos pera o martyrio, como quem parece que tinha revelaçam do que lhe havia de soceder; estas eram suas praticas, estas suas jaculatorias ao cõo, estes eram seus continuos desejos; suspirando mais pela palma do martyrio, a que anelava subir, que pela cidade da Palma, que os mercadores hiam demandar; podendo dizer com o Esposo divino, *Ascendam ad palmam, & apprehendam fructus eius*, porque este era o fruto, este o ganho, & a mercancia, que hia buscar à ilha da Palma: & se he verdade o que ensina Sam Ioam^b Chrysofostomo, que o martyrio mais consiste no affecto de o suspirar, que no effeito de o possuir, & que entam n'elhor se alcãça, quando mais se deseja: bem podiamos affirmar que antes de os hereges matarem ao P. Ignacio de Azevedo, jã era martyr, pois tanto suspirava pelo ser; ficando desta sorte martyr duas vezes, hãa no desejo, & outra na obra.

5 Estando ja duas legoas do porto da ilha da Palma, se levantou hum temporal, que obrigou à não a vir tomar hum furgidouro, que està atrás da ilha, chamado Terçacorte, com intentos de esperar melhor tempo, pera poderem ferrar o porto da cidade da Palma. Aly desembarcou o Padre Ignacio de

a
Cant. c. 7. n. 8. Dixi ascendam ad palmam, & apprehendam fructus eius.

b
Chrys. in Ps. 95. Martirium nõ evētu tantum æstimatur, sed proposito, non cum martyr decollatur, tunc fit martyr, sed ex quo positum ostendit martirium.

Como o P. Ignacio de Azevedo previu o perigo a que se punhã.

de Azevedo com alguns de seus companheiros, & encontrou na praya com hum fidalgo principal, de nãçã Framengo, muy rico, & bem afazendado, que cõ elle se tinha criado na cidade do Porto; este nam sò o agasalhou a elle, & a seus companheiros com grande liberalidade, mas tambem o quiz persuadir que fosse d'aly com toda sua gente por terra, atè a Palma, que dista tres legoas, offerecendolhe todo o necessario pera o caminho, pelo grande perigo que havia naquelli paragem, por andar toda a costa coalhada de costarios heresges, que infestavam os màres, & matavam os Catholicos.

6 Esteve o Padre Ignacio de Azevedo ao principio muy duvidoso do que faria, mas hindo dizer missa, & encomendando a Deos o negocio, conforme seu sancto costume, sahio resolluto a hir por mar; que sem duvida nos persuadimos que foy isto sentimento divino, pela grande força com que o Padre assentou neste parecer de hir por mar até o porto da Palma; que d'esta resolluçã nam dependia menos que alcançar; ou perder a gloriosa palma do martyrio; donde tambem se deyxã ver quã encontradas sã as regras da prudencia hu-

mana com a disposiçã da providencia de Deos: tinha elle predestinados a estes seus servos pera entrarem no numero dos que por sua fé deramãram o sangue, & como Senhor absoluto de suas creaturas, por seus altos segredos, & profundissimos juizos (aos quaes Sam Paulo ^b chamou incomprehensíveis, & investiga-veis) quiz entã receber em holocausto suavissimo estes innocentes cordeirinhos, & assim poz firmissimamente no coraçã do Padre Ignacio de Azevedo, que deixãdo o caminho da terra, que era o seguro, tomasse o do mar tam perigoso, & isto com tam valente resolluçã, como se a divina inspiraçã mais o levasse arrebatado por força, & violencia, que attrahindo com suavidade, & brandura: que estas sã as violências, de que falla Christo, e nos que arrebatam o cèo, & esta a força com que Deos suavemente (como diz a Escritura ^d) dispoẽ o governo das criaturas.

7 Partida a não Sanctiãdo do surgidouro de Terçacorte, depois de fazer hum grande rodeo, pela Gomeira; em hum Sabbado pela menhã, ao romper da alva, se achãram como tres legoas à vista do porto da Palma. Andava entã por aquelles màres hum famoso Costario

*Teve occasiõ
siõ per a
hir por ter-
ra.*

*Resolveuse
em hir por
mar.*

^b
RdRo. c. 11
n. 33. Quã
incomprehē-
sibilia sunt
iudicia eius,
& investiga-
biles viæ
eius.

^c
Matt. c. 11.
n. 12. Regnũ
cælõũ vim
patitur, &
violenti rapiunt illud.

^d
Sap. 8. n. 1.
Attingit a fine, usque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter.

*Como encontrãram
com hũa
esquadra
de heresges*

Archeles chamado Jaques Sorin, herege Calvinista, o qual tendo vista da nao Sanctiago, metendo o pano todo, a veyo impetuosamente demandar, em hum poderoso galleam, muy bẽ artilhado, & com muita soldadesca, com mais quatro naos de guerra; defendendose os nossos com grande animo, esforçados pelo Padre Ignacio de Azevedo; o qual vendo o evidente perigo em que estavam, tirou fõra a sua imagem de Nossa Senhora de Sam Lucas (que estas eram as armas de sua espiritual milicia) & falãdo com seus queridos filhos em o Senhor, que estavam entoando as Ladainhas, os animou a morrerem pela fé que professavam: *Nam vedes irmãos, lhes dizia, quanto melhor sorte nos cabe, porque em lugar da terra do Brasil, tomaremos o porto no cõo, a que responderam todos em voz alta, Cumprase, Senhor, em nõs vossa divina vontade; aqui estamos aparelhados, pera dar mil vidas por vossa fe.*

Anima o P. Ignacio a todos seus companheiros.

He rãdida a nao Sanctiago.

8 Rendida finalmente a nao, posto que com grande resistencia, tanto que o maldito herege Jaques Soria soube que hiam nella prẽgadores pera o Brasil, perdoando aos mais, mãdou que morressem todos, fulminãdo a cruel sentença com estas palavras formaes: *Morrã estes Papistas, que vãm ao Brasil semear falsa doutrina: dada esta pri-*

meira sentença, na qual bẽ declarava, que a causa de os mandar matar, era o odio que tinha à fé Romana, instou logo a segunda vez, estando no mais alto da popa do seu galleam: *Lançay ao mar esses perros Iesuítas Papistas, inimigos da nossa religiã: nam esperãram mais os impios ministros, porque arremetendo logo àquelles manços cordeiros, lhes despiram as roupetas, dãdo muitos golpes, & feridas na cabeça aos que eram sacerdotes, & traziam coroa aberta, a outros corrandolhe os braços, & finalmente com furia infernal os lançãram ao mar.*

9 Ao Padre Ignacio de Azevedo, porque com a imagem da Senhora nas mãos, como pay, & pastor de todos, os estava com grandes vozes animando, hum herege lhe descarregou huma tam grande cutilada na cabeça, que lhe rompẽo o casco todo; mas nam bastava huma só ferida, ainda que tam penetrante, pera derrubar este forte guerreiro, aly esperou animoso, prẽgando com o mesmo fervor, atẽ que lhe deram tres lâçadas, com as quaes lhe atravessãram o peito, como se lho abrissem, pera que por aquelles tres buracos pudesse respirar o fogo d'aquelle coraçã abrazado: entã cahio, dizendo em altas vozes: *Sejam me os anjos, & os homens testemunhas, que morro por de-*

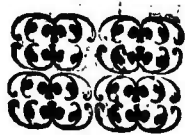
Morte que dãm os he reges aos Religiosos da Companhia.

Ferẽ mortalmente ao P. Ignacio de Azevedo.

fender a sancta Igreja Romana.

Ainda depois de cahido animava seus cõpõnheiros.

10 Cahio no cham, & estando quasi espirando, fallava, & animava seus companheiros, cõ estas notaveis palavras: *Filhos de minha alma, nam tenhaes medo á morte, agradecey ao Senhor, que vos dá tal animo, pera morrerdes por elle: assim fallava o bemdito Padre; assim animava a seus filhos, quando já se lhe arrancava a alma, que nam podia este grande capitam ter vida em sy, sem commuticar animo aos outros. Ditas estas palavras, espirou com IESV na boca, & cõ a imagem da Senhora nas mãos; que com esta candea na mão, nam podia deixar de hir muy bem allumiado, sahindo das trevas da morte, & entrando a gozar das luzes da eterna vida: hindo diante, como verdadeiro pastor, a descubrir, & apparellhar pera suas ovelhas os pastos perennes, nos campos da bemaventurança. Succedeo sua bemaventurada morte em 15. de Julho de 1570. tendo já da Companhia trinta, & cinco annos; que todos passou com raro exemplo, & summa edificacãm.*



CAPITULO X.

De algumas cousas admiraveis que succederam depois da morte do Padre Ignacio de Azevedo; & de como foy tido por martyr; & da obrigacãm, que lhe tem o Collegio de S. Anam.

1 **E** Deos nosso Senhor, como testifica o Propheta David, a admiravel em seus sanctos, porque muitos foram na vida prodigiosos, & outros atè depois de mortos fizeram milagres: algumas cousas succederam depois da morte do Padre Ignacio de Azevedo, que muitos julgãram por milagrosas; eu as apontarey aqui brevemente, deixando a censura d'ellas a quem melhor as poderá avaliar.

2 Na inquiricãm b autentica que temos em nosso poder, tirada em Coimbra no anno de 1628. (em rezãnt de sua canonicacãm, de que se trata) se articulou, como depois de ferido na cabeça, & alanceado no corpo, nunca lhe puderam os hereges afrancar das mãos a imagem da

^a Pf. 67. n. 36. Mirabilis Deus in sanctis suis.

^b Inquisitio- ne authent. ad artic. 8.

Nam lhe puderam tirar das mãos a imagem da Senhora.

Virgem sanctissima, & que com ella, banhada em seu sangue, foy lançado ao mar; que nam podiam mãos sacrilegas de hereges malditos tirar das mãos de tam forte capitão aquelle tam forte escudo, com que andava mais unido, que com sua mesma alma, pois lhe tiraram a vida, mas nam lhe arrancaram a imagem.

2 Permitindo a mesma Senhora, que aquelle seu sagrado retrato fosse regado com o sangue de tam grande seu devoto, ficando entam realçando melhor, & brilhando com mais graça a valentia d'aquella excellente pintura, a qual ainda que parecia desbotada com as cores de sangue de hum morto, nam se podia chamar pintura de morta color, porque aquellas cores mortaes mais vivamente representavam a vida immorttal, que no cèlo lograva aquelle ditoso varão, em companhia da Virgem Sanctissima, de quem está gozando nam em imagem, & em pintura, mas em realidade, & em verdade; nam entre as ondas do mar incerto, mas sobre as estrellas do firmamento: & se o amor (como diz a Escritura^c) he tam forte como a morte, aqui o amor do Padre Ignacio de Azevedo à Virgem sanctissima, ainda foy mais forte, & se mostrou mais valente, pois ainda depois da morte fi-

cou o Padre tam pegado com esta purissima Senhora, que podendohe tirar a vida do corpo, nam lhe podèram arrancar a imagem das mãos.

3 Da mesma a inquirição, & de outros papeis autenticos, que temos no cartorio de Coimbra, consta que lançado o bendito corpo ao mar, afferrado à sagrada imagem, o viram os Portugueses andar sobre as ondas por muito tempo, até que a não deo à vela; como se as ondas lhe servissem de cama. pera o receber, & nam de sepultura, pera o encobrir; esquecendo-se, parece, o mar de sua natureza, em soverter hum corpo, d'aquella hora morto; e como se com este obsequio quizesse a seu modo reconhecer a divindade da sagrada imagem, que levava nas mãos, trazendoa sobre suas ondas; & reverenciando, sendo insensiveis, a quem os hereges maltratavam, sendo racionaes; que na verdade nam podiam os máres deixar de reconhecer a Maria, que he a verdadeira Estrella, & Senhora do mar. E bem era que o pezo do corpo nam carregasse pera baixo, a quem pela ligeireza da alma sempre voou pera o alto; & que o mar sobre suas ondas recebesse em seu rolo a quem os anjos entre seus braços levãtaram sobre os cèos; aos quaes sobio este novo triumphante,

nam

Nota.

^c
Cant. 8. n. 6.
Fortis est
vt mors di-
lectio.

^d
Ex eadem
inquisitione
authentica
ad artic. 8.

Andou o
corpo so-
bre o mar.

4. Reg. c. 2. n. 11. Ecce currens igneus, & qui ignei divisa sunt ut in- que. & a cē- dit Elias per turbinem in cælum.

f In archivo Cunimbr.

Sobre as agoas con servou o si mal da cruz nos braços.

8 Cant. 8. n. 7. Aquæ multe non potuerunt extinguere charitatem.

nam em carro de fogo, como Elias, mas levado como em trono sobre as agoas do Oceano; nam queimando o fogo a hum Propheta tam zeloso, nem foveendo o mar a hum varã tam glorioso, servindo os elementos, aonde faltavam os homens.

4 Também acho escrito nos mesmos papeis, que contavam depois os Portuguezes, que aly se acharam, & escaparam cõ vida (porque os hereges sò mataram os que hiam prègar o Evangelho ao Brasil) contavam, digo aquelles Portuguezes, q̃ do castello da popa estavam vendo este lastimoso espectáculo, que viram muy claramente, que o bendito corpo nam sò andava sobre as agoas, mas com os braços em forma de cruz, sem a poder desfazer nem o rolo do mar irado, nem a braveza das ondas furiosas: como se nesta postura, ainda depois de morto, nos quizesse este sancto varã mostrar a cruz, que sempre vivera em seu corpo mortificado, a qual andava tam habitada em vida, que ainda a representava, ficando morto; que se as muitas agoas, como diz a Escritura, nam poderam extinguir o fogo da charidade ao Esposo, tambem nam poderam apagar o amor da cruz a Ignacio, na qual vivera crucificado, & pela qual morria lanceado; ficando ainda de-

pois da morte com aquella representaçam da cruz no corpo, em final que sempre a trouxera viva dentro n'alma.

5 Assim acabou a vida este muy esforçado, & glorioso Capitã Ignacio, brãdando, & prègando contra hereges; & a rezã pedia que morresse prègando hum tam insigne prègador da verdade: tomouo a morte entre hereges d'Arrochela, hindo empregar a vida entre gentios ao Brasil; achou mais perto o que hia buscar tam lãge; achou no caminho o que hia demandar no termo; que assim succede aos martyres, & aos sanctos, diz Tertulliano^h, que primeiro acham o cẽo pera o lograr, do que entrem no caminho, pera o demandar, *Christianis ante patet calum, quam via.* Foy morto por Calvinistas em odio da fé que prègava, & por aborrecimento que tinham à religiã Catholica, que o Padre professava; nem elle podia achar morte mais festejada entre os anjos, nem a temos mais prezada entre os homens.

6 Muito havia que dizer dos ditosos quarenta companheiros do Padre Ignacio de Azevedo, que todos com grandissimo animo desam liberalmente as vidas por seu creador, lançados tambem ao mar, os mais delles mancebos na flor da idade, & nos primeiros fervores da

h Tert. lib. ad-versus Gnosticos.

Foy morto em odio da fé.

Seus quarenta cõpanheiros tambem foram lançados ao mar.

Religiã, plantas ainda novas, floridas com as boas esperanças; rebanho de victimas tenras, innocentes na vida, cordeiros purissimos, anjos na castidade, abrazados no amor divino, os quaes lavaram suas estolas com a purpura de seu proprio sangue, misturado com as agoas do Oceano, dos quaes se fará a seu tempo a devida mençã, por quem continuar esta Chronica, que eu agora sò pretendi dar huma breve noticia do Padre Ignacio de Azevedo, por occasiã de me encontrar com elle neste anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & dous, em que vou contando as cousas do Collegio de S. Antã, no qual foy o primeyro Reytor. Lançaram tambem os hereges ao mar, com as mesmas afrontas, todas as reliquias, que levavam pera o Brasil; porque como o odio era cõtra a Religiã Catholica, ficavam estes infernaes ministros igualmente perseguindo o zelo dos prègadores vivos, & as memorias dos sanctos mortos.

7 Trata-se com grande calor da canonizaçã destes insignes confessores de Christo, posto que (como se prova da inquiriçã que se tirou, em ordẽ a sua canonizaçã, no 9. & 10. artigos) sempre foram na opiniã de todos avaliados, & julgados por martyres, & com este glorioso titulo os honrã mui-

tos, & muy graves autores, que aqui aponto à margem, & se referem no lugar citado de sua inquiriçã.

8 Entre os autores, que em seus livros impressos chamãram martyres a estes bemitos Padres, & Irmãos da Companhia, com seu illustre Capitã Ignacio de Azevedo, pòde ter o primeyro lugar o notavel testemunho da sancta Madre Teresa de IESV, a qual na mesma hora em que foram mortos pelos hereges, em quinze de Julho de mil, & quinhentos, & setenta, teve revelaçã deste successo, & o contou logo a seu confessor, que era o Padre Balthezar Alvares, varã sancto da nossa Companhia, dizendolhe que os vira todos no cèo com a coroa de Martyres: assim o conta Dõ frey Diogo¹ de Yepes, Religioso de S. Ieronymo, Bispo que foy de Tarragona, & confessor da sancta Madre Teresa de IESV, a qual revelaçã se acharã no livro terceiro, cap. 17. & muito cedo esperamos que terã o principal testemunho de seu martyrio, & canonizaçã pela sancta Igreja Catholica, & Romana, a qual me remeto, porque a ella pertence julgar d'estas cousas.

9 Este foy o primeyro Reytor do Collegio de Sancto Antã, que por ventura esta he a mayor gloria, entre as que

P. Luis de Gusmam.
P. fr. Luis de Sousa na vida de fr. Bertholameo dos Martyr.
P. Orland. hist. Societ.
P. Gordon. in chronol.
D. Rodrigo da Cũha.
P. Luis da Puente.
Ant. Blois de signis Ecclesiaz. F. Per. de Ribad.
P. fr. Pedro Caluo. Ant. de Vascoc.
P. Pet. Mas. Richardo Versegano.
E outros moitos.

Fr. Diogo de Yepes, in vita S. Maris Teresiz, lib. 3. c. 17.

Os hereges lançaram ao mar as reliquias, que hiam pera o Brasil.

inquisitione authentica supra citata.

Por ser primeyrol Rey de S. Antam de ve ser muy estimado.

^m
Lib. 1. Macha. c. 1. n. 1. Alexander Macedo, qui primus regnavit in Graecia.

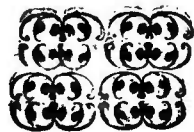
apontamos, d'aquelle Collegio; & como foy o primeyro no cargo de Reytor, ratabem deve de ser o primeyro na estima da pessão: porque sempre os homens prezaram muito a honra dos primeyros fundadores das suas cidades, & dos primeyros Governadores das suas provincias; Roma se preza muito de seu primeyro fundador Romulo, & de seu primeyro Emperador Cesar; o povo Hebreo se jacta com a virtude, & valentia do seu primeyro Rey David: no mundo todo foy muy afamado o grande Alexandre, o qual (como testifica a Escritura^m) foy o primeyro que reynou em Grecia; entre os Hespanhões he muy celebrada a memoria de Dom Pelayo, que foy o primeyro Rey, depois da destruição de Hespanha; & em Portugal he muy venerado o nosso primeyro, & felicissimo Rey D. Affonso Henriques.

10 Porém muita mais rezam tem o Collegio de Sancto Antam de se prezar, & de se honrar com o Padre Ignacio de Azevedo, que foy o primeyro na dignidade de Reytor, & nam teue segundo no exemplo da virtude; porque na verdade a todos estes Princepes, estimados por primeyros, levou a vantagem este primeyro Rey-

tor de Sancto Antam, porque podendo muitos d'aquelles achar occasioens, pera tirar vidas alheyas, nenhum a buscou pera dar a propria por Christo, como fez o Padre Ignacio de Azevedo; & nam há mayor charidade (como diz o Senhorⁿ) que dar a vida por amigos, nem há mayor façanha que soffrer a morte por Christo. E já que Deos nosso Senhor permitio, & foy servido, que nam gozassemos do precioso thesouro de suas reliquias (pois seu corpo ficou sepultado no Oceano) obrigam temos os deste Collegio de lhe festejar seu dia, & de solemnizar sua gloriosa morte, aproveitando nos da singular memoria de suas virtudes, pera que aonde nos falta a gloria de possuir seus ossos, tenhamos o merecimento de imitar seus exemplos.

ⁿ
Ioan. 15. n. 13. Maiorem hanc dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.

Obrigaçã, jã o Collegio de S. Antam ao P. Ignacio de Azevedo.



CAPITULO XI.

De outros Padres de muita virtude, que houve no Collegio de Sancto Antam o velho; & de como se tratou de fundar o Collegio novo; das muitas contradicoens que nisso houve; & como finalmente se venceram.

ISTE foy o primeyro Reytor do Collegio de Sancto Antam, & esta a mayor gloria que tem. Muito pudemos tambem dizer de outros Religiosos que nelle viveram, & morreram com grãde virtude, & exemplo, dos quaes, pelo tempo adiante se hirã dando conta: os tres primeyros, & principaes Religiosos, que floresceram naquella residencia, foram o Padre mestre Gonçalo de Medeyros, o Padre Micer Ioam Aragonês, & o Padre Ioam de S. Miguel. Do Padre mestre Gonçalo de Medeyros fallamos já por vezes ^a na primeira parte; & nam he bẽ que passemos d'aqui sem dar alguma breve noticia dos outros dous Padres, aos quaes tantas obrigaçoens tem

o Collegio de S. Antam.

2 O Padre Micer Ioam Aragonês, tinha sido Capellã das Infantes Dona Maria, & Dona Ioanna, filhas do Emperador Carlos quinto, o qual, por ordẽ destas serenissimas senhoras, tinha vindo acompanhando ao Padre Pedro Fabro até Toledo, quando vcyo a primeira vez a Hespanha; & neste caminho achou tanta suavidade, & gosto na sancta conversaçã do Padre mestre Fabro, que se movẽo a segui-lo até Alemanha, & finalmente a ficarse com elle na Companhia, & foy mandado a Coimbra, da maneira, que apõtey na primeira ^b parte. Foy este Padre hum grande servo de Deos, muy dado à oraçã, & muy applicado a procurar o bẽ das almas, em especial por meyo da sancta confissã, que posto que he occupaçã mais custosa pera o confessor, he meyo mais rẽdoso pera os penitentes: & como era homem de grande affabilidade, & de muy alegre, & sancta conversaçã, facilmente atrahia muitos a sy, & logo com sanctas traças, & bem engraçadas palavras os persuadia, que se confessassem: & tanto que colhia hum a seus pès, taes conselhos lhe dava, & taes cousas lhe dizia, que fazia com elle que trouxesse toda sua familia à confissã, & apos esta casa, trabalhava por trazer toda aquella

P. Micer Ioam Aragonês foy homem de muita virtude.

^b
1. p. lib. 1. c.
32. n. 3.

^a
1. p. lib. 1. c.
10. & lib. 3.
c. 31. & 32.

visinhança, & muitas vezes vinha a rua, & o bayrro todo: como bom mercador, que nam deixa perder lanço, em que nam procure ter novos interesses, aproveitando-se de qualquer sorte, pera entrar em maiores empregos, & sahir com melhores grangearias.

P. Ioam de S. Miguel foy varão de grande exemplo.

3 O terceiro Padre de grande virtude, & exemplo, que viveo, & floreceo neste Collegio nos primeiros annos, foy o Padre Ioam de S. Miguel, natural do Reyno de Galliza, o qual foy de Coimbra mandado pelo Padre mestre Simam, pera pregar em Sancto Antam, porque, além de ser homem de muy rara virtude, & grande espirito, foy pregador de muy insigne talento; & por isso o fruto era muito, porque a virtude era grande. Estando muy enfermo, lhe disse o Padre Micer Ioam, com as lagrimas nos olhos, que os Medicos desconfiavam já de sua vida; & elle com o semblante muito alegre lhe respondeo, que nam era aquella nova pera chorar, senam pera muito se alegrar; & pedio a todos, que o deixassem ficar sò, pera naquelles ultimos dias tratar só com Deos, como fez, com grande consolaçam de sua alma: & entendendo que se chegava a sua hora, entam pedio que

lhe entrassem os Padres, & Irmãos, pera se despedir d'elles; & diante de todos, tendo huma vèla benta na mão, fez huma protestaçam da fé, com palavras tam significativas, que parecia ver com os olhos o que nòs cremos pela fé: & perdendo pouco a pouco os sentidos pera as cousas d'esta vida, estando no ultimo artigo, adorou com grande devaçam o sanctissimo Sacramento, como se quando estava espirando, com este Senhor de novo respirasse.

4 D'elle se conta, que estando muy fraco, por causa d'esta enfermidade, & trazendolhe o sanctissimo Sacramento, se levantou de joelhos, & esteve tam direito todo o tempo, em que o Sacerdote esteve na cella, como se estivesse muy valente; sendo tal d'antes sua fraqueza, que nem fallar podia; dandolhe, sem duvida, novas forças aquelle Senhor, que nam sò he o viatico dos que morrem, mas tambem he o alento pera os fracos. Estes bemitos tres Padres, Gonçalo de Medeyros, Micer Ioam, & Ioam de Sam Miguel, foram com as tres pedras fundametaes do Collegio de Sancto Antam, aos quaes devemos o que hoje logramos, nam só porque el-

Devaçam que cinha ao Sanctissimo Sacramento.

les plantaram, & regaram o que vemos tam acrescentado; senam porque com seu bom exemplo, & grande edificação n'os ganharam o bom nome, que alcançamos nesta cidade de Lisboa, aonde pelos procedimentos do Sancto Padre Francisco de Xavier, & Mestre Simam Rodrigues; & pelo zelo, & perseverança destes tres Padres, começou, & continuou o nome, que nos deram de Apostolos, que sabemos estimar, mas nam podemos merecer. Foram estes tres Padres sepultados hum junto do outro, na capella mór de S. Antam o velho, ficando juntos nas sepulturas, os que foram tam semelhantes nas virtudes.

5 Outros Religiosos houve no Collegio de sancto Antam o velho, de costumes antigos, & de procedimentos sanctos; o mesmo posso dizer do Collegio novo, cuja fundação porey aqui brevemente, por concluir com as cousas deste Collegio, deixando a noticia mais larga, pera quem continuar com esta Chronica. A rezam que houve pera se fazer esta mudança pera sancto Antam o novo (deixando o sitio em que estavam), que ainda hoje se chama S. Antam o velho) foy, porque como o Cardeal D. Henrique tinha tomado o titulo

de fundador, quera acrecetar o Collegio e numero de fogeitos, & em grãdeza de edificio, de maneira, q' parecesse obra digna de tal autor; porẽm o sitio do Collegio velho, alẽ de ser muy apertado, nam era capaz de se poder estender mais; & assi tratou de bulcar lugar accõmodado, pera se fazer hũ novo edificio, cõ doze classes de Latin, hũ curso de Artes, hũa liçam de Casos, & outra de Mathematicas: escolheose pera isto o sitio e q' hoje estamos, jũto a S. Anna, & logo se cõpraram algũas moradas de casas, & el Rey D. Sebastiam no anno de 1578. passou hũapro visam pera q' a Camara nos desse no cãpo de S. Anna hũ pedaço de terra, que agora nos serve de cerca.

6 Tomada a resolução por parte do Cardeal Infante, tendo asẽtado no sitio, & havida a provisam real, pera nos darẽ aquelle pedaço de cãpo, hindo os Vreadores a demarcalo, pera nos começarmos a cercar, eis q' se arma cõtra nõs o bayrro do curral, q'ali estã, persuadindose q' cõ a visinhãça dos nõs, os lãçariam d'aquelle seu alojamento: ajudavaos valentemete o P. Cõfessor das muy religiosas Madres de S. Anna, q' tãbe por seus particulares respeitos, tratavam, por via de seu conservador, de impedir esta obra; & na verdade o reverẽdo P. Cõfessor ou era muy zeloso, ou ãdava muy colerico, por-

*Temos grã
des obriga
ções a es-
tes tres Pa-
dres.*

*Rezoens, q'
houve pe-
ra a mudan-
ça de S. An-
tam o ve-
lho.*

*Resistências
que houve
na posse da
cerca.*

q̄ nenhū vagar nos dava, & tão q̄ aly chegavam os nossos cō os Vreadores, apparecia logo no mais alto do cāpo, & começava a fulminar escommunhoēs, sem cessar, até q̄ os Vreadores se retiravam. Ao som das censuras do P. Confessor, se meneavam as armas da soldadesca do curral, q̄ era muita soma de pedradas, de q̄ jugavam alegremēte: facilmente se retiravam os da Camara, & obedeciam às escommunhoēs do P. Confessor, porq̄ de muito má vōtade nos vinham dar esta posse, & assim se recolhiam todos, hūs fugindo das cēsuras, outros guardandose das pedradas.

7 Parouse por entam na posse da cerca, parecendo nos q̄ convinha dissimular cō a gente do bayrro, & com as escommunhoēs do P. Confessor. Cō tudo no anno de 1579. sendo já Rey o Cardeal D. Henrique, & sendo Reytor o Padre Christovam de Gouvèa, se lançou a primeira pedra do edificio, quasi em segredo, por atalhar contradicōens, & embargos, que antes de começar a obra facilmente a empedē, mas depois de principiada, posto que cansem, & molestem, já a nam pōdem derrubar. Aqui entam se reforçaram de novo as contradicōens, porque como a traça do Collegio era muy grãdiosa, & o tempo estava apertado, por causa da perda de Africa, houve tantos zeladores

no povo, q̄ se deo por obrigada toda a Camara da cidade de Lisboa, a hir junta pedir a elRey, q̄ parasse com aquella obra; persuadidos que demādava mais de quatrocentos mil cruzados, & que elRey os dava da Coroa, julgando que seriam mais bem empregados em resgates de cativos em Africa, que em obras de hum Collegio em Lisboa. Porém tudo isto eram mēras imaginaçōens do povo, que talvez falla nas cousas nam como costumam ser na verdade, mas como se lhe representam na imaginaçam; porque nem a obra demandava tantos milhares de contos, nem elRey nos dava cousa alguma da Coroa; quanto mais que os Reys nam se perdem pelo que dam a Deos, mas pelo que lhes leva o diabo: porém nam he esta a primeira vez, que os seculares deram por mal empregadas as esmōlas feitas aos Religiosos: & nem por haver contradicōēs semelhantes, convem cessar em obras de serviço divino, porq̄ as perseguiçōēs acabã, & os edificios perseveram.

8 Continuavam as murmuraçōens, mas nam parava o edificio: serviam as queixas, mas cresciam as obras; pera o que ajudou muito acharem dentro do sitio huma grande pedreira, que servia pera a alvenaria, & tambem acharam

Resiste a cidade de Lisboa á obra do Collegio

Lança-se a primeira pedra, renovam-se as contradicōens.

Vam as obras por diante.

Como a obra crecia no meyo das perseguicoens.

Continua a resistẽcia do P. Confessor.

arêa, que tudo foy de grande proveito; como se, quando os homens nos perseguiam, a mesma terra nos favorecesse, desfazendose a sy mesma pera fazer crescer a obra. Em quanto o edificio hia continuando, trataram os Padres de tornar a tomar a posse do campo pera a cerca, sem a qual, como disseram ao serenissimo Rey Dom Henrique, nam havia que tratar de fazer Collegio; quiz elle acabar o negocio por bem, & sabendo a grande resistencia, que havia da parte do Reverendo Confessor das Madres de S. Anna, o mandou chamar, pera o aquietar, & persuadir, que nenhuma cousa perdia aquelle Convento com a vishnança dos Padres da Companhia; porêm elle, por escusar occasiã de lhe fazerem dar seu beneplacito, se escondêo, & nam acodio ao recado de sua Alteza, nem quis fazer-nos por graça o que se nos devia por justiça; mas o tempo lhe mostrou, que estes seus zelos eram em vãõ, porque sem lho agradecer, viemos a tomar a posse, deixandolhe a elle a mào, & ficando nõs com a cerca; posto que entam tornamos a dissimular, por alguns respeitos que pera isso houve, porque sobreveyo a morte del Rey D. Henrique, a peste que houve em Lisboa, & a entrada dos Ca-

stelhanos neste Reyno.

9 Estando porêm tudo já quieto, as guerras compostas, a peste acabada, & o Reyno pacifico, cuydaram os Padres de Sancto Antam, que tambem estariam acabadas as resistencias d'aquelle bayrro, & esquecidos os zelos do Padre Confessor: foram logo com officiaes, & mais petrechos necessarios, pera se vallarem, & cercarẽ; senam quando em começando a por as mãos á obra, soa hum repique dos sinos das Madres de Sancta Anna, negoçado pelo Padre Confessor, & (como se fosse hum sinal de guerra, dado pela centinela q̃ estava na torre da vigia) acodio logo ao som toda a infãteria do bayrro do curral, cõ as armas, que facilmente lhes ministrava o officio que tinham, & o furor q̃ levavam; tornam a jugar das pedradas, com tanta coragẽ, que foy necessario outra vez largar o campo, & deixar a cerca, porque nem elles se queriam aquietar com rezõens, nem nõs lhe queriamos por força resistir.

10 Sahio neste comenos por Presidente da Camara de Lisboa Dom Pedro d'Almeyda, filho de Dõ Lopo d'Almeyda, & de D. Antonia Hêriques, o qual D. Pedro d'Almeyda andara na India muitos annos, e tinha sido Capitam de Damam, & foy á China, & ẽ todas estas occasiões

Novas resistencias cõtra a obra da cerca.

Grandes obrigaçoens, q̃ temos a D. Pedro de Almeyda.

as teve muy boas pera conhecer o zelo com que os Padres da Companhia naquellas partes servê a Deos. Vindo a Portugal, correo sêpre cõ a Cõpanhia, cõ grãde amifade, fundada na boa opiniã, q̃ concebêra de nosos procedimentos. Era este fidalgo de muy nobre cõdiçã, era pessoa de grãde autoridade, bẽ quisto, & amado de todos; & alcançando com sua muita prudencia, de quanto serviço de Deos era esta obra do Collegio de Sancto Antam, nam sò pelas escholâs, que aly haviamos de ter, & mais ministerios, que se haviam de exercitar, senam tambem por haver de ser aquella casa o commum hospicio, & como escala dos gloriosos missionarios, que quasi todos os annos manda esta Provincia pera a India, aonde elle tinha sido testemunha de vista, dos grandes serviços de Deos, que os da Cõpanhia lá faziam; movido por estas rezoens este illustrissimo Presidente, tomou muito à sua conta esta obra; elle em pessoa acodia ao campo do curral, & chegava a tomar a enxada na mãõ pera nos abrir os alicesses do muro da cerca, tal era a amifade que nos tinha, & tam grande a confiança que mostrava; & na verdade pessoas illustres autorizam as acçoẽs mais humildes, & he privilegio de verdadeiros fidalgos,

*Notaveis
mostras de
amor à Cõ
panhia, q̃
dava Dom
Pedro de
Almeyda.*

serem em semelhantes obras muy confiados.

II A vista de tal pessoa, do qual, como de Presidête da Camara, tanto dependiam os moradores do Curral, começaram a cessar as pedradas, & finalmente parte por força, com que effectivamente os ameaçava, parte com brandura, com que os obrigava, se veyo a mitigar o furor daquella gente; os quaes sem duvida se enganavam em cuydar que pretendiamos desalojalos do seu bairro, porque ainda hoje aly continuam, sem os desalojarmos delle, como a imaginaçã lhes representava; tambem as muy religiõsas Madres se vieram aquietar, & o tempo lhes ensinou, que nada perdêram com nos ter por bons vizinhos. Do Padre confessor nam sey nada, mas tambem devia de seguir o parecer dos mais, cessando com suas excommunhoens, às quaes, segundo he de crer, só o movia, nam a paixã contra o nosso Collegio, mas o zelo pelo seu convento. Tendo em toda esta boa paz tãta parte este gravissimo fidalgo D. Pedro d'Almeyda, ao qual, e a seus illustrissimos descêdentes sempre confessarẽmos muy grãdes obrigaçoẽs: vendo-se bem neste successo, quanta efficacia tem a presença de hum varãõ autorizado, pera aquietar hum povo furioso.

Como se acabaram as resistências.

Tambẽ as Religiosas se aquietaram.

Da mudan-
ça pera S.
Antam o
novo.

12 Continuaram d'aly por diante as obras, & no anno de 1593. em 8. de Novembro nos mudamos pera o Collegio novo, aonde entam havia sessenta Religiosos, todos pertencentes ao dito Collegio, alem de dez, ou doze, que em Almeirim assistiam acompanhando o corpo del Rey Dom Henrique, que estavam á conta do Collegio de S. Antam (& nam á conta do d'Evora, de que tambẽ era fudador, por quãto S. Antam estava sã dividida nenhũa, tẽdo muitas naquella tempo o Collegio d'Evora) & alem de tres, que estavam sempre na residencia de Valderozal. Porẽn como o Rey que era o fundador nos morreo nos primeiros fervores do edificio, & a traça era tam sumptuosa, foy necessario quasi parar com tudo, atẽ o presente; esperando alguns tempos mais favoraveis, em que nos possamos livrar do que devemos, & do que nos devem, & levar adiante o edificio, que se chegar a se acabar, serã hum dos mais grandiosos de toda Hespanha.

13 O mais que resta do Collegio de S. Antam, ficarã pera se contar pelo tempo adiante; agora entraremos a referir os successos do anno de 1553. começando pela hida do P.

Luis Gonçalves a
Roma.

CAPITULO XII.

Vay a Roma, em nome desta Provincia, o Padre Luis Gonçalves da Camara, sobre alguns negocios de muita importancia; a pontam se as cartas que le vou del Rey.

1 **E**Ntramos com este capitulo no anno de 1553. em o qual já se contavam 14. da Companhia, & logo no principio deste anno trataram os Padres de mandar a Roma hum Religioso de autoridade, que desse conta a nosso fundador S. Ignacio do estado em que ficavam as cousas desta Provincia, depois que o Padre mestre Simam Rodrigues deixara o governo d'ella, & pera diante de sua Sanctidade acodir a alguns negocios de importãcia da mesma Provincia, e especial sobre o mosteiro de Sam loam de Longavares (que el Rey nos tinha dado, como dissemos na primeira parte, & se moviam duvidas nas bullas da uniã) & tambem sobre a Igreja de Sam Martinho de Alvored, porque como della nam tinhamos atẽ aquelle tempo mais que a no-

Occasões,
q houve pe-
ra o P. Lu-
is Gonçal-
ves hir a
Roma.

1. par. lib. 3.
c. 29.

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Companhia
14.

1. p. lib. 1. c.
39. a n. 7.

Desejava
el Rey sa-
ber ascou-
sas de S.
Ignacio.

meçam, estava esta annullada, & cassada pelo Papa Julio terceiro, & era necessario acodir em Roma a esta renovaçam, & revalidaçam da graça concedida pelo Papa antecessor, que foy Paulo terceiro. Pera isto escolheram o Padre Luis Gonçalves da Camara, irmão do Conde da Calhera, de quem por vezes fallamos na primeira parte, pessoa em quem concorriam todos os bons talentos, de letras, de autoridade, de virtude, pera poder levar semelhante embaixada.

2 Ajustou se muito esta resoluçam dos Padres com os pensamentos, & desejos dos serenissimos Rey, & Infantes de Portugal, que summamente desejavam mandar a Roma huma pessoa muito de seu seyo, que notasse, & advertisse todas as açcoens de nosso Patriarcha S. Ignacio, porque como era tam notavel a opiniã, que pelo mundo corria da sanctidade, & prudencia deste admiravel varã, desejavam muito aquelles piedosissimos Princepes, saber ao certo da conversã do Sancto, de suas milagrosas visitaçoens, de seus gloriosos trabalhos, & dos mais intimos segredos de sua vida: pera isso encommendaram com grande cuydado ao Padre Luis Gonçalves, de quem faziam toda a confiança, que lhes puzesse em lembrança tudo o

que advertisse, & notasse em varã tam sancto, o que o Padre Luis Gonçalves comprio muito a risca, porque escreveo hum diario muy comprido, que tivemos em nossas mãos, no qual aponta, dia por dia, tudo o que via fazer a este grande servo de Deos, era materia de particular consolaçam, & sancta curiosidade assim ver a miudeza com que o Padre Luis Gonçalves notava estas cousas, como porque nam fazia o Sancto açcam alguma, ainda das mais ordinarias, em que nam tivessemos muito que aprender.

3 Lévou nesta occasiã o Padre Luis Gonçalves cartas de grande favor, & abonaçam da Companhia, & de sua pessoa, q lhe deo o benignissimo Rey, das quaes porey aqui algumas tresladadas das que temos no Cartorio de Coimbra, pera que vejamos a opiniã que este grande Principe tinha de nossa Religiã, & entendamos o amor com que tratava nossas cousas, & d'aqui tiremos a rezã que temos de corresponder a semelhantes obrigaçoens; primeiramente escreveo sua Alteza ao
Papa Julio terceiro a
carta seguinte.

O P. Luis
Gonçalves
apontava
todas as ac
çoens de S.
Ignacio.

Anno de
Christo de
1553.

56

Anno da
Companhia
14.

CARTA DELREY
Dom Ioam o terceiro,
pera o Papa Iulio ter-
ceiro, em que lhe en-
commenda a Com-
panhia, & o Pa-
Luis Gon-
çalves.

Carta pera
o Papa Iu-
lio III.

4 **M**VITO sancto em Christo Padre, & muito bemaventurado Senhor: o vosso devoto, & obediente filho Dom Ioam, por graça de Deos, Rey de Portugal, & dos Algarves, daquem, & dalem mar, em Africa, senhor de Guiné, & da Conquista, navegação, commercio, Echiopia, Aràbia, Persia, & da India, &c. com toda humildade envio beijar seus sanctos pés. Muito sancto em Christo Padre, & muito bemaventurado senhor. O Padre Luis Gonçalves da Companhia de IESU, vay communicar com o Padre Mestre Ignacio de Loyola, Preposito geral da dita Companhia, algumas cousas della, pera bem de seu regimento nestes Reynos. Pelo muito fructo que os Padres da dita Companhia tem feito, & fazem nestas partes, & nas da India, Brasil, & Guiné, & pelo bom exemplo que de sy atégora tem dado, me obrigam aos favorecer no que posso, & pedir a vossa Sanctidade, como peço muito por merce, que em tudo

que a dita Companhia por necessario, & lhe o P. Luis Gonçalves pedir pera bem della, neste Reyno, reciba de vossa Sanctidade graça, & merce, porque se conseguirá d'isso animas. & esforçalos, pera que tam sancta obra, & de tam sancto serviço de Deos, vá sempre em crecimento, como de tam bons, & sanctos principios se espera, porque, segundo sou informado de meus Capitaens, & Governadores, que naquellas partes da India, & Brasil tenho, de muito fructo que nas almas se faz per meyo da dita Companhia, parece que nosso Senhor nellas renova a forma da primeyra Igreja, de que vossa Sanctidade deve dar muitas graças a nosso Senhor, como eu faço. Muito sancto em Christo Padre, & muito bemaventurado Senhor: Nosso Senhor por muitos tempos conserve a V. Sanctidade em seu sancto serviço. Escrita em Lisboa em 30. de Janeiro de 1553.

5 Nam se contentou o serenissimo Rey com esta tam affectuosa carta, que em abonaçam da Companhia, & recommendaçam do Padre Luis Gonçalves, escreveu ao Papa Iulio terceiro, senam que tambem escreveu outra com o mesmo affecto a hum Cardeal, de sua confidencia, que devia de ter entrada cõ S. Sanctidade, a qual porey aqui da maneira que a temos no cartorio do Collegio de Coimbra, posto que lhe falta já o sobre escrito, & por isso nam me consta quẽ era este Cardeal.

Tambẽ escreveu el-Rey a hum Cardeal.

CARTA DELREY Dom Ioam o terceiro pera hum Cardeal, fobre a mesma materia.

6 **R**everendissimo em Christo Padre, que como irmao muito amado. Eu Dom Ioam, por graça da Debs, Rey de Portugal, & dos Algarves, da quem, & da leem mar, em Africa, senhor de Guiné, & da Conquista, navegação, commercio de Ectiopia, Arabia, Persia, & da India, &c. vos envio muito saúdar. He tam grande o fructo, que os Padres da Companhia de IESU, nestes Reynos, & Senhorios tem feito na salvação das almas, & he tam grande a esperança que se tem, que por tam grandes principios se seguirão muitos proveitos, & ajudas pera alcançar o verdadeiro fim, que me pareceo cousa muito devida dar disso conta a sua Santidade, como faço, & a vós rogo vos muito, que pois a obra he tal, & parece bem inspirada pelo Spirito sancto, e ajudeis com sua Santidade, pera que favoreça as cousas da dita Companhia, que será occasião, pera com novas forças perseverarem, & nam cansarem em obra tam sancta, & tam necessaria à Religião Christã.

7 E porque o Padre Luis Gonçalves, da dita Companhia, vay a esta Corte, pera as requerer, vos rogo mui-

to, que no que de minha parte vos disser, & pedir (assim em acrescentamento de graças espirituas, como em lhe a u-
dar a negociar as cousas, que pera sustentação da dita Companhia sam necessarias, especialmente nos mosteiros de S. Ioam de Longavares, & S. M artinho d' Alvaredo) lhe deis inteiro credito, porque he pessoa, de cuja virtude, letras, & prudencia muito confio, no que receberey de vós singular prazer. Reverendissimo em Christo Padre, que como irmao muito amado, nesse Senhor vos haja sempre em sua sancta guarda. Escrita em Lisboa, 30. de Janeiro de 1553.

R E Y.

8 Era neste tempo (como dissemos na primeira parte) embaixador na Corte de Roma Dom Affonso de Lancaastro, Commendador mór da Ordem de Christo, & Alcaide mór da villa de Obidos, o qual era sobrinho d'elRey, por ser filho de Dom Dinis de Lancaastro, & neto do Duque de Bragança D. Fernando o segundo, & da Infante D. Isabel, irmã delRey D. Manoel, pay delRey Dõ Ioam o terceiro; era este illustrissimo fidalgo, como tam parente delRey, muy affeioado à Companhia, & nos tinha feito na Corte de Roma muito bons officios, em alguns negoços de importancia, como foy na união do mosteiro de Longavares, que, como appontamos na primeira

Par. 1. lib. 3
c. 15.

D. Affonso de Lancaastro, embaixador em Roma, temoshe muita obrigação.

Lib. 3. c. 35.
n. 5.

parte,

Quanto el Rey procurava o bẽ da Companhia.

Anno de 58
Christo de
1553.

Anno
C^opanh
14.

parte (por carta tambem d'el-Rey Dom Ioam) estava quasi perdido, & de novo o ficamos devendo a este excellentissimo embaixador; como tambem fez muito na nova revalidaçam da Igreja de Sam Martinho de Alvaredo. E como agora levava o Padre Luis Gonçalves alguns negocios, pera tratar com sua Sanctidade, & agenciar na røta, tambem quiz sua Alteza encõmmendar ao seu embaixador nam menos os negocios da Companhia, que a pessoa que os hia solicitar: diz a carta desta maneira.

CARTA DELREY Dom Ioam o terceiro, pera o Commendador mør, & embaixador em Roma.

Carta pera
o Embaixador em
Roma.

Honrado Commendador mør, sobrinho, & amigo: eu elRey vos envio muito saudar: o Padre Luis Gonçalves, da Companhia de IESU, vay a essa Corte requerer negocios, que cumprem á sua Religiã, de que vos darã conta, pera os quaes terã necessidade de vossa ajuda, & favor, que nelle serã bem empregado, assim pelo que toca á Companhia, como por sua pessoa, em que há muitas partes, que se devem estimar, como d'elle sentireis. Estes Padres fazem muito

fruito, & sam de muito bom exemplo, & doutrina; atègora tem dado de sy muito boas mostras, prazerà a nosso Senhor, que com sua ajuda, proseguirã em seu serviço; & por estas cousas, & pela devaçam que lhes tenho, vos quiz encõmmendar seus negocios: muito vos røgo, que além das precedentes, por meu respeito o trateis bem, ajudando em seus requerimentos, que receberey de ser assim muito prazer, & contentamento. Escrita em Lisboa a 29. de Janeiro de 1553.

R E Y.

10 Estas sam as cartas deste muy piedoso, & benignissimo Rey, nas quaes bem mostra o grande amor, que tinha a toda a Companhia, & a boa opiniã, que formava de nossas cousas; & tambem nos poderã servir de grande confusã, se nam correspondermos hoje com os procedimentos d'aquelles nossos primeyros Padres, a cuja virtude devemos tam grandes favores, que nos fazia, & tam singular conceito, que de nõs tinha.

11 Porèm, porque quem muito ama, por mais que faça, sempre lhe parece que deve mais; nam se contentou o serenissimo Rey com escrever a Roma ao Padre sancto, ao Cardinal, & ao seu Embaixador, senam que tambem deo cartas ao Padre Luis Gonçalves, pera todos os potentados, por cujas

Escrevèõ
tambem a
elRey de
França.

terras

terras havia de hir, pera que em todas achasse boa passagem; de todas estas cartas, que tenho em meu poder, porey somente a que escreveo a elRey de França Francisco de Valloes, porque será de muito prazer pera os curiosos, & pera nós de muita consolaçam.

CARTA DELREY
de Portugal, pera el-
Rey de França, so-
bre o Padre Luis
Gonçalves.

Carta pera
elRey de
França,

12



MUITO alto, muito poderoso, & christianissimo Principe, irmám, & primo:

eu Dom Ioam, por graça de Deos, Rey de Portugal, & dos Algarves, daquem, & dalem mar, em Africa, senhor de Guiné, & da Conquista, navegaçam, commercio, Ethiopia, Arabia, Persia, & da India, &c. vos envio muito saudar, como aquelle que muito amo, & prezo. He tam grande o fructo, que os Padres da Companhia de IESU nestes Reynos tem feito, assim na boa instrucçam dos Christãos, como na conversám dos infieis, em todas as partes sujeitas a elles, & he tam grande a esperança, que se tem de q̃ por tam grandes principios se siguam muitos proveitos, & ajudas, pera alcançar o verdadeiro fim, que me movem a procu-

rar com muito cuydado, com que tam sancta obra, & de que nosso Senhor tanto mostra ser servido, vá cada vez em mayor crescimento; & porque, pera effeito d'isto, o Padre Luis Gonçalves da dita Companhia (de cuja virtude, letras, & procedimentos confio) vay ora a Roma, pera praticar com o general d'ella algumas cousas necessarias pera o governo da dita Religiám nestes Reynos, vos peço muy affectuosamente, lhe mandeis dar salvo conducto, pera poder fazer seu caminho, sem nelle lhe ser posto impedimento algum, o que receberey de vós em muito singular prazer. Muito alto, & muito poderoso, & Christianissimo Principe, irmám, & primo, nosso Senhor haja sempre vossa pessoa, & real estado em sua sancta guarda. Escrita em Lisboa a 29. de Janeiro de 1553.

Vosso bom irmám,
& Primo, &c.

CAPITULO XIII.

Escreve tambem nesta occasiám a Roma o serenissimo Cardeal Infante a alguns Cardeaes, sobre o Padre Luis Gonçalves; chega elle àquella cidade, & do que passou com sancto Ignacio.

1



ESTAS sam as cartas d'elRey Dom Ioam o terceiro, q̃ vieram a nossa no-

Anno de
Christo de
1553.

60

Anno d.
Copa
14.

Escreve
tambem o
Infante
Cardeal.

noticia, as quaes escreveo nesta occasiã da hida do Padre Luis Gonçalves a Roma; & como neste tempo o Infante Cardeal Dom Henrique estivesse já mudado de opiniã, em novas cousas, & nos tivesse cobrado grande amor, quiz tambem, como bom irmã, ter parte nestas recommendaçoes do Padre Luis Gonçalves, escrevendo a seguinte carta a hum Cardeal de sua confidencia, que tambem nam sabemos ao certo, quem foy, porque o papel, em que temos a carta, nam conserva já o sobrescrito.

CARTA DO INFANTE DOM HENRIQUE, PERA HUM CARDEAL, EM QUE LHE ENCOMENDA O PADRE LUIS GONÇALVES.

Reverendissime in Christo, & Illustrissime Domine, Dominationi colendissimæ humillimè me commendo.

2



Ludovicus Gonçalves frater Societatis IESU ad curiam Romanam proficisceretur, eum sine meis ad Reverendissi-

mam Dominationem Vestram iuris venire nolui, tum ut eum ipsi vehementer commendarem virum nobilem, & virtutis nomine commendatum, mihi- que probatum; tum etiam ut apud ipsam testaretur ex huiusmodi Societatis fratrum sanctis moribus, constanti virtute, & indefessa quadam in ijs omnibus, qua ad animarum salutem pertinent, diligentia, postquam ea Societas apud nos fundata est, uberes, & insignes fructus consequutos esse: nec mode in hoc Lusitania Regno ipsorum pietas viget, sed ad extremam usque India, imperiumque Sinarum, novumque orbe longè lateque se diffudit ac propagavit. Porro ipsorum virtutem cum ipse saepe aliàs multis documentis perspetam habeo: tum maximè hoc tempore expertus sum, quia ipsorum familiaritate (propter Collegium, quod in eiusdem Societatis usum, in civitate Eboræ construendum duxi) frequentius uto: quicquid igitur gratia, favoris, benignitatis suæ in istum Ludovicum, atque adeo in universam horum regnorum fratrum Iesu congregationem Reverendissima Dominatio Vestra contulerit, velim sibi persuadeat id meritis ipsorum facturum, mihi- que id ipsum pro eo singulari studio, animique propensione, qua eosdem amplector, fore gratissimum. Cetera quæ ad eiusdem Societatis bonum, incrementumque spectant (de quibus fusius cum ipso Ludovico egi, idem melius, commodiusque Reverendissima Dominationi vestra exponet, quam obrem ijs scribendis supersedendum duxi: eamque oro, ut fidem integram eidem adhibere digne-


tur.

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Companhia
14.

tur. Reverendiss. Domin. V. in Christo
Deus conservare dignetur. Vlyssipone
die 26. Januarij. anno 1553.

Esta carta do Infante Cardeal
tresladada em Portugués , diz
assim.

3 OMO o Pàdre Luis
Gonçalves da Compa-
nhia de IESU se
partisse pera a Corte
Romana , nam quiz que fosse sem
cartas minhas pera vossa Reveren-
dissima Senhoria , assim pera lho en-
commendar muito , por ser homem
nobre , & virtuoso , de quem tenho
experiencia , como tambem pera eu
testemunhar a vossa Reverendissima
Senhoria os grandes proveitos , que se
tem alcançado pelos costumes sanctos
dos Padres da Companhia de IESU ,
& pela incançavel diligencia , que
poem em todas as cousas , que per-
tencem ao bem das almas , desde
tempo , que a Companhia se fundou en-
tre nós . Nem só no Reyno de Por-
tugal florece sua piedade , mas tam-
bem se estende até o mais remontado
da India , & ao Imperio da China ,
& até o novo mundo . E eu tenho em
muitos casos experimentado sua vir-
tude , & em especial neste tempo , pe-
la familiaridade mais frequente , que
com elles tenho , por causa de hum
Collegio , que edifiquey na cidade de
Evora , pera uso da mesma Compa-
nhia .

4 Por onde , toda a graça.

& favor , que vossa Reverendissima
Senhoria fizer ao dito Padre Luis
Gonçalves , & a toda a Congrega-
çam , dos Irmãos da Companhia ,
nestes Reynos , quizera que se per-
suadisse , que elles o merecem , &
que isto mesmo me será agradavel ,
conforme o singular amor , & afe-
cto da alma , com que os amo . As
demais cousas , que pertencem ao
bem , & acrescencamento da mes-
ma Companhia , as quaes mais lar-
gamente tratey com o mesmo Padre
Luis Gonçalves , elle melhor , &
mais commodamente as praticará a
a vossa Reverendissima Senhoria , &
por isso me pareceo escusado escreve-
las , a quem peço que lhe queira
dar inteiro credito . Guarde Deos a
vossa Reverendissima Senhoria . Em
Lisboa , vinte de Janeiro de mil , & qui-
nhentos , & sincoenta , & tres .

5 Outra carta achey pe-
ra outro Cardeal , que tambem
aqui apontarey , com a mesma
advertencia , que me nam con-
sta quem fosse este Cardeal ,
por quanto a carta ja
nam conserva o
sobrescri-

to.

(?)

Testemu-
nho do Car-
deal Infan-
te , nas cou-
sas da Cõ-
panhia .

CARTA DO mesmo Cardeal Infan- te, pera outro Car- deal.

Reverendissimo senhor.

VENDO agora d'este Rey-
no Luis Gonçalves, Ir-
mão da Companhia de
IESV, a essa Corte,
pessoa de muito credito, & virtu-
de, quiz por elle escrever a vos-
sa Reverendissima Senhoria, pera lhe
muito encommendar, & pedir,
que em suas cousas, & negocios o
queyra favorecer, & ajudar com
sua autoridade, porque, além de elle
o merecer, nam menos o merecem os
Irmãos da dita Companhia, que
nestes Reynos com seu virtuoso exem-
plo, & sanctas obras, & cuy-
dado continuo da salvação das al-
mas, tem feito, & fazem muito
grande fructo; & de assim vossa Re-
verendissima Senhoria, por meu res-
peito o haver por bem, receberey
grande contentamento; & porque
do mais dará conta a vossa Reve-
rendissima Senhoria, hey por escu-
sado fazelo nesta, & lhe terey em
merce quererlhe dar inteeyro credi-
to. Reverendissimo senhor, vossa
Reverendissima pessoa, & estado re-
bi Deos em sua guarda. Em Lisboa
vinte de Janeiro de mil, & quinhem-

tos, & sincoenta, & tres.

Servidor de vossa Reveren-
dissima pessoa, &c..

6. De todas estas cartas, q
aqui apontey, & de outras que
deixo, porque contem quasi o
mesmo, se ve muito bem o con-
ceito que as pessoas reaes, neste
tempo, faziam dos procedimen-
tos da Companhia, que nam
podiam deixar de ser quaes ne-
sta Chronica himos appontan-
do, pois tinham taes abonado-
res.

7. Com estas boas recom-
mendaçoens, chegou a Roma o
Padre Luis Gonçalves da Ca-
mara, entregou as cartas, & foy
muy bem recebido do Papa, do
Embaixador Dom Affonso de
Lancastro, & de todos os mais,
pera quem levava cartas; di-
ligenciou, com todo o cuyda-
do, os negocios d'esta Pro-
vincia; & teve grandes occa-
sioens pera tratar muito de per-
to ao glorioso Patriarcha S. Ig-
nacio. Mas pera que se veja o
espirito deste grande Sancto,
& os diversos caminhos por on-
de tratava a seus subditos, pera
mais os provar, & exercitar,
ainda quando eram mais in-
signes, & dotados de melho-
res talentos, pera d'esta ma-
neira os fundar em verdadeira
humildade, nam deixarey de
contar como se houve o sancto

Chega a Ro-
ma o P.
Luis Gon-
çalves.

varam,

varam, nos primeiros tempos, com o Padre Luis Gonçaves, & foy, que depois de o receber, & festejar, no primeiro encontro de sua chegada, d'ahi por diante, por espaço de tres meses, lhe nam fallou, nem tratou com elle cousa alguma, antes o provou com penitencias, & graves mortificaçoens, como foy, entre outras, de o fazer huma vez estar em circulo sete horas da noite, sempre em pè, & em silencio.

8 Porém achandoo finalmente perfeito Religioso, & tam bem provado, fez d'elle particular confiança d'aly por diante, admitindoo a huma familiaridade tam continua, tam sancta, & secreta, que cada dia, a certas horas, se recolhia com elle a tratar de cousas do céo; & aqui teve o Padre Luis Gonçaves excellentes occasioens, pera tomar particular noticia, & conhecimentos muy inteyros da admiravel vida do sancto Patriarcha; do modo que Deos tivera em o reger, & encaminhar, até o chegar a fundar a Companhia; dos carceres, & perseguiçoens, que padecera; das peregrinaçoens, que fizera, & de tudo o mais, que os devotissimos Princepes deste Reyno desejavam saber, aos quaes muy em particular avisava o Padre Luis Gonçaves. Deste tam intimo trato ficou nosso sancto P.

tam satisfeito da virtude, & capacidade do P. Luis Gonçaves, que logo se quiz ajudar de seu governo, fazendo superior da casa professa de Roma, no qual cargo se houve com tanto exemplo, com tal prudencia, & tam estremado zelo da observancia das regras, & edificaçam dos nosos, que o mandou por Visitador a Portugal, como veremos adiante, no anno de 1556. & na congregaçam geral, que d'ahi a pouco se celebrou, foy eleito por Assistente do segundo Preposito geral de nossa Companhia, como veremos em seu lugar.

9 E nõs por agora deixemos ao P. Luis Gonçaves logrando por hum pouco os muitos favores, que lhe fazia o nosso glorioso Patriarcha, porque o mais de sua vida diremos adiante, quando o trouxermos de Roma por Visitador a Portugal: agora fallaremos no Padre Ieronymo Nadal, que S. Ignacio mãdou por Commissario geral a esta Provincia, pera nella publicar as Constituiçoens, que tinha feito, pera governo de toda a Companhia.

(?)

CAPITULO XIV.

Como neste anno de 1553. se publicaram por ordem de sancto Ignacio no Collegio de Sancto Antam as constituicoens da Companhia; E do grande contentamento, que mostrou elRey de as ver; dassel- las huma breve noticia.

NAquelles primeiros dias da criaçã do mundo, antes de Deos criar o Sol (q he o Principe dos Planetas, & como diz S. Ambrosio^a, he o olho do mudo todo, alegria do dia, & graça da natureza) nam estava o mundo às escuras, havia huma luz, da mesma especie que a do Sol na substancia; mas muito differente nos accidentes, a qual ou era huma nuvem resplandecente, como querem^b muitos autores; ou era huma luz immediatamente produzida de Deos, como mais provavelmente sentem outros^c Doctores: nam era tam fermosa, nem tam resplandecente como a luz do Sol, mas muito bastante pera

lançar do mundo trevas, & desterrar escuridades; porque de outra maneira nam poderia haver distincam do dia, & da noyte, divisam das trevas, & da luz; sendo assim que a Escritura d testifica, que houve tres dias distintos (antes do quarto, em que o Sol foy criado) & que Deos^e dividio a luz das trevas.

2 Da mesma maneira, antes de nosso glorioso Padre, como hum Sol vivo, espalhar pelo mundo os fermosos raios de suas sanctas Constituicoens, nam estava a Companhia as escuras, porque tambem havia luz de regras, ainda que nam tam resplandecente: governavamse pelas ordens, pelas leys, & pelas cartas, todas de hum mesmo espirito, que o sancto Padre mandava de Roma pelas Provincias, que já entam pelo mundo tinha a Companhia, dandolhes a forma, & o estylo, por onde se haviam de governar; que sempre na substancia foy a mesma, que hoje guardamos.

3 Porém no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & tres, em que agora himos nesta Chronica, sahio este novo Sol à luz do mundo, com a fermosa luz do instituto da Companhia, já impresso, & em forma

que

^a Ambros. in exam. lib. 1. cap. 1. Como se governava a Companhia, antes de haver Constituicoens.

^b Ita Alenf. 2. p. q. 46. mēbr. 5. a. 1. Bonau. in 2. dist. 13. a. 1. q. 1. & alij.

^c Basil. Theodo. & alij cū Mol. de opere sex dierū disp. 7. & Soar. de opere sex dierum. lib. 2. c. 2. & 3.

^d Gen. c. 1. n. 13. Et factū est vespere, & manebat tertius.

^e Gen. 1. n. 4. Divisit luce à tenebris.

Como sahiam as Constituicoens da Companhia.

aprovei-
veitouse
dos outros
institutos.

que se pudessem por em execu-
çam suas sanctas Constitui-
çoens: as quaes nosso sancto
fundador tinha, com grande
cuydado, composto, vendo pri-
meiro os institutos, & regras de
todas as sagradas Religioes que
nos vam diante; recolhendo
como abelha do ceo de todas
as flores das demais ordens,
o licor mais precioso, & o or-
valho mais puro, & que ma-
es lhe quadrava, & dizia com
o espirito a q̃o Senhor o guia-
va; posto que a fonte prin-
cipal, aonde mais se lhe
communicou a graça divina,
cujos effeitos se vem nas con-
stituiçoens da Companhia, foy
a fervente oraçam, na qual
seu sancto costume era tratar
com Deos o em que tinha al-
guma duvida, communican-
do tudo miudamente ao autor
de todo o bem, & pedindo
com lagrimas a divina sabi-
doria, lhe declarasse o que
mais convinha neste institu-
to, pera seu sancto nome ser
nesta nova Religiã mais ex-
alçado. Desta fragoa, & des-
ta forja de amor de Deos, sa-
hiram as armas das regras, &
instituto da Companhia, com
que esta nova soldadesca, em sua
espiritual milicia, peleija contra
o commum inimigo de todo
bem.

uxu46. Pera este effeito de
se haverem de publicar as con-

stituiçoens, mandou o sancto
Patriarcha a Portugal o Padre
Mestre Ieronymo Nadal (na-
tural da Ilha de Malhorca,
pessoa muy assinalada na Com-
panhia, em virtude, letras, &
prudencia, & experimentado
em governo) com titulo de Cõ-
missario de Hespanha. Posse o
Padre a caminho, vemse direito
a Portugal, dà conta aos Padres
Diogo de Mirãm, & a Miguel
de Torres, seu collateral, da
importancia do negocio a que
vinha. Ajuntaramse logo em
Lisboa no Collegio de Sanc-
to Antam os principaes Padres
d'esta Provincia, & com gran-
de consolaçam de todos se le-
ram as constituiçoens, admi-
randose da novidade de espiri-
to, da luz divina, da grande
uniã, & charidade, em que
nosso sancto Patriarcha funda-
va a Companhia, pintando o
seu instituto com tam vivas co-
res de virtudes, com tam bel-
los esmaltes de toda a perfei-
çam, que bem mostrava ser tu-
do inspirado por aquelle Se-
nhor, a quem Sanctiago chama
pay das luzes. Aceitaram estes
padres, como cousavinda do ceo,
tam sanctas leys; & pera que ti-
vesse parte nellas hum Rey, a
que se deviam todas, assentaram
nesta congregaçam, que o mes-
mo Padre Commissario com o
Padre Miguel de Torres, & o P.
Provincial Diogo Mirãm, lhas

Epist. Cat. c.
2. n. 17. Des-
cendens a
patre lumi-
num.

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Cõpanhia
14.

Quantoel-
Rey esti-
mou ver
as consti-
tuições.

fossem offerecer, pera que o seu gosto fosse dobrado, quando entendessem que o mesmo Rey que procurara a approçã da Companhia pelo Papa, agora lhe approvava o instituto, ordenado pelo seu Patriarcha.

5 Nam se pôde com poucas palavras explicar a grande consolaçã, & singular satisfaçã, que mostrou este religiosissimo Rey, & senhor nosso, com ver, & com ler por sy mesmo, & fazer que lhe lessẽ tam sanctas ordens, & constituições, nam menos novas, que admiraveis: a mesma satisfaçã mostraram os serenissimos Infantes Dom Luis, & o Cardeal Dom Henrique, quando as leram; porque por huma parte viam as regras da Companhia tam parecidas com as das outras sagradas religioens, & por outra as consideravam tam diversas; de maneira, que tendo a sustancia dos votos, vinham a ser tam diferentes nos accidentes das regras; & sendo o vestido no exterior commum, o modo da vida era tam singular; g ordenado que de tal maneira professassem os da Companhia, que atẽ nam fazerem a ultima profissã solemne, a primeira fosse bastante pera os fazer verdadeiros religiosos, porẽm que os votos fossem simples; tendo a primeira profissã todo o valor pera obrigar os subditos h a Religiã,

mas faltandolhe a solemnidade pera em tudo obrigar a Religiã aos subditos: a qual solemnidade da profissã ordenava que se nam dẽsse, senam depois de largas h experiencias, a homens de virtude approvada, & de letras conhecidas; porque desta maneira ficasse a porta aberta pera a Companhia poder despedir aquelles que julgasse que lhe nam convinham, em quanto nam faziam a profissã solemne, & assim se conservasse pura, & continuasse sancta.

6 Admiravase de ver a prudencia com que o Sancto acodio às grandes desordens, que ordinariamente succedem entre communiidades, por causa de votos, & de bandos, ordenando o Sancto como se haviam de fazer as eleiçoens em Roma, com a paz, & quietaçã, que muitos nos envejam, & todos nos louvam; obrigandose os professos com voto particular, de nam procurar dignidade alguma, pera de todo fecharem todas as portas à ambiçã, porque esta he tam sutil, que entra por qualquer greta; & he tam poderosa, que arromba os mais fortes baluartes da Religiã, nem perdõa aos mais asperos cilicios: antes, como diz S. Ambrosio, a muitos, que veneram grandes vicios, fez a ambiçã viciosos; & ficando vencedores da luxuria, fiçãram segeitos à vaidade.

f
Constitut.
So ieraris.
Exam. cap. 1
n. 5. Exam.
c. 1. n. 6.

g
Vide Soar.
to. 4. de Re-
lig. lib. 4. c. 1
n. 8. & 13. &
to. 4. de Re-
lig. lib. 3. c. 3
à n. 2. & ita
definit Gre-
gor. XIII in
bulla Ascen-
dente Dño.
Exam. c. 4.
n. 2.

h
Parte 4 c. 4.
5. 5.

h
Const. Soc.
Exa. c. 1. §. 8.
Exa. c. 1. §. 8
& par. 4. in
proximo A.
& par. 6. c. 3
§. 1. & par.
10. §. 7.

Como S. Ig-
nacio des-
terrou da
Cõpanhia
a ambiçã.

i
Const. p. 6.
cap. 5.
Const. p. 10.
§. 6.

Ambr. sup.
Luc. 1b. 3.
Quos nulla
potuit mo-
vere luxu-
ria, nulla ava-
ritia subruere,
facit em-
bitio crimi-
nosos. &c.

Parte 6.c.5.

m
Exod.c.19.
n.16,

Engrandecia a brandura, & charidade^l em que o Sancto fundava toda a Companhia, pois sendo tantos seus preceitos nam os apregoava como antigamente no monte^m Sinay ao som de espantosos rayos, horrendos trovoadas, & medonhos coriscos, cõ terror de preceitos, que obriguẽ a peccado, nem ainda venial, senam com espirito de charidade, cujas leys quanto mais brandas, tanto mais poderosas, esperando dos subditos que guardariam suas constituicoens com fidelidade de filhos, & nam com medo de servos.

n
Pa.3.c.1.S.7

7 Pasmava de ver a grande disposiçam, & perfeiçam da pobrezaⁿ da Companhia, que admitindo rēdas em commum, nunca permitia uso de cousa alguma, como propria, por pequena que fosse, em particular; & ordenando, o que os Collegios tivessem rendas pera os estudantes, mandava que as casas professoras vivessem p.de esmolas pera os professos; & assim às casas, como aos Collegios, & a todos os da Companhia prohibia, cõ humia sancta izença, que nam pudessem tomar estipendio algum por missas, pregaçoens, liçoens, & todos os mais ministerios da Companhia, ainda que viesse com titulo de esmola.

o
Exa.c.1.S.3

p
Par.19.S.5.

q
Exa. .1.S.3
& par.6.c.2.
S.7.

que posto que em outras sagradas Religioens sanctamente se permite, com tudo na Compa-

nhia o nam quiz admitir sancto Ignacio, porque como he Religiã, cujo fim todo consiste em procurar a salvaçam dos proximos, quiz que, r como diz Christo, lhes dessemos gratis o q gratis recebemos, pera que com melhor vontade nos demandassem aquelles, que com mayor obrigaçam buscamos: & pera que com mais liberdade, & edificaçam dos proximos, podessemos exercitar nossos ministerios; tẽdo por preço de nossos trabalhos, o bem, & o praveito de suas almas; que nem pòde ser mayor, nem nõs o queremos melhor; & entam nos damos por mais satisfeitos de nossos empregos, quando nos vemos mais empregados no serviço das almas, escolhẽdo por premio o trabalho, & por satisfaçam propria o praveito alheyo.

8 Tambem louvavam muito a pureza angelica, em que este purissimo Anjo fundava a Companhia, querendo de seus filhos, que ainda que eram homens por natureza, fossem anjos na castidade, aos quaes diz s, que procurem imitar na limpeza do corpo, & na pureza da alma; que parece ser a Companhia aquella nova, & angelica familia, de que falla Sam Ieronymo na Epistola à Virgẽ Eutochio: *Filius Dei ingressus super terram, novam sibi familiam instituit, ut qui ab angelis adorabatur in celo,*

r
Exa.c.1.S.2
Mat.c.10.n
8. Gratis accipistis, gratis date.

s
Par.6.c.1.S.
1.& in sum
n.28.

t
Hier.ad Eutoc.1.Epist.
22.c.9.

Christo de 1553.

Companhia 14.

u Parte 3. c. 3. §. 23.

x Constitut. Soc. Iesu. Ex. m. c. 1. §. 12. & c. 4. §. 16. & p. 4. c. 3. §. 3. & p. 5. c. 1. n. 3.

y Niceph. lib. 9. c. 14. item Pall. d. in vita eiusdem.

z Plin. natur. hist. lib. 8. c. 10. De em arnis gestare in utero, vulgus; Aristoteles biennio.

haberet angelos, & in terris, &c. que vem a dizer, que o Filho de Deos foy autor de huma Religiã nova, & angelica de castos, pera que assim como era adorado de anjos no cèo, fosse tambem servido de anjos na terra. Pois a obediencia, que o Sãcto^u fundador quer em seus filhos, he tam cèga, & tam perfeita, que nam sô demanda de seus subditos, que tenham vontade prompta pera obedecer, mas tambem entendimento cativo, pera nam discorrer.

9 Entre outras cousas em que o sancto varãm singularizava a Companhia das outras sagradas Religioens, era na criaçam^x dos noviços, porque aonde os outros se contentavam cõ hum anno de noviciado, na Cõpanhia, mandou que houvesse tres, como ordenou S. y Pachonio, ensinado por hum anjo, a seus discipulos, como se conta em sua vida. Dous d'estes annos se tem logo em entrando na Religiã, & o terceiro depois dos estudos acabados. Dos Elephantes contam^z os naturaes, que andam dous annos no ventre de suas mãys (posto que outros ainda lhe dam mais annos) mostrandose nesta detença a grandeza da obra, & a maravilha do tal parto, porque como a natureza criou a este espantoso animal, pera levar grandes cargas, pera sustentar torres de ar-

mas, pera guerrear, & invadir exercitos armados, & pera ler affombro de todos os animais, ordenou, como tam prudente, que se detivesse mais do ordinario nas entranhas de sua mãy, pera que aly ganhasse forças cõ que pudesse ao diante soffrer os trabalhos, nam se acanhar aos pesos, & desprezar difficuldades.

10 Trouxe Deos a Companhia ao mundo, nam pera estar sempre recolhida no claustro, retirada no deserto, & cantando no choro; sua vocaçãm he pera discorrer^a pelo mundo todo, conversando com os hereges mais pertinazes, tratando com o peccador mais dissoluto, entrando por toda a parte, por perigosa que seja, a confessar, prégando a Gentios, disputando com Luteranos, lidando com barbaros, em braços com os perigos do mundo todo; & lutando com as mayores difficuldades, ás quaes necessariamente estam sogeitas empresas tam gloriosas, & occupaçoens tam apostolicas: & assim era muy necessario que os filhos da Cõpanhia, antes de sahir a campo a desafiar tantos trabalhos, ganhassem primeiro forças nas entranhas da mãy, dentro dos noviciados: tomãdo tambem delles neste tempo seus superiores largas experiencias, & intimos conhecimentos, que por isso o

Rezãm por que ha na Cõpanhia tres annos de noviciado.

2 Const. pa. 6. c. 3. n. 5.

Os Religiosos da Companhia estã tam sogeitos a muitas difficuldades.

Const. in Ex-
am. c. 1. §.
13. & p. 1. c.
4. §. 1.

noviciado se chama casa de provaçam, e porque nella, com maduros exames, nos provam os superiores, approvando os bons, & reprovando aquelles que entendem, que nam poderam ao diante servir a Deos, & ajudar a Religiam.

11 Estas, & outras muitas confas, nam menos novas, que sanctas, & admiraveis, via, & nam acabava de louvar, o piedosissimo Rey nas Constituiçoens da Companhia; & cobrando novo conceito, & acrescentando selhe o respeito ao edificio tam sancto, & ao seu Architeto tam divino, fez novos offerecimentos aos Padres, que nam pararam em palavras, mas logo se viram nas obras, nas reaes mercés, que de novo fez ao Collegio de S. Antam, em hum juro, que lhe deo, & em grandes ajudas de custo; & na fundaçam, que logo tratou, da casa professã de Sam Roque, a quem logo lâçaremos a primeira pedra, à vista do B. P. Francisco de Borja.

12 Publicadas as Constituiçoens em Lisboa, se foy logo o Padre Commissario a Evora, a onde estava começado o Collegio, & d'aly a Coimbra, publicando em os dous Collegios as Constituiçoens, como tinha feito em Lisboa, cõ grãde consolaçam dos Padres, & Irmãos desta Provincia, como em seu lugar veremos.

CAPITULO XV.

Da admiravel carta de obediencia, que neste anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & tres, escreveo S. Ignacio a esta Provincia de Portugal.


1 **N**ESTE mesmo anno de 1553. enviou nosso sancto Padre Ignacio á Provincia de Portugal aquella admiravel carta da obediencia, na qual o Sancto com vivas cores, pintou hum singular retrato do verdadeiro obediente: a occasiã que houve pera nosso glorioso Patriarcha mandar esta carta à Provincia de Portugal, foy, porque como neste anno se publicaram nella as Constituiçoens, & a obediencia he a virtude mais necessaria a hum religioso, & a que ordena o subdito á inteira guarda das regras de seus superiores, quiz o Sancto dispor seus subditos, pera a perfeita observancia de suas leys, com lhes mostrar o caminho real da verdadeira obediencia: a qual carta particularmente remeteo á Provincia de Portugal, porque como o Sãcto

Christo de
1553.Rezoens, q
houve pe
ra S. Igna
cio reme-
ter a car-
ta de obe-
diencia a
Portugal.

Julgava tam altamente desta excellentissima, & soberana virtude, & queria deixar por escrito, & como em testamento, os sentimentos, que della Deos lhe tinha communicado, escolheo principalmente a Provincia de Portugal, a quem deixasse tam rica herança; porque como naquelle tempo esta Provincia era a mais copiosa em numero de fogeitos, & a mais bem fundada, por causa da liberalidade do serenissimo Rey Dom Ioam, & do Infante Dom Henrique seu irmão; & era como a fonte donde tantas Provincias se tinham dirivado, pera Hespanha, pera a India, & pera o mundo novo; & em fim, a que mais entam avultava no mudo, entre todas as da Companhia, quiz nella, como em morgado, encabeçar, & avincular esta preciosissima joya da carta da obediencia: a qual, ainda que he tam estudada, & sabida de cõr de todos os Religiosos desta Provincia, & lida cada mes em comunidade por toda a Companhia; com tudo eu a quero aqui estampar, assim porque costume referir nesta Chronica algumas cartas, que achei do nosso glorioso fundador, como porque he o mais admiravel, & erudito tratado, que em breve, sobre a obediencia, jamais se compos, que assim o confessam todos os que d'ella tiveram al-

guma noticia; & pera que melhor gostem d'ella os leytores, a tresladarey de Castelhana na nossa lingua Portuguesa, com a qual sempre melhor nos entendemos.

CARTA DE NOS- so Padre sancto Igna- cio, pera os Padres, & irmãos da Compa- nhia, em Portugal, da obediencia.

2  Summa graça, & amor eterno de Christo nosso Senhor vos saude. & visite, com seus sanctissimos doens, & graças espirituaes. Amen. Nunca consolacãm me causa, Irmãos charissimos, em nosso Senhor IESU Christo, entender os vivos, & efficazes desejos, que de vossa perfeicãm, & seu divino serviço, & gloria, vos dà aquelle, que por sua divina misericordia vos chamou a este instituto, & nelle vos conserva, & encaminha ao bemaventurado fim, aonde chegam seus escolhidos. E ainda que em todas as virtudes vos desejo toda a perfeicãm, he verdade (como tereis de mim outras vezes ouvido) que na obediencia mais particularmente, que em nenhuma outra, me dá Deos nosso Senhor desejo de vos ver assinalar, nam sòmente pelo singular bem, que nella hà,

que

Anno de
Christo de
1553.

^a
Greg. 1 b. 35
moral. c. 12.

^b
Ad Phil. c. 2
n. 8.

Querida o
Sancto, q
os do Com
panhia se
afinalem
na obedi-
encia.

^c
Luc. cap. 10.
n. 16.

Parte segunda. Livro quarto. Cap. XV.

71

Anno d.
Companhia
14.

^d
Matt. c. 23.
n. 2. & 3.

Havemos
de reconhe-
cer a Chris-
to nos su-
periores.

^e
Ad Ephes. c.
6. n. 5. & 6.

que tanto na sagrada Escriitura com
exemplos, & palavras no testamento
velho, & novo, se encareces mas porque
(como diz Sam Gregorio ^a) Obediē-
tia sola virtus est, quæ cæteras
virtutes menti inserit, insertasq;
custodit. E em quanto esta florecer,
todas as demais florecerám, & darám
o fruto, que eu em vossas almas desejo,
& o que pede aquelle, que remio o
mundo por obediencia, perdido por f. il-
ta della. ^b Factus obediens usque
ad mortem, mortem autem cru-
cis.

3 Poderemos sofrer que outras
Religioens nos levem ventagem em je-
juns, vigílias, & outras asperezas, que
cada huma dellas sanctamente, segundo
seu instituto, guarda; com tuda na pu-
reza, & perfeçã da obediencia com
a verdadeira resignaçã de nossas von-
tades, & abnegaçã de nossos juizos,
muito desejo, Irmãos charissimos, que
se afinalem, os que nesta Companhia
servem a Deos nosso Senhor, & que ni-
sto se conheçam os filhos verdadeiros
della, nunca olhando pera a pessoa a
quem se obedece, senam nella a Christo
nosso Redentor, por quem se obedece.
Por tanto, nem porque o superior seja
muito prudente, nem porque muito san-
cto, ou calificado em quaesquer outros
doens de Deos nosso Senhor, senam por-
que tem suas vezes, & autoridade, de-
ve ser obedecido, dizendo a eterna Ver-
dade: ^c Qui vos audit, me audit,
& qui vos spernit, me spernit.
Nem, pelo contrario, pela pessoa ser
menos prudente se lhe há de deixar de
obedecer em o que he superior, pois re-

presença a pessoa daquelle que he infal-
livel sabedoria, que suprirá o que falta
a seu ministro: nem por ser falto de bõ-
dade, & outras boas qualidades, pois
expressamente Christo nosso Senhor,
rendo dito, ^d Super cathedram
Moysis sederunt Scribæ, & Pha-
risæi, acrecenta, Omnia ergo quæ-
cunque dixerint vobis, servate,
& facite, secundum opera verò
eorum nolite facere.

4 Assim que todos quera vos
exercitasseis em reconhecer em qual-
quer superior a Christo nosso Senhor,
& reverenciar, & obedecer nelle a sua
divina Magestade, com toda a deva-
çã, o que vos parecerá menos novo, se
considerardes, q S. Paulo, ainda aos su-
periores temporaes, & Gencios, manda
obedeçã como a Christo, de quem de-
ce todo o poder ordenado: como escreve aos
Efesios. ^e Obedite Dominis car-
nalibus cum timore, & tremore,
in simplicitate cordis vestri, si-
cut Christo, non ad oculum
servientes, quasi hominibus pla-
centes, sed ut servi Christi faci-
entes voluntatem Dei ex ani-
mo, cum bona voluntate serviē-
tes, sicut Domino, & non homi-
nibus. D aqui podereis inferir, quan-
do hum Religioso toma a hum nam só-
mente por superior, mas expressamente
em lugar de Christo nosso Senhor, pera
que o guie, & governe em seu divi-
no serviço, em que grão o deve ter em
sua alma, & se o deve olhar como a
homem, ou nam, mas como a Vigário
de Christo nosso Senhor.

5 Também desejo, que se afinem

muico

Anno de
Christo de
1553.

72

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
14.

pela obe
diencia se
hade entre
gar a von
tade.

f
1. Reg. c. 15
n. 22.

g
Greg. lib. 35
moral. c. 12.

h
Cassia. Coll.
4. c. 20.

muito em vossas almas, que he muy
baixo o primeiro grão da obediencia,
que consiste na execuçam do que se mã-
da, nem merece o nome, por nam che-
gar ao valor desta virtude, senam se
fobe ao segundo de fazer sua a vontade
do superior: de maneira que nam só-
mente haja execuçam no effeito,
mas tambem conformidade no af-
fecto, com hum mesmo querer,
& nam querer. Por isso diz a
Escriptura, que: Melior est obe-
dientia, quam victimæ, porque,
segundo S. Gregorio: g Per victimas
aliena caro, per obedientiam ve-
rò voluntas propria maectatur;
& como esta vontade no homem seja de
tanto valor, assim he tambem grande o
da oblaçam, em que ella se offerece, por
rezam da obediencia, a seu Criador, &
Senhor. O quanto se enganam, & em
quanto perigo se poem, nam digo somen-
te aquelles, que em cousas que sam em
favor da carne, & sangue, mas ainda
nas cousas, que sam muy espirituales, &
sanctas, tem por licito apartarse da vò-
tade de seus superiores, assim como em
ejuns, oraçoens, & qualesquer outras
obras sanctas; ouçam quam bem o nota
Cassiano h na collaçam de Daniel Ab-
bade: Vnum sanè, atque idem in-
obedientia genus est, vel prop-
ter operationis instantiam, vel
propter otij desiderium, senioris
violare mandatum: tamque dis-
pendiosum est pro somno, quam
pro vigilantia, monasterij statu-
ta cõvellere: tantum deniq; est
Abbatis transire præceptum, ut
legas, quantum si contempnas, ut

dormias. Sancta era a açam de
Martha, sancta a contemplaçam da
Magdalena, sancta a penitencia, &
lagrimas, com que se regavam os pès de
Christo nosso Senhor, porèm tudo isto
foy necessario fazerse em Betania, a
qual palavra significa casa de obediencia,
que parece nos quer dar a enten-
der Christo nosso Senhor, como nota S.
Bernardo i: Quod nec studium
bonæ actionis, nec otium san-
ctæ contemplationis, nec la-
chrymæ pænitentis extra Beta-
niam esse potuerunt.

6 Assim que, Irmãos charissi-
mos, procuray de fazer inteira a resig-
naçam de vossas vontades, offerecey
liberalmente a vosso Criador, & Se-
nhor em seus ministros, a liberdade, que
elle vos deo. E nam vos pareça ser pe-
queno fruto de vosso alvidrio, poder-
se inteiramente restituir na obediencia,
aquelle que volo deo, no qual nam
o perdeis, antes o aperfeiçoaes, confor-
mando de todo vossas vontades com a
regra certissima de toda a ordem, que
he a divina bondade, da qual vos he in-
terprete o superior, que em seu lugar vos
governa: & assim nam deveis jamais
procurar de trazer à vontade do supe-
rior (a qual vos deveis persuadir ser
a de Deos) à vossa, porque isto seria
nam tomar por regra da vossa vontade
a divina, mas da divina a vossa, prever-
tendo a ordem de sua sabedoria.

7 Engano he grande, & de en-
tendimentos escurecidos com o amor
proprio, cuydar que se guarda a obediencia,
quando o subdito procura trazer
ao superior ao que elle quer, ouvi a S.

Ber-

i
Bern. in ser.
ad militesse
pli, c. 13.

Anno de
Christo de
1553.

D. Bern. in
serm. de tri-
bus ordinib.
Ec. les. ad
Parres.

Anno da
Espanha
14.

Bernardo, exercitado nesta materia:
Quisquis vel apertè, vel occultè
satagit, ut quod habet in volun-
tate, hoc ei spiritualis pater in-
iungat, ipse se seducit, si fortè
sibi quasi de obedientia blãdia-
tur, neque enim in ea re ipse
Prælato, sed magis ei Prælatus o-
bedit. De maneira que concluso, que a
a este segundo grão de obediencia (que
he além da execuçam) fazer sua a vō-
tade do superior, antes despojarse da
sua, & vestir-se da divina, declarada
pelo superior, he necessario que suba,
quem à virtude da obediencia quizer
chegar.

CAPITULO XVI.

Continua a mesma carta de
sancto Ignacio, em particular
sobre a obediencia de en-
tendimento.

A verda-
deira obe-
diencia tã
bem he do
entendimẽ
to.

I **P**Orém, quem pretende
fazer perfeita, & in-
teira oblaçam de sy
mesmo, além da vonta-
de, he necessario, q̃ offereça o entendi-
mento, (que he outro grão, & supremo
de obediencia) nam sōmete tendo a mes-
ma vontade, mas tendo o mesmo juizo,
sentindo da mesma maneira, que seu su-
perior, sujeitando o proprio juizo ao seu,
em quanto a vōtade devora pôde inclinar
o entendimento; porque ainda que este
nam tenha a liberdade, que tem a vō-
tade, & naturalmente aprove o que
se representa, como verdadeiro; todavia

em muitas cousas, em que o nam for-
ça a evidencia da verdade conhecida,
pòde, com a vontade, inclinar-se mais a
humã parte, que a outra. & nas tães
todo o obedunte verdadeiro, deve incli-
nar-se a sentir, o que o superior sente:
& he certo, pois a obediencia he hum
holocausto, no qual o homem todo inte-
ro, sem tirar nada de sy, se offerece no
fogo da charidade a seu Criador, & Se-
nhor, por mãm de seus ministros: & pois
he hũa resignaçam de sy mesmo, pela
qual se desapoisa de sy todo, por ser pos-
suido, & governado da divina providen-
cia, por meyo do superior, nam se
pòde dizer, que a obediencia com-
prende sōmente a execuçam pera effei-
tuar, & a vontade pera se contentar,
mas tambem o juizo pera sentir o que o
superior ordena, e quanto (como se disse)
por vigor da vontade se pôde inclinar.

2 Se Deos nosso Senhor quizesse,
que fosse tam entendida, & practica-
da esta obediencia de entendimento, co-
mo he a quem quer, que em Religiam
vive necessaria, & a Deos nosso Senhor
muy agradavel. Digo ser necessaria,
porque assim como nos céos, pera que o
inferior seja movido pelo superior, he
necessario, que lhe seja, sujeito, & sob-
ordenado, com conveniencia, & ordem
de hum corpo ao outro, assim no movi-
mento de humã criatura racional por
outra (o qual se faz por obediencia)
he necessario que a que he movida seja
sujeta, & subordinada àquella, de
quem recebe o movimento: & esta sujei-
çam, & subordenaçam nam se faz sem
conformidade do entendimento, & vō-
tade do inferior á do superior, pois

Esta obedi-
encia cega
he muy ne-
cessaria.

Anno de
Christo de
1553.

74

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d.
Cõpanhia
14.

^a
Prover. c. 3.
n. 5.

se olhamos pera o fim da obediencia, assim como pòde errar a vontade, assim o pòde nosso entendimento, no que nos convem. E assim como pera nossa vontade se nam desviar do bem he acertado conformala com a do superior, assim pera nam errar o entendimento, deve unirse com o do superior. ^a Ne innitatis prudentiæ tuæ, diz a Escritura: ^c e por esta rezã ainda nas outras cousas humanas communmente sentem os sábios, que he prudencia verdadeira nam se fiar de sua prudencia, em especial nas cousas proprias, onde a paixã faz que nam sejam os homens communmente bons juizes.

3. Pelo que sendo assim, que deve o homem seguir antes o parecer de outro (ainda que nam seja seu superior) que o proprio, em suas cousas, com quãto mór rezã o parecer de seu superior, o qual tẽ tomado em lugar de Deos, pera se reger por elle, como por interprete da divina vontade. E he certo q̃ em pessoas, e cousas espirituas he ainda mais necessario este conselho, por ser grande o perigo do caminho espiritual, quando se corre por elle sem freo de discreçã. Pelo qual, diz Cassiano na Collaçã ^b do Abade Moyses.

Nullus alio vitio tam precipitem diabolus manachum pertrahit, ac perducit ad mortem, quàm cum eũ neglectis consilijs seniorũ suo iudicio persuaserit, definitioniq; confidere. Por outra parte se nam há obediencia de juizo, he impossivel que a obediencia da vontade, e execuçã, se, a qual convem: porque

as forças appetitivas de nossa alma, seguem naturalmente as apprehensivas, e assim serã cousa violenta obedecer com a vontade à larga, contra o proprio juizo; e quando obedecesse alguem hum tempo por aquella geral apprehençã, que he necessario obedecer, ainda no que nam he bem mandado, ao menos nam he cousa de dura, pela qual rezã se perde a perseverança, e quando nam, ao menos a perfeçã da obediencia, que está em obedecer com amor, e alegria, porque quem obra contra o que sente, nam pòde, em quanto durar a tal repugnancia, obedecer amorosa, e alegremente. Perde-se a promptidã, e presteza, que nam a pòde haver tal, onde nam há juizo certo, antes duvida se he bem, ou nam fazer, o que se manda. Perde-se a simplicidade da obediencia cega, tam louvada; disputando se lhe mandã bem, ou mal, ou por ventura condenando ao superior, porque lhe manda o de que nam gosta. Perde-se a humildade, preferindo-se por huma parte, ainda que se sojeita por outra ao superior, perde-se a fortaleza em cousas difficultosas, e por abreviar todas as perfeçoens desta virtude.

4. Pelo contrario há no obedecer, se o juizo se nam sojeita, desconcomento, pena, vagares, froxidã, murmuraçoens, escusas, e outras imperfeçoens, e inconvenientes grandes, que tirã a obediencia seu valor, e merecimento. Por tanto, com rezã diz San Bernardo. e das rãs, que recebem pena em cousas que o superior lhe manda, de que nam gostã. Hoc, si molestè

^b
Cassia. Coll.
a. c. 11.

Quam necessaria seja a obediencia de juizo.

^c
D. Bern. ser
3. de Circu-
cissione.

d
Ad Rom. c.
15. n. 5.

O obedi-
te todo se
offeaece a
Deos.

cæperis, sustinere, si diiudicare Prælatum, si murmurare in corde, etiamsi exterius impleas, quod iubetur, non est virtus patientiæ, sed velamen malitiæ. Pois se olharmos pera a paz, e tranquillidade do que obedece, certo he, que a nam haverá naquelle, que tem em sua alma a causa do desagoço, e turbamam, que he o juizo proprio, contra aquillo, a que a obediência o obriga. E por isso, e pela união, com que se sustenta o ser de todas as congregações, exorta tanto S. Paulo: *Ut id ipsum omnes sapiant, & dicant, pera que cõ a união dos juizos, e vontades se conservem.*

5. Pois se há de ser hum o sentir da cabeça, e dos membros, facil he de ver se he rezã, que a cabeça finca com elles, ou elles com a cabeça: pela qual rezã do que está dito, se vê quam necessaria seja a obediência de entendimento. Mas quem quizer ver quanto seja em sy perfeita, e agradável a Deos nosso Senhor, vellohã da parte do valor da oblação nobilissima, que se faz de parte tam excellente do homem; e porque assim fica a obediência todo hum sacrificio vivo, e agradável a sua divina Magestade, nam retendo nada de sy mesmo; e tambem pela difficuldade com que se vence por seu amor, indo contra a inclinam natural, que tem os homens de seguir seu proprio juizo. Assim que a obediência, ainda que propriamente seja perfeição da vontade (a qual faz prompta pera cumprir a vontade do superior) he necessario (como dissemos)

que se estenda ao juizo, inclinandoo a sentir a que o superior sente, pera que assim se proceda com inteira força da alma, da vontade, e do entendimento a execuçam prompta, e perfeita.

6. Parece-me, que vos ouço dizer, irmãos charissimos, que vedes quanto emporta esta virtude, mas que quereis ver, como podereis alcançar a perfeição della, ao qual eu vos respondo com Sam Leão: *Nihil arduum est humilibus, & nihil asperum mitibus.* Aja em vós outros humildade, aja mansidão, que Deos nosso Senhor dará graça, com que suave, e amorosamente continueis sempre a oblação, que lhe tendes feito. Alem d'isto tres meyo em especial vos represento, que muito vos ajudarão pera a perfeição da obediência de entendimento. O primeiro he, que (como ao principio disse) nam considereis a pessoa do Superior, como homem sogeto a erros, e misérias, antes olhay pera aquelle, a quem no homem obedeceis, que he Christo sabidoria summa, bondade immensa, charidade infinita, o qual sabeis, que nam pôde enganarse, nem vos quer enganar, e pois estais certos que, por seu amor, vos pusestes debaixo da obediência, sogetandovos à vontade do Superior, por mais vos conformardes com a divina, que nam deixará sua fidelissima charidade, de vos guiar pelo meyo, que vos tem dado, por onde nam tomeis a voz do Superior, em quanto vos manda, senam como a de Christo, conforme ao que Sam Paulo diz aos Colossenses, exortando os subditos a obedecer aos Superiores.

Anno de
Christo de
1553.

76

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Cõpanhia
14.

g
D. Berna. in
rta. de præ-
cepto, & dif-
penfat.

Quodcunque facitis, ex animo operamini, sicut domino, & non hominibus, scientes, quod à Domino accipietis retributionē hæreditatis, Domino Christo servite. E ao que S. Bernardo g diz: Sive Deus, sive homo Vicarius Dei: mandatū quodcunque tradiderit pari profecto obsequendū est cura, pari reverentia defendendū, ubi tamen Deo contraria non præcipit homo. Desta maneira se olhais, nam ao homem, com olhos exteriores, mas a Deos com os interiores, nenhuma difficuldade achareis em conformar vossas vontades, & juizos, com a regra, que tomastes de vossas acçoens.

7 O segundo meyo he, que sejais promptos pera buscar sempre rezocens, pera defender o que o superior ordena, & ao que se inclina, & nam pera o reprovár. Pera o que ajudará ter amor ao que a obediencia ordena, donde tambem nacerá obedecer com alegria, & sem molestia alguma, porque como diz S. Leam: h Non dura ibi necessitate servitur, ubi diligitur, quod iubetur.

8 O terceiro meyo pera sogeitar o entendimento, he ainda mais facil, & seguro, & usado dos Sanctos Padres, & he que assenteis com vosco, que tudo o que o superior ordena, he ordem de Deos nosso Senhor, & de sua sanctissima vontade, & como com toda vossa alma, & consencimento vos applicaes a crer o que propoem a Fé Catholica, assim pera fazer o que o superior disser às cegas, & sem mais in-

quirir procedais, com o impeto, & propriedade da vontade deseiosa de obedecer. Assim he de crer procedia Abrahamã na obediencia, que Deos lhe pos de sacrificar a seu filho Isac, & da mesma maneira no testamento novo alguns d'aquelles sanctos Padres, que refere Casiano, como o Abbadẽ Ioam, que nam considerava, se era util, ou inutil o que se lhe mandava, com regar hum anno hum pão seco com tanto trabalho: nem se era possivel, ou impossivel, como em procurar tam de verdade abalar, como lhe mandavam, huma pedra, que muito numero de gente nam pudera mover.

9 E pera confirmar tal modo de obediencia, vemos, que concorria algumas vezes com milagres Deos nosso Senhor, como em Sancto Amaro, discipulo de S. Bento, que entrando em a agoa, por mandado de seu superior, nam se hia ao fundo: em outro, que mandandolhe trazer a Leõa, a tomou, & a trouxe a seu superior, & outros semelhantes, que sabeis. Assim que quero dizer, que este modo de sogeitar o juizo proprio, com presupor, que o que se manda he sancto, & conforme a divina vontade, sem mais inquirir, he usado dos Sanctos, & deve ser imitado de quem perfectamente quer obedecer em todas as cousas, onde se nam visse peccado manifestamente. Com isto nam se tira, que se alguma cousa se vos representasse differente do que ao superior, & fazendo oraçam vos parecesse diante do divino acatamento convir, que se lha representasseis a elle, que o possais fazer. Com tudo se isto quereis

h
D. Leo fer.
4. de fei unio
7. mensis.

proce

proceder sem sospeita de amor, & juizo proprio, deveis estar em hũa indifferença, antes, & depois de a representardes, nam somente pera a execução de tomar, ou deixar a cousa de q se trata, mas ainda pera mais vos contentardes, & ter por melhor quanto o superior ordena.

IO E o que tenho dito da obediencia, tanto se entende dos particulares pera com seus immediatos superiores, como dos Rectores, & Prepositos locaes, pera com os Provinciaes, & destes pera com o Géral, & deste pera quem Deos nosso Senhor lhe deo por superior, que he o seu Vigario na terra; pera que assim inteiramente se guarde a subordenação, & pelo conseguinte a união, & charidade, sem a qual o bom ser, & governo da Companhia, nam se pôde conservar, como nem o de outra alguma congregação. E este he o modo com que a divina providencia dispoem suavemente todas as cousas, reduzindo as infimas pelas meyas, & estas pelas summas a seus fins. E por esta causa nos céos hà entre os anjos subordenação de hũa Ierarchia a outra, & em todos os movimentos corporaes se reduzem os inferiores aos superiores, & os superiores, por sua ordem, a hum supremo movimento. O mesmo se vê na terra em todas policias seculares bem ordenadas, & na Ierarchia ecclesiastica, que se reduz a hum universal Vigario de Christo nosso Senhor. E quanto esta subordenação he melhor guardada, tanto he melhor o governo, & por falta della se vê em todas as congregações faltas tam

Quão mōta a obediencia perz o bom governo.

notaveis; & por esta razão, nesta, de que Deos nosso Senhor me deo algum cargo, desejo tanto que se perfeioe esta virtude, como se della dependesse todo o bem da Companhia.

II Pelo que assim como comecey, quero acabar com esta materia, sem sahir della, rogando os por amor de Christo nosso Senhor, que nam somente deo o preceito de obediencia, mas foy exemplo della, que vos esforceis todos a alcançala, com gloriosa victoria de vós outros mesmos, vencendo vos na parte mais alta, & difficiltoza, que sam vossas vontades, & juizos, porque desta maneira, e conhecimento verdadeiro, & amor de Deos nosso Senhor possua inteiramente, & reja vossas almas, por toda esta peregrinação, até chegar com vosco, & com outros muitos, por vosso meyo, ao ultimo, & felicissimo fim de sua eterna bemaventurança. Em vossas oraçoens muito me encomendo. De Roma vinte & seis de Março, de mil, & quinhentos, & sincoenta, & tres.

Todo de todos em o Senhor
nosso,

IGNACIO.

(?)



CAPITULO XVII.

*Da occasiám que houve, pera
o Infante Dom Luis escrever
ao nosso B. Padre Francis-
co de Borja; poemse a
sua carta, & a re-
posta do mes-
mo Pa-
dre.*

*Apôtamse
os pays do
B. P. Fran-
cisco de
Borja.*

*a
Ad Hebr. c.
11. n. 24. Ma-
iores diviti-
as aestimans
thesauro A-
gyptiorum
improperiu
Christi.*

I V M A das mais
assinaladas pessoas
que teve esta mi-
nima Companhia
de I E S V, foy o Beato Padre
Francisco de Borja, Duque que
tinha sido de Gandia, Marqués
de Lombay, & filho primogé-
nito do Duque Dom Ioam de
Borja, & de Dona Ioanna de A-
ragam, néta d'elRey Catholico
Dom Fernando. Antes de entrar
na Companhia teve Dom Fran-
cisco de Borja grande estado, o
qual veyo finalmente a deixar
por amor de Deos, estimando
mais o improperio de Christo,
que as riquezas do Egypto, co-
mo de Moyses ^a disse S. Paulo.
Foy o Duque Dom Francisco
casado com Dona Leonor de
Castro Portuguesa, filha de pa-
ys illustrissimos, de Dom A. va-
ro de Castro, Alcayde mór do

Torràm, & do Sabugal, & de
Dona Isabel de Meneses, filha
de Nuno Barrero, Alcayde mór
de Fâro; a qual Dona Leonor
tinha sido dama muy estimada
da serenissima Emperatriz Do-
na Isabel, filha delRey Dõ Ma-
noel, & tinha hido com ella de
Portugal.

2 Era esta senhora dotada
de todas as boas partes, & entre
ellas tinha a principal de ser
muy virtuosa, & muy dada às
coulas de Deos; & d'aqui lhe
veyo ser muito devota da Com-
panhia, & por isso temos por no-
ticia certa, que o Duque Dom
Francisco de Borja, seu marido,
se affeçoou tanto â nossa Reli-
giám, que finalmente veyo a en-
trar nella (depois da morte da
dita Dona Leonor) tomando a
Deos por instrumento, pera af-
feçoar tanto o Duque à Com-
panhia, & pera nos dar por esta
via huma das mais abalisadas,
& insignes pessoas em sanctida-
de, & em nobreza, que tivemos
em nossa Religiám, que até este
bém deve a Companhia toda a
Portugal, entre outros muitos,
como nesta Chronica temos vi-
sto. E nam faça alguém duvida
desta verdade, nam fazer d'ella
mensam alguma o Padre Pedro
de Ribadaneyra, na vida que es-
creveo do Beato Francisco de
Borja, porque, ou nam teve d'i-
sto noticia, ou nam a quiz com-
municar: & geralmente falando

este

Anno d.
Cõpanhia
14.
Foy primei-
ro casado
cõ D. Leo-
nor deCa-
stro.

*Affeçoou-
se à Cõpa-
nhia, por
causa da
Duquesa
sua mulher*

Anno de
Christo de
1553.

O P. Pedro
de Ribada
neyra he
muy escas
so em fal-
lar das cou-
sas de Por-
tugal.

b
Esteuam de
Gatibay in
Compen lio
hist. lib. 30.
c. 5.

este nosso tam insigne autor, com sua boa licença, foy muy escasso em fallar das liberalidades dos Reys de Portugal com a Companhia, & em contar as cousas mais illustres deste Reyno, sendo assim que foram sempre as que mais avultaram naquelles tempos, & elle nam podia deixar de as saber: & dilatandose muito em referir outras de menos sustancia, deixa as de Portugal de mayor porte. E porque alguém nam cuyde que sem fundamento dissemos, que o Beato Padre Francisco de Borja se affeicou à Companhia por respeito da Duquesa Dona Leonor sua molher, além de algumas noticias particulares, que disso temos, o affirma assim Esteuam b de Garibay no seu Compendio historial, no lugar que aqui aponto à margem, & como tambem era autor Espanhol, & quasi do mesmo tempo, temos mais rezam pera lhe dar credito ao que elle conta, que pera assentarmos no que o outro cala.

3 Depois da morte da Duquesa, estando ainda o Duque Dom Francisco, quasi na flor de sua idade, no melhor de seus valimentos, & privanças cõ o Emperador Carlos quinto, primo seu, & neto tambem del Rey Catholico Dom Fernando, gozando de seu estado com toda a prosperidade, levado somente

do espirito divino, & abrazado desejo de sua salvaçam, com hũ animo mayor que o seu duquedo, fez livre renunciaçam delle, & de todos seus estados, & bens no Marqués de Lombay Dom Carlos, seu filho primogenito, em o anno de 1551. abraçandose com a pobreza, & humildade de Christo nesta minima Companhia de IESV, começando, com grande espirito, a exercitar os ministerios de nosso instituto, fazendo missoens, pedindo esmola pelas portas, prégando, & confessando com raro exemplo de humildade, & sanctidade, como mais largamente se contem na sua vida, que escreveo o Padre Pedro de Ribadaneyra.

4 Deo este raro exemplo tam grande brado por toda Hespanha, que nenhuma couza mais se fallava com mayor edificaçam pelas cortés, & casas de Princepes, & grandes senhores, porque em todos causou notavel espanto, & admiravel fruto, movendose muitos à imitaçam do illustre exemplo deste illustrissimo Duque, como se pòde ver em sua vida, que compos o Padre Pedro de Ribadaneyra. Entre os Princepes em quem causou mayor abalo esta gloriosa mudança de estado, & de vida, foram o piedosissimo Rey Dom Ioam, & os Infantes seus irmãos, & muy em particular o

Como o B.
P. Frãcis-
co de Borja
renunciou
seu Duca-
do, & en-
trou na Cõ-
panhia.

14.

c
P. Ribadaneyra,
lib. 2. c. 9.

Anno de
Christo de
1553.

O Infante
Dom Luis
foy muy de
voto do B.
P. Frãcisco
de Borja.

80

Anno da
Cõpanhia
14.

serenissimo Infante Dom Luis (Princepe de esclãrecida memoria) por ter ja d'antes conhecimento, & amidade com o B. Padre Francisco de Borja, do tempo que foy aos Reynos de Castella, pera ver a Emperatriz D. Isabel sua irmã, & pera se achar na jornada de Tunes, com o Emperador Carlos quinto seu cunhado. E pera que se veja a grande piedade deste Christianissimo Princepe, & o principio, & disposiçam, que teve pera, com a vinda, & vista do Beato Padre Francisco de Borja, tratar de deyxar o mundo, & seguir o sancto exemplo do mesmo Padre, porey aqui huma carta que lhe escreveo, que temos no Cartorio de Coimbra.

C A R T A D O
Infante Dom Luis, pera
o Beato Padre Francisco de Borja, depois de renunciar
o Ducado de
Gandia.

Escreve o
Infante D.
Luis ao B.
P. Frãcisco
de Borja.

5 **M**UITO Reverendo P. Outras tenho escritas a U. R. & ao presente somente acrescentarey, que receberey gram contentamento, se o que por ellas tenho pedido po-

deixe ter effeito, sem algum desgosto seu; porque dado que o fazerse me importe muito, pelos fundamentos, que nesta obra tenho lançados, nenhuma cousa minha me pode tanto importar, como a consolaçam, & contentamento, que sempre nos tempos passados desejei a V. R. como me he Deos boa testemunha; & se o nam mostrey tanto exteriormente em muitas cousas, em q̄ desejey mostralo, tambem sabe Deos nam foy, nem por falta de amor, nem de bo desejo, & vontade, que tenho pera com os passados, & presentes da casa de U. R. a qual tendes feita muito mais illustre com a deixar: & esta so rezãm basta, ainda que nam houvera outras pera que eu seja mais obrigado, & deseioso de lhe dar todo o contentamento, pois já se vé que agora nemhu- mas outras cousas o dam a U. R. senam as que contentam a Deos nosso Senhor, elle seja por isso muito louvado.

6 Maravilhoso he Deos em seus servos, & suas misericordias nam tem fim, delhe V. R. infinitas graças, pois sua conversãm faz mayores frutos do que U. R. pode cuidar de mim lhe sey certificar, que suas palavras muitas vezes me soam nas orelhas, como se as estivera ouvindo de sua boca, & considero seus passos, como se presente o tivera. O bemaventurado servo de Deos, que, em tempo de tam grandes perturbaçoens, soube achar a paz do homem interior, deixando o mundo em branco ao melhor do jogo, que elle com enganos armava, & recolhendo os sentidos, & potencias á vontade pura,

Notavel
affecto, &
piedade do
Infante D.
Luis.

Et justa do Senhor, no qual consiste este pouco de felicidade, que se póde arremedar nesta vida, *Et* o que sem medida, *Et* sem fim se deseja gozar na outra; por tanto, senhor, peço encarecidamente a V. R. que d'aqui por diante tenha de mim lembrança, *Et* sempre me encommende em suas devotas oraçoens, *Et* sacrificios, pera que o Senhor me ensine o proprio caminho de sua vontade, *Et* sem nunca outra ter viva, *Et* acabe nella, aonde, *Et* como sua divina Magestade for servido. E se V. R. de mim mandar alguma coisa, entenda que o farey com muito gosto de lho dar em tudo. De Almeirim a 13. de Julho de 1551.

7 Até aqui a carta do serenissimo Infante, da qual bem se colhe a boa disposiçam, que havia naquella alma, pera se entregar de todo a Deos nosso Senhor, & fazer huma vida perfeita, o que muito se lhe acrescentou com a resposta, que teve do Beato Padre Francisco de Borja, que aqui aponta-rey da maneira que a tras o Padre Pedro de Ribadaneira.

(?)

CARTA DO Beato Padre Francisco de Borja, pera o serenissimo Infante D. Luis.

Serenissimo señor.



EL Espirito sancto, que es llamado Padre de pobres, y es remunerador de las misericordias, que a ellos se hazen, retribuya a U. A. la merced, que con sus cartas he recebido de su muy poderosa mano; porque no fue pequena averse servido de acordarse deste su siervo, y tan miserable peccador. Y más queriendose servir de mi, en cosa, que es toda de V. A. pues tan particularmente toda la Compañia de IESU, hasta el minimo della, que soy yo, nos gozamos mucho en el Señor nuestro de llamarnos, y tenernos por siervos de U. A. Veo tãto en las cartas de V. A. y por la mano que las escreve, la mano interior del Señor eterno, que no se como diga, y explique lo que en ellas se me trasluze.

8 Bien se dezir, y afirmar, que mi alma se hà consolado mucho más de lo que sabria encarecer; y aunque estava de antes muy rendida al servicio de V. A. por las mercedes reccebidas, se há de nuevo rendido a desear más servir, y mostrarse agradecida a ellas. Y assi espero en el Señor me dará gracia

para

Pedro de Ribad. na vida do B.P. Francisco de Borja, lib. 2. c. 3.

Anno de
Christo de
1553.

Anno
Cōpan
14.

^e
Pf. 75. n. 13.

^f
Pf. 50. n. 14.

Para que continuamente me emplee en suplicar a su inmensa bondad en falce a V. A. en lo exterior, y le humille en lo interior, para sublimarle mas en el cielo. Bendito sea aquel Señor, e Qui aufers Spiritum Principum, que si en esto es terrible con los otros Principes, no lo ha sido con V. A. sino muy piedoso, y benigno, en quitarle aquel espirito, que algunos de los Principes suelen tener, que es espirito levantado, desconocido, y ingrato a su Dios: y en lugar deste le ha dado el espirito principal, del qual deseava, y pedia ser confirmado el sancto Principe, y Propheta David. ^f

9 O ferocissimo, y Christianissimo señor, y que buenas, y dichosas ferias ha hecho V. A. y quan mejorado ha sido en tercio, y quinto, entre los otros Principes: ó quanto deve Portugal a Dios, por averle dado Principes sin espirito de Principes: ó Señor, y quien supiesse entender, que cosa es falsear en el Principe el espirito de Principe, y ser confirmado de espirito principal. O quien supiesse dizir la diferencia que ay del uno al otro; y como el uno es de guerra, y el otro de paz: el uno desconfuela, y enfada, y el otro es consolador: y al fin el uno es espirito humano, y el otro divino. O que ganancia seria si la diligencia, que se pone en provar los usos del mundo, y de la carne, se pusiesse en provar, y experimentar los del espirito celestial, como nos lo aconseja el Apostol, diziendo, que provemos los espiritos, y conoscamos si son de Dios. O quantos se defengañarian de sus errores, y engaños, que los traen tan ciegos. Mas

Quantomõ
ta o conhe
cimẽto dos
diversos es
piritos.

el dolor es, que se pone tanta industria, y diligencia en los unos, y tanta negligencia en el otro.

10 Y por esta causa se dan tantas sentencias contra el buen espirito, porque le condenan sin llamarle, sin conocerle, y sin oyrle. Y sigue, y creese el proprio espirito, que es ciego, y terreno, y nos lleva a tantos despeñaderos: perdiendo la razon, y la verdad de Dios, que este se dexasse, y olvidasse, y se buscasse, y procurasse el espirito principal. Vendrà dia quando se aya de passar el golfo deste siglo, en que estes engaños se conozcan: donde muchos se hallarán burlados, y llenos de espirito, que era de tenieblas, vanidad, y falsedad, y vazios del espirito de Dios, que los deviera llegar al puerto de la eterna felicidad.

11 Y por esto, poderoso señor, doy yo muchas gracias a nuestro Señor, viendo a V. A. tan ageno, y apartado del mal espirito proprio: y tan deseoso, y ansioso por el espirito principal. Este es el que haze rendir al espirito proprio, como lo experimentava aquel sancto Rey, que dezia: ^g Expectabam qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus, & tempestate. Este es aquel divino espirito: ^h Qui ubi vult spirat, que entra, y vivifica, donde, y como, y quando le plaze: este es aquel espirito, al qual el mal mundo no puede coger: porque no se quiere recoger. Este es aquel, en el qual, y con el qual clamamos, ⁱ Abba Pater, porque es espirito de adopcion: este es el que devemos entender siempre con los manos de olores, y obras hechas en

^g
Pf. 54. n. 9.

^h
Ioan. 3. n. 8

ⁱ
Ad Rom. 8
n. 15.

Anno de
Christo de
1553.
Al Theff. 1.
c. 5. n. 19.

m
Pf. 76. n. 4.

Parte segunda. Livro quarto. Cap. XVII. 83

Anno da
Copanhia
14.
Como se of
fereceo ad
ser enissi-
mo Infan-
te.

caridad: porque con esto se cumplirá lo que San Pablo manda: no queráis apagar el espíritu. Este es el que (como yo espero de la divina bondad) se acrecentará siempre en el alma de U. A. y a su entrada, y presencia dirá con el otro santo Principe. ^m Defecit spiritus meus. Y no hallará en sy otra voluntad, y querer, sino lo que el espíritu del Señor quiere, y manda: ni su entendimiento buscará, sino las verdades, que la santa Iglesia Catholica nuestra madre le enseña: ni su memoria se acordará de las criaturas, sino para reducir las al Criador, y tomarlas por escaleras, para subir a su conotimiento, y amor. Pues todas las criaturas resplandecen más, y son más lindas en el Criador, que en sy mismas: y en el dango, considerandolas: y sin el dan pena, desseandolas: y temor, posseyendolas: y dolor, dexandolas.

12 Con el espíritu de Dios U. A. vive, y vivirá vida verdadera, y sus sentidos no buscarán, ni querrán otros deportes, y gustos, que no sean conformes al espíritu, y voluntad divina. Y con esto podrá dizir de verdad: Defecit spiritus meus. Y de aqui subirá a decir ^m Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo. Pluguiessé al Redemptor, y Señor nuestro, que yo pudeesse con verdad dizir: Defecit spiritus meus. Mas pues si quera en lo exterior, con la mudança del estado, parece que ha faltado mi proprio espíritu, por la gran misericordia de Dios, que me llamó, y se dignó recibirme entre los siervos de su casa: ofrezcora V. A. que aunque antes estava ya atado,

ofrecido, y obligado, de oy más ofrezcoré la voluntad, que sola me queda, y el desseo: persuadiendome yo, que pues Dios nuestro Señor la recibe, y se contenta con ella (quando no ay otra cosa con que servirle) que tambien V. A. la recibirá, pues es su voluntad conforme a la divina; cuya caridad infinita guarde su muy alta, y poderosa persona, para la engrandecer más en su Reyno eterno, amen. De Oñate 15. de Agosto, de 1551.

CAPITULO XVIII.

Vem o Beato Padre Francisco de Borja a Portugal neste anno de 1553. he bem recebido de todos; E do muito que com seu exemplo se aproveitou o Infante Dom Luis; E das grandes obrigaçoens, que lhe tem esta Provincia.



VITO estimou o serenissimo Infante Dom Luis esta carta do B. Padre; desejando cada vez mais nam sò lerlhe as cartas, mas velo, & tratalo, & muito mais imitalo na vida de Religioso, & na profissam da virtude; com estes intentos andava, quando o Padre Francisco de Borja veyo a Por-

tugal,

n
Luc. 1. n. 47

o
Pfal. 76. n. 4.

Anno de
Christo de
1553.

El Rey D.
Ioan, &
os mais
Princeses,
fizeram
viessse a es-
te Reyno o
B.P. Fran-
cisco.

84

Anno da
Companhia
14.

tugal, á petiçam del Rey Dom Ioan o terceiro, & da Rainha Dona Catherina sua molher, irmã do Emperador Carlos quinto, a qual particularmente conhecia ao Beato Padre, do tempo que sendo minino, & Marquez de Lombay, a tinha servido na villa de Tordezilhas, estimando como sobrinho seu, filho de Dona Ioanna de Aragám sua prima com irmã. Pediram estes piedosissimos Princeses, neste anno de 1553. muy encarrecidamente ao Padre Ieronymo Nadal, Commissario de Hespanha, que lhes fizesse vir a Portugal o Beato Padre Francisco de Borja; elle lho significou por huma carta, pedindo-lhe quizesse dar gosto a estes Princeses, porèm que o nam mandava, nem obrigava, por quanto nosso sancto Padre Ignacio o tinha eximido de sua jurdiçam.

2 Bastou este final da vōtade do Padre Commissario, pera logo lhe obedecer, & por se a caminho, levando por companheiro seu ao Padre Bertholameo de Bustamante, homem de anciã idade, de custumes antigos, & de vida sancta. Proseguindo seu caminho, já em Portugal, chegaram a huma serra muy áspera, & fragoza, que està entre humas montanhas, junto ao rio Mondégo, nam longe da cidade de Coimbra, & perto do lugar

Parte o B.
P. Frãcisco
pera Portu-
gal.

a que chamamos a barca dos palheiros. Aqui milagrosamente livrou Deos ao Padre Bustamante, de hum notavel perigo; hia o B. Padre Francisco de Borja diante do companheiro, occupado todo com Deos, & enlevado em sua òraçam; seguiao o Padre Bustamante com o rosario de Nossa Senhora nas mãos, que hia rezando: chegaram a hum passo muy estreito, & perigoso, porque a rôcha he talhada abaixo, & sò consta de penedias pendentes; o precipicio he tam horrendo, que sò o olhar d'aly pera baixo causa grande medo, & mete pavor, & sobressalto; aqui revelou a cavalgadura, em que hia o Padre Bustamante, & começou logo a vir rodando por aquella fraga ingreme, & rochedos depêdurados do despenhadeiro, perdendo todos os sentidos, que só lhe ficaram, pera invocar, a grandes vozes, os nomes sanctissimos de IESV, MARIA.

3 A estas vozes acodio o Beato Padré, & virando a cabeça, vio hir ao bom velho às voltas com a cavalgadura, por aquella rôcha tam ingreme, & tam profunda: bràda o Padre Francisco de repête ao céo, pregando nelle os òlhos, & dizendo com grande efficácia, & devaçam, IESU te valha, livrao Pay das misericordias. Primeiro subiram ao alto do céo os brádos

Grande pe-
rigo de que
Deos li-
vrou ao co-
panheiro
do B. P.
Francisco.

do

Anno de
Christo de
1553.

Como foy
poderosa a
oraçam do
B.P. Fran-
cisco de
Borja.

Anno da
Companhia
14.

do Padre Francisco, que des-
cesse ao bayxo do valle o Pa-
dre Bustamante, porque subi-
tamente se teve com a caval-
gadura em hum lugar tam al-
cantilado, que bem mostrou
Deos o poder da oraçam do B.
Padre: achouse Bustamante cõ
seu rosario na mão, & sem feri-
da, nem lesam algũa, & por ser o
lugar o que pintamos, aonde
nem era possivel decer, nem
delle subir alguem, foy necessa-
rio alçaremno assima com hũas
cordas, com que acodiram al-
guns pastores, ajudados por hũs
caminhantes, que tambem aco-
diram aos brãdos do Beato Pa-
dre Francisco, louvando todos
a Deos nosso Senhor, & dando
muitas graças á Virgem sacra-
tissima Mãe de Deos, a cuja
intercessam attribuiram esta
grande misericordia, por cau-
sa de seu rosario, que nun-
ca o Padre largou das mãos,
& depois della á oraçam do
Beato Padre Francisco de Bor-
ja, & a seus sanctos brãdos ao
cõo.

4 Chegou finalmente a
Coimbra o B. Padre Francisco
de Borja, aonde foy grande o al-
vorço em todo o Collegio, cõ
a vista de tam admiravel varãm,
ficando todos muy consolados
com sua sancta conversaçam,
& com seu raro exemplo.
De Coimbra veyo a Lisboa,
aonde foy recebido dos sere-

nissimos Rey, & Rainha, com
grandissimas mostras de amor,
& benevolencia, & com ma-
yor honra, & agasalhado do
que lhe fariam se ainda esti-
vesse em seu antigo estado,
pois o nam viam, nem tra-
tavam ja como Duque de
Gandia, & como a grande
do mundo, senam como a va-
rãm sancto, & desprezador de
tudo.

5 Tornando ao serenif-
simo Infante Dom Luis, nam se
põde crer as grandes merces,
que fez, & o muito amor, que
mostrou ao Beato Padre Fran-
cisco de Borja, visitandoo, &
tratandoo cõ singular bene-
volencia, & notavel familia-
ridade; & com esta commu-
nicaçam, & sancto exem-
plo, que o Padre lhe dava,
se deliberou de todo em se-
guir a Christo crucificado, tra-
tando de entrar na Compa-
nhia, & pedindo, com gran-
de affecto, a nosso bem a-
venturado Padre sancto Igna-
cio, que o quizesse admitir
a seguir as pisadas do Beato
Padre Francisco de Borja, co-
mo conta o Padre Pedro de Ri-
Radaneyra; porem nosso
sancto Fundador julgou em o
Senhor, que este religiosissimo
Infante, por causa de sua ida-
de, & pouca saude, & outros ju-
stos respeitos, servia mais a Deos
no modo devida q̃ tinha tomado

Quãm bẽ
recebido
foy o B.P.
Francisco
dos Reys,
& Prince-
pes de Por-
tugal.

Quanto o
Infante D.
Luis cõmu-
nicou com
o B.P. Frã-
cisco.

Petr. Ribad.
in vita B.P.
Frãc. de Bor-
ja, lib. 2. c. 7.
Pretendeo
Infante D.
Luis entrar
na Compa-
nhia.

Anna de
Christo de
1553.

Anna e
Companhia
14.

procedêdo com tâes exemplos, & resplandores de virtude, com que nam sò edificava o Reyno de Portugal, mas tambem sua fama voava pelo mundo todo.

6 Vendo pois o piedosissimo Princepe, que o nam admittiã na Companhia, tratou de viver fora como se estivera dentro da Religiã, determinou deixar o mundo, dentro do mundo, ficando entre as lavarêdas, como a sarça^b de Moyses, sem se queimar, & na fornalha de Babylonia^c, como os tres mancebos, sem arder, nem se chamuscar; pera isto tratou de imitar a vida dos Religiosos; vendêo suas ricas baixelas de prata, & suas fermosas tapeçarias, desfêzse de tôdas as joyas, & peffas de grande preço, servindose de estanho (que he notavel exemplo, pera confusã da vaidade deste tẽpo) tudo a fim de dar esmólas, & pagar suas dividas, & exercitar-se na humildade, & sancta pobreza; porque, parecendo rico, professava, que esta, como diz S. Agostinho^d, mais consiste no animo desapegado, que no sacco remendado: antes, como até o outro Gentio^e alcançou, o nam ter nada, pôde ser miseria, mas nem sempre he pobreza. Trazia cilicio junto da carne, andando por fora vestido de seda; & com estes sanctos enganos defenganava o mundo engana-

dor. Eram os jejuns muy continuos, & muy ordinarias as disciplinas.

7 Assim procedia este tam insigne Princepe, & depois de larga deliberaçã, fez voto de castidade, & de pobreza, que seu estado permitisse, & de obediencia perpetua aos preceitos divinos, como se pôde ver no Padre Ribadaneyra, lib. 2. c. 7. & fez sua profissã em huma devotissima forma, a qual achey escrita, entre outros papeis seus, no Cartorio do Collegio de Coimbra, que por ser de tal Princepe, & causar grande devaçã, me pareceo por aqui, & diz assim: *Eu Infante Dom Luis, bichinho da terra, indigno de ser computado entre as criaturas, que Deos criou, conheço que tudo o que em mim hã, he cobiça dos ôlhos, cobiça da carne, soberba da vida: & por comprir com o que Christo^f manda aos que o querem seguir, dizendo: Qui vult venire post me, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me: digo que de hoje pera sempre abnego, & renuncio, diante do Padre eterno, o mudo todo, & os desejos delle, & aceito por joya riquissima a pobreza voluntaria de espirito: & assim dou de mãm, & renũcio toda a cobiça da carne sensual, & aceito a castidade, & abstinẽcia por summa deleitaçã. Abnego, & renuncio toda a soberba da vida, que consiste na elaçã do entendimento, & da vontade, & aceito a profunda humildade, & conhecimento*

Da mudã
ça de vida
que fez o
infante D.
Luis.

^b
Exod. 3. n. 2. Videb t
quod rubus
ardebat, &
non combu
reretur.

^c
Dan. c. 3. n. 50. Et non
retigit eos
omnino, ignis &c.

^d
Auguf. sup.
Pl. 31. Pau-
per Dei: est
in animo, nõ
in sacco.

^e
Matt. lib. 1.
Epigr. Non
est pauper-
tas Nestor
habere ni-
hil.

Profissã,
que fez o
Infante D.
Luis.

^f
Matth. c. 16.
n. 24.

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Companhia
14.

de minha grande miseria, & igno-
rancia, & a pura, & constante
obediencia de meu Deos; por on-
da toda minha vontade someto à
do Padre eterno, & lha entrego,
& assim lha faço esta profissam,
nas mãos de seu filho I. E. S. U
Christo, dulcissimo Redempcor, &
me abraço de hoje por diante com
sua cruz, verdadeira honra, &
gloria minha, com proposito de se-
guir na vida, & na morte quan-
to sua graça permittir: & creyo
firmemente da verdade de suas pa-
lavras, & espero de sua immen-
sa bondade, que por o mercedimen-
to infinito de seu sangue derrama-
do, me concederá copiosamente, pa-
ra que viva, & acabe esta vida na obra
desta decima, em que por sua mise-
ricordia me deo.

Continuou
sempre ne-
sta sancta
vida.

8 Nesta forma fez o
devotissimo Princepe a Deos
nosso Senhor o holocausto de
sua real pessoa, guardando
d'ahi por diante hum modo
de viver tam admiravel, que
sendo Princepe secular, pare-
cia hum Religioso sancto: que
assim sabe Deos confirmar hu-
ma alma com o espirito prin-
cipal, como o ^f Propheta
media, & tirarlhe o espirito
de Princepes ^g, como os san-
tos desejam: sua pratica or-
linariamente era com os Pa-
dres da Companhia, toman-
lo todos os dias meditaçam,
que lhe hia dar muitas vezes,

aos paços de Enxobregas o
Padre Diogo Miràn, confes-
sandose com os nossos Padres,
& dândolhe perfeita conta de
sua consciencia, mandando
pedir ao Padre Preposito da
Casa de Sam Roque, que
lhe mandasse qualquer Con-
fessor, sem nunca apontar ne-
nhum em particular; mos-
trando com isto, que igual-
mente estimava a todos, & que
com qualquer se consolava.
Desfazia-se muitas vezes em la-
grimas, & com grande pondera-
çam, & sentimento seu, dizia:
que será de mim, se no dia do juizo
o meu escravo me roubar o céu, &
eu for caminhando só pera o infer-
no.

9 D'esta maneira procedeo
sempre o muy Religioso Infan-
te D. Luis, unico no nome, &
unico nas virtudes, até a hora
da sua morte, que foy muy
conforme a tam sancta vida.
do qual aqui fiz esta breve
commemoraçam, por se de-
ver muita parte de tam lou-
vaveis procedimentos ao san-
cto varã Francisco de Bor-
ja (com quem agora nos en-
contramos) & pelo muito que
lhe deve a Companhia, porque
a elle, depois do serenissimo Rey
D. Joam, reconhecemos o ma-
yor affecto a nossa Religiã; elle
foy o que logo que nos vio, nos
amou, & nos estimou, resistindo
a hirem ambos os dous Padres

Grãdes o-
brigações,
q' temos ao
Infante D.
Luis.

f
Pf. 50. n. 14.
Spiritu prin-
cipali confir-
ma me.
g
Pf. 75 n. 13
Terribili, &
ei qui aufer
spiritum
prin ipum.

Anno de
Christo de
1553.

Par. 1. lib. 1.
c. 10. n. 9.

San Francisco de Xavier, & Mestre Simam Rodrigues para a India, porque nos queria reter em Portugal, & nos desejava meter na alma; a elle lhe devemos o amor; que nos cobrou o serenissimo Rey Dom Henrique seu irmão; elle foy o que o persuadio a nos fundar o Collegio de Evora; elle fez acrescentar as rendas ao Collegio de Sancto Antam; elle teve grande parte na fundaçam da nossa casa de Sam Roque; como veremos em concluindo no capitulo seguinte, com as cousas do B. P. Francisco de Borja.

CAPITULO XIX.

De outras vindas, que o Beato Padre Francisco de Borja fez a Portugal; & como por seu meyo tivemos o Collegio da cidade do Porto.

TOD O este bem lhe procedeo ao serenissimo Infante Dom Luis, do exemplo, & trato com o B. P. Francisco de Borja, a quem tambem esta Provincia reconhece grandes obrigaçoens. Tres vezes veyo este Sancto varam a Portugal, a primeyra foy nesta

Tres vezes veyo a Portugal o B. P. Francisco de Borja.

ocasiã, que temos dito; a segunda foy no anno de 1557. mandado pelo Emperador Carlos quinto, a tratar com a Rainha Dona Catharina sua irmã, & com os mais Princeses deste Reyno, alguns negocios de muita importancia. A terceira vez foy no anno de mil, & quinhentos, & sessenta, sendo elle Commissario de toda Hespanhá, & veyo logo a Evora, por assim lho pedir o serenissimo Cardeal Infante Dom Henrique; estimando muito o Padre darlhe este gosto, vendolhe aquella sua nova Vniversidade, que aly nos fundara; & enriquecendolha o Beato Padre de excellentes mestres, como adiante diremos, contando as cousas do Collegio de Evora.

2 Desta terceira vez foram grandes os bens, que resultaram a esta Provincia, com a vinda do Beato Padre Francisco de Borja, & entre outros nam foy o menor a fundaçam do Collegio do Porto, que a elle lhe devemos; porque hindo no anno de 1560. de Coimbra a Sam Fins, & passando pela cidade do Porto, & agasalhando, conforme seu sancto costume, no hospital da cidade, aly o foram visitar o Bispo do Porto (q' entam era o illustriissimo, e reverendissimo D. Rodrigo Pinheiro) & os mais graves cidadãos daq'lla cidade, os quaes por estarẽ

Na cidade do Porto se agasalhou em o hospital.

Anno de
Christo de
1553.

^a
1. p. lib. 2. c.
9. & c. 11.

*Arrepêde
seos cida-
dãos do
Porto da
licença que
deram.*

*Na
cidade
do Porto
se agi-
taram
os
hospes*

Anno da
Companhia
14.

^b
1. p. lib. 2.
c. 9.

*Henrique
de Gouvêa
nos dá sua
propria ca-
sa.*

*Como o B.
P. Frãcis-
co tomou
posse do Col-
legio do
Porto.*

muy bem lembrados do grande fruto, que nella fizera. o Padre Francisco Estrada, como con- tey na primeira ^a parte; pediam ao Beato Padre, lhes dêsse do- us, ou tres Padres, pera lhes pré- garem, & confessarem naquella cidade: facilmête veyo o B. P. ne- sta petiçam; & tâbê lhes fez ou- tra, q̄ lhes permitissem terem os nossos, que em serviço da cidade ficassem, alguma casa, com al- gum modo de Igreja, em que administrassem ao povo os sa- cramentos da Confissão, & Cõ- munhão: tambem esta licença se concedeo entam com a mes- ma facilidade.

3 Porê, cuydando mais ni- sto, totalmête se arrepêderam os cidadãos do Porto; arreceãdo que d'aquella pequena casa, que elles entam concediam, pera dous, ou tres Padres, se viria a fazer hum grande Collegio, & q̄ teriamos classes cõ estudã- tes; & em consequencia disso, q̄ a mesma Vniversidade de Co- imbra se mudaria pera o Porto (que o medo tem grande entra- da com os que se tem por ze- lôs) & se lhes representava, que seria isto em grande de- trimento d'aquella cidade, que nam tinha commodo pera a- gasalhar tantos hospedes; & ficariam os cidadãos muy opprimidos, perdendo muytos dos privilegios, de que en- tam livre, & pacificamente

gozavam. Só ficou pela nos- sa parte aquelle grande devo- to, & affeçoado da Companhia Henrique Nunes de Gouvêa; de quem dêmos bastante noti- cia na primeira ^b parte, fallan- do no Padre Francisco Estrada. Este nobilissimo cidadã, co- mo era de tanta autoridade, sem fazer caso dos arrendimen- tos da cidade, largandonos boa parte de suas mesmas casas, & levantando hum altar com o mais necessario, pera se di- zer missa, em huma sua pe- quena lógea, mandou recado ao B. Padre Francisco de Borja (o qual se tinha retirado ao nos- so mosteiro do Pedroso, duas le- goas antes do Porto) que podia vir pera sua casa, porq̄ tinha já Igreja feita, & aposentos prepara- dos.

4 Como estas cousas hi- am inspiradas pelo Espirito san- cto, acodio logo o B. Padre com seus companheiros, & se reco- lhêram quasi de noite nas casas de Henrique de Gouvêa, na ves- pora de Sam Lourenço, 9. de Agosto, do anno de mil, & qui- nhentos, & sessenta; & no ou- tro dia disse logo o Padre mis- sa, & collocou o sanctissimo Sacramento em hum pobre Sacrario: d'esta maneira ficou a posse tomada pelo Senhor consagrado, & elle a conservou tâ inteira, que por mais difficul- dades q̄ houve, nũca foy possível

Anno de
Christo de
1553.

90

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
14.

fazela perder : ficando nós sempre reconhecendo o bom animo dos moradores do Porto, porq̃ claramente nos diziam, q̃ a rezã ñ q̃ tinham, pera nos nam quererẽ naquella sua cidade, nã era por nam estimarem muito a Companhia, & seus filhos, senã por temerem que cõ nossa entrada, quizeffemos aly abrir estudos, & que à volta de alguns poucos estudantes do Porto, viessem todos os do Reyno; porẽm o tẽpo tem mostrado, que esta imaginaçã nam tinha mais fundamento, que no bom zelo d'aquelles nobres cidadãos, que costumam fer muy cuydadofos (como muy honrados que sam) em defender os privilegios da sua cidade.

5 D'esta maneira começou esta nova Residẽcia do Porto, por ordem, & direiçã do B. Padre Francisco de Borja, fundando aquelle Collegio mais com seu exemplo, que com outras rendas, porque neste principio viviam os nossos de esmõlas. Aly se recolheo o Beato Padre no aperto d'aquellas casas, & esqueci lo de sua idade, & indisposicoens, se assinalava grandemente entre todos os mais companheiros, exercitando cõ grande fervor, & continuaçã os ministerios da Companhia. Prégava ordinariamente, & dava a communhã aos que queriam fer convidados naquella

grande cea do Senhor, fazendo exhortaçõens devotissimas, no tempo que se virava pera o povo com o Senhor nas mãos. Aos Domingos, & dias sanctos se hia com huma campainha pelas ruas, & praças, chamando os mininos pera a doutrina; tal he o preço deste sancto exercicio, que huma pessoa tam autorizada, que tinha sido Duque, nẽto de Reys, & que era Commissario gẽral de sua Religiã, andava com huma campainha pelas ruas do Porto, ajuntando a gente, tendo por grande prẽmio de seu trabalho, trazer algũs mininos, que viessem ouvir a doutrina Christã.

6 Nam sò fundou o Beato Padre este novo Collegio com o exemplo, que dava aos de fóra, mas tambem com a humildade, que exercitava com os de casa; porque nam havia occupaçã por mais humilde que fosse, em que elle se nam exercitasse de muito boa vontade; humas vezes se fazia porteyro, outras tomava o officio de cofinheyro; que hnm varã sancto tem por glorias os desprezos, & tem por preço de mayor estima o que o mundo julga por mais aviltado. Com taes fundamentos de humildade, tam bem lançados pelo Beato Padre Francisco de Borja, nam podia deixar de crescer aquelle Collegio; & porque o aperto das casas era grande,

Exercitava se nos officios mais humildes da casa.

Como procedia o B. P. Francisco de Borja no Porto.

se mudaram, no anno de 1577: pera o sitio aonde hoje estam, que por succeder tam bem esta mudança em dia de S. Lourenço, se chamou o Collegio de S. Lourenço; & depois o foy Deos acrescentando em edificio, em fogeitos, & em rendas, que lhe deo parte o Bispo Dom Rodrigo Pinheyro, parte o serenissimo Cardeal Infante Dom Henrique, & outros devotos da mesma cidade; de maneira que está hoje may aventajado: & no anno de 1614. o illustrissimo B. lio de Lesta Luis Alvares de Tavora, aceitou a fundaçam do dito Collegio.

Luis Alvares de Tavora foy o fundador do Collegio do Porto.

7 Todas estas cousas a seu tempo largamente se contarã, por quem continuar esta Chronica: eu agora sò fiz esta breve narraçam, por causa do B. Padre Francisco de Borja, a quem encontramos (neste presente anno de 1553. em que hiamos nesta historia) chamado a Portugal, à instancia dos serenissimos Reys, & Infantes deste Reyno. E assim deixando pera seu tempo aquelles, & outros successos de raro exemplo, que nos deo este insigne Padre, honra, & ornamento de nossa Religiam: tratemos de continuar com os successos deste mesmo anno de 1553. & vamos lançar a primeira pedra ao edificio da casa de Sam Roque de Lisboa, à vista do mesmo B. P. Francisco de Borja.

CAPITVLO XX.

Do principio da fundaçam da casa de Sam Roque da cidade de Lisboa; dase conta da ermida deste Sancto, que primeiro houve no lugar, aonde agora está a nossa Igreja.



I O M muito particular gosto começaremos neste mesmo anno de 1553. em que se contavam 14. da Cõpanhia, a tratar da fundaçam da Casa professa da Companhia de IESV, na cidade de Lisboa (a que hoje chamamos Casa de S. Roque) assim pelo muito, que todo este Reyno lhe deve, como pelo grande exemplo, que dam a todo Portugal aquelles veneraveis Padres, que com suas cãs autorizam a Companhia, & com seus sanctos trabalhos, & religiosas occupaçoens sanctificam a cidade toda. E pera que tomemos o salto mais de longe, & saibamos com toda a clareza, que rezam houve, pera esta casa da Companhia de IESV, sendo em tudo tam eminente, & sendo a cabeça de toda esta

Querezam houve pera se chamar Casa de S. Roque

Exe. v. g. f. i. m. l. a. c.

Anno de
Christo de
1553.

92

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Ciparhi
14.

*Tratam
Lisboa a
fazer hē
ermida
S. Roque.*

Provincia, ter o appellido de S. Roque, contarey brevemente a causa, que pera isto houve.

2 No principio do reynado do felicissimo Rey Dom Manoel, chegou a Portugal a fama dos grandes milagres, que o glorioso Sam Roque fazia em França, & Italia, nos feridos do mal contagioso da peste. E vindonos esta noticia em tempo em que Lisboa ardia com o mesmo mal, causado (cōforme contam) de huma não Venezeana, que entrou neste porto: quiz el Rey Dom Manoel aproveitarse dos remedios milagrosos de S. Roque, pedindo á Senhoria de Veneza, aonde está o corpo deste Sancto, alguma parte de suas preciosas reliquias, pera com este sancto antidoto, & divino preservativo acodir aos doentes de tam grande mal, & pera que desta maneira Veneza, que nos causou a enfermidade, nos dēsse a mesinha; como a lança de Achilles, que juntamente feria, & sārava: satisfez aquella Senhoria os reaes desejos de tam piedosa petiçam; mandou reliquias do Sancto, que foram recebidas do Augustissimo Rey, da Corte, & de todo o mais povo, com grande devaçam, & confiança, que o Sancto largamente ao diãte remunerou.

3 Tratouse logo de edificar huma ermida da mesma in-

vocaçam de Sam Roque, pera nella se collocar tam precioso thesouro, & pera acodirem àquelle lugar os devotos do Sancto a se valerem de sua intercessam, diante de Deos. O sitio, que se escolhēo, foy hum campo, ou monte, que está sōra dos muros da cidade, & caye pera a parte do Oeste, a respeito do rumo em que está lançada a cidade de Lisboa. Estava, naquelle tempo, o monte todo coroadado á roda de copiosas, & fermosas oliveiras, das quaes ainda hoje persevera huma, como testemunha abonada, em huma rua junto a S. Roque, (a qual por isso chamã, a rua da Oliveira) que os moradores aly conservam com particular cuydado. He a oliveira arvore muy ditosa, he arvore bē afortunada, que no diluvio denunciou a paz a Noè, & sempre pronosticou grandes felicidades; que por isso sancto, Agostinho chamou ao monte Olivete (que he monte de oliveiras) monte de frutos, & monte de unguentos; nem podiam deixar tam boas arvores de prenunciar tam bons, & tam copiosos frutos de espirito, que d'aquella ermida, pelos tempos adiante, se haviã, com tam prosperos successos, recolher.

4 Neste grande campo de oliveiras, havia hum lugar mais junto à porta da cidade (a que

hoje

*S. Roque
he avoga
do da peste*

Gen. c. 8
n. 8.

a
Aug. tra.
in 1c ann.
Per exit
sus in mē
Olivetī,
montē fr
tuosum,
montem
guenti,
montē cl
maris.

*Lugar a
de se fez
ermida
S. Roque*

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Copanhia
14.

hoje chamamos a porta de Sam Roque) no qual estava o ádro, & sítio em que se enterravam os que morriam de peste: era o lugar por este respeito temeroso, porque a contágio da peste ainda em oaveiras secas, & em ossos mirrados, se conserva, como aqui mesmo succedeo com huma trabalhosa experiencia, porque abrindose os alicesses pera humas muy nobres calas, que aly fundou em nossos dias Dom Henrique de Noronha, bem defronte da portaria de S. Roque, se acharam os ossos de hum corpo morto, & subitamente se pegou huma febre maligna nos officiaes da obra, que em breve morreram; & o mesmo mal abrangéo ao mesmo fidalgo que fazia as casas, o qual posto que por entam escapou da malignidade da febre, que lhe deo, sempre ficou sogeto a grandes achaques, com os quaes finalmente acabou: & acho por muy bem fundado o discurso dos que ajuizavam, que aquelles ossos eram de algum empestado, nos quaes, depois da morte, ainda vivia tam perigosa contágio.

5 Neste lugar trataram de edificar a ermida ao novo padroeiro, que tomavam pera a peste, porque assim como os capitães mais valerosos, & de mayor confiança se poem nas estâncias mais perigosas, & nos luga-

res mais arriscados, assim se entregou a este esforçado capitão esta praça temerosa do campo dos mortos, pera d'aly cobrarem faude os vivos. De huma pedra antiga, que está sobre a porta da Sancristia da confraria de Sam Roque, consta haverse começado esta ermida, na Era de 1506. aos 24. de Março: & que foy consagrada authoritate Apostolica com indulgencias, pelo Bispo Dom Duarte, no anno de 1515. aos 25. de Fevereiro. E de outra pedra, que temos conservada na casa de Sam Roque com hum fermoso letreiro de letras Goticas, consta que no anno de 1525. se consagrou o ádro da ermida com a mesma authoridade, & indulgencias, pelo Bispo Dom Ambrosio.

6 Nam se pôde facilmente declarar a muita alegria, notavel applauso, grande piedade, & extraordinario alvoroço com que a nobreza toda, & gente popular da cidade de Lisboa, se applicou à fabrica desta bem afortunada ermida; parece que o coração lhes pulava; & os animos tacitamente adivinhavam a grande fabrica, que sobre tam pequenos principios se havia de levantar. Os fidalgos mais autorizados, & as senhoras de mayor estima, com seus mesmos filhos, traziam nos hombros, & nas mãos as pedras, a cal, & os materiaes pera o edificio; renovari-

Grande applauso, que houve em fundar a ermida de S. Roque.

Rezám, q
houve pe
ra fundar
aly a erm
da de S.
Roque.

Anno de
Christo de
1553.

b
Buro. in an-
n. lib. anno
324. Spond.
ibi fol. mhi
282. n. 19.

94

Anno da
Cõpanhia
14.

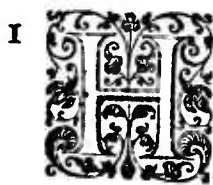
dote aqui em parte aquella tam celebrada devaçam do grande Emperador Constantino, que com suas mãos imperiaes, obradoras de grandes victorias, tirava os cestos da terra pera o edificio do templo de Sam Pedro. Nam parava esta notavel devaçam nos visinhos d'aquelle sitio; era tal o fervor, & a chaneza d'aquelle bom tempo, que as donzellas mais nobres, que moravam em Alfama, bayrro tam distante da ermida, em companhia de seus pays, & mãys, acaretavam a agoa do chafaris del-Rey, necessaria pera a obra, em suas tâlhas, & cantaros muy enramados, & cheyos de flores à abeça, dizendo, *que a cal, & arêa daquella obra, nam havia de ser amafada senam com a melhor agoa da cidade, nem trazida por outros jornalheiros.* Taes principios sem duvida demandavam mayor obra, & nam podia Deos nosso Senhor deixar de remunerar com larga mã, tam fervorosos excessos de devaçam, & assim ordenou as cousas de maneira, que esta pequena ermida se convertesse em hum grande, & fermoso templo, aonde hoje florece o zelo, aonde resplandecem as letras, & aonde reyna a piedade.

7 Acabado o edificio da ermida, se instituiu huma illustissima confraria do nome do mesmo Sam Roque, na qual logo se assentaram todas as pessoas

reaes, os mayores titulos, & melhores fidalgos, aos quaes tambem seguiu o povo, & continuaram no culto, & veneraçam de tam excellente padroeiro, com grande fervor, & devaçam: & conforme nos consta, esta foy a primeira Igreja, & confraria de Sam Roque, que houve em Hespanha, pelo que se deve de estimar pela P^{rin} às de todas as outras, que pelo tempo adiante se levantaram ao mesmo Sancto em Portugal, & Castella. Agora diremos a rezam, que houve, pera esta pequena ermida se transformar em hum templo tam grande, conservando o mesmo nome, sendo a mudãça tam notavel.

CAPITVLO XXI.

Tratam os nossos Padres de fundar casa neste sitio da ermida de S. Roque; das difficuldades, que houve, pera se nos haver de entregar esta ermida; E como elRey as fez aquietar, por via de D. Pedro Mascarenhas.



VMA das cousas, que trazia mais encommendadas de nosso sancto

Instituiu se
hã a confraria
de S.
Roque.

Queria S.
Ignacio, q
houvesse
Lisboa hã
casa de pro
fessos da
Cõponhia.

Fun-

Anno de
Christo de
1553.

Fundador o Padre Hieronymo Nadal, Commissario de toda Hespanha, nesta vinda; que fez a Portugal, ora que procurasse fundar na cidade de Lisboa huma casa de professos da Companhia; porque como nos instituto seja de Religiosos Mendicantes, como temos por declaracão do santissimo Padre Pio V. & comid a pobreza da Companhia se fundou em huma perfeita renunciaçãõ de todas as cousas do mundo, sem admitir (conforme nossas Constituiçõens *) rendas nenhãs, nem ainda esmõlas, que se dem por modo de estipendio; ou satisfacão de missas, pregaçõens, ou quaesquer outros ministerios dos que a Companhia exercita (posto que nos Collegios onde há estudantes admira renda b em commun, pera sustento dos que estudam) desejava muito nosso sancto Padre, que pois nesta Provincia havia ja Collegios tam grandiosos, & tambem arrendados, houvesse tambem hu na casa professa sem renda nenhuma; aonde a pobreza evangelica, & perfeicão de vida, que a Companhia professa nos seus professos, estivesse no auge mais sabido: tratou logo o Padre Commissario este negocio com o Rey augustissimo, o qual o ouvio com grande benevolencia, & desejo de lhe dar satisfacão. Posse o

negocio em conselho, & mandou logo ao Padre Nadal, que escolhesse sitio pera a casa professa da Companhia.

1. Sempre as cousas grandes tem em seus principios grandes difficuldades, & como esta era tam grande, pois nella (como dizia Salomão do seu templo) se apparelhava casa, nam pera morar homens, mas pera habitar Deos, nam podia deixar de haver grandes borrascas, & tempestades primeiro que chegassemos a paz, & serenidade de que hoje naquella sancta casa gozamos. O sitio que aos Padres mais contentava, & pera onde parece, que huma inclinacão occulta, & inspiraçãõ fatal os chamava, era o da ermida de S. Roque; ajudavaos a este tacito impulso, parecerlhes que como estava a ermida em hum campo despovoado, seria mais facil a compra pera o templo, & pera a casa: alem disto os cõvidava muito a boa sombra das oliveiras, o lugar descuberto ao Norte, os ares saudios, & o sitio todo accomodado pera se fazer hum grande edificio.

3. Eram porẽm tantas as contradicõens, & resistências dos confrades de S. Roque, que por virem cotadas com titulo de piedade, & com sombras de devaçãõ ao Sancto, foy necessario que sua Alteza mandasse a Dom Pedro Mascarenhas, seu

e
1. Paral. c. 9.
u. 1. Opus
gran e est,
neque enim
hom. ni prae
paratur n. bi
litio, 1e. 1
Deo.

Queriam
os nossos Pa
dres edifi
car junto
à ermida
de S. Roque

Das mu
ras resistẽ
cias, q hou
ve da par
te dos Con
frades.

a
Conf. Soc.
in Exam. c.
1. S. 3. & p. 6
c. 2. S. 7.

b
Conf. p. 3.
c. 1. S. 7.

Anno de
Christo de
1553.

96

Anno da
Companhia
14.

D. Elena
Mascarenhas muy
devota da
Companhia.

estribeyro mór (que fora seu embaixador em Roma, & de lá trouxera ao sancto Padre Francisco de Xavier pera a India, & era, como por vezes temos dito, & ainda diremos mais ao diante, affeioadissimo aos Padres, & devotissimo da Companhia) que compuzesse estas difficuldades: mas os zelosos Confrades, cuydando que perdiam a sua ermida pequena, se a vissem mudada em templo grãde, chegaram a resistir com armas a quem os queria persuadir com rezoens: nam pretendiam os Padres levar por força o que desejavam acabar por amor: trataram de outro sitio; & foy o de Nossa Senhora do Paraiso, junto ao campo de sancta Clara, defronte da porta da cidade, a que chamamos a porta da Cruz. Isto mesmo se assentou na Camara, presente Dom Pedro Mascarenhas, que contra sua vontade aceitava este lugar, pela grande resistencia dos Confrades em nos darem a sua ermida de S. Roque.

d
Cap. 4. n. 3.

4 Veyo depois d'isto Francisco Corrèa de Bellas, de quem já atrás fizemos mēsam^d (o qual entam era Vreador da cidade, cõforme costumavã os fidalgos naquelle tempo, a buscar Dom Pedro Mascarenhas, pera ambos hirem dar conta ao serenissimo no Rey, do assento, que se tinha tomado na Camara (por

voto de Vreadores, & Misteres) que a casa professa da Companhia se fizesse no sitio de Nossa Senhora do Paraiso: soube disto Dona Elena Mascarenhas, mulher do dito Dom Pedro, & filha de Pedro Mascarenhas, capitam d'Azamor, senhora de grande respeito, de rara virtude, & de singular exemplo, affeioadissima à Companhia, que pera o ser, além de outros titulos, lhe bastava ser da illustissima familia dos Mascarenhas, aos quaes, como por herança, lhes vem o amor à Companhia (a qual morava em humas casas, que entam eram suas, defronte da porta principal do Carmo, a que chamam as casas do arco) & nam lhe soffrendo o amor, que nos tinha, havermonos de hir pera o sitio de Nossa Senhora do Paraiso, que he tam distante donde ella morava, junto à ermida de Sam Roque, fallando com o Vreador Francisco Corrèa, lhe disse estas palavras formaes: *Senhor Francisco Corrèa, nam soffro que me leveis os meus Padres ao Paraiso em vida, senam por morte; queroos cá mais perto de mim: ham de morar vivos em Sam Roque, & mortos vam embora ao Paraiso.* Festejou o illustre fidalgo o dito tam avisado; & como hia de caminho pera fallar a sua Alteza, lhe cõtou esta graça tam cortezã, & affectuosa: com o mesmo affecto, & com igual cortesia, ref-

pondèo


pondè o serenissimo Rey,
Pois façamos a pontade a Dona
Elena; & apertay mais com os Con-
frades, que eu espero delles que se com-
ponham com os Padres:

5. Tornou Dom Pedro Mascarenhas a seus primeiros intê-
tos, foy outra vez demandar os
Confrades, declarãdolhes o go-
sto que davam ao Rey serenissi-
mo, que era o autor da obra, &
havia de ser o fundador da casa,
& foy d'esta vez tam bẽ recebi-
do, que todos cõ gèral apprazi-
mento se conformãtam com a
vontade real; & o q̃ mais he, cõ
a inspiraçam divina, que interi-
ormente os movia: ficando nós
com esta nova obrigaçam a este
insigne bemfeitor Dom Pedro
Mascarenhas, que nam sò nos
trouxe a Portugal, como já dis-
semos, mas tambem nos diligẽ-
ciou casa em Lisboa, como ago-
ra vemos: tendo tambem muita
parte nesta obra Francisco Cor-
rèa, senhor de Bellas, unindose
ambos, perã nos fazer este bem
à Companhia, & ficando nos sè-
pre esta obrigaçam a estes illu-
strissimos fidalgos. Tratãram
logo os Irmãos de S. Roque de
fazer entrega do seu Sancto aos
Padres, & os mesmos Padres fi-
cãram logo tam entregues ao
Sancto, que o nome por onde
nesta cidade somos conhecidos,
he o de Padres de S. Roque, ti-
tulo que estimamos muito, porq̃
esperamos que este glorioso Sã-

cto nos ha sempre de emparar,
& defender, como a filhos seus,
& como a herança sua, pois so-
mos Padres de S. Roque.

CAPITULO XXII.

*Tomam os Padres posse da er-
mida de Sam Roque; achase
presente el Rey com toda a cor-
te; prèga o Beato P. Francis-
co de Borja; & fazem na-
quelle dia profissam so-
lemne, em publico
algũs nossos
Religio-
sos.*

I  A M ha pontada
tam aguda, nem
dor tam teimosa,
que com a conti-
nuaçam do tempo se nam di-
minua, & abrande; como bem
disse o Orador a Romano; nem
ha occasiã de tristeza tam
profunda, que nam passe com
os dias que vam passando: quan-
do a tormenta he mais temero-
sa, entam se espera serenidade
mais quieta; entre as trevas
da noite mais escura, luzem
melhor as esperanças do dia
mais resplandecente: se ha
constancia em sofrer, tam-
bem haverã premio pera remu-
nerar: & quem tẽ paciẽcia pera

a
Cicer. in ep.
Nullus do-
lor est, quẽ
non longin-
quitas tẽpo-
ris minuat,
atque emol-
liat.

Quãto mō
ta a conf-
tancia.

Anno de
Christo de
1553.

98

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Companhia
14.

emprender difficuldades, tam-
bem terá felicidade pera al-
cançar victorias: bem vejo que
o bom successo depende muito
da boa fortuna, mas he certo
que se a causa he de Deos, ain-
da que ao principio ameace cõ
espantosas carrancas, no fim ha
de responder com muy alegres
bonanças; & se houver perseve-
rança, também haverà coroa;
porque Deos sabe provar com
trabalhos, mas também pôde a-
ccordar com prémios; antes, como
diz o Rrophieta ^b, segundo a mul-
tidã das dores no coração, vê
o retorno das consolaçoens na
alma.

2 Vimos no capitulo pas-
sado as grandes difficuldades,
que houve, na entrega da ermi-
la de Sam Roque, pois eram
tam poderosas, que chegãram a-
quelles zelosos Cõfrades a nam
leferir a elRey, & a resistir aos
Padres; & cuydando que lhes
sobejava a justiça, também se a-
proveitavam da força; defendê-
lofe com violência, & ameaçado
com o ferro: tivera n os Padres
paciencia pera sofrer, & teve o
benignissimo Rey amor pera nos
favorecer; & assim vieram final-
mente os Confrades e n dar go-
sto a sua Alteza, & em se render
aos Padres. Toda a tempestade
passada, se transformou em a
serenidade presente; acabaram-
se as resistencias, & começou
entre os Padres, & os Confrades

o amor, & a benevolencia; mu-
doule a guerra em bellissima
paz: ficounos o Sancto entre-
gue, & ficamos nõs entregues ao
Sancto; elle nos agasalhou a
nõs, & nõs o acrescentamos a
elle; porque nos deu huma er-
mida pequena; nõs lhe edifi-
camos hum templo grandioso;
o Sancto nam perdeu, & nõs fi-
camos ganhando; & assim fi-
cãram os Confrades conten-
tes, & os Padres muy bem pro-
vidos.

3 E pera que ao diante
nam houesse duvida, & de to-
do parassem as demandas, neste
anno de 1553. de que himos
historiando, se fez hum contra-
to perpetuo, & inviolavel por
eseritura publica, entre os Pa-
dres, & os Confrades, com as
condiçoens seguintes: Primei-
ra, que os Padres seriam obri-
gados a fazer huma capella
a Sam Roque, na Igreja no-
va, & juntamente darlhes
Sanctistia, aonde pudessem
ter seus ornamentos, & o
mais pertencente ao governo
da sua Confraria. Segunda,
que sempre se conservaria na
nova Igreja o titulo, & invoca-
çam de Sam Roque. Tercei-
ra, que os ditos Confrades
possam ter sua meia da Confra-
ria na Igreja, & que os ren-
dimentos das esrõlas, que
se derem no dia de Sam Ro-
que, todos sejam pera a mesma

^b
Pf. 93. n. 79.
Se undã
mult tu in
color meo
ru in cor e
meo, confõ
litiones tua
atque ve-
runt animã
meam.

Concerta-
ram os
Padres cõ
os Cõfrades
de S. Ro-
que.

Contrato,
que fizero
os Padres
com os Cõ-
frades de
S. Roque.

confraria. Quarta, que os Confrades nam possam ter caixa na Igreja pera esmõlas, por ser contra nosso instituto, & em satisfaçam lhes dariam os Padres seis mil reis em cada hum anno. Quinta, que os ditos Padres favorecessem sempre a dita Confraria, pera que vâ em augmento. Item que lhe nam poderiam impedir as muficas, & as festas, que no dia do Sancto se fizessem. Nisto se vem a resolver as principaes condiçoens d'aquella escriptura; que os Padres sempre guardaram com a pontualidade, que aquelles muy illustres Confrades largamente tem experimentado, os quaes nam perderam nada, ainda que nõs ganhámos muito.

Achouse el Rey, & a corte presente, quando se tomou a posse.

4 Grande foy a alegria do serenissimo Rey, quando soube que estavamos concertados, & contratados com os Confrades; o mesmo prazer mostrou o Infante Dom Luis, que nesta obra tinha grande parte, pelo muito que nos amava: a ermida que se nos entregava era pequena, mas o amor, que estes senhores nos tinham, era muy grande; & nesta conformidade queria o serenissimo Rey fazernos aly hum famoso templo, que fosse conforme seu animo, & nam segundo nossa

pouquidade. Logo trataram os Padres de tomar entrega da ermida; & cahio este auto da posse no primeiro Domingo de Outubro, deste dito anno de 1553. que foy hum dia em tudo bem afortunado, pois nelle se deo principio à casa de S. Roque desta cidade de Lisboa, da qual tem procedido tanta gloria a Deos, & tanto proveito ao Reyno todo. Quiz o mesmo benignissimo Rey acrescentar a solenidade deste dia, com nos fazer merce de se achar presente; entrando este grande Monarca na quella pequena ermida. Acodio a corte toda, seguindo a seu Rey: veyo o Principe D. Ioam seu filho, o Infante Dom Luis, o Arcebispo Dom Fernando de Meneles, cõ todos os mais grandes do Reyno, ficando fóra da ermida innumeravel gente, que acodio neste primeiro dia, pronosticando já os notaveis auditorios, que vemos naquella Igreja.

5 Foy a festa toda espiritual, disse a missa o Padre Ieronymo Nadal, Commissario geral de Hespanha; prégou o B. Padre Francisco de Borja, com grande applauso do auditorio; & pera as pessoas reaes foy este sermão outra nova festa, pelo grande gosto, que tiveram, de ouvir tal prégador, que havendo pouco q̃ fora Duque poderoso, agora o ouviam como a letrado

Prégou na posse o B. P. Francisco de Borja

Anno de
Christo de
1553.

Anno d.
Cōpanha
14.

sancto, que p̄regava por palavra
o que exe. utava por exemplo:
A este p̄regador sim (disse entam o
Principe D. Ioam) *gosto eu muito
de ouvir, porque p̄rega com obras, &
faz o que diz:* que na verdade a-
quelle he melhor ouvido, que
autoriza os sermoes, com a pra-
xe das virtudes, como fazem os
varoen. sanctos.

6 Acrecentouse a solem-
nidade do dia, & o applauso dos
ouvintes, com a novidade, que
aly viram, & consolaçam, que
tiveram de ter aly naquelle dia
representados os tres estados de
Religiosos, que há na Compa-
nhia, de que faley na primeira
parte a) porque no tempo da
missa do Padre Ieronymo Na-
dal, estando elle com o Senhor
nas mãos, fizeram profissam so-
lemne; o Padre Gonçalo da
Sylveira (que era o Preposito
da casa, irmão do Conde da
Sortelha, & ao diante foy mar-
tyrizado pela fê, como dire-
mos) o Padre Gonçalo Vaz de
Mello, de quem muitas e vezes
temos fallado, & foy Provincial
em Portugal; o Padre Antonio
de Quadros (de quem tambem
tenho feito mensam, & foy Pro-
vincial na India) todos pessoas
de muita autoridade, & muy
conhecida virtude: estes tres
Padres pertenciam com sua
profissam ao primeiro, & prin-
cipal estado da Companhia,
que he o de professos de quatro

votos solemnes.

7 O segundo estado he de
Padres, a quem chamamo. Co-
adjutores espirituaes formados,
cujos votos aqui fizeram os Pa-
dres Francisco Vieira, Antonio
Soares, Manoel Rodrigues, &
Manoel Esteves. O terceiro
estado he de Irmãos Coadjuto-
res tēporaes formados, dos qua-
es fizeram entam os votos, os
Irmãos André Gomes, André
Fernandes Portugueses, & Ber-
nardino dos Reys Italiano; d'e-
stes Religiosos fiz aqui particu-
lar mensam, por serem os pri-
meiros de nossa Companhia,
que, depois do Padre mestre Si-
mam Rodrigues, fizeram votos
publicos, & profissam em Portu-
gal, à imitação da primeira,
que em Roma fez sancto Igna-
cio, no templo de Sam Paulo,
com mais finco dos primeiros
Padres; & d'aly por diante sem-
pre as profissoens pertencentes
a estes tres estados, se fizeram
nas mãos do Prelado, em publi-
co, na Igreja. Com esta solem-
nidade se rematou a festa d'a-
quelle alegre dia; & come-
çaram os Padres a tratar
de se mudar pera
aquella sua
casa.

Padres, q
fizerã pro-
fissam de
Coadjuto-
res espiri-
tuaes.

Irmãos, q
fizerã pro-
fissam.

f
Vide Ord.
hist. Soc. Je-
su, lib. 3.º
11.

d
i. par. lib. i.
c. 23.

Os Padres
que aly si-
zeram pro-
fissam so-
lemne.

e
i. par. lib. i. c. 23.
& lib. 3.º
c. 23.

Lib. i. c. 32.
n. 9.

CAPITULO XXIII.

*Mudamse os Padres pera a
ermida de Sam Roque; po-
voase todo aquelle bayrro; &
como procediam naquelle tẽpo
os moradores daquel-
la sancta casa.*

I O tempo bem a-
venturado da Ley
da graça, & com
a vinda de Chri-
sto ao mundo, dizia o Pro-
pheta ^a Isayas, que se haviam
de alegrar os lugares mais de-
sertos, & que as montanhas
deshabitadas se haviam de mu-
dar em jardins alegres, & trans-
formar em prados deleyrõ-
sos; que se abiriam cami-
nhos novos, & estradas san-
ctas, nos matos sem cami-
nho, & nas charnécas sem es-
trada. Outra semelhante trans-
formaçam se vio nesta occasi-
ã, naquelle bayrro de Sam
Roque: chegou o tempo, em
o qual naquelle monte se havia
de edificar a Igreja ao Sancto,
& a casa à Companhia, &
logo com maravilhosa meta-
morphosi, as oliveiras se trans-
formaram em casas; os cer-
rados deshabitados se mudã-
ram em edificios grandiosos,

cheyos de gente nobre, & de
fidalgos illustres; os vallados
toscos se trocãram em fermosas
ruas; o campo se fez cidade; o
monte se converteo em corte;
& o sitio deserto, se vio mudado
em huma copiosa povoaçam;
de sorte, que representa hoje a-
quelle bayrro huma bastante
cidade, que por estar edificada
sobre monte, nam se pòde escõ-
der, como Christo Senhor nos-
so ^b diz no Evangelho.

2 Nesta nova cidade,
edificada de novo, no bayrro
alto, a Igreja metropolitana,
(com licença das demais, que
estam por aquelle sitio) he o
templo de Sam Roque; a
corte desta cidade he a casa
da Companhia, o mesmo
templo he o palacio desta cor-
te, como do augusto, & antigo
templo do Rey de Italia, disse
o engenho de Mântua, *Hoc illis
curia templum.* Fica toda esta grã
de povoaçam fõra dos muros
de Lisboa, posto que contigua,
& por muitas partes continua
com elles. He este bayrro, senam
o mais frequentado, ao menos
o mais gabado; as casarias
muy nobres, a obra de ar-
chitectura Romana, & de tra-
ça moderna: o sitio o mais al-
to da cidade, mais descuberto
ao Norte, mais lavado dos
ventos, & mais purificado nos
âres: & como as chuvas tem
tanta corrente pera o mar,

*Este bayr-
ro parece
huma boa
cidade.*

^b
Mat. c. 5. n.
14. Non po-
teit civitas
abscondi fu-
pramontem
posita.

Virg. Æn. 7.

*O bayrro
de S. Roque
parece o
melhor da
cidade de
Lisboa.*

^a
Isaie c. 35.
n. 1. Lætabi-
tur deserti,
& in via &c.
Germinans
germinabit.
& n. 8. Et
erit ibi semi-
ta, & via, &
via sancta
vocabitur.

*Como se ha-
bitou o
bayrro al-
to.*

Anno de
Christo de
1553.

102

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cōpanhi
14.

Nomes de
Padres,
começara
a morar
na casa de S.
Roque.

Todo aq̃lle
bayrro se
habitou de
pois de ter
mos aly a
casa de S.
Roque.

Mudamse
os Padres
pera aquel
las peque
nas casas.

fica todo muy limpo, & sadio, & fora dos incommodos, que nas mais partes da cidade se padecem: as ruas sam muy largas, & muy bem lançadas, & de todas a mais fermosa, & a mais alegre, & por proprio nome a rua larga, he a que leva à Igreja de Sam Roque, & à casa da Cōpanhia, a quem se deve o grande augmento, que neste sitio teve a cidade de Lisboa: de sorte que nam havendo aly d'antes mais que huma pequena ermida, & tres, ou quatro casas terrêas, hoje se ve huma tam grande povoaçam, com que tanto se acrecentou a cidade de Lisboa, vindo todos buscar a sômbra do Sancto, & a visinhança dos Padres: agora hiremos vendo, como de tam humildes principios, se chegou á grandeza, que hoje vemos.

3 Tomada pois a posse da ermida, com a solemnidade, que diffemos no capitulo passado; se mudaram logo os Padres pera aquellas poucas casas terrêas, em que habitavã o ermiram, & alguns, que aly vinham fazer novenas ao Sancto. Aqui neste pequeno albergue agasalhou S. Roque aos seus primeiros hospedes, diziam bem as casinhas dos Padres, com a ermida do Sancto; mas sedo veremos ao Sãcto em mayor Igreja, & aos Padres em melhor casa.

4 Os primeiros nossos Re-

ligiosos, que se vieram morar nesta estreiteza de habitaçam, foram os Padres Diogo Miram Provincial, Gonçalo da Sylveira, primeiro Preposito da mesma casa, Miguel Esteves Ministro, Miguel de Torres confessor da Rainha, Manoel Rodrigues, Gonçalo Vaz de Mello, Francisco Vieira, Antonio Soares. Vieram mais os Irmãos seguintes, André Fernandes, que servia de Sotto ministro, Pedre Anes, primeiro Sancristam, & esmolér, André Gomes, primeiro cosinheiro da casa de Sam Roque, Bernardino dos Reys, Domingue Annes, cō mais outros, q̃ faziam jutos o numero de quatorze. Todos sahiram do Collegio de S. Antam, aonde estavam hospedados, & d'ahi levaram parte dadas, & parte emprestadas, as alfayas de calices, ornamentos, camas, & mais enxoval necessario: que esta obrigaçam, como já apontamos, deve sempre reconhecer a casa de S. Roque ao Collegio de S. Antam, pois elle lhe deo a gente, & lhe emprestou as alfayas; & posto que a casa de S. Roque he a cabeça de toda esta Provincia em Portugal, com tudo deve este reconhecimento ao Collegio de S. Antam, que como foy primeiro, teve esta boa occasiã, pera agasalhar aquelles Padres, & pera se poder dizer, que a casa de Sam Roque sahio do

O Collegio
de S. Antam
emprestou
as alfayas
pera a casa
de S. Roque.

Anno de
Christo de
1553.

Como pas-
savam aly
cō alegria.

Anno da
Cōpanhia
14.

Collegio de sancto Antam.

5 Naquelle estreiteza de casas, & aperto de Igreja, continuaram aquelles padres quasi por dous annos, com grandes incommodidades, que necessariamente se haviam de padecer; constanos porẽm, que passavam tam contentes, como se viveram em aposentos muy largos; & mais alegres que os grandes senhores em paços grandiosos, & em recamaras douradas, com toda a mais abundancia, & commodidade, que outros poderiam desejar; & como tinham por superior ao padre Dom Gonçalo da Sylveira, varã de tam extrema humidade, & tam dado ao exercicio da propria mortificação; tiveram aqui estes Padres varias occasioens, pera se poderem exercitar em obras de serviço de Deos; & em actos de humidade, seguindo a seu Capitã, o qual em tudo o que podia servir de exemplo, & desprezo, hia diante. E como se tinha criado no Collegio de Coimbra, aonde foy discipulo do Padre Mestre Simam Rodrigues, no espirito de mortificaçoens publicas; nam perdia occasiã nenhuma em Lisboa, conforme tinha aprendido em Coimbra. Seguindo pois este bem costume, sahia pela cidade em corpo, com hum cantaro, a buscar agoa para casa; & ainda era mayor a edificação, porque o acompa-

nhavã os mais Religiosos, acodindo todos ao final da campainha, que pera isto se tocava; hindo juntos pelo meyo da cidade, cō grande edificação dos que os viam; que com estes profundos fundamentos de humidade, hia Deos abrindo os alicesses nam menos ao edificio espiritual do grande exemplo (que os Padres de Sam Roque tem dado neste Reyno) que ao material; atẽ chegar a tam grande altura, como hoje vemos, aquella casa, & aquella Igreja; aonde se fazem tam grandes serviços a Deos, como todos veneramos.

6 D'estes pequenos, & humildes aposentos, sahiam os Padres, como de Alcaçar, & fortaleza do cẽo, a fazer entradas por dentro da cidade, a pelejar contra os vicios, & a conquistar as almas a Deos, com tães aventuras, & tam illustres successos, & com victorias tam gloriosas, como se podiam esperar de soldados, que tinham por capitã o bemaventurado Padre, & fervorosissimo confessor de Christo Gonçalo da Sylveira. D'aqui sahiam a pregar pela cidade toda, acodiam às cõfissoes, a qualquer hora do dia, ou de noite, a quem quer que os chamava; hiam visitar os carceres, & as galles, buscavam esmolas pera acodir aos presos, & aos forçados; traziam doutrina, ensinando aos mininos, & aos ignorantes; ass-

Dos grandes serviços de Deos que fazião os Padres de S. Roque.

Das mortificaçoens publicas, q' aly faziam

Anno de
Christo de
1553.

104

Anno da
Companhia
14.

nalando-se muito, entre es mais, o Padre Gonçalo da Sylveira, & o Padre Gonçalo Vaz de Mello (de quem já por vezes faley) o qual, além dos sermoens, & das doutrinas, lia aos Domingos á tarde huma liçã da fagrada Escritura, no pulpito de S. Roque.


Grandes
concurfos,
q̄ ja havia
na Igreja
de S. Roque

7 Era já tanta a devaçã da gente, que nos vinha buscar, & tam grandes os concursos, que era necessario no mesmo tempo, fazermos dous sermoes, hum dentro na ermida, outro aos que ficavam fõra, à sombra das oliveiras, pondolhe pera isto hum pulpito junto da porta. A vista de tam bons successos, se augmentava tambem muito o contentamento no serenissimo Rey, quando lhe contavam estas cousas; o qual vendo o notavel aperto da ermida, pera tam grandes concursos da gente, & sabendo quam mal accommodados estavam os Padres, merecendo muitos favores, pelo copioso fruto, que faziam nesta grande vinha da cidade de Lisboa; tratou logo de os accommodar de aposento, & de os melhorar na Igreja.



CAPITVLO XXIV.

Trata el Rey de nos fazer hũ templo muy sumptuoso, & hũa casa muy grandiosa, a hũa, & outra cousa resistem os Padres; & do modo com que porentam se accommodãram.

I  A M ordinãriamẽte as obras de algum edificio semelhantes ao animo de quem os manda fazer, porque como a fabrica exterior tẽ o principio no conceito, ou icẽa do artifice, nam pôde deixar a obra de fõra, de sahir semelhante ao exemplar interno. Era el Rey Dom Ioam o terceiro em tudo augusto, & magnifico, & assim como na obra do Collegio de Coimbra mostrava seu animo grandioso, tambem no templo de S. Roque, em Lisboa queria mostrar sua grandeza: eram porém aquelles bons Padres tam humildes, que nam achavam em sy capacidade pera receber mercès tam grandiosas. Tratava a magnificencia real de fazer hum templo, o qual, ainda que nam igualasse a largueza

Queriat
Rey fazer
hũa Igreja
como a de
Belem.

guesa

gueza de seu animo (porque elle nam tinha limite) fosse com tudo tal obra, que pudesse confiadamente chamar-se sua, na qual tivesse sepultura elle, & a Rainha sua molher: meditava huma Igreja semelhante áquellas duas famosas, & augustissimas Basilicas da Batalha, & de Bethlem, que fundaram em Portugal os felicissimos Reys seus avós Dom Ioam o primeiro no nome, & nas excellencias, & Dom Manoel o unico no nome, & tambem nas obras; as quaes podem fazer enveja a qualquer das sete maravilhas, que a antigua fama tanto no mundo festejou.

2. Porém assim como os intentos do Rey eram reaes, & magnificos, assim os pensamentos dos Padres eram humildes, & acanhados: nam cabem graças soberanas em peitos por natureza apertados; assombraram com tal offerta os Padres Ieronymo Nadal, & Diogo Miram; nam lhes parecia q̄ frizava bem a pobreza, que naquella casa era a mais apertada, & humilde, com o templo que o Rey queria que fosse o mais augusto, & sublime; fazem os Padres conselho sobre a materia, resolvem-se na sua consulta, que mais lhes convinha a sua profissam templo ordinario na obra, que sumptuoso na grandeza: foram pedir por merce ao benignissi-

mo Rey, que nam quizesse medir a traça d'aquelle edificio pela magestade de sua pessoa, que a mandava fazer, mas pela humilidade dos sogeitos, pera quem se fazia: que aquella casa havia de ser de gente, que mais devia professar pobreza, que ostentar riquezas; & á volta d'isto foram tantos os rógos, & ainda importunaçoens dos Padres Ieronymo Nadal, & Diogo Miram (que entam governava a Provincia) que finalmente se rēdeo o magifico Rey ás petiçoens dos humildes Padres, aos quaes por ultima resoluçam, com pouco gofio seu, respondeo, que fizessem como melhor lhes parecesse.

3. Conforme esta humilidade, trataram logo de dar ordẽ pera terem algum modo de Igreja, em que pudessem agasalhar os grandes auditorios, que nos vinham demandar: o que por entam se remediou desta maneira: estava a ermida de S Roque lançada de Oriente a Poente (como era costume nas Igrejas antigas) tinha de comprimento oitenta palmos; ordenaram os Padres que esta ermida com sua capella mór ficasse servindo de cruzeiro, & que de Norte a Sul se acrescentassem em comprimento outros oitenta palmos, que corriam do meyo da Igreja, d'onde hoje está o pulpito, até aonde se abre a porta

*Resistē os
Padres a
se fazer hū
tēplo sumptuoso.*

*Do modo
cō que os
Padres se
accōmoda-
ram de I-
greja.*

Anno de
Christo de
1553.

106

principal, que hoje nos lerve. Com esta pequena Igreja feita destes remendos, lhes parecia aos Padres, que ficariam satisfeitos; porq̃ como tam pobres, eram muito bons de contentar; & assim d'aly a quasi dous annos se deo principio a essa sua obra, lançandose a primeira pedra no anno de 1555. com grãde solemnidade, pelo Padre Dõ Ioam Nunes Barreto, da nossa Companhia, que já estava sagrado Patriarcha de Ethiopia sobre o Egypto (como adiante veremos) A invocaçam da Igreja, cõforme o contrato celebrado, foy de S. Roque, segundo ainda hoje dura.

4 Temos já os Padres de S. Roque accommodados a seu modo, ou pera melhor dizer desaccommodados, com Igreja; vejamos como se accommodaram de casas, perdendo outra igual occasiam, como a do templo. Nam sò tratava o magnifico Rey de nos fazer hum templo qual diziamos, mas tambem nos queria aly fazer huma casa muy grandiosa, que respondesse à grandeza da cidade, & ao amor, que nos tinha: com estes pensamentos nos comprou, & nos deo o sitio em que agora estamos, pera a cerca, que temos, & pera o edificio da casa; & querendo tomar à sua conta nã menos a obra, q̃ a traça, mãdou logo pelo seu architecto fazer o

debuxo, mais conforme a tua grandeza, que segundo a humildade dos Padres, os quaes tambem lhe foram à mãõ, dizendo que nã affentava bem a obra tam sumptuosa, que traçava como Rey soberano, com a pobreza, que aly professavam como humildes.

5 Algum tanto sentiram as pessoas reaes esta resistencia dos Padres; porẽm nã quizeram insistir na porfia, que os Reys difficultosamente se empenham em cousas, que nã pertencem à conservaçam de seus estados, ou à honra de suas pessoas; & assim a resposta foy a mesma, que tinhã dado na obra do templo (que elles queriã fazer, & os Padres lhe impediram) que traçassem, & fizessem o edificio da casa a seu modo, & a seu gosto: & assim como por rezam deste encolhimento deixaram aquelles Padres de nos dar o mais fermoso templo, que teria Lisboa; assim perdemos o edificio da casa, que poderia competir com o do nosso Collegio de Coimbra; mas em huma, & outra cousa bem se sentio a falta, que fez nesta Provincia a generosidade, & grandeza de animo do Padre mestre Simam Rodrigues, a quem devemos a traça, & a largueza do Collegio de Coimbra, que se elle fosse architectado pelos debuxos, & exemplares do Padre Diogo Mirãõ,

pare-

Trata el-
Rey de nos
fazer hũa
casa muy
grandiosa.

Anno da
Companhia
14.
Resistem os
Padres.

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Companhia
14.

Como os
Padres se
accomoda-
ram pobre-
mente.

parecerse-hia com as obras, que este bom Padre meditava pera a Igreja de S. Roqua, & para morada dos Padres.
6. Conforme a esta humil-
dade, & aperto de animo do Ba-
dre D. D. Miram, se mandou logo fazer hum corredorinho estreito, lançado pera a banda do Poente, com oito cubiculos, no andar de cima, & algumas casas por baixo, obra em tudo muy semelhante à humilde, & pobreza, que os Padres al-
queriam professar; & assim foy tam apoucada, que em nossos dias quasi se desfez, pera se acabar de aperfeiçoar a testada do corredor, que vay lançado de Oriente a Poente. Com este dormitorio tiveram os Padres mais algum alivio, porém ainda muito pouco, a respeito dos moradores, que já no anno de mil, & quinhentos, & cincoenta, & sete, eram por todos trinta, nam chegando os cubiculos nem pera agasalhar a metade. Porém, logo viram os Padres, que a casa demandava mayor fabrica, & que era necessario dilatar-se mais; & assim logo no anno de 1553. com huma esmola, que deo sua Alteza, se principiaram os dous corredores, que hoje temos de cima, & de baixo, começando a correr de Oeste pera o Leste, com dezoito cubiculos; porém tambem esta obra se pa-
recia em parte com os dous Pa-

tres Nadal, & Miram, porque os cubiculos (como hoje se ve, nos que servem de enfermarias, no corredor de baixo, & nos que vam por cima) sam pequenos, os tetos diferentes, & os portas eram de alvenaria, que pelos tempos adiante se fizeram de cantaria, emendandose em parte, que naquelles tempos se fazia aos poucos.
7. Assim continuaram os Padres com este incommodo, até que trouxe Deos àquella casa hum superior de mais superi-
ores espiritos, & de igoal virtu-
de; este foy o muy celebrado Doutor o Padre Pedro da Fonseca, digno de eterna memoria, por suas obras tam estimadas no mundo, & por suas virtudes tam merecedoras do céu; de cuja entrada na Companhia já faley na primeira parte. Este excellente Preposito se animou a fazer o edificio em melhor forma, & logo Deos o ajudou, porque tanto monta começar, & por as mãos à obra; elle acabou o restante do edificio, que corre desde lavatorio pela parte do Norte, & o que está lançado pela parte do Oriente, com os cubiculos, sisternas, abobedas, que servem de celeiros, com outras mais officinas, que tudo he obra grandiosa, & digna de tal autor: o qual tudo isto fez das grossas esmolas, que em seu tempo, & do Padre Procurador

OP. D. Pe-
dro da Fon-
seca acre-
centou a
casa de S.
Roque.

1. p. lib. 2. c.
32. n. 9.

Anno de
Christo de
1553.

108

Anno da
Companhia
14.

Grâdes cõ
curfos a
Igreja de
S. Roque.

Francisco Freyre, se dêram à
quella casa, que achamos passa-
rem de oitenta mil cruzados:
que tanto ajuda, pera atrahir os
animos da gente, & grangear as
esmòlas dos ricos, a autoridade,
& benignidade do Prelado; que
d'ambas estas boas partes neces-
sita muito o que for Preposito
da casa de Sam Roque, a quâl
tambem fez hir muito adiante
o Padre Ioam de Madureira,
sendo dignissimo Preposito d'a-
quella casa, porque tinha muito
destas duas boas partes, do qual
tambem já falley.

que tinha traçada, & fabricada
o Padre Diogo Mirâm; porèm
cada dia se hia habitando, & po-
voando mais todo aquelle bayr-
ro alto; & os concursos da gen-
te eram tam notaveis, que final-
mente vieram a entender os
Padres, que nam bastava Igreja
tam limitada, pera agasalhar tâ
grandes auditorios: viam os in-
convenientes, mas nam lhe po-
diam dar o remedio: nam basta-
va templo tam pequeno, mas
nem o podiam já fazer mayor:
os subditos suspiravam pelo tẽ-
plo real, que perdèram, porèm
nem co seus suspiros o podiam
já acrecentar; que esta pensãm
pagam os que vivem em Com-
munidades, sogeitos à vontade
do Prelado, que se este nam a-
certou, o erro he de hum, mas a
perda abrange a todos. Nam
quizeram aquelles Padres no
principio templo grandioso,
quando lho offereciam, & me-
dindo aos mais pela architectu-
ra de seus pensamentos, edifica-
ram hunta Igreja conforme sua
humildade; o tempo com tudo
os ensinou, que nem elles acer-
taram em ser tam apoucados,
nem os subditos tinham reme-
dio, com estarem arrependi-
dos.

2 Finalmente no anno de
1566. se tomou a ultima resolu-
çam, de se haver de fazer huma
Igreja mais capás, pera poder
receber a gente, que nos demã-

Resolve-se
em fazer
templo grã
de.

davã:

1. p. lib. 2. c.
11. n. 5.

CAPITVLO XXV.

*Como se fez a Igreja de Sam
Roque da maneira que hoje a
vemos, descreve-se esta obra cõ
o seu tecto, especialmente
pela parte de
dentro.*

I A S tornemos à
Igreja, que a te-
mos ainda muy
pequena, & aper-
tada, mais segundo o animo po-
bre dos nossos Religiosos d'a-
quella casa, que conforme os
grandes concursos, que entam
começavam, & hoje experimẽ-
tamos. Continuavam os Padres
naquelle modo de Igreja velha,

dava: abriramse os alicesses, ao principio, com desenho de a fazer de tres naves, como antigamente de ordinario se usava, mas logo no anno seguinte de mil, & quinhentos, & sessenta, & sete, se tomou melhor conselho, assentando que se fizesse a Igreja de huma sò nave, por ficar d'esta maneira mais desabafada, com mais luz, & muito mais accommodada, pera de toda a parte os ouvintes se aproveitarem da palavra de Deos, nam sòmente ouvindo, mas tambem vendo ao prègador; conforme a esta resoluçam se ordenou logo em melhor forma a Chorographia, & traça de todo o edificio, compartindo, & distribuindo o corpo da Igreja, o cruzeyro, & as Capellas, tudo proporcionadamente, respeito cada parte ao todo; mostrando bem esta nova traça, & debuxo das plantas, montèas, cisoens, & perfis interiores, & exteriores, quanto mayor era o animo de quem agora a traçava, & fundava.

3 Conforme a esta nova, & bem lançada traça, se tornaram a desfazer os primeyros alicesses (que obras sumptuosas raramente se acerram da primeira vez) d'esta maneira ficou totalmente des-

feita a ermida antiga de Sam Roque, que nos tinha servido de cruzeyro, & se recolhéo o Sancto em huma fermosa Capella, que està da parte do Oriente, a qual hoje he a terceyra, a quem entra pela Igreja: derrubou-se tambem o alpendre, a que chamavamos Igreja velha: trabalhando-se na obra com tam grande calor, que quando veyo o anno de mil, & quinhentos, & setenta, & sinco, estavam já acabadas até a cornija as paredes da Igreja nova, que hoje temos; cujo vâm, ou montèa tem de comprimento cento, & oitenta, & seis palmos, sem falar na Capella mòr, & de largura oitenta & dous, nam contando aqui a montèa das Capellas, que pelos dous lados a cercam.

4 Logo se tratou do tecto, havendo primeyro grandes consultas de insignes Architectos, sobre a traça, que teria, & finalmente se vieram a resolver ao fazer de madeyra, por lhes parecer que o sitio era alto, algum tanto pendurado, & que nam teriam as paredes bastantes hombros, pera sustentar o pezo, & o repuxo, que tam grande abobeda demandava. Resoluto este pòto, assentaram tambem, que o lançososse de esteyra, o que ainda que tinha gran-

Tratase do tecto.

Começase a Igreja nova des. Roque.

des commodos, tinha tambem grandes difficuldades por davante , pela notavel largura, que vay entre as paredes collateraes. Pera se vencerem estas difficuldades, veyo hum famoso Architecto, mandado por elRey Catholico Dom Philippe o prudente, o qual traçou a obra com hum novo invento, nunca visto em Portugal, dispondo o tecto com tal traça, (que sem ter colūnas pelo meyo da Igreja, que he tam larga, nas quaes se possa estribar) está segurissimo, & parece que se sustenta no ar. Por ser a obra do madeiramento, que vay por cima do forro, muy notavel, & nam se ver de baixo da Igreja, me pareceo descrevela aqui, pera que quem tiver curiosidade de a ver, ao menos a possa aqui ler.

Descreve-se o tecto da Igreja pela parte de dentro.

5 Fez vir da Prusia os mastos, ou traves que lhe pareceram bastantes, destas lançou doze, cada huma de noventa & sete palmos de comprimento, & de notavel grossura (porque as nam pôde hum homem abranger com os braços) lançouas digo de cornija a cornija, atravessando a largura da Igreja, de maneira que se vam acentar, & pegar nos frechães, que estão encaixados sobre as cornijas; & logo ao sopé destas grossas linhas, ou traves fez estribar, & levan-

tar, em modo de esquadria, outras doze de cada parte, mais pequenas, porém da mesma grossura, a que podemos chamar guieyros, que escôram na mesma cornija, & parede, & vam subindo como em esquadria, até fechar em huma valente trave da fileira, (que responde ao espigam do telhado, em que acaba o cume do tecto) estes vinte & quatro guieyros se asseguram pelo meyo com doze oliveys; descem logo outras doze traves de cada parte no fim dos oliveys, da mesma grossura das doze linhas, & dos vinte & quatro guieyros, a que chamam pendorães, cada hum de vinte & quatro palmos de comprimento, os quaes vam a prumo, & sam como esteyos, & columnas pera sustentar o madeiramento do forro; mas com esta differença, que as outras columnas ordinarias tem mām no pezo, sobre os capiteys; porém estas, com notavel novidade, sustentam, ou levantam o pezo pela parte que houvera de ser baze destas colūnas; & sem carregar nas traves, que atravessam a Igreja, as estão sustentando no ar, & puxado pera cima; porque como estas traves sam tam compridas, necessitavam de algum arrimo, que as sustentasse, & supposto que nam

Notavel novidade nestas colūnas, que sustentam o forro da Igreja.

tem columnas, que subam do pavimento da Igreja pera o tecto, tem estas, que por cima do tecto o estam sustentando, & chamando pera o alto, as quaes, pera este effeito, descem com tal traça, que pera nam abäterem as ditas traves do forro com o proprio pezo, ficam como pendentes no ar, sem lhe tocar, por sy mesmas, & contudo pera as assegurar, & sustentar, lançalhe cada hũa das columnas duas cintas de ferro fortes, & grossas, q abraçam os terços das mesmas traves; & desta maneira fica a obra segurissima, porq estas colunas nam carregam no forro, antes puxando pera o alto, sustentam as traves, e q vay pegado o mesmo forro, pera q nam faça algũ pendor.

6 Entre estas 24. colunas, ou pedoraes, corre hũ grãde laço de corredor, que representa hũa larga, & cõprida coxia, por onde seguramẽte se palseo o tecto todo de Norte a Sul, o qual tecto, por esta parte de dentro, representa outra grande Igreja de tres naves, feita toda de madeira, & fundada sobre o tẽplo de S. Roque, q embaixo vemos. Como esta obra foy nova, & sua architectura nunca usada neste Reyno, & como por outra parte era esta machina tã grãdiosa, & tã segura, foy notavel o cõcurso dos curiosos, q acudiam a ver a nova fabrica do tecto; & quem

olha debayxo da Igreja, como nam ve mais q o forro de esteyra (nẽ descobre este grãde madeiramẽto, que vay por cima, pera o sustetar) pasina de ver tam grãde largura do tecto, q parece q estã pendente no ar, como dizem do famoso Mausolõ^a de Caria, que a antiguidade celebrou, entre as sete maravilhas do mundo.

7 Acabado o madeiramẽto do tecto, o forraram pela parte convexa de bordo de obra chã, & raza, sã artezoës, nẽ molduras, porq tratavam de o animar cõ pintura: pera isto se traçaram tres valẽtes desenhos, pelos melhores, & mais primos officiaes de Lisboa, porẽm o q mais contentou aos peritos, he o que hoje aly vemos: a ordenança da obra he de grande architectura, avulta muito ao lõge, tẽ conhecidos primores, notaveis arremços, grãdes valentias da arte; mostrãdonos (entre curiosos emblemas, entre fermosas tarjas, & egraçados brutescos) varios passos da sagrada Escritura, & representãdonos à vista quatro arcos tãbẽ fingidos, q parece sustetam o mesmo tecto, & entre elles se vẽ hũs zimbórios abertos, e hũas cupulas tãbẽ representadas, q cõ hum alegre engano festejam os olhos ver se enleados, quando cuydam que o vãm d'estes zimbórios passa muito avante, & sobe ao alto, escondẽdose entre as

^a
Martial. lib.
Epig. 1. Aere nec vi-
cua pendē-
tia Mausol-
læa.

Descreve-
se a pintu-
ra do for-
ro.

NO tecto de
S. Roque pe-
la parte de
dentro re-
presenta
outra Igre-
ja.

fombras reflexas, & entre os repercussos da pintura; achando aqui mais os olhos cõ a admiraçam doq̃ cuydam que vêm, que na delineaçam do que realmente alcançam, porque posto que a arte com que este artifice pintou, foy grande, com tudo o engenho com que fingio, foy mayor; & isto vem a ser o que antigamente tanto louvou Plinio ^b naquelle celebrado pintor Thimantes.

8 Fezse tambem, pera mayor segurança, & ornâto da obra, a rãda do templo, pela parte de fóra, outra cornija de pedra, com hum largo passadiço, pelo qual vay aberto hum cano, tambem de pedraria, por onde descem as agoas, que correm do telhado: a rãda desta cornija vay huma varanda com seus pilares, tudo tambem obra de marmore, & que serve nam menos pera ornato do edificio, que pera segurança das pessoas, que por elle andarem. A servintia, que leva a estas varandas ao recto, & ao telhado, sam duas fermosas escadas, cada huma correspondente á outra, junto aos dous cunhaes do cruzeiro, as quaes nam sam cocleadas, como ordinariamente costumam ser, mas tem seus tabolèyros a seus postos, suas voltas com degraos, de dous em dous, & de quatro em quatro; tudo de pedraria,

muy forte, larga, & bem escodada; & em fim obra grandiosa, & muy parecida com o Padre Doutor Pedro da Fonseca, que a mandou fazer.

9 Cubriole o tecto de fóra com laminas, & pastas de chumbo, & contentou muito a invençam, assim por ser nova, como por se persuadirem que ficava a obra mais duravel: porém o tempo (que he o juiz, que mais desinteressadamente, & melhor approva, ou reprova as obras que a novidade inventou) nos ensinou, que as laminas de chumbo nam vedavam tambem a agoa, & assim tirado o chumbo, se forrou com telhado ordinario, ao modo antigo; que em fim a novidade ainda que tem a boa graça de contentar, nem sempre tem o bom logro de aproveitar; & ainda que causa admiraçam, nem sempre traz satisfaçam; & mais val a experiencia antiga, que a especulaçam curiosa; porque a experiencia, como ensina Aristoteles ^c, he a mãy das artes,

& a novidade he o principio dos

erros.



O P. Pedro da Fonseca fez estas obras.

^c Arist. lib. 1. Metaph. c. 1.

^b Plin. Natur. hi. lib. 35. c. 10. Omnibus eius operibus intelligitur plussemper, quam pingitur, & cum ars summa sit, ingenium tamen ultra artem est.

A roda do templo vay outra cornija de pedra.

CAPITULO XXVI.

Começase a tratar das Capellas da Igreja de S. Roque: dase particular conta da Capella mór, & de seu ornato.

I Emos visto a Igreja de S. Roque pela parte de fóra, & temos sobido ao seu tecto, rezam he que entremos tambem dentro, & visitemos suas Capellas, que as acharemos hoje muy acrecentadas, nam só no ornato, mas tambem no numero, porque no corpo da Igreja, nam fallando no cruzeiro, há poucos annos, que nam havia mais que quatro capellas, hoje vemos oito; & no lugar aonde acrecentamos as capellas (que he do pulpito pera baixo) havia d'antes huys nichos de pedraria burnida, muy bem ornados, & azulejados, & nelles seus confissionarios, com suas portas pera dentro, por onde entravam os Confessores, com grades de pão preto, obra gabada de muitos. Por cima dos confissionarios corriam tribunas, com janellas muy largas pera a Igreja, nas quaes havia grande commodo pera

Fizeramse de novo quatro capellas na Igreja de S. Roque.

assitir às pregaçãoens, & mais officios divinos; tudo isto se desfez; por causa das quatro capellas, que de novo aly fabricamos; nam tanto com intento de melhorar, & ornar a Igreja (pois alguns a julgavam d'antes por mais engraçada) quanto por rezam de acrecentar este novo repuxo das capellas às paredes da Igreja, porque ainda que sam grossas; nam tinham bastante fortaleza pera sustentar abobeda; que pôde ser alguma hora se intende fazer nesta Igreja porque como o tecto todo, conforme dissemos, he de madeira, por mais forte que seja, ordinariamente nam he de muita dura, & assim quando se vier acabar, pelos annos vindouros, já se poderá bem seguramente fazer abobeda.

2 Visitemos pois no primeiro lugar a Capella mór, cuja montea ainda que he muy curta, com tudo tem bastante altura, porque se contam cincoenta & seis palmos, até topar na abobeda, & de largo trinta & sete, & he muy accommodada pera de toda a parte da Igreja se poderem ouvir as missas, que nella se dizem; & por esta mesma rezam lustram mais, & avultam melhor as Pyramides das 40. horas, & os tabernáculos do sepulchro. Esta Capella deo a

Rezam, q' houve pera fazer estas Capellas.

Padroeiros da Capella mor de S. Roque.

Cap. 17. n. 1.

Companhia a Dom Ioam de Borja, & a sua mulher Dona Francisca de Aragam, & a seus herdeiros; o qual Dom Ioam de Borja foy filho do B. Padre Francisco de Borja, & de sua mulher Dona Leonor de Castro, que foram Duques de Gãdia, da maneira que dissemos atrás. Deolhes a Companhia esta Capella em titulo de gratidã, pelo inestimavel thesouro de reliquias, que doaram a esta casa de S. Roque: com tudo nenhum destes fidalgos concorreo em cousa algũa a esta fabrica, mais que ao pavimento da pedraria, que se fez à sua conta, com hum grande carneiro, para sua sepultura, no qual se jazem os ossos do dito D. Ioam de Borja; & nem seus filhos, que foram o Principe de Esquilache, & o Duque de Villahermosa trataram mais desta Capella.

3 Assim havia annos que estava a Capella sem retabolo, digno de hum lugar tam autorizado, o qual finalmente lhe veyo a fazer, sendo Preposito d'aquella casa o muito Reverendo, & muito Religioso Padre Diogo Mõteiro, varã de muy sancta vida, & de muy saudosa lembrança, pay universal de toda esta Provincia, na qual foy Mestre de noviços mais de trinta annos, criando seus filhos espirituales em devaçam, & em

mortificaçam; & finalmente foy Provincial, governandonos, & ensinandonos mais com o raro exemplo de sua pessoa, que com a força de seus preceitos; & por isso foy tam ajustado seu governo, & tam efficaç sua doutrina, que na verdade, como bem mostra a experiencia, & nos ensina S. Leão, Papa, mais valentes sam os exemplos, que as palavras; & melhor se ensina com obras, que com vozes; *Validiora sunt exempla, quam verba. & plenius opere docetur, quam voce.* Assim o podemos dizer com muita rezã deste muy exemplar superior, cuja sancta, & muy notavel vida se contará em seu lugar, que o merece elle muy principal, entre os mais illustres Padres desta Provincia de Portugal, ditosa em ter filhos sanctos, & a nenhum cedeo o devotissimo Padre Diogo Monteiro, nem no espirito da devaçam, nem no amor a sua Religiã.

4 Este insigne Preposito da casa de S. Roque se resolveo, & se animou a lhe fazer o retabolo do Altar mor; & ainda que o tempo estava apertado, & a obra pedia muita fabrica, com tudo elle com sua boa graça, & grande entrada, que tinha com todos, falando de Deos, & excitando a devaçam (que era sempre o seu principal intento) alcançou esmolas, com que se fez

2
Leo Papa in
erm. de ie-
junio.

O P. Diogo Monteiro fez o retabolo da Capella mor.

Descreve-se o retabolo.

toda a obra de macenaria do retabolo, & conforme alguns cuydam he o mais engraçado, & mais aparatoso retabolo que tem Lisboa; consta elle de dous corpos; com seu remate; & fim de remate; tem varias colunas corinthias; estriadas com seus terços muy bem lavrados; capiteis corinthios de grande feiço; sobre as colunas tem seus alquitraves, & seus frizos entalhados de bom Romano, & com suas cornijas de ornamentos muy bem relevados; entre as colunas vam nichos, que tambem são estriados, & suas meyas laranjas arceoadas de flores; os baixos acompanhados de tarjas curiosas, de folhagens, & frutes de excellente relevo; nos nichos estão quatro Sanctos da Companhia, S. Ignácio, San Francisco de Xavier, o B. Luis Gonzaga, & o B. Padre Francisco de Borja. Tem hum fermoso sacrario, de excellente lavor, insignemente dourado, o qual fica metido no vam de hum arco, que faz o retabolo, composto tambem de varias colunas estriadas, & por remate das colunas de baixo, alguns anjos de relevo inteiro, com os martyrios na mão, remata-se com hum zimbório, com sua pianha, & com sua cruz por cymbo.

5 No meyo do retabolo está ordinariamente hum fermoso, & muy gabado quadro

da circuncizã, obra feita em Roma (& que trouxe a esta casa o Padre Antonio de Moraes, sendo Preposito, na jornada que fez hindo a Roma, eleito Procurador desta Província, no anno de 1633.) o qual está posto com tal traça; que o mudam quando querem; & poem outros; conforme a variedade das festas do anno; & nos dias da communham geral, ou em festas algumas particulares fica o retabolo sem nenhum destes payneis, & no vam apparece huma casa, a qual está occupada com huma charola dourada, que terá de pé direito quinze palmos, & de vam treze, a qual está formada em seis colunas, com seus capiteis corinthios; entre coluna, & coluna vay hum arco em forma de nicho transparente, lavrado com seus pilarchinhos, & arco do mesmo, tudo em volta, & em circulo perfeito.

6 Em cima destas columnas se levanta huma meya laranja, cousa muy grandiosa; a qual vay buscando os vivos de suas columnas, com seus flores nos compartimentos de vam a vam; neste mesmo nicho vay huma pianha, a onde se defende o sanctissimo Sacramento, a qual tem (á maneira dos dous Cherubins, que com suas azas cubriam o propiciatorio) dous anjos, em postura de hu-

Do paynel que está no retabolo.

Da casa, q está no vam do lugar do paynel.

^b
Exod. c. 37.
n. 9. Dous Cherubim extendetes alas, & regetes Propiciatorium.

milde adoraçam, os quaes parece que se sustentam no ar, & cõ suas azas, que artificialmente levantam, & abaixam, ficam encerrando, & desencerrando o sanctissimo Sacramento; que assim quiz este Senhor humanar-se comnosco, & humilhar-se por nós, que basta huma aza de hũ anjo, feito por arte, pera o encubrir, & descobrir; & estando d'antes assentado sobre os Cherubins, como o vio o seu Propheeta, & sobre hũ throno de immensa magestade, adorado de seraphins, cadahum dos quaes, (com o testifica o Propheeta, a I-sayas) tinha seis azas, com duas das quaes cubriam seu rosto, por reverencia do Senhor; a quem respeitavam; com tudo, aqui servem as duas azas aos anjos, nam pera se cubrirem a sy, mas pera nos encubrirem, ou descobrirem o Senhor; que assim se quis entregar aos homẽs, que sendo infinito, se limitou a huma hostia; & sendo Sol de immenso resplendor, permitio que a pequena nuvem da aza de hum anjo pintado, lhe pudesse encubrir seus fermosos rayos.

7 A obra desta charõla, que se vé no vãm do retabolo, mandou fazer o Padre Alvaro Pires, bem conhecido neste Reyno, nam sò por seus pays, que foram Bernardim Ribeiro Pacheco (tam celebrado no fa-

to do cerco de Mazagã, nas armadas de Portugal, & nas partes da India) & Dona Maria de Vilhena, filha de Dcm Manoel de Menezes; mas muito mais conhecido, pelo grande zelo, que se sempre teve da salvaçam das almas, nam sò com suas pregaçoens, mas tambem acudindo incansavel ao Confissionario, fazendo doutrinas com notavel applicaçam, & sendo elle o principal autor das congregaçoens, que a Companhia tem em Lisboa, & em Coimbra, nas quaes se faz muito serviço a Deos, como adiante veremos, & nellas sempre vivirá a memoria do Padre Alvaro Pires; como tambem nesta sancta casa de Sam Roque, aonde assistio muitos annos, & da qual foy sempre insigne bemfeitor.

8 Tambem nesta obra do retabolo, & ornato d'elle (nam falando agora em alguns, que ainda nesta sancta casa estam vivos) merece muito louvor o muy virtuoso Padre Sebastião Rodrigues, homem de vida innocente, de virtudes antigas, & de custumes sanctos, dotado de grande quietaçam, & de huma mansidã de pomba sem fel, verdadeiro Israelita, no qual nunca houve engano, em quem sempre floreceo a verdade, & reynou a piedade: este muy Religioso Padre foy o que tomou

O P. Sebastião Rodrigues se dourou o retabolo da Capella mor.

c
Psa. 79. n. 2.
Qui sedes
super Cherubim & c.
Isai. c. 6. n. 1
Vidi Demi-
nũ sedentẽ
super foliũ
excelsũ & c.
d
Isai. c. 6. n. 2
Seraphim
stabant su-
per illud,
sex alæ uni,
& sex alæ
alteri; dua-
bus vel. bāt
faciem & c.

OP. Alvaro Pires fez a obra desta charõla.

à sua conta dourar, & estofar o retabolo, sendo elle Vicepreposito de Sam Roque; o que se fez com a perfeiçam que hoje vemos, com toda a variedade, & primor que aquella arte ensina, com grande lustre dos sobrepostos, tarjas, & emblemas, de matizes de ouro, de cambiantes muy varios, & muy curiosos, & de muy lustrosos diamãtes, que sahem em seus terços, & remates.

CAPITULO XXVII.

Das duas Capellas Collateraes à mayor, nas quaes estam as Reliquias desta casa; da se hum a breue noticia deste sancto, & copiosissimo thesouro.

S E G V E S E logo tratarmos das duas Capellas proximas, & collateraes à Capella mòr, das quaes huma he dedicada aos sanctos Martyres, outra às sanctas Virgens; nestas duas Capellas està o inestimavel thesouro das Reliquias, que tem esta casa; que na verdade he hum dos mais grandiosos, que por ventura hã nam sòmente em qualquer ca-

Tem a Igreja de S. Roque grãdsima copia de reliquias.

sa, ou Collegio da Companhia, mas ainda em outra Igreja, de qualquer Religiãm: que parece quiz Deos nosso Senhor, com particular providencia, enriquecer esta casa, na qual, em toda sua perfeiçam, se goarda a pobreza da Companhia, pera que aonde faltam as riquezas temporaes, sobejassem os thesouros espirituaes; & nam pòde haver mayor thesouro, que o das Reliquias dos Sanctos, que se cõpropheta a Ioel (conforme explica Ruperto) diz, que na arca do testamento (que era a mayor reliquia daquelle tempo) se cõtinha o mais estimado, & o mais precioso do ouro, & da prata com quanta mayor rezãm podemos dizer, que esta casa contém em sy o mayor thesouro, pois tem tantas, & tam notaveis reliquias, neste seu sanctuario.

2 Bem vejo que em materia de reliquias pòde haver muito engano, como tambem cõpòde haver em materia de milagres, que em huma, & outra cousa tem grande força a imaginaçam, revestida com cores de piedade, & tal vez se persuade hum homem, que he milagre divino o que pòde ter causa natural, & que era reliquia da cruz o que era lenho do barco; & por isso a Igreja Catholica com tanto fundamento ordena, que haja grande cautela, & diligencia em justificar milagres,

a
Joel. 3. n. 5.
Argentum
mèa, & aurũ
culistis, & de
derabilia
nea, & pul-
cherrimain-
culistis in de-
lubra vestra.
Rupert. ibi

b
Vide Trid.
sess. 25. de
invoçatione
sanctorum,
&c.

& em apurar reliquias, porque nossa Religião Catholica nem necessita de milagres fingidos, pois rem tantos verdadeiros; não quer que haja reliquias duvidosas, suposto que as pôde ter muy approvadas.

3 No particular destas da casa de S. Roque, nos fez Deos singular merce, nam sò em lhas dar, mas tambem em nos dar a consolaçam da certeza, que dellas temos: pera isto será necessario saber quem foy o que as deo, & que occasiã teve, pera que, sendo secular, pudesse haver em seu poder, & depois doarnos, & trespassarnos tam grande copia de reliquias. O que deo este Sanctuario, foy Dom Ioam de Borja, fidalgo illustrissimo, em Castella, por sangue, & muy autorizado em cargos, foy filho do Duque de Gandia D. Francisco de Borja, & de D. Leonor de Castro, dos quaes faley atrás; foy Conde de Ficalho, & Morcomo mór da Emperatriz Dona Maria. Este Conde, entre outros grandes cargos, que teve, foy Embaixador del Rey Dõ Philippe o prudente, em Alemanha, diante do Emperador Rodolpho o segundo; & no tẽpo em que assistio nesta embaixada, como era homem muito pio, como filho de hum pay sãcto, teve grande curiosidade de ajuntar reliquias, fazendo nestas riquezas todo seu principal em

prego; & como Alemanha era tam fertil desta mercadoria, achou boas occasiões pera satisfazer esta sancta mercancia, havendo humas do mesmo Emperador, outras dos Arcebispos, & Prelados, outras dos mosteiros de Religiosos, & nam se satisfazendo sò do bom negocio, que aly tinha feito, o continuou tambem em Roma, aonde esteve, & em outras partes da Christandade, perseverando sempre neste sancto emprego, & gastãdo muito dinheiro em as mandar engastar, & ornar.

4 Depois de ter junto tam precioso, & copioso cabedal, estando já em Hespanha, declarou seu intento, que era fazer hum Sãctuario destas reliquias, & encabeçalas, como hum muy prezado morgado, em algum convento de Religiosos; o que tanto que le soube foram muitos os pretendentes, & oppositores a esta tam rica doaçam, fazendolhe grandes partidos, a fim de levarem este inestimavel morgado. Porém, como era filho de pays tam devotos nossos (porque o Duque seu pay nos amou tanto, que se deo a sy mesmo à Companhia, & a Duquesa sua mãy foy tam devota de nossa Religião, que nos grãgeou a devaçam do Duque seu marido, como já dissemos) com isto se veyo finalmente a resolver, em dar este Sanctuario à

As reliquias da casa de S. Roque sam muy autênticas.

D. Ioam de Borja deo as reliquias a S. Roque.

Par. 2. lib. 4. c. 17.

Occasiã, que teve pera ajuntar tantas reliquias.

Como se clinou a dar este Sãctuario a Companhia.

Lib. 4. c. 17. n. 2.

Companhia; & pera haver de ser à Companhia de Portugal, o movéo particularmente o amor que tinha aos Portugueses, porque além de elle ser filho de mãy Portuguesa, a saber de Dona Leonor de Castro, filha de Dom Alvaro de Castro, também estava casado com outra senhora Portuguesa, que foy Dona Francisca de Aragã (filha de Nuno Martins Barreto, Alcayde mór de Faro, & de Dona Leonor de Aragã) foy esta senhora muy affeioada à Companhia, & facilmente persuadio ao Conde seu marido, que aos Padres de Portugal fizesse a entrega deste seu tam prezado, & tam pretendido thesouro.

5 E como a casa de Sam Roque he a cabeça desta Provincia, & o Conde tinha estado em Lisboa, & tinha visto aquella nossa Igreja, & sabia muito bem que o Duque seu pay, sendo ja Religioso nosso, fora hum dos primeiros fundadores d'aquella casa, & o primeiro prægador d'aquelle pulpito, se veyo em fim prudente, & maduramēte a resolver em nos fazer esta muy grandiosa, & muy liberal doaçam, por huma escritura publica, que se fez em S. Lourenço do Escorial em 22. de Setembro do anno de 1587. & em 17. de Outubro do mesmo anno chegaram as reliquias a Lisboa, & d'ellas se fez entrega ao

Padre Pedro da Fonseca, Preposito da casa de S. Roque (pera que nam faltasse esta gloria a tam excellente Preposito) o qual andava occupado em fazer a casa, & acrentar a Igreja, (como dissemos) como se no mesmo tempo os Sanctos do cêo o quizessem vir ajudar, com seu favor, nas obras, & honrarlhe com sua presença a casa.

6 Logo se deo noticia d'ellas ao Arcebispo Dom Miguel de Castro, que as examinou, & approvou, apresentando selhe os instrumentos publicos, & patentes passadas pelo Emperador Rodolpho, & Emperatriz Dona Maria sua mãy, & diversos outros instrumentos de Nuncios Apostolicos, Arcebispos, Bispos, Princepes do Imperio, & d'outros semelhātes personagens, em testemunho da verdade, & abonaçam daquellas sagradas reliquias; as quaes todas houve por autenticas o dito senhor Arcebispo, estimando muito, como tam piedoso que era, ver tam grande multidam de taes penhores da gloria, autorizados com tantá evidencia de tam calificados testemunhos, cujos originaes, com particular cuydado, se guardam nesta casa, na cella do Padre Prefeito da Igreja, pera que a todo o tempo conste, pera consolaçam nossa, & dos mais fieis

Como forã reconhecidas por autenticas.

resolvese finalmente em nos dar estas reliquias.

a verdade do que aqui digo, & a certeza das reliquias, que aly temos.

7 Foy grande o applauso, & extraordinario o prazer, com que a cidade de Lisboa festejou o solennissimo recebimêto d'estas preciosissimas reliquias; hũ livro particular se compos, & se imprimio, no qual por extenso se contam as festas, os concursos de gente, a riqueza de vestidos, as machinas nunca vistas, o admiravel ornato das ruas, os arcos triumphaes, os carros de soberana magestade, as invençoens de novas festas, & as mais grandefas, que por espaço de oito dias se deram no theatro de Lisboa; que bem era que toda esta opulentissima cidade se occupasse em solennizar a vinda de tâes padroeyros, que de novo lhe entravam pera a autorizar, & defender. Acudindo infinidade de gente nestes dias, nam menos a ver a festa, que a reverenciar, & adorar as sagradas reliquias; das quaes se seguia agora fazermos hum grande catalogo, descrevendo tambem os seus engastes, & ornatos; porê m sam tantas, que cãlaria aos leytores; baste dizer, que raro he o Sancto conhecido, de quẽ aly nam haja grandes reliquias, aly estam os Apostolos (dos quaes sô falta S. Ioam) tres Evangelistas, os principaes Doutores da Igreja; sô de cabeças de

Sanctos conhecidos temos aly quatorze.

8 E entre ellas está a cabeça do grande Padre S. Gregorio Nazianzeno, que aqui hoje continua fazendo milagres em Lisboa, como antigamente os fez em Neocesaréa; & nam tem menos virtude hum Sancto morto, pera defender huma cidade, & pera favorecer seus cidadaõs, que assim o prometia Deos, pelo Propheta Isayas, a Ierusalem, por amor de David seu servo, posto que estava já morto, *Protegam civitatem istam, ut salvem eam, propter David servum meum*; que se Deos promete tantos bens por amor de hum sô David, que aly estava sepultado, quanto mayores favores do céo nos podemos prometer, á vista de tantos Sanctos, cujos sagrados corpos gozamos nesta Igreja, nam sepultados debayxo da terra, mas venerados sobre altares; nam em urnas de pedras funeraes, mas em Sanctuarios de hum templo sanctificado; os quaes, na verdade, sam o emparo desta casa; a herança que mais prezamos, as riquezas que mais estimamos, & as armas que melhor nos defendem, pois, como lhe chama Sam b Ioam Chrysofostomo, sam armas de justiça, armas de luz, armas de membros vivos, porq̃ eram de Sanctos, que quando estayam nesta vida andavam mortos:

As reliquias dos Santos sam muy poderosas pera fazer bem.

^a
Isaia c. 37.
n. 35.

^b
Chrysofost. hom. 3. ad Rom. Velle videre sepulchrum, quo recondita sunt arma iustitiae, arma lucis, membra nunc viventia, tunc vero, cum in hac vita essent, mortua.

Foram recebidas cõ grandes festas.

Temos aly muitas reliquias de Sanctos conhecidos.

que

que assim vay continuando o mesmo Sam Ioam Chrysoſtomo, fallando dos corpos dos ſagrados Apoſtolos Sam Pedro, & Sam Paulo, & por iſſo agora com rezam vivos, quando parecem mortos, pois entam pareciam mortos, quando andavam vivos. Se houver porém algum curioso que queira ſaber o numero quaſi ſem numero d'eſtas ſanctas reliquias, póde ver o livro, que alleguey, & o tratado, que ſobre eſta materia escreveo o Padre Manoel da Veyga, da noſſa Companhia.

9 As duas Capellas, aonde temos eſtes dous Sanctuarios, ornou, & preparou, da maneira, que hoje vemos, o Padre Ioam de Madureyra, de quem por vezes tenho fallado, ſendo Prepoſito de Sam Roque, & dedicou huma aos Sanctos Martyres, cujas reliquias aly eſtam; & outra ás ſanctas Virgens, que aly tem reliquias. A dos Martyres, que he a que eſtá da parte do Evangelho do altar mór, ainda nam tem padroeyro: a Capella das ſanctas Virgens he de Ioam Pimenta de Sam Payo, fidalgo da caſa de ſua Mageſtade; o qual foy homem de grande exemplo, & muy devoto da Companhia, & que deo a eſta caſa grandes eſmólas: tem eſta Capella pera ſeu jazigo perpetuo, & de ſua

molher Dona Florinda Mergulhoa. E com iſto brevemente conclui com o pertencente a eſtas duas Capellas, & ás ſuas reliquias.

CAPITULO XXVIII.

Dáſe tambem alguma noticia das mais Capellas da Igreja de Sam Roque.

A G O R A quero tambem dar huma breve noticia das mais Capellas da Igreja de Sam Roque, & poderá ſervir eſta lembrança nam menos pera ſatisfazer aos curiosos, que pera acudirmos a noſſas obrigaçoens. Ficamos ainda no cruzeyro da Igreja dous nichos, ou Capellinhas pequenas: a primeira, que eſtá logo ao ſahir da Sanctiſtia, he da invocaçam da ſanctiſſima Trindade; eſta Capella, ſendo pequena no ſitio, & na montea, he grande na obra, & no ornato: tem hum lindiſſimo retabolo, feito de finiſſimas pedras, vindas de Roma, com muy graciosos embutidos, porfidos muy luſtroſos, & jaſpes adamaſcados, com toda a varie-

Dáſe noticia da Capellinhada ſanctiſſima Trindade.

O P. Ioam de Madureyra cõceitou as duas Capellas das reliquias.

D. Camilla de Noronha, grãde devota da Companhia.

dade de cores, & viveza de polimento, que o melhor primor da arte ensina. Os gastos do ornato desta Capella fez, cõ particular gosto, & com grande vontade, Gonçalo Pires Carvalho, fidalgo bem conhecido neste Reyno, filho de Ioam Carvalho, & de D. Maria de Ataide, q̃ foy filha de D. Luis de Castro, terceyro Conde de Monsanto. Foy casado Gonçalo Pires Carvalho cõ D. Camilla de Noronha, filha de Pãtalem de Sá, & de Dona Luiza Hérriques, na qual cõpetiam a nobreza do sangue, com o lustre da virtude. Foy esta senhora devotissima da Companhia, parecia mãy de nossos Religiosos, & huma muy sollicita, & muy cuydadosa padroeyra d'esta casa de Sam Roque; & como o amor de sua natureza he liberal, nesta senhora foy sempre liberalissimo, dando continuamente muytas esmõlas a esta Casa, & esmerandose muyto na perfeiçam do concerto, & ornato d'esta sua Capella, cujo sitio lhe deo a Companhia, em final de gratidãm a ella, & a seu marido; os quaes, além de a ornarem, da maneira, que tenho dito, lhe fizeram hum carneiro, pera sepultura sua, & pera seus descendentes, que aly pedirem sepultura. Deram lhe pera fabrica hum juto de quinze mil reis, que está a con-

ta do Collegio de Coimbra, por esta casa, conforme nossas Constituiçoens, nam poder tomar sobre sy semelhantes obrigaçoens; posto que sempre às confessará muy grandes, & muy affectuosas à boa memoria d'esta illustissima fidalga Dona Camilla de Noronha, que aly temos sepultada (ainda que a lembrança do muyto, que lhe devemos, sempre ficará viva nesta casa) da qual podemos, com muyta rezãm dizer o que Sam Ieronymo^a escreveu de sancta Paula morta, que sendo nobre por geraçam, foy muyto mais nobre por sanctidade; & que nam choramos pera perder, mas que damos a Deos graças pelos annos, que a tiuemos, & tambem porque ainda agora a temos.

I A Capellinha, ou nicho, que a este responde, no lado da Epistola da Capella das sanctas Virgens, mandou ornar, & concertar Don Ioam de Castro, senhor de Rezende (que foy casado com Dona Philippa de Castro) pera neste lugar sepultar seu filho Dom Antonio de Castro, Sacerdote, & homem de grande virtude, & exemplo; o qual, pela grande devaçãm, que sempre teve à Companhia, & desejos de entrar nella, que

^a
Hier. ad Eustoch. in Epiph. Paulæ matris, c. 1. Nobilis generiere, multo nobilior sa- & tate & c. Non martimus quod talem amamus, sed gratias agimus quod habemus, immo & quod habemus.

Defenoticia do ou- tronicho, a este responde.

De Antonio de Castro se mandou sepultar aos pés do P. D. Francisco Soares.

nam puderam ter effeito , pelo atalhar a morte , ordenou em seu testamento , que se preparasse esta Capella, pera seu enterro. E em final do grande amor , & notavel reverencia, que sempre teve ao muy insignie Doutor o Padre Francisco Soares (honra da Companhia , mestre commum da Christandade , & que o tinha sido seu muy particular) pediu , que se trasladassem os ossos do dito Padre seu mestre, pera este seu jazigo , mandando , que o sepulchro aos pés de tam excellente Doutor , & assim se executou: como se até depois de morto gostasse de assistir na presença de tal mestre , pera ainda no sepulchro (do modo , que pudesse) lhe tomar sua groza , & lhe ouvir sua doutrina . Que se o Apосто Sam^b Paulo teve por grande gloria sua ter apprendido aos pés de Gamaliel vivo ; por mayor gloria teve este fidalgo , se ainda depois da morte fosse discipulo de Soares morto : porque na verdade , d'aly nos ensina melhor Philosophia , & muy alta Theologia , pois nos ensina a bem morrer, à vista de sua morte sancta , & melhor soa a voz de Soares na cadeira da sepultura desta capellinha, aonde estam seus ossos, que antigamente na cadeira de Prima de

^b
Act. c. 22. n. 3. Secus pedes Gamaliel eruditus, iuxta veritatem patris legis.

Theologia, aonde lustravam suas borlas . A invocação d'esta Capella he de Nossa Senhora do Desterro, por rezam do paynel, que nella mandou collocar o mesmo Dom Antonio de Castro, que representa a peregrinação da Senhora, & o quadro he de pinhel peregrino.

3. Deçamos do cruzeyro, & entremos nas oito Capellas, que se seguem , quatro de cada parte da Igreja, com pilares , & arcos de pedraria de marmore, muy bem lavrada , & bornida com grande lustre. A primeyra Capella, ao sahir da Sancristia da invocação do Espírito Sancto, fizeram dous insignes benefeitores da Companhia Bertholamèo Froes , Escrivam da fazenda , & tambem da casa do Assentamèto, & sua molher Soeyra de Vasconcellos, pays do nosso Padre Antonio de Vasconcellos, Religioso de muita autoridade, & letras, como testificam suas obras, que nos deyxou impressas. Nam se pôde em tam breve capitulo explicar o grande amor , que tiveram à Companhia estes dous liberalissimos padroeyros, aos quaes Deos N. Senhor nam sòmente deo que poderem dar, mas tambem deo vontade pera quererem dar. Nam houve naquelle seu tempo casa, ou Collegio da Companhia, cõ quem esta benignissima matrona Sueyra de Vascontel.

A invocação desta Capella he de Nossa Senhora do Desterro.

Dãse noticia da Capella do Espírito S.

Dous insignes benefeitores da Companhia.

los nam repartisse donativos de muito preço, & estima, que ainda hoje se conservam, & nelles a memoria viva de tam illustre bemfeitora: no carneiro desta Capella está sepultado o dito Bertholaméo Froes, & seu filho Sebastião Perestrello (que teve a casa, & no officio) com sua mulher Dona Luiza da Gãma, irmã de Fernam Gomes da Gãma, q̄ succedeo no officio, & muyto mais no amor q̄ tẽ à Cõpanhia.

Dãse noticia da Capella de Iesu.

4 A Capella de IESV, que se segue apos esta, he de Martim Gonçalves da Camara, pessoa bem conhecida neste Reyno, irmã do Padre Luis Gonçalves da Camara, de quem por vezes tenho fallado, & ambos filhos de Ioam Gõçalves da Camara, & de Dona Leonor de Vilhena, & irmãos do primeyro Conde da Calheta. Foy Martim Gonçalves da Camara homem de rara virtude, & admiravel inreyreza, que conservou em todos seus cargos, porque foy Escrivam da Puridade d'el Rey Dom Sebastião, seu Veador da fazenda, & de seu conselho de estado; & em todos estes officios, & valimentos, mostrou sēpre que só os tivera pera servir ao Rey, como ministro fiel, & nam pera se aproveytar a sy, como privado interesseyro; & d'aqui veyo, que depois de tantos annos de serviço, & de privança, sahio só com o pouco

que tinha antes de entrar em suas privanças, que he exemplo raro, mas verdadeiro. Está sepultado nesta sua Capella, & de suas virtudes se podia fazer hum grande epitaphio: a Companhia lhe tem grandissimas obrigaçoens, pelo muyto bem, que sempre nos fez, & pela muyta estimaçam, que tinha de nossas cousas.

5 A terçeyra Capella, que se segue abayxo do pulpito, he da invocaçam do glorioso Portugues Sancto Antonio, & se fez com dinheyro de Pero Machado de Brito, o qual em seu testamento deyxou ordem à Misericordia (a cuja mesa cometeo a execuçam do dito testamento) que lhe mandasse fazer huma Capella, na qual se enterrasse elle, & seus descendentes; & a Misericordia se concertou com esta casa, & se fez por nossa ordem a Capella, que aly vemos.

6 A quarta, & ultima Capella desta parte, fizeram os Irmãos da Congregaçam dos nobres a sua custa, concorrendo tambem a casa, dandolhe o sitio de graça: a invocaçam he de Iesu, Maria, Ioseph.

7 Passemonos às Capellas, que correm da outra parte da Igreja; d'estas a primeyra, que está junto ao cruzeyro, he de Dona Luiza Froes, que foy insignificante bemfeitora desta casa, & do

Luis Gõçalves da Camara foy muyto exemplar em suas privanças.

Dãse noticia da Capella de S. Antonio.

Capella dos nobres

Dãse noticia da Capella de N. senhora da Cõceiçam

Collegio de Sancto Antam, a quem deo huma quinta, que tẽ aquelle Collegio, junto da Collegã, quatro logoa distante de Sanctarem, a que chamam a quinta de Canifos, que he hũa fazenda de muito rendimento. Ao principio teve esta Capella a invocaçam de Nossa Senhora da Assumpçam; depois por devaçam do Padre Ignacio Martins (tam conhecido neste Reyno, pelo nome de Mestre Ignacio, o qual tinha à sua cõta as doutrinas) se intitulou Nossa Senhora da Doutrina, & nella começava o Padre as suas prociçoens; & instituindo se depois a confraria, que nesta casa hoje temos dos irmãos officiaes, de bayxa da invocaçam de Nossa Senhora da Doutrina, se aproveitaram desta Capella por alguns annos, pera suas missas, & devaçõens; porém como a Capella he alheya, fizeram outra propria pera õde se mudarã, como logo diremos, levando consigo o mesmo titulo de Nossa Senhora da Doutrina, & a esta se lhe poz de novo a invocaçam de Nossa Senhora da Conceiçam; nem há que estranhar tanta variedade de titulo, porque todos competem à mesma Senhora, que sendo hũa, tem muitos nomes, com que a invocamos, porque tambem tẽ muitas graças, com que nos favorece.

8 A Capella de Sam Roque, que logo se segue, fez a Companhia à sua custa, pela obrigaçam que disto tinhamos, cõforme tenho referido: sua administraçam està à conta da cõfraria do Sancto, que a governa por seus officiaes, eleitos conforme as ordens da mesma Irmadade. Estam hoje tam bem accommodados, & tam contentes do contrato da ermida, que nos dêtam, pela Capella, que lhe fizemos, que ja nam lembram as resistencias antigas, à vista da satisfaçam presente.

9 Segue se por ordem no terceiro lugar, a Capella da invocaçam de S. Francisco de Xavier, a qual faz Antonio Gomes d'Elvas, fidalgo da casa de sua Magestade, com grande gofeto, & com grande custo, como se vê da obra, que he perfectissima; as paredes da Capella vam repartidas em retabolos, de pedras finissimas, de marmores jaspeados, polidos, & matizados, com a mayor perfeiçam que a arte ensina, & assim leva esta Capella conhecida ventagem a todas as mais.

10 A quarta, & ultima Capella desta banda, fizeram à sua custa os Irmãos da Congregaçam dos officiaes, he da invocaçam de Nossa Senhora da Doutrina; aos quaes dêram os Padres o sitio,

Da Capella de Sam Roque.

Da Capella de S. Francisco de Xavier.

Capella de N. Senhora da doutrina.

affin da Capella, como da Sancristia, de que se servem, & lhes fizeram outros favores, que tudo nos merecem estes muy devotos Confrades, pela grande assistencia, & cuydado, com que todos acodem às suas obrigaçoens.

11. Desta maneira concluímos brevemente com a descripçam da Igreja de Sam Roque, que se nam he, como confessamos, a mais apparatusa, & grandiosa de Lisboa, por ventura, que he a mais apprazivel, & a mais alegre, entre as que estam dentro dos muros da cidade, & nam tenho duvida, que he a mais de sabafada, & a melhor accommodada, pera a sítu aos officios divinos de missas, & de pregaçoens; & he a mais bem accommodada, pera nella se administrar a sanctissima Communhão; & se pelo tempo diante se melhorar de frontispicio, & se lhe fizer huma Capella mór mais comprida, entam seguramente poderá competir com qualquer outra das mais gabadas, das que estam dentro da cidade de Lisboa. Restava fallar na Sancristia (que he muy engraçada, & esta hoje muy ornada) & é outras muitas cousas pertécetes à Igreja, & à casa, de q datam conta os que continuarem com esta Chronica; que se estou já com grandes desejos de tratar do primeyro Prepo-

sito d'esta casa.

12. Porq supposto temos fallado na fundaçã da casa de S. Roque, & temos já vista a sua Igreja, rezam he, que assim como fallamos no primeyro Reytor do Collegio de Sancto Antam, tambem façamos alguma mençam do primeyro Preposito, que teve a casa de S. Roque, porque ambos no mesmo tempo eram superiores, hum Reytor do Collegio, outro Preposito da Casa, ambos tiveram vida sancta, & ambos alcançaram morte gloriosa.

CAPITULO XXIX.

Do admiravel varã Dom Gonçalo da Sylveira, primeyro Preposito da Casa de Sam Roque; de seu grande desprezo, & rara humilidade.

NAm sam as estrelas do ceo todas do mesmo resplandor, nem os sanctos da Igreja todos de igual virtude; porque entre aquellas huma de outra differ na claridade, como diz Sam Paulo, & entre estes, huns tem mayores merecimentos que os outros, &

Parecer sobre a Igreja de Sam Roque.

2
ad Cor. c.
n. 4. S.
enim ab stel
la differt in
claritate.

por

por isso tambem a gloria ha de ser superior (se nam no substancial da visã, ao menos no accidental do premio, como he doutrina cõmia entre os Theologos ^b) porque posto que todos sejaõ estrelas resplandecentes, com que a Igreja Catholica em geral, & cada Religiam em particular, como com ritos esmaltes, se orna, & autoriza, com tudo sempre entre elles hã alguns, que na grandeza, & claridade como a Lua realça melhor entre os fogos menores. Tal soy, sem duvida, no sermoso cõo da Companhia, nesta nossa Provincia de Portugal, o bemaventurado Padre, & admiravel varã Dom Gonçalo da Sylveira, hũ dos mais assinalados em sanctidade, em desprezo do mundo, asperceza de vida, & zelo das almas, que teve a Companhia, a qual autorizou vivendo, & tambem honrou morrendo; porque viveo como Sancto, & morreo como Martyr. Nem he pequena gloria da casa de S. Roque, que este fosse o seu primeyro Preposito, & superior, ao qual, sem duvida, em primeyro lugar deve aquella casa seus grandes augmentos, nam sò pelo muito que a acrecentou em vida, com seu sancto zelo, & gloriosos trabalhos, mas tambem pelo muito que lhe assiste diãte de Deos hoje no cõo. E porque o lugar agora nos convida, depois de

fallar na fundaçam da casa de Sam Roque, nos corre obrigaçam de epilogar brevemente a vida de quem tanto edificou ao mundo, & honrou a Cõpanhia, & assim tocarey algumas cousas mais notaveis deste glorioso Padre, ainda que muito por mayor, porque a sua vida anda cõposta em Latim, com muito bõ estylo, pelo Padre Doutor Nicolã Godinho de nossa Companhia, & traduzida em Castelhãno por hum Bernardo de ciẽ fuegos; & neste anno passado elogiou, com sua custvmada elegãncia, o Padre Bertholamẽo Guetreyro de nossa Cõpanhia, no livro que compos dos Martyres illustres da Companhia no qual o Elogio do Padre Dom Gonçallo he a joya de mais valor, com que ornou a riquissima corda dos seus Martyres.

2 Foy o Padre Dom Gonçalo da Sylveira illustrissimo por sangue: & ainda que com Sam Ierõnymo, digamos, que a principal nobreza he a das virtudes proprias, & nam a do sangue herdado; & que a Religiam nam atenta pera a cõdiçam das pessoas, mas pera a bondade dos costumes: Com tudo nam hã duvida, que assim como a pedra mais preciosa brilla, com mayor lustre, no mais precioso metal; assim tambem, ao menos nos olhos do mundo, parece que melhor resplendor tem a virtude

quando

b.
D. Tho. i. p.
q. 12. Soar.
lib. 2. de at-
trib. negat.
c. 19. n. 4.
Sot. in 4. di-
stin. 49. q. 3.
a. 2.
Duran. in 1.
di. 23. q. 2.
& alijs in lo-
cis.

O P. D. Gõ-
çalo da Syl-
veira foy
primeyro
Preposito
da Casa de
S. Roque.

P. Nicol. Go-
di. in vita P.
Gonzali.

2. p. Elog. 3.

O P. D. Gõ-
çalo foy
muy illu-
stre por sa-
gue.

^c
Hier. ad Cæ-
lant. Sûma
apud Deum
nobilitas cla-
rum esse vir-
tutibus &c.
nescit Reli-
gio nostra
personas,
nec condi-
tiones homi-
nu, sed ani-
mas inspicit.

Anno de
Christo de
1553.

Par. 1. lib.
c. 12. n. 6

quando cha engattada entre os
melhores esmaltes da melhor
nobreza. Esta prerogativa nam
faltou ao Padre Dom Gonçalo
da Sylveira, como largamente
referi na primeira parte desta
Chronica, acende n ostrey, co-
mo foy filho de Dom Luis da
Sylveira, primeyro Conde da
Sortella, Alcayde mór de Alê-
quer, & Guarda mór del Rey D.
Ioam o terceiro, de quem por
alguns tempos foy muyto vali-
do; o qual foy casado com Do-
na Brites Coutinha, filha de
Dom Fernando Coutinho o
Marichal de Portugal; dos qua-
es, entre os dez filhos, que tive-
ram, nascêo este, que foy o últi-
mo, a quem Deos escolhéo pera
Iy, como antigamente ao Pastor
David, que foy o menor dos fi-
lhos de Iſai.

1. Reg. c. 16
a n. 11

Do lugar
aonde nas-
ceo o P. D.
Gonçalo da
Sylveira.

septē urbes
certant de
ſtirpe inſig-
nis Homeri,
Smyrna,
Rhodos,
Colophon,
Salamis,
Chios, Ar-
gos, Athe-
nae.

3 O lugar aonde nasceo,
foy Almeirim, aonde naquelle
tempo estava a Corte; posto que
os da villa de Goês (de quem è-
ra ſenhor o Conde ſeu pay) ſe
querem engrandecer com o fa-
zer ſeu natural; & nam ſaleam
alguns, que queiram dar eſta
gloria a Lisboa, que eſte bem
tem os varoens ſanctos, que to-
dos com elles ſe querem hon-
rar, como em Grecia d as ſete
cidades com hum ſo Hontero.
Passou Dom Gonçalo a idade
de minino, como ſe foſſe velho
na madureza, & ſancto nos cu-
ſtumes. Sendo de deſaſete annos

foy mandado pelo Conde Dom
Diogo da Sylveira, ſeu irmão, a
Univerſidade de Coimbra; &
no anno de 1543. ſe deliberou
a entrar na Companhia, movi-
do do raro exemplo de ſancti-
dade d'aquelles noſſos primey-
ros Padres, & Irmãos, que de-
ram principio ao Collegio de
Coimbra (como largamente
contamos no primeyro livro da
primeyra parte) Couſa foy certo
digniſſima de toda a admira-
çam, que ſendo aquelles noſſos,
em numero tam poucos, & qua-
ſi todos ſem ordens de miſſa, &
eſtrangeyros, & por eſta cauſa
tam deſprezados do povo, que
vulgarmente lhes chamavam
Franchinozes, com tudo foſſe
tal a força, & ſancta violencia
de ſua virtude, que trouzeram à
ſua imitação de vida, o mais
florente, & o mais lultroſo da-
quella Univerſidade, como fo-
ram o noſſo Dom Gonçalo da
Sylveira, Dom Rodrigo de Me-
neſes, Dom Leão Henriques de
Noronha, Luis Gonçalves da
Camara, Antonio Moniz, Dom
Theotónio de Bragança, todos
illuſtres fidalgos, & outros mu-
tos eſtudentes de melhor nome,
& mayor autoridade (que eſta
he a efficacia da virtude, eſta a
força da ſanctidade, que aos
mayores talentos faz mayor ſi-
plencia, quando ſe deixam le-
var de ſua graça, & enlevar de
ſua fermofura) nam houve meyo

nenhum

Anno da
Cifaria
14

Como en-
trou na Co-
panhia.

Par. 1. lib. 1.
c. 12. n. 6.

Muitos fi-
dalgos, e
na Univer-
ſidade de en-
traram na
Cõpanhia.

Anno de
Christi de
1553.

Anno da
Copanhia
14.

Par. 1. lib.
c. 28

Como pas-
sou o P. D.
Gonzalo o
tempo do
nerviada.

nenhum de brandura, ou de am-
oças, que os irmãos, & paren-
tes nam usassem, pera apattar a
Dom Gonzalo desta resoluçam,
(como vimos na primeyra par-
te, contando-lhe as batalhas, &
celebrando-lhe os triumphos) posto
que todas as traças, que toma-
ram, pera o fazer voltar atrás,
foram como ondas de mar ma-
do, que de balde se quebram
no penhasco, que pretendem
quebrar. **E** exercitou-se este Santo,
e resolveu novico com grande
cuydado, & com os mayores
desvelos, em mortificar seu cor-
po com jejuns e vigias, e disci-
plinas, sem deixar coisa que lhe
pudesse aperfeicoar sua alma, &
executando muitas, que mais
faziam pera admirar, que pera imi-
tar. Algumas vezes se fogia
doudo com a gente de fora, pe-
ra que desconhecendo de que
era, o tivessem pelo que fingia
ser, & com isto se aviltasse, & o
desprezassem; que os Sanctos
como se tratam de ser conheci-
dos de Deos, a quem querem
contentar, entam se tem por
mais feludos, quando os julgam
por mais doudos, fingindo por
arte de virtude, o que he acha-
que da natureza. Andava em
corpo pelas praças publicas, tra-
zendo ás costas as ceyrinhas
carregadas do que era necessa-
rio pera casa.

E pera que o mereci-

mento fosse mayor, & a victoria
mais gloriosa, levava muitas ve-
zes pelo cabresto hum jumen-
tinho, por diante dos olhos de
seus irmãos, & de toda a Vniver-
sidade de Coimbra; com elle
descia abayxo ás ribeyras do
Mondégo, acarrétando arê, pe-
ra as obras do Collegio, que nam
he esta a menor gloria d'aquel-
le insigne Collegio, que fossem
seus primeyros fundamentos lâ-
çados cõ os fiores deste tam il-
lustre varam. Encontrou, entre
outras, huma vez a seu irmão
Dom Alvaro da Sylveira, que
andava naquella Vniversidade,
o qual, com huma subita, & na-
tural vergonha, poz os olhos no
chão, pera o nam ver em tal of-
ficio. Bem entendeo Dom Gon-
çalo a causa da modestia de seu
irmão Dom Alvaro, porém co-
mo tam confiado, & como tam
humilde, entam com mais ca-
lor, com as vozes, & com a vara,
como se fosse official velho, es-
pertou o jumentinho, & passou
por diante do irmão, q se o nam
vio, ao menos bem o sentio; jul-
gando este grãde servo de Deos,
que nam devem os Religiosos
pejar-se de exercitar acçoës hu-
mildes, que quanto mais desa-
gradam aos olhos do mundo,
mais concordam com os conse-
lhos de Christo; pois nem os
Apostolos a tiveram por afronta
trazer o vil animalinho, que o
Senhor lhes mandou bascar;

Sua grãde
humilda-
de, e mor-
tificaçam.

d
Mat. 23. n. 6.
Euntes au-
tẽ fecerunt.

Anno de
Christo de

1553.

Sicut præ-
cepit eis Je-
sus.

^e
Izaie c. 61.
n. 11. Ecce
Rex tuus
venit tibi
mansuetus,
sedes super
asnam &c.

Como se
mortifica-
va no ve-
stido.

130 *Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.*

nem escolheo outras Aguias mais generosas, nem outros Elephantes mais soberbos, nem outros Leoens rompentes, pera a juntar ao carro de seu triumpho, no dia em que entrou em Ierusalem. Outra vez encontrou cõ o Cõde D. Diogo da Sylveira, seu irmam, o qual vinha com grande acompanhamento de gente de pè, & de cavallo; quiz o Padre Gonçalo, nesta occasiã; fazer hum lanço dos seus custumados; à vista de seu irmam se meteo pela mais alta lama, & depois de todo ficar cheyo de lodo, continuou seu caminho; mostrando nesta humilhißima açã, que mais se deleytava com a vileza da vida, q̃ cõ os apparatus do mundo; & que póde huma alma ser mais pura, quando o corpo estã mais enlodado.

6 Tratavase tam mal no vestido, & com tam pouco cuydado de o alimpar, que a muytos causava grande asco de o verem, nam alimpando de proposito os bichos, que necessariamente o haviam de molestar muyto: hum dia lhe estranhou isto o Conde seu irmam, & como por graça lhe disse, que nam fosse tam cuydadofo pastor de tal gado; ao que o Padre Gonçalo respondeo logo, que mais estimava hum bichinho d'aquelles que o molestavam, que o seu Condado que elle prezava;

que na verdade os varoens sanctos mais querem ter humta occasiã de merecimento, que possuir grandes estados, pois estes lhes podem occasionar peccados, & aquelle lhe assegura a salvaçam. Nam havia poder acabar com elle, que mudasse de roupa, por mais remendada, & por mais velha que andasse; & quando lhe diziam, que tomasse outra mais limpa, respondia o que traz S.^o Ieronymo de Sancto Hilariã, que se nam haviam de buscar delicias nos celicios.

7 Nam deixarey de contar aqui o que neste particular lhe succedeo na villa de Tomar, aonde esteve alguns meses em missã, com grande proveito das almas; & recolhendose a Coimbra, advirtiram alguns d'aquelles honrados moradores de tam nobre, & antiga villa, que o Padre Gonçalo hia muyto mal provido de calçado, pelo levar todo roto; mandaram logo comprar huns çapatos novos, & lhe rogaram que os tomasse, pois tinha doze legoas que andar a pè; o Padre agradeceo a boa vontade, porèm escusouse de aceitar a offerta, dizendo que se lhe faltassem os çapatos, andaria a pè o que lhe restasse do caminho, sem que corresse muyto perigo sua vida: trataram entam aquelles seus devotos de levar por traça, o que

nam

Anno da
Companhia
14.

^f
Hier. in vit
B. Hilariã
Saccu qu
semel fu-
rat indur
nunqu
vans, & s
perfluu esse
dicens m
dicias in ci-
licio quare
re.

Da traça
q̃ usavam
pera lhe
dar huns
çapatos n
vos.

Anno de
Christo de
1553

Anno da
Copanhia
14.

o que nam podiam acabar com
rezoens; usaram de hum gracioso,
& engenhoso artil, inventado
pela sua grande charidade;
concertaram que o acompanhasssem
ate fora da villa, & que quando
fosse na despedida, abraçandos
(em final do grande amor, que
lhe tinham) o levantasssem no ar,
em quanto lhe tiravam os çapatos
velhos, & lhe calçavam os novos:
assim o fizeram, & lhe faceo tam
bem a traça, que o Padre vendo se
enganado, com estas tam notaveis
mostras de benevolencia, nam
quize mais aporiar; aceitou a
charidade offerecida com tam
boa vontade, & exercitada por
muyos tam affectuosos; mostrando
que se era pobre, tambem sabia
ser cortesam.

CAPITULO XXX.

*Da grande humildade, com
que o Padre Gonçalo da Sylveira
encubria sua nobreza; & de sua
rara mortificaçam.*

t **V**ytos outros exemplos de virtudes,
& de rara humildade poderiamos

contar d'este grande servo do
Senhor: notavel era o cuydado,
com que tratava de encubrir
quem era por sangue, & por geraçam.
He muy natural aos homens
pretenderem ser tidos por muy
nobres; & tal vez, aonde ha
menos fundamento, ahi se acha
mais vaidade; & ate na Religiã
(na qual os servos de Deos se
haviã de persuadir, que o mais
humilde he o mais honrado) entra
tambem esta payxam, & em alguns
com tal fervor, & em outros com
tal furor, quando haviã de tratar
de humildade da casa de Christo,
pretendem braçoens da nobreza
do mundo; desconhecendo a sy,
& cuydando que os nam conhecem
os outros; mendigando honras de
antepassados fingidos, & revolvendo
arvores de genealogias falsas; sendo
assim, que nam ha mayor miseria
(como disse o outro Romano) que
buscar honra da fama alheya,
quando podieys ter a nobreza da
virtude propria; que em fim, ate
por resoluçam dos sabios antigos^b,
aquelles sam mais nobres, que
foram mais virtuosos.

2 Muy bem estava nestas
verdades o Padre Gonçalo da Sylveira,
& muy alheyo vivia de semelhantes
vaidades este humilde varã; porque
tendo parentes tam illustres, se nam
dava por achado d'elles, fugindo

Quãto caso
fazẽ os
homens de
serem nobres.

a
Iuven. Sat. 8
Miserũ est
aliorum incumbere fama.

b
Arist. lib. 5.
de republ.
c. 1.

Anno de
Christo le
1553.

b
Valer. Max.
lib. 3. cap. 2.
Scipio Emilianus desor
me sibi existi
mabat
quos digni
tate prela
ret, ab his
virtute supe
rari.

Das tra
ças q usa
va pera fu
gir do pa
ço.

Chega a se
fingir do
do.

c
1. Reg. c. 21
n. 13. Et im
mutavit os
suu, coram
eis &c. De
suebant que
salivæ eius
in barbam.

do de os tratar, & procurando com todas as vèras, que o nam conhecessem por quem era, por que sô pretendia ter a honra de servo de Deos, nesta nam queria que ninguem lhe levasse a ventagem; tendo por grande afronta (como de sy dizia o outro generoso Romano Scipiã Emiliano) ser vencido na virtude dos que elle vencia na nobreza.

3 Mandavao algumas vezes chamar ao paço a Rainha Dona Catherina, por dar gosto a duas primas com irmãs, que aly tinha, que eram suas damas muy validas; hia o Padre por obedecer, mas muyto contra sua vontade; buscando traças pera se enfadarem d'elle; ao principio lhes praticava de Deos, & lhes reprehendia os peccados, com grande aspereza, & com palavras muy ordinarias, & tocas; pera ver se desta maneyra desgostavam de fazer vir ao paço, quem era tam inculto em as reprehender: mas vendo que isto nam bastava, quiz vsar de outro meyo, fazendo se mente-capto, pera que o desprezassem, por rezã de loucura, pois nam fugiam dello por causa da aspereza; buscou o remedio de que usou David e diante d'elRey Achis, quando deitando escumas pela boca, & fazendo viza-gens com o rosto, se fingio doendo, pera enganar ao Rey, & es-

capar da morte: a este modo o Padre Gonçalo da Sylveira, sendo tam prudente, se fingia insensato, & fazia aççoens de homem sem juizo, pera que o desprezassem por louco, pois lhe nam valia mostrar se rigoroso: porẽm esta differença havia entre o Padre Gonçalo, & entre David, que este fingia aquellas visagens, pera escapar da morte, & o padre Gonçalo as fazia, pera fugir do paço; salvo se a elle se lhe representava a morte, no lugar aonde tantos vam buscar a vida; & por isso desejava fugir d'elle com mayor vontade, do que he o gosto, com que outros o buscã: que a estes estremos chegã os varoens sanctos, & entã na verdade sam mais fefudos, quando por amor de Deos se fingem mais loucos.

4 Com estas notaveis traças pretendia o Padre Gonçalo da Sylveira fugir das honras, que estas senhoras suas parentas lhe queriam fazer, vendoo, & tratandoo no paço, como a seu primo, & filho de hum Conde tam honrado: de outros muytos meyoos usava, pera encubrir quẽ era; nem houve nunca pessoa alguma, que lhe ouvisse de sua boca fallar em cousa, que, nem por sombra cheirasse á sua nobrezã antes por todos os modos possiveis encubria quem era. Estando em mitsã na villa de Tomãr, lhe fucedeo que con-

fessan-

Nam quie
dizer a hũ
Cõfessor. q
era filho do
Conde da
Sortelha.

Anno de
Christo de
1553:

Anno da
Cōpanhia
14.

fessandose com hum sacerdote, entrou este em curiosidade, de querer saber, se era filho do Conde da Sortelha, por alguns indicios, que já pera isto tinha, & pera nam ficar o Padre confessor com este escrupulo, lhe perguntou, nõ meyo da confissam, como se chamava? O meu nome, respondeo o Padre, nam he peccado: insistiõ entam mais o confessor, levado desta curiosidade, & expressamete lhe perguntou, se era elle filho do Conde da Sortelha? & porque o Padre nam quiz deferir a esta impertinente pergunta, nam quiz tambem o clerigo, que o Padre continuasse com a confissam, dizendo que o nam havia de absolver, senam fosse com esta condiçam (que a nam devia o reverendo confessor de ter muyto boa, pois por tam pouco se desayinha com o seu penitente) & porque o Padre lhe nam respondeo a coula tam escusada pera a confissam, o mãdou embora, sem o querer absolver: porẽm como a materia da confissam nam era grave, & mais era por devaçam, que por obrigaçam, o Padre se foy sem querer condecender com o ignorante sacerdote; & quem atẽ a seu melmo confessor encubria sua nobreza, bem se vé quam pouco a manifestaria a outra qualquer pessoa.

5 Veyo hum dia o Conde seu irmãm ao Collegio de Coimbra, pera visitar ao Padre Gõçalo, & dandolhe o porteyro recado, que acudisse ao Conde seu irmãm, que o esperava; nam quiz vir, respondendo, q nam conhecia tal homem por irmãm; & com esta sequidãm despedio ao porteyro, & muyto mais ao Conde; & na verdade os que de véras ficam transplantados na casa de Deos, & com o foro de verdadeyros Religiosos, vencendo as moradias de servos do Senhor, pòdem com todo o fundamento assim falar, pois como diz nosso sancto Fundador^a em suas regras *Sam mortos ao mundo, & vivem somente a Christo nosso Senhor, & a elle tem em lugar de Pay, Mãy, & Irmãos.* Que atẽ o melmo Salvador do mundo nos ensinou nestes termos esta doutrina, quãdo (como cõta S. Matheos) ao que lhe veyo dar recado, que estavam aly seus irmãos, respondeo, como quem os desconhecia, *& quem sam estes meus irmãos?* E esta doutrina que o Senhor aqui nos ensinou, apredõ, & a executou muytẽ o P. Gõçalo da Sylveira; & assim a entendiam, & praticavam aquelles sanctos monges, criados no deserto de Egypto, & discipulos de S. Antãm, & de S. Pachomio, como se vé nas vidas dos Padres do ermo.

Disse hũa vez, que nam conhecia ao Conde seu irmãm.

d
In Constit. Exam. c.4. n. 7. Vt qui mundo mortuus Christo soli vivit, eũ q; loco parẽtum, fratrum que habet.

e
Matt. c.12. n. 48. Quis est mater mea, & qui sunt fratres mei? &c.

f
Vide histor. eremit. in vita Sancti Pachom. c.31.

Christo de
1553.

De como
se tratava
& mortifi-
cava.

^g
D. Chrysoft.
lib. 2. de Cō
punct.

^h
I. ad Thim.
C. I. n. 15.
Venit in
hūc mundū
peccatores
salvos face-
re, quorum
primus ego
sum.

6 Sendo este o Pzdr. Dō Gonçalo no desconhecimento de seus illustres parentes, se conhecia a sy tam profundamēte, que se tratava, como ao mais vil peccador; que esta he (diz Sam Ioam Chrysoftomo ^g) a mayor maravilha dos Sanctos, que sendo grādes em os olhos de Deos, se rem por peccadores entre os homens; como hum S. ^h Paulo, q se avaliava, pelo primeyro entre os peccadores, a quem Christo veyo a remir; & como hum S. Francisco, q se tinha pelo mais abatido peccador, sendo no amor de Deos hum seraphim. E em rezam desta opiniām que o Padre Gonçalo de sy formava, se tratava com tam constante, & tam generosa mortificaçam, que primeyro deyxou de viver, do que deyxou de se perseguir: em lugar da camisa, trazia sempre hum cilicio junto da carne; & pera no exterior se conformar, com o uso da Companhia, trazia no mesmo cilicio pegado hum collar de pano de linho; de modo que por fora parecia camisa, & por dentro era cilicio, acudindo à mortificaçam, & resistindo à vaidade; fugindo os lanços da vangloria, & enganādo os olhos do mūdo; que d'estas engenhosas dissimulaçoens usam os Sanctos, pera abraçarem a penitencia, & pera fugirem da honra.

7 Porém nam bastava a este espirito dobrado nas penitēcias o cilicio ordinario, porque a sua mortificaçam era trasordinaria; & por isso as delicias, de que usava no cilicio, eram do ferro, com que mais o esperava, usando de huma cinta de arames, com pontas agudas, que o cingia todo, & lhe feriam a carne; que este era o arnēs de prova, esta a sayā de malha, com que se armava pera pelear contra sy mesmo; nam perdeu nunca em vida esta arma, & até depois de morto com esta cinta de ferro o acharam cingido os Mouros, que o mataram, como veremos, ficando aquelles barbaros attonitos de verem a hum corpo de carne cercado com aquellas pontas de ferro; julgando com sua maliciosa rudeza, que deviām de ser instrumentos de feitiços o que nam conheciam por insignias de mortificaçam.

8 Todos os dias infalivelmente se disciplinava, ao menos huma vez, com tam excessivo rigor, que trazia de ordinario as costas em chaga viva: & se alguma vez usava de remedio pera curar as feridas em alguma parte, que estivesse mais magoada, entre tanto se disciplinava em outra, q estivesse menos sentida, pera q esta pagasse pela parte enferma,

Anno d.
Companhia
14.

Do cilicio
& cinta de
ferro, que
trazia cō-
tinuamē-
te.

Das disci-
plinas que
tomava.

& quando hũa tinha ferias, a outra logo trabalhasse, pagando hũa pela outra; pera que nunca houvesse descanso, nem permitisse paz, em quãto houvesse algum lugar, aonde pudesse empregar a disciplina.

9. Hum caso bẽ notavel de sua rara mortificaçam, q se nam conta em sua vida, achey escrito em huma carta do P. Manoel Godinho de nossa Companhia, que morreo sendo Reytor no Collegio de Sanctarem, o qual o poz em memoria, pera se apõtarmos por que fizesse esta Chronica, & lhe tinha vindo à sua noticia, por tradiçam de que o vira por seus olhos; & foy, que sendo o Padre Gonçalo enfermeyro no Collegio de Coimbra, estava muyto mal de huma perna muyt affritulada hũ moço, q servia o Collegio; assistialhe o Padre com todo o cuydado, & charidade, como se servisse ao Senhor da gloria, & nam ao criado dos Padres. Veyo hũa vez o surgiam, deose sinal, acudio o Padre, seguindo a obrigaçam de seu officio, deram hũa lâcetada na chaga, sahio grande copia de materia, a qual o charitativo enfermeyro recolheo em hũ prato; fez aqui a natureza seu officio, & sentio o Padre grande repugnancia, em assistir a tal cura; porẽm; pera que a graça ficasse com a victoria da natureza, & o espirito esforçado prevalecesse

Como be-
beo a ma-
teria de
buachaga.

contra a carne fraca, pondo o prato à boca, levou pera bayxo toda aquella podridam; como na primeyra parte desta Chronica contamos do sancto Padre Francisco de Xavier, & como se refere de sancta Catherina de Sena, que aos Sanctos á vista de Christo, que por nõs bebeo o fel no monte Calvario, o traço mais amargoso lhe fica parecendo o mais saboroso; & tempo de delicias o que o mundo julga por abominavel.

CAPITULO XXXI.

Continuase a mesma materia da mortificaçam, & mais virtudes do Padre Dom Gonçalo da Sylveira, & em especial de sua oraçam, & grande devotaçam, que tinha.

N A M cabe em hũ sò capitulo materia tam larga como he esta da mortificaçam do Padre Gonçalo da Sylveira; nem poderiamos concluir em muytos o muyto q disto se podia cõtarmos em cõfirmaçam de tudo apõtarem os capitulos de hũa carta, que elle, da cidade do

Anno de
Christo de
1553.

130

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Cõpanhia
14.

De seus
grandes je
juns.

Vide P. Eu-
seb. in idea
Illustriũ vi-
ror. Societ.
Iesu in vita
Gondizab.
Syl. fol. 123

Do q escre
via acerca
de sua mor
tificação.

Porto, aonde estava em missã, escreveu ao Padre Manoel Godinho, q entam era Reytor do Collegio de Coimbra, na qual carta, entre outras, lhe diz estas admiraveis palavras. *Eu, em quanto Deos me ajudar nestas peregrinações, (e espero que nunca me faltará) vivirey de esmolas, mendigando de porta em porta: ouvirey confissoens, até que nam fique pessoa, que se queyra confessar; e nam me estovara o sono, nem a fome, nem o desejo de descansar. Caminharey a pé, aonde quer que for, em quanto as forças me nam faltarem. Pregarey até enrouquetar. Perseguirey meu corpo até a morte; e procurarey fazelo escravo de minha alma. E mais abayxo, na mesma carta, diz assim: Perseverarey, sem medo, em meu preposito, com o divino favor; e nam consentirey que meu animo seja vencido de medo da morte, nem que afroyxe por algũ desgosto. Passarey adiante rõpendo por qualquer difficuldade, que se me offereça, nem descansarey, até que me veja unido, e encravado com Christo na cruz.*

2 Assim escrevia naquella carta o Padre Gonçalo da Sylveira; estas suas palavras parecẽ setas afogueadas, parecem rayos de fogo divino, que igualmente o abrazavam a elle, e nos confundem a nós, e se as cartas sam espelhos da alma, pelas palavras desta bem podemos ver o interior d'aquelle espirito mortificado, e d'aquelle coração inflâmado, q se bẽ o dizia por carta.

melhor o executava por obra. Fazia muytos jejũs, & os ordinarios eram a pã, & agoa; nẽ havia acabar cõ elle, que comesse coufa delicada, nẽ nũca em sua vida bebeo vinho; o mayor mimo, & o mayor regalo, era comer pã duro de cẽtõ, ou borõa de milho; & quando hia às missõs, ajõtava por iguaria muy saborosa, algũa cebola. Acabãdo de pregar em S. Roque, & sahindo muy cãfado, & havẽdo logo de cõtinar cõ outra obra sãcta, por se nã deter no refectorio, se hia ao Irmã dispenseyro, & lhe pedia hũ pedaço de pã n segũdo, do q dam aos criados de casa, & ou e pé, ou alsõtado sobre a lenha da cosinha, comia daquelle pã, se outra coufa, bebia hũ pouca de agoa, & logo sahia a cõtinar cõ as obras do serviço de Deos, como se julgasse por perdido o tẽpo e q nã ganhava almas, pera Deos.

3 Quando andava em missõs nã comia senã o q lhe davã de esmõla, pedindo primeyro pelas porttas; & se o cõvidava a jãtar algũ amigo da Cõpanhia, pôdo se à mesa, logo à imitaçã do Seraphico P. S. Frãcilco, tirava dos pedaços de pã, q trazia recõlhidos de esmõla, & esta era a sua mais prezada iguaria. Namisãm, q fez a cidade do Porto, aõde era muy conhecido; sahia às horas de jãtar pelas ruas da cidade, com hũã tigelinha de barro, & hia pedir esmõla aos pobres officiaes,

aonde

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Companhia
14.

aonde sabia que as esmòlas feriam menores, alegrádo-se muyto quando lhe davam huma fatia de pã, que metia no alforge, ou algũ pouco de caldo, que recolhia na tigela; & deste sancto costume também usava nas outras missoes, as quaes fazia a pé, correndo muyta parte do Reyno, nem havia força que o tirasse de pouzar nos Hospinaes, aonde se recolhiam os outros pobres, & pessoas mais miseraveis. Quando pedia pelas portas, nam aceytava mais que o de que precisamente necessitava; & se tirava algumas moedas de esmòla, se hia elle mesmo á praça, comprar alguma cousa grosseyra, metendo na mão a quem lha vendia, todas as moedas, que tinha, pera que tomasse o que lhe cabia; como quem só as queria pera as pedir por mortificação, & nam pera as gastar com tento.

4. Sempre levava consigo hum alforge com alguns livros, & papeis necessarios pera o estudo dos sermoens; & vendo hum seu devoto, que nam era possivel tiralo de fazer estes grandes caminhos a pé, lhe pediu que ao menos admitisse hũ escravo, que lhe emprestava, pera lhe levar o alforge; respondeo com hum sancto deslem; que nam era rezã tirar-lhe o merecimento, pera o dar ao seu escravo: desta maneyra

andava o servo de Deos pelas cidades, villas, & aldeas, como hum verdadeyro Apostolo, ensinando a doutrina Christã, tirando ódios, fazendo amizades, & exercitando todos os ministerios da Companhia, como varã verdadeyramente dedicado ao bem das almas, & ao serviço do proximo.

5. Prégava cadia tres, & quatro vezes, a primeyra em algũa aldeia, pera onde partia muyto madrugada, & fazia logo ajuar toda a gẽte, & lhes prégava antes de irẽ a suas lavouras, & logo se tornava, também a pé, pera a villa, ou cidade (aonde por entã estava) pera prégãr à missã do dia ao povo, que todo cõcorria pera ouvir tal prégador. A tarde fazia outras duas prégacoens, huma á gente desocupada, & outra à boca da noyte aos que vinham do campo, depois de seu trabalho: & o tẽpo que lhe ficava entre meyo, ouvia as confissoens, tratava das amizades: & tudo com hum trabalho tam excessivo, que qualquer destas occupaçoens podia cançar a hum sogeyto de muyto robustas forças, exercitando primeyro em sy este sancto varã, aquella sua tam celebrada resoluçã, que havia de jejuar, & estudar, sem nunca se escusar, prégãr atẽ enrouquecer, cõfessar atẽ nam haver mais penitẽtes, & mortificar-se atẽ morrer: posto q

vivia de
esmòlas.

Levava hũ
alforge aos
hombrros.

Prégava
muytas ve
zes no mes
mo dia.

Anno de
Christo de
1553.

Ignat. Mart.
Epist. 12.

Como pas-
sava as
noytes em
oraçam.

138

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
14.

elle parece que sò vivia com se mortificar, & podia bem dizer com S. Ignacio martyr, *He morte pera mim viver, senam vivo padecendo.*

5 Nestes sanctos exercicios de prègar, cõfessar, & de mortificaçoens, passava o dia, & muyta parte da noyte; no restante della, era muy pouco o tempo, que tomava pera descãçar, gastando muytas horas diante do sanctissimo Sacramento, posto de joelhos, ora meditando em silencio, ora fazendo colloquios devotissimos, ora entoãdo Psalmos, com tam cordeal devaçam, & com o rosto tam alegre, que aos que muytas vezes o espreytavam, lhes parecia que viam hum rosto de anjo, que se estava rindo. E assim perseverava, atè que com a força do sono cahia no chãm, que esta era a sua ordinaria cama, no qual por algum pouco descãçava, & logo se tornava a por de joelhos, & a continuar o exercicio da òraçam. D'esta maneyra passava o tempo, que andava nas missoens, & assim continuou seis meses, que esteve na missãm de Tomar, & seus arrebaldes, como testemunham pessoas de muyta autoridade daquella villa, que quasi todas as noytes o hiam espreytar; & pera os da Companhia nam eram necessarias testemunhas de fõra, porque sabemos

que d'esta maneyra levava as noytes em casa, parte velando em òraçam diante do sanctissimo Sacramento, parte rezando, atè que de cansado cahia, dando huma breve refeçam ao corpo affligido com tantas mortificaçoens; de sorte, que se o sono o nam assalteava por força, & a caso, elle o nam granjeava por arte, ou de proposito.

6 Aqui nesta villa de Tomar lhe succedeo prègar o Mandato quinta feira de Endoenças por espaço de cinco horas, com extraordinario successo de lagrimas, & devaçam; & no mesmo dia á noyte prègou a payxam, que durou sete horas, todas com tanto espirito, com tal fervor, & com tam notaveis affectos da alma, que com se estender por tam largo tempo, sempre teve o auditorio attento, & suspenso; o que nam podia entam ser sem particular graça do Senhor, por que nam hà ja hoje paciencia pera ouvir sermoens tam compridos; posto que se o prègador fosse sancto, nam saltariam ouvintes paciẽtes. Este zelo de missoens conservava ainda sendo Provincial, & Preposito da casa de Sam Roque, nam se satisfazendo aquelle espirito incansavel com acudir às obrigaçoens de seu cargo, & exercitar os ministerios da Companhia dentro na cidade; fazia

Prègou doze horas em hum dia.

muytas

Anno de
Christo de
1553.

Anno d:
Cipanhia
14.

muytas sahidas aos lugares, & aldeas visinhãs a prégar, & confessar, & sempre de melhor vontade acudia a confessar os mais miseraveis, & se vinha algum preto, ou outro escravo, a estes chamava, & despachava primeyro.

7 Toda esta grande mortificação, este zelo das almas, & esta admiravel vida de tam insignie varam, nascia como de sua fonte da oraçam, & trato familiar com Deos nosso Senhor, em quem andava transportado, & enlevado na suavidade de sua amorosa conversaçam, porque nam sòmente gastava muytas horas do dia, & grande parte da noyte, em contemplaçam das cousas divinas, retirado em seu aposento, ou na Igreja, diante do sanctissimo Sacramento, mas ainda na conversaçam dentro de casa, & no trato com o proximo por fora, parecia andar sempre transportado, & com o pensamento no cèu; muytas vezes foy achado no seu cubiculo a deshoras, tam enlevado, que nenhuma cousa sentia; & outras lhe succedia passar as noytes inteyras em oraçam; a postura que tinha, quando estava neste sancto exercicio, movia grandemente a devaçam aos que o viam, tinha os olhos em terra, os olhos no cèu, & os braços ordinariamente cahidos abayxo, ou crusados

no peyto; o corpo tam direyto, & immovel, que mais parecia retrato de homem morto, que postura de corpo vivo, sem menear a cabeça, senam quando levantava os olhos ao cèu.

8 Desta maneyra, o acharam por vezes, nam sò enlevado com o espirito em Deos, mas tambem com o corpo levantado da terra, sendo tal a efficacia, & tam notavel a força, que fazia ao corpo pezado a ligeyreza do espirito, que o viram muytos sustentado no ar: porey aqui, em prova desta verdade, hum caso muyt approvado, com o testemunho de pessoas de muyto credito. Sendo Preposito na casa professa de S. Roque, & vindoo buscar á sua cella o Padre Pedro Marques (que depois foy Ministro do Collegio de Coimbra) abrindo a porta do aposento do Padre, pera lhe dar hum recado de importancia, o vio na postura, que apontey, levantado no ar: & attonito de ver tam grande maravilha, se foy depressa chamar o Padre Gonçalo Vaz de Mello, prégador que entam era d'aquella casa, & Provincial que foy desta Provincia, pessoa de grande virtude, & autoridade, do qual por vezes falley: contoulhe o Padre Pedro Marques a postura admiravel em que vira o Padre Dom Gonçalo, explicando este caso com tantos espantos, que

Como o acharam levantado no ar.

f. p. fol. 25
n. 8. fol. 33
n. 6. fol. 33
n. 8.

De sua continua oraçam.

Annos de
Christo de
1553.

140

Anno da
Companhia
14.

nam podia bem fallar de cansado, pela pressa com que vinha, & de admirado, pelo milagre, que tinha visto: acudiram logo ambos a chamar outros Padres, pera que todos juntos fossem testemunhas de tam prodigiosa maravilha; vieram todos ao aposento do Padre Dom Gonçalo, & abrindo a porta o viram muy levantado da terra, na postura em que o pintamos, quando tinha oraçam, & estiveram muyto de vagar attonitos com tal visita, & notando, com grande cuydado, o estado, forma, & maneira, em que aquelle corpo de sua natureza pezado, estava levantado no ar; & depois disto foram pera seus cubiculos muy consolados, engrandecendo, & louvando a Deos nosso Senhor, pelas merces, & favores, que communicava a seu servo, & por lhes deyxar ver com seus olhos caso tam prodigioso, ficando elles entendendo, quam grande era a efficacia, com que aquella ditosa alma subia ao cèu; que se o espirito he grande, tira o pezo ao corpo, & dâlhe azas pera voar.

9 A devaçam, que tinha com a Virgem sacratissima, foy muy particular, a ella tomava por intercessora em todas suas acçoens, & em todas as obras, que emprendia; & desta singular devaçam lhe nascia o cor-

deal amor, & encendido affecto com que venerava suas sagradas imagens, aonde quer que as via. Passeando algumas vezes em huma vaianda, aonde estava huma imagem desta sanctissima Senhora, notaram que a todos os passos, quando chegava de frente da imagem, se ajoelhava, com arcos os joelhos em terra: & outras vezes lhe viram, quando rezava o rosario, por os joelhos em terra, em começando a Ave Maria: em todas as festas desta gloriosa Senhora, tinha por devaçam rezar lhe mil Ave Marias, ajoelhandose no principio de cada huma dellas; mostrando bem com esta reverencia exterior, quam rendida estava aquella devota alma ao serviço da Virgem sacratissima, a quem reverenciava como a Senhora soberana, & servia como a Mãy amorosa.

(.)



Grãde devaçam, q
tinha á Vir
gem N. Se-
nhora.

CAPITULO XXXII.

Alcança o Padre Dom Gonçalo da Sylveira licença pera hir à India; E das revelações, que parece teve, assim desta missam, como do martyrio, que havia de padecer pela fé.

*parece q
am cabia
mPortu-
alop Gõ
alo daSyl
eira.*

AL se podia aquietar nos pequenos limites de Portugal, quem tinha hum animo mayor que o mundo todo; & sendo o espirito do Padre Dom Gonçalo tam estendido; & dobrado, claro esta que lhe nam bastava huma sò Provincia, pera nella empregar seus grandes, & multiplicados talentos. Foyse o glorioso Sam loam Bautista criar, & retirar aos desertos de Iudea, porque parece que seu grande espirito abafava em huma cidade; aquellas vozes divinas, aquelles brados celestiaes do sancto penitente, nam cabiam nas ruas, nã nas praças de Ierusalem, era necessario retirar-se a hum grande deserto, aonde livre, & desabastadamente pudessem os êchos de

clamores tam sanctos loar por seus estendidos valles, & retumbar por suas espaçofas montanhas; & por isso dizia a de sy, que era voz que bradava no deserto, como se nam coubesse na cidade.

2 Aquelle espirito incansavel do Padre Gonçalo, nam cabia em toda Europa, abafava em Portugal: nam pôde a luz do meyo dia deyxar de se comunicar a todos; nem pôde o Sol ligeyro ter paradas as rodas de seu volante carro, em hum sò Emispherio; fâz este o seu curso de Oriente a Poente, com tal pressa no voar, que disse del le o Propheta, que caminhava com passos agigantados; & daqui vem, que nam hà em toda a terra quem se possa esconder dos beneficos rayos de seu vivo calor. Ia o Padre Gonçalo tinha com seu incansavel trabalho, & gloriosas missoens, corrido o Reyno de Portugal; já este resplandecente Sol tinha communicados seus divinos rayos de sua doutrina, & alumia do a este nosso Occidente, aonde primeyro amanheceo; era bem que tambem fosse ao Oriente, o qual com primeyro participar a gloria das primeyras luzes do Sol material, ainda com tudo em muitas partes, de suas vastissimas regioens, estava sepultado em escuras trevas da ignorancia. Nam bastavam os

2
Ioan, e. i. n.
23. Ego vox
clamantis in
deserto.

b
Psal. 18. n. 6.
Exultavit
ut gygas ad
currendam
viam &c.
Nec est qui
se abscondat
a calore
eius.

Anno de
Christo de
1553.

142

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Pretende a
missam da
India.*

trabalhos de hum sò Reyno, pera satisfazer aquella fome insaciavel: eram necessarias todas as agoas do Oceano, pera sede tam inmensa da salvaçam das almas, & do bem do proximo.

3 Pretendeo o sancto varã, com grandes efficacias, a missam da India Oriental, & cõ ser pessoa de tam grandes prẽdas, & em quem havia tam notaveis empenhos da parte da Religiã, porque (ãlem de ter sido Preposito de Sam Roque, excellente prẽgador, doutor na sagrada Theologia (como contey na primeyra parte) & hum dos mais graves, & autorizados Padres da Provincia) concorriam nelle as rezoens da nobreza de seu sangue, & de seus illustres parentes, que com todas as forças resistiam à jornada. Porém este grande servo de Deos, pondo todas estas rezoens de parte, de tal maneyra emproou nesta sancta resoluçam, que deyxando a pãtria, & atropelando tudo o mais que a outros fidalgos detem em Portugal (como covardes, & pouco imitadores de tam illustre exemplo) se partio pera a India, aonde trabalhou incansavel, atẽ dar a vida gloriosamente por Christo Senhor nosso, da maneyra que logo brevemente contaremos.

4 Primeiramente temos por cousa indubitavel, que teve

o Padre Gonçalo certa revelaçam do céo, assim de sua hida pera a India, como de seu martyrio na Cafraria: d'estas duas cousas pudera trazer muytas provas; da primeyra me basta dizer, que mandando os superiores de Portugal a hum Padre, com cartas ao Padre Francisco de Borja, Commissario geral, que entam era de toda Hespanha, pedindolhe que nam permitisse que o Padre Gonçalo puzesse em execuçam seus fervorosos desejos, pela grande falta que faria nesta Provincia, disse o Padre Gonçalo: *De balde trabalham, em que eu nam vã pera a India, porque nam há força nenhuma humana que me possa impedir esta missam, por estar já decretada, & confirmada pelo mesmo Deos.* Chegando cartas de Roma, em que nosso sancto Padre Ignacio, movido pelo interior impulso do Espirito sancto, lhe concedia a licença, pera tam sancta jornada; hum Padre, que primeyro soube desta resoluçam, se foy ter com o Padre Gonçalo, & abraçandoo apertadamente, lhe pedio alviçaras, pela boa nova, que lhe dava, da licença, que lhe vinha de Roma. O Padre Gonçalo, com alegres õlhos, dandolhe as graças; pela boa nova, lhe acrescentou, que muytos tempos havia que estava certo, que havia de hir á India, & assim que pera elle nam era

Anno da
Companhia
14.

*Das reves
laçoes, q
ere desta
missam.*

Anno de
Christo de
1553.

Anno da
Companhia
14.

Da revela-
çam q̄te
ve de seu
martyrio.

nova a q̄ por tal lhe vedia, posto
que, pela boa vontade com que
lha dava, muyto lha agrade-
cia.

5 Com a mesma certeza
entendemos que lhe communi-
cou Deos muy dantemam o co-
nhecimento de seu martyrio:
stando hum dia no Collegio
de Coimbra muytos nossos Pa-
dres, em sancta conversaçam, cõ
o Padre Leão Henriques, Pro-
vincial, que entam era, contou
que vindo elle hum dia com o
Padre Gonçalo pelos olivães de
Coimbra, do lugar de Cellas,
praticando de cousas sanctas, o
Padre Gonçalo, com hum ex-
traordinario fervor, pondo os
olhos no cõo, apertando o bra-
ço ao Padre Leão Henriques,
com huma segurança mais que
humana, & com huma alegria
celestial, lhe disse: *Imam Leão,*
ajudayme a louvar a Deos, porque a-
inda hey de ser martyr. Et o meu corpo
ha de ser lançado em hum rio, aonde
nunca se achará. Isto contou a
muytos da Companhia o Padre
Leão Henriques, varám de grã-
de verdade, & de muy conhe-
cida autoridade nesta Provin-
cia.

6 Com a mesma clareza
nos consta, que vindo huma vez
o Padre Gonçalo de acompa-
nhar hum enforcado, disse com
grande alegria a muytos nossos
Padres, & Irmãos, que havia pe-
dido, & alcançado de Deos, que

morresse, pela se, afogado pelo
pescoço: & dizia isto tantas ve-
zes, & com tantas veras o repe-
tia, & affirmava, que ninguem
duvidou que Deos nosso Senhor
nam somente lhe tinha revela-
do, q̄ havia de ser martyr, mas q̄
tambem lhe tinha communica-
do o genero de martyrio, com
que o havia de glorificar.

7 Confirmamse estas pro-
phecias cõ aquelle raro prodig-
io, que succedeo ao Padre Gõ-
çalo, quando dizendo missa em
Lisboa na casa de S. Roque, ao
tempo que levantou o calix, lhe
viram todos os presentes as
mãos cheyas de sangue. Espan-
tavamse os que assistiam á mis-
sa com a nova admiraçam de
tal prodigio; & como os juizo-
do povo sam incertos, cuyda-
vam alguns, que seria o sangue
do calix, & perguntado o Padre
Doutor Miguel de Torres de
nossa Companhia, pela serenis-
sima Rainha Dona Catherina,
sua confessa, que causa podia
ser por õde todos viram as mãos
do Padre Gonçalo vertendo san-
gue? respondeo: *Eu, senhora, nam*
me atrevo a definir por certo o que acõ-
teceo, mas, se me he licito, digo que he
tal a sanctidade do Padre Gonçalo, que
por ventura quiz Deos com esta mara-
vilha significarnos o que todos dizem,
que este sancto varám ha de ser mar-
tyrizado por Christo, offerecendo seu
corpo, Et seu sangue da maneyra qua o
Senhor se offerceo a seu eterno Padre

Muitas ve-
zes repetia
que havia
de ser afo-
gado por
Christo.

Do sangue,
q̄ lhe virã
nas mãos,
dizendo
missa.

no sacrificio incruento da missa, que o Padre Gonçalo estava celebrando.

Muyto contetou esta interpretação á serenissima senhora; persuadindose que com aquelle prodigio se declararia a gloriosa morte, que este fervo de Deos havia de padecer por pregar a fé de Christo Senhor nosso, como depois o mostrou o tempo.

8 Havida a licença, com o alvoroço que dissemos, se embarcou logo, & partio pera a India o Padre Dom Gonçalo, no anno de 1556. que foy o mesmo em que da terra partio pera o céu a bemaventurada alma de nosso glorioso Patriarcha S. Ignacio, & assim nam approvamos o que diz Diogo do Couto na septima Decada, aonde escreve que o Padre Gonçalo da Sylveira se partio pera a India no anno de 1555. em companhia dos Padres Melchior Carneyro, & Antonio de Quadros, sendo que por nossas contas (que nisto sam as mais ajustadas) o Padre Gonçalo se partio o anno seguinte, em companhia do Patriarcha de Ethiopia, como adiante mostraremos.

9 Nesta larga navegação, em que se dobram tantos cabos, em que se passam tantos golfaõs, em que se levam tantos perigos, & se padecem tantas difficuldades, se offereceo ao Padre Gonçalo da Sylveira hum novo, & desejado

theatro, no qual seu capacissimo espirito teve grandes occasioens de ajudar ao proximo, & de satisfazer aquella sede insaciavel de padecer trabalhos. Nam houve doente a que nam assistisse charitativo, nem morreo ninguem que o nam achasse à sua cabeceyra vigilante: nam succedeo trabalho, nem perigo em toda a navegação, no qual elle nam fosse o primeyro: dormia de noyte entre os grumetes, & nõ convès da não, sem querer admitir camarote, nem beliche, nem menos lugar na varanda: & exercitando emfim todas as mais acçoens de hum varãm Apostolico, que tam desejoso andava de se ver metido em semelhantes desafios.

CAPITULO XXXIIL

Chega à India o Padre Gonçalo da Sylveira, he nomeado por Provincial; como exercitou este cargo; do grande zelo com que atudia à conversãem dos gentios, & ao bem dos Portugueses.



Epois de vencidas as grãdes difficuldades, que ordinariamente se pade-

cem,

Em que anno foy pera a India.

Dec. 7. lib. 2. cap. 7.

Chega a
Goa de
noyte, &
prêga logo
ao outro
dia.

cem em tam comprida navega-
çam, chegou finalmente o Pa-
dre Gonçalo, com e Patriarcha
D. Ioam Nunes Barreto, a lan-
çar ferro em Goa, & desembar-
cado sendo já tarde, chegou ao
nosso Collegio quasi pela meya
noyte: assertou de ser isto em
hum Sabbado, & logo ao Do-
mingo pela menham prêgou
na nossa Igreja, cõ admiraçam
de todos, porque primeyro o
viram prêgando no pulpito, do
que soubessem que era chega-
do á India; & primeyro lhes deo
as boas novas do céo, que lhes
trazia, do que lhe dessem as
boas vindas de Portugal, donde
viera: tam desejoso vinha de
prêgar, & ajudar os proximos,
que parece cuydava que lhe fu-
giam as occasioens, como se a
nao lhe tivesse servido de livra-
ria, em que fizesse, & compu-
zesse o sermam; porq̃ como es-
te grãde seruo de Deos, naõ hiã
à India a buscar outras riquezas
mais q̃ o bẽ das almas, como so-
licito, & muy diligẽte mercador
quiz logo a proveytar se deste pri-
meyro laço, em q̃ podia ganhar
algũa alma pera Deos; & como
a sede q̃ levava da cõversãõ dos
gẽtios era impatientissima, nam
lhe sofria esperar algũs dias, nẽ
ainda algũas horas, nas quaes
viu os amigos q̃ tinha em Goa,
nẽ pera descãsar de viagem tam
trabalhosa, porq̃ o seu descanso
era o trabalho pelo bem das al-

mas, & o seu alivio era o cuyda-
do pela salvaçam dos proximos,
à imitaçam da quelle ^a Senhor,
que dizia, que as suas iguarias
eram obedecer ao Padre, & sal-
var os proximos.

² Foy logo nomeado por
Província da India, q̃ aceytou
muyto cõtra sua võtade, porque
desejava ser martyr, & naõ que-
ria ser superior; com tudo dizia
muy bẽ esta dignidade no P. Gõ-
çalo da Sylveyra, nam sõ pela
pessoa, q̃ era illustre, mas pela
vida q̃ era facta, & na verdade
como judiciosamente disse o grã-
de aviso de Cassiodoro ^b, naq̃lle
melhor lustram as hõras, a quẽ
melhor autoriza a vida. Ne-
nhuma mudança fez esta nova
dignidade no P. Gonçalo, mais
que pera lhe dar mayores licẽ-
ças pera se mortificar a sy, &
pera a proveytar aos outros.
Nam hã pedra de tõe que q̃ me-
lhor mostre os quilates do me-
tal, do que hé a occasiam do
governo, pera manifestar a na-
tureza de cada hum; muytos
ouve que sendo particulãres,
foram virtuosos, & muy bem
quistos, & tanto que governã-
ram perdẽram o bom credito,
& nam melhorãram na virtude;
& por isso disse cõ grãde juizo
Cornelio Tacito do outro Em-
perador Romano, q̃ em quanto
lora particular, parecia digno
de ser Princepe, & que por
juizo de todos era estremado

^a
Ioan. c. 4. n.
34. Meus ci-
bus est vt fa-
ciam volun-
tatem eius,
qui misit me
& c.

*Henomea-
do Provin-
cial.*

^b
Cassiodor.
lib. 6. varia-
rum, cap. 11
Illum siqui-
dem hono-
res glorifi-
cant, quem
cõmendat,
& vita.

^c
Cor. Tacit.
l. 1. hist. lo-
quẽs de Gal-
ba. Maior
pr. uato vi-
tus, dũ pri-
uatus fuit,
& omnium
consensu ca-
pit imperij,
nisi impe-
rasset.

pera o governo, senam governasse, *capax imperij nisi imperasset*; porque mostrando d'antes grandes talentos, & sendo por elles desejado de todos pera o Imperio, tanto que começou a governar, começou também a descontentar, & a nova occasiam do mando lhe fez perder a boa opiniam, que sendo subdito tinha ganhado.

3 Porém o P. Gonçalo da Sylveyra sempre foy o mesmo na virtude, & no zelo, & nesta nova occasiam do governo, ouve muytas em q̄ mostrou melhor o grande thesouro de suas admiraveis virtudes: governou todo o seu tēpo mais cō a suave força de seu raro exēplo, q̄ com violēcia, ou copia de preceytos, posto q̄ cō notavel cuydado, & devaçam, começou a introduzir a observācia de nossas Constituiçõs, q̄ despois cōtinuou o P. Antonio de Quãdros, q̄ lhe socedeo. Acho delle escrito, q̄ pera seus subditos era tam brãdo, q̄ nam havia cousa mais suave, & aprazivel q̄ hũa sua réprẽsam, q̄ nelle he mais digno de admiraçam, pois era tam rigoroso em se mortificar a sy mesmo; mas esta he a regra q̄ goardam os superiores sanctos, usam de mortificaçõs pera cōsigo, & tratam cō brãdura aos subditos. Exercitou sempre este cargo cō notavel prudencia, & charidade, que sam as duas principaes

colunas, em que se hãde fundar o edificio do bom governo.

4 Com o mesmo zelo que acudia aos subditos de casa, acudia tambem ao melhoramento dos Portugueses, & á conversam dos gentios; em hũa, & outra cousa foram notaveis, & muy gloriosos seus trabalhos; ouve grande reforma nos costumes dos Christãos, & foram muytos os gentios que bautizou. Fez na India muytas cousas, que redundaram em grande gloria de Deos, & augmēto da Religiam; entre outras, q̄ se cõtam na sua vida, sō apontarey esta, que a elle se deve o Tribunal da sancta Inquisiçam, que hoje hã na India, porque por causa de algumas occasiões, que pera isso ouve, escreveo muy apertadamente à Rainha^a Dona Catharina, & ao Infante Dom Henrique, que governavam este Reyno, que pera cessarem semelhantes inconvenientes, & a Fé Catholica florecer entre aquelles gentios, dessem ordem, com que na India ouvesse Tribunal do Sancto Officio, & que ouvesse igual cuydado em prover aquelles cargos de homens insignes em prudencia, em letras, & em factidade (q̄ todas estas tres partes sam proprias de semelhãtes ministros, pois assistem a hum Tribunal em que se tratam os pontos de mayor consideraçam, & tem hum of-

Como acudia ao bẽ espiritual de Goa, & da India.

Como se ouve sendo Provin-
cial da India.

c
Apud P. Euseb. in idea de viris illustribus Societ. in vita P. Gonfal. fol. 157.

d
Vide P. Euseb. in idea viror. illustriũ Societ. in vit. P. Gõfal. fol. mil. 140.

ficio,

7 Fez logo o P. d'ar final à prègação, à qual acudio a cidade toda, & cõ tal fervor os animou, mostrãdolhe q̃ nam só perigava naquella occasiam a hõra de Portugal, mas tãbẽ a Religiam Catholica, que as palavras do Padre foram setas, que penetraram os coraçõens daquelles esforçados Portugueses; sahẽ todos deliberados, & apostados á jornada, vamse a casa, tomam as armas, saltam nos nauios que estavam aparelhados, embarcãse tambem com elles o Padre Gonçalo, pera que entendesem que nam sò o haviam de ter por prègador em terra, mas tambẽ por companheyro no perigo; chegam ao porto de Chaul; desembarcãram naquella praya tantos Portugueses, quantos nunca se tinham visto na India juntos, nam lhes faltou mais q̃ a occasiam de peleyjar, porque o Melique em sabẽdo da muyta gente que estava conduzida, concebeo grande medo, & levantando o cerco, que já tinha posto, fugio com grande afronta sua, & credito nosso: confessando todos que ao Padre Gõçalo deviam esta victoria, que por ser obra de tam grande seruo de Deos, elle a quiz d'ar aos Portugueses com honra, mas sem sangue: & com tam boa fortuna como a de Cesar, pois tanto que chegaram, logo venceram.

Victoria dos Portugueses.

CAPITULO XXXIV.

Trata o Padre Gonçalo da Sylveyra de bir à Cafraria; dàse alguma noticia destas terras, & da occasiam que ouve, pera o Padre pedir, & alcançar esta missam.

I Otaveis foram os fruytos, & muy gloriosos os trabalhos do Padre Gonçalo da Sylveyra na India, muytos es gentios que bautizou em Goa, em Coulam, & em Dãmam, & em outras partes, muytos os Portugueses que melhorou, comolargamente se cõta na historia^a de sua vida, & pelos mais autores nossos, que contam as cousas mais infignes, que Deos foy servido obrar na India, por meyo dos nossos Religiosos. Porém o grande espirito do Padre Gonçalo já abafava em Goa, já nam cabia na India; nam se satisfazia de governos, quem sò queria obedecer, mais desejava bautizar gentios, que governar religiosos, mais queria andar pelos matos da Cafraria, que habitar na ci-

dade,

²
Vide P. Nicol. Godin. in eius vita c. 11. & 12. P. Euseb. in idea de viris illustrib. Sachin. l. 1. n. 55. & l. 1. n. 112. & sepe alibi.

Do desejo que tinha de padecer muytos trabalhos.

dade, & morar na corte. E como tinha os penhores do martyrio, que temos dito, continuamente o instimulavam estes vivos desejos de morrer por Christo. Pedio a Deos que lhe concedesse por grande favor, levalo a alguma missã a mais trabalhosa que ouvesse em toda a gentildade. E como por tal entam se representasse a dos Cãfres de Ethiopia; esta pretendéo com tantas véras, que em nenhuma outra cousa fallava com mayor affecto, & até aos noviços pedia, que lhes encomendassem a Deos esta sua pretêçam, & lhe alcançassem o bom despacho, que desejavam.

2 Sam os Cãfres hũas gentes, que habitam na Ethiopia, a que Ptolomeo chama a mayor, cahem pera a parte Austral de Africa, junto ao cabo de boa Esperança. Foy esta nõva Ethiopia descuberta pelos Portugueses, porque os geographos antigos nenhuma noticia della tiveram; tem terras vastissimas, cheyas de infinitas gentes, as mais barbaras, & as mais safaras, & as mais feras, que vivem em toda a Africa; chamam commummente a estas gentes Cãfres, que quer dizer gente sem ley, nem ha nome que melhor lhês possa quadrar, porque nenhũa ley guardam, nem com Deos, nem cõ os homẽs, pois até a ley natural, &

o dictame da rezam, que he o lume da face divina, que o Propheta^b diz, que o Senhor estãpou em nossas almas, nelles parece, que totalmente estã apagado, & escurecido. Os Portugueses, assim como commummente chamam a estes povos Cãfres, assim chamam a estas regioẽs Càfraria. Os Reys, os Regulos, q̃ por estas partes hã, sam muytos em numero, o mayor em riquezas, & em poder hẽ o de Monopotãpa, em cuja parte occidental cahẽ os Reynos de Cõgo, Loango, Angõla, & outros muytos: & pera a parte oriẽtal se estende tanto esta vastissima regiã de Monomotãpa, que tẽ, como dissemos, na primeira parte setecentas legoas de circuito.

3 He este Emperador muy rico, & em seu poder estam as mais ricas minas de ouro, q̃ parece ha no mundo todo, como nos cõtam os Portugueses, q̃ em nossos tẽpos foram ally a fazer nõvos descubrimẽtos; & como bẽ sabẽ os das nossas fortalezas de Sofãla, Tete, Sena, & Moçãbique, q̃ tẽ o trato, & os resgatẽs dos Rios de Cuama^c. Acho escrito, q̃ por mais de duzẽtas, & sincoenta legoas se estendem as terras por onde hã estas minas de ouro; que ou a natureza se quiz aqui mostrar muy liberal, ou nos quiz ensinar a desprezar o outro, pois com tanta

b
Psal. 4. n. 7.
signatũ est
super nos lu
men vultus
tui domine.

r. p. lib. 2. c.
27. num. 4.

Do grande
põder do
Rey de Mo-
nomotapa.

Hã muyto
ouro na Cà
fraria.

c
In vit. Pat.
Gondicah. l.
2. cap. 10.

Dãse breve
noticia dos
Cãfres, &
da Càfra-
ria.

abundancia o deo a quem o nam sabe estimar: senam he que nos quiz dâr a entender, que na verdade nam sam os melhores aquelles que possuem os maiores thesouros, pois vemos quam prodiga se mostrou, dando a mayor copia de ouro à peor gente do mundo. Os rios levam muyta copia de ouro em suas correntes; o principal he Cuama, o qual sendo muy poderoso descarrega, & vaza suas augoas no grande Oceano Oriental. Nos mesmos troncos das arvores tal vez se acham veas de ouro, que muytos teriam pela melhor, & mais saborosa fruyta do mundo. Querem algûs que a Rainha Sabâ (da qual conta a escriptura sagrada, que do fim da terra veyo a visitar a Salamam^d) aqui nestas minas carregou os seus camellos de ouro. Porque como diz o nosso insigne Historiador Ioam de Barros, e os Principes de Ethyopia superior (donde era a Rainha Sabâ) eram senhores destas minas. E se esta adivinhaçam he certa, largamente tinha donde à vontade tirar, & levar ouro, pera dâr em Ierusalem, & pera repartir por toda Iudêa. E se os antigos tivessem alguma noticia desta grand: fertilidade de ouro, que ha em Monopotapa, nam diria Plinio, ^f que o nosso Portugal, & as terras de Asturia eram as

mais ferteis deste metal.

4 Porém, porque nam cuydemos, que quem tem ouro, tem logo tudo, he esta regiã, nos lugares aonde se dà o ouro, muy esteril, & muy falta de mantimentos, & do mais que he necessario pera a vida humana: que assim quiz Deos. nosso senhor temperar as cousas deste mûdo, dâdo a hûs o ouro, & cõsolando a outros com lhes dâr mantimentos. Os câpos em que nestas regioens se dá o ouro, estã cercados de montanhas muy altas, mas muyto mais alta he a cubiça que là sobe, & là o vay desenterrar; porẽm. també com seu risco; porque ainda q̃ estas terras estã entre a linha, & o tropico de Capricorno, cõ tudo pelo inverno he tanta a neve naquellas ferrãs, que se algûs ficam no alto, morrem enregelados: & pelo verã, he por aquella regiã tam vehemente o calor, que com grande difficuldade se chega lá, que parece que este he aquelle montante de fogo, com que o Cherubin ^g defendia que nam entrassem os homens a lograr as riquezas do Paraiso terreal. E géralmente fallando o terreno destas regioens, he seco, os âres doentios, as calmas ardentissimas, & emfim pera o dizer em huma palavra, he a Cafratia toda digna morãda de tais habitadores, como sam estes ne-

Sam estas
terras muy
esterreis.

^d
Lib. 3. Keg.
cap. 10.

^e
Ioam de Bar-
ros Dec. 1.
lib. 10. c. 1.

^f
Plin. lib. 2.
natural. hist.
c. 4. Neque
in alia parte
terrã tot
faculis ea
fertilitas.

^g
Gen. 3. n. 24.
Collocavit
ante paradisi-
sum voluptatis
Cherubim, & flammeum gladium ad custodiendam
viam, &c.

gros Cafres.

5 Tem com tudo o Rey de Monopotapa grande poder, & com muyta facilidade ajunta logo cem mil homens, pera a guerra, porque como estes seus soldados escusam vestidos, & nam vestem armas, sam muyto faceis de ajuntar, & pera peleyjarem à ligeyra, lhes basta hũ arco, & frechas, com qualquer modo de espada. Pera goarda de sua pessoa custuma de ordinario ter trinta mil Cafres; & menos bastavam, se estes Reys fossem mais amados de seus povos (que nam ha melhor goarda, que a do amor;) antes como disse o outro antigo ao seu Emperador Trajano: *Debalde se quer cercar de armas, quem nam andar cercado de charidade.* Porém todos elles, assim o Rey, como os vassallos, assim os archeyros, como o Emperador, sam gente barbara, & brutal, sem conhecimento de Deos, nem religiam alguma; & pera ainda as difficuldades de os domesticar serẽ mayores, tem alguma noticia dos erros Mahometanos, com que ficam com muyto roim mistora, ajuntando a barbaria de Gentios, com a malicia de Mouros.

6 Destes Reynos, o que està mais vizinho à nossa cidade, & fortaleza de Moçambique, he o Reyno de Tonga (& este mesmo nome tem a sua

Corte, & cidade principal Tõga) o qual dista da linha Equinoccial vinte & tres graos; & em tudo o mais he semelhantẽ a todos os outros Reynos, & terras da Cafraria. O filho deste Rey, veyo a Moçambique, & ouvindo ally fallar das cousas de nossa sancta Fè, foy Deos servido de o tocar de maneyra, que com grande instancia pedio o Bautismo. Era naquelle tempo capitam de Sofala Sebastiam de Sã de Meneses, irmam do Conde de Penaguiam, & filho de Ioam Rodrigues de Sã de Meneses, & de Dona Camilla de Noronha, no qual fidalgo resplandeciam em grao muy subido a nobreza do sangue illustre, o esforço do braço Portuguès, & a piedade do zelo Christam; conforme a estas boas partes acudio logo com grande diligencia a este Bautismo, fazendoo celebrar com as melhores festas, & mayores demonstraçoens, que lhe foy possivel.

7 Tam satis feito ficou este Princepe, que voltando pera suas terras, deo aos seus naturaes grandes novas das honras que os Portugueses lhe fizeram, & tantos bens contou dos mysterios de nossa sancta Fè, que persuadio ao pay mandasse pedir a Moçambique quem o pudesse bautizar. Avizou disto o zeloso Capitam ao Visorrey da

Bautizase o filho do Rey de Tõga.

Das muytas gentes, que tẽ este Rey.

8
Plin. in Pan.
ad Traianũ.
Frustra se
terrore circuncinxe-
rit, qui sep-
tus charitate non est.

Reyno de Tonga seu sitio junto a Moçambique.

India, que já entam era D. Constantino de Bragança, filho do Duque Dom Iaymes (o qual socedeo a Francisco Barreto de Lima) & tinha com elle o Padre Gonçalo grande entrada, nas cousas da conversam dos gentios, por causa da grande piedade, de que sempre foy dotado este excellentissimo Visorrey, o qual encomendou logo esta empresa ao Padre Antonio de Quãdros Provincial da India, que, tinha succedido ao Padre Gonçalo da Sylveyra: aceytou a offerta o Provincial, como de cousa tam propria da Companhia. Communicou o negocio com Deos, & com o Padre D. Ioam Nunes Barreto Patriarcha de Ethiopia, que entam estava em Goa, como veremos adiante.

*Pede o P.
Gonçalo, &
alcança a
missam da
Cafraria.*

8 Andando o Provincial nesta deliberaçam, por ser de tanta importancia, eys que lhe bâte à porta, & entra pelo aposento o Padre Gonçalo, & lançado de joelhos a seus pes, lhe pede com muytas lagrimas de devaçam, & com notaveis jubilos de fervorosos desejos, da salvaçam das almas, que o mande à missam dos Cásres. Em ninguem menos cuydava naquelle tempo o Padre Provincial, que no Padre Gonçalo, pera o haver de mandar a tam trabalhosa, & perigosa missam; porênt vendo a instancia do Padre, &

a resoluçam tam apertada com que dizia, que senam saheria sê levar o despacho da petiçam, lhe pareceo ao Provincial, que em negar a tal licença ao Padre resistia ao espirito divino; & assim lha deo liberal; a qual havida se partio logo pera a sua Cafraria, porque nam queria dilatar o bom logro do favor, que por meyo de tantas lagrimas alcançara.

CAPITULO XXXV.

Das rezoens que podia haver, pera se conceder esta missam ao Padre Gonçalo da Sylveyra: conta se brevemente sua jornada, & o muyto que fez, & padeteo, assim nos caminhos, como dentro na Cafraria.



Vem considerar com olhos humanos a licença que em Portugal deo nosso Sancto Padre Ignacio ao Padre Gonçalo pera a India, & a que na India lhe concedeo o Padre Provincial Antonio de Quãdros pera hir a Cafraria, julgará huma, & outra resoluçam por menos acertada, pois largaram pera a India o que fo-

bre todos era estimado em Portugal, & deyxaram hir morrer na Cafraria o que mais era pera viver nas cortes. Nam tinham estas Provincias melhor sogeyto, nem na nobreza pera nos authorizar, nem na virtude pera nos sanctificar, nem em letras pera nos aceditar, nem mais prudente pera nos governar. Nam havia quem melhor soubesse atrahir os animos dos nobres, & as vontades do povo: era emfim o Padre Gonçalo o sogeyto de melhores talentos pera todos os ministerios da Companhia; & era a mais trabalhosa, & a mais arriscada, por rezam da terra que he muy aspera, & por causa da gente que he muyto féra.

2. Estas rezoens sollicitam nas gentes de fóra grandes espantos de haver causas bastantes, pera motivar tal resoluçam, com que entregaram os Padres desta Provincia com tanta facilidade ao arbitrio das ondas tempestuosas do mar, o que sobre todos devia de ser estimado na terra, & em largarem ás feras da Cafraria, o que era mais digno dos mimos da cidade. Porém se considerarmos esta acçam com olhos superiores, acharemos, que foy isto mais effeyto de favor divino, que resoluçam de traça humana; porque aos que Deos mais

estima a elles commette as mais profas mais difficultosas, & ao de melhores talentos, manda mais liberal aos mares da gentildade. Quando Christo ouve outra hora de entrar no mar, fez primyro largar as turbas, & ordenou que os seus discipulos o seguissem, & entrassem com elle na naveta, porque isto he proprio dos discipulos, dos mais queridos, & amados do Senhor, seguir a Christo por mar: os das turbas deyxam em terra.

3. Aquelle Anjo do Apocalypse b que representava o Verbo Eterno, tinha o pé direyto sobre o mar, & o esquerdo sobre a terra; por estes pés entendem os sagrados Doutores aos prégadores do Evangelho, porque com estes fermosos pés, como lhes chamou Isayas c correo o mundo, annunciando a paz, & prégando o Evangelho; pois destes prégadores o pé direyto poz elle sobre o mar: *Posuit pedem suum dextrum super mare, o esquerdo sobre a terra, Sinistrum autem super terram*, pera nos dar a entender, diz Ruper-^d to Abbade, que aos prégadores de mais ser, aos de melhores talentos, aos de mais graça, & mais destreza, *pedem dextrum*, a elles manda que vam a navegar sobre o mar, *super mare*: nam confia Deos a conversam da gentildade de gente commua,

Aos mais estimados mette Deos em maiores trabalhos.

a
Mat. c. 8. n. 23. Ascēdēte in nauiculam secuti sunt eū discipuli eius.

b
Apoc. c. 10. n. 2. Et posuit pedem suū dextrū super mare, sinistrum autem super terram.

c
Isaia c. 52. n. 7. Quam pulchri super montes pedes euangelizantium, &c.

d
Rup. ibi ad locū Apoc. Prædicatores confirmatos in mare gentium iussit, cum autem essent infirmi in Iudæa iussit prædicare.

& ordi-

& ordinaria, nam quer que passem o mar, senam os {discipulos mais amados, *secuti sunt eum discipuli eius*, os prègadores mais a famosos, os talentos mais prezados, os fogeitos de melhores partes, os mestres mais destros, *pedem dextrum*. Estes sam os que Deos escolhe pera as empresas mais perigosas do mar da gentilidade.

Na Cõpanhia os melhores sam os q vam pera a India.

4 Assi succede na Companhia, he bẽçã particular desta sagrada religiam, que os melhores fogeitos, & em quem estavam mais bem libradas as mais vivas esperanças desta provincia, estes sam os primeyros que pedem hir pera a India, estes sam aos que os superiores concedem, entre muytos opositores, este, que elles tem por incõparavel favor: começou esta nobre açam no principio da Cõpanhia por S. Frãcisco de Xavier; nam hà duvida que entre os companheyros de Sancto Ignacio este era o mais bem avaliado, pelos muytos, & raros talentos de virtude, de letras, & nobreza, que Deos nelle tinha recopilados, este era o mais prezado, & estimado de Sãcto Ignacio, este o que mais lhe tinha custado; pois este, deyxando os mais em terra, entrega Sancto Ignacio às missoes do mar. Este sancto costume tambem principiado, vemos continuar até o tempo de agora, em que

os mais dos annos, vemos hir desta Provincia pera a India, os fogeitos de mayor estima, os irmãos em que viamos mais bẽ fundadas as esperanças, os Padres de mais conhecido governo, os Doutores de melhores letras, a estes manda a Companhia pera a India, destes confia Deos a entrada no mar, a estes entrega a conversam da China, pera estes se ariam as catanas Iaponezas, estes sam os que nam temem as tempestades do Oceano, os que buscam os tormentos do martyrio, & os que melhor desprezam as fogueyras, & as covas do Iapam; nam sam isto eleyçoens humanas, sam predefiniçoens divinas.

5 Soposta esta verdade menos nos fica que estranhar de ver hir pera a Cafraria o P. Gonçalo da Sylveyra, de ver sepultar entre sombras de ignorancia a hum sol de sabidoria: quanto a missam era mais perigosa, tanto lhe ficava ao sancto mais gostosa, quanto mais trabalhosa, tanto mais estimada; & quanto o Padre Gonçalo era o mais presado na India, & o mais querido em Portugal, tanto mais se lhe devia esta empresa.

6 Partiose emfim o Padre Gonçalo da Sylveyra pera esta sua tam suspirada missam com dous companheyros, que foram o Padre Andrè Fernandes, & o

Dãje a rezã de mã darẽ pera a India, & pera a Cafraria o P. Gonçalo.

irmam André da Costa, Religiosos de muyta virtude, & zelo da salvaçam das almas: chegou a Chaul, aonde achou hũa nao, na qual hia pera Capitam de Sofala Pantaleam de Sã (irmam de Sebastiam de Sã de Meneses a quem hia soceder no cargo, & tinha parentesco com o Padre Gonçalo) & como tam hõrado, lhe fez toda a boa passagem até Moçambique; na qual viagem tiveram huma subita, & horrivel tempestade, de que parece os livrou Deos por intercessõens deste seu grande servo. Em quanto o Padre esperava por embarcaçam pera Monomotapa, & Tonga, continuou com os mesmos exercicios que fazia em Goa; & podendo esperar mais hũs dias pela nao em que havia de hir a Sofala Panteleam de Sã, tanto q se lhe offereceo a occasiam de poder sahir em hum jambuco, (que he hum genero de embarcaçam incomodissima de que se usam naquellas partes) nam quiz esperar mais nem hum sò momento, porque ainda que as difficuldades da jornada eram temerosas, & as incomodidades da embarcaçam muytas, & o calor do Sol muy grande; com tudo mayor era o espirito deste incansavel prègador de Christo. Adoeceo gravissimamente em chegando a Tonga; mandou entre tanto diante seus cõ-

panheyros ao Rey, que foram delle muy bem recebidos. Sãrou o Padre, partiose logo, & instruido na Fé o Rey, & todos os de sua casa, os bautizou, chamandolhe no bautismo Constantino, em memoria do Vitorrey Dom Constantino: logo se voltou a Moçambique a prepararse pera entrar em Monomotapa, deyxando os companheyros em Tonga pera continuarem em cultivar aquella nova Christandade.

7 E por nam perder occasiam que se lhe offereceo, tratou de partir logo só, porque aquelle espirito parece que não podia ter igoal, que o pudesse seguir, & que o pudesse aturar. Grandissimos foram os trabalhos que venceo nestes caminhos, navegando por muytos mares, entrando por rios muy perigosos, padecendo fomes, sofrendo muytas sedes; tudo com animo tam valente, com vontade tam affectuosa, & com hum exterior tam alegre, que elle era o que animava, & ajudava aos Portugueses, que com elle caminhavam; cõfundindose elle muyto de ver que elles por respeyto de ganhos temporaes, sofriam todas aquelles incomodidades; & com esta consideraçam, parece que se envergonhava de nam padecer muyto mais: porém bastante campo achou aqui este forte mãenedor, pera

Dos muytos trabalhos q padeeo.

Em Moçambique se exercita o P. em obras de serviço de Deos.

entrar

entrar naquelles tam desejados desafios com os trabalhos, com as difficuldades, com os ardores do Sol, com a barbaria, com a gentildade, com os Mouros, cõ as fomes, com as sedes, com os inferno todo, & com a mesma morte. Entrou por varios Reynos da Cafraria, bautizando, & doutrinando muytas gentes, convertendo muytos milhares de almas, atè que chegou a Monomotapa, que foy demandar, por ser o Reyno principal daquellas regioens; porque bautizado aquelle Rey ficava mais facil a conversam, & bautismo dos outros Reys da Cafraria, q̃ lhe sam tributarios.

Como se recolheo em exercicios dentro na embarcaçam.

8 Tanto que chegou à foz do rio Cuama (que já hé nos confins de Monomotapa) pedio aos Portugueses, que permitissem deyxalo retirar delles os dias que restavam da navegaçam, porque queria tratar sò com Deos aparelhando se pera dar aquelle Rey a embayxada, que da parte do mesmo Deos lhe trazia; logo fazendo huma como cortina de hum pedaço de vèla, esteve desta maneyra retirado em sanctos exercicios, por espaço de oito dias, em oraçam com Deos, & o tempo que lhe restava da oraçam gastava em ler vidas de sanctos, sem comer mais que huma vez no dia hũa mam chea de grãos torrados, & beber huma pouca de

augoa; & sem em todos estes dias fallar com nenhum dos da embarcaçam, que igoalmente hiam edificados, & admirados daquelle seu sancto passageyro, que assim orava metido na confusam de huma naveta, como se estivesse retirado na Thebayda superior; que na verdade aonde o espirito he grande nunca falta occasiam pera o poder exercitar com Deos, & retirar dos homens.

CAPITULO XXXVI.

Prèga a Fé em Monomotapa, bautiza o Rey, & a Rainha sua mãy: tratam os Mouros de lhe dar a morte, & como se aparelhou o servo do Senhor, pera a receber.

NAm pretendo nesta historia mais que tocar brevemente a morte gloriosa deste incomparavel varam (como fiz relatando a lo Padre Ignacio de Azevedo) deyxando o mais, assim pera o anno, em que socedeo, como pera a historia da India, que nos nam pertence, & ainda

pera

pera este pouco tomamos a licença attento, visto ser o Padre Gonçalo da Sylveyra filho desta Provincia. Chegado a pois o Padre a Monomotapa, que he o Reyno principal de toda a Cafraria, com sua sancta industria, & gloriosos trabalhos (que se contam em a sua vida, & na Chronica ^b gèral da Companhia) teve com aquelle Rey (ao qual tambem chamam Monomotapa) grande entrada por via de algũs Portugueses, entre os quaes havia hũ chamado Antonio Cayado, que tinha muyta amizade, & toda a valia com este barbaro, & era o seu presidẽte, & como guarda mór de todos os pòrtos, & entradas de seu Reyno. Viose o Padre com o Rey, prègoulhe, & praticoulhe a Fé de Christo a elle, & a toda sua corte, & finalmẽte o bautizou cõ a Rainha sua mãy, & cõ muytos dos seus mayoraes, & grãde numero de gẽte do povo.

2 Nam pode o inimigo cõmum soffrer tam gloriosos progressos, instigou a hũs Mouros, como adversarios declarados de nossa sancta Fè, pera fazerẽ matar ao sãcto varãm, & desta maneyra impedirẽ a prègaçam do Evãgelho. Vamse ao Rey, taes arrefoados lhe fizeram (quando com felices principios hia lançando tam boas raizes) q̃ o persuadiram, q̃ o Padre lhe pretendia tomar o Reyno por via de

leytiços, q̃ lhe tinha começado a dár cõ a augoa do bautismo, & cõ as palavras delle. Enganado assim o Rey barbaro, & mudãdo-selhe logo o amor de Christo, em odio infernal, obrou como Cafre, q̃ era sem ley, & sem nenhũa cõstancia no bẽ, tambem começado. Mandou chamar a cõselho os Engangas (que assim chamam aos Mouros) & asẽtãram, q̃ o P. fosse morto. Esta resoluçam guardou el Rey cõsigo em tãto segredo q̃ o nam quiz descubrir a seu valido Antonio Cayado: mas o que o Rey nam disse ao seu privado, declarou Deos ao seu servo, & assim quando menos o cuydava Antonio Cayado, lhe disse o P. Eu sey q̃ el Rey me ha de mandar matar, mas eltou muy alvoroçado pera receber por amor de Deos tambem aveturado fim; ficou o Portugues muy novo, & muy espãtado cõ este dito do P. pretendeo persuadilo, q̃ nam podia ser tal; mas o P. lhe disse q̃ nam se cãfasse, q̃ elle sabia, q̃ assim era. Foy elle logo ao Paço pera ver q̃ fundamento podia ter o q̃ o P. contra o que imaginava, com taes vèras lhe dizia; & fallando cõ o Rey, entẽdeo q̃ os Mouros inimigos de Christo o tinham enganado, contra o servo do Senhor. Bẽ pudèra o P. por se ã salvo, mas como havia de fugir do martyrio q̃ via perto, quẽ cõ tãtas ansias obuscava de tam lõge?

Resolvêse em lhedãr a morte.

^a P. Nic. God. in eius vita lib. 2. c. 11.

^b P. Sachin. in hist. gen. lib. 5. a n. 219.

Comobautizou o Rey de Monomotapa.

Conjurãse os Mouros cõtra o P.

Como se
aparelhou
pera rece-
ber o mar-
tyrio.

3 Era isto em hum Sabba-
do, vespora da quarta Dominga
da Quaresma, disse logo missa
em aççam de graças com muy
particular devaçam, por ser a
ultima que neste mundo havia
de celebrar, tomando por
suas mãos o viatico pera fa-
zer o vltimo caminho des-
te desterro pera a patria deseja-
da. Naquella mesma tarde bau-
tizou sincoenta gentios, despe-
diosse de algũs Portugueses, que
mandou chamar pera os con-
fessar, repartio entre os Chris-
tãos as reliquias, contas, & ves-
tidos que tinha; ordenou que se
retirassem da casinha, em que
estava, os ornamentos com que
diziã missa, & os mandou a An-
tonio Cayado, por nam serem
maltratados dos Mouros que o
haviã de vir matar; & tudo fa-
zia com hum rosto tam alegre,
& com hum semblante tam de-
saliviado, que a todos tirava a
lospeyta do mal que podiam
temer. Deyxou sómente confi-
go hum Crucifixo, cõ duas ve-
las pera acompanharẽ a sagra-
da imagem; que este era o vni-
co refugio, & o fiel cõpanhey-
ro, q̃ elle sò queria ter, naquella
sua tam desejada hora; julgan-
do que nunca estava menos sò,
que quando estava sò com tal
amigo, & cõ tal defensor; a que
offerec a a vida, & por que de-
sejava padecer muytas mortes.

4 Voltando Antonio Ca-

yado junto da noyte a fallar cõ
o bemaventurado Padre, pera
lhe dâr modo com que escapasse
da morte, o achou passeando
junto da casa, vestido em huma
roupeta nova (que parece pe-
ra este fim trouxe da India, por-
que em outro tempo sempre
trazia vestidos velhos, & re-
mendados) & com a sobrepe-
liz revestida sobre a roupeta, q̃
estas eram as armas brancas cõ
que este soldado do Senhor se
guarnecia neste combate con-
tra a morte : chegouse o servo
do Senhor a Antonio Cayado,
que vinha muyto triste; & pon-
dolhe a mam no peyto lhe dis-
se, que tristezas sam estas meu
senhor Antonio Cayado, estay
certo que mais aparelhado es-
tou eu pera morrer do que os
inimigos de Christo, pera me
matar; eu perdoe ao Rey que
he moço, & tambem a Rainha
porque he enganada; isto disse
com tal serenidade de rosto, &
alegria dos õlhos, como quem
jà estava de caminho pera go-
zar das alegrias eternas. Des-
pediosse d'elle Antonio Cayado
com entranhavel sentimento,
& voltou ao paço com intento
de avizar ao Padre do que hou-
vesse de novo, nam se persua-
dindo nũca que estava isto tam
apressado; & vêdo como o P. fi-
cava sò (por ter mãado pera fõ-
ra dous moços q̃o acõpanhavam
& aos mais Portugueses, a fim de

Vestiosse de
novo. E cõ
huma so-
brepeliz,
pera rece-
ber amor
te.

os livrar do perigo, porq̃ os nam mataſſem tambem por eſtarẽ em ſua companhia) lhe mandou dous moços de ſua caſa, pera velarem a do Padre, & lhe darem conta do que ſocedeſſe, pera elle logo acudir.

5 Andou o ſervo do Senhor paſſando em hum terreiro junto da caſa, atẽ perto da meya noyte, eſperando pela ditosa hora, pela qual ſuſpirava tam vivamẽte, q̃ ſahia fõra pera tomar os hoſpedes que o vinham matar a ſua caſa; contavam eſtas duas testemunhas de viſta, q̃ trazia os olhos pregados no cẽo, as mãos ora levantadas, ora eſtẽdidas à maneyra de cruz, ora pondose de joelhos diante do Crucifixo, lançando do coraçam huns tam intimos ſuſpiros, pelo martyrio que eſperava, que lhes cauſava grãde admiraçam; & como era já tam tarde, & os cruẽis algoſes nam vinham, porque eſtavam eſcõdidos, & nam ouzavam chegar, em quanto o viam paſſando; ſe recolheo pera caſa, pondose em oraçam de joelhos, diante do ſancto Crucifixo, que sò lhe ficara, pera goarda, pera eſforço, & pera conſoloçam, o qual tinha poſto entre duas vélas aczas; & como o trabalho do dia tinha ſido grande, & a noyte lhe parecia muy comprida, por nam chegar a hora por elle taõ deſejada, em que havia de ama-

Os grãdes deſejos que tinha de morrer por Chriſto.

nhecer na gloria com Chriſto; depois de larga oraçam ſe deyxou cahir ſobre hũa eſteyra de canas, & adormeceo (do modo, q̃ elle cuſtumava tomar o ſono, como temos dito) ficãdolhe jũto de ſy à cabeceyra o ſancto Crucifixo, deyxãdo as portas abertas, aſſim porque nam tiveſſẽ os ministros de ſua morte algũ impedimento, como, porque cõ tal companheyro lhe parecia que nam tinha que temer.

CAPITULO XXXVII.

Da morte que os Mouros deram ao P. Gonçalo da Sylveyra, em odio da Fé, que pregava, & como lhe lançaram ſeu corpo em hum rio.

1 **D**Esta maneyra ſe preparou o Sãcto varãam pera eſperar, & pera receber a deſejada morte do martyrio. Nam acabam muytos de engrandecer a devaçam com que neſta noyte ſuſpirava ao cẽo pela morte que deſejava: outros ſe eſpantam do animo com que andou paſſando fõra de ſua caſinha, eſperando, antes parece que deſafiando a ſeus

matadores : alguns louvam o sancto, & primoroso termo que teve, vestindose de novo, revestindose de branco, como quem fazia festa, & se ornava pera receber hū bem tam grande, vigiando em oraçam até a meya noyte, esperando na primeyra, na segunda, & na terceyra vigia, como servo fiel, a hora do Senhor.

2 Cōfesso q̄ sam materias todas estas dignas de grande louvor, porē quāto a mim muyto mais me espāta neste caso o seu sono, q̄ a sua vigia; mais me admiro aqui do P. Gõçalo dormindo, do q̄ delle mesmo orando; nam vi sono mais mysterioso, nē repouso mais acordado; ningūẽ nūca me espātou tanto vigiādo, quāto o P. Gõçalo agora me espāta dormindo. Tēpo era este pera dormir? Estavam os criados de Antonio Cayado sē pregar olho, cō arreceyos do perigo do servo de Deos, & elle tam descuydado, & fõra de medos, q̄ dormia. Quādo nomār de Tiberias se levātou aquella turbulēta borrasca, com a qual os Apostolos ^a ao primeyro escarcēo das ondas se deraõ por perdidos, brādādo, *Domine, salua nos perimus*; o Senhor, q̄ noutro tēpo levava as noytes vigiādo, & orando no mōte, agora descansava, & dormia na barca, *ipse vero dormiebat*, pera q̄ vejamos o animo, a segurança, & a cōfiança

deste divino navegāte, q̄ hia taõ fõra de medo, q̄ quādo os pilotos tremiam, elle dormia: naõ vi sono mais cheyo de misterios q̄ este do P. Gõçalo; espera a morte por momētos, & estā cō tudo tam descāsado, q̄ nam perde o sono ordinario: vigiam, & tremē os cōpanheyros com medo do perigo alheo, & elle com tal serenidade, tam seguro, tam sobre sy, & tam sem perturbaçam, que repousava quieto.

3 Como tambē socedeo a S. Pedro, o qual na mesma noyte vespora do dia, em q̄ por mandado del Rey Herodes o haviaõ de matar, dormia hū sono muy descansado, como se das duras cadeas, com q̄ estava amarrado, fizesse cama branda, em que o sono lhe prendesse, & atasse os sentidos: *b In ipsa nocte, erat Petrus dormiēs vinctus catenis duabus*. Que com esta segurança vivem os Sanctos no meyo das mayores perturbaçoens; dormia Pedro, & dormia o Padre Gonçalo em tal occasiam, porque Deos por elles vigiava; dormiam, porque nam tinham cuydado, que lhes molestasse a consciencia; dormiam, porque lhes nam dava pena o temor de os matarem; dormiam, porque aquelle sono lhes representava o da morte, que padecida por Christo, pera elles era verdadeyra vida.

4 Estando pois o servo de Deos neste repouso, entrāram

Este sono do Padre foy muy mysterioso.

^a Mat. ca. 8. n. 25.

Sam Pedro tambē dormia quādo esperava pela morte.

^b Act. cap. 12. n. 6.

Da morte que deram ao P. Gonzalo da Sylveyra.

de tropel os Mouros, & alguns Cafres na sua casinha, de noyte, porque taes obras aborrecem a luz do dia; dãm sobre elle de repente, acometemno dormindo, como traydores, que parece haviam medo delle vigiando; & amarrandoo fortemente, lhe atãram ao pescoço huma cinta tirada da trunfa de hum dos Mouros; porẽm mais prezo estava elle com as ataduras da charidade de Christo, & pujando de huma, & outra parte o afogãram, dandolhe o genero de morte que o bema-venturado Padre tanto d'antes tinha pedida a Deos, & prophetizada a muytos; & pera que nam faltasse sangue, pois tanto dãtes lho viraõ verter pelas mãos (dizendo missa na casa de Sam Roque) lançou grande quantidade pela boca, & narizes; dando juntamente, como liberal pagador, o sangue, & o espirito a seu criador. Arremetẽram logo ao sancto Crucifixo (q̃ nam deviam perdoar ao Senhor, pois por amor delle matavam ao servo) executãram na sagrada imagem seu barbaro, & diabolico furor, fazendoa toda em pedaços, vingandose juntamente do discipulo, & do mestre, do Apostolo, & de Christo, do servo, & do senhor; permitindo elle tam grande sacrilegio, pera acõpanhar este glorioso Padre em suas afrontas, & pera mais

Tambẽ affrontaram a sagrada imagem q̃ tinha cõsigo.

claramente nos constar, q̃ matavam ao Padre pelo odio que tinham ao Senhor. Achãram ao servo de Deos cingido cõ o cilicio de ferro, de que elle se tinha armado, mais cõtra sy, que cõtra seus inimigos, fizeraõ grãdes espantos, confirmando sua barbara, & maliciosa opiniam, q̃ nam podia deyxar de ser hum famoso encantador, quẽ andava vestido de ferro jũto da carne; q̃ assim julga o mundo do q̃ nam entende; & tam encontradas sam as obras dos Sanctos, eõ o pensamẽtos dos peccadores.

5 Feyto isto lhe atãram hũa corda ao pescoço, & o levãram arrasto, tingindo os caminhos, & as ruas com seu precioso sangue, do qual ainda ao outro dia se achãram as ruas banhadas; assim o levãram, & o lançãram atado a hum pezado madeyro, em hum rio, que perto corria, desconhecido entre nòs pelo barbãro nome de Mõcenguẽsse, mas neste particular mais vëturoso, q̃ o rio q̃ regava o Paraizo terreal, mais rico que todos os mais de Monomotapa, q̃ cõ seu ouro (melhor q̃ o celebrado Tejo, & que o fabuloso Pactõlo) regam a terra, pois este em suas augoas recebeo outro mais rico penhor, & outro mais precioso thesouro; & pera nòs rio sã duvida, muy saudoso, por nos agasalhar em sua madre a tam sãcto deposito, & servir de

Lançãram-lhe o corpo em hũ rio.

Gen. c. 2. n. 10. Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandũ Paradisum.

sepultura a hum nosso tam prezado Padre, & tam affinalado varãm, ficando nõs privados da esperança de poder gozar da consolaçam de possuir suas reliquias. Cumprindolhe Deos nosso Senhor neste particular, o que elle tanto dante mam tinha prophetizado com grande alegria sua, que havia de ser martyr, que seu corpo havia de ser lançado em hum rio, aonde nam havia de ser achado.

6 Foy a morte do Padre Gonçalo aos 16. de Março de 1561. na antemanhã da quarta Dominga da Quaresma, a qual vulgarmente os Portugueses chamam Domingo de Suzana, porque ao Sabbado precedente se lè na Epistola da missa a historia desta Sancta, & daqui por ventura se occasionou o engano do nosso Padre a Mafteo, que disse que succedeo o martyrio do Padre Gonçalo em 11. de Agosto dia de Sancta Suzana Virgen, & Martyr; & no mesmo erro cahio o Padre Pedro de Ribadeneyra.

7 Assim acabou na Cafraria morto pela Fe de Christo, q prégava, & às mãos de Mouros, que reprehendia, aquelle illustrissimo varãm Dom Gonçalo da Sylveyra, filho do Conde da Sortelha, Doutor em Theologia, primeyro Preposito da casa de Sam Roque, & Provincial da Companhia de Iesu, nave-

gando à India pela salvaçam das almas; entrando na Cafraria, nam pera demandar o ouro das minas, mas pera converter as almas dos gentios; nam pera se enriquecer a sy, mas pera os salvar a elles: prégou como sancto, morreo como Apostolo: alcançou em Monomotapa, o que tanto tinha desejado em Portugal. Ainda que era illustre pelo sangue que herdou de seus avòs, mais illustre ficou pelo sangue que derramou por Christo. Morreo affogado, que he morte apressada, & mayor era a pressa que elle tinha de dar sua vida; o garrote lhe tirou logo o poder respirar, mayores eram os suspiros que elle tinha de espirar; hoje tem no cèu as riquezas, que desprezou na terra: hoje logra com Christo a vida, que perdeu por Christo.

8 Com ser este Padre tam admiravel na vida que teve, & na morte que padeceo, que bastava sò a vida pera ser tido por sancto, & bastava sò a morte pera ser declarado por martyr; com tudo nam posso deyxar de me queyxar assim do descuydo dos nossos religiosos de Portugal, & da India; como da pouca lembrança dos illustrissimos parentes de tam illustre confessor de Christo, por lhe nam procurarem aregora sua canonizaçam, tam merecida, & tam devida: & verdadeiramente me

persua-

Em q dia,
& anno
morreo o
P. Gonçalo.

d
Maffeus in
Epist. select.
lib. 2. Epist. 4.

e
P. Pet. de Ri-
bad. in vita
patris Lainij
lib. 2. c. 11.

Morreo a-
fogado, co
garrote.

Aregora se
nam trata
de sua co-
nominização

perluado por rezoens que pera isto tenho, que sua muyta humildade assim como alcançou diante de Deos, que os homens lhe nam honrassem suas reliquias como de martyr, assim pediu que o nam canonizassem como a Sancto, porém porque Deos, mais honra aos mais humildes, verémos no capitulo seguinte hum caso raro, & nunca ouvido em outros Sanctos, com que Deos sem o honrar pelo; homens, o faz admiravel no mundo.

CAPITULO XXXVIII.

De hum caso prodigioso que se conta do corpo do Padre Dom Gonçalo da Sylveyra, que está go ardado, & incorrupto em hūs mattos de Monamotapa.

I Das cousas deste grande servo do Senhor foram dignas de admiraçam, sua incansavel penitencia, sua rara mortificaçam, seu ardentissimo zelo das almas, seu grande desprezo do mundo, & finalmente sua morte tam san-

ta, & tam animosa, pela fé que plegava, & pela doutrina que ensinava: também despois de morto o quiz Deos fazer admiravel com hum caso prodigioso, que se nam conta em sua vida; & quero aqui apontar, da maneyra que o achey escrito; tinha elle prophetizado, tonformepedira a Deos, que seu corpo nam seria achado; pera nam ser venerado despois da morte quem foy tam mortificado sendo vivo; & pera nam ter esta honra entre os homens, quem só queria a gloria diante de Deos: cumprolhe o Senhor este seu desejo, segundo a promessa que lhe tinha feyta, porque lhe deytaram o corpo em hum rio, & nam veyo a poder de Christãos, que o venerassem. Porém vejamos hum estranho caso, que delle se conta, no qual ainda que o vejamos achado, & honrado, verémos cumprida a promessa, porque o verémos venerado de brutos, & nam de homens; pera mayor confusam dos que o mataram, & per a mayor gloria de Deos, que por tantas vias honra seus Sanctos, buscando esta maravilhosa traça, pera por huma parte se cūprir o que o Senhor lhe prometera, & por outra se fazer o que o Padre merecia.

2 Perá que isto se veja, & fique em lembrança hum successo tam prodigioso, referirey

O P. Gõçalo pediu a Deos, q' lhe nam honrasse suas reliquias.

Quê foy o autor q' conta este prodigioso caso.

aqui a copia de huma carta, tresladada fielmente, da que mandou ao Padre Francisco de Gouvea (Provincial que foy da Companhia) o Lecenciado Affonso Leãm Barbuda, que andou pelas partes de Monomotapa, & fez hum roteyro das cousas mais notaveis, que por ellas vio, & notou: diz assim o dito memorial.

R E L A C, A M,
que o Lecenciado Affonso Leãm de Barbuda deo ao Padre Francisco de Gouvea da Companhia de IESV, do que achâra, & soubera da morte do Padre Gonçalo da Sylveyra em Monomotapa.

E Ntre as cousas, & notações que tenho em escrito, postas em lembrança, dignissimas de se imprimirem para os vindouros, he huma muy notavel, que achei vindo das ferras das minas de Monomotapa, à sorna viagem para a nossa fortaleza de Tete, donde por outro caminho entrey para chegar ás mesmas ferras; he, que chegando a hũa

paragem aonde entrestam dous rios, que se apartam pera diversos lugares oppostos muyto hum do outro. No remãso que fazem a modo de enseada (como he a do Alfeyre da banda de Almadã) achei grande quantidade de Aves, & passaros muyto maiores que Perus, & Bataridas, muyt alvos das penas, & somente os cotos das azas eram pretos, os pés, & bicos muyt vermelhos, & os olhos de varias cores, & fermosos, na cabeça tem huma pinha de pennas, em linco quinas, feyras em cruz, & vermelhas. De outras destas aves estavam postas num pao muyto grosso de mais de doze varas de comprido, o qual era tam pesado, & forte, que parecia de ferro. Este pao estava junto a huma grande, & espessa árvoredo, & brenha muyt alta.

4 Quiz saber mais especificadamente do pao, & das aves, & tentando sahír em terra pera a parte da brenha, os moradores de humas povoaçoens vizinhas, que estão da outra banda do rio, avisaram aos tres negros, que hiam comigo, filhos de Reys, que por nenhum caso sahisse em terra, porque aquelle pao estava ally havia muytos annos, o qual do fundo do rio o lançara ally a cheya com hum corpo de hũ homem branco, vestido de negro, asado. O qual homem branco certos tigras, & outros animaes levaram nas bocas lá dentro daquella brenha, & que nella o tinham guardado, & enteyro, & que os mesmos animaes, como de guarda postas, o defendiam, & tinham encerrado. E que depois de terem lá levado o corpo, voltando á borda do rio,

onde o pao estava, & todos juntos com as cabeças, & com as mãos levaram o pao nadando, & o puzeram bem junto a huma ribanceyra da terra, onde o dito corpo está: & que tambem as animaes defendem o pao, & que só consentiam aos ditos passaros, & aves poremse nelle de dia pera descansar, & á noyte pera dormirem. E nelle faziam huma tam suave harmonia de diversas vozes, que muyta gente dos lugares comarcãos que andavam pescando, de proposito se chegavam pera aquella parte, assim pera ouvirem a musica, como pera tomarem por ally mais peyxes, que por outras partes. E intentando elles por vezes sabirem de noyte em terra pera aquella paragem, o nam fizeram nunca com medo dos tigres, & outros animaes ferozes, que sabiam da brenha, & descorriam pela praya do rio, em quanto os pescadores por ally andavam. E estes animaes nam faziam mal algum aos passaros, nem se elles espantavam, nem deyxavam de cantar.

5 Puxando eu mais por este negocio, pelo que já tinha advertido, & perguntando a negros muy antigos, & velhos, que me pareceram de bom entendimento. Soube delles, & assim mo affirmaram, que ally dentro daquelle brenha estava o corpo daquelle branco, assim vestido como vinha amarrado no pao, & que naquella paragem o deytaram as cheas, & que os animaes o tiraram do pao, & o levaram pera dentro da brenha, onde o tem guardado, & encerrado, & assim ao corpo como ao madeyro guar-

dam, & defendem, & somente aos passaros nam offendem, antes lhe fazem tam boa companhia, que offendem a quem lhes faz algum mal; & se os pescadores tomam algum destes passaros, logo o largam, sem onsar ao maltratar. E voce omnium, & dos negros mais antigos, & velhos daquelles lugares, achei (o que todos affirmam) que o corpo que está naquella brenha, deve de ser de algum grande sancto, ou de algum Deos (fallam como gentios).

6 O que achei, por Verdadeira informaçam antes de chegar a esta paragem, que tenho dito. Foy, que estrio procede de huma grande lagoa, que está no alto da serra do gram Monomotapa, & que no principio deste rio foy lançado o corpo do Padre Gonçalo da Sylveira, depois de ser martyrizado polo Monomotapa, & atado em hũ pao ferro muyto grosso, fora deytado neste rio, & que a inundaçam das muytas augoas do inverno o trouxerão polo mesmo rio abayxo o pao, & o corpo intacto, & que por fim aportou naquella paragem, & ahí o tem Deos posto, guardado, & defendido dos brutos animaes, com tam suave harmonia de áves, & passaros, como dito he.

7 Tudo isto cresladey, & mando o vossa Paternidade do proprio original do memorial, que fiz das cousas que achei no cabo de boa Esperança, & por toda aquella costa da terra do Natal, & Fumos, & polas partes, & paragens dos Reynos de Opãgua, & Nubugana, que sam Reynos

grandes, de boa gente, muy fiel, domestica, & de bem fazer. Onde achey novas, & tradiçam do Padre Gonçalo da Sylveyra, que nas ditas partes andou, & fez grande Christandade, a qual está já muy inculta, bravia, & a greste, por falta de obreyros da vinha do Senhor; da qual paragem sahio o P. Gonçalo da Sylveyra pera Monomotapa, & quando se despedio daquella terra, foy com grandes saudades, & muytas lagrimas dos moradores. E soube de hum negro muyto velho, & honrado, que ao despedirse dissera, ó bendito Padre: filhos eu vou chamado da Obediencia, & nam posso al-fazer, senam obedecer, no coraçam vos levo a todos, fazey sempre por serdes bons Christãos, & filhos de Deos, que já me nam vereis mais nesta vida, porque eu vou a morrer pela Fé de Christo. Com estas palavras se alevantou entre os Christãos tam grande pranto, & alarido, que foy espanto, & com elle o acompanharam até se embarcar. Este velho, com outros me disseram, o Padre nosso, a Ave Maria, Credo, Salve Regina, Mandamentos de Deos, & da Sancta Igreja, que o Padre lhes tinha ensinado, mas com algumas faltas, por lhes nam lembrarem bem estas oraçoens. Este mesmo preto trazia ao pescoço huma cruz, com hũa veronica, & hũa contas: & posto que algumas cousas deyxavam de dizer, folgavam muyto de ihas eu ensinar: disseme tambem da campainha, que rangia, quando dizia missa, a quem elle chamava o grande branco, & grande sancto. Disseme mais, que do Reyno de

Monomotapa vieram ally tér mercadores negros com suas mercadorias, & lhe contaram que o Monomotapa mandara matar a hum caciz branco, & o mandara lançar no rio atado em hum madeyro grande, pera mais nam aparecer. E desta paragem levava eu já enformaçam, pera por ella poder puxar, & inquirir, pelo que tenho escrito, & posto em lembrança no memorial que fiz, & he o que tenho dito. Nosso Senhor, &c.

8 Até aqui o memorial, tresladado fielmente, palavra por palavra, em que se contém este caso tam prodigioso, do qual nam temos mais testemunho, que o deste homem, que com grandes veras contava o referido; & o Padre Francisco de Gouvea lho fez dar por escrito, assegurandonos o Padre, que era pessoa de muyto credito, & de grande verdade; & eu posso assegurar aos que isto lerem da muyta synceridade, & authoridade do Padre Francisco de Gouvea, que foy nosso Provincial, & huma das mais graves pessoas que a Companhia teve neste Reyno, onde foy muyto conhecido por suas letras, por seus cargos, & por sua virtude, & foy irmam de Dom Ieronymo de Gouvea Bispo de Ceyta.

9 Neste admiravel prodigio há tanto que considerar, q tudo nelle sam prodigios: ally está, conforme esta historia,

OP. Francisco de Gouvea foy nesta Provincia pessoa muyto grave.

guardado, & escondido o corpo do Padre Gonçalo da Sylveyra, mas muyto mais escondido nos fica, & muyto mais mysterioso he o fim pera que Deos nosso Senhor ally guarda este veneravel thesouro, acompanhado de fêras, sem ser visto, nem reverenciado dos homêes, da maneyra que em parte succedeo a Moyses,^a do qual posto que sabemos que foy sepultado em hũ valle da terra de Moab, com tudo nenhum homem sabe o lugar da sua sepultura; & tambem nam sabemos o mysterio que Deos nisso teve; q se foy pera nam ser adorado, como alguns doutores^b dizem, tambem podemos cuydar, que concedeo o Senhor ao Padre Gonçalo da Sylveyra o que elle tanto lhe pedia, & tinha prophetizado, que lhe nam achariam seu corpo, pera nam ser reverenciado dos homens. Porém porque taes reliquias mereciam muyta veneraçam, em lugar dos homens que ally faltam, o entregou a fêras, que a seu modo o veneram, & o festejam: renovando aqui Deos a maravilha que usou com algũs Sanctos, aos quaes guardavam os animaes brutos, quando os perseguiam os homens racionais. Grande milagre foy sem duvida que os Corvos, que se custumam cevar em corpos mortos, vigiassem como centi-

nelas, & guardassem como soldados de pòita o corpo morto do Martyr S^c. Vicente: maior prodigio he este que succedeo no corpo do Padre Gonçalo da Sylveyra; porque aquelle aconteceo por pouco tempo, este ainda hoje dura: aquelle foy sò guardado por algũs corvos, este por muytas aves do cèo, & por muytos animaes terrestes; alem de que temos aqui outras circunflancias mais notavei; porque as fêras o guardam, & as aves lhe cantam; as fêras com suas armas o defendem, & as aves com suas vozes lhe dam musicas, como se a seu modo lhe celebrassem as exequias, ou lhe festejassem o martyrio.

9 Tambem outro corvo levava na boca o pã a Elias, sem o comer, quando aquelle Propheta^a fugia à perseguiçam da impia Iezabel, de sorte que, como notou S^c. Agostinho, por meyo de hum corvo, que he àve de rapina, alcançou Elias o sustento pera comer, & por meyo de outro alcançou Vicente a victoria pera nam ser comido: em ambos foy grãde o merecimento, & em ambos foy notavel o milagre, pois aquellas aves de rapina guardavam o jejum à vilita de suas mais prezadas igoarias. Ainda parece mayor a maravilha do Padre Gonçalo, pois nam sò hũ corvo,

^c
Vide Suriũ
22. Januarij

*O corpo de
S. Vicente
foy guardado pelos
coruos.*

^a
Deut. c. 34.
v. 5. & 6. Sc-
ilicet eum
in valle ter-
re Moab, &
non cognovit
homo sepulchrum
eius, v. que
præsentem
tem.

^b
Irran. ibi.
quod factum
est à
Deo, ne Iu-
dei colerent
eum, tam-
quam Deũ.

^d
Lib. 3. Reg.
cap. 17. à n.
4.

^e
Aug. Serm.
2. de S. Vin-
centio. Ob-
tinuit Elias
coruis præ-
stitũ quod
aleretur,
præstitũ est
Vincentio;
obsequente
quoque cor-
uo. ne co-
mederetur.

mas tantos leões, tantos tigres, que sam feras voracissimas, nam só nam comem este bendito corpo, mas tambem o defendem que outros lhe nam cheguem.

10 Admiravel caso he este, & digno de grandissima cõsideraçam, & por ventura que nenhum se conta semelhante: conserva Deos muytos corpos de Sanctos, huns debayxo da terra sepultados, outros em grãdiosos sepulchros venerados, mas estar hum corpo inteyro, & intacto entre feras vorases por natureza, que nam só lhe nam tocam, mas que tambem o guardam, pera que ninguem lhe toque; & que nam só o guardem, mas que tambem lhe cantem, & lhe deem musicas, caso he este nunca ouvido, & que só se conta do Padre Gonçalo, a quem Deos fez admiravel em vida, & singularisou depois de morto.

11 Sãm milagres estes obrados por aquelle Senhor, que assim como já guardou o Propheta Daniel, vivo entre leões, conserva agora o Padre Gonçalo morto entre tigres; aquelle no lago de Babylonia, este nas brenhas da Cafraria; aquelle perseguido por Idolatras, este martyrizado por Mouros; senam que Daniel g da primeyra vez esteve ally, per poucas horas, o Padre Gonçalo continua

por muytos annos; aquelleⁿ da segūda vez, depois dos seis dias, foy logo achado, este depois de muytos annos, estã ainda encuberto; naquelle quiz Deos ensinar o cuydado que tinha de guardar hum Propheta vivo, neste nos mostra Deos a providencia que tem em conservar as reliquias de hum varãm justo, que destes diz David; que lhe tem Deos seus ossos como guardados em huma custodia, sem consentir que nem hum só se quebre; & aqui nam só guarda os ossos inteyros, mas tambem conserva o corpo incorrupto.

12 No Paraíso terreal tẽ Deos retirado o Propheta Elias vivo, nestas brenhas de Monomotapa tem Deos escondido o Padre Gonçalo da Sylveyra morto; aquelle tratando com Anjos, este acompanhado de feras: & ainda tenho por melhor a sorte do Padre Gonçalo, pois tem já a alma no céo, logrando da vista de Deos, & tem o corpo no seu paraíso terreal, que como tal se lhe representava a Cafraria, que com tanto gosto demandava. Bem lhe cumprio o Senhor seus desejos, bem lhe satisfez sua vontade, que nam fossem suas reliquias achadas, & veneradas, pois, pera o nam acharem, o guardam aquellas feras, nam consentindo que ninguem chegue de perto ao

Este caso tem em sy cousas muyto prodigiosas.

f
Dan. c. 14. n. 30. Tra-
dit illis Da-
nielem, qui
miserūt illū
in lacū leo-
num.

g
Dan. cap. 6. a
num. 19.

h
Dan. c. 14. n.
30. Qui mi-
serūt eū in
lacū leo-
num, & erat
ibi sex die-
bus.

i
Psal. 33. nu.
21. Custo-
dit Domi-
nus omnia
ossa eorum,
vnū ex his
non conte-
retur.

ver, pera nam ser venerado depois de morto, como elle tanto deleyava, sendo vivo; mostrando o Senhor com isto, que he digno de honra, quem até dos brutos he tam honrado, porém que por outro mais alto fim, que nam alcançamos, nam permite que seja athado, & venerado dos homens.

13. Este foy o Padre Gonçalo da Sylveyra em vida, & em morte: este foy o primeyro Preposito da casa de Sam Roque, aqual nam podia deyxar de ter tam felices principios, & tam ditosos progressos, como vemos, pois quando começou, teve logo tal superior. Esta notavel ventura tiveram a casa de Sam Roque, & o Collegio de Sancto Antão, nesta Cidade de Lisboa, que o primeyro Reytor de Sancto Antão, & o primeyro Preposito de Sam Roque, que no mesmo tempo eram superiores, alem de serem tam illustres em sangue, ambos o derramaram pela Fé, que prégavam; o Padre Gonçalo da Sylveyra ás mãos de Mouros, & o Padre Ignacio de Azevedo em poder de Heres: este alanceado, àquelle afogado: o Padre Ignacio de Azevedo com huma imagem da Senhora nas mãos, o Padre Gonçalo da Sylveyra

Boa sorte da casa de S. Roque, & de S. Antão.

com hum Crucifixo à cabeceyra; hum sepultado no már, outro lançado em hum rio; hum hindo pera o Brazil, outro estando na Cafraria; hum estando prégando aos Cafres, outro hindo doutrinar os Brazis.

14. Com muyta rezão se põem gloriar estas duas casas por terem juntamente taes dous superiores, & fundadores; com os quaes ficam mais honradas, que Roma com os seus dous fundadores Romulo, & Remo, pois destes, como diz Sam Leão; Papa, o que lhe deo o nome, a infamou com o sangue de seu mesmo irmão; porém estes dous illustrissimos Padres, irmãos na mesma profissam, & filios da mesma Religiam, honraram as duas casas, que no mesmo tempo fundaram, & governaram, derramando seu sangue pela Religiam, que professavam, & pela Fé que prégavam. Bem podemos dizer destes dous insignes varoens com K Sam Ioão no Apocalipse: *Hi sunt duæ olive, & duo candelabra, in conspectu Domini*; pelo oleo da misericordia, de que uzaram com os proximos, & pela luz da charidade, que tiveram, pera com Deos. Sam os Padres Ignacio de Azevedo, & Gonçalo da Sylveyra aquelas duas columnas, que poz Salamam

i
D. Leo Ser. 1. in natali Apost. Petri & Pauli. Ex quibus is, qui tibi nomen dedit fraterna te cæde fædavit.

K
Apocal. cap. 11. n. 5. Hi sunt duæ olive, & duo candelabra in conspectu Domini.

l
3. Reg. c. 7. n. 21. Et statuit duas columnas in porticu tēpli.

â entrada do templo, porque os poz Deos no frontispicio desta Provincia, como duas colunas fortissimas, nas quaes entam se fundaram, & sustentaram estas duas casas da Companhia ^m. Com esta differença porèm, que aquellas colunas eram de bronze, mas estas sam de ouro finissimo, pela charidade, com que ardiam em sy, & abrazavam os outros; aquellas tinham por remate nos capiteis humas flores de lirios; estas alem dos lirios brancos da pureza, tem as rózas encarnadas do sangue, com que deram remate á vida, & principio a sua gloria.

15 Nam tem mayor honra esta casa de Sam Roque, que ter tido tal Preposito qual foy o Padre Gonçalo da Sylveyra, o qual a governou mais com a suave força de seus raros exemplos, que com os preceytos de suas leys; posto que com notavel cuydado, & brandura meteo a observancia das constituições, que em seu tempo, como dissemos, nóvamente foy introduzindo. Teve grande cuydado de prover os Religiosos de todo o necessario, que entam se ajuntava com trabalho, por começarem, & por ser a casa pobre, & que nam pó. le ter rendas. Era o pri-

meyro no confessorio, o mais continuo no pulpito, o mais frequente, & humilde na cozinha. Visitava muytas vezes os doentes nos hospitaes, os presos nos carcerees, os forçados nas galès, os Lazaros no seu retiro. E em fim em tudo o mais procedeo sempre nesta casa o Padre Gonçalo da Sylveyra, como se podia esperar de quem só queria a vida pera ajudar o proximo, & pera morrer por Christo. Bom exemplar tem aqui diante dos olhos, levantado no monte desta casa (como o que Deos antiguamente mostrou a Moyses ⁿ no monte Sinay) pera os Padres, que forem Prepositos de Sam Roque, poderem imitar, nas virtudes de tal Preposito, que assim como foy o primeyro em seu exemplo, deve tam-

bem ser o primeyro
em nossa imi-
taçam.

(?)



^m
Ibidé, n. 15.
Et finxit
duas colū-
nas æreas.

Ibid. nu. 19.
Capitela au-
tem, quæ
erant super
capita co-
lumnarum,
quali opere
Ilij fabrica-
ta erant.

ⁿ
Exodi c. 31,
nu. 49. Fac
secundum
exemplar,
quod tibi in
monte mo-
stratum est.

CAPITULO XXXIX.

Dãse alguma noticia do Padre Antonio Correa (que foy o primeyro mestre de noviços, que houve na casa da Sam Roque) das mortificaçoens com que criava os seus noviços, & das mais virtudes, em que se exercitou em vida, & em morte.

Nois fallámos no primeyro Preposito da casa de Sam Roque, (quẽ foy o incomparavel varã Dom Gonçalo da Sylveyra) rezãm he, que tambem digamos alguma couza do primeyro mestre de noviços, que ally houve; & como entam se começaram a praticar as constituçoens^a da Companhia, se houve tambem de executar a que ordena, que os nossos Religiosos logo quando entram tenham dous annos de noviciado (alem de outro anno, que tem acabados os estudos) porque atẽ entam, nam durava o noviciado mais, que anno, & dia, como he custume nas outras Reli-

giuens. Começou aqui o noviciado, quasi no mesmo tempo, com a casa de Sam Roque, com grande pobreza, & aperto de habitaçam, porque esta falta, sopposto chegava aos mais velhos, como atraz apontamos, necessariamente havia de abranger aos mais moços na idade, & mais nõvos na Religiã. Depois se accomodou melhor a habitaçam do noviciado, & semudou pera as casas, que ainda hoje vemos sobre a portaria do carro, servin dolhe entam a falla grande, que ainda agora ally està, de Capella.

2 O primeyro mestre de Noviços, que houve nesta casa, & que tambem foy o primeyro em toda a Provincia, & ainda em toda Hespanha, depois de publicadas as constituçoens da Cõpanhia, foy o Padre Antonio Correa, natural da Cidade do Porto, de cuja entrada fallamos na primeyra parte, o qual por meyo dos exemplos dos nossos Religiosos, se moveo a seguir a Christo Senhor nosso debayxo das regras do Padre Sancto Ignacio; fazendo em pouco tempo taes progressos na virtude, que sendo ainda na idade muy mancebo, parecia jã muy velho na virtude, & em rezãm d'isto logo fizeram em Coimbra mestre de

Onoviciado no principio durava hum anno.

^a exam. c. 12. & c. 16. Et 4. c. 3. §. 3.

^b 1. p. l. i. cap. 22. n. 11.

noviços ; na qual occupa-
çam, deo taes mostras de
espírito, & de talento pe-
ra esta occupaçam, que
havendo de meter em Lis-
boa o noviciado, o escolhe-
ram a elle pera mestre, &
capitão desta espiritual sol-
dadesca, conforme já o fo-
ra em Coimbra. No qual
officio procedeo com tan-
to exemplo, & edificaçam,
que veyo a ser hum Religio-
so muy perfeyto ; insigne na
morrificaçam, & homem
de conhecida humildade,
& muy dado ao sancto
exercicio da oraçam men-
tal.

3 Começou logo o Pa-
dre Antonio Correa a exer-
citar o officio de mestre
de noviços com a boa ditta
de ter por noviços alguns
fogeitos de grandes talen-
tos, & que ao diante fi-
zeram nobres progressos na
virtude, nas letras, & nos
governos, aqui foy seu no-
viço o Padre Gaspar Alvarez,
que muytos annos foy Reytor
do Collegio de Sancto An-
tão, procedendo sempre co-
mo hum grande servo de
Deos, & veyo finalmente
a abar no mesmo cargo, com
opiniã de sancto, andando
na peste, como adiante conta-
rey, neste mesmo livro. Teve
tambem aqui por discipulo na

virtude aquelle grande mes-
tre de Theologia Luis de
Molina, cujas obras que an-
dam impressas, sempre eter-
nizarã seu nome na memo-
ria das gentes, & nos thea-
tros das Vniversidades, co-
mo veremos no livro seguin-
te, fallando das cousas do
Collegio de Evora. Aqui
foy tambem seu noviço o
Padre Ruy Vicente, que
acabou na India, sendo Pro-
vincial na dignidade, & sen-
do o mais humilde na foge-
çam.

4 Tambem foy aqui no-
viço o Padre Manoel Fernan-
des, que na Ethiopia sobre
o Egypto, procedeo em vi-
da, & em morte com nome,
& com opiniã de sancto,
como veremos no sexto livro.
Com estes fogeitos começou
o Padre Antonio Correa o
seu officio de mestre de no-
viços ; & tinha elle grande
mam, pera os criar, & pera
os ensinar, porque se por
hum parte os amava como
pay, por outra os mortificava
como mestre, julgando, que
mais perdem os noviços por
mimosos, que por mortifica-
dos ; & que como diz o Es-
pirito^c Sancto ; quem perdoa
a vara, nam ama o filho, a
qual sentença principalmen-
te pertence aos filhos espiri-
tuaes, que nos noviciados-

*Teve novi-
ços q̄ foram
varoens
muy insig-
nes.*

*Mortifica-
va muy-
os noviçõs*

*Prou. c. 1
n. 24. Q
parcit virg
odit filium*

dev em

devem ser provados, & exercitados, pera que ao diante nam estranhem os trabalhos, sendo homens, porque lhes faltou o exercicio delles, sendo noviços.

5 Tinha o Padre Antonio Correa particular destreza pera os mortificar, porque parecendo a alguns, que nam dava fê das cousas, nenhũa lhe passava por alto, que na verdade nam sam mais acõmodados pera governar, os que se mostram mais espertos em vigiar; mais se alcança com a dissimulaçam que com a importunaçam: este Padre uzando sempre de grande quietaçam, & mostrando que nam andava pesquisando as cousas, nenhuma occasiam deyxava passar, em que nam fizesse particular anotomia nas inclinaçoens, & payxoens de cada hum dos seus noviços, ensinandoos avencelas, & dando lhes penitencias secretas, & muytas publicas, pera lhes quebrar as vontades, & os fazer negar a ty mesmos.

6 Nam deyxarey de contar a mortificaçam que deo ao Padre Manoel Fernandes, de que agora fallamos, este Padre antes de entrar na Companhia era já homem grave, & sacerdote de grande respeyto, & auctoridade; quiz o Padre Antonio Correa experimêntalo, chamao, a visao que vâ ao refeytorio, el-

rando a cõmunidade junta, & ally faça certa pratica, que entam lhe ordenou, & logo ouviremos: obedeceo o noviço, sem replicar; entra hum dia pelo refeytorio de Sam Roque, vayse à cadeyra do Lente, em prezença do Padre Provincial Diogo Mirâm, do Preposito, & dos mais religiosos, & começou a fallar de tal maneyra, que os q o ouviram, & nam sabiam o que passava, ficaram nam menos espantados, que confusos, por cuydar que o tinham taldado, & que se queria hir da Companhia: vinhasse a pratica a resolver, que sendo elle sacerdote grave, Reytor de hum Collegio, posto pelo Cardeal Infante, a quem era muyto aceyto, deyxara o mundo, & as esperanças que tinha de crescer em aventajadas dignidades, & grossas rendas, por entrar na Companhia, & que nella viera a cahir nas mãos de hum mancebo, & achar por pay espiritual, & por seu mestre de noviços hum Padre moço, sem barba, nem auctoridade, o qual o tratava a elle como a menino, sem respeyto ao sacerdocio, nê á qualidade de sua pessoa, defautorizandoo com penitencias cõtinuas, com officios bayxos, & mortificaçoens, em que perpetuamente o trazia em hum arda viva. Disse isto o obediante noviço com tanto fizo,

Como vivia sobre os noviços.

Notavel mortificaçam cõ q provou a hum P. seu noviço.

ponderaçam, & pauza, que a comunidade toda (como diziamos) se entristeceu, julgando que o bom sacerdote estava tentado na vocaçam; mas acabada a mesa tambem se acabou esta imaginaçam, ficando logo entendendo que fora lanço dos que costumava usar o Padre Antonio Correa, pera provar a este seu noviço, edificandose todos igualmente da synceridade do discipulo, da traça do mestre, & da mortificaçam de ambos. Este Padre Manoel Fernandes foy ao diãte tam grande servo de Deos, & padeceo tanto em Ethiopia, sendo companheyro daquelle insigne varãm o Patriarcha D. Andrè de Oviedo, que bem mostrou em tam gloriosos trabalhos a boa criaçam que lhe déram em o noviciado de Lisboa.

7 Era o Padre Antonio Correa de sua compreyçam fraco, ordinariamente doente, de muy poucas carnes, & por ter lançado muyto sangue pela boca andava já quasi tizico, mas nem por isso deyxava de guardar a mesma severidade no tratamento de sua pessoa, no vestir, & no comer, & neste espirito criava aos seus noviços na casa da provaçam, em muyta oraçam, & mortificaçam, em grande desprezo do mundo, sendo o mestre em todas estas

cousas fiel companheyro, & ainda capitam, que hia diante com a bandeyra do exemplo. Tinham naquelles primeyros tempos hum dia cada mes, a que chamavam dia da sancta pobreza, & era sempre o primeyro dia do mes, neste nam se comia carne, nem peyxe, nem cousa de cozinha, sô comiam segundo, & alguma fruyra, ou cousa assim de facil digestam; & o bom Padre Antonio Correa executava este sancto costume com tanta exaçam, como se elle fora o mais valente da casa.

8 Mandava muytas vezes aos noviços em corpo, vestidos como moços de serviço em cõpanhia do comprador pera trazerem às costas pera casa o que elle comprava na ribeyra. Desta maneyra hia, & vinha muytas vezes o irmam comprador pera casa acompanhado destes tam honrados moços da feyrinha: mas porque o dito irmam comprador nam cuydasse, que esta mortificaçam sô pertencia aos noviços, ordenou hum dia o Padre Antonio Correa ao mesmo irmam comprador, quando estava com o mantéo aos hombros esperando pelos noviços que lhe haviam de trazer o que comprasse na feyra, que trocasse as mãos, & que daquella vez o noviço fosse o cõprador, & elle fosse o da feyrinha,

Exercitava os noviços em mortificações publicas.

na, pera trazer em corpo o q̃ o noviço comprasse, obedecẽo o irman (que naquelle tempo nam se repugnava ao que mandava o superior) & como o irman comprador atẽ entã era o que mandava a via, & trazia apoz sy aquelles pagens, nam lhe cultou pouco esta nova mudança de officio, nem foy pequena a mortificaçam, em rezã de ser muy conhecido por aquelles bayrros da feyra, & da ribeyra, aonde tinha muytos fréguezes, & se espantavam todos de vêr de repente huma novidade tam notavel, que servisse de moço de seyrinha o q̃ tanto tempo foia comprador autorizado.

9 Porẽm pera que o Padre Antonio Correa soubesse tambem como estas cousas custavam, tambem lhe veyo por casa outro tanto, porque advertindo algũs Padres graves ao Padre Provincial Diogo Mirãm da muyta demazia que havia neste fervor de mortificaçoens publicas, avisou o Padre Provincial ao Padre Preposito da casa, que ordenasse ao mestre dos noviços que houvesse nisto mais moderaçam, & que entendesse que bastava menos: mas dilatando o Padre Preposito o aviso, por inadvertencia, soccedeo hir logo no dia seguinte hũ noviço na forma costumada em corpo, & com a ceyra as

cõstas; sabendo o Padre Provincial (porque logo o avilaram, que nunca em comunidades faltam zelosos) reprehendeo ao mestre dos noviços, & deolhe por penitencia que fosse elle cõ o comprador da maneyra que mandava os seus noviços, pera que experimentasse em sy o q̃ tantas vezes imperava aos outros,

10 Dada esta ordem, calouse o humilde mestre, & ordenou logo ao comprador, que fossem ambos à praça a trazer o necessario pera casa, o irman, posto que nam tinha entã q̃ hir buscar, com tudo por obedecer, foy; & sahio com elle o Padre Antonio Correa em corpo, com hum sacco às costas. Nam pretendia tanto o Padre Provincial, porque sò quetia cõ aquella lembrança amoestalo de palavra, mas nam esperava que chegasse á obra, & assim mandou avisar ao Porteyro, q̃ nam deyxasse sahir pela porta ao Padre Antonio Correa, com o irman comprador; mas quando o recado chegou à portaria da casa, já o Padre andava pela praça da Cidade, sendo mais apressado em obedecer do que era o Provincial em mandar: acompãhou o Padre ao irman comprador pelas ruas de Lisboa, andou pela ribeyra, trouxe fruyta, & hortaliça pera casa, com tanta confiança, & com

como fez
mesma
mortifica-
am que
denava
os outros

Notavel
confiança
com que se
ouve en
hũa mor-
tificaçam
publica.

tam pouco assombramento, que de caminho fallou a alguns officiaes, por cujas portas passou, que lhe tinham obras encomendadas pera o noviciado; ficando elles confusos de ver hũa pessoa tam autorizada com aquelle officio tam desprezivel, até que entendendo o espirito de mortificação, & sancta humildade, de que naciã taes effeytos, ficãram muy edificadõs, entendendo todos que este bom mestre exercitava em sy por exemplo, o que ordenava aos outros por doutrina.

11 Desta maneyra criou os seus noviços ensinando, & obrando, com tanto espirito, q̃ em toda a provincia eram muy conhecidos os que tinham aprendido na eschõla de espirito do Padre Antonio Correa em Lisboa; aonde perseverou o noviciado em San Roque até o anno de 1569. em o qual por causa da peste em que a Cidade ardia, se mandãram os noviços pera fóra, por nam se lhes pegar a contagiã do mal, & depois se julgou que se repartissem por Coimbra, & Evora, porque a pobreza da casa nam soffria sustentar noviços, & neste mesmo anno deo fim a seus dias o bom Padre Antonio Correa de huma febre tizica em hũas casas fóra da Cidade, pera onde foy mandado, bem contra sua vontade, pedindo elle de joe-

lhos ficar na peste, pera confessar os enfermos, & pera curar os feridos, dando mil rézoës pera mostrar o talento que tinha pera poder andar nesta sancta occupaçam, porẽm ouve de obedecer aos superiores, retirando-se ao campo, nam como soldado covarde, mas como religioso obediente; aqui lhe sobrevoy a febre com tanta força, que por elle estar já tam gastado, lhe nam pode resistir por muyto tempo, & depois de receber os sacramentos com grãde devaçã, dormio em o senhor, concorrendo toda a Cleresia daquelles lugares acompanhar seu corpo, & a lhe fazer hum officio cantado de nove liçoës, com grande solemnidade. Este foy o primeyro mestre de noviços de Hespanha depois de publicadas as constituçõens; bem parecia subdito do Padre Preposito Gonçalo da Sylveyrã, aprendendo de tal mestre o

que ensinava
seus discipu-

los.

(?)



Por quanto tempo esteve o Noviciado em S. Roque.

Adoeço o P. Antonio Correa. & vè a morrer sanctamente.

CAPITULO XXXX.

Como neste tempo procediam os Padres da casa de Sam Roque, & de algumas obras mais notaveis de serviço de Deos que fizeram, em especial do Mosteyro de S. Martha.

REzám he que tornemos a visitar, ainda que brevemente, os nossos Padres q̃ no capitulo 23. deyxamos hospedados na ermida de S. Roque, & nas casinhas terreas, dos quaes nos apartamos, assim pera dar conta do material daquella casa, como pera fallar na vida, & morte gloriosa de seu primeyro Preposito o P. Gonçalo da Sylveyra, & pera contar alguma cousa do seu primeyro mestre de noviços Antonio Correa. Nam se poderà facilmente crer os grãdes concursos de gente, que acudião a visitar o sancto, como se viessem a darlhe os parabens dos novos hospedes, os quaes eram tam buscados da Cidade toda, que logo se começaram a fundar casas, como já dissemos, pera de mais perto se aproveitarem dos favores do sancto, &

Grãdes concursos que acudiam á Igreja de S. Roque.

ministerios dos Padres.

2 Os côfrades, & officiaes da confraria de S. Roque nam cessavam de se dár os parabens a sy, & as graças a Deos, por lhe caber tam ditosa sorte da boa visinhança, & irmandade com os Padres; foram juntos dár as graças aos Serenissimos Rey Dom Ioám, & Rainha D. Catharina, por tam assinalada merce, como foy alcançarem por seu meyo a uniã da sua confraria com a nossa Igreja, pedindo perdã pela resistencia passada, & fazendo de novo huma desistencia dos contratos, & obrigaçoens, de que atraz fizemos mençam, deyxando tudo na livre vontade daquelles bons Padres, de cujo procedimento estavam tam satisfeytos; mas nam soffeo a Companhia deyxar de lhe guardar todo o contratado, & melhorandose tanto desta sorte a mesma confraria, & o serviço de Sam Roque, que d'ally por diante com mayor fervor continuaram muytos fidalgos, & senhores mais principaes do Reyno em ser mordomos daquella irmandade, servindo, & festejando o glorioso confessor de Christo.

3 O Prégador que entam havia de mayor espirito era o bemaventurado Padre Gonçalo da Sylveyra, Preposito da mesma casa, elle sò prégava to-

Grãde satisfacção nos côfrades de Sam Roque.

O P. Gonçalo da Sylveyra prégava em S. Roque.

dos os Domingos, & dias sanctos com grandes concursos, assim de fidalgos illustres, como de gente plebea; & quando na somana nam havia dia sancto, lia às quartas feyras ao povo huma liçam da sagrada Escrip-tura, ao modo que se usa em Italia. As doutrinas fazia aos Domingos, & dias sanctos à tarde o Padre Gonçalo Vaz de Mello (de quem por vezes fallamos na primeyra ^a parte) com imnumeravel frequencia de gente, & com tam sollicita devaçam, que a mayor parte do auditorio se ficava na Igreja sem hir comer a suas casas, por terem lugar certo pera a doutrina; outros pera o mesmo effeyto comiam no campo á boa sombra do Sancto, & das oliveyras, junto da ermida, concorrendo tam grãde multidam, que estavam todos aquelles câpos cheyos de pacificos arrayaes de gente, que vinha de-rrandar a palavra de Deos; por esta causa deo ordem o Padre Gonçalo da Sylveyra, que a doutrina se fizesse fóra da Igreja no campo, aonde era pera espantar a devaçam do auditorio, porque dado que chovesse, nenhum movimento faziam, nem perdiam ponto da atençaõ, com que ouviam ao Padre Gonçalo Vaz: era notavel o fruyto q se recolhia de tam felices seãras, como ainda agora se

experimenta, & como he notorio a todo Pórtugal:

4 Estavam aquelles bons Padres aponto como soldados vigilantes em seu posto pera sahir a qualquer hora de dia, ou de noyte, em que lhe tocassem à arma, & dessem qualquer sinal, pera hir a confessar os enfermos, ajudar os agonizantes, fazer amizades, visitar os presos, servir nos hospitaes, prègar nas cadeas, praticar nas galés, acompanhar os padecentes (como inda hoje exercitam) & com o grande exemplo de sua sancta vida, hia diante de todos como capitã esforçado, & como valente general aquelle grande servo do Senhor, & Apostolo da Cafraria o Padre Gonçalo da Sylveyra. Assim se lhes affeyçooou tanto a gente, que pelos nam virem buscar tam longe, se faziam seus vesinhos de mais perto, enchêdose aquelle bayrro em breve tempo, como atraz dissemos, de nobres casas, & de illustres moradores.

5 Continuavam tambem, antes creciam cada vez mais os favores reaes do Rey, & da Rainha, a qual mandava muytas vezes chamar ao Paço os Padres d'aquelle casa, pera lhes fazerem praticas espirituaes, a q assistiam tãbẽ as Damas da Rainha & das Infantes: & em prova de grande amor, & devaçam que tinham a esta casa, se occu-

Como acudiam os Padres de S. Roque a toda a hora.

Do grande amor que as pessoas Reaes tinham aos Padres de S. Roque.

O P. Gonçalo Vaz fazia as doutrinas.

^a
Part. 1. l. 1. c. 22. n. 8. & l. 2. c. 29. & l. 3. c. 28. & 27.

*Notavel
piedade da
Rainha D.
Catherina.*

pava a mesma Serenissima Rainha em lavrar goardas, & corporaes, pera a Igreja de Sam Roque, & por suas reaes mãos tecia em hum tear redes de ouro, pera o sacrario do Sanctissimo Sacramento daquella nossa Igreja; & a Infante Dona Isabel mulher do Infante Dom Duarte, pedia ao Sanctissimo, que nam permitisse, que outrem lavasse os corporaes que serviam nos altares; porque chegou a piedade desta Christianissima senhora a pedir, & alcançar especial licença do Summo Pontifice pera os lavar ella, & suas filhas a senhora Dona Maria, q casou com o Duque de Parma, Alexandre Farnesio, & a senhora Dona Catherina, avoo de el Rey Dom Ioam o Quarto. Porém assim como creciam os favores reaes, creciam tambem os trabalhos, & boas obras, em que os Padres de Sam Roque se exercitavam.

6 Apontarey aqui brevemente algumas das mais insignes de grande gloria divina, & proveyto do proximo, que se devem aos Padres daquella casa; de cujo sancto zelo teve origem o muy religioso, & muy authorizado convento de Sancta Martha, que hoje hê hum los mais florentes na observancia, & dos mais luzidos nas pessoas; a occasiam que Deos tomou pera fudar casa tam sancta

foy a leguinte. Acabada a peste grade do anno de 1569. representaram os Padres desta casa ao piedosissimo Rey D. Sebastiam, como por causa do grande estrago, & desolaçam que a peste fez neste Reyno, ficaram muitas donzellas nobres totalmente desemparradas, sem pays, nem mãys, nem remedio, porque tudo tinha abrazado o fogo da peste; que seria obra de grande serviço de Deos acudir a este notavel desamparo, ao que logo dirio o muy piedoso senhor, entregando este cuydado aos Padres de Sam Roque; por cuja industria se empararam duzentas, & tantas dōzellas nobres, que se acharam como sahidas do naufragio da peste, se outra taboa a q se pegar, mais que o remedio que os Padres lhe buscaram, dando dotes a humas com que hōradas se casaram, & o sustento necessario a outras, que quizeram viver recolhidas.

7 Sincoenta destas se retiraram em huma casa, ou ermida, que chamavam de Sancta Martha, sacrificandose livremente em perpetua clausura, como se fossem Religiosas, procedendo com raro exemplo, & notavel penitencia, seguindo em tudo a direçam, & governo dos nossos Padres, & em especial do Padre Antonio de Monferrate, homem de grande viitude, a

*Como se
fundou o
convento
de Sancta
Martha.*

*P. Antonio
de Monfer
rate aju
dou a fun
daçam de
S. Martha*

quem

quem as Religiosas de Sancta Martha tem eternas obrigaçoens, o qual no tempo da peste ficou por Viceréytor no Collegio de Sancto Antão, & foy hum dos mais fervorosos Religiosos, que nesta grande tormenta trabalharam, com muyta edificaçam, & honra da Companhia, conservandolhe Deos a vida entre infinitos mortos, a q' assiltio, pera ajudar esta obra tam insigne do Convento de S. Martha; acabada a peste nam acabou nelle o cuydado, & a charidade, com que acudia a estas recolhidas, que lhe estavam encomendadas, até que andando o tempo, & crecêdo cada vez mais a fama do sancto procedimento destas devotas recolhidas, no anno de 1583. representando o Padre Pero da Fonseca Provincial, & insigne Preposito daquella casa, ao Arcebispo de Lisboa Dom Iorge de Almeyda a grande gloria divina que se segueria daquelle recolhimêto, se reduzir em forma de religiam, no mesmo sitio em que estava, & debayxo do mesmo nome de Sancta Martha, se impetrou por ordem do mesmo Arcebispo o breve do sancto Padre Gregorio decimo tercio, & aos 5. dias de Novembro do dito anno de 1583. se deo o ditoso Principio àquelle bem afortunado Convento, que pode avaliar por grande

Tambem o P. Pero da Fonseca ajudou a quella fundaçam de S. Martha.

gloria sua, ter taes dous instituidores, quaes foram o Padre Antonio de Monserrate, & o Padre Pero da Fonseca.

8 Foram dentro primeyras fundadoras tres religiosas professas, que á petiçam do dito Arcebispo vieram do Convento de Sancta Clara da villa de Sanctarem, a saber a madre Soror Maria do Presepio, & duas sobrinhas suas, Soror Isabel da Madre de Deos, & Soror Maria da Encarnaçam, illustres por sangue, & illustrissimas por virtude. Encarregou o Arcebispo aos Padres, que lhes ordenassem os estatutos, & compozessem o modo de vida: entregouse este cuydado ao Padre Francisco Henriques da Companhia, & entam Preposito de Sam. Roque, o qual como tam visto em nossas constituiçoens, lhes ordenou as suas pela forma das nossas, de tal maneyra que quem sabê as nossas regras, & lê as de Sancta Martha, pouca differença lhes acha em muytas cousas; ficando desta maneyra estas sanctas Religiosas devendo á Companhia seu mesmo instituto, imitando no que podem, nam só nas regras, mas tambem em o nome, chamandose religiosas de Sancta Martha de IESVS.

9 Florece este sancto convento em grande piedade, em grande observãcia de pobreza,

Nomes das primeyras Religiosas fundadoras de S. Martha.

O convêto
de S. Mar-
tha proce-
de cõ muy-
ta virtude

lem tenças particulares, n ã criadas leygas, que as possam servir. Tem dêtro em sy pessoas muy nobres por sangue, & muy abalizadas em sanctidade. Tem hũa rara, & espantosa clausura, no locutorio nam se admitem nenhũas visitas de fõra mais que parentes muy chegados, & quando lhes fallam tẽ sempre escuytas q̃ estam presentes, assistindo a quanto dizẽ; & nẽ com isto os q̃ lhes fallam as podẽ ver, porq̃ ãlẽ das grades de ferro dobradas, & muy apertadas, tẽ hũ ralo de latãm, & cortinas pretas, que empedẽ a vista: ficãdo aquellas sanctas religiosas, abrindo sõ mẽte os olhos pera ver o esposo celestial, & pera sõ delle serem vistas, & visitadas: metẽdo se nestas estreytas, & apertadas prizoẽs na terra, pera cõ mais liberdade gozarẽ dos largos, & alegres passeos do cõo: cativando se em vida, pera terem a verdadeira liberdade depois da morte.

Louvores
do mostey-
ro de S.
Martha.

10 He este sancto convêto hum dos mais exemplares deste Reyno, he huma torre forte de David, aõde vivẽ seguras as filhas de Siãm, arrayal de Deos, alcaçar de soldadesca angelica, plãta generosa do jardim da Igreja, tesouro de perolas celestiaes, officina de esposas cõsagradas a Christo, joya preciosissima da Corõa das Virgens, paraizo terreal, aõde nam entra õ veneno de serpentes enganadoras, a-

prisco seguro de cordeyrinhas innocẽtes, cõo fermoso d'estrelas vivas, de anjos humanos, & de Seraphins encarnados, q̃ taes verdadeyramẽte cõsidero aquellas sanctas religiosas, nas quaes vive a innocencia, florete a pureza, reyna a piedade, campea a mayor pobreza, resplandece a mais apertada mortificaçam, lustra a devaçam, & triũpham as mais solidas virtudes. Estam dedicadas estas religiosas à gloriosa virgẽ S. Martha de IESVS, & sabẽdo tomar desta suapadroeyra õ exercicio pratico da acçam cuydadosa de Martha, tãbẽ se aproveytam do ocio sãcto da cõtẽplaçam retirada de Magdalena; de maneyra q̃ nesta casa vemos a estas duas irmãs conformes, sem hũa estar ociosa, nem a outra queyxosa.

CAPITULO XXXI.

Apontamse outras obras que fizeram os Padres de S. Roque, & em especial se dà noticia do Collegio Irlandes, que se instituto per ordẽ dos Padres da Companhia, os quaes hoje delle tem cuydado.

11 **A**mbem se deve a esta casa de S. Roque, & ao P. Pero da Fõseca o recolhimento das q̃ chamamos Convertidas, q̃ estã no bayrro alto,

O recolhimento das Convertidas.

junto à ermida das Chagas, he dedicado à gloriosa Magdalena, aonde se recolhem, como em porto seguro, as que depois de perigarem em naufragios, vem emmendar sua vida, & chorar seus peccados. Alcançaram os Padres dos mais illustres senhores desta terra, que quizessem tomar à sua conta obra tam pia, ordenando huma confraria, em cuja mesa ha doze irmãos, dos quaes hum he Provedor, que ordinariamente he titular, outro escrevam, outro procurador: & na eleyçam ha de assistir, pera votar, o P. Preposito de S. Roque, ou outro Padre que elle mandar em seu lugar; assistem tambem aqui os nossos Padres com pregaçoens, praticas, & confissoes, & nas mais obras de caridade, cõforme nossas regras.

2 Mais se deve a esta casa hũ recolhimento q̃ està detras de S. Christovam (q̃ começou o anno de 1590.) & se chama das mininas orfãs do Soliz, porq̃ o fũdador se chamava Diogo Lopez Soliz, homẽ rico, & piedoso, q̃ tratando dar seus bens à Cõpanhia, pera hũ noviciado, o devertiram os Padres, & o persuadiram a fazer esta obra, na qual o principal autor foy o insigne P. Pero da Fonseca, q̃ tãbẽ lhes alcãçou muy grossas esmolas, & lhes deo as regras, & estatutos, q̃ hoje goardam: começou no anno de 1590. & hoje he hum

recolhimento muy autorizado, aonde se criam sanctamẽte estas mininas orfãs; & como o lugar he tam seguro, & de tãta virtude, acodẽ a elle pera serẽporcionistas muytas molheres nobres, q̃ ally vivẽ retiradas, cõ admiravel clausura. O governo desta casa pertẽce à mesa da consciẽcia, a qual lhe poem huma regente, que custuma ser pessoa grave, que dentro a governa.

3. O mesmo P. Pero da Fonseca fundou a casa das dõzellas orfãs, q̃ chamam preservadas, debayxo do titulo de N. S. da Cõceyçam, & lhes ordenou estatutos, pera seu bõ governo, fazẽdo cõ o Provedor, & irmãos da sãcta Misericordia, q̃ as tomassem debayxo de sua proteyçam; hoje lhe chamamos o recolhimento de S. Antonio; aonde vivem aquellas dõzellas cõ a mais admiravel clausura, & edificaçam q̃ imaginar se pòde. E tambẽ ao mesmo Padre se deve o outro recolhimento das donzellas orfãs do Castello, q̃ tãbẽ procedẽ cõ notavel exeplo, & vivẽ cõ admiravel recolhimento. Todas estas boas obras, & outras q̃ por brevidade deyxõ, se devẽ à casa de S. Roque; desta fonte copiosissima manaram estes fermosos rios, que com suas salutiferas agoas de virtudes, & bõs exemplos alegam a cidade de Deos.

4 Tãbẽ he obra desta casa, & em especial da sãcta industria

O recolhimento das mininas orfãs.

O recolhimento de S. Antonio.

Tambê se deve ao P. Pero da Fonseca a casa dos Cathecumenos.

do Padre Pero da Fonseca a casa dos Cathecumenos, aonde se recolhem, sustentam, catechizam, & bautizam os que das leytas dos Turcos, Mouros, & Iudeos, se querem converter a nossa sancta Fé; que foy obra de grande gloria de Deos, pelos muytos que naquella casa, com admiraveis successos alcançaram, por meyo dos Padres de Sam Roque, o caminho da salvaçam, detestando seus erros, & abraçandose com a verdade Catholica. A primeyra pedra que se lançou em esta obra, foy ainda em vida do Serenissimo Infante Cardeal, no anno de 1579. por causa de quatorze Mouros, que vieram de Berberia, movidos de Deos, a pedir o sancto bautismo, aos quaes logo acudiram alguns Padres, buscandolhe esmolas pera os sustentar, & dandolhe a doutrina necessaria, & apos ella o sancto bautismo. Logo no anno seguinte foy bautizado outro Mouro parente do Xarife; & foram concorrendo outras semelhantes conversoens, donde se tomou mayor occasiam pera continuar em obra de tanta christandade, & piedade, do modo, que hoje se conserva, com casas bem accommodadas, com regimento seyto pelos Padres, com provisam passada por sua Magestade; começando esta

casa mais em forma, com a ordem que temos dito, no anno de 1584. celebrandose os bautismos com grande solemnidade nesta Igreja de Sam Roque, com notavel gloria de Deos nosso Senhor, cuja fé sanctissima aqui triúpha dos erros Mahometanos, & da cõtumacia Hebrèa.

5. Hũa das mais gloriosas obras que tambem fizeram os Padres de S. Roque, he o Collegio da sancta Fè Catholica dos estudantes Irlandeses, da invocaçam de Sam Patricio, nesta cidade de Lisboa, q se y obra de muy grãde serviço de Deos, & gloria sua. Direy aqui brevemente a occasiam que houve pera se instituir este Seminario, & se entregar à Companhia, q hoje delle tem cuydado. Rezidiã sempre na casa de S. Roque algũs Padres estrangeyros das partes do Norte, conforme a ordem, q pera isso tinha dada o P. Pero da Fonseca (do qual por vezes tenho fallado) pera q pudessẽ ajudar a seus naturaes (que acodem à cidade de Lisboa, como a praça commua, & emporio universal de todas as naçoẽs) procurãdo cõ seus sanctos trabalhos reduzir aos q vẽ jã inficionados, com a preverfa contagiam da heregia, & dár a mam a outros, pera qnam se deyxẽ enganar cõ semelhãte erro.

6. Assistia no anno de 1592. na casa de S. Roque o P. Ioam

Da occasiam que houve pera se fundar o Collegio dos Irlandeses.

*P. Ioão O-
lingo Irlã-
des ajudou
esta fun-
daçam.*

*Tambem o
P. Pero da
Fonseca.*

Olingo Irlandes, homẽ de grãde zelo, & virtude, & muy verda-
deyro Catholico, como custu-
mam ser os Irlandeses, aos quaes
parece q̃ por herãça de seu pri-
meyro Apostolo S. Patricio, lhes
vẽ a fidelidade à Igreja Roma-
na, & a constancia na Religiam
Catholica, em que se tẽ sempre
conservado, a pezar dos hereges
seus vizinhos, que igoalmente
os querẽ dominar, & os desejam
preverter. Este P. Ioãm Olingo,
& o P. Pero da Fõseca tratãram
de se fazer em Lisboa hũ Semi-
nario, ao qual pude sã vir moços
Irlandeses nobres, pera nelle se
criarẽ em virtude, & em letras,
pera ao diãte voltarẽ a sua pa-
tria, & nella prẽgarẽ a seus na-
turaes, confirmandoos na Fẽ, q̃
tam louvavelmẽtẽ sustentam, &
continuando nesta sancta em-
presa, atẽ derramarẽ o sangue,
sendo necessario, pela verdade
Catholica. Foram os douts Pa-
dres cõmunicar este negocio cõ
o Cardeal Alberto, Legado á
latere de sua Sanctidade, o qual
naquelle tempo governava este
Reyno, & como era tam pio, &
inclinado às cousas da Religiam,
cõ muyto gosto veyo em dãr
esta licença, & offereceo seu fa-
võr, pera obra tam sancta, & tã-
bem achada. E como o P. Pero
da Fõseca era pessoa tam auto-
rizada, & q̃ tinha grande entra-
da com todos, moveo a alguns
fidalgos, pera ajudarem obra de

tanta piedade: assim fizeram
hũa confraria, & em Lisboa na
Igreja de Sam Roque se orde-
nou a primeyra mesa, em o pri-
meyro dia de Fevreyro do an-
no de 1593. na qual sahio por
Iuis Gracia de Mello da Sylva,
fidalgo de muyta bondade, filho
de Diogo de Mello da Sylva, &
de Dona Catherina de Castro,
o qual teve por collateraes seus
& mordomos ao Conde Mey-
rinho mór Dom Duarte de Ca-
stello Branco, pessoa tam co-
nhecida neste Reyno, por seu
illustissimo sangue, que herdou
de seus pays, Dom Affonso de
Castello Branco, & Dona Iza-
bel de Castro, & pelos gravissi-
mos cargos que teve neste Rey-
no, & pela admiravel prudencia
de que Deos o dotou: do qual
tambem já falley na primeyra
parte. O outro fidalgo adjunto
foy D. Luis de Alẽcastre, Cõmẽ-
dador mór de Avis, neto do Me-
stre D. Iorge, que foy filho del-
Rey Dom Ioãm o segundo.

7 Cõ tam illustres princi-
pios começou a sahir a luz o
Collegio Irlãdes, concorrẽdo o
Iuis, & os mordomos cõ suas es-
molas, & ajudãdo os mais cõfra-
des, q̃ chegavam a doze. Fize-
ram logo vir de Irlanda alguns
mancebos nobres, & de boa in-
dole, & os recolhẽram ao prin-
cipio em hũas casas que lhes
alugãram na Mouraria: d'al-
ly se passãram pera junto de

*Ordem
hũa cõfr-
ria per
fundada
deste Col-
legio Irlã-
des.*

*2
1. par. l. 2. c.
25. n. 5.*

*Lugares
aonde pri-
meyro es-
teve este
Collegio.*

Sancta Anna: depois se mudaram pera nossa Senhora da Gloria, que he huma ermida, que está sobre as portas d'Annuciada, junto ás casas do Conde da Castanheyra. Até que se passaram pera o lugar aonde hoje está ao pé do Castello, fronte á ermida de Sam Crispim; no qual sitio tinham sua morada os Reverendos Padres Carmelitas Descalços, aos quaes o cõprou, pera nelle por este Collegio, Antonio Fernandes Ximenes fidalgo da casa de sua Magestade, filho de Thomaz Ximenes, & de Dona Tereja Vazquez.

8. O qual Antonio Fernandes Ximenes foy homẽ de grãde virtude, & de notavel zelo da Fè Catholica, & como tal tomou muyto à sua conta o bem desta casa, movido (como elle diz na escritura que se fez) do grande exemplo, que davam estes Collegiaes, & do muyto fruyto, que faziam em Irlanda; & logo accomodou, & edificou este Collegio da maneyra que hoje vemos, gastãdo nisto muyto de sua fazenda; & depois de lhe dâr a casa, se quiz tambem elle mesmo dâr a este Seminario, fazendo junto delle outras casas, habitando, & vivendo entre os mesmos Collegiaes, com raro exemplo de recolhimento, de modestia, de pureza de vida, & de todas as mais virtudes

chrittans; procedendo em tudo como se fosse hum religioso de muytos annos de habito, retirado do mundo, & recolhido com Deos. Está enterrado na capella mór da Igreja do dito Collegio, a qual capella mór he sua, & de seus herdeyros, & elle he padroeyro da Igreja, & deyxu áquelle Collegio renda pera huma missa quotidiana, & huma liçam da sagrada Theologia, como tudo consta do titulo que tem em a sua sepultura; & dos papeis que naquelle Collegio se conservam. Fezse a escritura da compra aos Reverendos Padres Carmelitas, em 21. de Mayo do anno de 1611. & logo se mudaram pera este sitio os Collegiaes Irlandeses.

9. Como ao principio comẽçou esta obra do Collegio Irlandes agenceada pelos dous Padres da Companhia Pero da Fonseca, & Ioãm Olingo, se vieram a resolver os fidalgos que tinham à sua conta o governo desta casa, de a entregarem totalmente à Companhia, pera q̃ tivessem o devido cuydado da boa criaçam, & governo destes Seminaristas, da maneyra, que o fazem em Roma, em Hespanha, & em muytas partes do mudo, com notavel proveyto dos alunos, que ally se criam em letras, & em bons costumes. E assim no anno de 1605. em 3. de Fevereiro, se fez entrega deste

Antonio
Fernandes
Ximenes
edifica casa
pera este
Collegio.

Entregase
este Collegio
à Companhia.

Collegio nas mãos do Padre Antonio Mascarenhas, Provincial que entam era da Companhia em Portugal, o qual acey-
tou a dita entrega, em nome da Companhia, pera os nossos Padres governarem o dito Collegio, pelo modo que melhor, & mais decente lhe parecer, conforme ao fim pera que este Collegio foy instituido.

10 Esta entrega se fez pelo Iuiz da mesa, q entam era Gaspar de Souza, filho de Alvaro de Souza, capitam de Chaul, & de Dona Francisca de Tavora; o qual Gaspar de Souza foy Governador do Brazil, & do Conselho de Estado, & foy fidalgo de grande piedade. Desta entrega deram primeyro os da mesa conta ao Vizorrey, que entam era Dom Pedro de Castilho, o qual em nome del Rey a aprovou, & a houve por boa, como tudo consta da escritura que está no mesmo Collegio, feyta por Francisco Frazam escrivam, & nella estam assinados o Iuiz, & os mais irmãos, & o Padre Antonio Mascarenhas nosso Provincial, em cujas mãos se fez a entrega. Continúa n hoje os ditos Collegiaes debay-xo do governo dos Padres da Companhia, os quaes tem ally hum Reytor, hum Ministro, & hum Procurador, com hum Mestre de Theologia, que lhes lé à tarde, porque as mais liçoens

vam tomar ao Collegio de S. Antam. Os Padres té cuydado de lhes negocear as esmollas, & ordinarias (que lhes dá sua Magestade, nos contratos do Reyno) & os tratam com grande charidade, da mesma maneyra como se faz aos mesmos Religiosos da Companhia.

11 Quando entram no Seminario fazem sua profissam em publico, nas mãos do Reytor do Collegio, diante do santissimo Sacramento, antes de cõungarem na qual profissam juram, que sua intençam he serem Ecclesiasticos, & tomarem ordens sacras, & voltarem a sua patria Irlanda, quando parecer a seus superiores (a quem prometem obediencia) pera ajudar ao bem das almas dos seus naturaes, ainda que seja com risco de perder a vida, derramando seu sangue, & a este titulo se ordenam de Sacerdotes, sem patrimonio. Quando se vam, vestemse como mercadores seculares, de capa, & espada, & cõ este piedoso disfarce podem com facilidade passar pelas terras dos hereges, ate chegarem a sua patria.

12 Procedem rodos neste Collegio com grande exemplo, & dam grande edificaçam a toda a Cidade de Lisboa com sua vida muy religiosa, & com sua notavel modestia, que goardam; de maneyra q sendo seculares

De como hoje aprendem estes Collegiaes.

Gaspar de Souza Iuiz da mesa.

Sua muyta virtude & exemplo que dam.

parecem

parecem hũs religiosos muy reformados; antes com esta v̄tagem, que aos outros religiosos lhes he necessario ao menos hum anno de noviciado, pera se acostumarem à penitencia, pera aprenderem os estylos, & ordens da Religiam; porẽm estes Collegiaes Irlandeses de tal maneyra se ajustam, & se accommodam à vida religiosa q̄ professam, que logo ao primeyro dia parecem religiosos de muytos annos de habito, tam natural lhes he a virtude, & tam propria a modestia: como filhos do grande Apostolo de Irlanda Sam Patricio, & como plantas muy escolhidas, que se criam no jardim de Portugal, pera se transplantarem em suas mesmas terras, aõde dam fruytos de bẽçam, huns prẽgando, outros ensinando, outros servindo de Parochos; & alguns houve criados neste Seminario, que foram em Irlanda Bispos de grande autoridade, & virtude; & outros que derramaram seu sangue gloriosamente pela Fẽ Romana, que prẽgavam, animando os Catholicos, & confundindo os hereges.

13 Tudo isto resulta em grande honra de Deos nosso Senhor, & gloria accidental dos dous Padres Pero da Fonseca, & Ioãõ Olinguo, que tambem acertada obra começaram; co-

mo tambem redunda todo este bem em grande credito, & hõra de seu insigne bemfeytor, & illustre padroeyro Antonio Fernãdes Ximenes, que com muyto gosto seu se applicou a este edificio, porque mostrou nesta obra, que seu grande zelo da Religiam Catholica senam limitava sò em Portugal, pois quiz ajudar a criar, & doutrinar a muytos, que ao diante a fossem prẽgar às regioens do Norte; & por isso ainda hoje estando morto em Portugal vive por fama em Irlanda, aonde seu nome he conhecido, entre os Catholicos, & temido dos hereges, aos quaes faz cruel guerra por meyo dos Collegiaes, que daqui continuamente mandamos, autorizados

com o Sacerdocio,
& aproveytados em letras.

(?)




Sam muy inclinados à virtude.

Tudo resulta em gloria do seu protector.

CAPITULO XLII.

Como os Padres desta casa procuráram introduzir a frequencia dos Sacramentos da confissam, & communham: & dos jubeleos que nella há, em especial dos das quarenta horas, que he proprio da Companhia; item das irmandades que tem esta Igreja.

I  Am tantas, & tam notaveis as obras do serviço de Deos, que continuamente se exercitam pelos Padres de Sam Roque, que se houvesse de contar tudo, requeria huma grande historia; somente tocárey algumas cousas semelhantes ás que tenho referido pera que vejamos as grandes obrigaçoens, em que todo este Reyno está ao piedosissimo Rey Dom Ioãõ o terceyro, fundador desta sancta casa: porque tenho primeyramente por cousa certa que aos Padres da Companhia, que começáram a habitar nesta casa, se deve em grande parte a notavel devaçam na frequencia dos Sacramentos da confissam, & cõmunham, que

nesto Reyno muyto se acrecentou com a Companhia.

2 Porque se hemos de dizer tudo o que achamos escrito daquelles tempos, o ordinario era na gente cõungarem, & confessarem somente huma vez no anno, em comprimento do preceyto da Igreja, & quando muyto alguns mais devotos (que estes sempre sam os menos) se confessavam, & cõungavam pelo Natal, & por alguma festa mais solemne; & pera o diabo entrar nisto com mais dissimulaçam, a muytos tinha persuadido que se infamavam os que entre anno se confessavam, porque era, diziam, sinal manifesto que traziam suas almas tam carregadas, com peccados tam graves, que necessitavam de se aliviar muytas vezes por confissoens. Chegáram a termos estes enganõs do diabo, que o Serenissimo Cardeal Infante como Legado do Summo Pontifice, & Inquisidor geral destes Reynos, por persuaçam de nossos Padres passou huma provisam no anno de 1566. a qual mandou publicar por todas as Igrejas deste Reyno em que louvãdo o sancto uso da frequencia da confissam, & communham, encomenda, & exorta a todos os fieis Christãos a continuarẽ com este sancto costume, estranhando muyto o cõtrario abuso d'aquelles que no mundo

A frequencia da confissam, & communham muyto se deve á Companhia.

O Inquisidor D. Henriquez que favoreceo muyto esta frequencia dos Sacramentos.

introduziam doutrinas contrarias, ameaçando com graves castigos a qualquer pessoa Ecclesiastica, ainda que fosse regular, ou de qualquer condição, & qualidade, que se atrevesse temerariamente a pregar, ensinar, ou amoestar em publico, ou secreto, cousa alguma que fosse contra a frequencia destes Sacramentos, que elle tanto encomendava.

3. Autorizada a nossa doutrina da frequencia dos Sacramentos, com esta real proveyta, cessaram as queyxas de alguns, que estranhavam a muyta continuação de confissoens, & communhoens, que em Lisboa, & em particular nesta casa de S. Roque, se hia introduzindo, por meyo destes bons Padres, como verdadeyros discipulos do glorioso Patriarcha Sãoto Ignacio, a quem a Igreja toda principalmente deve este sancto costume, que renovou no mundo. Era assim de outros jubileos plenissimos, que alcançaram da Sede Apostolica os Padres desta casa (como sam os quatro hois dias de Sam Gregorio, Sancta Brizida, Sancta Ursula, & a Invenção da Cruz, & outros) tem mais dous que começaram com felicissimos principios, & com os mes nos progressos vam ditosamente continuando.

4. O primeyro he o jubileo das quarenta horas, do qual

se talara mais devagar no anno de 1609. quando com celestiaes auspicios o fez começar nesta sancta casa o Padre Hieronymo Dias, Provincial que entam era de Portugal, varam insigne, pregador muy celebrado, & de raras talentos, como em seu lugar se dirã. Chamase este jubileo das quarenta horas, porque outras tantas, pouco mais, ou menos está o Sanctissimo Sacramento delemterrado, na Igreja de Sam Roque, no tres dias antes da quaresma, com tam grande celebridade, com tant excellentes musicas, com tant assistencia do Rey, da corte, de todos os fidalgos, & da mais gente, com tanta frequencia de communham, que tal vez chegam a commungar nestes tres dias mais de vinte mil almas, seguindo se daqui huma mudança tam grande na Cidade, como vemos hoje, repartindose este sancto costume por todas as mais Cidades do Reyno, aonde temos casas, ou Collegios.

Este jubileo das quarenta horas he proprio da Companhia, & por ella introduzido na Igreja de Deos; teve principio em Italia na Cidade de Macerate no anno de 1556. porq labendo os nossos Padres, que pera os tres dias, antes da quaresma, se aparelhavam naquella Cidade grandes festas de jogo, comedias, & outras rescultas

Quando começou em Lisboa o jubileo das quarenta horas.

Como este jubileo he proprio da Companhia.

S. Ignacio renovou no mundo o uso da frequencia da confissam & communham.

liviandades: concertáram muy bem a Igreja, publicáram hum jubileo pera aquelles tres dias, pretendendo com estas festas espirituas, & divinas, encontrar as temporaes, & mundanas; & tiveram tam victorioso successo que mais gente concorreo á Igreja ao Senhor, que á praça aos jògos; ficando vencedor o Sanctissimo Sacramento, das loucuras, & desordens daquelles dias: & como o caso foy novo, & pouco esperado de muytos, & a victoria tam gloriosa, tomáram os nossos Padres em Italia, muyto a peyto introduzir tam sancto custume, que nós recebemos em Portugal, & em Lisboa no anno de 1609. & daqui se meteo nos mais Collegios, & casas nossas; & ja nestes annos o usam com muy sancta emulação, & muy louvavel imitação, os Reverendos Padres Frãciscanos, & os muy devotos Padres Carmelitas Descalços; & tambem o vi usar em Sancta Cruz de Coimbra, por aquelles muy recolhidos, & exemplares Religiosos; todos com grande bem das almas, & gloria de Deos, pois foy tal a victoria contra o inimigo commum, q̄ chegaram a fazer dias de devaçam dos que elle tinha por dia de perdiçam; triumphando na occasiam de seus triumphos; & vencendo com suas mesmas armas; da maneyra, que antiga-

Do anno em que começou o jubileo das 40. horas em Lisboa.

mente David degolou ao Goliatho, com a mesma espada com que elle degolava aos Hebreos.

6 He o segundo jubileo o que chamamos da cõmunham geral, nos quartos Domingos de cada mes, que se introduzio nesta Provincia, começando nesta casa no anno de 1617. como se dira em seu lugar, o qual teve tam extraordinario successo, que chegam naquelle Domingo muytas vezes a cõmunhar nesta casa dezoyto até vinte mil almas.

7 Tambem he grande o serviço de Deos nosso Senhor, q̄ se faz nesta casa com as congregaçoes, & irmandades que nella hà, porque nam fallando na confraria de Sam Roque (q̄ esta nam foy ordenada pelos Padres da Companhia, antes os irmãos do Sancto nos agasalhãram, & recolhẽram em sua propria casa, como temos visto) A primeyra confraria, que começou no anno de 1612. & que por ordem dos nossos foy instituida nesta casa (principalmente com o sancto trabalho, & fervoroso zelo do Padre Alvaro Pires, de muy boa memoria, em todo o Reyno, em que foy tam conhecido, & estimado) he a dos irmãos officiaes, debayxo do titulo, & invocaçam de nossa Senhora da Doutrina, os quaes tem por insignia hũa cartilha,

2
1. Reg. cap
17. n. 51.

Dos muytos que cõmunham cada mes em S. Roque.

& coroa

& coroa de contas, honrandose mais com esta coroa da Senhora, do q se fosse de ouro fino, & pedraria rica: & estimando mais este brazam divino das cōtas da Senhora, do que os Reys, & Monarchas do mundo prēzam as quinas, & os leoēs reaes, com as aguias do imperio. Chegam os irmãos a oytocentos, sam muy continuos nos Sacramentos, tē muytas praticas, fazse grande exame sobre as pessoas que ham de ser assentadas nesta confraria, que além de serem de sangue limpo, & de vida exemplar, nam ham de ser de officios aviltados.

8. Tem sua mesa que consta de doze irmãos com seu presidente, nella assiste o Padre que tem a seu cargo a cōgregaçam, & he grande o serviço de Deos, que se recolhe desta sancta irmandade, pela frequencia de confissoens, & commuhoens, & pelo grande exemplo, com que procedem. Antes de serem admitidos tem hum anno como de noviciado, & no cabo delle fazem hum modo de profissam muy devota, do que se obrigam a goardar, precedendo confissam gēral. Fazem a sua festa principal no dia de nossa Senhora dos prazeres, que sem duvida se lhe acrescentaram cōver a piedade destes seus tam devotos filhos, & exemplares confrades, como em particular

se vera a seu tempo.

9. A outra congregaçam se instituiu alguns annos depois, consta somente de gente que vive a ley de nobreza, & assim nella entrām fidalgos, nobres, & ainda escudeyros fidalgos: sam tambem grandes os privilegios, & indulgencias que tē, a invocaçam he de IESVS, MARIA, IOSEPH; confessanse, & commungam os primeyros Domingos de cada mes; tem suas praticas espirituas, & outras sanctas obrigaçoes; fazem sua festa principal no Domingo da infra octava da Epiphania.

Congrega-
çam dos
nobres.

CAPITULO XLIII.

Da grande charidade com que os Padres da casa de Sam Roque acudiram à Cidade de Lisboa, no tempo da peste grãde; apontamse algũas cousas notaveis, que neste tempo socederam.



Oy tambem muy notavel o serviço de Deos, & foram grandes as obras de misericordia, que os Padres desta casa, exercitaram no tempo, em que o mal da peste ardia,

Do grande exemplo q dam os irmãos desta confraria.

& affo-

Da peste
grande q
houve em
Lisboa no
anno de
1569.

& assolava esta Cidade. No anno de 1569. se ateou em Lisboa, a que commummente chamamos a peste grande, por causa do grande estrago, q causou nesta cidade; & porq, como diziam os medicos, todas as mais pestes comparadas com esta grãde ficavam desaparecẽdo por pequenas. He a cidade de Lisboa muy conhecida no mundo pela bondade de seus áres, he huma patria commua, aonde nam sò os naturaes do Reyno, mas qualquer outro estrangeyro vive, como em sua propria terra, em que naceo: o clyma he sadio, o sitio muy saudavel, & a commodado pera a saude, por ter visinho hum tam fermosorio, que a vay lavando toda; & estando fundada sobre montes (como outra Roma sobre aquellas fete tam celebrados outeyros) participa os ventos mais temperados, & salutiferos da parte do polo Boreal, a que estam descubertos; & tambem se estende em compridos, & abrigados valles, aõde nam chegam as violentas rayvas dos abraçados caniculares; nem lhe faltam pelas tardes do verã as viraçõens frescas do Oceano Atlantico, que ally tem visinho. Com as quae scaldades fica este terrenho tam saudavel, que he tida a cidade de Lisboa por casa da saude de todo o Reyno.

2 Com tudo, nesta peste

grãde, foy tam furioso este mal, tam atroz esta calamidade (que como rayo impetuoso, & como hum montante afogueado, foy correndo, matando, & abrazando toda esta cidade) que mais parecia Lisboa àdro de corpos mortos, que cidade de homens vivos: como se poderã bem ver de huma carta, que escreveo do Collegio de Sancto Antãm de Lisboa o Padre Cypriano Soares, remetida ao Padre Provincial Leãm Hérriques em Coimbra, em 25. de Agosto de 1569. na qual diz, que cada dia morriam duzentos, & trezentos empestados, & que à sua conta, & de seus companheyros tinha passante de dez mil enfermos, &c. Este Padre Cypriano Soares foy aquelle insigne mestre de Rhetorica, de que já falley; & mostrou nesta occasiam, que se era bom mestre de letras humanas com seus dilcipulos, melhor sabia uzar da humanidade com seus enfermos: vendose tãbem nesta occasiam quam dobrado era seu espirito, pois sendo hum, acudia com sua charidade a dez mil; bem lhe podiam applicar o que de David diziam os seus cortelaõs, *Unus pro decē millibus computaris*, senam que David valia por dez mil, nas forças contra os Philisteos, & o P. Cypriano Soares valia por dez mil, na charidade pera com os doentes; hum pera tirar a vida

Grãde montandade q
houve em
Lisboa nesta
peste
grande.

Notavel
charidade
do P. Cypriano
Soares.

Cap. 4. n. 4.

2
2. Reg. 18.
num. 7.

peleyjando, outro pera communica-
 ricar a saude curando.

3 Tanto que este mal se
 declarou, logo se ausentaram
 de Lisboa as pessoas, adaes,
 com toda a mais gente prin-
 cipal, que a peste a ninguem
 perdoa, pois lemos de Reis,
 Emperadores, & Papas, que
 morreram ás mãos da violen-
 cia pestilencial: & ainda que
 esta de Lisboa nam foy tam
 atroz, como a que houve em
 Constantinopla, sendo Empera-
 dor Leão Ifauro, em aqual, di-
 zem muytos autores, que aca-
 baram trezentos mil cidadãos,
 com tudo lançadas bem as con-
 tas, achamos, que passaram en-
 tam os mortos em Lisboa de
 oytenta mil pessoas: & se Deos
 nam abreviasse estes dias, co-
 mo diz no sagrado Evange-
 lho, que fará por amor dos
 seus escolhidos nos dias pro-
 ximos ao ultimo juizo, *Non
 fiet salva omnis caro.* A gente
 que ficou na Cidade andava
 como assombrada, & com a
 morte diante dos olhos. Co-
 meçou logo a pobreza, que
 he outra segunda peste, a cau-
 sar nova tribulaçam, porque,
 como os officiaes (que se occu-
 pam a servir os nobres com
 seus officios) nam tinham que
 fazer, tambem nam tinham
 que ganhar. Nam havia quem
 quizesse entrar na Cidade,
 pera acudir aos vivos, & pe-

ra ajudar aos que morriam,
 curando cada hum, que
 assignava a vida, com fugir
 do que estava já doente, as
 tuas estavam cheyas de erva
 estorva, mais pareciam cam-
 pos desertos, que estradas se-
 guidas: na rua nõva da Ci-
 dade de Lisboa, diz o Padre
 Antonio de Monserrate, em
 huma sua carta, que andavam
 jogando a bola alguns ocio-
 sos (que destes nunca faltam
 alguns, ainda quando as faltas
 da gente sam mayores.) Bem
 podéra aqui o Propheta d Iere-
 mias repetir suas lamentaçoes,
 vendo tam sò, & tam desem-
 parada huma Cidade em ou-
 tro tempo tam cheya de po-
 vo, & tam florente de co-
 mercio.

4 Acrecentouse a este
 grande mal, outro mayor do
 medo, que costuma ter ma-
 yor força, representado na
 fantasia: antes peor he que a
 morte, sò o medo da mor-
 te, & porque Deos quiz cas-
 tigar a Caim, & darlhe muy-
 tas mortes (pela que deo a
 hum innocente immam, qual
 era Abel) em lugar da morte,
 lhe meteo o medo da morte,
 fazendo lidar sempre com as-
 lombros, & tremores no cor-
 po, com temores, & sobre-
 saltos na alma. Pera que ve-
 jamos esta verdade, & nos
 sirva o que entam soccedeo em

a
 Vide Tex-
 tor. in offi-
 cin. titulo,
 peste mor-
 tai.

b
 Vide Tex-
 tor. supra.

c
 Mat. 24. nu.
 12.

Fome que
 entam ou-
 ve em Lis-
 boa.

d
 Lament. Ie-
 rem. cap. 1.
 num. 1.

Grãde ima-
 ginacãm
 de medo q
 entrou na
 cidade de
 Lisboa.

e
 Gcn. 4. n. 14
 Omnis qui
 inuenit
 me, interficiet me.

Lisboa de documento, pera que em outro tempo, nam façamos caso de agouros fantasticos, & de ditos de gente idiota, & supersticiosa (que talvez com capa de sanctidade, querem prophetizar o que nam sabem, & pretendem adivinhar o que nam entendem) contarey o que neste trabalho tempo soccedeo em Lisboa, repetindo parte de huma carta, que escreveo ao Collegio de Coimbra, ao Padre Provincial, o irman Diogo Carvalho em doze de Julho de mil & quinhentos & sessenta & nove, a qual diz assim.

Carta no
tavel.

5. Entrou outro medo na gente, dizendo, que ameham que he quarta feyra, treze deste mes, se havia Lisboa de soverter; fez tanto medo esta nova, & dava tanta pressa toda a Cidade a se despejar, que nam sey encarecer o modo que nisto houve, porque as ruas, cays, & barcos, tudo era fato, & nam havia mais na Cidade que gritos, desmayos, & andar a gente douda, sem sizo. Occupou a gente, que desta Cidade sahio fete, & oxo legoas de redor de Lisboa; & porque nam havia casas se punham pelos campos, aos pés das oliveyras: & como nam ha agoa, nem hiam providos de comer bastante, damnos por náras, que morrem lá com fome, & sede, com muytos outros danos, que ha nesta Cidade.

6. As ruas estam desertas: a rua nova dos ferros quasi toda fechada, & alguma logea que está aberta, andase oja entrouxando; cavallos, & muytas desapareceram: nam sey encarecer a causa. Reserencia o que passa. Dizem, que em todo o mundo nam aconteceo cousa tam horrenda como esta, & tudo isto naceo do grande medo, que lhe puzeram de se a Cidade soverter. Se estranhais isto aos que tam fugindo, dizem, que nam sabem porque fogem, & que fogem porque tambem tem fugir; nam ha rezam, nem prudencia humana, que os faça a quietar: mas parece que isto he o juizo de Deos, que quiz metter nos coraçoes dos homens hum medo mayor do que o do dia do Juizo. A mim me veyo desejo de pregar pelas ruas, por onde ando, porque me cercam as gentes, assim nobres, como bayxas, pedindome pelas chagas de Christo que os desengane, & queyra ally morrer com elles, & nam basta mostrar-lhes, que tudo isto he imaginaçam, &c.

7. Bem se vé nesta tragedia, quam forçosa he a imaginaçam, pois assim cega o juizo, & cativa a rezam. De outras cartas tambem nos consta, que morriam muytos destes fugitivos de Lisboa: de maneyra que fugindo da morte lhe vinham a cahir nas unhas; obrando como gente sem entedimento, porque he genero de

doudice,

doudice , como disse o outro antigo, d chegar hum a se matar pelo nam matarem, & perder a vida por fugir da morte.

8 Neste grande trabalho, & espantosa confusão, nesta commum assolaçam deste fogo pestilencial, foy tal o fervor dos Padres, & irmãos desta casa de Sam Roque, & do Collegio de Sancto Antám, que ordenando os superiores a alguns, que se sahisses pera fóra da cidade, todos pediam que os deyxassem ficar, pera ajudar a seus proximos em tam lastimosos naufragios. Dividiram entre sy os bayrros da cidade, pera com melhor ordem, & mayor facilidade acudirerem aos enfermos, ajudarem aos moribundos, & enterrarem os defuntos, o que faziam com tam notavel applicaçam, que mais pareciam ser pays por obrigaçam da natureza, que enfermeiros por titulo de charidade. Com o exemplo destes servos de Deos, sahiram tambem a campo, como valerosos soldados, os religiosos das outras sagradas religioens: & foy tam grande a piedade do serenissimo Rey Dom Sebastiam, & da Rainha Dona Catharina sua avò, & acudiram com tal largueza, & abundancia, que affirmavam os nossos Padres, que nam faltava o que

os medicos, & surgioens ordenavam, pera aquelles miseraveis enfermos; de sorte, que achey em particulares noticias, que lô da fazenda real se gastavam cada dia, na que chamavam casa da saude, seiscentos cruzados.

9 Como nesta occasiam eramos os principaes aventureiros, nam podiamos deyxar de participar algum mal do mal tam vizinho: adoeçeram da mesma contagiám muytos nossos, assim em Sam Roque, como em Sancto Antám, & entre outros, morreo o mesmo Reytor do Collegio, que era o Padre Gaspar Alvarez, homem de vida sancta, & de costumes muy exemplares: & pera os Padres com melhor commodo acudirerem aos nossos feridos, passaram os doentes de S. Roque pera Sancto Antám, fazendo enfermaria das classes, aonde se lhes acudia com toda a charidade. Mas nam he rezam que nos esqueçamos de pôr aqui os nomes d'aquelles nossos Padres, & irmãos, que morreram nesta nam menos trabalhosa, que gloriosa e mpresa, servindo aos empêtados, entrando com grande animo pelo meyo das mais vorazes labaredas deste incendio abrazador; pois seus nomes estam sem duvida escritos nos livros da vida eterna. Estes foram o P. Affonso Gil, de què logo fal-

d
Martial. l. 2.
Hoste cum
fugeret se
Favianus ipse
peremit.
Dixit rogo nõ
furor est ne
meriare,
mori?

Como os
Padres a-
cudiram a
este gran
de mal da
pèste.

Como os
Padres de
S. Roque
levaram
os seus do-
entes pera
S. Antám

laremos , porque foy hum dos mais charitatives Padres que teve esta casa, que nam era bem que a hum soldado tam valero lo tomasse a morte senam no campo, trabalhando , & peleyjando, com esta particular gloria, que vivendo lhe chamavam em Lisboa pay dos enforcados, como logo diremos , & veyo a morrer sendo enfermeiro , & sendo pay dos empéttados.

*Nomes dos
aossos, que
morreram
nesta peste,
ajudado os
enfermos.*

*e
Luc. Pharf.
l. 9. Mon-
strat tolera-
re laborem,
non iubet.*

io Foram seus companheyros o Padre Gaspar Alvarez Reytor do Collegio de Sancto Antam, que como bom capitam foy diante de seus subditos , animandoos com seu exemplo a entrar nestas perigosissimas batalhas ; fazendo o officio de bom capitam, o qual, comodo insigne Censor e Romano, escreveu o outro antigo, hindo diante de seus soldados, nam mandava , mas mostrava, como se havia de trabalhar. Tambem aqui morreo o Padre Manoel Godinho, q fora Reytor no Collegio de Coimbra, como tãbem adiante direy, o P. Ioam de Moura, o P. Antonio Correa , o Padre Miguel Gomes, o Padre Paulo Leytam , o Padre André de la Penha , o Padre Antonio Soares, o irmam Gaspar Ramos, o irmam Achaio Teyxeira, o irmam Gonçalo Affonso, o irmam Bras Marques, o irmam Gaspar Correa, o

irmam Francisco Carvalho , o irmam André Barbosa, o irmam Jorge Alvarez , o irmam Ieronymo Rodrigues, o irmam Domingos da Costa, que por todos foram dezanove, os quaes com notavel edificaçam dos vivos, & grãde proveyto dos q morriam. offereçeram muy liberaes suas vidas com este genero de martyrio , que por tal he avaliada semelhante morte, por S. f Agostinho, por s Origenes , & por outros muytos autores , & pelo menos he certo, que diz S h Ieronymo, que sempre vio acabar com morte sancta , os que de boa vontade uzam de obras de misericordia com os enfermos.

ii Nesta occasiam, houve muytos outros Religiosos , que com grande edificaçam offereçeram as vidas em serviço de seus proximos, nam temendo a morte, por lhes grangear a saude ; entre os quaes foy aquelle muy veneravel, & muy insigne varam Frey Luis de Montoya, gloria, & ornamento dos muy religiosos Padres Ermitaens de S. Agostinho, o qual com este genero de martyrio coroou a sancta vida, com que tinha edificado o mundo, & honrado sua religiã; que na verdade semelhante holocausto he muy proprio de varoens sanctos , ainda quando sam mais autorizados, pois sabemos , que Sam i Gregorio Magno se offereceo

a seme-

f
August. Ep
180.

g
Orig. trad
9. in Ioan
Vide Theo
ph. Raynal
tract. de
Martyrio, p
3. cap. 2.

h
D. Hier. in
Epist. ad
Neporian.
Non memi-
ni me legis-
se mala mor-
te mortui,
qui libenter
opera cha-
ritatis exer-
cuit.

*Fr. Luis de
Montoya
morreo ser-
vindo na
peste.*

i
Ioan. Dicit
in eius vita
l. 1. c. 41.

a semelhante perigo, acudindo na peste que houve em Roma no anno de 590. & o mesmo lemos, de Sam^o Gregorio Taurinense, no anno de 255. de S. Cypriano K. no anno de 255. de S. Bernardino^o de Sena, no anno de 1400. & do sancto Cardinal Barromeo^o no anno de 1576. & de outros muytos gravissimos Padres, & sanctissimos varoens. Com o exemplo de tam douto, & de tam sancto Religioso, como era o Padre Fr. Luis de Motoy, se animaram muytos outros religiosos, tambem de muyta autoridade, a entrar em semelhante batalla, com a morte. Certo que btm padiamos aqui applicar, o que a vista de Sam Cypriano, quando acudio a outra semelhante peste, disse do seu historiador. *Est quis non sub tanto de hinc properante inveniri, sed parvo aliqua talis dolencia.*

12 Entre os nossos, que escaparam com vida deste horrivel naufragio, foy hum d'elles o Padre Antonio de Monserrate, de quem ja fallamos, guardando o Deos sem lesam alguma dentre as labaredas desta fornalha, para lhe fazer muytos santos ao diante. Entre os quaes nam foy o menor a fundamto do convento de Sancta Mutha, como diffemos. Tambem se esmerou aqui muyto o Padre Manoel Rodrigues, que

entam nam era ainda de missa, & nesta peste parece que se enlayou, pera a que depois houve em Coimbra, na qual procedeo como religioso sancto, & como homem milagroso; & quem crever as cousas daquelle tempo, te muyto q dizer deste bom Padre, que tambem escapou daquella peste de Coimbra, & viveo depois muytos annos, totalmente cego, no Collegio de Coimbra, donde Deos o levou ao fazer participante da vista de sua gloria, & do premio de seus trabalhos.

13 Tambem escapou co vida deste grande incendio da peste grande, & de entre dez mil enfermos, a que acudia, o Padre Cypriano Soares, como se nelle cumprisse Deos aquella prophesia de o Isayas, *Cum ambulaveris in igne, non combureris, & flamma non ardebit in te*; vivendo depois muytos annos, & honrando a Companhia com sua Rhetorica que ensinou, & deyxou estampada, & com sua virtude, com que a todos edifi-



i
Greg. Niss.
in Paneg.
S. Gregor.
Taurin.
K

Pontius Diacon.
in eius vita.

l
Sur. in eius vita.

m.
In eius legenda

n
Pontius in vita S. Cypriani.

o

P. Manoel Rodrigues o cego.

o
Isaie c. 43.
num. 2.

CAPITULO XLIII.

De como os Padres da casa de Sam Roque, acudiram na seguinte peste, que houve em Lisboa, no anno de 1579. na qual morreo servindo os feridos o Padre Pero Mascarenhas, com outros religiosos; E como tambem trabalharam na outra peste menor, no anno de mil E quinhentos E noventa E oyto.

I Sta foy a primeyra peste mais conhecida, a que comumente chamam grande, aonde ficou tambem mais conhecida a grande charidade dos nossos Religiosos da casa de Sam Roque, & de Sancto Antam. Porẽm, quando Deos quer castigar peccados grãdes, nam lhe basta huma peste grãde; bem se vé esta verdade nos castigos tam repetidos em Egypto, contra a dura pertinacia do barbaro Rey ² Egyptano; & nam hà duvida, que este mal da peste he ordinariamente dado por Deos, empena dos peccados dos homens, como claramente se vé naquella com que Deos casti-

²
Exodi c. 9.
& cap. 10.

gou o povo de Israel, pelo peccado do Rey ^b David: porẽm as causas que Deos em particular teve, pera multiplicar tam horrendos acoites neste nosso affligido Reyno de Portugal, sabe-molas chorar, mas nam as podemos a divinhar, que os segredos divinos nam sam como os dos homens, que logo se descobrẽ por mais que se encommendem.

² Depois desta peste grande, que parece bastava, pera acrizolar nossa paciencia, & apurar nossas consciencias, segundou outro acoite cruel, & repetio outro golpe mortal, & damno incomparavel da lamentavel perda del Rey Dom Sebastian, & seu exercito em Africa, que soceddo em 4. de Agosto do anno de 1578. & com tudo ainda a mam de Deos estava estendida pera castigar, & a espada deferebainhada pera matar, porque logo no reynado do Cardeal Dom Henrique seutio; dahi a poucos meses ja no anno de 1579. se tornou ateas outro pestelencial fogo, que foy abrazando, & matando em Lisboa os que nam foram morret nos insaultos campos de Alcaçere.

³ Tanto que o mal se descubrio, como os Padres desta sancta casa se tinham mostrado tam valentes no defasio com a morte na peste grande, que ti-

nha

b
2. Reg. c. 24.
n. 15. Imite-
que Dnus
pestilentia
in Israel, &c.

Outra peste no anno de 1579.

na passada, nam perdèram as còres à vilita desta tempestade, que começava à ameaçar, & como estavam tam vivas as lembranças de seus gloriosos trabalhos, logo o mesmo serenissimo Rey, & os do governo da cidade, fizèram com o Padre Preposito da casa de Sam Roque, q̃ apontasse alguns religiosos pera que sahisses a campo a lidar contra a morte, que tam desaperadadamente hia fazendo estrago na cidade, pera que elles tomassem à sua cõta a que chamavam casa da saude, sendo cõ mais rezam hospital de enfermos, & sepultura de mortõs: acetyrou o Padre Preposito esta perigosa empresa, fiado nos animos aventureyros, que sempre houve naquella casa, & na de S. Antãm, pera sahirem ao encontro a inimigos mayores.

4 O primeyro que se offerceo a este sancto holocausto, pera entrar em desafio, & lutar com a mesma morte, foy o Padre Pero Mascarenhas, valerosissimo soldado de Christo, & pessoa de grandes prendas, & de raros talentos; era filho de Dom Vasco Mascarenhas, & de Dona Maria de Mendõça, em quem, com o lustre do sangue, melhor avultava o resplandor da virtude, & mais luziam os abrazados rayos de sua fervente charidade; pois com tanto animo se meteo em hum peri-

go tam evidente, sendo o primeyro em entrar nelle, & o mais charitativo em servir aos enfermos; trocando por este genero de martyrio os acesos desejos que sempre teve de o hir alcançar nas partes de Africa, ou nas missoens da India; offerceose o Padre Pero Mascarenhas, & acetyrãramlhe a offerita, porque sabiam, que a fazia muyto de coraçam; & o tempo nam estava pera vãos offercimentos, que entam por alguns se fazem de melhor vontade, quando cuydam que senarham de acetytar.

5 Nam se pòde dizer em poucas palavras o muyto que este valeroso avétureyro trabalhou nesta tam arriscada empresa, porque nam houve doente naquelle grande hospital de enfermos, q̃ o nam achasse muy cuydadoso sobre seu remedio, nem espirou nenhum, a quem o Padre Pero Mascarenhas nam assistisse naquella ultima despedida: Porém como os perigos eram tam grandes, & a contagiam tam presente, mal podia escapar com vida, quem andava em braços com a morte. Depois de estar por espaço de dous meses metido intrepidamẽte na casa da saude, pera a procurar aos feridos; lhe naceo hum grande inchaço, a que chamam carbunculo, na face, q̃ pera elle foy carbunculo de sumo preço, & de

Como os
adres de
. Roque
udiram
sta segun-
da peste.

P. Pero
Mascaren-
has foy o
primeyro,
ue se offer-
ceo.

Morte do
P. Pero
Mascarenhas.

ineestimavel valia, pois lhe rendeo a coroa da gloria, & a viltade de Deos; que finalmente veyo a alcançar em 20. de Setembro do anno de 1579. morrêdo este esforçado soldado de Christo, na mesma estancia da casa da laude, sem largar a lança da mam, & sem desemparrar o posto no campo.

6 Huma grande consolaçam lhe quiz Deos nosso Senhor dar no ultimo remate de sua vida, porque estãdo já muyto no cabo, veyo ally ferido do mesmo mal hum mourinho, sobrinho do Xarife, que já estava cathequizado, & vinha demandar ao Padre, pera que lhe desse o bautismo; o qual, como se de repente refusitasse, cobrou forças, & o recebeu com aquella sua tam costumada boa graça, de que Deos o tinha dotado, & logo o bautizou, estimando muyto hir à gloria acompanhado deste innocente, revestido de novo, com a estolla purissima da graça baptismal; que assim como o^b Senhor na Cruz parece que morria consolado, com levar cõigo naquella hora hum ladrão arrependido, assim o Padre Pero Mascarenhas hia muyto alegre, por levar a hum Mourão convertido. Com esta companhia entrou no cêo, porque ambos ally acabaram, & ambos dally foram ao paraizo.

b
Lucæ c. 23.
num. 43.

7 O serenissimo Rey Dõ Henrique se tinha edificado muyto quando soube da grande charidade com que este seruo de Deos assistia aos empêtados, & mandou, que lhe acudissem com todo o necessario, pera os seus enfermos: & entre outras pedras bazares, lhe mandou dar huma, de grande preço, & de bõ tamanho, cõ a qual (como depois contava o irman Balthazar Dias, q̄ foy aqui o principal enfermeiro, & depois viveo muytos annos, com grande exemplo de vida religiosa, como veremos) todos os enfermos, aquem a deo, escaparam do mal da peste. Porém ainda que o charitativo Padre applicava tantos remedios aos seus enfermos, nam houve nenhum que o livrasse da morte, que foy sentidissima nam sò de todos aquelles miseraveis, a quem acudia, mas tambem nos consta, que chegou este sentimento ao mesmo trono real, dizendo o serenissimo Rey Dom Henrique, entre outras, estas sentidas palavras, *Heje com o Padre Pero Mascarenhas morreo o remedio da cidade de Lisboa.*

8 Quando no refeytorio do Collegio de Coimbra, se leo, como he costume, a morte do Padre Pero Mascarenhas, pera lhe dizerem as missas, & orações, segundo nossas constituições, foy tal o sentimento, que

El Rey Dõ
Henrique
sentiomy
to a morte
do P. Pero
Mascarenhas.

Grãde sentimento
houve de
sta morte.

causou

causou grande abalo em toda a comunidade, & sahiram todos chorando; tam querido era de todos, assim por sua muyta virtude, como por sua muyta amavel condiçam, & brandura de natureza, com que nam menos em Lisboa, aonde o tomou a morte, que na Ilha da Madeyra, aonde foy mandado pelos superiores, o estimavam, & amavam sobre todos.

9 Foy o Padre Pero Mascarenhas irman do Bispo Inquisidor geral Dom Fernam Martins Mascarenhas, tam conhecido no mundo por suas letras de Theologo excellêntissimo, & tam amado por sua cõdiçam de Principe magnifico, & de Prelado benignissimo. Teve mais na Cõpanhia tres irmãos, com elle eram quatro, & ainda nos parecêram poucos; a saber o irman Frãisco Mascarenhas, que morreo com opiniã de sancto; o Padre Nuno Mascarenhas (que foy Reytor do Collegio de Coimbra, Assistente pelas Provincias de Portugal em Roma por muytos annos, aõde honrou a Companhia com sua virtude, com seu governo, & cõ sua morte) o Padre Antonio Mascarenhas, que por vezes foy Reytor em Coimbra, por vezes Preposito de Sam Roque, & por vezes Provincial, Assistente em Roma, & Visitador em Portugal, & ainda hoje vive, & he a

O P. Pero Mascarenhas teve mais tres irmãos na Cõpanhia.

mais autorizada pessoa que temos nesta Provincia; dos quaes em seu lugar, se farã muy honrada mençãm, & muy devida a tam insignes pessoas, & a tam illustres sogetos, que sendo quatro em numero, como os quatro rios, que sahiram do Paraíso Terreal, regãram, fertilizãram, & honrãram esta Provincia como lustre de seu sangue, com a prudencia de seu governo, com o grande exemplo de suas muy religiosas, & muy exemplares pessoas.

10 Nam se contentou a morte com empregar sua lança em hum soldado tam valente, como era o Padre Pero Mascarenhas, porque em oyto meses que durou esta contagiã venenosa, nos matou tambem outros religiosos nossos, que andavam dedicados a este sacrificio, servindo os enfermos; estes foram os Padres Fernam do Prado, o Padre Pero Correa, o Padre Lourenço da Fonseca, o P. Balthezar Esteves, o Padre Miguel Vaz, os irmãos Antonio de Abrèo, Alexandre Coelho, Andrè Annes, & Rui Gomes; os quaes todos acabãram gloriolamênte, arriscando suas vidas, por amor de Deos, & em serviço do proximo; & bẽ he q seus nomes fiquem eternizados entre os vivos, pois elles por amor de Deos, nam temêram sacrificar se cõ tão animo entre os mortos.

c
Gen. cap. 2.
num. 10.

Nome dos
Padres, q
morreram
nesta peste.

*Irmam
Balthazar
Dias esca-
pou da pè-
lle.*

11 Escapou deste incendio o irman Balthazar Dias, q foy natural de Braga, & era o principal enfermeyro, & foy fogeyto de muy grande exemplo, & de muy rara charidade, nam faltando elle de sua parte em nenhuma occasiam de se offerecer liberal á morte, por dar a vida a tantos, que estavam á sua conta; porèm quiz Deos nosso senhor conservarilha pera ainda depois lhe fazer muytos serviços, como fez, porque elle foy o companheyro do Padre Melchior Rodrigues da Companhia de IESVS, hindo ambos em peregrinaçam a Ierusalèm, conforme tinha ordenado el-Rey Dom Henrique em seu testamento, por sua alma, & por el-Rey Dom Sebastiam seu sobrinho, perdido em Africa. Depois de vindo de Ierusalèm, livrando Deos de muy grandes perigos, se recolheo o irman Balthazar Dias ao Collegio de Evora, aonde continuou com grande exemplo de vida, edificando a todos na oraçam, & mortificaçam, & muy em especial na muyta charidade, que usava com os enfermos, dos quaes era enfermeyro, exercitando aqui em Evorà, o que tãto á sua custa tinha aprendido com os empèstados de Lisboa. E finalmente depois de huma sancta velhice, foy descançar na gloria, a gozar da coroa, que

com tantos trabalhos tinha merecida.

12 Tambem na terceyra pèste, que começou atearse em Outubro de 1598. fizeram os Padres de Sam Roque o que se esperava de sua muyta charidade: & como estavam já ensayados nas outras pèstes mayores, nesta ultima, q foy menor, exercitaram as mesmas finezas; nam deyxou, poièm de nos custar a vida de sete religiosos, que foram o Padre Ioam Olingo Irlãdes, de quem já fallamos; o Padre Lourenço Ortèga Framengo, os irmãos Christovam Pimenta, Manoel Lourenço, Melchior Dias, Diogo Dias, & Sebastiam Gonçalves, os quaes todos prodigamente offereceram as proprias vidas, por remediar as alheas, & por isso dignissimos dos mayores louvores, porque segundo a doutrina de Sancto^d Ambrosio, nam há cousa que mais autorize a hum Christam do que o exercicio das obras de misericordia, & estas de acudir, & ajudar aos que estam feridos de semelhãte cõtugiã, sam as que melhor apuram a virtude, & que mais abonam a charidade, pois a nam póde haver mayor, que a que chega a dar a vida por seus amigos, segundo a doutrina de Christo^e senhor nosso; & d'aqui vem, que a mesma Igreja venera com titulo de Sanctos, & ce-

*Como ac-
diram n
pèste do
anno de
1598.*

^d
*Ambros. de
officijs, Ni-
hil tã com-
mèdat Chri-
stianũ, quã
miseratio
charitatis.*

^e
*Ioan. cap.
15. n. 13.*

A Igreja
chama
Martyres
os q mor-
rê servin-
do na pês-
te.

In Martyrol.
Rom. pridie
Kal. Martij.

g
a. Ioan. ca. 3.
Quonia ille
anim. suam
pro nobis
profuit, &
nos debem-
us profra-
tribus ani-
mas ponere

lebra com honra de martyres, os que morreram neste sancto exercicio, como se vê naquelles presbyteros, & diaconos, que no tempo do Emperador Valeriano acudiram aos empêstados na cidade de Alexandria, & só por esta sancta obra lhes dá a Igreja tam glorioso título de Sanctos, & Martyres, como se lê no Martyrologio Romano, quanto mais, que semelhante sacrificio nam só he obra de charidade, mas tambem he divida de obrigaçam, conforme a doutrina do Discipulo amado, que diz, que devemos dar a vida por nossos proximos, da maneyra que o Senhor primeyro a deo por nós.

CAPITULO XLV.

De outras muytas obras de piedade, que exercitam os Padres de Sam Roque, & em especial do modo que têm em acudir aos encarcerados de Lisboa.

Veyxavase antigamente aquelle muy celebre historiador Cornello

Tacito na vida do Emperador Tyberio Cesar, da pouca ventura que tivera nas historias que lhe cahiram em seus

tempos pera escrever, em rezam de nam haver nelles successos de guerras, conquistas de Reynos, cercos de Cidades, mudanças de Imperios, victorias laureadas, & triumphos gloriosos, porque estas lam as cousas, que com mayor gosto lem os curiosos, & com melhor vontade escrevem os Chronistas; porém elle dizia de sy, *Nobis in arcto, & inglorius labor*, porque em lugar destas materias grandiosas, só lhe ficavam pera contar casos forenses, & successos domesticos; demandas de gente cubicosa, adulaçoens de cortesaons pretendentes, enganos, & lisonjas de validos, diffimulaçoens, & ardiz de privados, queyxas dos desfavorecidos, murmuraçoens de povo descontente, vagares, & más respostas de ministros fartos, & soberbos; enfedos de trapaceyros; traças, & artes de inimigos domesticos, que no tempo da paz vos fazem a mayor guerra, & finalmente vicios de humidade ociosa, governada por hum Principe malevolo, & vicioso: estas cousas cahiram a Cornello Tacito pera historiar, & por isso elle se queyxava da materia, em que empregava o trabalho dos seus annaes.

2 Bem vejo eu, que mais corre o estylo, & que melhor se recrea a penna em descrever façanhas de Princepes, que em

Materias,
que trata
Cornelio
Tacito.

2
Corne. Tac.
Ann. lib. 4.

b
Horat. Car.
l. 2. Ode 13.
Sed magis
pugnas, &
exactos ty-
rannos de-
sum hume-
tis bibit au-
re vulgus.

contar misérias de pobres; & bem entendido, como dizia o outro sabio ^b Gênio, que mais gosta o povo de ouvir a descripção de huma batalha campal, aonde o estrondo horrivel da artilharia disparada faz tremer a terra, abalar os montes, & re-tumbar os valles; afuzilando fogo, vaporando fumo, atroando os ares; & aonde o cerrar dos batalhoens, o romper da cavallaria, o resistir dos esquadroens, os gritos dos feridos, os gemidos dos que morrem, a confusão, & clamores dos combatêtes, igualmente suspende os ouvintes, & enlevam os escritotes. Cõ isto assim ser nam me queyxo, como Cornellio Tacito, de nesta parte da minha obra sò me cahirem pera contar pestes de cidades, mortes de religiosos, vidas de homens virtuosos, conversoens de peccadores, milsoens Apostolicas, obras de misericordia, & outras materias semelhantes, porque como escrevo esta historia pera religiosos (que nam tratam de armas, mas professam virtude) mais devem estimar a lição do exemplo do pobre humilde, que a leytura da façanha do capitão soberbo. Com esta salva, & cõ esta confiança, continuarey, apontando mais algumas cousas de edificação, entre muytas, q ordinariamente exercitam estes muy veneraveis Padres, da

cala de Sam Roque: os quaes ³ Acodem com notavel cuydado aos presos do limoeiro, aos do uenço, & aos do aljube, a lhes ministrar os sacramentos, nas quatro festas principaes do anno; a lhes procurar esmolas, tratar de seus livramentos; & em os a acompanhar, ajudar, & consolar, quando por justiça ham de ser mortos; & a este cuydado em particular attende hum religioso desta casa, a quem commumente chamam o Padre das cadeas; & de ordinario escolhem pessoa de conhecida charidade, porque este officio demanda muyta, juntamente com muyta paciencia. O primeyro que exercitou semelhante officio nesta casa foy o muy assinalado varão o Padre Gonçalo da Sylveyra, de quem já contey a vida, cujo exemplo tambem logo seguiu o Padre Gonçalo Vaz de Mello, de quem falley muytas vezes.

4 Depois destes o que teve mayor nome foy o Padre Affonso Gil, grãde servo de Deos, & muy applicado a esta occupação, o qual principalmente mostrava sua admiravel charidade em acudir pelos que estavam sentençaados a morte; & foy o primeyro da Companhia, a quem o povo de Lisboa chamou Pay dos enforcados; porq era tam extraordinario o cuydado com que assistia a seme-

Como accodem os Padres de S. Roque enforcados.

3

4

OP. Affonso Gil foy charitativo com os cõdenados à morte.

lhante gēte, assim nos carcere
aonde estavam prezos, como no
caminho, & lugar do tormēto,
procurādo em tudo seu remedio
& sua salvaçam, q̄ cō rezam lhe
podiam chamar pay de seme-
lhāte gēte; titulo q̄ por ser alcā-
çado com taes obras de miseri-
cordia, ficava sē duvida muy
autorizado: q̄ na verdade seme-
lhātes nomes sam de mayor es-
tima, q̄ os q̄ mais prēza o mūdo;
pois o mēsmo Deos^e aceyta o no-
me de pay de pobres, & de tu-
tor de orfãos, q̄ assim lho chama
o Propheta^d Rey, porq̄ ainda
que por hũa parte se chama Se-
nhor omnipotente, & he Deos
dos exercitos, tãbē favorece aos
humildes, & cōsola aos desem-
parados; antes he este Senhor
pay tam amoroso, & pay tam
cuydadoso, q̄ diz por Isayas, e q̄
se poderā esquecer a mãy do seu
mēsmo filho, porē m q̄ elle nam
poderā deyxar de se lembrar de
nōs; pois à vista de hum Deos, q̄
se chama pay de pobres, bē po-
dia o Padre prezarse do nome
de pay dos enforcados; que esta
força tem a verdadeyra chari-
dade, que aos que sam estranhos
pōde adoptar, como se fossē fi-
lhos: que por isso Sam^t Gregorio
Nisseno, chamou a S. Paulo pay
do mūdo todo, *Totius propemodū
orbis terrarum pater, propter spiritua-
les partus.* Antes o varām chari-
tativo nam sō he pay cuydado-
so, mas parece mãy amorosa; co-

mo o mēsmo Sam^s Paulo, que
dizia, q̄ como se fosse mãy gē-
rara aos seus Corinthios, *Per
evangelium ego vos genui.* Tal era
este bom Padre Affonso Gil, q̄
nam sō parecia ser pay no cuy-
dado, mas tambem podia ser
mãy no amor.

5 Este Padre foy tambem
o primeyro que começou o
sancto costume de fazer prati-
cas ao povo, na occasiam das
mortes violentas destes seus fi-
lhos, subindose ao mais alto lu-
gar da escada, depois de execu-
tada a justiça; costume que ain-
da hoje continúa com muyto
fruyto, que ordinariamente me-
lhor se segue á vista d'aquella
morte temporal. Grandes pro-
veytos se seguiam destas suas
praticas, & muytos o hiam de-
mādar a S. Roque, pera se cōfes-
sarē com elle, occupaçam, q̄ elle
tomava de muyto boa vōtade.

6 O modo que os Padres
de Sam Roque tem em acudir
às cadeas, exercitado primeyro
pelo P. Affonso Gil, he o seguin-
te. Quando pela Quaresma, &
nos jubileos ordinarios, & tras-
ordinarios, os prezos se ham de
cōfessar, & cōmūgar; o Padre q̄ tē
este cuydado os avisa algūs dias
antes, & ao dia, ou dias assinala-
dos, leva cōsigo muytos Padres
desta casa, nam se escuzādo ne-
nhū, nē por occasiam de nego-
cio, nē por achaque de idade, &
pera q̄ o exēplo comece primey-

^g
Ad Corint.
1. c. 4. n. 15.

^c
In hym. Spi.
S. Veni pau-
per paupe-
rum.

^d
Pf. 9. nu. 14.
Tibi dereli-
ctus est pau-
per, orpha-
no tu eres
adiutor.

^e
Isaiaz c. 49.
n. 15. Et si
illa oblita
fuerit, ego
tamen non
obliviscar
tui.

^f
D. Gre. Nis-
sen. Orat. de
laudibus
Basiliij.

*Modo que
os Padres
tē em acu-
dir às cō-
fissoens dos
prezos.*

ro pelos que sam primeyros na dignidade: no primeyro lugar acode o Provincial, & o Preposito da casa; o Padre das cadeas divide os Padres pelos carceres, & q uando parece q nam bastam, representa a falta ao Regedor, q logo manda recado a outros mosteyros, que tambem acodẽ com toda a charidade, pera se dar a devida expediçam, posto que o mayor pezo, & trabalho carrega sobre os da Cõpanhia.

Como se lhes ministra a cõmunham.

Na cõmunham pela obrigaçam da Quaresma, que sempre he à terça feyra da semana sancta, se ajuntam todos na sala da Relaçam, que està muy bẽ adornada, assistindo o Regedor com os Dezẽbargadores, & ha missa solemne, muy bẽ cantada, assiste o P. dãdo ordẽ pera a cõmunham q lhes ministra o missacãtate, q he de ordinario, por rezãm de seu officio, o Prior de S. Martinho

7 Custumavam antes os religiosos desta casa, per sy mesmos, levarẽ as esmolas de comer aos encarcerados, indo pelo meyo da Cidade em corpo, com os cestos de pam, & com os tachos da carne, como ainda fazemos em outras partes, porẽm de hũs annos a esta parte se deyxou este exercicio, por parecer que tinha mais de ostẽtaçam dos Padres, q de proveyto dos pobres; & assiõ hoje o P. q tẽ cnydado dos carceres lhes reparte, em certos dias as esmolas, hora a

hũs, hora a outros, acudindolhes nam sòmẽte cõ o necessario pera comerẽ, mas tãbem cõ a roupa pera se vestirẽ: pera isto negoceam esmolas, entre as quaes algũas ha muy grossas, q homẽs ricos, & de muyta piedade cada anno nos entregam, pera repartir cõ estes encarcerados; entre os quaes avulta muyto hũ juro perpetuo, q deyxou Fernam Lopes, a que chamavam o Prebẽdeyro, homẽ bẽ conhecido nesta Cidade, & de muyta charidade, como bẽ mostrou nesta sancta obra. Em seu livramẽto se tẽ grãde cuydado, & por nossa intãcia se fazem muytas vezes no anno audiẽcias gẽraes, & aos q estam prezos por dividas os cõcertam cõ as partes, & lhes procuram cõ q possam d'algũa maneyra satisfazer; & aos q estam por crimes, pertendẽ haver perdã da parte, & com elRey, & desta maneyra sam muytos os que cada anno sahem livres por meyo dos nossos Padres.

8 A os cõdenados à morte acodẽ com particular cuydado, procurãdolhe jũtamẽte com os mordomos das cadeas, embargos, q tal vez pẽgam, & aos que ham de padecer (depois de lhe assistir ao ler da sêtẽça) ao outro dia lhe dam a cõmunham, & ao terceyro os acõpanham cõ grãde charidade, até acabarẽ de espirar em seu tormento, & ordinariamente morrem muy bem

De q modo levam hoje de comer aos encarcerados.

Como acodem aos cõdenados à morte.

aparelhados, & contritos, com sinaes de sua salvaçam. Com os forçados das galès exercitam os Padres de Sam Roque as mesmas boas obras, que com os presos das cadeas; & no anno de 1588. puzeram em liberdade a cêto & oytenta, dos quaes a hũs alcãçaram perdam, & aoutros livraram, porq̃ já tinham satisfeyto com os annos de sua condemnaçam; & a muytos delles alcançaram, que se lhe pagasse o serviço que nas galès tinham feyto, depois de comprido o tẽpo, em que foram condenados, & montou o pagamento mais de quatro mil cruzados.

Tambem favorecem os do hospital.

10 A o hospital acodem com a mesma charidade a confessar, consolar, & ajudar aquelles enfermos, & pera esta obra de misericordia se lhês offereceo huma grande occasiam, no anno de 1571. por causa da fome que houve nas terras de Entre Douro & Minho, no qual tempo concorreram a esta Cidade mais de oyto mil pobres, dos quaes muytos adoeciam, & por ordem dos Padres desta casa, se recolhiam no hospital, aonde lhes assistiam com tam grande charidade, que o Comendador mór de Christo Dõ Diniz de Lancastro, filho de Dom Affonso de Lancastro, que entam era o Provedor da Misericordia (& nesta occasiam teve muytas, em que mos-

trou sua real beneficencia, que, com o sangue, herdou dos Reys seus avòs) nam acabava de engrandecer com louvores, & agradecer com mostras de benevolencia tam grãde piedade.

11 Muytas cousas semelhantes a estas pudera aqui referir, com que os Padres da casa de Sam Roque edificam a Cidade de Lisboa, & fazem grandes serviços a Deos nosso Senhor. Tambem pudera dizer muyto das missoens, que desta casa se pedem, pera muytas terras do Arcebispado, & em particular custumam os moradores da muy nobre villa de Setubal pedir Padres pelas Corefmas, os quaes se lhe concedem, & lhe mandam sempre dos prégadores de mayor nome, que ally temos, que assim o devemos aos moradores desta tam notavel, & tam grandiosa villa, pelo grande respeyto que nos tem, & benevolencia com que nos tratam. Tambem se puderam contar os grandes serviços de Deos, que se tem seguido por via dos Padres desta casa, que foram muytas vezes nas armadas, que sahiram deste Reyno, assim a correr a costa, como a outras varias empresas; nas quaes armadas muytas vezes exercitaram nam menos o talẽto de religiosos sanctos, que a obigaçam de soldados esforçados; confessando a muy-

Missoens, q̃ sahem da casa de S. Roque.

muytos, & animando a todos.

12 Deyxo tambem de referir muytos, & muy gloriosos bautismos de Mouros nobres, & de Gentios, que por vezes se celebram na Igreja de S. Roque. E tambem pudéra contar da muyta confiança com q̄ ally nos tratâram sempre os q̄ governam o tribunal do sancto Officio; & ainda pudéra dizer mais do incõparavel trabalho com q̄ os Padres daquella sancta casa, & os mais q̄ temos em Lisboa, se occupam cõ os q̄ por aquella mesa ficam relaxados ao braço secular, que na verdade he trabalho grandissimo, como bẽ se deyxar ver, & como melhor o experimentamos; posto q̄ o damos por muy bem empregado, porque com ellẽ exercitamos nosso ministerio, & servimos àquelle sancto Tribunal.

13 Deyxo todas estas cousas, & outras muytas a estas semelhantes, porque se as quizesse contar todas, cansarmehia a mim, & molestaria aos lētes; baste em fim dizer por remate, q̄ os Padres de S. Roque cõ muyta rezã merecêram o applauso com que foram recebidos nesta Corte, & a frequencia com que sam buscados naquella casa.

CAPITULO XXXVI.

Do exercicio da sancta doutrina que sempre houve nesta casa de Sam Roque: dáse hũa breve noticia dos Padres que desde principio continuãram com esta tam proveytosa occupaçam.



I Am posso deyxar de me deter em fallar no exercicio da facta doutrina, que ha na casa de Sam Roque, por ser occupaçam muy propria da Companhia, muy usada dos nossos, & de que sempre se tem conseguido grande bem na republica, pelo muyto fruyto que se colhe ao diante, quando com cuydado se cultivam as flores da primeyra idade; porque como diz o Espirito Sancto, pelo seu a Propheta, he grande bem começar logo na primavẽra dos annos a levar o jugo do serviço de Deos; nem desdiz este officio de ensinar miñinos, & doutrinar crianças, com as pessoas mais graves em dignidade, mem com as cans mais auto-

rizadas

Em outras muytas cousas exercitam os Padres de S. Roque sua charidade.

2
Ier. in Thr.
c. 3. nu. 27.
Bonum est
viro, cū por-
tauerit iugū
ab adole-
centia sua.

rizadas nos annos; que nam havia no mundo pessoa mais grave, nem Principe mais autorizado, que o incomparavel Padre Sam Gregorio^b Magno, & com tudo se conta delle, que por sy mesmo doutrinava os mininos: & quando estava doente se fazia levar em huma caminha ao lugar aonde os mininos vinham tomar a liçam, assistindo cuydado ao ensino dos que amava como pay: & nẽ o grãde m̃ar de occupaçoẽs, em q̃ andava quasi afogado, sendo Summo Pontifice da Igreja de Deos, lhe podia tirar o cuydado de assistir à doutrina dos innocẽtes. E das epistolas de Sam Ieronymo, nos cõsta o grande cuydado, a notavel miudeza, cõ q̃ este gravissimo Padre se punha a doutrinãr huma criancinha Christã, como se pòde ver nas epistolas a Gaudencio, & a Lætã.^c

2 Este mesmo exercicio he tam proprio à nossa Companhia, que em nascendo no mundo, logo com ella sahio a luz esta tam bẽ empregada occupaçã, presandose tanto della os seus filhos mais autorizados, q̃ na formula dos quatro votos solemnes^d se inclue a obrigaçã que fazem os mais autorizados da Cõpanhia, de ensinar a doutrina aos mininos: & da mesma maneyra todos os q̃ a primeyra vez sam eleytos em Provinciaes, Propositos,^e ou Reytores, fica m

cõ esta obrigaçã de ensinar a sancta doutrina, pera q̃ entendam, q̃ ainda q̃ sam superiores dos outros por dignidade, devẽ fogeytar-se a ensinar, & doutrinãr mininos por humildade; persuadindose, q̃ primeyro quer delles a Companhia, que ensinẽ a doutrina, do que governẽ os subditos. Os primeyros da Cõpanhia, q̃ nesta Provincia com feliz exordio, & ditoso applauso, exercitãram tam sancto ministerio, foram os Padres S. Frãcisco de Xavier, & o Mestre Simão Rodrigues; os quaes dentro do Paço a ensinavam aos mininos fidalgos, & fora do Paço a toda a sorte de gẽte; & cõ principios tam ditosos nam podiam deyxar de ser valentes os successos, & os progressos vêturosos. E posto q̃ esta obrigaçã pera todos os da Companhia he commua, pera os moradores desta casa he muyto particular, porq̃ tanto q̃ houve em S. Roque pulpito, logo houve doutrina, a qual se celebrava todas as tardes dos Domingos, & dias sanctos, cõ notaveis concursos de innumeravel gente, que, à volta dos mininos, vinham assistir a tam sancto ministerio.

3 O primeyro P. q̃ em S. Roque, por obrigaçã de officio, se empregou cõ zelo Apostolico neste proveyto exercicio, foy o P. Gõçalo Vaz de Mello, q̃ foy Provincial, & Preposito

Quanto a Companhia estima ensinar a doutrina.

O P. Gõçalo Vaz de Mello foy o primeyro que em S. Roque ensinou a doutrina.

^b Vide Ribad. in eius vita menſe Martij 12.

^c Hieron. to. 1. epist. ad Gaudent. de Pacatulae educat. epist. ad Lætã tam de ducar. filij 2.

^d Const. p. 5. c. 3. §. 3.

^e Par. 4. c. 10. §. 10.

delta casa, o qual entam (além de sua n nyta nobreza) era dos mais nomeados prégadores que tinha Portugal, & dos mais conhecidos em virtude, que havia na Companhia, como por vezes tenho contado, porque sempre este sancto exercicio, como tam autorizado, andou em pessoas deste jaès, como foram tambẽ o Padre Ignacio Martins (de quem logo falaremos mais largamente) o Padre Ioãm de Madureyra, varãm de grande autoridade, & letras, o qual socedeo ao Padre Mestre Ignacio, & tomou posse desta sancta occupaçam no Domingo seguinte, em que acabou de ser Preposito de Sam Roque; foy este Padre hũ dos mais prezados, & dos mais exẽplares religiosos desta Provincia, procedendo sempre como filho d'aquelle tam nobre, & tam honrado cidadam do Porto, Hérique Nunes de Gouvea, de quem falamos na primeyra parte desta Chronica; & tambem do mesmo Padre dey alguma bastante noticia, no livro segũdo da primeyra ^f parte, & quem continuar esta historia as poderá dâr muy grandes.

4 Quando lhe veyo ordẽm pera hir por Visitador ao Brazil, como era tam estimado de todos em Lisboa, & em especial dos nossos, & dos principaes fidalgos; fizeram estes tantas instancias por elle nam hir.

& parecêram aos nossos Padres consultores da Provincia tam ajustadas com a rezãm, que resolvêram, que nam fosse o Padre, & que se replicasse ao Padre Gêral; estavam já embarcados alguns nossos, que hiam pera o Brazil; dissimulou o Padre Ioãm de Madureyra, & quando soube que estavam pera dar a vêla, se foy meter na urca em que hiam, escrevendo huma carta aos Padres cõsultores, pedindolhes perdã de nam acceytar sua boa vontade, que tinham de o deyxar em Portugal, porém que a charidade de Christo o apertava de maneyra, que nam podia deyxar de se offerecer logo ao mãr, & ao martyrio: parece-se esta carta com a que escreveo Sancto & Ignacio Martyr, contra os que lhe queriam impedir o martyrio.

5 Com esta resoluçam fahio do porto de Lisboa, & primeyro que tomasse o do Brazil, foy tomado dos Piratas, & em breves dias morreo, & emproou no porto, & na Bahia da gloria; da maneyra que brevemente contamos na primeyra ^h parte; este Padre Ioãm de Madureyra, foy o que socedeo na sancta occupaçam das doutrinas ao P. Mestre Ignacio Martins, que sò tal sogeyto podia encher tal lugar: procedeo com tanta satisfaçam, que commummente lhe chamavam em Lisboa o

Sancto,

P. Ioãm de Madureyra foy honrado em de muyta autoridade.

^f
1. p. l. 2. c. 11
num. 5.

^g
Apud Hier.
lib. de Scrip-
toribus Ec-
clesiasticis.

^h
1. p. l. 2. c. 11
num. 5.

Sancto, & assim foy sua morte sentidissima, a qual socedeo no anno de 1601.

6 Seguiose outro Padre em fazer as doutrinas, que foy o Padre Frãcilco Cardoso, cuja fama ainda hoje vive em Lisboa, porque na verdade foy hũ dos varoens Apostolicos da Companhia: era natural da villa de Fornos do Bispado de Vizeo, foy homem de grandes talentos; ensinou Philoſophia, & leo Theologia, & prẽgou com grandissimo applauso: era o pay dos pobres, era o remedio dos affligidos, & assim foy chorado quando morrẽo, como se a cada hum lhe morrẽsse todo seu bẽ; fazia as doutrinas com tam grãde zelo, & com tanta applicaçam, & talento, que parece que em Lisboa, & por seus arredores, o mũdo todo hia apos elle; contrava exemplos de mãyta edificaçam, com que fazia grãde abalo nos ouvintes, que logo ao outro dia o vinham demandar na Igreja, & nas craftas de Sam Roque, aonde os hia esperar, pera os ouvir de confissam.

7 Tratavase com grandissima aspereza, & nam admitia nimo nenhum, nem preservativos pera a saude, como alguns fazem, com capa de nam adoecer. Todas as noytes depois de tangerem a se recolher a comunidade, se hia o Padre Frã-

cilco Cardoso diante do Sanctissimo Sacramento, & ally estava em oraçam até a meya noyte: depois disto tomava sua disciplina. E por isso era tanto o fruyto que recolhia nas doutrinas, porque era muyta a penitẽcia com que tratava o corpo; & por isso o seguiam tanto os homens, porque elle conversava tanto com Deos. Morreo nesta casa de Sam Roque, no anno de 1604. sendo de idade de 60. annos, & vivẽra muytos mais, conforme sua valente cõpreyçam, se a nam debilitara com tantas mortificaçoens, & com os demasiados trabalhos, que tomava sobre sy, por acudir aos pobres, & aos affligidos; dãdo por bem empregados os annos de vida que perdeo, pelo fruyto das almas que ganhou. Sua morte foy muy sentida em toda a Cidade de Lisboa, foy grandissimo o concurso da gente à Igreja de Sam Roque, até os pobres, & os mininos da doutrina acudiram com insignias de tristeza; celebrandolhe com lagrimas as exequias, & cõ hum pranto tam desfeyto, que por muyto tempo senam falou em outra cousa: os pobres particularmente choravam a perda de tam proveytoſo varã, que acudia com a doutrina aos ignorantes, & socorria com o remedio aos necessitados.


P. Frãcilco Cardoso fez as doutrinas, com grãde nome.

Foy homẽ de grande penitẽcia.

Foy muyto sentida sua morte.

CAPITULO XLVII.

De outros Padres de grande virtude, & autoridade, que em Sam Roque tivéram o officio de fazer as doutrinas.

I  O Padre Frãcisco Cardoso socedeo, no sancto exercicio das doutrinas, o Padre Nuno Mascarenhas, natural de Montemor o Novo, filho de Dom Vazco Mascarenhas, como já dissemos, falando de seu irmao o P. Pero Mascarenhas. Tambem este gravissimo Padre autorizou muyto esta sancta occupaçam, porque como era tam illustre em sangue, & primo com irmao de Dona Margarida Corte real, molher do Visorrey Dõ Christovam de Moura, que entam governava este Reyno, era muy conhecido, & muy estimado: & por ser de singular natureza, benigno, & muy affavel, trazia apos sy a Cidade toda, gostando muyto de lhe ouvir as doutrinas, que fazia com grande cuydado, & continuaria mais nesta tam louvavel occupaçam, senam fosse divertido com os governos, em q̃ o metéram, dos quas deo muy boa conta.

P. Nuno Mascarenhas socedeo na mesma occupaçam.

^a
Cap. 44. a n.
4.

Boas partes do P. Nuno Mascarenhas.

porque em todos foy o mais bêquisto, & o mais amado superior, que naquelles tempos havia. E com ser muyto brando, tambem castigava com muyto rigor, quando era necessario, mas com tal modo, & com tam boa graça, que os mesmos pennitidos lhe ficavam obrigados, que esta he a melhor arte de correyçam castigar a culpa, & nam escandalizar a pessoa. Assim governou o Collegio de S. Antão, o de Coimbra, & a casa de Sam Roque, aonde foy Proposito. O primeyro governo q̃ teve foy o Collegio do Algarve, cuja fundaçam lhe devemos, porque por seu respeyto se moveo o illustrissimo, & Reverendissimo Dom Fernam Martins Mascarenhas seu irmao, Bispo que entam era do Algarve, a nos fundar aquelle Collegio.

2 E em fim veyo a morrer em Roma, no anno de 1637. sendo Assistente de Portugal, & tendo de idade 76. annos. Em seu tempo tivemos a boa sorte da canonizaçam dos nossos sanctos Ignacio de Loyola, & Francisco de Xavier, na qual se deve grande parte deste bom successo ao Padre Nuno Mascarenhas, porque com sua boa agencia, & grande entrada, que tinha com o Summo Pontifice, & com os mais Princes Ecclesiasticos (porque de todos era muy amado, & muy es-

timado)

timado) alcançamos o que com ser muy devido, tambem era muy desejado.

O P. Luis Lobo socedeo ao P. Nuno Mascarenhas.

3 Ao Padre Nuno Mascarenhas socedeo neste sancto exercicio das doutrinas o Padre Luis Lobo, natural de Lisboa, seu primo com irman, porque foy filho de Dom Ioam Lobo Barã de Alvito, & Veador da fazenda del Rey D. Sebastiam, & sua mãy foy Dona Leonor Hêriques, irmã de Dom Vasco Mascarenhas, pay do P. Nuno Mascarenhas, & ambos ficavam netos do Capitã dos Ginetes Dom Ioã Mascarenhas. Este Padre Luis Lobo foy hum dos mais nomeados, & exemplares Religiosos, que teve esta Província, principalmente em mortificaçam, & desprezo proprio: foy muy devoto do nosso bendito Padre Gonçalo da Sylveyra, & assim procurava com todas as véras imitalo no desprezo de sua pessoa, na verdadeyra abnegaçam de sua propria vontade, & em penitencias publicas, que com muyto gosto fazia, sendo o primeyro em hir á cozinha, & em officios mais humildes de casa; & como era homem de natureza forte, & rija, & de grandes forças, todas exercitava contra sy mesmo, fazendo continua guerra, sem tomar treguas, em rezã dos cargos que lhe déram, nem admitir quartel, por causa da idade q

Suas boas partes.

teve; de sorte, que poucos havia mancebos nos annos, que o pudessematurar, como de Acholio velho sancto disse o bema-venturado Sancto ^b Ambrosio.

4 Foy muy zeloso em ouvir confissoens, & nos dias de jubileos, ou de grandes concursos, se levantava duas horas antes da communidade, pera ter sua oraçam, & dizer missa; & logo em tangendo a levantar a communidade, acudia ao confissionario, & aturava incansa vel, sem levãtar cabeça, ate não haver mais pessoa nenhuma; & assim lhe socedia estar confessando oyto, nove, & dez horas continuas, & isto muytas vezes; que he exemplo de mayor edificaçam à vista dos muytos jubileos, & grandes concursos, q hã em Sam Roque; & era tam notavel o zelo que tinha em acudir com diligencia ao confissionario, que esta era sua ordinaria pratica, trazendo sempre na boca aquellas resoluçoens, q repetimos do seu devoto o P. Gonçalo da Sylveyra, *Prégar até enrouquecer, confessar até nam haver penitentes; & mortificar até morrer;* em todas estas tres cousas foy insigne o Padre Luis Lobo: & sendo já velho, & muy cortado com huma tõe, com que algũs o julgavam por ethico, o espirito era tam forte, & o alento tam generoso, que tom as mes-

b
D. Amb. ep.
60. d. Achol
Vt iuniores
eũ nõ possent
confes-
qui.

Foy o P.
Luis Lobo
muy zelo-
so em ou-
vir confis-
soens.

Cõ ser muy
achado
nam dey-
xava de
acudir á
penitência.

mas forças se mortificava, & penitenciava, como se estivesse no mais robusto de seus annos; acudindo sempre o primyro às obrigações da cōmunidade, cō a mayor vigilancia, & fortaleza, q̄ imaginar se pôde: até q̄ finalmente cortado com trabalhos da idade, da penitencia, da enfermidade, & dos governos (porque foy Reytor por vezes, & Preposito) veyo a morrer em Evora, sendo Provincial, de idade de quasi setenta annos.

5 Quando fazia as doutrinas, era muy ouvido, porque àlê de ter muyta virtude, tinha muyta graça, & sahia de repente com ditos muy avizados, & engraçados, com os quaes, entre os limites de toda a modestia, alegrava o auditorio. Pelas Corresmas a visava na doutrina aos pobres pedintes, & aos escravos pretos que se fossem confessar com elle a Sam Roque, & tomava na somana certos dias, em que na crasta os ouvia de confissam; tendo particular gosto, quando se via cercado de pedintes, & de escravos, que o vinham demãdar; & estes eram os seus fregueses, & os seus devotos. Este foy em summa o P. Luis Lobo, de quem fizemos esta brève mençãm, por causa da sancta doutrina, que com muyta edificaçãm fez em Lisboa por muytos annos: delle ao diante se poderãm contar muy-

Era o P. Luis Lobo o confessor dos pobres.

tos exemplos de grande edificaçãm, porque na verdade sua vida foy digna de andar na memoria dos vivos, & nos annos dos mortos.

6 Ao Padre Luis Lobo se seguiu, com a occupaçam da cana da doutrina, o P. Alvaro Pirez natural de Lisboa, q̄ tambem foy illustre em sangue, & insigne em zelo; do qual faley já neste livro, no capitulo 26. & tambem exercitou este cargo das doutrinas com muyta applicaçãm, nam sò em Lisboa, mas tambem em Braga, sendo Reytor d'aquelle Collegio; morreu na casa de Sam Roque, no anno de 1641, tendo de idade 72. sua morte foy sentidissima assim em casa, como na cidade, & no Reyno todo, aonde era igualmente conhecido, & amado.

7 Ao Padre Alvaro Pirez socedeo o Padre Bento Fernandes, religioso de grande innocẽcia, & de vida inculpavel. Leo muytos annos humanidades, com muyto louvor, leo Philosophia, & Theologia, foy insigne Escriturario, compoz, & estampou tres tomos sobre os Genesis, & compoz hum sobre Sam Lucas, & muytos mais cõpuzera, se a morte o nam levàra de sessenta & seis annos, nesta casa de Sam Roque; muyto se poderà ao diãte contar de tam virtuoso Padre, & de tam ex-

OP. Alvaro Pirez fez as doutrinas em Lisboa.

P. Bento Fernandes fez as doutrinas muytos annos.

plar fogeyto; eu me contento com tocar delle sò duas cousas: seja a primeyra, que compoz, & imprimio estes tomos (que sam muy louvados, & estimados) acudindo sempre com o mesmo cuyda do, como os outros, às occupaçoens ordinarias do pulpito, & confissionario; que he boa confusám, pera os que, cõ qualquer capa de occupaçam, logo querem gozar moradia de privilegiados, & ter praça de aposentados. A segunda cousa seja, que foy devotissimo da Virgem Maria senhora nossa, como se via nam sòmente em seus sermoens, & doutrinas, nas quaes nam cessava de encomendar, cõ os mayores affectos de sua alma, a devaçam desta Senhora; mas tambem em seus livros, os quaes todos dedicou a esta soberana Princeza, sem tratar de outros Princeses da terra, aonde tinha por patrona esta Rainha da gloria. O mesmo nos mostrou nestas suas obras, nas quaes nam acaba capitulo que nam o feche com algum louvor desta Emperatriz dos Anjos; & he admiravel o engenho cõ que metia, & sempre muyto a proposito, estes dignissimos louvores, que na verdade aonde ha amor, & boa vontade, nũca faltam palavras pera dar louvores, & logo se acha traça pera os embutir. Fez as doutrinas pelas ruas de Lisboa, com grande

Foy muy devoto da Virgem N. Senhora.

zelo, & igoal trabalho, & com rara edificaçam.

8 Estes foram os Padres, que se exercitaram nesta sancta occupaçam da doutrina; bem se vé quanto a Companhia prezava semelhante exercicio, pois o encõmenda a tam illustres fogeytos; se houvesse de falar nos que estam ainda vivos tambem tinha muyto que dizer; deixo tudo o mais, porque me fica atraz o Padre Mestre Ignacio Martins, no qual me heyde deter com particular gosto.

CAPITULO XXXXVIII.

Dáse alguma noticia do Padre Mestre Ignacio Martins, de como se começou applicar a este sancto exercicio de fazer as doutrinas pelas ruas, & praças de Lisboa.

INtre todos estes Padres tam insignes, & tam zelosos no exercicio da sancta doutrina, o que mayor nome teve foy o Padre Mestre Ignacio Martins; de cuja entrada na Cõpanhia faley brevemente na primeyra^a parte; & assim nam quero passar deste lugar sem dar mais alguma noticia deste

^a
i. p. l. 2. cap.
21. num. 6.

*P. Ignacio
Martins
muyto de-
voto de N.
Senhora.*

tam excellête varâm, pelo muyto que lhe deve a casa de Sam Roque, cujas cousas himos cõtando, & pelo muyto que merece a toda esta Provincia, & a todo o Reyno de Portugal. Naceo em Gouvea, que he huma nobre villa, na Provincia da Beyra, ao pè da serra da Estrela, do Bispado de Coimbra: procedeo sempre como quem se tinha criado muyto ao baso da Virgem nossa senhora, porque sendo minino, ordinariamente estava recolhido em hũa ermida da Senhora, que està em hũ outeyro, junto da villa de Gouvea, à qual chamam hoje nossa Senhora da Vèra Cruz, que he casa de muyta romagem, & de muytos milagrea, à qual depois o mesmo Padre Ignacio Martins, sendo já da Companhia, pela grande devaçam que lhe tinha, fez muytos donativos de frontaes, vestimentas, & outras peças (que eu nella vi, com as escrituras, & doaçoes autenticas) alcançando outras boas esmolas, pera esta ermida.

2 Socedeo, que no principio do anno de 1572. se fez cõgregaçam provincial por causa da morte do bemavêturado P. Francisco de Borja, terceyro Gèral da Companhia, a qual se teve no nosso Collegio de Evora (por entam ally assistir el Rey Dom Sebastiam, & o Cardeal Infante, os quaes mostraram

gosto de se fazer a cõgregaçam, naquella real cidade.) Nesta congregaçam foy eleyto o P. Ignacio Martins pera hir a Roma à criaçam do novo Gèral: à volta veyo por Padua, & visitou o sagrado deposito de seu grande avogado Sancto Antonio, illustre Portugués, mayor sancto entre os Padres Menores, gloria de toda a Lusitania, & a mais conhecida grandeza, entre as mais celebradas que goza sua nobilissima patria Lisboa.

3 Nam se pòde facilmente crer o notavel abalo, que teve em sua alma, quando, entre as sagradas reliquias deste grande frade Menor, vio fresca, & inteyra a lingua daquelle prègador da verdade (& já S. Boaventura^b teve outra semelhante boaventura de sentir em sua alma com esta vista effeytos sobrenaturaes, & movimentos divinos) d'ally se resolveo de imitar muyto de vèras ao Sancto Portuguès, particularmente naquellas virtudes, por onde o Senhor lhe quiz conservar a lingua incorrupta, que parece foy por ser tam grande mestre da virtude, & prègador da verdade. Vindo a Portugal logo mudou o estylo no pulpito, porque sendo dantes muy culto nas palavras, muy polido, & cortesam nos discursos (como quem tratava nam sò de prègar na corte, mas tambem de contentar aos

*Como se
moveo vè-
do a lin-
goa incor-
rupta de
S. Antonio*

^b
*Apud Sur.
Iulij. 14*

cortefãos) de tal maneyra se mudou , que d'ally por diante nam tratou mais , que de contentar a Deos; de prégar penitencia,perseguir os vicios , & ensinar a doutrina, com tal fervor, que representava hum Sam Paulo ; & aquella sua lingoa parécia de Sancto Antonio; & com tam bom successo , que se d'antes muytos o ouviam , depois todos o buscavam ; que se hum prègador se resolvesse a prègar como Apostolo , mais gente o havia de buscar por zeloso, que por gracioso.

4 E pera que o fruyto fosse mayor, totalmente se entregou a Deos , & tratou da oração; & logo pera que tomasse a augoa mais em sua fonte , tratou muyto de proposito, da boa criação dos mininos em sua tenra idade: começou a sahir com as doutrinas, da maneyra que hoje vemos usar ; porque naquelles primeyros annos se faziam dentro da Igreja de S. Roque, sahindo primeyro o ir-mam Sancristam com a campainha, descorrendo pelas ruas de Lisboa, ajuntando os mininos, & convocando o povo pera a Igreja de Sam Roque , aonde do pulpito se fazia a doutrina. Porèm no anno de 1581. sahio a sancta doutrina mais confiadamente pelas ruas de Lisboa; levada pelo Padre Mestre Ignacio Martins , varàm; verdadey-

Como o P. M. Ignacio se occupou em fazer as doutrinas.

ramente apostolico , & como tal reconhecido , & estimado em todo este Reyno; o qual pera sahir com este sancto intento, usava de todas as boas traças, que sua muyta charidade, & zelo lhe ensinavam . Com tudo como ainda naquelle tempo nam era estimado aquelle modo de ajuntar os mininos, & levalos pela rua diante de sy a hum certo lugar, pera lhes ensinar as oraçoens, teve grandes trabalhos , & difficuldades que vencer; porque como nam estavam os mininos domesticados , & este gado he muyto-mao de governar , custavalhe muyto ao Padre ajuntalos pelas escholâs, levalos em ordem pelas ruas, & telos quietos , & calados no tempo da doutrina: & por outra parte a natureza fazia seu officio , mostrando grandes resistencias, em se haver de vencer, & abater aquella humilde occupaçam ; foram taes as repugnancias, que lhe acontecia bateremlhe os joelhos hum no outro cõ tremor, como se estivesse lutando com hũa rija cesam.

5 E na verdade , nam podia deyxar de causar pena , & molestia naquelles principios a hum homem tam autorizado, Doutor em Theologia , & prègador delRey, hir pelas ruas de Lisboa com hũa cana na mam, governando hūs poucos de mi-

Difficuldades que venceo.

Acha grandes repugnancias ao principio.

ninos, feyto minino com elles, cantando, & repetindolhes as oraçoens; o que hoje nam parece tam custoso aos nossos que o fazem, por ser já tam usado, & ficar pelo Padre Mestre Ignacio tam autorizado. Desta maneyra o encontrou hũa vez o Bispo da Ilha Terceyra, q̄ era seu irmam, & envergonhandose de o ver d'aquella forte, se apeou, & pegando do Padre no meyo da rua, lhe affeou, & estranhou tal occupaçam, dizendolhe, que pois nam se estimava a sy, que o nam deshonrasse a elle: tudo ouvio o Padre Mestre Ignacio, sem lhe responder palavra; & depois de elle se hir, disse ao companheyro, que aquelle Bispo era sancto em tudo, tirado em ser seu irmam, & estranhar aquella sua occupaçam.

6 Nam era sò o Bispo seu irmam o que lhe resistia a esta sancta occupaçam, nem era sò a guerra domestica da natureza repugnante, mas era grande a resistencia que lhe fazia o commum inimigo por sy, & por seus ministros visivel, & invisivelmente, pelo tirar deste sancto exercicio, vendo o grande fruyto que d'elle se havia de seguir. Indo hum a vez tom a doutrina pela rua nõva, sentio o irmam, que o acompanhava, à impressam de hum a grande bofetada, que se deo ao Padre

Como o'di-
abo lhe fa-
zia guerra

M. Ignacio, & acudindo logo o irmam, buscando o autor de tal atrevimento, sem achar ninguem, lhe disse o Padre, aquietayvos irmam, nam he nada, *Inimicus homo hoc fecit*. Porém quanto mayores, eram as guerras do inimigo, tanto mais gloriosas foram as victorias do Padre.

7 A o principio eram muy poucos os que o queriam seguir pelas ruas, & muyto menos os que se atreviam a lhe responder às perguntas que fazia. Foy porém crescendo o auditorio nas doutrinas, mas ainda nam ousavam a responder às perguntas que lhes fazia; particularmente os que eram mais crecidos na idade. Estava elle hum a vez nas escadas do hospital de Lisboa, aonde tinha hum grande auditorio; foy preguntando a alguns mininos as oraçoens; & pera que os homens nam cuydassem que estavam izentos de pagar tambem o tributo á sancta doutrina, começa o Padre Mestre Ignacio com sua boa graça, a pedir-lhes conta das oraçoens. Nam estavam os ouvintes ainda acostumados a decorar estas liçoens em publico; fazia selhes muy difficuloso aos grandes responder em voz alta, diante de tantos mininos: nam desistia o Padre em sua sancta persegun-

Difficul-
dade que
havia em
responder
na doutri-
na.

pergun-

perguntava a hum, escuzava-se este; hia logo a outro; tiravalhe este o chapéo, & davase por respondido, & por escuzo; persistia o Padre, voltava sobre outro, perguntavalhe as oraçoens, & querendo este começar a fallar, começavamse a rir os de mais, & logo aquelle envergonhado se calava, & se dava por escuzo.

8. Nam desmayou o Padre Mestre Ignacio; vayse ter com huma criança de peyto, que estava no cólo da mãy, que tinha seis mezes de idade, dizlhe que lhe repita a Ave Maria. Caso prodigioso, levanta a criança a voz (como se fosse hum daquelles mininos, que no dia da entrada do Senhor^c em Ierusalem lhe bradavam Ozaná) repete a Ave Maria; dandolhe lingoa, & menéandolhe o plectro aquelle Senhor de quem diz o seu Propheta,^d que da boca de semelhantes infantes, & crianças de peyto recebeo o mais perfeyto louvor. Este milagre da sancta doutrina; teve entam por testemunhas a cidade de Lisboa, porque por toda ella soou logo a fama, autorizada com tantas testemunhas de vista, que se acharam presentes. E também tiveram noticia deste notavel successo os nossos muy Reverêdos Padres da Provincia de Frandes, porque no seu erudito livro do primeyro e seculo da

Companhia, nos contam este admiravel caso. Com tambo n principio respondiam os ouvintes dally por diante com mais confiança à vista das vozes daquelle innocente; porque quando Deos^f quer, solta a lingoa aos mudos, & faz eloquentes as crianças; & na verdade, que foram taes os progressos, que d'ally por diante teve a sancta doutrina; & sahram os mininos de Lisboa tambem ensinados, que logo parece tiveram principio tam milagroso.

9. Tinha porém o Padre muyto trabalho em governar juntos, & em ordem aquella sua soldadesca, porque nam havia ainda o costume de levar bādeyras (como hoje vemos) as quaes elles houvessem de seguir, quando faziam suas marchas, com o Padre, ao lugar destinado pera a doutrina: andando elle imaginando no meyo que nisto podia haver; teve dormindo hum sonho, com que esteve lidando muyto tempo; representavaselhe huma bandeyra, feyta ao modo das que trazem os irmãos da sancta Misericordia, a qual seguiam muytos mininos; mas logo, entre sonhos, se lhe representavam tambem grandes difficuldades, & já lhe parecia, que os irmãos da sancta Misericordia lhe vinham com embargos,

f
Sap. 10. nũ.
21. Linguas
infantiũ fe-
cit esse di-
fertar.

O principio
que teve le-
var as bā-
deyras na
doutrina.

c
Mat. cap. 21
15. Et pu-
eros clamā-
tes in tem-
plo, Ozaná
filio David.

d
Ps. 8. n. 3. Ex
ore infantiũ
& lactentiũ
perfecisti
laudem.

De como
hãa criãça
de peyto
respondeo
na doutri-
na.

e
In Imagn.
pr. mi secu-
li Soc. et. Ie-
su. l. 3. c. 6.
fol. mihi 352

por lhe tomar a sua insignia. Espertou o Padre, & sahindo desta grande lida, hindo à portaria encontra com hum dos seus mininos da doutrina, o qual trazia sobre huma haste huma taboa com duas imagens de Sanctos de papel, de huma, & da outra parte, da maneyra que dormindo se lhe representaram.

io E julgando que nam carecia isto de mysterio, se resolveo a sahir cõ as suas badeyras, naquella forma que hoje vemos; que foy sem duvida traça divina, representada em sonhos, mas executada por este vigilante seruo, que no mesmo dia poz em campo sua infantaria, & a som nam de tambores rucos, nem de pifaros sibilantes, mas ao som brando, & suave de capellas de musicos excellentes, & da campainha, que diante hia tocando hum irmam nosso (& tal vez a levava o P. Leâm Henriques, ou algum dos mais autorizados) & com a insignia das nõvas bandeyras, que seguiam estes seus soldados; hindo elle na retaguarda deste florido exercito, com a sua cana, que era a lança mais ditosa, que a de Achilles, com que vencia a ignorancia, & triumphava do inferno. Cõ este seu esquadram, já posto em melhor ordẽ, chegava o Padre ao lugar da doutrina, & ally levantando a voz

(que a tinha elle muy clara, & muy honora) começava com aquelle seu tam solemne, & estimado principio, *Pelo sinal, da sancta Cruz, &c.* & rematava a doutrina com a confissam geral, que começava em voz alta, & dolorosa, dizendo, *Eu peccador muyto errado, &c.* entoando elle, & seguindo o auditorio, com os mesmos brãdos; acabandose esta acçam cõ repetir tres vezes, *Senhor Deos, misericordia.*

CAPITULO XLVIII.

Apontamse alguns casos particulares, & bons successos do Padre Mestre Ignacio, que alcançava, por meyo da sancta doutrina.

COm este luzido esquadram de mininos innocentes, apregoava o Padre Mestre Ignacio guerra descuberta contra os vicios, conquistando o inferno, & vencendo o diabo. Com esta sua soldadesca, fazia entradas venturosas, hũas vezes contra as Comedias, das quaes foy gram perseguidor, por causa das liberdades, cõ que naquelles tempos se faziam estas tam ociosas representações,

Da victoria q alcançou contra as Comedias.

Como poz em ordem as suas doutrinas.

o que presentindo os Comediantes, vsaram de traça, & se acolheram a sagrado, fazendo concerto, & avença com o Provedor do hospital, q̄ lhe dariam por cada Comedia hum tanto, pera esmola do hospital (que o diabo tambem se veste com capa de piedade) pera que lhes dessem franca licença, sem deferir aos embargos q̄ lhes punha o Padre Mestre Ignacio. Bem vio elle a guerra, que com este interesse lhe faziam os seus adversarios, mas nam desmayou com tal invençam, procurou logo cõtraminala, enformouse de quanto podia vir a render aquella promessa, & cõstandolhe que seria até cem mil reys, nam lhe pareceo por tam pouco preço perder tam grande victoria: offerreco ao Provedor os cem mil reys, fiado naquella Senhor, cujas partes defendia, que elle naquella anno os haveria de esmola, & que pera os annos seguintes Deos proveria. Voltando a casa com esta confiança, escaçamente tinha entrado a portaria], quando hum homem desconhecido lhe entregou cem mil reys em prata, dizendo, que certa pessoa lhos mandava por devaçam, pera elle os empregar em serviço de Deos, como fez, dandoos pera o hospital, ficando desta maneyra os pobres providos, & os Comediantes escusados.

2 Advertindo tambem o Padre Mestre Ignacio, como naquella paragem da Cidade, que chamam Corpo sancto, cõcorriam muytos estrangeyros de toda a sorte de gente, Catholicos, Hereges, soldados, & marinheyros; pondo em ordem a sua luzida soldadesca; entrou, & conquistou aquella praça, levantando a bandeira da sancta doutrina em hum lugar eminente, á porta da ermida de nossa Senhora da graça, que até o dia de hoje nos faz ally muy bon gasalhado, porque em todas as semanas, em hum certo dia, ally acode a sancta doutrina a continuar a boa posse daquella praça, que se ganhou, pela sancta industria do Padre Mestre Ignacio, com grãde fruyto dos ouvintes, porque todos a cudiam á doutrina; & os que senam aproveytavam, pelo menos se confundiam.

3 Outro lugar havia em Lisboa, que o diabo tinha conquistado, no qual se tinha feyto muyto forte, & era outra praça mayor, qual he a ribeyra desta Cidade, povoada de grande chusma de gente rude, que esquecida totalmente das cousas de sua salvaçam, se emprega toda na lambugem do ganho temporal. Aqui concorrem toda a sorte dos que chamamos ribeyrinhos, marãos, moços do sacco, da sey-

Como levou a doutrina ao Corpo sancto.

O successo que teve com a doutrina na ribeyra.

rinha, & outros de semelhante feytio; & o peor he, que aqui se avezam ao mau costume de lançar mam das bolsas alheyas; & se tem esta paragem em Lisboa por huma feyra da Ladra, & seminario de formigeyros, que ao diante se vem a graduar em famosos officiaes; entrou pois nesta praça o Padre Mestre Ignacio com venturoso successo, & a rendeo à sancta doutrina, arvorando, & desenrolado nella seu estendarte real. Teve o bõ Padre ao principio muyto trabalho em ajutar estes trabalhos opvintes, porq̃ maistratavam do vintem, em que traziam o olho por interece, que da veronica de chumbo, que o Padre lhes offerecia por premio; & assim lhe era necessario (pera os trazer a ouvir a sancta doutrina, ou por bem, ou por mal) mandar lhes tomar os chapèos, & carapuças, que se metiam em hum sacco, & se entregavam a hum fiel depositario, em quanto assistiam à doutrina; & depois se restituia, com toda a fidelidade, cada peça a seu dono, assistindo o bom Padre com toda a diligencia, a esta distribuiçam, & entréga.

4 Mas dahi a pouco se lhe fizeram mais domesticos estes seus ouvintes, & acudiam de sua livre vontade, sem ser necessario penhoralos. Daqui se seguiu hum grande fruyto; porque àlé

de aprenderem a doutrina, que d'antes nam sabiam, dèram em ser muy fieis no alheyo, que d'antes apanhavam; & os que eram mais costumados a achar bolsas antes de se perderẽ, dally por diante as restituam depois de perdidas, se a caso as achavam, como algumas vezes succedia; & tal houve que achando huma bolsa com hum anel de preço, & setenta & sete cruzados em ouro, a levou ao Padre pera a publicar, & pera se dar ao dono, cousa q̃ foy muyto estimada, & festejada, por quanto este moço era conhecido por grande formigueyro, & mais avezado a tomar bolsas alheyas, que a restituir as achadas; julgando todos este por hũ dos grandes milagres do Padre Mestre Ignacio.

5 Nam paravam nestes lugares as conquistas victoriosas da sancta doutrina, porque tambem a levou aos prezos do limoeyro, aos troncos de Portuguezes, & Castelhanos, redudandolhe deste sancto exercicio, nam sòmente proveyto espiritual pera as almas, mas tambem remedio temporal pera os corpos; levandolhe grossas emolas de pam, carne, peyx, agoa; o que tudo se levava em procissam, com a bandeyra da sancta doutrina arvorada, & cõ musicas muy estremadas; & acho que sò de quartas de agoa

Do fruyto, que alcãçou com as doutrinas na rileyra.

Trabalho, que o P. tinha cõ estes ouvintes.

Como acudia aos encarcerados

passava ordinariamente o numero de duzentas, acudindo muyta gente grave, & autorizada, nam só a ver a celebridade com que se fazia este acto de tanta piedade, mas tambem a acompanhar, & ajudar obra tam sancta. Ate o Archiduque Cardeal desejou ver esta procissam, & no anno de 1588. a levou o Padre Mestre Ignacio pelo terreyro do Paço, aonde elle estava esperando, aqui parou a sancta doutrina, & pondo no cham as quartas de agoa, & os cestos de pam & carne, lhes deram huma suave musica, cousa que muyto estimou aquelle Príncipe, louvando a muyta charidade, & a boa graça do P. Mestre Ignacio, cõ que levava aquella esmola, acudindo às bocas, & recreando os ouvidos. Atè os forçados das galês hia visitar, & consolar o Padre Mestre Ignacio com os seus mininos da doutrina, levando-lhe esmolas, mimos, & outros regalos, que por sua ordem se lhes distribuiam.

6 Nam contente este facto varã com o que já tinha conquistado, & rendido à sancta doutrina dos Portuguezes, & mais gente branca; no anno de 1587. tratou de conquistar os negros, & mais gente preta, que nesta cidade he muyta, & muy necessitada da doutrina Christã: pera se isto executar cõ mais

Comfazia a doutrina aos pretos.

suavidade, chamou aos principaes das naçoens; & juntos em conclave lhes propoz o grande bem que se seguiria de ouvirẽ a doutrina, que elles muyto deviam estimar, pois todos eram Christãos. Os que foram chamados ao conselho, primeyramente mostraram boa vontade, porém reprezentaram, duas, que pareciam as principaes difficuldades; a primeyra era, que pela somana nam se podiam ajuntar, por andarem occupados no serviço de seus senhores; a segūta, que pera ser aos Domingos, & dias sanctos de guarda, lhes seria a elles de grande incõmodo, porque nos taes dias se ajuntam cada huma das naçoens por sy em seus bayros; & pera se aliviarem do trabalho da somana, gastam as tardes em suas festas, & baylos (porque os criados, & em especial os escravos trabalham pela semana, mas querem folgar ao Domingo) porém nam obstantes estas difficuldades, se assentou nesta consulta (na qual o Padre Mestre Ignacio prezeidia) q̃ cada Domingo fahiriam a doutrina sineo naçoens, & como eram por todas vinte, as que entam havia em Lisboa, ficavam no mez cahindo hum Domingo pera a doutrina, & tres Domingos, & os dias sanctos lhe ficavam livres, pera suas recreaçõens.

Conselho q̃ fez com os pretos.

7 Consultado o negocio

nesta forma, ordenou o Padre por via destes mesmos seus mayores, que em hum Domingo dos seguintes fariam huma procissão à Igreja do hospital del Rey, aonde por remate se ordenaria o negocio, & se assentaria, & tomaria a ultima resolução. Assim succedeo, & acudiram a esta Igreja mais de mil pretos: junto todo este luzido exercito de negros, branqueados com a augoa do sancto bautifino, & repartidos com doze bandeyras: depois de recolhidos na Igreja, o Padre Mestre Ignacio do pulpito lhes fez sua pratica, falando-lhes a seu modo, & quasi pela sua lingoagẽ, pera que melhor o entendessem; que hum varám sancto, ainda que seja sabio, também sabe fingirse ignorante, quando obriga a charidade; como Sam^a Paulo, que dizia, *Factus sum insipiens, vos me coegistis.* Ally lhes deo conta do que estava assentado, cõ os seus principaes; & perguntandolhe se eram cõtentes do que lhes propunha, acerca do Domingo, em por turno haviam de vir? Responderam todos com grande alegria, & alvoroço, & com outros vivas, & sinaes de festa, feytos a seu modo, que eram muyto cõtentes; com isto se acabou a solemnidade d'aquelle dia; & assim nesta forma, & bem ordenada disposiçam, continuáram muytos annos, acudindo à san-

ta doutrina; & fora grãde obra de misericordia, se ainda continuasse este bom costume; que Deos nosso Senhor, igualmente abre o céu pera os pretos de Ethiopia, & pera os brancos de Europa.

CAPITULO XXXIX.

Das traças que tomava pera ensinar, & trazer os mininos á doutrina: de hum caso de muyta edificaçam, que lhe succedeo com o Cardeal Alberto: & das cantigas, que compunha pera os mininos cantarem na doutrina.

I Era o Padre Mestre Ignacio sabir com este sancto intento, usava de todos os meynos, que sua muyta charidade lhe inventava; pera os mininos estudarem de melhor vontade as oraçoens, & os dialogos da cartilha, & acudirẽ com diligencia á doutrina, lhes buscava, & dava premiosinhos, contas, veronicas, & semelhantes cousas de devaçam (que a vista do premio, posto que seja pequeno, excita ainda os velhos, & esperta os de menos idade) pera ter sempre que lhes

Do s premios que dava aos que respõdiam na doutrina.

^a
Ad Corint.
2. C. 12. N. 11

dar alcançou huma esmola nos Almasens de hũ tanto de chũbo, do qual mandava fazer as veronicas, humas pequenas, & outras grandes; & entre ellas havia humas do tamanho de hũ patacã, que tinham de huma parte hum Christo crucificado, & da outra huma imagem da Conceyçam da Senhora, & estas eram de grande estima, & nam as dava senam a que muy bem as merecia: contentandose a gente naquelle tempo de ouro, cõ trazer veronicas de chũbo; as quaes posto que andam agora melhoradas na materia, por isso andam atrazadas na veneraçam; que atè isto tem o tempo depravado, mudando em ostentaçam de enfeytes, o que os Sanctos inventaram pera exercicio de devaçam; & tomando pera atavios de vaidade os melmos instrumentos da piedade.

2 Com a mesma confiança com que dava huma veronica de chumbo, offerencia humas contas de carvã (que assim chamavam às que mandava fazer, dandolhe por muy pouco dinheyro muytas duzias) estas repartia pelos mininos, & tal vez as dava aos mais ricos, & mais illustres. Contarey neste particular hum caso de estranha edificaçam; estava elle hũa vez fazendo a sua doutrina no terreyro do Paço, nas escadas aonde hoje se alloja a compa-

nhia, que està de guarda; assistia na janella (em que os Governadores deste Reyno custumavam ver as festas daquelle terreyro) o Cardeal Alberto, filho do Emperador Maximiliano, Archiduque de Austria, & irman de tres Emperadores, (Rodolfo, Matthias, & Fernãdo) Principe dignissimo dos estados de Frandes (o qual entam governava este Reyno) porẽm estava recolhido dentro com as vidraças corridas, de tal maneyra que elle via, sem o verem. Chegou o Padre Mestre Ignacio pelo discurso da doutrina a hum passo, nelle muy uzado, q era perguntar a todos se tinham contas? E em prova da devaçam da Senhora, fazia com o auditorio, que cada hum sahisse a publico, fazendo mostra, & dãdo conta de suas contas; & era neste particular tanta a confiança do Padre, & tinha ordinariamente tam bons successos neste seu alardo geral, que com todos entendia, & nenhum se lhe escusava de mostrar as suas contas, havẽdo por vezes muyta festa no auditorio, em rezã da boa graça com que o Padre entendia, atè cõ os mais graves, que por medo, ou por vergonha traziam, & mostravam contas.

3 Foy elle desta vez fazendo sua resenha; & perguntando pelas contas, chegou com os olhos ao lugar da janella, aõde

Assistia o Cardeal Alberto á doutrina.

Como perguntava pelas contas.

Das cõtas que dava.

sabia que estava o Cardeal, & com a mesma confiança, entendendo com elle, lhe pediu, que quizesse tambem sua Alteza, honrar aquelle auditorio, mostrando suas contas, pois tambem era devoto da Senhora; & vendo que lhe nam respondiam, virandose pera o povo, disse: parece que nos nam quer mostrar as suas cõtas ricas; & logo chamou hum minino da doutrina (que estes eram os seus embaxadores) & lhe poz sobre o chapèu hũas das suas cõtas de carvam, dizendolhe que fosse affirma, & que de sua parte as offercesse a sua Alteza. Sahe logo este anjo da embaxada, sobe as primeyras escadas, atravessa a sala dos Tudescos, passa por todas as mais escadas, salas, & corredores, vee quãtas guardas costumam assistir nas portas reaes, entra dentro da camara, aonde estava o Serenissimo Principe, poem o joelho no cham, & na alva do chapèu lhe offerceo as contas de carvam; recebeo as o Christianissimo Cardeal, & com a confiança de Principe, fez logo abrir a janella; & mostrandose ao auditorio, deytou o braço fõra, mostrando ao povo as contas da sancta doutrina, q̃ o Padre Mestre Ignacio lhe mādou. Cõ a vista de acçam de tanta christandade, foy grande o applauso no auditorio; levantando todos hum grande viva,

nam menos ao Principe, que ao Padre: a este pela sancta confiança, ao Principe pela grande piedade.

4 De outras muytas sãctas traças uzava pera trazer contentes os mininos, & pera os fazer tomar de cõr a doutrina; hiaos buscar às eschõlas, falava com os mestres, a estes tinha muyto de sua parte, davalhes o modo, & direçam, por onde havian de doutrinar aos discipulos, fazendolhes todos os dias ensinar as oraçoës, entoandoa dous delles em voz alta, & repetindo logo todos; & pera que os mininos fugissem de musicas desonestas, fez compor, & elle mesmo compoz algumas cançoens espirituaes, & cantigas devotas, que andam no fim da Cartilha; as quaes ainda q̃ nam sam as que estimam os cultos, sam as que prezam os Sanctos; & estas lhe fazia tomar de cõr, & lhas fazia cantar de dia, & de noyte; que assim lemos d'aquelle grande Padre Gregorio^a Nazianzeno, que se occupava em compor versos, & escrever poemas, nos quaes metia os mysterios de nossa sancta fé, pera cõ este mel de poesia adoçar a curiosidade aos de menos idade, & resistir à impiedade do Apostata Iuliano; julgando hum tam grave Padre ser esta obra digna de suas cans, & de sua autoridade; pelo bem que d'aqui

*Mãdahũas
contas ao
Cardeal.*

*Mostra o
Cardeal as
contas.*

*Das can-
tas que cõ-
punha pe-
ra os mi-
ninos can-
tarem.*

*Vide R. bad
in eius vita,
mense Maij
9.*

resultava na boa criação dos de menos idade; que na verdade, como ensina Sancto ^b Ambrosio, a Religiam a quem ser- vimos autoriza as obras humil- des que fazemos. *Totum dicit quod defertur religioni.*

5. Ordinariamēte no prin- cipio da doutrina, depois de se benzer, & dizer algumas ora- çoens, mandava cantar por dois mininos de vozes excellentes, *Todo o fiel Christam, he muy obrigado; a ter devaçam, de todo coraçam á Sã- cta Cruz, &c.* A esta cãtiga, cha- mava elle, cantiga dos Anjos, a rezam disto era a que elle con- tava muytas vezes, que eu aqui referirey. Dizia, que na India, hindo hũa nossa embarcaçam de Portuguezes, lhe deo hum forte temporal, com que obri- gada dos ventos, foy dar através sobre hum penedo; salvouse a gente no barel, & hindo todos com a morte diante dos olhos, brádando a Deos, misericordia, ouviram de repente na proa do barco huma suavissima musica, que no estrondo da tormenta, na confusam dos mares, & na escuridade da noyte, com cele- stial melodia soou de repente, dizendo, *Todo fiel Christam, he muy obrigado, a ter devaçam, de todo cora- am à Sancta Cruz.* Admirados fi- caram os pobres naufragantes, vendose recreados com musi- cas, quando hiam lidando com a morte, bradaram pela Sancta

Cruz, & logo como se aquellas vozes dos Anjos, fossem as de Christo, com que imperou aos ventos, & mandou aos mares, q se calassem, & aquietassem, *Facta est tranquillitas magna.* Amaynã- do logo a tempestade, parando o vento, & cessando os mares; q patete tambem quizeram lo- grar pacificamente aquella tam excellentē musica, que nam era dada por Seteas enganadoras, como foy a que contam dar-se a Ulysses no mar de Sicilia, mas por Anjos do cèo, no mar da In- dia; os quaes vinham nam pera enganar os pobres passageyros, mas pera salvar aquelles nau- fragantes, que livres por hum modo tam raro, depois contã- ram o caso, dando a Deos infi- nitas graças, que em tal hora nam sò lhes acudio com o re- medio, mas tambem os recreou com musicas.

6. Este successo contava muytas vezes o Padre Mestre Ignacio, & parece digno de to- do o bom credito, pois o affir- mava hum varã de tanta au- toridade, o qual singularizava todas as mais circunstançias, q eu aqui nam ponho, porquē nam vieram a nossa noticia, po- sto que o referido lhe ouviram contar muytas vezes pessoas de grande verdade, & autoridade, que a mim não disseram. De sorte que os mesmos Anjos do cèo lhe celebravam as suas cã-

b
Amb. l. 2. de
penit. c. 6.

Da cãtiga
dos Anjos.

c
Mar. 4. n. 39.
Cominatus
est vento, &
dixit mari,
tace, obmu-
tesce.

*Livra Deos
a hũs nau-
fragantes
por meyo
milagroso.*

tigas da doutrina de Lisboa, ainda em lugares tam remontados, & lhas punham em melhor solta, & as tomavam por instrumento para obrar favores milagrosos.

De outro caso, em q parece que hum Anjo lhe assistio

7 · Esta sua cantiga The celebraram os Anjos; vejamos outra, que parece lhe ensinaram, ou emmendaram os mesmos Anjos. Entre os môtetes, que andam na cartilha, o primeyro dos quinze mysterios, tinha elle composto desta maneyra, *Virgen sagrada, madre de Dios, quien en el mundo, tal como vós? Del Angel Gabriel, fuistes annunciada, y hablando con el, quedastes preñada, del hijo de Dios, &c.* Porém nam lhe soava bem, nem lhe contentava aquella palavra, deste ramo, *Quedastes preñada*, porque posto que explica o mysterio, com tudo desejava elle outra, que dissesse mais com a pureza da Virgem purissima, & com a modestia de suas palavras.

8 · Com estes pensamentos andava lidando (porque estes eram os seus cuydados) porém por mais vezes, que mordias as unhas, & tornava o verso à lima, como aconselhava o mestre da Poesia, ^d nam havia remedio ocorrerlhe outra frase. Hindo elle hũa vez pera entrar em Sam Roque, vindo de fazer a doutrina, & ocupado todo nesta lida, se chegou a elle hum

^d
Hor. in arte
Poet. Et ma
lè tornatos
in cudè red
dere versus

minino de muy fermoso aspecto, & puxãdolhe pelo manteo, lhe disse, *Padre Mestre Ignacio, Quedastes morada del hijo de Dios.* Aquietou logo o pensamento, que tam cansado andava, buscando aquella emmenda, que o minino lhe dava, a qual notavelmente lhe contentou, ficando igualmente satisfeyto da palavra, & admirado do corrector, no qual logo reparou, pois parecendo minino, lhe sabia os pensamentos, & lhe emmédava os versos; & buscãdoo logo pera em satisfaçam de tam boa obra lhe dar hum premio, como costumava aos d'aquella idade; desapareceo o minino, & nunca mais o vio; entendendo que era Anjo, o que naquella figura viera servir à Rainha dos Anjos; emmendou o verso, ficando muy consolado por ver quanto à sua conta tomava a Virgem purissima ajudado, por elle andar tam occupado em doutrinar aquelles innocentes, que parecendo

mininos, podem ser

Anjos.

(2.)



CAPITULO L.

De alguns casos admiraveis, que Deos obrou por meyo das vozes, & das doutrinas do Padre Mestre Ignacio: & de outros casos, que parecem milagrosos, que lhe socederam nas mesmas doutrinas.

Iste grande zelo do Padre Mestre Ignacio, aquelles sanctos brados cõ que começava a doutrina, o remate tam devoto com. que se acabava; aquellas musicas dos seus innocentes com que hiam cantando, na doutrina, soaram tanto pela cidade de Lisboa, q̃ as tomou Deos por instrumento de grandes obras, & de notaveis casos: muytos podera cõtar, apontarey só dous, seja este o primeyro. Hum homem desfalmado, & de ruim vida, furtou já de noyte huma molher honrada, no campo de Sancta Barbara, & ally com infernal intento a meteo naquelle mesmo lugar, aonde costumam justicar os ladroens, & malfeytores, merecendo elle tambem este nome, & semelhante castigo; gritava a pobre molher, sem haver

Cõversãõ de hũ peccador mo-vido milagrosamente com a voz do P. M. Ignacio

quem lhe valesse a tal hora; senam quando naquelle triste, & maligno lugar ouvio o sensual clara, & distinctamente a voz do Padre Mestre Ignacio, entoando aquelle seu tam solemne principio das doutrinas, *Pelo final da Sancta Cruz*: & logo escutando mais, com novo sobrefal- to, lhe pareceo que ouvia repetir ao mesmo Padre a confissam geral, em altas vozes, dizendo, *Eu peccado, muyto errado.*

2 Estremeceo o miseravel peccador com o estrondo deste repentino, & divino trovãõ; & da maneyra que o poderoso brado de Christo eterno Deos fez saltar fóra da sepultura a Lazãro, preso, & enterrado; assim a voz do Padre Mestre Ignacio, que milagrosamente retumbou a taes horas, & em tal lugar, de tal maneyra penetrou a alma do desfalmado, que logo o fez sahir fóra daquella triste, & medonha sepultura, solto das cadeas da sensualidade, deyxãdo a preza cõ mayor pressa do q̃ foy a cõ q̃ a furtãra, chorãdo toda a noyte, & considerando o meyo que Deos tomãra pera sua salvaçam; veyo ao outro dia a Sam Roque, contou o caso, confessou se com muytas lagrimas, mudou d'ally por diante a vida, ficando todos admirados da virtude, da voz do Padre Mestre Ignacio, a quem aquella molher deveo a honra,

^a
Ioan. c. 11.
n. 44. Satim
prodiit qui
fuerat mor-
tuus ligatus
pedes, &
manus infir-
mitis.

com que ficou, & o homem a vida que emmendou.

Como acudio a outra peccadora.

3. Semelhante a este foy outro caso, que socedeo na mesma cidade a huma molher noble, que morava na rua nova; estava ella huma noyte a deshoras com a porta aberta, vigiando, & esperando a occasiam de lua perdiçam; & melhor vigiava, & esperava Deos a hora em que a havia de converter; ouvio ella neste comenos grande tropel de gente que passava pela rua: nam sabendo o que podia ser, acode com grande pressa à janella, & representou selhe que ouvia, & que via hir passando pela rua o Padre Mestre Ignacio com a doutrina, acompanhado da procissam dos seus mininos, os quaes hiam em voz alta entoando aquella sua tam repetida cantiga da cartilha, *Temey peccadores o justo Iuiz, &c.* Em ouvindo estas vozes (que tambem milagrosamente soaram aquellas horas) assim tremeo aquella peccadora, como se verdadeyramente ouvira a voz temerosa de Christo, seyto Iuiz rigoroso, que a estivesse julgando, & pedindo conta de seus peccados. Logo fechando a porta aos homens, a abriu pera sempre a Deos, e amhecendolhe, depois daquella tam temerosa noyte, o alegre dia da graça. Veyo tambem

a Sam Roque, contou o caso, confessou se, & emmendou se; ficando todos entendendo deste caso, que quando Deos quer, com vozes imaginadas, causa conversoens verdadeyras.

4. Destes casos poderiamos referir muytos, nos quaes Deos tomou por instrumentos a estes seus innocentes mininos da doutrina, pera converter a peccadores do mundo. E como este bom Padre entendia quanto Deos estimava a innocencia d'aquelles seus Anjinhos, era notavel o amor que lhes tinha, à imitacão d'aquelle^b Senhor, que dizia, *Sinite parvulos, venire ad me*, porque destes he o Reyno do Céu. Com o amor, que lhes tinha, & cuydado de seu bem, obrigava aos payz aos deyxarẽ vir à doutrina, & os affeyçoava a elles pera sempre o queressem seguir, & acompanhar, por chuvas, & por calmas. Ainda hoje (quando isto escrevo) vive em Sam Roque hum Padre antigo, muy grave, & muy autorizado (que sendo irman, muytas vezes o acompanhava nas doutrinas) o qual apertando huma vez com alguns dos mininos, pera que estivessem quietos na doutrina (cousa tam difficultosa naquella idade) o Padre Mestre Ignacio lhe perguntou, que he isso irman, de que vos agastaes?

Como amava, e tinha cuydado de mininos da doutrina.

b
Matt. c. 19.
n. 14. Sinite parvulos venire ad me, talium est enim regnum caelorum.

(que

(que na verdade nam ha paciência que baste pera sofrer suas inquietações) respondeo elle: Padre nam se querem a quietar estes rapazes: nam lhes chameis rapazes, aos mininos (lhes disse o Padre Mestre Ignacio; que parece tinha o mesmo espirito d'aquelle divino Mestre, que foy a mam aos discipulos, quando elles tambem se agastavam contra os mininos; dizendolhes o Senhor, que os deyxassem, & lhes nam fossem a mam.

5 Conforme a esta benevolencia era o cuydado que tinha delles, & com que lhes acudia em seus perigos. Estando huma vez fazendo a doutrina no Corpo sancto, no seu lugar ordinario, sobre a escada de nossa Senhora da Graça, se soltou de repente huma mula, & tomou correndo pera o lugar onde estavam os mininos da doutrina, atropelando a hum, que ficou quasi morto, & por tal o levaram pera casa de seus pays. Acabada a doutrina, vayse o Padre Mestre Ignacio, com grande cuydado a ver o seu minino a sua casa, sobe pela escada, acha os pays em hum pranto desfeyto, chorando o filho por morto: acode o Padre com aquellas suas ordinarias palavras, *Nam he nada, Sancto Antonio, Sancto Antonio*; & logo deytando a bençã ao minino, disse aos pays que nam cho-

rassem, que nam havia de morrer, que cedo tornaria a doutrina: o Padre o disse, & Deos o confirmou; porque melhorou logo, & dally a dous dias se levantou sam; & valente, & tornou a doutrina: julgando todos o caso por milagroso, & entendendo que o Padre Mestre Ignacio autorizava com obras maravilhosas o que ensinava com palavras sanctas; como succedeo a Sam^d Paulo; que acreditou a doutrina do sermã, que fazia, dando a vida a outro moço, que cahio, & morreo estãdo o Apostolo prégando; porque nam era bem que tivesse poder a morte temporal, sobre quem estava ouvindo as palavras de vida eterna.

6 Outra vez hia com a doutrina pela rua nõva de Lisboa, passou hum coche, & levou debayxo das rodas a hum dos mininos que o acompanhavam: bem se deyxã ver qual ficaria huma criança com semelhante perigo; gritaram todos os que se acharam presentes, acudio o Padre Mestre Ignacio ao seu minino, tomou nos braços, consola os presentes, dizendo que nam hera nada, que Sancto Antonio acoderia; & na verdade sendo o desastre mortal; nam foy nada, porque dos braços do Padre Mestre Ignacio sahio o minino sam, & por seus pés se foy pera casa, que de taes

c
Matt. c 19.
n. 14. Simi-
te paruulos,
& nollite
eos prohibere.

d
Act. Apo.
stol. cap. 20

Dã saude
a outro mi-
nino.

Como acudio,
& deo saude a hũ
minino.

braços nam podia deyxar de sair com tam boa saude, mostrando Deos q̄ punha os olhos naquelles, em quem tal mestre punha as mãos.

7 Em cada huma destas duas vezes acodio o Padre M. Ignacio a hum sò minino, em outras muytas valeo a muytos; vinha elle com a sua doutrina das portas de Sancta Catharina, & encaminhou pela calçada de Pedenavaes abayxo, eys, q̄ toma pela mesma costa abayxo hum cavallo desenfreado, sem se poder conhecer quem era o cavalleyro, & foy correndo pelo meyo dos mininos, saltando, & atropelando quantos achou diante; desapareceo o cavallo, & nam se vio mais o cavalleyro, dando se parece por satisfeyto o commum inimigo com deyxar a procissam desfeyta, a doutrina perturbada, & muytos dos mininos pizados, & magoados: mas nam pode resistir o poder infernal contra a charidade, & zelo de tal mestre; acodio elle com a sua boa graça; nam he nada, *Inimicus homo hoc fecit*, pegou pela manõ de cada hum dos que estavam cahidos, levantaos em pé, ficando todos sem lezam alguma, quando se cuydava que muytos ficariam mortos; que por derradeyro nam montam traças do inferno, aonde prevalecem poderes de hum varã

Sancto.

8 Outra vez estava com a sua doutrina na Ribeyra de Lisboa, & de repente avisou aos mininos, & a mais gente do auditorio, que despejassem do lugar, aonde estavam, & se passassem pera outra parte, mudou se a gente (sem saberem o fim que tinha semelhante novidade) mais por obedecerẽ ao Padre, que por arrecearem algum perigo. Escaçamente estavam mudados, quando cahe no mesmo lugar huma janella, do mais alto de humas casas, que sem duvida com seu grande pezo, ou mataria, ou ao menos trataria muyto mal aos que tomasse debayxo; ficando todos entendendo, que manifestára Deos a seu servo este perigo, pera por sua via livrar a seus ouvintes, que nam era bem que perigassem em semelhante acçam: mostrando o Senhor, quam cuydoso estava d'aquelles, que descuydados de sy, punham o cuydado todo em assi-

stir à sancta dou-

trina.

(?)



Como previo, & a-
vidio em
hum grã-
de perigo.

Como acodio a outros mininos.

CAPITULO LI.

*Referemse outros semelhantes
successos: & do cuydado cõ que
ensinava os mininos da doutri-
na, em especial a devaçam
do Sanctissimo Sa-
cramento.*

I Ontemos outros
casos semelhantes
aos que vimos no
capitulo passado,
nos quaes Deos mostrou quan-
to estimava o sancto exercicio
da doutrina, em que o P. Mestre
Ignácio se ocupava; & tambem
veremos neste capitulo a grãde
devaçam que tinha ao Sanctis-
simo Sacramento do altar.

2 Hũa mulher pobre, mas
honrada, & recolhida, que vivia
em Lisboa, tinha por devaçam
hir todos os annos em certo
dia, descalça a nossa Senhora da
Luz, que dista da cidade huma
legoa; & pera comprar melhor
com esta sua romagem, costu-
mava atomala muyto de ma-
drugada. Socedeo que recolhê-
dose à noyte, com pensamento
de se levantar muyto cedo, para
comprar sua devaçam, acordou
pelas onze horas, & porque fa-
zia luar, cuydou que já era tem-
po de caminhar (como tal vez
socede aos que tratam de ma-

drugar cedo pera vencer jorna-
das, os quaes cõ a imaginaçam
de espertar antes da madrugada,
se levantam pela meya noyte,
cuydando que he já alto dia.

3 Com este engano fshio
de casa esta mulher, & chegan-
do a S. Sebastião da Pedreyra,
que he já hum pedaço fóra da
cidade: eys que ouvê o relógio
que dava meya noyte, & logo
cahiõ no engano da sua madru-
gada; mas se ficou defenganada,
tambem ficou sobrefaltada, vê-
dose a taes horas fóra de sua ca-
sa, para onde não podia voltar
sem perigo, ausente do Templo
da Senhora, pera onde nam ou-
zava continuar o caminho, pelo
medo que a solidam do lugar, &
o silencio da noyte lhe causa-
vam. Resolve se emfim em se re-
colher, & encostar a huma por-
ta, para ahi esperar o dia, enco-
mendãdose de todo o coraçam
à Virgem Senhora da Luz, fi-
cãdose mais nas luzes desta
divina aurora pera a defender,
que nas do luar que a enganára.
Agora veremos como o diabo
pretendeo tentar esta pobre
mulher, & como a Senhora tra-
tou de a emparar.

4 Naquelle mesmo tem-
po passou por alli hum fidalgo
à cavallo, o qual por sua muyta
devaçam se recolhia da casa do
jogo áquellas horas, & se hia pa-
ra huma sua quinta (que destas
antipodas do tempo nunca fal-

*Como o di-
abo pretê-
deo enga-
nar esta
mulher.*

*Devaçam
de hũa mo-
lher a N. S.
da Luz.*

tam muytos em Lisboa) este vendo a molher lhe perguntou, quem era, & que fazia em tal paragem, & a tal tempo? Contoulhe ella com toda a sinceridade o sucedido. Nam quiz o jogador perder o lanço, nam de ganhar, mas de enganar esta pobre: começa a persuadila que se ponha no mesmo cauallo, pois nam ficava ally bem, & que lhe dava sua palavra de a pôr á porta de nossa Senhora da Luz. Nam pode ella tomar outro cõselho em tal aperto: & assim obrigada da violencia que se lhe fazia, & da palavra que se lhe dava, encomendandose de novo á Senhora da Luz, começa a caminhar com o fidalgo, que com danado intento, tomou pera a sua quinta.

5 Senão quando ouvẽ ambos, clara, & distinctamẽte a voz do Padre Mestre Ignacio, & a musica da sua doutrina, que por aquelles campos, no silencio da noyte, melhor soava. Hia o fidalgo caminhando, & cada vez se chegavam mais a elles aquellas vozes: atè que no meyo deste espanto, & suspẽsam de cousa tam nõvo, temendo que o Padre M. Ignacio o encontrasse com aquella presa, fez decer a molher, & lhe disse que o esperasse, atè hir primeiro atalayar o campo, & saber aonde hia, ou q̃ pretendia o Mestre Ignacio com sua doutrina por aquellas estradas,

à meya noyte.

6 Hia o fidalgo andado, & cada vez ouvia que a musica da doutrina se lhe adiantava; quanto mais apressava o passo, tanto mais lhe fugiam as vozes, ouvindo, mas nam vendo, porque igoalmente lhe cãtavam, & lhe fogiam: atè que despois de caminhar hum bom espaço, deyxado de ouvir a musica, tornou atraz confuso, mas nam arrependido; maravilhado do que ouvira, mas nam mudado do que intentara: porẽm por mais voltas que deu pera achar a molher q̃ cuydava o esperava, ficou frustrado de seu ruim intento, porq̃ ella inspirada por Deos, & animada com a musica do Padre Mestre Ignacio, que a taes horas ouvio, voltou atraz com grãde pressa, & teve bom espaço pera o poder fazer à sua vontade.

7 Quando o fidalgo vio o successo, cahio em si, entendeu o lanço deste novo jogo, em que Deos o quiz ganhar, conheceo o mysterio das vozes do Padre Mestre Ignacio, a quem Deos por sua altissima prudencia tomara por instrumento pera atalhar seu peccado, & pera defender a honra daquella devota molher: teve elle entam o caso por milagroso, & ao outro dia o cõtou a varias pessoas, que com todas estas circunstancias o referiram a muytos Religiosos

nosso

Como se ouviam de noyte as vozes do P. M. Ignacio.

Traça que Deos tomou pera converter este homẽ.

nosso de grande authoridade, os quaes tambem diziam o nome deste fidalgo, que por justos respeitos agora calamos; dando todos graças á Virgem Sanctissima, pela que Deos comunicou às vozes do Padre M. Ignacio, que não sò de dia ensinavam mininos, mas de noyte convertiam peccadores; & com tam novo successo, que o que muytos prègadores nam podiam fazer pregando em vigia, acabava o Mestre Ignacio quãdo dormia; principalmente que nam devia a Senhora da Luz faltar com divinas lazes a quẽ até de noyte a buscava.

8 Muytos casos semelhãtes pudemos cõtar, nos quaes Deos tomou por instrumentos de celestiaes favores as vozes do Padre Mestre Ignacio, & aos seus mininos das doutrinas, aos quaes ensinava com admiravel cuydado, pera que soubessem fugir toda a sorte de peccado, & a prender as virtudes, que sam proprias daquella idade: nam permitia que houvesse entre elles quem se atreuesse nẽ a peleyjar, nem a mentir, nem a jurar, & se algum nisto faltava logo se hiam hũs ao emmẽdar, & outros ao accusar ao P. Mestre Ignacio, como indigno da honra do titulo de minino de doutrina, & de discipulo de Mestre Ignacio, o qual com huma paternal affabilidade dava

suas penitencias aos culpados, & tambem premios aos exemplares. Nam sò lhes ensinava quẽ nam jurassem, mas tambem que quando vissem outras pessoas de mayor idade jurando, pondose de joelhos diante delles, se assim fosse necessario, com muyta sogeyçã, & modestia lhes pedissem pelo amor de Deos que nam jurassem; & faziamno elles com tam boa graça, que muytos envergonhados de tal erro, & agradecidos a seus correctores, nam só se emmendavam, senam que tambem os apremiavam; mas nam faltavam tal vez outros, que levados da colera cõ que tinham jurado, sofrendo mal a emmenda, feita por hum minino, em lugar do premio, o serviam de bofetadas, aceytando os mininos de melhor vontade estas bofetadas, do que os juradores recebiam os avisos.

9 Era porẽm passo muy engraçado, & muyto pera ver, quando na doutrina sahiam estes mininos muy contentes, & triumphando de prazer, contando os successos que tiveram nestas suas aventuras de reprehensões de juramentos, allegando hũs a bofetada que levaram, outro a pescoçada que o alcançara, & tambem mostrãdo os premios que tiveram; & pera o Padre de novo os apremiar eram necessarias certas teste-

Como emmendava os juramentos.

Grande cuydado cõ que ensinava os mininos.

munhas,

munhas, que contestassem com o que contavam, das quaes com muyta graça o bõ Padre se fazia enqueredor, até q̄ repartiam os premios pelos que melhor mereciam.

Como Deos confirmou este bõ costume.

10 E porque não faltaram algũs prudẽtes do mundo, q̄ reprovavam estes avisos, q̄ os mininos davam aos homẽs que juravam, julgando que era grãde imprudencia permitir, antes ensinar tal atrevimento a moços de pouca idade, que nam sabem circunstanciar semelhãtes acçoẽs, parece que quiz Deos mostrar quãto as aprovava, cõ muytos casos q̄ succederam, q̄ a piedade da gẽte teve por milagrosos; hũ sò quero aqui brevemente referir. Em hũa casa de jogo se achou hũ fidalgo, o qual levado do impeto da colera, por lhe nam socederẽ bẽ os lanços, começou a jurar cõ grãde soltura; entra subitamẽte pela porta hũ minino muy bem estreado, põe-se diante de todos de joelhos, levãta as mãozzinhas ao ceo, & com voz composta, gesto sereno, & sembrante muy comedido, pede ao fidalgo q̄ nam jure, porque nem por jurar muyto avia de ganhar mais.

11 Ficou o fidalgo nam sò envergonhado por se ver enmẽdado de hũ minino, mas admirado da modestia, beleza, & gentil modo do seu emmendador: perguntalhe: *Filho, quẽ he vosso pay? Co-*

mo vos chamam? E aonde morais? Ao q̄ o minino respondeo estas formaes palavras: *Para vossa mercẽ se emmendar pouco monta saber quem eu sou, basta dizerlhe que sou minino da doutrina do P. M. Ignacio.* Em dizendo isto, toma a porta, desce a escada, sahe-se da casa do jogo. mãda logo o fidalgo hum seu escudeiro, q̄ figa aquelle minino, & em todo caso lhe sayba quẽ era, deseando louvalo, & apremialo: desce o criado a toda a pressa, & seguindo o minino, de repente lhe desapareceo; torna maravilhado a dar rezã de si a seu amo, o qual admirado cõ os mais circũstantes pelo que viram, & pelo q̄ ouviram, se persuadiram todos que era algũ Anjo do ceo, q̄ Deos ally mandara para emmẽdar o fidalgo, & authorizar a doutrina; q̄ sò hũ Anjo do ceo podia cõ tam angelico sembrãte apparecer, pera emmendar juramentos, & desaparecer pera fugir louvores.

12 Entre as cousas, que cõ particular cuydado o P. M. Ignacio ensinava na doutrina aos mininos, era a devaçã ao Sanctissimo Sacramẽto. Elle foy o q̄ introduzio aquelles sãctos costumes de acõpanharẽ os mininos o Sanctissimo Sacramento, quando o levam a algum enfermo; & a reverencia que os fieis lhe fazem ouvindoo nomear, tirando os chapeos, com outras demonstraçoens de veneraçã.

Como ensinava a devaçã ao Sanctissimo Sacramento.

CAPITULO LI.

Apontamse dous notaveis casos que socederam ao Padre Mestre Ignacio, com hum peccador, que converteo, & com hums Comediantes, que repredeo.

I Om estas obras prodigiosas, com este grande zelo, com que perpetuamente acudia aos carceres, aos hospitaes, & às Galès, que entam havia neste rio, alcançou tam grande nome o Padre Mestre Ignacio, que era tido por pay vniversal de todos os pobres, & miseraveis, buscando esmolas, & remedeão a todos, & tudo com tam boa graça, & com tam boas entradas, que parece que tinha a gente por beneficio particular conceder lhe as esmolas, que pedia, & que elle tinha por gloria, alcançar as conversoens que desejava.

2 De muytas pudéra contar muyto, as quaes elle pretendia, buscava, & alcançava de proposito, só fallarey em huma conversam, ou mudança de hū peccador, que elle alcançou a caso, posto que a respeyto de Deos vinha muyto de cuydado. Sahio elle huma vez da Sã-

chritia de Sam Roque, chamado pelo Irmam Sanchristam pera hūa confissam, & encontrando com certo homem, que na Igreja de Sam Roque estava de joelhos, lhe perguntou se se queria confessar? Parecendo-lhe que aquelle era o q̃ o chamava. Andava este homem havia tempos muy embaraçado, & atribulado em sua consciencia, & ouvindo a pergunta do Padre Mestre Ignacio, ficou de todo enleado; parou hum pouco sem saber responder; porêm como ordinariamente semelhantes consciências difficultam os Sacramentos, a resposta foy dizer; Padre eu nam me quero confessar, ainda que tinha bem necessidade de o fazer. Pois, senhor, se a tendes (disse o Padre) com aquella sua boa graça, facilmente vos darey remedio, aqui logo vos confessarey, & ficará essa alma aliviada, & côsolada.

3 Vendo este pobre peccador a facilidade, & boa vontade com que se lhe offerencia tam grande bem, queria por huma parte lançar mam do que sē elle o pretender lhe trazia Deos a casa, mas por outra parte a consciencia carregada com o grande pezo dos peccados, o nam deyxava sahir da luta interior, que o Padre bem alcançava, & como bom medico o hia animando, entrando tam-

Como o peccador resistia à graça.

Notavel cōversam de hū peccador.

bem a graça divina, por meyo das palavras suaves, & brandas amoeftaçoes, com que o Padre o hia dispondo: alto, senhor, lhe dizia, confessemonos, que eu pera vos confessar fuy chamado, & nam me hey de hir, nem tornar de balde: instava o Padre, & resistia o peccador, foy finalmente mais poderosa a graça de Deos, que a resistencia da natureza: sim, Padre meu (lhe diz) eu nam vos mandey chamar, mas ja que Deos aqui vos trouxe, nam vos hireis sem dar remedio a esta alma.

4 Vayleentam com o P.M. Ignacio ao confissionario, lançase de joelhos, começam a correr as lagrimas, & começa a dizer os peccados; faz huma confissam geral poem diante do confessor da sua vida, dalhe conta dos embaraços de sua consciencia, com que havia annos andava aflombrado. Fica finalmente leve, alegre, & consolado; que se os homens soubersem buscar estes alivios, teriam menos tristezas, & viveriam mais consolados. Sabido em fim dos pés do Padre Mestre Ignacio, apregoa por toda a parte, que aquelle Padre era hum Anjo do Ceo, dando infinitas graças ao Senhor, que de successo tam casual trouxa tam certo remedio, pera sua salvaçam; que tambem os que levavam a enterrar o corpo do outro defunto, como a-

ponta a sagrada Escritura, bê a caso o lançaram, com pressa, & com medo dos ladroens, na sepultura de Eliseu, pera mais a seu salvo se acolherem; porèm deste feyto casual se seguiu a resurreyçam do morto, tocando os ossos do Propheta Sancto; que assim sem o pretendermos, se nos offerece Deos, & assim encontramos com seus divinos doens a caso, sem os buscarmos de proposito, que por elles serem em sy de preço infinito, & nos ficarem muytas vezes tam baratos, que sem industria nossa os achamos, se cõparam no Evangelho^b a hum thesouro achado por quem o nam buscava: & aqui tomou Deos por instrumento a este seu grande servo Mestre Ignacio, pera comunicar tanto bê ao que tam mal o merecia.

5 O caso desta conversam foy como vimos a caso, outras buscava elle muy de proposito, nam perdendo occasiam nenhuma, na qual nam procurasse evitar peccados, & introduzir a virtude, nam reparando nas mayores difficuldades, porque foy homem de grande animo: & que só punha diante dos olhos o serviço de Deos, sem fazer calo dos inconvenientes humanos. Quero em prova d'isto contar hum notavel exemplo.

6 Já disse atraz da grande guerra,

a
4. Reg. 13. n. 41. Quidam sepelientes hominē, viderunt latrunculos, & sepelierant eadaver in sepulchro Elisei, quod eū terigisset ossa Elisei reuixit homo.

b
Matt. c. 13. n. 44. Simile est regnum Cælorū thesauro abscondito in agro quē qui inuenit homo &c.

Como finalmente se tornou a

*Dã a chamada a Sa-
rabãda foy
inventada
pelo diabo.*

*a
Vide Mart.
de Roa Sin-
gul. lib. 3. c.
16.*

guerra, que sempre em Lisboa
movêd contra os Comediantes,
os quaes naquelle tempo, com
representações indecentes pro-
fanavam a honestidade Portu-
guezã. Haviam elles hum dia
de sair a primeira vez com
humã dança muy lasciva, bem
conhecida entre deshonestos,
inventada, conforme nos ensi-
nam graves Autores, dentro do
inferno, & ensinada pelo proprio
demonio, que até com baylos
engana os homens. Tinham
os Comediantes lançado ban-
do, & convocados todos os ocio-
sos da Cidade (que destes ha
infinitos em Lisboa) para lhe
hirem assistir àquella sua dia-
bolica dança. Teyve noticia
disto o Padre Mestre Ignacio
manda logo tocar caxxa, faz
conduzir sua infantaria, & pos-
ta toda em ordem, fez marchar
para o lugar da Comedia (que
então era em hum beco junto
da rua da arcas) chega a vâ guar-
da à porta, que logo se lhe ren-
deu, tem resistenciã, & começa
dentro a soar a campainha da
Santa doutrina, & a parêce lo-
go seu estandarte real. Tinha
aquelle dia concurrencia
infinita gente, pela causa
que tenho dito, occupavam o
patco todo, os bancos das varã-
dis à roda, & os camarotes, aon-
de costumavam assistir os mais
autorizados ouvintes; & ti-
nham os Comediãtes chegado

ao passo, em que no fim da co-
media haviam de representar o
entremês da dança. Ao prin-
cipio houve grande reboliço
no auditorio, quando ouviram
a campainha, & mayor ainda
quando após ella vem entrar a
bandeyra da doutrina arvorada,
entre muytos minigos que vi-
nham cantando, & rompendo
caminho por entre o grande ap-
ertam do povo; ao reboliço
da gente se seguiu mayor admi-
raçam, quando souberam, &
quando viram, que vinha na re-
taguarda o Padre Mestre Igna-
cio, cousa que nada menos espe-
ravam em tal tempo, & em tal
lugar, & suspensos com a novi-
dade do caso, hũs se espantavam
outros o estranhavam; o Padre
sem perder ponto, metido no
patco, poudo se sobre hum bãc o-
saltou vencedor no mesmo lu-
gar aonde os infernaes dançã-
tes começavam seu diabolico
entremês, como se fosse hũ va-
lente conquistador, que entre
as lanças dos defensores sal-
tava venturoso na fortaleza mi-
niga. Tanto que o Padre M.
Ignacio appareceo no alco d'a-
quelle theatro, & se vitor para
o povo, se seguiu logo hum ad-
miravel silencio, & repentina
suspensã em todo aquelle grã-
de auditorio: até os mesmos
Comediantes, discipulos de Sa-
tinãs, ficaram totalmente para-

*Entra o P.
M. Ignacio
a impedir
esta dança
infernãl.*

rados, à vista de tam novo espectáculo, largandolhe o campo; como vencidos, & subitamente assombrados das vozes, que lhe ouviam, começando, *Pelo final da sancta Cruz, &c.* Ven-lose aqui em realidade, o que os antigos fingiram do seu fabuloso Orpheo, do qual contavam que quando entrou no inferno, tanto que por aquellas tartareas cavernas retumbou a melodia de seu suave canto, pararam como encantados todos os habitadores d'aquelles carceres infernaes, as mesmas tres furias se amansaram, o mesmo Cerbero^d triface deyxou de ladrar, embebido todo com ouvir cantar. Rematouse o fim da doutrina, reprimendo o P. com hum espirito de Elias, aquella profana, & deshonesta dança; & concluindo, pedindo em altas vozes a Deos misericordia; & finalmente se sahio victorioso, deytando vencido o inferno, confundidos os Comediantes, & compungidos os ouvintes, q̄ tornaram da comedia cõtritos, entrando nella distrahidos; achado a salvaçam, no lugar da perdiçam, & confessando todos, que mais tiveram que ver em hum sò Padre Mestre Ignacio pregando, que em muytos Comediantes representando.

CAPITULO LII.

Da muyta oraçam, & mortificação do Padre Mestre Ignacio Martins; da occasiam que houve pera hir a Coimbra a huma Congregaçam; como ficou lá pregado, & ally adocceo, & morreo sanctamente.



COm este grande cuydado q̄ tinha de ensinar a doutrina, dizia bem a muyta vigilância de a perfeçoar a alma; antes parece que por isto tinha tanta confiança pera ensinar os estranhos, porque tinha tanta lembrança de se mortificar a sy mesmo; que na verdade, conforme moralizava S. Gregorio^a Magno, entam melhor se prega a doutrina, quando primeyro se executa o que se ensina: A oraçam deste servo de Deos foy muy continua em todo o tempo, que nam occupava com a doutrina: era nelle coula muy ordinaria passar a noyte quasi toda em oraçam, na Igreja; & nas Capellas, sem querer recolherle na camara, nem deytarse na cama: por vezes o foram espreytar alta noyte, depois de todos recolhidos,

c
Virg. 4. Georg. Quinque stupida puere domus, atque intima Lechi Tartara.

d
Ceruleisq; impexæ cri- nibus angues Eumenides, tenuitque inhians tria Cerberus ora, &c.

Bom successo que teve neste caso.

Como exercitava o q̄ ensinava.

a
D. Greg. in moral. Doctrina cum omni imperio docetur quando prius agitur, quam dicatur.

& o viam em pé diante do altar do Senhor, & tal vez o acometia o sono (porque nam podia depois de tam cansado vigiar mais) & com a força do sono, quasi que cahia no cham, mas logo se tornava a endereytar, & assi estava lidando, & lutando contra o sono (ora cahindo, ora levantandose) até que o vencia de todo, & continuava em pé por muytas horas; que desta maneyra os Sanctos se fazem força, & pretendem furtar à natureza até aquellas horas, de que ella mais necessita pera descansar; & ainda que como homens fracos nam podem em tudo, & de todo vencerla, ao menos em algumas cousas se contentam com a logeytar em parte, como aqui socedia ao Padre Mestre Ignacio, que senam podia passar a noyte toda velado em oraçam, como o grande Antonio em Egypto, ao menos procurava imitalo; contentandose com ter a peleyja, quando nam podia alcançar a victoria; porq ha humas cousas, em que só o peleyjar he vencer, & o resistir he triumphar; & em materias muy difficultosas, como o outro dizia, basta por gloria querelas intentar, ainda que lhe falte a ventura de as alcançar.

2. A mortificaçam deste grande servo do Senhor, foy admiravel, a penitencia muy rigurosa, pelo que fez no ulti-

mo anno de sua vida em Coimbra, entenderemos o que tinha feyto no mais tempo em Lisboa; mas sera pera isso necessario primeyro cõtar a occasiam, que ouve pera elle hir a Coimbra, aonde no vltimo anno de sua vida deyxou grandes lembranças de suas penitencias, & illustres memorias de muyto serviço de Deos, como socedeo a seu deyoto Sancto Antonio em Padua o anno antes de sua gloriosa morte.

3. No anno de 1597. se fez huma nossa Congregaçam Provincial no Collegio de Coimbra (sendo entam Provincial o Padre Francisco de Gouvea, pessoa muyto bem conhecida neste Reyno) pera nella se eleger procurador, que fosse a Roma: acudio a esta Congregaçam o Padre Mestre Ignacio Martins, como professo, & dos mais antigos: sahio de Lisboa com tres noviços, caminhando a pé, & fazendo sempre doutrina com elles pelos caminhos, conforme seu sancto costume. Em chegando a Coimbra vespõra do Domingo de Pastor bonus, foy na Cidade; & no Collegio recebido, como se lhes entrasse hũ homẽ sãcto: naquela mesma tarde o veyo visitar o Bispo Dom Affonso de Castello Branco, filho de D. Antonio de Castello Brãco, prelado tam celebrado neste Reyno, & fello

Como resistia ao sono.

Vide Sur. 13. Junij.

Occasiam que houve pera hir a Coimbra.

b Prop. El. Audacia ette Laus est, in magnis, & voluit se fat est.

De sua grande mortificaçam.

prègar logo ao outro dia na Sè, sem mais descanso, nem aparelho, ou porque o seu alivio era prègar, ou porque julgava o illustriſſimo prelado, que bastava por prègaçam sò a vista de tal prègador; acodiolhe a Cidade toda; & o mesmo concurso havia todas as vezes que sahia a publico, persuadindose a gente, que hiam ouvir hum homem sancto.

4 No Collegio pedio licença ao Padre Reytor pera habitar no corredor da terra, (q̄ assim chamamos àquelle lanço de dormitorio, q̄ fica no andar da rua) no qual estam algũas officinas da casa, aonde nenhũ dos nossos habitava: nam foy possível defirir o P. Reytor a esta sua grande instancia, & o mysterio da petiçam era, que se queria là disciplinar à sua vontade, sem testemunhas que o vissem; & posto que nam alcançou a morada, com tudo là tinha hũ certo lugar, aonde a deſhoras se retirava, & se disciplinava, com tanta força, & continuaçam, q̄ por mais que elle se queria encobrir, testemunhavam alguns, que parece sentiam tremer a casa ao som das suas disciplinas.

5 Acabada a Congregaçam foram tantos os rōgos do Collegio, do Bispo, & da Cidade, q̄ houve de ficar em Coimbra, prègando, & fazendo dou-

trina, como costumava em Lisboa. Chegou a Quaresma seguinte de 1598. prègou a primeyra festa feyra na Capella da Vniversidade; nesse mesmo dia adoeceo, mas nam deyxou de prègar ao Domingo em a nossa Igreja, porque nam bastava a força da febre pera vencer hum animo tam valeroso: acabado o sermão, se veyo a render ao mal, do qual finalmente morreo, pera que possessemos com verdade dizer, que morrera em seu officio prègando, & doutrinando. Na doença (que he a pedra de tōque, em que os Religiosos mostram a virtude, que aprenderam tendo saude) mostrou bẽ os preciosos quilates de sua admiravel virtude: pedio que todos os dias lhe dessem o Sanctissimo Sacramento, que por vezes se lhe concedeo: suas praticas todas eram sempre das cousas do cœo: gastava o dia quasi todo em colloquios com Christo Senhor nosso, & com a Virgem Sanctissima, de quem era devotissimo; & temos por tradiçam que esta soberana Senhora lhe à pareceo à hora da morte, acompanhando, & ajudando a este seu grande devoto naquella perigosa occasiam; & nam podia deyxar de a ter muy boa, quem em tal tormenta tinha tal estrella.

6 Estando huma vez pera receber o Sanctissimo Sacra-

*Como a
doceo em
Coimbra*

*Como o o-
brigaram
a ficar em
Coimbra.*

mento de pois de fazer a pro-
staçam da Fè, disse, que o que
naquella hora mais o cõsolava
eram duas cousas: primeyra ter
sempre em sua vida posta, como
em mesa, sua consciencia a seus
superiores, & que o Senhor que
estava presente o sabia muyto
bem: a segunda cousa era nam
ter traçado nunca em sua vida
o que havia de fazer, deyxan-
dole sempre governar pela san-
cta obediencia. Estas duas
cousas de tanta consideraçam
cõsolavam a este servo de Deos;
& na verdade nam ha caminho
mais seguro que o da sancta o-
bediencia; quem quer acertar
ha de caminhar por esta estra-
da; quem por outra quizer to-
mar, como diz Sam^o Bernardo,
necessariamente ha de errar.
Tambem lhe era materia de
grande consolaçam naquella
hora (como elle disse) nam ter
que dar conta a Deos de vidas
alheas; porque sendo assim que
foy varã tam sancto, & vivẽ-
do tantos annos na Cõpanhia,
nunca nella foy superior, que
tambem pòde servir de alivio
aos que viverem desconfolados
or se verem fóra de governos;
sendo assim que à hora da mor-
te mais nos ha de consolar a
cana da doutrina, que a vara da
prelazia.

7 Durou a doença toda a-
quella somana, á quinta feyra
pedio a sancta Vnçam, que re-

cebeo com grande consolaçam
sua. Foy lhe sempre omal carre-
gando com grande malignida-
de: porẽm quando o queriam
esperar, & alegrar lhe fallavam
na sancta doutrina; pera isso lhe
tinham no cubiculo da enfer-
maria, em que estava, a sua cana
da doutrina, & huma das suas
bandeyras. Huma vez lhe per-
guntou o Padre Reytor, que
era o que desejava de seu gosto,
& consolaçam, respondeo, q ver
a alguns irmãos noviços fazer a
sancta doutrina; o que lhe foy
concedido, assim pera alivio seu,
como pera exẽplo nosso. Veyo
o noviço, fez a doutrina na en-
fermaria, aliviouse, & alegrouse
o enfermo, com esta vista: de
sorte que esta era a cithara que
o enlevava, esta a musica, & me-
lodia que o recreava, esta era a
melhor iguaria que lhe abria o
apetite, este o manjar que me-
lhor lhe sabia; & da maneyra
que hum convidado gosta que
tragam á mesa mais vezes o
prato a que he mais inclinado;
como succedeo a Isaac, d^o tambem
na ultima doença, a quem Re-
beca mandou aparelhar da ca-
ça, de que sabia, que elle mais
gostava, *Quibus libenter vescitur:*
assim mais recreava o Padre
Mestre Ignacio, quem mais lhe
trazia á mesa esta caça, quem
mais lhe offerecia na doença
este prato, quem mais lhe dava
esta iguaria, & quem mais lhe

*Como se
alegrava
falando lbe
na sancta
doutrina.*

^c
Ber. de Ob.
Hæc est via
non est alia,
qui alia via
vadit, cadit.

*Nunca foy
superior
na Compa-
nhia.*

^d
Gen. c. 27.
nu. 9. Affec-
m. hi duos
hædos opti-
mos; vt fa-
ciam ex eis
Escar patri-
tuo, quibus
libeter ve-
scitur.

repetia lembranças da sancta doutrina; ensinandonos entam por exemplo o que em vida por vezes dizia, que quando cuidava nos quarenta annos, que na Cõpanhia exercitára o officio de Prægador, temia que na outra vida fosse bem castigado; porém que nos defasete annos em que exercitára o officio de fazer a sancta doutrina, nam achava motivo de medo, antes tinha causa de consolaçam. E pera que atè depois de morto mostrasse o amor que tinha a tam sancta occupaçam, pedio, que o enterrassem com a sua cana da doutrina, que esta era a espada d'aquelle cavalleiro de Christo, este o bastam de tam insigne general, este o habito d'aquelle commedador do cèu; como se atè depois de morto, do modo que pudesse, nos quizesse da sepultura fazer a doutrina; parecendolhe que entam descansariam melhor seus ossos, quando entre as cinzas de seu corpo, se misturassem as reliquias da sua cana.

*De sua sã-
ta morte.*

8 Veyo finalmẽte a morrer este grande servõ de Deos, ao seteno de sua enfermidade, á hũa hora depois do meyo dia, em o ultimo de Fevreyro de 1598. com grande paz de sua alma, & com tal semblante, & exterior composiçam, que se duvidou por bom espaço de tẽpo se estava morto, que na ver-

dade por isso a voz do cèu no Apocalypse^e chama bemaventurados os, que morrem em o Senhor, porque tal morte he peñhor certo de melhor vida; era de quasi 70. annos de idade, tinha da Companhia 51. Temos entre nõs por tradiçam, que o diabo à hora da morte o quiz perturbar, como fez a outros grandes Sanctos: porém pela mesma tradiçam nos consta, por causa da nõva alegria, & outros notaveis sinaes, que nelle viram, que n'aquelle mesma hora o consolou o Senhor com visitas celestiaes, querendo em tal occasiam animar, a quem em tantas tambem servio a tam bõ Senhor, que veyo a acompanhar com Anjos, a quem doutrinou innocentes.

9 Quando se resolvèram, que o tinham morto, foy tralordinariõ o sentimento, chorando todos a perda incomparavel de hum varãm tam proveytoso: & estas lagrimas se renovaram, quando hindo pera o amortalhar, lhe acharam o corpo todo duro, & denegrado, como se por toda a vida andara á torreyra do Sol; por todas as partes lhe appareciam grãdes sinaes de chagas, & nodoas das disciplinas, q a todo o corpo abrangiam, porque havia vinte annos, que todos os dias se disciplinava com grande rigor: & na cintura se via claramẽte o sinal que tinha

deyxa-

^e
Apoc. 14. n.
13. Audiat
vocẽ de cæ
lo dicentẽ
scribe, Beati
mortuusq,
in domino
mor. untur.

*De sua
grãde mor
tificaçam.*

1
Luc. 12. nu.
35. Sint Lū-
bi vestri
præciēti.

deyxado o cilicio, que assim se sabia cingir, & apertar, conforme o conselho do 1º Evangelho, este fiel, & verdadeyro servo do Senhor; & entam se descubrio hum segredo que tinha confiado do Irmam, a que chamamos em Coimbra o mandador da gente, a quem pediu lhe desse a chave de hũa casinha muy escusa, que estava no corredor da terra, aonde se hia todos os dias disciplinar rigorosissimamente; fazendo isto com grande dissimulaçam, & em tempos em que lhe faltassem testemunhas, porque tratava de buscar a mortificaçam, & de fugir da honra.

Parecia o seu corpo hum Ecce homo.

io Tal, em fim, foy achado, & visto o corpo do P. M. Ignacio, que os que assim viram este raro espectáculo, diziam, que parecia hum *Ecce homo*: Ditoso Padrẽ, & bemaveturado corpo, que chegou a parecerse tanto com o bom IESV, que disseram d'elle, que parecia hũ *Ecce homo*. Ditasas penitencias, bem empregadas disciplinas, pois tanto redẽram, que fizeram q̃ o P. M. Ignacio fosse hũa imagem viva do mesmo Christo chagado; bẽ se podia cõprar á custa de sinaes tam penosos, representaçam de chagas tam preciosas; & nẽ por sahir tam chagado, era menos, esforçado: antes nam seria tam valẽte nesta peleyja do espirito cõtra a carne, senam sahisse tam

ferido da batalha: & entam parecia mais vencedor, quando mais appareciam suas feridas; q̃ nesta guerra da mortificaçam quẽ sahe cõ mais golpes, alcãça mais victorias; & quem tambem soube debuxar em sy a Christo chagado em sua payxam, tambem o gozarã hoje. resuscitado em sua gloria.

CAPITULO LIII.

Referese o que socedeo depois da morte do Padre M. Ignacio Martins, cõ o testimonho, que deo o Reytor da Universidade de Coimbra, & do grande sentimento, que houve em todo o Reyno, com esta falta.

DEpois, que entre tãtas lagrimas, foy amortalhado o bẽaventurado corpo, o levãram à Capella do Collegio de Coimbra, q̃ he hũa peça grande, que fica dentro de casa, & ally em hum lugar alto, muyto bem alcatifado, foy posto revestido em ornamentos Sacerdotaes muyto ricos. Tanto que na Cidade se divulgou a nõva da morte do P. M. Ignacio Martins, foy grandissimo o sentimento que houve em toda a

gente. Acudiram logo ao Collegio todas as pessoas graves da cidade, pera lhe venerarem o corpo morto, pois já o nam podiam lograr vivo; veyo o Bispo Dom Affonso de Castello-branco, Prelado tam celebrado neste Reyno; veyo o senhor D. Alexandre, filho da senhora D. Catherina, veyo o Reytor da Vniversidade Affonso Furrado de Mendoça (de quẽ logo falarey) & com elle a Vniversidade toda, sem haver quem pudesse resistir à grande multidam de gente, que entrava no Collegio, & na Capella, a lhe beyjar as mãos, & os pés, & a lhe tomar alguma reliquia; chorando todos a perda de varã tam sancto, renovandose nesta occasiam aquelle gêral pranto, & univerval sentimento, que como conta Sam^o Gregorio Nazianzeno, houve na morte, & no enterro de seu mayor amigo Sam Basilio Magno.

2 Daqui com huma grande procissam, em que hiam mais de trezentos lumes, foy levado à Igreja, pera ser sepultado, mas foy tam notavel o concurso da gente, & o pezo do povo, que carregava cada vez mais a reverenciar o corpo, & a lhe tomar alguma reliquia, que nam foy possivel podello enterrar de dia. Pera desenganarmos a gente que nam havia de ser aquelle dia mandado à terra, & pera

nos deyxarem, & se hirem pera suas casas, se tornou o corpo a recolher à Capella, aonde o tornaram a refazer de vestidos, porque os outros hiam quasi desfeytos, pelas reliquias que lhe tomaram; & em fim de noyte, & com as portas fechadas, se entregou à sepultura este veneravel deposito, como senam quizesse o dia ser aqui testimunha de tam grande perda, & de acçam de tanto sentimento.


3 Logo antemanham acudio ao Collegio o mesmo concurso de gente; renovandose lhe as lagrimas pelo acharem já enterrado; contentandose com lhe beyjar a cova, os que lhe vinham a reverenciar o corpo. Foy em fim tam trasordinario este concurso a ver, & reverenciar o corpo do Padre Mestre Ignacio, foy tam notavel o sentimento da gente nesta morte, que procuraram os Padres, pera memoria dos vindouros, se tomassem testimunhos autenticos, do q̃ nesta morte socedeo, & assim se pediram, & se deram pelo Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello-branco, pelo senhor Dom Alexandre (que entam estudava, & honrava aquella Vniversidade) pelos Conegos, Inquisidores, & mais pessoas graves, que assistiam ao que temos contado, cujos testimunhos autenticos, estam jũros no

Greg. Naz.
Orat. funeb.
de lau. ibus
Basilij Mag-
ni, ad finem.

cartorio do nosso Collegio de Coimbra.

4 Nam deyxarey de referir aqui o testemunho, que deo o Reytor, q̄ entam era da Universidade de Coimbra, Affonso Furtado de Mendocça, filho de Jorge Furtado de Mendocça, & de Dona Maria Henriques sua molher; o qual ao diãte foy Bispo da Goarda, & de Coimbra, Arcebispo de Braga, & depois Arcebispo de Lisboa, & Governador destes Reynos, & hũ dos mais perfeytos, & cabais fogeytos, que deo o nosso Reyno de Portugal, dito em produzir varoẽs insignes,

Testimunho que deo o Reytor da Universidade de Coimbra, sobre o que socedeo na morte do Padre Mestre Ignacio Martins.

5  Affonso Furtado de Mendocça, Doutor nos sagrados Canones, do Conselho de sua Magestade, Reytor da Universidade de Coimbra; certifico q̄ publicandose nesta Universidade, & Cidade de Coimbra, Sabbatho aos 28. de Fevereiro, deste anno de 1598. entre a hũa, & as duas horas, depois do meyo dia, como naquelle dia, & hora fora Deos servido levar

pera syo Padre Ignacio Martins, religioso professo, & Doutor Theologo da Companhia de IESU, que ao presente residia no Collegio da mesma Companhia desta Cidade, pregando, & doutrinando o povo, com notavel exemplo de sua sancta vida; & muy aservorado zelo de salvar as almas; tanto que foy publico, & notorio seu transito, concorreo muyta gente, assim da Universidade, como do povo desta Cidade, com extraordinario concurso a visitar o corpo do dito Padre Mestre Ignacio, que com huma veste, & insignias sacerdotaes estava decentemente posto num taude, em huma Capella do dito Collegio, aonde as mais nobres, & grave pessoas desta Universidade, assim Doutores, & officiaes della, como Religiosos, & mais gente da Cidade, lhe bejaram os pès, & mãos, mostrando o grandissimo credito, & reputaçam, que cada hum em particular, & todos em geral tinham da doutrina, exemplo, & sancta vida do P. M. Ignacio, que por muytos annos, assim na cidade de Lisboa, como nesta, & em todo este Reyno, com notavel fruyto das almas, & mostras de singular virtude, pregou, doutrinou, & ensinou com palavras, & obras o verdadeyro caminho do ceo, assinalandose particularmente em ensinar, & doutrinar os ignorantes, & os mininos, & em remediar as necessidades, assim espirituaes, como corporaes de todo este Reyno.

6 E outro sy certifico, que ao dia seguinte 1. de Marco, que foy Domingo, querendo os Padres do dito Collegio encerrar o corpo do dito P. Mestre

D. Affonso Furtado de Mendocça.

Ignacio, concorreram muytos Religiosos de todas, ou quasi todas as ordens; Litteres, Doutores, & officiaes da Universidade, com grande multidam, & concurso de estudantes, & gente da Cidade, que com afervorado zelo de devaçam, concorriam pena ver, & tocar o corpo do dito Padre Mestre Ignacio, tocando nelle muytos rosarios de contas, & trabalhando por levar alguma cousa de suas vestiduras, ou de seu corpo, tendo por certo, que por sua sancta vida estava sua alma no ceo gozando de Deos em a gloria, & esperando que por sua intercessam lhe fizesse merces.

7 E foy tanta a gente, que concorria por ver, & tocar o corpo ao dito Padre, que nam foy possível aos Padres do Collegio enterraremno aquella tarde, & com muyto trabalho o recolheram pera dentro, onde o goardaram até anoytecer, por nam poderem despedir de dia a gente da Igreja, na qual, fechadas as portas, o enterraram de noyte, deyxando o que restava do officio pera o dia seguinte, no qual tambem concorreram muytas pessoas graves, & do povo, mostrando humas, & outras grandissimo, & extraordinario concyeto da doutrina, & sancta vida do dito Padre Mestre Ignacio, & porque todas estas cousas foram notorias nesta cidade, & todas vi por meus olhos (zirado o seu enterramento, que foy de noyte) dou esta minha certidam; na qual outro sy certifico, que eu naquelle Sabbado, sahindo do conselho da Universidade com alguns Doutores, & officiaes della, sabendo como fora

Deos servido de levar para sy o dito Padre Mestre Ignacio Martins, sem entrar em minha casa, movido da reputaçam que de sua sanctidade, & rara virtude sempre tive, fuy logo ao Collegio da Companhia visitar o corpo do dito Padre, o qual achei na Capella do dito Collegio, na forma que tenho dito, & posto de joelhos, como outros muytos estavam, lhe beyjei os pes, & mãos, cõ a veneraçam, & acatamento devido ao corpo, cuja alma tinha por muy certo estar gloriosa no ceo, onde podia interceder por mim com Deos; & logo os Doutores, & officiaes que comiguiham, veneraram na mesma forma o corpo do Padre Mestre Ignacio, como tambem o faziam todas as outras pessoas, que com notavel devaçam concorriam a visitalo.

8 A o dia seguinte, que foy Domingo pela manhã, & à tarde oorney a venerar do mesmo modo, & o fuy acompanhando na procissam do seu encerramento, em que se acharam o Bispo Conde Dom Affonso de Castellobranco Preiado desta Cidade; Dom Alexandre filho do Duque de Bragança & da senhora Dona Catharina, & muytos fidalgos, & gente principal, muytos Religiosos de quasi todas as Ordens, com o mais concurso da gente (que acima tenho dito) na qual se vio a grande devaçam, & desejos, que todos tinham de ficar com algũas reliquias do Padre Mestre Ignacio, o qual em vida era de todos os q' o conheciam rido, & avido neste Reyno por varãm Apostolico, & sancto, & cimo tal foy seu corpo na morte venerado. E por

tudo isto ser verdade, fiz esta certidam,
 & assiney com meu sinal, & sello, em
 Coimbra aos 22. de Abril de 1598.

Affonso Furtado
 de Mendoça.

E vam por diante, em abono deste testemunho, assinados todos os Lentes, que entam havia na Vniversidade; & dam fé da verdade do conteudo nesta certidam, & dos sinaes dos Doutores, Gregorio da Sylva Secretario que entam era da Vniversidade, & Diogo Coutinho escrivam outro sy da fazenda da mesma Vniversidade.

9 Esta morte do Padre Mestre Ignacio Martins foy sentidissima no Reyno todo; em Lisboa houve geral demonstraçam de sentimento em toda a sorte de gente, & muyto em particular choraram esta perda os pobres, os presos, & até aos mininos innocentes chegou esta dor; huns choravam porque perdèram pay, & remedio, outros porque lhes faltava o Mestre, & a doutrina; & todos finalmente choravam perder o Reyno hum valedor, que os Santos sempre foram a mayor gloria de sua patria, & a melhor defensam de seu Reyno. E pera que entendamos que esta dor chegou tambem às mais illustres personagens do Reyno, sabemos que a mostrou gran-

dissima a senhora Dona Catharina, Duqueza de Bragança, & avò del Rey Dom Ioam o IV. q̄ hoje nos governa. O mesmo nos consta do Duque de Aveyro Dom Alvaro, como tam piedoso que era, do qual achey huma carta sobre esta materia, que tenho em meu poder, pera o Padre Ioam de Madureyra (o qual ainda entam era Preposito de Sam Roque) que aqui quero tresladar, pera que se veja a opiniam, & estima em que era tido este grande servo de Deos, & nella tambem letemos a muyta piedade deste excellentissimo, & christianissimo Duque, bisneto del Rey Dom Ioam o II. neto do Senhor D. Iorge, & filho de D. Affonso d'Alencastre.

Carta do Duque de Aveyro pera o Padre Ioam de Madureyra, Preposito de Sam Roque, sobre o sentimento da morte do Padre Mestre Ignacio.

10



Oje recebi hũa carta de V. R. de 11. deste, com a copia de hũa de Coimbra, em

que me dá conta do falecimento do P. M. Ignacio: nova era esta pera nam se nos dar tam de subito; em miuu fez

Carta do Duque de Aveyro.

De quam sêtida foy a morte do P. M. Ignacio Martins.

mais abalo, por ter entendido de hum criado meu, que Veyo de Coimbra, ficava elle melhor, & livre de perigo; & tive de seu falecimento tanta dor, & sentimento: que creyo, que se U. R. o entendera, o tivera tambem de mo haver dito; seja Deos louvado, que parece que nam cessam os peccados desta terra, pois vemos que nam faltam os castigos de Deos; muyto se pod m temer agora todos, pois nos Deos tira os Sanctos, por cujos meyo se dilatavam, ou se abstinha Deos de no los dar; & assim me parece que temos todos mais rezam de sentir a morte deste Sancto, que vossas Reverencias, pois em fim mais se empregava em nos ajudar a todos, que a Companhia. Nam quero consolar a V. R. nã a esses Padres, do sentimento que devẽ de ter de sua morte, por que todo lhe he devido, posto que entendo, que no lugar que hoje tem, serã de mais proveyto a esta sancta Companhia, pedindo a Deos a conservaçam, & augmento della, a qual nam duvido que alcance de Deos. U. R. me console da morte deste sancto varã, porque certo que me he bem necessario. Das reliquias bem sey que ha U. R. de partir com nosco, ainda que nam queyra; entre tanto me consolarey com hum Sermonario escrito de sua mam, que tenho, & nam largarey. Goarde Deos a V. R. como pode. Azeytam aos 13 de Março de 1598.

ODuque

CAPITULO LIII.

De algumas obras maravilhosas, que Deos foy servido obrar, por meyo das reliquias do P. Mestre Ignacio Martins.



I Vstume he de Deos nosso Senhor, autorizar muytas vezes cõ milagres as reliquias de seus Sanctos; posto que nam concede sepre este privilegio a todos os que foram insignes em sanctidade, pera que, como diz Sancto, Agostinho, nam cuydem alguns ignorantes, que mais se estimam nos Sanctos os milagres que fizeram, que as virtudes, q exercitaram. Admiravel foy a vida que fez este grande servo do Senhor o Padre Mestre Ignacio Martins, & este foy o principal milagre que d elle podemos contar, com tudo depois de sua morte socederam muytos casos, q aqui se podiam referir; mas eu sempre vou muy attento em materias semelhantes, porque sey as cautelas que am necessarias, pera se avaliar hum milagre, & assim os casos, que contarey neste particular, seram muy poucos (sendo assim que aheuy muytos) & estes re-

Nem todos Sanctos fizeram milagres.

Aug. de Ciuit. Dei lib. 33. Ideã nã omnibus Sanctis miracula tribuuntur ne decipiantur infirmi existimantes in talibus factis esse maiora, quam in operibus iustitiz.

ferirey

ferirey por autoridade alheya, assim, & da maneyra, que os a- chey escritos, deyxando o jui- zo, & acensura delles a quem isto pertence; o primeyro caso milagroso se contem em huma carta do senhor Alexandre, fi- lho do Duque de Bragança Dõ Ioam, & da senhora Dona Ca- therina, a qual carta feyta toda por sua mam, tenho eu na mi- nha; foy escrita ao Padre Ioam Correa, que foy hum dos mais graves sogeytos, que teve esta nossa Provincia, & diz assim.

Carta do senhor Ale- xandre, na qual se con- tem hum caso, que pa- rece ser milagroso, que Deos obrou por huma reliquia do Padre Mestre Ignacio Martins.

Carta do senhor A- lexandre.

A Esta hora me chega- ram novas de Villa- vizosa; & huma Frey- ra fidalga me escreve, que fez ja hum grande milagre huma reliquia d'aquelle Sãcto Mestre Ignacio Martins, o qual foy, que estando o Prior de Nossa Senhora da Graça cõ huma postema na garganta, pela qual stava ja desconfiado de sua vida, & se tinha despedido de seus Frades, nem podia tomar o Sanctissimo Sacramen-

to, por ella lhe nam dar lugar ao fa- zer, lhe mandou hũa sua parenta, mo- ça da Camara de sua Alteza, huma reliquia do Sãcto Padre Ignacio Mar- tins, & em hũa pondo lhe arreventou a postema, & ficou tambem, que por sua mam escreveo à moça da Camara, dã- do-lhe as graças, & confessando, que no pondo, que lhe puzeram a reliquia sarara da postema. Esta reliquia he das que foram de minha casa, por on- de mereçobem, que V. R. parta comi- go de algumas; porque a que o Padre Provincial me deu do cilicio, he pera sua Alteza (se me nam engano) se V. R. achar que nam foy senam pera mim, folgarey grandemente com isso; & quando nam pedemna pera sua Alteza, & eu o faço em seu nome, & do Duque. Nosso Senhor, &c.

Alexandre.

Outro papel autentico te- nho em meu poder, justificado, & reconhecido por hum taba- liam publico, & por outras va- rias testemunhas, o qual diz assim.

A Ntonio de Coimbra Rebelto, natural da villa de Brezian- de da Comarca da Cidade de Lamego, Bacharel Canonista, q ha vinte & cinco annos, que sirvo a sua Magestade, nos cargos de Intz de fora, Corregedor, & Provedor; certifico, que falecendo se em Coimbra o Padre Mestre Ignacio Martins da Companhia de IESUS, no Collegio da cidade de Coimbra, pre-

Saudema ravelhosa por meyo de hũa re- liquia do P.M. Igna- cio.

tenderam muytos estudantes haver alguns retalhinhas tiradas da sua tunica, & vestidos, pera os terem, & venerarem como reliquias de grande sancto, por estar elle tido, & havido por este, de todos; & por eu saber, que hum estudante, meu amigo, houvera hum retalhinho da sua tunica, lhe pedi a parte comigo, pela muyta confianca que eu tinha de sua sanctidade, & elle me deo hum pequemino, que eu puz em huma nomina, & atrazia comigo com veneraçam: & vindome nas ferias pera a patria, visitey hum meu visinho, por nome Luis Cardoso, pessoa honrada, & nobre, por ser falecida sua molher havia poucos dias; & elle me disse, que quanto á morte de sua molher, estava já conforme com a vontade de Deos nosso Senhor: porém que huma filha que tinha, depois que sua mãy falecera, nunca mais tovera saude, porque lhe vinham muytas vezes huns accidentes mortaes, que lhe duravam muyto espaço: & estava já em tal estado, que viviria poucos dias: eu entam lhe disse, que trazia comigo huma reliquia da tunica do P. Mestre Ignacio, que falecera havia poucos dias no Collegio da Companhia da cidade de Coimbra, o qual todos os d'aquella cidade, & Universidade tinhamos por grande Sancto, que lhe lançasse a reliquia ao pescoço, tanto que lhe viesse o primeyro accidente, rezando hñ Padre nosso, & huma Ave. Maria, pedindo a nosso Senhor, com grande confiança, pelos merecimentos da P. M. Ignacio, lhe livrasse sua filha d'aquelle trabalho, & lhe desse saude, & pera isso lhe dey a reliquia.

4 Assim o fez o pay, como elle lhe disse, & lha poz ao pescoço no primeyro accidente, que lhe veyo: & logo em continente se lhe foy aquelle accidente, em que começava a entrar, tornando logo em sy, & ficando livre, & assim, como de antes era, sem nũca mais lhe tornar a vir accidente algum d'aquelles, nem ouero algum até hoje, que haverá trinta annos, que isto aciteceo, pouco mais, ou menos: & isto passa assim na verdade, & assim o affirmo, & juro pelo juramento do grao que tenho: & assim o affirma, & confirma, pelo juramento dos Sanctos Evangelhos, o mesmo Luis Cardoso, que assinou aqui comigo, em a dita villa de Breiande, a 13. de Junho de 1629.

Antonio de Coimbra
Rabello.

Luis Cardoso.

5 Outro caso quero contar tambem por autoridade alheya, referindoo pelas mesmas palavras, em que o achey escrito na petiçam que se fez pelos Padres de Sam Roque, ao illustriſſimo, & reverendiſſimo Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro, pera se fazer sumario pelo Ordinario; no qual foram as principaes testemunhas, Manoel Correa de Lacerda, filho de Pero Correa de Lacerda, Commendador da Ordem de Christo, & sua molher Dona Francisca de Aragam, filha de

Outro caso
que parece
milagroso

Dom Henrique Henriques senhor das Alcaçevras. O caso conteudo na petição, & a forma d'ella he esta.

Dizem o Padre Provincial, Preposito, & mais Padres da casa de Sam Roque da Companhia de Iesus, que á sua noticia veyo, que Manoel Correa de Lacerda, & Dona Francisca de Aragão, tinham hum filho de idade de dous annos, por nome Ioão, o qual por hũa enfermidade de bexigas, veyo a perder a vista de ambos os olhos, de maneyra que tendoos abertos nam enxergava nada, & havendo selhe applicado muytos remedios, nenhuma cousa a proveytavam, como consta da relação do Físico mór, & do Doutor Ioão Alvres Pinheyro Físico do Hospital del Rey, & Inquisição, & de Ioão Serrão, & outros: pelo que viviam muy desconfolados seus pays, vendo que nada a proveytavam os remédios humanos, & assim se determináram valerse dos divinos: & movido, como se cre de Deos nosso Senhor, o dito Manoel Correa de Lacerda, se encommendou ao Padre M. Ignacio Martins da mesma Companhia, já defuncto, bem conhecido nesta Corte, por sua grãde sanctidade, de que este fidalgo foy sempre muy devoto desde menino, & assim pediu a hum Religioso da dita casa de S. Roque lhe trouxesse algũa reliquia do mesmo Padre, que confiava em Deos, que por seus merecimentos alcãçaria vista seu filho cego. Trouxeram lhe huma oração escrita da letra do P. M. Ignacio Martins, porque elle costumava rezar, & trazer em seu Breviario, a qual comã-

ram em suas mãos, com muyta reverencia os sobreditos senhores Manoel Correa de Lacerda, & Dona Francisca de Aragão, & com muyta devocão, se, & lagrimas, postos de joelhos applicaram sobre os olhos do menino cego, esperando firmemente, que o Sancto lhe alcãçaria de Deos a vista perdida: foy elle servido, que logo o menino cobrou a vista, & começou a enxergar, & conhecer o que d'antes nam via, com grande espanto dos que estavam presentes, & consolação dos pays, dando todos muytas graças á Deos, que tam maravilhoso he em seus Sanctos. Pelo que pedem a V. Illustrissima, &c.

6 Até aqui o caso, do qual escreve o P. Manoel da Veyga da nossa Companhia, homem muyto grave, & de grãde verdade, estas palavras, Dahi por diante ficou vendo muyto bem, & foy o milagre muy notorio, & o he hoje, que vive muyto sam nesta Cidade.

7 Bastam estes tres casos referidos, da maneyra que os tenho escrito, por autoridade, & nome alheyo; deixo outros muytos, assim porq nam esta ainda autenticos, como porque vou sendo já muy comprido neste livro; & assim baste por agora esta noticia da vida do Padre Mestre Ignacio, em quanto nam ha entre nós quem tome á sua conta fazela mais larga em livro particular (como he bem que se faça) procurando tambem a beatificação, & canonização deste bendito Pa-

*Testimú-
nho do P.
Manoel da
Veyga da
nossa Com-
panhia.*

dire, a quem o Reyno todo de Portugal estimou, & nomeou sempre por homem Sancto: & foram taes as virtudes, & exemplo deste grande servo de Deos, que nam duvido que se houver a devida diligencia, o veremos ainda canonizado, que já pera este intento, diz o Padre Manoel da Veyga, pessoa bem conhecida, da nossa Companhia, q̄ deyxou no cartorio de Coimbra jutos todos os testemunhos, que se deram sobre as çousas de sua morte, com huma larga relação sobre a mesma morte, composta pelo dito Padre, pera que; como elle diz, *Atodo o tempo, em que se tratar, da beatificação, & canonização deste bendito servo de Deos, se possam pera ella aproveitar destes papeis, constado por elles como vivo, & morreo com fama, & aclamação de rara sãctidade.* Atẽ aqui o Padre Manoel da Veyga, & com haver já 48: annos q̄

o dito Padre escreveo estas çousas, nam sey que atẽgora se fizessem diligencias algũas pera se tratar de canonizar a hũ varã tam admiravel (q̄ este he o nosso descuydo) posto q̄ na voz do povo, que tal vez he voz de Deos, sempre sey avaliado por justo, & acclamado por Sancto.

8 Os Poetas assim latinos, como vulgares, se occupãram muy de proposito, em fazer poezias nesta occasiam da morte do Padre Mestre Ignacio, huns compondo elegias tristes, em que choravam seu transito, outros fazendo epytaphios elegantes, com que animavam seu sepulchro; naõ deyxarey de por aqui hum Soneto vulgar, que entam teve applauso, nam vulgar, assim pela estima do autor, que o compoz; como pelo soggetto a quem se fez: principalmente que em breve lhe toca sua vida.

Fizeram-lhe muytas poezias depois de morto.

A quella voz de Ignacio, que abalava
 O cẽo, & a terra toda suspendia,
 A que do cẽo à terra Anjos trazia;
 A que da terra ao cẽo homens levava,
 Acabou, já nam soa, onde bradava,
 Mas por nũs no cẽo falla, onde se ouvia:
 Prẽgou por se na vida o que nam via,
 Mas vio antes da morte o que prẽgava.
 Peleyou com o diabo, & com a vida,
 E já perto do fim mais esforçado,
 Na ultima batalha acabou tudo.
 A açoutes deyxã a carne já vencida,
 Por humildade o mundo desprezado,
 Por doutrina, o diabo surdo, & mudo.

9 Estas cousas bastem por, agora acerca do Padre Mestre Ignacio Martins, do qual ao diante, no anno em que Deos o levov pera sy, se poderá fazer mais larga mençam; & principalmente quando Deos for servido de o vermos canonizado; que sem duvida se alcançará, se houver o devido cuydado em se negociar na Rota. Eu agora me adiantey em lhe referir brevemente sua vida exemplar, & sua morte lancta; assim por pertencer a esta historia, porque entrou na Companhia em vida de nosso Sancto. Padre Ignacio, como porque tive occasiam, por tratar das cousas da casa de Sam Roque; da qual por agora tambem baste esta breve

noticia, porque nos annos, que se forem seguindo, se darão outras mais copiosas, assim das obras de serviço de Deos, que nella se fazem, que sam muytas, como dos Religiosos muy exêplares, que ally morrêram que nam foram poucos, entre os quaes serã de grande exemplo, & rara edificaçam a vida, & morte do muy edificativo Padre, & purissimo varã Vasco Pirez, que nesta Provincia foy muytos annos mestre de noviços, vivendo com procedimentos de homem muy exemplar. & veyo a morrer nesta casa de Sam Roque, com opiniam de Religioso Sancto.
(.?)

FIM DO QVARTO LIVRO.



Anno d
Christo a
1553.

Anno d.
Companhia
14.



LIVRO QUINTO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTV GAL.

CAPITVLO I.

*Entra a ser Reytor no Col-
legio de Coimbra o Padre Leam
Henriques, o qual no mes-
mo tempo lia Casos de Cons-
ciencia, & foy o primeyro que
os leo na Companhia: apõtam-
se algumas apariçoens no-
taveis que fez, pelas quaes era
muy venerado naquella
Cidade.*

I Ornamos outra
vez neste quinto
livro a continuar
com as cousas do
anno de 1553. o qual nos deo

larga materia, por causa do muy-
to que havia que contar da casa
de Sam Roque, agora voltare-
mos ao Collegio de Coimbra,
do qual ha muyto q̄ sahimos, &
veremos como neste anno foy
provido de superior novo: era
nelle Reytor o P. Manoel Godi-
nho, q̄ tinha socedido (como dis-
femos ^a) em o anno de 1552. ao
P. Urbano. E porque este P. Ma-
noel Godinho era o Ministro
do Collegio, & a sua eleyçam
pera ser Reytor, sò foy na falta
do Padre Urbano, que se viera a
Lisboa (por causa da missam da
India, da qual logo falaremos)
foy necessario neste mesmo an-
no de 1553. prover aquelle
Collegio de Reytor. Habitava
nelle o Padre Leam Hêriques,

^a
I. p. lib. 2. c.
12. & c. 13.

Anno de
Christo de
1553.

^b
Part. 1. lib.
2. c. 12. & c.
13.

Liçam de
Casos de
consciencia
he muy
proveyto-
sa.

O Doutor
Navarro
estimou
muyto as
letras do
P. Leám
Henriques.

de cujo illustre nacimiento, & entrada na Companhia, faley na primeyra ^b parte; & procedo elle logo com tanta perfeçam, que sendo mancebo na idade, parecia velho nos costumes, & por esta rezam, quando ainda nam tinha mais que vinte & tres annos, lhe deram ordens de missa, com particular dispensaçam do Summo Pontifice.

2 Logo se deo com notavel cuydado ao estudo da sagrada Theologia, porque fóra da Companhia tinha estudado Canones, & em huma, & outra faculdade sahio muy douto; & elle foy o primeyro que em Coimbra leo aos nossos Religiosos, das portas'a d'entro, Theologia moral, que contem sòmente Casos de consciencia, & he huma liçam muy necessaria aos ouvintes; & soppoemos mestres, que a ensinam, grãdes letras, & grandes noticias dos principios da Theologia especulativa, & dos sagrados Canones, como tinha o Padre Leám Henriques, as quaes reconheciam bẽ nelle o celebre Doutor Martim de Aspilcueta Navarro (que entam era Cathedratico de Prima do Decreto Canonico na Vniversidade de Coimbra) que tinha si do seu mestre; & por isso gostava muyto de communicar com o Padre Leám Henriques

algumas duvidas, & difficuldades sobre casos de particular importancia, & lhe remetia outras vezes os que o hiam consultar em pontos importantes de consciencia, pela grande satisfaçam, que tinha nam menos de suas letras, que de sua prudencia, & virtude, & como a tal o allega, & louva no insigne Manual ^c de confessores, & penitentes, que compoz, & imprimio, nomeando por Dom Leám de Noronha da Companhia de IESVS, porque antes de entrar na Companhia, se chamava Dom Leám Henriques de Noronha; permitindo-se na Companhia este Dom, a quem antes o tinha, atè que se prohibio na segunda ^d Congregaçam geral.

De tam bõ mestre, como foy o P. Leám Henriques, tiveram principio as liçoens de Casos de consciencia, que em suas escholas meteo a Companhia, & o successo adiante, foy mostrando de quam grande proveyto sam estas cadeyras na Igreja pera os Parochos, & mais confessores, que tem a sua conta encaminhar as almas. Alem desta liçam da cadeyra dos Casos, se occupava o Padre Leám Henriques, em ser confessor dos Irmãos de casa, & em prègar, & ensinar a doutrina; & tudo elle fazia com tam grande cuydado, & ap-

plica-

Anno da
Companhia
14.

^c
Nau. in Ma-
nual. c. 4. n.
16.

^d
2. Cong. ge-
ner. Dec.
69.

Anno de
Christo de
1553.

plicação, que ao diante veremos.

3 Estas eram as occupaçoens do Padre Leão Henriques, quando por ordem de nosso Sancto Padre Ignacio houve de tomar o governo do Collegio de Coimbra, que socedeo no mes de Março neste mesmo anno de 1553. com grande cõfolação, & espirital reformação dos Religiosos, porque como neste anno se publicaram as Constituiçoens pelo Padre Commissario Hieronymo Nadal, ajudou muyto pera sua boa aceytação o zelo, & espirito do Padre Leão Henriques; havendo neste tempo em todo o Collegio huma devotissima renovação dos votos, conforme outras que temos contado e no tempo do Padre Mestre Simam Rodrigues, porém esta teve de novo a solemnidade da nõva forma, que se aponta nas Constituiçoens, & de que hoje usamos.

4 Tambem foy muy bem aceyta da gente de fõra esta eleyção do Padre Leão Henriques. porque gèralmente era na cidade de Coimbra julgado por homem sancto, & milagroso, assim pela virtude que tinha pera curar endemoninhados (segundo adiante veremos) como tambem por hum caso, que socedeo em Coimbra, que entam andava

na boca de todos. Foy o caso, que hum homem d'aquella Cidade vendose cercado de grandes enfadamentos, metido em nuvens de tristeza, & malenconia; entrou em tal desesperaçam, que por instincto, & conselho do demonio se deliberou em se matar por suas proprias mãos; & nam foy este o primeyro a quem o commun inimigo persuadio semelhante disbarate; como se em huma morte delestrada se achasse algum remedio pera huma vida atribulada. E como neste negocio tinha este miseravel por guia o Principe das trevas, escolheo huma escura noyte, de grande tempestade, pera por em effeyto este escuro, & desatinado intento. Sahe o miseravel de sua casa, entre as trevas d'aquella tenebrosa, & tempestuosa noyte, sendo mayor a tormenta, & mais escura a cerraçam de sua triste alma; levava consigo o instrumento do laço, com que determinava de se dar garrõte, despendurandose em huma arvore.

5 Começa a entrar pela ponte do rio Mondego, pera hir demandar huma oliveyra, das muytas que ha ao sahir da ponte; eys que subitamente àquellas horas, em tal lugar, & em tempo de tal tempestade lhe sahe ao en-

Anno da
Cõpanhia
14.

Casomilagro que
socedeo ao
P. Leão
Henriques

art. 1. lib.
cap. 16.

Anno de
Christo de
1553.

Acode o P.
Leam He-
riques a
hum homẽ
q sequeria
matar.

encontro (como depois com muytas lagrimas testemunhava) o Padre Leam Henriques; o qual se chegou ao atribulado homem, perguntalhe aonde vay a tal hora? respondelhe o triste, que por nam achar remedio na vida, o queria buscar na morte; reprendeo o Padre, chamalhe homem de pouca fé, & esperança em Deos, encarecelhe a graveza de seu peccado, mostralhe ser manifesto engano de Satanàs, quererse livrar dos breves enfadamentos desta vida temporal, pera entrar nos eternos tormentos da morte sã fim; a esta sevêra reprentam, ajuntou logo o bom medico d'aquella alma enferma o oleo da brandura: falalhe com grande amor, & affabilidade, animao, consolao, tomalhe a corda que levava, & juntamente a palavra pera ao outro dia pela menham, hir ao Collegio de Coimbra demandar o Padre Leam Henriques, pera se confessar com elle: feyto isto desaparece o Padre, & com elle jutamente a desesperaçam do miseravel homem.

6 Voltase elle a casa desalobrado, espera a menham, & vayse logo demandar o Collegio de IESVS, pede ao porteyro, que lhe chame o Padre Leam Henriques; acudio logo o Padre; & o homem se foy a elle, & se lhe lancou a sens nês.

conhecêdo ser aquelle, o que na noyte d'antes lhe valeo na ponte do Mondego: recolhemse ambos em humra casa da portaria, confessao o Padre, animao, & enfinala vener semelhan-tes tentaçoens: sabe o pobre homem de nossa casa, alegre, consolado, & animado, contando a muytas pessoas este notavel apparecimento do Padre Leam Henriques aquellas horas, & em tal occasiam; & d'aqui veyo o caso a noticia dos nossos, porque da boca do Padre Leam Henriques ninguem o ouvio; & o Padre Domingos Lopes Sacerdote nosso de grande virtnde, que morreo com grande nome na misãm da India, deyxou escrito, que elle se achou presente na portaria, quando este homem veyo a demandar o Padre Leam Henriques, & que o Padre se houve logo com elle como quem tinha já de antes noticia da pessoa que o buscava, & da causa porque ally vinha. Assim livrou a misericordia divina, por meyo tam milagroso, a este homem, ou fosse que ao mesmo Padre Leam Henriques levou Deos à ponte de Coimbra àquella hora, ou que o Anjo da goarda d'aquelle atribulado tomou a figura do Padre pera fazer obra tam propria de hum Anjo; & de qualquer maneyra que

Anno d.
Companhia
14.

Como se
veyo a sa-
ber este ca-
so.

Anno de
Christo de
1553.

Outro caso
admiravel
q' socedeo
ad P. Leão
Henriques.

fosse, sempre nos fica grande occasiam de louvar a Deos, que tomou por instrumento a seu seruo Leão Henriques, pera communicar àquelle homẽ a graça na alma, & o remedio ao corpo.

7 Nam era só este o caso, que em Coimbra neste tempo se contava do Padre Leão Henriques; porque tambem se dizia por cousa muy certa, & muy sabida, que vivendo certo homẽ conhecido, fóra da Cidade de Coimbra em huma fazenda sua em estado de perdica, lhe appareceo huma noyte o Padre Leão Henriques, amoeitando com palavras de grande terror, & espanto, que se tirasse logo d'aquella roim occasiam de peccado, obrigandoo a que pela menham viesse logo ao Collegio de Coimbra, pera com elle fazer huma larga confissam. Atemorizado ficou o peccador com esta subita vizam, & com esta terrivel reprehensam: vemse ao Collegio, confessase com o Padre; dà volta à vida, nam cessando de contar o successo, julgando que era mais q' homem ordinario, aquelle que estando na cidade. lhe apparecia no campo, & lhe sabia seus peccados, antes de lhos confessar; & dando infinitas graças a Deos, que por hum meyo tam maravilhoso lhe acudis, restituindoo ao estado da graça.

quando elle sò tratava do caminho da perdiçam.

8 A fama destas, & de outras semelhantes obras, que socederam ao P. Leão Henriques, & ao diante contaremos em sua vida, o fizeram tam conhecido, & venerado em Coimbra, que commummente era de todos tido, & havido por homẽ Sancto, & assim foy muy festejada de todos esta sua eleyçam, em o cargo de superior d'aquelle Collegio, no qual foy o septimo Reytor, entrado ainda neste anno de 1553. (conforme a contado P.^o Orlandino, q' nisto me parece a mais certa) começando logo a governar cõ muyta prudencia, & com grande exemplo de sua pessoa, crescendo muyto no seu tempo aquelle sancto Collegio, nam só no exercicio das virtudes, mas tambem nos progressos das letras; elle foy o primeyro q' ordenou q' alẽ das liçoẽs de Theologia, q' hiamos entam tomar à Vniversidade, se lesse Theologia em casa aos nossos estudantes, por mestres nossos, dõs quaes o primeyro Lente foy o P. Jorge Serram; q' depois tambem foy o primeyro mestre de Prima em a Vniversidade de Evora, como adiante veremos neste livro.

9 A todos seus subditos hia o P. Leão Henriques diãte cõ os procedimentos de sua pessoa, & ainda q' o fizeram Reytor, nam

Anno da
Cipabria

14.

f
Orland. lib.
13. n. 53. S.
Collegij. &c

Anno de
1553.

deyxou de cotinuar cõ a liçam, dos Calos de Consciencia, ensinando com a grossa que ditava & animando com o exemplo que dava: autorizando a cadeyra, que lia sendo Reytor, pera confusã de alguns, que fazem menos estimaçam desta leytura, sendo assim que he a mais necessaria, & nam he a menos autorizada.

CAPITULO II.

De algumas cousas que neste tempo socederam no Collegio de Coimbra, em especial da ditosa morte de hum Irmam de muyta virtude: & de como dous se tentaram na vocaçam, & foram despedidos da Companhia.

I Este anno em que o P. Leãm Henriques começou a governar o Collegio de Coimbra, foy Deos nosso Senhor servido de levar pera sy huma tenra flor, que escolheo no fermoso jardim desta sua Religiam. Foy este hum Irmam, por nome Affonso Vaz, de pouco mais de dous annos da Companhia, o qual neste breve tempo recupilou o q outros em muytos annos nam al-

çançaram. Era quando entrou na Companhia de idade de 16. annos; tinha huma natureza muy branda, & amavel, parecia feyto de cera, & como tal muy disposto pera nelle se imprimir a devaçam, em que foy muy afinalado. Andava sempre na prezença de Deos, considerando na pessoa de seus superiores a de Christo nosso Senhor; nos Sacerdotes se lhe represetavam os sagrados Apostolos; & nos Irmãos os discipulos de Christo, espertando com esta sancta cõsideraçam o singular amor, & notavel respeyto que a todos tinha. Gastava muytas horas em oraçam, na qual era muy particularmente visitado do Senhor, com grandes sentimentos, & continuas lagrimas, que algũas vezes o sobresalteavam com tanta força, que nam podia deyxar de ser sentido, ainda quando se apartava em lugares mais secretos, & cubiculos mais retirados.

2 No mayor silencio da noyte, procurando nam ser sentido, dos companheyros se levava da cama, & de joelhos fazia muy larga oraçam; a este cõtinuo trato, & familiaridade cõ Deos, se ajuntava tal mortificaçam, tam grande recolhimento, & guarda dos sentidos, que bẽ parecia que sò a Deos os entregava. No meyo deste grande fervor lhe quiz Deos nosso Se-

Anno de
Companhia
14

Irmam
Affonso
Vaz foy
muyto
virtuoso.

Era muyto
dado a
oraçam.

Anno de
Christo de
1553.

Tinhadom
de lagri-
mas.

2
Ad Com. 2.
cap. 12. n. 9.
Virus in in-
firmitate
perficitur.

nhor dar vista do summo bem, antes q̄ pudesse abrir os olhos pera o mal, dandolhe hũa doença muy prolongada, pera mais nella o apurar, & encher de merecimentos; sinco meses esteve doente numa cama, nos quaes procedeo com tam rara edificaçam, que se affirma por coufa certa, que nunca perdeo seus exercicios espirituaes, fazēdoos com a mesma exacçam, como se estivesse muy valente; tendo sempre a certo tēpo hũa hora de oraçam pela manham, outra a tarde, cō seus dous exames, além de outras muytas devaçoes, em que sanctamente gastava o dia, communicandolhe Deos nosso Senhor tam particular devaçam, com hum dom de lagrimas tam singular, que muytas vezes o achava o enfermeyro, chorando com grandes mostras de interior suavidade.

3 De sorte q̄ igualmēte cōtinuava a doença, debilitando as forças do corpo, & crecia a devaçam, augmentando os alentos da alma; porque cada vez nelle era mayor a piedade pera com Deos, a paciencia nas dores, & a conformidade com a divina vontade; bem se verificou neste Itmam aquella divina sentença de Sam. a Paulo, que a virtude na enfermidade se perfeçoa; porque pôde hũ fer fraco enfermo, & fer valente Religioso; antes, como diz Salviano (hum

dos mais doutos Padres da Bibliotheca) a fraqueza da carne he a pedra de afiar a fortaleza da alma; ^b *Imbecillitas carnis, mentis vigorem exacuit;* & daqui vem, diz o mesmo Padre, que he genero de fraude, alguma vez nam ter fraude; & a rezam disto he, a que dà Sam Gregorio^c Nazianzeno, porque o corpo, & alma sam dous contrarios, & por isso quando o corpo anda enfermo, entam tem a alma saude.

4 Era tam grande o alvo-roço que tinha de ver a Deos, & tal o aborrecimento às coufas do mūdo, que pera elle nam havia mayor gosto, nem nõva de mayor alegria, que falarem-lhe no dia de sua morte (que estes effeytos chega a caular em hum coraçam humano o conhecimento de Deos, & o amor divino.) Nam era possivel aos enfermeytos acabar com elle, senam com grande difficuldade, que admitisse algum mimo, de que tanto necessitava, em tam prolongada enfermidade; dizendo que fazia escrupulo de se gastar com elle coufa alguma de custo, pois sua vida já estava desconfiada, & nam prestava pera servir a Religiam. Estando já nos ultimos dias de sua vida, veyo seu pay da Cidade do Porto a Coimbra, & dandolhe licença o Padre Leam Hériques, entrou na enfermaria a visitalo, & despedirse delle, &

Anno da
Copanhia

14.

^b
Sãlui an. Ep. ad Caturam. Imbecillitas carnis, mē-tis vigorem exacuit.

^c
Vt mihi genus quoddā sanitatis esse videatur, interdū nõ esse sanum.

^c
Greg. Naz. Orat. ad Patre. Corpus & anima cōtra ex aduerso habēt & corpore ægrotante, anima bene habet.

Anno de
Christo de
1553.

vendo a seu filho em tal estado, se desfazia em lagrimas de sentimento, que o bom filho muyto lhe estranhou; pedindo-lhe por ultima bençã, que o ajudasse a dar graças a Deos por acabar a vida na Companhia; dando muy saudaveis cõselhos a seu desconsolado pay, & acabando cõ elle negocios de muyta importãcia, pera sua alma, que elle depois comprio com grande edificaçam, attribuindo ás oraçoens de tã bemaventurado filho, que por elle na gloria fazia, pera a qual Deos o chamou a 9. de Novembro deste anno, em q̄ himos falando de 1553. Dito Irmã, que assim se soube aparelhar pera morrer, alcançando em breve a perseverança na Religiam (que alguns depois de largos annos ven a perder) trocando a doença tēporal, pela vida, que na gloria ferã eterna.

5 Desta maneyra levou Deos pera o céo esta pura alma; mas nam deyxarey de cõtar de outro Religioso, que no mesmo anno levou o demonio pera o mundo, pera que assim como o exemplo, & virtude dos bons nos excitam à perfeçam, assim os erros, & castigo dos maos nos sirvam de aviso, pera fugir d'elles, porque talvez a proveyta pera cautela d'huns, trazer à memoria as

desordēs, d'outros; & os açoutes cõ q̄ a justiça divina castiga aos q̄, deyxando sua primeyra vocaçam, se mostram ingratos a Deos, & quebram a omenagem da Religiam, passando dos arrayaes de Christo que buscãram, aos tabernaculos dos peccadores, deque fugiram; que tãbem os sagrados Evangelistas, havendo no Collegio de Christo doze Apostolos, assim como escrevem as virtudes dos mais Sanctos, nos nam encobrem os vicios dos menos perfeytos; pondo na sua historia a ambiçam^d dos que pretendiam as primeyras cadeyras, a negaçam de Sam^e Pedro, & a obstinaçam de Sam^f Thomé, & finalmente a treyçam de ^g Iudas, tudo a fim de dar animo aos fracos, & meter espanto aos desleaes;

6 Qual se mostrou neste tempo à Companhia hum Sacerdote, que havia annos que vivia na Religiam com muytas faltas, com que teve, & deo aos outros muyto trabalho, indose intibiando na oraçam, & inquietandose no amor à vocaçam, que este he o caminho por onde o commum inimigo começa a perdiçam de hum Religioso, atè que finalmente abalado o fundamento, vem ao cham totalmente arruinado o edificio da Religiam; & com este ser já Sacerdote, & de an-

Anno da
Companhia
14.

d
Mat. c. 10. a
num. 21.

e
Mat. 26. a n.
70. Luc. 22.
num. 55.

f
Ioan. c. 10. a
num. 26.

g
Ioan. c. 18.
num. 3.

O exemplo
da queda
alheya serve
pera
nos acautelarmos.

Anno de
Christo de
1553.

h
Virg. Geor.
Vidi lecta
diu, & mul-
to expecta-
ta labore,
degenerare
tamen.

nos de Religioso, nem por isso se envergonhava de dar moço exemplo aos mais modernos, & nam he esta a primeyra vez, que plátas muy escolhidas (como até o outro gentio, em seus versos cantando se queyruva) cultivadas cõ muyto trabalho vieram com o tempo, a degenerar no fruyto, & a secar nas raizes. Tratou o Padre Leão Henriques de o ganhar ao principio com benignidade, mas a tudo resistia aquelle coraçam de marmore, & assim como o escudo de aço cospe de sy as mias bem empennadas setas, assim elle desprezava, & rejeitava os paternaes avisos, & saudaveis reprehencoens, que tam bom superior lhe dava: até que perdendo o pejo aos homens, depois de perder o temor a Deos, chegou a andar muyto tempo sem dizer missa, nem se querer confessar (que nestes despenhadeyros vem a dar hum destrahido) isto em particular lhe estranhou muyto o Padre Leão Henriques, & com espirito, como parece, prophetico, claramente lhe disse, vede Padre. q senam quereis dizer missa agora podendo, que haveis de chegar a tempo em que a nam possaes dizer, ainda que queyruaes.

7 Logo o avisou severamente, que tratasse de se emmendar, porque de outra sorte o nam podia ter em casa: teve if-

to o cego Sacerdote por licença pera se poder sahir da Companhia, como em effeyto, o poz por obra, deliberado em encontrar em tudo o que podesse as cousas da Companhia (que assim nos pagam alguns, que nos deyxam os annos que entre nós viveram, posto que outros, como honrados, sempre sabẽ estimar a boa criaçam, que lhe demos, & agradecer a sustentaçam, que lhes nam faltou.) Este começando a dar principio a sua danada tençam de nos perseguir, lhe cortou Deos subitamente o fio, com huma grave enfermidade, & o poz em gram perigo de vida, & aperto de pobreza, porque lhe foy necessario hir se curar ao hospital de Coimbra, aonde o Padre Leão Henriques o foy visitar, tratando de o reduzir à Religiam, aonde lhe offerencia melhor cura pera o corpo, & verdadeyra consolaçam pera a alma, mostrandolhe o pouco fundamento que tivera, pera se dar por despedido.

8 Mas estava aquelle coraçam ainda tam cego, & obstinado, que por nam ouvir as brãdas, & charitativas palavras do servo de Deos, fechava com os dedos as orelhas, como fazem as aspides surdas ao sabio encãtador. O que vendo o bom Reytor, deo contra ao Padre Commissario Hieronymo Nadal, o qual o houve por despe-

Anno da
Companhia

14. 77

Como Deos
castigou a
este Sacer-
dote que
se foy da
Companhia.

O que o P.
Leão Hen-
riques pro-
phetizou a
hũ Sacer-
dote.

Anno de
Christo de
1553.

Como se
arrependeo
sem reme-
dio.

Castigo q
Deos deo a
este Sacer-
dote.

dido da Companhia: porèm
crescendo com a dureza do co-
raçam a gravidade da doença,
o pos no ultimo da vida, & vê-
dose nesta agonia, bradou pelo
Padre Reytor Leãm Hêriques,
pedindo-lhe cõ muyto affecto,
que o levasse pera o Collegio,
como filho da Companhia, ain-
da que prodigo, & errado; porè
como já entam o Padre Com-
missario Hieronymo Nadal era
partido pera Hespanha, nam
pode o pobre enfermo, cõ muy-
ta instancia, alcançar o que de
antes com toda a charidade se
lhe offerecia; & assim conti-
nuando fóra na doença, lhe sal-
taram herpes com tam grande
força, que foy necessario cor-
tar-lhe hum pè; ficando desta
maneyra, por justo juizo de
Deos fóra da Religiam, vivendo
em summa miseria, & andando
pela Cidade pedindo elmola,
manquejãdo em duas moletas;
permitindoo Deos assim, pera
que nam désse passada em que
senam lembrasse, pera mayor
confusã sua, do felice estado
de que tinha cahido; sustentan-
dose sobre hum sò pè, pois nam
teve cabeça, mais que pera dar
cabeçadas. E o que mais lhe
cortava o coraçam com dor, &
lhe fazia dar suspiros, era ver
comprido o que o Padre Leãm
Henriques lhe tinha tanto dâ-
têmam annunciado; porque de-
sejando este miseravel dizer

missa, pera remediar sua pobre-
za; nam podia fazer por cau-
sa da deformidade do pè q lhe
faltava, pela qual de todo ficava
irregular, em castigo de nam
querer guardar as regras da Re-
ligiam, passando o que lhe res-
tou da vida com vehementissi-
ma desconsoaçam, & miseria
castigandoo Deos com este a-
çoute tam proffionado à cul-
pa que comerera; vendose jun-
tamente neste successo o espirito
propheticó do Padre, & o justo
castigo de Deos.

9 Quero dar fim a este ca-
pitulo, contando brevemente
outro caso semelhante a este, q
sucedeo em Coimbra, sendo
tambem Reytor o Padre Leãm
Henriques. Entrou hum ho-
mem na Companhia por occa-
siam de ver morrer a hum mã-
cebo, a quem saltaram herpes,
gerados de huma leve ferida, q
outro moço por desastre lhe
dera (que a vista da morte visi-
nha, como até o Gêtio dizia,
tal vez faz fugir dos vicios, &
abraçar a virtude.) Este homẽ
entrando com profissam de vi-
da mais humilde, depois de estar
na Companhia, se tentou cõ
pensamentos ativos de anhelar
a estado mais superior do q sua
insuficiencia demãdava; & nam
havendo já remedio pera o po-
derẽ aquietar (porque sua pre-
tençam era contra nossas Con-
stituiçoens, que entam se come-

Anno de
Ciparino
14.

De outro
caso seme-
lhante.

i
Hor. Ser. li.
i. sat. 4. A-
uidosvicini
funus vt z-
gros exani-
mat, &c.

Anno de
Christo de
1553.

çavam a goardar.) foy necessa-
rio despedido da Companhia,
porèm logo dahia pouco tem-
po veyo a morrer do mesmo
desastre do mancebo, por cuja
morte Deos o movèra a entrar
na Religiam; saltandolhe outros
herpes em hum braço por oc-
casiã tambem de huma leve
picadura de tesoura, que outro
lhe deo a caso; permitindo Deos
por justo juizo seu, que lhe ser-
visse de instrumento de castigo
o que lhe deo pera meyo de
salvaçam; podendo este servir a
muytos de exemplo pera ficar
na Religiam, assim como o ou-
tro lhe tinha a elle aproveytado
pera deyxar o mundo.

CAPITULO III.

*De hum grande embusteyro,
que neste anno pedio a Compa-
nhia, & entrou no Collegio de
Coimbra; como o conheceo o Pa-
dre Leãm Henriques, como
foy despedido, & da persegui-
çam que nos moveo, &
como Deos nos livrou
della.*



Om rezãm disse
o outro sabio^a gẽ-
tio, que o que tem
esperança de enga-
nar, nam duvida ajuntar o sa-

grado com o profano; & menos
duvidarã querer mesturar a luz
com as trevas, & o mundo com
a Religiam; assim o vimos neste
tempo do governo do P. Leãm
Henriques, em o qual nos veyo
demandar, & pedir a Compa-
nhia hum Sacerdote Portugues
(cujo nome calamõs por bons
respeytos) o qual tinha andado
por Italia, & por outras partes,
& segundo depois alcançamos,
parece que tinha espirito fami-
liar, & trato com o diabo; pre-
tendendo este maligno espirito
inquieta, & perturbar a Com-
panhia por via deste seu minist-
tro, a quem moveo a pedir, que
o admittissemos entre nós; &
soube elle fazer estes requeri-
mentos com tanta piedade, com
tal inclinaçam á virtude, & cõ
taes mostras de bons talentos, q̃
depois dos costumados exames
foy admitido na Companhia,
imaginando alguns, que rece-
biam nelle hum grande sogey-
to (que assim pòde acontecer,
cuydarem que admitem na Re-
ligiam a hum Anjo sancto, &
depois virem se achar com hum
diabo vivo.)

2 Começou este falso no-
viço sua provaçam, & posto que
se sabia muy bem fingir, & vẽ-
derse por quem nam era, mos-
trandose muy inclinado á ora-
çam; com tudo, como nam po-
dia acudir a tudo com dissimu-
laçoens, nõca pode enganar ad

Anno da
Companhia
14.

*Como foy
admitido
na Cõpa-
nhia hum
Sacerdote
embaidor.*

^a
Hor. l. i. Ep.
16. Sit spes
falledi mis-
cebis sacra-
prophanis.

Anno de
Christo de
1553.

B
Pr.c.10.n.9
Qui ambulat simplici-
ter, ambulat
confidenter.

O que socce-
deo ao Pa-
dre Leão
Henriques
cõ este en-
ganador.

Padre Reytor Leão Henriques, ao qual nada contentavam seus muytos obsequios, & importunas submissoens; q̃ a virtude he muy confiada, nam usa de invêçoens, & como diz a Escritura sagrada,^b quem anda com singeleza, procede muy confiado: traziao d'olho o Padre Reytor; nam imaginava porẽm que fosse o que depois o tempo lhe mostrou, & quando muyto avaliava por hum grãde hypocrita; mas entrou em mayores cuydados depois que lhe soccedeo com elle o caso seguinte. Passando huma vez alta noyte pelo seu aposento, sentioo estar praticando, reparou o P. Leão Henriques, porque lhe cõstava, que ninguem estava dentro cõ elle; esperou defronte da porta com dissimulaçam, & acabada a pratica, vjo sahir do mesmo cubiculo hum horrendo, & feo animal em figura de cãm, ficando o fingido noviço posto em gritos, & em choro desfeyto.

3 Nam lhe pareceo ao P. Leão Henriques, dissimular mais com tal hospede: deo conta do que notava, & do que vira ao Padre Provincial Diogo Mirãm, o qual, como tam prudente, nam se quiz logo persuadir ao que esta historia demandava; com tudo pera se tomar mayor experiencia deste sogeyto, & desaliviar ao Padre Leão Henriques d'aquelles phantaf-

mas nocturnos, o mudou pera a casa de Sam Roque; aonde elle estava, porque queria por sy mesmo conhecelo. Aqui foram taes seus procedimentos (posto que com artificios de palavras pretendia enfeytar seus embustes, & enganos) q̃ depois de varias penitencias, sem ter emmenda o despediram da Cõpanhia, arreceando os Padres, que por outro tribunal mayor se viesse a entender com elle.

4 Vendo o demonio frustrado o detenho, que tinha, em meter na Companhia quem ou aperturbasse, ou a infamasse, o q̃ nam fez de dentro, trabalhou por fazer de fóra, pondose no coraçam, & na lingua deste seu ministro; o qual vendose despedido, nos cobrou grande odio, tratando de nos fazer todo o mal que pudesse, persuadindose que poderia com seus enganos prevalecer contra huma Religiam sancta: taes cousas dizia de nõs, que sò as poderia conceber na alma o diabo, que lhas punha na boca. Porẽm vendo elle por huma parte, que os prudentes lhe nam davam credito a suas falsidades, & por outra, q̃ lhe nam dava isto de comer, tratou juntamente de usar de outros embaimentos pera se aproveitar, & de murmuraçoens pera nos desacreditar. Vay demandar alguns ministros reaes, & ainda ao mesmo Rey Dom

Anno da
Cõpanhia
14.

Como foy
despedido
da Compa-
nhia.

Como este
homem nos
perseguiu.

Anno de
Christo de
1553.

*Traça que
tomou pe-
ra enga-
nar.*

Ioam, & vendeose por hum fa-
moso alquimista, prometendo
de fazer de prata ouro, como se
por lhe nam ter socedido em
fazer na Religiam da hypœre-
zia virtude, agora quizesse mu-
dar os metaes, & fazer com in-
vençoens, & traças, o que
nunca se pode concluir com
arte.

Nam faltaram alguns
indecientes, que se deyxaram
enlevarã vista das promessas do
ouro, as quaes o novo alqui-
mista melhor doutrava com pa-
lavras, do que foy ao diante o
successo da obra. Em resolu-
çam a conta da fazenda real se
lhe deu morada dentro da ca-
sa da moeda (como se hon-
vessem de bater logo muyta
d'aquelle ouro) & lhe deram
tam bom tratamento, que an-
dava por Lisboa em huma mul-
la, de sorte que parecia hum
Ecclesiastico de muyta auto-
ridade, continuando sempre
na perseguiçam que nos fazia,
& nos testemunhos que nos le-
vantava. Porém como aquel-
le feu ouro nam acabava de
luzir; nam faltou quem lhe
desse na trilha, & avisasse a el-
Rey de suas ruins manhas: pe-
lo que despedido del Rey, se
foy logo com o mesmo alvitre a
Martim Affonso de Souza, go-
vernador que tinha sido da In-
dia, & o que teve a boa dita
de levar na sua nao Sahiago

ao Sancto Padre Francisco de
Xavier, como dissemos na
primeyra^c parte. E pera o fa-
zer crente de cousa tam diffi-
cultosa, mandou bater duas
laminas do mesmo tamanho, &
feytio; huma de prata sòmen-
te, outra ja com alguma mis-
tura de ouro; & goardando
esta, mostrou a de pura prata,
prometendo que em prova de
sua arte, & habilidade, em
muy poucos dias, mostraria
parte della ja convertida em
ouro.

6 Aceyrou o fidalgo o of-
ferecimento, em que se hia a
perder pouco, quando senam
ganhasse muyto: & entre tan-
to o mandou prover do neces-
sario: dahi a alguns dias (que
pera isso podesse lhe bastavam)
lhe mostrou a outra lamina,
que tinha a mistura de ouro,
fingindo ser a primeyra de pu-
ra prata: muyto festejou Mar-
tim Affonso de Souza tam bons
principios, nam imaginan-
do, que havia naquillo enga-
nos (que hum coraçam verda-
deyro, como o seu era, cuy-
dava que hum Sacerdote, que
parecia honrado, tambem lhe
falava verdade:) Vayse ter
com el Rey, persuadindose que
lhe fazia hum grande serviço,
mostralhe a lamina com al-
gum ouro; apregoando por
certa aquella arte de falso al-
quimista; mas el Rey, que ja

Anno da
Copartna

14.

r.p.l. 1. ca.
12.n.8.

*Como foy
descuberto
o engano
deste ho-
mem.*

*Vsa de nõ-
vos enga-
nos.*

Anno de
Christo de
1553.

Como foy
descuberto
o engano
deste ho-
mem.

Foy prezo,
& conde-
nado às
galés.

Entra em
uóvos en-
ganos.

estava advertido do fingimen-
to (porque havia muytos que
traziam os olhos no que este
homem fazia) remeteo Martim
Affonso ao Ourives, que tinha
feytas as duas laminas, & com
isto ficou o fidalgo defengana-
do, & o embusteyro apanha-
do.

7 Continuava porém em
nos perseguir, dizendo gran-
des males, nam sò das pessoas
da Companhia, mas tambem
de seu instituto, & esta falsa
alquimia, ainda que lhe nam
rendia tanto, com tudo casta-
valhe menos; mas nam soffreo
Deos que durasse mais a perse-
guiçam, porque taes foram
seus procedimentos, tam dia-
bolicos seus tratos, tam hor-
rendos seus embustes, que foy
prezo pelo tribunal da Sancta
Inquisiçam, donde sahio em
hum cadafalso, & por este co-
mercio com o diabo, & pelas
falsas infamias, que publicâ-
ra contra a Companhia, foy
condenado às galés pera sem-
pre.

8 Metido nellas, nam lhe
faltou manha pera escapar: fez-
se amigo do Sotocomitre, en-
ganandoo com suas falsas pro-
messas, de fazer de prata ouro,
persuadindoo, que pera este ef-
feyto (que a ambos podia ren-
der muyto) era necessario co-
lher certas hervas, em hum
monte de noyte, estando sò

contemplando nas estrellas;
deolhe credito o estrangeyro,
porque o amor do ouro (que
a outros mais nobres espiritos
engana) fabilmente o fez per-
suadir: sabe com elle em terra,
& pera que de todo nam ficasse
sem o ouro, & semo forca-
do, que tinha à sua conta, e le-
vava atado por hum corda pe-
la cintura; & pera que elle ti-
vesse bastante fuga, pera bus-
car á sua vontade aquellas her-
vas milagrosas, lha hia largan-
do quanto elle queria, posto,
que pera se assegurar que lha
nam cortasse, & se acolheffe, pu-
xava de quando em quando
pela corda, pera ver se sentia
o seu prezo; porém esta tinha
mais arte pera fugir, que o So-
tocomitre pera o guardar, ven-
dose longe do seu guarda, tor-
ton a corda, & atou a hum
malval, o qual, quando o So-
tocomitre puxava pela corda,
por huma parte dava de sy, &
por outra fazia alguma resis-
tencia, & assim cuidava o
guarda, que tinha seguro o seu
companheyro, mas elle se acol-
heo, & se fez invisivel (uzan-
do de suas veis manhas) deyx-
ando ao pobre estrangeyro
enfadado de esperar pelo alqui-
nista, & cansado de puxar pe-
la corda, & finalmente de todo
enganado, pois vindo de noyte
a buscar ouro, se voltou de dia
nora Gale sem achar o forca-

Anno
Cada
14

Mado p
ongte fug
das galés

Anno de
Christo de
1553.

Foge pera
o Brazil,
& lá nos
persegue.

do, mas com obrigaçam de o entregar.

9 Teve o embaidor traça pera dar consigo no Brazil (que no Reyno nam se atreveo a viver, porque nam acertassem de o tornar a entregar ao seu antigo camarada o Sotocomitre) & porque he certo que com a mudança das terras, nam se muda a natureza; continuou no Brazil, perseguindo a Companhia com o mesmo calor que tinha feyto em Portugal; dizendo de nós (entre outras virtudes) que eramos hereges, & que o Padre Amaro Gonçalves prègador da Companhia no Brazil, & grande servo de Deos, ensinava erros, & prègava herefias; & de tal maneyra o acusou diante do juiz da vara da Capitania de Pernambuco, que o reverendo Vigayro, enganado com a falsa alchimia dos enredos deste embusteyro, excedendo seus poderes, quiz entender com a Companhia; mas nam faltou quem se queyxasse d'isto, & avisasse no Reyno aos Inquisidores de como apparecèra no Brazil o que se tinha feyto invisivel em Portugal: logo foy ordem pera o mandarem vir, juntamente com o Vigayro da vara, que por ignorancia, ou malicia dava ouvidos a tam falsas accusaçoes. Chegado ao Reyno, foy outra

vez entregue ao Sancto Officio, em cujos carceres acabou sua vida, sem saberemos o fim, que lá teve. E desta maneyra livrou Deos a Companhia da molestia que o diabo lhe dava, por via deste embusteyro; & elle veyo a pagar a ruim conta que deo da boa doutrina, que na Companhia lhe ensinaram; & ficaram todos entendendo, que montam pouco os testemunhos de hum perseguidor apaixonado, contra a verdade de huma Religiam innocente. E ainda que nam seja este o ultimo, que em pago da boa criação, que lhe demos na Companhia, nos moverà perseguições no mundo; com tudo como Deos he o verdadeyro juiz da verdade, elle sempre acode por nós; àlem de que os que nos perseguem acabam, & a Religiam permanece.

(.?.)



Anno da
Companhia
14.

Como tornou a ser
prezo na
Inquisição.

Anno de
Christo de
1553.

CAPITULO III.

Como neste anno de 1553. se
affeytuou a missam pera a In-
dia do Padre Urbano, o qual
tinha sido o quinto Reytor do
Collegio de Coimbra; E como
Deas foy servido de o levar
pera sy na viagem: E do mais
que socedeo aos nossos; que no
mesmo anno se embar-
taram pera a
India.

A primeyra parte
dissimos, como
sendo Reytor do
Collegio de Coim-
bra o Padre Urbano, pediu
com tanta instancia a missam
da India, que lha concedeo o
Padre Provincial Diogo Mi-
ram, ficando continuando com
o seu Reytorado o Padre Ma-
noel Godinho (que d'antes era
o Ministro do Collegio) atè lhe
soceder o Padre Leam Henri-
ques; & com serem muy gran-
des os desejos que tinha des-
ta missam o Padre Urbano, &
com se partir logo pera Lis-
boa, em rezam de a effeytuar,
com tudo nam foy possivel, hir
nenhum nosso pera a India,
naquelle anno de mil qui-

nhentos sincoenta & dous. Po-
rèm logo no anno seguinte
de 1553. se embarcã em a
nao capitania Sam Bento, em
que hia por Capitam mór de
quatro naos de viagem Fernam
d'Alvres Cabral, filho de Pe-
dralvres Cabral (que tinha
tambem sido Capitam mór da
segunda armada, que foy a In-
dia) & de Dona Isabel de Ca-
stro. Os Capitaens das outras
naos foram Melchior de Sou-
za Lobo, filho de Diogo Lo-
bo, & de Dona Philippa de
Souza; Dom Payo de Noron-
ha, filho de Dom Sancho de
Noronha, & de Dona Guio-
mar Coffrea; & Ruy Pereyra
da Camara, que ficou servin-
do na India, & foy filho de
Antonio Rodrigues da Cama-
ra. Conforme a isto deve ser
erto da Impresam o que diz
Diogo de ^b Couto na sua seyta
Decada, que este fidalgo Fer-
nam d'Alvres Cabral foy por
Capitam mór pera a India, no
anno de mil e quinhentos sin-
coenta & dous, porque consta
que no dito anno de mil qui-
nhentos e sincoenta & dous,
foy com este cargo de Capi-
tam mór pera a India, Fernam
Soares de Albergaria, filho de
Ioam Soares de Sequeira, &
de Dona Philippa de Lima; &
que o dito Fernam d'Alvres Ca-
bral partio neste anno de mil
quinhentos sincoenta & tres. &

Anno de
Cõpanhia
14.

Da arma-
da que foy
pera a in-
dia no an-
no 1553.

²
i. p. l. 3. ca.
30. n. 7.

^b
Diogo de
Couto Dec.
6. l. 10. c. 13.

^c
Vide Franc.
de Anra l.
chron. Reg.
Ioan. 3. 4. p.
cap. 103.

^d
Vide Maff.
intra citatu.

le per-

Anno de
Christo de
1553.

e
Vide Maffe
de Rebus
Indicis, l. 26

Padres, q
aquelle an
no foram
pera a In-
dia.

Arribou a
Lisboa o P.
Francisco
Vieyra.

se perdeu na terra do Natal, voltando pera o Reyno. Com o Padre Vibano se embarcaram tambem na mesma nao o P. Balthezar Dias, & o Imam Aleyxo Dias: em a nao Sancta Cruz, de que era Capitam Melchior de Souza Lobo, hia o Padre Francisco Vieyra, pessoa de muy conhecida virtude, & de muytas letras, que tinha sido superior em Sancto Antam, levava em sua companhia a hum Imam por nome Antonio Alvres.

2 Todas estas quatro naos disferindo as velas, sahiram do porto de Lisboa, em vinte & quatro de Março do dito anno 1553. vespóra da Annúciaçam da Virgem Sanctissima, no qual dia, no anno atraz tambem partirá pera a India com as suas naos Fernám Soares de Albergaria. Porém a nao de Melchior de Souza Lobo, em que hia o Padre Francisco Vieyra, obrigada da muyta agoa que fazia, por causa de hum temporal, que lhe sobreveyo, arribou a Lisboa. Vinha este fidalgo, & todos os mais d'aquella nao muy edificados dos procedimentos dos nossos dous Religiosos, em particular da muyta charidade, que uzaram com os enfermos. A dous fidalgos da arribada foy o Padre Francisco Vieyra, dispondo pouco a pouco, pera que den-

tro em a nao, sobre as agoas do mar, no meyo da confusão de tanta variedade de gentis, tomassem os exercicios espirituales de Sancto Ignacio, que nam ha nenhum lugar, que nos escuse de buscar a Deos, assim como Deos em nenhum se escuzava de nos defirir. Tambem se aproveytaram os dous nobres exercitantes, que hum d'elles em desembarcando no primeyro caminho se foy meter Capucho, vindo mais aproveytado desta arribada, com a pobreza que escolheo, do que se viesse muyto rico da viagem da India; pois com aquelle habito pobre assegurava sua salvaçam, que com as riquezas podia arriscar. O outro exercitante, ainda que nam tomou o mesmo estado, em rezam do que já tinha, procedeo sempre como homem, que vinha muy aproveytado em espirito, ganhando se na arribada, em que muytos se perdem.

3 Continuaram as mais naos a sua viagem, mas foy Deos servido, que o Padre Urbano primeyro tomasse o porto da Ierusalem celestial, que a barra de Goa na India Oriental: sua morte foy muy sentida, assim na India, que o perdeu, como em Portugal, que o deo, porque era homem de muytos talentos, de grande

Anno da
Cipankra
14.

Morte do
P. Urbano
na viagẽ.

Anno d.
Christo de
1553.

autoridade, & governo; por outra parte era tam humilde, que chorou muytas lagrimas, quando o declararam pera Reytor do Collegio de Coimbra, affirmando com muytas veras, que nam tinha sufficiencia pera aquelle cargo, & q̄ Deos o queria castigar com lhe dar aquelle governo; & sentia isto tanto o bom Padre, que era necessario darlhe os pezames, que elle esperava, em lugar dos parabens, que outros aceytam. E á volta disto instou tanto que o tirasẽ do governo, & o mãassem pera a India, que finalmente alcãçou por huma vez, o que por tantas tinha pretendido.

Das gran
des incom-
modidades
q̄ teve em
a nao.

4 As incõmodidades que soffreo na navegaçam, foram muy grandes, porque alem de acudir com excessiva charidade a todos os doentes, & affligidos da nao, se lhe acrescentou o trabalho com o grande incõmodo do biliche, que levava junto do fogã, ardendo de dia cõ quentura, & de noyte vigiando, sem poder tomar sono, soffrendo tudo com tanta paciencia, que todos se espantavam, magoados de ver, arriscada sua vida, tam importante ao bem da Companhia, & tam necessaria ao proveyto das almas do Oriente. Adoeceo finalmente de febres muy ardentes, mas nem por isso largou o cuydado de sua oraçam mental, & devaçoens ordi-

narias, atè que no dia onzeno, chamando com muyto affecto, & suavidade pela Virgem Maria, nossa senhora, & assentãdo-se sobre a pobre cama, fez vir seus companheyros junto de sy, dizendolhes, com grande alegria, que se hia desta vida muy consolado, pelo tomar a morte no caminho da India, em demãda da salvaçam das almas; & depois de os abraçar, & consolar, pedio hum Crucifixo, que beyjou, & adorou com muytas lagrimas, & devaçam, & finalmente fazendolhe hum devoto colloquio, no fim d'elle se abraçou com o Sancto Crucifixo, & acabou a vida, *In osculo Domini*, como outro Moyfes,^f posto que nam em hum monte, à vista da terra da Promissã, mas no meyo do mar, com os õlhos no cẽo, pera onde se partio a gozar do premio de suas esclarecidas virtudes.

5 Foy homem o Padre Urbano de grande autoridade, & prudencia, conhecido, & estimado por tal. No anno seguinte de 1554. tratando o Serenissimo Rey Dom Ioã de mãdar pera a India por Visorrey a D. Pedro Mascarenhas (como logo diremos) aquelle que sendo Embayxador em Rom, teve a boa sorte de trazer consigo por cõpanheyro da jornada o Apostolo do Oriente Sam Francisco de Xavier: & procurando este

Anno d.
Companhia
14.

f
Deut. c. 34

Boas partes do P.
Urbano.

Anno de
Christo de
1553.

fidalgo, com todas as forças ef-
cularse deste cargo, & jornada,
pôr causa de sua idade, que pas-
sava de 70. annos; finalmente
heuve de acetyar, & obedecer
às ordens reaes, & aos rōgos de
seu grande amigo, & senhor, o
Infante Dom Luis, dizendo elle
q̃o que mais o animava, & con-
solava naquella jornada, era
cuydar que acharia na India o
Padre Urbano, de cuja madura
prudencia, & acertado cōselho
esperava valerse muyto; porẽm
chegando Dom Pedro Mascaren-
has à India, sentio muyto,
quando soube que o bom Pa-
dre acabara a vida, antes de a-
cabar a viagem.

Da obriga-
çam que tẽ
o Collegio
de Coim-
bra ao P.
Urbano.

6 Muyta obrigaçam tem
o Collegio de Coimbra a este
Padre Urbano, porque alem de
ser nelle o quinto Reytor, que
igualmente governou, & edifi-
cou seus subditos, & ajudou
muyto nas obras que se faziam,
foy tambẽ nelle mestre de no-
viços, os quaes criava com no-
tavel cuydado: foy dos primey-
ros que entraram naquelle Col-
legio, no anno de 1544. & s̃ẽ-
do homem nobre, & letrado, &
tendo jã grande nome naquella
Vniversidade, elle o soube en-
cubrir de maneyra, que mudã-
do quando entrou, pera nam
ser conhecido (como fez o glo-
rioso Sãcto Antonio nosso Por-
tuguez) nunca na Companhia
he alcançey, por mais diligen-

cias que fiz, outro nome, nẽm
sobrenome, mais que o de Vr-
bano (& o mesmo contamos na
primeyra^h parte, do P. Mauri-
cio, confessor d'el Rey Dom Se-
bastiam) esquecendose do mun-
do, & de suas vaidades, & dey-
xandoas tanto de proposito, q̃
nem de seus nomes se queriam
lembrar, contentandose, como o
Senhor dizia a seusⁱ Discipulos
com os terem escritos no livro
da vida. Este foy o despacho,
que alcançou o quinto Reytor
do Collegio de Coimbra, soced-
do elle no Reytorado ao Pa-
dre Luis de Gram; o qual tam-
bem neste mesmo anno, em
que himos, de 1553. alcançou
outro semelhante despacho de
hir em missãõ ao Brazil, como
se do contaremos, porque na-
quelle bom tempo os mais gra-
ves, & mais autorizados, como
bem temos visto nesta chroni-
ca, eram os primeyros pera re-
querer as missõens, & pe-
ra empolgar nos
trabalhos.

(..)



Anno da
Companhia

14.

^h
i. p. l. 2. c. 19

ⁱ
Luc. 10. nũ:
20. Gaudetẽ
autẽ quod
nomina ve-
stra scripta
sũt in cœlis:

^g
Vide t. p. l.
3. c. 30. n. 7.

Como este
P. mudou
o nome.

Anno de
Christo de
1553.

CAPITULO V.

Vay em missám a Tomar o P. Miguel de Souza; & conta-se particularmente a missám, que neste anno fez a Congo o Padre Cornelio Gomes, por ordem del Rey Dom Ioám, & de como nam respondeo o fruyto ao trabalho.

I Itofo foy este anno de 1553. em missoens tam conformes com nosso instituto, porque além das tráfmarinas, se fizeram muytas por todo o Reyno, entre as quaes foy de grande serviço de Deos a que, por ordem del Rey Dom Ioám, fez o Padre Miguel de Souza, o qual foy hum dos illustres sogeytos, em langue, & em virtude, que tivemos na Companhia em seus primeyros annos; foy filho de Ayres de Souza, Commendador de Sancta Maria de Alcaceva, & de Alcane de, da ordem de Aviz, & de Dona Violante de Mendoça, sua molher; entrou no Collegio de Coimbra, movido do bom exemplo que davam aquelles nossos primeyros Religiosos, os quaes sendo poucos, & julgados por idiotas, fizeram abalar a se-

guir seu exemplo os mais illustres mancebos d'aquella Universidade, como vimos na primeyra^a parte, entre os quaes bẽ merece ser cõtado o Padre Miguel de Souza, que depois morreo sendo Reytor do mesmo Collegio de Coimbra, como adiante veremos.

2 Foy elle neste anno em missám, como diziámos, à villa de Tomar, & a todo o seu termo; & nesta sancta occupaçam se deteve por espaço de quatro meses. Aqui foy grande a charidade com que o recebêram os moradores d'aquella nobilissima villa, os quaes estavam muy bem lembrados, & com grandes saudades de seu sancto missionario, o Padre Dom Gonçalo da Sylveyra, de quem já falamos no quarto livro; & com a chegada do Padre Miguel de Souza, & de seu companheyro, q era o Padre Marcos Iorge, de quem logo falaremos, se refrescaram estas lembranças, & renovaram os serviços a Deos nosso senhor, que se costumam fazer nas missoens da Companhia; acudindo os dous Padres com todo o cuydado ás confissoens, & ás prègaçoens, & a todos os mais ministerios da Companhia, com grande gloria divina, & proveyto das almas.

3 Nam sô acudiram os nossos Religiosos este anno cõ missoens ao Reyno, & à India,

como

Anno da
Companhia
14.

^a
i. p. l. i. c. 22
& sãpe aibi.

P. Miguel
de Souza
foy sogeyto
muyto il-
lustre.

Fruyto q
colheram
desta mis-
sám na
villa de
Tomar.

Anno de
1553.

como vimos, & ao Brazil, como veremos; senam que tambem foram dous Padres ao Reyno de Congo, da maneyra que agora contarey. Na primeyra parte desta chronica dissemos da occasiam q̄ houve pera o Christianissimo Rey Dom Ioam ordenar ao Padre Mestre Simam Rodrigues, que mandasse quatro Religiosos nossos em missam ao Reyno de Congo, que foram os Padres b̄ Jorge Vaz, Christovam Ribeyro, Iacome Dias, & o Irmam Diogo do Seral. Dissemos do successo desta empreza, a qual sem duvida foy mais custosa que rendosa; porque aquelles Padres, ou morreram em Congo, ou adoeceram tam gravemente, que foy necessario antes de perder a vida em Congo, vir buscar a fada de a Portugal; principalmente pelo pouco fruyto que faziam entre aquelles barbaros; cõ tudo este anno entomendou a Companhia o Christianissimo Rey Dom Ioam, que tomasse outra vez muyto a sua conta a quella nõva vinha, posto q̄ nam respondia bem o trabalho; que os nossos punham em acultivar. E era tal o zelo deste bom Rey pera fazer divulgar o Evangelho, & desterrar a idolatria, que sabendo como nosso Padre Santo Ignacio tinha mādado chamar a India ao seu grande Apostolo Sam Francisco de Xavier,

Zelo da fe
del Rey D.
Ioam 3.

determinava sua Alteza de lhe embargar a vida a Roma, & de o ter por algum tempo em Portugal, tendo em sua Corte, pera se aconselhar com elle no particular da conversam dos gentios; pera que assim como buscava os mais valerosos, & sabios Capitaens, pera conquistar os Reynos em Asia, & em Africa, tratasse tambem com este insigne Capitam da milicia de Christo, como se conquistariam as almas de tãtos idolatras, acastellados em seus gentilicos erros, & preverfas ignorancias: posto que neste mesmo tempo, em que el Rey esperava com sanctos desejos, a vinda deste bemaventurado Padre em Lisboa, Deus a tinha já aposentado no cõo.

4 Escolheo o Padre Provincial Diogo Miram, pera esta empreza de Congo, ao Padre Cornelio Gomes, que entam estava em Evora, no qual concorriam muytas rezoens pera ser preferido aos muytos que a pretendiam, porque, alẽ de ser homem de grande zelo, & fervor de espirito de missõens, tinha nacido em Congo de pay, & mãy Portugueses, & julgava el Rey que nam o estranharia tãto o clima da terra, nem lhe feria tam contrario, como foy aos Padres, de que acima falamos. Alem destas conveniẽcias, tinha sido este Padre muy aacey-

to ao

Anno de
Copianca
14.

Grãde zelo
das almas
que tinha
el Rey Dõ
Ioam.

Como foy
escolhido
pera a mij
sam de Cõ-
go o P. Cor-
nelio Go-
mes.

Anno de
Christo de
1553.

to ao Rey de Congo, & tinha vindo por seu Embayxador a Portugal, & sabia muyto bem a lingua da terra. Deram-lhe por companheyro o Padre Fructuoso Nogueyra, que tambem tinha mostrado neste Reyno grande zelo da conversam das almas. Logo se embarcaram os Padres, em companhia do Embayxador, que sua Alteza mandava áquelle Rey; levava tambem tres mininos orfãos, q̄ lhe deo da sua casa o Abbade Pedro Domenec, pera lá cathequizarẽ os filhos dos naturaes de Congo, & fazerem tambem casas de orfãos, semelhantes à q̄ o dito Abbade Domenec tinha fundado em Lisboa.

Chegam a Congo, & o que nelle fizeram.

b
a.p. l. 2. ca.
27.

5 Deram à vela, & cõ boa viagem lançaram ferro em Pinda, porto principal d'aquelle Reyno, como dissemos na primeyra^b parte; hindo o Padre Cornelio Gomes muy cheyo de esperanças de fazer grandes conversoens n'aquelle Reyno, assim pela entrada, que já d'antes tinha com o Rey, como pela amizade, que entam levava cõ o Embayxador: porẽm o inimigo commum semeou zizania entre o trigo (como costuma) porque nam faltou huma roim lingua (que estas igualmente frequentam as cortes do Princepes em Europa, & as cabanas dos Regulos em Guiné) que de antemam malquistou ao

Padre com o Rey de Congo, fazendo-lhe crer que o Padre Cornelio Gomes lançara fama em Portugal, que aquelle Rey nam tinha de Christam mais que o nome, & que muy depressa atẽ o mesmo nome perderia; & foy causa esta mã informaçam de se atrazarem muyto as boas esperanças que o Padre levava. Bem soube elle destas falsidades, q̄ se tinham dito, das quaes o Rey se mostrava muy sentido: mas nam deyxou de se pòr logo a caminho de Pinda à sua corte, aonde visitou o Rey, que bẽ manifestou logo a peçonha, q̄ dentro tinha, no pouco galhardo que fez ao Padre, & no peado sembrante com que o recebeu.

6 Tambẽ o Padre se mostrava muy sentido do Rey, d'atam facil credito a semelhantes testemunhos; & procurou ter toda a satisfaçam com o Rey, pera que nam prevalecessem as traças do inferno; teve o Padre boa occasiam, porque o mãdou o Rey chamar, & falaram muy devagar; cuydando o Padre que deyxava satisfeyto ao Rey, & q̄ elle podia vir aliviado, procurou de continuar com a conversam dos gentios; porẽm como este Rey de Congo era inconstante, & nada firme nos bons propositos, mandou dahi a poucos dias a seus vassallos que nam tratasem com o Padre,

mos-

Anno da
Companhia
14.

*Fala o P.
com el Rey
de Congo.*

Anno de
Christo de
1553.

mostrandolhe outra vez carregado, & desabrido: estes desgostos, juntos com a malignidade do clima, causaram ao Padre huma grave enfermidade, que se lhe agravou, quando soube que o barbaro Rey perseguia aos q se faziam Christãos, & mandava que senahi desse ordinaria sustentação aos ministros do Evangelho, & que li n-dolhe falar o Administrador ecclesiastico, lhe nam quizera dar entrada, procedendo em fim de tal maneyra, que fazia certa a q elle chama vada calumnia, que o Padre Cornelio Gomes lhe affacára, de nam ter de Christam mais que o nome.

7 Tanto que o Padre teve alguma melhora, determinou de hir falar aquelle Rey, com toda a liberdade, pera que se resolvesse de emmedar seus vicios em nam perseguir aos Christãos, & em nam faltar com a sustentação que costumava dar ao Administrador ecclesiastico, & aos ministros do Evangelho; mostrou elle que ouvia o Padre de boa vôtade, & q com a mesma faria tudo o que lhe pedia, & que fundaria o seminario, pera criação de moços, que ally fossem instituidos nos mysterios da fé: mas logo a inconstância deste negro Rey de Congo punha embargos, & metia dilacões nos bons propositos: experimentando aqui o Padre,

Da inconstancia do Rey de Congo.

que cõ Herodes o Sancto Bap-tista, pois ouvia, & fazia algũas coufas por seu respeyto, mas nam queria apartarse das mãs occasioens em que o vicio da sensualidade o trazia enlodado, & enredado.

8 Muyto desconsolavam estas coufas ao Padre Cornelio Gomes, & muyto mais o pouco fruyto, que fazia naquelles gentios, porque em espaço de seis meses, só linco pode converter: tanto monta, ainda entre barbaros de Guiné, o exemplo na pessoa real, que assim como, le este vay diante, mete aguda esporas nos vassallos, assim tambem se este falta, faltam elle nas mayores obrigaçoens. Vendo isto o Padre, se resolveo em seguir o conselho de Christo, senhor doos, de se sahir de Cõgo, & fugir pera outra cidade, aonde fosse mais bem acyto o prègador, & mais bem recebido o Evangelho; pareceolhe virse a Portugal, & dar conta ao serenissimo Rey Dom Ioã do que passava em Congo.

9 Mil desgostos teve na licença pera se haver de embarcar pera o Reyno, porque o barbaro até nisto se mostrava inconstante, hoje lhe dava a licença, & logo no outro dia lhe negava; porque nam queria ter o Padre em Cõgo pera o repreder, nem queria que viesse a Portugal pera o accular: nam

queria

Anno da
Cõpanhia
14.

Marc. c. 6. n. 20. Audito eo multataciebar.

d
Matt. c. 10. num. 23.

Trata o P. de se sahir de Congo.

Anno de
Christo de
1553.

Prouet. cap.
13. num. 4.
Vult, & non
vult piger.

Chegam a
S. Thomè.

queria ser bom, mas nam queria que otivessem por mau; que destas contradicoens uza hum peccador, q quer ser vicioso, & quer parecer virtuoso; & conforme isto, quer, & nam quer, como do priguçoso disse o Espirito ² Sancto, em fim se veyo o Padre a Pinda, que dista da corte de Congo quarenta legoas, pera se embarcar; aonde achou alguns Portugueles, que ally tinham sahido, obrigados de hũa grande tempestade, que lhes deo, vindo da India; occupou o Padre no serviço destes pobres naufragantes, até que chegou hũa ordem do Rey de Congo, em que mandava, sob graves penas, que todos os brancos (q assim chamam os de Europa) se sahisses de seus Reynos, com esta ordem se embarcou o Padre com dous mininos orfãos (porque o terceyro, & juntamente o Padre Fructuoso Nogueyra morreram pouco depois de entrarem em Congo.) Chegaram brevemente à ilha de Sam Thomè; aqui se deteve o Padre alguns meses, & se occupou em cultivar seus moradores, os quaes ficaram tam affeyçoados ao Padre, & por amor delle à Companhia, que se resolvêram de fundar naquella ilha hum Collegio, escrevêdo logo sobre isto a Portugal; pera onde se partio o Padre, & chegando a Lisboa, enformou a sua Alteza,

do estado da Christandade d'aquelle Reyno de Congo, & depois se mudou pera o Collegio de Evora, donde tinha sahido pera esta missam.

10 Este foy o successo da segunda missam de Congo, & nam foy esta a ultima q a Companhia fez aquelle Reyno, mas nam foy tambem a ultima que teve ruim successo, fundado sempre nam menos na inconstancia, que aquelles barbaros tem na virtude, que na peleverança que querem ter nos vicios; elles com tudo ainda hoje tem o nome de Christãos, tem Sè, tem Conegos, tem Cabido, & de tudo tem pouco mais que o nome (como elles se queyxavam, q dizia o Padre Cornelio Gomes.) Foram porèm sempre muytos os trabalhos, que os da Companhia ally padeceram, por cultivar aquellas charnecas bravias, & por ver, se além do nome, lhe podiam persuadir obras de Christãos; mas sempre foy mais o trabalho que a colheyta; & elles se tem mostrade muy ingratos a Portugal, a que tinham grãdes obrigaçoës, porque (além de lhes ensinar a Fè) estando o Reyno de Congo em poder dos lagas, por morte do seu Rey Dom Bernardo, os libertou el Rey Dõ Sebastiam, à custa da Coroa de Portugal, & fez aquelles Reys vassallos de Portugal; mas elles como

desa-

Anno da
Companhia
14.

A gente de
Congo he
inconstate,
& sam in-
gratos a
Portugal.

Anno de
Christo de
1553.

desagradecidos, se rebelaram, & actualmente no tempo, que isto escrevo, que he no anno de 1646. continuam em sua rebeliam contra Portugal, & nos tẽ ainda lá cativos tres Padres da Companhia (porque os mais já morreram com o mau tratamẽto) pagando com prisoes, que nos deram a liberdade do Evangelho que lhe prẽgamos.

II E nõs agora sahindonos de Cõgo, pois tam mal nos agasalha, vamonos ao Brazil, com outra missam mais copiosa, na qual o successo foy mais ditoso, & o fruyto he mais glorioso.

CAPITULO VI.

Da missam d' este anno pera o Brazil, em que foy o P. Luis da Gram, & levou consigo ao Irmam Ioseph de Anchieta, que foy hum varam admiravel: da-se conta. como entrou na Cõpanhia; & de seus primeyros trabalhos no Brazil.

I **N**O capitulo quarto vimos como se embarcou pera a India o P. Urbano

q̃ foy o quinto Reytor do Collegio de Coimbra, neste embarcaremos pera o Brazil o P. Luis da Gram, que foy nelle o quarto Reytor, o qual sendo huma das

principaes pelloas desta Provincia, com tam grandes instancias pedio esta missam, q̃ houeram os superiores de lhe deferir, & o successo pelo tempo adiante, mostrou bem quam acertada foy esta. eleyçam, & quam bem aceytos foram a Deos os ditosos trabalhos deste seu grãde seruo, o qual foy Provincial, & Collateral do P. Manoel de Nobrega, & por quasi sincoenta annos se occupou em acudir ao bem das almas, sem nunca o constãte ministro do Evangelho largar mam desta espiritual conquista, atẽ o ultimo remate de sua vida, que Deos nosso senhor lhe concedeo muy comprida, a pezar dos muytos achaques, que o molestavam, & obrigaram aos superiores a lhe mandar ordem pera se voltar a Portugal, porẽ elle escolheo antes, como Capitam esforçado, morrer no campo do Brazil peleyjando, que vir a sua patria por tam pouco ganho, como era buscar hũa breve saude, quando já era velho, sendo mayor o interẽsse que lhe recrecia de a perder cõ a vida, por ganhar as almas dos gentios do Brazil.

2 Partio de Lisboa o P. Luis da Gram cõ seis cõpanheyros, aos 8. de Mayo de 1553. em cõpanhia de D. Duarte da Costa governador do Brazil, q̃ socedeo no governo a Thomẽ de Souza, de quẽ faley na primeyra parte,

Anno da
Cõpanhia
14.

Parte de
Lisboa o P.
Luis da
Gram.

2
1.p.l.3. c.5.

P. Luis da
Gram foy
Reytor no
Collegio de
Coimbra.

Anno de
Christo. de
1553.

o qual Do Duarte foy filho de D. Alvaro da Costa (Embaxador por elRey Dom Manoel ao Emperador Carlos Quinto) & de sua molla: r D. Brites de Payva; & nesta occasiam estimou muyto aos nossos Padres, & os tratou no mar, & na terra cõ o respeyto, & humanidade, que de sua muyta christandade, & conhecida fidalguia se podia esperar. Aos treze de Julho do mesmo anno, lançaram ferro na Bahia de todos os Sanctos, aonde foram muytõs recebidos do P. Manoel de Nobrega, & muytõs festejados do Bispo D. Pedro Leytã, homẽ de muytos merecimentos, q̃ tinha sido Provisor na India; o qual do mar desta vastissima gẽtilidade acenava aos cõpanheyros, q̃ tinha em Portugal, q̃ o ajudassem a lançar, & a tirar as redes nesta gloriosa pescaria das almas; os companheyros do P. Luis da Gram (segundo escreve o P.^b Maffeo, q̃ nisto falla mais ao certo) foram os Padres Braz. Lourenço, Gregorio Serãm, Joãm Gonçaves, Antonio Braz Castelhana, & o Irmam Ioseph de Anchieta, q̃ era o menor na idade, como o pequeno David entre seus irmãos.

3. Muyto poderamos aqui dizer do muyto q̃ estes nossos missionarios trabalharam nesta espirital empresa da cõversãõ dos Brazis; porem assim como a luz mais brilhãte das mais luzi-

das estrellas desaparece tanto q̃ no Horizonte Orietal começa a ostentar seus rãys de ouro o Principe dos Planetas; assim à vista do P. Ioseph de Anchieta, q̃ foy hũ novo Sol do mũdo novo do Brazil, ficam desaparecẽdo os melhores luzimentos de tam ditosos missionarios. Este he aquelle tam celebrado Ioseph de Anchieta, tam afamado no mũdo, tam respeytado de todos, sancto na vida, prudente no governo, prodigioso nas obras, zelador das almas, & verdadeyro Apostolo do Brazil. Esta he aquella bellissima flor, aquella rosa virginal, q̃ deo tal cheyro de suavidade, entre aquelles matos incultos, & areas descalvados da gẽtilidade, q̃ ainda hoje alegra, espanta, edifica, & consola a todos sua vida celestial; cheya de obras tam milagrosas, cõ que asõbrou o mũdo todo, & de successos tam inauditos, que com rezãõ he chamado o segundo Taumaturgo. A historia deste admiravel varãõ anda cõposta por muytos authores, impressa por muytas vias, & traduzida em muytas lingoas, que todas sam poucas pera contar suas maravilhas, que nam tem conto: & por serem tantas; eu quasi, que as nam queria aqui referir, por me parecer, que nam cabia tam grãde Sol em tam pequeno globo, nem tam espaçoso mundo em tam limitado mappa. Com

Anno de
Companhia
14.

Quem foy
Ioseph de
Anchieta.

A historia
do P. An-
chieta an-
da tradu-
zida em
muytas
lingoas.

^b
Petr. Maff.
hist. Indic. l.
16.

tudo,

Anno de
Christo de
1553.

tudo, porque vou sempre nesta chronica recendo brevemente as vidas dos varoens mais insignes, que entraram nesta nossa Provincia, no tempo em q̄ viveo nosso P. S. Ignacio, & este he hũ dos mais admiraveis, nam quero deyxar de fazer delle huma lembrança breve; pois lhe devemos muytas muy compridas.

Patria do
Padre An-
chieta.

4 Nasceo Ioseph de Anchieta no anno de 1533. em Tanarife, que he hũa das ilhas Canarias, a que os latinos chamaram as Fortunatas, que sò por darem tal fruyto mereciam o felicissimo nome de bẽ afortunadas: os pays eram nobres, & ricos, posto que a mayor nobreza, & a melhor riqueza lhes procedeo deste seu ditoso filho: & porque Deos o criava pera si, & o queria tirar de hũa ilha pera o trazer por muytos mares, & pera o levar por muytas terras, inspirou a seus pays, que o mandassem estudar à nossa Vniversidade de Coimbra, aonde se bẽ aproveitou nas letras, melhor cresceo na virtude; hum dia na Igreja principal, postrado de joelhos diante de hum altar da Rainha do cẽo, lhe fez voto de virginal, & angelica pureza, que sẽpre toda sua vida pũtualissimo goardou; & nam podia deyxar de ser Anjo, quem tinha sobre sy os cuydados da Rainha dos Anjos.

5 Pera melhor conservar esta igoalmẽte perigosa, & pre-

ciosa margarita; no anno de 1551. pedio a Cõpanhia (q̄ havia poucos annos que tinha entrado em Coimbra) & nella foy recebido, sendo elle dequasi 17. annos. Começou o caminho da perfeçam cõ tal fervor, & era nelle tam grãde a devaçam ao Sãctissimo Sacramẽto, q̄ na mesma menhã ajudava sucessivamẽte ao menos a oyto missas, todas de joelhos, persuadindose como noviço fervoroso, q̄ nam podia ter dano o corpo; no exercicio em q̄ recebia gosto a alma. Cõ esta cõtinuaçam, jũta cõ as mais penitẽcias, veyo a enfermar gravemente, & a rẽder pelas costas, ficando com achaque de velho ainda em idade de moço; porẽ renderãle os hõbros, porq̄ eram de carne, mas naõ se rẽdeo o coraçam, porq̄ pera o trabalho era de ferro: ficou o corpo quebrantado, mas o espirito continuou mais alentado. Perseverou com tudo a doença por espaço de tres annos, cõ tal violẽcia, q̄ resolvẽram os medicos, q̄ esta plãta naõ se dava bẽ em Portugal, & q̄ pera se achar melhor, era necessario mudala pera outro terrenho, q̄ desta sorte hia a providencia divina despondo o bẽ espiritual do Brazil, à cõta da enfermidade corporal de Anchieta; atẽ q̄ finalmẽte deo à vella pera aq̄lle novo mundo no anno em q̄ himos falando de 1553. nam tãto movido por voto dos medicos,

Anno da
Cõpanhia
14.

Dos achaques que teve, sendo ainda mãcebo.

que o aconselhavam, quando levado por inspirações de Deos, q̄ o chamava, nam tanto pera hir buscar remedio pera o corpo enfermo, como pera levar saudas almas perdidas.

6 Desembarcado na Bahia, começou este novo Sol, a espalhar as luzes de seus fermosos rayos: occupouse logo em ler latin aos nossos, & aos de fóra, sendo o primeyro que n'aquellas partes ensinou esta faculdade, ditosa por ter tal mestre, q̄ nella foy tam esmerado, que pudera dar lustre às melhores Primeyras das Vniversidades mais primas. No mesmo tempo em que Anchieta ensinava a lingua latina, lhe ensinavam a lingua Brazilica; era mestre eloquentissimo, & fazia se discipulo de seus mesmos discipulos; aprendia, & juntamente ensinava (que a charidade atenta ao bem do proximo, & nam respeytra a autoridade propria) de tal sorte se applicou, que dentro em seis meses sahio tam destro na lingoagem Brazilica, que era o melhor interprete do Padre Provincial Manoel de Nobrega, & verteo na mesma lingua o Catecismo, & logo compoz a Arte Brazilica, por onde ensinam aos nossos, reduzindo a barbaria natural dos Indios, à policia da Arte dos latinos.

7 Era neste tempo muy cruel a guerra, q̄ os Indios Ta-

moyos, de que falamos na primeyra parte, faziam aos Portugueses; pera a quietar estes barbaros indomaveis, foy necessario mandar lhe huma embayxada pelo nosso Padre Provincial Manoel de Nobrega (de quem largamente falamos no terceyro livro da primeyra^c parte) o qual levou consigo seu fiel interprete, & inseparavel companheyro Ioseph de Anchieta: bastou este pera abrandar a dureza d'aquelles penhascos, que cõ tal Anjo da paz, nam podia mais durar a guerra; porẽm pera melhor estabelecimento dos certos, quizeram os barbaros reter lá os Padres, & foy necessario ficar Anchieta em refens entre os Tamoyos; veyo nisto o P. Provincial Manoel de Nobrega, pelo muyto que fiava do Irmam Ioseph, & pelo muyto q̄ se desejava esta paz; asleytando elle de muy boa vontade este voluntario cativeyro, pela boa occasiam q̄ se lhe abria de dar averdadeyra liberdade áquelles ignorantes gentios. Grandes foram os trabalhos, & muyto mayores os perigos, q̄ aqui padeceo o nosso Ioseph cativo, como o outro Ioseph, mas tambẽ como o outro visitado, & consolado de Deos, que costume he seu, como cantou o^d Propheta, acudirem as enchentes dos alivios, segundo a multitudin das dores: a mayor consolacãm

que

*Chega ao
Brazil.*

*Quem fa-
ciu este
senou a
lingua da
terra.*

^c
cap. 1.3. c.6.

*Fica o P.
Anchieta
entre os
barbaros.*

^d
Ps. 93. n. 19.
Secundum
multitudinẽ
dolorum in
corde meo:
consolationes
tuas lætifi-
caverunt
animã meã.

que tinha era dos muytos bautismos que fazia, gozandole de restituir ao creador tantas almas, que o inimigo lhe tinha roubadas.

8 Tres meses se deteve Anchieta neste cativeyro, & porque os perigos do corpo eram grandes, & muyto maiores os da alma, pera obrigar a Virgem Sanctissima, a que tive-se cuydado de lhe defender o corpo vivo, & a alma pura, quiz servir a Senhora com lhe cõpor a vida em verso latino, que toda foy descrevendo em devotissimas, & elegantissimas elegias, nam em papel, que o nam tinha naquelle seu Ponto Euxino, mas repondoas no thesouro de sua memoria (que era tam feliz, que lhe entregou mais de cinco mil & setecentos versos, & depois fielmente os repetio, & effrevo) pondose a cantar cãtos de Siã em terra alheya, repe-

tindo musicas sagradas em lugar de todo barbaro, ao som nam das arpas, & citharas bem temperadas, mas dos arcos, & das frechas dos Tamoyos, que de continuo lhe zoniã pelas orelhas.

9 E pera que vejamos, como ainda que este nosso devotissimo poeta, habitava entre Satyros sylvestres, & entre Faunos montanhêzes (quaes eram aquelles gentios, que o tinham por refens) em tudo que lhe nã faltava a policia das musas mais cultas; & pera que entendamos, que, posto que em lugar dos Parnãssos, & dos Pindos, vivia entre terras fragosas, & toscas montanhas, que com tudo foy dos que melhor merecãram as melhores capellas da herã vencedora, quero aqui estampar a apostrophe, que faz à Virgem Sanctissima, cõ que lhe dedica esta obra dos seus versos.

*EN tibi, quæ vovi Virgo Sanctissima quondam
Carmina, eum sævo cingerer hoste latus:
Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
Tractoque tranquillum pacis inermis opus.
Hic tua materno me gratia fovit amore:
Te corpus tutum, mēsq̃ue tegente fuit.
Sæpius optavi, domino inspirante, dolores,
Duræque cum sævo funere vincla pati.
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam.
Scilicet, heroas gloria tanta decet.*

*Apostrophe
da poesia
do Padre
Anchieta.*

*Compoem
em verso
latino a
vida de N.
Senhora.*

10 Bem se ve nestes cinco distichos, a facilidade, a elegancia, a propriedade, a piedade, clareza, suavidade, & generosidade do estylo deste sublime cyrno, que juntamente teve engenho pera cantar versos, & teve deuaçam pera os sanctificar; & ainda que esta sua poesia parece facil, & muy ordinaria, & posto que se persuada alguém, que logo a fará melhor, com tudo nem por isso deyxá de ser muy excellente, antes fica tendo a propriedade de hum legitimo poema, o qual (segundo a doutrina, que nos ensinou o mestre desta arte) ha de ser tal, que quem lhe ler os versos, espere fazellos tambons; mas no cabo hade suar muyto, & hade trabalhar debalde.

(?)



CAPITULO VII.

Ordenase de missa o Padre Ioseph de Anchieta: dáse huma breve noticia de sua grande charidade pera com Deos, & pera cõ os proximos, aos quaes acudia com admiravel cuydado, andando muytos caminhos sempre a pé, & socorrendoos em todos seus trabalhos.

A Cabada esta composiçam dos versos se seguiu a da paz, tam desejada entre os Portugueses, & Tamoyos, & Anchieta se recolheo a continuar seus estudos de Theologia, entre os Portugueses. Tomou ordens de missa na Bahia, que com grande consolaçam de sua alma lhe deo o Bispo Dom Pedro Leytam, crescendo Anchieta com a nõva dignidade em nõvos augmentos de virtude, como verdedeyro Ioseph, a quem Iacob² chamou filho, que sempre crelcia, trabalhando naquella vastissima vinha da gentildade por espaço de quarenta & quatro annos, sendo em muytos delles superior, & Provincial da Companhia com prudencia, entey-

Hor. in Ar. Poet. Ex noto fictum carmen sequar, vt sibi quisquã speret idẽ, sũdet multũ, frustra que laboret.

Cõtinua o P. Anchieta com os seus estudos.

Gen. 49. nũ. 22. Filio accrescens Ioseph.

reza, & brandura, que se podia esperar de varã tam exéplar. Neste tempo quem poderá contar as terras que correo, os mares que passou, os golfãos que atravessou, os bautismos que fez, os perigos de que escapou, as prophcias que disse, as virtudes que exercitou, os prodigios, & milagres que obrou? Eu remeto aos livros que andam de sua vida; sò referirey brevemente algumas de suas virtudes, & alguns successos, entre muyros, que andam autenticados, para que destes poucos tiremos os outros innumeraveis, assegurãdo primeyro aos leytores, que tudo o que eu contar deste admiravel Padre, ou sem cousas já autenticas, ou estampadas por autores de muyta verdade.

2. Todas as heroicas virtudes de Anchieta tiveram seu principio em sua ardentissima charidade, da qual, segundo Sam Gregorio^o Magno, dependem todas, da maneyra que muytos ramos procedã da mesma raiz; & assim como a arvore sem raiz fica sem vida, assim as virtudes sem charidade ficam mortas. Fomentava o Padre Ioseph esta fervorosa charidade com a contínua oraçam, & trato familiar com Deos, com o qual gastava todo o tempo, que podia furtar de occupaçoens ordinarias, de officio de superior, ou de obrigaçoens de subdito; retiravase a

Igreja, as capellas, & ao cubiculo, onde ordinariamente o achavam de joelhos, com o rosto abrazado, com os olhos no cõo, & com os braços encruzados, que nam podia aquelle celestial fogo, recolhido na alma, deyxar de se manifestar nestes sinais exteriores; & porque o dia era pequeno para gozar destas celestiaes delicias, ajuntava tambẽ a noyte, que quasi toda levava em oraçam.

3. E o que nisto mais nos admira he, que conservava o P. Anchieta este mesmo fervor de oraçam, & devaçam, nam sò no cubiculo, & nas Igrejas entre Sanctos, mas tambẽ nos matos, & nos caminhos entre gênios. De varios modos, diz Sam^o Bernardo, se conserva a devaçam, ou como Sancto Thomè no lado, ou como Sam Ioãã no peyto de Christo, como Sam Pedro no ceyo do Padre, & finalmente como Sam Paulo no terceyro cõo; porém nos matos, nas charnecas, nas aldeas entre Haymurès, & Tapuyas, entre gênios brataes, entre feras humanas, & indios deshumanos, entre tumultos, & confusõens de gente sem Rey, & sem ley, conservar se a devaçam, como se estivesse no mayor retiro da mais remontada cõva da Thebayda superior, isto verdadeiramente he hum dos mayores milagres deste milagroso varã, qtal vol-

^b
Bern. super Cant. Serm. 23. Non om nibus eodẽ modo. ara est gratia deuotionis. Porto Tho- mas in late- re, Ioãnes in pectore, Petrus in seniu, Paulus in tertio celo.

^a
Greg. Magni in hum. 27. in Evahg. Vt quilibet arbor sine radicibus non potest vivere, sic multae virtutes ex una charitate generantur.

De sua grãde charidade.

^c
 Amb. in Pf.
 2. Ita inter
 peccatores
 versatus est,
 quali inter
 Angelos
 versaretur.

tava do trato d'aquelles gērios, como se viesse de falar com S. Antám; que foy o que S. ^c Ambrosio disse de Christo, senhor nosso, que assim tratava com peccadores, como se andasse entre Anjos; os colloquios com Deos, a suavidade do espirito, as lagrimas devotas, os affectos da alma, sempre os mesmos, sempre acesos, sempre fervorosos. D'aqui vinha, que assim andava com os pés pela terra, como se a alma toda estivesse no céu; muytas vezes o viram em oração levantado no ar, nam sendo parte o pezo do corpo carregado pera impedir os voos da alma ligeyra.

*De sua no
 tavel mor
 tificação.*

4 E porque a mortificação he irmã inseparavel da oração, & hum dos mais fermosos ramos, que nascē da raiz da charidade, foy nella muy versado este insigne varám. Era hum aspero, & severo fiscal contra sy mesmo, as disciplinas muy continuas, os jejuns muy ordinarios, nam admitia lençoes, nē cobertores, porque em todo escusava cama; sobre huma taboa passava as noytes vestido, pera a toda a hora estar prestes, & com as armas nas mãos, como soldado vigilante, pera acudir, ou a Deos na oração, ou ao proximo na salvação; & foy tam inviolavel este seu costume, que nunca se deytou em cama, senam por causa de enfer-

midade; a taboa lhe servia de colchám brando, & metendo hum sapato no outro delles fazia almofada; que destas traças usa hum varám sancto, nam só pera fugir de mimos escusados, mas tambem pera deyxar cómodos necessarios: ensinando-nos com semelhantes exemplos quam pouco basta pera sustentar a natureza, & quanto val o bom costume, porque se pôde viver sem mimos, & se pôde dormir sem cama. Quando estive no Collegio de Sam Vicēte sempre dormio no cham, & em hū molho de vāras, cheyas de espinhos encoitava a cabeça; que assim queria este servo fiel parecerse com seu Senhor, que na cruz pera tomar o sono da morte reclinou a cabeça sobre espinhos agudos, & quando era minino se encoitou sobre palhas: & chegou a queyxarse, como testifica Sam^d Lucas, q̄ nam tinha em que reclinar a cabeça.

*De sua
 grãde po
 breza.*

5 Conforme aos regalos da cama, eram as delicias da mesa, o seu jejum era continuo, & com qualquer cousa passava o dia; o seu comer ordinario era (como costumavam fazer os Sanctos penitentes) o que a occasiam lhe offerencia, & nam o que o cuydado lhe preparava, bastante pera fugir da morte, & nam pera grangear a saude, porque o seu pasto prin-

^d
 Luc. 9. n. 58.
 Filius autē
 hominis nō
 habet vbi
 caput su-
 um reclin-
 et.

Ioan. 4. n. 34
Meus cibus
est vt faciã
voluntatem
e'us qui me
milit.

cipal era, como Christo e dizia de sy, fazer a vontade de Deos, & tratar da salvaçam das almas. A pobreza em tudo foy igual; em seu cubiculo nam havia, nẽ escritorio, nem arca, nem canastra, nem gaveta (que quem nam tem que goardar, escusa todos estes impedimẽtos) nem pennas tinha pera escrever, & quando dellas necessitava, as pedia emprestadas, & logo as restituia. As praticas, as prẽgaçoens, & obras insignes de poesia latina, que fez sendo mancebo, & o mais q fazia, logo o dava, ou se lhe era algum papel necessario o tinha depositado na mam-do superior; pera de todo ficar sem outro cuydado mais que em Deos, no qual tinha seu thesouro, porque nelle depositava seu coraçam. A mesma pobreza que usava em casa, exercitava por fóra, sendo muytos os caminhos q fez, muy largas as peregrinaçoens; muytas as entradas por aquelle fertãm, ou a converter Indios sendo prẽgador, ou a visitar os nossos sendo Provincial, sempre andou a pẽ, que he cousa admiravel, a respeyto dos muytos caminhos que fazia; porẽm a charidade he muy ligeira, esta lhe fazia escusar subsidio alheyo, pera poder caminhar, & lhe ministrava azas pera saber voar.

6 Avante passava este grãde servo do Senhor, porque ainda que quando começava o ca-

minho hia calçado, com tudo em sahindo do povoado se descalçava, & com os pès descalços caminhava, como se nem com os sapatos quizesse repartir a gloria dos caminhos, q andava, por amor da salvaçam das almas, senam que todo este bem queria pera sy; ou fosse, que com aquelles pès descalços, queria Deos sanctificar a terra do Brazil, que elles tocassem; que pera isso, sentem alguns, como diz Theodoro^f, que mãdou Deos descalçar a Moyses, quando lhe falou da çarça. E ain ja que muytas vezes vinha com os pès feridos, & magoados, entam lhe pareciam mais bẽ engraçados, & entam com mais rezãm lhes cabia o gabo, que o ^g Propheta dava aos pès fermosos dos prẽgadores do Evangelho, andãdo por montes, & por matos. Desta sorte andava com tanta pressa, pelas costas do mãr, pelas montanhas fragozas, pelas brenhas, & matos incultos, que os mesmos Brazis, curtidos por aquellas charneças, acustumados a matejar, a saltar por aquelles montes, como gamos ligeiros, o nam podiam alcançar.

7 Em sabendo que havia algum Indio enfermo, ainda q estivesse muy distante, com tãta pressa, lhe acudia, q deyxava de correr, & parece q voava; & como era homẽ de grãde engenho; & os medicos faltavam no Brazil,

^f
Theod. q. 7.
in Exod. c.
3. n. 5. Vt ex
nuditate pe
dum sancti
ficaret ter
ram.

^g
Nahum ca.
1. n. 15. Quã
pulchri su
per montes
pedes euã
gelizantiũ.

Como acudia aos Brazis em todas suas necessidades.

Sempre andava seus grãdes caminhos a pẽ.

& as mefinhas nam lobejavam, elle tinha com sua experiencia alcãçados muytos modos de curar aquelles pobres Brazis. Com muyto mayor cuydado acudia â cura de suas almas; & pera alcançar este fim nenhũa difficuldade se lhe punha diante, por mais aspera, & indomavel que se offerecesse, porque todos os trabalhos eram inferiores à grandeza de seu animo: D'aqui nascia, que quando tornava mais cansado, entam vinha mais contente, & a conversam do gentio que mais lhe custava, esta mais o alegrava; que na verdade, conforme a resoluçam do generolo^h Romano, o acto da virtude que tem mayor custo, esse rende mayor gosto.

8 Caminhava huma vez descalço, conforme seu sancto costume, por hum lugar apaúlado, & cheyo de lodo, & enternecendo se o companheyro de ver hir tam cansado, elle com grande alegria lhe respondeo, Irmão Ieronymo Soares, desejam muytos na Companhia, que os tome a morte dentro em algum Collegio, pera passar aquelle ultimo combate com mayor consolaçam, ajudados da officiosa charidade de seus Irmãos, pera mim vos digo, que nam haveria melhor genero de morte, que morrer affogado em alguma destas alagoas, passando por acudir ao bem de algũ

proximo; resposta foy esta digna sò do espirito de Anchieta; porque verdadeyramente ninguem entende o mysterio escõdido nesta excellentissima sentença, senam quem alcança o preço infinito de huma alma; & ainda lhe parecia ao Padre Anchieta, que dizia pouco, porque á vista da vida de Deos pelos homens crucificada, desaparece a vida de hum homem pelos proximos affogada.

CAPITULO VIII.

Dos bautismos que fez o Padre Ioseph de Anchieta, & em especial se apontam dous muy admiraveis, & dos muytos caminhos que andou pera bem dos proximos, assim Religiosos, como seculares.

Q Vero decer a cõtar em particular algũs casos admiraveis, entre os innumeraveis que lhe socedéram, dignos de eterna memoria. Da villa de S. Vicente pera o Sul corre hũa costa brava, & praya muy aspera, & muy esteril, por espaço de nove legoas, por onde muytas vezes sahia o Padre Anchieta, & lhẽ chamava o seu

h
Luca. Pharf.
lib. 9. loquês
de Catone.
Lætius est,
quoties ma-
gno sibi cõ-
stat, honestum.

Morte que
desejava
ter o P.
Anchieta.

Como Deos
teve a
fazer hum
milagroso
baptismo.

Perú, pelos muytos Portugue-
ses, & Indios, que por ally achava
necessitados de socorro espiri-
tual, nos quaes fazia sua sancta
mercãcia por acudirẽ ally muy-
tos dos moradores com suas fa-
milias, & Indios de serviço: An-
dava o Padre hum dia por esta
praya passeando, esperando al-
guma preza, em que empregat
sua charidade. Eys que sem oc-
casiã alguma, inspirado de hũa
grande força interior, se entrou
lô no mais escondido, & remon-
tado de hum grande mato, sem
saber onde hia, nem que força
o arrebatava a embrenhar-se por
aquelle bosque, & como se al-
guem o levasse pela mão, veyo
a encontrar com hum Indio
muyto velho, que estava assen-
tado na terra, & encostado a
hum arvore, o qual salãdo pri-
meyro com o Padre lhe dizia
com grandes brados, vinde de
prẽssa, que muyto tẽpo ha que
vos espero aqui; o Padre lhe
perguntou quem era, & donde
tinha vindo, & pelos sinaes que
lhe deo, ficou entendendo que
aquelle homem nam pertencia
a nenhuma d'aquellas terras, q
estam sogeyras aos Portugueses,
& que era de algũa terra muy-
to mais remõtada, pertencente
porẽm ao Brazil (porque a lin-
goa era Brazilica) & que por
braço superior fora ally trazi-
do da outra banda da costa do
Brazil, da parte do Oeste.

2 Perguntoulhe o Padre a
que viera, & que lhe queria Res-
pondeo que vinha cuvir a vida
boa (que com esta fraze signifi-
cam os Brazis a ley de Deos, &
o caminho da salvaçam.) O se-
gredos profundissimos! o effey-
tos raios da divina vocaçam! o
caminhos occultos da eterna
predestinaçam! Logo o Padre
o examinou da vida que tinha
feyta, & ahou que nunca que-
brara a ley natural, com pecca-
do mortal. Hialhe o Padre de-
clarando os mysterios de noss
sancta Fe, acudia o Indio de
quando em quando: assim o en-
tẽdia eu em meu coraçam, ma-
nam o sabia declarar: & tante
que o Padre o deo por bastãte
mente instruido, pondolhe por
nome Adam, o baptizou com
agoa da chuva, que parece quiz
o cẽo ter parte neste baptismo,
nam permetindo que se fizesse
com agoa achada na terra, mas
com agoa vinda do cẽo, pera em
tudo ficar celestial.

Entã este novo Adam rege-
nerado em Christo, sentindo na
alma os effeytos soberanos do
Sacramento, levantãdo as mãos,
& os olhos ao cẽo, dõde lhe viera
tanto bem, deu primeyro gra-
ças à divina bondade, & no se-
gundo lugar ao Padre, & como
quem havia já alcançado o cõ-
primimento de seus desejos, respi-
rou; logo ally livre a alma de
todos os mais cuydados, limpa

Notaveis
segredos
dos juizos
divinos.

& fermosa com a graça bautifmal, nos primeyros passos de seu noyo, & espirital nascimento, sahio do corpo, & se foy transplantar no paraíso celestial.

3 Este admiravel, & devotissimo caso, contou por vezes o Padre Ioseph de Anchieta, de cuja verdade nam podemos duvidar; nelle bẽ se mostra a força da divina providencia, & a efficacia da eterna predestinaçam, pois de tam longe, & com taes circumstancias trouxe ao Indio gentio, & levou ao Padre pera o bautizar; comprindose aqui bem a doutrina de Christo^a que ninguem vem a elle, se o nam traz seu eterno Padre: porém se pergũtarmos que rezãm houve pera trazer mais a este sò, que a outros muytos? Responde Sancto^b Agostinho, q̄ senam queremos errar, nam o queyramos pesquisar; sam segredos altissimos, escondidos no incõprehẽsivel thesouro, & investigaveis, juizos de Deos, dos quaes sò nos ficam rezoens pera os reverenciar cõ temor, mas nam temos fundamento pera os inquirir cõ curiosidade.

4 Foy o sucedido neste caso com hum Indio, que ainda era gentio, vejamos o caminho por onde Deos por meyo do mesmo Padre, salvou outro que ainda nam era bautizado, & cuydava q̄ era Christam. Morreo na villa dos Sanctos hum

Brazil, por nome Diogo: amortalharamno, & abriram lhe a sepultura, tratando de o levar a enterrar; advirtio a dona da casa, chamada Gracia Rodrigues, que o defunto visivelmente se movia, & com animo varonil: chegou a ver se se enganava, porém o Indio pouco antes cadaver frio, distinctamente lhe falou, pedindolhe que o tirasẽ d'aquella mortalha, & lhe chamassem o Padre Ioseph: attonitos ficãram os presentes cõ tam estranho successo; & dizendolhe, que o Padre se tinha hido a S. Vicente, que he dahi a duas legoas; replicou o resusitado, que já o Padre era vindo, & que ambos vieram juntos até hum riacho, que corre junto ao lugar, & que d'ally o tinha o Padre mādado diante a que se tornasse a vestir de seu corpo. Foram logo chamar o Padre, & tanto que chegou, lhe perguntou o Indio pelo reliquario, que no caminho lhe mostrãra; tirou o Padre do peyto, & o Indio cõ sua vista muyto se alegrou; & logo o Padre lhe disse, que lhes cõtasse o successo de sua morte, & de sua nõva vida; elle o fez dizendo, que em sahindo desta vida, encontrãra com quem lhe disse a, que nam caminhava pela estrada real pera o cẽo, porque nam estava bautizado; & elle confessou que assim fora, & que nunca havia cahido naquelle

Io. c. 6. n. 44.
Nemo potest venire ad me, nisi Pater qui misit me traxerit eum.

b
Aug. super Ioan. Tract. 26. Nemo venit nisi trahatur, quare illum trahat & non illum trahat, noli velle iudicare, si non vis errare.

Outro bautismo milagroso.

erro, contentando-se com o nome de Diogo, cuidando q̄ bastava ter nome de Christam: porém q̄ sempre procurara guardar todos os mandamentos da ley de Deos: & que pedia ao P. Ioseph, pois elle naquelle caminho lhe abria os olhos, pera conhecer o bem que lhe faltava, lhe quizesse dar o Sancto Bautismo: & logo o Padre, catequizadoo primeyro, o bautizou, com grande gozo de seu espirito, & com muytas lagrimas de seus olhos; affirmando que dera por bẽ empregada sua vinda ao Brazil, & por bẽ logrados seus trabalhos, por ter mandada aquella alma ao cẽo.

5 Bautizado Diogo, pediu licẽça a sua senhora pera partir-se desta vida, rogãdolhe q̄ desse os seus vistidos a hum pobre, & lhe fizesse dizer duas missas por sua alma, & pedindo hũa vella bẽta, metendoa na mam, & rogando ao P. Ioseph q̄ o ajudasse naquella hora, em breve, à vista dos presentes, voou aquella ditosa alma pera seu creador. Notavel, & muy raro caso foy este, porq̄ muy poucos lemos semelhãtes, nelle igoalmẽte descobrimos os affectos da misericordia de Deos, & os effeytos de sua divina predestinaçam, q̄ esquecẽdo-se de muytos Reys, & Princeses poderosos, se lãbrou de hum Indio escravo, & criado nos matos do Brazil. Deste caso, & do

passado devemos tirar a devida reverẽcia dos juizos occultos do creador, & estima da Sãctidade do P. Ioseph, a quẽ Deos nosso senhor, tomava por ministro executor dos meyo efficazes, pera este, & outros muytos, por virtude do Sãcto bautismo, escapãẽ das penas do inferno, & alcançarem os premios do paraíso.

6 Outros muytos casos pudera aqui referir, nẽs quaes respõdece nam menos a providẽcia divina, q̄ o zelo incãfavel do P. Anchieta, o qual Deos lhe satisfazia muyto bẽ cõ os inumeraveis bautismos que fez por sua mam, & cõ as maravilhosas cõverloẽs de gẽtios idolatras, & de Christãos peccadores. Cõ fer o P. Anchieta tam charitativo pera remediar aos defõra, nam se esquecia de seus irmãos q̄ lhe ficavam dẽtro de casa. Governava o Collegio de S. Vicẽte hũ superior, q̄ por algũas causas q̄ a elle lhe parecẽram bastantes, tinha recluso na cella a certo Irmam: parece q̄ nam era a culpa do pobre subdito tãta, como delle se imaginava; soube o P. Ioseph o caso por revelaçam divina, estãdo dahi doze legoas, revelando-lhe Deos a muyta affliçam d'aquelle Irmam, & a pouca causa da recluzam; & logo cõ as azas q̄ lhe dava a charidade, estãdo actualmente fraco, & cheyo de achaques, cõ os pès descalços, se poz ao caminho, & antes do me-

Como o P. bautizou aquelle gẽtio resuscitado.

Como a-cudio a hũ nosso Religioso.

yo dia andou aqllas doze legoas; entrou em casa, foyse ao aposêto do Irmam recluso, & como Provincial que era, lhe disse que sahisse d'ally, & que fosse avisar, que lhe aparelhassem pera comer no refeytorio: falou com o superior da casa, avisou o do modo com que devia tratar aquelle subdito, deolhe delle as devidas noticias, & depois de os deyxar compostos, tornou a desfandar as doze legoas, voltandose ao lugar dõde sahira; dando por bem empregadas vinte & quatro legoas andadas no mesmo dia, á conta de consolar a hũ subdito, & aconselhar a hum superior.

7 Desta vez podiamos duvidar se andou o Padre naquelle dia. as vinte & quatro legoas, por via ordinaria, ou levado por algũa força sobrenatural. Outras vezes acudio a outros desconsolados, trazido por virtude superior: estava outro Irmam da Companhia em huma nossa granja, & havia dias que lutava com hũa triste, & violenta imaginaçam; com que andava muy desconsolado, & como estava sò, nam tinha com quem comunicar suas malenconias, que por momentos lhe cresciam; que a solidam acrescenta tristezas, & nam permite alivios, & por isso o Sabio^b se lastimava do que vive sò, porque nam tinha quem, se cahisse, lhe des-

se a mam. Tres dias havia que aquella trabalhosa pena lhe occupava a alma, & atravessava o coraçam; quando andando passeando pelo campo, vio junto de sy o Padre Ioseph sò, & acompanhado do seu bordam; foy a elle o Irmam pera se lhe lançar a seus pès, dandolhe as graças de sua vinda, ao que o Padre respondeo: sò por amor de vós vim aqui: & logo lhe disse tam divinas palavras, & lhe deo rezoens tam prudentes, que lhe aquietou o animo, & lhe serenou a consciência: cõpondo a em bella paz: & feyto isto logo desapareceo, deyxando o Irmam admirado de como pode o Padre chegar ally aonde estava, q̄ era hũa como ilha, s̄ haver embarcaçam nenhũa, em q̄ viesse, nem em que se voltasse: ficado elle, & nòs entendendo que o mesmo Anjo q̄ lhe revelava estas cousas, o trazia, & o tornava a levar; como fez o outro Anjo, que tomando a Philippe, ^c depois de bautizar o Eunuchõ de Candaces, o poz invisivelmente em Azoto; que a Deos nam sam impossiveis estas obras, posto q̄ nem sempre as usa, porque nem sempre acha a sanctidade de hũ Philippe, nem os merecimentos de hum Anchieta.

8 Destes calos de seus caminhos invisiveis pudera aqui relatar muytos; apontarey mais outro; caminhava elle hũa vez

Como acudio a outro nosso Religioso, que estava em hũa grãde tribulaçam.

^b Eccl. 4. num. 10. Væ foli, quia cū ceciderit non habet sublevantem se.

^c Act. 8. n. 40. Philipus autem inuentus est in Azot6.

de Sam Vicente a Piratininga, acompanhado de seu ordinario cõpanheyro o P. Vicente Rodrigues, & de outros Sacerdotes, depois de andarem sete legoas, chegaram a huma ermida pera dizerẽ missa; porém o trabalho foy que faltava o missal, posto q̃ havia todo o mais aparelho: a desconsoaçam dos Padres era grande, porque àlem de terem subidas algũas serras pera chegar à ermida, era o dia de guarda, & sentiam muyto ficar sem missa: tomou o P. Ioseph à sua conta fazer vir o missal da casa de S. Vicente; aceytaram os Padres a offerta, hũs porque o tinham já por milagroso, outros porque queriam experimentar se o era. A resoluçam do caso foy, q̃ dentro em meya ora chegou o P. Anchieta, trazẽdo debayxo do braço o missal, q̃ sendo o mesmo da casa de S. Vicente, nem o P. Ioseph lã appareco, nem o missal de lã delappareco: que Deos nosso Senhor, assim como lhe dava ligeyreza pera voar, o podia fazer invisivel como Anjo.

9 Neste mesmo caminho de Sam Vicente a Piratininga lhe socedeo, que hindo com o mesmo Padre Vicente Rodrigues, houveram de fazer alto no meyo d'aquelle campo, pelos tomar a noyte no caminho; no mesmo tempo vinham pelo mesmo caminho, ainda que en-

contrados de Piratininga pera Sam Vicente huns Portugueses, que tambem d'ally a meya legoa armaram a sua tenda, pera passar a noyte: mandoulhes o Padre Anchieta dizer por hum Indio, que senam queriam morrer ally oprimidos de hũas grandes arvores, que lhe ficavam sobre a tenda, que se sahifsem d'aquelle lugar, & viessem passar a noyte na sua pouzada. Obedecẽram os Portugueses, julgando que assim como Deos lhe revelara a sua chegada àquelle lugar, tambem lhe revelaria o perigo de que os aviava. Vieramse logo demandar o Padre, que de boa vontade os admitio à sua companhia, com condiçam que primeyro se confessassem; que sem isso a nenhum quiz admitir, dizendo que arreceava pagarem todos pelos peccados de hum sò. Aquella mesma noyte se levantou huma horrivel tempestade, causada de furiosos ventos, que com impetuosa violencia cortavam, & arrebatavam pelos ares tudo o que diante topavam; vinda a menhã tomou cada huma das califas o seu caminho, & chegando os Padres ao lugar, aonde os de Piratininga tinham aparelhado pera passarem a noyte, viram derrubadas cõ a força dos vêtos muytas, & muy grãdes arvores, q̃ tinham debayxo feyta em peda-

Como milagrosamente voltou a buscar hũ missal.

Do q̃ lhe socedeo no caminho de Sam Vicente.

ços a tenda, q̄ levantaram a noyte d'antes; escapado milagrosamente aquelles homens por via de seu seruo Ioseph, que igualmente lhes acudio aos corpos, livrádoos do perigo, & às almas, absolvendoos dos peccados.

De outro
caminho
milagroso
que fez a
Piratininga.

IO Ponhamos aqui mais outro seu caminho de S. Vicete a Piratininga (porque como fez tãtos, nam se me pòde estranhar referir mais algum) sahio se hum dia de casa muy apressado, levãdo por companheyro a hũ minino Indio, & partio pera Piratininga, passou pela praça, & advirtindo Iorge Ferreyra (com mais outros quatro Portugueses que ally estavam) na fadiga cõq̄ caminhava, lhe pregũtou aonde hia cõ tal pressa? A Piratininga (respondeo elle) pera acudir a dous homẽs principaes, a quẽ o diabo abraza em odios. Perguntoulhe mais Iorge Ferreyra, se tivera disto ou carta ou aviso, & dizẽdo q̄ nam, cõtinuou seu caminho, & elles entẽderam q̄ tivera revelaçam, como o successo confirmou, porque chegou a Piratininga duas oras antes do sol posto, sãdo o caminho de quinze legoas; cõpoz, & reconciliou aos dous homẽs, entre quem se tinha levantado tal incendio, q̄ andavam pera se matar; & logo se tornou a S. Vicente; que nam temos por menor maravilha haver sabido estando ausente d'aquelle grãde perigo, q̄ haver an-

dado em tam breve tẽpo aquelle comprido caminho, mas Deos nosso Senhor assim como lhe dava virtude pera a divinhar, lhe dava forças pera caminhar.

CAPITULO VIII.

De suas prodigiosas prophecias, segundo a cõmumopiã: & em especial, de duas que disse no Rio de Ianeyro, & outra na cidade da Bahia.

Agora contẽmos algũas de suas prophecias, que foram tantas, & tam admiraveis, que mais parecia ver coulas presentes, do que prophetizar casos futuros; sendo assim, que Deos nosso Senhor, sãdo pera sy reservou a sciencia certa, & infallivel dos effeytos futuros, das causas livres (a que os Theologos^a chamam futuros contingentes) conforme o que o mesmo Senhor nos ensina pelo seu Propheta^b Isayas, *Ego sum Deus, & non est similis mei, annuntians ab exordio novissima, & ab initio que non dum facta sunt.* E com a mesma cautela nam quiz Deos que alcançafemos noticias algumas dos pensamentos escondidos no coraçam humano. só vos, dizia o^c Propheta

^a
Ad. 1. p. 9.
14. a 13.

^b
Isaiaz ca. 49.

^c
Ps. 138. n. 8
Intellectus
cogitationes
meas a lōq̄

podeis

podeis Senhor de muyto longe alcançar meus intimos legredos. Porê até este privilegio comunicou Deos tam liberal a seu servo o P. Ioseph de Anchieta, q' assim via os mais encubertos pêfamentos, como se ou Deos logo lhos descubrisse, ou pera elle nunca estivessem escondidos: de hũa, & outra cousa apõtaremos aqui alguns exemplos, fiados na fé dos authores, que as contam.

2 Estava elle no Rio de Ianeyro, na cidade de Sam Sebastiam, quando no anno de 1581. appareceram algumas naos de guerra hũa legoa fronte do porto, & porque aquelles dias havia fama de haver armada inimiga na côsta, se perturbou a cidade toda, tratando hũs de tomar as armas, & começãdo outros de se acolher aos matos (que assim socede às vezes) o P. Ioseph os aquietou a todos, dizendo-lhe que a armada era de amigos, & pondo nella os olhos fitos, como quem olhava pera algum particular objecto, disse, que ally vinha hum carpinteyro muy destro, que havia de entrar na Companhia, aonde faria muytos seruiços a Deos, & teria grandes augmentos na virtude: tudo assim socedeo; aquellas naos eram de amigos, por ser a armada de Hespanha, em que era General Dom Diogo Flores Baldés, q' hia assegurar a entrada

do estreyto de Magalhaens, & passando pela côsta do Brazil lançou ally ferro, pera fazer agoada.

3 O carpinteyro foy Francisco Escalante, grande servo de Deos na Companhia, o qual desembarcou logo, & se veyo direyto ao Collegio a demandar o Padre Provincial, que era o P. Anchieta, & hindo o porteyro levar-lhe recado, primeyro que o dêsse, lhe disse o Padre, que bem sabia quem o chamava, & que vinha pedir a Companhia; tudo assim socedeo, o Padre lhe fez os exames necessarios, & o recebeu na Companhia, assegurando o que perseveraria nella constante até a morte, o que tudo socedeo, como testimunha todo o Brazil; communicando Deos a seu servo Ioseph, nam só o conhécimento da armada, pera elle poder a quietar a cidade, mas tambem dádolhe tam particulares noticias antecedentes da vinda, & entrada de tam bom sogeyto, pera consolaçam sua, & bê do Collegio, que muyto necessitava de semelhãte official.

4 Quatro destas naos da armada cheyas de mantimêtos, depois de passado o cabo frio, hindo pera lançar ferro na entrada do Rio de Ianeyro, por culpa dos marinheyros, & por causa do mar, que andava de levadia, hiam irremediavelmente dando à côsta, recorreo o

O que propheticizou acerca de hũa armada q' chegou ao Rio de Ianeyro

Como com suas oraçoens acudio a hũa naos da armada.

Padre Ioseph com grande affecto a oraçam, & logo se vio o effeyto della, porque immediatamente sahiram do perigo: foy-se logo o P. Estevam da Gram a dar esta nõva ao Padre Ioseph, abre a porta do cubiculo, acha o de joelhos com as mãos compostas, com o rosto abrasado, & levantado no ar, orando ao cõ: tornou logo em sy o Padre Ioseph, & antecipandose ao Padre Estevam, lhe disse, graças a Deos, nenhũa nao perigou, sò se perdeu hum esquite, mas ninguem delle se affogou: tudo assim socedeo, porque as quatro naos entrãram seguras, o esquite se perdeu, mas a gente toda se salvou; mostrando Deos nosso Senhor neste successo, que o Padre Ioseph nam tinha menos virtude pera prever as cousas d'antemam, que efficacia em sua oraçam, pera acudir aos que de presente estavam em perigo, pois vemos o que neste caso fez juntamente prophetizando, & orando.

5 Estando nesta mesma cidade o Padre Ioseph, quiz hum certo Portugues, fingindo que era solteyro, intentar casar-se cõ a filha de hum d'aquelles cidadãos, & andando no mayor fervor dos desposorios, fez o Padre Ioseph com a justiça, que por outra causa o prendessem, & desterrassem pera Angola, assim socedeo (porque parece q nam

faltavam outros bõs merecimentos a este noyvo) queyrouse o pay da moça ao Padre Ioseph, por lhe impedir o casamento de sua filha; entam lhe descubrio o Padre o engano que o homem tratava, & de como era casado, & que antes de chegar a Angola a cumprir seu desterro, chegaria lá sua mulher; assim socedeo, porque a pobre mulher vendose em Portugal, deyxada de seu marido, & sabendo que estava no Brazil, se veyo em companhia de outras mulheres (que naquelle tempo se mandavam ao Brazil) a demandar seu marido; porẽm a nao em que vinha, obrigada de ventos contrarios, arribou a Angola, aonde ella desembarcou, tres dias antes que lá chegasse o marido: que assim soube o Padre Anchieta despor o desterro d'aquelle homem a Angola, a tempo em que já lá estivesse a mulher, prevendo que se haviam lá de encontrar; & quando o pay depois o soube, nam cessava de dar graças ao Padre Ioseph, por haver com tal prudencia atalhado tam grandes males, sem se lhe dar de suas queyxas, & do sentimento do desterrado: que os Sanctos tratam de fazer bem, & nam fazẽ calo dos que e n retorno lhe pagam mal.

6 Vamonos do Rio de Janeiro à cidade da Bahia, & vejamos hum caso que ally lhe so-

cedeo,

Como restituio hum marido a sua verdadeira mother.

O que prophetizou acerca de hum pedreyro.

cedeo, no qual nam menos resplandecem as prophcias de Ioseph, que as misericordias de Deos. Trabalhava em o novo Collegio hum pedreyro, homẽ de grãde bõdade, já velho, chamado Ioãm Fernãdes, & actualmente andava pondo hum sino na torre da nossa Igreja; vêdo o o Padre lhe disse, allegurayo bẽ Ioãm Fernãdes, q' vos haveis de fer o primeyro da Companhia, em cujo enterramento se ha de dobrar; & a este tempo era elle casado, & nada menos cuydava q' ser Religioso nosso. Passaram se depois disto alguns meses, & era chegada a monçãam pera o Padre Ioseph, que era Provincial, hir visitar a Pernambuco; aperstavamno os Padres, que nam perdesse a viagem, respondeo: damine pressa, & nam sabem q' he vontade de Deos, que eu esteja aqui em dia da Cõceyçãam de nossa Senhora, por certa boa obra que naquelle dia aqui me espera.

7 Vencido em fim dos rõgos dos Padres, se despedio dos nossos pera se hir embarcar, & ao Padre Luis da Fonseca disse, nos ultimos abraços da despedida: fique se embora Padre companheyro, que eu logo torno, pera o levar comigo a Pernambuco; com isto deo à vella, & dahi a trinta dias, com ventos contrarios, tornou arribar á Bahia, aonde desembarcou dia da

Conceyçãam da Senhora; logo, antes de entrar no seu cubiculo; foy visitar ao velho Ioãm Fernandes, que estava em hũa cama doente, & desconfolado pela nõva que tinha recebido de sua molher ser morta em Portugal, & tudo sabia o Padre Ioseph por divina revelaçãam: entroulhe o Padre pela porta, & com tua vista lhe entrou todo o bem. A vîrgem Sanctissima (diz elle) me manda ter com vosco em seu dia, irmam Ioãm Fernandes, pera vos admitir na Companhia, & pera vos dar a boa nõva, q' daqui a sete dias vos vereis no cẽo diante de sua face sanctissima. Recebeo na Companhia, viveo sete dias, morreo como Sancto, & foy o primeyro por quem se dobrou o sino.

8 Dobrandose tambem as prophcias, & as maravilhas neste tam espantoso caso, no qual vemos a este pobre velho, & humilde official (que acudio á vinha do Senhor, nam à penultima, mas já à ultima hora de sua vida) levar a palma, & ganhar o premio a muytos q' dedicaram a Deos as primeyras flores de sua idade, pera que entendamos que mais val diante de Deos huma vontade fervorosa, que muytos serviços com tibieza, & que os melhores desejos sam os que nos alçãam mayores coroas, pois vimos a hum

Como prophetizou a morte ao Irm. Ioãm Fernãdes.

Luc. c. 23. n. 43. Hodie mecum eris in paradiso.

ladrão posto por seus peccados em huma cruz, que no mesmo dia alcançou o paraíso; e vemos agora hum pobre velho, q depois de gastar toda a vida no mundo, veyo ter a morte na religiam, & alcançar em sete dias, estando doente, o que muytos nam mereceram em largos annos, tendo saude: sam juizos altissimos, e thesourados no cofre da sabedoria de Deos, o qual sabe a rezam, porque deyxar pera o inferno hum Alexandre Magno, & porque chama pera o céu hum Alexandre carvoeyro: & porque salva hum Iam Fernandes, & porque condena hum Augusto Cesar.

9 E pera que concluamos com esta milagrosa arribada do Padre Anchieta, logo chegaram cartas de Roma, em que o nosso P. GERAL lhe nomeava por cõpanheyro, & secretario o Padre Luis da Fonseca, como elle antes lho tinha significado; & em resoluçam, depois de cumprir com aquella obrigaçam, que Deos lhe tinha encõmendada, se partio com bom tempo para Pernambuco, deyxando no céu o official velho, & levan-

do consigo o seu

secretario no

seu

(?)

que

que

que

CAPITULO XI.

Continuase a mesma materia das prophetias do Padre Ioseph de Anchieta, de como previu a destruiçam del Rey Don Sebastiam em Africa, & como denunciou outras muytas cousas muyto d'antes que socedessem.

I Am admiraveis sam as cousas deste grande servo de Deos, que parece excedem a fé dos que as lem, & confesso que me nam atrevi a contalas (em rezam de arreçar que me julgassem por muy credulo) senam fora, que as conto todas por autoridade alheya, conforme as acho escritas, & estampadas nos livros de sua vida; ou ao menos autorizadas com a aprovaçam de pessoas graves, & de testemunhas de vista; de sorte q bẽ podẽ os leytores persuadirse, q nam hiram errados em lhe dar credito, respoytando a omnipotencia do Senhor, que quiz honrar tanto a este seu servo, fazendo milagroso em obras, & mostrãdo verdadeyro nas prophetias.

2 Entre outras muytas cousas, que sabemos, que Deos

Como pre-
vio a per-
da del Rey
Dõ Seba-
stiam.

a
Lib.3. cap.8.

lhe communicou foy hũa del-
las o infelice lucesso da incom-
paravel perda del Rey Dom Se-
bastiam, nos infastos campos
de Alcacere. Contava muytas
vezes em Portugal o capitam
Miguel de Azevedo, do qual se
faz mençam na vida do Padre
Ioseph^a (conforme o resifica o
nosso Padre Leam Henriques,
peffoa bem calificada, & sobri-
nho do primeyro Padre Leam
Henriques, de quem largamen-
te falamos neste livro) con-
tava, digo, este capitam, que em
4. de Agosto de 1578. ouvira
dar ao Padre Ioseph hum gran-
de gemido, arrencado do inti-
mo do coraçam, & perguntan-
do lhe pela causa, lhe respõdeo,
agora se dà a batalha del Rey
Dom Sebastiam em Africa, logo
Miguel de Azevedo lhe per-
guntou o successo della, & o Pa-
dre Ioseph lho relatou da ma-
neyra que tinha foycedido; &
perguntado mais, se morrera o
Rey na batalha? lhe respõdeo,
que nam; & instando logo, se o
viria elle ainda vivo? dizia, que
lhe respondera o Padre, isto fan
segredos, que Deos goarda sã
pera sy; assim o contava este
homem.

Do q Deos
lhe encu-
brio acer-
ca del Rey
Dõ Seba-
stiam.

3 De sorte, que Deos lhe
communicou ally humas cou-
sas, & outras lhe incubrio; que
assim o custuma Deos fazer, ain-
da com seus mais mimosos, en-
cubriendo humas coufas com se-

creto conselho, aos que mani-
festa outras com luz divina; as-
sim nos consta da sagrada Es-
critura,^b que soube Eliseo, que
a Sunamites vinha a seus pés,
com o coraçam cheyo de trite-
za, mas encubriothe a causa da-
quelle sentimento; & Sam^c Pau-
lo dizia, que o Espirito Sancto,
por todas as cidades por onde
passava lhe mostrava trabalhos,
& cadeas que o esperavam em
Ierusalem, porém que nam sa-
bia o modo, & o successo destas
prisoens. Assim ordenou aqui
Deos nosso Senhor que o Pa-
dre Ioseph alcançasse humas
circunstancias da perda del Rey
Dom Sebastiam, mas nam lhe
quiz communicar outras; pera
que elle soubesse estimar o pro-
phetizado, & nós soubessemos
reverenciar o encuberto.

4 Sobre a mesma prophe-
cia se conta na vida do mesmo
Padre Ioseph de Anchieta; q
estando visitando huma povoa-
çam, junto a Sam Vicente, o
viram naquelles dias tristissimo,
& que por mais que pretendia
encubrir na alma o sentimen-
to; lhe falia por fora com sinais
de grande triteza; pergunta-
ram lhe a causa de tam notavel
malenconia, elle se calava; & só
lhe puderam tirar esta palavra:
hoje no mundo se apparettam
grandes calamidades. Nota-
ram, & escreveram a resposta; a
triteza; & o dia, que era em 4.

b
4. Reg. c. 4.
n. 27. Dimit-
te illã, anima
enim eius in
amaritudine
est, & domi-
hus celauit
à me, & non
indicauit mi
hi.

c
Act. c. 20.
n. 23. & 24.
Quæ in ea
mihiventu-
ra sunt ig-
norans, nisi
quod Spiritus
Sanctus
per omnes
ciuitates mi
hi protesta-
tũr, &c.

Propheti-
za o mes-
mo a ou-
tros ho-
mẽs.

d
Lib.4. cap.7.

de Agosto de 1578. & depois se soube que naquella mesmo dia em Africa socedeo a muy lamentavel perda deste nosso muy prezado Rey, que foy tam grande, que sua revelaçam chegou a entristecer tanto a hum varã de tam grande animo, & de tam rara virtude, & tam conforme sempre com a divina vôtade.

5 Mas nam sò lhe cõmunicava Deos cousas de tâta importancia, mas tambem outras muytas de menos pôrte, da maneyra que hum grande amigo nam sò cõmunicava outro amigo o negocio de mayor peso, mas tambem o segredo de menor lôte. Hum amigo do Padre Ioseph, chamado Ayres Fernandes, trazia em huma perna metido hum pelouro de espingarda, que lhe ficou desdo tempo das guerras (que este he o barato, que ordinariamente se tira do jogo insolente do Marte) estando hum dia praticando com o Padre Ioseph, vieram a falar sobre a reliquia que trazia consigo d'aquella guerra passada; entam lhe disse o Padre, que nam tomasse pena, porque o pelouro lhe havia de cair. E, pera que entendessemos que nam sò sabia o successo, mas tambem as circumstancias, lhe acrescentou, que lhe havia de cair na lagem que está na barra do Rio de Ianeyro. Bem esquecido

andava já Ayres Fernandes da promessa do Padre, nem lhe parecia que tinha alguma combinaçam o pelouro com a lagem: socedeo que d'aly a têpos, quando elle mais descuydado estava da promessa do Padre, andando em huma canoa com outros amigos folgando naquella paragem, se levantou huma terrivel mareta, & sobreveyo hũa grande onda, que deo com a canoa sobre a lagem da barra; escapou Ayres Fernandes do perigo, & advertio que com a pancada q, a canoa deo na lagem, lhe cahio o pelouro, que o molestava, & deo ao Senhor dobradas graças pelo livrar do perigo do már, & da molestia do pelouro, segũdo a prophesia do Padre; que quando Deos quer, aos pares nos concede os favores.

6 Havêdo o Padre Ioseph de se partir da cidade de Sãti Sebastiam pera Pernambuco, visitou na enfermaria ao Padre Francisco Pinto, que estava gravemente enfermo naquelle Collegio, & cõ poucas, ou nenhũas esperanças de vida: achou o o Padre muy entrado desta imaginaçam, & preparandose como bom servo pera receber o Senhor na ultima hora; porẽm o Padre Ioseph lhe disse, que se desimaginasse de haver entam de morrer na cama, que se aparelhasse pera trabalhar por amor de Deos: porque nam ha-

O que prophetizou a Ayres Fernandes.

Save de milagrosa q prophetizou, & deo ao P. Francisco Pinto.

veis de entrar no céu (lhe disse) a mãos lavadas, nem vos espera genero de morte tam quieta, grande jornada vos fica que andar primeyro, que chegueis ao céu: eu em Pernambuco darey alegres nouas de vossa saude a vossa mãy, & irmãos, & assim levantayvos logo, vestivos, & hidede à Igreja, & diante do sanctissimo Sacramento day graças a a Deos da saude que vos deo. Dizendo isto, mandou logo que lhe dessem o vestido: obedeceb o enfermo ás palavras de seu Provincial, parou de repente o mal, cessou a febre, cobrou forças o corpo debilitado, & ficou de todo saõ, cõ admiracão de todo o Collegio.

7 Partiose o Padre Ioseph a Pernambuco com seu compañeyro o Padre Luis da Fonseca: & o Padre Francisco Pinto viveo ainda na Cõpanhia vinte & seis annos, que tantos se passaram desde o anno de 1582 até o anno de 1608. no qual depois de muytos, & muy gloriosos trabalhos, padecidos pbr amor d'aquella Christandade, & depois de baurizar muytos milhares de almas, veyo finalmente a dar liberal a vida pela Fè que pregava, a mãos dos mais barbaros gentios que habitam aquelle sertão, entrando este forte combatente triumphando no céu, com a palma dos qdam a vida por pregar o Evan-

gelho (con o em seu tempo se contara) comprindose a risca o que tanto d'antemam. lhe disse o Padre Ioseph, quando lhe deo a saude, estando elle por momentos esperando a morte, que nam podia deyxar vida tam milagrosa de ter corõa tam gloriosa.

8 Destas milagrosas prophcias pudemos cõtar muytas, que andam largamente escritas nos cinco livros da sua vida; nãs quaes parece que nam sò os tempos lhe estavam presentes, mas que tambem elle estava presente aos lugares: estando elle huma vez no Collegio da Bahia, entrou no aposento de hum Irmã, que estava muy occupado escrevendo a huma sua irmã, que tinha em Lisboa; & disselhe o Padre: Irmã, que estaes ahi agora gastando o tempo de balde? Respondeo o Irmã, que estava fazendo huma carta a sua irmã: o Padre tornando lhe disse: Hideme vós a mim dar de comer (porque andava mal desposto, & o Irmã era enfermeyro) & a vossa irmã mandaylhe cartas ao céu. Dahi a alguns meses soube o Irmã, que assim fora, que a irmã morrerã no mesmo tempo em Lisboa, quando o Padre lho disse na Bahia; foyse elle entãter com o Padre, pedindolhe q lhe dissesse algumas missas pela alma de sua irmã; já lhas disse

Como prophetizou a hum nossa Irmã a morte de huma sua irmã.

Como este Padre depois veyo a morrer pela Fè de Christo.

(respondeo o Padre Ioseph) logo quando Deos a levou. Ditosa alma, de quem disse o Padre Ioseph que lhe podiam mandar cartas ao céo: bem pôde ser que teve tam depresso este bem, por meyo das missas, & oraçoens deste grande servo do Senhor, o qual igualmente lhe manifestava os segredos, & lhe despachava as petiçoens.

9 Na Capitania de S. Vicente estava hum vez hũa mulher honrada, casada na mesma villa, fazendo huns rolos de cera, & à volta dos rolos fez tambem hũas duas vèlas; mais grossas do ordinario: foylhe à mam hum a sua irmã, advertindolhe, pera que gastava tanta cera, ao que ella respondeo; façoas assim pera as dár ao Ioseph, pera me dizer missa com ellas, quando eu for sancta; o que entam se acceytou de zombaria, confirmou Deos, como logo veremos (que bem pode hũa pessoa falar verdade, quando parece que se ri, & pôde prophetizar quando nam sabe o que diz; como succedeo ao Põntifice Caiphàs, q̄ nam sabia o que dizia, & prophetizava o que Deos queria.) Assim passou neste caso, porque dando os barbaros dahi, a pouco nas fazendas dos Portugueses, cativaram diversas pessoas & entre ellas esta mulher, a quã hum gentio principal matou publicamente cõ muyta cruel-

dade, por defender a castidade, bradando ella, que era Christã, & que estava casada. Couisa maravilhosa, & digna de eterna, & alegre memoria; na mesma menhã em que esta ditosa mulher assim triũphou da torpeza, disse o Padre Ioseph missa (com as candeas, que ella lhe dera) de commum de hũa martyr, nomeandoa por seu nome, havendo de distancia ao lugar donde padecera mais de setenta legoas. Perguntoulhe entam o P. Manoel de Nobrega, que martyr era aquella, de quem differa a missa? Respondeo: era fulana, q̄ naquella hora entrara no céo martyr pela castidade: passaramse alguns dias, & vieram algũs d'aquelles cativos, & cada hum delles por sy contou esta ditosa morte assim, & da maneyra que o Padre Ioseph a tinha referido; & assim o depuzeram em seu testemunho o Padre Vicente Rodrigues, & o Irmam Ioã de Souza, que no anno de 1568. em que isto succedeo, se acharam na casa de Sam Vicente: que com esta certeza communicava Deos as cousas a seu servo Ioseph; nam lhe encubrindo nem o que estava mais alongado por distancia de tempos, nem o que era mais auzente por apartamento de terras.

*Com o Deos
lher evelou
a morte sã
sta de hũa
molher.*

*Outro caso
a amiravel*

e
Ioan. c. 11.
n. 51. Hoc
autem à femet ipso nõ
dixit, sed cū
esset Pontifex anni
ililius prophe
tauit.

CAPITULO XI.

Referemse outros successos admiraveis: E de como deo fala a hum minino mudo: E de como as aves do ar, E os peyxes do mar lhe obedeciam: E de como até sobre a chuva do ceo tinha imperio.

SE houvesse de cōtar todos os successos, em que o P. Ioseph mostrou o espirito prophetico, que Deos lhe cōmunicou, seria necessario repetir aqui os cinco livros q̄ andam escritos da vida deste incōparavel varã: porẽm nam quero agora deyxar de apontar algumas obras suas prodigiosas, em q̄ Deos nosso senhor mostrou o poder q̄ cōmunicou a seu servo, sobre todas as creaturas. Innumeraveis foram os enfermos a quẽ deo saude, q̄ por serem muytos os calos, & nelle muy ordinarios, os nam quero repetir aqui. Digamos de hum minino mudo, a quem diãte de muyta gente restituio a fala.

2. Estando o Padre Ioseph na Capitania do Espirito Sancto, socedeo que se fez huma grande festa na aldẽa de Sam Ioã, ao mẽsimo Sancto, a que

acudio muyta gente da villa, & a caso se achou aquelle dia ally o Padre Ioseph. Entre outras recreaçoes com que o povo naquelle dia se alegrava, foy huma de correrem o pato; eys que no meyo da festa se levantaram grandes duvidas (como locede muytas vezes) entre dous d'aquelles competidores, sobre qual delles levãta o pato, & ficara com a victoria; & porque de parte a parte havia grandes profias (que tal vez se ateam muyto sobre materias muy leves) & os juizes, ou nam cōcordavam na sentença, ou os oppositores lha nam aceytavam bem, quizeram se todos louvar no Padre Ioseph, ao qual se sobejava a virtude, nam faltava a cortesia; & assim ainda que nam era cavalleyro, nem entendia d'aquelles jōgos, aceytou com muyta graça a obrigaçam que lhe punham de fer elle aqui o definidor da demanda, & o que havia de entregar o premio ao vencedor. Estavam todos suspensos, esperando com grande alvorço, por qual dos dous se daria a sentença, que nam podia deyxar de ser muy bem aceyta, pois vinha pronunciada por tal juiz: havia naquella aldẽa hum minino mudo, chamado Estevam; o Padre Anchiera o buscou com os olhos, & tanto que lho trouxeram diante, á vista de to-

Caso aprazivel, que teve em hũs jogos.

*Como deo
fala ahum
minino
mudo.*

do o auditorio, mandou ao innocentinho Estevam, que dissesse qual d'aquelles dous fora o que levára o pato, ou a quem pertencia? Respondeo logo o que era mudo muy defempessadamente, de maneyra que todos o ouviram, & entenderam: O pato he meu, demmo pera o levar a minha mãy. Foy em todos igoal o applauso ao espanto; aquietaramse os competidores, deram o pato ao minino, & as graças a Deos, que com tam alegre, & aprazivel successo lhe quiz autorizar a sua festa, dando tam grande virtude a seu servo Ioseph, pera com tanta facilidade, em tal occasiam, dar fala ao mudo, alegrar o povo, & aquietar os cõpetidores, de tal sorte, q̃ ambos ficaram contentes sem nenhum ficar com o pato.

3 Até os brutos animaes, as creaturas insensiveis, & os mesmos elementos obedeciam a este innocente Adã. Coufa era muy ordinaria neste grãde Taumarugo, quando andava caminhos, chamar aos passarinhos com a mam direyta, dizendolhe, poente aqui, & louva a Deos, obedeciam as avesinhas, punhamselhe no dedo, ou no breviario, davam sua musica ao Padre, & o louvor ao creador, & logo elle as despedia dizendo: Iã louvaste a teu creador, vayte embora. E por isso muytos o pintam cõ hũ

*Obedeci-
amhe os
brutos a-
nimaes.*

passarinho sobre o breviario. Passo por outros muytos casos semelhãtes, q̃ cõ as aves lhe socedèram, mas nam pôsseyra de referir hũ por ser admiravel.

4 Estava o P. Ioseph no anno de 1584. na cidade de S. Sebastiam do Rio de Ianeyro, & hindo por aquella costa em hũ canoa avistar, como costumava algũas aldẽas, & freguezias, socedeo ser em occasiam, em que a calma era ardentissima, & o companheyro, que era o Padre Pero Leytam, & hia assentado na poppa da canoa, mostrava gram sentimento, porque alem do sol ser insoffrivel, a jornada era de algumas legoas, compadeceo o Padre Ioseph do trabalho do companheyro; & vendo huns tres, ou quatro guarazes (que sam humas aves fermosissimas, & na grandeza como gallinhas, de cor de escarlata finissima) faloulhes desta maneyra: Hide chamar vossos parêtes, & vindenos logo aqui a fazer sõbra. Coufa admiravel, as tres aves, estẽdo os pescocos, deram logo hũ grito, como q̃diziam q̃ sim, voaram, & d'allya muy pouco tẽpo veyo hũ grãde bãdo dellas, & jurãdose em hũa fermosissima nuvẽ, foram fazendo sõbra à canoa, por espaço de hũa legoa, até q̃ entrãdo com o terrenho a viraçam, o Padre lhes disse q̃ bastava, & q̃ se podiam hir embora, ao q̃ ellas respõde-

*Como a
aves ll
fizeram
sombra.*

ram com outra grita, a modo de musica, como que se despediam, que assim obedeciam, & serviam as àves do cèo, fazendo sombra a este bem assombrado Padre.

5 E se foy grande favor o que Deos fez antigamente a seu povo, livrãdo do calor do dia, com huma nuvem, que lhes servia de chapeo de sol, mayor foy o mimo que fez aqui a seus servos, dandolhes hũa nuvem de àves, que juntamête lhe faziam sombra com as azas, & os alegrava m com musicas; porque aquella nuvem de Moyses constava, como as outras, de vapores sem vida, que com seu pezo tornam a cahir na terra desfeytos em agoa; mas esta nuvem era hũa nuvem leve, era hũa nuvem ligeyra, nuvem de àves do ar, feyta de azas voadoras; era hũa nuvem viva, que juntamête andava, & falava. As outras nuvês sam naturalmente tristes, & malenconicas, & nam ha nuvem que nam represente nuvens de tristeza, porèm esta nuvem das aves do Padre Ioseph, era nuvê alegre, aprazivel na vista, na musica, nas còres, era finalmente hũa nuvem de purpura, huma nuvem de escarlata; que tal vez assim tem Deos cuydado de seus servos, acudindolhes, nam sò com o necessario, mas tambem com o aprazivel.

6 Isto socedeo ao Padre Ioseph com as aves do cèo, ve-

jamos o que passou cõ os peyxes do mar, pera que entendamos, que no ar, & no mar, tinha o mesmo poder. Achan-dose na aldèa do Espirito Sancto, no deltriçto da Bahia, disse hum dia com sua boa graça, aos Indios, como pay que era de todos: Como està esta aldèa calada, & malenconizada? Respondéram: Porque nam ha que comer: pois vamonos todos (disse o Padre) à praya abulcar de comer; replicaram os Indios, que nam era conjunçam de tempo, nem de maré: Contudo (disse o Padre com a mesma alegria) vamos todos, nam fique ninguem, que nenhun virà descontente. Sahio o Padre com toda a aldeia apos sy, & chegando à praya, acham a marè quasi cheya; aqui virandose pera elle os Indios, lhe disseram: Vedes Padre, que nam he conjunçam pera pescar; elle lhes preguntou: Que peyxes quereis? Respondéram zombamdo, que xarcos pequenos, que sam peyxes pouco mais de palmo, nomeando estes, porque nam era entam seu esto, como dizem, & quizeram impossibilitar mais a pesca, pera que o Padre se defenganasse, que nam era occasiam de pescaria: encaminhou-os entam o Padre com muyta segurançá, que fossem hum pouco mais pela praya assima, & tomassem quãtos quizeassem; da

De huma pescaria milagrosa, que tiveram os Indios por sua intercessam.

Exo. c. 13. n. 22. Nūquā defuit colūna nūbis per diem.

Esta nuvê levava vètagem á de Moyses.

maneyra que o Senhor disse na praya de Galilea aos discipulos, que lançassem as redes à mam direyta, & que achariam grande pescaria: obedeceram os Indios, foram com suas redes na mam, & tomaram com muyta facilidade quãto quizeram d'aquella casta de peyxes: que a mam do Senhor nam està hoje mais abreviada, & como entam acudio aos Apostolos, assim agora socorreo aos Brazis, & se hoje tiverem a mesma fé os homens, experimentarãm os mesmos favores em Deos.

7 Acabadas as pescarias, nam acabavam os milagres, & pois vimos como lhe obedeceram as aves do ar, & os peyxes do mar, vejamos como tambem teve imperio sobre a chuva do cèo. Em outra pescaria, depois dos Indios estarem já cheyos de quantos peyxes quizeram pescar, & trazer pera casa, mandou o Padre Anchietta aparelhar pera o outro dia pela manhã levantarem arrayal, & voltarem pera a Aldea; era isto pela tarde, & estava o cèo muy cerrado, & parece que se vinha abayxo cõ a muyta chuva, que cahia, & cõforme a ruim carranca do tempo, mostrava que duraria nam sò a noyte, mas tambem a manhã toda: o companheyro parece, que nada gostava de haver de partirse por tal tempo, que na verdade he cousa molestiffi-

ma pera alguns caminhar por chuvas; & como quem queria escusar a jornada, disse ao Padre Anchietta: Bom tempo escolhe V.R. pera caminharmos: Prouvesse a Deos (lhe respondeo o Padre Ioseph) que correspondessemos nõs ao cuydado, que Deos tem de nõs, porque nam somete nam nos choverã a manhã, mas nem agora com tam grande tẽpestade, tem cahido, nem cahira gota de agoa por todo o caminho, por onde havemos de pafar. O Padre o disse, & o Senhor o executou, com tanta certeza, que andando a seguinte manhã tres legoas, até hũa aldea chamada S. Bernabé, acharam todo o caminho daquellas tres legoas seco, por espaço de trinta pés de largo, & todo o restante molhado, por causa da muyta agoa da chuva; renovando aqui Deos nosso Senhor o milagre do vello de Gedeam,* que chovendo fóra, nelle nam cahia gota de agoa; sendo ainda aqui mayor a maravilha, porque no caso de Gedeam se limitava o milagre à estreyteza de hũ pequeno vello de lam, porẽm no successo do P. Anchietta continuou o favor do cèo por espaço de tres legoas; que bem era que fosse mayor o milagre, aonde era mayor a virtude, a qual igoalmẽte resplandecia neste prodigioso varãm, dãdo peyxes aos pescadores, & livrãdo da chuva aos caminhãtes.

Como lhe obedeeo a chuva do cèo.

Judic. ca. 6. n. 25. Et fuit siccitas in solo vellere & ros in omni terra.

CAPITULO XII.

Contase hum prodigioso caso, de como parece que o mesmo mar o respeitou: apontase outro successo admiravel com hús bugios; & de como converteo agoa em vinho: & de huma musica que os Anjos lhe deram.

I Estes casos, & bons successos de pescarias, foram quasi quotidianos, & muy ordinarios em o Padre Ioseph, porque como era tam caritativo, & a pobreza dos Indios muy grande, & o seu sosten-to ou he caça do mato, ou pescaria do mar, em huma, & outra cousa lhes acudia sollicito, & liberal: & nam só lhe obedeciam os peyxes, mas os animaes por natureza mais fer-rozes, & indomaveis, as onças, as biboras, & as cobras mais peçonhentas. Porém deyxando estes casos da obediencia dos animaes, vejamos como lhe obedecia o mesmo mar, que he a mais indomita creatura, que Deos criou: estando o Padre Ioseph naquella mesma ribeyra em outra pes-

caria, delapareceo de repente, sem darem fé delle por espaço de tres, ou quatro horas (que desta maneyra costumava fazerse por vezes invisivel, pera hir acudir ou a Deos, que o chamava, ou aos homens que delle necessitavam) buscando desta vez por diversas partes, foram dar com elle assentado na ribeyra do mar; & tinha o rosto tam abrazado, que bem mostrava, que se o corpo estava assentado na praya, a alma andava passeando pelo céu.

2 Neste comenos hia enchendo a maré, porém as ondas mandadas por outra força superior (ainda que entráram, & occupáram todo o mais espaço à rōda do lugar aonde o servo do Senhor o Padre Ioseph de Anchieta estava) o respeitáram de tal maneyra, que levantadas em forma de parede, o cercáram, deyxando sō hum caminho aberto, por onde se pudesse vir sahindo; & tam obedi-entes estavam ao imperio de quem assim as fazia officio-fas, que nem com o burriço da agoa, que com o rolo do mar tal vez quebrava na area, o salpicavam; parecia neste prodigioso caso que renovava Deos o milagre que fez, quando os filhos de Israel, com espanto excessivo da mesma natureza, passáram a pè enxuto o mar

Como lhe obedecio o mar.

^a
Exod. c. 14. n. 23. Erat enim aqua quasi murus a dextera eorum, & laeva.

vermelho, que lhes retirou suas ondas, como se fossem muros, q de parte a parte lhes defendiam as fermosas estradas por onde caminhavam. Vio o cõpanheyro este prodigio, queria chamar o Padre, mas nam ousava metterse pelo lugar q o mâr tinha deyxado aberto, bradava fortemente de longe, ao modo de caçador, que nam ousando chegar de perto ao bravo leám, que tem emprazado na cóva, com brados de longe o está acoffando.

3 Nam acudio o Padre a estas vozes, porque a alma estava muy occupada com Deos; assim esteve o Irmam bradando até que condenando sua pouca fé, se resolveo a entrar pelo caminho, q o mâr deyxára aberto, pera avisar ao Padre, que era mais que tempo pera se recolherem, persuadindose, que o Senhor, que assim o defendia do mâr, nam havia de querer afogar nelle seu companheyro: metteose em fim entre os dous mōres de agoa, pela aberta que o mâr tinha deyxado, chegouse ao Padre, pegoulhe pela roupetta, avisandoo que visse aonde estava, & que era tempo pera voltar pera casa.

4 Espertou o Padre de sua contemplaçam, & começou a andar, vindo o Irmam de tras delle: mas sentindo que já o mâr lhe vinha tocando os pès,

começou a temer (como Sam Pedro^b quando no mâr de Galilea cuydou que se affogava) & passouse diãte do Padre Ioseph, pera se escudar com elle, contra os assaltos de tam bravo inimigo, que já cuydava que pelas costas, como traidor, o acomeitia; estranhoulhe o Padre, como fez Christo a Sam Pedro, sua pouca fê, com estas palavras: Nam sabeis Irmam, que os mares, & os ventos obedecem a Deos? Tanto que os dous sahiram, logo as ondas (porque sô isto esperavam) se tornaram ajutar, & se igualou o mâr por todas as partes, & o Padre já em terra, & o companheyro já fóra de medos, se recolheram à choupana dos pescadores; & nós senam conhecessemos já muy bem as obras milagrosas do Padre Ioseph de Anchieta, pudemos perguntar, com os da naveta, em que hia o Senhor, (quando se viram fóra da tormenta)^c *Quis est hic, quia venti, & mare obediunt ei?* Quem he este a quem os áres, & os mares, cõ tam officioso obsequio obedecem? Mas esta força têm a sanctidade, que até os ventos a reconhecem, & os mares a respeytam.

5 Recolhamonos com o Padre Ioseph desta pescaria pera a cidade, & Collegio do Rio de Ianeyro. E porque foram muytos, & muy apraziveis os

suces-

Entra o cõpanheyro pelo mesmo lugar, que o mâr deyxou aberto.

^b
Mat. 14. nu
30. Videm
verò ventu
validum ti-
muit, &c.

*Como sa-
hio com o
cõpanhey-
ro do mâr*

^c
Mat. cap. 8.
num. 27.

*O que lhe
focedeo cõ
hũs bugios*

sucessos que teve nestes cam-
nhos, nam quero deyxar de cõ-
tar hum, que ainda que parece q̃
tem muyto de engraçado, tam-
bem lhe acharemos muyto de
proveytofo. Vindo com a sua
cafila dos pescadores, junto à
aldea de Sam Bernabe, hum In-
dio dos da cõpanhia derrubou
com a frecha da arvore em que
estava assentado a hum bugio
barbado, & de extraordinaria
grandeza, a quem os naturaes
chamam Guarigba, que destes
nam faltam por aquelles matos;
ao som da queda do bogio mor-
to, acudio grãde multitudam del-
les, fazendo estranhas mostras
de sentimento, como se alguma
grande familia chorasse a mor-
te do senhor da casa.

6 Nam perdèram os pes-
cadores esta boa occasiam, ale-
gramse primeyramente com a
vista, & logo largaram as rêdes,
& tomando os arcos começã-
ram a empregar as setas naquel-
la caça (que os Brazis com o
mesmo gosto se cévam nas car-
nes destes animaes, que outras
gentes em cabritos) acudio o P.
Ioseph a esta matanca, & man-
dou aos Indios que se conten-
tassẽ com gozar do ridiculo
espectaculo que faziam, por
causa d'aquella morte, & falan-
do com os monos lhe disse em
lingoa Brazilica, que fizessem
muyto à sua võtade as exequias
dos seus defuntos, pera alegrar

*Obedecẽ-
lhe os bu-
gios.*

os pescadores, em paga de os
nam matarem; & logo á com-
petencia começaram os bugios
a obedecerlhe, hiam apos a cali-
fa dando grandes coqueãdas,
como se chorassem tristemente,
& fizessem suas lamentaçoes,
do modo que podiam; hũs cor-
riam a quatro pês pelo campo
razo, outros subiam nas arvo-
res, & saltando de ramo em ra-
mo, como de coro mais alto, cõ-
tinuavam os seus responsorios,
celebrando com os debayxo as
exequias; & todos com desen-
toadas vozes, com mil tregey-
tos galantes, & esgares ridicu-
los, parece que peleyjavam, &
estranhavam aos agressores as
injustas mortes de seus parêtes.
Com esta pompa funebre, &
agradavel choro, caminharam
os tristes bugios por espaço de
duas legoas, dando muyto que
ver, & que rir aos companhey-
ros do Padre Ioseph; quando
chegandose já ao lugar, porque
os moradores da aldea nam
tornassem a matar nelles, lhes
lançou o Padre sua bençam, &
os licenciou, dizendolhe, que
se podiam hir embora, pois tã-
bem o tinham feyto; elles acey-
tando aquelle salvo conduto,
nam palsaram adiante, & se re-
tiraram a seus matos.

7 Nam fez esta açam o
Padre Ioseph, tanto por recrear
os companheyros com a vista
destes apraziveis jogos dos bu-

*Rezám q o
P. teve pe-
ra recrear
os Indios
com estes
jogos dos
bugios.*

gios, quanto por esperar os entendimentos brutaes d'aquelles Indios, ao conhecimento de Deos, mostrando-lhes a obrigação que tinham de obedecer ao creador, pois os animaes silvestres assim obedeciam a seu prégador, que os Sanctos nam perdem occasiam de servir a Deos, & ajudar aos proximos, ou seja em acçoens, que sam graves, ou em materias que parecem leves.

8 Quero aqui contar outro caso, que lhe socedeo em outro caminho, que tambem sendo em materia leve, foy sem duvida de grande admiracão: depoem em seu juramento Antonio de Sequeyra (escrivam real, & notario pelo Bispo no lugar dos Sanctos) que caminhando com o Padre Anchietta a Piratininga (hindo com elles mais tres, ou quatro companheyros) q no caminho nam tiveram outro vinho, mais que hum pouco feyto de mel, o qual deo ao P. Ioseph hum Nicolao Grillo seu amigo, & que levava o Padre este vinho em huma cabacinha, em que cabia coufa de hum quartilho; gastaram no caminho tres, ou quatro dias, comendo, & bebendo em cada hũ delles, ao menos tres vezes, como ordinariamente costumam os caminhantes: todos o companheyros comiam, & bebiam alegremente, & todos da

*Como converteo a
goa em
vinho.*

mesma cabacinha, sem ja mais deyxar de haver vinho em abundancia; porque tanto que se esgotava, mandava o Padre que logo a enchessem de agoa, a qual entrando naquella vasilha (como se fosse algũa das hydrias de Canã de Galilea) se mudava em vinho precioso, q nam podia deyxar de o ser, pois era vinho milagroso, que por tal o tiveram todos aquelles homens, que hiam em companhia do Padre Ioseph. O primeyro milagre que o Senhor fez, foy, como testimunha Sam Ioã^e Evangelista, o de Canã de Galilea, em q transformou a agoa das talhas em vinho riquissimo, porẽm nam foy este q contey o primeyro milagre, q fez o Padre Ioseph de Anchietta, porque no mesmo testimunho diz o notario Antonio de Sequeyra, que já neste tẽpo corria fama, que o Padre tinha feytos outros muytos milagres; que com este, & com outros muytos autorizou Deos sẽpre seu muyto amado servo Ioseph, fazendo nam samente admiravel entre os Indios, mas tambẽ respeitado entre os Portugueses, em cousas de grande porte, & em materias de menos importancia; que até nestas pòde ser, como disse o outro, ^d a obra muyto pequena, mas a gloria muyto grande.

9 E pois vimos estas gran-

^c
Ioan. c. 2. n.
11. Hoc fecit
initium
signorũ Ie-
sus, in Canã
Galilee.

^d
Vir. Geor. 4.
Intenui la-
bor, atten-
nuis nõ glo-
ria.

De huma
musica q
lhe deram
os Anjos.

des maravilhas das aves, dos
peyxes, dos bugios, & do mar,
acrescentemos tambem huma
do cêo, aonde deyxaremos a es-
te bendito Padre, contando lhe
no capitulo seguinte a sua mor-
te. Na barra da Ilha de S. Vi-
gente se achou o Padre Joseph,
por occasiam de huma obra de
serviço de Deos, que estas eram
suas occupaçoens; agalhavase
o Padre na fortaleza, & huma
vez pedio licença ao capitam
pera hir passar a noyte em hu-
ma ermida de nossa Senhora, q
distava d'ally consta de trinta
passos, foy acompanhãdo o Pa-
dre hum Affonso Gonçalves
genro do capitam, & depois de
o deyxar dentro da ermida, sem
candeia nenhuma, se recolheo à
fortaleza. Sendo já alta noyte,
dormindo todos, sò a molher
de Affonso Gonçalves vigiava,
& por lhe parecer que ouvia
cantar, espertou ao marido, &
abrindo a janella, viram ambos
claramente, que sahia por toda
a parte da ermida hum grande
resplandor, que a elles lhes cau-
sou notavel admiraçam, ouvi-
ram juntamente na ermida hũa
tam suave musica, que depoz
em seu juramento o dito Affon-
so Gonçalves, que o tirou de seu
sentido; & querêdo decer abay-
xo, pera de mais perto lograr a-
quella bem tēperada melodia,
achouse empedido, parecendo-
lhe que pégavam delle, & pelo

grande medo que por hũa par-
te concebeo, com hum subita
tremor do corpo, & arrepiamē-
to dos cabellos, & pela grande
consolaçam que por outra par-
te sentiam, se deyxaram estar
ouvindo, & gozando da musica,
& vendo o resplandor, que du-
rou por bom espaço de tem-
po.

10 Bem entendêram os
dous casados que foy aquillo al-
guma visita celestial, que aquel-
la noyte na ermida teve o P. An-
chieta, & por isso se foy lá, pera a
solas gozar aqllas delicias Ange-
licas. Vinda a manhã hindo bus-
car o Padre à ermida lhe disse-
ram do resplandor que viram, &
da musica que ouviram: a repo-
sta foy obrigalos o Padre, como
a filhos seus espirituaes q eram,
que nam falassem a ninguē na-
quelle caso, em quanto elle vi-
vesse; da maneyra que o Senhor
disse^e aos Apostolos, que a nin-
guem dissessem a visam mila-
groza dos respãdores da divin-
dade, que d'entre as sombras da
sagrada humanidade, melhor
luziam no monte Tabor: que
desta maneyra custuma Deos
algumas vezes recrear seus ser-
vos, dando lhe respãdores do
cêo, pera os alumear, & mandã-
do lhe Anjos da gloria pera lhes
dar musica: fazendo que lhe o-
bedeçam os animaes, o mar, a
terra, os elementos: q como diz
S. Ambrosio^f bem he que se fo-

Como quiz
encubrir
este favor
do cêo.

^e
Mat. ca. 17.
n. 9. Nemini
dixeritis vi-
sionem do-
nec a mor-
tuis resur-
gat filius ho-
minis.

^f
Amb. in Pf.
118. Cui
perno Deus
est totius
possessor est
naturæ.

geyte o mundo todo a quem tẽ
a Deos por sua parte.

CAPITULO XIII.

*Dos muytos achaques que teve, de como renunciou o governo da Provincia, & de sua sã-
cta morte: & de algumas maravilhas que depois della se souberam, & de suas feyçoens corporaes, & boas partes que tinha.*

*Nam quiz
usar con-
sigo de mi-
lagres.*

I Endo o Padre Ioseph tam poderoso em dar saude aos enfermos, & em socorrer os trabalhos alheys, nunca quiz pera consigo usar destes poderes, pera mayor merecimento seu, como se duvida entendemos, que os Sanctos sò tratam do bem alheyo, esquecidos do commodo proprio. Passou a vida toda com grandes achaques, & continuas enfermidades, que todas tiveram a primeyra origem, naquelle mal das costas, que se lhe defencayxaram estando no Collegio de Coimbra, como já dissemos, pelo continuo trabalho de estar de joelhos; no qual tempo depois de lhe fazerem muytas curas sem remedio, sabemos q̃ lhe disse o Padre Mestre Simam

pay desta Provincia, com espirito prophetico, como o tempo o mostrou: Filho nam vos canceis com estes achaques, que nam vos quer Deos com mais saude, assim o haveis de servir. Ajuntaramse depois com a idade outras varias incommodidades, de fomes, caminhos, & outras muytas fadigas quasi quotidianas, que necessariamente carregam sobre hum solcito lavrador da vinha do Senhor, & q̃ cõ tanto cuydado acudia à conversãm dos infieis; acreseitou se a todos estes cançados, q̃ navegando huma vez, se afundio a canoa, em que hia, & sahindo todos a nado, só elle ficou debayxo d'agoa por espaço de meya hora, escapando milagrosamente, mas como sahio todo molhado, & lhe foy necessario caminhar logo, de noyte, & cõ muyta chuva por prayas, & matajar por aquellas charnecas, se lhe acrescentaram os achaques a seu corpo velho, fraco, & debilitado. A isto se juntava a perpetua falta de sono, a qual posto que era nelle já como natural, com tudo nam podia deyxar de defraudar os espiritos viciaes do alento, & sustentaçam que lhe custuma comunicar.

2 Cresciam cada dia as enfermidades ao sancto velho, & assim lhe foy forçado licenciarse de governar a outros, pois já nam podia reger sua propria

*Causa de
seus acha-
ques.*

*Como deyxou o governo da
Provincia*

freqüezar logo comolidença do
 Padre Visirador Christovam
 de Gouvea se jubilou do gover-
 no da Provincia, & se entregou
 ao Padre Marçal Bellian, ha-
 vendo sete annos que era Pro-
 vincial, tocado o anno de
 1585, & ainda viveo e se amou,
 tomando coihocaram e o exê-
 pla este largo o aparelho pera
 esperar a morte, nam querendo
 que o tomasse governando a ou-
 tros, mas mortificandose a sy
 mesmo, que nam tenha duette
 pelo menor dos milagres do P.
 Ioseph; pois teve animo pera
 tanto d'ante nam de por o car-
 go de governar, & tomar a obri-
 gação de obedecer, sabendo
 com tẽpo deyxar os governos,
 antes que elles com a morte o
 deyxassem; bem mostrava quã
 pouco estava logeyto a esta do-
 re prizã, & a este suave cari-
 veyro, que recolhe mancebos,
 & nam larga os valhos. Neste
 tempo, em quanto as enfermi-
 dades lhe concediam algumas
 trẽgoas, como o mesmo fervor se
 occupava em seus exercicios
 fãctos de acudir à salvaçam
 das almas, como se entã com-
 meçasse com animo vigoroso,
 & com forças de mancebo. Até
 que finalmente de todo cahio
 em cama, & entendeo, que se
 hiam acabando suas peregrina-
 çoens pelo Brazil, que era che-
 gada a ultima jornada pera o
 céo.

3. Estava elle neste tempo
 em a nossa casa do Espirito Sã-
 cto, & d'ally o pãrsaram a huma
 aldeã de Indios, que dista 14
 legoas aonde os Padres residem
 doutrinando os Indios; parecen-
 do-lhe aos nossos que com a mu-
 dança do clima melhoraria na
 saude. De boa vontade aceytou
 o Padre Ioseph a partitta, nam
 por esperar saude, porque bem
 entendia, que ja pera ella nam
 havia remedio, mas por desejar
 abuyto que o tomasse a morte
 entre os seus muy queridos In-
 dios, em cujo serviço espiritual,
 & temporal, tinha gastada a vi-
 da. Vendo finalmente que se
 chegava a dita hora de come-
 çar o caminho da eternidade,
 pera hir mais alentado, pediu o
 viatico do Sanctissimo corpo do
 Senhor, que recebeu com sua-
 vissima devaçã, & logo pediu
 a Sancta Unção; & preparado
 desta maneyra no mesmo dia
 entrou em artigo de morte, que
 obedurou por espaço de meya
 hora, com tanta quietaçã, &
 paz; como se estivesse em ora-
 çã, & cõ o rosto, & cõ os olhos,
 porque ja nam podia com as
 palavras, agradecia aos Padres
 as lembranças do céo, que na-
 quella hora lhe faziam. Desta
 maneyra entre suavissimos col-
 loquios, acompanhado de cinco
 Padres da Companhia, entregou
 sua alma cheya de merecimen-
 tos ao Senhor, que com tantos

*Como se
 persuadio,
 que mor-
 ria, & se
 preparou.*

dons de sua divina graça, lha entregára, pera finalmente, depois de tantas peregrinaçoens, o levar a descansar à sua gloria.

4 Foy sua ditosa morte a nove de Junho de 1597. sendo de idade de 64. annos, dos quaes viveo na Companhia 47. tres em Portugal, & quarenta & quatro no Brazil. Divulgada sua morte foy grandissimo o sentimento em todos os estados de pessoas, chorando todos a perda de hum pay commum: sobre todos o choraram os Brazis, porq̃ sabiam bem os intereces grandes, que nelle perdiam. Seu corpo foy metido em hum cayxam, sem cal, nem defensivo algum, que preservasse de corrupçam, & mau cheyro; & em hō-bros de Indios foy levado a nossa casa do Espirito Sancto, com pompa funeral, dous dias depois de sua ditosa morte, hia o Padre Ioã Fernandes da Companhia revestido de alva, & estola, & cō grande multidam de gente, que lhe hiam cantando, ou pera melhor dizer, chorando nas exequias; & sendo aquella jornada de quatorze legoas, diziam os q̃ o levavam, que nenhum cansaço sentiram, antes muyto alivio, & grande consolaçam, que parece nam podia dar pena depois de morto, quem sempre lhes procurou alivio sendo vivo.

5 Chegãdo o corpo à por-

ta da villa, o sahiram a receber todos quantos havia na terra, assim seculares, como religiosos, & com todas as honras funeraes possiveis o levaram a entregar ao nosso Collegio. Em quanto a procissam se ordenava, Ioã Soares, grande amigo do Padre Ioseph, pediu com grande instancia ao Administrador (que ally tem as vezes de Bispo, & se chamava Beitolameo Simoens) que lhe desse licença pera descobrir, & ver o corpo d'aquelle seu grande amigo, & grande servo do Senhor; concedolhe o Administrador este favor, porque tambem elle, com outros, queriam ver, & reverenciar este precioso thesouro, fechado em aquella arca; abrio se diante do Administrador, & à vista de Ioã Soares, & de outro grande numero de povo, q̃ com muytas lagrimas assistiram a este acto; dando todos fé; como nam despedia de sy nenhū mau cheyro, nem tinha final algum de corrupçam, cō passar de tres dias que era falecido, & trazido com tanto abalo do caminho: dobrandose o sentimento, com as lembranças do tempo em que o lograram vivo: entam lhes contou a todos Ioã Soares, como apartandose d'elle o Padre Ioseph, na ultima visita que lhe fez, lhe disse estas palavras: Filho a Deos, que já nos nam falaremos mais nesta vida

Do que tinha prophetizado a Ioã Soares sobre sua morte.

ainda que vòs me vereis aqui outra vez, mas de maneyra que eu vos nam possa falar. Assim o depoz Ioãm Soares cõ juramẽto em seu testemunho, & assim passou como cõtamos, porque o vio, mas de maneyra q̃ ainda q̃ elle lhe falava cõ as muytas lagrimas, que derrama va, nam lhe respondia o Padre, & por isso o sentimento era mayor, & as lagrimas mais copiozas.

6 Prégou nas exequias o Administrador, & cõtou no Sermon muytas maravilhas, & prophcias deste bẽdito Padre, chamoulhe Apostolo do Brazil: ouve grãdissimo abalo nos ouvintes, cõ grande copia de lagrimas, porq̃ todos vivo o respeytavam com estranho amor, & morto o choravam cõ notavel tristeza. Foy sepultado em a Igreja da Cõpanhia, em hũa capella dedicada a Sãtiago, ficãdo seu tumulo pegado logo cõ o do P. Gregorio Serrãm, cõprindose aqui outra prophcia do P. Ioseph, o qual sãdo Provincial, & mandãdo a este Padre da Bahia pera a cidade de S. Sebastiam, lhe disse amigavelmẽte o P. Serrãm: Pois como, lâçame V. R. de sy? De nenhũa maneyra (respondeo o P. Ioseph, & acrecẽtou estas palavras em Latim: *Vade frater, quia nō longa dies nos loco coniunger.* Hãde ir mãm, q̃ nam ha de haver muyta distãcia de tẽpo pera nos ajũtarmos no mesmo lugar. Foy o

P. Serrãm pera S. Sebastiam, & d'ally mudado pera o Espirito Sãcto, & havia pouco tempo q̃ era morto, quãdo à sua sepultura jũtãram a do P. Ioseph; mostrãdose Deos tam liberal cõ este seu grãde servo, q̃ nam só lhe revelãva os successos de sua vida, mas tãbẽ lhe manifestava o que lhe havia de soceder depois de morto. Dahi a algũ tẽpo movido nosso P. Gẽral Claudio Aquaviva das grandes maravilhas, & das raras virtudes q̃ se cõtavam deste grande servo do Senhor, mandou tresladar seus ossos, reliquias d'aquella purissima alma, pera o nosso Collegio da cidade da Bahia, metropoli do Brazil: aõde levãtado seu corpo em hũ sepulchro jũto ao Altar mór, he venerado de todo aquelle povo, & seus ossos buscados, & estimados em todo Portugal, pelos muytos favores, que cada dia se experimentam, particularmente nos enfermos de maleytas: q̃ assim custuma Deos honrar a hũ servo seu, ainda depois de morto, pois elle tambem o soube servir, & estimar em vida.

7 Este foy o P. Ioseph de Anchieta, a quẽ cõ rezãm podia o Administrador chamarlhe Apostolo do Brazil, pois as obras q̃ fez, & os trabalhos q̃ levou pelo bẽ d'aquelles Indios, se podem muy bem assemelhar cõ os q̃ lemos dos sagrados Apostolos. Era homẽ de pequena estatura, &

O que prophetizou ao P. Gregorio Serrãm.

Com rezãm lhe chamãram Apostolo do Brazil.

Foy no exterior muy desprezível.

ainda parecia menor, por causa das coitas, que tinha desencayxadas, & prominentes pera fóra: era muyto magro por suas muytas penitencias, & grâdes achaques, as cores morenas, & requemadas do sol, que de dia muytas vezes sofria, & do sereno que de noyte levava, porque por serviço de Deos, nam temia nenhūs incōmodos por entre aquelles sylvestres matos, & ardentess areas: todas estas propriedades assim juntas, faziam ao Padre Ioseph no exterior muy desprezível, porẽm quem o via, & o tratava logo reconhecia nellẽ algũa cousa superior, & q̃ sem duvida morava Deos naquella alma; & com rezã se espantava a gente no Brazil (como de S.^a Paulo os de Corintho) que sendo na prezença tam desprezível, fosse nas palavras tam efficaç, & nas obras tam prodigiolo. Aquelle General da armada de Hespanha D. Diogo Flores Baldès, de que atraz falamos, que no anno de 1581, chegou ao Rio de Ianeyro, lhe tinha grandissimo respeyto, & fazia quanto o Padre lhe pedia; & cõfessava, que a primeyra vez que o vira, nunca se lhe representara cousa mais contentivel, porẽm q̃ depois tratãdo o, & olhando pera elle, nunca em prezença de alguma Magestade se sentira mais apoucado.

8 Foy homem de grandes

talentos, raro engenho, memoria fecundissima: teve hũ animo capacissimo, que a nenhum perigo se sogeytava, & assim entrava entre barbaros gentios, (q̃ com grande voracidade comiam gente) como se passeasse entre amigos: livrando o sempre Deos milagrosamẽte das vezes que o quizeram matar, & que o pretendẽram comer; & ainda q̃ as forças do corpo, por causa de suas indesposiçoens eram poucas, com tudo foy grande trabalhador, & soffedor de trabalhos: com ser tam enfermo, parece q̃ era de ferro pera soffrer penalidades: o zelo da salvaçã das almas, da gloria de Deos, da destruiçã dos idolos era tam inflamado, que suas palavras pareciam fochas ardentes, & elle todo parecia hum homem de fogo (q̃ he o q̃ a Escritura^b disse de Elias) & por isso (como de S. Basilio escreve Sam.^c Gregorio Naziãzeno no seu epitafio) suas vozes eram trovoens pera espertar peccadores, porque a vida era hum rayo pera allumiar com exemplo.

9 Com ser tam aspero pera cõsigo, & tam de ferro pera o trabalho, parecia de cera pera cõ seus subditos; tratava de os persuadir com brandura, & nam de os domar com aspereza; sendo Provincial, advertio no grande rigor com que o Padre Ministro da casa tratava a al-

^a
Ad Cor. ca.
10. num. 10.
Quoniam,
quidem e-
pipistolæ,
inquirũt, gra-
ues sunt, &
fortes, præ-
sentia autẽ
corporis in-
firma.

^b
Eccl. ca. 49.
p. 1. Surre-
xit Elias Pro-
pheta quasi
ignis, & ver-
bum ipsius,
quasi facula
ardebat.

^c
Naz. in Epi-
taph. Basilij
magni. Basilij
sermo tu-
us tonitru,
vitaque ful-
gur erat.

Bom conselho que deo a hum superior.

guns Irmãos: perguntoulhe a causa de tantas securas que usava com os Irmãos? O Ministro (que devia de ser homem sincero, mas de coração muy apertado, & pouco brando) respondeo, que o fazia, porque o superior que o puzera naquelle officio lhe dissera, que nam deyxasse passar occasiam; em que nam exercitasse a paciencia dos Irmãos: Pois eu (respondeo o P. Ioseph, querendolhe dilatar mais aquella alma) ordeno a vossa Reverencia, em nome de Deos, que mude esta doutrina, & que o faça pelo contrario, nam deyxando passar occasiam, em que senam mostre brando, & affavel com os Irmãos. Esta foy a resposta do Padre Ioseph, na qual nam quiz condemnar a doutrina do outro superior, mas ensinar a este Padre Ministro, como havia de usar della, que bem pode ser que lha dessem em occasiam em que fosse advertencia sancta, & conselho prudete, porê nam ha peor cousa pera o governo da vida humana, que ter hũ superior muytos ditames bons, de principios geraes, & quando vem à execuçam usar mal delles, em casos particulares.

io. Muytos mais pudera aqui cõtar deste admiravel servo do Senhor, cuja maravilhosa vida quando a primeyra vez sa-
 up a luz, espantou ao mundo, &

fez gram ruido em Roma, & obrigou a nosso P. Gèral Claudio Aquaviva, de boa memoria, a fazela examinar, & autorizar cõ informaçõs juridicas: mas nem com isto he minha intençam abolutamête dar nome de migres a estas suas obras; porq̃ eu nam posso fazer isto, pois nos està prohibido, sòmente contey parte do muyto que achey impresso em varios livros, & autorizado com testemunhos juridicos, & juramentos autenticos, deyxando a aprovaçam, & juizo mais certo destas maravilhas à sagrada Congregaçam da Rõta, aõnde se trata de sua canonizaçam. Que eu sò pretedi apõtar este pouco pera nossa consolaçam, & pera q̃ esta Provincia, & em especial o nosso Collegio de Coimbra dé por bẽ empregada a criaçam q̃ deo a tal alũno seu, nos tres annos q̃ ally esteve, antes de hir pera o Brazil; esperãdo da misericordia divina, que à vista de tam heroicas virtudes se criem muytos imitadores deste grãde Apostolo do Brazil, a quem podemos chamar (como chama S. Ioã^d Chrysostomo, a S. Paulo) Cidadão do céo, cõdũna da Igreja, Anjo terrestre, & homẽ celeste; porq̃, sem duvida, este foy hum d'aquelles fermosos céos, que, segundo o Propheeta, annunciãram a gloria de Deos, & como Sam.^f Bernardo commenta, dandonos chova

d
 Chryf. hom. 1. de laud. S. Paul. Paulus cæli ciuis, Ecclesiæ cõlũna, Angelus terrestris, cælestis homo.

e
 Pf. 18. nu. 1. cæli enarrãt gloriã Dei.

f
 Bern. Serm. 27. in Cant. Et hi pluẽtes pluuiam verbi salutaris, tonãt increpationibus: coruscãt miraculis: hi enarrant gloriã Dei.

Anno de
Christo de
1554.

lucifera da boa doutrina, a-
troaram a terra com suas pre-
gaçãoens, & alumiaram o mun-
do com seus milagres.

CAPITULO XIII.

*De como o Cardeal Infante
Arcebispo de Evora, no anno
de 1554. se resolveo em nos
dar o Collegio que naquella Ci-
dade fazia, d'ase conta dos in-
tentos que d'antes tinha nesta
obra, & de como nos fez d'ella
entrega: & dos primeyros Me-
stres que ally leram cascos
de consciencia, & le-
tras humanas.*

I Ntramos agora a
contar as cousas
do anno de mil
quinhentos cinco-
enta & quatro, em que se con-
tam quinze da Companhia, &
pera toda ella foy o anno muy
ditoso, por causa da boa fortu-
na que nelle tivemos da entre-
ga que nos fez o Serenissimo
Infante Cardéal do Collegio
da cidade de Evora; & pera que
por huma vez demos conta das
cousas pertencentes a este Col-
legio, necessariamente have nos
logo de interromper a ordem
dos annos, conforme custuma-

mos fazer em semelhantes oc-
casioes, & depois de darmos ple-
naria noticia das cousas deste
Collegio, & Vniversidade, tor-
naremos a contar o restante de
este anno.

2 Na primeyra parte de-
sta chronica dissemos da entra-
da dos nossos Religiosos na ci-
dade de Evora, & os deyxamos
governados pelo seu primeyro
Reytor o Padre Melchior Car-
neyro, agasalhados em huas ca-
sas nos paços del Rey, & à boa
sombra do piedosissimo Infante
Dom Henrique, Arcebispo que
entam era da mesma cidade: tã-
bem contamos dos primeyros
intentos deste Princepe, que fo-
ram erigir na mesma cidade
hum Collegio, ou Seminario
de Clerigos, em que apren-
dessem as letras necessarias pe-
ra com satisfaçam exercitarem
em seu Arcebispado o officio
de bons Parochos: depois lhe
pareceo que melhor ficava este
Seminario na cidade de Coim-
bra, em rezam da Vniversidade
que el Rey Dom Ioam seu ir-
mam de novo ally creara, & ja
pera isto tinha mandado lavrar
o edificio, & lhe tinha alcança-
do letras Apostolicas de uniam
dos dizimos da Igreja de San-
ta Marinha do Zezere, no
Bispado do Porto, pera sus-
tentaçam dos ditos Semina-
ristas.

3 Depois disto por inspira-
çam

Anno da
Companhia
15.

1. p. l. 3. c. 19

Tocamse
os princi-
pios do Col-
legio de
Evora.

Anno de
Christo de
1554.

Cemo tra-
rou de nos
fazer o Col-
legio em

Começam
Evora a
obra do
nosso Col-
legio.

çam divina, como parece, & por conselho do Serenissimo Infante Dom Luis, como sabemos, desistindo deste intento, tratou de fundar hum Collegio na sua cidade de Evora, aonde tivesse os Religiosos da Companhia, os quaes juntamente exercitassem seus ministerios na cidade, & lhe doutrinassem aos Seminaritas no seu Collegio; & em rezam deste novo pensamento, alcançou novas bullas de transferencia, pera se unirem a este as rendas que já estavam applicadas ao Seminario de Coimbra, cujas obras tinha já mandado parar.

4 Pera isto logo se executar houve licença del Rey pera levantar em Evora o edificio sobre huma parte do muro da cidade, que corre das casas do Conde de Basto, até voltar sobre a porta da cidade, que chamam a porta de Machede, decendo sempre contra o Nordeste: sobre este muro se edificaram quinze cellas no andar mais alto, & nos bayxos se accommodaram as officinas, com huma claustra quadrada, & huma capella pera nella se dizer, & se ouvir missa. Nem depois de trazer a Evora os Religiosos da Companhia, decia da tençam de ter juntamente com elles os seus Collegiaes; pera isto tratou de estender o edificio, em forma que todos vivessem no

mesmo sitio, & coubessem no mesmo Collegio: a esta conta mandou lavrar outro quarto da parte do nacente, que acompanhasse a claustra, com cellas de huma, & outra parte, & viesse fazendo quadra pela parte do meyo dia, entestando com o lanço que primeyro fizera sobre o muro da cidade: & ficou tendo o edificio trinta cellas, a metade pera os Seminaritas, & a metade pera os nossos Religiosos.

5 Ordenadas assim as cousas, veyo a Evora o nosso grande affeyçoado o Serenissimo Infante Dom Luis irmão do Infante Cardeal, & vendo a fabrica do novo edificio, contentoulhe a obra, nam approvou a tençam; julgando que nam cõvinha estarem dentro do mesmo sitio homens Religiosos, cõ Seminaristas seculares; pelo que claramente disse ao Cardeal, que o seu parecer era que desse todo aquelle edificio à Companhia, & que pelo tempo a diante faria outro, pera tambem accommodar os Collegiaes, porque desta sorte acudiria ao recolhimento, que os Religiosos professavam, & juntamente a doutrina, de que os Seminaritas necessitavam. Como o Cardeal Infante nos estava já tambem inclinado, facilmente veyo nam sò em nos dar o edificio, mas

Anno da
Companhia
15.

Tratava
de ter os
da Compa-
nhia junta-
mente com
os Semi-
naritas.

Como se
mudou de
seu pare-
cer.

Anno de
Christo de
1554.

Como nos
deo todo
aquelle e-
dificio.

Vem a E-
vora o nos-
so P. Com-
missario.

tambem em nos haver bullas do Summo Pontifice, pera que as rédas applicadas ao Seminario, se transferissem aos Religiosos da Companhia.

6 Estando as cousas nesta altura vieram a Evora no anno de 1553. o Padre Commissario Ieronymo Nadal, & o Padre Provincial Diogo Mirâm, pera em nome da Companhia toda, & de seu Patriarcha S. Ignacio, se lançarem aos pés do Serenissimo Infante Cardeal, & em nome da mesma Religiam, lhe beyjar a mam pelos singulares beneficios, que com real magnificencia, & com affecto muy cordeal, repartia com a Companhia: & juntamente vinham pera publicar as Constituições aos nossos Religiosos, como tinham já feyto em Lisboa. No mesmo tempo escreveo S. Ignacio huma carta ao Serenissimo Cardeal Infante, sobre as cousas do novo Collegio, & sobre a vinda do Padre Nadal, a qual aqui frz treslada, conforme custumo fazer,

quando acho alguma carta deste

Sancto.

(?)



CARTA DE N. S. Padre Ignacio pera o Cardeal Infante D. Henrique.

7



Summa graça, & amor eterno de Christo nosso senhor, saude. & visite a Vossa Alteza, com seus sanctissimos dons, & graças espirituales. Huma carta de V. Alteza me trouxe o Padre Luis Gonçalves: & ainda que eu nam tiveſse outro conhecimento de sua pessoa, & dons de Deos nosso senhor, me bastava o testemunho de V. Alteza, pera ter do dito P. muyto bõ conceito, & folgar de communicar com elle. muytas cousas das que tocam á nossa Companhia, pera o dito serviço, nosſes Reynos. Nesta casa se tem delle toda a satisfação, & assim esperamos, que a mesma se terá a diante.

Tambem me consoley muyto em o Senhor nosso, com o que V. Alteza se dignou favorecerme da serviço que se faz nessas partes á divina Magestade, pelos baixos instrumentos desta minima Companhia, porque tam graxo testemunho, de quem Deos nosso senhor tem doxado de tanta luz, & espirito, nam pôde senam ter muy grande pezo: ainda que o particular amor, que cada hum te de suas cousas, costuma inclinalo a sentir bẽ dellas, & este poderia inclinar algum tanto a V. Alteza a sentir bem da Companhia, por ser ella

toda

Anno da
Companhia
15.

Carta q S.
Ignacio es-
creveo ao
Cardeal
Infante.

Anno de
Christo de
1554.

toda de V. Alteza, como o he muy inteiramente em o Senhor nosso.

... Poderá ser que antes que esta chegue, tenha chegado lá o Doutor Ieronymo Nadal. Por ser pessoa que se tem afinalado em nossa Companhia, em todas as boas partes, & por ter particular intelligencia, & experiencia, do modo dos nossos Collegios de Sicilia, & Italia, o mandey a esse Reyno, pedindo-me de lá huma pessoa habil pera isto. Entendo que se poderá V. Alteza servir delle com satisfação nesse seu Collegio de Evora, nisto, & no mais em que V. Alteza o quizer occupar. E assim offerendome humilmente com toda esta Companhia ao serviço de V. Alteza, nam direy mais, senam que rogo a Deos nosso senhor queyra dar a todos sua graça, pera que sempre sintamos sua sanctissima vontade, & a cumpramos inteiramente. De Roma 6. de Julho de 1553.

D. N. V. R. A.

Humillissimo servo
em o Senhor nosso.

Ignacio

Dada esta carta, & chegados os Padres a Evora, communicop o Infante com elles os intentos que tinha de nos entregar todo aquelle Collegio; & o desejo grande com que andava de se abrirem escholas da Companhia naquella sua cidade; da maneyra que com tanto fruyto

dos estudantes, se tinham ja aberto em Lisboa, conforme as boas novas que delle particular lhe tinha escrito por cartas, & lhe tinha referido por palavra seu irmão o Infante Dom Luis.

8 Conformaramse o Padre Cômmissario, & o Padre Provincial com a vontade de Sua Alteza, beyjádolhe a nam pela mercè que fazia a Companhia, fundandolhe Collegio naquella sua cidade: & logo fizeram vir de Lisboa pera Mestre de Rhetorica o Padre Pero de Perpignan, famoso Orador, daquelles tempos, como já dissemos, & ainda diremos a diante, o qual em Sam Antã lia humanidade. Foram mais nomeados pera tres classes de Gramatica o Padre Joam de Mello, que depois morreo sanctamente occupado na conversam dos Indios do Brazil, & o Irmão Roque Sans Valenciano, & Nuno Alvres Portugues; pera Lente de Theologia moral foy nomeado o Padre Marcos Jorge, que neste tempo ainda nam era Sacerdote, mas já com tanto cabedal de sciencia, que podia ler com grande satisfação esta cadeyra, & andando o tempo se agraduou de Doutor em Theologia na nõva Universidade de Evora, utendo primeyro lido Philosophia, & Theologia na de Coimbra; deste muy Religioso, muy douto, & muy humil-

Anno da
Companhia
15.

Como os
Padres a-
ceytaram
o Collegio.

Quaes fo-
ram os pri-
meyros Me-
stres em
Evora.

a
Lib. 4. c. 4. a
num. 5.

Anno de
Christo de

1554.

b

Lib. 2. cap.
31. num. 5.

Quam bē
ouvidos
eram os
nossos Me-
stres.

de Padre, faley já na primeyra parte ^b desta chronica, & logo terey occasiam de dār delle mais alguma noticia, falando dos primeyros superiores deste Collegio Eborense.

9 Abriamse os estudos em 29. de Agosto do mesmo anno de 1553. em que foram a Evora o Padre Commissario, & o Padre Provincial, dandose-lhe fausto, & felice principio com huma elegante òraçam, que teve o muy excellente orador Pedro de Perpinham, que tinha vindo de Lisboa, do qual por vezes tenho falado, & era Mestre designado pera a Rhetorica; que sem duvida foy como bom pronostico dos Mestres insignes, em Rhetorica, & humanidades, que a Companhia sempre teve neste magnifico Collegio de Evora. Aos nõvos mestres concorreo grande numero de discipulos, pera o que ajudou muyto, a boa fama, que logo voou de seu grande cabedal de doutrina, & singular modestia de costumes; de sorte que em Abril do anno de 1554. já havia mais de trezentos estudantes, & foy necessário acrescentar mais hũ Mestre; o qual foy hum Irmão muyto bom humanista, que se chamava Francisco de Moraes. Tãbem pera isto ajudou, o que ordenou Sua Alteza, que nenhũ outro Mestre ensinasse Latim na cidade de Evora, o que logo

se executou, sendo assim, que hũ delles era o famoso André de Rezende, cujas obras dam bom testemunho de sua grande erudiçam, & excellente estylo, & tinha sido tam estimado de sua Alteza, que por lhe fazer honra o hia ouvir algumas vezes, autorizando com sua real presença a eschola de tam insigne Mestre.

10 Neste mesmo tẽpo nohia o Serenissimo Infante preparando o Collegio, pera onde nos haviamos de mudar, comprandonos junto delle terra bastante pera hortas, com agoa em abundancia, & cercãdo o cõ muros convenientes, pera clausura dos Religiosos, mandando plantar toda a sorte de arvores de fruyto, & outras pera frescura, & fermosura da cerca, cõ o cuydado que hum pay muyto solícito o podia fazer pera hum filhe unico, que muyto amasse, que he o que Sancto^c Ambrosio considerou no amoroso cuydado, com que Deos nosso Senhor fundava o mundo, & preparava o paraíso terreal, pera o homẽ, que era o filho morgado, pera quem se preparava este grande, & sumptuoso palacio do orbe universal. Nem aqui nos falta fundamẽto pera podermos usar desta comparaçam, pois nos cõsta que este piedosissimo Principe chamou ao seu Collegio de Evora, filho seu primoge-

nito;

Anno da
Companhia

15.

Como o In-
fante nos
hia edifi-
cando o
Collegio.

^c
Am. Exam.
lib. 6. c. 9.

Anno de Christo de 1554.

Do grande amor que o Infante tinha ao Collegio de Evora.

nito; porque pedindolhe em certa occasiam hum favor pera o Collegio de Sancto Antam de Lisboa (do qual tambem he fundador) respondeo o benignissimo senhor: O Collegio de Sancto Antam he filho da velhice, o de Evora he o filho primogenito. Como se dissera, ambos sam filhos, se bem hum foy pprimeyro no nacimiento, & por isso o he nos favores, conforme a ventagem, que leva o filho primogenito, ao filho segundo.

Preparadas ja as coufas, se mudaram os nossos em este anno, de que himos falando de 1554 pera o novo Collegio do Espirito Sancto, cuja suavissima viraçam tam forte, & suavemente foy asoprando em poppa nesta obra, que de entam pera cá sempre vay em grande augmento este real, & magnifico Collegio, até chegar à grandeza que hoje vemos. Nam houve quem nos puzesse em lembrança a solemnidade com que se tomou a posse do novo edificio; posto que tenho por causa certa que se fariam todas as demonstrações de alegria, & que os Meſtres, & os discipulos lahiriam com muytas festas escholasticas de poezias, & dialogos, como era devido ao amor, & liberalidade deste muy esclarecido Principe. O numero dos

nossos, que começaram habitar o Collegio, eram vinte, até o anno de 1556. em que se acrescentaram mais cinco, & assim como hia crescendo a gente, lhe hia tambem seu fundador augmentando as rendas, porque nam lhe faltava o poder, & sobejavalhe o amor. Deo nos logo toda a sua livraria, & mandou vir de Frandes outra grande quantidade de bons livros, os quaes entam se puzeram na casa em que hoje se tem as disputas; & pera refeytorio se accommodou a casa, em que hoje está o lavatorio grande, com parte da casa que hoje serve de rouparia: mas logo veremos como estas obras se acrescentaram, & como estas

quatro classes se transformaram em huma

real Vniversidade.

(?)



Anno da Copanhia 15.

Numero dos Religiosos, que começaram habitar no Collegio de Evora.

Anno de
Christo de
1554.

CAPITULO XV.

Vay a Evora o Padre Sam Francisco de Borja, he muy festejado do Cardeal Dõ Henrique: sabe em missã à villa de Moura o Padre Provincial Diogo de Mirã, achao o Cardeal enfermo em hum hospital: vam dous Padres em missã a Castello de Vide, aonde com o favor de D. Ioã

Mascarenhas fazem grande serviço a Deos.

NO capitulo desoyto do livro quarto dissemos da primeyra vinda que fez a este Reyno o Sancto Padre Francisco de Borja, á instãcia do Serenissimo Rey, & Rainha, & em espical do Infante Dom Luis, a qual vinda, como vimos, socedeo, já quasi no fim do anno de 1554. eram també grandes os desejos, que o Infante Cardeal (que estava na sua cidade de Evora) tinha de ver nella a este grande servo de Deos, & assim lhe escreveo, que na volta pera Castella, quizesse darlhe gosto de passar por Evora; & o mesmo encõmendou ao

Infante Dom Luis, pera que o pedisse ao Sancto Padre Francisco de Borja; o qual mostrou grande vontade de cumprir a do Serenissimo Cardeal, & assim tanto que teve licença del Rey, tomou o caminho pera Evora (já neste anno de 1554. de que himos escrevendo.) Tinha o Infante ordenado, que o avisassem de sua chegada ao Collegio, porque o queria elle visitar primeyro, anticipandose pera lhe ganhar por mam; nem o Beato Padre Francisco se houvera de deyxar vencer neste lâço de humilde cortezia, senam soubera, que sua Alteza se sahiria de seu paço, & o viera esperar no Collegio: aonde foram notaveis as mostras de amor, & benevolencia da parte do Infante; & as de submissam, & agradecimento da parte do Sancto Padre Francisco; o qual muy em particular beyjou a mam a Sua Alteza, pelo Collegio que nos tinha fundado na sua metropoli, & pelo amor, & liberalidade com que tratava aquelles Religiosos.

2. Antes de se despedir o Infante desta tam affectuosa visita, lhe pediu q̃ ao dia seguinte, que era Domingo, lhe quizesse pregar na sua Igreja cathedral; & por mais que o Sancto se escuzava por vir cansado, & chegado d'aquella hora, & q̃ senam atrevia a falar sem muy-

Anno da
Companhia
15.

Como o Infante festejou em Evora a vinda do B.P. Francisco de Borja.

Anno de
Christo de
1554.

Como fez
pregar ao
S. P. Fran-
cisco de
Borja.

to apparelho diãte de sua Alteza; nenhuma escusa lhe quiz tomar o Infante, dizendo q̄ nam queria delle mais senam que subisse ao pulpito, pera que suas ouelhas vissem a hum homem que deyxou tão por amor de Deos, & que no mundo todo prégava com seu exemplo. Nam foy necessario mais pera que o Sancto obedecesse, vendo que em lugar das escusas que daua, ouuia lououres, que o molestavam: concorreo ao dia seguinte grãde multidã de ouvintes, assim da nobreza, como do povo, achandose presente sua Alteza; & todos com grande consolaçam de ouir do pulpito, a que prégava mais com a efficacia de exemplos verdadeyros, que cõ o concerto das palavras enfeitadas.

3 De Evora se passou o B. Padre a Villaviçosa, aonde o Duque Dom Theodosio o esperava com grande Alvorço; & tendo aviso de sua partida, sahio com grande acompanhamento de fidalgos, & criados de sua casa, hindo o esperar ao caminho, & tanto que teve vista do sancto varã, se apeou, & por mais que o Padre se anticipou, pera se lhe lãçar aos pès, & pedir a sua Excellẽcia a mampera lha beyjar, o Duque o levou nos braços, & d'ally a seus paços, tratando o com a magnificencia que costumava a grã-

des Princepes; ao que o Sancto se mostrava igualmente agradeçido, & sentido, estimandõ a benevolencia, mas recusandõ as honras; porque desejava humildades de pobre, & nam anhelava grandezas do mundo; mas assim socede muytas vezes, que seguem as honras a quem nam pretende ser honrado.

4 Partido o Pãdre Francisco de Borja pera Castella, publicadas as Constituiçoens, & ordenadas as cousas do Collegio de Evora, da maneyra que temos contado, & hido tambem pera Andaluzia o Padre Commissario Ieronymo Nadal, sahiram alguns nosos em varias missoens pelo Arcebispado de Evora; & porque he próprio de espiritos generolos (como se diz de Cesar Dictador) nam ficar em casa folgando, quando os companheyros andam no campo peleyjando, quiz tambem o mesmo Provincial acompanhar a seus subditos nestas missoens; pera que, pois era o primeyro na dignidade, nam ficasse o segundo no trabalho; & assim mandando alguns ás missoens, elle tambem os quiz seguir; a imitaçam de Christo ^b Salvador nosso, que mandava os Apostolos, mas logo hia apos elles. Com estes intentos se partio o Padre Provincial Diogo Mirã (levãdo por companheyro o Padre Antonio de Quadros) pera

Anno da
Copanhia
15.

Vay o Padre Provincial a hã misfam.

^a
Suet. in Cãyo Cãfare c.4. Ne desidẽre in discrimine fortiorum videretur.

^b
Luc. ca. 10. n. r. In omnem ciuitatem, & locũ quo erat ipse le veturus.

Anno de
Christo de
1554.

Adoeceo o
P. Provin-
cial na mis-
são.

Como o
Cordeal
achou o P.
Provin-
cial doen-
te em hum
hospital.

Moura, que he huma das principaes villas da Provincia de Alentejo, pera nella concluir alguns negoços do serviço de Deos, que deyxara começados em outro tempo, que ally esteve em missão, antes de ser Provincial.

5 Andando desta maneyra muy occupado em tam sancta empreza, foy tanto o trabalho de confissões, & pregações, & de outras obras espirituaes, a que acudia, com tanta diligencia, que sobre ser entam o tempo do Outono, lhe veyo huma febre, mais causada do trabalho, que d'outro qualquer accidente: tratou logo o compañeyro de o fazer recolher em alguma casa, porque muytas se lhe offerciam dos mais nobres da terra, pera com todo o cuydado o curarem, porém o servo de Deos, como tam amigo da pobreza, se foy recolher no hospital. Andava neste tempo o Cardeal Infante visitando o seu Arcebispado; & porque a piedade deste grande Princepe tambem era grande, nam se contentava com acudir ao bem das almas de suas ovelhas, senam que tambem tratava de lhes remediar os corpos enfermos, & elle em pessoa (tanta era sua charidade) entrava nos hospitaes, & os provia de todo o necessario. Acreditou de entrar neste da villa de Moura, & foy dar com o Pro-

vincial da Companhia, que ally estava doente com cesoens, & ficou igualmente admirado do encontro, & edificado da humildade do enfermo: agradeceolhe muyto sua Alteza o trabalho que tomara sobre o que seu Officio lhe trazia, & logo deo ordem que se lhe desse melhor gasalhado, mais segundo a liberalidade do Cardeal, q conforme a humildade do Padre.

6 Hum, & outro exemplam de grande estima, assim o deste Princepe, em elle por sy mesmo visitar os enfermos, mostrando com isto, que nam era mercenario entereceyro, senam pastor charitivo; como tambem o do Padre Diogo Miram, pois sobre os encargos do officio de Provincial, tomava o cuydado da obrigaçam de missionario: como quem tinha por melhor a sorte dos que ajudam ao proximo, que a dos que governam as Religioens.

7 O bom exêplo do Provincial seguiram seus subditos, sahindo tambem em missões por toda a Provincia de Alentejo: da q neste anno de 1554. se fez em Castello de Vide, acho algumas noticias em huma carta que os missionarios escreveram ao Padre Provincial Diogo Miram. Esta villa pertence hoje ao Bispado de Portalegre, & he a de mayor numero de moradores de toda

aquella

Anno da
Companhia
1554.

Missão
em Castello
de Vide.

Anno de
Christo de
1554.

Quem foy
Dom Ioã
Mascarenhas.

aquella diecesi, he lugar nobre, & forte; está edificado sobre hũ sitio eminente, he abundante de boas agoas, & he bem provido de copiosos fruytos. Rezidia entam naquella villa com toda sua casa o seu Cõmendador, & Alcayde mór Dom Ioã Mascarenhas, filho de Dom Nuno Mascarenhas, & de Dona Brites da Sylva; o qual foy o que no anno de 1546. sustentou o famoso cerco de Dio, contra o poder dos Mouros, governados pelo seu poderoso Rey Soltã Mahamude, sendo Governador da India o grande Dom Ioã de Castro, & depois foy este illustrissimo fidalgo Mordomo mór del Rey Dom Henrique, Veador da sua fazenda, do seu Conselho de estado, & hũ dos cinco Governadores, que o mesmo Rey D. Henrique deyxou nomeados por sua morte neste Reyno, & como este fidalgo era parente tam chegado de D. Pedro Mascarenhas (por ser sobrinho seu) lhe herdou a casa, & com ella o grande amor, q̃ Dom Pedro teve à Companhia, como temos visto, & adiante veremos.

8 Este illustrissimo Alcayde mór de Castello de Vide (o qual sempre será gloria do nome Portugues, & honra de sua esclarecida familia) pedio missãõ pera aquella villa, & foram a ella os Padres Pero de Sãcta

Cruz, & Cornelio Gomes, de que falamos no capitulo 5. & ainda q̃ os offercimẽtos do Alcayde mór foram muy apertados, cõ tudo nam foy possivel tiralos do hospital, aõde se foram agazalhar; & pera q̃ o fruyto, q̃ na terra desejavam fazer, fosse igual a seus desejos, começaram sua reformaçam pela pessoa mais principal, dãdo os exercicios de nosso S. P. Ignacio ao mesmo D. Ioã Mascarenhas, q̃ os tomou com grãde espirito, mostrãdo bẽ nesta religiosa açãõ seus dobrados talẽtos; porque lhe sobejava valentia pera logeytar Mouros, & nam lhe faltava piedade pera tratar com Deos. Tam aproveytado ficou dos exercicios, que elle mesmo fazia officio de Apostolo, exhortando a todos à confissãõ, & a obras de misericordia; sendo os de sua casa (que a tinha elle muy grande) os que se mostravam mais reformados; hindo hum dos Padres todos os dias a lhes fazer doutrina, & comunicar os mesmos exercicios espirituas, que tambem tomou sua molher Dona Elena Mascarenhas (filha de Dom Martinho de Castello Branco, Conde de Villa nõva de Portimã) que foy senhora de grande respeyto, & notavel piedade. Todos naquella casa se confessãram com os Padres gẽralmente; & mostrou este illustissimo

Anno da
Companhia
15.

Toma Dõ
Ioã Mascarenhas
os exercicios de S.
Ignacio.

Anno de
Christo de
1554.

tissimo fidalgo tam grande satisfacção destes nossos missionarios, que nas cartas que escrevia aos fidalgos seus parentes, dizia que nunca fora Christam senam depois que conhecêra, & tratara aquelles Padres: mostrando-lhe nesta sua piedosa exaggeração a christandade que em sy tinha, & a opiniam que de nós concebia.

Do fruyto
que se fez
nesta mis-
sam.

9 Nam parava o zelo do Alcayde mór dentro de sua propria casa, tambem entrou pelas alheyas, porque tendo aviso por via dos nossos dous Padres que na villa havia muytas mesas de jogo, aonde muytos perdiam as consciencias, & consumiam a fazenda, elle em pessoa hia com os nossos, & quando nam bastavam as praticas dos Padres, com brandura, acrescentava as ameaças com rigor; & assim foy Deos servido desterrar d'aquella terra este vicio, ficando todos muy melhorados, & agradecidos aos Padres, & ao seu Alcayde mór, porque d'ally por diante sem jugarem, ganhavam as consciencias, poupavam o tempo, & nam perdiam o dinheyro. Com o mesmo cuydado acudio Dom Ioã Mascarenhas, em os ajudar nos mais ministerios, que nas missoens costumamos exercitar; porque lhes assistia nas amizades que faziam, & nas esmolas que haviam pera os pobres, & nos abusos que

desterraram da terra; em especial em humia muy supersticiosa cerimonia com que celebravam a Sancto Estevam, porque vestiam a hum moço com Mitra, & baculo de Bispo, o qual representava o Sancto, & o levavam pelas ruas, com jogos descompostos, que mais serviam de ocasionar brigas, que de honrar o Sancto. Ordenaram os Padres naquella occasiam humia procissão, na qual levaram o Sancto em hum andor, revestido como Diacono; & no fim della prégou o Padre Pero de Sancta Cruz, mostrando ao povo que o Sancto nam fora Bispo, mas hum dos sete Diaconos, & assim que erravam nam menos nas ordens, que lhe davam, que nas desordens com que o celebravam: com isto se acabou esta superstición.

10 Em lugar deste abuso, ficou assentado, que a festa do Sancto se celebrasse dahi em diante na mesma forma cõ sua procissão, que sahisse da Igreja matriz, & fosse até a de S. Estevam; & que as esmolas que se ajuntavam se repartissem a pobres, por honra do mesmo Sancto. Nestas quiz o Alcayde mór ter tanta parte, que nam só concorria cõ hũa muy grossa, mas desobrigou aos mordomos por escritura publica, do tributo q̃ no tal dia eram obrigados pagar-lhe, & applicou o valor

Anno da
Companhia
15.

Abuso que
se tirou, e
confraria,
que se in-
stituiu a S.
Estevam.

Anno de
hystoria de
1554.

õprimisse
la nõva
confraria.

delles aos pobres. Aceytaram os homẽs mais graves da terra, a imitaçam de Sancto Estevam, a obrigaçam de acudir a semelhantes obras, servindo humã confraria da利物açam da Charidade, que tivesse por intuito casar orfãos, & acudir a pobres. Os estatutos da confraria, & õõ promisso, foram que todos os confrades se confessariam duas quatro paschoas do anno, & em dia de todos os Sanctos, & que nellas, acabando de communiçar, dariam suas esmolas para os orfãos serem amparadas; & todos os dias considerassem pela manhã em algum dos beneficios divinos, & á noyte na morte. Aceytaram servirem no anno seguinte o mesmo Alcaide mór, & com elle o Juiz de fóra, & hum terceyro dos mais honrados da terra, que entre sy repartiram os bayrros della, para se informarem dos necessitados, & dos odios, juramentos, casas de jogo, & outros peccados, & ajuntandose aos Domingos tratassem do remedio dellas, recorrendo a el Rey, & a o Prelado, sendo necessario. Acabada a missam, se recolhèram os Padres, & deyxaram a terra toda muy melhorada; vindo muy obrigados a Dõm Ioãm Mascarenhas, & ficando elle com grandes faudas dos Padres.

CAPITULO XVI.

Continuam as missoens do Collegio de Evora: & dáse alguma noticia dos Reytores deste Collegio, que socederam ao Padre Melchior Carneyro, até o anno de 1556.



Veras muytas, & muy gloriosas missoes fizeram os nossos Padres do Collegio de Evora por todo o Arcebispado, & por toda a Provincia de Alentejo, entre as quaes foy gloriosissima a que fez o bendito Padre Dom Andre de Oviedo Bispo, & depois Patriarcha de Ethiopia; porém suposto que esta missam socedeo no anno seguinte de 1555, depois de sua saçagem, a deixo pera aquelle anno, & pera o livro seguinte, em que outra vez tornaremos a renovar o gosto; em fallar nas cousas do Collegio de Evora.

2. Tambem neste anno de 1554. foy de muyta gloria de Deos a missam que fez a Cidade de Elvas o Padre Manoel Fernandes; nam o de Tangere (de quem falamos na primeyra parte, que tãbem nesta Cidade

Anno da
Cõpanhia
15.

Missam a
Elvas pe-
lo P. Ma-
noel Fer-
nandes.

1. p. l. 3. a c.
22.

Anno de
Christo de
1554.

2. p. l. 4. cap.
39.

fez muyto lerviço a Deos, como dissemos) Venam outro P. Manoel Fernãdes, q̄ foy noviço em Lisboa do Padre Antonio Correa, de que falamos no capitulo 39. do quarto livro; o qual succedeo ao outro Padre Manoel Fernandes no pulpito, & nas mais occupaçoens; foy este Padre a Elvas, mandado em missam pelo Cardeal, porque esta Cidade, ainda naquelle tempo pertencia ao Arcebispado de Evora, & nam teve Se Cathedral, nem foy Bispaado distincto, senam no anno de 1570. em q̄ a petiçam del Rey Dom Sebastião, por Bullas do Papa Pio Quinto, foy levantada aquella Igreja semelhante dignidade. Hiã por companheyro da missam o Padre Pedro de Sancta Cruz. Quatro meses gastãram os dous Padres nesta missam, nos quaes respondeo a seu cotidiano trabalho o grande fruyto que se recolheo: concorriam os povos com grande vontade a ouvir os Sermoẽs nas Igrejas, & as doutrinas que lhes faziam os Padres pelas ruas: acudindo às confissoens, & communhoẽs, & viose nesta materia tam notavel reformaçam, que muytos, ao menos cada mes se confessavam, & commungavam, cousa que havia tempos senam usava, senam pela Coreima: forãram muytos os odios, & dis-

Fruyto q̄
se fez na
cidade de
Elvas.

1554
1555
1556
1557
1558
1559
1560
1561
1562
1563
1564
1565
1566
1567
1568
1569
1570

1571
1572
1573
1574
1575
1576
1577
1578
1579
1580

cordias, que se adquiriram muytas das religioes que se fizetãram: rotãram muitas os exercicioes espirituaes de Santo Ignatio, & em resoluçam predizerãram os villades: mettãram missam com todas as mais de remõias sanctas, & bons discipulos, quemassubtra custumãmos a referir, ensayãdo aqui nesta o Padre Manoel Fernandes, opera a principal que fez no anno de 1554 na India, & dahiã Ethiopia, aonde padedeo grandissimos trabalhos, cultivando aquella trabalhosa vinha do Senhoõ como adiante largamente veremos. Deyxo esta, & outras missõens que os nossos fizeram por todo o Arcebispado de Evora, & pble Provincia de Alentejo, por serem os casos quasi os mesmos, quemã outras missõens de novo referido; & recolhamos ao Collegio de Evora, do qual tambem se partio para Lisboa a parte dahi se embarca para a missam da India o seu primeyro Reytor o Padre Melchior Cabreiro, conforme constãmos na primeyra parte desta chronica; & he necessario apertãmoshe locehor; & confesso que me nam custou pequeno trabalho tirar a limpo quaes forãram os Reytores depois do Padre Melchior

Anno da
Companhia
1554

1554
1555
1556
1557
1558
1559
1560
1561
1562
1563
1564
1565
1566
1567
1568
1569
1570

b
2. p. l. 3. c. 40

Anno de
Christo de
1554.

Dos Rey-
tores que
focederam
ao P. Mel-
chior Car-
neyro.

Carneyro, & mayor foy o trabalho por achar muytos, que por serem poucos; porque o Padre Melchior Carneyro, conforme minhas contas, começou seu Reytorado no anno de 1551. & continuou até o de 1553. exclusivo, porque se partio pera Lisboa ainda no anno de 1554. a prepararse pera a missam; & no de 1556. foy Reytor de Evora o Padre Leão Henriques, como largamente veremos; & com haver somente dous pera tres annos vagos entre o Padre Melchior Carneyro, & o Padre Leão Henriques, acho com tudo que neste pouco tempo, houve em Evora quatro Reytores, que foram o Padre Miguel de Barros, o Padre Affonso Barreto, o Padre Marcos Iorge, & o Padre Cornelio Gomes: & he tam pouca a noticia que os nossos antigos nós deyxaram destas cousas, q̄ nam sabemos ao certo, as causas que houve, pera durarem tam pouco estes Reytores no governo daquelle Collegio; porẽm pera que de todo senam perca a lãbrança de Religiosos de tanta edificaçam, aos quaes tanto devemos, porey aqui brevemente o que delles pude tirar a limpo.

Miguel de
Barros se-
gundo Rey-
tor de E-
vora.

5 Ao P. Melchior Carneyro socedeo no Reytorado de Evora o Padre Miguel de Barros, que foy hum dos com-

panheyros q̄ trouxera de Coimbra (como dissemos na primeyra parte. Era este Padre natural da cidade do Porto; tinha entrado no Collegio de Coimbra em Abril de 1549. Era já Theologo quando entrou na Companhia, & veyo a cõtinuar em Evora a Theologia com os outros companheyros; & he boa prova de sua muyta prudẽcia, & grande virtude ser elle o escolhido entre todos pera superior, & cabeça de seus condiscipulos, & de subditos de tantos talentos, como eram os que neste Collegio já floreciam, dos quaes muytos eram de mais annos de Religiam. Nam acho memorias do tempo, que continuou no governo do Collegio, nem me consta das causas, que houve pera durar tam pouco nesta occupaçam: sò consta q̄ em Mayo de 1555. já governava o Padre Marcos Iorge, porque temos huma carta pera o P. Gonçalo da Sylveyra, Preposito da casa de Sam Roque, em que se lhe escreve o socedido naquelle mes, no Collegio de Evora, & se diz nella ser escrita por commissam do dito Padrẽ Marcos Iorge. Este Padre Miguel de Barros teve entre nós a ultima, & mais grave profissam solemne, que chamamos de quatro votos; foy homem de muyta virtude, & de grande zelo das almas, & mor-

Anno da
Companhia.

15.

^c
1. p. l. 3. ca.
19. n. 1.

Anno de
Christo de
1554.

P. Affonso
Barreto foy
Reytor em
Evora.

reio sanctamente em o Collegio de Braga.

6 Menos conjeyturas temos pera affirmar em que tempo lhe socedeo o Padre Affonso Barreto, & quanto durou no Reytorado, tendo o Collegio de Evora sobejas rezoens per a se honrar muyto de que em seus principios tivesse por superior seu hum varãm tam exemplar, de vida tam sancta, & de procedimento tam louvavel; & podendo nõs tambem ter justissimas causas de sentimento dos nossos Padres daquelle tempo por nos deyxarem tam poucas, & tam confulas noticias de tam illustre Reytor, porque neste particular nam sabemos delle, mais senam que foy o terceyro Reytor do Collegio de Evora, & conforme minhas cõras teve poucos meses de Reytorado, & d'ally no anno de 1555. foy mandado a Coimbra a ser Mestre da quinta classe, nas escholâs menores; este he aquelle Affonso Barreto (de quem faço muy honrada; & muy devida mençam na primeyra parte desta chronica) natural da cidade do Porto, filho de Gaspar Barreto, nobilissimo cidadã, irmam do Patriarcha Dom Ioã Nunes Barreto (de quem falaremos adiante) & do Padre Melchior Nunes Barreto, sucessor na empresa da conversã do Iapam do Padre Sam Francisco de

Xavier (do qual faley na primeyra parte.) Este he aquelle maraosinho sancto, assim chamado na ribeyra de Lisboa, de quem contamos, que se vestio em trajos de moço de ganhar pera com este sancto disfarce ganhar almas, & ensinar ignorantes: este finalmente he o que se fez moço de hum Sacerdot sensual, fazendose servo do que era cativo do peccado, pera trazer a liberdade da graça. De Evora veyo o Padre Affonso Barreto a Coimbra, & d'ally a Lisboa, aonde foy o segundo Reytor do Collegio de Sancto Antãm, socedendo no fim do anno de 1556. ao muy insigne varãm Ignacio de Azevedo, que tambem era natural do Porto. De sorte que o Collegio de Sancto Antãm deve a esta nobilissima cidade os seus primeyros dous Reytores; & tambem o Collegio de Evora lhe deve dous dos primeyros Reytores, como foy o Padre Miguel de Barros, segudo Reytor d'aquelle Collegio, & o mesmo Padre Affonso Barreto que foy o terceyro em numero, & a nenhum segundo na virtude.

8 Acho logo no quarto lugar nomeado por superior do Collegio ao Padre Marcos Iorge, de cuja entrada na Companhia faley na primeyra parte, q foy no anno de 1548. E no de 1555. em que tinha sete annos

Anno d
Companhia
15.

i. p. l. i. c. 22
& l. 3. c. 27.

P. Marcos
Iorge foy o
quarto Rey
tor no Cole
legio de
Evora.

f
i. p. l. 2. c. 32.

d
i. p. l. i. cap.
ultimo.

Anno de
Christo de
1554.

de Religiam, por sua muyta vir-
tude foy preferido aos mais, &
nemeado por superior do Col-
legio de Evora. Foy homem de
grande zelo da salvaçam das al-
mas, & em especial da boa cria-
çam dos mininos; & á volta del-
les acudiam tambem os de ma-
yor idade, com tam grande cõ-
curso, que acho as palavras se-
guintes, em huma carta deste
tempo escrita pelo Padre Fru-
ctuoso André ao Padre Provin-
cial. *A doutrina christã faz o P.
Marcos Iorge, vem a ella tanta gente
que espanca, & me faz ser a desta
terra em muyta conta, pelo muyto cui-
dado que tem de suas almas, porque
nesto tempo depois da Paschoa, em su-
tras terras, mais se procuram com-
mumente passatempus, que vir ás dou-
trinas, & nesta seja o Senhor bendito,
nam se faz agora differença da Cõres-
ma confessase, & communga muyta
em numero, nem me lembra que visse
tanta junta, pera commungar, como em
hum Domingo destes, em que se encheo
a sala grande, que chamam da Roubã,
que nos serve de Igreja, além da que
commungou na missa dos irmãos, &
noutras missas, &c.*

9 Esta carta fala no Padre
Marcos Iorge, ainda antes de ser
Reytor, quando os nossos Pa-
dres, nam tendo ainda tomado
posse do Collegio, habitavam
em algumas casas dos paços
del Rey; & bem se deyxá enten-
der do conteudo nella, que
esta devaçam, & concurso da

gente, era fruyto da sancta dou-
trina, pera a qual tinha o Padre
Marcos Iorge muyta graça, &
grande cabedal; & em rezam
disto entregaram os superiores
desta Provincia ao mesmo Pa-
dre a composiçam d'aquelle li-
vrinho de ouro, a que chama-
mos *Doutrina christã*, ordenado
com tam boa disposiçam, & cõ
tal clãreza, que os mysterios
mais altos, & mais profundos de
nossa sancta fé Catholica, podẽ
ser entendidos por mininos de
pouca idade, & por rusticos de
menos capacidade: tanto monta
(como diz o outro sabio & gen-
tio) a boa ordem, nas cousas, &
a boa disposiçam nas materias,
porque podem ser os pontos q̃
se tratam muy escuros, & com
bom estylo podem ficar muy
claros; & pelo contrario se falta
a disposiçam, logo sobeja a con-
fusam. Este livrinho, sendo tam
pequeno no volume, he muy
grande na estima. Foy o primey-
ro livro, que em Portugal sahio
impresso por Religiosos da Cõ-
panhia, & foy a melhor obra, q̃
nesto particular tem sahido, del-
le podemos dizer o que de Ho-
mero^h disse o juizo do autor da
historia Romana, que sendo o
primeyro que compoz poesia,
nem teve a quem imitar, nem
houve quem o imitasse.

10 Este Padre Marcos
Iorge foy o primeyro Lente de
Casos, que houve neste Colle-

Anno da
Cipanhia
15.

^g
Hor. de Ar-
te. Tantum
Series iume
raque pro-
dest.

^h
Vel. Pater.
l. r. Neque
ante illum,
quem ille
imitaretur,
neque post
illum, qui eũ
imitari pos-
set, inuetus
est.

P. Marcos
Iorge foy
muy appli-
cado a fa-
zer dou-
trinas

Anno de
Christo de
1554.

Dáse al-
gũa noti-
cia ao P.
Marcos
Iorge.

gio de Evora; leo Philosophia, & Theologia com muyto louvor, & se agradaou Doutor no mesmo Collegio de Evora, a quem tinha bem servido, antes de haver Vniversidade. Na quarta congregaçam Provincial que se ajuntou em o Collegio de Coimbra, em 17. de Ianeyro do anno de 1571. sendo Provincial o Padre Iorge Serrám, foy eleyto por Procurador pera hir a Roma o Padre Doutor Marcos Iorge; & vindo de Roma, faleceo aqui em Evora sanctamente em 10. dias de Dezembro de 1571. tendo quasi 24. annos da Companhia, que todos gastou em serviço de Deos, hõrando a Religiam cõ suas muytas letras, & ajudando aos proximos com seu grãde zelo. Estã sepultado na Igreja velha, q̃ hoje serve de sala dos autos da Vniversidade, em huma cõva q̃ se abriu ao pê da janella, que caher sobre o pateo. Que nam carece de mysterio, que na sala em que se fazem os autos. pera os doutoramentos, ficasse sepultado este insigne Doutor, Mestre, & autor da doutrina christã, porque d'aquella cõva, como de melhor cadeyra, parece que estã ensinando aos que se preparam pera ser Doutores, que se lembrem, que suas borlas brãcas, ham de hir parar em cõvas escuras; & que saybam que no lugar aondé recebem as insig-

nias da honra, tambem tem as memorias da morte: de sorte q̃ este bom Padre, sendo vivo ensinou aos mininos com a cartilha, & sendo morto ensina aos Doutores com a sepultura. Do Padre Marcos Iorge tambem faço mençam na primeyra^e parte, no anno de 1548. em que entrou na Companhia.

11 No quinto lugar se cõta no Cathalogo dos superiores o Padre Cornelio Gomes, do qual tenho falado no capitulo quinto, o qual governou com muyto exemplo, & consolaçam dos subditos, & veyo a morrer cheyo de merçimentos, grãgeados em tantas navegações, & em tantos perigos, que levou por mãres, & por terras, pelo bẽdas almas, & conversam dos gentios.

12 Estas foram as memorias que pude tirar a limpo dos superiores, que houve no Collegio de Evora, depois do primeiro Reytor Melchior Carneyro, do anno de 1554. até o de 1556. em que entrou a ser Reytor o Padre Leám Henriques, o qual nos darã mais larga materia pera esta historia.

(?)

Anno d.
Companhia
15.

e
1. p. l. 2. ca.
32. n. 5.

P. Cornelio
Gomes
foy quinto
Reytor
em Evora.

Anno de
1554.

Anno da
Cópia
15.

CAPITULO XVII.

De grande fruyto que procedia dos estudos de Evora: de quanto isto alegrou aos serenissimos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, o qual tratou de fazer em Evora huma Universidade, ao que se oppoz a de Coimbra.



Recia o edificio do Collegio, & continuava o amor, & a benevolencia do serenissimo Infante Cardual, o qual nos aordia com tanta liberalidade, & mandava torrear as obras com tanta magnificencia, que os Padres por sua modestia lhe hiam a man, que nã gastasse tanto em alfayas de carta, nem despendesse tanto em sumptuosidade de obras, porque estas haviam de ser segundo os sogeytos pera quem se faziam, ao que o liberalissimo Infante respondia, que as obras haviam de ser conforme o fundador, & dotador, que sua seria a culpa da demasia, se a houvesse. Porém se o gasto era grande, mayor era o gosto que este serenissimo Principe tinha de ver o grande augmento que havia naquelas

Grande liberalidade do Cardual Infante.

suas eschololas, & os ditos progressos que hiam fazendo, assim da parte dos mestres ensinando, como da parte dos discipulos aprendendo. E pera que vejamos isto mais ao certo, quero aqui por parte de huma carta que ashey escrita pelo Padre Marcos Jorge, a nosso Sancto Padre Ignacio de Loyola, neste anno de 1554 antes de ser Rey, com a qual lhe da conta do que passava nos estudos de Evora: a qual carta, entre outras cousas, lhe diz assim.

2. Foyse feyto tam grande proveyto, assim nos estudos, como nas consciencias dos estudantes, que he pera dar graças a Deos nosso Senhor, quanto se tem mudado, & emmendado em tam breve tempo do meu costume de jurar, & outros semelhantes: mormente se ve este fruyto nas confissoens, porque hum Padre dos que os confessam, me disse, que communmente achava nos que ouvia fazerem exame de consciencia todos os dias: alguns tem ja entrado em Religiam: tem todos muyto amor, & reverencia, nam só aos mestres, mas tambem a todos os Padres, & Irmãos: acodem nos Domingos, & festas á doutrina, & tem bem aproveitado nella: fazemha seus Mestres nos Domingos à tarde, cada hum na sua classe, accommodando se a elles. Na primeira classe se faz nesta forma, hum Domingo se lhe declara huma clausula do Pater noster, ou Credo, ou de outra cousa semelhante, & se lhe diz sobre ella alguma doutrina pera os costumes,

Do grande fruyto que se tirava dosestudos de Evora.

tumes,

Anno de
Christo de
1554.

tumes, incitandoos ao amor de Deos, & das virtudes: & no Domingo seguinte se lhe pergunta pelo que ouviram no Domingo passado, repetindo outra vez: & apos isto se lhes declara outra clausula da mesma maneyra: o mesmo se faz nas classes. Na Paschoa passada antes de se partirem pera as parras, vieram alguns delles a se confessar, & perguntar como se haveriam nestes quinze dias, & outros resignando se nas vontades dos Mestres, vieram saber se hiriam, ou nam? tambem frequentam na nossa capella a sagrada communham.

Como se ensinavaõ os Casos aos Sacerdotes.

3 Os Sacerdotes tambem com a ligam dos casos de consciencia se tem aproveitado bem; pera isto os ajuda muyto o modo que se tem com elles, porque alem da hora da ligam, que ha, ordinariamente se toma meya hora antes, na qual elles repetem, & dam conta da ligam do dia passado á quellas a quem o Mestre pergunta por ella, com o que os obriga a virem prevenidos. No sabbado se dá lugar pera que huns, & outros panham suas dvidas por ordem, sobre o que ouviram naquella semana, & respondam presidindo o Mestre, & resolvendoas, & este he o seu modo de conclusoens, no qual se torna a repetir muyta parte do que se te ditado, & ensinado, com o que se imprime melhor na memoria.

Procedimento dos estudantes das classes.

4 Nas classes ha competidores, & cada hum delles tem cuydado de estar muy atento, quando seu competidor he perguntado, pera o emmendar em publico, se der algum erro no responder, donde resulca que os que sam per-

guntados eraballham por nam errar, & os outros pelos emmendar, & assim huns, & outros aproveyam, & se animam mais a estudar. Tem cada sabbado conclusoens particulares, cada hu na sua classe, & nos primeyros sabbados de cada mes conclusoens gerais todos juntos em huma grande sala. Nas ultimas que se tiveram depois da Paschoa houve de mais, que alem das oraçoens, & disputas, se representaram certas eglogas da Resurreycam.

5 Assim vay continuando o Padre Marcos Jorge naquella sua carta, na qual igoalmete me me edifica a synceridade do estylo, & a diligencia dos estudantes; & nam menos he de louvar o cuydado, com que os Mestres d'aquelle bom tempo acudiam a suas obrigaçoens; de sorte que pela semana liam o latim, & nos Domingos ensinavam a doutrina: assim gastavam os dias, que sam pera trabalhar, & nisto se occupavam os dias que sam pera descansar; sem tomar outro alivio, salvo se o seu descanso do trabalho da semana era ensinar a doutrina ao Domingo como de sy dizia o glorioso Apostolo San. Paulo, que confessava nam ter outro descanso mais que o que lhe resultava do proveyto das almas, que como pastor buscava, & como Mestre ensinava.

6 Muyto ajudava pera o bom luzimento que havia nos discipulos o grande exemplo, q

davam

Anno da
Companhia
1554

2
a. ad Corin.
c. 7. n. 5. N.
& cum venissemus Ca
padociam,
nullam re
quiem ha
buit caro
nostra. &c.

Anno de
Christo de
1554.

Do bo pro
cedimento
dos Mes-
tres do Col-
legio de
Evora.

p.l.2.c.2.

davam aos Mestres, porque nos
consta que seus procedimentos
eram sanctos, exercitãdo a nu-
mossa oração com Deos,
que na mortificação das pas-
sões, & continuando em Eo-
ra com todas aquellas penitên-
cias publicas, com que disletmos
na primeyra parte, que o Pade
Mestre Simão Rodrigues exer-
citava os Irmãos do Collegio
de Coimbra, com grande retri-
cação da cidade, & consolava
do Cardeal. O mesmo nos con-
sta que faziam os Irmãos que
estudavam Theologia, assim o
dizia também na sua carta o P.
Mateo Jorge, por estas palavras:
*Os Irmãos Theólogos se exercitãdo
em seus estudos, porque além d'aque-
lles, que se tem ordinariamente nos
Domingos à tarde, se tem outras estra-
somanas, & como na semana da Pas-
coam nam houve letções, se exercitãdo
alguns d'elles, & dos outros Irmãos em
sermões do comprador, & hã à
pelo, & sem mandado a cruzer a carne, &
outras cousas necessarias.*

Do muyto
que o In-
fante Dom
Luis se a-
legrava cõ
estes bons
procedi-
mentos.

Nam se pode ver quam
grande era a consolação que
estas cousas davam ao Cardeal
Infante, & muyto mayor ainda
ao Infante Dõ Luis seu irmão,
porque o amor, & benevolen-
cia, que este senhor nos tinha
era extraordinario (como por ve-
zes & nho dito) estava elle nes-
te tempo em Evora, & vinha
muytas vezes ao novo Collegio
a falar muy familiarmente com

os hoslos Padres, ouvia os Mel-
tres, & louvava a diligencia dos
discipulos, tratavaos com grã
de affabilidade, se algum nõsse
adoeceia, visitavao na enferma-
ria, e informava se da doença, to-
mava o pulso ao enfermo, que
prẽ em hum Principe parecem
bõ officios de humildade, quan-
do vam imperados pela chari-
dade, q' he a Rainha das virtu-
des. Nam acabava este Senhor
de dar os parabens ao Cardeal
seu irmão, por nos haver dado
aquelle seu Collegio, dava lhe as
boas novas dos procedimento
nas virtudes dos Mestres, & dos
progressos nas letras dos disci-
pulis. Com todas estas cousas
exercia cada vez mais no real, &
piadoso peyto do Serenissimo
Cardeal o amor a Companhia,
& cada vez hia perdendo mais
a foim opiniam, que de nõs ti-
vera em algum tempo: hia elle
tambem muytas vezes ao seu
Collegio, & hia gostando mais
de nossas cousas (esse bem tem
o trato, & conversação entre
homens Sanctos, que como sua
familiaridade he fundada em
charidade, cada vez crece mais,
nam assim as amizades do mun-
do, porque como estas se fun-
dam em amor de concupiscen-
cia, sendo continuadas, tanto
menos contentam, & tanto mais
enfattiam.)

& já este benignissimo Prin-
cipe senam contentava com e

Anno da
Companhia

1554

Anno de
Christo de
1554.

Como o In-
fante tra-
tou de fũ-
dar huma
Vniuersi-
dade em
Evora.

Collegio, que nos tinha dado, já lhe parecia a fabrica pequena a respeito de seu grande amor; já dizia que eram muy poucos quatro Mestres de Latim, & huma cadeyra de Casos, em rezã dos muytos estudantes, que acudiam, & do muyto q̃ lhe contentavam os Mestres q̃ os ensinavam: communicava estes p̃samentos com o Infante Dom Luis, o qual nam sò lhe apoyava a satisfaçam quietinha, mas tambem o animava a maiores cousas, em que mostrasse o amor à Companhia, o desejo de nos favorecer a nós, de emnobrecer a sua cidade, & de ajudar o bem de suas ovelhas. Em resoluçam, começou a meditar, & começou a traçar hũa nõva Vniuersidade em Evora (como a que estava já fundada em Coimbra) a qual entregasse à Companhia, pera que nella se ensinasse todas as sciencias necessarias pera fazer hum perfeito Parocho, & hum Prêgador consumado: nam reparando no excessivo gasto que isto demandava, porque muyto mayor era o gosto que d'aqui esperava.

Resiste a
esta pretẽ-
çam a Vni-
uersidade
de Coim-
bra.

9 Porẽm como grandes emprezas sempre tem mayores dificuldades, esta ainda quando sòmente se ideava nos concey-
tos do eminentissimo Princepe, teve taes resistencias, por via do Reytor, & Lentes da Vniuersi-

dade de Coimbra, que nam foy possivel porse em execuçam de obra, o que se meditava na traça dos p̃samentos. Articula-
vam os Lentes de Coimbra, que se perderia grande parte do lustre d'aquella Vniuersidade, senam fosse ella a unica no Reyno; & que sendo Portugal tam estreito, que escaçamente tinha gente bastante pera huma Vniuersidade, como se havia de repartir em duas? & que se contentassem os naturaes de Alentejo com terem em Evora que lhes ensinasse Latim, & Casos de consciencia, & que se quizessem ouvir outras sciencias, & agraduar-se nellas, fossẽ a Coimbra, que ainda lhes ficava mais à mam, do que Paris, ou Salamãca, aonde atẽ aquelle tempo os Portugueses hiam buscar os graos das sciencias.

10 Pela parte do Serenissimo Infante se arresoavam outros artigos, fundados todos na mayor gloria divina, & honra do Reyno, que ambas parece se aumentavam muyto, havendo mais letrados, & mayor numero de Theologos pera encaminhar as almas ao cẽo, & ensinar os ignorantes: & que muytos do Reyno do Algarve, & da Provincia de Alentejo, deyxavam de estudar por lhes ficar Coimbra muyto afastada: & que nam ha duvida que o Reyno ficava mais autorizado com duas

Anno da
Companhia
1554

Rezoens q̃
dava o In-
fante, pera
fundar a
Vniuersi-
dade.

Anno de
Christo de
1554.

Vniversidades, cuja essencia
nam consiste em ter grãde nu-
mero de estudantes, mas em ter
bons mestres, com bastantes dis-
cipulos, que destes he certo que
podia Portugal reparar com as
duas Vniversidades: principal-
mente que elle Infante preten-
dia ajudar com esmolas aos que
fossem pobres, & assim nam fal-
taria gente bastante. Mas o ne-
gocio se agenciou tam vivamẽ-
te por parte da Vniversidade
de Coimbra diante do Serenissi-
mo Rey Dom Ioã, que a fun-
dou, & que como autor, & pa-
droeyro a desejava aumentar, &
favorecer, que nam foy possível
ao Cardeal Infante por entã
alcançar mais que licença pera
em Evora se ler pelos nossos hũ
Curso de Artes, o que se deo fau-
stõ, & felice principio no anno
de 1556. sendo nelle pnteyro
Lente o Padre Ignacio Már-
tins, a quem cõmumente cha-
mamos Mestre Ignacio, de que
largamente faley no quarto li-
vro, o qual tinha já em Coim-
bra lido o quanto Carlo da mes-
ma faculdade, como adiante
veremos. Porém pera que ago-
ra vejamos o fim que teve este
intento do Cardeal, & o mais
pertinente ao Collegio de E-
vora, necessariamente hey de
cõtrair a ordem dos annos, da
maneyra que o costume fazer
em semelhantes occasiõs.

Começa se
a ler Cur-
so de Artes
em Evora.

c
p.l. 4. a.c.
72.

CAPITULO XVIII.

Vaya Lisboa o Cardeal In-
fante por causa da morte do
Princepe Dom Ioã, vem a ser
Reytor do Collegio de Evora
o Padre Leão Henriques, o
qual appareceo em Lisboa ao
Serenissimo Infante que es-
tava enfermo, & lhe
deu perfeyta saude.

E tal a inconstan-
cia da natureza
humana, q̃ s̃o em
sua variedade tem
firmeza, seguindo em tudo as
mudanças deste mũdo, no qual
todas as criaturas que tem vida,
caminham pera a morte: & atẽ
ascousas insensiveis sentẽ a for-
ça desta verdade; cahẽ as torres
mais altas cõ quedas mais peri-
gosas: as fortalezas mais sober-
bas, os capitulios mais adeosa-
dos, os baluartes de mais confiã-
ça, as pyramides mais celebra-
das, q̃ cõ sua altura parece q̃ ba-
tiam no cẽo visinho, & com a
obra desafiavam a eternidade,
vieram por tẽpos arruinarse de
maneyra q̃ lhes nam ficou pe-
dra sobre pedra. Nam ha ele-
mento por onde nam entre a
tyrannia da morte triumphan-
do, nem voando lhe esca-
pam as aves do ar, nem na Jan-

Todas as
couzas de-
sta vida
estã ex-
postas a
mudanças.

do lhe fogê os peyxes no mar: nas côvas mais escondidas da Lybia ardente, nos prados mais deleytosos da fresca Palestina, vay a morte a conquistar ao Leão rompente, & ao cordeyro innocente: nem os ceptros reaes, nem as purpuras soberanas, nem as egroas cerradas, & mitras pontificaes, deyxam de pagar tributo a este cruel tyranno da morte, que igualmente bate, como o outro gêrio^a dizia, na choça do pobre pedinte, & na torre do Rey poderoso.

2 A certeza indubitavel desta inviolavel verdade vemos cada dia, & a experimentamos muyto à nossa custa dentro do nosso Reyno de Portugal, no qual vemos, como em theatro, representarse o jogo insolente da fortuna pertinã. Tiveram as felicidades de Portugal o seu mais subido auge em os tempos litosos do felicissimo Rey D.º Manoel: começaram a ter sua declinaçam nos ultimos annos da vida del Rey Dom Ioã III. (nam por culpa do Rey, que era de vida sancta, mas por causa da fortuna que foy cruel) morte-lhe cinco filhos vatoens. E nãhi contente a morte com tal estrago, continuou com seu tyrannico imperio, matandolhe neste anno de 1554. & roubandolhe envejosa no segundo dia do mes de Ianeyro aquella riquissima joya o Principe D. Ioã seu fi-

lho, em quem esta vãh libradas as esperanças da successam destes Reynos. Era o Principe de desaleys annos, estava no mais florente de suas, & nossas esperanças: pouco havia que no Ianeyro passado tinha celebrado os desposorios com a Princesa D. Joanna, filha do Emperador Carlos Quinto: & ainda que aos vinte do mesmo mes de Ianeyro pario aquelle tam desejado, & tam esperado Rey Dom Sebastião, que em parte enxugou as lagrimas del Rey seu avo, logo no seguinte anno de 1555 se renovaram cõ a morte do Serenissimo Infante Dom Luis, em idade de quarenta & nove annos, sendo digno de vida se termos, & gloria se limite.

3 Por causa da morte do Principe D. Ioã, se foy o Cardenal D. Henrique a Lisboa assistim para consolar a el Rey seu irmaõ como, à Rainha, & Princesa, em tam graves, & ocultas desgostos. E vendo que sua assistencia era necessaria na corte, aonde tudo andava perturbado, pela falta de filho herdeyro, & que as esperanças de Portugal estavam pendentes do parto da Princesa D. Joanna (que como era o primeyro, & lhe tinha precedido tam grave desgosto, com muyto fundamento se lhe podia temer algum perigo) julgou que lhe era necessario deyxar-se ficar em Lisboa. E como

Morte muy sentida do Principe D. Ioã.

Hor. l. 1. od. 4. Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.

Vay a Lisboa o Cardenal Infante.

no anno seguinte socedeo a morte do Infante Dom Luis, nam sò se lhe acrecêto a causa da assistência em Lisboa, pera na falta de tal irnam ajudar as cousas do governo, mas també se lhe dobraram as occasioens das tristezas no coração; sentindo nelle graves palpitações, & malenconias tam continuas (prevendo parece os infelicissimos trabalhos que teve este cãfado Reyno) que veyo a cahir doente em cama, sem os medicos lhe poderem dar a desejada saude, que na verdade enfermidades da alma nam se governam pelos asorismos de Galeo.

4 Estando as cousas nesta conformidade, vendo nosso glorioso Patriarcha Sancto Ignacio quam bom successo tinha o Padre Leãm Henriques no governo do Collegio de Coimbra, quiz, como pay cuydadofo repartir esta bençã com o Collegio de Evora, que tambem era seu filho muy amado, como o de Coimbra; & da maneyra que Iacob² sollicito do bem de sua familia, com particular affecto deytou a melhor bençã aos seus dous mais queridos filhos Ioseph, & Benjamim, assim ordenou que o Padre Leãm Henriques deyxasse o governo do Collegio de Coimbra, em q̄ havia quasi tres annos que continuava, & viesse a tomar o do

Collegio de Evora, pera nelle introduzir a mesma boa forma de governo, com que tanto promovêra o de Coimbra.

5 Pera em effeyto se dar à execuçam a ordem do sancto fundador, mandou o Padre Provincial chamar de Coimbra a Lisboa o Padre Leãm Henriques; em chegando lhe ordenou que com hũa roupeta parada, grosseyra, & velha, fosse servir na cozinha, & ajudar no refeytorio (sem lhe declarar outra cousa) muyto estimou este despacho o Padre Leãm Henriques, lembrado de outro semelhante que o Padre M. Simão Rodrigues deo a seu primo o P. Luis Gonçalves, sendo tambem Reytor do Collegio de Coimbra; aceytou a nõva dignidade, & occupouse logo nella com toda a diligencia, mostrando, q̄ tinha igoal talento pera servir, & pera mandar; pera ser Reytor grave, & pera ser cozineyro diligente; havêdose de tal maneyra nesta humilde occupaçam, como se pera este fim sómente fosse chamado de Coimbra a Lisboa, & como se nella por toda a vida se ouvesse de occupar.

6 Acabados os oytos dias (q̄ estes lhe pareceo ao Padre Provincial que bastavam pera prova de hum sogeyto tambem provado) o avisou do fim pera que fora chamado, o qual nam era ficar em Lisboa servindo

Humildade do P. Leãm Henriques.

S. Ignacio manda ser Reytor em Evora o P. Leãm Henriques.

^a
Gen. c. 49.
num. 26.

P. Leám
Hêriques
vay ser
Reytor do
Collegio de
Evora.

na cozinha, mas hir pera Evora a ser Reytor no Collegio novo, que com tanto gosto tratava o Serenissimo Infante Cardeal de augmentar. Obedeceu o P. Leám Henriques á ordem expressa do Sãcto fundador Ignacio, posto que de melhor vontade aceytara continuar na cozinha, que começar o Reytorado. Foy tomar a bençam ao benignissimo Cardeal, que estimou muyto haver de ter no seu Collegio tal Reytor, & logo se partio pera Evora; aonde fez seu officio na forma, em que o tinha feyto em Coimbra. E porque foy necessario acudir a Coimbra o Padre Marcos Iorge, que lia os Casos; elle ficou continuando, como fizera em Coimbra, o officio de Reytor, & a occupaçam de Lente desta cãleyra: socedeo isto já no fim do anno de 1556.

7 Neste tempo cõtinuava o Cardeal em Lisboa cõ aquelles seus trabalhosos accidentes de malenconia; soube o P. Leám Henriques da enfermidade do fundador do seu Collegio, & logo ordenou que se fizessem oraçoens, & sacrificios a Deos por todos seus súbditos, pela saúde de sua Alteza. Estando elle mesmo fazendo a Deos oraçam, cõ a mayor efficacia que pode, lhe deo o Senhor a sentir, que fosse vizitar o Cardeal enfermo. Sahio se do Collegio com

seu companheyro, dizendo em casa que hia fazer hũa obra de charidade, se foy com elle fora da cidade, pera aquella parte aonde fica o mosteyro de S. Bêto: logo se apartou delle, dizendo que o esperasse, em quanto se retirava hũ pouco a orar; neste mesmo tempo em que se deteve orando; ou fosse obrando Deos o milagre de por seu corpo em dous lugares, por virtude reproductiva, como os Theologos^a explicam (da maneyra que lemos do nosso Portugues Sãcto Antonio, que pera livrar seu pay, no mesmo tempo appareceo em dous lugares, em Padua, & em Lisboa) ou fosse, que veyo por virtude adductiva, como os mesmos Theologos ensinam (da maneyra que socedeo ao Propheta, a quem hum Anjo levou de Palestina a Babylonia com o socorro de mantimento a Daniel,^b que estava no lago dos Leoens) o que sabemos he, que naquelle breve tempo appareceo em Lisboa o P. Leám Henriques.

8 Vayle ao Paço, entra na Camara, chegase à cama aonde estava muy apertado de dores o Cardeal enfermo; na hora em que a affliçam era mayor; & com rosto alegre lhe disse: *Nam he isto nada, Senhor, Vossa Alteza tenha bom animo, que por misericordia do Senhor será livre deste mal, de sorte, que logo se possa*

levan-

O P. Leám
Hêriques
estãdo em
Evora ap-
pareceo em
Lisboa.

^a
D. Thom. 3.
p. q. 78. a 5.
Soar. to. 3.
in 3. p. d. 5. o
sect. 4.
Sur. in eius
vita.

^b
Dan. cap. 4.
num. 35.

Saude mi-
lagrosa do
Infante.

levantar dessa cama. Perguntou-lhe logo, aonde tinha a dôr, & dizendolhe que no coração, lhe fez sobre elle o sinal da Cruz; eysque de repente ficou enfermo sem dôr alguma, começa logo a repouzar quieto, & o Padre se voltou ao seu Collegio de Evora. Espertando o Infante se achou totalmente sam (que quando Deos quer em hum instante communique saude milagrosa) manda logo recado à casa de Sam Roque, que lhe chamem o Padre Leâm Henriques, que havia poucas horas o visitára, pera lhe agradecer a mercè, que por seu meyo o Senhor lhe fizera. Primeiramente se espantou muyto o Rey Camareyro mór Martin Affonso de Miranda, filho de Diogo de Miranda, & de Dona Violante de Castro, a quem se deo este recado, affirmando nam ter visto o dito Padre; admirouse tambem o Principe do que lhe dizia Martin Affonso, & muyto mais se espantou quando o avisaram de Sam Roque, que o Padre Leâm Henriques estava governando o seu Collegio em Evora, que dista de Lisboa quasi vinte legoas. Ficou o Cardeal Infante summamente consolado, quando cahio na conta deste successo, entendendo que a saude fora milagrosa, & que o Padre era Sancto.

9 Com este caso tam notavel se acrecentou grandemente na alma do Cardeal Infante o amor à Companhia, & a estima do Padre Leâm Henriques, a qual foy tam grande, que d'ally por diante o tomou por seu intimo secretario, & mayor valido, como adiante veremos, pedindo ao Padre Diogo Laines (que socedeo no cargo de Gèral da Companhia a nosso S. Patriarcha Ignacio) que nam quèria outra gratificação de bem que fazia à Companhia mais que darlhe por seu confessor o Padre Leâm Henriques pela grande satisfação que tinha de sua pessoa, tam digna de ser estimada (de cujas virtudes adiante falaremos.)

10 Este milagroso aparecimento (àlem do testemunho tam calificado do mesmo Cardeal Infante, q̄ muytas vezes diante de muytos Padres o referio, & àlem do testemunho de outras pessoas da Cõpanhia muy graves, q̄ cõmumente o contavam) se confirmou pelo mesmo Padre Leâm Henriques, o qual quasi no fim de seus dias, sendo perguntado, por ordem de seu superior, pelo P. Fernam Guerreiro, (pessoa tam calificada, & conhecida na Cõpanhia) nam negou ter assim succedido, dizendo q̄ o Principe assim o affirmava, porè que nam fora merecimento, ou virtude sua, que era hum vilif-

Confirma-
se o appa-
recimento
do P. Leâm
Henriques.

limo peccador, senam pela infinita benignidade, & amor com que Deos quiz favorecer a Companhia, ganhâdo por este meyo a vontade de hum Príncipe tam poderoso em Portugal, pera de todo lhe desfarraygar de sua alma as cautelas, & pouco gosto com que ao principio nos tratava. E na verdade os grandes favores que d'ally por diante este Príncipe fez á Companhia, bem mostravam que eram inspirados mais por milagres de Deos, que por merecimentos de homens.

CAPITULO XIX.

Da fundaçam, & ereyçam da Univerſidade de Evora: das Bullas que pera isso se passaram, & da solemnidade com que della se tomou posse.



Continuava em Lisboa o Cardeal Infante, & nam cessavam os desejos de fundar em Evora a sua Univerſidade, porém á vista da grande resistençia da Univerſidade de Coimbra, & favor que lhe dava seu real fundador, perdeu por entam a esperança, mas nam o cuydado deste seu nobre intento: aquietonse com

tudo em sua pretensam, até que o tempo (que sempre traz mudanças) afezoasse alguma boa occasiam, pera cumprir por effeyto o que tanto pretendia por desejos.

2 He tam ordinaria a inconstancia das cousas desta vida, que em nenhuma podemos assegurar firmeza: com a morte tam sentida do muyto alto, & esclarecido Rey Dom Ioam o Terceyro de gloriosa memoria (que como adiante diremos, succedeo em Lisboa aos 11. dias do mes de Junho, dia de S. Bernabè, do anno de 1557.) foy necessario ao Cardeal Infante continuar em Lisboa, pera ajudar no governo á Rainha Dona Catherina sua cunhada; & como tinha tanta parte nas cousas, que no Reyto se ordenavam, & nas ordens que se davam, se vieram a facilitar, & vencer todas as difficuldades, que por parte da Univerſidade de Coimbra se capitularam contra a de Evora, que desejava fundar (que assim socede ordinariamente, que logo cessam as mayores difficuldades, tanto que se da por parte huma vontade real.) Logo no anno seguinte de 1558. se fez supplica por parte do Serenissimo Infante ao muy Sancto Padre Paulo Quarto, pera poder criar em Evora hũa Univerſidade, cujo governo, & direyçam estivesse à contra da Cõ-

Como se occasionou a licença para se fundar a Univerſidade

panhia; apontandolhe as causas que a isso o moviam, que se contêm nas Bullas, que no fim desta Chronica ajuntaremos. Desirio sua Sanctidade Beatissima a tam justa petiçam, cometendo neste negocio todas suas vezes ao Cardeal de Sancto Angelo Raynucio, Summo Penitenciario, pera que mandasse expedir bulla, com cuja autoridade se podesse erigir, & fundar hũa Universidade, na qual se ensinasse as sciencias necessarias (tirando Medicina, & Direyto civil, & o que pertence do direyto Canonico ao foro contencioso) & pera que nella se podessem dar os graus de Bachareis, Licenciados, Mestres, & Doutores, como em Coimbra, precedendo os exames, & maes ceremonias escholasticas, q se costumam nas Vniuersidades bẽ governadas, a qual bulla se passou aos 18. de Setembro de 1558.

3. Depois no anno de 1559. aos 13. de Abril mandou o mesmo Summo Pontifice expedir outra bulla, em que confirma todo o concedido na passada, estabelecendo pera sempre a dita ereçam, & fundaçam da Vniuersidade de Evora, cõ grandes privilegios, & amplissimos poderes, assim, & da maneyra q os tem quaesquer Vniuersidades da Christandade; & de tudo o sobredito mandou passar le-

tras executorias o eminentissimo Cardeal Affenso Caraffa, do titulo de Sancta Maria in Dominica. Foram expedidas as ditas letras em 26. de Abril do dito anno de 1559. E depois disto, no anno 1568. em 29. de Mayo, se passou outra bulla pelo Sanctissimo Padre Pio Quinto, em q exime a Vniuersidade de qualquer jurdiçam, assim ecclesiastica, como secular, ainda que seja real. E finalmente no anno de 1621. em 15. de Novembro se passou outra Bulla pelo muyto Sancto Padre Gregorio Decimoquinto, em que ratifica os mesmos privilegios, & concede outros amplissimos.

4. Tratouse logo da posse da Vniuersidade, a que se deo solemne principio (deppis de preparadas as classes, & os geraes) em dia de todos os Sanctos, do anno de 1559. & pera isto se ordenaram varias festas escholasticas: & por estar o Serenissimo Cardeal em Lisboa occupado no governo do Reyno, escreveu ao Cabido, & a Camara da Cidade, encommendandolhe muyto a solemnidade desta posse, a que todos acudiram com grande gosto, pelo amor q tinham ao Serenissimo Cardeal, & deuaçam a Companhia, chegado o dia de todos os Sanctos, veyo o Cabido da Sè cõ a mais clerizia, juntamente com a Camara, & Cidade em hũa solem-

Do modo com que se tomou a posse da Vniuersidade.

Bullas que se passaraõ per a se fundar a Vniuersidade.

nissima procissam ao nosso Collegio, presenciando este acto o Reverendissimo Bispo de Targa Dom Manoel dos Sanctos (que tinha os poderes, & procuraçam do Cardeal Infante, pera em seu nome se tomar, & dar a posse da Vniversidade-) Acharamse tambem presentes o Padre Doutor Miguel de Torres (que entam era Provincial da Companhia em Portugal, como adiante contaremos) Pedro de Miranda Deám d'aquella Sê, com todas as mais dignidades; com elles juntamente o Corregedor da cidade, todas as justiças, & pessoas principaes, assim ecclesiasticas, como seculares, com muyto povo da cidade; todos com tanta festa, & alegria, que representavam a que houve em Ierusalem no dia da posse, & dedicaçam do Templo de Salamã.^a

5 Em principio da dita posse o Padre Doutor Iorge Serãm da Companhia, designado primeyro Lente de Prima de Theologia, fez huma doutissima prégaçam, declarãdo o grãde serviço que a Deos se fazia na sũdaçam d'quella nõva Vniversidade, pela doutrina que nella se havia de ensinar, & muyto fruyto espiritual, que cõ grande fundamento se podia esperar, nam sò naquelle Arcebispado, mas no Reyno todo. O Reverendissimo Bispo de Tar-

ga, procurador constituido do Serenissimo Cardeal Infante, era o que cantava a missa, que foy solemnissima, officiada com excellentes cantores, & muyta variedade de instrumentos musicos. Acabada a missa teve huma òraçam em Latim o Mestre da primeyra classe Simam Viyra, louvando o grande preço das sciencias, & a sancta intençam do Cardeal Infante.

6 Depois que o Orador disse, foy logo lida em alta voz, & publicada a bulla de sua Sanctidade, & divulgada a ereçam, instituiçam, & fundaçam da nõva Vniversidade, pera serẽ a todos notorios seus privilegios, liberdades, faculdades, immunidades, isençoens, honras, favores, concessõens, & poderes, assim espirituaes, como temporaes, que sua Sanctidade pela dita bulla concedeo, & outorgou, & de que podem uzar, & gozar os Reytores, Doutores, Lentes, Agraduados, Escholares, & todas as mais pessoas do dito Collegio, & Vniversidade, da maneyra que gozam, usam, & tem todas as outras Vniversidades gèraes, como na dita bulla se contem, com as penas rigorosissimas de q̃ usa a Igreja contra todos aquelles, que se atrevessem temerariamente avêxar, perturbar, ou contradizer a qualquer dos privilegios, & indultos Apostolicos.

*Da solem-
nidade des-
te acto da
posse.*

3. Reg. cap.
8. a num. 5.

*Como se
publicou a
bulla da
confirma-
çam da
Vniversi-
dade.*

7 Depois da publicaçam da bulla, o Bispo de Targa, como procurador do Serenissimo Cardeal Infante fundador, doador, & padroeyro do dito Collegio, & Vniversidade, disse que elle em nome de seu dito constituyente, tomava, & com effeyto tomou posse real, corporal, & actual do dito Collegio nõva-mente fundado, & instituido, & erecto em Vniversidade; & que juntamente tomava posse da mesma Vniversidade, assim, & da maneyra que na bulla se cõtinha, fazendo as mais ceremonias, & actos necessarios, & a entregava á Companhia: & logo o Padre Doutor Miguel de Torres Provincial da Companhia neste Reyno, disse em seu nome, & da Companhia, & dos mais Doutores, & Mestres, que elle aceyrava a dita Vniversidade, & consentia nella, cõforme a bulla, & suas clausulas.

8 Entregada a posse, o Bispo de Targa, posto de joelhos, com todo o Cabido, & mais clerizia, começou a entoar o *Te Deum laudamus*, que todos juntamente ajudaram a proseguir, dando graças a Deos nosso Senhor por esta mercè, que de novo fez a esta cidade, & a todo o Reyno, pelos grandes bẽs que se esperavam da nõva Vniversidade, como o tempo nos tem ensinado. Na tarde deste dia foy dada num Theatro, com

singular successo, notavel aparato, & grande aplauso, huma tragedia intitulada, *El Rey Saul*; & nas tres noytes seguintes houve encamisadas muy aparatosas, & pera ver, correndo a Cidade toda grande numero de cavalleyros, com tochas acezas, mostrando em tudo esta nobre, & real cidade a grande alegria, & satisfaçam que tinha pela nõva honra, que com a nõva Vniversidade lhe crecia.

CAPITULO XX.

Escreve o Cardeal Infante ao B. Padre Francisco de Borja, sobre as cousas da sua Vniversidade: mandalhe este dous famosos lentes de Theologia, vem ambos a Evora ver a Vniversidade.



1 Om grande alvoroço esperava em Lisboa o Cardeal Infante a desejada nõva da posse da sua Vniversidade, & foy ainda dobrada sua alegria, quando soube do bom successo que houvera em autotam solemne, do qual todos lhe davam gratissimos parabens. Tratou logo de prover aquellas suas cadeyras de Theologia, de

Como se entregou a Vniversidade á Companhia.

mestres insignes, pera este effeyto escreveo logo ao Sancto Padre Francisco de Borja, que já era Cômmissario gèral de nossa Religiam em toda Hespanha, convidandoo tambem que viesse ver, & visitar a sua Univerſidade: cuja carta original temos em nosso poder, & me pareceo estampala neste lugar, porque d'ella constará melhor o que himos aqui contando.

CARTA DO CARDEAL Infante pera o S. Padre Francisco de Borja.

Ao muyto illustre, & Reverendo senhor o Padre Francisco dos da Companhia de IESV. Muyto Illustre, & Reverendo senhor.

2



Padre Luis Gonçalves me escreveo de Evora (aonde ora está, por rezãem de humas terçãas q̃ lhe sobrevieram do caminho) & me mandou novas de vossa boa disposiçãem, do que eu recebi muyto contentamento; & assim me dava cõta que estaveis de caminho pera o Conselho, onde lhe parecia que já estareis; o que me obrigou a vos escrever esta pera vos dar conta, como com ajuda de nosso Senhor, dia de todos os Sanctos se

erigio o meu Collegio do Espirito Sancto da cidade de Evora, em Univerſidade, por commissãem do Padre Sancto, & consentimento del Rey, meu Senhor, E segundo me escreveram os Padres Luis Gonçalves, & Dom Leãem, & outras pessoas, foy a cousa tam bem recebida de todos, & de tam gèral contentamento, que nisso mostrou bem nosso Senhor muy certa esperança, do muyto serviço que com seu favor, & ajuda se lhe nella fará ao diante, de que o tempo passado tem dado muytas mostras, no fruyto, & edificaçãem que neste Collegio he feyto, assim nos custumes, como nas letras, & doutrina espiritual, de q̃ já tereis alguma informaçãem.

3 E porque o Padre Luis Gonçalves vos escreverá mais largo de como se a Univerſidade fez, o nam farey nesta; somente por ser cousa desta calidade, & tam conforme a vosso virtuoso zelo, & intençãem, vos terey em merce, que da vossa parte folgueis de a favorecer, & ajudar neste principio com algũs Lentes doctos de Theologia, de q̃ ao presente temos alguma falta, & necessidade.

4 E já que estais tam perto (segundo me escreve o Padre Luis Gonçalves) podem ser quarenta legoas de Evora, recibirey muyto contentamento, da volta que fizerdes pera Castella, querdes vir ver esta minha Univerſidade, & os principios que se nellá dam as letras, com o que serãem tam consolados os Lentes, que se animarãem pera fazerem com sua doutrina mais serviço a nosso Senhor, & se esforçarãem a trabalharem por fructificar com

ella.

Carta do Cardeal Infante ao B.P. Francisco de Borja.

Encomendalhe que lhe mande Lentes.

Pedelhe q venha a Evora.

ella: & crede, que nenhuma coisa mais estimarey que vossa vinda, por o que vos tey em merce. folgardes de chamar este trabalho por amor de mim. Nossa Senhora vossa Mãe, & Reverenda pessoa tenha em sua sancta guarda. De Lisboa 11 de Novembro de 1559.

O Cardeal Infante.

Realza muyto nesta carta o zelo sancto, & religioso termos do Serenissimo Infante; que se fora toda sua vida criado numa Religiam muy reformada, nam usara de outros mais espirituaes, & christãos; & se he trata ao Sancto Padre com benevolencia de parente, & amigo, nam lhe falta com a estima, & conoeyto de sua pessoa, & sanctidade, significado he quanto desejava favorecer a sua Universidade, & tratado de o obrigar a que viesse, & a provehe de Lentes doutos, conservando sempre nella a autoridade de Principe, & mostrando o amor de amigo.

Muyto agradecido ficou o Beato Padre Francisco de Borja a esta carta, a qual logo tratou de dar plenaria satisfacão mandando primeyramente dous insignes logeyros, & muy nomeados nestes ramos de Theologia, os quaes tinham sido comp. discipulos d'aquelle

excellento Pregador, & Apottolico varão João de Avila, com cujos conselhos tinham vindo pedir a Companhia, na qual os recebeu com grande alvoroço o Sancto Commissario Francisco de Borja, & os mandou a Evora, pera que ahy fizessem seu noviciado, & lessem Theologia; aprendendo virtude no noviciado, & ensinando letras nas cadeyras: hũ delles se chamava o Doutor Pero Paulo Ferrer, natural de Malaga: o outro he dizia o Doutor Fernam Peres, vilinho de Cordova, ambos eram varoens sapiētissimos, dos quaes falaremos adiante, neste mesmo livro. E quanto ao que o Serenissimo Cardeal Infante lhe pedia acerca de sua vinda a Evora, tratou logo de o por em execuçam, como logo veremos, pelo grande desejo que tinha de dar em tudo o devido gosto ao Infante. Na qual tambem cada hora cresciam os desejos de hira Evora pera ver a sua Universidade, & obrir os Lentes, & ver os Religiosos do seu Collegio.

Sam as obras, que cada hum traça como filhos muy estimados, & assim como o nobre pay se veve no querido filho, quando este say crescendo, assim o autor de alguma obra se alegra de ver os progressos do edificio que vay subindo. Mas eram tantos os negocios, &

Manda o S. P. Francisco de Borja dous famosos Lentes de Theologia.

Desejos q o Cardeal tinha de hir ver a sua Universidade.

tam multiplicadas as occupaçoens do governo, que lhe era necessario ao Serenissimo Infante cortar por estes desejos tam affectuosos, esperando q̄ amaynassem os mares dos negocios publicos do Reyno, pera poder deferir aos particulares de Evora. Esta boa occasiam se lhe abriu no seguinte anno de 1560. no qual chegou finalmente a comprir seus grandes desejos.

Chega o Infante a Evora, aonde foy muyto festejado.

Oraçam q̄ lhe fez o mestre da primeyra classe.

8. Foy sua chegada muy aplaudida em toda a cidade, cõ grandes demonstraçoens de alegria, que ainda foram mayores na sua Vniversidade: no dia em que foy ao Collegio lhe teve o mestre da Rhetorica, que era o Padre Simam Vieyra, hũa eloquentissima ôraçam, na qual cõ grande ornato de palavras, copia de erudiçoens, lustre de rhetorica, & esmalte de sentenças, declarou os grandes desejos si cõ que sua vinda fora esperada o anno passado pera complemento da solemnidade da posse, & pera investidura da Vniversidade: descorreio com grande elegancia pelos singulares proveytes que resultavam, nam sò aquella Cidade, mas ao Reyno todo, das Escolas, & Vniversidade que dotara, & fundara, da qual, como de rio caudaloso de sciencias divinas, & humanas, se haviam de dirivar copiosas enchentes, nam sò pelas terras vi-

sinhas, mas tambem pelo mundo todo, confirmando este discurso com o exemplo dos Athenienses, de cuja Vniversidade sahiram tantos homens insignes em letras, os quaes governaram a republica no tempo da paz, & defenderam a patria na occasiam da guerra. Discursou pela grande reforma de costumes, que se podia esperar no Reyno em cõsequencia de hũa Vniversidade, aonde se haviam de criar Prègadores, pera o pulpito, & Sacerdotes pera o confessionario. Com muy particular gosto, & attençaõ ouvio Sua Alteza este eloquente arrefoado, & assistio a todas as mais demonstraçoens, com que os mestres applaudiram sua vinda.

9. Acrescentou se lhe ao Cardinal Infante o gosto, & dobrou se lhe a alegria com a vinda a Evora do Sancto Padre Francisco de Borja, o qual logo em chegando foy beyjar a mamã ao Serenissimo Principe, que o recebeu com singulares mostras de amor, & de respeyto, & logo lhe veyo com a sua costumada petiçam, que pois era tempo de Coresma, acetyasse o trabalho del pregar aos Domingos na Igreja Cathedral, nam se pode o B. Padre escusar deste trabalho, porque era tal o desejo q̄ tinha de obedecer ao que se lhe mandava por hum Senhor a quem tanto desejava agradar, q̄

Vem tambem a Evora o B. P. Francisco de Borja.

tal vez lhe succedia, por causa de muyta fraqueza, & outros achaques, levaremno em braços até o pulpito, donde o tornavam a tirar acabado o Sermam, mas supria a efficacia da alma a fraqueza do corpo, & conforme a virtude do espirito, era a moçam dos ouvintes.

CAPITULO XXI.

O Cardeal Infante dà huma mostra de toda a sua Vniversidade ao B. P. Francisco de Borja: vam ambos vizitar as classes; E o B. Padre conclue com a vizita do Collegio.

I Este mesmo tempo quiz o Cardeal Infante em final de benevolencia, dar ao sancto Commisario huma vista de todo o corpo da sua Vniversidade, pera isto ordenou que todos os Lentes, Doutores, graduados, & officiaes della, com todos os estudantes d'aquella matricula se juntassem nos seus Paços, & d'ally postos em ordem viessem na forma em que sahem nos prestitos, & fossem demandar o nosso Collegio. Era nelle tam grande o gosto, & tam notavel

o empenho com que solicitava o bem da nova Vniversidade, & honra da Companhia, que quiz este mesmo senhor sendo Principe tam soberano, pera mór authoridade do prestito ser tambem figura neste solemnissimo auto, hindo no acompanhamento, & mostrando com este novo favor que nam somente era fundador, mas tambem queria ser membro da Vniversidade que nos entregava; & sendo Principe de tam alta qualidade, nam se de dignou de hir com os estudantes das nossas classes nesta procissam, como outro David,^a que sendo Rey com tam singular piedade foy entre a gente do povo, servindo, & acompanhando a arca de Deos. Acudio todo o Clero, & a principal nobreza da Cidade, que toda se abalou pera acompanhar ao seu muy prezado Principe, o qual levava junto a sy ao Rector, que era o Padre Leão Henriquez, como cabeça de todo o corpo daquella Vniversidade; o qual prestito foy sem duvida o mais authorizado que vio este Reyno, pois nenhum houve que tivesse semelhante pessoa em seu acompanhamento.

2. Faltou porém nelle o B. Padre Francisco de Borja, o qual, como tam sancto, & humilde cortejam nenhuma occasiam deyxava perder em que

O mesmo Cardeal Infante veio neste prestito.

^a
2. Reg. c. 6.
n. 5. David autē, & omnis Israël lu debat corā Domino. &c.

*Acto de
humildade
do B. P.
Francisco
de Borja.*

se pudesse humilhar; & como se elle nam fosse pessoa que pudesse apparecer entre os letrados, & agraduados, & junto ao Serenissimo Infante: mas como quem mais estimava o grau de humildade que pretendia, & amava, que a borla de Doutor, que ja tinha, & desprezava, se ficou no Collegio, & tanto que começou a vir chegando a gente do Prestito, se fahio logo á portaria a esperar a Sua Alteza, levando consigo o Ministro, Procurador, Porteyro, & cosinheyro, & outros Irmãos de casa, que nam pertéciam ás escholas. Em tendo o B. P. vista do senhor Cardeal Infante se foy a elle, & se lhe lançou aos pés, & depois lhe rendeo, cõ muyta copia de lagrimas, as graças pelo muyto que honrava a Companhia, & por haver fundado aquelle Collegio, & Vniversidade tam insigne, como elle via com seus olhos, ordenada pera tanto serviço de Deos nosso Senhor, & bem do Reyno: mostrando a grande satisfação que tinha de ver a hum Principe tam conhecido no mundo, tam illustre por sangue, tam cheyo de virtudes, tam enriquecido de letras, todo empregado em honrar a Companhia.

3 Logo com sua custumada graça, ajuntou, que elle, & aquelles Irmãos coadjutores por

nam professarem letras, nam tinham hido a acompanhar a Sua Alteza, mas que tambem se offerciam a seu serviço. Estimou muyto o Serenissimo Infante este humilde lanço, & bẽ engraçado estratagema do ser vo de Deos, porque sabia muyto bem, que podia elle ter muyto bõ lugar naquelle nobre acompanhamento, nam sò por ser Prelado de toda a Companhia em Hespanha, mas por ser Doutor agraduado na Vniversidade de Guandia: alem das outras excellentes calidades que naquella ostentaçam por muytos titulos lhe podiam dar o lugar junto de sua Alteza, que o recebeu cõ grandes mostras de benevolencia, como quem fazja tanta estimaçam de sua pessoa, & prezava tanto os lanços de sua humildade.

4 Logo se foram ambos a visitar as Aulas, & ouvir os Lentes, & ver todo o edificio da Vniversidade, & Collegio, que ja estava muyto avançado, assistindo a tudo o Serenissimo Infante com grande satisfação de sua alma, & gostando de ouvir ao Beato Padre Francisco, o qual muyto louvava o factõ zelo, & singular liberalidade com que Sua Alteza emprẽdera obra de tam grande serviço de Deos. Feyta a visita das classes, trataram entre sy algũs negocios de grande momen-

*Quanto o
Cardeal estimou este
lanço de
humildade.*

Vay o Cardeal, & o B. P. a visitar as classes.

to, & assentaram o que mais convinha ao bem do Collegio, & progresso da Vniversidade.

5 Acabada a solemnidade daquelle dia, se applicou o Sãcto Commissario a continuar com as obrigaçoens de seu officio, visitando, & consolando os subditos; exhortando, & animando a todos a perseverar no bẽ comẽçado; & pera os obrigar mais com o exemplo de sua pessoa, q̃ cõ palavras estudadas, estando a comunidade toda junta, pera lhe fazer a exhortaçam da practica ordinaria, como cada somanos Collegios grandes se usa na Companhia. E ally estando todos juntos com grandes desejos de se proveytarem da doutrina de tam sancto superior; começou elle a practica dizendo, que melhor era fallar cõ obras, que prẽgar com palavras: & mandando a todos, que se deyxassem estar em seus mesmos lugares, se ajoelhou em terra no meyo da capella, & com grande humildade foy beyjando os pès aos Padres, & irmãos hum por hum, desfazendose todos em lagrimas nacidas igoalmente de admiraçam, & confusam, lembrandose à vista de acto de tanta edificaçam do exemplo de summa humildade com que Christo Senhor nosso de joelhos lavou, & tambem, como muytos dizem, beyjou os

pès a seus discipulos.

6 Assim praticou neste dia o Sancto Padre Francisco de Borja, & na verdade esta he a verdadeyra practica, que poem em praxe de obra, o que outros deyxam em especulaçam de conceytos. E finalmente, deyxando a todos muy consolados, & animados a perseverar no divino serviço, havida a licença do Serenissimo Cardeal, se partio a vizitar as mais casas da Provincia, na qual vizita lhe socedeo o que já brevemente dissemos no capitulo de sanove do quarto livro desta segunda parte.

Como se foy o B. P. Francisco a continuar a sua vizita.

CAPITULO XXII.

Descrevese brevemente o edificio material do Collegio, & da Vniversidade de Evora, que o Cardeal Infante com grande amor, & liberalidade fundou, & acrescentou.

NO capitulo passado vimos como o Cardeal Infante, com grande gosto seu, foy ver, & mostrar a sua Vniversidade ao Beato Padre Francisco de Borja:

Doremate da vizita do B. P. Commissario

*Quão gosto-
stava o In-
fante de
ver as o-
bras da sua
Universi-
dade.*

tambem agora quero eu, ao menos por letra, mostrar aos curiosos estas obras, porque era tam notavel o gosto que elle tinha de assistir ao edificio do seu prezado Collegio, & da sua tam querida Univerſidade; & era tam grande a satisfaçam que sempre recebia de ver estas obras, & de que lhas vissem, que me pareceo dar aqui dellas huma breve relaçam, pera fazer este serviço a tam estimado Principe, mostrandoas por pena aos que as nam viram com os olhos. E logo brevemente determino de recopilar, & elogiá sua vida em capitulos particulares, pera que pois louvamos o edificio, veneremos o fundador: porque se a obra he grande, muyto mayor foy o autor, que em tudo se mostrou Rey Augustissimo, & bemfeytor benevolentissimo, & como a tal lhe devemos sempre tributar mayores serviços, nacidos de animos agradecidos, & de obrigaçoens eternas.

2. Atraz dissemos no capitulo 14. os intentos que tivera o Cardeal Infante neste Collegio, q̄ primeyro traçava pera Clerigos seculares, & como depois o queria repartir cõ os da Companhia, até que por conselho do Infante Dom Luis, o deo todo aos nossos Religiosos, como senam quizesse fazernos mercês por partes, pois já se nos

entregado todo. Accommodado pois por entam o edificio do Collegio, pela traça que temos dito, com aquelles dous corredores, que por duas vezes com diversos intentos fizera o Cardeal Infante, & contentes os nossos Religiosos, como pobres que eram, com aquelle modo de casa, que nam representava muyta grandeza: teve este Serenissimo Principe occasiam de dar huma chegada á Cidade de Coimbra, & como tinha tam grande affeyçam á Companhia, logo que poz os pés naquella Cidade, o coraçam o levou ao nosso Collegio: aonde entam se trabalhava nas obras; & com particular curiosidade viõ a grandeza do sitio, notou a sumptuosidade da obra, os lanços dos dormitorios tambem lançados, a largura dos cubiculos, a fortaleza do edificio, a traça tambem acertada, & em tudo tam vniforme: & postoque, por huma parte louvava muyto ao magnifico Rey seu irmam, por fazer huma obra tam real, & tam digna de seu grande animo; por outra parte ficava muy desconſolado, quando se lembrava do edificio que fizera em Evora, à vista do que se levantava em Coimbra. Logo se veyo a resolver em acrescentar as obras daquelle seu Collegio, de maneyra que pudessem

*Da occasiam que
teve pera
acrecentar
as obras
do Collegio
& Univerſidade.*

Descreve-se a obra do pátio da Universidade.

competir com as de Coimbra.
 3. Chegado a Evora, com estes nobres pensamentos, mandou logo traçar & edificar a claustro, & pátio da Universidade, que he huma obra em tudo grandiosa, & que bem parece q' foy parto de huma resolução real. Tem esta claustro de largura, & de comprimento (por ser quadrada) de parede a parede duzentos & quarenta & seis palmos, que vem a fazer oytenta & nove covados em medidas de arquitectura. Tem de vira a area debayxo das varandas de largura, no frõtespicio 160. palmos: tem suas varandas à roda, pelas quaes se sobe por escadas de marmore: por estas varandas se vira abrindo as classes, ou geraes, que sam cyto de Latino, quatro de Philosophia, & dous de Theologia, todas muy capazes pera receber muytos ouvintes: tambem tem casa particular pera o escrivam da matricula, & despachos do Cancellario; outra pera o Presfeyto do estudos; tem mais duas que servẽ de escholas aos mininos. Sustentam-se os arcos destas varandas em grossas, & muy fermosas columnas de marmore, muy polido, lustrado, & engrassado, com suas bases, & capiteis do mesmo, por todas sam noventa & seis: destas ha sincoenta & duas, que sustentam os arcos de todo o edificio emquadra: entre

as quaes ha pilares de cantaria, que dividem as columnas, com igual proporçam; por cima destes arcos vira janellas rasgadas nos lados, nove de cada lado; & na frontaria hũa, que fica sobre os arcos, a que acompanham nos lados duas varandas, cujas cornijas de pedraria estribam sobre quinze columnas de marmore branco, de oytto palmos cada hũa, que com as que vira por bayxo dos arcos fazem alegre vista.

4. Na fachata do gèral aonde se fazem os autos principaes, fica no mais alto, entre a cornija, & cimalha hum IESVS de letras de ouro, com rayos do mesmo, em cãpo azul & por remate encima de tudo hũa fermosa Cruz de pedraria lavrada com seu calvario ao pé, & a bayxo da cornija estam as armas da Universidade, & del Rey Dom Henrique, com sua tarja nos lados: em huma parte, hum braço pontifical com sceptro na mam, a quẽ anima esta letra, *Virga tua*: no outro lado em outra tarja aparece hum braço de Bispo, cõ o baculo pastoral, a quem serve outra letra, q' diz, *Baculus tuus*: que vem a ser alluzam ao Psalmo 23. *Virga tua, & Baculus tuus ipsa me consolata sunt.* Respeytando esta emblematica empreza, ao magnifico fundador d'aquella Universidade, no qual havia baculo de

Descreve-se a fachata do gèral.

^a Pl. 25. n. 4.

Emprez que aqui tomou o Cardeal Infante.

Pontifice, & houve ceptro de Príncipe, porque foy Prelado, & foy Rey; teve mitra, & teve coroa; teve mam com bago de pastor, & teve braço armado cõ poder de Rey: com o baculo mostra que hade sustentar a sua Academia Pontifical, & com o ceptro preside á sua Univerſidade real: com estes dous bra-

ços nos empara, com o secular, & cõ o ecclesiastico; com estas insignias nos defende, & nos autoriza; cõmo Prelado, & cõmo Rey.

5.º Abayxo da tarja, que fica da parte esquerda, que tem o braço real com o ceptro, se le este letreyro.

Letreyro q
está na fa
chata do
Geral.

Henricus Lusitaniæ Rex, hoc nomine primus.
Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalis,
Totius Lusitanæ ditionis Legatus á latere,
Fideique Inquisitor Maximus,
Antistes Bracharensis, Vlyſiponenſis, Eborensis,
Hanc posuit Academiam,
Theologiæ, moralis doctrinæ, Philosophiæ,
Humanitatis, legendi, scribendi que gymnasia complectentem,
Regalibus, ac Pontificijs privilegijs munitam,
Et Societati IESV subiectam, Anno 1559.

E sobre a tarja q̄ fica á ma r̄ || ceptro, tem outro letreyro, que
ireyta do braço real, com o || diz assi r̄.

Outro le
treiro na
mêsma fa
chata.

Rex idem anno 1551. hoc Societatis IESV Collegium,
Spiritus Sancti nomine, fundavit,
Cui annexuit alterum convictorū ex Theologis
A Purificatione nuncupatum.
Ex moralibus, ac naturalibus Philosophis,
Capellanos instituit quinquaginta,
Nosocomium excitavit, convictoribus, capellanis,
Tenuibusque scholasticis benignè curandis,
Quæ omnia Societatis gubernationi libens commisit.

Continua-
e com a
descripção
da facha-
ta da sala.

6 Entre estas duas tarjas, com seus letreyros, se abre hũa fermosa janella rasgada, que dá luz à sala, ou gèral; & no alto della está o escudo das armas reaes, com coroa de Rey, & sōbreyro de Bispo, sobre o qual fica huma pomba, que significa o Espirito Sancto, debayxo de cuja sanctissima protecçam está fundada toda a machina desta Vniversidade.

7 Na porta do pateo exterior, por onde se entra nas classes da Vniversidade, sobre a verga da simalha, q descãça em duas colunas, de cantaria, se lê huma letra, que diz . *Emire lucem tuam, & veritatem tuam*: tira-da do Psalmo 42, em testimunho de que todos os lentes, & discipulos da Vniversidade, esperam do divino Espirito, seu padroeyro, a luz, & augmento das sciencias, que nestas escholas delezam alcançar; & por elles falla a porta por onde entram cada dia duas vezes.

8 No meyo deste grande pateo está huma fermosa fonte, aonde vêm demandar a muy celebrada agoa da Prata, de que este Collegio tem boa quantidade; a obra desta fonte toda he de marmore com duas taças, que primeyro em sy recebem a agoa, & depois a lançam em hũ tanque quadrado, feyto em tal proporçam, que pôtos sobre elle podem os estudantes beber

da agoa, & recrear-se cõ a frescura da fonte, que liberalmente está sempre correndo, & communicado seus cristaes de agoa de prata; a qual todos, até os nininos da eschola, podem chegar a tomar agoa. No tempo em q vivia no Collegio entre nós o Serenissimo Cardeal fundador tinha grande recreaçam, sahindo algumas vezes á varanda, de ver beber na fonte os estudantes; & observando huma vez q os de menor idade nam chegavam bem, lhes mandou fazer hũs supplementos de marmore sobre os quatro lados do tanque, em que subissem, & chegassem à sua vontade; que tal era a paternal providencia deste esclarecido Princepe, tal o cuydado que tinha dos seus estudantes, tal o gosto de que lhe bebessem da sua fonte;

9 A qual, sê duvida, no meyo deste Athenèo dedicada às sciencias divinas, & tãbem às Musas humanas, vêce as fontes Hypotrènes, Aonias, & Caballinas tam celebradas entre as doutas liberdades dos sabios de Grecia; porque aquellas eram fingidas, & como taes já deram em secco: esta corre na realidade, & como tẽ a fonte da graça principal, que he o Espirito divino por padroeyro, nunca poderá seccar. E nẽ falta a esta fonte o privilegio de suas agoas serem frequentadas do coro mais pre-

Pf. 42. n. 3.

Fonte que
está no
meyo do
pateo.

zado de Apollo, porque junto destas, & á sua vista se tem criado insignes Poetas na lingua Latina, q̄ podiam fazer enveja aos que se presavam, como de alguns dizia o outro,^b de ter lornado juto da fõre dos dous cabeços de Parnasso. Fica este grãde pateo tam apparatoso á vista, tam engraçado na architectura, tam magestoso na fortaleza da obra, q̄ pòde fazer enveja às melhores, & às mais reaes obras de toda Hespanha.

10 E porque já nam podia fazer huns corredores, ou dormitorios que pudessẽ igoalar, ou ao menos competir com os de Coimbra (por senam haverem de desfazer os que já tinha tambẽ accomodados) mandou levantar de novo hum lanço de corredor (continuando coo que estava feyto pela parte do Norte) a que hoje chamamos a galaria do Cardeal, que verdadeiramente bem mostra seu autor, & he ostentação digna de sua grandeza. Tem oyto cubiculos muy fermosos da parte do Norte, & com janellas rasgadas pera a outra parte, com muy larga, & aprazivel vista: he obra Romana, & tam sumptuosa, que nam sòmente igoala outra tamanha do Collegio de Coimbra, mas tambem lhe leva muy conhecida vantagem. Por bayxo no segundo andar desta fermosa galaria, vay

o refeytorio, que he huma valente peça, com colunas pelo meyo de marmore lustrado, & de tam perfeyto polimento, que parecem finissimos alabastros: tem cada huma de alto de sete palmos & meyo, cõ bazes, & capiteis tẽ de grosso sete & meyo; respõdêlhe pera sustentar os arcos que nellas descansam, pilares de cantaria, com suas cornijas, em que elles assentam: de forte que de cada coluna nasce quatro arcos, que igoalmente asseguram a obra, & contentam à vista: abremse pelos dous lados desta grande, & fermosa sala, de seteys janellas, oyto por banda, & duas no topo: o tecto he de estuque, & o mais ornato da casa muy aparatoso, de maneyra, que pòde competir, com as melhores peças que ha no Reyno todo.

11 Tambem acudio logo este benignissimo fundador a fazer casa q̄ servisse de noviciado, a qual faz por sy outro Collegio; & tẽ no andar de bayxo vinte cubiculos, outros tantos por cima; entrando neste numero as capellas; esta obra he feyta em quãdro, & no meyo da claustra tem sua fonte feyta de marmore com sua taça, & tanque do mesmo. Em huma das capellas se venera huma excellente pintura de nossa Senhora do Populo, & por cutro nome Sancta Maria a Mayor,

Desfazer-se o refeytorio.

^b
Perf. in Prologo. Nec in bicipiti somniasse Parnasso memini.

Galaria do Cardeal.

Casa do noviciado.

tirada pela que pintou Sam Lucas, que foy doaçam do insigne varam Ignacio de Azevedo, pintada por hum dos seus ditosos companheyros, como^a dissemos. Tem todo o Collegio grande levaçam a este paynel, & os noviços reconhecem a esta Senhora por mãy, prezandose muyto de se criarem à sombra de Senhora tam milagrosa. He este sitio muy accommodado pera criaçam de noviços, porque ficam quasi separados, com estarem recolhidos no mesmo Collegio.

9 Depois se acrescentaram muyto todas estas obras do Collegio, com o corredor da portaria, que edificou o Padre Christovam de Gouvea; com a sancristia nova, que fez o Padre Pero Novaes, com hum fermoso lanço de dormitorio q se fez sobre as classes da parte do nascente, sendo Reytor o Padre Ieronymo Dias, ao qual tambẽ se deve a fonte, que està na casa antes do refeytorio, que sem duvida parece a melhor peça, q neste genero ha no Reyno todo: tem oytto bicãs, que cahem sobre huma fermosa taça de marmore polido, a qual sendo de huma sôpedra, tem de circuito 26. palmos. Brota esta agoa pelas bocas de oytto rostos de Serafins, que tambem sã de marmore, mas tam lindos, & bem engraçados, que ou estam

sempre rindo, ou em lugar do rizo perêne, lançam agoa perennante, a qual ally vem da fonte da agoa da prata, merecendo esta obra o nome de obra de ouro: que eu agora deyxo com as mais, pera se descreverem a seu tempo.

10 Tambẽ agora ha poucos annos acrescentou muyto o edificio o Padre Antonio de Souza Reytor d'aquelle Collegio, q nelle morreo sendo Provincial; entre as quaes, as principais foram a livraria que estava começada, & acabou com toda a grandeza, & perfeçam; a capella dos irmãos, que acrescentou, & ornou; o retabolo do altar môr, feyto pela traça do de Sam Roque, que descrevi no quarto^b livro; os quadros das paredes da Igreja, feytos a oleo por muy excellente pintel; & fez outras muytas obras, com que notavelmente acrescentou, & enobreceo aquelle real Collegio; as quaes se referirã nos annos em que se fizeram, porque eu sô trato das que fez o Serenissimo Infante; que na verdade foram todas dignissimas de sua grande liberalidade; & muy conformes ao amor que nos tinha; porque todo este Collegio està repartido em claustras muy bem lançadas, com varandas pera se passear livremente, & pera os velhos se poderem proveytar do abrigo do

^a
1. p. l. 4. c. 7.
nu. 7.

Como se
acrescenta-
ram depois
as obras
do Colle-
gio.

Fôte muy-
to fermosa

Obras que
fez em E-
vora o P.
Antonio
de Souza,
sendo Rey-
tor.

^b
Lib. 4. c. 26.

Sol no tempo do inverno, com fontes muy curiosas no meyo destas claustras, cõ cercas muy grandiosas, com ortas, com lanranjaes, & com grande variedade de arvores; & he finalmente tal toda esta magnifica obra, q̃ com rezám quadra bem a este real Collegio o nome de filho primogenito de hum Infante, que teve as licenças de Legado supremo, & os poderes de Rey soberano.

CAPITULO XXIII.

Referemse algumas particularidades do Collegio de Evora, & das grandezas, & privilegios daquella Vniversidade.

I E mos já fundado o Collegio de Evora, temos a Vniversidade erigida, & já vizitada por seu real fundador; bem he que digamos alguma cousa das grandezas do Collegio, & dos privilegios da Vniversidade, pera que à vista de huma, & outra cousa, se veja a grandeza, & liberalidade do animo do fundador. Primeiramente os logeytos, que no Collegio de Evora se sustentam ordinariamente, sam cento & quarenta, atè cento & sincoen-

ta, pera o que tem grossas rendas, todas dadas por seu real fundador. Os Mestres de Theologia sam quatro, tres ensinam Theologia Escholastica, & hũ explica a sagrada Escritura. Tẽ mais dous mestres, q̃ lem Theologia moral. Quatro que lem Cursos de Artes. Dous mestres de Rhetorica. Dous de Humanidade, & quatro de Gramatica; com mais dous de eschola, hũ de ler, & outro de escrever, com substitutos necessarios, pera acudirem às faltas que pòde haver entre anno. Tem mais hum Cancellario, que necessariamente hade ser Doutor em Theologia, & custuma sempre ser pessoa grave, & de authoridade, porque he o superior da Theologia espiculativa, & o q̃ da os graos aos que os tomam na Vniversidade.

2 Tem mais hum Prefeyto, a quem toca o governo das escholas, & tem superentendencia nas Artes, & mais classes inferiores da Rhetorica, Humanidade, & Grãmatica. Tem mais hum Padre que he Secretario da Vniversidade. E como este Serenissimo Princepe entregava à Companhia o governo da Vniversidade, ordenou que o Reytor do nosso Collegio de Evora fosse juntamente o Reytor da Vniversidade, & tem toda a jurisdicam espiritual do ordinario, de quẽ a izentaram, &

Quantos sejam os Mestres de Theologia em Evora.

Tem hum Cancellario.

Prefeyto dos estudos.

O Reytor do Collegio he juntamente Reytor da Vniversidade.

exemiram os Summos Pontifices, a requerimêto do Cardeal, & Rey Dom Henrique, & três-pasàram toda esta jurisdicampera o Padre Gèral da Companhia, pera o Provincial, Reytor, & mais Religiosos, em tudo o q nam repugnasse a nossas constituiçoens (como consta da Bulla do Papa Pio Quinto, passada no anno de 1568. da qual adiante faremos mençam) de tal maneyra que nem os Arcebispos desta Cidade, nê seus officiaes, & outros ministros tẽ algũa jurisdicam, ou superioridade sobre a Vniversidade, ou sobre seus officiaes, estudantes, & privilegiados, como nem sobre suas izençoens, liberdades, estatutos, & privilegios, porque de tudo lhe concedeo a Sé Apostolica plenaria, & liberal izençam.

3 Exercitase esta jurisdicam Ecclesiastica por hum Cõservador Ecclesiastico, pera o qual officio elege, & nomea o Reytor (conforme a Bulla do Papa Sixto Quinto, passada no anno de 1586. como apontaremos adiante) a qualquer pessoa constituida em dignidade, ainda que seja regular, porque pera isto tẽ partioular breve da Sè Apostolica, o qual Cõservador conhece de todas as causas, affirm civis, como criminaes dos Clerigos de ordens Sacras, & de todos os mais que gozam do foro Ecclesiastico, ou demandẽ co-

mo autores, ou sejam requeridos como reos, & anda este officio tam authorizado, que tal vez sucede ser Cõservador da Vniversidade o Bispo de Anel do Arcebispado.

4 Alem desta jurisdicam, & poder Ecclesiastico, tem o Reytor da Vniversidade toda a jurisdicam secular, que os senhores Reys de Portugal lhe concederam privativamente, em tudo o tocante ao Collégio, & Vniversidade, que pertence ao foro secular, a qual jurisdicam exercitam por muytos officiaes, que sam todos da eleyçam, & nomeaçam do dito Reytor, que pera isso tem obrigaçam de ouvir primeyro seus conselheyros. Exercita esta justiça hum Cõservador secular que tẽ, o qual de propriedade pellos estatutos, he sempre o Corregedor da Comarca, como consta do Alvarã passado por el Rey Dom Sebastião em 6. de Dezembro de 1566. à instancia do Serenissimo Cardeal Infante. E faltando este, ou tendo algum outro legitimo impedimento, pòde o Reytor, ouvidos seus cõselheyros, eleger por Cõservador ao Iuiz de fóra da mesma Cidade, ou ao Provedor, ou ao Iuiz dos orfãos, & sò com sua nomeaçam, sem mais confirmaçam real, podem estes eleytos administrar o dito officio. E a este Cõservador pertencem todas as causas

Poderes do Reytor da Vniversidade.

Privilegio de 1224.

Conservador Ecclesiastico da Vniversidade.

Conservador secular.

dos estudantes seculares : & tẽ obrigaçam de primeyro tomar juramento dos sanctos Evangelhos no cõselho da dita Vniuersidade, em que se obriga de servir bem, & direytamente seu officio. De tudo se passou hum Alvará em 23. de Outubro do anno de 1559.

Meyrinho da Vniuersidade.

5 E pera bom serviço, & administraçam da justiça destes Conservadores, tem o mesmo Reytor poder pera nomear, & eleger hum meyrinho da mesma Vniuersidade, o qual nam sò nente exercita este officio em tudo o tocante á Vniuersidade, & seus estudantes, & mais privilegiados, ou sejam clerigos, ou seculares, mas he tambem meyrinho de toda a cidade, & por isso he a melhor vara, & de mayor proveyto, a qual nam sòmente he data do Reytor, mas havendo causa legitima o pòde suspender, & prover no officio a quem lhe parecer. He tambem data do mesmo Reytor, depois de ouvidos seus conselheiros, o provimento dos escriptaens das duas conservatorias, assim ecclesiastica, como secular, que sam os melhores officios da cidade.

Privilegio acerca dos Conservadores.

6 E no anno de 1577. cõcedeo o mesmo Rey hum notavel privilegio nesta materia da jurdiçam dos Conservadores, que foy nomear hum Dezembargador do Paço, que fos-

se Iuiz privativo das appellaçoens, & agravos, que se tirasẽ do Conservador em materia de jurisdicam, ou de privilegios dos officiaes, estudantes, ou familiares, & pessoas della, o qual Dezembargador do Paço, com outro da casa da Supplicaçam, ou do civil, qual elle escolhesse, determinaria as ditas appellaçoens, ou agravos, como fosse justiça, sem disso se poder mais appellar, ou agravar; & logo o primeyro Iuiz nomeado foy o insigne Doutor Pero Barboza.

7 Tambem se concedeo à Vniuersidade de Evora o privilegio de ter cada semana às terças feyras huma feyra franca, izenta de cizas, & outros quaesquer direytos; foy passado em Lisboa em 12. de Setembro de 1561.

8 Nam se contentava este Serenissimo Princepe com estas graças, & privilegios que nos alcançou, porque nam deyxava passar occasiam alguma de favorecer, & acrecetar a sua Vniuersidade, assim no espirital, como no temporal: no anno de 1562. fez dar à sua Vniuersidade todos os privilegios, liberdades, graças, franquezas, & izenções da Vniuersidade de Coimbra, & do nesse Collegio de IESV da mesma cidade, o que tudo lhe concedeo el Rey por huma previsam, assinada pela Rainha D. Catherina, passada

A Vniuersidade tem todos os privilegios que tem a de Coimbra.

em 4. de Abril no dito anno de 1562. & depois por huma postila assinada por elRey Dom Sebastiam a 27. de Julho de 1573. passada em Evora. E porque das palavras da concessam se colhe bem a grande vontade que elRey tinha de fazer merces, & dar gosto a este Serenissimo Principe seu tio, as quero logo aqui lançar.

PARTE DA PROVISAM real, pela qual elRey Dom Sebastiam concede à Univerfidade de Evora os privilegios da Univerfidade de Coimbra.

9 **D**om Sebastiam, por graça de Deos, Rey de Portugal, &c. Faço saber aos que esta minha carta virem, que por mo pedir o Cardeal Infante Dom Henrique meu muyto amado, & prezado tio, hey por bem, & me praz de fazer mercé ao Reytor, Lentes, Deputados, & Conselheyros, officiaes, & estudantes matriculados da Univerfidade da cidade de Evora, que elle novamente fundou, & dotou, que elles tenham, hijam, gozem, uzem daqui em diante pera sy, & pera seus criados, & familiares, de todos os privilegios, graças,

liberdades, & izenções, que ham, & tem, & de que gozam, & uzam o Reytor, Lentes, Deputados, Conselheyros, officiaes, & estudantes matriculados da Univerfidade da cidade de Coimbra pera sy, & pera seus criados, & familiares, pelas cartas, & provisoes, que pera isso tem delRey Dom Manoel meu visavó, & delRey meu senhor, & avó, que sãta gloria hajam, & minhas. Dos quaes privilegios, & liberdades assim gozarã, & uzarã em quanto nam forem contra os estatutos feytos, & por fazer da dita Univerfidade de Evora. E mando a todos os meus Dezembargadores, Corregedores, &c. que mostrando o dito Reytor, Lentes, Deputados, & Conselheyros, officiaes, & estudantes da dita Univerfidade, por sy, & por seus procuradores o treslado autentico das cartas, & provisoes dos privilegios, que assim tẽ a dita Univerfidade de Coimbra, os deyxem delles uzar, & gozar, & lhes cumpram, & goardem, & façam inteiramente cõprir, & goardar, como se foram concedidas, & otorgadas á dita Univerfidade d'Evora, &c.

10 E na Postila diz assim. E por quanto minha tençam he, & foy sempre que todos os privilegios, liberdades, graças, franquezas, & izenções, que por qualquer via sam concedidas, & ao diante se concederem á Univerfidade de Coimbra, & ao Collegio de IESU della, de qualquer sorte, & calidade que sejam, assim da justiça, como da fazenda, cizas, imposições, apo sentadorias, direytos reaes, & quaesquer outros, posto que sejam taes,

Na Postila da provi- sãm concede o mesmo.

que, conforme minhas Ordenações, se houvesse de fazer expressa menção de cada hum d'elles, & da substancia d'elles, & cumpram, & guardem á dita Universidade, & Collegio do Espirito Sancto de Evora, assim, & tam cumprida, & inteiramente, como se cada hum d'elles lhe fosse particularmente concedido. E declaro assim, & se necessario he de novo lhe faço mercè de lhe conceder cada hum dos ditos privilegios, graças, & franquezas em particular; nam por via de communicacão, senam que á dita Universidade, & Collegio do Espirito Sancto os concedo todos na maneyra que digo he; & hey por bem que tudo o que for contra os ditos privilegios, ou cada algum d'elles, nam tenha força, ou vigor, se especialmente senam fizer menção desta provisám, & do que em particular se quizer derogar della, & dos ditos privilegios, sem embargo da Ordenaçam do livro segundo, titulo quarenta & nove, que dispoem que senam entende ser derogada por mim ordenaçam alguma se da substancia della nam fizer expressa menção, &c.

II Deyxo outras muytas concessões particulares, que na dita carta, & postilla se especificam: & parece que era tanto o amor com que este Principe nos solicitava os favores, & com que o Rey os concedia, que nam achavam palavras bastantes pera mostrar quanto desejavam que se nos goardassem estas mercès, &

privilegios que nos concediam: & como estes da real Universidade de Coimbra sam tam amplos, tambem o ficam sendo os desta Universidade de Evora, à qual nam sò defende o poder Pontifical, mas tambem empara o braço real.

CAPITULO XXIII.

Dos mais officios que há nesta Universidade, & de outros poderes, & preeminencias que tem o Padre Reytor d'aquelle Collegio, & Universidade.

Rois entramos nesta materia, nam quero sahir della sem dar plenaria noticia dos muytos poderes, dignidades, & preeminencias, que este liberalissimo Principe concedeo, & alcançou pera o seu Reytor da Universidade de Evora: mas primeyro apontarey os mais officiaes, que o Reytor escolhe, & provè, pera governo, & serviço da Universidade, a qual tem mais hum Enqueredor, que nas inquiriçoes das conservatorias inquire, & pergunta as te-

Enqueredor.

Contem a provisám outros muytos privilegios.

stimu-

stimunhas: tem hum porteyro que serve a ambos os Conservadores. Ha tambem naquella Vniversidade hum escrivam da matricula, ao qual pertence matricular todos os estudantes, & passar as provisoens, & titulos dos graduados, dar certidoens, & fazer todos os mais assentos tocantes à Vniversidade. He este officio muy authorizado, & sua eleyçam tãbem pertence ao Reytor, & tãbem o pòde privar, & suspèder, como nos outros officios. Tem tambem a Vniversidade hum mestre das ceremonias, dous Bedeis, & hum Goarda pera castigar os estudantes.

2 E porque a Vniversidade por especial privilegio dos senhores Reys de Portugal, tẽ açouge particular, & feyra frãca (em lugar pera isso deputado) ao Reytor pertence a eleyçam, & nomeaçam de hum Almotacel, pera repartir estes mântimentos, & mercadorias, & ha juntamente hum escrivam pera assistir ao dito Almotacel. Elege mais o Reytor dous Juizes executores, aos quaes pertencem as execuções do temporal da Vniversidade, & Collegio, na forma em que as fazem os executores reaes, & pera estes juizes tambem elege, & nomea dous escrivaens. Item mais o mesmo Reytor, nomea hum escrivam da fazenda, ao

qual pertence a goarda de todas as escrituras, & diligencias tocantes à fazenda do Collegio, & Vniversidade,

3 Elege mais, & nomea hum escrivam das armas, & outro da aposentadoria, com mais dous aposentadores, & taxadores, hum ecclesiastico, & outro secular, & pera o secular apresenta o Reytor à Camara tres, pera que escolha hum delles, & a estes pertence dar casas aos estudantes, & taxar-lhe os alugeres, sem appellaçam, nem agravo. Item mais, ha hum Sindico da Vniversidade, que he officio principal, a quem tocam todos os negocios da Vniversidade, & Collegio, & a defensãm de suas liberdades, izençoens, & privilegios. Tem mais hum officio de Veador da fazenda do dito Collegio, & Vniversidade, & dous sacadores pera arrecadar a dita fazenda, & hum solicitador de todas as causas do Collegio, & Vniversidade. Tem mais hum officio de Corrector das Impressoens da Vniversidade, & todos estes officios pertencem ao Reytor, da maneyra que temos dito.

4 As preeminencias do Reytor do Collegio, & Vniversidade sam extraordinarias, porq he senhor da villa de Monte Agraço, por outro nome chamada Soveral, q està sinco, ou seis

Escrivam da matricula da Vniversidade.

Mestre das ceremonias. Dous bedeis.

Almotacel

Executores.

Escrivaens.

Aposentadores, & taxadores.

Sindico da Vniversidade.

Veador da fazenda.

Corrector das Impressoens.

Preeminencias do Reytor.

legoas de Lisboa, na qual villa tem toda a jurdiçam que costumam ter os senhores de terras, & confirma todos os annos os Juizes, Vereadores, & Procurador do povo, & sem confirmaçam do Reytor nam podem lervir seus officios: o Alcayde da terra he eleyto pela Camara, & confirmado pelo Reytor, o qual tambem provè o officio de escrivam das notas, & do judicial, & cada tres annos elege, & nomea hum Ouvidor, que lhas administre justiça. He mais o Reytor deste Collegio Dom Abbade do Mosteyro de Passo de Souza, que està no Bispado do Porto, cuja mesa cõventual pertence aos Monges do glorioso Patriarcha Sam Bento. he tambem Dom Prior do Mosteyro de Sam Iorge, que està juto a Coimbra, meya legoa pelo Mondego assima, que com suas cristalinas agoas lhe lava os muros da horta, & rega os cinzeyraes da cerca: he tambem Conego da Sé de Evora, & sem ter as obrigaçoens, nem os encargos, tem a renda, & logra a dignidade.

3. Alem de ser Reytor do Collegio, & Univeridade, he juntamente Reytor do Collegio real da Purificaçam, que tambem foy obra do Serenissimo Infante, & he em materia de edificio para Collegiaes, o mais grãdiofo que ha em todo Portugal,

& nelle tem o dito Reytor toda a administraçam, como consta das bullas do Papa Gregorio XIII. passadas nos annos de 1576. & 1579. no qual Collegio ordenou que houvesse cincoenta Collegiaes; porèm depois se reduzio o numero a vinte & cinco, como consta da sentença, & bulla Apostolica, que adiante referiremos, passada no anno de 1596. Tem de porçãa cada hum destes Collegiaes cẽ cruzados: provè o Reytor estas bẽcas por oposiçam, elegendo o que lhe parecer mais digno: he tambem superior da outro Collegio intitulado da Madre de Deos, o qual sem embargo de ter Reytor secular, està subordinado em tudo ao dito Reytor do Collegio, & Univeridade, & por sua ordem sam providos os lugares que ha de oposiçam no dito Collegio, q nam sam da familia parentes dos fundadores; & por estatuto seu ham de ser treze os Collegiaes, seis de familia, sete de oposiçam, todos elles podem estar no dito Collegio até se graduarem cõ a laurea de Doctores.

6. Alem de todas estas dignidades de que goza o Reytor da Univeridade, tem muytas datas, muytas igrejas de sua apreseaçam, muytos privilegios, que pòde võmunicar, pòde dar a dous homens, que chamam mortos, os privilegios da Uni-

Tambẽ he superior do Collegio da Madre de Deos.

Tem o dito P. Reytor muytas datas.

He tambẽ Reytor do Collegio real da Purificaçam.

Gastamse nas cousas da Vniversidade mais de cinco mil cruzados cada anno.

Hospital.

versidade; além destes pôde comunicar os mesmos privilegios a outros seys homens por especial concessão, que pera isso tem. Provê mais o Reytor cincoenta capellaens, que chamam do partido: & com estes, & com os Collegiaes da Purificação, & mais officiaes nomeados gasta o Collegio cada anno mais de cinco mil cruzados, pera os quaes gastos tem rendas dadas, & havidas pelo Serenissimo Infante fundador. Ha mais naquella Vniversidade hum Hospital debayxo da administração do Reytor, pera nelle serê curados os estudantes pobres, pera cujos gastos, & provimentos necessarios estam applicados trezentos mil reis. O edificio deste hospital he grande, & muy perfeyto, muy conforme ás entranhas de misericordia deste piedosissimo Princepe fundador da Vniversidade, o qual nam só ajudava aos que tinham saude pera estudar, mas também acudia aos que estavam enfermos pera os curar.

7 Tem também o mesmo Reytor a proteyção do Collegio, que chamamos da Madre de Deos, que naquella cidade fundou Heytor de Pina, pessoa grave, rico, & de grande bondade, o qual o entregou à Companhia, como consta da Bulla, passada no anno de 1595. que adiante porém os.

8 Estas sam parte das graças deste tam celebrado Collegio do Espirito Sancto de Evora, & desta tam authorizada Vniversidade; que com serê tam notaveis nam igoalam o animo, & vontade de seu liberalissimo fundador, porque esta nam tinha limite; por onde ainda que confessamos, que as mercês, que delle recebemos, foram muy grandiosas, com tudo também dizemos, que o amor que nos teve ainda foy muyto mayor. As bullas, & provisoens reaes, donde consta tudo o sobredito ponho no fim desta historia, por nam interrôper o fio della com as referir aqui; os curiosos as poderám buscar no lugar citado.

CAPITULO XXV.

De como o Serenissimo Infante Cardeal se resolveo em mandar fazer outra Igreja de novo, & se lhe lancou a primeyra pedra.

I Emos já fundada a Vniversidade, temos Collegio real, muy acrecentado de dormitorios, muy apparatuso com varandas, & gallarias, muy bem accomodado com cubiculos, bem repartido em

officinas, aprazivel com fontes, alegre com fermosas vistas, dotado com grossas rendas, enriquecido com grandes donativos e authorizado com muytos privilegios; mas atêgora muy apertado de Igreja, porque a q̄ tinha até o anno de 1566. por ser feyta com os primeyros intentos do Cardeal, pera os quinze Collegiaes, ficava muy recolhida no interior do Collegio, com a serventia por dentro do pateo da Univerfidade; & era muy pequena a respeito dos grandes concursos de gente que nos acudia; & tinha tambẽ outro grande defeyto, porque como ficava recolhida no pateo da Univerfidade, & tanto dentro do Collegio, nam podiam as mulheres entrar nella, pera se aproveytarem de nossos ministerios, confessandose, & commungando, ouvindo missa, & prêgaçam na nossa Igreja.

2 Havia disto entre ellas grande sentimento, porque com serem ordinariamente as primeyras na devaçam, aqui nem eram as ultimas na participaçam de nossos ministerios: *Que peccados (diziam) são os nossos? em que censuras incorreremos, pera que só pera nos esteja a Igreja dos Padres interdita?* Espor que sempre nos inclinamos mais ao que mais se nos prohibe, & porque tambem naturalmente nas mulheres a curiosidade sempre he mayor,

em especial quando vem reveltida com alguma capa, cu boa cor de devaçam; por isto se lhes acrecêtava mais o desejo de ver a nossa Igreja, & de ouvir nella os officios divinos. Em resoluçam huma das mais nobres mulheres da cidade de Evora se offerreceo a da Igreja a todas, & assim lho prometeo a ellas. & o asseglrou aos Padres. Faz esta huma petiçam muy ben lançada: vay com ella ao Paço espera ao Infante, ao fahir de casa, metelhe na mão a petiçam, em nome de todas as mulheres d'quelle real cidade, na qual lhe pediam, que lhes fizesse sua Alteza mercê de mandar edificar Igreja aos Padres da Companhia, em lugar, aonde ellas pudessem entrar, pera tambem se aproveytarem as mulheres do bem, que só logravam os homens. Aceytou o Infante a petiçam com aquella sua tão natural benignidade; & depois de ader, respondeo de palavra, q̄ elle a despacharia muyto bem.

3 Logo se resolveo em fazer outra Igreja; & como em tudo era tam gracioso, de ser minado de a fazental, que parecesse obra digna de quem a mandava fazer; & do Senhor pera quem se fazia; & assim nos cõta, que seus primeyros intentos foram edificar hum templo, que igoualasse na grandeza a Igreja do mosteyro dos Padres de Sam

Incômodos da Igreja antiga.

Sêtiam as mulheres nam poderem entrar na nossa Igreja.

De como o Infante se resolveo em fazer a Igreja.

Francisco da cidade de Evora, que he obra muy sumptuosa, & por isso muy parecida com seu magnifico fundador, que foy o felicissimo Rey Dom Manoel, pay do Serenissimo Infante. Nossos mesmos Padres bideftudaram de tam grandiosos pensamentos: & acho por muyto melhor o conselho que lhe deram, q fizeffe esta obra na proporçam em que hoje a vemos, q nẽ por pequena deyxar de agasalhar muy grandes auditorios em seu corpo, que he muy abastante, & nas capellas, & tribunas, nem por grãde empedimento ouvintes perceber a palavra de Deus, & desta sorte se faria, & acabaria em breve tempo, porque obras de Igrejas muy sumptuosas raramente se acabam, & ou se vẽ a deyxar principia- das, ou vem a servir imperfey- tas, como a experiencia nos re- mostra.

4 Tomada a reloluçam, & feyto o debuxo com a traça q temos dito, lego no mesmo anno de 1566 se começaram a abrir os alicerres no sitio em q hoje està, ficando entre a Igreja, & a obra do noviciado, humã claustra pequena, em que agora temos a sanctissima nõva, con- portapera sã, pela qual sua Alteza entrava pera o seu Col- legio. Offereceose com tudo humã difficuldade pera a nõva Igreja ficar no sitio em q hoje a

vemos: (que sempre grandes obras tem grãdes difficuldades em seus principios) a causa de- ta foy, porq estava muyto perto do canto da rua, chamada do Salvador, hum recolhimento de beatas, ou freyras da ter- ceira Ordem de Sam Francis- co, com outras casas que impe- diam a obra da Igreja, que Sua Alteza tinha traça la, pelo que foy necessario, como governa- dor que já era do Reyno (por ter nelle renunciado o gover- no a Rainha Dona Catherin- no anno de 1562. por commu- consentimento dos tres estados do Reyno, que em Lisboa se ajuntaram em Cortes) foy ne- cessario, digo, passar provisoens reaes, pera que se avaliassẽ, & comprassẽ as ditas casas da contenda, mandandohe pera isso dar mais do que valeffẽ, a vinte, & trinta mil reis por cada mdrada.

5 Porẽm o que lhe dava mayor cuydado era buscar se si- rios, & casas accõmodadas em q se agasalhassem as ditas beatas, pera isto se compraram ho fim da rua do Espirito Sancto as ca- sas em que hoje està o recolhi- mento das molheres arrepen- didas, a que comumente cha- mam Convertidas, dedicado a gloriosa Madanela. E com esta mudançã se deo occasiam pera se fundar o muy religioso, & muy exemplar convento das Freyras

Em que anno se começou a Igreja.

Como se aquietã- ram as difficuldades do edificio da Igreja.

do Salvador, que ally teve seus sanctos, & felices principios, professando a regra da bemaventurada Virgem Sancta Clara; & dally se mudaram no tempo do Arcebispo Dom Theotonio de Bragança, pera o sitio das casas que chamam do Sertorio, na praça do peyxé, aonde hoje estas muy exemplares, & muy devotas religiosas, mortas ao mundo, vivem sômente a Christo, com a observancia que todos veneramos, & com o exemplo, que todos estimamos.

Como se mudou o Cardeal pera Lisboa.

6 Iâ neste tempo o Infante nam era Arcebispo de Evora, porque (como por rezâm da morte delRey Dom Ioâm o III. seu irman) foy necessario acudir a Lisboa, & assistir no governo do Reyno (em quanto elRey Dom Sebastiam nam tinha idade pera governar) lhe offereceo â Rainha Dona Catharina o Arcebispado de Lisboa, que vagára por morte do Arcebispo Dom Fernando de Vasconcellos, filho de Dom Affonso de Vasconcellos, Conde de Penella, & de sua molher Dona Isabel da Sylva; & logo se houve beneplacito de sua Sanctidade pera a permutaçam, & pera renunciar o Arcebispado de Evora em Dom Ioâm de Mello, Bispo de Sylves, no Reyno do Algarve, que foy filho de Pero de Castro, senhor de Melgaço, & de sua molher Dona

Brites de Mello. E com isto ficou o Cardeal em Lisboa, & depoz o escrupulo que tinha de nam residir na sua Igreja Eborense.

7 Vencida pois aquella difficuldade, que era a mayor, por causa do recolhimento das religiosas, se tratou logo de deytar a primeyra pedra; a qual veyo lançar o Reverendissimo, & Illustrissimo Arcebispo Dom Ioâm de Mello, fazendo se este acto com grandes festas, & com toda a solemnidade. Preparou se hum altar portatil, acudio grande concurso de gente, houve excellente musica, de estremados cantores, em quanto o Arcebispo benzeo, & com agoa benta correo toda a circunferencia do Templo futuro. Na pedra que se lançou estava aberto o sanctissimo nome de I E S V, pera que esta nôva Igreja tivesse o mesmo fundamêto da universal, que he Christo, o qual he pedra viva, pedra angular, pedra preciosissima, & pedra manancial, que batida com os golpes de sua sanctissima payxam, deo perenne agoa de graça, que nos communicou, por meyo do divino espirito, ao qual dedicava o novo Templo.

Como se lançou a primeyra pedra.

CAPITULO XXVI.

Continuãse a obra da Igreja, até, que depois de acabada veyo a Evora o Cardeal Infante, pera se madar o Santissimo Sacramento pera a Igreja nova: dáse conta da solemnidade com que se fez esta mudança.



IRa tam grande o gosto deste Principe em levar adiante a obra da nova Igreja, e tendo gastados mais de cem mil cruzados no edificio do Collegio, & da Universidade, mandava dar cada mes tres mil pera esta Igreja, com que crecia tanto, que em espaço de sete annos se lhe deu o desejado fim; de maneyra que no mes de Outubro de 1572. se acabou de fechar a abobeda. Nam se pode com poucas palavras explicar a grande applicaçam com que o Serenissimo Infante se occupava na assistencia desta sua tam prezada obra, a qual de novo se augmentou por tomar posse do governo do Reyno seu sobrinho el Rey Dõ Sebastian no anno de 1569. porque desta maneyra ficou desempedido

dos negocios publicos, & se pode restituir, como muyto desejava, aos particulares da Igreja, & assim o fez em Mayo do dito anno, vindose a Evora.

2 Elle por sy mesmo andava nas obras, visitava os officiaes hũa & duas vezes no dia (tal era a benevolência deste esclarecido Principe, tal o amor que tinha á sua Igreja) elle os espartava a trabalhar, com premios, & com louvores, mostrando disto tanto gosto, como nenhum outro cuydado tivesse hum Principe a quem tantos sobejavam. Com a pressa que dava o Serenissimo Infante, & com os grandes gastos que fazia se deo por acabado todo o corpo da Igreja em Dezembro, do anno de 1573. logo se continuaram as cappellas, que sam finco por banda: & se começaram a lavrar marmores pretos, & brancos, pera o pavimento do cruzeyro, & na mesma forma se foy lageando todo o corpo da Igreja, & he isto obra tam perfeyta, & tam bem acabada, & de tanto custo, que vence a tudo o mais do edificio, com todo ser may perfeyto. E pera que se conservasse o pavimento nesta fermolura, & inteireza, ordenou sua Alteza no anno de 1574. como legado á latera, aos Padres Provinciaes da Companhia, & aos Reytores do Collegio, sobpena de excomu-

Da muyto que gostava destas obras.

Muytos gastos que fazia o Infante nestas obras.

A Igreja
de Evora
he muyto
fermosa.

nham, reservada á Sé Apostolica, que nenhuma pessoa de qualquer calidade, ou estado se pudesse enterrar fora das capellas da dita Igreja, & assim se goardou sempre inviolavelmente. A Igreja he muy alegre, muy fermosa, & bem engraçada, tem â ròda tribunas muy bem lavradas, tem hum fermoso pulpito de bronze de fundiçam, com pianha de lindissimo jaspe; & nella temos hum grandissimo Sanctuario, com hũ sepulchro pera as endoenças, que he confiadamente o mais magestoso do Reyno todo, como a seu tempo se descreverá.

3 Tratou se logo de se prepararem as cousas de maneyra, que em dia de Paschoa do anno de 1573. se pudesse dizer a primeyra missa na nõva Igreja; pera isto se poder fazer com a devida solemnidade, determinou sua Alteza (que entam tinha vindo a Lisboa) voltar a Evora, aonde chegou na somana da payxam, & logo se foy apear ao seu Collegio, sahindo toda a Vniversidade ao esperar fõra da porta dos estudos, com todos os agraduados, officiaes, & estudantes da Academia (que pera elle foy hũa vilita de muyta consolaçam) porém o que mais estimou neste affectuoso recebimento foy sahirem lhe ao caminho os mininos da escola, que aprendiam a ler, & es-

crever, cantando a sancta doutrina, com capellas de flores nas cabeças, alegrandose de ver aquella innocencia, & de lhes ouvir musica tam sancta, que por ser de innocentes lhe chamou o Propheta^a musica perfeyta. Mandou sua Alteza sahir diante esta infantaria do cèò, até a Igreja velha aonde já estavam os cantores da sua capella, que ao entrar lhe entoaram o *Te Deum laudamus*.

4 Ficou se entre os nossos o piedosissimo Princepe todo aquelle sancto tempo da payxam, mandando celebrar os divinos officios pelos seus cantores, a que elle sempre assistio no coro da Igreja, sem se deytar em cama nos tres dias de Endoenças, conforme o sancto costume que aprendera do invictissimo, & Christianissimo Rey Dom^b Manoel seu pay, & acudindo sempre às procissoes d'aquelles dias, derramando muytas lagrimas de devaçam. Veyo a procissam da Misericordia á quinta feyra ao nosso Collegio; & nella foy lua Alteza a pè correndo as Igrejas; & ouvio os Sermoens do Mandato, que fez o Padre Francisco de Gouvea (Provincial que depois foy desta Provincia, & nella tam autorizado, & no Reyno tam conhecido) & a da Payxam que fez o Padre Doutor Sebastiam Barradas, varám de tam abali-

^a
Ps. 8. n. 3. Ex
ore infantiu
& lactentiu
erfecilli
laudem.

^b
Dam. de
Goes 4. p.
cap. 85.

Grãde pie-
dade do
Cardeal
Infante.

Vay o car-
deal a E-
vora.

zada virtude, com grande mocam dos ouvintes, como elle costumava, porque foy neste Reyno hum dos mais sanctos, & mais celebrados Pregadores, alem de ser tam conhecido por suas insignes obras, tam veneradas pelo mundo todo.

5 Chegou finalmente o desejado dia de Paschoa, em q se havia de mudar o Sanctissimo Sacramento pera a Igreja nova, que na verdade foy dia de Paschoa de flores, pelas muitas com que a Igreja estava enfeytada, & dia de alegria pera toda aquella cidade, & em especial pera as molheres, que acudiram, com notavel concurso, ao aplauso da sua Igreja, que ja tinham nam so aberta, mas tam bem acabada, & tam perfeyta, na qual ellas tinham tanta parte. Logo se lhe lachou a bençam com todas as ceremonias do ritual Romano, & se ordenou huma solemnissima procissam pera a mudanca do Sanctissimo Sacramento, na forma seguinte. Hiam diante os nossos Religiosos, que nam eram Sacerdotes; apos elles os Padres; seguiase logo o Clero todo, & o Reverendo Cabido, todos com capas ricas de borcado, & tochas brancas nas mãos.

6 No remate hia o Arcebispo revestido de Pontifical, & acompanhando de tras do palio ao Sanctissimo Sacramento,

que levava em suas mãos o Serenissimo Cardeal infante, debayxo de hum rico palio, cujas varas eram levadas pelos principaes senhores, & fidalgos (porque havia entam muytos na cidade de Evora.) Assistiam, por Collateraes a sua Alteza, o Inquisidor Antonio Tellez de Menezes, pessoa muy illustre por sangue, & por letras; o qual tinha sido Capellam mór do Infante Dom Luis, & era filho de Ruy Telles de Menezes, & de Dona Guiomar de Noronha; o outro Collateral era o Capellam mór de sua Alteza Dom Affonso de Castello-branco, que depois foy aquelle tam celebrado, liberal, & grandioso Bispo, que por tantos annos governou o Bispado de Coimbra, do qual faley no quarto^a livro.

7 Todo o caminho por onde passou a procissam estava feyto hū alegre bosque de fresco arvoredo, recendia com perfumes, florescia, & reverdecia com toda a variedade de flores com que estava ornado, & alcatifado; de sorte que parece, q ou as ruas estavam mudadas em bosques, & em jardins, ou lhes tinham roubado toda a frescura das flores de Abril, & toda a verdura dos prados; a gente era infinita, que com grande gosto, & alegria aplaudiam a entrada, que o Senhor fazia naquella sua nova morada. Hiam diante or-

Festas que se fizeram na mudanca do Senhor pera a Igreja nova.

Procissam que o Cardeal levou o Senhor.

^a
2. p. lib. 4. c. 52.

Do ornato do caminho.

gãos, trombetas, charamelas, atabales, & todos os mais instrumentos de festa, com musicos excellentes d'aquella Se (que sempre os teve muyto insignes) & os da Capella de sua Alteza.

Ornato da Igreja nesta festa.

8 A Igreja nam sómente estava ornada cõ requicissimas armaçoens (& muy vistosa, com tanta variedade de flores, que parecia que tinha em sy recolhida toda a primavera, em cujo alegre tempo se fazia esta mudança) mas tambem tinha muytos epigramas, & grande copia de poemas de obra muy sobrelivada à honra do Sanctissimo Sacramento, & por causa da nõva dedicaçam do Templo, & em final de gratidã, & louvores de sua Alteza; vindo Apollo com todo o coro de suas nõve Musas a festejar, & aplaudir tam solemne dia.

9 Pelas tribunas estavam repartidas varias figuras, que representavam Anjos muy ricamente vestidos, os quaes começaram a seu tempo a representar seus ditos, em louvor da festa: & o que mais agradou foy, apparecerem de repente estes Anjos ao entrar do Sanctissimo Sacramento, correndose em todas as tribunas as cortinas que os encobriam (fahindo a festejar o Senhor, que tambem vinha encuberto com as cortinas dos lagrados accidentes) & como

estavam muy acompanhados de lumes, causaram huma muy alegre vista, que parecia representaçam da gloria, porque os muytos lumes faziam brilhar melhor, & realçar mais o ouro fino, & pedraria rica, de q̃ estavam ornados aquelles Anjos. Acabada a pratica dos Anjos, depositouse o Senhor no Sacrario, tomando posse pacifica d'aquella sua casa, que com a presença de tam divina Magestade ficou com nõva graça, & cheya de todo o bem, como da entrada no seu Templo que lhe fundou Salamã, disse a Escritura, *a Gloria Domini implevit domum.*

10 Depositado o Senhor no Sacrario, deo sua Alteza a bençam ao povo, que era innumeravel, & com lagrimas de consolaçam ajudavam a solemnizar a festa: & o mesmo Serenissimo Cardeal nas ultimas palavras da bençam, quasi que nam podia falar, porque as lagrimas lhe empediã as palavras (que tambem ha lagrimas de alegria, & que causam consolaçoens.) Logo disse a Missa no altar mór, a qual acabada deo a cõmunham aos nossos Irmãos, & ainda à gente do povo; depois disto houve Pontifical, que com grande solemnidade celebrou o Arcebispo Dom Ioã de Mello.

3. Reg. c. 8. num. 10.

Como se depositou o Senhor n'aquelle novo Sacrario.

CAPITULO XXVII.

Apontamse algus donativos, que o Serenissimo Cardeal nos fez; descrevese a sua sepultura, junto da qual está sepultado o senhor Dom Duarte Condestable deste Reyno.

Como enriqueceo a Igreja.

Vy alegre ficou o piedosissimo Princepe com ver já o Sanctissimo Sacramento de posse da sua nova casa, a qual ainda que davam por acabada, nam acabou nelle a liberalidade, & a vontade com q nos fazia mercês, porque a ornou, & enriqueceo com muytos, & muy lustrosos ornamentos, com retabolos, & pinturas excellentes. Deo muyta prata, & muytas reliquias muy ricamente engastadas: muytos calices, castiças, custodias, turibulos, & outras muytas peças semelhantes. Deyxounos da sua capella ornamentos de bordado de todas as cores, acomodados pera as festas do anno, palhas, & bolsas riquissimas, alvas, & corporaes finissimos. Deyxou mais hũa fermosa cruz de prata com o sancto lenho. Deo tambem ao Collegio a sua livraria, que consta de

excellentes livros de todas as faculdades, & fez vir outros de novo. Mandounos tambem vir todos os sinos grandes, & os pequenos. Houvenos varias provisoens pera nos vir ao nosso Collegio a agoa da prata; & pera podermos ter chave da arca da cidade, aonde a agoa se reparte, & pera vermos nosso registo, sem pedir licença da cidade, favor singular que nam he concedido a outras communiçades de religiosos, que tambem participam da agoa; alcançou nos muytas graças pontificaes, & privilegios apostolicos, & reaes, assim pera o Collegio, como pera a Univerfidade, deyxandoa izenta da jurdiçam dos Arcebispos, & dos Reys, & immediata ao Papa, como consta das bullas que vam impressas no fim desta obra. Impetrou do Sancto Padre muytas graças, & indulgências pera a nossa Igreja; & que o altar da cruz fosse privilegiado pera tirar huma alma po Purgatorio, todas as vezes, que nelle differem missa.

Provisám pera trazer a agoa da prata.

3 Houvenos del Rey Dom Sebastiam seu sobrinho hum dorcel requissimo, todo de pinhas de ouro, & de labores de aljofar, de grande, & custoso feytio pera a nossa Igreja; & finalmente foram tãtos os donativos, & as mercês que nos fez este liberalissimo Princepe, que, conforme acho nas contas,

chegaram sô as obras, & os donativos a duzentos mil cruzados, & ainda nos dera mais, se mais vivéra, porque na verdade tambem aqui foy, peratam grãde amor; muy curta a vida: & bẽhe que todos os da Companhia saybamos do amor, & liberalidade, que com nosco usava este Eminentissimo Princepe, pera q̃ haja entre nôs perpetua memoria, & muy cordeal gratidam a tanta piedade, & tam insignes obras, feytas com tanto amor, com tanto gosto, & devaçam, q̃ elle mesmo em pessoa andava vendo o Collegio, & pera melhor dizer, revendo se nelle, & mandando concertar cousas muy pequenas, & miudas: & elle proprio quando vinha el Rey Dõ Sebastiam, ou algũa pessoa grave ao Collegio lhe andava mostrando as obras, cõ tam grãde gosto, & alegria, q̃ bẽ mostrava o amor q̃ nos tinha, & as obrigaçoẽs, em q̃ nos empenhava.

4 Mandou tambem fazer entre nôs nesta sua Igreja sua sepultura, pera que entendesse mos que o amor que nos tinha, passava muyto avante dos termos, & dos limites da morte, & que queria que ficasse o corpo no lugar, aonde tivera o coração. Pera isto mandou fazer no topo do Cruzeyro, no lado q̃ fica para o Occidente, da parte do Evangelho, aquelle fermoso tumulo, que ally se ve, que he de

marmore riquissimo, & tam perfeytamente polido, que parece hum espelho reluzente; fica entre duas colunas tambem de marmore, que de alto tem desoyto palmos, & de grosso sete, nas quaes estriba hum arco do mesmo marmore, & no mais alto delle sahẽ as armas de Sua Alteza, na forma em que as concedeo à sua Univerfidade: as paredes, & lados da sepultura, & o pavimento todo he ornado cõ pedraria de marmores lustrados, & com quatro nichos, em que se poñham estatuas de oyto palmos de alto.

5 Pera ornato desta sua sepultura mandou vir hum famoso quadro de S. Ieronymo, que elle tinha em Belẽm, obra insigne, & que muyto gabam, & namacabam de louvar os q̃ muyto entẽdem do primor daquelle arte, & da valentia daquelle pincel; foy obra feyta em Roma pelo segũdo Apelles d'aquelles tempos Michael Angelo, famoso na arte da pintura, & admiravel na sciencia da architectura. A figura do tumulo he quasi quadrada, tem por cima da corõja o texto a modo de tũba, repartido em payneis relevados, tem de comprimentos 14 palmos, 5 de largura mata se por bayxo em hum grosso frizo, que descança sobre 4 bases redondas, nelle se lê este letreyro, que lhe mandamos abvir.

*Pintura
insigne de
San Iero-
nymo.*

*Descreve
se a sepul-
tura do
Cardeal.*

E P I T A P H I O
D A S E P V L T V R A
D E L R E Y D. H E N R I Q V E.

*Henricus Emmanuelis Lusitaniæ Regis invictissimi,
Et Mariæ pijsimæ Reginae filius:
Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalis;
Perpetuus Apostolicæ Sedis à latere Legatus,
Et huius Regni venerabilis Inquisitor.
Ex Bracharæ Augustæ Archiepiscopo,
Necessarias ob causas, primus Eborensis,
Deinde Vlysiponensis,
Ac rursus Eborensis Archiepiscopus;
Cænobij Alcobaciensis,
Ac Sanctæ Crucis Conimbricensis Commendatarius,
Excellens omnis memoriæ Princeps:
Sepulturæ locum hunc sibi vivens elegerat,
Quia ubi Numinis favore,
Non parùm aliorum consuluerat saluti,
Ibi animæ suæ,
Per continuata sacrificia, & preces non ingrata posteritatis,
Propitium idem fore Numen,
Meritò credebat, ac sperabat.
Posteà tamen, Dei Optimi Maximi munere Rex
Iuxta Patrem, & Matrem, ac fratres
Sepeliri compulsus est.*

7 Tem a sepultura por diante hum cortimam de grades de marmore da mesma sorte, com sua cornija, & base, obra muy perfeyta.

O senhor D. Duarte esta sepultado junto a este tumulo.

8 No pavimẽto destas grades pera dentro està a sepultura do senhor Dom Duarte Duque de Guimaraes, decimo Condestavel deste Reyno, filho do Infante Dom Duarte, & da senhora Infante Dona Izabel, & irmam da senhora Dona Maria Princesa de Parma, & da senhora Dona Catherina Duqueza de Bragança; avò del Rey Dom Ioam o Quarto, nosso senhor; morreo em Evora em 28. de Novembro de 1576. hum anno, & nove mezes antes da perda del Rey Dom Sebastiam em Africa, onde por rezam de seu officio houvera de acompanhar a el Rey, & correr a mesma fortuna. Nam quiz a divina providencia, por seus altissimos juizos, que Portugal gozasse por mais tempo este excellente Princepe, a quem por morte del Rey Dom Henrique seu tio, irmam de seu pay, pertencia, sem controversia, a successam do Reyno, como a filho varam do Infante Dom Duarte, a que elle representava com a prerogativa de seu pay, que sendo vivo precedia na linha à Imperatriz Dona Izabel. Foy este Princepe devotissimo da Companhia, & como tal nam esco-

lho sepultura entre os Reys e m Belém, nem entre os Duques em Villaviçosa, senam na nossa Igreja, com o Cardeal seu tio, & nosso fundador, querendo ser semelhante no sepulchro a que representava no amor. De suas grandes virtudes se deviam fazer grades elogios, que eu deixo pera outros mayores engenhos; agora torno a contar as cousas do Cardeal seu tio, que sam as que neste lugar me pertencem.

CAPITULO XXVIII.

Dãse alguma noticia das cousas do Cardeal Infante, fundador do Collegio, & Universidade de Evora; & de seu nascimento, & criaçam, & como foy inclinado às letras, & quanto estimou os homes letrados.

SAm tam extraordinarias as obrigaçoens, que temos a este esclarecido Princepe, que seria julgado por muy ingrato se passasse deste lugar, sem fazer aqui hum breve epilogo de suas grandes virtudes, & em especial do muyto, & raro amor,

Temos grandes obrigaçoens ao Cardeal Infante.

que teve a nossa Religiam; deyxando por agora as cousas mayores tocantes a seu governo, & a seu Reynado, porque esta empreza demanda engenhos superiores; principalmente que já a tomaram à sua conta outros muy nobres Chronistas. Mas nem por serem mais domesticas, & parecerem menos altivas algumas materias, que aqui escreverey, deyxaram de nós dar gosto lèdoas, ou ouvindoas, porque (como disse hum muy sublime historiador^a) naturalmente gostamos de saber todas as cousas dos grandes Princepes, ainda que ellas em sy pareçam muy pequenas: principalmente porque a vida do Serenissimo Cardeal Infante, & depois Rey de Portugal, foy tam illustre, & tam exemplar, que merece que muytos empreguem seus talentos em a escrever, pondo a por espelho diante de todos os Princepes ecclesiasticos, & Monarcas seculares.

2 Porque se houve entre os Sabios antigos alguns autores, que por servirem às suas republicas, trocaram em historias os intentos com que outros levantaram estatuas aos varoens mais afamados, fingindo em seus escritos Princepes dotados de toda a magnanimidade na contraria, & na prospera fortuna, magnificos nas obras, liberaes nas mercês, & esforçados

nas guerras, como foy o celebrado Alcibiades^b de Platam, & o famoso Cyro de Xenophonte,^c cujas vidas escreveram estes dous Autores, nam como foram, mas como deviam ser, pera mostrarem aos Princepes hum exemplar, pelo qual se houvessem de governar. Muyto mayor rezam temos nós pera escrever estas cousas, porque em o Infante Cardeal, & Rey Dom Henrique mostrou Deos, que podia mais a verdade, que o fingimento; mais a graça de Christo, que a Philosophia dos Gregos; & por isso delle podemos, com mayor fundamento, dizer o que Sancto Ambrosio^d de Abraham, que mais he o que elle fez em realidades, do que foy o que a Philosophia inventou em seus fingimentos.

3 Naceo este Serenissimo Princepe no anno de mil quinhentos & doze no ultimo de Ianeyro, hum dia antes da vespóra da Purificaçam da Virgem purissima, Senhora nossa, que elle depois teve por singular favor, que a mãy de Deos lhe fez; dispondo as cousas de forte, que entam sahisse a luz sua vida nascendo, pouco antes d'aquelle dia, em que a Senhora mostrou nacido o resplendor da luz divina, no Templo de Ierusalem: & pera tambem se lhe mostrar

^b Plato in Alcibiade.

^c Xenoph. in Cyro.

^d Ambros. de Abrah. l. i. c. 2. Maior ambitio eloquentiæ mé dacio simplex veritatis fides.

Nacimêto do Cardeal

^a Famian. Str. de Bello Belgico l. i. loquês de Carolo 5. fol. mihi 12.

agradecido levantou em Evara por padram de lembrança eterna o muy sumptuoso, & muy real Collegio da Purificação, de quem ja falamos, dedicando a Senhora nesta sua festa.

4 Nem a Virgem Santissima quiz que alguem duvidasse ser todo seu aquelle nacimiento, & assim acrescentou ao primeyro favor, outro ainda mais particular; porque no dia do nacimiento do Infante appareceo a cidade de Lisboa toda cuberta de neve; & como conforme ao sabido proverbio, sejam as neves indicios de muytos bens, assim desde entam o cêo parece que se penhorava pera os amontoar em este Principe; & por ser cousa esta tam rara, em hum clima tam benigno, & tam temperado, tiveram os prudentes a novidade por certo pronostico do singular dote da alvissima neve da pureza, com que o Senhor adornou este clarissimo Principe: & tambem o tomaram outros em sinal da posse que a Virgem purissima tomava do corpo, & da alma do Infante, cubrindo de neve a cidade aonde naceo, da maneyra que antigamente em Roma cubrio de neve o monte Esquilino, que escolheo pera a fabrica de seu Templo, tomando della o appellido das Nevês. De tal maneyra procedeo o In-

fante em sua vida, assim na pureza da vida, como na devaçam da Senhora, que mostrou bem, que o caso da neve em seu nacimiento, mais foy profecia çetta, que successo casual.

5 Foy seu pay o felicissimo Rey Dom Manoel, sua mãy a Serenissima Rainha D. Maria, Princesa de grandes virtudes (filha dos Catholicos Reys de Castella Dom Fernando, & D. Isabel) com a qual tinha celebrado segundo matrimonio, & nelle foy o setimo filho deste grande Rey, & tambem foy o q melhor o representou nas feçoens do corpo, & nos costumes da alma. Naceo nos paços da Alcaçova (palavra que os Mouros deyxaram em Espanha, com que significam o Castello) & nelle morava el Rey D. Manoel, em quanto nam fez os paços da Ribeyra. Foy bautizado por Dõ Jorge de Almeyda (filho de Dom Lopo de Almeyda, primeyro Conde de Abrantes, & de Dona Brites da Sylva) que era Bispo de Coimbra, & foy Prelado de grande virtude, de muyta prudencia, & notavel authoridade, o qual viveo Bispo de Coimbra, quasi 62. annos. Nos primeyros annos aprendeo o Infante com muyto cuydado as letras humanas, & foy bom latino, & soube as linguas Gregas, & Hebraycas, nas quaes teve por me-

Choveo muyta neve em Lisboa no dia do seu nacimiento.

^e
Vide Dam. de Goes in Chro. Reg. Emmanuelis 3. p. c. 27. & D. Rodr. da Cunha Hist. Brac. 2. p. c. 24. Vasconcel. Anaceph. 21. fol. mihi 327.

Sciencias que aprendeo.

foy a Nicolao Clenardo, que primeiro o foy na Vniversidade de Salamanca, & depois compoz a Arte Grega, & foy tambem homem insigne nas linguas Hebraicas, & Caldaydas. Aprendeo Philosophia, com bastante noticia das Mathematicas, & tambem entendia muyto de arquitectura; com a idade foy crecendo na sciencia da Sagrada Escritura, & Theologia; inclinou-se muyto, a ligam dos Sanctos Padres, aonde adquirio bom cabedal de sciencias, das quaes seo mostras em muytas occasioens, em especial em hum livro de humilias, sobre os Evangelhos; que se lem por todo o anno, reduzindoos a pontos, em que se pudessem meditar; & ainda que so as compoz pera seu proprio uso, depois as fez estampar em vulgar. o muy religioso Padre Fr. Luis de Granada; & tambem sahiram impressas em latim; por industria da sua Vniversidade de Evora, no anno de 1576. & depois se tornaram a imprimir em Frades no anno de 1577. por Frey Antonio de Sena Dominicano, a instancia de Dom Francisco Giraldes; & tambem o Bispo D. Ieronimo Ozorio lhas traduzio em latim: & lhe fez imprimir no anno de 1557. outras suas meditaçoens sobre o Pater noster.

6. E pera que entendamos

quanto aproveitou este Serenissimo Infante em todo genero de letras divinas, & humanas, porey aqui o que delle escreveo aquelle grande oraculo de sabidoria em seu tempo, Lette de Prima na Vniversidade de Coimbra; Martim de Aspilcueta Navarro, o qual no livro, que intitoulou Encheridion, & vulgarmente chamamos Manual de Confessores, de tal maneyra louva a sabiduria do Infante, que considerada a muyta synceridade deste grande Doutor, & a candura, & perfeçam de seu religioso animo, nos obriga a que tenhamos por verdadeyros os louvores que lhe elle dá, que isso tem os homens de verdade, que nelles julgamos por verdadeyros os termos, que em outros teriamos por encarecimētos. *Inferam* (diz elle no livro allegado) *summam eorum, qua in Commentarijs de usura scripseram, ad scrutandum fundamenta, quibus solverentur dubia quaedam, qua anno millesimo quingentesimo quinquagesimo quarto solvei iusserat Ulyssipone Illustrissimus ille Cardinalis, titulo Sanctorum Quatuor Coronatorum, omnium virtutum heroicarum panegyri, rerum divinarum, & humanarum eximia cognitione comitatus, & inlytus Infans Portugaliae Henricus, &c.* Que traduzido em Portugues, vem a dizer. *Ajuntarey* (diz este gravissimo Autor) *a summa daquelles casos, que escrevi nos Commentarios de*

Obras que
compoz.

8
Nav. in Ma-
nual. de se-
ptimo præ-
cepto De-
cal. n. 206.

usura, pera descobrir os fundamentos, com que soltasse certas diuidas, que no anno de mil quinhentos sincoenta & quatro, em Lisboa me mandou soltar aquelle illustrissimo Cardeal do titulo dos quatro Coroados, o incho Dom Henrique Infante de Portugal, acompanhado do ajuntamento de todas as virtudes heroicas, & de hum grande conhecimento das sciencias divinas, & humanas, &c.

7 E Iacob^h Tipocio Chronista mór do Imperio, no tempo de Rodolpho II. em huma breve declaraçam que faz sobre as emprezas dos Emperadores, & Reys da Christandade, declarando a que o nosso Cardeal, & Rey Dom Henrique tomou com a investidura do Reyno (q̄ foy huma nao à vella com esta letra, *Tuber, & uber*, que vem a dizer, que se o mar he tempestuoso, tambem he proveytofo) começou a explicaçam com estas palavras, *Regis eruditi symbolum eruditum*, empreza erudita de hũ Rey erudito.

8 E como era tam labio gostava da igoaria das letras; & por isso mandava vir diante de y, quando estava à mesa, humas vezes Theologos, outras Philosophos, Rhetoricos, & Humanistas, pera que em sua presença disputassem, & tratassem seus argumentos, como tambem fazia el Rey Dõⁱ Manoel seu pay, & o Sanctissimo Padre Paulo III. Renovãdo com ventagem a

curiosidade tam encarecida, cõ que mostravam aquelles Sabios antigos^K quanto estimavam a Sabidoria, quando, levantada a mesa, estendiam os seroens, praticando sobre os segredos da natureza, movimentos dos céos, cursos das estrellas, eclipses dos Planetas, com que deram materia, & fama áquellas tam celebradas noytes Atticas, & dias Saturnaes. Porém melhor mereceo o Infante no mundo este louvor, por saber prezar tanto a Sabidoria, que fizesse della pratto ao entendimento, na mesma hora, em que continuavam as igoarias, emparelhando na estima a sustentaçam da vida com o favor dos estudos; temperando os manjares com as letras, adubando o necessario pera o corpo, com o saboroso pera o entendimento.

9 E porque era letrado, estimou tanto os letrados, quanto mostram as cartas dedicatorias de quasi todos os Autores d'aquelle tempo, valendo-se do seu emparo contra os envejolos, q̄ nam se atrevendo a sahir a luz com livros proprios, se fazem duros censores das obras alheyas. Aos autores que se valiam do emparo do Infante, nam sò favorecia com boas palavras, como muytos fazem, mas tambem com largas mercês, que he lanço de poutos, pera que nelles crecesse o defejo de sahir

K
Macrob. Sa
turnal. Dier.
cap. 1.

h
Iacob. Tip.
in symbol.
Imperat.

Empreza
que tomou
o Infante
Cardeal.

i
Damian de
Goes 4. P.
c. P. 84.

Quão es-
timou os
homens le-
trados.

com outros partos de novo, pois se viam assim com honra, & a seus trabalhos com fruyto.

IO Assim o confessa de sy, entre outros, o muy Reverendo Padre Frey Affonso de Castro, o qual sendo natural de Samora, & residente em Salamanca, escreveo ao Infante, com a offerta de hum livro, huma carta, na qual, entre outras cousas, diz assim. *Merito quidem viros eruditos ad te trahis, quoniam si solis verbis, ut plerisque mos est, viros doctis faveres, multi ad te veluti ad quoddam miserorum refugium, confugerent, ut tuo favore, vel respirare liceret: verum cum non solis verbis faveas, sed quae tua est munificentia, muneribus largissimis, allicias, largitionibus faveas, dignum quidem est, ut in te viri docti confluant, & ad te veluti ad tutissimum, & placidissimum portum confugiant, &c.* Que vem a dizer. Com rezam atrahis, a vós os homens doutos; porque se Vossa Alteza com palavras os favorece, muytos acudiriam, como a hum refugio de miseraveis, pera que pudessem ao menos respirar com o vosso favor; porèm como Vossa Alteza nam só favoreça com palavras, mas, conforme sua grande liberalidade, os convida com grandissimas mercês, & com outras mayores q's favoreça; bem he que se acolham a Vossa Alteza os varoens doutos, como a hum segurissimo, & quietissimo porto, &c.

II Até aqui o testemunho deste muy Reverendo, & muy a uthorizado Padre, cuja verda-

de nos elcusa de relatarmos outros, mas nam de acrescentarmos a muyta diligencia que poz este sapientissimo Infante, em bulcar dentro, & fóra de Portugal, homens insignes, pera que sahisse com seus nomes a luz, & a dessem aos Reys deste Reyno, & ás façanhas dos Portugueses: elle foy o que mādou a Dami. m de Goes, no anno de 1558. que escrevesse a Chronica del Rey Dom Manoel, na qual este celebrado Chronista mostrou, com a diligencia, nas materias, & com o methodo do estylo, quam acertada foy sua eleyçam. Elle foy o que encõmendou ao eloquentissimo Ieronymo Ozorio, dignissimo Bispo de Sylves no Algarve, & varã eloquentissimo no mundo, que compuzesse a mesma vida del Rey Dom Manoel seu pay, em lingua latina, pera que sahindo dos limites de Portugal, voasse pelo mundo todo, nas penas da fama, & no subido da elegancia. Elle foy o que mandou vir de Italia aquelle novo Tito Livio, o Padre Ioãm Pedro Maffeo da nossa Companhia, pera que escrevendo as façanhas dos nossos Portugueses na Asia, igoalmente ficassem espantosas no mundo pelo esforço com que foram feytas, & pelo estylo, com que foram escritas. Elle, finalmente, fundou a muy celebre Vniversidade de

Louvor q
deo ao In-
fante e Re-
verendo P.
Affonso de
Castro.

Fez escre-
ver, e im-
primir as
façanhas
dos Portu-
gueses.

Evora, dando nella casa propria á Sabiduria, & fazendo vir a ella pera Lentes aquelles dous insignes varoens Fernam Peres, & Pero Paulo Ferrer, como tocamos atraz, & a diante diremos.

Foy o melhor ginetario do seu tempo.

12 Com esta inclinaçam ás letras, nam se esquecia dos brios de cavalleyro, porque como descendente de taes progenitores os Reys de Portugal, foy muy destro ginetario, & tido pelo mais ayroso nesta arte, entre os que tinham voto na materia; & tambem foy muy inclinado á caça de montaria, ou pera com este exercicio cevar os animos militares no seguimento das fêras, ou pera tēperar a grande applicaçam das letras na cidade, com o alivio da caça pelos montes.

CAPITULO XXVIII.

Das dignidades ecclesiasticas que teve o Infante Dom Henrique, & como procedeo em todas.

I M tendo idade de quatorze annos se vestio de habito clerical, & tomou ordens menores, tratando logo de se dedicar a Deos. A primeyra dignidade ecclesiastica que aceytou, foy a de Commē-

datario, & perpetuo administrador do real mosteyro de Sãta Cruz de Coimbra, que renunciou nelle o Cardeal Infante Dom Afonso seu irmam; & considerando o altissimo fim pera que el Rey Dom Affonso Henriques seu primeyro progenitor instituira aquelle mosteyro, & pera que o dotara com grossas rēdas, se applicou o novo Prior, & Commendatario a reduzir os Conegos, de que era Prelado, á sua primeyra observancia, que hoje tam louvavelmente conservam. Tambem se applicou em restaurar, & melhorar o edificio material, que com o tempo, que tudo gasta, estava muy damnificado, principalmente na Igreja, que se bē era sumptuosa, agora em tudo parece real, gastado nisto muyto. Tambem se tirou no seu tempo muyta renda d'este seu Priorado, pera o dito mosteyro, a que nam só deo consentimento, como parte, mas teve particular contentamento, como Princepe.

2 Tambem, entre outras, lhe deo el Rey Dom Ioam seu irmam a Abbadia do muy insigno mosteyro de Alcobaga, cō poderes do Summo Pontifice, sobre toda a ordem de Sam Bernardo, que deve a este Religiosissimo Princepe a reformaçam tam leuavel, & a observancia de vida tam exemplar, em

Foy Commendatario perpetuo de S Cruz de Coimbra.

Foy Dom Abbade de Alcobaga.

que

que hoje vivem, elle lhes edificou hum Collegio em Coimbra, & lhes fez restituir os mosteyros de Sam Ioã de Tarouça, o de Ceyça, & o de Cerzedas, que se annexavam a Ordem de Tomar. Tambem lhe foy encommendada a reformaçam das Ordens Militares, de Christo, & de Avis, & de seus freyres residentes nos Conventos de Tomar, & de Avis, & nellas correpondeo o sucesso ao trabalho. To las estas cousas fez quando ainda a idade nam era muyta, de sorte q tal era a virtude deste innocentsimo Princepe, q sendo mancebo podia reformar os velhos; & sendo secular podia governar religiosos. Todos estes cargos, & boas obras lhe serviram de ensayo, pera o bom governo das Igrejas Metropolitanas, de que foy Prelado vigilantissimo, & pera o officio de Inquisidor geral, & finalmente pera a administracam do sceptro de Portugal, que nos ultimos annos de sua vida o esperava.

3 Em 18. de Julho de 1532. vagou a mitra Primas de Braga, por morte do grande Prelado Dom Diogo de Sousa, filho de Ioã Rodrigues de Valconcellos, senhor de Figueyrò, & do Pedrogam, & de Dona Branca da Sylva. Nesta Prelazia foy apresentado, por el Rey Dom Ioã, o Infante Dom Hêritque,

nam tendo ainda mais que 21. annos feytos, porque a prudencia vencia a idade, & a sabiduria que tinha supria a experiencia, que lhe faltava: approvou a eleyçam o Papa Clemente Settimo, que ja neste tempo presidia na cadeyra de Sam Pedro, confirmou a com letras Apostolicas, mandandolhe o pallio cõ nostras de grande gosto. Nam pode elle hir logo ao seu Arcebispado pelas rezoens que eruditamente aponta o Arcebispo Dom^a Rodrigo da Cunha na sua historia dos Arcebispos de Braga.

4 Tanto que chegou à sua Igreja, q foy no anno de 1537. Mandou ajuntar synodo diecesano, & ordenou Constituiçoẽs (pera as quaes concorreram pessoas muy doutas, muy vistas no direyto Canonico, & civil, & na sagrada Theologia) as quaes por isso sahira muy perfeytas, & muy ajustadas, pelas quaes ainda hoje se governa aquelle Arcebispado. Este synodo se celebrou em 14. de Setembro do mesmo anno de 1537. Ha no dito Arcebispado certo direyto que chamam synodatico, pelo qual paga cada Igreja hum tanto aos Arcebispos, cada vez que se celebra synodo: nada d'isto quiz aceytar o novo Arcebispo, mandandoo applicar pera casamentos de orfãs, & pera a fabrica das escholas publicas, que

^a
D. Rodr. da
Cunh. p. 2.
histor. Eccl.
Brag. c. 24.

Do synodo
que celebrou.

Foy Arce-
bispo de
Braga.

mandou continuar, que sam as em que hoje lem os Padres da Companhia, & as proveo de muyto bons mestres; como se julgasse, que melhor fazia em acudir a suas ovelhas, que em acrecentar suas rendas.

*Cuydado q
teve do bẽ
do seu Ar-
cebispado.*

5 Tambem pera o bom governo do Arcebispado, & reforma que em todos desejava, buscou ministros, & visitadores, de conhecida virtude, & abalizadas letras, aos quaes remunerava com grossos estipendios, & grandes beneficios; & porque o principal cuydado do bom Prelado deve ser conhecer suas ovelhas, & darlhe por sy mesmo o pasto da doutrina, & o subsidio da esmola, elle por sy mesmo vizitou pessoalmente quasi todo o Arcebispado; examinando primeiramente, com particular cuydado, os procedimentos dos Parochos; porque mal podem curar suas ovelhas os que tendo nome de Curas trazem sempre suas almas enfermas cõ peccados. Desta sorte castigando a hũs, & amoestando outros, melhorou toda sua diecesi; & na verdade tanto que ha reformaçam nos Parochos, logo ha enmenda nos fregueses.

6 Fazia sempre os officios das Endoenças por sy mesmo com tanta devaçam, & lagrimas, que bem se deyxava ver em seus õlhos, a grande devaçam de sua alma. Antes chegou

a tanto o zelo, & piedade deste grande Prelado, que elle mesmo por vezes administrava por suas reaes mãos os sacramentos do Bautismo, da Penitencia, & da Eucharistia, que levava aos enfermos com particular consolaçam sua, & edificaçam de todos; que pode servir de confusam a muytos outros Prelados de menos lòte, que parece que se afrontam em cumprir cõ obrigaçoens de seu officio. Pera melhor expediçam dos Parochos, & proveyto dos parochianos, mandou compor, & imprimir hum sacramental, ou ritual, pelo qual se governassem os que tem officio de governar as almas, que juntamente continha o Cathecismo pera ensinar ao povo os mysterios de nossa sancta Fè. E quam acertado, & quam bem achado fosse este meyo, confirmou depois o sagrado Concilio Tridẽtino no Cathecismo, & ritual, que mandou fazer pera toda a Igreja universal.

*Por sy mes-
mo acudia
a suas ovelhas.*

7 Teve grãde cuydado de acudir com muyta charidade aos pobres do seu Arcebispado, mandou tomar a tol as pessoas pobres honradas, às quaes cada mes mandava repartir esmolos. Houve no seu tempo huma grãde esterilidade em Entre Douro & Minho, & em Tralomon-tes, à qual acudio com todo o cuydado possivel, mandou vir

*De sua
grãde cha-
ridade.*

Obras que
fez em Bra-
ga.

muyto trigo de França ao Porto, & a Viana, & delle fez prover os pobres de graça, & aos ricos pelo preço que lhe custou. Ennobreceo a cidade de Braga com obras publicas, & sumptuosas, abriu a rua, que por seu respeyto ainda hoje se chama a rua do Infante, que vay parar no rio Deste: enriqueceo aquella Sè com grandes donativos, com muyta prata, & com muy ricos ornamentos. Finalmente em tudo procedeo este grande Princepe, como se fosse hum dos mais exemplares Prelados, que naquelles primeyros seculos de ouro governaram a Igreja de Deos: mostrando bem nos illustissimos exemplos que nos deyxou, que o sangue real que herdou de seus pays melhor esperitou o preço da virtude, & as obrigaçoens de Prelado.

Como foy
Inquisidor
geral.

8 Como era tam grande o zelo deste serenissimo Infante nam era bem que se limitasse aos termos da Sè de Braga, & assim no anno de 1539. lhe foy encommendado pelo Papa Paulo Terceyro o cargo de Inquisidor geral destes Reynos por renuncia de Dom Diogo da Sylva, da maneyra que já contamos; & porque os grandes cuydados da nõva occupaçam nam permittiam que residisse em Braga, o proveo elRey Dom Ioãm seu irmão

na Igreja da Cidade de Evora, que por seu respeyto o mesmo Pontifice Paulo Terceyro fez Metropolitana, & Arcebispal, no anno de mil quinhentos & quarenta. E pera aceytar esta nõva dignidade renunciou o infante a de Braga no dito Dom Diogo da Sylva, que por ter largado o cargo de Inquisidor geral podia melhor residir, & assistir em Braga.

9 Nesta nõva mitra procedeo com o mesmo zelo, & cuydado do bem de suas ovelhas, antes como já neste tempo as rendas que tinha eram mayores, tambem as esmolas que fazia eram mais grossas, & entre outras mandava repartir da sua botica as mesinhas a todos os pobres da Cidade; & fez o Collegio da Companhia com a Vniversidade, & o Collegio da Purificaçam, que he outra obra em tudo magnifica, & real, da qual já salamos, em que houvesse sincoenta bécas pera sincoenta Collegiaes, com sincoenta cruzados de renda pera cada hum; dos quaes seriam quarenta curfantes na Theologia, & dez passantes, todas de Theologos, de sorte que podessem estudar no Collegio nove annos, & agraduar-se nelle Doutores: tudo consta da Bulla da ereyçam, q̄ hã no fim, & de outra em q̄ o

Como pro-
cedeo no
Arcebispa-
do de Evo-
ra.

Papa Clemente VIII. diminuiu o numero dos Collegiaes a vinte & cinco, & lhe dobrou a porçã, & se mais tempo vivera a crecẽtaria muyto com Igrejas de opposiçã, & com outras datas este Collegio que tambem estã debayxo da proteyçã da Cõpanhia. E pera que nam faltasẽ ouvintes aos mestres, & favorecesse aos pobres, ordenou 24. partidos de capellaens, que estudam Artes, & 26. de Theologia moral, de doze mil reis cada hum, que he huma boa ajuda pera os que querem estudar. Edificou em Valverde hũ mosteyro da Provincia da Piedade. Instituiu mais outro Collegio, ou Seminario de mininos orfãos, criados em virtude, & boa doutrina, pera serem moços do coro da Sé.

*Esmolas q
repartia.*

10 Nas quãtro festas do antio, Paschoa, Espirito Sancto, Natal, & Assumpçã de nossa Senhora, mãdava repartir pã, & dinheyro aos pobres, & às viuvas, & pelloas honradas necessitadas: & no inverno mãdava vestir os pobres; & pera que com melhor noticia podessem ser remediadas as necessidades dos pobres de todo seu Arcebispado, repartia cada anno grande contia de dinheyro por todas as casas da Misericordia delle, conformandose com a grandeza dos povos, pelo grande zelo que tinha do bem espi-

ritual do seu Arcebispado; & pera que suas ovelhas tivessem a boa refeyçã do pasto da sancta doutrina, tinha pera visitadores homens de muyta virtude, & muy authorizados em letras. Tinha estremados Prẽgadores, & fazia hir em missõs por todo o Arcebispado os Padres da Companhia de IESVS; das quaes recolhiam copiosissimos fruytos, & daqui se occasionou a fundaçã do nosso Collegio, como atraz apontey.

11 E porque era tam amigo de fazer bem, parece que as dignidades a porfia o buscavam; no anno de mil quinhentos quarenta & seis lhe mandou o Sanctissimo Padre Paulo III. o capello de Cardeal, com o titulo de Sancta Cruz de Ierusalem, o qual titulo conservou até o anno de mil quinhentos & sincoenta: depois teve o dos Sanctos quatro Coroados, o qual nam quiz mais mudar. E no anno de 1549. ajuntandose os eminentissimos Cardeaes em conclave, por morte do mesmo Papa Paulo III. sem elle o pretender, & sò pelo propor àquelle sagrado ajuntamento o insigne Doutor Balthezar de Faria (q assistia na Corte Romana, honrando a de Portugal, como Embayxador del Rey D. Ioã III. da maneyra q disse na primeira parte ^b) dos votantes que eram, chegou a levar em outros

*Como foy
creado
Cardeal.*

^b
x. p. lib. 3. c.
15. n. 3.

escritinios , o nosso Infante Cardeal 29. como testifica em a historia dos Arcebispos de Braga Dom Rodrigo da Cunha ; e segundo o Doutor Francisco de Andrada^d na vida del Rey Dom Ioã Terceyro seu irmam, neste conclave levou dezanove votos; & nam ha duvida que foram muytos, porque assim o diz o excellen-
ssimo Doutor e Navarro em hum prologo do seu manual em Castelhana, nestas palavras, *Su dignidad esmaltada con muchos votos para la suprema de la Iglesia.*

12 Mas nam quiz Deos com estes votos mais que mostrarnos que merecia ser Papa, porẽm que nam queria que o fosse, porque o goardava pera nos governar estes Reynos, & pera nelles ser Rey. Sahio desta vez Papa o Sanctissimo Padre Iulio Terceyro, que teve sempre em grande estima ao nosso dignissimo Cardeal, & pera lhe dar suas vezes, & repartir com elle os cuydados da dignidade a que elle esteve tam abicado, o creou seu Legado a latere, no anno de mil quinhentos sincoenta & tres, pera todos os Reynos sogeytos à Coroa de Portugal, que comprehendem parte do Occidente, muyto do Oriente, & parte do Mundo novo, que sã nos hombros de tal Hercules podia

aquelle grande Atlante fiar o pelo destes dous mundos, que dantes sò elle sustentava. Depois foy transferido pera o Arcebisado de Lisboa, como já disse. E finalmente, depois de entregar o governo do Reyno a seu sobrinho el Rey Dom Sebastiam, em vinte de Ianeyro de mil quinhentos sessenta & oyto; vagando o Arcebisado de Evora pelo já nomeado D. Ioã de Mello, se tornou pera aquella Arcebisado, por letras passadas pelo Papa Pio Quinto.

• CAPITULO XXX.

Das mais dignidades que teve o Infante Cardeal; do modo com que se bouve no governo deste Reyno, com huma recopilaçam do muyto que nelle obrou; e da prudencia com que sempre governou.

I Das estas dignidades ecclesiasticas teve este magnifico Princepe, & muy esclarecido Infante; às quaes subio nam de salto, mas por seus degraos, começando da mursa de Sancta Cruz, atè vestir a purpura de Cardeal; que se na arte da navega-

c
 2. p. cap. 75.
 fol. mihi
 317. n. 14.
 d
 And. in Chr.
 Reg. Ioan. 3.
 p. 4. c. 55.

Nav in prol.
 manual. lin-
 gua Hispa-
 na.

Como foy
 feyto Le-
 gaao à la-
 tere.

çam nam se entrega o governo do lême, senam a quem primeyro aprendeo a marear as velas; assim no governo da Igreja de Deos menos convem entregar a dignidade da Prelazia grave, a quem senam exercitou primeyro no trabalho da Igreja menor. Por isso cõ muyta rezam dizia Sam^f Gregorio Nazianzeno, que era facil achar hum Bispo novo, porêm que he muy difficultoso achar hum Prelado exercitado: *Antistes facile invenitur, non elaboratus, sed recens*, & louva muyto a seu mayor amigo o grande Basilio, a quẽ as dignidades buscavath, servindo de escada a menor pera subir a mayor.

2 Agora veremos (tambem com a mesma brevidade) como Deos o foy levantando nas dignidades seculares, atè chegar à suprema do sceptro. Por morte delRey Dom Ioãm o Terceyro, que locedeo (como veremos no fim do sexto livro) em onze de Junho de mil quinhentos sincoenta & sete, ficou em seu testamento por tutora do Rey, & governadora destes Reynos a Rainha Dona Catherina, atè seu neto Dom Sebastiam ter idade pera governar. Logo a serenissima senhora fez vir de Evora o Cardeal Infante, pera que a ajudasse no governo, & nelle foram sempre ambos muy confor-

mes. Atè que no anno de mil quinhentos sessenta & dous, convocando Cortes dos três Estados em Lisboa, a Rainha renunciou o governo todo no Infante Cardeal, nam sendo bastantes os rōgos do mesmo Infante, & da cidade de Lisboa, pera que esta Christianissima senhora largasse mam da resoluçam, que tomou, à imitação do Emperador Carlos Quinto seu irmam, que tambem, com admiraçam do mundo, deyxou a grandeza da Coroa Imperial, pela quietaçam da vida particular. Aceytou o serenissimo Infante o governo destes Reynos, porque nam lhe foy possivel resistir aos rōgos da Rainha, & as instancias dos pōvos, por mais que se pretendeo escusar, em rezam dos muytos achaques de que se via combatido, mas em fim aceytou esta carga, muyto contra sua vontade, & nam por ambiçam, como se atreveo a dizer hum 8 Autor Portugues, acustumado a semelhantes liberdades, & por isso reprovado pelo sagrado Tribunal do Sancto Officio, o qual lhe mandou riscar parte de algumas suas obras^h, & outras totalmente lhe prohibio.

3 Muyto se podia contar de quam acertado em tudo foy o governo d'este prudentissimo

f
Greg. Naz.
de laudib.
Basil. Mag.

Dignidades
quere-
vẽ ao diã-
te.

g
Manoel de
Faria hist. de
Port. p. 3. c.
17. & 18.


h
Os Comen-
tarios de Ca-
moens.

Principe, no qual assistio com grande cuydado, com igual prudencia, & notavel vigilancia, até o anno de 1568. no qual em 20. de Ianeyro, dia de Sam Sebastiam, o entregou a elRey D. Sebastiam, que era de idade de 14. annos, fazendolhe hũa practica, que traz o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, ^h na segunda parte da historia dos Arcebispos de Braga, com a reposta que elRey lhe deo, na qual practica pedio o Cardeal a elRey por mercè, que quizesse mädar ler hum papel que lhe entregava, em que se continha o que se obrou no tempo do seu governo: este papel me espantou, como escapou ao senhor Dom Rodrigo da Cunha, porque se tivesse noticia d'elle, sem duvida o meteria n'aquelle lugar, assim pela muyta curiosidade deste illustrissimo autor, em apontar cousas antigas aos doutos, & curiosos (conforme elle mesmo diz dando a rezam de outro papel que ally lançou) como tambem porque nelle se contem em summa, o muyto que o Infante Cardeal fez no tempo do seu governo. E porque este memorial fique em lembrança tambem o quero aqui lançar, pois escapou a tam curioso Chronista, & nos veyo à nam: & com elle fico escusando relatar por menor o procedi-

do neste governo do Cardeal Infante, cuja vida aqui vou epilogando.

T R E S L A D O
do papel que o Cardeal Dom Henrique deo a elRey Dom Sebastiam seu sobrinho, (quãdo lhe entregou o governo) em o qual se contem em breve as cousas que obrou no tempo que foy Governador do Reyno.

Lembrança das cousas que se fizeram no tempo que governey estes Reynos.

4  *Ceytey este Governo tam mal desposto, & de tantos dias, que me pareceo que nam faria mais que em poucos sacrificar a vida, & assim durou muytos esta má desposiçam. Além disto sacrificuey a vida tam difference em gosto que tinha, ao trabalho, & ao perigo em que me puz de que já tinha muyta parte experimentado.*

^h
2.p.c.75. n.
11. & 12.

Memorial que o Cardeal entre gou a el-Rey.

ⁱ
Ibidem n. 5.
fine.

No que toca ao espiri- tual.

No espiri-
tual.

5 **D** Excey o Arcebispaço de Evora. Aceyrey este de Lisboa. Sofri d'q' n'isso passsey. Fez se neste Arcebispaço o que se pôde saber que está feyto. Proveose o Arcebispaço de Evora, & os Bispaços de Miranda, & do Algarve, & o Priorado de Avis. Recebeose o sagrado Concilio, com toda a veneraçam, & obediencia. Fez se synodo, & concilio Provincial. Ajudou se muyto a Unversidade de Coimbra. Fez se o mesmo á Companhia de IESUS, & aos seus Collegios de Coimbra, Braga, Evora, & de S. Antam desta Cidade. Remedearam se muytas cousas nas Ordens, & na de Sam Francisco, no seu Capitulo Geral. Ordenouse o Sancto Officio da Inquisiçam em Coimbra com muyto boas casas, & carcere, & pera toda a Inquisiçam. Tres contos de renda sobre este Arcebispaço, & o de Evora, & o Bispaço de Coimbra. Poz se em ordem a Mesa da Cõsciencia. Deose o Hospital de todos os Sanctos á Misericordia, & o de Evora, Santarem, & Montemor o novo. Fez se o Capitulo da Ordem de Sãctiãgo. Haueeram se as meyas naras das Comendas de Roma. Tem se assentado com muytos letrados o modo que se deve ter no prover das Comendas novas, conforme a bulla. Como devem ser providos os Bispos, & beneficiados das Ilhas de ordenados, & as Igrejas, & fabricas se assentaram outras cousas de muyta obrigaçam.

No que toca às coufas de justiça.

6 **P** Roverãse os officios de Governadores, Dezembaradores do Paço, Chancelleres, Dezembaradores, Corregedores, & outros officios. Fez se visitaçam dos officiaes da justiça. Pagaram selhe seus ordenados, & seus tempos. Castigaram se os malfeytores, & os que tinham feyto o que nam deviam. Fizeram se mercès aos que tinham servigos, & merecimentos, segundo o que pareceo que se lhe devia.

Nas cou-
fas da ju-
stiça.

No que toca à fazenda.

7 **E** Ncabegaram se as rendas das cisas em os povos, com se tirare tantas tyrannias, & offensas de nossa Senhor. Acrecentaram se ao do Reyno, S. Thomé, & Caboverde, mais de sessenta contos cada anno. Fez se certa, & segura a arrecadaçam das rendas do Reyno. Ordenouse como facilmente se possa saber o que se gasta, & o que se tem. Tiraram se muytas despezas, & officiaes escusados. Está quasi feyto contrato com os moradores de Caboverde, sobre os escravos, que importa affaz. Arrendouse a Alfandega desta Cidade. Tiraram se as dividas de grandes cambios. As de João Gomes, & dos contratadores se passaram a juro, em que se ganhou muyto, & por muytas maneyras (tanto que se isto nam fora, & o mais que se fez pera poder ser) sembre as dividas foram erecendo, &

Na fazen-
da.

nam se poderam atalhar, e fazer, como esta feyto, e posto que foy os juroz com algus ja tirados, e recrecimento das rendas importa mais que os juroz. He agora Vossa Alteza senhor das especiarias, que ha muitos annos que os contratadores, com grande proveyta possuiram, e faziam dellas o que queriam. Bradeose a casa da India de feyto, e deose ordenar muitas cousas muyto necessarias, em guarda das naos da India, e navios da Mina. Proveose tambem o Almazem de necessario, e de naos pera a India, galcoens, gales, e caravelas. Proveyramse os contos, e cousas dellas, e se tirou muyto de theyro pera se pagarem os ordenados, soldados, e mais cousas necessarias, e dada ordem pera se fazer daqui por diante. Esta ordenado pera se pagarem as moradias a seus tempos. Fazse a capella de Belem, e temse feyto muita obra no mosteyro, e em outras mosteyras, e Igrejas, e muita parte sem ser da fazenda de Vossa Alteza; e assim nos Paços de Vossa Alteza, e em outras obras publicas.

No que toca ao governo, & guerra.

8 **A** India se proveo de Officiaes, e Prinelados, e officiaes, e cousas necessarias. Proveose Tangere de capitães, e armada que levou Lourenço Pirez de Tavora. Fezse a fortificacam, que esta quasi acabada, parecendo com difficulde se podense fa-

zer. Fizeram duas armadas de galcoens, e outras navios, e o mais dellas de novo, em que foy Francisco Barreto, e na tomada do Pinham, que tambem se lembrava o senhor Rey de Castella. Fezse graça armada pera a Ilha da Madeyra, e em breve tempo pera castigar os Franceses pelo dano que nella fizeram. Pozse em ordem Lixa, como agora esta, e a fortificacam que nella se ordena. Fezse a fortificacam de Sam Guim, e de Cascas, de Setival, de Azougua, e dos mais lugares do Algarve, e a torre da banda de Caparica. Proveose pera se fazerem fortificacoens em todas as Ilhas, e haver ordem na genço dellas, e se mandou pera ista arcelharia, e muniçoens, e armas. Deose ordem como navegassem as naos, e navios do Reyno, e andassem armados. Temse feyto regimencia pera o governo, e commercio da Mina, e daquella costa de Guina, que tinha muita necessidade de dize, assim pera o espiritual, como temporal, e esta pasta em ordem capitam, e armada pera isto. Acabouse a Chronica del Rey Dom Manoel, e do seu tempo. Fizeramse os casamentos de duas rias. Proveyramse Embaxadores pera Roma. Proveose pera haver cavallos na Reyno. Proveose o cargo dos despachos, e parçoens. Esta assentado o que se fava pera remedio dos ptaçoens, e havida prata pera isto. Deose toda o expediente que foy possivel em despacharios negocios, e assim as proviçoens. Esta feyto regimencia pera se por em ordem a genço desta Cidade, somente fica pera porse em

Nas cou-
sas da
guerra.

execuam.

9 Tudo se fez principalmente cõ o favor de nosso Senhor, & com a ajuda dos bons officiaes, criados, & vassallos de Vossa Alteza, seguindo o que a Rainha minha senhora, & vossa avó tinha feyto, & começado. Ficáram por prover outras cousas por serẽ proprias pera Vossa Alteza: & outras a que as muytas occupaçoens nam deram lugar, agora se poderã muyto melhor prover por V. Alteza, cõ ajuda, & favor de nosso Senhor, & poderã emprender as grandes empresas q̃ nos pronostica o seu milagroso nacimiento, & certas obras de suas grandes, & excellentes virtudes, cuja vida, & muyto alto estado nosso Senhor queyra, com grandes prosperidades conservar, & acrescentar, como lhe pedimos pera seu serviço, & bem nosso, & de todos seus Reynos, & senhorios.

Foram estas obras de grandissima consideraçam.

10 Até aqui o cõteudo neste papel, o qual em breve recopilã o muyto que naquelles annos de seu governo obrou este prudentissimo Príncipe, que foram cousas tam grandiosas, q̃ menos lobejavam pera acreditar o nome de grandes Monarchas. E só a famosa fortaleza de Sam Giã, começada, & continuada em grande parte por este magnifico Príncipe (& que he a principal chave, nam só da grande cidade de Lisboa, mas tambem do Reyão todo) bastava pera eternizar a gloria de tal autor, servindo ally na boca da barra, nam sómente de colu-

na de Hercules, que poem adõs inimigos, o termo de *non plus ultra*, mas tambem sendo padrà de eterna memoria, que osteta a fama, & immortaliza a gloria de quem a mãdou fazer. Nem se pôde duvidar da verdade destas obras, assim pela muyta, que sempre falou este Príncipe, como porque falava em cousas, que tinham tantas testemunhas, quantos eram os que entam viviam.

11 E assim como foy prudente no seu governo, em quanto lhe assistio ao leme, tambem o foy em aconselhar a el Rey Dom Sebastiam seu sobrinho, no tempo em que lhe nam podia valer mais que com os conselhos, os quaes sempre foram de velho, & de prudente; & em espezial pretêdo dissuadilo da jornada de Africa, como adiante veremos, posto que o Rey, como muy voluntario, & como muy valente, governava suas acçoens, mais como elle queria que fossem, que como ellas podiam soceder, deyxãdose levar tanto de sua persuaçam, que chegou a dizer em seu testamento, que o intento da sua jornada era inspirado nelle por Deos. Tanto se enganam os Reys em seus proprios pensamentos, que os chegam a ter por divinos, quando elles sam mais errados.

Os bõs conselhos que dava a el Rey D. Sebastiam.

12 O testemunho que ne-

sta parte damos do que neste negocio, & em muitos outros fezo prudentissimo Infante D. Henrique merece mais credito (pelo que tenho dito, & pelo que escrevem nossos attores Portuguezes) que o que outros estrangeyros diceram, tam cegos da payxam, quam ignorantes da verdade, & a hũ delles só pôde escusar sua profissam, pela qual entendia mais da rheicancia, que das armas, mais do trato, & das letras, mais da rezam das contas, que da rezam de estado; mais do comercio de mercantes, que do governo de Princeses.

CAPITULO XXXI.

Do grande amor, & benevolencia que teve a Companhia o serenissimo Cardeal Infante; como se veyo a Evora a morar dentro do nosso Collegio, & das grandes mercês, & favores que nos fazia.



Empre foy mais sospayto o louvor dado por hũ amigo, & pelo contrario he de mayor estima o bõ testimonho que sahe do que tiheis por inimigo, & julgaveis por menos affeyçoadõ, que por

isto o Apottolo dizia, conforme explica Sam^a Jeronymo, que he necessario termos a boa approvaçam até de nossos mehnos adversarios. *Oportet testimonium habere bonam ab his, qui foris sunt.* Esta he a causa, segũdo a doutrina de Sam^b Cyrilo Jerosolomitano, porque ordenou Deos nosso Senhor, que Sam Paulo escrevesse fo elle mais cartas, q todos os mais Apottolos juntos, porque fixavam muyto mais autorizados os loitores de Christo Senhor nosso na pena de Paulo, que tinha sido perseguidor, do que na boca dos mais Apottolos, que sempre foram amigos. Quem vio na primeyra parte desta Chronica a pouca vontade, que nos mostrava o Cardeal Infante, as cautelas com que nos tratava, os exames tam apertados que fez tirar sobre nossos procedimentos, & o desgosto que tinha de ficar a Companhia em Portugal, & de ver andar o Padre Mestre Simão no Paço: & quem agora vir o entranhavel amor, que este esclarecido Principe nos tinha, a liberalidade, & grandeza com que nos fazia mercês; primeyramente julgarã, que esta mudança foy do braço do Omnipotente; no segundo lugar nos fica grande fundamento, pera conjecturarmos, que permitio Deos nelle aquellãs duvidas no principio, pera que fosse de mayor

estima

^c
Duarte Nunes de Leão.
P. Antonio de Vasconcellos.
^d
Hieronym. Franchi.

^a
1. ad Thim. cap. 3. Hier. ib. Illud verum est testimonium, quod ab inimica voce profertur.

^b
Cyril. Ierosol. Cathec. 10. Quia dubia non esset doctrina illius, qui antea esset inimicus, & persecutor, plura concessit credere. &c.

^c
1. p. f. 48. n. 7. fol. 173. num. 3.

O Cardeal Infante ao principio desgostava muyto de nossa Religiam.

estima a boa opiniam que de nossas cousas concebeo, pois nacia nam de vôtade cêga, mas de entendimêto alumiado; nam de sucesso casual, mas de sciencia experimental, a qual vinha apurada com cõtradiçoens que metêra, & com exames que fizera.

2 Foy tam affectuoso este amor, que sempre mostrou, & foram tam paternaes os favores que sempre nos fez este benevolentissimo Princepe, que sempre será pouco o que dicermos por escrito, a respeyto do muyto, que nos fez por obras. Elle primeyramente nos fundou o Collegio, & a Univeridade de Evora com à magnificencia que apontamos. E porque he proprio do amor ter uniam com o obiecto amado, elle proprio habitou muytos annos no mesmo Collegio entre nós, em especial depois que a segunda vez foy Arcebispo de Evora, tendo sua habitaçam bem no meyo do Collegio, no lugar aonde agora està a capella dos irmãos, como se quizesse depois de nos dar tanto, dar-se tambem a sy mesmo, & do modo que podia meter-se na Companhia, pois já vivia entre os religiosos da Companhia, & bem no meyo do Collegio, assim pera participar de todos, como pera que todos igoalmête participassem delle; como se fosse

o coraçam de todos, & de cada hum, & por isso estava no meyo de todos, como fazia o Senhor que se punha no meyo dos seus discipulos, *Stetit Iesus in medio discipulorum*, mostrando, como explica Euthymio, ^c que nam era Deos de particulares, senam de todos, que a todos se dava, & cõ todós se repartia.

3 E pera que este favor, q̃ nos fazia de viver entre os nossos ainda fosse mayor, queria q̃ o tratassem como a qualquer religioso da Companhia, & que por seu respeyto senam dispensasse com nenhuma ordem, ou regra de casa, por minima que fosse, que os grandes Princepes sabem fazer leys como senhores soberanos, & sabem goardalas como subditos obedientes. Nam ouvio huma vez tocar a campainha á hora ordinaria pera se levantar à comunidade, logo advertio nisso, & nam se esqueceo de perguntar ao Irmam espertador, q̃ rezâm houvera pera elle aquelle dia nam dar o final acustumado com a campainha? Respondeo o Irmam com simplicidade, que nam tangêra por nam esperar a sua Alteza: porém o benignissimo Princepe lhe disse, que dally por diante nũca por amor delle deyxasse de tanger ás horas, que a sua regra lhe ordenava; & assim encommendou ao Padre Reytor que por seu res-

Provas do grande amor que nos tinha o Cardeal.

Veyo habitar entre nós.

^c Euthym. in Ioan. c. 20.

Da muyta familiaridade com que nos tratava.

peyto por nenhum acontecimento deyxassem de goardar todas as ordens do Collegio, como em effeyto se executava. Daqui vinha que nenhũa molestia nos causava em casa, nem se pejava ninguem cõ tam notavel hospede, & com tam admiravel convictõr, antes nos dava muyta edificaçam, & muyta cõsolaçam, em rezam de seu grande recolhimento, modestia, & singular devaçam; & em especial quando dizia missa, que ordinariamente dizia na nossa Igreja em publico, & entoada, do modo que costumam os da Companhia, no altar mór.

4 Avante passavam õs empenhos com que este devotissimo Principe apoyava sua devaçam, & manifestava o amor que nos tinha, porque elle mesmo nas festas principaes dava a cõmunham na Igreja aos nossos Irmãos, & à gente de fõra, com grande consolaçam sua; & entre nõs assistia às prègaçoens, & perguntava miudamente ao Sãcristam se houvera aquelle dia muytas confissoens, & que gente commungara; outras vezes se enfermava, & praticava sobre o fruyto que naquelle anno se fizera nas missoens, & praticava muytas vezes com os Padres sobre o ensino, & proveyto dos estudantes. Tinha entre nõs sua oraçam mental cada dia, & exames da consciencia, tomava

disciplina no coro, quando os nossos a tomavam na Igreja; fazendo em fim outros muytos exercicios da communidade, & singularizando se em todas (que privilegio he de Princepes mostrarem se grandes em acçoens pequenas, & parecerem unicos em obras commũas.)

5 Tinha notavel alegria de ouvir boas novas do augmento da Companhia, em todas as partes do mundo: nam perdia occasiam de nos defender nas adversidades, & perseguiçoens, que de quando em quando se levantam contra a Companhia, as quaes Deos permite pera mais nos apurar, & melhor nos acrecentar: & costumava a dizer que tocarem he na Cõpanhia, era tocar he nas mininas de seus õlhos; & a seu irmaõ o Infante Dom Luis dizia muytas vezes, que mais o amava pelo ver tam devoto da Companhia, q̃ por ser filho do mesmo pay. E daqui vinha que quem queria delle alcançar mercè alguma lhe cambiava serviços feytos à Cõpanhia, & assim tinham os ganhos certos, & os despachos seguros. Como foy Cardeal do Titulo dos quatro Sãctos Coroados, Legado à latere em todo este Reyno, & nelle Inquisidor gèral, & muyto tempo Governador do Reyno, & finalmente Rey, tinha grandes poderes Apostolicos, os quaes am-

Como manifestava amor da Cõpanhia.

plissimamente cōmunicava aos superiores de toda esta Provincia pera elles os repartirem cō seus subditos pera bem das almas; nem havia negocio de importancia; & de confiança pertencente ao serviço de Deos, q̄ nam fiasse, & entregasse á Companhia.

6 Tambem teve amplissimos poderes de Roma pera poder entender no bem, & reformaçam de todas as Religioens, o que fazia com muyto zelo, & prudencia, procurando que os Prelados, & Visitadores dellas, fossem os mais virtuosos, & zelosos do bem da sua religiam, & sendo estes poderes tam universaes pera todas as religioens, nunca se quiz entremeter em nenhuma causa por minima q̄ fosse da Companhia, pela grande opiniam que tinha concebido de nosso instituto, & modo de proceder; mostrando este amor ordinariamente nas palavras, & muyto mais nas obras de verdadeyro pay, & cuydado: so protector. Havendo de celebrarle congregaçam Provincial no anno de 1572. por morte do Beato Padre Francisco de Borja, pedio aos Padres que fosse neste seu Collegio de Evora, aonde deo todo o necessario pera os congregados; foy pessoalmente a velos juntos em congregaçam, com grandes mostras de amor, & benevolencia: & to-

Des grandes poderes que teve.

dos os Padres lhe beyjaram a mam, & elle se sahio muy contente, mostrando muy particular gosto de ver tam religiosa aççam, a qual se celebrou na cappella dos noviços neste Collegio.

7 Muytas vezes decia à horta, depois de cea, com os nossos, & procurava recreaçõs aos Padres, & Irmãos com estremados cantores, que com alegres descantes, & musicas espirituaes, & devotas, aliviavam, & recreavam a communiidade; elle mesmo tinha cuydado de fazer chamar aos nossos quando sahiam do refeytorio, pera q̄ viessem à cercã, pelo particular gosto que levava de os aliviar, & recrear com estes sanctos alivios, & musicas religiosas. E pelo grande conceyto que tinha da eleyçam que na Companhia se faz das pessoas que nella admittem, & da solida doutrina q̄ ensinamos, nos admittia, ainda que com resistencia nossa nos governos da Inquisiçam, assim em Portugal, como na India: & ordinariamente ordenava nós actos da Fè, que em seu tempo se celebraram, q̄ os nossos da Companhia prègassem nos cadafallos; eram grandes as mercès, & esmolas que a muytos fazia, por petiçam, ou intercessam dos Religiosos da Companhia.

Da familiaridade com que nos tratava.

CAPITULO XXXII.

Continuase a mesma materia, apontamse alguns donativos que fez á Companhia, & outras mostras do singular amor, que nos tinha.

Seria historia muy larga, se quizessemos aqui apontar os muytos argumentos, que temos da grande affeyçam, & inestimavel amor que este excellentissimo Principe tinha a nossa Religiam. Na menor idade del Rey Dom Sebastiam lhe foy necessario acudir, como dissemos, a Lisboa, deyxando o remanso de Evora, & por esta causa renunciou este Arcebispado, & aceyrou o de Lisboa, que estava vago, da maneyra que já contey, & sendo juntamente Arcebispo de Lisboa, & governador do Reyno, nunca cessou de nos fazer mercès com liberalidade, & neste tempo se fez fundador do Collegio de Sancto Antam (porque até entam nam tinha fundador, como já dissemos no livro quarto) dandolhe muyto boa renda, & impetrou de Roma quarentamil cruzados em pensam, da renda do Arcebispado, pera se fazer o Collegio de Sancto Antam o novo, no lugar aõde hoje o vemos, juto a S. Anna.

² Deo, & alcançou muytos privilegios a todos os Collegios de Portugal, da India, & do Brazil. Ao Collegio do Porto deo hũa Igreja, q era do Padroado real. Acrecentou as rendas do Collegio de Braga, dandolhe o mosteyro do Roris (que he de notavel consideraçam.) Alcançou do Papa, sendo já Rey, grossas pensoens pera o Collegio de Braga, & pera o do Porto: & outra pensam por vinte annos ao Collegio de Coimbra: & sessentamil cruzados encabeçados no Arcebispado de Evora, pera se acabatẽ as obras do nosso Collegio, & pera continuarem as obras do Collegio da Purificaçam, & enfermaria da Piedade, que pertecem a administraçam deste Collegio. Nem se esquecia de acudir aos Padres velhos da casa de Sam Roque, dandolhe largas esmolas, & sendo Rey passandolhe provisões pera perdoes, & alvitres, pera se acabar a Igreja, que importaram mais de trintamil cruzados.

³ Nam perdia occasiam de nos favorecer, & de nos acreditar, nam sô diãte del Rey seu irmam quãdo vivia, & diante del Rey D. Sebastiam quãdo governou, mas tãbẽ diãte do Sũ. Põti-fice, como se pòde ver de muytas cartas q lhe escreveo; nas quaes igoalmente se vio o amor q nos tinha, & o bõ cõceyto q de nõs formava; porey aqui hũa carta

Dos favores q nos fazia.

O que fez sendo Arcebispo de Lisboa.

Cap. 4. n. 9.

suã perã o Papa Pio Quinto, de que constará brevemente tudo o que temos dito, foy escrita na occasiam em que hia por Embayxador de Roma Dom Alvaro de Castro, filho do grande Dom Ioã de Castro Visorrey da India, & de Dona Leonor Coutinha sua molher; ao qual fidalgo temos, & confessamos muy grandes obrigaçoens, pelo muyto que na Corte de Roma agenceou os negocios da Companhia, como nos consta de cartas suas, que estam na Torre do Tombo, & que temos em nõssa mam, diz a do Cardeal desta maneyra.

CARTADO
Cardeal Dom Henrique
pera o Summo
Pontifice Pio
Quarto.

Beatissime Pater.

Carta do
Cardeal
D. Henrique.

4 **R**ater alia mandata, que Alvaro Castrensi Regis Domini mei Legato dedi, hoc illi onus imposui, ut omnia negotia, quae ad commoda Societatis pertinent singulari cura, & diligentia procuraret; his enim moribus praediti sunt huius Societatis homines, & ea documenta pietatis, & religionis dare solent, eamque utilitatem Christianae Republicae, mul-

tis in locis attulerunt, ut maximo Christianorum Principum favore valde digni iudicandi sint. Eborensis autem Academia maximis quidem meis sumptibus aedificata est; sed quod verum est eorum industria atque vigilantia eo pervenit, ut ex ea nunc non mediocres fructus ecclesiae tantum Eborensis, sed etiam aliae huius regni ecclesiae percipiant, est enim literis Graecis, & Latinis, & Philosophiae, atque Theologiae studijs, & quod caput est sanctitatis, & religionis exemplis instructissima. Hac tamen omnia sanctitatis tuae ope distituta iacebunt, neque diu poterunt durare, & dignitatem suam retinere. Qua propter illam suppliciter oro, ut velit plurimum suae benignitatis huic societati impertiri, ut ea ratione possit multo uberiores fructus afferre. Sed de his rebus Regis Domini mei Legatum admonui, ut cum Sanctitate tua ea quae mihi videntur fore huic religioni salutaria libenter ageret: illam vero quantum possum oro, & obsecro, ut eadem Legato fidem adhibeat. Felicissime valeat sanctitas tua, quam Deus Omnipotens ad ecclesiae suae tranquillitatem, & pacem diutissime conserveat. Vlyssipone 4. kal. Ianuarii 1568.

A qual carta tresladada em Portugues diz assim.

Beatissimo Padre.

5 **A** Lem de outros negocios q̄ enc̄mendes a Dom Alvaro de Castro, embayxador del Rey meu Senhor

lhe puz esta obrigaçam, que todos os negoceos que fossem de proveyto da Companhia de IESUS, os procuraſſe com ſingular cuydado, & diligencia: porque ſam tambem acustumados os Religioſos deſta Companhia, & dam taes moſtras de piedade, & de Religiã, tal proveyto tem trazido à Republica Chriſtã em muytos lugares, que devem ſer julgados por dignos de grandiffimos favores dos Princepes Chriſtãos. A Universidade de Evora ſoy por mim fundada com grandes gastos, mas a verdade he que por ſua industria, & vigilancia tem montado tanta, que tem participado della nam pequenos fruytos, nam só a Igreja Eborenſe, mas tambem muytas Igrejas do Reyno: porque eſtã muy bem inſtituida, nam só em letras Gregas, & Latinas, em estudos de Philoſophia, & Theologia, mas tambem no principal que he nos exemplos de ſanctidade, & de Religiã.

6 Porém todas eſtas obras cahirã, nem poderã por muyto tempo conſervar ſua força, & dignidade, ſe forem deſtituidas do favor de Voſſa Sanctidade. Por onde humildemente peço a Voſſa Sanctidade, que queyra communicar a eſta Companhia muyto de ſua benignidade, pera que aſſim poſſa fazer muyto mais copioſos fruytos. Sobre eſtas couſas aviſey ao Embayxador del Rey meu ſenhor, pera que trataffe com Voſſa Sanctidade o que julgaffe ſer neceſſario a eſta Religiã; & aſſim peço muyto a Voſſa Sanctidade, que lhe de inteiro credito no que elle tratar

neſtes negoceos. Deos noſſo Senhor goarde por muytos, & feliciffimos annos a Voſſa Sanctidade, pera paz, & conſervaçam da ſua Igreja. Lisboa vinte & ſete de Dezembro de 1568.

O Cardeal Infante.

7 Bem ſe ve d'eſta carta do Sereniſſimo Infante o amor que nos tinha, & a obrigaçam em que lhe eſtamos. Atẽ depois da morte continuou eſte amor, porque no teſtamento que fez, deyxou ao Rey ſeu ſucceſſor muy em particular encomendada a Companhia de IESVS, pelo muyto fruyto que fazia em todo eſte Reyno. Ordenou mais no meſmo teſtamento, que hum Padre da Companhia foſſe em peregrinaçam aos ſanctos lugares de Jeruſalem, por ſua tençam; mandando que pera iſſo lhe deſſem todo o neceſſario, o que mandou cumprir el Rey Dom Philippe o Prudente, ordenando, que pela alma del Rey Dom Sebaſtiam ſeu ſobrinho, foſſe outro companheyro; & em effeyto foram dous noſſos, o Padre ieronymo Rodriguez natural da cidade do Porto, & o Irmã Balthezar Dias natural da cidade de Braga, como já toquey no 4. livro; os quaes partiram deſta Provincia em 5. de Dezembro do an-

O que ordenou o Cardealno ſeu teſtamento.

no de 1581. foram a Roma aõ-
de beyjaram o pè ao Sancto
Padre; & embarcados em Ve-
neza chegaram a Ierusalem, &
correram com grande consola-
çam de sua alma as estaçoens
d'aquelles Sanctos lugares: &
d'ally se voltaram a Roma, &
depois a este Reyno a salva-
mento.

8 Morreo o Padre Ierony-
mo Rodriguès no Collegio de
Coimbrá em 16. de Fevèreyro
de 1591. Foy Religioso de grã-
de virtude, & por isso escolhi-
do pera esta igualmente sancta,
& arriscada empreza. Estando
em Ierusalem se deyxou pefe-
trar tanto da consideraçam dos
mysterios de nossa redempçam,
que nunca no restante da vida,
podia gostar, nem cuydar em
outra cousa, até chegar à hora,
na qual depois de trinta annos
da Companhia, entrou na Ieru-
salem celestial a lograr na glo-
ria, em realidade, os mysterios
que cã tanto o consolavam; re-
presentados na Ierusalem da
terra. Deste Padre se faz muy
honrada mençam na nossa car-
ta annua da Provincia de Por-
tugal, impressa no anno de
1591.

9 O Irmã Balthazar Dias
feu companheyro morreo em
Evora em quinze de Abril de
mil seiscentos & desoyto, em o
qual dia, nesse anno, cahio a Pas-
choa, que teria muy alegre no

Paraíso, como podemos crer, cõ
muyto fundamento, pelos muy-
tos, & bons serviços que fez a
Deos nosso Senhor, por elpaço
de sincoenta & seis annos que
viveo na Companhia, a mayor
parte d'elles neste Collegio de
Evora, aonde entrou na Com-
panhia, em quatorze de Outu-
bro de mil quinhentos sessenta
& dous. El Rey Dom Sebas-
tiam o levou consigo á jornada
de Africa, por ser insigne boti-
cario; & pela muyta experien-
cia que tinha de curar por muy-
tos annos, era excellente medi-
co; & porque a praxe na medi-
cina he de mayor proveyto que
a theorica, a mesma pessoa real
fiava antes d'elle a cura de suas
enfermidades, que de seus pro-
tomedicos. Voltou o Irmã
Balthazar Dias desta infelicẽ
jornada, na qual foy levado cá-
tivo a Tituãm, & padeceo muy-
tos trabalhos, até o resgatarem.
D'ally veyo acudir a seus natu-
raes, que neste Reyno ardiam
em peste, sacrificando entre
Christãos a vida, com que sa-
hio d'entre Mouros. Escapou cõ
tudo deste incendio da maney-
ra que contey no 4. livro, & nos
ultimos annos, que teve de ida-
de curou com admiravel chari-
dade os nossos enfermos neste
Collegio de Evora, assistindo
aos que estavam perigosos, nam
sò de dia, mas muyta parte da
noyte; da qual tambem ga-

stava

P. Ierony-
mo Rodri-
gues.

Foy a Afr.
ca.

Catrou a
Tituãm.

Irmã
Balthazar
Dias.

Itava muytas horas em suave contemplaçam dos mysterios de nossa redempçam, que trazia estampados na alma, depois que cofteo os lugares Santos. Compoz hum memorial, & diario de tudo o que vio nesta larga jornada, que se goarda em grande estima. O mais de suas virtudes se dirà no anno em q morreo; este pouco lhe anticipey agora por occasiam do serviço que fez ao Serenissimo Rey Dõ Henrique, de quem vou falando.

CAPITULO XXXIII.

Contase, em prova do amor que nos tinha o Cardeal Infante, como recudio pela Companhia, em huma perseguiçam, que contra ella moveo hum religioso da sagrada Ordem de Sam Domingos, vindo de Castella a nos perseguir em Portugal, & do fim que isto teve: mostrase a rezam de obrigaçam que hoje devemos a todos estes muy veneraveis Padres.

Entre tantos favores, & entre tam grandes mercès, como a Compa-

nhia experimentava de todas as pessoas Reaes, & muy em particular deste nosso benevolentissimo Princepe, nam faltavam tambem perseguiçoens, humas que procediam de enveja, & outras que naciã de enganos; & nam he no mundo mercadoria nõva, que os mais favorecidos, sejam os mais perseguidos, & que tal vez os mais innocentes fiquem os mais culpados; porẽm os envejosos assaz castigados ficam com a mesma enveja, porque esta, como bem advertio o outro^a gentio, he hũ vicio tam justicofo, que a seu mesmo autor custuma atormẽtar, & dar garrõte. E os que por falsos zelos, & errados enganos, querem perseguir a virtude alheya, vem a cahir com ruina propria. Porey mais extẽso aqui hum caso em que bem se verã esta verdade; & nelle tambem veremos nõvos argumentos do amor, & benevolencia deste esclãrecido Princepe.

2 Moveo contra a Companhia^a huma grande perseguiçam em Castella, hum Religioso da sagrada Ordem de Sam Domingos, chamado Fr. Alonso de la Fuente (que tinha sido discipulo do Padre Mestre Frey Melchior Cano, o qual sendo homem muy douto, & de grandes talentos, foy muy grande, & muy descuberto adversario da

^a Iustus invidia nihi est cū pro-
tinus ip'um
Autorem
lædat.

*Occasiam
que houve
pera esta
persegui-
çam.*

Motivo
desta per-
seguição.

Companhia nos Reynos de Castella, permitindoo Deos assim, pera mayor merecimêto nosso. Este Padre Fr. Alonso vivendo na villa de Lerena acudio a algũs negoçoos da Inquiçãam; & tocedeo que foram ally prezos, & condenados pelo Sancto Officio huns Clerigos (chamados os Alũbrados) por algũs erros, & torpezas que tinham entre sy, & que ensinavam aos outros. De tal sorte se deyxou enganar o dito Fr. Alonso, por causa do grande avorrecimento, que cõtra nós lhe fervia em leu peyto, que chegou a crer, & a dizer publicamente, que os da Companhia eramos a causa d'aquelles erros, & de todas as heregias d'aquelle rempo. E pera q̃ nam fossemos sòs os culpados, & a sua temeridade ainda fosse mayor, punha tambem a boca no muy veneravel Padre Frey Luis de Granada, ornamento, & gloria de sua mesma sagrada religiam, culpãdoo por ser amigo da Companhia, & dizendo que era consorte, & participante dos mesmos erros (que tam cega he a payxam, que chega hum homem a dar em leu mesmo escudo, à conta de ferir o alheyo.)

Rezãm q̃
teve pera
nos vir
perseguir
em Portu-
gal.

3 Este Padre, depois de em Castella nos fazer quanto mal pode, quiz tambem vir cõ esta empreza a Portugal, & facilitouse a isto por saber, que

era Inquisidor gèral o Infante Dom Henrique; de quem ouvira dizer que em algum tempo nam tivera boa opiniãam da Companhia, & de presente, ou nam sabia quam mudado estava, ou lhe parecia, que seria couza facil fazelo tornar atraz, com as enformaçoẽs que lhe trazia; com esta resoluçãam se abalou de Castella, & se veyo a Portugal, & foy logo demãdar o Cardeal, com hum grande memorial contra a Companhia, o qual continha, entre outros, os capitulos seguintes:

4 *Que o que professa a Religiam da Companhia he huma nõva seyta, & heregia moderna, inventada por Satanãs, na qual communicam outros muytos hereges discipulos seus occultos, entre os quaes ha algũs de grãdissima opiniãam de Sanctidade, & muytos que eram Prelados da Igreja. Que esta nõva invençãam heretica de Theatinos resulta de regras, & documentos supersticiosos, sentimentos diabolicos, seytos hereticos, alluzens infimas de Satanãs, dogmas, & erros nõvos, ainda que nem todos se achem em seus discipulos, nem ainda todos os que vivem em religiam o entendem tudo gèralmente.*

5 *Que a primeyra porta desta maldade he huma malicia sutilissima, pela qual entram enganados ainda os homens muy doutos, & consiste em huma larga õra ãm, & meditaçãam de Christo, & de suas chagas, donde se prometem a todos por couza certa muy-*

Cargos q̃
este religi-
oso deo cõ-
tra a Com-
panhia.

tos sentimentos divinos, porta roim, & supersticiosa, pela qual ensina o demônio a estes soberbos conceitamentos todo o resto desta invenção heretica.

6 Que daqui se seguem infinidade de sentimentos diabolicos, tentações da carne, desmayos, securas, desconfortações, torpezas, &c. Donde alguns destes dizem, que estão derretidos em amor de Deos, aos quaes apparece Satanaz, & os acende em payxoens cruellissimas da carne.

7 Que esperam revelações particulares pera tudo o que ham de fazer; & que realmente lhes responde o demônio, & que consta evidentemente que sam magos, & feyiceyros, & que hum dos principaes que communicam estes erros, & doutrina dos Theatinos he o Padre Frey Luis de Granada da Ordem de Sam Domingos.

8 Que esta chaga padece hoje a Igreja universal, & está muy estendida por toda ella, & que além destes erros, que em geral vam apontados, dirá muytos em particular a sua Alteza, & que dandolhe licença, & favor pera prégar, descobrirá esta heresia em Lisboa, Evora, & Coimbra, & aonde quer que houver Apostolos, & quando nam constar ser tudo isto verdade, que elle se obriga a passar por qualquer pena que lhe derem.

9 Que requiere da parte de Deos, & da sua Igreja ao senhor Inquisidor g. r. l. & mais Inquisidores que nam communique nada disto com nenhũa Companhia; & se em conselho, ou consulta da Inquisição entra, ou entrar algum da Companhia, nada disso

se proponha diante delles.

10 Estes sam algus poucos capitulos tresladados fielmente dos muytos que se continham no memorial, ou por melhor lhe chamar no libello infamatorio; com esta mercadoria se vinha o pobre do Frey Alonso dela Fuente de Lerena em Castella até Lisboa em Portugal, pedindo licença pera prégar contra nós, como se fossemos peores que os hereges Albigenes, contra os quaes o seu glorioso Patriarcha Sam Domingos tam victorioso tinha fulminado. E o peor era, que este novo zelador, sem esperar licença do Cardeal Infante, prégava estas cousas, & acrecentava (como se além de ser Prégador, tambem fosse Propheta) que dentro em anno & meyo a Inquisição faria acabar toda a Companhia, & queymaria os que nella eram cabeças de suas heregias, que eram as mayores que nunca houve na Igreja de Deos; & que tambem haviam de ser queymados os livros do Padre Frey Luis de Granada, particularmente os da oração, & meditação por estarem cheyos de heregias.

11 Ouviolhe estas praticas o Infante Cardeal, & violhe os que elle chamava memoriaes; porém, além do conhecimento tam intrinseco, que já tinha de nossas cousas, logo vio que aquelles tam horrendos cargos

Prégava este religioso contra nós.

Como se houve o Infante neste negocio.

mais pareciam nacidos de pã-
xam cega, que de zelo verda-
deyro; que na verdade assim co-
mo acrecenta a sospeyta quem
cõ demasiadas escusas se pren-
tendê aliviar, assim tambem ali-
via a culpa quem com violentos
encarecimentos apretende
affear. Grandissimo foy o sen-
timento que teve o serenissimo
Infante de haver quem se atre-
vesse a lhe meter na mam tal
remorial, no qual tanto lhe af-
frontavam a Companhia, que
elle tanto trazia na alma, dicen-
do que quem lha agravava lhe
tocava em os seus mesmos õ-
lhos. Mandou logo lançar mam
do dito Fr. Alonso, pera o casti-
gar muy severamente, com hũ
exemplarissimo castigo; porẽm
o Reverendo, que já andava so-
bre aviso, tanto que cheyrou a
diligencia que com elle se que-
ria fazer, se safou, & acolheo pe-
ra Castella, mais de pressa do q̃
veyo a Portugal.

*Queyxase
o Cardenal
a el Rey de
Castella.*

12 Julgando porẽm o ze-
lissimo Principe, que nam era
bem que tam prejudicial illu-
ãm ficasse sã o castigo mereci-
do, mandou a Castella hum Se-
cretario seu, chamado Manoel
Antunes, homem douto, & de
muyta prudencia, & diligencia,
& escreveu por elle a el Rey
Dom Felipe o Prudente, que
já governava, & ao Inquisidor
géral de Hespanha, que era Dõ
Gaspar de Quiroga; Bispo de

Cuenca, & ao Nuncio Apolto-
lico, pera que se castigasse tal
ouzadia, & tam grande loucura;
& pera que melhor se podesse
fazer esta diligencia, mandou
por seu Secretario os mesmos
memoriaes originaes, que ri-
nham sahido d'aquella fonte tam
inficionada, como era o Reve-
rendo Fr. Alonso de la Fuente.
El Rey Dom Felipe remeteo o
negoceo ao Inquisidor géral, &
ao seu conselho supremo, no
qual fizeram apparecer ao Fr.
Alonso, & lhe deram huma gra-
ve reprehãm, mandandolhe q̃
d'ally a diante nam tratasse ne-
goceos da Inquisãm, nem fa-
lasse contra a Companhia. Po-
rẽm porque elle o nam goardã-
va, & o serenissimo Infante de
Portugal apertava com o nego-
ceo, o remetẽram da Inquisãm
ao Reverendissimo Padre Frey
Seraphino Cavallo, dignissimo
Mestre Géral da Ordem de Sam.
Domingos, que entam estava
em Hespanha, pera que o casti-
gasse, o qual o mandou prender
em Sevilha, em hum mosteyro
de sua Ordem, chamado *Porta
cali*. E se voltou a Portugal o
Secretario Manoel Antunes,
deyxando a Corte del Rey Fe-
lipẽ, aonde esteve solicitãdo es-
te negoceo, desde Março atẽ A-
gosto do anno de 1576. Tal era
o amor que este benignissimo
Principe nos tinha, que nam sã
dentro em Portugal nos autho-

*Castigo q̃
se deo a
este Fr. A-
lonso.*

rizava,

rizava, & defendia, mas nem ainda fora do Reyno podia sofrer que vivesse sem castigo, que nos perseguia sem rezã.

13 Porém nam basta a má vontade que nos tinha Fr. Alôso, nem o odio, & roim opiniam que de nós teve o Padre Mestre Frey Melchior Cano, pera deyxarmos de reconhecer muyta amizade, & muyto favor em muytos, & muy doutos, & muy Reverendos Padres da sagrada Ordem de San Domingos, dos quaes pudera aqui fazer hum grande Catalogo, & na primey-
 ra ^b parte já apontey o muyto q em Portugal he devemos pelo bota galalhado, que sempre nós fizeram, como em particular reconhecemos naquelle grande Prelado Dom Fr. Bertholameo dos Martyres, & no religiosissimo Padre Frey Luis de Granada, & em outros muytos. E pera que as obrigaçoës em nós fossem mayores, & abriãgessem a toda a Companhia (pera que toda loubesse agradecer a muyta graça, & mercê q nos fazem) alê do hostradissimo decreto, cõ que sabio em nossa abonaçam, no anno de 1584. o Reverendissimo Padre Frey Francisco Romão, Mestre Gèral de toda a Ordem dos Padres Prégadores, nos quizeram outra vez authorizar os nreiros reverendissimos Padres Dominicanos, juntos neta proxima Congregaçam gè-

ral, com seu sapientissimo, & gravissimo Padre Mestre Gèral Frey Thomas Turco, em hum hondassimo decreto, com que nos recebem debayxo das àzas de sua proteyçam, & nos honram com o titulo de verdadey- ra amizade, & da syncera fraternidade; diz o decreto desta maneyra.

ACTA CAPITVLI
 Generalissimi Romæ
 in Conventu Sanctæ
 Mariæsuper Mynervã
 Ord. Prædic. celebrati
 anno Domini 1644. sub
 Reverendissimo P. Fr.
 Thoma Turco
 Cremonensi.

14



*Q*uodammodo Christiana charitate tenemur omnes Dei servos, ac quorumcumque ordinum religiosos potissime mendicantium (quos aut ecclesiastica vitæ cultura, aut sanctioris vitæ professio nobis æquales reddidit) omni honore atque amore prosequi, omniaque eis hospitalitatis obsequia præstare, eadem sollicitè in Reverendos Patres Societatis Iesu begnina cum humanitate impendere conentur. Horum, & personis singulas, & Societatem totam be-

Decreto do
 Capitulo
 Gèral de
 S. Domin-
 gos.

^b
 r.p.l.30.

dignissimé, & religiosissimé colant, ac veneremur; & tam intus, quàm foris, ubi de eorum sancto instituto, modo vivendi, & regimine sermo incidit, adeo circumspecte, & honorosicè semper de eis loquantur, ut tota Christiana Respub. nostri in eos impensissimè amoris testimonium reddere queat; & ut ipsi ea in nobis charitatis eximia officia, & benevolentia viscera experiantur, quæ viros Apostolicos decet, quorù quamvis non una semper in sentiendo mens, voluntas tamen, & cor unum, ac anima una, in domino, nunquàm ut desit, oportet.

Vem a dizer este gravissimo decreto em nossa lingoagem.

15 - Ordenamos, & mandamos apertadamente a todos os Religiosos q̄ nos sam sogeitos, que (assim como temos obrigaçam por charidade Christã, de amar, & mostrar todos os sinais de benevolentia a todos os servos de Deos, & em especial aos Religiosos das Ordens Mendicantes, que sam nossos igoaes, ou no exercicio da vida ecclesiastica, ou na profissam da vida mais sancta) procurem com cuydado exercitar estas mesmas obras com benignidade, & humanidade com os Reverendos Padres da Companhia de IESVS, honrando, & venerando com todo o favor, & religiam nam sò as pessoas em particular, mas tambem a Companhia toda; & que salem com tanta honra, & cõ tanta circunspeccam, assim dentro, como fóra, quando se offerecer occasiam de falar de seu sancto instituto, modo de viver, & de governar, que toda a Republica Christã possa dar testimu-

nho do grandissimo amor que lhe temos; & pera que elles mesmos experimentem em nòs officios de grande charidade, & entranhas de benevolentia, como convem a varoens Apostolicos, nos quaes ainda, que nem sempre seja o mesmo juizo no sentir, com tudo convẽ que nunca falte a mesma vontade, o mesmo coraçam, & a mesma alma em o Senhor.

16 Em grande obrigaçam nos puzeram os Reverendissimos, & Sapientissimos Padres Dominicanos, & em especial seu gravissimo Mestre Geral Fr. Thomas Turco, com tam religioso, & tam abonado decreto; ao qual procuramos sempre satisfazer; nam sò em rezam do muyto que reconhecemos nestes doutissimos Padres; senam tambem por comprimos outra semelhante obrigaçam, que temos pôsta^d por nosso Reverendo Padre Geral Claudio Aquaviva, do qual temos hum preceyto em virtude da sancta obediencia, com privaçam de voz activa, & passiva, contra todo aquelle Religioso da Companhia, que falar mal da sagrada Religiã de Sam Domingos, ou de sua doutrina, & vida sancta; pera q̄ nam haja entre nòs quem se atreva a vituperar huma Religiã que tantos louvores merecẽ no mundo todo.

17 Agora tornaremos a continuar com as cousas do Infante Cardeal, do qual nos de-

Na Companhiaã.
bem temos
semelhante
ordem.

d
Vide P. Fernand. de Castro Palão, p. 3. disp. 5. puncto 9. num. 6.

O mesmo
de reo
tradado
em Portu

virtio Frey Alonso de la Fuente, a quem de boa vontade perdoamos o demasiado zelo com que nos perseguiu, que naceo de illuzam, em que estava, & nam da Religiam que professava, porque a Religiam he sancta, & aquelle zelo foy indiscreto.

CAPITULO XXXIII.

Como o Cardeal Dom Henrique foy jurado Rey de Portugal, de sua sancta morte, & de como seu corpo foy sepultado, & achado enteyro; & das boas partes de que foy dotado.

DO que nestes capitulos brevemente apontey, bem se vé quam grandes obrigaçoens temos os filhos de Sancto Ignacio a este nosso insigne bemfeytor, & benignissimo defensor da Companhia toda, & em especial do Collegio de Evora, aonde, entre os nossos Religiosos, hia quietamente passando os annos de sua sancta velhice: quando por occultos juizos de Deos, socedeo em 4. de Agosto de 1578. a muy lamentavel perda de seu sobrinho o Rey Dom Sebastiam em Afri-

ca: & porque o Reyno vinha por direyto ao Cardeal, como unico filho vivo del Rey Dom Manoel, se veyo logo d'Alcobaca a Lisboa, aonde foy acclamado Rey, mais com lagrimas, q com vivas; & nem quando lhe deram o juramento, nem nas Cortes que se começaram em Lisboa no mes de Abril do anno de 1579. quiz cõsentir q lhe vestissem a oppa real de borcado, que em semelhantes actos costumam vestir os Reys de Portugal (como senam quizesse vestir gâlas, quando tantos traziam luto) nem deyxou nunca o habito de clerigo, nem os costumes de sancto.

2. Retirouse pera Almeyrim em rezam da peste, que alé da perda em Africa, tambem perseguia o Reyno em Lisboa. E finalmente molestado com grandes desgostos, vèdo as perdas, & trabalhos presentes, & prevendo outros mayores, que esperavam a este cansado Reyno; veyo a morrer sanctissima em Almeyrim, sendo de idade de 68. annos depois de reynar hum anno & cinco meses; socedeo sua morte no anno 1580. no ultimo dia do mes de Janeiro, que foy o mesmo dia em que naceo: dispondo Deos nosso Senhor as cousas de maneyra, que nacesse felicissimamente no cèo, no mesmo dia em que nascera na terra, descreven-

Como foy acclamado Rey.

Morte del Rey D. Hèrique.

do em sua vida hum perfeytissimo circulo de suas muy exemplares virtudes, como tambem lemos de outros muytos varoẽs celebrados no mundo, entre os quaes he notavel o caso daquelles dous Sanctos irmãos, Giraldo,^a & Medardo, os quaes naceram no mesmo dia, & no mesmo, d'ally a annos foram consagrados Bispos, & tambem no mesmo dia acabaram a vida temporal, & começaram a eterna.

^a
Vide Mart.
Rom. Iunij
die 8.

Da hora è
q morreo.

3 Faleceo de noyte (que nam se atreueo o dia a ser testemunha de tal perda) & em conjunçam que a lũa padecia hum grande ecclypse, a qual parece que do modo, que melhor podia, se vestia de luto, occultando seus rayos; encubriendo suas luzes, revellindose com aquelle nanto tenebroso, & chorando perder o mundo a fermosa luz deste resplandecente sol. Acabou com grande paz, & tranquillidade de sua alma, sempre em seu perfeyto juizo, como quem sempre o teve tam acertado nas coulas de sua salvaçam; recebeo os Sacramentos, q se requerem naquella occasiam, & teve todos os mais bons aparelhos necessarios, como se esperava de hum Principe tam exemplar, & de hum Prelado tam sancto.

4 Foy sepultado em Almeyrim, & quando no anno de 1582, por ordem delRey Dom

Philippe o Prudente, seu sobrinho, lhe abríram a sepultura (pera o tresladarem pera o real mosteyro de Belèm) lhe acharam, com admiraçam de todos, o corpo enteyro, & incorrupto; que bẽ era nam ehtrasse a corrupçam no corpo de quem foy tam incorrupto na justiça; & q tivesse o privilegio da inteyreza depois da morte, quem foy tam amãte da pureza sendo vivo. E porque o amor que tinha à Companhia era tam grãde, como temos visto, vẽdo que, como Rey que era, havia de ser sepultado no dito mosteyro (que elRey seu pay tinha edificado pera sepultura dos Reys de Portugal) mandou em seu testamẽto que lhe tresladassem alguma parte de seu corpo, pera a sepultura, que no seu Collegio de Evora tinha feyta; como se entam descançasse mais quietamente, ficando ao menos com hũa parte do corpo, junto, ainda depois de morto, com aquelles Padres, a quem tanto estimara sendo vivo.

5 Isto se deo à execuçam em 14. de Dezembro do anno de 1582. em que hindo o Padre Leãm Henriques seu confessor (que sabia da vontade delRey) a Almeyrim, tirou, em presença de tres Religiosos nossos de authoridade, alguma parte de hũ pé do corpo inteyro, & o mandou com a decenciã, & appara-

Acharam
seu corpo
inteyro.

to conveniente ao Collegio de Evora, certificando em hũa sua carta pera o Reytor delle o Padre Pero da Sylva, que o seu desejo fora mandarhe a cabeça, ou o coração, porê q̄ por achar o corpo inteýro, senam atrevera dividir partes tam principaes. Mas nam carece de mysterio trazerse a seu Collegio hum pé, cõ q̄ tomasse delle pôsse, depois de sua alma gozar da beaventurança eterna: & tãbẽ daqui podemos tomar o bom agouro de que as empresas deste Collegio sempre terã bõ successo, pois se estribam em tam bõ pé: & cõ o mesmo fundamẽto podemos esperar o bom logro dos Religiosos que nelle entrarẽ, dos quaes podemos dizer, q̄ entrarã cõ pé direyto. Abriose pera este effeyto a sepultura, & nella se recolheo este deposito, metido em hũa cayxa forrada de setim carmezim, resgoardada com outra de madeyra; na qual sepultura se lhe abrio depois o letreyro, que já atraz deyxo apontado.

7 Foy este Príncipe dotado de grãdes virtudes, foy muy exemplar, muyto modesto, & composto; & como delle testifica Damiam^e de Goes, era de sua condição naturalmente encolhido, & vergonhoso. Foy muy devoto de Christo Senhor noster, & da Virgem Sanctissima sua mãy, & de suas imagens sagra-

das; ainda hoje se conserva em grande veneraçã, na capella dos noviços do Collegio de Evora a devota imagem de hũ Sancto Crucifixo, que elle tirou, pelo meyo das chamas, do fogo, que huma vez, por desastre, se ateou em a sua capella interior, que tinha dentro do nosso Collegio de Evora; esquecendose de todas as mais alfayas da casa, por se lembrar desta peça do cẽo; respeytando aqui o fogo a seu creador, & nam fazendo mal algum ao Cardeal; acudindo Deos por quem por elle acudia.

8 Foy no trato de sua pessoa muyto severo, & nada mimoso; porẽm com os outros mais foy notado de brando, que de rigoroso, & assim era mais inclinado a perdoar, que a castigar; nem dava castigos grandes, senam com grande consideraçã; a muyta severidade (como bem disse^b Seneca) perde com a continuaçã a autoridade; & nam sey porque occulto segredo vemos, que os erros que mais se castigam, esses mais se commetem; & da maneyra que algumas arvores quando mais cortadas, entã mais crescem, assim da mesma sorte a severidade tal vez acrescentã os erros, que pretendia tirar; donde vem por resoluçã dos mais sabios, que a justiça moderada emmenda,

De suas boas partes.

c
3. p. Chron. Regis Emmanuelis cap. 27.

b
Senec. r. de Clement. se veritas ammittit assiduitate auctoritatem.

c
Senec. ibid. Téperatus timor est qui cohibet, at verò acer vindictam excitat.

& a demasiada agrava. D'aqui nacia que era o Infante muy respeitado, & juntamente muyto amado. Com os ecclesiasticos que achava comprehendidos era mais rigoroso, posto que os castigava com resguardo, & segredo, respeitando a honra das ordens, & castigando a culpa da pessoa.

9 Teve grande sofrimento, & moderação em suas payxoões, & muy notavel temperança nas palavras. Falandolhe huma vez hum ecclesiastico da Beyra, homem de autoridade, lobre hum negocio pezado, que com elle tinha em sua Legacia, (com o qual negocio o ecclesiastico andava já demasiadamente cansado, & enfadado) & porque nam devia de ser muy curtido em demandas, pois tam de pressa se enfadava com esta, se resolveo de falar hũa vez com o Cardeal, & cuydado que trazia muy bẽ estudado o que lhe havia de dizer, havendo de començar a pratica por estas palavras, *Vossa Alteza he o mais mal informado Principe do mundo*; de tal maneyra se trovou (por nam ser muy versado na Corte) que començou desta sorte, *Vossa Alteza he o mais desarrezoado Principe do mundo*: o que o Cardeal ouviu cõ muyta serenidade, sem dizer palavra, nem fazer outro movimento mais q̃ (dando nõ cham huma pequena pancada com o

bordam) erguerse, & recolherse pera huma camara. Assim soube este prudentissimo Principe moderar a sua payxam, que necessariamente aqui havia de brotar; & assim soube reprimir com este advertido silencio de Principe as descompostas palavras do negoçante. Mostrando nesta açã a capacidade de seu generoso animo, pois nam sò sabia ser grandioso em fazer mercês, mas tambem sabia ser moderado em governar a ira. Contava isto muytas vezes seu estribeyro mór, que se achou presente, Henrique Henriques de Miranda, filho de Rodrigo de Miranda, & de Dona Francisca de Souza, o qual entam lhe servia de camareyro mór.

10 Foy de hũ natural muyto brando, & muy benigno. Hũ seu capellam se desbaratou muyto, & cometeo taes delictos que, segundo diziam, merecia ser lançado nas galès, d'elle fez tirar devaça secreta pelo seu capellam mór Dom Affonso de Castello-branco (Bispo que foy de Coimbra, & Vizorrey destes Reynos, de quẽ tenho falando a) & pera q̃ as cousas q̃ eram secretas ficassem menos sabidas, quiz q̃ o mesmo capellam mór fosse escrivam da devaça; & porque os crimes, ainda que graves, nam eram publicos, & o rão Sacerdote, lhe pareceo, que lhe bastava por castigo deytalo

& des-

Notavel
moderação
do Cardeal
Infante.

De sua
brandura.

d
2. p. lib. 4.
c. 52. n. 3.

Quam fa-
cili-
tate se-
movia a
zer bem

& desterralo de sua casa. Feyto isto, lhe disse outro seu cappellam estas palavras, *Vossa Alteza botou a fulano de seu baso?* Respondeo o Cardeal, virandose com serenidade para elle, *Que dizeis a isto?* Ajuntou o capellam, digo, senhor, que agora fora da casa de Vossa Alteza, & do bom exemplo dos mais capellaens com quem tratava, se fará muyto peor, nam tendo o freeo, que tinha. *Agradeçovolo muyto,* (disse o Cardeal) *pareceme bem o que dizeis, mandaylhe dizer que venha, & dez cruzadas pera o caminho;* & assim ganhou este capellam, & animou aos mais a servirem com amor, & pureza de vida a hum senhor tam benigno, que tratava de emmendar com brãdura, & nam de castigar com severidade.

CAPITULO XXXV.

Continuase a mesma materia, das boas partes del Rey Dom Henrique, em especial de sua liberalidade, & piedade, & de quam estimado foy de todos.

I



Ra este Principe muy cuydoso do bem publico, & assim (alem das muytas, & muy notaveis obras

que fez sendo Gôvernador destes Reynos, que apontamos no seu memorial) na cidade de Evora (na qual habitou muytos annos, assim quando nella estava a Corte, como porque nella duas vezes foy Arcebispo) deo grandes demonstraçoens desta sua boa inclinaçam, como se vê nos muytos edificios que nella fez, como foy o real Collegio da Companhia, com o da Purificaçam, a Vniversidade, o mosteyro de Sancto Antonio em Evora, & o de Valverde, ambos da Provincia da Piedade, as fontes de marmore da agoa da prata, & porta nôva, o mosteyro do Calvario, que por seu respeyto ally mandou fazer a Infante Dona Maria sua irmã: as quaes obras todas se fizeram por sua traça: tambem fez as cadeyras do coro, & orgãos da Sé, com outras peças, que servem muyto no culto divino. Alem do Collegio de Sancto Antam em Lisboa, & das obras da Inquisiçam; & do mosteyro de freyras de Còs, que quasi edificou de novo, & d'outro mosteyro d'Arrabida junto a Alcobaga; & dos seus Paços, q̄ fazia em Almeirim. E entre as mais notaveis obras q̄ fez, hũa dellas foy q̄ refez os muros de Mazagã, q̄ ficaram arrazados cõ o memoravel cerco do Xarife, & os restaurou detal sorte, q̄ senam

Obrasgrã-
diosas que
fez.

podem competir com os de Babylonia na grandeza, os podem vencer na fortaleza. Tambem fez em o mosteyro de Alcobaça, as hospedarias com a claustra que he obra real, & podem servir de paços a hum Rey. Deyxo as mais obras, que se contem no memorial, que atraz apontey; & em todas igoalmente mostrou a grandeza de Principe, & piedade de ecclesiastico.

2 Tinha grande respeyto a todos os que tinham alguma dignidade, em especial ao Magistrado da cidade, fazendo muyto caso dos officiaes da Camara, & do governo, especialmente em autos publicos, & procissoens, fazendoos sempre hir à mam direyta, com hum certo geyto, & bõ rosto, & agasalhado do Principe, em que bẽ mostrava a cõfiança de senhor, & a benignidade de pay. E com esta honra que fazia aos da governança, sem perder nada, ganhava muyto (que os Princeses tem privilegios pera fazer mercès só com hũs bons ólhos que vos lançam.) Tinha tambem grande acatamento, & reverencia a el Rey Dom Sebastiam seu sobrinho, ainda quando era menino, estando sempre desbarretado diante d'elle, pera dar exẽplo aos grandes do Reyno, & a seus vassallos. Foy sempre purissimo em sua vida, & castissi-

mo em seus costumes: & por hum caso, que d'elle conta o nosso Padre^b Antonio de Vafconcellos, semelhante ao que socedeo a Sancto Thomás, com rezãrn diz que assim como a este glorioso Sancto chamamos o Doutor Angelico, assim a este esclarecido Rey, podemos chamar Principe Angelico, pois entre as delicias de grande soube estimar as purezas de Anjo.

3 Foy sempre muy liberal, & amigo de fazer bem, posto que no fazer das mercès mais dava a muytos, que a hum só, porque se tinha por despeneyro, & nam por senhor dos bens ecclesiasticos que possuia, nem se entregava a privados (como alguns Princeses fazem) aos quaes dam tudo, deyxando outros cõ nada, que isto he já manha antiga do diabo, que tudo juntamente offerecia a Christo no deserto,^c & he erro manifesto, por contentar a hum desconfolar a muytos; & d'aqui vinha que a todos acudia, & ninguem se levantava de seus pès desconfolado, porque a todos dizia, quando dava algũa cousa, que elle se lembraria adiante de lhe fazer mercè; de sorte que nam sò dava de presente, mas tambem animava com esperanças de futuro, dando, & prometendo dar. Era muyto grande esmoler, & muyto ze-

^b
In vita Reg.
Henrici fol.
336.

De sua liberalidade

^c
Mat. c. 4. n. 9
Hæc omnia
tibi dabo,
&c.

^a
Vide Ant.
de Vaf. in
vita Regis
Henrici, fol.
mini 333.

*Tinha grã
de estima
dos Magi-
strados.*

loso de acudir a todos os pobres da terra; & pera isto tinha esmoleres de muyta confiança, que tinham feyto livro de todas as pessoas necessitadas, em que entrava muyta gente nobre, & honrada, & todos eram socorridos, conforme sua necessidade, & qualidade. E por isso Deos lhe dava tanto, porque distribuia muyto, que se os Princepes soubessem aproveytarse desta nobre usura, seriam mais ricos, & haveria menos pobres. Foy sempre muy livre em seu governo, nam admittindo lisongeyros, nem se sogeytando a validos, como fazem alguns Princepes, que de tal maneyra cativam suas vontades, & alvidrios, que mais se podem chamar escravos, que senhores; obrando contra os bens, que a mesma natureza lhes deo, porque a sorte os fez livres; & elles se offercem em cativeyro; antes he o peor cativeyro, porque ficam escravos de seus mesmos servos.

Era muyto amado de todos.

4 Por todas estas boas partes, nam se pòde crer quam amado, & quam prezado de suas ovelhas era este grande Prelado; quando hia de Evora a Lisboa, á vinda o hia esperar o Cabido, mais de meya legoa fora da cidade; recebendo elle a todos com todo bom semblante, & alegria, lançan-

do-lhe os braços no pescoço. Tambem o sahiam a esperar, perto de legoa, infinita gente da cidade, assim nòbres, como do povo, pondose de joelhos diante d'elle, rogandolhe todos pela vida, & dandolhe muytos vivas; & quando chegava à Sé nam havia quem pudesse entrar nella com gente; & d'aqui o acompanhavam até se meter no Collegio da Companhia, aonde morava. Ajudava muyto a este bom recebimento, nam sò a muyta affabilidade com que recebia a todos, mas tambem a muyta liberalidade de que usava nestas entradas, porque logo em chegando mandava abrir o celeyro, & repartir o pampelos pobres. E com ser muyto amado, era tambem muyto respeytado; antes parece que quanto mais se fazia amavel, mais sahia estimado; erradamente pretende hum Princepe grangear a veneraçam com se mostrar severo,

5 Tambem merecia a todos este grande amor que lhe tinham, com a facilidade com que deferia, & ouvia a todos: quando da segunda vez foy Prelado em Evora, habitando no Collegio da Companhia, depois de jantar, em dando hũa hora, estava a porta patente a todos, sem ter pagẽ, nem quem levasse recado, dando a toda a

Era muyto facil em dar audiencia.

hora liberal audiencia; que he exemplo raro em Princepes, os quaes se costumam fazer tam difficultosos em dar audiencia, que tal vez mais facil he servirlos muytos annos na guerra, q̄ ter huma entrada no Paço.

7^o Celebrava os officios divinos, & assistia a elles com grandissima piedade; & algumas vezes chorava tantas lagrimas, & estava tam transportado em Deos, que hindohe levar o portapaz, o encenso, & o livro a beyjar, era necessario tirarlhe pela roupa pera o espertar. No tempo da Coresma, estando em Evora, hia amanhecer à Sé, posto que os fios fossem muy grandes, & sempre hia a pé. Era tam temente a Deos, & tinha huma consciencia tam delicada, que affirmam todos os que o conheceram, que acabado de lhe dizerem, que nam era licito fazer qualquer coula, por mais inclinac̄am que tivesse, ou gosto q̄ mostrasse em a fazer, no mesmo ponto parava, dizendo, *Nam he licito, pois nam se faça*; & assim era fraze cõmuã entre os corretoes, costumarem a dizer, aludindo a esta sua boa inclinac̄am, & pureza de consciencia, *Que nam havia cavallo melhor arrendado, que o Infante Dom Henrique.*

8^o Seria historia muyto mais larga do que pede a brevidade, que aqui professamos, se quizestemos aqui apontar por

menor todas as virtudes deste grande Prelado, & esclarecido Princepe, honra de Portugal, gloria da Igreja de Deos, & singular protector da Companhia. As cousas que aqui apontey se pôde dar todo o bom credito, porque alem de muytas dellas ferẽ tiradas de autores de muyta verdade, as que aqui ponho, que nam andam impressas, tirey de algũs memoriaes, que delle deyxaram escritos algumas pessoas de muyta authoridade, assim Religiosos nossos, como criados seus, como foram o Mestre Francisco Galvã, o Conego Jorge Pinto, & o Padre Vicente Guerreyro, beneficiado na Sêde de Evora, homẽ de muyto credito, & authoridade, o qual conciuẽ hum seu memorial, affirmando que cada vez que falava com o Infante Dom Henrique lhe parecia, que via hum rosto de Anjo; & por remate costumava a dizer muytas vezes estas palavras, *Se hoje o Cardeal tornara ao mundo, & eu estivera com huma mitra muy honrosa, & copiosa, eu a deyxara, com condiçãõ de servir, sem outra nenhũa esperança.* Atẽ aqui as palavras deste honrado capellã, das quaes bem se vê sua gratidã, que hoje he muy rara nos homens, os quaes uzam los beneficios, como se fossem flores, que sam agradaveis, em quanto estam frescas. E tambem se vê a bondade de tam prezado

o que sentiam muytos do Cardeal.

De sua grande devocãõ.

que nam havia cavallo melhor arrendado, que o Infante Dom Henrique.

^c
Claud. Nuf-
quam liber-
tas gratior
exiat, qu-
m
sub Rege
pio.

amo, & a rezam que teve o ou-
tro fabio^c pera dizer, que nam
ha melhor liberdade, que ser
ferro de hum Principe piedo-
so.

9. E sobre todos os testi-
munhos, que se podê trazer em
abonaçam das reaes virtudes, &
raros talentos deste muy escla-
recido Principe, he o testimu-
nho que delle dá o Sanctissimo
Padre Pio Quarto, em hũa sua
bulla, passada no anno de 1561.
no segundo anno de seu Ponti-
ficado, aonde mostrando o de-
sejo que tinha de se aproveytar
de seu conselho, & prudencia,
lhe diz assim, *In animo habuerimus
pro universali ecclesie felici regimine,
nostrae sollicitudinis partem cura tua
committere, & demandare tibi, cuius
fides, vita integritas, singularis virtutis
merita, nobis iam, ante nostram ad
summi Apostolatus assumptionem, cog-
nita, & probata existunt, &c.* Que
vem a dizer, Que esteve pera lhe en-
tregar parte do governo universal da
Igreja, em rezam de sua fe, inteireza
de vida, & merecimentos de suas sin-
gulares virtudes, que tinha bem co-
nhecidas, & provadas, ja antes do tem-
po de sua assumptam ao summo Ponti-
ficado.

10. Estes testemunhos sam
mais certos, & verdadeyros, que
os que fingio hum autor estran-
geyro, aos quaes cõ rezam po-
demõs chamar testemunhos fal-
sos, falando no lugar que apon-
tamos a margem falsa, & teme-

rariamente no^d modo com que,
diz, que se houve com o senhor
Dom Antonio, contra a verdade
das historias, & contra a autho-
ridade das pessoas. Bem he ver-
dade (pera que digamos tudo) q̃
outros autores o culpam por el-
le mesmo nam nomear em sua
vida quem era o suceffor destes
Reynos, porẽm tambem alguns
julgam esta pela mayor de suas
acçoens, porque quanto mais
fiava da justiça da senhora Do-
na Catherina sua sobrinha, po-
dia entregar-se mais confiada-
mente ao juizo de homens dou-
tos, tendo por obra indigna de
Rey Catholico, & Principe
ecclesiastico, que as cousas tam
faceis de accomodar pelas re-
gras do direyto, se occasionassẽ
a se arbitrarem pela furia das
armas. Pera isto nomeou juizes
que podessem julgar sobre tam
grandes entereces; como se re-
solveria, senam fosse q̃ a morte
o tomou antes desta decisam; &
logo sem esperar a lentence, cõ-
forme os termos que as leys dis-
poem, & conforme advertia o
Summo Pontifice (como testifi-
cam os mesmos autores^e Caste-
lhanos) entraram as armas, & as
dadivas del Rey Philippe o Pru-
dente: de sorte que a tençam
del Rey Dom Henrique foy de
sancto, mas o suceffo foy da for-
tuna. E isto baste por agora de
ste Serenissimo Principe, Car-
deal & Rey, Rey de homens, &

^d
Hier. Fran-
chi Inlib. e
untone Por-
tug. & Cas-
tel. lib. 3. fol.
mihi 72.
verso.

Porq̃ nam
nomeou
suceffor no
Reyno.

Testimu-
nho do Sũ-
mo Ponti-
ficẽ, em a-
bonaçam
do Carde-
al.

^e
Vide Ludoi-
cum Cabr.
hist. Phil 2.
lib. 12. c. 19.
fol. mihi
1054.

Anno de
Christo de
1554.

Sacerdote de Christo, porque nam quero continuar mais, diminuindo, por culpa do meu engenho, suas obras immortaes, dignissimas de serem postas em melhor solfa, & cantadas por Cyrnes mais sublimes.

CAPITULO XXXVI.

Do primeyro Reytor que teve a Universidade de Evora, que foy o Padre Leão Henriques, de sua grande oraçam, & de como Deos lhe communicava muytos segredos por meyo deste sancto exercicio.

Rois temos dado conta das cousas do Collegio de Evora, & da Universidade, referindo, ainda que breve mente, a vida, & virtudes de seu insigne fundador, bem he tambem que, conforme nosso costume, façamos comemoração do primeyro Reytor, que teve aquella Universidade, que foy, como já dissemos, o Padre Leão Henriques, que na verdade foy huma das principaes columnas, em que se levantou, & sustetou o feroso edificio da Companhia em Portugal. De seu naci-
mêto na villa da Ponta do Sol,

na ilha da Madeyra, do illustre solar de seus pays, & avòs, & de sua entrada na Companhia, dissemos na primeyra parte. Notaveis foram os exemplos que nos deyxou de suas virtudes este muyto insigne varão no tẽpo, em que governou o Collegio de Evora sendo Reytor, & a Provincia toda, sendo Provincial.

2 E como na via espiritual o principal meyo, por onde a divina bondade se communica a seus servos, allumiandolhe os entendimentos com luzes divinas, & abrazandolhe suas vontades com resplandores celestiaes, seja o meyo da oraçam; foy o Padre Leão Henriques tam dado a este sancto exercicio, q̃ cõ trazer tantos negocios exteriores, assim se recolhia cõ Deos, no interior de sua alma, como se sua vida sò fosse de hum grande contemplativo, metido no sancto ocio de hum muyto remontado deserto. A continuaçam deste santo trato com Deos, era tam grande, que ainda depois de velho tinha cada dia, entre dia, & noyte, sete horas de oraçam mental, & vocal, & o que poem mais admiraçam era a postura do corpo, porque sempre estava de joelhos. Sendo Superior, desta maneyra repartia o tempo, que dava a Deos; tinha em se levantando huma hora de oraçam mental com a

Anno da
Companhia
15.

1. p. fol. 277.

Foy o Padre Leão Henriques muyto dado á oraçam.

Anno de
Christo de
1554.

communidade, acabada ella dizia logo missa na cappella aos Irmãos, & logo no mesmo lugar tinha tambem de joelhos outra hora de oraçam mental, em acçam de graças do Senhor que reebêra. A tarde, no tempo das liçoens, tinha outra hora de oraçam de joelhos no seu cubiculo. As demais horas repartia pelo dia, & pela noyte, conforme as occupaçoens, & occasiões. Todas as sete horas canonicas do officio divino, ainda depois de velho, rezava com ambos os joelhos em terra, com grande attenção, & reverência, & sempre ao tempo acomodado, conforme a ordem da Igreja: & se rezava com algum companheyro obrigavao a que rezasse assentado, continuando elle de joelhos.

3. Custume he de Deos nosso Senhor communicarse muyto áquelles que se lhe entregam muyto, conforme a esta regra, eram notaveis os favores que Deos nosso Senhor repartia com este seu devoto servo, o qual assim andava entre os homẽs, como se sempre estivesse absorto em Deos. Vindo hum dia ao Collegio de Coimbra o Bispo Conde Dom Ioãõ Soarez visitar ao Padre Leãõ Henriques, o porteyro, depois de recolher em casa a este grande Prefado, se adiantou a dar recado ao Padre Reytor pera o fahir a rece-

beibate a porta do cubiculo, & nam acudindo o Padre, sabendo de certo que estava dentro, torna o porteyro a segudar os golpes mais riço, sem de dentro lhe responderem; pelo que vêdo ser necessario, abre apressado a porta, & vio no meyo da casa ao P. Leãõ Henriques. posto de joelhos, com os õlhos no cẽo, & com os braços em cruz, tam absorto, & transportado em Deos, em tam profunda contemplaçam, que por mais estrondo que o Irmãõ fez abrindo a porta, & falando alto, em nada advertia, mais que em Deos, com quem estava tam divertido, que foy forçado o Irmãõ pegar do Padre, & fazerlhe força pera o espartar daquelle roubo; o que succedeo sahindo o Padre com estas sentidas palavras, *Deos vos perdoe Irmãõ*: como locedia ao grande Antonio^a no seu deserto, quando passando a noyte toda em oraçam com os õlhos fitos no Oriente, se queyxava contra o Sol, q nascẽdo lhe feria os õlhos corporaes, & privava da suavidade, que gozava, com os ter no cẽo. Ou como a alma do Sancto Samuel^b que se queyxava de Saul pelo desenquietar de seu repouso. Levantouse o Padre Leãõ Henriques bem contra sua vontade, & antes de fahir ao Bispo, mandou ao porteyro (que era o Irmãõ Sebastião Gonçalves, homem de grande vir-

Anno da
Cipanhia
15.

De hum
rapto espiri-
tual que
teve.

^a
D. Athan. in
vita D. Ant.
magni.

^b
1. Reg. c. 28
n. 15. Quare
inquietasti
me? &c.

Dos muy-
tos favo-
res quere-
cebia de
Deos.

Anno de
Christo de
1554.

tude) que a ninguem contaſſe aquelle deſcuydo em que o achára, o que elle goardou inteiramente, & depois da morte do P. Leâm Henriques muytas vezes o contou no Collegio de S. Antãm, aonde por largos annos fez com muyta charidade, os negocios das Provincias da India, & do Brazil.

De outra
extaſe
mais ad
miravel.

4 Mais maravilhosa foy outra extaſe eſpiritual, que teve tambem no Collegio de Coimbra, na feſta de Sam Pedro, & Sam Paulo, a qual contarey da maneyra que commummente corre entre nõs. Havia aquella manhã de dizer miſſa pera os Irmãos renovarem ſeus votos, conforme o ſancto cuſtume da Companhia. Tinham tangido à miſſa, tardava o Padre em vir, os Irmãos estavam juntos, paſſavaſe o tempo, & o Padre nam apparecia; acudio a eſta falta hum Irmãm, por nome Antonio da Lapa, virtuoso, & prudente, q̄ depois morreo Sacerdote na Companhia; vay cõ preſſa dar recado ao Padre; bâte à porta de ſua camara, huma, & muytas vezes, & porque lhe nam reſpõdiam, & o tempo nam ſoffria dilaçam, àbre confiadamente a porta, ſenam quando dà de ſubito cõ os õlhos no Padre Leâm Henriques, poſto em extaſe, arrebatado no ar, em boa diſtancia do chãm.

5 Paſſa o Irmãm de couſa

tam nõva, & maravilhosa, deyxafe eſtar notando as circumſtancias de tal viſta, fecha a porta outra vez, vem dar recado aos que ficavam na capella, pera q̄ glorifiquem a Deos, affirmãdo com tãta firmeza, que nam deyxava a quem o ſouvia lugar de duvida. Dahi a pouco entra pela capella o Padre Leâm Henriques, com hum exterior que ainda parecia vinha transportado em Deos; começa a miſſa, & bem ſe enxergou nella, quam forçoſo fora aquelle eſpiritual roubo, pera o alienar dos ſentidos corporaes, porque a cada paſſo perdia o tino das ceremonias, nam podendo atinar mais, que com o Senhor, que aſſim o tinha roubado. Taes eram as reliquias d'aquella ceſtial viſta. Falandoſe depois niſto ao Padre Leâm Henriques, como em couſa que logo ſe publicou pelo Collegio todo, elle indo pelos paſſos por onde os Sãctos caminham em ſemelhantes favores, com aviſada humildade pretendeo encubrir os ſegredos do Rey da gloria, lançando a couſa a riſo, dizendo que o Irmãm devia de eſtar ſonhando: goardando niſto o eſtylo dos verdadeyros humildes, que cuſtumam encubrir, com diſſimulaçam, ſemelhantes illuſtraçoens do cõo, com o o meſmo Senhor uſou em ſua peſſoa^c, mandando aos tres Apoſtolos, mais ſeus va-

Anno da
Companhia
15.

Como encubrio eſte favor do cõo.

^c
Mat. c. 17. n. 9. Nemini dixeritis viſionem, &c.

lidos

Anno de
Christo de
1554.

lidos a quem mostrou o maravilhoso rapto do Monte Tabor, que a ninguem dissessem a tal visã, nam porque temesse asfaltos de vaidade, mas pera nos dar exemplo de verdadeyra humildade.

6 Por este meyo da oraçam continua, & altissima contemplaçam, se communicava Deos maravilhosamente ao Padre Leãm Henriques, visitãdo o n illustraçoes do céu, & revelandolhe muytas cousas, assim pera o governo dos subditos, q amava, como pera o bem das almas que procurava. Sendo Reytor do Collegio de Evora, succedeo estar hum religioso Sacerdote muy tentado na vocaçam: entrou este em pensamẽtos de effectivamente deyxar a Cõpanhia, os quaes tinha descubertos a outro religioso, que por cuydar que lhe devia segredo, lho goardava. Estando a cousa nestes termos, succedeo que repoufãdo o vigilante Reytor hũ pouco, sobre a cadeyra, começou a sonhar que lhe puxavam pelo braço, & lhe diziam, que fosse logo a falar com tal religioso, o qual lhe nomeavam por seu nome, & que o obrigasse a descubrir o que sabia d'aquelle particular (que tambem desta maneyra custuma Deos em sonhos revelar a seus servos segredos mais occultos, como fez ao Sancto Ioseph esposo da Vir-

Como Deos
lhe comu-
nicou atẽ-
taçam de
sã seu sub-
dito, a que
acudio.

gem Santissima, d aos tres Reys Mågos, & a outros muytos, conforme a divina promessa, *Siquis fuerit inter vos propheta Domini in visione apparebo, & ei per somnum loquar ad illum.*

7 Acordou o Padre Leãm Henriques combatido com este pensamento, & persuadindo-le que era puro sonho, e tornou outra vez a repoufãr, tornou porẽm a vigiar o Senhor, repetindo as vozes com mais efficacia: esperta outra vez o Padre com a mesma fadiga, & por nam dar credito ao sonho, conforme ao conselho divino, dado por Ierem. f torna outra vez a dormir: porẽm a voz do céu o espertou a terceyra vez (como antigamente a Samuel quando tres vezes o chamou) *Que fazes, lhe diziam os occultos brãdos, como nam vigias? nem chamado tantas vezes acordas, pera acudir à ovelha que o lobo infernal te leva! Vay a que sabe deste mal, & nam te avisa, remedeia a ambos, reduzindo o tentado, & castigando o secretario.* Resolveose o Reytor, que nam era aquillo sonho da fantasia errada, senam aviso do céu vigilante. Vayle logo ter com o Religioso, que sabia d'aquelle tentaçam (conforme o que Deos lhe dizia no sonho) nam se atreve o pobre a negar o que via manifestado cõ brãdos do céu; in teyrado do q passava remedeou com benignidade o que estava tentado,

Anno da
Cõpanhia

15.

d
Luc. c. 1. n. 20. *Ecce Angelus Dñi apparuit in somnis Ioseph. & c. 2. n. 23. & c. 2. n. 12.*

e
Num. cap. 12. n. 6.

f
Cap. 28. n. 8. *Ne attendatis ad fõnia vestra.*

g
1. Reg. cap. 3. num. 8. *Et adiecit Dominus, & vocavit Samuelẽ tertio.*

Anno de
Christo de
1554.

Revelalhe
Deos o es-
tado de bñ
peccador.

h
2. p. 1. s. c.
16.

castigando com severidade o q̄
lhe encubriera cō a tentaçam: q̄
sem duvida nam pōde haver
mayor crueldade, que com ti-
tulo de amifade encubrir o pe-
rigo de seu irmām, dando muy-
tas vezes com o silencio a mor-
te, a quem com dar conta, po-
deria dar a vida.

7 Outra vez no mesmo Col-
legio, em que juntamente era
Rey or da Vniversidade, & Lē-
te dos casos, lhe foy revelado na
òraçam, como certo homē co-
nhecido naquella cidade, estava
no cabo da vida, & em risco de
o tomar a morte em peccado
mortal. Levantase da òraçam
(porque tal vez convem deyxar
a Deos por acudir ao homem)
manda chamar ao P. Marcos
Iorge (de quem já temos^h fala-
lo) Doutor em Theologia, avi-
sao que se aparelhe pera aquella
manhã substituir na liçam em
seu lugar, se por ventura fosse
necessario. Isto dito se recolheo
outra vez à òraçam, & depois
sahio a dizer missa; a qual aca-
bada mandou avisar ao Padre
que fosse ler por elle: & logo
com o companheyro, se foy a
certa casa da cidade de Evora,
achou nella hum doente em
cama, que mostrava estar em
grande perigo; vayse a elle o ser-
vo do Senhor, visitaõ, consolao,
detense com elle o tempo que
lhe pareceo necessario, pera o
por bem com Deos, pera o con-

fessar, & absolver.

8 Em se despedindo o Pa-
dre Leãm Henriques, chama o
doente o companheyro, falalhe
a parte com grandes espantos, &
com hum alegre choro, nam a-
caba de lhe perguntar que Pa-
dre era aquelle, que nam podia
deyxar de ser maravilhozo San-
cto, & Propheta, a quem Deos
descubria peccados tam enor-
mes, & tam secretos. Pergunta-
lhe o Irmām o particular d'a-
quella maravilha que lhe con-
tava, respondelhe o doente; che-
gouse a mim aquelle Sancto, &
começando a tratar do perigo
de minha salvaçam, me disse,
*Até quando, irmām, ha de durar vos-
so descuydo, & obstinaçam? Lembray-
vos de tal & tal peccado, que nunca
confessastes, & desta, & aquella obri-
gaçam a que nunca satisfizestes.* Aqui
ferido por huma parte de dor,
& pasmado da novidade, lhe
perguntey, *Que he isto Padre, donde
sabeis meus peccados? quem vos manife-
stou minha alma, quem vos mostrou
minha consciencia tam abominavel, &
secreta, na qual eu mesmo de enverga-
nhado nam posso por os òlhos?* O Pa-
dre me respondeo, que Deos
lhe revelara hoje na òraçam o
triste estado, & certissimo peri-
go de minha vida, mas confusa-
mente, & em gèral: porèm que
depois dizendo missa lhe puzè-
ra diante dos òlhos meus pec-
cados tam clara, & distinctamē-
te, como ally mos dizia. E dōde

Anno d.
Companhia
15.

Como lhe
acudio.

Anno de
Christo de
1554.

mereci eu a Deos (acrecentava) estando já ás portas do inferno, que sua divina clemencia me quizesse livrar por sancto tam charitativo, & milagroso, que me deyxá confessado, & quieto, mas ferido, & atravessado de tam graves peccados. Destes exemplos pudéra contar muytos; & pudéra referir muytas cousas, que disse d'ante mam & depois socedêram, & parecêram prophecias.

Como lhe
revelou os
castigos
deste Rey-
no.

9 Nam foram menores os favores que Deos nosso Senhor communicava a seu servo por meyo da òraçam, manifestandolhe a divina sabedoria com luzes interiores muytos successos futuros, que ao diante acontecêram. Deyxo muytos, porque nam posso contar todos, porém nam deyxarey de referir hum notavel, & maravilhoso caso que lhe socedeo em Coimbra, no anno de mil quinhentos & oytenta, no principio das perturbaçoens, que desenquietaaram este Reyno, por morte do pijsimo Rey Dom Henrique, quando huns queriam sogeytar Portugal aos Reys de Castella, outros com os melhores letrados, bradavam pela senhora Dona Catherina, outros acclamavam ao senhor Dom Antonio. Por esta causa se faziam na Cõpanhia ao céu grandes òraçoens; & assim no mes de Junho do dito anno, de-

Anno da
Cõpanhia
15.

sejando o Reytor do Collegio de Coimbra, que era o Padre Miguel de Sousa, applicar o furor da divina justiça, fez expor em publico dentro da capella do Collegio o Sanctissimo Sacramento do altar, ordenando por casa huma solemne proçissam, em que hiam duzentos Religiosos com lumes nas mãos, & musica muyto devota, até chegarem à dita capella, aonde sobre o altar, que estava muy bem adornado, se havia de pôr a Custodia do divinissimo Sacramento, pera ahi se ter òraçam continua de dia, & de noyte, succedendo huns Religiosos a outros, em certo numero, divididos por suas horas, como entre nós se custuma fazer em casos semelhantes.

Como lhe
falou o Sã-
ctissimo
Sacramen-
to.

10 Entrando pois a proçissam pela capella, estava já nella posto de joelhos o Padre Leão Henriques, fazendo a Deos muy fervorosa òraçam, com grande copia de lagrimas, pelo bem do Reyno, do qual tanto mais sentia as calamidades presentes, quanto mais conheéra suas glorias passadas: cousa maravilhosa, que em aparecendo o Sanctissimo Sacramento, que vinha debayxo do pallio, no mayor fervor de suas lagrimas, quando com mais affecto pedia a Deos q̄ acudisse a este Reyno,

começa a ouvir da Custodia huma voz muy clara, & espantosa, com que o Senhor vinha dizendo, *Nam, nam, deyxame, deyxame, que hey de castigar, hey de castigar*: Estas palavras hia o Senhor repetindo muytas vezes da porta da Capella até o altar, aonde foy pôsta a Custodia. Eram as vozes tam claras, que o Padre Leám Henriques ficou atonito, & cheyo de temor, derramando muytas lagrimas, brádando no intimo de seu coraçam ao Senhor, pedindo com grande instancia misericordia, mas nam tinha outra reposta, mais que aquelle rigoroso *Nam*, que o Senhor repetia dizendo: *Deyxame, Leám, que hey de castigar*, conforme ao que em semelhante occasiam respondeo ao Propheta Hyeremias & quando mais dobrava as vozes, & multiplicava os gemidos, *Tu ergo noli orare pro populo hoc, nec assumes pro eis laudem, & orationem, & non obstitas mihi, quia non exaudiam te.*

12 Atemorizado o seruo de Deos com tam severo desengano, recolhendo-se a seu aposento, chamou ao P.^e Ignacio Martins, de que já faley, de cuja virtude, & espirito confiou este divino segredo: pedindolhe que encomendasse muyto a Deos o bem deste Reyno. Tudo isto referio fielmente o esclarecido varam o Padre Mestre Igna-

cio Martins, depois da morte do Padre Leám Henriques, & deyxou escrito de sua mam, em hum caderno, donde isto se tirou: nem entre nós ha duvida alguma da certeza desta revelaçam; & assim a ouvi contar, & prègar aos mais antigos, & autorizados Padres desta Provincia. E o tempo nos mostrou, nos muytos trabalhos, que depois vimos neste Reyno, a verdade d'esta comminaçam. Convem que vivamos de tal maneyra, que pois já vimos os castigos fulminados por peccados, experimentemos os favores, que se alcançam por merecimentos.

CAPITULO XXXVII.

Da virtude que tinha contra o demonio, & quam facilmente vencia suas perseguiçoes, & conbecia seus enganos.

MVy proprio he do mau espirito encontrar os varoens espirituaes, pondo em campo todo o poder das trevas, contra aquelles q buscam o pay das luzes; antes como he doutrina comua dos Sanctos

Padres,

g
Ierem. cap.
7. n. 16.

Como se
soube este
caso.

e
2. p. lib. 4. a
cap. 48.

^a
D. Greg. in
moral.

Sam muy
ordinarias
as tenta-
çoens do
diabo nos
servos de
Deos.

^b
Athan in
vita D. Ant.
Magi. Hier.
& alij in vit.
Patrum.

Padres (& em especial de Sam Gregorio ^a Magno) o diabo com mais teyma o persegue aos, que com mais valor lhe resistē. Com tudo nem sempre em todos os varoens sanctos permite Deos estas batalhas vizivelmente; & daqui vem que difficulosamente cremos estes successos; porque nam experimentamos estes golpes. Mas assim como nem todos os Sanctos sam igoaes nos merecimentos com Deos, assim nem todos sam semelhantes, nos encontros com o demonio. Das perseguiçoens, que este commun inimigo causou a Sancto Antonio o grande, dos açoutes que lhe deo, & medos, que lhe metia, nam nos fica já hoje rezam de duvidar, porque além de Sancto ^a Athanasi (a quem temos por oraculo) as contam Padres muy Sanctos: o mesmo encontro succedeo a muytos d'aquelles Sanctos solitarios: mas o diabo nam se contentando com perseguir Hermitaens do deserto, tambem vem tentar moradores da Cidade, & em especial àquelles que nam se satisfazendo com a perfeçam propria, procuram tãbem a salvaçam alheya. Bem se ve que d'aqui nacia a continua guerra que o demonio fazia ao Padre Leãm Henriques, permetindoo assim Deos nosso Senhor; pera mais apu-

rar sua vida, & autorizar sua virtude.

² Nam se podem facilmente contar as notaveis injurias, & repetidas vexaçoens, que o demonio lhe fazia: tratando de o inquietar no tempo da oraçam, & quando rezava as suas horas, apparecedolhe em medonhas figuras, & espantosas visagens. Rezando huma vez com elle de noyte as matinas o Padre Luis Serqueyra, Bispo que foy do Iapã, eys que subitamente lhe tira o espirito diabolico diante dos olhos a candeia que os allumiava, & ambos a viam andar pela casa descorrendo de huma parte pera outra, subindo agora pera o alto, & logo decendo pera bayxo, já fazendo circulos, & logo correndo em saltos; com taes mudanças, & com tantas sortes, que o companheyro nam se atrevendo a continuar (vendo semelhantes jògos, & diabolicas travessuras) se sahio do cubiculo, o que o Padre Leãm Hēriques muyto lhe estranhou, dizendolhe que nam tinha pera que haver medo d'aquelle (a quem rindose por zombaria, & desprezo chamava) diabinho. E nam foy esta a primeyra vez, que o demonio, como tam grande embusteyro, pretendeo perturbar com liviandades aos que nam pode

Das travessuras q
o diabo lhe
fazia.

Como lhe
apareceo o
diabo em
figura de
cam.

enganar com tentaçõens graves.

3 Muyto sabido foy o caso que socedeo ao Padre Leám Henriques em Coimbra, morando no sitio do noviciado velho, aonde nos criamos, & vimos por muytas vezes o pobre, & humilde cubiculo, (a que commummente chamavam do Padre Leám Henriques) no qual socedeo o caso seguinte. Abrio o Padre de noyte a porta da camara, hindo pera repouzar hum pouco: eys que ve o demonio em figura de hũ grande raseyro, deytado em a sua cama; & conhecendo o hospede q̄ tinha em casa, tam fóra esteve o animoso Padre de tornar atraz com a vista deste soberbo inimigo, que antes entrando, & hindo aante lhe disse: *Deyxate estar na cama, que melhor a mereces que eu, porque tu hũa sò vez peccaste, & eu muytas offendi a meu Senhor.* Dizendo isto, com huma generosa, & valente humildade se deytou debayxo da barra da cama, sobre que o demonio estava. Nam pode o soberbo espirito de Sutanàs esperar acto de tam profunda humildade do Padre, & logo de corrido se poz em fugida, saltando da cama, dizendo pera o Padre com voz humana, muy intelligivel, *Como es humilde Leám,* a fim, parece, de vencer por vaidade a

quem via tam armado com humildade (que o diabo como soldado velho nenhum lanço perde pera ganhar victorias.) Porèm o Padre que de longe conhecia os ardis, & traças de seu inimigo, logo pera o confundir, indo até a porta apos elle lhe disse, *Sou mais soberbo que tu;* que tal vez quando hum servo de Deos se chama mais soberbo, entam na verdade fica mais humilde: & desta maneyra triumphou este Leám ce-leste d'aquelle Cerbero infernal.

4 Nam se contentava o maligno espirito com semelhantes disfarces, & mudanças de figuras, com que humas vezes queria zombar, outras espantar ao servo de Deos: porque por vezes com licença de Deos, passava dos espantos aos açoutes (como antigamente lhe aconteceu com o bema-venturado Sancto Antám) & chegou ao espancar, & a lhe dar bofetadas no rosto. De tudo isto temos boas testemunhas, nam sò nos companheiros que ouviã semelhantes golpes, mas no mesmo Padre Leám Henriques, que o confessou a hum Irmã, gravemente perseguido, & acossado deste dragã infernal, o que succedeo desta maneyra. Sendo elle Reytor em Evora, havia hum Irmã coadjutor

Irmã
Andrè An-
nes muy
perseguido
do diabo.

no Collegio, chamado An-
lre Annes, homem simples, fi-
lho de lavradores ricos, de gran-
des, & de notaveis forças, & de
nam menor animo, cuja voca-
çam, & perseverança na Com-
panhia em tam robusta idade,
pelo valor da pessoa, por sua va-
lencia, & notavel estatura, foy
pelo commum inimigo muy
encontrada, tanto que no novi-
ciado, permitrindoo assim o Se-
nhor, pera mais prova, & mere-
cimento seu, o enchia de açou-
tes, & carregava de pancadas, &
muytas vezes o lançava muyto
alto pera o ar, sendo homem a-
gintado, grosso, & corpulento; &
era cousa maravilhosa, que sen-
do tam carregado, & dando tam
grandes báques, nam lhe fazia
mal algum; parece que o diabo
por ver a este Irmãem tam valê-
te em forças as queria provar cõ
elle; mas o pobre do Andre An-
nes era mais acostumado a so-
jugar o arado, que a lutar com o
demonio; & assim andava con-
tinuamente assombrado, & a-
tropellado de tam perverso cõ-
petidor; acudia à oraçam, re-
corria ao confessor, & dava
conta ao Superior.

5 Vendole huma noyte
muy affligido, & acoffado deste
infernall tyranno, foy demandar
ao Padre Braz Gomes seu con-
fessor, pediadolhe remedio
pera seu tormento; elle o le-
vou ao Padre Leãm Henriques,

que era Rcytor do Collegio;
recebeo o bom Prelado ao af-
fligido filho com grande affa-
bilidade, repetindolhe estas
palavras, *Tende bom animo Irmãem,*
nennhum medo, nem respeyto tenhaes
a esse cam infernal, que Deos omni-
potente tem prezo, & nam faz
mais que ladrar, nem pôde acome-
ter mais que quanto o Senhor lhe lar-
ga a trela, ou pera execuçam de ca-
stigo contra os maos, ou pera coroa
de premio pera com os bons. Nam
cuydeis, Irmãem, que sois só, porque
companheyros tendes na batalha, con-
solayvas comigo, que vos affirmo pelo
Senhor que hoje recebi na missa, que
todos os dias que me esqueço de fa-
zer certa devaçam, & de me ar-
mar muy de proposito contra essa be-
sta infernal, que aqui na cama me
enche de pancadas, & me dá bofe-
tadas, nem tenho outro remedio
mais que levantarme, & recorrer
à oraçam, & com isto desaparece.
Mandoulhe logo que trouxesse
ally a camã pera dormir no
mesmo cnbiculo, como fez;
alcançando d'ally por diante a
desejada quietaçam por via de
ste grãde servo de Deos o Padre
Leãm Henriques, ao qual, ain-
da que o diabo muytas vezes
inquietava, tambem muytas ve-
zes o reverenciava, antes por
isso tanto o perseguia, porque
tanto o temia.

6 O tempo em que mais
de proposito o inimigo o per-
seguia, & em que jugava de suas

Do como o
diabo o a-
meaçou.

Como por
meyo do P.
Leãm Hẽ-
riques fi-
cou livre
do diabo.

armas cõ mayor furia, era quando trazia entre mãos algum negocio de grãde seruiço de Deos, que tocasse à salvação do proximo. Andando huma vez pera dar remedio a huma pessoa, que por sy estava muy gravemente embaraçada, & pera com outros servia de grande laço do Inferno: o espirito enganador se fõy ao bendito Padre, a tempo em que já queria repouzar, ameaçando com grandes tormentos, cõ tratos, & açoutes nunca vistos, se tratasse de hir por dianre em lhe tirar das mãos aquella sua preza; riote o Padre do demonio, & muyto mais de suas ameaças, antes por lhe fazer mayores assintes, lhe disse, que folgava de saber quanto naquelle negocio hia interessado, pera cõ mais gosto por o peyto ao concluir, desfaziase o maligno tentador em ira contra o seruo de Deos, bramindo, huyvando, ameaçando, & ferindo fogo de sapareceo, contentandose entam cõ fulminar ameaças, pois lhe nam davam l. cẽça pera dar feridas.

7 Outra vez estando em Almeirim com a Corte (ao tẽpo que elle a seguia, por causa do Serenissimo Cardeal Infante, de quem era confessor) porq̃ o seu incançavel espirito, & abraçado fervor da charidade, nam tinha ally occupaçam que lhe bastasse, passava cada dia o

rio Tejo, pera buscar ao longe em que ajudar ao proximo, hindo-se à nobre, & populosa villa de Sanctarem, aonde prẽgava, fazia praticas, & lia todos os dias huma liçam de casos aos clerigos, que ajuntava; tornando depois disto a dormir em Almeirim. Neste mesmo tempo succedeo, que por causa de effeytuar huma obra do seruiço de Deos, ficou huma noyte o Padre em Sanctarem com seu companheyro (que entam era o Padre Ioãm Alvrez, que depois fõy Provinciãl desta Provincia, assistente em Roma, de nosso Reverendo P. Claudio Aquaviva, & a segunda vez Provincial, & Visitador de Portugal.) Estando pois o Padre Leãm Henriques já na cama pera repouzar, começou a dizer, & repetir affectuosamente o nome de IESV, como quem temia, ou já tinha hum forte encontro cõ seu declarado inimigo, & nam o querendo esperar na cama se levantou de prẽssa, & começou a passear pela casa, benzendose a cada passo, como quem se armava contra algum novo assalto, que ja estava prevendo, esperando em pé, vigiando, & orando.

8 Espãtase o companheyro, que estava acordado, da novidade: vigia, espreyta, deseja ver em que aquelle successo vem a parar; senam quando de impro-

O que lhe succedeo em Sanctarẽ.

De como
desprezou
hum tormento.

viso se levanta hum terrivel, & repentino pe de vento, que com espantoso estrondo da na janela que estava fechada, & trancada, & bem ajustada com hũa cunha, abalroandoa, com tanto impeto, & estrondo, que a tranca, & a cunha saltando do seu lugar, vieram a cahir no meyo da casa, deyxãdo a janela aberta de par em par: tremeo o companheyro, & brãdou, entendendo, que tam repentino tufam, estrãdo o tempo muy sereno, nam podia ter causa natural: porẽm o animoso Leãtã, como soldado velho, & experimentado em semelhantes combates; ficou intrepido, & sem temer no meyo deste grande terremoto; fazendo o final da Cruz, & repetindo o nome de IESVS, tam seguro, & tam sem medo, que logo o foy tirar ao companheyro; dizẽdo-lhe que dormisse, que nam era nada; & tornando fechar a janela, se recolheo, & tomou o sono muy desapressado, & seguro (como succedeo a Christo Senhor^b nosso; quando no meyo da tormenta da naveta dormia seguro na popa) tam senhor era de sy, & tam superior do demonio, que quando mais o acometia, todos seus alsõbros paravam em terremotos fingidos, & em tormentas phantasticas, mostrando o Padre mais desãfialo, que temelo.

9 Era grande o poder que

tinha, por virtude divina, contra os endemoninhados; chamado hum vez em Coimbra, pera hũ estudante que andava alsõbrado, & inquieto, por o demonio lhe aparecer, & importunamente o avexar todas as vezes, que de noyte, apagando a candeia, ficava as escuras; veyo o Padre a visitalo de noyte, consolao, animao, exhortao a fazer hũa confissã gẽral, & estando elle muy contente, & resolutio em assim o fazer, de repente lhe apagãram a candeia, & logo o pobre mancebo começa a brãdar, pelo eff-yto que nelle causava o mau espirito, que por ser pay das trevas, as escuras o acometia. Entra o Padre em fervor, faz oraçam a Deos, lança mamdo pobre estudante, esconjura o demonio, mandalhe da parte de IESV Christo, que sahisse, & nunca mais entrasse, nem perturbasse mais aquelle estudaẽte: foy assim por virtude divina, q logo o espirito maligno se ausentou, & desistio totalmente da perseguiçam, que fazia àquelle affligido mancebo: assim obedecia o ministro do inferno a este Leãtã do cẽo.

io Deyxo os mais exemplos, nesta materia por serem muytos, sõ quero apontar por ultimo o que lhe succedeo com hum demonio, que tendoo lançado a primeyra vez, tornou dally a hum anno atormentar o

Do poder
que tinha
contra os
endemoninhados.

^b Mat. c. 8. n. 24. Iplẽ veyro dormiebat.

melmo homẽ: & como os seus amigos sabiam que a primeyra vez lhe tinha vindo tanto bem por meyo do Padre Leãm Hẽriques, o tornãram com grande fé a demandar: faz elle seus costumados exorcismos, falalhe, esconjurão, faz òraçam, & roga a Deos por elle, sem o forte armado querer largar a casa, de que tinha tomado posse. Vendo isto o servo de Deos, vayse com o endemoninhado demandar o Padre Ignacio de Azevedo, entram Vice-provincial, & depois Martyr glorioso (como já^c contey) pedelhe com grande instãcia queyra elle lançar fóra aquelle demonio tam pertinaz: recusou o humilde Prelado, dizendo que aonde estava hum capitã tam exercitado em semelhantes victorias, nam havia pera que demandar a hum soldado bisonho; humilhase o servo de Deos, espantamse os circunstantes d'aquella novidade, de nam poder o Padre Leãm Henriques, por sy sò lançar hũ demonio, tendo vencidos tãtos. Mas Deos (que pera humilhar a hum Sancto, lhe poem outro diante, pera que o venere, & reconheça, como fez ao grande Antonio, revelandolhe a mayor sanctidade de Paulo^d primeyro Ermitã) inspirou aqui ao P. Leãm Henriques que soubesse, que nam queria concorrer com elle, quando tinha presente tal

Superior: assim lho pedia o humilde subdito, atẽ que o servo de Deos o Padre Ignacio de Azevedo tomou a lobrepeliz; & começou a fazer os exorcismos; foy cousa maravilhoza, que em o Padre Ignacio de Azevedo abrindo a boca, & começando a dizer as primeyras palavras, logo o pertinaz espirito deyxou a posse em que estava, ficando o homem totalmente livre, & desassombrado: ensinandonos Deos nosso Senhor neste caso, quanta mais força tem a sogeyçã humilde, que a òraçam fervorosa.

II Nam deyxarey de cõtar, por remate deste capitulo, como entre os endemoninhados que traziam ao Padre Leãm Hẽriques, pera buscar remedio por meyo de sua sanctidade, achou muytas vezes pessoas, que por intentos particularès, & por pezo de desgostos, ou liviandade de cabeça, fingiam ter demonios, que os atormentavam, causando nelles a malicia dissimulada, o que nos outros effectuavam demonios verdadeyros: potẽm assim como Deos dava a seu servo virtude, pera lançar fóra estes, assim lhe dava luz, & sciencia pera conhecer aquelles, aos quaes tambẽ curava com particular destreza, & cõ muyta graça. Os exorcismos de que usava, pera estes endemoninhados fingidos, eraõ

O P. Ignacio de Azevedo lança o demonio.

Cõmo curava algũs que se fingiam endemoninhados.

^c
2. p. l. 4. a
c. 6.

^d
Hier. in vi a
Paul. Eremitã.

fortes açoutes, & rijas disciplinas, que lhes mandava dar. Dizendo a quem pertencia governar estes diabolicos hypocritas, que em vindo o mau espirito, lhe acudissem logo com as disciplinas, & não cessassem de dar rijamente, até que o diabo de todo se acolhesse. **Bram** estes exorcismos tam efficazes, & este remedio tam acomodado, que tal vez sò a receyta delle, bastava pera os dar saos; porque se ha huns demônios verdadeyros, que como dizia Christo Senhor nosso, sò se lançam com força de oraçam, ha tambe outros fingidos, que nam fogem, senam a poder de açoutes.

CAPITULO XXXVIII.

*De sua fervente charidade,
& amor que tinha aos
proximos.*

I Charidade pera cõ o proximo era a virtude que mais encomêdava Sam Pedro, & a que mais estimava Sam Ioam Evangelista, como discipulo mais querido de tal mestre, & por isso a huns seus ouvintes, que já se cançavam de tantas vezes lhe repetir o amor do proximo, & lhe pergütavam porque sêpre lhe falava o mesmo, lhe respondeo (como diz

Sam^b Hieronymo huma sentença, digna de tal Apostolo) *Porque he preceyto do Senhor, este sò bem executado basta pera nos salvar, Notavel foy a charidade, ferventissimo o amor pera com o proximo, que ardia no coraçam do P. Leam Henriques; com tanta prêssa acudia a qualquer falta, ou aperto do proximo, que sendo moçam de graça, parecia inclinaçam da natureza. Nam cabia em seu fervoroso zelo dissimular com o trabalho proprio, quando via que era necessario pera remedio alheyo.*

2 Avisarãmno huma vez que dous homens graves se tinham defafiado, vayle a toda a prêssa ao lugar do defaio, & achandoos já na briga, ferindose às estocadas, & cutiladas, resolutos com a cêga opiniam da hõra mundana, & da payxam infernal, a se matarẽ: entra o animoso Padre pelas espadas nuas, deyxã cahir dos hõbros o mantêo, descobre as costas (indo já pera isto preparado) começãse a disciplinar, & ferir com tanto rigor, que recebendo em sy os golpes da sancta penitencia, fez cessar os do barbaro defaio: porque os dous combatentes, movidos com tal exemplo de charidade, lhe renderam as armas a seus pés, confessando a elle por mais valête, & por unico vencedor, & arrepedidos do assado. deyxãram o odio, de-

^b
In com. in Epistol. ad galat. Quia præceptum Dñi est, & si solum fiat, sufficit.

*Como avu-
dio a hum
defaio.*

^e
Mat. ca. 9. n. 29. Hoc genus demonum non aueritur nisi in oratione.

^a
Pe. 1. ca. 4. n. 8. Super omnia autem hæc charitatem conueniam habentes.

tam as mãos, em final da verdadeira amizade, & se tornaram amigos pera casa, dizendo confiadamente, que o Padre Leão Henriques melhor sabia esgrimir das disciplinas, do que elles jugar das armas.

3 Agravo fez grande a sua charidade, quem lhe deo em culpa haver desaffeyçoado a el-Rey Dom Henrique da justiça da senhora Dona Catharina sua sobrinha, sobre o direyto da successam do Reyno, & avelo inclinado a favorecer a el-Rey de Castella (como quer persuadir hum autor Genoyez^b na historia que fez da uniam deste Reyno com os de Castella) dando por causa de assim o fazer o temor que tinha del-Rey Felipe. Nam conhecia o valor de seu peyto, & os brios de sua charidade, que tal imaginou, porque se por cõservar a paz entredous particulares, nam temeo os fios das espadas, & se meteo entre ellas, quanto mais faria, & he certo, que fez, por conservar a paz entre dous Reynos Catholicos, & entre Princepes tam aliados por sangue: o certo he, q̃ lhe nam faltou prudencia pera aconselhar a el-Rey Dom Henrique, nem lhe faltou animo pera resistir às pretenções de Castella, nem charidade pera acudir a sua patria; porẽm faltou a resoluçam, no Principe seu cõfessado, pela rezam que já apõ-

tey, & nam he culpa nova ficarem culpados os validos, nos desacertos que cometem os Reys; porẽm este entam nam teve remedio, porque assim estava assentado em outro mayor tribunal, a quem nam puderam resistir os conselhos do Padre Leão Henriques.

4 Agora tornemos a falar em sua grande charidade, que senam mostrou menos afficaz, & engenhosa, quando sendo já muy velho, veyo de Evora pera Lisboa com hum Irmão muy achacoso, que vinha mudado por parecer dos medicos, & ordem dos superiores, pera ver se com a mudança dos ares, podia melhorar na laude; tomouos a noyte em hũa casa desabrigada, que estava no meyo da charneca, sem cama, nem bastante galhado pera curar do seu enfermo; desfazia se em sentimento o charitativo servo do Senhor, de pura compayxam, até que sua engenhosa charidade lhe ensinou a tirar de seu mesmo vestido, pera fazer ao enfermo hum modo de cama, em que se pudesse encoltar: ficando elle desacommodado, & vigiando sobre seu companheyro (porque a charidade aonde está em seu auge nam deyxã dormir, nẽ descansar) & achando que o Irmão nam dormia, por ter os pès muyto frios, & quasi enregelados: nam tendo ally fogo, com

Grande charidade que usou com hum enfermo.

^b
Hier. Frãqui
in unione
Lut. cum
Castel. l. 3.
pag. 81.

*Engano de
Ieronymo
Franqui.*

que

que lhos podesse fomentar, tratou de lhe acudir com o remedio que lhe ensinava o fogo de sua charidade; pbenhe aos pès do Irmã doente, desabotoa o bom velho a roupeta, & o jubam, abre o vestido interior, & tomando os pès quasi enregelados do enfermo, es meteo dentro do seu proprio peyto (que ardia em fogo de charidade) pera com a quẽtura natural lhe dar algum calor, & alivio.

5 Esta era a fervorosa, & muy sabia beneficẽcia deste sancto velho. A charidade tem hum coraçam muy largo (como de sy dizia Sam Paulo, ^a *Cor nostrum dilatatum est*, com esta recolhia o P. ao Irmã sobre o peyto, desejava de o meter dentro do coraçam. Estas, & outras traças sabe usar, & descubrir o sutil engenho, & o grande saber da charidade, q por isso o mesmo Sam^b Paulo disse, que a sciẽcia da charidade era superior a todas as outras sabidorias: & ao menos, quem negarã que a charidade he mais engenhosa, que a necessidade, que tantas traças tem inventado: esta pera escapar dos frios dos Alpes inaccessos, ensinou ja aos homẽs, que pera remedio do frio; buscassem quentura, nas entranhas dos animaes, abrindoos vivos, & metendose dentro d'elles. Mas a charidade deste servo de Deos passou a diante, porquẽ pera dar

remedio a hum enfermo tam necessitado, lhe ensinou a abrir seu proprio peyto, & da maneyra que podia metelo em suas entranhas, as quaes se estavam quentes, a alma estava hum fogo, que he o que disse Sam Lourenço ^c Justiniano, *Charitas ignita reddit animam.*

6 Pera com os enfermos era tam compassivo, & affectuoso, que quando estavam com dores nam sabia sahirse da enfermãria, a fim de os cõsolar, & aliviar: huma vez, entre outras, lhe succedeo, estando no Collegio de Coimbra, & sendo Provincial, estar com hum doente apertado de dores, por espaço de sete horas continuas, atẽ que por seu meyo, foy Deos nosso Senhor servido darlhe remedio, & alivialo. Dizia que esta occupaçam de paternal charidade era tam importante na Cõpanhia aos Superiores, que mais se haviam de prezar de assistir aos enfermos, que de acudir aos governos. Infallivelmente os visitava todos os dias por muytas vezes, sendo Superior, perguntando a cada qual, com grãde cuydado, & notavel diligẽcia, como se achava? como passara a noyte? que lhe ordenara o medico, & como se executara? Elle era o primeyro que pela manhã entrava pela porta do enfermo, abria a janella, inquirendo, como passara aquella

noyte?

^a
Ad Corint.
6.n.11.

^b
Ad Ephes.
c.3.nu. 19.
Super eminente sciẽtia charitatem Christi.

^c
Lib. I. de ligno vitæ
cap.3.

Outros exemplos de sua muyta charidade.

noyte? com tam sollicita diligência, que todos reconheciam, & veneravam no servo de Deos hũ singular amor, & hum raro affecto, nam sò de Superior, que mostrava cuydado, mas de pay que tinha amor.

7 Nam parava sua charidade com os Religiosos de casa, com a mesma recolhia, & agasalhava os hospedes, & peregrinos que vinham de fóra: em sabendo da chegada de algũs, cortava por qualquer occupaçam, ainda que fosse muy precisa, & sahia logo aos receber á portaria, com rosto tam alegre, que bẽ mostrava a interior alegria, abraçandoos com tanto affecto de charidade, que parecia querelos récolher, nam sò no Collegio, aonde os aceytava, mas dentro na alma, aonde os desejava. Nam abafava com muytos hospedes, antes se recreava com os ter em casa, nem lhes perguntava nunca quando se haviam de hir, porque desejava de os ter, & nam buscava traças pera os dẽspedir; & ordinariamente lhes lavava os pẽs de joelhos, & nem por isso com ter tantos hospedes, lhe faltava com que os agasalhar, porque a charidade, como diz Sancto Agostinho,^d tem grandes thesouros: & nam sam obras de charidade exercitadas com os hospedes (como dizia o mesmo Padre Leãm Henriques) as que

empobrecem as casas, & os Collegios da Companhia.

8 Sendo Reytor em Braga, alguns nossos, que hiam pera o Brazil foram roubados na cõsta, por cossarios Arrochelezes (que naquelle tempo infestavam os mãres) & foram por elles lançados em huma ria de Galiza, depojados de seus vestidos, maltratados, & quasi mortos de fome; vieram estes Religiosos demandar o Collegio de Braga; nam se pòde crer o gosto que o bom Padre sentio em receber, & agasalhar estes roubados: com todo o alvoroço, com grande benignidade, & notavel pressa os foy receber á portaria: & logo lhes mandou cortar mãtẽs, & roupetas nõvas, do melhor pano que achou na terra, sem esperar, nem querer receber satisfacaõ alguma da Provincia do Brazil, a cuja custa os taes Religiosos se proviam do necessario (que a charidade, quando he verdadeyra sò poem os õlhos em Deos, & nam quer paga da terra, porque espera satisfacaõ divina.) E assim como era liberal pera com os os hospedes, era charitativo pera com os de casa, tanto que lhe davam algũa roupetã, ou qualquer outra peça, a dava a algum Irmãõ, que via andar mais pobre, & tomava pera sy o seu vestido velho, fazendoo remendar, privandose de boa vontade de qualquer

Como agasalhou a hũs nossos q vinham roubados.

Como era charitativo com os hospedes.

^d
Aug. de laude charitatis.

cômodidade sua, pera remediar aos outros.

9 Estando os Padres juntos em Congregaçam provincial, na casa de Sam Roque em Lisboa, sabendo que faltava a hum Padre o cabeçal, por ser a casa pobre, & os hospedes muytos, elle tirou o que tinha, & lho levou, ficando desprovido todo o tẽpo da Cõgregaçam, mas por outra parte muytẽ accõmodado, porque sua grande charidade entam se dava por mais satisfeyta, quãdo via aos outros melhor remedidos. Nenhũas faltas mais estranhava na Companhia, que as da charidade; & soffrendo algũas com brandura de cordeyro, pera castigar aos que faltavam na charidade se mostrava verdadeyrãmente Leãm, affirmando, que em nenhuma virtude se haviam de criar com mais cuydado os filhos da Cõpanhia, que no amor, & charidade de seus Irmãos.

10 Sendo esta a charidade do Padre Leãm Henriques em acudir às faltas corporaes, muyto mais solícito, & cuydoso era em procurar remedio às espirituaes; nam soffria, que por temor de desgostar a hum doente, se lhe encobrisse o perigo em que estava, dizendo que hum Religioso nam tem que estranhar a morte, quando lhe vem por casa, & muyto menos semelhante aviso,

pois he certo que os Religiosos dizem, que vem à Religiãm buscar huma boa morte, & assim convem tomala, com grande alegria, & alvoroço, pois chegam a alcançar o que vieram pretender. Acrelcentava, que seria grande injuria da Religiãm acharse nella a fraqueza, de que nesta parte usam os seculares, nam ousando dar semelhantes desenganos; & que aquelle era mais avisado, que melhor recebia semelhante aviso. Soube elle que estava, havia dias, muyto mal, em Coimbra, com doença muyt prolongada o Padre Miguel de Souza, seu grande amigo, em o Senhor, & Reytor do mesmo Collegio (do qual já faley neste livro) ao qual por ser tam amado dos subditos, por sua bondade, pureza, devaçam, & autoridade, tratavam os Irmãos de alegrar, a fim de lhe estender mais a vida, sem acabarem de o avisar pera effeyto de morrer.

11 Vivia neste tempo em Braga o Padre Leãm Hẽriques, & logo escreveu a Coimbra ao dito Padre huma carta cheya de verdadeyro amor, & sincera charidade, avisandoo como estava no fim da carreyra, & em vesporas de hir gozar de Deos; & com ser grande a magoa do que perdia neste apartamento, que mayor era a enveja

Estranhava as faltas da charidade.

Como era animoso e desenganar os enfermos.

2.p.l.5.c.5.

Como escreveu ao P. Miguel de Souza.

*Como avisei
sou pera
morrer ao
P. Miguel
de Souza.*

pelo nam poder logo seguir: & porque tam boas novas senam deviam encubrir, elle de longelhas queria dar, como verdadeyro, & fiel amigo, que de boa vontade, mais tomara acompanhalo em pessoa, que escreverlhe por carta. E assim por alviçaras de tam boa nova lhe pedia, que chegando á vista de Deos, se lembrasse de rogar por quem ainda ficava no câpo peleyjando, certo do perigo, & duvidoso da victoria. Esta carta recebeo o Padre Miguel de Souza, com grande alegria de sua alma, louyando muyto tam certa prova de verdadeyra amizade: & logo dando de mam às visitas, com que o pretendiam aliviar, tratou muy de proposito das cousas que o podiam salvar; despondo sua alma com amorfos colloquios ao cêo, sem tratar de outra cousa, até a hora, em que cõ o aparelho de lõge, & com este tam affectuoso de perto, sahio sua bendita alma a receber os alegres abraços de seu divino esposo. 11

12 Desta sua tam fervorosa charidade, nacia a grande efficacia com que se empregava na salvaçam das almas: nunca se negou pera fazer confissoens, suas praticas na conversaçam sempre eram muy sanctas, sem admittir nunca que nos tempos que chamamos de repouso (quando os nossos de-

pois da mesa, se ajuntam em conversaçam) se praticasse em cousas de negocio, nem ainda indifferentes, senam em cousas que pertenceessem à salvaçam. Tinha especial graça do Senhor pera tirar escrúpulos, & serenar consciencias perturbadas, & inquietas. Nam houve nunca subdito, por mais affigido que andasse com nuvens de escrúpulos, ferraçoens, & escuridades de duvidas, & imaginaçoens, a quem o Sol das boas palavras do Padre Leão Henriques nam alumiasse, & mudasse das trevas escuras em hum dia claro, & sereno. Nam houve subdito que em suas tentações, & trabalhos recorresse ao Padre Leão Henriques, que nam achasse nelle o remedio certo, & a consolaçam desejada. Recebiaos com rosto alegre, abraçavaos com paternal affecto, falavathes com muyta affabilidade, parece que os desejava meter no coraçam. Com isto estava, que quando em algũs via malicia, & obstinaçam, era espantoso o rigor, & determinaçam cõ que se mostrava Leão pera castigar os inquietos; & perturbadores da paz, & postõq os meynos ordinarios de qũlãva pera ajudar ao proximo eram confessar, aconselhar, & exhortar familiarmente à virtude; com tudo nam deyxava muytas vezes de pregar, em especial a gente,

Como cõsolava a seus subditos.

justiça, & quando se lhe offerecia occasiam lhe acontecia na mesma manhã prègar em tres freguesias diferentes, & distantes huma legoa da outra, porque nam havia distancia aonde nam abrangesse a ligeyreza de sua fervorosa charidade.

CAPITULO XXXVIII.

Dos cargos que teve, & com quanta perfeçam os exercitou, & da muyta moderaçam que teve na privança como Infante Cardeal: de como foy a Roma a huma Congregaçam gèral, & do que lá lhe succedeo.

Foy Reytor de Evora, & de Coimbra.

Foy o Padre Leão Henriques Reytor do Collegio de Coimbra com o bom exemplo, & grande edificaçam, que temos visto; depois se mudou com o mesmo cargo de Reytor ao Collegio de Evora, aonde foy o primeyro Reytor d'aquella Vniversidade, procedendo da maneyra que himos vendo. No tempo que em Roma se celebrou a segunda Congregaçam gèral, na qual no anno de 1565. se elegeo pera Preposito gèral o Padre Francisco de Borja (antes Duque de Gan-

dia) foy por elle nomeado o P. Leão Henriques Provincial desta Provincia, que governou com tanto zelo, prudencia, & charidade, que com rezam lhe foy estendido o tempo de seu governo, por espaço de sete annos. Neste mesmo tempo o elegeo ram por Deputado do conselho gèral do Sancto Officio, & posto q' sua Alteza lhe fazia muyta força, pera aceytar este cargo, resistio, em quanto lhe nam declararam nam ler contra a prohibiçam que neste particular tinha feyto nosso Sancto Patriarcha, essegurando que o officio de Deputado, sô era pera ser conselheyro, & nam lhe havia de servir de degrao pera aceytar ser Inquisidor; porèm nã ca se pode acabar com elle, que nos autos da fé se assentasse no lugar de semelhantes Deputados; porque nam pretèdia a hõra do cargo, mas o trabalho da occupaçam; pera isto hiasse metter entre os penitentes relaxados, tomando sempre a sua conta acompanhar, & ajudar algum delles até a morte: o que tãbem depois fez o P. Jorge Serram, q' lhe succedeo nam menos na dignidade do officio, que no exercicio da humildade: no qual cargo ambos estes dous Padres fizeram grande serviço ao Sancto Officio, ordenado as cousas do seu governo da maneyra, que hoje as vemos; em especial o P.

Como foy eleyto Provincial.

Foy do conselho gèral do Sancto Officio.

Leãm Henriques, por ser o confessor do Cardeal, que era o Inquisidor gèral, cujos pareceres, ordinariamente, seguia.

2 Porque vendo o prudentissimo Princepe Dõ Henrique quam bem lhe fora com o Padre Leãm Hèriques na sua doença, da qual o curou (& foy milagrosamente, como atraz contamos) tratou de lhe entregar tambẽ a cura de sua alma; escolheo por seu cõfessor, & pera o nam largar de seu lado, escreveu a Roma, pedindo o ao P. Diogo Laines, que naquelle tempo era Preposito gèral de nossa Companhia, como já cõtey; foy a resposta que nam sò o Padre Leãm Henriques, mas toda a Companhia sogeytava, & punha nas reaes mãos de sua Alteza; pera della se servir, como lhe parecesse mayor gloria divina: começou logo o serenissimo Infante a entregar sua alma ao P. Leãm Henriques, & continuou com tanta perseverança, que começando a confessarse com elle, no anno 1556. o reteve por vinte & quatro annos em toda a sua vida, que acabou no anno de 1580. morrêdo com o Padre à sua cabeceyra em Almeirim, & deyxando nomeado por hum de seus testamenteyros.

3 Notaveis foram os religiosos primores, de que usou este sancto confessor, & grãde vallo do Cardeal Infante, porque

andando no Paço mais de vinte annos, tendo a mayor entrada, & valia com Princepe tam alto, & tam poderoso; sempre se conservou na pobreza, & humildade, de hum mais pobre, & mais humilde Sacerdote; nenhũa hora, nem dignidade quiz aceytar, & muyto menos tenia alguma, ou ordenado, por mais que Sua Alteza, sêdo Cardeal, & depois sendo Rey, lhe fazia força pera a aceytar; querendo, como verdadeyro religioso sahir tam pobre da Corte, como entrara, prezando mais os thesouros escondidos na pobreza humilde, que as riquezas fingidas do mundo enganado: por mais multiplicadas que fossem as hidas ao Paço, sempre andou a pé, com hũ Irmãm por companheyro: & isto goardou ainda quando o serenissimo Cardeal morava em S. Bento de Enxobregas; ou nos Paços de Enxobregas, que he exemplo raro; vista a distãcia q̃ vay de S. Roque a estes sitios.

4 Tendo parentes da melhor fidalguia do Reyno, q̃ pudera acrelçar cõ grossas rendas, & grandes dignidades (pelo muyto que o Princepe lhe deferia) nũca se pode acabar com elle que intercedesse por algũ, dando por rezãm que nam deyxara o mundo pera na Religiãm ser procurador de seus parentes, em cousas temporaes, & que nas espirituas nunca lhes

*Como se
houve em
suas pri-
vanças.*

Foy cõfessor do Cardeal Infante.

2. p. l. 5. c. 18

*Do odio
sancto que
vinha a
seus parê-
tes.*

faltaria. Foy tam admiravel, & tam raro este desapegamento, que os mesmos parentes se vieram a persuadir, que o Padre Leãm Henriques lhe desviava, & impedia seus bõs despachos; assim lho lançou em rosto; certo fidalgo grave sobrinho seu, que vindo o Padre do Paço, lhe disse com grande indignaçam, *Padre Dom Leãm, lembreyos que vossos parentes sam proximos, & já que eu sou vosso sobrinho, lembreyos, que se me nam fizerdes bem, ao menos nam me façaes mal:* & posto que elles se enganavam em cuydar que o Padre os encontrava, acertavam em dizerem que os nam favorecia. Em que confessor de Principe, ou em que valido de Rey se acharà hoje tal resoluçam, & odio sancto a seus parentes? Raro, & espantoso exẽplo sem duvida foy este: porẽm esta Philosophia nam a entendem, senam os verdadeyros discipulos d'aquelle ^b Mestre, que dizia, que vinha ao mundo a meter odio entre os parentes, & que nam viera a trazer paz, senam pera a pregoar guerra: mas muyto poucos dos que sam validos ouvem este pregam, pois vemos, que o mesmo he montarem elles, & luzirem os parentes; malquistado o Principe, por enriquecer seus aliados.

5 Porẽm sendo o Apostolico varam tam isento pera seus parentes, era notavelmente cha-

ritativo pera com os pobres, & pera estes havia muytas esmolhas do liberalissimo Princepe, o qual mandou dividir por sua ordem aos pobres da cidade de Evora, como em quadrilhas, acudindo a todos liberal, por meyo de seu charitativo confessor. Sõ pera os pobres, & pera a Companhia pedia mercès ao Serenissimo Princepe, & ainda que foram muytas as que nos fez cõ larga vontade, & real magnificẽcia, muytas mais fizera, se a modestia do P. Leãm Henriques as permittisse, posto que elle lhe pedia muytas vezes por unica mercè, que nam estimasse a Companhia por amor delle, senam a elle por respeyto da Companhia, pois a elle nada se devia, & tudo à Companhia.

6 Fezle, como já toquey atraz, ^c no anno de 1572. a quinta Cõgregaçam Provincial, pera se tratar dos que haviam de hira Roma à eleyçam do novo Gẽral, por morte do P. Frãcilco de Borja, & como entam morava no Collegio d'Evora o Cardeal Infante, & estava na mesma cidade el Rey D. Sebastiam, & mostraram gosto de que naquelle Collegio se celebrasse a Cõgregaçam, os Padres o ordenaram assim: era Provincial o P. Iorge Serram, & nella se juntaram todos os professos de quatro votos Superiores, & procuradores da Provincia, em Ianeyro

*De sua
muyta cha-
ridade.*

^c
2. p. lib. 5. c.
13. n. 6.

*Cõgregaçam em q
foya Roma.*

^b
Mat. ca. 10.
n. 34. Non
veni pacem
mittere sed
gladiũ; veni
enim separare
hominem ad-
versus patrem
suum, &c.

de 1572. foram eleytos pera hir a Roma o Padre Miguel de Torres, & o Padre Luis Gõçalves da Camara, que entam era mestre, & confessor del Rey Dõ Sebastiam; & porque mostrou el Rey sentiresta auzencia, em seu lugar, foy eleyto o P. Pero da Fonseca; & porque adoeceo o Padre Iorge Serram Provincial, foy em seu lugar a Roma por Vice-provincial o P. Leãm Henriques. Muyto sentio o Serenissimo Cardeal, haver de ficar aquelle tẽpo sem o seu prezado confessor, porẽm o grande proveyto, que de sua hida podia resultar a toda a Companhia, lhe fez levar melhor esta auzẽcia; & pera mayor authoridade do mesmo Padre, escreveo o Augustissimo Princepe ao Sancto Padre Gregorio XIII. dandolhe a conhecer o Padre Leãm Henriques, & os grandes dõtes do cẽo, que nelle concorriam: a esta informaçam respondeo a honra, que o Summo Pontifice lhe fez, o qual mandou aos porteyros do seu sacro Palacio, que a qualquer hora dẽsem livre entrada ao Padre Leãm Henriques pera lhe poder falar; dos quaes favores elle usou com toda a moderaçam, & humildade.

*Como se
houve na
eleyçãõ do
nosso Gẽ-
ral.*

7 Na eleyçam do novo Preposito gẽral procedeo com seu custumado zelo, & grande valor, porque sabendo que que-

ria eleger pera Gẽral hum de dous Religiosos, nos quaes se bẽ concurriam muytas, & muy illustres partes, faltava huma muy principal: & levando elle muy encõmendado de Portugal, que nam fossem admittidos na Cõpanhia os que tivessem aquella tacha, mal podia aprovar nelles semelhante eleyçam de gẽral, & assim resistio o Padre, como generoso Leãm, & finalmente prevaleceo o seu parecer, deyxando as pessoas de quem tratavam, & escolhendo outra, q̃ mais convinha.

8 Houve porẽm grandes difficuldades neste negocio, & procurou o Padre Leãm Henriques por via de Sua Sanctidade impedir a eleyçam das pessoas, em quem se falava; & como nam era bem que expressamente se nomeasse estas, mandando-se que os nam elegessem (porq̃ se lhe faria grande affronta, sem elles a merecer) & como por outra parte havia trinta & dous annos q̃ os Padres Hespanhoes governavam a Companhia, sendo Gẽraes, em cujo numero entam entravam os ditos Padres (hum por nascimento, outro por domicilio) se usou de hum meyo, que parecia mais brando, porque alcançou o Padre Leãm Henriques da parte do Summo Pontifice significaçam de querer que d'aquella vez nam fosse eleyto em Gẽral nenhum Padre

*Das diffi-
culdades q̃
houve na
eleyçam do
Gẽral.*

Hespanhol, nos quaes eltes se incluïam: o que posto que foy muy sentido pelos Padres Castelhanos, porque tomãram por affronta propria, o que se fazia com outro fim; & ainda que houve por parte de sua Sanctidade modificaçam desta lua ordem, quando soube do grande sentimento dos Padres Castelhanos; com tudo se alcançou o intento, de nam sahir por Géral nenhum d'aquelles sogeytos; & assim foy eleyto o Padre Everardo Mercuriano, Framengo, do País de Liega, que tinha sido Assistente do B. Padre Francisco de Borja, & era varãm de grande religiam, inteyreza, & prudencia.

9 Esta historia, por diferentes termos, conta muy largamente o Padre Pedro de Ribadeneyra, ^c no capitulo primeyro do livro sexto da Chronica das Provincias de Hespanha da Cõpanhia de IESVS (que anda escrita de mam) & culpa muyto ao Padre Leãm Henriques, como se elle impedisse a dita eleyçam, em òdio da naçam Hespanhola: porèm a verdade he o q̃ temos contado, porque nos cõtra por cousa certa que o Padre Leãm Henriques neste negocio nam condenava a naçam, mas reprovava certo inconveniente d'aquelles sogeytos: nem pretẽdia, que na Congregaçam houvesse alvorotos, senam que hou-

vesse acerto na eleyçam do Géral, na qual nam procedia por payxam, contra algũs, mas com desejo de acertarem todos, pela causa que tenho dito, que sabemos muy evidentemente os da Provincia de Portugal; & se o Padre Pedro de Ribadeneyra, tivesse d'isto a verdadeyra noticia, que nõs temos, poderia perdã ao Padre Leãm Hériques, assim como diz, que o Padre o pedio na Congregaçam; porque na verdade as resistencias do Padre Leãm Henriques, nam eram contra a pessoa do Padre Mestre Ioãm de Polanco, como diz o Padre Pedro de Ribadeneyra; a outro fim atiravam suas diligencias, que bem pôde acontecer contentarnos hum homem pelo que tem de sy, & desagradarnos pelo que herdou de seus pays.

10 Tornando a Portugal foy outra vez Reytor do Collegio de Evora, & revolvendose o Reyno com as tormentas da guerra, que, por causa da morte del Rey Dom Henrique, socedẽram, se retirou à Provincia de Entre Douro & Minho, aonde foy Reytor do Collegio de Braga, & passando por Coimbra, lhe succedeo o caso, que atraz contamos, quando lhe falou o Senhor Sacramentado, & d'ahi finalmente se recolheo à Sim Roque de Lisboa, aonde sanctamente morreo, como veremos.

O que sobre isto es creveo P. Ribadeneyra.

Em todos estes cargos se houve o Padre Leão Henriques, como hum perfeyto exemplar de perfeytos Superiores: reprimia os subditos com rigor, porque por natureza era vivo, colerico, & fogoso; mas logo os agasalhava com muyto mayor charidade; & aos que achava arrependidos metia na alma, com particular affecto, pondolhe as faltas em perpetuo silencio, & fazendolhe dobrados favores, & particulares ventagens.

CAPITULO XXX.

Do grande amor que o Padre Leão Henriques teve à sua Religião; do notavel exemplo que dava, sendo Superior; & da grande estima, que fazia do instituto da Companhia, ainda em cousas leves.

Ra notavel a vigia, & admiravel a observãcia de que usava sobre as materias da Companhia, estremeendo sobre qualquer coula, q̃ pareceffe que era contra a edificaçam, & bom nome de sua Religião, a quem amava sobre tudo o que se pôde exagerar, por cuja honra, & defensãm cõ

grande generosidade se punha em campo cõtra qualquer perseguiçam (que destas bastantemente somos visitados) & hũa vez affirmou, com grande espirito, que ainda que viessem sobre elle todos os trabalhos do mundo, & perseguiçoens do inferno, nam deyxaria de acudir pela honra de sua muy amada Religião a Companhia. Sobre esta materia eram suas ordinarias conversaçoes; estes eram os principaes alsũptos das praticas que fazia na capella a seus subditos, exhortandoos a ter amor a sua vocaçam, & proceder como filhos de Religião tam sancta; & sem eloqueneia de palavras muy apuradas, sem largos arrezoados de sutis conceytos, & sem o concerto de discursos enfiados, sò com o fervor de seu abrazado espirito, & com o fogo de seu inflãmado zelo, rompia em lagrimas, & em soluços, sem poder passar avante; & tal vez lhe socedeo (praticãdo na capella do Collegio de Coimbra, em huma noyte de Natal) ser tal o fogo de amor, q̃ lhe abrazava o peyto, tal o impeto das lagrimas que lhe saltavam pelos ólhos, & tam notavel o abalo no auditorio, que parãdo com as vozes, d'ally por diãte falãram as lagrimas; & pondose de joelhos com os presentes, deyxou elle sò de praticar, & continuãram todos a chorar;

Grande amor q̃ tinha as cousas da Companhia.

atè que finalmente sahiam da Capella, confessando que mayores victorias alcança a ardente devaçam com lagrimas caladas, que a eloquente Rhetorica com palavras cultas.

2 Admiravel foy sempre o exemplo de sua vida, & muy em particular se esmerava nelle sendo Superior, como què bem entendia, q̄ pera ensinar os subditos mais montam bons exemplos, que boas rezoens; & por isso movia tanto com suas praticas, porque nam dizia cousa, q̄ nam fizesse, que sò aquelle, como diz Sam^a Gregorio, fala cõfiado, que executa em sy o que ensina aos outros, porque a boa consciencia tem muyta eloquencia, & tem muyta confiança. E posto que sempre goardoa em tudo a autoridade de seu officio sempre com tudo foy igoal a todos no tratamêto de sua pessoa, nam sofrendo que se lhe fizesse qualquer mimo, ainda que fosse muy pequeno. Nunca sofreo, nem sendo Provincial, que algũ Irmão o servisse, nem que outrè lhe varresse a camara, antes (à imitaçam de Christo^b Senhor nosso, que dizia de sy, que viera a servir, & nam a ser servido) se prezava de servir aos outros, & se envergonhava de o quererẽ servir a elle. Nam havia acabar com elle que vestisse pessa nõva; & pera que a roupeta, ou mantéo velho lhe pudesse ser-

vir; o mandava mudar, o de dentro pera fora; que destas traças usam os verdadeyros pobres de espirito, porque só tratam do vestido, pera se cubrir, como diz o Apostolo, & nam pera se enfeytar, como ensina o mundo.

3 Era cousa de grande edificaçam ver seu aposento (ainda quando era Provtncial, ou Reytor, ou Deputado de hum supremo Tribunal, & confessor de hum Principe, & Rey tam poderoso) porque nam havia em toda a casa enxoval mais safo, nem alfayas mais pobres. Sendo velho, & na força do inverno nam admittia na cama mais que hum cobertor muy usado, o que goardava por amor da sancta pobreza, & quando lhe faziam força pera aceytar alguma cousa, se escusava com dizer que lhe nam era necessaria, & que tudo era o custume, em que cada hum se punha; folgando em sy de cortar pelo necessario, pera nos ensinar a evitar o superfluo.

4 Nam permittia por nenhum acontecimento, que na meza lhe puzessem alguma particularidade, accommodandose em tudo com a comunidade. Movendose huma vez pratica entre elle, & outros Padres, de q̄ Sancto era cada hũ delles mais devoto, & respondendo elles, conforme sua devaçam, o Padre Leão Henriques com muy-

Do exemplo que dava sendo Superior.

a
Greg. in moralibus. Doctrina cum omni imperio docetur, quando prius agitur, quãdoctrina subtrahit fiduciam, quãdo conscientia præpedit linguam.

b
Mat. ca. 20. n. 28. Non veni ministrare.

Sua grãde pobreza.

c
1. ad Thim. c. 6. n. 8. Habentes alimenta, & quibus tegamur, his contenti simus.

Nam permittia particularidades.

to espirito, & graça disse, *Eu, alé dos Santos da gloria, desejo ser muy devoto de hũa sancta da terra, que se chama a sancta communidade.* Era muy parco no comer, & muy dado a jejuns, & abstinencias: dizia, que as mais das doengas vinham por falta de abstinência, especialmente em gente recolhida, que se occupa em estudos, & faz pouco exercicio corporal.

Do pouco cuydado q̄ tinha de sy.

4 Nenhum cuydado tinha de sy, nem de se prover pera os largos caminhos, em que andou, visitado sêpre a Provincia toda, nos sete annos q̄ foy Provincial, no qual tẽpo foy muytas vezes de Evora a Bragança, sempre em cavalgadura sem sella; nem permittia outro mōço mais que o almocreve: & bem se deyxava ver as incommodidades, & perigos que sofreria em caminhos tam compridos, hindo tam mal accõmodado. Nam consentia que lhe metessem na canastra senam cousas muy ordinarias. Na charneca de Mortargil o encõtraram hũs Padres, & querendo partir hum melãm (que à força lhe tinham metido na canastra) por nam ter faca, se alegrou grandemente de o partir com hum cavaco: este era o estojo dourado, & estas eram as facas de invençam, & de valia, de que hia provido este bõ Provincial.

5 Sendo Reytor no Col-

legio de Evora, sempre lio publicamente a liçam de Casos de consciencia, com grande resoluçam, & fruyto nos ouvintes. Acudia à Igreja a cõfessar, com tanta assistencia, como se sò tivesse esta occupaçam; & faltando qualquer mestre no seu Collegio, por causa de doença, logo hia ler em seu lugar, ainda que fosse nas ultimas classes de Grammatica, como tambem fez em Braga. E com ser o bom servo do Senhor tam incansavel no trabalho, com tudo (goardando o conselho de Christo^d no Evangelho) sempre se tinha por servo inutil.

6 Muy entranhavel foy sempre a affeyçam, que este bõ superior teve ao instituto, & regras da Companhia; vigiava sobre a goarda de qualquer regra: & particularmente mostrava este affecto em occasiam, em que via juntos religiosos professos da Companhia, principalmente nas Congregaçoens, aonde, como hum rayo do ceo, ardẽte em charidade, & vivo zelo, acendia a todos no amor de nosso instituto, & perfeyta observancia de nossas regras, dizendo ser cousa muy perigosa, ainda em materia minima, & muyto leve a partarmonos dellas, pois esta he a estrada real, & seguro caminho pera o cẽo, que Deos por meyo de nosso Padre Sãcto Ignacio nos descubrio. Muytos

d
Luc. c. 17. n.
10. Cũm feceritis omnia, que præcipiuntur vobis, dicite servi inutiles sumus.

Quãto estimava o instituto da Companhia.

exemplos pudera trazer em confirmação, do que vou contado, apontarey hum caso particular, pera que delle entendamos o grande respeyto, que este insigne varão tinha ainda às minimas regras da Companhia.

7 Mandou o hñ dia chamar pera se confessar huma dona sua prima; muyto velha, & muyto doente, que naquella conjunçã estava com temores de perder a vida. Foy o Padre Leão Henriques, & entrando na camara aonde a velha enferma jazia, mandou assentar o cõpanheyro á porta, por ser a casa pequena, pera que d'ally pudesse ver, mas nam ouvir o que se tratasse (conforme a regra da Companhia, que assim o dispoẽ, pera na conversaçã dos seus religiosos, ainda em materia de Sacramentos, tirar qualquer occasiã, & pequena sospeyta de mal.) Neste comenos, acertãdo de cahir a goarda porta (que estava tomada, pera o cõpanheyro estar à vista) nam fazendo o Irmão caso de a levantar, o foy logo fazer o bom velho, levantandoa outra vez, por observancia desta regra, que ainda que parece leve, he de grande peso, & importancia, pera o bom nome, & louvavel procedimento da Companhia.

8 Quiz apontar aqui este exemplo, deyxando muytos, pera que nam estranhemos a cau-

tela, que neste particular usa a Companhia; & pera que saybamos que nam he illo cerimonia demasiada, mas que he regra muy louvavel, & inviolavel; pois hum velho tido por Sancto, & que era Provincial, cõfessando a huma velha sua prima, que estava pera morrer, nam quiz, nem por brevissimo tẽpo, deyxar de ter testimunha, que estivesse à vista de sua pessoa; porque os muytos annos fazem a hum Religioso que seja mais velho, mas nam lhe tiram ser homem; & nunca a cautela neste particular foy demasiada porque como bem advertio S. Ambrosio, a fama da castidade sempre foy perigosa, alem de ser muyto vidrenta. Que se o Sancto Ioseph, no encontro que teve com a sensual Egipcia, assim como foy casto em resistir, fosse acautelado nas entradas, de muytos trabalhos se livraria: permitindo o cẽo que o prendessem por desleal, & adultero, sendo fiel, & innocente: que cẽo Deus nosso Senhor, mostrarnos neste caso, que os descautelados nesta materia, ainda que sayam sanctos, nam sayem acreditados; & ainda que estejam innocentes, nam ficam autorizados: & pera que finalmente nos resolvamos, que, em semelhantes entradas, os mais covardes, sã os mais valentes; - & os menos ventureyros sã os mais

Exemplo notavel de sua grãde cautela.

In reg. Sacerdotum num. 18.

Nota.

f
Amb. super Lucam l. 2. Sciebat enim tenerã virginis vere undiam, & lubricam famam pudoris.

g
Gen. 39. n. 12. Accidit autem quadam die vt intraret Ioseph domũ, & operis quidpiam, sine arbytris faceret.

h
Hier. Epist.
ad Marsel.
Fateor im-
becillitatem
meam, nolo
spe victoriæ
pugnare, ne
perdam vi-
cturiam.

i
Orland. hist.
Societ. lib.
14. n. 7.

K
Hier. epist.
ad Lætam.
Non sunt
contemnē-
da quasi par-
ua sine quibus
magna
consistere
possunt.

venturosos: confesso, dizia Sam Ieronymo, ^h minha covardia, nam quero peleyjar com esperança de vencer, por nam perder a victoria.

9 E de nosso Sancto Patriarcha Ignacio sabemos, que encômendava, & prezava tanto esta regra, ainda que parece de cousa leve, que a hñ Padre ⁱ velho, homem muyto virtuoso, pela nam goardar huma vez, posto que sem culpa, & por mera inadvertência, com tudo pera exēplo dos outros, o mandou disciplinar, em quanto lhe rezavam os sete Psalmos penitenciaes; porque os Sanctos, ainda que sam muyto confiados de seus subditos, nam querem dar occasiam pera que outros descōfiem d'elles. E posto que esta regra parece a alguns de materia leve, com tudo ajuda muyto pera cōservaçam das q̄sam de mayor pezo; antes, como judiciosamente advertio S. Ieronymo, ^K nam havemos de desprezar como cousas pequenas as que conduzem pera conservar as obras grandes: & o servo que foy fiel no pouco, por sentença do Senhor, he apremiado cō o muyto.



CAPITULO XXXI.

Da grande humildade deste insigne varám, com a qual acudia a fazer os officios mais abatidos da casa.

I Am grande edificio de virtudes nam podia deyxar de estar fundado em grande alicesse de humildade; antes, segundo a doutrina de Sancto ^a Agostinho, primeyro se ha de abrir o fundamento humilde, que se haja de levantar a fabrica grandiosa. Em quanto na vida espiritual ouver exercicios abatidos, estará firme a fortaleza da religiam; & por cōsequencia infallivel, como bem ensina Sancto ^b Isidoro, tanto q̄ hum perdē o fundamento da humildade, logo ficam arruinadas as torres mais altas da sanctidade. Nam me espanta o grande edificio de exemplos, & virtudes que Deos nosso Senhor levantou neste seu servo o Padre Leám Henriques, pois era tam grande sua humildade, & tam admiravel o desprezo proprio, que dizia ordinariamente, que se tinha por hum bichinho da terra, reconhecēdose por indigno de a parecer diãte da pre-

^a
Aug. Ser. de
verbis Dñi.
Cogitas magnam
fabricam cōstruere
celsitudinis, de
fundamento
prius cogita
humilitatis.

^b
Isidor. de
Smmo bono, l. 3.
Virtutum stabile
fundamentum est
humilitas, quæ si
omittitur nõ nisi
ruina est.

zença de Deos, & de andar, & cõverlar entre seus servos. Quanto mais, por hũa parte se via favorecido cõ graças do céo, & por outra alentado com favores de Princepes, & aventajado cõ officios de autoridade, tante mais em seu coração se aviltava, & anichilava, julgandose pelo menor de seus Irmãos, & pelo maior dos peccadores.

2 De nenhũa cousa mais se vigiava, que da propria estimaçam (q̃ segundo S.^c Agost. he o primeyro vicio q̃ nos acõmete, & he o ultimo q̃ se despede) a fim de abater, & sopear os pêsamentos altivos, q̃ a continuaçam de governar por muyto tempo, vay criando, emquẽ senam atalaya da vaidade: era seu costume acudir sêpre aos officios bayxos, & exercicios de humildade, que naturalmête abatẽ os brios da soberba, & desfazem os fumos da altiveza: por esta causa, ainda sendo Provincial, hia muytas vezes servir à cosinha, intimãdo ao Irmãam cosinheyro, q̃ o mandasse como a qualquer de seus ajudãtes; & gèralmête seu gosto, & inclinaçam (que a virtude, & bom habito lhe tinha feytos como naturaes) era sempre lâçar nam dos officios mais bayxos, & ministerios mais abatidos.

3 Muytas vezes no dia em q̃ os Religiosos sahiam ao câpo a se recrear, & a esparecer, o bom Provincial, mandãdo tãbẽ os no-

viços à cerca, se hia em seu lugar à cosinha, gastãdo aq̃lla tarde em lavar, varrer, & cosinhar, cõ melhor vôtade, & mayor applicaçam, do que outros a gastãram cõ governar. E posto q̃ entẽdia q̃ estes sanctos exercicios de mortificaçam, & humildade, nam desfazẽ na gravidade religiosa, nẽ de autorizã a pessão do Superior, antes muytas vezes pò de haver rezã de temer se algũa vaidade (pois cõforme a doutrina de S.^d Agost. pòde hũ ser vam em desprezar a vaidade) elle, pera exercitar estes officios humildes, muytas vezes buscava o tẽpo mais escuso, assim por fugir o louvor humano, como por serẽ as occupaçoẽs de tãto abatimento, q̃ muytos haveriam por indecẽcia exercitalas: porẽ por mais q̃ pertẽdia encubrirle cõ o silẽcio do tempo, & segredo da noyte, com tudo por vezẽs o achãram varrẽdo, & alimpãdo os lugares mais escusos do Collegio.

4 Estas cousas eram muy ordinarias neste humilde Superior tẽperando a alteza do governo cõ a humildade da cosinha; & ajũtãdo o serviço que fazia aos pobres, cõ a hõra q̃ lhe faziaõ os Princepes; q̃ entam, como diz S. Greg.^e se levãta acharidade mais gloriosa, quando se abate mais cõfiada. Agora apõtarey 2. ou 3. empresas destas que elle tomou muy de proposito, deyxãdo por entretãto de governar. Na Cõ-

^c
Aug. super
Pl. 7. Vitiũ
inanis gloriæ
vel. solũm,
vel maximẽ
cauendum
est; hoc pri-
mo enim vi-
tio lapsa est
anima, hoc
ultimũ vin-
cit.

^d
August. lib.
Cõfess. Sæ-
pe homo de
ipso vanæ
gloriæ õ-
temptu, va-
nus gloria-
tur.

^e
Greg. Mag.
in Pastoralis
Tũc ad alta
charitas mi-
rabiliter sur-
git, cum ad
imma pro-
ximorum se
misericor-
diter attra-
hit, & quæ
benignẽ des-
cendit ad
infima valẽ-
ter incurri-
t a sum na.

Como acuo-
dio a ser-
vir na co-
sinha.

gregaçam geral, em q se achou em Roma, quando foy eleyto o quarto Gèral da Cõpanhia o P. Everardo Mercuriano, diãte de todos aqllès gravissimos Padres, q se ajũtaram em tal occasiam, zelou grãdemete o bẽ de toda a Cõpanhia, cõ a efficacia de seu affervorado espirito; & tratãdose da renovaçam da humildade, & de como nisto haviam de dar exẽplo os mais antigos, falando neste particular, entrou em tal fervor, q se offereceo, & pedio de joelhos licença, pera andar por espaço de dous annos nos hospitaes, ou outro tãto tẽpo na cosinha. Nem parou isto sò em offerta fervorosa, mas tãbẽ passou a execuçam efficaç; porque voltando a Portugal, andou seis mezes inteeyros, & continuos na cosinha, cõ a applicaçam que em outro caso semelhãte veremos, & continuariam os dous annos inteeyros, se lhe nam foram à mam, mostrando quãm de véras pretendia apoiar os bons desejos com melhores obras.

5 N'outro caso, q logo apõtarey (q nos mostra bẽ sua humildade) nos ensinou q nam desesperassẽ aquelles q por faltas suas sam penitẽciados na Companhia, & metidos em officios bayxos; & q se persuadam, q se enganam em cuydar qficam cõ nota perpetua, & sẽ credito na Religiã, sẽdo assim que mayor he a hõra q merece quẽ da satisf-

façam de faltas, do q he a afrõta q houve em cometelas: & a penitẽcia feyra cõ humildade torna cõ mayor lustre a dourar o q a culpa chegou a despintar: quanto mais q o cahir em faltas nam he sò de imperfeytos; & pouco fieis á Religiã, pois tãbẽ o justo, & sãcto ^f caye no dia muytas vezes: & nam deyxou S. Pedro de subir à mais alta dignidade, depois de ter cahido nas mais estranhadas negações: antes, como nota S. Amb. ^g nais fiou o Senhor de Pedro depois de chorar o peccado, q antes de o cometer; ficãdo mayores as mercês q alcançau, q as graças que perdeu: que nam peccar nũca, he sò de Deos; & emendar o peccado he sò do prudente, como bem disse o mesmo Sancto. ^h

6 Succedeo pois ao P. Leãm Henriques (pera que atẽ os Sanctos tenham õ suas acçoẽs motivos de se humilhar) que tratãdose hũ dia em hũã jũta de hũã certa ordẽ, & execuçam da obediẽcia (a qual elle, por algũs principios nam louvava) que cõ seu affervorado zelo excedesse em a estranhar cõ algũã desedificaçam dos presẽtes: nam faltou algũ zeloso, q avisou disto ao nosso P. Gèral Everardo Mercuriano (q sẽpre ha algũs que sam duros cẽlores das acçoẽs alheyas, em, especial contra aquelles q sam, ou q foram Superiores) o P. Gèral por deferir à pessoa que lhe

Offereceo-se a andar na cosinha & assim fez.

^f Prou. c. 24 n. 16. Septies enim in die cadit iustus.

^g Amb. in Ser. ad vin ula. Fidelior factus est Petrus; postquam fidẽ se perdidit; se desleuit; atque deo maiore gratiam reperit, quam amittit.

^h Amb. Epist. 3. ad simplician. Nihil peccare folius Dei, em mẽdare sapientis.

*Penitência,
queromou
o P. Leão
Henriques*

escrevia, mādou hũa carta ao P. Leão Henriques, escrita de sua mam, em q̄ o reprimia, de elle nam aprovar aquella ordem; & pelo grande cōceyto, & confiãça q̄ fazia de sua virtude, lhe dizia, que elle mesmo assinasse a penitencia q̄ cōvinha fazer, pera satisfaçam dos q̄ tinham estranhado aquelle seu demasiado zelo. O servo do Senhor, como era tam humilde, recebeu a carta, & abraçou o aviso, cō toda a boa vōtade, & como a penitencia ficava em sua mam, & elle era tam affeyçoadado a officios bayxos, achou aqui o bom velho estremada occasiam, pera se cōdenar a andar na cosinha, por muyto tēpo, cō roupeta parda, como em effeyto andou por espaço de tres meses cōtinuos, mostrando bem em todo este tēpo, q̄ nam fazia aquella penitencia por cōprimimento, & cerimonia, mas por obrigaçam, & obediência, cōtinuando no officio todo o dia, fora do tempo q̄ gastava nos exercicios espirituales.

5 Neste tempo, acabada a missa, acudia logo à cosinha; & em sahindo da mesa, tornava a dar obediencia ao Irmão cosinheyro, como subdito seu tam proprio, & ordinario; & hũ vez q̄ tardou hũ pouco o Irmão cosinheyro, q̄ era aquelle grande servo de Deos o Irmão Domingos Ioão (que foy tam conhecido nesta Provincia por

*Como se
havia na
cosinha.*

homē de rara virtude, & conhecimēto de Deos, do qual ao diãte se fará mensam,) lho estranhou dizendolhe q̄ vinha tarde, o q̄ o obediēte ajudāte tomou com muyta humildade, sendo d'ally por diante o primeyro em acudir à seu officio. Todas as vezes q̄ entrava na cosinha se punha de joelhos a fazer ôraçam diãte da Cruz, & oratorio, q̄ nella tinha o Irmão Domingos Ioão, cō tãta reverência, & atēçam, como se estivera na Igreja: o mesmo fazia quãdo se queria hir, e q̄ nam era sē licēça do dito Irmão, ao qual sēpre perguntava o q̄ havia de fazer, com tãta soçeyçam, como se obedecera ao mesmo Christo, q̄ assim nos aconselha S. Paulo, q̄ o façamos. Pedia ao Irmão carregasse sobre elle o pezo do trabalho, & o moderasse aos noviços, q̄ eram de tēra idade, & poucas forças. Nesta cōformidade estranhadolhe hũ dia o Irmão Domingos Ioão trazer às côstas mayor pezo de lenha do q̄ convinha, respõdeolhe o humilde P. com muyta alegria, Irmão Domingos Ioão, hũ rucim velho carregamno sem dō, porque já nelle se perde pouco.

6 Notavel foy o exēplo deste bom Padre, & nam menor o espanto que causava pelo silēcio que goardava, & cuydadosa diligencia com que acudia Neste tempo foram grandes as aven-

¹
Ad Colof.
cap. 3. n. 13.
Sicut Dño,
& non hominibus.

turas, em que entrou este valeroso mantenedor da humildade; apontarey hũa, na qual ainda que foy vencido, nam deyxou de merecer premio do cêo, & de ficar com victoria de sy mesmo; estava num quintal jũto à cosinha hũa casa que servia de animaes immundos, que necessitava muyto de ser limpa; pretendeo logo este humilde oppositor, ser o primeyro em alcançar a licença, pera varrer, & alimpar aquella casinha; mas o Irmão Domingos Ioã (que tanto alcançava do espirito, como sabemos os que nos criamos no Collegio de Coimbra) querendolhe dar mais occasiam de merecimento, lhe respõdeo, que viera já tarde, & que outrẽ, por vir primeyro, lhe tinha furtada a bençã; porẽ que se elle o dia seguinte se adiãtasse mais, ficaria a empreza sua. Madrugou o bemdito Padre a ter óraçã, & dizer missa, desejado ganhar por mam ao noviço, que naquelle desafio tinha por cõpetidor: mas por mais que fez, quando chegou, depois de ter dito missa, já o noviço (que tinha menos obrigações, q̃ cõprir) estava cõ a mam na obra: ficou aquelle oppositor da humildade tam magoado, vendose vencido nesta cõtenda, q̃ olhando pera o noviço (sendo assim q̃ goardava cõ elles perpetuo silencio) com hũa sãctã indignaçã lhe disse,

Nam vos quizerã, Irmã, tam diligẽte, que me ganhãsseis nesta obra, mais necessaria a minha soberba, & menos a vossa humildade: confesso vos que em minha vida nunca tive mayor enveja, que esta, que hoje vos tenho.

7 Esta penitencia dos tres mezes da cosinha tomou o P. Leã Hérriques, quando lhe punham na sua mam a escolha, cortando tam largo, como tam liberal, em actos de penitencia, & em obras de humildade, cõdenandose em tãto tẽpo de cosinha por falta que por ventura, nam merecia castigo, pois mais procedeo de seu fervoroso zelo, que de sua errada contumacia. Outra occasiam houve (q̃ quero apontar aqui) em q̃ a elle lhe nam deram a escolha da penitencia, dandonos elle a nõs o exemplo da obediencia.

8 Sêdo Reytor do Collegio de Coimbra, veyo ally visitar o P. Cõmissario, Mestre Ieronymo Nadal, & tomando occasiam de hũa parede que o P. Leã Henriques tinha mandado levantar, pera repartimento da agoa de hũa cisterna: julgãdo o P. Cõmissario nam ser a obra tam necessaria, & querendo cõ esta atalhar outras (que tal vez fazem algumas os Reytors, que pudẽram ser bem escusadas) ordenou ao Padre Leã Henriques, que por penitencia desta obra, no tempo que chamamos do repouso (em que to-

De outra penitencia que lhe deram, & se cõ humildade.

*Quãto se-
tio ficar
vencido de
hũ noviço.*

Ja a comunidade se ajuntava a praticar naquelle mesmo lugar) subisse, & estivesse em pé, sobre a mesma parede, por espaço de hũa hora, em quanto entre nós dura o repouso. Subio logo este humilde Reytor, & perfeyto obediente, sobre a parede, com tanta sogeçam, & innocencia, como podia fazer hum ninino das classes mais infimas do latim, a quem seu mestre mandasse estar em pé sobre o banco; assim continuou à vista de seus subditos por alvo, & por objecto, nam de contradicam, mas de edificaçam; com tanta alegria, & com tal serenidade no rosto, como se nam sabira sobre huma parede, pera estar penitenciado, mas a hum throno, pera nelle se assentar mais autorizado. O outro fez hũa cõva, como dizia o Propheta, ^K na qual, veyo a cahir; o Padre Leãm Henriques, levantou hũa parede, sobre que o fizeram subir: aquelle na cõva, q de proposito fez se perdeo, porque pertendia nella enganar; este na parede, que por inadvertencia levantou, se ganhou; porq lhe servio de se humilhar: & se nestes dous casos elle teve culpa, como homẽ, fez penitencia, como sancto, porque, como diz S.^l Ambrosio, o peccado he obra da natureza, mas a emenda he effeyto da virtude:

9 Com esta mesma humil-

dade estando na casa de S. Roque, & sendo ja muyto velho nos deyxou maravilhosos exemplos, pedindo muytas vezes ao Superior lhe desse licença pera ser porteyro, o que algũas lhe concediam, pera consolaçam sua, & exemplo nosso; nam podendo deyxar de causar grande edificaçam vendoo andar com as chaves da portaria, abrindo, & fechan lo as portas aos seculares, & religiosos, levando os recados aos Superiores, chamãdo os que haviam de hir à portaria; enternecedose todos à vista de tal humildade, em pessoa de tanto respeyto, de cans tam autorizadas, & de tal virtude, & tam conhecida nobreza, aonde o exemplo algũs o tem pormais raro, & todos o julgam pormais precioso.

Foy porteyro em S. Roque.

CAPITULO XXXXII.

Do cuydado com que exercitou o officio do confessor, no qual finalmente veyo a morrer, na casa de S. Roque.

INfinitos foram os exemplos que nos deyxou este insigne Padre, de suas raras virtudes, cuja memoria sẽpre estará viva nesta Provincia q governou, aõde seu nome sẽpre serà immortalizado, pelo muyto

^K
Pf. 7. nu. 16.
Incidit in foueam, quã fecit.

¹
And. Apol. de David, Apol. 1. c. 2.
Culpam itque incidit se nature est, diluiffe virtutis.

*Toda esta
Provincia
deve muy-
to ao P.
Leão Hê-
riques.*

que em especial lhe devem os Collegios de Coimbra, o de Evora, & o de Braga, aos quaes nam menos governou, do que autorizou com sua pessoa, & acrecentou com grandes rēdas, que os liberallissimos Reys de Portugal deram a estes Collegios, por seu respeyto.

2 Mas já he tempo de nos recolhermos com elle à casa de Sam Roque, aonde alcançou o desejado descanso de seus largos, & ditosos trabalhos. Nestes ultimos annos de sua vida foy admiravel o exemplo que nos deyxou na continuação, & constancia com que acudia ao confessorio: bem he verdade, que sempre se exercitou neste sancto ministerio, cō notavel pontualidade, & com tam extraordinario zelo, que até sendo Superior, nam faltava nunca no confessorio, como se este sò fosse o seu officio: & lhe succedeo muytas vezes, sendo Provincial, vindo de fóra a visitar algum Collegio, apeando-se à portaria, & entrando pera dentro, se a caso achava alguns que pediam confissam, estando ainda com o mantéo às cōstas, se detinha na portaria, confessando em quanto havia penitentes. Nem se pôde dignamente encarecer o abraçado zelo, & sanctos fervores, com q̄ este bendito Padre se applicava a ouvir as confissoens, donde

nacia sahirem os penitentes ordinariamente de seus pès compungidos, satisfeytos, alegres, & apostados, a emendar a vida, & melhorar-se na virtude.

3 Acudia com particular cuydado, ainda naquella idade tam entrada nos annos, aos enfermos do hospital, & aos presos das cadeas: & particularmēte zelava o bem dos pobres estrangeyros, que estavam presos, ou doentes. A este fim procurou renovar a noticia que tinha da lingua Franceza, do tempo que estudou na Vniversidade de Paris: & naquella idade se occupava em ler vocabularios, & livros da mesma lingoagem, de que necessariamente havia de estar muy esquecido, tomãdo à sua conta confessar, & ajudar espiritualmente todos os da naçam Franceza.

4 Este heroico acto de sollicita charidade lhe foy causa de sua ditosa, & apressada morte, porque dandose recado na casa de Sam Roque, como hum preso de naçam Franceza estava gravemente doente de tabardilho (no carcere, que em Lisboa chamam o limoeyro) & que pedia confissam, ouve o bē-aventurado velho esta empreza por sua, & logo com grande alvoroço o foy ouvir de confissam. Entra na cadea, ve ao pobre Frances já quasi no cabo, em estremo necessitado de re-

*Ainda sê-
do muyto
velho acud-
dia aos
hospitales.*

*Occasiam
que teve
pera adoe-
cer.*

mediotemporal, & espiritual. Nam alvoroca tãto o amor pãt-
 ternal a hum velho autorizado
 pera levar nos braços o filho,
 quando de subito lhe entra pe-
 la porta vindo da India,rico, &
 vencedor, quanto a charidade
 do sancto varãm se espertou,vẽ-
 do a miseria daquelle proximo,
 pera o servir,consolar, & meter
 no coraçam. Vayse a elle com
 toda a affabilidade, saudao na
 sua lingoa,abraçao,animao,cõ-
 solao,ouveo de confissam, faz-
 lhe logo trazer o viatico, & a
 unçam, porque o tabardilho
 nam dava treguas,nem o perigo
 sofria dilaçam; porẽm como o
 lugar de sy era contagioso, & o
 mal era maligno, & o Padre
 nam tratava ao doente com as
 cautelas, & resguardos que ou-
 tros fariam, & a sua abrasada
 charidade lhe nam permittia:
 succedeo, o que muytas vezes
 nos aconcece (que estes sam os
 proes,& os percalços do confes-
 sor apostolico) pegarselhe o
 mesmo mal, & vir logo d'ally
 pera casa,entrado, & ferido de
 mortal doença. Como a febre
 era tam ardente,& entrou com
 a espada desẽbainhada na mam,
 logo se declarou com tanta fu-
 ria,que em menos de tres dias,
 deo fim a seus sanctos traba-
 lhos,concedendolhe o Senhor
 o que muytas vezes lhe pedia,
 que lhe nam desse morte pro-
 longada.

Como acu-
 doza este
 enfermo.

4 Nem he muyto ter eita
 confiança de nam querer dõen-
 ça comprida, nem tẽpo de lar-
 go aparelho pera a morte,quem
 se tinha pera ella aparelhado
 em toda a vida,esperando sem-
 pre em vigia a hora, em q̃ vies-
 se o esposo. Nenhuma confi-
 mais tratou nos ultimos annos
 de sua vida,que preparasse pe-
 ra esta hora, & por esta causa se
 tinha concertado havia tempos
 com o Padre Iorge Serrãm,que
 logo que hum soubesse que o
 outro tinha qualquer perigo o
 avisasse,com toda a brevidade.
 & confiança, como verdadeyro
 amigo d'alma: donde naceo,q̃
 trazendolhe a nõva,que os me-
 dicos desconfiavam de sua vi-
 da,& que era chegado o tempo
 em que Deos o chamava, a fes-
 tejou como a mais alegre que
 em sua vida tivera. Logo se re-
 conciliou a ultima vez cõ gran-
 de dor;& sem meter tempo em
 meyo,pedio,& recebeo o divi-
 no Sacramento da Eucharistia,
 de quem sempre fora tam de-
 voto,repetindo muytas vezes a-
 quellas palavras do^bPublicano,
Deus propitius esto mihi peccatori.
 Tomou logo o Sacramento da
 unçam, que pedio com grande
 instancia.

Como se
 tinha apa-
 relhado pe-
 ra morrer.

^b
 Luc.cap.18.
 num.13.

5 Recebidos os Sacramẽ-
 tos, rogou aos Religiosos que
 o deyxassem recolher hũ pou-
 co sõ com Deos,vigiando entre
 tanto algũs de fõra do cubiculo

se consolava n, & admiravam de ouvir os abrazados colloquios, que o bmd to velho fazia ao cèu, repetindo muytas vezes, *Veni Domine IESU, noli tardare*. Todas as vezes q̄ entravam ao visitar, ainda estando muyto no cabo, avisava logo, que falassem de longe, & nam chegassẽ perto, por ser adoẽça muy contagiosa, mostrando nisto quanto mais sollicito era do perigo de seus Irmãos, que da cõsolaçam que teria com os ter naquella hora junto de sy. Bem se podia dizer deste servo de Deos, o que S.º Bernardo prẽgou de Vmberto, que o desejo que tinha de se mortificar o fazia cortar ainda pelo necessario pera a vida, porque atẽ nesta ultima doença queria goardar o estylo da communidade, sem comer couza alguma delicada; posto que finalmente disto fez consciencia, culpandose diante de algũs Padres, arreceando q̄ por ventura tinha excedido.

6 Hum pouco antes de entrar em artigo de morte, por a febre ser tam ardente, & maligna, lhe subio o sangue á cabeça, porẽm nam se lhe notou outro tresvalio, mais que o seguinte: entrando o enfermeyro na sua camara lhe disse o bẽdito Padre: Irmãm esperay là, nam entreis, porque estou confessando: & logo, como quem falava com o penitẽte, lhe per-

guntava se tinha verdadeyro arrependimento de seus peccados, & grande proposito de se emendar, & dandolhe por penitencia sinco pater nostres, cõ sinco Ave Marias, repetio toda a forma da absolviçam; ordenando o Senhor (pera que bem conhecessemos este grande servo seu) que a força da doença lhe fizesse mostrar cõ este defconcerto do juizõ, o grande acerto de sua alma: & pera que entendecemos q̄ quando mais alienado estava dos sentidos, em tam estava mais cuydadofo dos penitentes; & pois em sua vida tam de proposito tratou o exercicio de confessar, dispoz Deos as couzas de maneyra q̄ viesse a morrer com a forma da absolviçam na boca. Nam sò pera assim entendermos a causa de sua morte, mas tambẽ pera nos mostrar quam zeloso confessor fora, pois primeyro deyxava de viver, do que deyxasse de absolver. De Eleasar cõta a sagrada Escripura, ^d que foy tam esforçado combatẽte, que depois de matar muytos Philisteos, acabou com a espada pegada na mam. Este nosso generoso Leãm foy tam valente confessor, que morreo confessando: aquelle morreo matando, este absolvendo: aquelle acabou com a espada na mam, este morreo com absolviçam na boca. Tanto monta custu-

^c
D. Ber. Ser.
de Vmber-
to.

O tresvalio que tinha era de ouvir cõfissoens.

^d
2. Reg. c. 27.
nu. 10. Ipse
stetit, & per-
cussit Philis-
tæos, do-
nec defice-
ret manus
eius, & ab-
rigesceret
cum gladio.

mar-se hum homẽ a fazer obras de piedade, quando estã em seu juizo, porq̃ ainda quãdo o perde nam deyxã de ser piedoso.

7 Entrou logo em artigo de morte, & começando os religiosos o officio da agonia, sem elle mostrar algũa, com a vèla em huma mam, & hum crucifixo na outra, muyto em seu acôrdo (porque lhe' passou logo o trelvalio) falãdo com o Senhor, amorosamẽte, o mesmo foy deyxar de falar, q̃ acabar de viver. Assim acabou este vigilante Leãm, dormindo em o Senhor, sê querer nũca em sua vida fechar os õlhos pera descansar, & furtar o corpo pera nam trabalhar; antes tendo tam velho, & podendo ter privilegios de aposentado, pera ter o descanso, q̃ aquella idade demandava; entã hia com o mesmo fervor; mostrando em tudo, q̃ quanto mais mimoso era do Senhor, tanto mais rigoroso era pera consigo; até q̃ finalmente em oytto de Abril de 1589. veyo a morrer em seu officio, como bom, & vigilante cõfessor, sêdo de idade de setenta & quatro annos, dos quaes teve na Cõpanhia. sincoenta & tres.

8 Seu corpo foy sepultado na Igreja de Sam Roque da Cidade de Lisboa, achando se presentes a suas exequias todos os Inquisidores, & ministros daquelle sagrada Tribunal do Santo Officio, que elle tinha servi-

do por muytos annos, itẽ o Bispo de Targa, os Prelados de todas as Ordens, com muytos outros Religiosos de autoridade, com grande concurso de povo, principalmente de gente pobre, assim homens, como mulheres, que estes eram os seus devotos do confessorario; os quaes logo que na Igreja tiveram vista do corpo de seu antigo confessor, leuantãram hũ grande prãto, por largo espaço de tempo. Com estas lagrimas continuou o officio, & com ellas foy sepultado, procurando todos levar algum penhor das que tinhã por preciosas reliquias, cujo thesouro ficou gozando a casa de Sam Roque; porẽ o suavissimo cheyro de suas excellentes virtudes, & a esclarecida fama de varã tam eminente nos honra, & nos autoriza toda a provincia, & em especial o Collegio d'Evora; & deve ser espalhada pelo mundo todo, pera exemplo, & consolaçam dos Religiosos da Companhia, pedindo sempre a Deos nosso Senhor por interceçam d'este grãde servo seu, nos faça verdadeyros imitadores de suas virtudes.

9 E pois falamos no primeyro Reytor da Vniversidade de Evora, rezã he, que tamẽ falem nos primeyros Lentes de Theologia, que tivemos na mesma Vniversidade, nos quaes foy muy ditoso este Collegio:

De sua dita
Igreja mor-
te.

Como foy
sepultado
na Igreja
de S. Ro-
que.

CAPITULO XXXIII.

Dos primeyros Lentes de Theologia, que houve na Vniuersidade de Evora, em especial do Padre Doutor Fernam Peres.

I Am os Doutores da Igreja de Deos as principaes columnas, que a sustentam, representadas n'aquellas sete, que a Sabiduria divina ^a mandou lavrar, pera levantar sobre ellas o edificio de sua casa. Estes mesmos Doutores sam os thronos Angelicos, nos quaes, como diz Sam Boaventura, ^b descansa a divina justica. Sam as estrellas mais resplãdecetes, q̄ nas trevas da ignorãcia deste mūdo lhedam melhor claridade, & lhe mostram o verdadeyro caminho da salvagam: destes houve muytos nesta nossa Vniuersidade de Evora: & pois tenho falado das cousas pertencentes aos principios deste Collegio, & dado conta do primeyro Reytor desta Vniuersidade, quero fazer huma breve mençam de seus primeyros Lentes de Theologia, & em especial de hum, que foy o P. Fernam Peres, que nos pòde ser exemplar, & modello pera to-

dos os q̄ adiãte houver naquellas cadeyras: & assim como faley no real fundador desta Vniuersidade, & dey noticia de suas rendas, & privilegios, rezãm he tambem que fiquem em lembrança as virtudes de tam insignes varoens, pera consolagam dos que se criam naquelle Collegio.

2 O primeyro professor de Theologia, & Lente de prima foy o Padre Doutor Iorge Serrãm, natural da cidade de Lisboa, muy nobre por sangue, herdado de seus avôs, & muyto mais pelas virtudes exercitadas per sy mesmo; entrou na Companhia de catorze annos com o exemplo, que dissemos no primeyro ^c livro: foy tambem Cãcellario, & Reytor desta Vniuersidade, Preposito da casa de Sam Roque, & depois Provincial, fazendo todos estes cargos com grande satisfaçam, & raro exemplo, & com grandissimo zelo do bem de sua Religiãm. Foy homem neste Reyno de grande autoridade, & por suas muytas letras, & grande zelo, que tinha nas cousas da fé, o fizeram Deputado na mesa gẽral do sancto Officio, cargo que elle exercitou, sucedendo ao Padre Leãm Henriques (que se tinha escusado d'elle, havia annos) no qual o Padre Iorge Serrãm se houve com nam menos mostras de ser letrado, que de ser

humil-

^a
Prou. 9. n. 1.
Sapiẽtia edificauit sibi omum.
excidit columnas septem.

^b
L. b. de Hierarc. Eccl. 1. p. c. 4. Quibus diuina iustitia potissimũ requiescit, &c.

P. Iorge Serrãm
primeyro Lente de Theologia.

^c
1. p. l. 1. cap. 32. n. 8.

humilde; pois já nunca quiz em publico assentarle no lugar que lhe cabia, em rezam de seu officio, sendo que por vezes lhe cahia ser elle o Presidente dos mais Deputados: mostrando cõ isto, que acceytara aquelle cargo pera servir, & nãõ pera presidir. Morreo sanctamente, na casa de Sam Roque aos nove de Agosto de mil quinhentos, & noventa annos, com gèral sentimento, assim dos de casa, dos quaes era muyto amado, como dos de fora, dos quaes foy muyto estimado.

3 - Pera Lentes de Vespõra, & Escritura mandou (como jã tocamos no capitulo vinte) o Beato P. Francisco de Borja, que entam era Commissario de Hespanha, deus insignes varoens, ambos Doutores Theologos, tam eminentes em virtude, & sciencia, que estes sòs bastavam pera fazer celebre a nossa Univerfidade de Evora; hum delles foy o Padre Pedro Paulo Ferrer, homem muyto noticioso, Doutor muyto conhecido, por sua muyta religiam, admiravel doutrina, & espantosa erudiçam em todas as letras, assim divinas, como humanas; & tambem pela grande noticia, & uso, qualifigõal das tres linguas, Latina, Grega, & Hebrayca. Era de memoria tam fecunda, tam prompta, & presente em tudo o que tocava à Escritura sagrada, &

erudiçam de Chronicas antigas, conhecimento de historias, Cosmographia de terras, computo de seculos, annaes de autores, noticias chronologicas, & successos de tempos, que com rezam lhe chamavam Biblioteca viva. Leo muytos annos a cadeyra de Escritura; socedeo ao Padre Jorge Serram no officio de Cancellario. Com o summo das letras, ajuntou o mais profundo da humildade, & o mais puro da singeleza, porque nãõ se vio homem mais sincero, & de mayor verdade, & menos fingimentos: de maneyra, que sendo já muyto antigo na idade, parecia hum minino na innocencia: & facilmete lhe persuadiam o que cada hum queria, porque nam lhe parecia que podia haver enganos: representava haõ Sam Hieronymo, assim no exterior de velho penitente, rigoroso, & austero, como no interior de homem sancto, verdadeyro, & sincero, que sò tratava de Deos, sem fazer caso dos homens. Veyo finalmente a acabar sanctamente, cheyo de dias, & rico de merecimentos, na casa professa de Sam Roque, em dous de julho de mil seiscentos & de soyro, passando já de novẽta annos de idade.

4 - O outro Lente foy o muyto celebrado Doutor Fernam Peres, que logo comecou a ler de vespõra, & depois por muy-

Virtudes do P. Pero Paulo Ferrer.

P. Fernam Peres. D. insigne.

a. pl. s. c. 20

P. D. Pero Paulo Ferrer.

tos annos leu a cadeyra de Prima de Theologia, com tanta fama de doutrina, com tal opiniam de letrado, & excellencia de hum muy affentado, & solido saber, que foy em seus tempos tido por hum oraculo de faduria: de maneyra, q̄ suas repostas, & resoluções tinham em muytas partes tanta força, como se fossem textos de direyto expresso, em tal grao, que a pessoas de authoridade se lhe representava, que no Moral, tinha sciencia infusa. Foy este insigne Padre natural de Andaluzia, nacido na cidade de Cordova, que, com tal alumno, pode fazer calar a fama, que no mundo alcançou com os dous famosos Senecas, & cõ o unico Lucano, filhos seus, nos quaes como diz o engenho Bilbilitano, ^d ainda hoje fala a facunda Cordova; nasceo de gente honrada, & virtuozza.

^d
Matt. ad Li.
ho. 1.
gr. 5.
Sene
as, unicū
m
Facunda lo-
quitur Cor-
luba.

*Singular
beneficio
recebeo por
via da Vir-
gem S.N.*

5 Foy de sua mininice especialmēte escolhido por Deos, & goardado pela Virgem Santissima senhora nossa, que sabe recolher pera sy do jardim da Igreja as melhores plantas, & mais bellas flores: viose bẽo effeyto desta celestial proteyçam no que lhe acõteceo sendo minino, porque cahindo, por desastre, no rio Betis, vulgarmente chamado, por nome derivado do Moiros, Guadalquivir (hum dos mayores de Espanha) foyle logo o menino a pique ao fũdo:

dondole recado aos pays, acudiram ao rio com grande sobre-falto, mais com cuydades de lhe buscar o corpo morto, que com esperanças de poderem tirar o filho vivo. Perto de huma hora havia, que o minino estava debayxo da agoa, sem apparecer, afferrado, como elle depois cõtava, em huma mouta de jũcos: chegãram os pays ao rio, bradãdo pela Virgẽ Maria, cheyos de dor, & sentimento, que logo se lhes mudou em gosto, & alegria; porque subitamente depegando da junqueyra, saye direyto affima, apparece na face da agoa, lança o pay a mam, levanta o minino, entregao nos braços da mãy, vivo, & sem lezãm algũa; dizendo elle, com grande innocencia, que a Virgem Senhora o goardãra, & o trouxera affima da agoa.

6 Sorte, sem duvida, muyto mais ditosa, & mais milagrosa que a de Moyfes, porque este foy conservado vivo, sobre as correntes do Nillo, metido no berço; mas o minino Fernando escapou debayxo da agoa; nam deytado em huma cestinha de vimes, mas pegado a hũa mouta de juncos: Moyfes foy recolhido pela Princeza de Egypto, filha de Pharaõ, este foy goardado pela Rainha da gloria, mãy do mesmo Deos; a qual parece que tambem o entregou a seus pays, com aquellas palavras da

*Foy este
successo
mais mi-
lagroso
de
o de Moy-
fes.*

^e
Exod. 2. n.
9. Accipe
puerum is-
taem, & nu-
tri mihi.

Princesa de Egypto, quando mandava criar a Moyses, *Tomay este menino, & cria-o pera mim.* Muy bem cumpraram os pays com tam amoroso encargo, porque o criaram com letras, & virtude, tendo nesta por mestre o insigne, & Apostolico Padre Ioam de Avila, varã cheyo de graça, de devaçã, & de espirito de penitencia. E em tam boa eschola ficou tam affeyçoadado à Princesa da gloria, (que lhe dera vida no rio Betis, & pera quem seus pays o criavam) que fez voto, sem outrem a isto o induzir, de sempre ter, & seguir a opniã, que defende a immaculada conceçã da Virgem purissima, como sempre fez, sendo elle com sua autoridade, & doutissimos argumentos, grande parte de ficar nestes nossos tempos esta doutrina mais seguida, & calificada; & como tal, aplaudida, & recebida hoje em todo Portugal, por el Rey Dom Ioam o Quarto, nas cortes que celebrou no anno de 1646. nas quaes por todos os Procuradores dos povos se fez este pijsimo juramento, de defender a immaculada Conceçã.

7 Pagoulhe bem a Virgem purissima a devaçã que tinha a sua pureza, com a que lhe comunicou, porque (como affirmou o Padre Hierony no Carvalho, varã verdadeyramen-

te espiritual, & mestre de espirito nesta Pròvincia, que por vezes o confeffou geralmente de toda a sua vida) fez Deos nosso senhor particular mercẽ a este servo seu, por intercessã da Senhora, de o conservar por toda a vida com a innocencia virginal: & desta fonte sem duvida lhe procedeo a eminencia das letras, nas quaes, ainda antes de entrar na Companhia, era já tam abalizado, que todos nelle pũham os olhos, pera as mayores dignidades, as quaes elle, por conselho de seu mestre o Padre Ioam de Avila, de melhor vontade rendeo aos pès de Christo, entrando na sua Companhia; posto que com grandes resistencias de seus pays, que cuydavam que o perdiam, quando o tinham mais ganhado: mas com grande gosto seu, por lhe renderem aquellas esperanças o fruyto de ter que deyxar, por amor de Christo.

8 Mandado a Evora pelo Sancto Padre Francisco de Borja, em começando o excelente Doutor a ler naquella nova Vniversidade, logo a fama de sua erudiçã, & o preço de sua doutrina, sahio voando por todo o Reyno, com tanto lustre, & resplendor, que o Cardeal Infante se deo por obrigado a dar as graças ao Beato Padre Commissario, por lhe mandar tal Lente. E géralmen-

*Das muy-
tas letras
do Padre
D. Fernão
Peres.*

te foy tal a autoridade que te-
ve lendo de Vespóra, & de Pri-
ma, assim em Evora como em
Coimbra, por espaço quasi de
quarenta annos, que de muytas
partes o vinham cōsultar, ainda
dos mais doutos, & dos maybres
Prinçepes Christãos. Foy tal a
clareza, & agudeza com que se
explicava, que nam havia consci-
encias por mais embaraçadas,
& escrupulosas que fossen, que
com seu conselho nam ficassem
quietas, & gozando de hũa bel-
la, & serena paz. Era muyto pe-
ra ver a resoluçam, & segurança
com que falava, em pontos difi-
cultosissimos: & era muyto pera
notar a grande fê, com que to-
dos a elle recorriam, tendo por
doutrina certa, & regra de ver-
dade infallivel qualquer resolu-
çam, & qualquer reposta, que
sabia deste novo Apollo.

9 Sendo tam eminente na
opiniã de todos, em a sua era
tam bayxo, que se tinha em cõ-
ta do mais ignorante; d'aqui vi-
nha, que quando alguem lhe fa-
lava em haver de imprimir suas
obras, se envergonhava de ma-
neyra, que o rosto se lhe cubria
de huma virginal purpura; &
entrando logo em hũa humilde
indignaçam, dizia, que quem
lhe falava nisto nam o conhe-
cia bem, porque elle sabia de
sy, que era hum nescio, hum
ignorante, & a peor creatura,
que Deos creara, & que sabia

menos que hum jumento. O
gloria! ò honra! ò milagres da
virtude de hum sabio humilde!
Pois dentro de hum mesmo en-
tendimento sublimado a tanta
sciencia mete tam vil, & tam
bayxo conceyto, de sy mesmo,
de desça a cuydar, com todas
as véras, que sabe menos que
hum bruto, o que era dos mais
doutos entre os homens.

10 Tenham embora ou-
tros por grande maravilha su-
bir o Padré Fernam Peres a
tam sublimado credito com to-
dos, por suas letras; que eu te-
nho por mayor milagre velo
abatido a tam vil conceyto, por
sua humildade: que nesta con-
formidade podemos tomar a el-
colha que fez elRey ^f Ezechias
na proposta, que lhe offereceo
o Propheta, nam estimando tã-
to o milagre de ver subir a som-
bra de seu relógio, quanto de
a ver descer por outras tantas
linhas: porque ainda que nam
podemos negar que parecem
obras milagrosas das letras; &
da sabiduria, ver subir hum ho-
mem por seus graos, até chegar
tal vez ao mais alto cume da
Igreja de Deos, que he ser nella
summo, & universal pastor; com
tudo por mayor milagre tenho
defandar hum homem sabio cõ
essas honras por amor de Deos,
& recolherse ao mais abatido
de sua opiniã, chegando a jul-
gar-se por bruto na ignorãcia o

Milagres
da humil-
dade.

f
Isaie ca. 38.
num. 8.

De sua
grãde hu-
mildade.

que

que era tido por Anjo na sabiduria, & a razão disto he, porq̃ o desejo de subir he muy natural, nam menos exercirado nos Anjos no céo, que no homē no paraíso, mas o decer, & o humilhar-se, quāto menos tē de natural, tanto mais tem de sobrenatural; & quanto menos tem de ordinario, tanto mais tē de milagroso; & estes sam os milagres, & os triūfos da verdadeyra humildade; que se a fē levanta o entendimento a crer, que ha o que na realidade nam pôde alcançar; tambem a humildade abate a mesma potencia, a cuydar que he o q̃ na verdade nam pôde ser: como se vio tambē no humilde Seraphim de Alsís, q̃ sendo o mais sublime Sancto, se tinha pelo mais abatido peccador; & quando se lhe preparavam no céo as mais altas cadeyras, buscava elle na terra os mais bayxos lugares.

Esta humildade do P. Fernam Peres o fazia retirar do Paço, & fugir de ser tratado, & conhecido de pessoas illustres, sendo assim q̃ por suas letras era o mais buscado, & o mais conhecido: estādo hū dia em Evora estudando na livraria, acertou de entrar elRey Dō Sebastião, como outras vezes costumava: conhecia muy bem Sua Alteza, quem era o P. Fernam Peres, tinhao por Doutor de grāde nome, & sãctidade, & tambē sabia

quanto se retirava, & fugia pera o nam conhecerē; pera ver agora o q̃ lhe respondia (fingindo q̃ o nam conhecia) lhe pregūtou: Padre, q̃ officio tendes? Senhor (respondeo elle) vou à cozinha, (como na verdade hia muytas vezes ajudar o Irmã cozinheiro) replicou entam elRey: & nam fazeis outra cousa? Sim faço, senhor, tambem varro. Edificouse Sua Alteza grandemente de ver como o Padre, com verdade dizendo o que fazia, encubria o que era: mas pera lhe não poder fugir, tornou a instar, dizendo: E nenhum outro officio tendes? Aqui se rēdeo o humilde Lente de Prima, & abayxando a cabeça disse: Tambem, Senhor, vou à Theologia, quando me mandam. Muyto gostou elRey de ver tanto desprezo em hum homem, q̃ a sabiduria tanto presava, & a virtude tanto acreditava; seguindo nisto o humilde Doutor bem diferente estylo do cōmum dos homens, que todos de ordinario assenam às honras, capeam aos louvores, & se convidam pera as dignidades, encubriendo opouco que tē, por alcançar o muyto que desejam ter: mas este humilde servo do Senhor encubria o que tinha, por nam ser estimado pelo que era.

12 Desta mesma humildade lhe nacia, que sendo mestre nas materias de Theologia, se

Resposta humilde do P. Fernam Peres.


Fazia se discipulo do Presfeyto espirital.

fazia discipulo nas confas de espirito, & quando havia de tomar os exercicios espirituaes de nosso Padre Sancto Ignacio, como se custuma na Companhia, pedia ao Padre Prefeyto espiritual, que o visitasse, & lhe assistisse, pera o encaminhar, & pera lhe dar as meditaçoẽs, porque senam queria fiar de sy mesmo no caminho da virtude, submetendose ao parecer do Padre espiritual, como se fosse hum noviço de poucos dias de Religiã: & confessava de sy o Padre Ieronymo Carvalho (que era o Prefeyto espiritual) que se por hũa parte se confundia, vêdo tanta humildade, junta com tanto saber, por outra se consolava muyto à vista de tanta devaçam; & géralmente falando a todos, metia grande espanto, ver em hũ mesmo sogeyto tam notavel sabiduria, com tam admiravel candura, & simplicidade da pomba: donde procederam duas cousas, que todos nelle notaram, a primeyra que vivendo tam largos annos, lendo quasi quarêta, & sêdo varias vezes Superior, nam houve em todo este tẽpo pessoa algũa, que delle tivesse huma minima queyxa, ou agravo: a segunda, que sendo ta memminente nas letras, nunca

se lhe sentio fumo de presumpçam, nem recaybo de altiveza.

CAPITULO XXXIII.

Da grande charidade do P. Fernam Peres, & da sancta morte que teve.

I  Obre todas as virtudes, foy muy propria sua, & teve o mais luzido lugar a charidade: visitava os enfermos todos os dias muy devagar; & com ser pessoa tam grave, & tam occupado em negoceos de tanto pezo, os servia nos mais humildes officios; & quando lhe hiam á mam, resistia porq̃ lhe quieriam tirar aquelle thesouro de merecimẽtos: nam houve doente de enfermidade maligna, que no mayor perigo o nam achasse mais presente. Sendo Superior, quando algum subdito lhe hia dar conta da consciencia, logo buscava occasiam pera lhe dar alguma licença, descubrindo quantas traças podia pera o mandar consolado de sua presença; que se houvesse ainda este bom costume, seriam os Superiores mais buscados, & andariam os subditos mais alegres.

2 Mas quem poderã contar os preciosos quilates da charidade, & misericordia, q̃ este servode Deos usava cõ os pobres;

Charidade com q̃ assistia aos enfermos.

Grãde misericordia com os pobres.

Iob cap. 31.
n. 18. Ab in-
fantia mea
crevit me-
cum misere-
ratio &c.

podiamos dizer delle oque de sy o Sãto Job, que nascera, & crecera cõ elle a compayxam, porq em idade de minino, & de mancebo, em casa de seu pay, tudo dava quanto lhe davam; & chegou hũa vez adar a propria capa; q se Deos estimou tãto acharidade de S. Martinho Cathecumeno, por dar só a metade da capa, quanto mais estimaria a liberalidade em o minino Fernando pela dar inteira. Porém porque, sendo religioso, nam tinha que dar, Deos lhe offereceo huma boa occasiam, pera poder fazer esmolas à sua vontade; fello Superior no Collegio de Coimbra, que he o maes opulento da Provincia, em o anno de mil quinhentos setenta & cinco, em que houve grande falta de pam, nas terras, que ficam entre Douro & Minho, donde desciam muytas casilas de pobres & miseraveis a Coimbra, pera buscar remedio: nam se pôde com palavras explicar, quam sollicito andava o charitativo prelado, pera acudir a seus pobres; mandava estar sempre preparado na portaria o necessario pera se repartir, de maneyra que a todos se acudia com pam, & carne, pera que, nenhum se fosse desconsolado.

Occasiam
em que foy
Superior.

3 Parecia isto a alguns muyta demasia (que sempre em communidades grãdes hã algũs grandes zeladores, & ha outros

tam apertados, que temem que por dar muyto aos pobres, poderã vir tudo a faltar) diziam q nam havia pano pera tantas mangas, & q cedo faltaria pera os religiosos de casa, o q se gastava com os pobres de fora; & q nam teriam no refeytorio o q se despedia na portaria; mas enganaramse estes pronosticos, porq nada faltou, & tudo sobejou, com hum caso bem notavel & prodigioso, q entam socedeo no Collegio de Coimbra; porque tirandose cada semana do celeyro quasi hum moyo de pam, pera os pobres, & cõtinuando as esmolas muytos meses, tam pouca diminuiçam houve nelle, como se tirasẽ hũ sò alqueyre: & aõde se duvidava se haveria trigo pera poucos, sobejou pam pera muytos, comẽdo os religiosos, & nam faltando aos pobres; que parece comiam hũs, & outros dos paës, a que o Senhor no monte lançou a bençam, & repartio às turbas. E assim socederia muytas vezes, se os Superiores abrissem mais as mãos, pera dar mais aos pobres; & se fiasẽ mais da providencia divina, que do provimẽto humano; mas porque elles nam tem confiança, pera dar grandes esmolas, nam tem merecimento pera ver maiores milagres.

4 E pera q as alcofas deste milagroso pam, ficasẽ bẽ cheyas, quiz Deos nosso Senhor, q logo

Milagres
da chari-
dade.

Luc. cap. 9.
n. 17. Mat.
cap. 15. n.
36.

no anno seguinte os campos do Collegio acudissem com a mais fertil, & alegre novidade, que até aquelle tempo tinham dado: tam rendosa he a charidade, que sempre teve por privilegio nam perder o que dá, & ganhar no que dispende; que a seara dos pobres, como diz Sancto Agostinho, ^c he muy fertil, logo restitue, com mayor liberalidade, o que se lhe entrega cõ melhor vontade; nem ha arte que mais usurãs espirituas ensine (como largamente prova Sam Chryf. ^d) o que a esmola: ditosa negoceaçam, nam com tratos prohibidos, mas com ganhos proveytosos. Antes assim recompensa Deos a boa obra feyta ao pobre, como se lha fizessem a sy mesmo: & ainda acrecenta mais Sam Ioám Chrysofostomo, ^e dizendo, que as esmolas, parece q̃ sam mercês feytas a Deos, pelas quaes nos fica devedor: & por isso a Escritura divina, ^f chama *Munera*, ás offertas que Abel justo lhe apresentava: & se o Senhor he tam liberal em pagar serviços, quanto mais o serà em satisfazer mercês.

5 Chegou finalmente este fiel servo do Senhor, cheyo de annos, & merecimentos, aos ultimos dias de sua vida; & entendẽdo que morria, se aparelhou muy de proposito pera esperar a hora do Senhor: socedeo isto no Collegio de Coimbra: estava

continuamente cercado, & acompanhado de muytos religiosos; confessouse gèralmente, & pedio que lhe trouxessem o Sanctissimo Sacramento: estava elle já fraquissimo, & com a vista muy quebrada, & em ouvindo q̃ vinha o Senhor pelo corredor, como se aquella cama fora a sepultura, & aquella hora a do dia do juizo, & aquelle som da campainha a voz da trombeta, que os mortos ham de ouvir, pera se levantarem vivos; assim se levantou elle de repente, como resucitado, com espanto grande dos circunstantes, levantando tambem a voz, pouco antes de espirar, qual o Senhor na cruz, & bradou, como se estivesse com todas suas forças, dizendo: *A mim Deos meu? a mim Deos do ceo? a mim gloria minha? vos haveis de entrar em casa de quem está pera entrar na sepultura?* Hiam estas palavras acompanhadas de grande abundancia de lagrimas, tam suaves que parece que já aquella ditosa alma punha a boca á enchente dos deleytes eternos: foy tam copiosa esta fonte manacial de lagrimas, & tam inefaveis as consolaçoens, em que seu coraçam se desfazia, que de todo ficou privado de poder falar, porẽm as lagrimas sam bem ouvidas, & muyto bem entendidas: que estas eram as vozes, por onde o ^h Propheta se explicava com Deos, pelas

quaes

^c
August. de verb. Dom. Ser. 25, *Fæcundus est ager pauperum, citò reddit dorantibus fructu.*

^d
Chryf. to. 5. hom. 36, *Eleemosyna est ars omnium artium que stuoissima.*

^e
Chryf. to. 5. hom. 7. *In eleemosyna Deu habes debitorem, non te tã dare cõset, quam accipere.*

^f
Gen. 4. n. 5. *Respexit Dns ad Abel & ad munera eius.*

Como se aparelhou pera morrer.

^g
Mat. c. 27 num. 50.

^h
Pfal. 6. n. 9. *Quoniam exaudiuit Dns vocem fletus mei.*

quaes era ouvido, & despachado: deteve-se assim algum espaço de tempo, até que temperado lhe Deos aquella suave violencia, que tanta força lhe fazia, protestando com entranhavel affecto ser aquelle Senhor o Deos vivo, em cuja fé vivera, & entam morria, o recebeu em suas entranhas, pera em breve delle ser recebido na gloria.

6 Depois de recebida a extrema unção, estado já quasi espirando, rodeado de muytos religiosos, que todos tinham sido seus discipulos, & choravam com saudades de perder tal mestre, lhe socedeo o que do discipulo amado do Senhor, conta Samⁱ Ieronymo, o qual nam podendo já quasi lançar a alma, com tudo só a tinha, pera poder encômendar a charidade, *Filioli diligite alterutrum.* Desta maneyra, pondo os olhos nos presentes, lhes falou assim, *Padres, & Irmãos meus, muyto amados em Christo, morro consoladissimo na Companhia de IESUS; nenhuma outra coisa vos encomendo nesta hora, senam a charidade; amayvos hums aos outros com a charidade seguraveis a mercê da vocação na Companhia: com a charidade cresceréis na perfeição, na charidade tereis ceto final de vossa salvaguarda: haja meus charissimos Irmãos, entre vós charidade, & esta só basta.* Assim dizia o benedito velho, & nam tendo já forças pera dizer outra palavra, com a que tinha no

coraçam, morreo, tendo a na boca, repetindo nos ultimos arrâcos, & desfalecimentos do espirito, & do alento vital, *Charidade, charidade.*

7 Bêaventurada alma, em quem primeyro se acabou a vida do corpo, que o amor do proximo: ditoso Padre, que tam altamente sentia da charidade, que esta deyxou por ultima herança a seus queridos filhos: ditoso mestre, que sendo Lente de Prima, na ultima lição, quedo, tal grossa ditou sobre a materia da charidade: faltavalhe o alento pera viver ao mundo, nam lhe faltava a charidade, pera nos unir em Christo: nam tinha folego, pera poder respirar, & ainda tinha espirito pera poder amar: o sangue estava já frio com a morte visinha, mas o fogo da charidade ainda estava aceso com a graça divina: com esta ultima palavra acabou, com ella ficou na boca, & com ella, sem duvida ficou entregue a Deos, conforme a doutrina de S^K Ioã, que quem fica na charidade, fica em Deos, & Deos fica nelle. Desta maneyra, em quatro de Fevereiro de mil quinhentos, noventa & cinco, espirou aquelle bom velho, por quem sempre suspiraremos.

8 Seu corpo foy dado á sepultura, tam puro, & limpo, como sa hira da pia baptifical, confirmandose com grandes argu-

Estando espirando em comendou a charidade.

1
Eneincom.
adGal.
lib. 3, c. 6.

K
Ioan. c. 4. n. 16. Qui manet in charitate, in Deo manet, & Deus in eo.

Prova de sua grande pureza.

mentos o que em sua vida tinha sabido aquelle grande seruo de Deos o Padre Hieronymo Carvalho, de sua pureza virginal: o qual tambem affirmou, depois d'elle morto (sendo homẽ de grande verdade) que confessandoo gèralmente, assim dos annos que estivera na religiam, como no mundo, lhe nam achára nem hum sò peccado mortal. Este foy o bemaventurado Padre Fernam Peres, hum dos primeyros Lentes que teve a Vniversidade de Evora, de quẽ ella, com muyta rezãm, se pòde gloriar, & esperar, que pois Deos nosso Senhor lhe deo principio com hum varãm tam assinalado em virtude, & letras (que tendo setenta annos, estava, em rezãm da innocencia virginal, mais nos primeyros da infancia, que nos ultimos da velhice) que os mãebos que se criam naquelle sancto Collegio, creçam sèpre em sciẽcia, floream em innocẽcia, & se perpetuem em pureza, pera que conservandoa em flor atè a morte (na qual sò com segurança se triunfa da vida) se façam delles aquelles cheyrosos ramalhètes, a quem S. Ambros. ¹ falãdo dos castos jã mortos, com muyta alluzam, chamou, *Spirantium defunctorum triumphales manipulos.*

¹
Amb. Epist.
l. 6. Epist. 39.

CAPITULO XXXV

Do Padre Doutor Luis de Molina, de suas virtudes, & muytas letras: & do Padre Doutor Gaspar Gonçalves, que tambem foram dos primeyros Lentes d'aquella Vniversidade.



Estes tam assinalados Doutores, que deram principio à Vniversidade de Evora, socedèram logo outros, q nam menos a enobreceram, como foy o muy celebrado Doutor o Padre Luis de Molina, tam conhecido no mundo, por suas obras, & tam estimado de muytos por sua doutrina. Leo a cadeyra de Vespõra, & depois socedeo ao Padre Fernam Peres, na de Prima, imitandoo nam menos nas letras que na virtude. Foy natural da cidade de Cuenca, & sendo estudante na Vniversidade de Alcalà, de muy conhecida habilidade, entrou na Companhia de idade de dezoito annos, & lo mandaram pera Portugal, no de mil quinhentos sincoenta & quatro, quando se começavam a pôr em praxe nossas Constituiçoens, que, entre outras cousas, dispoem

Entrada
na Companhia do
P. Luis de
Molina,
& seu procedimento.

que

que o noviciado seja de dous annos,ordenando Deos que as começasse logo a exercitar quẽ havia de ser tam pontual em sua goarda. Cahiolhe a sorte de ser noviço do Padre Antonio Correa, que foy mestre de grã-de espirito, & raro exemplo, como dissemos no quarto ^a livro.

2 E porque he mais facil, (como diz S. Hieronymo, ^b desprezar o mundo, que deyxar a vontade) tratou muy de vèras de crucificar sua carne com todas suas concupiencias. Mortificouse tanto no principio de sua vocaçam, que veyo a enfraquecer de maneyra, que parecia estar ethyco: com tudo ajudado de Deos, ouvio o curso de Artes (no qual teve por mestre ao insigne Padre Sebastiã de Moraes, o que hindo por primeyro Bispo de Iapã, morreo na navegaçam.) E depois confirmado com a idade nas forças, nam sò aturou a leytura do curso da Philosophia, que leo em Coimbra por espaço de quatro annos, mas depois tambem continuou o da Theologia em Evora por largo tempo, sem intermissãm, & cõ admiraveis mostras de sutileza, liçam de livros, reoluçam de casos, conhecimento de leys, agudeza de engenho, & clareza de doutrina: dandose sempre as mãos, & estando nelle em bella conformidade o mais luzido das

sciencias, com o mais apertado da virtude.

3 Era o primeyro no exemplo da goarda de todas as regras, ainda que fossem as mais minimas: na pobreza foy muy insigne, porque chegando a sessenta & cinco annos de idade, & estando quasi consumido com o continuo trabalho de estudos, nunca soffreo particularidade nenhuma, nẽ no prato, nem no fato; no cubiculo nunca teve mais que livros, cõ hũa imagem pintada de Christo crucificado: o breviario era tam antigo, que escaçamente se podiam ler nelle as horas menores: na obediência erata observante, que lhe nam levava ventagem o mais humilde noviço. Foy muy dado á oraçam, & desta mina tirava os thesouros de sabiduria, com que allumiou o mundo, & enriqueceo a Igreja. Sendo tam ordinario da sciencia, conforme a Sam Paulo, ^c encher de sãberba a seus alumnos; antes (segundo S. Isidoro) ^d sendo assim que cuncta crescer a mayor arrogancia, com os mayores estudos; com tudo neste excellentissimo letrado melhor campeavam os finaes de religioso modesto, cõ as demonstraçoens de mestre insigne: era em seu animo muy humilde, em nada presumptuoso, & altivo; muy facil de se sogeytar, & deyxar reger, nam

De sua pobreza, & mais virtudes.

^a p. l. 4. c. 39

^b Hier. Ser. fu per illud Mat. si vis perfectus esse vade, &c. Facilius seculũ cõtemnitur, quã voluntas.

De sua grãde mortificaçam.

^c 1. ad Cor. c. 4 n. 6. Sciẽtia inflat, charitas ve rō ædificat.

^d Isid. l. 3. de summo bono. Quantó sunt maiora literaturæ studia, tãto animus arrogãtiæ fastu, & inflatu maiore intumescit iactantiæ.

sò de seus Superiores, mas de qualquer outro, que com algũ fundamẽto o advertisse nas materias que ditava, & nos pareceres que dava: confessando às vezes, com toda a candura, & singileza, que nam estava nõ q̃ lhe perguntavam, & que veria seus escritos. Advertio se nelle nam desfazer nunca, nẽ tachar, antes louvar muyto os outros Lentos, & Doutores, posto que nam seguissem sua doutrina, & tivessem contrarias opinioens; que na verdade bem podẽ, em materia de letras, ser os juizos diversos, & podem ser as vontades as mesmas.

Era apertado nas opinioens.

4 Como era tam amigo da virtude, & observante da religiam, nas opinioens que seguia, foy sempre muy contrario das que ensinam, & introduzẽ largueza; q̃ tal vez ha mestres, que ceydã que se affamam cõ serem largos nas opinioens, & se persuadem, que fazem grandes valẽrias em facilitar as materias que ditam, & os casos que lhe perguntam; sendo assim que com semelhantes doutrinas arriçam as consciencias proprias, & enredam as almas alheyas: muy diferente norte seguia este insigne varã, & excellente Doutor Luis de Molina, porque sempre se inclinava àquellas opinioens, que mais promovem à virtude, & acrescentam o rigor da disciplina religiosa.

5 Nunca se vio nelle que ensinasse doutrinas, ou por affeyçã de mestre, em quem jurasse, ou por ceyta de eschola, a quem seguisse. Abraçava a opiniam, que a rezã lhe ditava, & que a verdade lhe ensinava: escolhendo a doutrina, & nam se atando ao Doutor; que os homens sam livres, & nam devem querer os que, por sorte, nos vam diante nos tempos, hirnos tambem por força diante nõ saber: antes se devem persuadir os mais antigos (como lhes advertio Seneca^e) que sò foram mestres pera nos ensinar, & nam sam senhores pera nos dominar; porque a verdade sempre esteve patente a todos, & ainda nam està sua fonte de todo esgotada; nem alcançaram tudo os que jã morreram, q̃ alguma cousa ficou pera osq̃ ainda vivẽ: & (como diz o divino oraculo por Daniel^f) assim como vam passando muytos, hirã entrando tambem muytas, & varias sciencias: & por isso, com muyta rezã, o Cardeal Cayetano cõdena os que condenam a novidade na escriptura sagrada, sò por nam ser seguida dos Doutores antigos, porque d'outra maneyra (como elle a crescenta) perderiamos a esperança de podermos interpretar as sagradas letras, & sò trataríamos de tresladar, & nam de comentar: isto diz este insigne doutor: donde ben

Era de fã payxona- do em seguir as opinioens.

e Seneca Epist. 33. Qui ante nos ista invenerunt, non domini nostri, sed duces sunt, patet omnibus veritas, non dum est occupata tota, multum exilla etiam futuris relictum est.

f Daniel cap. 12. v. 4. Plurimi pertrāsibunt, & multiplex erit sciẽtia.

g Caietan. in Præf. ad Pæt. Nullus itaq; detestetur nouũ sacra scripturæ sensũ, ex hoc, quod dissonat à priscis Doctoribus, aliõquin spes nobis, & posterituri expõnendi scripturæ sacræ, nisi trãsferendo, vt a iunt de libro in caternũ. &c.

se infere, que nam se devem cōdenar as doutrinas (quãdo nam sam em materias de fé) sò por serem nõvas, & parecerem diversas, porque por muytos caminhos se pòde hir ao mesmo termo; & quando sobre os Apostolos ^h veyo no dia de Pentecostes o fogo da divina sabiduria, posto que as lingoas eram diversas, o espirito era o mesmo. isto digo, pera que entendamos que nam devem ser tam estranhadas algũas opinioens, q̃ com maduro juizo, em seus escritos ensinou o Padre Luis de Molina, sò porque parecem diversas, do que os antigos ensinaram, pois podem parecer differetes, & podem ser excellentes; principalmente que elle nam quera ostentar vaidades, mas pretedia descobrir verdades.

6 E atè aquelle livro, que compoz sobre a concordia do alvidrio (que tantas discordias caulou no mũdo) contra o qual se conjuraram rayos de perseguiçoens, & cõspiraram em sua destruiçam coriscos de contradicoens; sabemos de certo que o compoz, nam por payxam de contradizer, mas com espirito de acertar: & por isso foy Deos servido de o defender dõs que vivissimamente o pretendãram desauthorizar, porque levando elles o livro ao summo Tribunal da suprema Inquisiçam, & solicitando cõ os mayores em-

penhos, reprovar a obra por erronea, & condenar o author por temerario; acudio sempre Deos pelo livro, & defendeo o author; sahindo este ouro de sua excellente doutrina mais puro, & melhor acrisolado da fornalha das perseguiçoens, como elegantemente disse delle Sylvestre Maurolyco, ⁱ cujas palavras, por serem de author sem lofpeyta, quero aqui referir, *Cuius eruditus (diz Sylvestre) de auxilijs partus, politus in fornace examinis Pontificij, & sapius igne probatus, de prehensus est aurum omnibus numeris purgatissimum.* E falando do mesmo Padre Molina, diz logo, que he de tanta autoridade nos tribunaes, & nos juristas, que sò elle basta pera dar lustre à verdade, & remate às demandas, *Ipse verò Molina in Theologia morali tanta est auctoritatis, tantaque aestimationis in tribunalibus, & apud iuristas, ut sine ullo adminiculo, aut copia aliorum authorum, adferat lumen veritati, decisionem causis, terminum litigijs.* Tam grande opiniam se tinha deste excellente Doutor, que a Vniversidade de Coimbra com grande instancia pediu a elRey Dom Phelippe o Prudente, lhe desse por Lente de Prima o Padre Frãcisco Soares, ou o P. Luis de Molina; & nam podia deyxar de ser grãde o pezo das letras, q̃ se punham em igual balança com as do grande Soares.

^h
Mt. Apca.
p. 2. n. 7.

ⁱ
Sylu. Maurolyc. lib. 5.
O cceani Relig.

Grãde autoridade das letras do P. Molina.

*Como tra-
tou d'im-
primir su-
as obras.*

7 Leo o Padre Luis de Molina, & ditou sobre toda a Theologia, & sobre todas as partes do Angelico Doutor Santo Thomas (de quem he certo que foy devotissimo) sem nunca tratar de publicar, & estampar suas obras; atè que os Superiores o desocuparam de lèr, & por obediencia o obrigaram a que as imprimisse. Pera executar esta ordem tratou muy de proposito de se refazer no estylo, estudando, & revolvendo de nouo os authores da lingua latina, nam se dedignando hũ mestre tam excellente das sciencias divinas, de se fazer discipulo nas letras humanas; como conta de sy San K Hieronymo, q̄ ainda depois de muy entrado na idade, nam deyxava de se exercitar na lingua Hebræa, antes q̄ ella o deixasse. E mostrava o Padre Molina tanta estimaçam destas faculdades latinas, q̄ dizia, q̄ de boa vôtade trocava muytos annos de leytura de Theologia, por hũ só de cadeyra de humanidades; & acrescentava, q̄ quẽ nam sabia muyto bem latim, nam tinha pera q̄ tratar de imprimir, porque nam ha livro bom, com estylo roim. Isto dizia o Padre Molina, eu ao menos digo, cõ o Mestre da eloquẽcia Romana, que ainda que nam he grande gloria ser bom latino, ao menos he grande afronta fêlo roim.

8 Estampou primeyra-

mente dous tomos sobre a primeyra parte de Sãcto Thomas; itẽ hũ livro singular sobre a concordia da graça, & livre, alvidrio, com hum appendice ao mesmo livro: imprimio tambem leis tomos sobre a materia da justiça, nos quais tanto resplandece o admiravel engenho do Padre Molina, a singular comprehensam, & desposiçam de todo o direyto civil, que causa grandissimo espãto, como pode hum homem, q̄ sempre cursou Theologias escholasticas, tratar cõ tanta copia, & cõ tam grande certeza, doutrinas tam reconditas, que nam professou; & nos espanta mais por fazer isto em tempo, em q̄ nam estava ainda o mundo tam rico de livros impressos, como de entam pera cá tem sahido, em tanta abundancia, q̄ se atreveo hum^m herege a dizer, que já o mundo gemia carregado cõ o pezo dos livros, q̄ neste seculo tem sahido. Outras muytas obras tinha, nam menos admiraveis, mas a morte, que tudo impède, lhe impedio estãpalas: socedeo esta em Madrid, pouco depois de ter chegado de Portugal, em doze de Outubro, no anno de mil & seiscentos, com muyta edeficaçam, com todo o bom aparelho, como se esperava de varam tam exemplar; deyxando a Castella o sentimento pello verem la morto, & a Portugal as laudades pelo

K
Hier. ad
Eustoc. in
Epi. Paulæ
cap. 12. He-
bræam lin-
guam iufati-
gabili medi-
tatiue non
desero, ne
ipse ab ea
deserar.

i
Cicer. de
claris orat.
Non tam
præclarum
est scire la-
tiné, quam
turpe ne-
scire.

m
Petrus Au-
reol. citatus
à Ludouico
Cellot. lib.
8. de Hierar
cap. 16. §. i.
Iam orbis
gemere ca-
pit librorũ
mole op-
pressus.

P. Gaspar
Gonçalves
insigne
Doutor.

nam gozarem cã vivo.

9 Floreceo tambem por muytos annos na mesma Vniuersidade o Padre Gaspar Gonçalves, Doutor em Theologia, homem de muyta erudiçam, & engenho, muy universal pera todas as faculdades, sendo em cada huma tam eminente, como se sò aquella professãra. Foy natural de Coimbra, aonde entrou na Companhia aos vinte & cinco de Mayo de mil quinhentos sincoenta & seis; professou primeyro, com grande louvor, as letras humanas, lendo em Coimbra com notavel satisfaçam a primeyra classe de Rhetorica, sendo hum dos mais louvados ventureyros, que entrãram pelos floridos prados, & doudas florestas da poesia, & oratoria. Mandado depois à Vniuersidade de Evora, foy nella professor de Theologia escolastica: & porque tinha grande erudiçam, & eloquencia, com universal noticia das linguas Latina, Grega, & Hebraea, o applicãram tambem a ler a sagrada Escritura, & o fez com muyto bom successo; posto que (como de Isocrates disse Cicero ⁿ) sendo grande orador, & perfeytissimo mestre, suas obras nam sahiram a luz, & ficou tanta gloria metida entre as paredes do esquecimento.

10 Foy tambem este Pa-

dre dos mais celebrados, & estimados prègadores de seu tempo, & a quem os Reys, os Princepes, & os mayores prelados encommendavam os sermoens de mais importancia. Todas estas boas partes, & excellencias de habilidade, talentos, & létras com que Deos o enriqueceo, tinham melhores realces, à vista de sua grande humildade, porque succedendolhe em todas estas acçoens, quanto humanamente se podia desejar, mayor era a admiraçam que causava com a modestia de sua pessoa, que com o brilhante de seus talentos. Sempre se conservou em grande pobreza, & encolhimento, & sendo muy aceyto a muytos Princepes, principalmente ao Cardeal Infante, & ao Senhor Dom Duarte Duque de Guimaraens, cujo confessor foy, nunca se aproveytou do favor, que estes Princepes lhe offereciam, nem pera sy, pera quẽ o escusava, por ser Religioso, nem pera seus parentes, pera quem o poderia querer, por serem pobres.

Foy muyto
humilde.

11 Nos ultimos annos de sua vida hindo a Roma, tanto q̃ appareceo naquella Corte do mundo, & theatro principal (aõde melhor sayem os melhores letrados) foy muy estimado por suas grandes letras; & escolhido pela Sanctidade do Papa Sixto

ⁿ
Cic. de Clar.
orator. Ma-
gnus orator
& perfectus
magister;
quaquã fo-
renti luce
oruit, in-
traque pa-
rietes aluit
eã gloriam.

Quinto, por hum dos Theologos deputados, pera a revista, & emmenda da Biblia sagrada: & diante do mesmo Summo Pontifice teve huma elegantissima oraçam na entrada que fizeram em Roma os Princepes embayxadores do Iapam, com grande aplauso de toda a Corte Romana, que lhes pareceo que tornavam a ouvir a eloquencia de outro novo Tullio. E pera que soubesse a arte de bem morrer, assim como tinha estudado a arte de bem orar, se recolheo, nos ultimos annos de sua vida, cõ os Irmãos noviços, na casa de Sancto Andre em Roma, aonde acabou, entre occupaçoens de humildade, & exercicios de devaçam: vindo a fazerse discipulo, entre os noviços mais devotos, quem tinha sido mestre entre os Doutores mais sabios; ensinando-nos com este exemplo, que a verdadeyra sabedoria nam

consiste em saber ensinar,
mas em aprender
a morrer.

(?)



CAPITULO XXXVI.

Do primeyro guarda dos estudos que houve na Vniversidade de Evora, que foy Simam Gomes, ao qual cõmummente chamam o sapateyro sancto; tocasse, entre outras, hũa sua prophecia sobre as cousas deste

Reyno.

I Utros muytos Lētes, & Doutores, igoalmente sanctos, & letrados, teve o nosso Collegio de Evora, pelos tēpos adiante, que deyxou a quem cõtinuar cõ esta Chronica, porq̃ (ãlem de nam caberẽ seus grandes triunfos em cãpo tam pequeno, nem poderem entrar em livro tam limitado as excellentes obras, q̃ nos deyxaram estãpadas) o meu intento aqui só foy fazer hũa sũmaria mẽçam dos primeyros Lētes, cõ q̃ felizmente começou a Theologia d'aquella Vniversidade; q̃ tãbẽ foy ditosa no primeyro guarda dos estudos, q̃ teve, o qual foy hũ grãde servo do Senhor, insigne em virtude, celebre em espirito de prophecia, estimado por lua sãctidade, chamado Simam Gomes, a quẽ vulgarmẽte chamam em Portugal o sapateyro sãcto.

4 Foy este admiravel sa-

*Primeyro
guarda dos
estudos foy
no m em
san cto.*

patey-

pateyro natural de hum lugar chamado o Marmeleyro, junto a Thomar: seus pays foram pobres, & muy virtuosos, & houueram este filho depois de estarem casados doze annos, sem ter outro. A idade de minino gastou sempre em cousas de piedade, & já naquelle tempo era devotissimo da Virgẽ nossa Senhora, que desta fonte lhe manou todo o bem: aprẽdeo o officio do pay; & por mais que os Princeses deste Reyno o estimavam, & lhe offereciam melhoria de estado (como fizeram o serenissimo Infante Dom Luis, & em especial o Cardeal D. Hẽrique) nũca cõ tudo quiz deyxar o humilde officio, que toda sua vida exercitou em Setuvel, em Sanctarẽ, em Evora, & em Lisboa, estimãdo mais continuar sapateyro em hũa logea, q̃ viver cortesãem em o paço. Era sua vida tam sãcta, a oraçam tam continua, a modestia tam rara, tam admiravel o exẽplo, q̃ cõ rezãem lhe deram em todo Portugal o nome do sapateyro sancto: suas repostas pareciam de hũ oraculo divino: el Rey D. Sebastiam o mãdava chamar muytas vezes, & praticava cõ elle muy devagar, & pera o nam cãsar de joelhos, o fazia assentar em hũ cadeyrinha raza, & tal vez o mandava chamar ao cõselho de Estado, & lhe ouviam, & seguiam seu voto, ainda q̃ poucas vezes.

Grãde luz que tinha nas repostas que dava.

3 Parece q̃ tinha sciencia infusa, porq̃ as repostas q̃ dava sobre a sagrada Escritura, eram admiraveis, a luz cõ q̃ falava nas cousas de espirito, no estado da Igreja, na propagaçam da fé, na reformaçam dos costumes, mostrava q̃ era superior a todas as cousas da terta; que Deos nosso Senhor cõmunica seu espirito, cõforme lhe parece, & nam como nõs julgamos; & sabe encubrir seus mayores mysterios aos sabios, & aos prudẽtes, & revela los aos pequenos, & aos humildes: sabe escõder seus segredos a Pharaõ, que era Rey soberano, & sabe descubrilos a Ioseph, que era cativo encarcerado. E conforme o conselho de sua divina võrade communicou a este seu humilde servõ o espirito da prophecia, & lhe deo virtude pera exercitar em sua vida obras tam notaveis, que parecẽ milagrosas, como se poderãem ver na sua vida, que anda impressa, composta pelo Padre Manoel da Veyga da nossa Companhia.

4 Segũdo sua vida sãcta, foy sua morte ditosa, quasi dous annos antes da perdiçam del Rey D. Sebastiam em Africa, a qual elle muyto d'ãte mam prophetizou cõ tãta clareza, & cõ taes circũstancias, que mais parecia cõtar historias presentes, q̃ pre-nunciar successos futuros: como largamẽte se contẽ na sua vida.

5 E pera que entendamos

Mat. ca. 11. n. 25. Absconditi hęc a sapientibus, & prudentibus, & revelasti ea paruulis.

Morreo muyto sanctamente.

b
Ioan.ca 15.
nu. 15. Vos
autem dixi
ami. os quia
omnia quae
audiui a
Patre meo
nota feci
vobis,

c
Procop. su-
per Isaiam
c. 38. At per
quē illi mor-
tem Deus
denūciavit,
per eum etiā,
& morbi remediū
attulit, ne
cōtumeliosū
prophe-
tā mali tantū
ministrum habe-
re videretur,
&c.

Notavel
prophecia
de Simam
Gomes, so-
bre as cou-
sas de Por-
tugal.

d
1. p.l. 2. cap.
19.

quanto Deos o estimava, como muyto amigo (porq̃ a estes cōmunica Christo, como diz por S. Ioã, b o q̃ ouvio a seu eterno Pay) nam só acerca das cousas deste Reyno prophetizou castigos, senam q̃ també denunciou bonanças; nam só previo cativeyros, mas tambem alcançou liberdades, so cedēdo lhe o q̃ algūs notaram no propheta Isayas, c q̃ assim como ameaçou a Ezechias a doēça, & a morte, também lhe foy denunciar a laude, & a vida: pera q̃ soubessemos, q̃ o nam tinha Deos sò pera ameaçar trabalhos, mas pera denūciar bēs. Em prova disto quero por, pera cōsolaçam de todo o Reyno de Portugal, hũa sua prophecia que achey na casa de S. Roque, em hũ papel que eu tenho em meu poder, que deyxou escrito de sua propria letra o P. Fernam Guerreyro, q̃ foy hum nōsso Religioso, de vida sancta, de muyta verdade, professo de quatro votos, & por muytas vezes Superior, & morreo em Sam Roque, no anno de 1617.

6 Neste papel escreveo o P. Fernam Guerreyro muytas prophecias sobre a infeliz perda deste Reyno em Africa, as quaes Simam Gomes disse muytas vezes ao P. Mauricio (q̃ era o cōfessor del Rey D. Sebastiam, & morreo na perdiçam do exercito, da maneyra q̃ contamos na primeyra parte d) as quaes

cousas, diz o P. Fernam Guerreyro naquelle seu papel, q̃ immediatamēte lhas cōtou o dito Padre Mauricio: & entre outras muytas prophecias, q̃ ally se cōtam, & vimos cōpridas, estam estas formaes palavras, *Tambem me disse o P. Mauricio, q̃ Simam Gomes lhe dissera hũa vez as palavras seguintes: Ora, Padre, o Reyno se destruirá, por quē o começou a destruir, & elle se restaurará, &c. por certos canos q̃ elle Simam Gomes disse ao P. Mauricio, & o Padre mos disse a mim, pore nam os ponho aqui por certos respestos. Tambem me disse o P. Mauricio, que Simam Gomes lhe dissera, Padre eu nam sou propheta, pore eu sey de certo, que tudo isto ha de acontecer da mesma maneyra, que eu volo digo.*

7 Admiravel prophecia foy esta, & huma das mais notaveis, entre as q̃ houve na restauraçam de Portugal, nē della se pode duvidar, porq̃ eu confervo o original deste papel em meu poder, & o P. Fernam Guerreyro q̃ o escreveo, morreo trinta annos antès da acclamaçam del Rey D. Ioã o IV. que hoje nos governa. Posto q̃ ainda tanto a medo se declarava o P. Fernam Guerreyro, q̃ dizendo muy por extenso naquelle papel o q̃ o P. Mauricio tão dante mam lhe disse, q̃ ouvira a Simam Gomes, sobre nōsso castigo em Africa, & sogeyçãõ a Castella, cōtudo quãdo veyo a explicar o q̃ o P. lhe disse q̃ ouvira sobre a liberdade,

Nota.

restauraçam do Reyno, fala por
etceteras, & por certos termos,
sem os querer declarar, da ma-
neyra que lhos disseram, porq̃
escreveo isto em tempo, em
que estavamos sogeytos a el-
Rey Phelippe, & nam se atre-
veo o Padre a bulir em brazas
escondidas, debayxo da cinza
enganadora: porẽm já o tempo
parece que nos mostrou os me-
yos por onde socedeo esta nos-
sa restauraçam, que eram os que
Simam Gomes declarou ao Pa-
dre Mauricio, & o Padre Mau-
ricio ao P. Fernam Guerreyro.

8 Nem faça duvida dizer
este notavel servo de Deos, quã-
do denũciava estas cousas, q̃ el-
le nam era propheta, nem Deos
lhas cõmunicara, porque este he
o costume dos Sanctos, & dos q̃
tem este alto espirito, encubriẽ
com humildade semelhantes
graças, como fez S. Ioã Baptis-
ta, e que disse, que nam era pro-
pheta, sendo elle mais que pro-
pheta; & como fez o propheta
Amõs, f falando cõ o Rey Ama-
zias, negandolhe ser propheta,
quando com mayor espirito lhe
estava prophetizãdo: porque os
Sãctos costumam avaliar se pelo
pouco q̃ tem de sy, & nam pelo
muyto que receberam de Deos.
Muyto pudemos descurlar son-
bre este notavel dino; & muyto
mais pudera contar deste sa-
pateyro sancto, isõ dino, que a
fõte aonde recebia as enchu-

tes de graça, & o alto conheci-
mento das cousas futuras, foy a
ôraçam, nella achava o alivio
de qualquer tristeza, que lhe so-
briesteava a alma. Hum dia es-
tando muy triste, & delconsola-
do, se recolheo a ôrar, & se a-
chou tam resignado na võrade
divina, q̃ se offereceo a lofrer de
boa vontade aquella tristeza, &
descõsolaçam, atè o fim do mũ-
do; por esta resignaçam o visi-
tou Deos cõ hũa extraordinaria
alegria interior, tam efficaz, q̃
affirmava, que se imaginava na
gloria, se ella lhe houvesse de
durar pera sempre; veyo esta il-
lustraçam acõpanhada de hũa
grande segurança de sua salva-
çam, & do premio que no cèo
lhe estava aparelhado; & de hũ
grande desprezo de tudo o q̃ o
mũdo estima, & abraça. Esta luz
interior lhe cercou de tal sorte
o coraçam, q̃ nenhũa afflicam
corporal lhe entrava dẽtro del-
le, nem os grandes achaques, a
que era sogeyto, lhe tiravam a
juavidade que sentia, cõ serem
as dores vehementes.

9 Meditava cõ grãde pro-
veyto de sua alma nos mysterios
da sagrada payxam do Senhor.
& na cõsideraçam delles gasta-
va sete horas cadia, passando
em pẽ, sem se assentar, nem arri-
mar em memoria da postura d
filho de Deos na cruz; & andã
pelo pato da Universidade
enlevado neste sãcto exercicio;

*Da muyta
ôraçam q̃
tinha.*

*Como sen-
tio em sy
os effeytos
da payxam
de Christo.*

e
Ioan. c. 1.
v. 21.

f
Amos ca. 7,
n. 14. Non
sum pro-
pheta, ne
filius pro-
pheta; sed
amentarius
ego sum.

lencia tantos jubilos em sua alma; que affirmava nam se poderem com elles comparar todos os gostos da vida. Assim se deyxou penetrar destes sentimentos da payxam, que o Senhor padeceo, que hum dia comecou a sentir nos pés, & mãos dores gravissimas, como se o mesmo Senhor o quizesse fazer participãte de suas chagas, nam exteriormente com sinaes visiveis, mas invisiveis aos olhos, & sensiveis ao corpo, & estes lhe durãram por espaço de doze annos.

Quanto tempo esteve em Evora.

IO Perto de quatorze annos continuou Simam Gomes em Evora, & vivia satisfeyto cõ a occupaçam de corrector, até que o Infante Cardeal, que era Governador do Reyno, ordenou ao Padre Leão Hériques, q nomeasse pera esse effeyto hum irmão, que tinha o mesmo Simam Gomes, a quem ordenou que mudasse casa pera Lisboa, porque o queria ter mais perto de sy, pera communicar cõ elle algumas cousas. Tomou o servo de Deos conselho com seu confessor, & foy forçado obedecer a elle, que o aconselhava, & ao mandado de Sua Alteza, que lho mandava. Em Lisboa viveo com o mesmo exemplo de vida sancta, sempre junto à casa de S. Roque, & finalmente descançou em o Senhor, aos 18. de Outubro de 1576. acõ-

panhado com luzes, & resplandores celestiaes. Foy sepultado na Igreja de Sam Roque, que estima em grande preço suas reliquias: & sempre na opiniã de todos foy tido, & havido por homem sancto, como se pòde largamente ver na historia que delle compoz, & estãpou o Padre Manoel da Veyga da Companhia, como adverti. No pouco que aqui apõtey deste sapateyro sancto, se alcança bem, que na casa de Deos mais montam os merecimentos da vida propria, que o solar da nobreza dos avõs.

II Este foy o primeyro goarda, & estes foram os primeyros Lentes, que teve a Vniversidade de Evora; & nam foy menor a gloria que de outros muytos ao diante lhe recreceo, como em seu lugar se contará. Houve tambem outros muy insignes Doutores, aos quaes a mesma Vniversidade autorizou com os graos que lhes communicou, & com as borlas que lhe deo, entre os quaes o principa foy o Padre Doutor Francisco Soares da nossa Companhia, varã admiravel no mundo por suas letras, & por suas virtudes, o qual depois de ter insinado em muytas Vniversidades, & lendo já de Prima de Theologia na de Coimbra; veyo a esta tomar o grao de Doutor em 4. de Junho de 1579. como a seu

tempo se dirá; deytado em duvida se foy mayor a honra; que recebo nesta Vniuersidade na borla de Doutor; que alty lhe deram, se a que elle lhe eõmunicou com a acceitar della; em rezã de poder contar a hum tal mestre por seu alumno.

CAPITULO XXXVII.

Da grande virtude do Padre Dom Francisco Henriques de Navarra, que foy nos principios daquelle Collegio seu mestre de noviços: E de hum caso notavel que lhe socedeo em sua morte.

NAm foy sò ditoso o Collegio de Evora nos primeyros mestres de Theologia, que nelle houve, como já dissemos, mas tambem teve a mesma felicidade nos primeyros mestres de espirito, como agora veremos: destes foy o Padre Dom Francisco Henriques de Navarra, o qual foy mestre de espirito, dos primeyros mestres de Theologia daquelle Vniuersidade. Era de muy noble geraçam; sobrinho do celebre Doutor Martin de Aspilcoeta, & tambem foy parente do glorioso Padre Sam

Francisco de Xavier, de que já tinha o nome, & deleyava ter a virtude; seu pay se chamou Dõ Antonio Henriques, sua mãy Dona Violante Gracia, eram naturaes de huma villa chamada Ablites, no Bispado de Tarraçona: veyo Dom Francisco a Lisboa, depois de residir muytos annos na Vniuersidade de Paris, & agraduado com a borla de Doutor no direyto Canonico, & civil, estãdo no melhor de suas esperanças pera poder alcançar muyto do que o nũdo pode dar; se abraçou, de melhor vontade, com a humildade da cruz de Christo, nesta sua Companhia; entrando na casa de Sam Roque, em Lisboa, em onze de Setembro de 1556. procedendo logo com grande exemplo, da maneyra qõo tinha feyto em Coimbra, outro seu primo, sobrinho do mesmo Doutor Navarro, chamado Ioã de Aspilcoeta, que entrou na Companhia, como dissemos na primeyra^a parte, & ambos elles se assinalaram na religiã em virtude, & exemplo, o Padre Ioã de Aspilcoeta no Brasil, o Padre Francisco de Navarra em Portugal: hum ensinando gentios, outro doutrinando noviços.

Teve esta boa graça o Padre Francisco de Navarra, que chegou a ser mestre do espirito dos que lhe ensinavam a

^a
i.p.l.3.c.9.

P. Francis
co de Na-
varra que
foy.

Era mestre, & juntamente discipulo.

Theologia; porque teve por no-
viços, & por discipulos na reli-
gião a dous insignes Doutores,
de quem tenho falado nos ca-
pitulos passados, que foram os
Padres Pedro Paulo Ferrer, &
Fernam Peres; os quaes entrã-
ram na Companhia, sendo ho-
mens muy doutos na sagrada
Theologia, & porque esta fal-
tava ao Padre Frãisco de Na-
varra (posto que era Doutor em
ambos os direytos) começou á-
prender Theologia, sendo já
tam provecto na virtude, que a
ensinava a seus mesmos mestres:
que esta distincão tem a Theo-
logia escholastica, da Theo-
logia mystica, que pôde hum ho-
mem ser contemplativo, & pô-
de alcãçar mysterios altissimos,
dos mais profundos segredos
do creador, & das creaturas,
ainda que nam conheça os ter-
mos das escholas, & posto que
nam sayba a forma dos argu-
mentos; & d'aqui vem, que or-
dinariamente mais se commu-
nica Deos a hum sancto idiota,
que a hum Theologo vaidoso:
era o Padre Francisco de Na-
varra juntamente mestre, & jũ-
tamente discipulo; aprendia dos
mesmos que ensinava: & bem
lhes satisfazia o trabalho da po-
stila, que lhe ditavam, com a
boa doutrina que lhes prati-
cava, porque se aprendia Theo-
logia, lhes ensinava virtu-
de.

3 Notavel foy a delica-
deza de espirito com que pro-
cedia este devoto mestre, & hu-
milde discipulo; em quantas ac-
çoens ordinarias fazia, perã to-
das tinha particulares oraçoẽs,
com que preparava sua alma, &
offerencia a Deos suas obras, re-
partindoas de tal maneyra, que
as hia offerecendo a Deos, por
diversos passos da payxam de
Christo, em que hia meditan-
do; de sorte, q as mesmas obras
lhe serviam de espetadores, cõ
que vinha a andar o dia todo
em oraçam, & na presença de
Deos, estes eram seus cuydados,
& esta sua principal occupa-
çam.

4 Tinha especial deva-
çam à Sanctissima Trindade,
diante de cujo divino acatamẽ-
to tres vezes no dia, postrado
em terra, com profunda humil-
dade, fazia larga oraçam; & no
principio de qualquer obra, âlẽ
da oraçam preparatoria, de que
dissemos, glorificava as tres di-
vinas pessoas, dizendolhe, com
grande reverencia o verso de
Gloria Patri, &c. Era sua muy es-
pecial avogada a Virgem Maria
mãe de Deos, Rainha dos An-
jos, & senhora nossa, á qual ca-
dadia resava o Rosario inteyro,
& parendolhe ainda pouco
(porque quem tem amor a esta
Senhora, gosta muyto de a sau-
dar muytas vezes) tambem lhe
resava sua coroa, dando gra-

*De sua
grãue de-
vaçam.*

*Devaçam
que tinha
à Sanctis-
sima Trin-
da de.*

*Devaçam
à Virgem
N.S.*

ças ao Senhor muy em particular por cada huma das virtudes, & prefeçõens, de que doutou a sua santíssima mãy, & ao Sabbado sempre, além do officio divino, refava tambem o da mesma Senhora, tendoa em todas suas obras, & empresas por guã, por mãy, & por avogada.

5 O dia todo era pequeno a este devoto Padre pera fazer devaçõens, & raro era o Sancto pera quem nam tivesse particular oraçam; & em especial se mostrava devotissimo de Sam Ioã Bautista, & de Sam Ioã Evangelista, Sam Pedro, Sam Francisco, Sam Ioseph, Sancto Thomàs de Aquino, & entre as Sanctas, à gloriosa mãy da Virgem Senhora Sancta Anna: todas estas devaçõens, & orações fazia com tanta continuacão, & perseverança, que na verdade era espanto ver hum homem tam occupado, com obrigaçam de estudo, & de officio, ter bastante tempo pera cumprir com tantas miudezas de devaçõens, quantas todos os dias infallivelmente fazia; porém assim como tudo fica facil a quem muyto ama, assim nunca falta tempo a quem he muyto devoto.

6 Na obediencia era puntualissimo, deyxandose todo governar por seus Superiores, aos quaes, pera com mayor luz, & melhor noticia de sua alma o poderem encaminhar na via es-

piritual, cada dia dava conta do que passava em sua alma, tam meuda, & pontualmente, como se ainda fora noviço, & nam como mestre de noviços. Deste concerto, & harmonia interior, q̃ nesta devota alma caulava a continua presença do Senhor, lhe nacia a maravilhosa composiçã, & ordem tam apontada em suas palavras, que nunca nelle se achou falar de zombaria, nem tratar de nõvas, ou ccusas de negoços seculares; pezando sempre suas palavras na balança da consideraçam: nenhuma cousa mais abominava que o pouco tento, & precipitaçam no falar, a que elle com razã chamava rio de desordens: & nisto particularmente fazia muyta força aos Irmãos com quem tratava, intimando-lhes a grande cautella que deviam ter em suas palavras, a qual em particular advertia q̃ guardassem, em nam contarem tudo o que ouvissem, ainda de boca de homẽs prudẽtes, & virtuosos, pois esses tambem, como homens se podiam enganar, & exceder em palavras, & por isso era muyto necessario ter nellas muyta ponderaçã, conforme o conselho, que S. Hieronymo dava, ^b *Lingua officium animi libra dispenset*, encomendando o Sancto à virgem Celancia, que primeyro que fãlasse pezasse as palavras da lingua cõ a balança

^b
Hier. Epist.
ad Celant.

Sanctos de
quem era
devoto.

De sua o
bediencia.

da boa consciencia: acertado conselho, & muy prudente advertencia, porque na verdade sam tantas os inconvenientes, q se seguem de hum ser facil em contar novás, que melhor he ser julgado por incredulo, que ser estimado por noveleyro.

7 Toda esta perfeyta fabrica de devaçam, & exercicio de sanctas virtudes estava fundada em hũa profunda humildade, com a qual sempre buscava seu proprio abatimento, & desprezo, daqui lhe nacia, que podendo applicarse a prégar, & a outras occupaçoens mais lustrosas (que pera todas tinha grãdes talentos) com tudo mais se entregava a outros exercicios humildes, & muy em particular se dava ao sancto ministerio de curar confissoens, que he menos lustroso, mas custuma ser mais proveytoso. Notavel era o modo com que tratava os penitentes, porque por huma parte nam havia mayor asperesa, & por outra nam acharieis igoal brandura: humas vezes lhes estranhava, & agravava os peccados, movido com zelo de ver a bõlade immensa offendida, outras vezes chorava com os mesmos peccadores, & diante da divina misericordia os desculpava, intercedendo por todos os que cõ elle se confessavam, fazendo officio de verdadeyro pay espirital, que juntamente ha de ser

Como exercitava o officio de confessor.

mediador entre Deos, & entre os homens, qual queria Sam Gregorio Nazianzeno, que fosse o que tem almas à sua conta, tratando com zelo as cousas de Deos com os homens, & com amor as cousas dos homens com Deos, como fazia Moyse, de quem o mesmo Sancto^b disse, q negociava a causa do povo diante de Deos com lagrimas, & a causa de Deos diante do povo com espadas: isto executava tam puntual o Padre Francisco Navarra, que bem se lhe podia dar o titulo de bõ medianeyro, pois assim estranhava os peccados nos penitentes, que parece os degolava com a espada do rigor, & assim rogava a Deos por elles, que parece os abraçava com entranhas de amor.

8 Quem assim estranhava os peccados alheyos, tambem era contra sy muy riguroso fiscal; de qualquer consinha, que nam fosse muy ajustastada com as regras, fazia grande escrupulo; succedeolhe nos primeyros annos da religiã, que estando em recreaçam com outros Irmãos, a caso com impeto natural, & quasi a furto da rezam, se apressou hum pouco mais, por chegar primeyro a certa parte, & nam havendo nesta prèssa outra falta mais, que a incnsideraçam que teve da goarda da gravidade, & modestia religiosa, com tudo tãta imprèssam

^b Greg. Naz. Apol. Orat. 1. Medius inter homines, ac Deum constitutus, pro illis ydelicet dimicās, huc autem peculiarè populum cõfil-ās, & iungens.

A grande vigia que tinha sobre sua vida.

fez nelle, que nam sô em acabando de a fazer, mas em toda a sua vida sempre chorou, & accusou este descuydo, com tantas vêras; & magoas de sua alma, como se fora hum gravissimo peccado, da mâneyra que Sam Pedro sempre chorava a sua negaçam: que assim fazem os Santos que choram sempre o mal que huma vez fizeram; & nam como outros descuydados, que goardam a contriçam de suas culpas pera a hora da morte, como del Rey Antiocho conta a sagrada Escritura, ^d que sô entam, depois de tanto tempo, se lembrou dos males, que tinha feyto em Hieruselem: *Nunc reminiscor malorum, quae feci in Hierusalem.* Porêm assim sam esquecidos os peccadores, & assim fiam delgado os homês justos, & tam mimosas tem as almas, que mais pejo lhes faz nellas qualquer falta, que na minina do olho qualquer argueyro.

9 Nam quiz Deos nosso Senhor deyxarnos por mais largo tempo tam grande espirito na terra, porque o levou a gozar do premio, que cõ sua sancta vida tinha merecido, confirmandonos nisto o mesmo Senhor, com hum caso tam evidente, que quando duvidassemos, nam será sem agravarmos sua divina bondade: A doeeço o B. Francisco de Navarra, & continuando a enfermidade, veyo a

entender que aquella era a ultima: & logo este fiel servo do Senhor tratou de se aparelhar muyto de proposito: em particular pedio muytas vezes, com grande efficacia ao Senhor, que pera sua alma, logo em sahindo do corpo, ter vista de sua divina essencia, fosse servido commutarlhe nesta vida o purgatorio da outra. Quanto mais a doença continuava, tanto cõ mayor instância repetia o Padre a mesma petiçam: caso certo admiravel, totna, ò Senhor as redeas à morte, fala parar, & estende ao enfermo o prazo da vida, revelahe, com toda a clareza, que tinha ouvida sua petiçam, & q̃ nesta vida teria seu purgatorio: chama logo o ditoso Padre seu confessor, declarahe, como tinha por despachõ do cêo a cõmutaçam da pena do purgatorio, em outra desta vida; & que posto que nam sabia qual havia de ser, com tudo, que pelos tormentos que as almas tem naquelle lugar, entendia que nam poderia deyxar de ter algũ extraordinario; pelo que lhe pedia instantemente, que antes de entrar nesta agonia, fizesse oraçam a Deos, & entrado, o nam desempare, antes o acompanhe, o anime, & esforce todo o tempo que durar aquelle grave cõflicto, pera que o espirito sempre esteja prompto, ainda quando a carne ficar mais enfraque-

Do que lhe socedeo em a ultima doença.

Comutalhe Deos o purgatorio em penas desta vida.

cida:

cida: isto pede, isto roga, isto encomenda huma, & muytas vezes a seu confessor, que já parece a natureza arreceava a luta, & temia a batalha: como succedeo ao Senhor no horto de Gethsemani, e antes de entrar a lidar com as penalidades de sua morte sagrada.

10 Foy cousa muy notavel, & digna de toda advertencia, que estando este servo do Senhor muy quieto em sua cama, com huma doença lenta, q̄ pouco a pouco o hia gastando, subitamente se levanta naquelle corpo huma tempestade defeyta de tormentos, entra o bom Padre em hum desafio de dores, feremno pōtadas muy agudas, picamno vivas lâçadas, atraveçamno setas penetrantes, cortamno espadas de dous fios, por todas as juntas do corpo: achase, estando inteeyro, hum Sãtiago interciso; nam ha mēbro, nem ha parte de seu corpo, que nam padeça particulares afflicções, que todas com gravissima intençam parece que se cōjuravam, cōtra o servo de Deos, o qual, metido nesta grãde fadiga, tremia, vacilava, & parece, q̄ já se arrependia do que tinha pedido: mas ajudado das orações do Padre seu confessor, & dos mais que acudiram a ver este desafio tam estranho: continuava, como bom soldado na peleja; & aquelle Senhor, que

com infinito amor, & vontade se tinha offerecido ao Padre eterno, pera morrer pelo mundo, trespassando em sy nossa fraqueza, pera nas mayores adversidades participarmos de seu esforço, posto que tremo a vista dos tormētos de sua payxam, & fuou sangue, só com os imaginar; deo com tudo tal animo a este seu servo Francisco, que bē viram os circunstantes, com quanta constancia lutava, & a grande força que punha em vencer a natureza fraca, pera que soffresse aquella commutaçam de penas.

11 Aqui se estava vendo, por huma parte, o esforço que o Senhor nos ganhou, sobrelevando a fraqueza de nossa natureza; & por outra, que nam he possível ser leve o tormento que habilita hũa alma, pera o eterno pezo da gloria do paraito, pois hum tam grande servo de Deos, que viveo em tanta perfeçam, sendo na vida sobremeyra soffrido, naquelle grande aperto parece faltava com a paciencia, gemia, gritava, lançava ays ao céo, que penetravam as estrellas, & quebravam os coraçoes, bradava a Deos, se lembrasse de sua infinita misericordia, pera o ajudar em caso tam riguroso; isto com vozes tam altas, que estando d'antes fraquissimo, se ouviam por todo o Collegio, & retumbavam nos pro-

*Do gran
de sentim
to q̄ mo
travam
nas dore*

^e
Mat. ca. 26.
n. 37. Caput
constituti,
& manus
esse.

*Entra em
grandes
tormentos.*

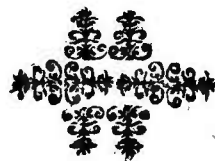
prios géraes da Vniversidade, como se Deos nosso Senhor quizesse com estes maravilhosos brãdos publicar, & fazer patente o despacho da petiçam de seu seruo, os quaes nam menos declarava n o que tocava a cõmutaçam do purgatorio desta vida, que a gloria que logo teria na outra, pois nam devemos presumir de sua divina clemencia que concedendolhe os tormentos que sentio, lhe negasse a gloria que lhe pedio, porque foy contrato oneroso, & o Senhor custuma ser muy bom correspondente com os que cõ elle negoçam.

12 Desta maneyra estive o animoso lutador sustentando este duro combate, hum pedaço do dia, & parte da noyte, que parece foy o tempo, que Deos nosso Senhor julgou que correspondia ao espaço que havia de estar no purgatorio, ou porque lhe quiz abreviar este tempo, como diz no Evangelho, ^f que fará a seus escolhidos, nos dias proximos antes do juizo universal. Acabado enfim este conflicto ficou o Padre de repente em huma pacifica serenidade, tam quieto, tam seguro, tam alegre, & tam consolado, que se bem representou as dores das almas no purgatorio, tambem depois representava a grande alegria das que sabiam pera a

gloria; & logo no meyo destas consolaçoens, com grande repouso, com o rosto aiegre, & cõ o nome de IESVS na boca espirou, & repousou em paz. Ditosa alma, que com tanta segurança de possuir o supremo bẽ, sahio desta vida, na qual todos vivemos com duvidas, & morremos com incertesas. Foy seu ditoso transito no Collegio de Evora a seis de Junho, no anno de mil quinhentos sessenta & hum, deyxando em todo elle, sobre o exemplo da vida sancta, o testimunho da morte ditosa; com a qual (se bem murchando-se esta flor, antes de se poderem colher os copiosos fruytos que prometia, tendo mais annos de religiam) no breve periodo em que fez seu curso de cinco annos, que nella sòmente viveo, podia dizer com o Apostolo, ^g *Cursum consummaui*, & nos

dizer delle, com o Sabio, ^h *Consummatus in brevi, explevit tempora mul-*

ta,



^g 2. ad Timotheum, 4. n. 7.
^h Sapientia 4. n. 13.

^f Mat. cap. 24. n. 12. propter electos breuiabuntur dies illi.

Como se lhe mudaram as dores. Espirou muy quieto.

CAPITVLO XXXVIII.

Dos primeyros noviços que entráram no Collegio de Evora, & em particular do Padre Francisco de Gouvea.

Rezám, & conveniencia pede, que pois no capitulo precedente referimos as virtudes de hum dos primeyros mestres de noviços, deste Collegio de Evora, digâmos quaes foram os primeyros noviços, que nelle aprendêram, & se criãram nesta eschola de virtude. E ainda que a fundaçam do Collegio começou no anno de 1551. nam houve porê nelle noviciado, por causa do aperto da habitaçam, até o de mil. quinhentos sincoenta & quatro.

2 O primeyro que foy recebido achamos ser o Padre Antonio de Araujo, natural da cidade de Leyria. Deo principio a seu noviciado em 13. de Fevreyro do dito anno de 1554. & com grande fervor, & desejo de sua perfeçam, continuou nelle anno & meyo, & depois de estar bem provado em actos de mortificaçam, humildade, & desprezo proprio, & do

P. Antonio de Araujo primeyro noviço em Evora.

mundo, pareceo aos Superiores que fosse acabar o tempo, que lhe faltava, no noviciado do Collegio de Coimbra, pera onde partio em Agosto de mil quinhentos sincoenta & sinco, servindolhe este caminho de experiencia sobre as mais em que fora provado; peregrinando a pé, sem viatico, mais que o da confiança em Deos, sentindo com gosto os effeytos da pobreza Evangelica, na falta do gatlhado, & do necessario provimento, quando o Senhor (que proveo aos seus Apostolos peregrinos, sem lhe faltar cousa algũa) era servido, q̄ sentissem os nossos noviços algũa falta, pera na occasiam de mayor aperto os prover com mayor abundancia. Nos lugares por onde passava ensinavam elle, & seu companheyro a doutrina christã aos mininos, o mesmo faziam aos q̄ no caminho encontravam, achando nelles desejo de saber o que servia pera sua salvaçam. Chegãdo a Coimbra, começou com novos fervores (à vista dos exemplos que ally achou) o tempo que lhe faltava de seu noviciado, o qual acabou naquelle Collegio, & nelle foy admittido ao estado religioso, fazendo seus votos, com grande consolaçam, & satisfaçam dos Superiores.

3 Acabados seus estudos de latim, & casos de consciencia,

Foy 30. annos Procurador na Companhia.

se ordenou Sacerdote, & servio a Companhia de Coadjutor espiritual por espaço de 42. annos, destes gastou 30. sendo Procurador, attendido a negoccos da Companhia, pera os quaes tinha grande destreza, & talento, & nam menos virtude pera os tratar com modestia, & edificação de todos os q̄ cō elle negociavam. Respeytado a isto nosso Reverendo P. Gèral, ordenou que fizesse profissam de tres votos solemnes; pera satisfazer a este grao, vendo q̄ lhe faltavam as forças, & lhe sobravam annos, & já nam podia tratar negoccos, se dedicon todo ao serviço dos proximos; gastava os dias inteynos no cõfessionario; & pera ajudar a bẽ morrer aos enfermos, & acudir aos cõfessar sèpre o achavam prõptissimo, a qualquer hora do dia, & a qualquer tempo da noyte: nunca se escusava de trãbalho algum, antes o seu alivio era trabalhar elle sò, pera q̄ os mais descãfãssẽ.

4. Gastou os ultimos annos de sua vida no nosso Collegio da cidade do Porto, aõde todos naquella terra o amavam como filhos, & o veneravam como pay: porq̄ todos nelle achavam alivio em seus desgostos, & remedio em suas afflções espirituas, & corporaes, porq̄ foy homem muyto applicado ao cõfessionario, & a ajudar, & fazer bẽ a todos: gastãdo nisto o tẽpo q̄ lhe

sobejava da oraçam, a que era muyto inclinado. Chegado o anno de 1589. quiz Deos remunerar seus grãdes merecimẽtos, sobreveyolhe a ultima enfermidade, na qual cheyo de saudades do cẽo, & deijos de ver a Deos, se preparou, recebendo os Sacramẽtos, & acabou sãctamente em 24. de Mayo do dito anno. Nam houve na cidade do Porto, quẽ nam sètisse sua morte, & muytos q̄ foram filhos seus de cõfissam, cõ as lagrimas que por elle derramãram, manifestãram bẽ quãto o amavam. Acudiram, sẽ serẽ rogados, os Religiosos do mosteyro de S. Francisco a lhe fazer os officios da sepultura, ajudãdo aos nossos, a quẽ como irmãos pertẽcia, parendolhe que lhe deviam este serviço, depois de morto, pelos muytos beneficios, q̄ assim elles como seus pays, & parentes, tinham recebido do Padre sendo vivo. Pelo mesmo respeyto, acudio muytagẽte da cidade à nossa Igreja, pera o ver, & tomar alguma cousa sua por reliquia, & se despedirẽ de seu corpo, pera cõ isso mitigar a dor, & sètimẽto q̄ tinham de o nam poderem já gozar vivo. Esta foy a primeyra plãta que se criou no Collegio de Evora, campo fertil de muy escolhidos sogeytos.

5. Foy o segũdo que se recebeu em Evora o Padre Fernam Tenreyro, natural de

Sua morte no Collegio do Porto, foy muy sentida.

P. Fernam
Tereyro
seguido no
vicio em E-
vora.

hũ lugar na comarca de Viseo, que se chama Serraquim. Nasceu de pays nobres, & rementes de Deos, chamou-se o pay Francisco Tereyro, a mãy D. Ioanna. Perseverou muyto tẽpo na pretensam de ser religioso, até que Deos lhe cumprio seus desejos, & foy recebido a primeyra provaçam neste Collegio d'Evora, em 9. de Agosto de 1554. aõde com grãde resoluçam se entregou ao divino serviço, & dãdo-lhe Deos a lêtir, que procurasse fazerse apto instrumento pera hir prẽgar o Evangelho à gentildade do Oriente, rogou aos Superiores, que o mandassem à India, & continuando com estes desejos seus estudos, alcançou o despacho no anno de 1562. no qual se ordenou de Sacerdote, & foy nomeado pera se embarcar naquelle anno, em que foram oyto da Companhia, levando por seu Superior o P. Sebastian Gonçalves. Alcançou o mesmo despacho o Irmãõ Manoel Lobo, q̃ neste mesmo Collegio tinha entrado, & acabado seu noviciado, no anno de 1559. estudou tres annos, & em cinco que tinha de religiam, se fez digno de alcançar ser escolhido pera tam gloriosa empresa, era natural da cidade d'Evora, fora recebido em 27. de Dezembro de 1557.

7 O outro sobre quem podem contender tantas cidades,

quantas queriam a honra de ter por seu natural a Homero, foy o P. Francisco de Gouvea ritem que se gloriar Lisboa por ser patria sua, & possuir seu corpo: Evora por lhe haver dado o primeyro leyte da religiam, & o admitir aos votos essenciaes de religioso, & por ohaver tido por seu Reytor, & Lête da sua Universidade: Coimbra por nella fazer divorcio com o mundo, & começar a militar debayxo da bandeyra da cruz de Christo, em 15. de Fevreyro de 1556.

8 Criouse no Paço, & serviço del Rey Dõ Ioãõ III. com foro de moço da Camara: a elle, & aos mais que o serviam dava o Christianissimo Rey mestres, que com os preceytos da grammatica, & arte de bem falar, lhe ensinasse bõs custumes: obrigavaos a se confessarem cada mes a hum confessor da Companhia; nam saltava a estas obrigaçoens o cortesãõ, de que tratamos, acudia a se confessar na Companhia muytas vezes, & assim se foy affeyçoando tanto à boa doutrina do confessor, que achou Deos sua alma disposta pera lhe inspirar, que deyxasse o mundo, & se abraçasse com a vida religiosa, fomentou o confessor esta semente celestial, explicandolhe as ventagẽs que fazia aos Reys da terra, o Rey do cẽo. Resolveose apedir q̃ o recebesse em na Companhia, & havida

P. Frãcis-
co de Gou-
vea natu-
raõ em E-
vora.

licença pera hir fazer seu noviciado no Collegio de Coimbra, se partio a pé, por mais segredo, pera nam lhe impedirem os parentes seu sancto intento, & como o desejo de servir a Deos era grande, fazialhe parecer facil o que o tempo depois mostrou q̄ lhe era impossivel. Passado o primeyro dia, sentio faltarêlhe as forças pera continuar a jornada, porque além de nam ser de cõpreyçã robusta, os poucos annos, & menos exercicio de andar a pé, o nam ajudavam pera tam cumprido caminho.

9 Neste aperto recorre a Deos, representandolhe que as forças do espirito eram mayores que as do corpo, & pedindolhe que o ajudasse pera levar a diãte a empresa começada: ouvio o Senhor que o guiava os rōgos do seu peregrino, & logo, coula maravilhosa, lhe appareceo ally hum homem, que cõpadecido de sua fraqueza, com boa graça, o animou, offerecendolhe sua companhia, & humta cavalgadura, em que fosse o restante do caminho: no fim delle, mostrandolhe a cidade, desapareceo, sem querer paga do bem que lhe fizera: & posto que se nam deo a conhecer, nos deyxou fundamento pera o termos por hum Anjo do ceo, semelhança a S. Raphael, que em outro caminho fez muy boa passagẽ a Tobias, que nam hia a deman-

dar religiam, mas a cobrar dividas, & buscar esposa.

10 Deo principio à vida religiosa no noviciado de Coimbra com grãde fervor, & desejo de sua perfeçã, & tendo ally aprendido o que bastava pera com seu exemplo ajudar a outros, foy enviado pera o Collegio de Evora em Agosto de 1556. aonde cumprio as experiencias, & pelo caminho as de peregrino; experimentando incommodidades, & faltas do necessario, caminhando a pé, s̄ viatico certo, mas sem temor de lhe haver de faltar cousa alguma, estando à conta da divina Providencia. Todo o tempo do noviciado, deo taes mostras de grande capacidade, & maduro juizo (sobre o que se podia esperar dos annos, & de tanto cabedal de virtude) q̄ se duvidava se em idade mayor responderia o procedimento às esperanças, q̄ dava tam anticipadas; que nem sempre o copioso fruyto, que promete a arvore, quando floresce na primavera, se vem depois a lograr pelo outono, porque tal vez succede, que seguindolhe grãdes frios, ou excessivos calores, nenhum fruyto se colhe de tam fermosas flores; & outras que pelo inverno pron. etiam menos apparecem carregadas no estio, vencendo as esperanças do pomareyro.

11 No Irrham Francisco

Como Deos
o socorreo
milagro
samente.

Como pro-
cedeo em
o noviciado

b
Jobiz 12.
m. 15.

de Gouvea foram sempre correspondentes as obras, que exercitava ás boas esperanças, que d'antes dera; foy admittido aos votos de Religioso, no mes de Agosto de 1558. & mandado logo a estudar latin, & Philosophia, & a sagrada Theologia, nesta, & no mais que aprendeo sahio tam consummado, que logo no anno de 1567. começou a ler Theologia moral na Universidade de Evora, aonde acudiam tantos discipulos, que foy necessario serem dous os Lectes, que neste anno começaram, sendo o segundo o P. Francisco de Gouvea. Ordenouse pera isso de ordens sacras, & nesta occupação perseverou muytos annos, satisfazendo com a obrigação de insigne mestre, & cõ as leys de perfeito religioso. Adquirio grãde nome de letrado, porque elle foy o primeyro, q̃ nos fundou a doutrina moral em principios Theologicos, cõ que se moderaram algũs apertos, que atè aquelle tempo corriam, por ser muyseguida a doutrina do Doutor Navarro; que como Canonista mais se acostava à força do reysto, do que à consequencia da rezã. Sobre a Summa, ou Manual deste grãde Doutor, fez o P. Francisco de Gouvea humas observaçoens, q̃ intitularam, *Ani Navarra*, cuja excellẽte doutrina obrigou a tratar algũas opinioens ao mes-

mo Autor da Summa, que com ser insigne letrado, nam era menos sancto, & desejava acertar com solidos fundamentos, ainda que fosse com advertencias alheyas. Os Theologos que cursavam no gèral da Theologia especulativa, que eram setenta, procuraram que a liçam que lia o Padre de Theologia moral, fosse mais tarde do ordinario, pera a poderẽ todos ouvir, porq̃ confessavam approveytar mais com esta liçam, em poucos dias, do que nos annos em q̃ ouviam algũs dos outros mestres. Esta curiosidade dos ouvintes fomentava a liberalidade do serenissimo Infante Cardeal, porq̃ vèdo o grande fruyto, que se seguia de ouvirem o P. Francisco de Gouvea, apremiava os mais diligẽtes, mādando repartir por elles duzentos cruzados, cada anno, alem dos partidos de doze mil reis a cada hum dos capellaes curiaes no gèral dos casos.

12. Das escholas foy tirado o Padre Francisco de Gouvea, pera ser Reytor do mesmo Collegio, & Universidade de Evora: nesta, & outras Prelazias, que teve de Provincial desta Provincia, & Preposito da casa professa de Lisboa; governou sempre os subditos com grande satisfacão, inteypressa, & benevolencia de todos, porque sabia ajuntar com a authoridade de Prelado, a humildade de

Leo Theologia moral cõ grãde nome.

Foy Reytor do Collegio de Evora, & Provincial.

Religioso; & nesta, quando era superior, procurava dar exêplos pessoas. Nos caminhos, quando visitava a Provincia, nam consentia que outro ministrasse a missa do seu secretario senam elle; & servia de seu cõpanheyro, nos lugares aonde o nam conheciã, ordenando ao Padre, que nas visitas que fizesse em seu nome, o levasse à sua man esquerda, & nam lhe fizesse hõra alguma, como a Prelado, mas lhe deyxasse o lugar de hum Irmã, que tem por officio acõpanhanhar os Padres. No Collegio de Evora lhe aconteceu, sendo Provincial o caso seguinte. Entrou em huma enfermãria a visitar, & consolar os enfermos, hum delles lhe representou que as occupaçoens do enfermeyro eram muytas, & tinha poucos que o ajudassem, por isso nam fora varrida aquella enfermãria nos tempos ordenados. Logo daremos a isso remedio (respondeo o humilde Provincial.) Fez vir vassoura, & nam quiz fiar d'outro este exercicio de humildade, varreu por (na man toda a peça (que nam he pequena) & cumprio com todas as mais obrigaçoens de hum bom vassor, & diligente enfermeyro, & chamãdo o Padre Ministro do Collegio lhe estrãrihou haver falta no curado dos enfermos, mostrando com seu exêplo, como se haviam de

ras de remediar, se faltasse que as fizesse, acudindo lhe o mesmo Superior: pois o filho de Deos disse, e que nam viera ao mundo a ser servido, mas a servir, & q̃ isso nos ensinãra, lavando os pès a seus discipulos: d declarando, q̃ ao que entre elles era mayor competia o ministrar, & servir aos outros.

13 Quanto mais se procurava humilhar este humilde Prelado mais o davam a conhecer seus grandes talentos; vindo por Visorrey de Portugal o Marquez de Castel Rodrigo Don Christovam de Moura, o esco-lheo por seu confessor, & em suas mãos entregou o governo de sua alma, & da Marqueza D. Margarida Corte Real aquelle grande valido del Rey Philippe o Prudente, que tambem o sabia ser na escolha de grandes talentos, que o ajudasse a governar seus Reynos. Houve se o Padre cõ tal prudencia em aconselhar este seu confessado, q̃ nẽ a elle, nem a Marqueza deo alguma hora molestia com intercessõens de requerentes, julgãdo, como tam prudente, que o officio de confessor, sõ era peratrato do bem da consciencia do penitente, & nam pera menear negocios que pertencem a rezã de estado, & a despacho de pretendentes.

14 Em algũs casos acho, q̃ se deo por obrigado a interpor

De sua humilda-
de.

c
Mat. 20. 26.
Qui cumq; voluerit inter vos maior fieri, fit vester minister.
Mat. 20. nu. 28. Filius hominis non venit ministrari sed ministrare.

d
Ican. 13. 4.
Surgit a caena pont vestimenta sua, & cõ accepisset linteũ
c. cepit lavare pedes discipulorum.

Foy cõfessor do Visorrey de Portugal.

Como acudio a dous que se querião matar.

sua pessoa diante do Visorrey, porque era gravissimo o perigo: hum sô contarey: desafiamse dous fidalgos em Lisboa, & estava o negoceo tam secreto, q̄ haviam de sahir no dia seguinte ao desafio, sem se saber a tempo q̄ se podessem atalhar as mortes, ou de ambos, ou de algũ dos duellantes: acudio a isto Dom Fernando Alvarez de Castro (fidalgo bem conhecido no Reyno, que coroou seus bons procedimentos no mundo, com escolher a sagrada Ordem de Sãm Domingos pera nella professar, & morrer religioso) foyse este fidalgo de noyte á casa de S. Roque a cavallo, deyxando, pera mayor segredo os criados; fez chamar o P. Frãcilco de Gouvea, & comunicadolhe o negoceo, o persuadio, que se puzesse a cavallo, que elle havia de levalo da redea, & servirhe de lacayo, & haviam de hir naquella noyte avisar o Marquês Visorrey do que estava traçado, pera o atalhar. Era tanta a authoridade de Dom Fernando, tal a gravidade das pessoas, cujo perigo se temia, & tal a confiança do Padre, que facilmente veyo o Padre Preposito em que o Padre sô acompanhasse logo a este fidalgo. Chegam ao Paço do Visorrey, faz o Padre com os criados que o espertem, communicathe o negoceo, em forma, q̄ logo os dous mãdou prèder, & quã-

do amanheceo, se soube do successo, mas nunca de quem obrára couza tam importante. Voltou o Padre, & o fidalgo com elle à sua cella, contentes por ter perdido o repouso da noyte, à conta de ter feyto aquella boa obra.

15 Muyto mais havia que dizer do P. Francisco de Gouvea, & do muyto que ajudou o tribunal do Sancto Officio, nos muytos annos que foy Deputado do conselho gèral, mas n'outra occasiam a haverá de fallar delle, & da paciencia em sua ultima enfermidade, que durou dous annos. Acabou o curso de sua vida na casa de S. Roque de Lisboa, em 17. de Novembro de 1638. tendo de idade 98. & oytenta & dous de Religioso, se bem cheyo de dias, nam menos de merecimentos. E com isto nos despedimos por agora das cousas do Collegio d'Evora, que nos deo larga materia, por causa da sua Vniversidade, & dos muytos varoẽs illustres, que ally floreceram, nam menos em letras, que em virtudes, cujas vidas aqui brevemente apontey, pera consolaçam, & exemplo dos habitadores d'aquelle sancto Collegio, & pera todos termos nelles hũs grandes espertadores pera a virtude, que pois os louvamos pelas sciencias que tiveram, os imitemos nas obras q̄ fizeram; porque como diz S.

Morreo de 98. annos de idade.

Anno de
Christo de
1554

Chryf. tom.
3. Serm. de
Martyrib.
Qui factu-
rum merita
miratur, mi-
rabilis ipse
vitæ sancti-
tate redda-
tur.

João Chrylóstomo, e quem se
admira das vidas dos Santos, e
obrigação de fazer vida ad-
miravel. Agora tornaremos a
contar os successos restantes do
anno de 1554.

CAPITULO XXXVIII.

*Partem pera a India no anno
de 1554. dous Religiosos
nossos em companhia do Visor-
rey Dom Pedro Mascarenhas;
da se conta de como elle, e os
dous Padres, procedé-
ram nesta via-
gem.*

Nestes capitulos a-
traz, deyxando a
ordem dos annos,
nos detivemos em
contar as cousas do Collegio de
Evora, tomádo occasiam da pos-
se que delle nos deram, no anno
de 1554. em que hiamos: agora
tornaremos a contar o restante
daquelle anno, pera de tudo o
que veyo a nosso conhecimen-
to darmos plenaria noticia: & cõ
esta variedade de cousas que os
annos, que ram passando (e as
fundações, que foram socedê-
do, nos offerecem, aliviaremos o
trabalho dos que leré esta Chro-
nica.

2. Dissemos no principio

deste livro, como partindole
pera a India no anno de 1553.
o P. Francisco Vieyra arribara
a Lisboa, sendo Capitam mór
da viagem Fernam Alvres Ca-
bral; porém logo no seguinte
anno de 1554. em que se con-
tavam quinze da Companhia,
no qual himos com esta nossa
Chronica, o mesmo P. Francisco
Vieyra (como bom gladiador, q
vencido hũa vez tornava a pe-
dir cãpo, & a demandar a areã)
se embarcou outra vez pera a
India, levando por companhê-
ro o P. Diogo de Soveral, q foy
hum dos que tinham trabalha-
do gloriolamente na missã do
Reyno de Congo, como já disse
na primeyra parte. E ainda q
eram muytos os pretendentes,
que com affectuosas lagrimas,
negoceavam tam nobre despa-
cho; cõ tudo precedeo a todos o
P. Francisco Vieyra, porque co-
mo tinha arribado, allegava
(conforme o bom costume dos
nossos religiosos arribados) a
posse que ja tinha adquirida: cõ
se ter embarcado o anno passa-
do. Semelhante açam tinha o
P. Diogo de Soveral, dizendo,
que a elle se devia esta viagem,
como em paga dos serviços que
tinha feyto, nos muytos traba-
lhos que padecera na missã de
Congo. Foram estes dous Padres
em companhia do Visorrey Dõ
Pedro Mascarenhas, que loce-
deo desta maneyra:

Anno da
Companhia
15.

2. p. l. 5. c. 4.
num. 2.

O P. Frã-
cisco Viey-
ra tornou
a hir a In-
dia.

Quid. l. 2. de
Ponto. Sci-
licet vt vi-
ctus repetit
gladiator a-
renam, & c.

1. p. l. 2. c. 28

Anno de
Christo de
1554.

Trata el
Rey de ma-
dar por Vi-
sorrey a D.
Pedro Mas-
careñas.

d
2. p. lib. 1. c.
4. num. 2.

Como a-
ceytou a
viagē pe-
ra a India.

3 Querria el Rey este anno prover a India de hũ Visorrey, no qual pudesse seguramente descansar; pera isto tratou de escolher a Dom Pedro Mascarenhas, em quem por muytas vezes teho falado (que foy o que teve a boa dita de trazer de Roma a Portugal o P. S. Francisco de Xavier) era este illustissimo fidalgo (cujos pays ja nomeey na primeyra parte) huma das mais graves pessoas, que entam honravam a Corte de Portugal; muy authorizado, nam menos nas cousas da paz, que nos cargos da guerra.

4 Tratou elle muy de véras de se escusar, por ser ja aquella viagem fora de tempo, sobre suas forças, & sobre a forte da velhice, porque passava de 70. annos de idade. Porém sabendo destas escusas o serenissimo Infante Dom Luis, que era grande seu amigo, apertou tanto que aceytasse a mercé, q̃ el Rey lhe fazia a elle, & a India, que chegou a dizer estas palavras, *Desengavayvos Dom Pedro, que hum de nós esta vez hade ir a India, ou vos, ou eu, se vos nam fardes:* aqui nam pode elle mais resistir, vendo a honra que lhe fazia o Infante, pois queria aceytar o cargo q̃ elle engeytasse; sogeytouse á vôtade real, por fazer este ultimo serviço a sua patria, & dar gosto ao Infante, de quem era tam estimado, porque como

este Principe era dotado de grandes virtudes, sabia prezar a Dom Pedro pelas muytas com que Deos o enriqueceo.

Tratou logo Dom Pedro de se aviar pera a viagem, & a primeyra cousa que negociou, foy que lhe dessem alguns Padres da Companhia pera levar na sua nau pera a India; porém aqui lhe socedeo em Lisboa o que antigamente em Roma, quando procurando trazer muytos nossos pera Portugal, só pode alcançardous (que foram os Padres S. Francisco de Xavier, & mestre Simam Rodrigues) porque tambem nam levou agora mais que dous, os Padres Frãcilco Vieyra, & Diogo de Soveral; a rezã de isto foy por se tratar de mandar o anno seguinte huma grande missãõ pera a India com o Patriarcha, como veremos, & assim nam era possível concederlhe mais que estes Padres, contentando-se elle ao menos, com os dous, pois nam podiam ser mais, pelo bom agouro de levar em sua companhia outro Padre, chamado Francisco, que lhe trazia à memoria aquelle seu antigo companheyro, & grande servo de Deos Sam Francisco de Xavier. Embarcouse o Visorrey, com grande acompanhamento de fidalgos, foy el Rey em pessoa pera fazer à véla as embarcações, & o Infante Dom Luis,

em

Anno de
Christo de

1554.

2. p. lib. 1. c.

4. num. 2.

Trata el

Rey de ma-

dar por Vi-

sorrey a D.

Pedro Mas-

careñas.

d

2. p. lib. 1. c.

4. num. 2.

Trata el

Rey de ma-

dar por Vi-

sorrey a D.

Pedro Mas-

careñas.

d

2. p. lib. 1. c.

4. num. 2.

Trata el

Rey de ma-

dar por Vi-

sorrey a D.

Pedro Mas-

careñas.

d

2. p. lib. 1. c.

4. num. 2.

Trata el

Rey de ma-

dar por Vi-

sorrey a D.

Pedro Mas-

careñas.

d

2. p. lib. 1. c.

4. num. 2.

Trata el

Rey de ma-

dar por Vi-

sorrey a D.

Pedro Mas-

careñas.

Levou co-
figo dous
Padres pe-
ra a India.

Anno de
Christo de
1554.

Naos que
naquelle
anno forão
à India.

Capitães
destas naos

4. p. 1. s. c. 4.
num. 1.

em final da benevolencia, & amor que tinha a Dom Pedro, o acompanhou até o meter dentro da sua nao.

6. Hiam naquelle anno pera a India seis grandes naos, nas quaes se embarcaram, alem da marinha gẽ, & outros passageyros, dous mil homens de armas. Hia o Visorrey em a nao chamada S. Boaventura, levando muyto boa, por levar tam bons companheyros, aos quaes elle, como tam honrado, attribuia chegar a lançar ferro em Goa; porque sabendo de Lisboa, com as mais naos da armada, nos ultimos dias do mes de Março, todas, seguindo suaderrõta, tiverão grandes adversidades, & padeceram grossos temporaes, & por fim tomãram diferentes portos; a nao chamada Framenga, da qual era capitam D. Manoel Tello, filho de D. Ioã Tello, arribou ao Reyno destrozada. A nao Espadarte, que levava por capitam Fernam Gomes de Sousa, foy muy tarde tomar Mombaça, & dahi passou a invernar a Ormuz. A nao S. Cruz, da qual era capitam Melchior de Sousa Lobo, de quem já falley (que tinha arribado a Lisboa) com a nao Conceyçam, da qual era capitam Manoel de Castanhoso, foram tomar Cochim, na entrada de Novembro. A nao Sam Francisco, da qual era capitam Francisco de Gouvea, seguindo

tambẽ os melmos infortunios, chegou tarde a Moçambique, aonde lhe foy necessario ficar invernando. E finalmente sô a nao S. Boaventura, em que hia o Visorrey, cõ os dous Padres surgio na barra de Goa, em hũ Domingo, a 23. de Setembro, apesar dos grandes temporaes, & espantosas tormẽtas, que padecio; navegando sempre com ventos contrarios, que em toda a viagem lhe cursãram, espantandose muyto os officiaes mais destros da nao, como podia navegar a diante, com ventos q̃ lhe assopravam por olho.

7. Nam podemos deyxar de attribuir esta chegada à India do Visorrey D. Pedro Mascarenhas, a particular mercẽ q̃ Deos lhe fez, pela muyta piedade, com que se houve em toda esta viagem, & pelo bõ termo, com que tratou a toda a gẽte daquella nao: gastava grande parte do dia em fazer suas devaçõens, rezando as horas canonicas, & tẽdo outros exercicios sanctos, em companhia dos Padres Frãcisco Vieyra, & Diogo do Soveral. Assistia sempre à noyte às ladainhas dos Sanctos, que com excellentes musicos, q̃ do Reyno levava, se cantavam. Nas festas principaes ordenava solemnes procissoens, nas quaes elle sempre hia acompanhando a reliquia, ou o Sancto lenho, & muytas vezes se faziam estas

Anno da
Copanhia
15.

Sõ a nao
do Visorrey
chegou a
quella an-
no a Goa.

Edificaçã
com que se
houve D.
Pedro Mas-
carenhas
na viagẽ.

Anno de
Christo de
1554.

Quam bẽ
seprocedia
naquella
nao.

procissoes de noyte, com muytos lumes, & disciplinantes.

8 O Padre Diogo de Soveral acudia a fazer a doutrina todos os dias, á qual se ajũtavam os ouvintes, por ordem do Visorrey; assistiam ambos os Padres, com notavel cuydado, & singular providencia às confissoes dos fios, & dos doentes, dos quaes tinham particular cuydado. Nam he facil declarar como aquella nao se transformou, de maneyra que nam parecia q̃ o seu convez levava chusma de marinheyros, & grometes, com a ordinaria confusã de soldados, & passageyros, mas parecia hũ convento de religiosos muy reformados: desterraramse os jogos dos tafũis, nem se permitiam mais, que até certa cantidade, que o mesmo Visorrey afinava, & pera os que excediam havia ao principio penas pecuniarias, & te estas nam bastavam os fazia prender no trõco ordinario da nao; & a certo soldado que se poz a jugar num Domingo pela menhã muyto cedo, mãdou meter na bomba, pera que com a escuridade das más noytes, que ally levou, pagasse a madrugada do dia, que tam mal empregara. As mesmas penas havia pera os que nos juramentos excediam.

9 Com taes procedimentos nam podia deyxar a nao de ter todo o bom sucesso, porque

apezar dos tempos contrarios, contra a furia dos mares, & dos âres, que sempre foram ponteyros, se foy a nao, milagrosamente (conforme contavam) chegãdo ao porto, aonde lançando ferro, nam se acabando com a viagẽ do mãr a devaçam dos mareantes, porque tanto que a nao foy surta em Goa, defronte da fortaleza da agoada, nam quiz o Visorrey sahir em terra, nem permittio que se desembarcasse algum, sem que primeyro se cõfessassem todos, & depois de os ver cõfessados sahio em procissã a hũa casa de nossa Senhora, junto à barra, & elle foy o primeyro que commungou na ermida, seguindo seu exemplo toda a nobreza, & mais gente da nao, com notavel cõsolaçam, & edificaçam da cidade de Goa, estimãdo muyto esta nõva mercadoria de exemplo, & edificaçam, que de Portugal lhe trazia o novo Visorrey Dom Pedro Mascarenhas. Entrada foy esta na India merecedora por certo de eterna lembrança, & lanço dignissimo de hum fidalgo nam menos illustre, que piadoso, o qual muy bẽ entendia de quanto mayor interesse era na India o trato com Deos, que o comercio com os Chinas.

10 Chegados à India os dous Padres Francisco Vieyra, & Diogo de Soveral, tiveram boas occasioens pera dar por

Anno da
Companhia
15.

Como se
desembarcou o Visorrey.

Como procederam na India os dous Padres.

Anno de
Christo de
1554.

muyto bem empregados os trabalhos da navegação, & pera se animarem a padecer outros mayores na terra, porque no verão deste anno de 1554. em q̄ chegaram a Goa, chegou também de Malaca à mesma cidade o corpo incorrupto do Apostolo do Oriente San Francisco de Xavier, dezaseis mezes depois de seu felice transito, em Sancham, fronte da China; & se a occasiam foy boa bem se aproveitaram della os dous Padres, imitando a tam illustre capitam; trabalhando o P. Francisco Vieyra na conversam dos gentios nas ilhas Malucas; & o P. Diogo de Soveral em Goa, & Cochim, & em outras partes.

CAPITULO L.

Dase alguma noticia do Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, dos cargos que teve, de suas boas partes, & de como se houve no governo da India.

Ista foy a viagem, & chegada q̄ fez á India o Visorrey D. Pedro Mascarenhas; seu governo em tudo foy semelhante a sua vida: & se a morte envejosa o nam levasse em menos de hum anno, fora sem duvida hũ dos mais insignes, & mais affamados Visor-

reys, que governaram aquelle estado; porque como por vezes nesta historia tenho dito, foy Dom Pedro Mascarenhas hum dos primeyros homens, & mais affinalados varoẽs q̄ deo o nosso Reyno de Portugal.

2 Em seus primeyros annos seguio a Corte, & foy ministro da Rainha D. Leonor, mulher del Rey Dom Ioã m o segũdo; porẽm parecen lothe aquella vida muy ociosa, a respeyto de seus grandes espiritos, passou a Africa, aonde empregou os talentos de mancebo valente em campear contra Mouros: & pelos bõs serviços que de là trouxe, o fez el Rey Dom Minoel General das galès, & mais navios, cõ q̄ naquelle tẽpo, se guardava o estreyto; & cõ estas mesmas galès acõpanhou a Saboya a Infante D. Beatriz, filha segũda do mesmo Rey, q̄ foy celebrar casamento cõ o Duque D. Carlos terceyro do nome. Foy estribeyro mór del Rey D. Ioã m III. & Alcayde mor de Trancofo, cõmendador, & Alcayde mór de Castelnovo, q̄ hoje he o titulo do Cõdado de D. Jorge Mascarenhas, filho de Dõ Francisco Mascarenhas, & de D. Ieronyma de Vilhena, Marquês de Mõtalvan, & hũ dos mais affinalados varoẽs q̄ houve nesta illustrissima casa dos Mascarenhas, o qual ainda hoje vive, & se bem representa a Dom Pedro

Anno da
Cõpanhia
15.

Foy General das galès.

Anno de
Christo d.
1554.

Mascarenhas na grandeza do
é tado, & na autoridade da pes-
soa, tambem o representa na
grande benevolencia, com que
nos trata, & no grande amor
que tem à Companhia. Depois
foy Dom Pedro por Embayxa-
dor ao Emperador Carlos V.
na qual occupaçam teve taes
procedimentos, que o dito Em-
perador o deitejou muyto pera
ayo do Principe Dom Philip-
pe seu filho; parecendo-lhe que,
com a doutrina de tal mestre,
sahiria merecedor de possuir
tantos Reynos; negouse Dõ Pe-
dro a esta tam grave occupa-
çam, dizêdo, com seu custuma-
do aviso, que na sua terra nam
mudavam de amo pessoas de
sua calidade; mostrando a esti-
ma que tinha do Principe a
quem servia em Portugal, pois
o nam queria trocar por hum
Emperador de Alemanha.

De hũ grã
de bãque-
te q deo.

3 Foy tambẽ memoravel
a grande magnificencia do bã-
quete, que estando nesta em-
bayxada deo ao Emperador
Carlos V. & a outros Princeses
de sua casa, no qual nam se
queymou outra lenha na cofi-
nha, mais que o pao de canella
fina de Ceylãm, que naquelle
tempo ainda foy obra de mayor
espanto, & huma nova ostenta-
çam de hũ Portugues tam gran-
dioso, que atè o fogo da sua co-
finha, & o fumo da sua chuminẽ
era precioso; como se preten-

desse acrecetar o labor às igoa-
rias com o mais custoso do lu-
me. Nam pararam aqui as
grandezas deste tam celebrado
banquete, outra teve tambem
nam menos nova, porque ser-
vindo os cõvidados com varias
bayxelas, nenhũa tornou á me-
la segunda vez, senam que logo
os pratos, & mais peças se lan-
çavam pelos pagens no mâr, so-
bre o qual cahiam as janellas
da gallaria, em que se dava o
banquete; porẽm pera que nam
condenemos estes lanços por
prodigos (como entre os Roma-
nos foy condenado o da Rainha
Cleopatra, no bãquete que deo
ao General Romano^a) com tal
artificio recebia o mar em sy
estas bayxelas, que as tornou a
entregar com toda fidelidade;
de sorte que nam faltou mais q
hum garfo de prata. Motivou
toda esta grandeza, & cutras
muytas festas, & alegrias, o na-
cimẽto do Principe D. Manoel
filho del Rey D. Ioãm seu senhor.

4 Porẽm entre as ostenta-
çoens de Portugues grandioso,
Nam se esquecia Dom Pedro
Mascarenhas, de adornar sua al-
ma com muytas, & muy excel-
lẽtes virtudes, pelas quaes fiou
el Rey delle a melhor direyçam
dos acertos do Infante D. Luis
seu irmãm, quãdo foy à jornada
de Tunes; & depois o cuydado
do Principe Dõm Ioãm seu
filho, de quem o fez mordo-

Anno da
Companhia
15.

^a
Plur. in vita
M. Antonij.
& Plinius
lib. 9. c. 35.

Anno de
Christo de
1554.

mo mór, quando lhe poz ca-
sa. Pela mesma confiança o
mandou por Embayxador à
Roma, & lhe deo outras varias
cõmissões, & em todas mostrou
tam grandes talentos, que o fez
elRey de seu conselho do des-
pacho, & ordinariamête se aju-
stava com o seu voto, ainda que
os mais lhe fossem contrarios;
tal era a opiniam que d'elle ti-
nha, & tal a verdade de seus pro-
cedimentos, que bastava a au-
thoridade deste sò Platam, pera
pezar mais, q os votos de muy-
tos conselheyros.

5 Cõforme estas boas par-
tes, que tinha, foy o seu governo
na India, na qual sempre obrou
com grande credito do nome
Portugues, & com grandes mo-
stras de magestade; & ainda q o
notavam de vaidoso, com tudo
por aqui passasẽ todos os pec-
cados dos Visorreys da India. O
certo he, que em seu tempo foy
grande o respeyto que nos tive-
ram aquelles Reys gentios, &
grande a authoridade que tive-
ram às armas de Portugal, por-
que chegou a dar Reynos, & a
tirar Reynos, como lemos que
fez, levantãdo Rey de Visapor,
& do Decãn a Mealecãn, ^b aon-
de d'antes era Rey hum tio de
ste Mealecãn, chamado Ha-
braemo; acrecentando tambem
com isto muyto as rendas, & o
senhorio do estado da India, por
causa das terras, q o novo Rey

nos entregou, em rezãm dos cõ-
tratos, que entam com elle ce-
lebramos.

6 Foy homem muyro ami-
go de fazer justiça, respeytando
os merecimentos, & nam defe-
rindo às valias. Andava na In-
dia servindo hum soldado, que
no Reyno fora da casa, & da
obrigaçam de certo valido; &
julgando que tinha por sy a vẽ-
tura, cuydava que menos servi-
ços lhe bastavam; este sabendo
que viera muyto encõmenta-
do pelo amo ao Visorrey, apare-
cia muytas vezes diante delle,
lẽbrandolhe que o despachasse,
parecêdolhe, que lhe tardavam
já as mercês (que semelhante
gente fiados na ventura alheya
cuydam que tudo se lhes deve,
& costumam ser mais insolentes,
que seus mesmos amos) este
pois huma vez disse ao Visor-
rey, em publica audiencia, *Uis-
sa Senhoria nam acaba de me despa-
char, havendo tres annos, que ando na
India: viroule entam pera elle o
Visorrey, & mostrandose muy
grave, & muy severo, lhe res-
pondeo estas palavras, Ando
agora despachando os que tem vinte,
& os que tem dezanove annos de ser-
viço, nestas partes, como chegar aos de
tres annos, entam me lembrarey de
vós. E com esta avisada reposta
ensinou o pretendente, & fez
cahir aquelle novo Icaro, que
queria voar, fiado em azas de
cera.*

Anno da
Cõpanhia
15.

Foy muy-
to amigo
da justiça.

Resposta a-
visada.

^b
Vide Diogo
de Couto
Dec. 7. l. 1.
c. 10. & 11.

Anno de
Christo de
1554.

O que lhe
sucedeo cõ
hũ prezo.

7 Outra vez foy ao tronco fazer audiencia aos prezos, veyo demandalo hum, que no pè trazia hum grilhã, por dividas delRey: este lhe disse, Senhor, ha muyto tempo que aqui estou prezo, por dizerem que devo a elRey huma conta de dinheyro, & elle ma deve a mim muyto mayor, & nam ma querem descomtar; façame vossa Senhoria justiça, & nam queyra que en pague a elRey com ouro, quando elle me paga com este ferro. Informou-se o Visorrey do caso, & sabendo que era verdade, mandou chamar ao Veador da fazenda, & lhe disse estas palavras, O grilhã, que aquelle homem traz, tiraylho, & lancemmo a mim, & avos, já que somos officiaes delRey, & nam pagamos suas dividas. E logo mandou soltar ao homem, & que lhe abatessem tudo o que se lhe devia; & com isto acudio ao prezo, & ensinou ao Veador: & certo que ainda que os ministros reaes fossem mais attento em algumas execuçoens, nam seriam julgados por menos zelosos: mas o mal he que pretendem alguns delles seu bom credito, ainda que seja comprado à custa de desgraças alheyas.

8 A todas as fortalezas da India acudio com notavel vigilancia, & procurou quanto pode a boa reformaçam dos costumes naquellas partes, nas quaes, com a licença da guerra, & visinhança dos gétios, cultu-

mam ser os soldados mais livres, & os costumes menos ajustados.

Anno d.
Cõpanhia
15.

CAPITULO LI.

Como Deos levou pera sy na India ao Visorrey Dom Pedro Mascarenhas; das grandes obrigaçoens que toda esta Provincia lhe tem a elle, & aos mais de sua illustrissima familia.

Andando o Visorrey Dom Pedro Mascarenhas tam bem occupado no governo da India, lhe deo hũa doença, que se lhe mudou em febre lenta, que pouco a pouco o foy consumindo. Quando o confessor o avizou, que tratasse de sua alma, porque a doença era mortal; aceytou o aviso (como tam avisado que era) com grande paz, & conformidade, agradecendo muyto aquelle defengano: & logo dãdo de mam a todos os mais negoceos, só tratou deste, que he o principal: confessouse gèralmente, & recebeu com mostras de grande piedade, & devaçam o divinissimo Sacramento da Eucharistia, & o da Vnçam, que logo pediu; & finalmete acabou a vida com grandes mostras de muyto

Morte de
D. Pedro
Mascarenhas.

Anno de
Christo de
1554.

bom Christam. Seus ossos foram depois tresladados a este Reyno, & se lhes deo honradissima sepultura, no mosteyro de Sam Francisco da villa de Alcacere do Sal, em que a tinha desposto pera sy, & pera os successores do morgado da Palma, que elle instituiu, o qual he hũ dos mais nobres, & mais ricos deste Reyno; & mereceram bẽ hum tal fundador os successores, que se lhe seguiram, & hoje possuem este morgado, todos benemeritos de sua grandeza; entre os quaes o primeyro foy Dõ Ioãm Mascarenhas, que com o titulo de morgado da Palma, teve o bõ agouro das victorias, que em Dio alcançou.

2 Este foy o Visorrey Dõ Pedro Mascarenhas, a quem a Companhia confessa eternas obrigaçoens, como já por vezes nesta Chronica temos advertido; porque elle foy o que trouxe de Roma o Padre S. Francisco de Xavier, & mandou diante o Padre mestre Simam Rodrigues, & nestes dous trouxe a Companhia a Portugal, & como a cousa tanto lya sempre a estimou, & favoreceo; & assim tambem a elle em muyta parte se devem os grandes serviços de Deos, que por via da Companhia tem resultado nestes Reynos, & conquistas da Coroa de Portugal. Nam deyxou filho nenhũ (como já atraz dissemos)

cõ tudo fez seu herdeyro a seu sobrinho D. Ioãm Mascarenhas, filho de seu irmam Dom Nuno Mascarenhas; & fora a falta de filho de grande sentimento, senam fizera escolha em tal pessoa, que foy hũ dos esclarecidos sogeytos de Portugal, o qual lhe herdou a casa, & o amor á Companhia, que parece lhe ficou avinculado no morgado.

3 Porém nesta herãca entraram todos os da illustrissima familia dos Mascarenhas, porq nelles reconhecemos o amor q nos tinha o mesmo Dõ Pedro. De sorte q ainda q nam teve filho natural, teve muytos parentes, q muyto ao natural o representaram, na estimaçam, q fazem da Companhia. Se nam teve filhos q lhe herdassẽ a fazẽda, teve muytos, que o imitassẽ nos costumes: o q perdemos em hũ, ou mais filhos, melhor ganhámos em tantos, & tam insignes parêtes, porq todos nos amam, nos hõram, nos defendẽ, & nos estimam, como se à profia pertẽdessem suprir a falta dos filhos de Dom Pedro Mascarenhas.

4 Entre outros se esmerou muyto neste amor D. Ieronimo Mascarenhas, filho de D. Vasco Mascarenhas, irmam do capitão dos Ginetes, & de D. Maria de Mẽdoça, o qual teve quatro irmãos na Companhia, a saber os Padres Pedro Mascarenhas, Frãcisco Mascarenhas, Nuno Ma f-

Anno da
Cõpanhia
15.

*Os fidalgos
Mascarenhas tem
grande amor á
Cõpanhia.*

*Obrigaçoens que
temos a D.
Pero Mascarenhas.*

Anno de
Christo de
1554.

carenhas, & Antonio Mascarenhas, que ainda hoje vive, dos quaes fiz mençam nesta 2. parte desta Chronica. Tinha sido Dom Ieronymo Mascarenhas capitam de Ormuz, donde naquelle tempo de ouro, se tirava muyto ouro, de todo deyxou por herdeyra sua alma, fundandonos a Igreja da casa professa da Companhia em Goa, & recolhendose na mesma casa, aõ le morreo, depositado seu corpo na capella mór da mesma Igreja, em hum magestoso sepulchro, no qual estam escondidos seus ossos, posto que a fama de suas illustres façanhas anda espalhada pelo mundo todo, porque soube viver como valente, & soube morrer como virtuoso.

Dona Leonor Mascarenhas.

5 Nam he menos estimada entre nós a memoria de D. Leonor Mascarenhas, filha de Fernam Martins d' Almada, & de Dona Isabel da Veyga, neta de Valco de Almada, Alcayde mór d' Almada, & de Dona Isabel Mascarenhas, filha de Martim Vaz Mascarenhas o velho, commendador de Aljustrel; a qual Dona Leonor Mascarenhas foy dama da Rainha Dona Maria, segunda mulher del Rey Dom Manoel, & acompanhou a Emperatriz D. Isabel filha do mesmo Rey, por camareyra mór, quando foy a Alemanha, no anno de 1526.

& foy muy estimada, & valida da dita Emperatriz, & neste officio de camareyra mór, servio também a Infante Dona Maria (q̄ também foy Emperatriz de Alemanha) & foy aya del Rey Dõ Philippe o segundo, namtendo ella mais que viste & quatro annos de idade. Foy senhora de muy grande estima, & de virtudes muy raras. Nunca quiz casar, & fez disto particular voto, estimando mais o esposo do céo, que os muytos que a pretendiam no paço. Debayxo das galas, que era obrigada a trazer como dama, cingia asperos cilicios, como penitente. Era grande o rigor de suas disciplinas; muy continua sua oraçam. Nunca estava ociosa, & tinha feyto voto (& o cumpria muyto bem) que tudo o q̄ lavrasse por suas mãos ella, & suas criadas fosse pera o culto divino, & pera sustento dos pobres, & nisto perseverou até a morte.

6 Como era tam inclinada a fazer bem, era muy devota das pessoas virtuosas, & particularmente foy devotissima de nosso Sancto Padre Ignacio de Loyola, & o ajudou muyto, (cõforme acho escrito) na fundaçam da Cõpanhia, que nam he pequeno louvor desta illustrissima Portuguesa ter ella tido parte em obra tam gloriosa; & nam sò ajudou a nosso Sancto Patriarcha, & a seus pri-

Anno da
Companhia
15.

Foy muy
devota de
S. Ignacio.

Anno de
Christo de
1554.

meyros companheyros com favores, que lhes grangeou dos mayores Princepes da Igreja, & dos mayores potentados do mundo; senão que també lhes acudio com grossas esmolhas, & a ella, entre outras grandiosas obras, devemos os principios da fundaçã do real Collegio de Madrid, que ella começou: no qual foy seu primeyro Reytor, no anno de 1560. o Padre Duarte Pereyra Portugues, que tinha sido pagem da dita Dona Leonor. A qual sempre em sua vida perseverou no amor à Companhia, & trato muy intimo, & muy espiritual com S. Ignacio, & por isso a ella particularmente lhe communicou a revelaçã que tinha de sua morte; como escreve o Padre Pero de Ribadeneyra, na vida de S. Ignacio. Foy tam caritativa, que quanto podia haver repartia cõ os pobres, & sempre tinha em sua casa algũs dos mais enfermos, com doenças alquerosas, & a estes curava, & alimpava por suas mãos.

7 Quando deram casa ao Principe Dõ Philippe, delejou muyto meterse freyra, mas porque lhe resistio o Emperador Carlos Quinto, se retirou a hũa casa junto de Sam Ieronymo de Madrid, aonde habitava em huma tribuna, que tinha aberta pera ver o Sãctissimo Sacramento, & no recolhimento, trajo,

& penitencia, era a mais recolhida, & devota freyra que havia. Foy tal a devaçã que tinha ao Sanctissimo Sacramento, que alcançou hum breve de Sua Sanctidade pera poder ter o Sanctissimo Sacramento em o seu oratorio, aonde quer que estivesse, como o teve atè se acabar de fazer o seu mosteyro dos Anjos, cousa que admirou a todos, porque atè aquelle tempo a ninguem se tinha concedida: mas bẽ era que fosse singular nos favores, quẽ foy tam singular na sanctidade.

8 Por estas notaveis virtudes foy Dona Leonor Mascarenhas tam estimada em toda Europa, que quasi todos os Summos Pontifices, que houve em seu tempo, lhe escreviã, fazendolhe muy particulares favores; era visitada de todas as pessoas reaes, muy favorecida dos Reys de Portugal, & lhe escrevia muytas vezes el Rey Dom Ioã, o Infante Dõ Luis, & a Infante Doua Maria seus irmãos, & a Rainha de França, mãy da Rainha D. Isabel. Ella fundou, & acabou o Mosteyro dos Anjos, aonde se recolheo a fazer vida angelica, vestida de habito de penitẽte, com aquellas muy exemplares religiosas. Veyo finalmente a morrer dẽtro deste seu mosteyro, com huma morte digna de vida tam sancta, sendo de idade de oytẽ-

Anno da
Companhia
15.

Quam estimada
foy de todos.

lib. 4. c. 16.

Como se
recolheo
D. Leonor.

Anno de
Christo de
1554.

ta & dous annos, no anno de 1584. E quando dally a dous annos lhe foram tresladar seu corpo, pera a sua Igreja nõva do dito mosteyro dos Anjos, o achãram incorrupto, exalando hum cheyro suavissimo, & todo com huma cor viva, & aprazivel; seguindo a incorrupçam do corpo a inteyreza da alma: como se a morte nam ouzasse corõper, a quem sempre a pureza defendeo, que privilegio he de castos serem immortaes, como Anjos. Conservase muy viva entre aquellas religiosas a memoria suavissima de D. Leonor Mascarenhas, com dous officios que se lhe fazem cada anno, & & com huma prégaçam no dia de seu falecimento: & bẽm he que seja immortal a memoria de quem tambem soubẽ contẽtar a Deos, & agradar aos homens. Esta foy Dona Léonor Mascarenhas, devotissima de S. Ignacio, coadjutora, & cooperadora na fundaçam da Companhia de IESVS, garfo dignissimo do illustrissimo tronco dos Mascarenhas, honra de Portugal, aonde naceo, & ornamento das Cortes em que viveo.

Muytos
parentes
seus entrã
ram na Cõ
panhia.

9 Muytos desta illustrissima profapia tem entrado em nossa Religiam, tomãdo o habito, cõforme empregaram o amor, dãdõse todos a quem jã tinham

dada sua affeyçam: todos elles procederam sempre, & procedẽ hoje com grande exemplo, & com muy religiosa edificaçam; honrandonos com suas muy illustres pessoas, & edificandonos com suas muy exemplares virtudes. Mostrando ao mundo todo nesta acçam, que nam sò nos admitiam no titulo de amigos, senam que tambem nos contavam em o numero de irmãos, pois se fizeram filhos de nossa mesma mãy, & membros do mesmo corpo, que he a mesma religiam. Todos estes bens, como de lua fonte manãram deste illustrissimo Visorrey Dõ Pedro Mascarenhas, cuja muy affectuosa lembrança estarã sempre viva entre nós, em quanto a Companhia viver em Portugal; posto que nam sò Portugal lhe tem esta obrigaçam, mastambem o Oriente, o Brazil, & as Provincias de Hespanha, que pera todas estas partes se repartiram os filhos desta Provincia, que procederam daquelles dous primeyros, que a este Reyno trouxe o Visorrey D.

Pedro Mascarenhas.

(?)



Anno da
Companhia
15.

Anno de
Christo de
1554.

CAPITULO LII.

Contase a gloriosa morte que neste mesmo anno os Indios do Brazil deram a dous irmãos da Companhia, chamados Pedro Correa, & Ioão de Souza, que naquellas partes andavam doutrinando os mesmos Indios.



I Ontamos no capitulo passado a viagem que fizeram pera a India dous Religiosos da Companhia: de nos agora hũa chegada ao Brazil, aonde veremos outros dous nossos, honrando a Deos com a vida que por elle deram; dos quaes aqui farey hũa breve mençam, porque neste mesmo anno de 1554. succederam suas ditas morte no Brazil, & no mesmo nos chegaram tam boas novas a Portugal; chamavamse estes dous bemaventurados Irmãos, & Religiosos nossos Peto Correa, & Ioão de Souza; o Irmam Pero Correa, antes de entrar na Companhia, residia no Brazil, empregando o esforço de seu braço (pelo qual era conhecido, & temido) em fazer injusta guerra àquelles gentios, salteando a hũs, & cativando a

*Irmam Pe
ro Correa,
& Ioão
de Souza*

outros, conforme o danado costume de muytos Portuguezes, naquelle tempo. Mas trazendo Deos àquellas terras os Padres da Companhia, como era nobre por geraçam, & naturalmente bem inclinado, communicando com elles, o trocou Deos de tal maneyra, que de Saulo perseguidor, o fez Paulo Prègador, & de lobo carniceyro, o tornou em cordeyro humilde.

2 Pedio com instancia a Companhia, & nella foy recebido pelo P. Leonardo Nunes, na Capitania de S. Vicente: & desejava satisfazer com boas obras o mal que tinha feyto aos Brazis; antes persuadido q̄ tinha o remedio de sua salvaçam em dar a vida por elles; cõ grande fervor lhes prègava a fé de Christo Senhor nosso; & como eramuy corréte, & o melhor exercitado na lingua da terra, descorria por hũa, & outra parte rompendo matos, atravessando rios, vadeando alagoas, cõ grandes trabalhos, com excessivas fomes, & intoleraveis calmas, cõ tam abrazada charidade, que de todos aquelles Indios era muy amado, & estimado, & por lhe terem grande respeyto acabava com elles cousas muy difficultosas, prègando lhes de dias nas Igrejas das aldeas, aonde os ajütava, & de noyte pelas choupanas, aonde os buscava; entoãdo (conforme o costume dos

Anno da
Companhia
15.

*Irmam Pe
ro Correa
grande
Prègador
entre os
Brazis.*

Anno de
Christo de
1554.

Brazis) em altas vozes o mysterio que lhes queria intimar; & continuava o fervoroso Irmão o exercicio destes seus brados, pelas portas das choupanas, cõ tanto fervor, que muytas vezes lhe acõtecia cõtinuar da meya noyte atè romper a alva, & nacer o Sol; aceytando aquelles barbaros tam alegres alvoradas, com tal gosto, q̃ tanto que huma vez ouviam a sua voz, q̃ jã muy bem conheciã, nam queriam mais dormir, pondose todos em vigia, & ouvindo com grande applicaçã, & silencio os mysterios de nossa sancta fé, que lhes prègava, amanhecendolhes, entre as trevas da noyte escura, o dia claro do Evangelho.

3 Dava Deos tanta graça a este Irmão, pera com gente tam féra, que offerecendose hũa obra de grande charidade, pera libertar a certos Espanhoes, q̃ vindo do Rio da prata, foram cativos pelos Indios, nam duvidou o P. Manoel da Nobrega (de quem largamente faley na primeyra parte ^a) de o mandar sò: confiando que sò elle acabaria obra de tanto serviço de Deos: chegando o Irmão Pero Correa, & entrando muyto pêlo sertão dentro, foy dar com os pobres cativos, & metendose pelo seu modo com os Indios; ora com praticas familiares, ora com prègações, facilmente aca-

bou com elles o que queria, livrando toda aquella gente do cativeyro, & da morte; porque muytos já estavam condenados pera lhes servir de pasto nas crueis melas de sua insaciavel fome de carne humana.

4 Teve noticia neste tempo o P. Manoel de Nobrega de hũa naçam de gentios, que estã alem dos Carijõs, que em sua lingua se chamam Ibirajarãs, (aos quaes os Portugueles communmente chamam Bilreyros) dos quaes dizem ser algum tanto mais domesticos, & disciplinaveis, que os Indios da costa do Brazil; & posto que diseriam algũa cousa na lingua, o Irmão Pero Correa, com seu grande zelo, tinha já alcançado o conhecimento de seus vocabolos, & modos de falar, por via de hũ Indio, que muyto tempo cativãra entre elles. Esta foy a causa da missão do Irmão Perc Correa, com mais dous cõpanheyros; acrecentandose tambem como accessorio, a este principal intento, hũa obra de charidade, qual era levar, em sua companhia, certos Castelhanos nobres, que com suas familias tornavam pera o Rio da prata, & sò com a presença do Irmão Pero Correa se davam por seguros dos Indios Tupis, que por serem contrarios aos Carijõs (cõ quem os Castelhanos tinham amizade) se temiam estes que

Anno da
Companhia
15.

Occasiam,
que houve
pera en-
trar pelo
sertão.

a
Lib. 3. cap.
6. & 7.

Occasiam,
de outra
missão
aos Indios.

Anno de
Christo de
1554.

Perfuade
o Irmão
paz entre
aquelles
Indios.

b
Lib. 3. ca. 4.

nelles fizessem preza.

5 Postos em salvo os Castelhanos, começou o bemaventurado Irmão a pregar a ley de Christo, por todas aquella terras, persuadindo aos Tupis a paz com os Carijós seus fronteyros; pera desta maneyra mais facilmente cultivar a hã, & a outros, com a pregação do Evãgelho. Tam boas rezoens lhes deo o Irmão, que os persuadio à paz, & a fazerem de novo hã grande povoação, pera todos juntamente aprenderem as cousas da sancta fé: logo contra seu barbaro costume lhe entregaram dous Tamoyos gentios seus contrarios, que já tinham em cordas prezos, & bem cevados pera os levar ao matodouro, & os talhar, & comer à sua guiza, da maneyra que contamos na primeyra parte; ^b preza entre elles de tanta festa, que se póde ter por grande milagre chegarem a largala das mãos. Tinham também nesta mesma altura a hum Espanhol, que cativou na guerra, & logo de boa vontade o largaram: posto que estava o pobre ao presente tam enfermo, & tam maltratado, que de pura compayxam deyxou o bom Irmão, pera o consolar, & curar, hum dos dous Religiosos, que consigo levava.

6 Profegiuo seu caminho com o outro Irmão chamado Ioão de Souza, caminhãdo pe-

lo ferrãm dentro, piegando entre aquelles barbaros a fé de Christo. Andando nesta sancta occupaçam cõ o Irmão Ioão de Souza, succedeo, fõra de toda a opiniã, amotinaramse aquelles barbaros contra os benditos Irmãos, & tratarem de os matar, pretendendo elles darlhe a vida; foy a causa de tam subita mudança a seguinte: havia naquellas terras hum Castelhanao, que servia de lingoa, ao qual hũ Padre da Companhia, por nome Manoel de Chaves, tinhado a liberdade, & a vida, livrando das mãos, & das bocados barbaros Tupis, que nell queriam fazer preza, pera o talhare, & comerem abocados. Estava juntamente cativa, & já muy bem cevada, pera as mesmas igoarias, humã India, com a qual o Castelhanao, antes de cativar pelos barbaros, vivia no cativeyro do peccado. A esta tambem livrou o Padre, dando-lhe juntamente com a vida, remedio pera se sustentar, pondo em estado de matrimonio.

7 Fez o Castelhanao extremos por tornar a haver às mãos esta India, que o Padre lhe tinha tirado dos laços da morte: & pretendendo elle tornala a meter nos do inferno, tratou de tirar a vida a quem o tinha libertado da morte: tam barbara, & tam cruel he a torpeza, q̃ nam deyxã lugar a natural gra-

Anno da
Companhia
15.

Causa por
que se a-
motinãõ
os barba-
ros contra
os Irmãos.

Anno de
Christo de
1554.

Como se
maquinou
a morte a
estes dous
Irmãos.

tidam, que algũas vezes se achá até nas feras do mato, & aqui faltou a hum homem criado em Hespãha. Foy tam furiosa a ira em que entrou, que se deliberou nam só em matar o Padre, mas em perseguir a ferro, & a fogo todos os seus cõpanheiros: que assim he cego, & descortez o appetite sensual, que além de perder respeyos da gratidam, nam sabe ter primor com aquelle aquẽ devia a vida, & lhe deo a liberdade. Verido pois que lhe escapãra das mãos o P. Manoel de Chaves, & sabendo da chegada dos dous Religiosos da Cõpanhia áquella aldea, ajuntou, & appellidou os barbaros, metendolhes em cabeça, que aquelles dous Religiosos, com capa de ensinar a fé de Christo, vinham a ser espias dos Tupis, & que convinha matalos com toda a prẽssa, porque os nam enganassem à volta do Evãgelho q̃ lhes prẽgavam.

Amotinã-
se os In-
dios.

8 Nam foram necessarias muytas prẽgaçoẽs a este maldito homẽ pera embravecer gente tam fẽra, tam barbara, tam sã rezãm, & conselho. Eylos subitamente amotinados, bradam, assuuiam, appellidam, tomam seus arcos, & frechas, poemse todos em som de guerra; & logo com impeto diabolico, & furia infernal, de repente lhes tomam o caminho aos dous prẽgadores do Evangelho, cercamnos, dam

vozes, & alaridos, despedem hũ chuveyro de frechas sobre elles, que como innocentes cordeyros esperavam a morte, a q̃ nam tinham dado causa. Vinha o Irmãm Ioãm de Souza actualmente por aquelles matos, com hum cestinho de pinhoens nam por viatico, & provisãm pera o caminho, que havia de fazer pera os Ibirajarãs; escaçamente teve tempo pera se por de joelhos, & nesta postura tom os õlhos no cẽo, & o coraçam em Deos, bradando pelo nome de IESVS, atravessado cõ muytas setas, asabou.

9 Fora este ditoso Irmãm antes de entrar na Companhia criado do Governador Thomẽ de Souza, & sempre tido por homem de grande virtude, à qual o ajudava muyto a natural candura, & suavidade de costumes, de que Deos o tinha dotado: foy recebido na Cõpanhia pelo P. Manoel da Nobrega: nella viveo sempre aventajandose a todos nas obras de charidade, humildade, & paciencia; aonde quer que residisse sempre servia de cosinheyro, com tanta edificaçam entre os homens, & taes merecimẽtos diãte de Deos, que dos tiçoens da cosinha o tirou, pera o receber na Corte do cẽo, vestido das purpuras, & escarlatas dos Martyres gloriosos, fazendoo cortesãm entre os bemaventurados

Anno da
Cõpanhia
15.

Como foy
morto o
Irmãm
Ioãm de
Souza.

Anno de
Christo de
1554.

Mitam
tambem o
Irmam Pe
ro Correa.

do Paraíso.
10 Em quanto o ditoso Irmam Ioam de Souza de joelhos recebia a morte, o Irmam Pero Correa falava aos barbaros, que advertissem que nam meréciam a morte, pois lhe vinham a denunciar a fé de Christo, em que está a verdadeyra vida; mas elles como serpentes surdas pera ouvir semelhantes vozes; assuando com bravozidade de feras, sem mais demora descarregaram sobre elle huma nuvem de frechas, as quaes o animo do Irmam recebem, posto de joelhos, largando o bostam pera mais livremente levantar as mãos ao cèu, em q poz os olhos, tirado os de seus inimigos, chamando pelo nome de IESVS, & bradando mais com o sangue, q com a boca, porque a grande multiplicaçam de setas, que o atravessavam, por varias partes, lhe tiraram logo a vida, com remate tam ditoso, andando actualmète prégado a fé de Christo, & por causa tam justificada da sua parte, quanto mais injusta, & culpavel da parte daquelle mau homem, mais barbaro, q os mesmos barbaros do Brazil, o qual por lhe tirarem a roim occasiam do peccado, por via de hum Padre da Companhia, tomou fogo cõ furor de sua sensualidade, contra dous innocentes, que com morte tam gloriosa pozeram fim a seus bem empre-

gados trabalhos.

11 E nam he pequena gloria destes ditosos Irmãos, serem na causa de sua morte, senam igoaes, ao menos d'algum modo semelhantes ao glorioso Bauprista, a ao qual por defensam da castidade, matou hum Rey incestuoso, & a estes se originou a morte por hū homem sensual, a quem o sancto zelo do Padre Manoel de Chaves queria persuadir a castidade. Cõ setas lhes atravessaram o corpo, mas como tinham já o coraçam penetrado com a seta do amor de Deos, nam sentiram as frechas atiradas pelos homês. Sancto^b Agostinho desejava o coraçam asseteado desta divina seta, estes dous ditosos Irmãos venceram por effeyto, o que S. Agostinho pedia por desejos; porque elle se contentava sò com ter o coraçam asseteado, elles tiveram o coraçam todo, & o corpo todo atravessado com setas do amor divino, & com frechas de odio desh humano. Nam foram estas setas, com a morte que lhes deram, impedimentos de seu bem; antes lhes serviram luas pennas de azas ligeyras, pera, como pōbas innocentes, voarem mais apressados à vida eterna, & ao descanso da gloria.

12 Atiraram a estes ditosos Irmãos com nuvens de setas, mas nunca o cèu lhes appareceo mais claro com rayos de rel-

Anno da
Companhia
15.

Grãde vè-
tura destes
dous Ir-
mãos.

^a
Mar.c.6. &
Mat.c.14.

^b
Aug.in foli-
loq. Sagitta-
ueras tu Do
mine cor
meum.

Anno de
Christo de
1554.

plandores, que quando se lhes encubrio com estas nuvens de titos. Peleyãram à sombra destas nuvens, & pôr isso tiveram morte tam bẽ assombrada. Entre estas sombras, com mais graça brilhãram as luzes de sua gloria. Melhor resplandecêram estas suas letas, que as do fingido Sagittario do cẽo, esmaltadas entre as estrellas, & cantadas entre os signos fabulosos; porque assim como as vēcêram no numero, & na verdade, tambem se lhe aventajãram na luz, & no resplandor. Cahiram cubertos com hum chuveyro de sêtas, mas logo subiram ligeyros em hum carro de gloria: o chuveyro foy de ferro, mas o premio foy de ouro. Cõ quãtas mais sêtadas os atravessãram tantas mais estradas lhes abriãram, pera mais depressa cami-

nharem ao Paraiso.

13 Assim acabãram estes dous servos do Senhor, alcançãdo desta maneyra a prerogativa dos primeyros, que deram a vida por Christo no Brazil; & honrando estes ditos Irmãos o estado, que na Companhia chamamos de Coadjutores tẽporaes (de que faley na primeyra parte^c) os quaes senam sam os mais authorizados na profissam, nam sam os menos ricos nos merecimentos. E com este ditolo fim destes dous bemaventurados Irmãos, damos fim ao livro quinto, & às cousas do anno de mil quinhentos sincoenta & quatro, & entraremos no leyto livro, & nos annos seguintes, que tambem nos darã materia, pera cousas nam menos gloriosas.

Anno da
Companhia

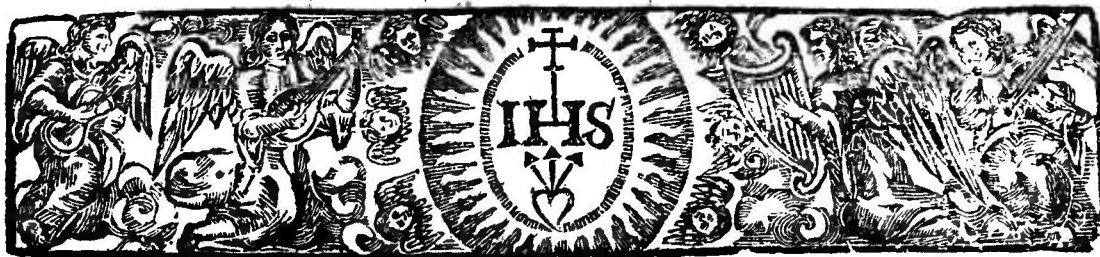
15.

1.p.l.x.c.24

FIM DO QUINTO LIVRO.



LIVRO



Anno de
Christo de
1555.

LIVRO SEXTO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTV GAL.

Anno da
Cõpanhia
16.

CAPITVLO I.

*Volta de Africa a Portugal o
Padre Ioã Nunez Barreto a
solicitar o resgate dos Chri-
stãos cativos.*

Concluhimos com
o quinto livro, &
com as cousas per-
tinentes ao anno
de 1554. o qual nos deo larga
materia por cõusa do Collegio
de Evora, cuja entrega se nos
fez no dito anno, seguindo a or-
dem que nesta Chronica guar-
damos, cõforme a salva, que no
principio tomei, de me nam a-
tar a fazer annaes, pera que pos-
sa com mayor clareza dar noti-
cia, & melhor expediẽte às cou-
sas, que vou contando; & por is-
so costumo tomar occasiam do

anno em que acerto de hir, pe-
ra levar ao cabo os successos per-
tinentes às pessoas, & aos Col-
legios, ou casas da Companhia,
segundo os fundamentos, que
no tal anno se me offereceram.

Agora entro a referir as cou-
sas pertencẽtes ao anno de 1555.
em que se contavam 16. da Cõ-
panhia. E logo no principio des-
te anno, & na entrada deste li-
vro se nos offerece tratar da o-
casiã, q̃ teve o serenissimo Rey
D. Ioã III. pera mãdar a Ethi-
opia hũ Patriarcha da Compa-
nhia, com intẽtos de reduzir a-
quella gente scismatica ao gre-
mio da Igreja. Veremos neste
livro como estes grãdes desejos
q̃ o piedosissimo Rey tinha, fi-
nalmente se executãram na pes-
soa do P. Ioã Nunez Barreto,
o qual foy o primeyro q̃ na Cõ-
panhia teve dignidade Episco-

*Trata el
Rey de mã-
dar Patri-
archa a E-
thiopia.*

Anno de
Christo de
1555.

²
i.p. lib.

Como acudiu
aos se-
us cativos

pal, & tãbẽ veremos o fim q̃ teve esta missãõ tam desjada, & hum Patriarcha tam esperado.

3 Sinco annos gastou este fervoroso ministro do Evãgelho o P. Ioãõ Nunez Barretto, servindo nas masmorras de Tituãõ, aos Christãos, q̃ ally estavam cativos (conforme contey na primeyra parte, aõde tãbẽ dey larga noticia de seus pays, & de sua entrada na Cõpanhia.) Nam perdeo elle occasiam em todo este tẽpo de acudir a esta miseravel gẽte, tratãdo de seu resgate, confesãdoos, & doutrinando a todos, & fazẽdoos viver cõ tanta conformidade, & cõ tam notavel uniam, & piedade, q̃ mais pareciam aquellas masmorras cõvẽtos de homẽs reformados, q̃ carceres de cativos tyrannizados; representando de algũa maneyra aquelles lugares subterraneos, as cõvas da Suria, & da Thebayda, que sendo d'ãtes frequentadas por feras, se trocãvam em cellas habitadas de Sãctos. Tam cõtente andava o Padre cõ esta vida, q̃ tratava de gastar toda nestes caritativos exercicios, estimando mais este cativeyro de Berberia, q̃ a liberdade em Portugal; consolãdose muyto de se ver por amor de Deos feyto cativo, entre cativos; ou pera melhor dizer, escravo cativo de cativos, porq̃ verdadeyramẽte assim lhe podemos chamar, suposto o grãde cuyda-

do com q̃ os servia nas mais vis occupaçoẽs, porq̃ nenhũas tinha por abatidas, quẽ nellas descobria tam sanctos merecimẽtos, como largamẽte jã apõtamos. ^b

4 Estãdo o Padre tam cõtete cõ esta, q̃ elle tinha por muyto boa sorte, houve occasiam pera mudar pensamenos antigos, & tratar de fazer nõvos serviços a Deos nosso Senhor, q̃ lhe sobreviãam pelo suceſso seguinte. Passou elRey de Argel cõ hum poderoso exercito contra o de Fez, & depois de o vencer, & sogeytar por força de armas, o privou do Reyno: & recolhẽdo-se vitorioso cõ grãdes despojos, trouxe consigo muyta parte dos cativos, q̃ achou em suas terras, q̃ tãbẽ estes se contam entre as principaes riquezas d'aquelles Reys infieis: cõtavãse no numero destes cativos 200. Christãos. & muytos delles muy nobres: os quaes todos, dizia o Rey Barbaro, q̃daria a quẽ lhos comprasse, cada hũ a rezãõ de cem cruzados. Vio este bom laço a grande charidade do P. Ioãõ Nunez Barretto, & nam quẽrẽdo perder tam boa occasiam de comprar tam barato a tãtos Christãos jũtos, deſejãdo elle dar a vida, aindaq̃ fosse por hũ só, & sabẽdo de certo, q̃ em Tituãõ, aõde estava, nam poderia ajũtar aquellã cõtia de dinheyro; determinouse a deyxar naquella occasiam hum cativos, por acudir aos outross

Anno da
Cõpanhia
16.

^b
i.p.l.3. c.1.
& 2.

Occasiam
que teve
pera tra-
tar de vir
a Portu-
gal.

Anno de
Christo de
1555

Trata de
vir buscar
remedio
aos cati-
vos.

Caso lasti-
moso.

atè poder levar remedio a todos. **II** Rediõse em fim em dar huma chegada a Portugal, em rezã de levar resgate pera os duzentos Christãos, a quem deyxava o preço aberto, & procurã remedio pera os mais cativos de Tituã, de quem lhe custava tanto apartar-le, como custa ao que vay cativo a saída de sua liberdade, & ao deterrado o apartamento de sua patria amada. E ainda muyto mais instimulada ao ferro de Deos a fazer esta jornada, & a se vir lançar aos pés do Rey clementissimo, o cydadão de aquidã, ao remedio das almas, & consciencias daquelles pobres cativos, cujos perigos eram mais de temer, porque nam ha duvida, que em Berberia mayor he o cativeiro das almas, que o risco dos corpos. Apreffou sua vinda o caso seguinte, que lhe socedeo, & lhe atravessou a alma com sentimento. Apresentou-lhe diante dos olhos huma donzella Christã, gravemente ferida por seu mesmo parrãm, por ella nam querer cõ a liberdade, perder juntamente a honestidade; resolvendose antes em padecer a morte, que soffrer tal afronta; enfureceose com isto o Barbaro, vendose desprezado de huma sua cativa, & mettendo mam ao alfange deo hũã grande cutillada na esforcada donzella, & sem duvida a matã-

ra, senam temera levar de hum mesmo golpe cõ a vida da donzella, que aborreçia, a esperança do resgate, que desejava (que assim acontece, que tal vez os vicios se encontram, & hũ impedem outro, como neste caso a cobiza do dinheiro do resgate poz freo à crueldade do sensual). **III** Veyo bradando a pobre donzella, com a ferida aberta, buscando remedio no Padre Ioã Nunez, misturando com o sangue, que ventia da ferida, abundantes lagrimas, que derramava dos olhos: espectáculo bastante pera abraçar qualque peyto de ferro, quanto mais a hum coraçam de cera. Bem se deyxava ver, quam contado de dor, & ferido de sentimento, ficaria o Padre, à vista das dores, & da ferida d'aquella innocente. E porque já o coraçam lhe nam soffria mais ver taes desempatos, sem os poder remediar, se resolveo logo na partida, pera vir buscar remedio àquelles pobres, & desamparados Christãos: porẽm, porque por huma parte puxavam por elle os cativos, q ficavam em Tituã, & por outra desejava a liberdade aos que vieram de Fez, & porque senam podia repartir a sy mesmo, ficando com hũs cativos, quando vinha buscar resgate pera todos, se dividio desta maneira, ficando lá com o amor, & vindose a Portugal com o corpo. E tam-

Anno da
Copanhia
16

Vem se hũã
pobre ca-
tiva valer
do Padre.

Anno de
Christo de
1555.

bem pera que tivessem os seus cativos bastantes prendas, de tam grãde affecto, lhe deyxou, como em refens deste seu amor, a seu mesmo companheyro, no qual afiãçava todos os bons serviços, que com sua ausencia faltassem da sua parte aos seus amados prisioneiros.

Faz consigo algũs cativos.

7 E pera que de todo nam viesse desacompanhado dos q tanto estimava, trouxe consigo atè trinta & tantos cativos, resgatados por sua agencia, a cõta de seus grandes trabalhos, & esmolas, que houve com sua sancta industria. Com elles entrou pela cidade de Ceita, aonde foy muy festejado, como se viesse triunfando da tyrannia de Africa. Desembarcou finalmente em Lisboa, & logo foy de caminho a beijar a mam ao serenissimo Rey, levando em sua companhia aquelles despojos da crueldade Mauritana, alegrandose muyto Sua Alteza de ver hum tam bom pastor, que com tanta diligencia soube tirar aquellas de emparadas o-

lobo infer-

nal.

(.?)



CAPITULO II.

Da pratica que fez o Padre Ioã Nunez Barretto a el Rey Dom Ioã o Terceyro sobre os cativos de Africa, & como el Rey tratou de o mandar a Ethiopia.

I Ante que o Padre chegou diante de Sua Alteza, lançadose a leus pés, depois de lhe beyjar a mam, & lhe pedir licença, dizem, que lhe falou desta maneyra.

2 Rey clementissimo, aos reaes pés de tam soberana grandesa, & de clemencia, tam conhecida no mudo, ponho os despojos de Berberia, & offerço as riquezas, que trago de Africa, que sam estes pobres Christãos, restituídos dos perigos da morte á liberdade da vida: pezaroso venho, senhor, de vos nam poder aqui offerecer quantos cativos tem Tuuam, & quantos vivem morrendo nas masmorras de Argel, & nas prisoes de Marrocos. Grandes sam, senhor, os trabalhos, & misermas, que aquelles cativos ally padecem nos corpos, mas muyto mais sinto ver as almas de muytos, que tem perdida a liberdade de que Christo os doou. Anda o demonio como tyranno interuzo por aquelles Reynos Africanos, já senam contenta com os Mourros, que como por direito lhe rendem vassallagem, quer

Anno da
Companhia
16.

Fala o P.
Ioã Nunez Barretto a el Rey.

Anno de
Christo de
1555.

meter debaixo de seu cruel senhorio os que pelo bausmo estam izencas delle, & vivem debaixo do suave yugo do Evangelho; quer se valer da necessidade temporal de hums pera que arrisquem os bens verdadeiros, & eternos, prometendolhe os falsos, & temporaes: representa a muytas a estreiteza das covas, em que vivem, pera lhe fazer tiro com a largueza das dilicias, que lhes offerece: representa a outros a dureza da servidam, que nam podem soffrer, pera que de todo percam a fe, que deviam guardar.

3. Agora com a entrada que teve o soberbo Rey de Argel em o Reyno de Fez, tirando o sceptro áquelle Rey; quiz se o diabo ajudar deste seu infernal ministro. Está muy ufano: com a victoria, levou diante do carro de sua soberba, como em triũso, duzentos Christãos cativos, sendo os pobres obrigados a reconhecer nõvos senhores, & a experimentar nõvas crueldades. Sirvase Voſsa Alteza de lhe querer dar melhor senhor, & de contar entre seus vassallos os que estam cativos do Rey de Argel, pera que gozem da paz, que nestes ditos tempos logram os Reynos, & Senhorios de Portugal.

4. Nam ha cousa, senhor, nesta vida, que mais se estime, que a liberdade, muytos querem antes verſe com a fazenda perdida, que com a liberdade arriscada, & alguns nam querem vida se a ham de passar em cativeyro: pois, senhor, muyto mais perigoso he o cativeyro da alma, q̃ a prisão do corpo; as almas dos homens, por sua natureza, sam livres, mas he a dureza do

cativeyro, entre os Mouros tam deshumana, que chegam os miseraveis cativos a perder por aperto, o privilegio da liberdade, que tinham por natureza: pois com vezam dizia o Sabio^a Grego, que nam havia nenhum homem cativo no corpo, que ficasse livre na alma, & esta verdade mais certa he hoje em Berberia, do que foy antigamente em Grecia. Acuda V. Mageſtade a estes dobrados cativeyros, & acodindo aos corpos, livrarã tambem as almas: barata está a feyra, por cem cruzados nos resgatam a hum Christam, que custou a Christo precioso infinito; à vista deste Senhor derramãdo sãgue por libertar cativos, nam averã que a recee derramar dinheyro pera remir Christãos. Eu mesmo me hey de vender a mim, quando nam tiver cõ que resgatar aos outros: nem averã cousa desta vida, que me tire de acabar feyro cativo por amor de Christo, entre os meus cativos de Tiuaã; darlheshey minha liberdade, quando lhes nam possa tirar seu cativeyro: nam quero viver na patria quando deyxo a tantos Irmãos no desterro: Moyses^b estimou mais o cativeyro de Egipto entre seus irmãos cativos, que a liberdade de filho de hum Principe entre os cortesãos de Faraõ: nam duvidou o Consul^c Romano, a quem mãdaram a Roma a tratar do resgate dos soldados cativos, trocar os prados Venafanos de Italia pela morte que em Africa tinha certa, estimãdo mais a honra, que a vida, & querendo antes morrer cativo, & honrado, que viver livre, & afrontado: isto fez hum Gentio, mais se espera de hum Christam,

Anno da
Cõpanhia
16.

^a
Epictet. in
Inquirid.

^b
Ad Hebr. c.
11. num. 25.
Magis eligens affligi cum populo Dei, quã temporalis peccati habere iucunditatem.

^c
An. Urbis DIII. Vide Cicet. de officij lib. 3. Et Val. Max. li. 1. n. 14

Anno de
Christo de
1555.

¶ *Muyto mais de hum religioso da Companhia, a quem Deos trouxe ao mundo pera acudir ao bem do proximo.*

5 Nas covas soterraneas de Argel, & nas profundas masmorras de Tituam morrevey cõsulado cõ os meus cativos; & com o exemplo do mesmo Deos, que nam duvidou (como diz a Escripura^d) decer a huma cova de Egypto, com o seu cativo Ioseph. *Accuda V. Alteza a esta extrema necessidade daquelles pobres Christãos, & despacheme logo pera que possa valzar aos meus cativos, entre os quaes deyxey meu companheyro por refens, & minha mesma alma empenhada.*

6 Com grande atençaõ ouvio o Rey humanissimo hũa pratica tam sancta, mostrando na applicaçã com que lhe assistia, a boa vontade com que acẽytava, & animava ao Padre a continuar com este seu arrezoadõ, ficãdo Sua Alteza igualmente edificadõ da propõsta, & satisfeyto do requerente; o que mostrou bẽ nas palavras cõ que lhe respondeo, & nas boas obras com que o despachou; porque em breve mandou entregar ao Padre vinte mil cruzados pera o resgate dos cativos, sobre que viera a Portugal, mas com esta condiçã, que lhe ordenou, que elle dẽsse as ordens pera os resgates, que d'aquelle dinheyro se haviam de fazer em Africa, porẽm que elle nam sahisse por entã de Portugal; porque

foy tala opiniã, que delle cõcebeo, assim pela pratica que lhe ouvio, como pelo que lhe tinham contradõ de seus procedimentos em Africa, que nem as lagrimas do proprio Padre, nem as petições do Provẽdor, & Irmãos da Sancta Misericordia de Lisboa, foram bastantes pera o Serenissimo Rey querer permitir, que o Padre Ioã Nunez Barreto tornasse a sua milsã, julgando, que tam grandes talentos nam deviam estar escondidos nas apertadas covas de Tituam.

7 E porque o Padre instava apertadamente, solicitando a icença, lhe respondeo hum dia Sua Alteza, que estivesse deseãdo, que elle se lembraria de lhe comprir seus desejos; & o mãdaria a parte aonde nam s'õ achasse os duzentos cativos; q̃ deyxava em Argel, mas muytos milhares de almas, que o diabo tinha em peor cativeyro: isto disse o Serenissimo Rey, porque tratava em seu pensamento de mandar o Padre Ioã Nunez Barreto á Ethiopia superior, cõ dignidade de Patriarcha; & pera isto escreveo logo ao Padre Ieronymo Nadal, que ainda naquelle anno de 1555. era Cõmissario de Hespanha, dãdolhe conta deste seu pensamento, & pera que logo apontasse outro Padre pera tornar ao resgate dos cativos em Africa, & aju-

dasse

d
Sap. 1. n. 13.
descenditq;
cum illo in-
foueam, &
inuinculis
non dereli-
quit eum.

- Como el-
Rey dese-
rio ao Pa-
dre sobre o
remedio
dos cati-
vos.

Anno de
Companhia
16221

Trata el-
Rey de mã-
dar o Pa-
dre a E-
thiopia.

Anno de Christo de 1555.

dasse ao Padre Ignacio Vagado, que lá tinha ficado, acodindo este piedoso Rey, como solícito pay de familias aos cativos de Argel, & aos scismaticos de Ethiopia; tratando muy de vèras de ocupar os grandes talentos do Padre Ioã Nunez Barretto, nam em hum canto de Africa em Tituãm, mas em os largos Reynos de Preste Ioãm, procurando remedio, & acodindo com a verdadeira liberdade a tantos povos remidos cõ o sangue de IESV Christo cativos de suas supresticoens, & presos de suas ignorancias, que era sem duvida peor cativeyro que o de Berberia, & empreza muyto mais propria pera aquelle grande espirito do Padre Ioã Nunez Barretto, que senãm podia demarcar com os limites de huma sò Africa fronteyra a Portugal, mas era bem que se dilatasse, por outra mais estendida, pela qual podesse largamente passear hũ espirito

to mayor que o de todo o mundo.

do. (2.)



Anno da Companhia 16.

CAPITULO III.

Dãse huma breve noticia das cousas de Ethiopia, de seu sitio, & terras, de seus costumes, & crença. & do poder daquelle Emperador, & apontase a rezã porque se chama Preste Ioãm.

Dois nos himos mettendo nas cousas de Ethiopia, com o Padre Ioãm Nunez Barretto, q̃ foy o primeyro Patriarcha da Companhia, elleyto pera aquellas partes, a rezã da historia, & obrigaçam de quem escreve, pedem que demos algũa noticia desta Ethiopia, & de sua Christandade, o que farey brevissimamente, por q̃ deste Imperio, & de sua Chifandade, tratam outros muytos autores, entre os quaes dam larga noticia destas materias, Damiam de Goes^a na Chronica del Rey Dom Manoel, Diogo de Couto^b na sua quinta Decada, & muy em particular o Padre Doutor Nicolao Godinho^c de nossa Companhia, naquelle seu excellente volume, que em estylo muy limado cõpoz sobre as vidas dos nossos primeyros Patriarchas d'Ethio-

^a Dam.deGo. es in Chron. Reg. Eman. p. 3. 2 c. 62. & in libello de moribus Ethiop.

^b Diogo de Cout. Dec. 5. l. 7. c. 1. & l. 8. c. 7. & 8. & l. 9. c. 4.

^c Nic. Godin. de reb. Abacincor. l. 1.

pia,

Anno de
Christo de
1555.

pia, o qual gasta todo o primeiro livro em descrever as cousas dos Abexins, & a este particularmente me remeto pela grande diligencia que teve; tratando eu somente aqui de dar huma breve noticia do muyto, q̄ contam estes autores: & agora se trata de imprimir a historia de Ethiopia, que temos em nosso poder, composta pelo Padre Manoel de Almeyda da nossa Companhia, aonde trata estas cousas de Ethiopia, como testimunha de vista, com admiravel erudiçam, & singular estylo.

2 Deyxando pois de falar nos sonhos errados das cousas de Ethiopia, p̄samenteados na vã imaginaçam de hum Frey Luis de Vrreta, ^d que cõ estylo Hespanhol, & com licenças Castelhanas, em huma historia fantastica (mais pera andar aos soalheyros de ociosos, que pera se recolher em livrarias de letrados) descreveo as cousas de Ethiopia, nam como ellas foram, mas como elle fingia, que eram: nam como sucederam no effeyto, mas como a elle lhe corriam na penna. Deyxando, digo, estas fabulosas novêlas (indignas de serem escritas, nam sò por hum religioso, mas ainda por homẽ de mediocre juizo) pera vir a declarar a causa da nõva elleyçam do Patriarcha, me resolvi a dar huma brevissima noticia, nam menos das cousas tempo-

raes, que das espirituas daquelles Reynos.

3 Na parte mais Oriental de Africa, sobre o Egypto, está a Ethiopia Superior, chamada Abbassia, por ser (conio quer Marco Estraban.^e) regiã cercada de grandes desertos, & charnecas, a q̄ os Egypcios chamam Abazes, & por corrupçam da Abbassia, se lhes deo o nome às terras do Abexim. No meyo desta Ethiopia no Reyno de Gojam nasce o rio Nilo, como apõtamos na primeyra parte, ^f em cuja primeyra fonte tam encuberta aos antigos, & tam desejada pelos Romanos, bebêram muytos Padres da Companhia, & entre elles, em nossos tempos, o Padre Ieronymo Lobo da nossa Companhia, que correo o mundo todo, & ainda hoje vive, o qual vio todas aquellas terras, & chegou a ver os primeyros berços, & as mais escondidas nascenças deste tam celebrado, & tam escõdido rio, & nelle achou hum vao, a quẽ hoje os naturaes por seu respeyto chamam o passo do P. Ieronymo. Confina esta Ethiopia da parte do Oriente com o mar Roxo, começando quasi na frõtaria das portas do Estreyto, em altura do polo Attico doze graos, & hum terço; indo correndo atè a altura de dezanove, & se vem rematar em huma Cidade maritima, por nome Sua-

Anno da
Companhia
16.

Ethiopia
chamaje
Abassia.

e
Marcus Str.
lib. 17.

f
1. p. fol. 35a.
num. 3.

^d
Fr. Luis de
Vrreta na
hist. Ecclef.
pol. t. & nat.
tur. de Ethi-
opia, contra
o qual escre-
veo o P. Fer-
nam Guer-
reyro, & a-
gora o P. Ma-
nel de Al-
meyda.

quem

Anno de
Christo de
1555.

Os Ethio-
pes nam
tam hoje
senhores
da côsta do
mar.

quem. Pelas portas do estreito lhe pode entrar grande comunicação com a Azia, & pela visinhança com Egypto pôde ter muyta com Europa.

4 Nam he hoje este Rey da Ethiopia senhor da côsta do mar, nem dos portos que nella ha, porque entre o mar, & as terras do Abexim, corre hum como espinhaço de terras montuosas, & asperas, habitadas de Mouros, que senhoream todos aquelles portos, hum dos quaes he o da cidade de Zeyla, a qual venceo por força de armas, & queymou Lopo Soares de Alvarenga (filho de Ruy Gomes de Alvarenga, Chancel mór, & de Dona Maria de Mello) Governador do estado da India por ser del Rey de Adel (a quem os nossos Portugueles vulgarmente chamam Rey de Zeyla) grãde inimigo do Preste Ioã. Da parte do Occidente vay esta Ehtiopia entestar em huma corda de serranias, q̄ vam quasi respondendo às corrétes do rio Nilo, a que elles chamam Tacuij, da parte do Norte se termina este Estado por huma linha lançada da cidade de Suaquem maritima ao fim da ilha Noba, que he a antiga Meroe, aonde já o rio Nilo vay mais conhecido, & soberbo, com as agoas que de varias partes recebeo.

5 Do outro lado se divide

por huma linha arcada, começando do fim do rio Nilo da parte do Occidente, que vay acabar contra o Sul, atè dar no Reyno de Avea, que he a terra mais Anstral, que tem, & partindo deste Reyno de Avea (q̄ está em altura de seis graos da parte do Norte.) Pera o Oriente vay entestar com o Reyno de Adel, que he de Mouros, cuja metropoli se chama Ara, & está em altura de nove graos. He esta regiã do Abexim vastissima em terras, porque os que lhe dam menos legoas lhe contam seiscentas & setenta. Esta Ethiopia he povoada de Christãos schismaticos, que tiveram antiquissimo conhecimêto de Christo senhor nosso, conforme a commum opiniã, do tempo da Rainha Candasse, senhora d'aquelle Imperio, a cujo valido sabemos que ensinou em seu carro S. Philippe o Diacono, como conta S. Lucas & nos Actos dos Apostolos, & segundo as historias dos Ethiopes, por elle foy convertido a fê de Christo todo o Reyno chamado Tigrey, que he a regiã a que Estabo chama Tenesis. Ha porém grande variedade de opinioens acerca dos Prêgadores da fê, que tiveram depois deste primeyro valido da Rainha Condasse; como se pôde ver no primeyro livro da historia de Ethiopia do P. Manoel de Al-

meйда.

Anno da
Copanhia
16.

Limites de
Ethiopia.

8
Act. Apost.
c. 8. a n. 27.

Quem foy
o primeyro
prêgador
de Ethio-
pia.

Anno de
Christo de
1555.

me yda. Hoje muytas provincias de Ethiopia estam já possuidas por Mouros; & sò quatro Reynos estam hoje habitados deffes Christãos scismaticos.

6 Nam sam estas gentes ordinariamente muy polidas, & cuydadofas nos trajos, & me-neos de sua vida, postoque gèralmente nas cousas do culto divino mostram arte, & policia, porèm no mais que pertence à vida humana sam menos cuydadofos, & mais inimigos do trabalho: porque possuindo terras muy grossas nam lavram, nẽ cultivam, senam quanto escaçamente basta pera se sustentarem: & havendo grandes criaçoens, de cujas lãs se podiam facilmente aproveytar; & tendo grandes regadios pera linhos, & largos sitios pera todo o algodam, por seu desazo, & pouca curiosidade, sofrem muytos andar vestidos de pèles sem curtir, como salvagès do mato, sem quererem ular da industria, que seus bons entendimentos facilmente lhes ensinaram, adestrando a natureza, que nelles he muy acomodada pera tomar qualquer arte; tanto danno faz a falta da industria, & da boa applicaçam: & assim como o metal, ainda que seja mais precioso, se lhe falta a arte do boril engenhoso, fica menos brilhante à vista, & de menos estima no preço; assim as nature-

zas de algũs, postoque por sy sejam muy bem acomodadas pera o bem, com tudo se lhes falta a cultura, & o exercicio politico perdem os quilates de sua nobreza, & ainda muytas vezes vemos que tornam tanto atraz, que vam cada vez mais barbarizando.

7 Postoque os Abexins conservam o nome de Christãos, reconhecendo a Christo senhor nosso, com tudo tẽ enormes erros, dos quaes o principal, & como fonte donde os mais procedem, he a desobediência, que tem ao Summo Pontifice; nam reconhecendo a Igreja Romana, & tendo por sancto, & de grãdes merecimẽtos a Diocoro Bispo de Alexandria, a quẽ o sagrado Concilio^h Calcedonense condenou por herege, & assim nam recebem ao dito Concilio, nem suas deffiniçoens. Reconhecem no Reyno hũa cabeça do Ecclesiastico, a que elles chamam Abuna, ou Marco, do qual querem q̃ por força seja natural de Alexandria, & que a elleyçam pertença aos frades Abexins, postoque ha de trazer confirmaçam do Patriarcha de Alexandria.

8 Tem grande magestade estes seus Emperadores, & sam notaveis as preeminencias, ceremonias, & ainda melindres com que estes querem ser tratados, & sam sobre maneyra su-

Anno da
Companhia
16.

Erros dos
Abexins
nas cousas
da fẽ.

^h
Conc. Calc.
Ses. 1. anno
451.

Da mage-
stade do
Empera-
dor de E-
thiopia.

per-

Os Abexins
jam incul-
tos no seu
trato.

Anno de
Christo de
1555-

persticio os , porque assim se
retiram nam se deyxando ver,
nem communicar , como se
fossem alguma divindade ; &
pera lhes fallar (quando as cou-
sas estavam mais florentes) ha-
via de preceder muyto traba-
lho , & continencias nunca
vistas ; de forte que ainda os
mayores senhores mais pare-
ciam escravos , que vassallos,
no modo de obedecer a qual-
quer mandado do Empera-
dor : em se lhe dizendo que o
retado he seu , logo sabiam
ao campo , & a pè , despindo-
se da cinta pera sima rece-
biam a sua ordem , & em
quanto o mensageyro lhe diz
as primeyras palavras, que sam:
El Rey vos envia saudar , por cor-
tesia , & acatamento se abay-
xam , até por a mão em terra.
Sò tres vezes no anno lhes era
licito ver a este seu Empera-
dor , a saber , em dia de Natal,
no dia da Epiphania , & no
dia da Assumpçam da Vir-
gem Maria Senhora nossa. Pre-
zamse de muy nobres (que
estes desejos de fidalguia tam-
bem se tem atreado entre os
Abexins) & dizem que a ge-
raçam destes Emperadores,
teve principio da Rainha Sab-
bà , natural da cidade de Aca-
xumà (a quem Prolomeu
chama Axumà , situando a
em dez graos de elevaçam
do polo Setentrional) po-

stoque se intitulasse Rainha
de Sabbà , que era na ilha
Meroé , que está no rio Nilo,
a que agora novamente cha-
mam Elsaba , ou Nobà .^h De-
sta Rainha dizem os seus an-
naes , que da hida que fez a
Ierusalem a visitar el Rey Sa-
lamam , ouve delle hum fi-
lho , o qual se chamou Da-
vidi.

9 Desta antiguidade de
geraçam se prezam tanto seus
Reys , que he huma das mais
principaes grandezas , com
que authorizam os magnifi-
cos titulos de seus nomes, cuja
forma he a seguinte K. *Claudio,*
*ou David , amado de Deos , colum-
na da fe , parente da Estirpe de lu-
dà , filho de David , filho de Sa-
lamam , filho da columna de Siam,*
filho da semente de Iacob , filho da
mãe de Maria , filho de Navi
por carne , Emperador da grande,
& alta Ethiopia , & dos seus gran-
des Reynos , & Provincias , Rey
de Xaa , de Guafface , de Farigar,
de Angote , de Baru , de Baali-
ganze , de Aldeá , de Uangué , de
Guozamonde nasce o Nilo , de Da-
mará , de Baquemedre , de Am-
liza , de Uagne , de Tregé , Nabo
de Sabbam donde sey a Rainha de
Sabbà , de Barnaguays , Senhor aó
Nolia aonde he o fim do Egypto,
&c. Esta he a prefaçam de
que elles usam em suas reaes
provisoes , & em todos os
mais papeis publicos ; po-

Anno da
Copanhia
16

^h
Goes 3. p.
c. 52.

ⁱ
3. Reg. c. 10

^K
Wide Dam.
de Goes de
morib. E-
thiopiã. n. 4.

Titulos q
comam os
Reys de E-
thiopia.

Dias em q
vem o Em
perador.

Anno de
Christo de
1555

tem o nome appellativo deste Principe, em sua lingua, he Aceguè, que quer dizer Emperador, postoque tambem se chama Nigúz, que significa Rey.

Do modo
que se em
mover seu
arrayal.

10 Em nenhũa cousa representa mais este Rey sua magestade, & potencia, que no assentar de seu arrayal, porque por antigo costume nam vivê estes Princeses em cidades, ou lugares, nem se presão de os povoar, ou de os ornar com edificios sumptuosos, nem de os cercar com muros, nem de os fortalecer, & acastellar cõ presidios, mas ao modo dos Arabes, Persas, & Partos, despresando as cidades, andam sempre no campo, mudandose de hum sitio pera outro, aonde achem erva nova pera seus gados, & aonde possam cultivar a terra com mayor facilidade, & següdo nos contam os nossos Padres que muytas vezes andãram nestes arrayaes, he cousa de grande espanto ver neste arrayal huma cidade edificada, nam de pedra, & cal, mas toda de pano, de grande numero de tendas, de varias cores, & muytas de seda, tambem armadas, & arvoradas, como podéra estar huma cidade feyta por grande traça, em muytos annos.

seu arrayal he a
ua cidade

11 A ordem por onde se assenta esta cidade portatil he maravilhosa, as Igrejas ficam

divididas em freguesias, & os officios em bayrros, com tal distincão, & concerto, que por muytas vezes que se muda a corte, já cada hum sabe o sitio aonde se ha de alojar, se ao levante, se ao poente, & a que mã, & em quanta distancia, porque vay diante de todos, quando ha de aver mudança o Marichal, & notando o lugar, ou sitio, em que se ha de assentar o arrayal, o Assentador mór prega huma lanca na terra, que he o sinal de haver de ser ally a praça principal, que fica no meyo pera igualmente acudir a todos; os mais se vam logo repartindo, & dividindo com toda a distincão, & diligencia; no lugar mais eminente fica a tenda real, ou palacio do Emperador. E nam he necessario perguntar aonde pouza tal, ou tal pessoa? & aonde ficam taes, ou taes officiaes? porque pela boa ordenança da planta já se sabe pera que parte ham de ficar os officiaes del Rey, os ministros da justiça, os mecanicos de tal ou tal officio. E segundo a grande copia de gente que segue a corte, acompanhando o Rey (como frequentemente muda o sitio) senam ouvera esta ordem fora muy difficulosa acharse a pessoa que buscaes entre tanta multidão, em tam numeroso exercito

Anno de
Companhia
16.

Ordem que
guardam
em assen-
tar o ar-
rayal.

Anno de
João de
1555

de gento, & segundo os nossos
Padres viram, & referẽ da pra-
ça principal às tendas del Rey
hã hũa boa legoa, tudo por hu-
ma rúa muy direyta, & larga; de
sorte que o diametro desta ci-
dade he de duas, & tres legoas,
que demanda seis, ou sete em
contorno. Pera a mudança do
arrayal, além de infinidade de
homens, que levam as cargas à
cabeça, ha muytos milhares de
mulas, & muytos camelos, que
levam as tendas, & mais car-
gas.

Do nome
do Preste
Ioam.

O nome de Preste Ioam
que alguns querem que seja
Presbytero Ioam, foy entre el-
les muy desconhecido, & sòmẽ-
te introduzido pelos Portugue-
ses. O que sobre este nome cuy-
damos he (conforme a melhor
opiniã) que antigamente hou-
ve hum grande Emperador na
India, Christam scismatico, o
qual assim como os Reys do E-
gypto se chamavam antigamẽ-
te Pharaõs, os dos Persas Sofis,
assim este se chamava Preste, ou
Presbytero Ioam. Deste Empe-
rador se conta, que foy em al-
gum tempo poderosissimo, por-
que tinha debayxo de seu real
sceptro, setenta & tantos Rey-
nos, parte Christãos, & parte
gentios, porẽm veyo depois a
ser vencido, & conquistado pe-
los Tartaros, & como ainda pe-
la nossa Europa havia alguma
noticia deste antigo Empera-

Anno d
Capanhia
16.

dor, por isso quando os nossos
Portugueses descobriram a In-
dia, em ouvindo dizer, que na
Ethiopia Superior havia hum
Emperador Christam, se vieram
a persuadir, que este devia ser
aquelle Preste, ou Presbytero
Ioam, cujo nome ainda era lem-
brado na Europa; & sô por esta
imaginaçã, fundada na liber-
dade da voz do povo, lhe come-
çaram a dar este nome de Pres-
te Ioam, tendo assim que entre
elles foy novo, & nunca ouvi-
do; como tambem o foy o no-
me de Precioso Ioam, por mais
que delle muy confiadamente
usa o nosso Chronista Portu-
guẽz Damiam de Goes. Porẽm
destas cousas darã melhor noti-
cia o nosso Padre Manoel de
Almeyda, no livro que apon-
tey.

Tract. de
morib. Æ-
thiop. &
Chron. Reg
Eman. p. 3.
c. 61. & 62

CAPITULO III.

*Continuase a mesma materia
das cousas dos Abexins, em
especial de seus costumes
& erros em materia
de Religiã.*

Desta grande vasti-
dam de terras se
foytendo noticia
na Europa, por cau-

Anno de
Christo de
1555.

sa dos novos descobrimētos fey-
tos pela naçam Portugueza: po-
stoq̃ ao principio no tempo del-
Rey Dom Ioã o Segūdo vie-
ram estas primeyras noticias cō
notavel confusã, & se foram
aclarando mais nos felicissimos
tempos, & cō as cartas q̃ os Reys
de Ethiopia lhe mandaram, co-
mo largamente se vè em Da-
miam de Goes, ^a assim na vida
del Rey Dom Manoel, como no
tratado que fez dos costumes
dos Abexins, aonde traz estas
cartas traduzidas em latim por
Paulo Iovio; porẽm ultimamēte
foubemos estas cousas cō mayor
clareza nos ditos annos del-
Rey Dom Ioã o Terceyro, a
quem Deos tinha goardado, pe-
ra com hũ novo sol, nascido no
occidente do mundo, acodir aos
povos, que no mesmo Oriente
viviam nas sombras da regiã
da morte.

2 He bem verdade, q̃ tan-
to que em Roma se ouviram as
primeyras nõvas de ser venera-
do o nome de Christo em pro-
vincias tam alõgadas destas par-
tes, entre Mouros, Turcos, &
Gentios, inficionadas porẽm de
grandes erros, & heregias, logo
o Summo Pontifice com parti-
cular cuydado, de universal pa-
stor, trabalhou por lhe mandar
de Europa prẽgadores Catholi-
cos, que com sua doutrina, & cō
seu exẽplo, o trouxessem ao ver-
dadeyro caminho da salvaçam,

& da fẽ, & sogeyçam a Igreja Ro-
mana, apartandoos da obediencia,
que rendiam ao scismatico
Patriarcha de Alexandria, &
dos erros de Nestorio, & Euti-
chio, que tinham bebido com
o leyte de sua criaçam, & her-
dado de seus pays, & avos, jã do
tempo do Concilio Calcedo-
nense, ^b que foy no anno do Se-
nhor de quatrocentos sincoenta
& hum, sendo entam Sum-
mo Pontifice S. Leã primey-
ro deste nome, a quem o impio
Dioscoro se atreveo a querer
excõmungar. No qual Concilio
seiscientos & trinta Bispos,
ãlem de outros gravissimos, &
doutissimos Padres, condenã-
ram ao impio Abbadẽ Eutichio
imitador dos erros de Nesto-
rio.

3 Neste mesmo tempo,
nam se querendo este herege
fometer aos decretos deste sa-
grado Concilio, levou apos sy,
como outro Lucifer, os povos
do Abexim, & todas as mais
provincias Orientaes, sogeytas
ã cadeyra metropolitana de A-
lexandria. Tam antigos princi-
pios tẽ os erros dos Abexins, &
tam prolongada he sua scisma-
tica desuniã da Igreja Catho-
lica, & Romana, a qual desuniã
acompanhou (como costuma
suceder) hũa infernal corrente
de erros, com mayor abundancia
que a do seu Nilo, os qua-
es arrebertaram em Alexan-

dria

^a
Damiam. de
Go. in Chro.
Reg. Eman.
p. 3. c. 59. &
tract. demo-
rib. Ethlop.

Pretendẽ-
ram os Pa-
pas acodir
aos erros
dos Abex-
ins.

Anno de
Cõpanhia
16. 66

^b
Vid. Conc
Calced. an
451. ses. 1. &
Conc. Rom
ses. 1. anno
449.

Eutichio
herege pr
verteo o.
Abexins.

Anno de
Christo de
1555.

Quarta
mens,
Egypto por
entra colt.
cocodilon
dorat.
d
Jerem. 2. n.
8. Et nunc
quid tibi vis
in via Eyp-
ti. ut bibas
aquam tur-
bam.

Tempo em
que durá-
ram as he-
regias dos
Abexins.

dria de Egypto, com novos mō-
stros de heregias, semelhantes
aos atrevidos portentos, que o
louco Egypto (como os Roma-
nos zōbavam) adoravam por
divindades, já no tempo em que
os Gregos floreciam; monstro-
sidades todas muy parecidas cō
aquellas pragas, de que se quey-
xava Deos por Ieremias, a que
inficionaram as almas dos Egy-
ptanos, bebendo a agoa turva
de tantos erros.

4 Chegaram a tal ceguey-
ra estes infelices pōvos, que ti-
nham por Sancto ao malvado
herege Dioscoro, primeyra fōn-
te donde bebēram seus erros,
julgando por herege o doutissi-
mo, & sanctissimo Papa Leam
Primeyro, fōte pura da religiām
Catholica, durando entre elles
esta agoa recolhida das alagoas
infernaes todo o tempo q̄ ouve
desde Sam Leam Primeyro, até
o tempo de Leam Decimo, a
quem succedeo Adriano Sex-
to, que já passava de mil & sin-
coenta annos, quando acudi-
ram como cervos bem feridos
a se banharem em Roma nas
agoas saudaveis da religiām Ca-
tholica.

5 Porẽm da maneyra que
antigamẽte Salamam nam res-
pondeo na piedade a seu pay
David, assim nam se pareceo na-
da com elRey David de Ethio-
pia hũ seu filho chamado Glau-
dios, ou Claudio, porque tẽdo o

Rey David sollicitado, com grã-
des encarecimentos, Patriarcha
Romano; seu filho Claudio (po-
stoque ao principio tambem o
pedio a elRey Dom Ioam) o
nam quiz depois aceitar, como
veremos, mostrando logo nestes
principios os Abexins a grande
variedade, com que sempre se
ouveram em receber, & regey-
tar os prẽgadores Catholicos, q̄
com tanta piedade, com grãdes
gastos, & admiravel constancia,
os Reys de Portugal lhe man-
daram.

6 Grandemente magoava
ao muy Catholico Rey Dom
Ioam o Terceyro o que lhe ef-
creviam da India, & o que elle
sabia dos erros na fé, & depra-
vadas ceremonias dos Abexins:
gostando muyto por outra par-
te quando ouvia referir as cou-
sas, q̄ em seu modo de religiām
havia, tam parecidas com as da
Igreja Catholica, das quaes ar-
guia huma alegre esperanza de
se abrir naquellas vastas re-
gioens grande campo, pera a
prẽgaçam do Evangelho. E em
particular naquelles annos erão
em Portugal muy celebradas as
coufas de Ethiopia, pela noticia
que davam os Portugueses que
lã tinham hido com Dom Chri-
stovam da Gama, filho do Con-
de Almirante Dom Vasco da
Gama, & de Dona Catherina
de Ataide, irmão de Dom Es-
tevam da Gama Governador da

Anno da
Copanhia
16.

Rezãm, q̄
ouve pera
em Portu-
gal se fa-
berem as
coufas de
Ethiopia.

Anno de
Christo de
1555.

India; o qual foy em socorro d'aquelle Emperador, procedendo como valente Portuguez, & morrendo com titulo de esforçado Christam, & com opiniam de martyr. Acrecentou muyto esta noticia o P. Mestre Gonçalo Rodrigues, de quem logo falaremos. Por estas vias se soube em Portugal dos mosteyros, que entre elles havia, semelhantes aos de Europa, edificados communmente em valles profundos, ou sobre montes muy altos, & algũs de grãde artificio, entre os quaes louvavam muyto hũ mosteyro de obra Romana, feyto em hum penhasco, com sua Igreja de três naves, coro, cadeyras, cappella mór, & sancristia, tudo obra muy excellente, aberta ao picã, em huma viva rocha, com tão primor, & perfeçã, que nam se podera desejar mayor, na mais bem architectada fabrica de nossa Europa.

7 Contavam da asperesa da penitencia destes seus religiosos, & entre outras cousas sabemos que na semana sancta toda a gente nobre, & honrada, anda a seu modo vestida de luto, em sentimento da payxam do Senhor, goardando tanto silencio, que naquelles dias falam muy pouco entre sy (que nam he pequena devaçã, nem serã das menos custosas) & geralmente sam muy devotos da

payxam de Christo senhor nosso: todos trazem consigo cruces, os religiosos nas mãos, & a gente plebeya ao pescoço: os ecclesiasticos trazem além da cruz, huma ambula de cobre com agoa benta, & antes que comam costumã deytar algũa gota della, assim no comer, como no que ham de beber, & a mais gente lhe pede agoa benta, & bençã, & elles lha dam.

8 He notavel a veneraçã que os Abexins tem às Igrejas, nam entram nellas calçados, nẽ passeam, nem rim, nem falam estando dentro, nem ainda cospem, & por nenhum caso se alsentam (que pode servir de grãde confusã aos que nos criamos no gremio da Igreja Catholica) Sua postura quando estam nas Igrejas, he sempre em pẽ, ou de joelhos, & porq nam he pouca a detença que fazem nellas, pera ajudar a fraqueza do corpo, está sempre da parte de fóra da Igreja gram multidã de bordoens, feytos à maneyra de moletas, & cada hum toma sua moleta destas pera se encostar, & desta maneyra acodem á fraqueza dos corpos, & á reverencia das Igrejas. Nos dias em que se diz missa, nam ha em cada lugar mais que hũa, & quãtos a ouvem ham de cõungar a ella, em ambas as especies: os que tem ordens cõungam dentro das Igrejas, & o mais povo

Anno d.
Companhia
16.

Com grãde
de respeito
às Igrejas.

Anno de
Christo de
1555.

Devocam
dos Abe-
xins.

nos alpendres, ministrando-lhe
o Sacramento da porta; & o q
cõmunga por reverencia, nam
põde cuspir atê a noyte.

9 A Virgem Maria nossa
Senhora tem particular deva-
çam. Celebram sua gloria a As-
sumpçam com particular festa,
conservãdo ainda agora os trinta
& tres dias de festa, que hãm
Rey daquelle Ethiopia devotissi-
mo da Senhora, ordenou se fe-
stejasse cada anno; como tam-
bem que em todos os meses aos
23 dias de cada hum, se feste-
jasse o nascimento de Christo
Senhor nosso, & que assim mes-
mo em cada mes se fizesse festa
ao Archanjo Sam Miguel. Nam
ha entre elles tam mau Chris-
tam, que nam commungae as
duas vezes, que na semana se diz
missa.

10 Confessamse em pé, &
por nenhum caso mudam con-
fessor. Enterram os defuntos cõ
cruzes alevantadas, rezandolhe
oraçõens, & o Evangelho de S.
Ioã, & dando esmola em cer-
tos dias por suas almas. Nam
tem os erros dos Ichonomaeos,
porque em suas Igrejas usam de
imagens, que tem pintadas pe-
las paredes, sam estas imagens
de Christo nosso Redemptor
da Virgem purissima sua mãy,
dos Apostolos, Patriarchas, Pro-
phetas, & em particular quasi q
nam ha entre elles Igreja em q
senam veja pintado o glorioso

martyr Sam Iorge, assim como
entre nos nas Igrejas antigas ve-
mos pintado o grande Sam
Christovam.

CAPITULO V.

Trata elRey Dom Ioã com
o Padre S. Ignacio sobre a pes-
soa que ha de vir por Patriar-
cha a Ethiopia: elegem o Pa-
dre Ioã Nunes Barreto, o
qual pretende escusarse
desta dignidade.



Noticia destas
cozas (que no
têpo delRey D.
Ioã o Tercey-
ro vinha mais certa, por causa
das cartas do Emperador Clau-
dio, que por vezes lhe escreveo,
dandolhe contra de suas cozas,
& pedindolhe socorro, & hum
Patriarcha Romano) movia ao
Christianissimo Rey, pera tra-
tar muy de veras, que este Im-
perio dos Abexins tornasse a
sua antiga forma de religião,
reconhecendo o Summo Pon-
tifice Romano por legitimo
Vigayro de Christo na terra, &
posto que já tinha hido a Ethio-
pia, com o titulo de Patriarcha,
hum Dom Ioã Bremudes, q
naquellas partes padecẽo muy-
to, & depois se voltou a Portu-

Anno da
Copanhia
16.

D. Ioã
Bremudes
Patriar-
cha de E-
thiopia.

Anno de
Christo de
1555.

Trata el
Rey Dom
Joám de
mãdar Pa
triarcha a
Ethiopia.

gal por nam ter o desejado successo, com tudo agora tinha S. Alteza, pelas rezoens que apõtey, entrado em nõvos fervores de prover aquelle Imperio de hum Patriarcha, do qual se prometesse grande fruyto naquellas terras tam incultas.

2 Sobre esta materia tinha por vezes este zeloso Princepe escrito ao Summo Pontifice, & a nõsso bemaventurado Padre S. Ignacio, & em particular ao seu Embayxador, que tinha em Roma, ordenandolhe com grãdes encarecimentos, que fizesse supplica a S. Sanctidade pera q nomeasse Patriarcha de Ethiopia, & com S. Ignacio tratasse da pessoa da Companhia, que havia de ser eleyta pera esta prelasia, que nam repugnaua com nõssas constituiçoens, pois tẽdo o trabalho do officio, nam havia de ter as rendas do cargo; & jã Sua Alteza no anno de 1544. primeyro pozera os õlhos na pessoa do Padre Mestre Pero Fabro pera lhe encõmentar esta Christandade, fazẽdo seu Prelado, por causa da grande opiniã, que concẽbera de sua vida sancta, de seu grãde zelo, & conhecida prudencia, que nelle experimentou, quando o teve em Portugal, como atraz dissemos: ^a porẽm este real desejo nam chegou a effeyto, porque o Padre Pero Fabro morreo sanctamente no primeyro

^a
i. p. l. i. cap.
40. n. 8.

de Agosto de 1546. dandolhe primeyro Deos a coroa de sancto na gloria, que a mitra de Patriarcha na Ethiopia: donde se ve quam antigas eram jã estes sanctos desejos do Serenissimo Rey, em procurar o remedio d'aquella Christandade tam desemparrada.

3 Semelhantes eram os cuydados de nõsso glorioso P. S. Ignacio em Roma aos que tinha o zelosissimo Rey em Portugal, porque em recebendo as cartas de S. Alteza, nas quaes lhe pedia que nomeasse hum Patriarcha, & que desse alguns Padres, que com o Patriarcha tomãsem a sua conta esta nobre empresa, se deyxou levar tanto do desejo de ver empregados nella os da Companhia, pelas rezoens, que apontamos, que logo entã fez por escrito instrucçã do modo, que os nõssos haviam de goardar em cultivar aquella grande vinha do Senhor, que estava quasi lãçada a monte. Conforme a estes desejos foy a resposta que remeteo a Sua Alteza, escrevendolhe muytas rezoens em confirmaçã de seus catholicos intentos, tam importantes ao bẽ commum da Igreja de Ethiopia.

4 Porẽm como as cousas humanas sempre tem variedade na terra, & as que tocam ao culto divino sempre tem quem

as en-

Anno da
Companhia
16.

Como S.
Ignacio
tratavade
acudir a
Ethiopia.

Anno de
Christo de
1555.

Carve el
Rey a S. Ig-
nacio fo-
as cou-
as do Pa-
archa.

as encontre do inferno; nada se tinha obrado nesta materia até o anno de 1554. pelos muytos impedimentos que ouve por causa das mortes dos dous Sũmos Pontifices, Julio Terceyro, & Marcello Segundo, até que de novo no mesmo anno escreveo o Serenissimo Rey a Sancto Ignacio, & lhe encomendou escolhesse doze Padres da Companhia, que fossem varoẽs, nam menos estimados por seu exemplo, que approvados por suas letras, & que destes doze fizesse elleyçam particular de tres, dos quaes hũ fosse por Patriarcha, & os douts por Coadjuutores, & futuros successores, & os mais acudissem com suas prẽgaçoẽs em publico, & com sua conversaçam no particular, pera de todo defarraygar as mãs raizes, q̃ as plantas de Dioscõro, & Eutichio tinham estenlido por aquelle vasto Imperio dos Abexins.

5 Tanto que Sancto Ignacio teve esta carta, posto que bẽ lhe constava haver na Companhia muytos em numero, que desejavam missam tam gloriosa, pretendendoa por todas as vias de sua propria, & livre vontade; com tudo, assim pera mais lhe constar destes sanctos desejos, como pera de novo atear hum novo fogo do zelo da cõversam das almas, que em toda a Companhia desejava ver aceso: avi-

sou aos superiores desta Provincia, que lhe declarasse por cartas dos particulares os desejos q̃ tinham seus subditos da missam de Ethiopia, sem lhe falar na dignidade de Patriarcha. Advirtiram os superiores em publico aos subditos desta Ordem de Sancto Ignacio, & foy cousa notavelo fervor que se ateou, porque nam ouve em Portugal nenhum nosso Religioso, que nam sahisse a campo a este sancto repique, & que nam aceytasse por proprio, & particular este quartel de desafio, feyto a todos em commum: mostrando grande promptidam da vontade pera em partes tam remotas dar a vida pelo Senhor que primeyro a tinha dado pela nossa.

6 Havidas estas repostas, das quaes teve particular consolaçam o glorioso Patriarcha Sancto Ignacio, & cõmunicado o negocio com Deos, fez elleyçam de tres pessoas, nas quaes com muyto louvor se achavam as boas calidades, que o serenissimo Rey apõtava nos que haviam de ser escolhidos; foram estes o Padre Ioã Nunez Barretto no primeyro lugar pera Patriarcha, o Padre Andre de Oviedo Castelhana, de quem falamos, ^b Reytor que entam era do Collegio de Napoles, cõ titulo de Bispo de Hierapolis, & o P. Belchior Carneyro, Reytor que tinha sido do Collegio

Anno de
Copanhia
16.

Fervor q̃
ouve nesta
Provincia
sobre a mis-
sam de E-
thiopia.

Escolhidos
pera a mis-
sam de E-
thiopia.

b
1. p. l. i. c. 32
n. 3. & c. 42.
n. a & l. 3. c.
15. n. 5.
Vide 1. p.
fol. 116. a n.
1. & fol. 522
n. 6.

Anno de
Christo de
1555.

de Evora, pera Bispo de Nilsèa, ambos Coadjuutores, & futuros successores do Patriarcha.

7 Feyta esta eleyçam a someteo o sancto fundador à disposiçam do serenissimo Rey, nam fazendo mais que adverti-lo dos talentos com que Deos tinha dotado a cada hum dos tres Padres. Foy aqui cousa digna de toda a consideraçam, que no mesmo pensamento com S. Ignacio acerca da pessoa do P. Ioam Nunez Barretto tinha dado o serenissimo Rey, pela grande opiniam, que delle concebèra, por causa do negocio dos cativos, que diante delle agenciava.

8 Escreveo logo a seu Embayxador a Roma, que era Dõ Affonso de Lancastro, de quem já tenho falado no livro quarto,^d pera que tratasse diante do Summo Põfice Iulio Terceyro este negocio do Patriarcha, & Bispo de Ethiopia: & S. Ignacio o sollicitava tam vivamente, parecendolhe (a respeyto de seu grande desejo) que o Embayxador hia mais de vagar, do que pedia a importancia de tal negocio, que mandou ao Padre Luis Gonçalvez da Camara (de quem por muytas vezes se faz mençam nesta Chronica) que cada tres dias fosse a casa do Embayxador de Portugal a fazer com elle officio de sollicitador desta empresa, q̃ tinha por

muy gloriosa; fazia o Padre Luis Gonçalvez o que o sancto Padre lhe mandara, com tanta pontualidade, & o sancto foy tam constante, em lhe lembrar que continuasse nos avisos comecados de tres em tres dias, que já na Corte Romana andava como em proverbio a terçam do Embayxador de Portugal: tam notavel era a efficacia, que o Sãcto tinha em as cousas do serviço de Deos, sobre que já tinha tomado conselho, obrando como prudente prelado, & como quem bem entèdia, nam se perderem os negocios de importãcia tanto por falta de maduro conselho, quanto por descuydo de execuçam vigilante.

9 Tãto que o Padre Provincial Diogo Mirãm entendeo a vontade del Rey, que em tudo estava conforme com a de S. Ignacio auisou o Padre Ioam Nunez, pera que tratasse de se aparelhar pera a viagẽ. Grande foy o sentimento deste muy religioso Padre, quando entendeo, que elle era o escolhido pera aquella dignidade, nam por temer os trabalhos, mas por nam querer as honras; principalmente vendose tam empenhado com os seus cativos de Africa, dos quaes senam podia esquecer; por mais que el Rey Dom Ioam tambem o tinha já desenganado, que nam havia de voltar àquellas partes.

Anno
Companhia
16.

d
2. p. l. 4. c. 12.
n. 8.

Diligencia
de S. igna
cio.

Anno de
Christo de
1555.

Escreve o
P. Ioão
Nunez es-
crevando-se
de ser Pa-
triarcha.

10 Escreveo logo a Sancto Ignacio declarandolhe os vivos desejos, que sempre tivera de dar a vida pela fé catholica, nas partes mais remotas do mundo todo; porém no que tocava á dignidade de Patriarcha pedia a sua Paternidade por amor do mesmo Christo crucificado, que nam pozesse carga tam pesada sobre hombros tam fracos, q̄ mais queria viver toda a vida em hum carcere de Titum, que ver-se autorizado com tal honra em Ethiopia. & que elle bem entendie, que as rendas daquella mitra eram os continuos trabalhos, & suores, que por momentos naquella empresa se haviam de deverar, q̄ a estes nenhum medo tinha, pois sempre os pedia a Deos, & que por isso muy de coraçam se offerencia pera ser o mais humilde servo do Patriarcha. Porém, q̄ sobre tudo, elle se offerencia, & submetia nas mãos de sua Paternidade, pera que dello despuzesse como o Senhor lhe desse a sentir. E que julgando sua Paternidade que assim convinha, que elle acceytasse o cargo de Patriarcha, lhe pedia lhe nomeasse algum Padre da Companhia, a quem rendesse obediencia secreta; & que ouvesse hum Cômisario sobre o mesmo Patriarcha.

11 Muyto festejou S. Ignacio esta humilde carta do P.

Ioão Nunez, & pela grande satisfação, que tinha de hum varã tam exẽplar, a fez ler muitas vezes em publico, pera que a todos coubesse a consolaçam de ver a grande resignaçam, q̄ mostrava em materia tam grave, nam tratando de cousa que tocasse a sua pessoa, pondo sè diante dos õlhos a mayor gloria divina, & o mayor bem das almas.

CAPITULO VI.

Chegam a Portugal as bullas pera o Patriarcha: escreve S. Ignacio ao Padre Ioão Nunez Barreto, dandolhe as ordens do que ha de fazer: celebre sua sagraçam na Igreja dos muy reverendos Padres da Trindade.



1 Quando o Padre Ioão Nunez Barreto continuando nesta corte de Portugal, requerendo o remedio de seus cativos, & pretendendo escuzarse da dignidade Patriarchal, chegaram cartas de Roma com ordem de S. Ignacio, que acceytasse a dignidade pera que estava elyto, remetendolhe juntamente as letras Apostolicas, que a Sanctidade

Anno da
Companhia
16.

Obriga S.
Ignacio ao
P. Ioão
Nunez a
acceytar ser
Patriarcha.

Anno de
Christo de
1555.

do Papa Paulo Quarto expedio no primeyro anno de seu Pontificado, com huma ordem, em que o Papa obrigava ao Padre a que aceytasse a tal dignidade; estas bullas, & estas ordens passou sua Sanctidade cõ grande consolaçam, edificando-se muyto de ser necessario aos filhos da Cõpanhia obrigatos por obediência pera aceytar hõras, ainda quando estavam sogetas a tantos perigos, & trabalhos, como bem se deyxava ver daquella dignidade, que aceytavamos em Ethiopia, quando nos escusavamos das prelasias de Europa; & pera melhor mostrar esta grande satisfaçam, foram notaveis as graças, & amplissimos os poderes, que o S. Pontifice concedeo ao Patriarcha, com suprema jurdiçam espiritual sobre o ecclesiastico, & secular, pera consagrar Bispos, conceder indulgências, & fazer todos os mais officios tocantes á dignidade Patriarchal.

2 Temos ainda hoje em nosso poder huma carta de nosso glorioso Padre S. Ignacio pera o Padre Ioám Nunez Barreto, que aqui trasladarey (conforme costume fazer) porque della nos constará muyto ao certo a verdade do que himos contando.

Anno da
Cõpanhia
16.

CARTA DE S. Ignacio de Loyola pera o Padre Ioám Nunez Barreto, eleyto Patriarcha de Ethiopia.

3



Summa graça, & amor eterno de Christo nosso Senhor seja sempre em ajuda, & favor nosso. Irmãõ charissimo, recebi as vossas de doze de Setembro, & vinte nove de Outubro, & de dois de Novembro, & ao que nellas pede resposta responderey por esta, dando primeyro muytas graças a Deos nosso Senhor, q he verdadeyra saude, pela que soy fervido de vos conceder, queyra elle mesmo, que á empregueis em seu santo serviço, & em estender sua gloria naquellas naçoens, que assim espero o fareis com muyta edificaçãõ daquellas almas, & que pera esse effeito quize estender vossa peregrinaçãõ sobre a terra: seja sempre bendito, & louvado seu sancto nome.

4 No que toca ao cargo de Patriarcha, pera o qual el Rey vos escolheo, & nosso muy Sancto Padre, & Vigayro de Christo Senhor nosso, com universal approvaçãõ de todo o sacro Collegio, vos confirmou (como já outra vez escrevi) eu nam julgo, que possaes deyxar de o aceytar, nem vos, nem vossos coadjutores; & ainda que á vossa humildade, & ao amor da bõra

(que

Anno de
Christo de
1555.

Como ob-
rigou ao
Paare que
aceytasse
esta dig-
nidade.

(que conforme nossa profissam deveis) pareça cruz pesada, & o seja tomar qualquer dignidade, sendo estas, pelos trabalhos, & perigos, que as acompanham, muy diversas das que costumam dar materia à ambiçam, & á cobiça; & sendo necessarias pera poder attender ao bẽ tam universal daquellas nações, & donde ha de redundar tanto divino serviço, nam se deve recusar, confiando na bondade daquelle, por cujo puro amor se toma tal peso, que vos ajudará a levalo; & o perigo que tomaes por seu serviço converterá em coroa de muy singular, & eterna remuneraçam, & a mim me pondeis em grande obrigaçam com a prontidam que mostraes a seguir meu parecer, ainda em cousa tam grave, & que tanto repugna à vossa inclinaçam; & por isso em minhas oraçoens, & de toda a Companhia vos offereço muy particular memoria no divino acatamento, como he rezám, se tenha de vossa pessoa, & de vossos companheyros, em empreza tam importante; & conforme os desejos que tendes, que Deos vos mude, in virum alterum, espero que o ha de cumprir sua divina clemencia, mudando o bem em melhor, & o perfeyto em mais perfeyto, & em tudo suprindo as faltas, & imperseyçoens da fragilidade humana.

O que or-
denou acer-
ca do nu-
mero dos
companhey-
ros.

5 Acerca do numero das pessoas, que pediz, & que além de vós hajam de ser doze sacerdotes, me parece muyto bem, & assim além dos octo, q̃ de cá, & de Castella terám hido, será necessario que de Portugal se to-

mem outros quatro sacerdotes, & tres, ou quatro Irmãos, se elRey disso for servido; quaes hajam de ser estes, nam se pode determinar de cá, porẽm parece me que là vos ajunteis vós com o Provincial, & os de seu conselho ordinario (chamando os de mais que lhe parecerem) & determineis, quaes sejam os Sacerdotes, & os de mais, por que ainda que eu desejo toda vossa consolaçam, como tenho obrigaçam de olhar, que nam fique desprovido o Reyno, & as outras partes, que delle se provem de pessoas da Companhia (porque poderiam ser huus necessarios pera cá, que seriam de menos proveyto pera Ethiopia) isto là de perto se considerará melhor, & assim eu me remetto ao que lá parecer aos que já tenho dito, & se nam foreis do mesmo parecer com os que disso tratarem, representemse a elRey as rezoens de huma, & outra parte, & faça se o que sua Alteza ordenar.

6 De terdes alguem, a quem deis obediencia secreta, por comissam minha, que pera isso tenha, ainda que nisto muyto me edifica vossa devaçam de obedecer, & o espirito tam unido cõ a Companhia, com tudo nam me parece que tenhaes outro mais q̃ a Deos nosso senhor, & a seu Vigayro na terra: & se a mim tocasse dar superior aos que pera là vam, nam tenho eu de que melhor me haja de fiar, que de vossa pessoa, & depois della, dos que vam por Coadjuutores vossos, & assim de todos os que pera lá fore, & estam à obediencia da Companhia, vós tereis cuydado, nam sõmente como Patriarcha,

Anno da
Companhia
16.

Felo S. Ig-
nacio Su-
perior de
todos os da
Companhia.

Anno de
Christo de
1555.

mas como superior, que tem minhas vezes pera com elles, & com quantos mais lá entrarem em nossa Companhia, & o mesmo entendo dos que estão nomeados pera successores vossos, que dispondo Deos nosso Senhor de vossa vida, succederam em vosso lugar.

7 Dar Commissario sobre o Patriarcha por agora nos nam pareceo conveniente, nem tam pouco Visitador por breve Apostolico, porèm assim isto, como o mandarvos por obediencia, que aceyteis esse peso, vós, & vossos Coadjuutores, se vos ordena vivæ vobis Oraculo, que ainda em juizo poderá fazer se, & terá a mesma força que Breve.

8 As graças se procurou fosse muyto amplas, como vereis, que lá vam, & quando alguma cousa faltasse avisando cá se procurará.

9 Nam se escreve Breve particular ao Preste Ioám, porque as bullas vam encaminhadas a elle; ainda que se pedio, conforme ao que vay na instrucçam.

10 Alguma instrucçam se vos manda do que cá podemos julgar por alguma informaçam, que temos do Preste Ioám, & daquelles seus Reynos; usareis della quando vos parecer, sem fazer escrupulo de a nam seguir quando vos parecer o contrario. Ahu entre os que haveis de vir se vos asine hum conselho de quatro, & pois ham de ser os dous os vossos Coadjuutores, ficam pera ser nomeados os outros dous, & mais hum sindico até dos quatro, com o nome que vos pare-

cer, pera avizar ao Provincial da India, & cá a Roma, se for necessario; os que devem ser escolhidos, parece que sejam dos mesmos que ham de vir, & desses os mais doutos.

11 Pera poder ajudar espiritalmente àquellas terras vizinhas do Preste Ioám, & a outras semelhantes já vedes que se vos estendeo o poder, queyra Deos nosso senhor que se vos infua a virtude do Espirito Santo, & que vos faça com sua sancta bençam obreyros fieis, & muy efficazes instrumentos de sua divina providencia, pera reducçam daquelles Reynos ao verdadeyro caminho seu, & vós de tal maneyra insistireis em ajudar as almas dos outros, que vos nam esquecereis da propria, pondo o cuydado, que convem pera a conservar em toda a virude, pera gloria de Deos nosso senhor, o qual por sua infinita bondade queyra dar a todos sua graça, pera que perseveremos sempre em sua vontade, & inteiramente a cumpramos. De Roma 23. de Fevereyro de 1555.

Todo vosso em o
Senhor nosso.

Ignacio.

12 Depois desta carta tam sancta, & tam prudente chegaram às bullas do Summo Pontifice, com todas as mais ordões do nosso glorioso Padre a Portugal, & se intimaram ao P. Ioám Nunez Barreto, o qual como

Anno da
Companhia
16.

Da instrucçam que mandou S. Ignacio ao Patriarcha.

Anno de
Christo de
1555.

tam obediente, se resolveo finalmente em obedecer ao que lhe mandavam, suposto nam podia alcançar o que desejava. Logo se foy lançar aos pés de sua Alteza, pedindolhe perdã das repugnancias passadas; sometendose a sua real vontade. & o que mais he, à do mesmo Deos. Muyto estimou o benignissimo Rey de ver já resoluto este negocio, & lhe encomendou, que cõ a mayor pressa possivel tratasse de se sagrar, & aparelhar o necessario pera a viagem.

13 Logo se deo ordem às cousas necessarias pera o dia em que e havia de sagrar. Era grande o alvoroço da gente pera verem em Lisboa hum Patriarcha de Ethiopia; que assim como era o primeyro da Companhia na dignidade, assim mostrava que seria o primeyro no exemplo: & se esperava grande concurso, pera assistirem às ceremonias deste acto, porém nam tinhamos ainda bastante Igreja, que fosse capaz pera os concursos, que esta festa demandava, porque ainda neste tempo estavamos em Lisboa recolhidos na ermida de Sam Roque, da maneyra que contey no quarto livro, ^a & assim nos foy necessario buscar hum theatro acomodado pera se dar ao céo este novo applauso.

14 Valemonos nesta oc-

casiam da boa visinhança dos muy reverēdos Padres da Trindade, os quaes entam nos agasalhãram com muyta vontade, & singular liberalidade, em sua Igreja, que pera isso preparãram, & adornãram com toda a riqueza, & aparato: o templo em que nos recebẽram era grande, mas foy mayor o amor que nos mostrãram; as armaçoens das paredes foram preciosas, porém a benevolencia das vontades vencia todo o preço; começando já de tam longe o grande amor, & a boa correspondencia em que sempre esteve a casa de Sam Roque cõ aquelles muy veneraveis Padres, & muy presados visinhos, aos quaes sempre confessamos obrigaçoens de servos, que somos, & empenhos de amigos, q̃ desejamos ser, recebendo cada dia delles favores muy singulares; procedendo elles sempre, como amigos poderosos, & nõs como visinhos agradecidos. Foy grande a festa daquelle dia, & notavel a alegria do povo com a nova sagraçam do Patriarcha; com a qual juntamente foy sagrado com titulo de Bispo de Hierapolis o Padre Dom Andrè de Oviedo, de nossa Companhia, seu Coadjutor em vida, & successor por morte. E ainda que ao Padre Melchior Carneyro tambẽ vieram as letras, já neste tempo

Anno da
Cõpanhia
16.

^a
2. p. l. 4. cap.
21. & 22.

Anno de
Christo de
1555.

era partido pera a India (como adiante veremos) aonde o sagraram.

15 Fezse esta solemnidade em quatro de Mayo, do anno em que himos de 1555. pelo Bispo de Portalegre Dõ Iuliã d'Alva, esmoler da Rainha; assistindolhe por adjuntos o Bispo de S. Thomé, & o Bispo de Hippona.

CAPITULO VII.

Manda el Rey Dom Ioã m prover, com grande liberalidade, ao Patriarcha: E de seu muy exemplar procedimento, em quanto senam embarcou pera a India.

I Vy particular foy o contentamento que o serenissimo Rey Dom Ioã m teve de ver já sagrado o seu Patriarcha, & se alegrava muyto quando o via diante de sy, & tinha grande consolaçam de o ouvir dizer missa de Pontifical, na sua cappella real, em presença de toda a corte: mostrando bem sua muyta piedade, & grã de devaçam, que tinha à Companhia, assim nas singulares hõras, que fazia ao novo Patriar-

cha, como na real magnificencia, com que o mandou prover de todo o necessario, nam menos pera o cõmodo de sua pessoa, que pera o meneyo dos instrumentos necessarios pera sua dignidade, dandolhe requissimos pontificaes, ornamentos de grande custo, cruces, calices, custodias, & toda a mais prata necessaria, & outras alfayas muy preciosas, pera a solemnidade do culto divino se fazer com toda a ostentaçam naquellas partes de gente scismatica, alheya dos costumes das ceremonias, & magestade de que usa a Igreja Romana no sacrificio da missa, & nas outras celebrações, & exercicios dos officios divinos, pera que vendo os Abexins a grandesa destes apparatus, entendessem a ventagẽ que, até nisto, fazia a Igreja Romana à scisma de Alexandria.

2 Como a solemnidade da sagraçam do Patriarcha foy em Mayo, necessariamente havia de esperar pera se embarcar no Março do anno seguinte: nestes meses, que lhe ficavam de vago, nam esteve ocioso onovo Patriarcha; & posto que lhe faltavam em Portugal os seus cativos de Africa, em que exercitar sua muyta charidade, nam lhe faltaram occasioes em que vissemos seu grande exemplo: porq nam se pòde explicar

bastan-

Anno da
Companhia
16.

Dã el Rey
D. Ioã m
grãdes do-
nativos ao
Patriar-
cha.

Anno de
Christo de
1555.

Virtudes
notaveis
do Patri-
cha.

In Concil.
Cart. 4. c. 1.
initio.

b
1. Petri c. 5.
n. 4. Cum au-
t apparue-
rit Princeps
toru. & c.

De sua
grãde hu-
mildade.

bastantemente com a brevida-
de, que vou seguindo, a muyta
edificaçam que nos deyxou es-
te humilde Prelado: parece que
ordenou Deos a eleyçam do
Padre Dom Ioã Nunez Bar-
reto, pera nelle nos avivar o
exemplo daquelles sanctos Bil-
pos, antigos prelados da primi-
tiva Igreja; & pera mostrar nes-
tes tempos huma imagem muy
expressa, de qual ha de ser o
prelado, que Christo senhor
nosso quer na sua Igreja, segun-
do o modelo, por onde o pinta,
& descreve o Concilio quarto
Cartaginense.^a

3 Resplandecia nelle hu-
ma perfeytissima humildade,
sendo a todos hum vivo exem-
plar de abatimento, & de cha-
nesa no tratamento de sua pes-
soa; porque nam sòmente (co-
mo nos ensinou Christo, a quẽ
S. Paulo ^b chama Principe dos
Prelados) nam soffria ser servi-
do por criado, ou pagem algũ,
antes como vinha tambem ac-
stumado de servir aos cativos
de Tituãm, elle era, o que de
ordinario em Lisboa servia aos
religiosos á mesa, & na cosinha;
& quando entrava nesta officina,
punha de parte o anel pon-
tificial quando lavava os pratos,
exercitando todas as mais oc-
cupaçõs daquelle humilde mi-
nisterio, com tanta alegria, que
aos Irmãos animava ao traba-
lho, & com tanta madureza, que

nestas bayxas occupaçoẽs nam
perdia hum ponto de sua auto-
ridade, antes parece que nella
mais crescia. Tam alto he o
preço da humildade, que deyxã
hum Patriarcha as insignias de
sua dignidade por tratar os inf-
trumentos da mayor humilda-
de, depondo a murça Pontifical
por vestir hum avental da cosin-
ha. Quem se desprezãna reli-
giam de acudir aos officios
mais aviltados à vista de hum
Patriarcha, o qual parece que
mais estimava o desprezo da co-
sinha, que o preço de sua mitra.

4 Nam se escõdia tam grã
de exemplo sò dentro das pa-
redes de casa, & entre os moços
da cosinha; porq se era humilde
entre os nossos, a mesma humil-
dade goardava sahindo fora: an-
dou sempre a pè, sem acompa-
nhamento, nẽ pagem, nẽ outra
demõstraçam de autoridade Põ-
tificial, mais que a da sua grande
modestia, grave, & religiosa cõ-
postura, pela qual entre muytos
era conhecido; trazia sòmente
o roxete debayxo do mâtêo, &
quando hia fora de casa levava
por companheyro qualquer Ir-
mã, q lhe apõtava o Superior.

5 O mesmo exẽplo de hu-
mildade deo entre os nossos,
hindo ao Collegio de Coimbra
a ver seus Irmãos, & despedirse
delles, antes de se embarcar pe-
ra a India, aõde, ainda q hospede
por poucos dias deyxou gran-

A nno da
Cõpanhia
16.

Do exem-
plo que da-
va sahindo
do jora.

Anno de
Christo de
1555.

Hia servir
na cozinha

des lembranças de sua muyta virtude, & rara humildade. Também ally hia á cozinha a servir, & ajudar ao cozinheyro, & namperdia occasiam nenhuma de mostrar, que seu grande talento, assim como era feyto pera representar dignidades grandes, tambem se sabia accomodar pera exercitar officios humildes: tendo esta dita aquella cozinha, que vio nas suas officinas andar servindo hū Patriarcha, pera consolaçam dos Religiosos que nella assistē, persuadindo se, que na casa de Deos a occupaçam que parece mais abatida, deve ser mais estimada. Cō a mesna edificaçam servia à mesa, & com mayor gosto aos Irmãos noviços, com tãta chaneza, & affabilidade, que vendo huma vez a hum Irmãam noviço comendo em terra por humildade, & que estendia o goardanapo sobre os joelhos, o bō Patriarcha lho estendeo no cham, dizendo, que assim era mais humildade; & postoque estas cousas em sy pareçam minimas, sam com tudo indicios claros de grandes virtudes; & aquelle servo a quem o Senhor no Evangelho^c dà o louvor de servo bom, & fiel, lhe diz que mereceo grandes premios por ser observante nas cousas pequenas.

6 De Coimbra se voltou o humilde Patriarcha pera Lis-

boa, a esperar embarçam pera a India, aqui na casa de Sam Roque continuou com os mesmos sanctos exercicios de prêgar, & cōfessar, como costumam fazer os que mais trabalham naquella sancta casa, & com a mesma vontade, & diligencia com que acudia ao confessorio em casa, acudia a ouvir confissoens fora de casa; nem advertia se os que pediam confissam eram ricos, ou pobres, nobres, ou peoens, senhores, ou servos, ou se estavam enfermos em suas casas, ou presos nas cadeas, acudindo a todos com a mesma vontade, porque como servia por amor de Christo, tam contente se achava com o fidalgo, em hum paço rico, como cō hum miseravel, em huma choça pobre.

7 Entre outros muytos casos dignos de eterna memoria, que aqui lhē succedēram nam deyxarey de apontar este. Vieram a Sam Roque chamar hum confessor (como ally he ordinario) pera ouvir de confissam certo enfermo: & como o Patriarcha sempre vigiava, pera ser o primeyro, que acudisse a semelhante rebate, sem esperar que o convidassem, se offereceo pera ser o mandado: sahio de Sam Roque seguindo ao que vinha buscar o confessor, & passou a caso com seu companheyro pelo paço aonde vivia o serenissi-

Anno da
Cpanhia
16.

Como pro-
cedeo na
casa de S.
Roque.

De hū ca-
so de grã-
de edifica-
çam que
lhe socedeo

Mat. c. 23.
n. 23. Euge-
serue bone,
& fidelis,
quia in pau-
ca fuisti fi-
delis, supra
multa se cōf-
tituam intra
in gaudium
Domini tui.

Anno de
Christo de
1555.

Anno da
Copanhia
16.

mo Infante Dom Luis, o qual de huma janella o vio, & conheceo, & sospeytando logo qual feria a causa deste apressado caminho do Patriarcha, chama hum pagem, ordenalhe que vâ apòs elle, que veja com diligencia em que casa entra, & note o que nella faz o Patriarcha: sahe logo o pagem, segue ao Padre, dalhe alcance, vây apos elle atè chegar ao lugar aonde entrou, que era huma logea escura, & quasi soterranea, aonde estava muyto no cabo da vida hum escravo de Angola: entrou o seruo de Deos nesta pobre casinha, & como bem acostumado a entrar nas masmorras de Tituam, nam estranhou aquella choça em Lisboa; achou nella o enfermo, falalhe, consolao, excitao a ter paciencia, & aliviao com a confissam.

8 O pagem que notou isto em quanto durava a confissam, com todo o cuydado se veltou logo a leu amo o Infante Dom Luis, & deolhe conta do socedido, de que o serenissimo Principe ficou tam edificado, que teve pensamento de hir ver, & acompanhar o humilde Patriarcha; mas deyxou de o fazer, porque como conhecia sua humildade, nam lhe quiz offender a modestia, quando tratava de lhe autorizar a pessoa: mandoulhe porèm logo huma mulla, muy bem aparamentada (por-

que ainda naquelle tempo se nam usavam tâto as delicias dos coches, que hoje quebram as calçadas, & nos atroam as orelhas) & que fosse com gente de pè, & de cavallo, pera que levassem o Padre a Sam Roque, cõ autoridade que requeria a pessoa do Patriarcha, & a dignidade do officio. Veyo toda esta gente guiada pelo mesmo pagem, pera acompanharem o Patriarcha, acharamno ainda occupado com o seu penitente, esperam fora que o absolva, & acabada a confissam dam recado, offercem a mulla, & tratam de o acompanhar, como lhe ordenava seu senhor. Envergonhado ficou o humilde Prelado com esta honrosa offerta do Principe serenissimo, & agradecendo primeyro lembrança tam cordeal, respondeo que elle nam necessitava entam de mulla, pois sempre andara a pè, nem cuydava que fazia injuria a sua dignidade, seguindo o exemplo dos Apostolos, que sendo Princeses da Igreja correram a pé o mundo todo: & com este primor do céo, despedio muy edificados os cortesaõs do Infante, que nam acabava de contar este caso, q̃ pera elle foy de tanta edificacão; & o Padre se recolheo a S. Roque com seu companheyro, da maneyra que sahira a confessar aquelle enfermo.

9 Assim procedia em Lis-

Manda o
Infante a-
companhar
o Patriar-
cha.

Anno de
Christo de
1555:

boa este humilde Prelado, em quanto chegava o tempo da viagem, que foy no anno seguinte de 1556. E por agora nos despediremos d'elle, pera darmos conta do mais que se fez, em consequencia desta missam de Ethiopia, & dos mais successos deste anno de 1555. atè embarcarmos o Patriarcha nos capitulos 32. & 33.

CAPITULO VIII.

De como mandou elRey Dom Ioam embayxadores, que fossẽ diante tentar o animo dos Abexins; do que nesta viagem passou, & do que alcançou o Padre Mestre Gonçalo Rodriguez, que foy por companheyro de Diogo Dias.

I Vando o Visorrey Dom Pedro Mascarenhas partito pera a India no anno atraz de 1554. como dissemos no quarto livro ^a, levou muy encõmendado entre as primeyras lembranças, o negocio da Christandade de Ethiopia, pera que fosse dispondo as cousas de maneyra, que quãdo chegasse o Patriarcha, estivesse já muy avançadas, & assim tanto

que chegou à India poz logo em conselho este negocio, conforme o regimento que levava de Portugal; neste conselho se assentou, que mandassem primeyro a Ethiopia tentar o animo do Emperador Gludios, pera ver se era semelhante ao do Emperador David seu pay, & seu antecessor; & ver a disposiçam, que havia naquellas terras, pera receber o Patriarcha, & Bispos, que o Summo Pontifice lhe mandava, à instancia do serenissimo Rey de Portugal.

2 Pera este modo de embayxada, que foy muy ajustada com a vontade do serenissimo Rey, escolhéram a hum homẽ muy pratico nas cousas dos Abexins, chamado Diogo Dias o Prestes, que tinha hido a Ethiopia com Dom Christovam da Gama (& por falar muytas vezes nas cousas do Preste Ioam, lhe tinham dado aquella alcunha) & ordenáram tambem q̃ fosse com elle hum Padre da Companhia, pera poder informar das cousas da religiam dos Abexins: nomeou, pera este effeyto, o P. Provincial da India o P. Mestre Gõçalo Rodriguez, religioso de muyta virtude, & muy visto nas letras divinas, & muy noticioso dos Concilios, & controversias da sê: por companheyro lhe deram o Irmã Fulgencio Freyre, que tinha

Anno da
Companhia
16.

Embaxada que se mandou ao Abexin

Anno de
Christo de
1555.

li Jo feytor de Baçaim, & deyxou a feytoria que já tinha, & outros melhores despachos, que ain la esperava (conforme sua calidade, & bons serviços) por servir a Deos na Companhia de IESVS, nos ministerios mais humildes do estado de Irmam Coadjutor temporal.

3 Pera levar estes mensageyros, se preparou huma galeota, de que o Visorrey Dom Pedro Mascarenhas fez capitam a hum Fernam Farto, homem muy experimentado no estreyto, que haviam de hir de mandar. E porque desejava muyto o bom logro desta embayxada, & naquelle bom tempo estava a India mais florente, & muy bem provida de embarcaçoens, mandou em sua companhia, pera lhe fazerem escõlta, huma escoadra de tres navios de alto bordo, & sinco fustas muy bẽ esquipadas, a qual escoadra levava por cabo a Manoel de Vasconcellos, & todos jutos combom tempo, em desferindo as velas, se fizeram na volta do estreyto, em dez de Fevreyro, de mil quinhentos & sincoenta & sinco.

4 Tanto que Fernam Farto teve vista de Arabia, foy de mandar a boca do estreyto da parte do Abexim, por onde entrou, & dally foy tomar o porto do Maçua: lançou os Padres com Diogo Dias o Prestes no

porto de Aquico; os quaes dally se foram as terras do Barnagays, que he hum senhor principal, & como Almirante de Ethiopia: este os recebeo de boa vontade, & lhes deo o necessario pera cõtinuarem seu caminho, no qual nam deyxou de haver grandes difficuldades, & trabalhos: chegãram finalmẽte, com o agente d'elRey Diogo Dias, á corte do Abexim, o qual como sempre anda no campo, à maneyra dos Persas, frequentemente muda a estancia, & escolhe novas terras, pera fazer seu assento. Foram os Padres, & o agente agasalhados por ordem delRey, o qual depois de dous dias lhes deo audiencia, entrando os Padres, & mais Portugueses na sua tenda real, com muytas continencias, & grãdes ceremonias, como he costume d'aquella gente.

5 Estava o Rey preparado com toda a magestade, com que entre elles he costume receber os embayxadores, assentado em hũ catre cõ cortinas por cima, a tenda toda alcarifada, & apparementada, com panos muy ricos de sedas da Persia, que mãdam vir de Ormuz, & do Gram Cayro: estavam lhe fazendo corte à roda muytos dos seus grandes, cõ muytas mostras de cortesia, & reverencia. Deolhe Diogo Dias as cartas, que trazia do serenissimo Rey Dom Ioã, as

Anno da
Cipanhia
16.

De como
foram re-
cebidos do
Rey Abe-
xim.

Die squa-
dra que se
deo pera
acompa-
nhar e ha
embayxa-
da.

Chegam a
Ethiopia.

Anno de
Christo de
1555.

quaes logo o Abexim mandou ler publicamente, como he costume fazer em semelhantes embayxadas. Nella se continua, como porque elle Claudio Rey de Ethiopia, seguindo o exemplo de seu pay, se mostrara deseioso de ter uniam com a Igreja Catholica, & Romana, (de que havia em toda a Christandade universal contentamento, de que a elle Rey D. Ioã cabia muy grande parte, pelo grande amor, que sempre tivera aos Reys de Ethiopia seus irmãos, & amigos) por esta causa, movido com zelo de Rey Catholico, & com syncera vontade de lhe deferir a seus desejos, no anno seguinte lhe mandaria hum homem de sua casa, com dignidade de Patriarcha, & mais dous Bispos, com certo numero de religiosos de vida sancta, & de muy approvada doutrina, pera o ajudarem a levar a diante estes tam sanctos propositos.

De quam
mal acy-
ziu o Rey
esta em-
bayxada.

6 Dada esta embayxada, tanto que o scismatico Emperador vio ler a carta, primeiramente ficou como perturbado no exterior, mostrandose suspenso, & malencolico, sem quasi dar fê do que lhe falavam, nem querer responder ao que lhe propunham. Muy alcançado ficou Diogo Dias com ver a suspensam, & assombramento do Rey, porque cuydava elle, co-

mo outros muytos tambem o imaginavam, que os recebesse o Rey com festas alegres, & nam com suspensoens malencolicas. Bem entendeo porém o Padre este seu silencio, que a quẽ nam ouve mal, assaz se lhe responde, nam respondendo: quãto mais, que logo o Rey deo claras mostras de quam mudado estava, do que d'antes tinha pedido, & do que seu pay David tam vivamente tinha sollicitado; sendo causa desta notavel mudança, ou a propria leviandade do Emperador, ou a malicia alheya dos conselheyros.

7 Pediolhe o Padre licença, com modestia, pera lhe perguntar, que cartas foram logo aquellas, que V. Alteza escreveu de sua propria vontade a el Rey Dom Ioã meu senhor? Elle entam rompeo o silencio, escusandose com o secretario, q̃ lhe escrevera a carta: que já he antiga manha, mas muy sabida dos que compoem, & dos que governam, que os Autores lançam a culpa de seus erros às côstas do Impressor; & os Reys escusam seus desacertos, com a pena do Secretario. Acrescentou, & por ultima resolução disse, que elle sempre fora, & seria irmam em armas del Rey de Portugal, mas que nem por pẽfamento lhe vinha deyxar seus antigos costumes, & seu modo de religiam, por tantas cente-

Anno da
Companhia
16.

Resposta do
Abexim.

Anno de
Christo de
1555.

nas de annos confirmada.

8 Com esta tam desengana-
nada reposta, & tam pouco es-
perada nos mais credulos nas
coufas do Preste Ioam, que as
faziam já muy adiantadas. Nam
perdeo o animo o zeloso Pa-
dre, & nada confiado em sy, &
muyto na bondade divina, tra-
tava de esperar melhor occa-
siam, pois aquella se lhe mostra-
va tam adversa. Pera este effey-
to, em quanto o Rey Abexim
foy visitar hũa sua avò, se reco-
lho por espaço de hum mes cõ
seu companheyro em exerci-
cios espirituales, parecendolhes,
que o negoceo dependia muy-
to de favor do Rey do céo, em
cujã mãõ estam os animos dos
Reys; & assim passaram aquel-
les dias fazendo ambos conti-
nua oraçam a Deos, & pedin-
dolhe com efficacia de muytas
lagrimas fosse servido de abrir
caminho pera aquelle Rey a-
ceytar a fé Catholica, & dar o-
bediencia à Igreja Romana, ou
pera, em ultima resoluçam, se
alcançar o que determinava sa-
zer. Acabado este sancto reco-
lhimento hum Portuguez, dos
que ficaram do tempo do vale-
roso Dom Christovam da Ga-
ma, muy valido cõ elRey, veyo
ter com o Padre, & o desenga-
nou do que passava, certifican-
doo, que o dito Rey estava re-
soluto em nam aceytar o Pa-
triarcha, & os mais Bispos, &

Desenga-
no que se
deu ao Pa-
dre Gonça-
lo Martins.

Sacerdotes, que elRey D. Ioam
por ordem do Summo Pontifi-
ce lhe mãdava, nem dar a obe-
diencia à Igreja Romana, & q̃
a voz dos seus grandes era, que
seriam antes sogeytos aos Mou-
ros, que obedientes ao Papa.

9 A experiencia foy mos-
trando quanta verdade falava
aquelle Portuguez, porque ze-
lando muyto o Padre Mestre
Gonçalo com este Rey, com
seus letrados, & grandes do
Reyno, a uniãõ, que tanto de-
sejava, nam sòmente descobrio a
grande ignorancia, que tinham
dos sagrados Concilios, das his-
torias ecclesiasticas, & de todo
o direyto divino, & humano,
mas tambem conheceo huma
pertinaz obstinaçam, & refina-
da malicia, que nelles reynava,
porque pera nam ouvirem ao
Padre usavam de cautelas, &
invençoens, hũas vezes escusan-
dose o Rey, por occupado, ou-
tras mudandolhe a pratica, ora
divertindoo cõ perguntas d'ou-
tras materias, ora dilatandoo cõ
perlongas (que destas roins tra-
ças usa quem nam quer usar da
boa rezãõ) & quando se via a-
pertado das rezoens que o Pa-
dre lhe dava, ou zombava fazê-
do passo, & respondendo com
desdem, ou tambem o reprehẽ-
dia, porque sendo hum pobre
clerigo se atrevia a falar com
tanta liberdade em sua presen-
ca, em materia de tanto peso, &

Anno da
Cipanhia
16.

Anno de
Christo de
1555.

em ponto de tãta difficuldade. Este he aquelle Emperador Claudio, a quẽ o Reverẽdo Autor Castelhana Fr. Luis de Vreta, no seu Palmeyrim das suas imaginarias cavallarias d'Ethiopia (que este nome merece aquella fãtaistica historia das novelas dos Abexins) tanto louva, fazendo fino Catholico, & a quem dà huma morte tam gloriosa, que quasi com sua authoridade o chega a canonizar por martyr Romano, nam querendo elle aceytar nem o titulo de confessor Catholico.

CAPITULO VIII.

Como o Padre Mestre Gonzalo Rodriguez, havendo licença do Abexim, se partio pera a India com a ultima resolução acerca da aceytam do Patriarcha.

I Endo pois o bom Padre como se lhe fechava a porta pera falar com elRey, tratou de lhe apresentar hum livro, que tinha composto em lingua Caldẽa, no qual se manifestavam todos os erros, & heregias dos Abexins, & Iacobitas, provandolhe com muyta

erudiçam dos sagrados Concilios, & dos Sanctos Padres, & cõ grande peso, & efficacia de argumentos, ser a Igreja Romana a suprema, & universal cabeça de toda a Christãdade. Vio-se o scismatico Rey muy apertado com este livro, & postoq o mandou prohibir, ouve delle bastante noticia em Ethiopia, pera haver grande abalo por aquellas partes, acerca da Igreja Romana, & do Sacerdote latino, que assim chamavam ao P. Mestre Gõçalo, o qual ainda ficou mais autorizado com o encontro que teve com hum seu novo Patriarcha, que tinha entam chegado de Alexandria. A este como a principal defensor de sua preversa desuniãm, encomendou o Emperador que entrasse em campo com o Sacerdote da Igreja latina, confundolhe aquelle livro, que tãto andava nos õlhos, & na cabeça de todos: mas o covarde Abunã (que assim chamam ao seu Patriarcha) nam ousando pòr em dispũta suas falsidades, tratou de encubrir sua ignorancia, com capa de religiam, dizendo que nam estava bem a sua Alteza, nẽ a qualquer verdadeyro Christam tratar com hereges, & que muyto menos convinha a sua dignidade Patriarchal entrar em dispũta cõ aquelle scismatico, & que nam viera a suas terras pera dispu-

Anno da
Cõpanhia
16.

*Compoem
o P. hum
livro em
defesaõ da
se Romana*

Anno de
Christo de
1557.

tar com estrangeyros, mas pera governar seus naturaes: estranhando ao Rey ter lido aquelle tratado de doutrina tam perversa, & ameaçando com graves censuras, se mais tivésse em seu poder taes escritos; a isto se atreve a maldade de hum scismatico, quando sente boa entrada em hum Rey prevertido; & nam he esta a primeyra vez q̃ a ignorancia usou de semelhantes traças, pera senam ver convencida da verdade.

2 Seis meses se deteve o Padre na corte de Ethiopia, gastandoos em continuos desgostos, & perpetuas queyxas com o Rey, & dispútas com os seus frades, & com isso que tinham de letrados; occupandose tambem em ouvir de confissam, & dar a communham aos Portugueses, que de varias partes o vinham demãdar, por haver muytos annos q̃ careciam desta espirital consolaçam, & sendo notavel a edificaçam que houve naquella corte, & em toda a Ethiopia, pela grande reformaçam de costumes de Portugueses, espantandose em particular de lhes ver fazer restituicoes, de tudo o que julgavam q̃ deviam, com grãde admiraçam do mesmo Emperador, & de todo o Reyno, por nam se usar naquellas partes nenhum modo de restituicam; postoque tambem cã entre nös tal vez pode haver se-

melhantes admiraçoës, porque ainda mal, q̃ nam tam muy ordinarias as restituicoes, sendo muytrafordinarias as dividas.

3 Vendo pois o P.M. Gõçalo que nam acabava cõ o negocio principal, a que viera da India, em ultima resoluçam se foy ter cõ elRey a lhe pedir licença pera se voltar pera a India, com o agente Diogo Dias, apertando muyto com elle quizesse declarar o que de sua parte se havia de responder acerca de aceytar o Patriarcha, que elRey D. Ioã de Portugal, seu irmãm, por ordem do Sũmo Pontifice, lhe queria mandar. A isto, por ultima reposta, respondeo, com palavras equivocas, que se viesse a seus Reynos o Patriarcha, em Maçuã estaria quem o recebesse, & acõpanhasse atè sua corte, aonde depois de o ver, & ouvir, mandaria pór em conselho o que convinha fazerse.

4 Com isto se despedio do Padre, mandandolhe dar dez onças de ouro, que serãm como cem pardaos, porẽm o Padre lançando mã de licença, & estufandose de receber o ouro, se despedio com toda a humildade, & se partio da corte muy certo, & rosoluto, que nam havia de ser recebido o Patriarcha em Ethiopia, nẽ elles haviam de deyxar seus erros scismaticos, senã fosse cõ algũa força de armas, conforme hũa

Anno da
Cõpanhia
16.

Da reposta que deo o Emperador.

De serviço de Deos q̃ o P. fez em Ethiopia.

Anno de
Christo de
1555.

De hũa no-
tavel pro-
fecia que
tem os A-
bexins,

notavel profecia que contava o Padre Mestre Gonçalo corria entre os Abexins, que haviam ainda de vir Portugueses com hum grande Capitam apresentar batalha a Rey de Ethiopia, na qual elle ficaria morto com muytos frades seismaticos, ficando com o sceptro, em seu lugar hum irmam do mesmo Rey, & que sera Ethiopia regida por huma cabeça estrangeyra, como Visorrey, ou Governador, mandado por via dos Reys de Portugal: da certeza desta profecia nenhuma outra ha mais, que correr assim entre os seus sacerdotes, & religiosos; queyra Deos nosso Senhor, que por esta, ou por outra via acabe Ethiopia de se reduzir à obediencia da S^e Apostolica; a verdade he, que o tempo, á nos-
sa custa, nos tem bem mostrado, quanto ao certo falou sempre nas cousas de Ethiopia este Padre Mestre Gonçalo Rodrigues.

Tornase o
P. pera a
India.

4 Tornando o Padre pera Baroã, por onde veyo, que he o lugar principal do Reyno de Tigrey, aonde commummente reside o Barnagaes, se occupou por todo o caminho em consolar, & sacramentar os Portugueses, & suas molheres, que por ally ficaram do tempo de Dom Christovam da Gama. O modo de caminhar por esta Ethiopia he em forma de Siganos,

com fato, & cabana, levando farinhas feytas em mulas, encenso, & sal, que he o seu dinheyro, pera comprar o mais necessario; as estalagens sam tendas, que cada qual leva, & arma nos montes, ou valles, por todo o caminho, & mais longe das aldeas, & lugares, que no Reyno de Tigrey, & nas outras partes estam situados nos pinaculos mais altos, & rochedos mais difficultosos de subir, por causa do temor dos inimigos. Neste caminho vio o Padre alguns mosteyros dos seus frades, & notou grandes curiosidades, que largamente conta nas suas cartas, & caminhando com seu cõpanheiro o Irmam Fulgencio Freyre, & com mais tres Portugueses vieram ter a Doncã, o melhor torram de terra de toda a Ethiopia.

5 Ally viram huma alagoa de notavel grandeza, porque pera rodear suas prayas em cõtorno sam necessarios sete dias de caminho; nella entra o Nilo, & a vay rompendo com suas agoas, & d'ally sahe já mais soberbo, & caudaloso. Pelas ribeyras desta alagoa viram grande numero de Guomares, que sam animaes grandes na estatura, feos na vista, & terriveis no aspecto, & acatadura, q por natureza sam amphibios, vivendo parte no mar, & parte na terra, aonde pastam. Ha nella tam-

bem

Anno de
Copanins
16.

Cousas q
P. vio neste
caminho.

Anno de
Christo de
1555.

bem muytos Erocodilos, da maneyra que os Autores naturaes os descrevem em Egypto. Tanto desta alagoa acharam hum Portuguez, cujo era todo o lugar, com elle se detiveram por espaço de dez dias, pera ajuda espiritual sua, & dos mais da terra.

6 Doze jornadas antes de Baroã lhe deo goarda hum Portuguez por nome Affonso da Sylveyra, com certo numero de Adargueyros, por ser o passo perigoso, & fronteyro a humanaçam de Iudeos (dos quaes da noticia o nosso Titulivio Portuguez a no quarto livro de sua terçeyra Decada) que vivendo de traz daquella terra, sahem frequentemente a fazer assaltos, & presas nos Christãos. E da outra parte se temiam de outros inimigos, a que os naturaes chamam Agaos, & são famosos ladroens, & grandes salteadores; & sobre todos temiam aquelles tam nomeados Galas, que são os mais insignes, & jubilados salteadores de toda Ethiopia.

7 Chegaram finalmente a Baroã, aonde os sahiram a receber com muyta alegria os Portuguezes, que ally estavam esperando a nossa armada, que os havia de vir demandar, pela qual tambem o Padre esperou alguns dias, nam estando nelles

ociofo, porque confessando, & prégando consolou espiritualmente aquelles Portuguezes, até que vindo recado de serem chegadas ao Porto fustas de gente Portuguesa, se embarcaram, & deram à vela, livrando Deos de hum perigoso temporal, em que a fusta esteve tam perdida, que se houve por grande milagre da Virgem Sãcissima escapar, & como tal, a esta conta se pintou o succedido em Goa, na Igreja da Madre de Deos. Finalmente depois de vencidos os grandes perigos do mar, & os immensos trabalhos da terra, vieram aportar em Goa, aonde o Padre Mestre Gonçalo Rodriguez deo as mais certas noticias das cousas de Ethiopia, que até entam tinham os Portuguezes, mostrando a pouca disposiçam que havia, assim da parte do Rey inconstante, como por via dos vassallos scismaticos, pera ser recebido, & obedecido o nosso Patriarcha, conforme os antigos desejos do muy zeloso

senhor el Rey Dom

Ioãm o Ter-

ceyro.

(?)



Anno da
Copanhia
16.

Chegam finalmente
a Goa.

Joan. de Bar.
Dec. 3. lib. 4.
cap. 1.

Chegam a
Baroã.

Anno de
Christo de
1555.

CAPITULO X.

Partem este anno pera a India doze Religiosos da Companhia, em consequencia do Patriarcha: refere-se huma carta, que o Infante Dom Luis nesta occasiam escreveu ao Visorrey da India Dom Pedro Mascarenhas.

I M quanto o Padre Mestre Gõçalo Rodriguez andava por Ethiopia tomando noticia daquelle Imperio, & vêdo a disposiçã que havia pera o recebimento do Patriarcha; em Portugal neste Março de 1555. em consequencia da partida do Patriarcha, que havia de ser no Março seguinte de 1556. se tratava de mandar logo algũs Religiosos que o fossem à India esperar. Conforme esta resoluçã foram logo nomeados pelo Padre Provincial Diogo Mirãm treze Religiosos . dez que haviam de esperar em Goa pera a missã de Ethiopia, & tres pera ficarem na India. Os principaes destes nomeados foram o Padre Mestre Melchior Carneyro, que fora Reytor do Collegio de Evora, de quem por vezes tenho falado, ^a o qual havia de ser hum

dos successores do Patriarcha, & em Goa havia de ser sagrado com titulo de Bispo de Nicèa: o outro era o Padre Antonio de Quadros, de quem tambem dey alguma noticia. ^b ambos nobremente nascidos, de muytas letras, & de muy approvada virtude.

2 Todos elles recebèram este aviso com grande consolaçã, & cõ muytas envejas dos mais pretendentes, os quaes ao menos se consolavam com as esperanças de acompanharem o Patriarcha o anno seguinte. Levou os todos o Padre Provincial, antes de se embarcarem, a beyjar a mam aos serenissimos Rey, & Rainha, por entender a grande consolaçã, q̃ nisto receberiam. Sahiram do Collegio de S. Antãm o velho, acompanhados dos nossos Religiosos da casa de S. Roque, & moradores do mesmo Collegio; foram recebidos, & agalalhados de Suas Altezas, cõ aquella real benignidade, tam natural nestes piedosissimos Princepes, recebèdo elRey grãde cõsolaçã de ver, que já se começavam a executar os desejos, q̃ tinha de acudir às couzas de Ethiopia.

3 E pera q̃ vejamos o amor, & benevolencia, com que este Principe nos tratava, succedeo aqui, q̃ vêdo elle, entre os treze religiosos, hũ, q̃ lhe parecia fraco & mal cõvalecido, lhe pregütou

como

Anno da
Companhia
16.

b
1. p. fol. 166.
num. 9.

*Nomes dos
Padres
principaes
desta missã*

^a
1. p. f. 187. n.
5. & fol. 516.
n. 1. & sæpe
alibi.

*Grãde be-
nevolencia
delRey D.
Ioãm III.*

Anno de
Christo de
1555.

como estava? E postoque o Irmão respondeo, que muyto bẽ (porque o fervor da vontade, como custuma fazer nos que sam fervorosos, lhe supria a falta das forças) com tudo o benignissimo Rey, como amoroso pay da Companhia, & de seus filhos, se compadeceo de sua fraqueza, mandando q̃ nam fosse aquelle anno pera a India, o q̃ logo se executou, por mais que elle, & o Padre Provincial Diogo de Mirãm allegavam, com o parecer dos medicos (q̃ nisto sam muy liberaes) de nam haver perigo em se embarcar, & partir pera a India: tal era a providencia, & tam particular o cuydado, com que este grande senhor tratava as cousas desta sua minima Companhia.

4 Foram tambem beyjar a mãam ao senhor Infante Dom Luis, que juntamente com o Cardeal Dom Henrique, se alegrou notavelmente com a visita de taes sogeytas, aos quaes nam levava à India desejos de ganhar riquezas do Oriẽte, mas o zelo de levar almas ao cõo; & voltando o serenissimo Infante pera o Cardeal seu irmão, com os olhos arrasados em lagrimas de consolacãm lhe disse, que até aquelle ponto nam tinha visto tam bom socorro pera a India. O mesmo socedeo à Infante D. Izabel, que chorava de prazer vẽdo a alegria com que

Tam se os
missiona-
rios despe-
dir del Rey.

aquelles servos de Deos se des-terravam pera partes tam remontadas, sem outra esperanca mais, que o bem das almas; & querendo fazer participante à Infante Dona Maria, lhe mandou recado, & ambas juntas se consolavam muyto por ver tantos servos do Senhor tam apostados a passar os mares, & a despresar suas tormẽtas, pela muyta estima que faziam da salvacãm dos proximos. Despedidos das pessoas reaes, se embarcaram, & deram à vela aos 25. de Março, como diz Diogo de Couto, ^b ou como acho em nossas lembranças, ao primeyro de Abril, em a armada, que aquelle anno foy à India, que constava de cinco muyto fermos navios, das quaes era Capitãmo Dom Leonardo de Sousa, filho de Dom Diogo de Sousa, Alcaide moẽ de Tomar, & comendador de Sancta Olaya, & de Dona Izabel de Lima, em cuja Companhia, em a nao nossa Senhora da Barca hia o Padre Antonio de Quadros, com outro Sacerdote, & hũ Irmão; os quaes nesta comprida navegacãm tiveram muytas occasiõens de mostrar os finissimos quilates de ouro de sua fervente charidade.

5 Ouve nesta nao doencas muy repetidas, & contagiosas, assistindo os tres religiosos aos enfermos com grande

Anno da
Companhia
16.

^b
Dec. 7. lib. 2.
cap. 7.

Anno de
Christo de
1555.

cuydando, recolhendo em seus mesmos camarotes, os q̄ estavam mais perigosos, escolhendo elles entre tanto por cama as taboas do convèz da nao: aqui lhe aconteceu ao Padre Antonio de Quadros, que recolhendo hum dia em seu aposento a hum soldado enfermo, & frenetico, & estandolhe huma vez assistindo, se levantou o doente com a força da febre, & saltou no Padre, tratando de o matar aos couces; acodiram os visinhos, & com trabalho o tiraram das mãos, & dos pés do frenetico, edificandose muyto de ouvir dizer ao Padre, que estimava verse pisado com os pés por aquelle, a que por amor de Deos trazia nos braços.

6 Gastava o servo do Senhor tanto tempo nestas obras de piedade, que nem pera rezar as matinas lhe ficava tempo, senam muyto pela tarde, mas nã por isso largava as pregações dos Domingos, & dias Sanctos; postoque lhe aconteceu muitas vezes estar o auditorio esperando, que acabasse de dar a mefinha ao doente, pera vir pregar aos saõs. E com este aparelho, sem outros livros mais que o fogão, & a enfermaria, costumava a dizer depois, que foram aquelles os melhores sermoens, que em toda sua vida fizera; q̄ tam eloquente he a misericordia, & tam sabia costuma ser a chari-

dade. E como o tempo da navegação se estendesse, & a falta do necessario crescesse naquella nao, persuadio o Padre aos mais ricos, que acodissem aos miseraveis, & logo o mesmo Capitã mór tomou a sua cõta dar mesa a muytos pobres (comendo tambẽ o Padre entre elles) o mesmo fizeram a sua imitação os fidalgos da nao, & os q̄ se achavam com mais remedio.

7 Por esta grande piedade, & merecimentos do Padre Antonio de Quadros, he de crer, que livrou Deos a nao de hum grande perigo, em que esteve metida na porta da Ilha de Sam Lourenço, nos bayxos, que chamam de Sam Romã, aonde a agoa atrebenta mais de trinta & quarenta lanças em alto; nos quaes bayxos, navegando a nao por aquelle rumo, que levava, antes de meya hora havia de dar; se Deos milagrosamente, como parece, os nam avizasse por hum homem, que hindo pescando, a caso advertio no perigo, & bradou a roda a pressa: & como a nao hia com todo o pano sãto, quando foram estingar as velas, & quever arribar, ja estava em sete braços de agoa, estando selha ao menos cinco. Foy Deos porrem servido de acodir por este modo, livrando de tam manifesto perigo aos q̄ hiam naquella

Anno da
Companhia
16.

Livra De-
os a nao de
hum grã-
de perigo.

Charidade
do P. Antonio de
Quadros.

Anno de
Christo de
1555.

Anno da
Cipanhia
16.

nao, & goardando a este grande seruo seu, pera os muytos seruiços, que lhe fez na India, como se do veremos, em capitulo particular.

8 Em a nao Sam Philippe (da qual era Capitam Francisco Figueyra de Azevedo, filho de Gonçalo Figueyra, Alcayde mór de Benavente, grande afeyçoado, & devoto do Sancto Padre Francisco de Xavier, hia o Padre Melchior Carneyro, de quem já atraz fizemos mençam, primeyro Reytor do Collegio de Evora, varam de muyta virtude, grande humildade, conhecida prudencia, & de notavel resoluçam nas cousas de perfeçam, & seruiço de Deos. Foy sagrado Bispo em Goa cõ titulo de Bispo de Nicèa, pera acompanhar, & soceder ao Patriarcha Dõ Ioam Nunez Barreto nas terras de Ethiopia, da qual empreza desobrigado pelo Summo Pontifice, & da successam do Patriarchado, pelas rezõens que ao diante direy; Foy mandado á China, aonde gastou o restante da vida na cidade de Amacco, em dilatar a sancta Fé Catholica, & em conservar, & reger a Christandade d'aquellas partes, & ally finalmente morreo com opiniam, & com obras de sancto. Na mesma nao hia o Padre Manoel Fernandes, o qual bastava pera

ser hum dos cinco religiosos, q entre excessivos, & espantosos trabalhos viveram, & acabaram com o illustre Patriarcha de Ethiopia Dom Andre de Oviedo nas terras do Abexim, como adiante se dirã. Hia mais em esta nao hum Irmam; & todos tres trabalharam nella como valentes soldados de Christo.

9 Em a nao Assumpçam, que chamavam Algaravia a velha, de que era Capitam Iacome de Mello, hia o Padre Ieronymo de Cuenca Castelhana, com o Padre Mestre Ioam Framengo, & hum Irmam, que tãbem trabalharam em aquella comprida navegaçam, como se esperava de tam apostados seruos do Senhor, que com tanto animo tomavam esta empreza da salyaçam das almas, & ajuda dos proximos.

10 Em a nao conceçam, que por outro nome se dizia Algaravia a nova, de que era Capitam Frãcisco Nobre, hiam outros tres Padres, a saber o P. Andre Golcalvez, natural de Medina del Campo, grande seruo de Deos, Paschoal Catellam, & o irmam Affonso Lopez Navarro, Theologo de muyto bõ talento. Por estas quatro naos hiam repartidos estes doze seruos de Deos. A quinta chamada S. Pedro, de que era Capitam Vasco Lourenço Barbuda, nam levava nenhum nosso. De-

Do P. Melchior Carneyro

Estes tres Padres padeceram muyto.

Anno de
Christo de
1555.

Estas cinco naos as quatro chegaram a salvamento à India, porém a nao Algaraviá a nova fez hum lastimoso naufragio, q̄ pede por sy capitulo particular, pelo muyto que os nossos tres Padres nelle padeceram, como logo contarey.

¶ Mas nam he bem que nos esqueçamos de huma carta, que nesta occasiam da partida destes doze religiosos nossos escreveo o serenissimo Infante Dom Luis à India ao Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, grande seu amigo, a qual achey entre outros papeis, no cartorio de Coimbra, que estimey por huma joya preciosissima, & me persuadi a escrevela aqui toda por inteyro, por ser escrita neste ultimo anno de sua sancta vida, a quem todos os da Companhia devemos tam cordeas lembranças, & affectuosas obrigaçoens, & por ser muyto pera ouvir, pelo grande aviso, com que nella, falando com o Visorrey, mete o paço com o espirito, & amoestaçoens de amigo, pera sua cautela, com conselhos de sancto pera seu proveyto; a carta palavra por palavra he a seguinte.

(.?.)

CARTA, QUE O Serenissimo Infante D. Luis por sua mãam escreveo ao Visorrey da India Dom Pedro Mascarenhas.

12 **H**onrado Visorrey, pareceme que devo comegar esta minha carta por boas novas,

pera que ordene nosso Senhor, que a reposta della as traga de vós, & dessas partes, tam boas como eu desejo. O Reyno de Inglaterra he tornado á Fe de nosso Senhor, & à obediencia da Se Apostolica; & aonde ha tam poucos dias, que os Catholicos eram mortos, & mal tratados, agora se queymam publicamente os hereges; o particular disto sabereis por outras cartas. Fez Deos esta maravilha, & ajuntou esta boa ventura à fortuna do Emperador, pois veyo a ter parte nella o Principe seu filho, que tem ajudado em todo este negocio, muyto valerosa, catholica, & prudentemente, pera que se veja quanto mais val a graça divina, que o poder humano; o que o Emperador com seus exercitos nam pode fazer em tantos annos em algũa parte de Alemanha, fez agora Deos em menos de hum anno por meyo de huma mulher, metida em hum canto por catholica, & de hum Cardeal desterrado do Reyno por a mesma causa, por que este foy a quem se lleo a obediencia em nome do Papa.

Anno da
Companhia
16.

Carta do
Infante D.
Luis muyto
avisada

E certo

Anno de
Christo de
1555.

E certo que he cousa digna de ser con-
templada ver a soberba daquelle Rey-
no prostrada diante da Rainha, & do
Cardeal, que em outros tempos temiam
de ser nomeados na mesma terra.
Nam Caybo em mim de prazer de co-
nsiderar esta obra de Deos nosso Senhor,
& de ver a confusam que daqui se fe-
gue a estes malaventurados hereges.

13 As segundas novas, sam que
todas as que ategora vemo por via de
Levante affirmam, que as costas de
Bacorã estam pacificas; & que nem
em Suez, nem em ouera alguma parte
dellas se fabrica armada contra as par-
tes da India, o que foy parte de sua Al-
teza nam mandar gente á India, por
lhe parecer que convinha mais o cabe-
dal ser bom, que a gente muyta. Suas
Altezas, ao presente ficam bem dis-
postos, Deos seja muyto louvado, & eu
assim o fico agora, postoque tive algu-
mas enfermidades; & fico com muy-
grandes desejos de saber de vossa
chegada a essas partes, que espero em
nosso Senhor serã pera tanto sem ser-
ço, como merece o zelo, com que toma-
tes essa empreza: & este deve ser hum
grande remedio das trabalhos que nel-
la nam podem dexar de se vos offerer-
cer, os quaes eu espero de serem de
muita honra vossa neste mundo, & glo-
ria no outro.

14 Fazervos lembranças par-
ticulares parece-me escusado, porque as
de tam longe ham de passar tantos cli-
mas, que pode muyto bem ser, que nelles
mudem a sustancia. O que em toda a
parte serve, & nessa muyto mais he ter
muyto mãam no favor das virtudes, &

encontrar, & extirpar os vicios, & co
mayor força os que nessa parte mais
reynam, & porẽm esta força ha de ser
mais de exemplo, que de leys, porque
este he o modo que Christo teve neste
mundo, porque deo ley muyto branda, &
exemplos muyto rigorosos. Depois que
partistes deste Reyno se correu a mur-
murar por esta terra, que usaveis de
mayor abastança em vossa mesa, &
mais acilamento em vossos trajos do q̃
convinha pera este exemplo, que assima
digo; & postoque eu dou a isto as fa-
lhas que se devem dar às cousas que
se dizem dos absentes, pareceome que
semana perdia em volo escrever, porque
veteis desta parte, como de cousa a que
tendes natural inclinacãm, & a que
esta terra tambem a tem, & he total
destruicãm dos que a ella vam. E quã-
do vos eu isto escrevo sobre andar a
buscar tachas vossas, pera vos este ever
(porque este deve ser o officio dos ami-
gos) louvo muyto a nosso Senhor de as
passar tam depressa, como as terras de
Arelhano, que mostrando as que eram
suas, perguntandolhe quaes eram, disse,
yã quedan atrás.

15 Sua Alteza vos manda ef-
te anno doze Padres da Companhia
de IESU, que sam pera converter o
mundo, & certo que os deveis mais de
estimar que muyta gente de guerra; &
affirmovos, que eu em muyto o tenho,
& muyto me alegro de ver em vosso
tempo o que ainda nam vi. Nam me
acordo que visse hir pera a India doze
homens juntos, de quem se presumise
provavelmente que hiam sem cobica, o
que destes presumo. As cousas da Re-

Anno da
Cipanhia
16.

Fala sobre
os nossos
missiona-
rios.

Anno de
Christo de
1555.

ligiam por escusado tenho encomendar-
volas, nem menos as da obrigaçam de
vosso cargo, que muy bem sey o cuydado
que haveis de ter de tudo. O que vos
encomendo he, que vos esforceis, & a-
numeis muyto, pera os trabalhos, em es-
pecial os que vos ham de dar os requere-
rimentos de vossos amigos, por q̄ esse he
hum dos grandes, que ha nessas partes,
porẽm tudo vos parecerá pouco, se vir-
des quanto mais os trabalhos que to-
mardes fazem por vós, que contra vós.

4. Reg. c. 6. à
n. 17. Cũ-
que orasset
Eliseus ait,
Domine a-
peri oculos
huius, vt vi-
deat, aper-
uit Dominus
oculos pue-
ri, & vidit, &
ecce mons
plenus equo-
rum, & cur-
rium igne-
orũ in cir-
cuitu Elisei,
&c.

Quando o exercito de Syria^c cercou
o lugar em que estava Eliseo, o seu mo-
ço quando pela menhã vio o seu lugar
todo cercado do grande exercito, teve se
por perdido; pedio Eliseo a Deos que
lhe abrisse os õlhos, & logo vio os mõ-
tes cheyos de carros de fogo, que esta-
vam em sua ajuda, entam ficou seguro.
Os homens que puzerem os õlhos nos
trabalhos da vida, nam podem deyxar
de se espantar muyto de se verem cerca-
dos dell'es, mas se puzerem os õlhos nos
montes altos da misericordia de Deos,
& nos merecimentos de seu unigenito
filho, que estam em nosso favor, nam tẽ
que temer, & seguramente abraçam
a sua cruz pera o seguir. Eu espero
em sua infinda bondade em tudo vos dê
graça, pera que assim o façaes, confor-
me ao zelo que tendes de sua gloria, &
serviço.

16 E pera que a carta acabe
em boas novas, como começou, Dona
Elena vossa mulher fica muy bem, pra-
zerà a Deos nosso Senhor, que assim a
achareis, quando vierdes, elle rvos ten-
ha em sua sancta goarda. De Lisboa a
13. de Março de 1555.

17 Esta he a carta, igoa-
lmente sancta, & cortesam do se-
renissimo Infante Dom Luis (q̄
con fesslo quando a li, nam pũde
reter as lagrimas, lembrando-
me deste, & de outros semelhã-
tes Princepes, que teve, & que
perdeo Portugal) a qual me pa-
receo p̄r aqui pera modelo, &
exemplar de cartas avisadas; pe-
ra que os Princepes tenham
nella que aprender cortesia, &
os Religiosos, que admirar pie-
dade. Porẽm quando esta carta
chegou à India já achou mor-
to o Visorrey Dom Pedro Mas-
carenhas, da maneyra que já cõ-
tey.^d Agora continüemos com
a navegaçam dos doze Religio-
sos, & veremos, ainda que de lõ-
ge, o lastimoso naufragio em q̄
tres dell'es perecẽram.

CAPITULO XI.

Do lastimoso naufragio da nao
Conceyçam, em que hiam
tres Padres desta
missãm.

1 **N**Am ha cousa mais
pesada de levar, &
horriuel pera te-
mer, do q̄ a mor-
te, como bem disse o Philoso-
pho,^a & ainda melhor nos ensina
a experiẽcia; porẽm com boa li-
çẽça do Philosopho, & da mes-
ma experiẽcia, o medo da mor-

Anno da
Companhia
16.

d
2. p. l. 5. c. 57

a
Arist. l. 7. E-
thic. c. 6. Om-
nium rerum
nihil morte
terribilius.
nihil aser-
bius.

Anno de
Christo de
1555.

b
Seneca in
Hyert. trag.
2. Peior est
bello timor
pie belli.
Luc.

c
Sen. Epist.
ad Luc.

d
D. Hier. cit.
a Glos. ibi.
Gen. c. 4. n.
15. Multo
gravior est
expectata,
quam illata
mors.

te ainda parece que he peor q̃ a mesma morte, como da guerra diz o proverbio, ^b q̃ he peor o medo da guerra imaginada, que experimentada: & a rezam disto he, porque a morte levada em realidade, nunca he mais que huma s̃o; & morrer huma s̃o vez he dita, como disse Seneca. ^c *Felix una mors est*, mas a morte imaginada na imaginativa por repetiçam de medos, he morte muytas vezes repetida. Este entre outros males traz cõsigo o naufragio, porque quantas ondas conspiram contra a embarcaçam, tantas mortes bebe o naufragante: & por isso he peor castigo a morte muytas vezes temida, que huma s̃o vez sofrida, como bem disse S. Hieronymo, ^d & em consequencia desta verdade, diz o mesmo Sãcto, que merecẽdo Caím muytas mortes pela que deo a seu irmão Abel, lhe poz Deos hũ final pera o nam matarem, & diz que isto mais foy lanço de justiça, que effeyto de misericordia, porque ainda que o nam quiz matar, deyxoulhe medo continuo, pera que cuydasse q̃ todos o quieriam matar; & lançadas bem as contas, mayor castigo era o medo da morte repetida muytas vezes na imaginaçam, que padecida huma s̃o vez por effeyto.

2 Nam ha em toda a natureza espectáculo mais horri-

vel, que hum miseravel naufragio, quando hindo os passageyros mais descuydados, entregues á liberdade das ondas, se vem de improvizo assalteados de huma horrenda tempestade, ou de algum repentino tufam, no qual os àres, & os mares, os rayos, & os coriscos, & o mundo todo parece que se conjura, & conspira em perdiçam dos tristes navegantes, obrigandoos com a furia do temporal a dar com a nao atravèz, & a desfazela em rachas, entre infames cachopos. A vista de tam lamentavel successo, & de tantas representaçoens de morte desestrada, se podem chamar tres & quatro vezes bemaventurados os que morrêram à força do ferro violento em terra, & nam entre as ondas furiosas no mâr irado; porque aquelles morrem huma s̃o vez, & acabam depressa, como dizia Epaminondas, ^e porèm os que acabam em algum naufragio quantas ondas os nam matam, tantas lhe dilatam a vida, pera os matar com a mesma vida, que pera elles he morte prolongada.

3 Aqui hey de contar hũ lastimoso naufragio do numero daquelles, com que os nossos Portugueses fizeram celebre o mâr Oceano: & porque Diogo de Couto ^f na sua septima Decada, & Francisco de Andrada ^g na vida del Rey Dõ loãmo

Anno da
Cipanhia
16.

Nam ha
coufa mais
horrenda q̃
hum nau-
fragio.

e
Plutarc. in
Apophth.
Epaminod.

f
Cout. Dec.
7. lib. 2. c. 7.

g
Andrad. 4. p.
cap. 118.

Anno de
Christo de
1555.

Occasiam
que houve
pera se per-
der esta
nao.

tocam brevemente, & elle tem muyto que contar pelo que nos pertence por rezam dos nossos tres Padres, que nelle acabaram, o quero aqui referir mais por extenso.

4 Das cinco naos, de que faley no capitulo passado, as quatro lançaram ferro em Goa, porèm a nao Conceyçam, chamada Algaravia a nova, da qual era Capitam Francisco Nobre (em que hiam os nossos tres religiosos, o Padre André Gõçalves, o Padre Pascoal, & o Irmam Affonso Lopez) tomou a derrõta por fóra da ilha de S. Loureço, & hindo demãdar Cochim, navegando em distãcia de quinhentas legoas da costa da India, em vinte & dous do mes de Agosto de 1555. de noyte tres horas antemenhã, hindo cõ as velas soltas, ou por culpa do Piloto, ou por descuydo do Mestre, ou por desgraça de todos (porque ninguem quer attribuir a sy os casos adversos) o certo he, que foy a nao subitamente dar em huma restinga de area, nos bayxos q̃ chamam de Pero dos Banhos, que estam em altura de sete graos do Sul, ficando logo em seco, & a gente certa do perigo, incerta do lugar aonde estavam, brádando a Deos misericordia; & acrescentando-se o terror do caso, com a escuridade da noyte, atè que esclarecendo a menhã tiveram mais

clara vista de sua manifesta perdiçam, vendose acabar com hũ novo, & miseravel naufragio, pois se viam perecer na terra, estãdo todos cercados de agoa. Descobriram huma coroa de area muyto pequena, que acharam ser ilheta, que com hum tiro de pedra se podia passar de mâr a mâr, junto da qual se tinha a nao assentado.

5 E pera nam deyxarem de acudir com todos os remedios, tentaramse primeyro os meynos possiveis, pera ver se podiam aliviar a nao de maneyra que podesse tornar a surgir, cortaramlhe o masto grande, alijaram todo o convêz, baldearam as fazendas ao mâr, goarneceram bombas, & gamõtes de novo, vendo se podiam vencer a agoa, que já lhe entrava, como traydora, pelo couce da quilha, que logo lhe arreventou por algũas partes, com a pancada q̃ deo, quando se assentou sobre o bayxo. Outros cõ toda a pressa no meyo desta confusam, tratavam de lançar espias ao mâr, ahustando calabrótes, & viradores, pera ver se podiam com o cabrestante darlhe ainda algũ revòque. Porèm vendo que todos estes meynos eram baldados, se vieram finalmente a resolver que nenhum remedio humano havia, pera a nao escapar daquelle bayxo. Trataram logo de sahir em terra, que pera elles

Anno da
Companhia
16.

Remedios
de q̃ usã-
ram pera
se salvarẽ.

era

Anno de
Christo de
1555.

era o mesmo, que cuydarem, que entravam vivos na sepultura: sahiram com elles os tres religiosos da Companhia, que cõ sua presença, & exhortaçõens, os esforçavam a se conformar com a vontade divina; animandoos a que tratassem de algum remedio, porque aonde os perigos sam maiores, ahi melhor se vem os effeytos da divina misericordia. Acodiram tambem com toda a prèssa a tirar da nao algũ mantimento, em quãto os mares lhe davaõ algũas tregõas, & naõ a desfaziam em pedaços, como dahi a pouco succedeo.

6 Logo que o Capitã Francisco Nobre vio a sua nao varada na area, & sem lhe valer remedio algũ dos que tinham intentado, tratou com grande segredo, com o Mestre, Piloto, & mais officiaes sobre o q̄ deviam fazer, em caso tam trabalhoso: mandou meter no batel os cofres del Rey, & algũs barris de agoa, & sacco de biscouto, & deyxandoo furto ao mar, cõ o Contramestre, & dez, ou doze marinheyros em goarda delle, se veyo à terra em o esquife, aõde depois de acodir no que pode aos tristes naufragantes, se resolveo em se partir pera a India no dito batel, fazendohe algum modo de arrõbadas dos tampões das cayxas, que sahiam da nao, pera que desta maneyra se nam perdessem todos, & che-

gando algũs à India, tratassem do remedio pera os mais, q̄ lhe ficavam naquella ilha deserta. Embarcaramse secretamente trinta pessoas, quasi todas gente do mar, com o Capitã, & outros dous homẽs de calidade, sem se despedir dos que ficavam em terra, pela grande magoa que tinha de os deyxar, & por escusar brigas, & motins sobre a precedencia da embarcaçam. Nam se pòde explicar a grande confusã, & tristeza, cõ repentinos assombramentos da morte, em que ficaram os de mais, que eram perto de quatrocentos homẽs, vendose em quatro palmos de terra, tantos em numero, cõ tam pouco mantimento, se proviam pera viver na terra, nẽ remedio pera sahir ao mar.

7 Pera terem algũ governo, em quanto a vida lhes durava, elegeram logo por Capitã a D. Alvaro de Ataide, filho legitimo de D. Alvaro de Ataide, & de D. Elena de Castro, & sobrinho do Cõde da Castanheyra D. Antonio de Ataide, mãebõ de idade de 18. annos, dãdohe por cõpanheyro, & lado seu a hũ cavalleyro hõrado, natural de Villafrãca, por nome Duarte Rodrigues de Bulhã, q̄ se tinha visto em grandes, & varios trãzes, em diversas partes da India, & de Europa, & como tam experimentado, & calejado nos successos desestrados da

Anno da
Cõpanhia
16.

Trata o Ca
pitã de se
salvar.

Do reme-
dio q̄ bus-
caram pe-
ra terẽ al-
gũ gover-
no.

Anno de
Christo de
1555.

fortuna, poderia bem aconselhar aquelle mancebo, a quem sobejava a honra, mas faltava a experiencia. Trataram de novo de recolher em terra todo o mantimento que podessem, & tudo o mais que lhe podesse servir de algum remedio; porẽ a nao ficou tam mal tratada da grande pancada que deo, quando varou no bayxo, que logo se começou a desfazer, & num instante a entraram, & a solobráram as agoas, de tal maneyra, q̃ sò pudèram alcançar o que o rolo do mâr, como por esmola, lhes lançava em terra, que chegaram a ser atè trinta saccoes de biscouto, & algũas conservas, & queyjos, com atè sete, ou oytto pipas de vinho.

8 O ilhéo era todo estéril, sem arvores, sem animaes, sem hervas, & sem outro remedio mais que o que do cèo lhes podia vir; que aqui os nam desemprou de todo, porque os proveo de grande numero de aves, que eram quasi sinco mil Alcatrazes, que naturalmente habitam em terras desertas, & despovoadas, fazem seu ninho na terra nua, sem debayxo meterẽ herva, ou palha, ou mato, nem outra algũa cousa: nam fugiam da gente, antes se deyxavam tomar às mãos, & foram a melhor provisã que aquella desempurada gente ally teve. E tratando ainda de se aproveytar

de algũas cousas da nao, q̃ nam era de todo desfeyta, sobreveyo hũa tam espartosa tormenta, q̃ parecia, que atè na mesma ilheta queriam as ondas encapeladas perseguir, & comer os pobres naufragantes: esta tempestade acabou de desfazer a nao de popa a proa, levandolhe hũ mâr o chapitéo inteYRO, & alcaceva, & masto da mezena, & logo a desfez toda, sem ficar mais que a quilha, com parte do costado, debayxo da arca: esta horrenda vista os poz ainda em mayor desconfiança, por ally perderẽ nam sò os mantimentos, mas atè a madeyra, na qual tinham ainda esperança de poderem fazer alguma embarcaçam. No meyo desta magoa o mesmo mâr lhes trouxe á praya muyta parte da madeyra que arrancou, pondo a sobre hũs penedos, donde logo a vinham alando pera a praya, antes que a refaca das ondas a tornasse arrebatat.

9 Tanto que se viram com madeyra, entraram em pensamentos de ordenar hum barco, nam tendo mais ferramenta que hum escopro pequeno, & hũa enxò de tanoeyro, com outra de ripar, & hum sò machado, sem carpinteyro algum, nem quem soubesse d'aquella arte, mais que o aperto, & a necessidade, que sam mestres muy engenhosos em

Anno da
Companhia
16.

Como a
tormenta
desfez de
todo a nao

Do modo
que tiveram
para
fazer hũa
embarca-
çam.

feme-

Anno de
Christo de
1555.

semelhantes occasiões : & assim logo de hum montante fizeram cerra, forjaram lima, & pregadura, & agulha pera o leme, engenhando forja, & preparando folles de duas pelles, que a caso se acharam, & de arcos de pipas, & de hum tampam de cayxa: & nam havendo remedio pera cano dos folles, lhes deparou Deos na mesma ilha hum pedaço de cana grossa da India, que a agoa tinha toda furada. Desta maneyra foy a necessidade engenhosa preparando a embarcação com tal pressa, que dentro em quatorze dias sahiram com hum fermoso barco acabado, a quem puzeram nome Misericordia de Deos, pois sô nella esperavam poder salvar as vidas: o trabalho era que nam havia com que brear a embarcação: estando neste aperto lhes lançou o már em terra hum barril de breu, dos que tinham sahido da nao, que tiveram por successo milagroso.

10 Porém sobre todas estas diligencias, & engenhosos trabalhos dos pobres naufragantes, julgavam os mais entendidos, que o barco nam servia pera navegar, por causa do taboado ser delgado, & nam poder sustentar a estopa, com que o tinham calafetado, quando as ondas lhe dessem no costado, mas tambem nesta desconsoiação acudio a miseri-

cordia de Deos, trazendo à terra hum pedaço do costado da nao, que trazia seis rolos de chumbo, & muytos pelouros, levantaram todos as mãos ao céu, donde lhes parecia que vinha este socorro, & batendo o chumbo em laminas, & tiras, a fim de fortificar o barco, lhe percintaram todas as costuras da quilha, & algumas do costado, pregandoas com alguns pregos, que se engenharam na forja.

11 Estando tudo preparado pera fazerem nadar o barco, tendo lançados dous penedos ao már com cabos, por nam haver outras anchoras mais bem talingadas, pera o deterê, tanto que nadasse: em lhe pondo a mão, com pouca difficuldade o viram hir correndo pela areia, & em chegando à agoa, os dous cabos o tiveram mantendo todos isto por caso milagroso, como se affirma claramente, na informação que se fez deste naufragio. Ficando pois o barco sobre aquellas duas amarras, que engenharam (porque nam cuydassem que estava a fortuna esquecida de os perseguir) eys que sobrevem outra tormenta, que lhe fez trincar huma corda, ficando só com a outra a Deos Misericordia (q este era o nome do barco, & esta sô anchora era a esperança daquella gente. Passa-

Anno da
Copanbia
16.

Como lan-
çaram o
barco ao
már.

Como tra-
taram de
reforçar
mais a-
quella em
barcaçam.

Anno de
Christo de
1555.

da a tormenta se embarcaram o Capitão D. Alvaro, & a seu lado Duarte Dias de Bulhã, & outras pessoas, q por todas eram sincoenta & oito, mas vendo q o barco se nam podia marear cõ tantos, & que se perderiam todos, se todos se quizessem ally salvar, com grande grita, & com mayor magoa, deytaram treze homens em terra, ficando sòs quarenta & sinco.

Nam quizeram os Padres em barcar-se, por acudir aos que ficavam em terra.

12 Em todos estes grandes trabalhos sempre os tres Padres da Companhia foram os primeyros, & quando foy ao embarcar nam foram os ultimos, a quem se offereceo lugar, porèm elles (querendo antes ficar com os maes que ficavam mais arriscados, que embarcar-se cõ os menos que cuydavam hiam menos perigosos) nos deram a todos grandissimo exemplo da verdadeyra charidade, porque pedindo os da embarcaçam ao menos hum, pera cõfessor, & companheyro da vida, ou da morte, nam ouve acabar com nenhum delles, que quizesse antes aceytar este melhoramento: offerencia o Padre André Gonçalves ao Padre Pascoal, que se embarcasse com os que buscavam remedio pera a vida, porque elle bastava pera consolaçam dos que ficavam nos braços da morte. A mesma offerta lhe fazia o Padre Pascoal, dizendo q nam tinha ani-

mo pera dividir-se de sua reverência no perigo, senam fosse pera ficar só, a fim de elle que era seu Superior salvar a vida. Porém porque os da barco nam estavam pera muytas detenças de comprimentos, se licencearam dos mais, com grandes gritos, & muy chorosas laudações, como os que se davam o ultimo vale pera nunca mais se verem.

CAPITULO XII.

Do successo que tiveram os que se metêram neste barco: E do mais que a conteceo neste naufragio aos Portugueses que ficaram na ilheta, com os tres Padres da Companhia, que finalmente morreram a puro desamparo.

D Esta maneyra foy desaparecendo do ilhêo o barco Misericordia, entregue sò á divina, que os livrou de grandes perigos, & de necessidades extremas, em que se viram, & nam foy o menor dos perigos o que tiveram no principio da navegaçam, porque chegando se ao pobre barco huma balea, lhe deo hum valente encontro pela popa, alcançandolhe o leme com tanta

furia,

Anno da
Companhia
16.

Perigo que teve o barco com hũa balea.

Anno de
Christo de
1555.

furia, que a qualquer nao muy poderoso faria grãde mal (que quando a fortuna he ad-versa atè as baleas se conjuram contra hum triste Ionas nau-fragante) porèm o Senhor, em cuja misericordia hiam fiados, tambẽ em outros mayores tra-balhos acudio, porque nam sa-bendo elles por onde navega-vam, nẽ em que rumo estavam, & achandose sem nenhum mã-timento, & sem agoa, lhes man-dou por huma vez inumeraveis peyxes ao bordo, que pescãram com hũ anzol, que fizeram de hum furador de estojo; & lhes choveo tam copiosa agoa, que servio pera remedio da sede presente, & alivio da q̃ temiam ao diante.

2 Finalmente sem saberẽ em que altura navegavam, che-gãram a descubrir terra, & no mesmo ponto encontrãram a seu proprio Capitam Francisco nobre, o qual chegando a Goa a salvamento no batel, dando conta de sua perdiçam a Fran-cisco Barreto, que já era Gover-nador, por morte do Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, & dizendo da gẽte que ficava no ilheo, mandou logo o Governador preparar dous fustões, com o mesmo Francisco Nobre em hum, & o Patrãm mór em ou-tro, pera que fossem recolher a-quelles desemparados Portu-gueses. Nam se pòde facilmen-

Como en-
contrãram
no mar ao
Capitãm
Francisco
nobre.

te explicar a grande alegria q̃ teve o Capitãm, quando reco-nheceo a gente do barco, & vẽ-do a maravilha que Deos obrã-ra em os trazer a salvamẽto na-quelle pedaço de taboa, deo in-finitas graças ao Senhor obra-dor de tam grande prodigio, lẽ se faltar de dar muy affectuo-sos abraços áquelles seus cõpa-nheyros, que imaginando mor-tos na ilha, encontrava vivos no már.

3 Sentindo porèm o des-emparo dos mais, logo mandou que o navio do Patrãm mór, dando hum cabo ao barco, o a-toasse atè o meter em Cochim, como succedeo, com tam gran-de espanto, & alvoroço de toda a Cidade, q̃ os sahiram a rece-ber em procissam, como a ho-mens resuscitados, em quẽ Deos fizera (como elles diziam) tam evidente milagre, trazendoos em quatro paos tam mal ali-nhavados, & cõ tam fraco pro-vimento, atè os meter em porto seguro. E no outro navio foy el-le em descobrimento do ilheo, pera ver se podia dar remedio áquelles seus desemparados cõ-panheyros, aos quaes he tempo que tornemos a visitar.

4 Ficãram todos os mais Portugueses em companhia dos tres Padres, entregues á provi-dencia divina, com o pensamẽ-to na India, a ver se lhe acudia com algum navio, sem terem

Anno da
Cõpanhia
16.

Tratam de
acudir aos
que fica-
vam no
ilheo.

Anno de
Christo de
1555.

em que pôr os olhos mais que no mar que os tinha de cerco, & no céu donde tinham libradas suas mais bem fundadas esperanças: & crescendo por momentos a falta de agoa, foy Deos servido que lhes choveo muy copiosa, com que se provéram. Os nossos tres Religiosos, que foy a unica cõsolaçam, que lhes ficou neste ultimo desẽmparo, os hiam entretendo com praticas sanctas, com procissoens, & ladainhas, que ordenavam.

E feytos q
a fome cau
java nestes
naufragã-
tes.

Com a grande falta que havia de todo o remedio necessario, começou a fome a executar nestes miseraveis homens, seus crueis, & inevitaveis effytos, já tinham perdida a cor do rosto, as faces escaveyradas, os olhos encovados, & cõ lhes luzirem muyto, hiam perdendo a vista, os membros fracos, & debilitados, nam podiam sustentar os cançados corpos: desta man yra, ou vinham a perder a vida, ou chegavam a laudar a triste morte. Metidos nesta gravissima tribulaçaõ, que remedios nam tentãram? que meyo nam experimentãram, pera ver se a fortuna lhes abria algum caminho pera escapar de tam evidente perigo: & como o desejo da vida he efficacissimo, & a desesperaçãõ he temeraria, por todas as vias buscava os remedios por mais difficultosos que se representassem; até que

vendose no mes de Abril de 1556. sendo passados oytto meses depois de seu triste naufragio, nam tendo já que comer, se resolvêram em fazer huma jangada destas reliquias da madeyra, que pela praya achãram, com titulo de provar ventura, & buscar algum mantimento pera sy, & pera os companheytos q ally ficassem (que nos mayores males os remedios temerarios tal vez melhor aproveytam) porẽm foy tal o aparelho da jãgada, que nam havia quem se atrevesse a meter nella; a este fim os tres Padres se embarcãram, seguindoos alguns Portugueses dos q tinham opiniãõ, q ally perto havia outros ilhẽos, aonde poderiam achar algum mantimento pera os que ficavam na ilha deserta; que nam ha cousa a que senam persuadam os que estãõ persuadidos a morrer.

6 Metidos pois nestes quatro paos, entregues à braveza das ondas, sem governo, nem outro remedio mais que algũs poucos taçalhos de tubaroens curados, & hum sõ quarto, & dous barris de agoa. Andãram dons meses inteyros, que parece cousa incrivel, sobre as agoas lidando com a furia dos mares, & lutando com os assombros da morte, sem descubrirẽ ilha, nem terra alguma; & já tinham lançado ao mar quatro homẽs,

que

Anno da
Companhia
16.

Tratã de
fazer hũ
jangada.

Anno de
Christo de
1555.

Como qui-
zeram sa-
hir em ou-
tra ilha.

que estalaram com a violencia da fome, até que foram dar, como a caso, em huma ilha pequena, tam e steril como a que deyxavam; & descubriendo d'ally outra, que em distancia de huma legoa aparecia, a foram demandar, & acometendoa por duas vezes, lhe foy o tempo tam contrario, & ponteyro, o mar tam grosso, o impeto do vento tam incomparavel, & de reségas tam furiosas, que por nenhũ caso a pudèram aferrar, antes por cada vez que arribavam a ella, se viam quasi perdidos: pelo que tratando hũs de tornar à mesma porfia, os outros desenganados de sua pouca fortuna, se deram por contentes de ficar na ilha esteril (que a quem foge da tempestade qualquer surgidouro lhe basta pera porto) com estes Portugueses que aqui sahiram se ficaram os tres Religiosos da Companhia, animando a seus companheyros com a vista de seis palmeyras, das quaes podiam comer os palmitos, & algumas ortigas (que estes eram os doces, as fruytas, & as searas alegres, que naquella terra se davam.)

7 Resolveram se os putros, que ficaram na jangada, a surgir terceyra vez na outra ilha, & foy Deos servido, que a pudèram ferrar, & nella acharam muyta copia de palmeyras, com muytos cocos frescos, &

Como sa-
hiram na
ilha. E
do q' nella
fizeram.

outros ja curados com o tẽpo, acharam tambem muytas hervas, de que se podiam proveytar, & muytas fontes, & ribeyras de agoa doce. Poi è n(como costuma succeder nas grandes fomes) meteram se nas hervas, & nos cocos, com tanta preça, que em breve adocèram todos sem ficar quem pudesse tornar na jangada a buscar os companheyros, que na ilha visinha a sua vista estavam perecendo: nem foy possivel tornar a elles, senam dahi a hum mes, quando ja sò acharam a dous Portugueses vivos, & todos os mais era n mortos; & com elles os tres Religiosos da Companhia, que alaly sãctamẽte peroceram à força da fome, & nos braços do desamparo; acabandoos muyto mais a compayxam; & sentimento que tinham de ver toda aquella pobre gente, dividida por tantas partes, sem lhe poderem ser bons, mais que no espiritual, com que nunca lhes faltaram, até espirar, & morrer com elles, com raros, & extraordinarios exemplos de charidade, como contavam os dous Portugueses, que os da jangada tornando à ilha, ainda acharam vivos.

8 Refetendo estes em particular, com grande copia de lagrimas, que chegãra a tal fraqueza o Padre Gonçalves, que hindo pera tomar hum caran-

Anno da
Companhia
16.

Como mor-
reram os q'
ficaram na
outra ilha.

Anno de
Christo de
1555.

Morte la-
stimoso do
P. Gonçal-
ves.

gueyjo, que o már tinha lança-
do na praya, de pura fraqueza
cahio, sem mais se poder levan-
tar, acabando o servo de Deos,
& morrendo desfeito da violên-
cia da fome, tam animado porê
por outra parte, que nam se po-
dendo já sostentar a sy, dava a-
nimo, & ajudava com sanctas
palavras aos fracos, & defani-
mados companheyros, & assim
finalmente acabou com o San-
ctissimo nome de IESVS na
boca, & no coraçam: que desta
maneyra com taes apertos, &
desemparos, neste theatro de
miserias, apurou Deos a pacien-
cia de seus servos, apremiando
hoje com eternos contentamê-
tos a muyta charidade, que ex-
ercitaram com aquelles pobres
naufragantes.

9 Vendo pois os què ficã-
ram com vida naquella ilha,
quam certa tinham nella a
morte (& que nam podiam acu-
dir aos que ficavam no ilheo do
primeyro naufragio) providos
de alguns cocos, se tornaram a
meter na jangada, & se entregã-
ram outra vez às agoas do már.
Socedeo neste comenos, estan-
do hum dia prégando em Goa
o Padre Gonçalo da Sylveyra
(de quem já faley, o qual tinha
chegado no Agosto d'aquelle
anno de 1556.) que de repente
encostou a cabeça no pulpito;
& espartado disse claramente, q̃
eram chegados à India alguns

homens, que escaparam da nao
de Francisco Nobre. Poucas es-
peranças havia já de semelhan-
tes reliquias: porém este dito do
Padre sahio certo, porque final-
mente com grande espanto dos
homens, & admiraçam da mes-
ma natureza, depois de morre-
rem no már ametade delles, vên-
cendo a furia de algúas tormên-
tas, & atropelado a tyrannia da
mesma fortuna, que tam perti-
naz os perseguia, vieram apor-
tar a Cochim, a vinte & sete de
Novembro, do mesmo anno de
mil quinhentos sincoenta &
seis, havendo quasi quinze me-
ses que andavam lutando com
os mares, com a fome, com a
morte, & com seus fados: foram
recebidos em Cochim mais co-
mo monstros marinhos, sahidos
das lapas do Oceano, que
como homens vivos, que vi-
nham demandar terra. Porém
os q̃ ficaram na primeyra ilhe-
ta do naufragio, q̃ era a mayor
parte da gente, por nam lhes
vir socorro algum, nem o Capi-
tã Francisco Nobre com o
piloto da carreya, poder dar cõ
elles, acabaram finalmente to-
dos, servindolhe a sahida em
terra mais de fazer treguas cõ a
morte, q̃ de ter penhores certos
de ter vida. O particular de ser
o P. Gonçalo o q̃ prophetizou o
caso da chegada, que fez á In-
dia a gente que escapou na jan-
gada, contava, entre outros, Pe-

Anno da
Companhia
16.

Dos que
finalmente
escaparam
do naufra-
gio.

Lib. 4. à cap.
29.

Anno de
Christo de
1555.

dralves de Mancellos, fidalgo de casa de Sua Magestade, filho de Antonio de Mancellos, Capitam mór das armadas neste Reyno; o qual Pedralves de Mancellos foy homem de muyta verdade, & se achou entam na India presente àquelle Sermam, & o contava muytas vezes em Portugal, por cousa certissima, & que teve, por testemunhas todos os que no Sermam se acharam presentes. E já he tempo pera tambem tomarmos terra, & nos sahirmos deste naufragio.

CAPITVLO XIII.

Chegam à India as outras quatro naos, & como nella procedeo o Padre Antonio de Quadros: aponta-se particularmente hum caso raro de sua singular pureza.

I Livemos hũ pouco o sentimento, que nos causou o lastimoso naufragio da nao Conceyçam, & a morte tam sentida dos nossos tres Padres, com a alegre chegada, que fizeram à India as outras quatro naos, com os mais Padres da Companhia, que por ellas vinham repartidos, dos

quaes os principaes, como dissemos, eram o Padre Melchior Carneyro, que em Goa foy sagrado por Bispo de Nicèa, & porq̃ nam pode passar a Ethiopia pelas rezoens, que ao diante veremos, se foy à China, aonde em Macao fez grandes serviços a Deos (como já nesta chronica apontamos^a.)

2^o O outro religioso de authoridade era o Padre Antonio de Quadros, de quem faley no capitulo decimo. Este he aquelle Padre Antonio de Quadros, de quem por muytas vezes se faz mēçam nesta chronica, natural da villa de Santarem, filho de André de Quadros, Provedor das vallas, & das lisirias, muy nobre por sangue, & muyto mais illustre por suas grandes vittudes. Quatorze annos foy na India Provincial (conforme diz o nosso Maffeo.^c) Foy homem de partes muy aventajadas: porque além do bom exterior, era dotado de grande entendimento, prudencia, authoridade, & gravidade de sua pessoa, de bonissima condiçam, de aguda discricam, & de juizo muy assentado. E por ser homẽ tam prudente ordenou elRey, que na India assistisse, & desse seu voto nos conselhos de Estado, Fazêda, & Guerra, no quaes se havia com tanta prudencia, que com rezam dizia delle o Arcebispo de Goa, que o voto

Anno da
Companhia
16.

^a
r.p.l. 1. fol.
187. n. 5. &
fol. 516. n. 1.
& fol. 525. a
n. 3.

^b
1. par. a fol.
166. a n. 9.

^c
Maff. in his-
tor. de reb.
Ind. l. 16.

Anno de
Christo de
1555

do Padre Antonio de Quadros segurava a resoluçam, & o acerto do negocio, que no conselho se tratava. Mas era tam grande sua modestia, & tal sua humildade, que lhe serviam de pedradas cruces os conselhos reaes, pera que o chamavam: & era pratica sua muy ordinaria, que entam nos hiria melhor aos da Companhia, quando fossemos menos vistos dos grandes, & tivessemos menos entrada nos Paços.

Zelo do P.
Antonio de
Quadros.

3 Teve muyto grãde zelo da conversam dos Gentios, & pera isto o ajudou muyto o favor, que em seu tempo lhe deo o excellentissimo D. Constantino de Bragança, Visorrey da India, filho do Duque Dom Iaymes, sobrinho del Rey Dom Manoel. A o zelo do Padre Antonio de Quadros se deve a cõversam de toda a ilha de Choram, a de Divar, & Iva, & de toda a parte da ilha de Goa, que estava à conta da Companhia; o mesmo fez em todas as terras de Salcete, & de Baçaim: edificando muytas Igrejas de pedra, & cal., & tudo com grande zelo, & nam sem grande perigo, por ser terra de gente inimiga, & bellicosa. No governo de seus subditos tinha tam grande liança de charidade, & brandura, com o zelo da observancia, que d'aqui lhe nascia fer muy amado, & respeytado de

todos. Prègando depois de sua morte o muyto reverendo Padre Fr. Sebastiam de Vargas, religioso muy authorizado, da Ordem de Sam Domingos, na sua mesma Igreja, disse aos ouvintes, que lhes havia de prègar hũ novo milagre do Padre Antonio de Quadros, mas que nam sabia se lho haviam de crer. Foy o milagre, que em quatorze annos que foy Provincial, nam houve subdito q se quey-xasse delle, nem ainda aquelles que despedira da Cõpanhia: ao menos quãdo nam creamos tanto neste milagre (pois até do governo de Christo se queyxavam os homens imperfeytos) nos fica muyto fundamento de agradecer ao reverendo Padre Fr. Sebastiam a bca opiniã q tinha do Padre Antonio de Quadros, que com tanta prudencia procedia no seu governo; q até em materias penosas da justiça, ou nam tinham queyxas ou penitenciados, ou cuydavamos de fóra, que nam as podiam ter.

4 Nam quero deyxar de contar aqui hum caso raro, que succedeo ao Padre Antonio de Quadros, que nos mostra bem sua rara virtude, & angelica castidade; o qual he bem que fique em memoria, pera edificaçam dos Religiosos, & cõfusam dos sensuaes. Sendo Provincial, & estando em Goa o mandou chamar,

Anno da
Companhia
16.

d
Maff. hitor.
Ind. lib. 6.

Exemp.
maravel.
castidade

Anno de
Christo de
1555.

chamar, com grande preça hu-
ma molher de authoridade, &
calidade, por ficar como dizia,
com hum repentino, & mortal
accidente, pera que o Padre a
quizesse confessar, & assistir na
quella hora; acoadio logo o Pro-
vincial, como a cousa tam con-
forme com nosso instituto (que
a innocencia he muy cõfiada)
entra o Provincial na camara
da enferma, que por ser aperta-
da, nam pode entrar o compa-
nheyro, pera assistir (conforme
nossa regra) nam ouvindo o
que se tratasse na confissam; que
já isto era traça do que logo se
descubrio, como tambem o foy
que se fechasse a porta, tanto q
o Padre entrasse.

5 Nam entendeo o Pro-
vincial estes primeyros lanços
(porque a charidade, como diz
Sam Paulo, e de ninguem cuy-
da mal) começando a falar de
Deos à enferma, & a levantar-
lhe os pensamentos ao ceo, a a-
chou tam sepultada no inferno,
q se atreueo a declarar ao Pa-
dre seu diabolico intent o, dizê-
do que esta era a enfermidade
porque o mandara chamar: at-
tonito ficou o Padre de tal en-
gano, & de tam horrendo atre-
vimento, que excedia toda a
maldade, pois ella era casada, &
elle religioso, ella muy illustre
no sangue, elle Provincial na
dignidade: que a este precipicio
chegam os sensuaes, que nam

se contentando já com desor-
dens commūas, querem gran-
gear satisfaçam do peor appe-
tite, com o preço da mayor in-
famia. Logo lhe começou o
Padre a contrariar por mil mo-
dos tam despejada loucura, po-
rêm esta porque nam tem mo-
do, nem rezam, nam se póde cu-
rar como disse o outro Gen-
tio, nem com modo, nem com
rezam. E assim nam querendo
ella que ficassem frustradas suas
impuras esperanças, desenganou
ao Padre, que se despresava seus
rõgos, havia de pôr a cousa em
brados, acusãdoo por violador
de sua honestidade, no mesmo
acto da confissam, com eterna
afronta da Companhia, & per-
petua infamia de sua pessoa, que
sendo Provincial fazia tal vio-
lencia a huma molher casada,
& tam principal.

6 Bem se deyxar ver em
tam extravagante maldade, quã
vencida ficou a Egypcia de
Memphis com Ioseph, da In-
diana de Goa com o Padre. En-
leado se via o defensor da casti-
dade à vista de tam execravel
abominaçam, envergonhando-
se primeyramente de sy mes-
mo, como se fosse grande pec-
cado seu, ter parecido bem a tal
Arpia, & ter contentado a tal
furia, que he o que disse Sene-
ca 8 do mancebo Metillio, em
outro aperto semelhante. Ven-
dose o bom Padre por todas as

Anno da
Cepanhia
16.

f
Hor. l. 2. fat.
3. O here
quæ res nec
modum ha-
bet, neque
consiliū, ra-
tione, mo-
dòque trac-
tari nõ vult.

Grande a-
perto em q
se vio o P.
Antonio de
Quadros.

g
Sen. lib. ad
Marciam, de
Consol. Cũ
quorundam
vsq; ad pec-
candũ per-
uenisset im-
probitas, e-
rubuit quasi
peccasset,
quia placu-
erat.

e
1. ad Cor. 13
m. 5. Chari-
tas non co-
gnat malũ.

Anno de
Christo de
1555.

h
Gen. c. 39.
n. 12. Qui,
relicto in
manu eius
pallio, fugit,
& egressus
est foras.

i
Aug. 10. 9. li.
de honest.
mulier. c. 2.
Inter omnia
Christiano-
rum certa-
mina, durio-
ra sunt præ-
lia castitatis,
vbi quoti-
diana pug-
na, & rara
victoria.

Novo, &
admiravel
meyo de q
usou o P.
nesta ten-
taçam.

partes cercado, que meyo nam
to maria, pera defender a casti-
dade! & pera nam offender a
Deos! que discursos nam fez!
quantas voltas deo! quantas
vias tentaria neste caso em tu-
do mais apertado, que o do San-
cto Ioseph? ^h porque este, àlem
de nam ter tanto que perder,
ainda achou huma capa pera
escapar sem ella, & huma porta
aberta pera fugir por ella; porẽ
aqui ao Padre Antonio de Qua-
dros nam lhe podia valer a ca-
pa, pois nam lhe havia de apro-
veytar a porta. Nesta terrivel
briga bem se vê quanta rezam
teve S. Agostinho ⁱ pera dizer, q
nam ha guerra mais trabalhosa
que a da castidade, porque a pe-
leyja he continua, & a victoria
rara.

7 Andando pois o seruo
de Deos lidando, & suando cõ
tam trabalhosos pensamentos,
lutando em tam perigosa bata-
lha, usou de hũ remedio novo;
& nũca ouvido, que sò o puris-
simo amor da castidade, em tal
aperto, poderia inventar: mini-
stroulhe sua grande pureza, &
singular prudencia hum meyo
pera se fazer tam abominavel
aos õlhos d'aquella perdida,
quanto ella o estava aos dos
Anjos do cõo, levantandose em
pẽ achou em hum canto da ca-
sa com que descompor seu an-
gelico, & bem estreado rosto,
de varãm limpissimo, pera que

fizesse ter hum rosto de vergo-
nha àquella descomposta mo-
lher: desta maneyra se lhe apre-
sentou diante, em tal postura, q
confusa a torpe, & sensual ten-
tadora, lhe deo lugar pera que
se sahisse de sua presença. O in-
vençãm nunca vista! ò milagre
da castidade! ò purissima lim-
peza, entãm mais limpa, & mais
pura, quando mais contamina-
da, & affeada! ò agoa cristalina,
que assim se enlõda, & turba pe-
ra correr mais clara, mais lim-
pa, & mais purificada!

8 Foy sem duvida esta vi-
ctoria nam menos admiravel, q
rata, & bem merecia celebrar-
se cõ grandes louvores, que
todos seriam poucos, pera os
muytos, que merece acçãm de
tanta lealdade a Deos, & à sua
Religiãm; de tanta fortaleza, &
de huma tam estremada pure-
za, que entãm estava mais im-
maculada, quãdo aparecia mais
enlodada. Do Arminho^K cõtãm
graves autores, que antes quer
perder a vida, que meterse no
lodo; & este castissimo seruo do
Senhor, escolheo antes enlõdar
o rosto, que macular a alma. E
tambem julgo que este tam ad-
miravel, & verdadeyro exem-
plo da castidade põde com rez-
ãm ser contado no numero de
alguns (que nam sãm muytas as
victorias semelhantes) que suc-
cederam no mundo, entre as
quaes se conta do outro man-

Anno da
Companhia
16.

K
Pier. Val. lib.
3. tit. de
Mure, ex
Plin. Ex Pe-
trar.

Anno de
Christo de
1559.
K
Valer. Max.
lib. 4. c. 5.

cebo Toscano, ^K que affeou seu rosto com feridas, por nam contentar aos olhos, que de seu amor andavam feridos; querendo antes com esta fealdade ser testemunha de sua pureza, que espartador da maldade alheya: que a taes extremos chega o amor da virtude, ainda a hum Gentio, pera confundam de tantos Christãos.

9 E Sam Hieronymo ^l tambem conta daquellas sete donzelas, filhas de Phidon Atheniense, que escolheram antes deytarse num peço, que perder a pureza, pera que entendamos (diz o Sancto Doutor) que os honestos mais estimam a honra da castidade, que o preço da vida.

10 Estes exemplos nos deram ainda os Gentios; & na ley da Graça, aonde ouve mais conhecimento desta virtude, ouve tambem mais historias a estas semelhantes: entre as quaes he notavel a que se conta das Sanctas Virgens, Religiosas do mosteyro Collinganiense em Inglaterra; ^m as quaes estando os Danos pera entrar por armas a Cidade, seguindo o conselho de sua Abbadeça a Virgem Sancta Eba (de grandes virtudes, & sangue real) a fim de segurar dos barbaros sua pureza, le cortaram os narizes, & juntamente os beyços de cima, pera que as

sim affeando seus Angelicos rostos, ficassem mais fermosas aos olhos de seu divino Esposo; querendo antes estas gloriosas Virgens fogeytar-se á crueldade dos barbaros vencedores, pera que as matasem por serem Christãs, que á deshonestidade, pera que as violassem por bem parecerem. Fazanha sem duvida mais digna de louvor, do que a outra tam affamada do celebrado Capitão Zopyro, ⁿ que se cruzou o rosto ás cutiladas, por amor de seu Rey Dario; pois este o fez pera melhor enganar aos Babylonios, & estas Sanctas pera melhor desenganar ao inferno.

11 Nam foy menos memoravel a façanha do outro Martyr Sam Menas, de quem, entre outros graves autôres, conta Sancto Antonino, ^o que sendo lançado pelo Tyranno em huma cama de rósas, & preso nella com brandas ataduras de seda; sendo tentado por outra furia infernal, semelhante á que tentou ao Padre Antonio de Quadros (de quem neste capitulo tratamos) nam tendo o Sancto Martyr, nesta muy perigosa luta, nem pés soltos pera poder fugir, nem ainda mãos desatadas pera resistir, teve dâtes livres pera cortar sua propria lingua, & cuspir com ella no infame rosto daquelle sensual

Anno da
Cōpanhia
16.

ⁿ
Herodot.
lib. 3.

^o
D. Ant. 1. p.
tit. 7. c. 8. pa-
rag. 10. A-
quilin. li. 8.
cap. 70.

1
Hier. lib. 1.
Auerf. Ju-
uinian. Ho-
nestus men-
ribus magis
pudicitiam
eura esse,
quam vitã.

^m
Spondan. in
Epist. Baro-
nij, ad an.
870. fol mi-
hi 304. n. 4.

Anno de
Christo de
1555.

P
Hier. in vita
Pauli Ere-
mitæ cap. 3.
Pæcisam
morsu lin-
guam in of-
culantis se
faciem ex-
pi it ac sic
libidinis sê-
sum succe-
dens dolo-
ris magni-
tudo supe-
rauerit.

q
In vit. Patrũ
lib. 3. ex Pal-
lad. ca. 150.

Alecto; pera (como escreve o Doutor da Igreja Sãm Hieronymo^P) com a grandeza da dor vencer a desordem do appetite: E pera que entendesse aquella atrevida tentadora, que o martyr antes perderia a vida que a castidade, pois com tanta facilidade cospia a lingua cortada, por conservar inteysra a pureza.

12 Foy tambem mais pera admirar, que pera imitar a varonil constancia d'aquella matrona, de quem conta Palladio, q que (querendoa furtar a seu marido Senador, hum tyranno chamado Magnentino) ella pera poder escapar das unhas desta Arpia, lhe pedio licença pera entrar dentro de sua casa a se enfeytar, & tomando huma espada, por nam perder a castidade, se matou: com melhor successo que a Romana Lucrecia, porque esta o fez depois de afrontada, a outra por temer que a afrontassem; & em se matar entam Lucrecia mostrou que, ou se castigava por se sentir culpada; ou ao menos mostrou que se lhe faltava a culpa, pela ter toda o aggressor, lhe sobejava a ella a loucura, pois se matava a sy mesma, pela maldade que outrem cometeo. Entre estes, & outros memoraveis exemplos (que nem todos sam pera imitar) bem póde ser contado o

exemplo do Padre Antonio de Quadros, que referi aqui pera consolaçam dos verdadeyros Religiosos; & confusã dos que nam sabem presar esta joya de preço tam inestimavel.

13 Veyo finalmente este glorioso mantenedor da castidade a morrer no Collegio de Sam Paulo de Goa; & sua morte foy sentida, & chorada em toda a India. Dandolhe o fisico mór, que era muy seu devoto, com muytas lagrimas, o aviso de sua morte, o Padre lhe lançou os braços ao pescoço, dizendo, que sò tam bom amigo lhe podia dar tam alegre nova, que em paga della lhe prometia as òraçoens diante de Deos. Acodiram os Religiosos à enfermaria pera lhe tomar a bençã, chorando a perda de tam amado pay, porém elle lhe estranhou estas lagrimas, & os animou com aquellas palavras do Redemptor, se o amor que me tendes fosse verdadeyro, vos alegrarieis muyto, porque vou ao cêo. Acabou enfim depois de tomados os Sacramentos, & em se sabendo em Goa, acodio o Arcebispo, o Cabido, os Religiosos da Cidade; toda a fidalguia, & innumeravel multidam do povo, os quaes todos com grande devaçã lhe beyjavam os pês, & pretendiam

Anno da
Companhia
16.

Da morte
do P. An-
tonio de
Quadros.

r
Ioan. c. 14.
n. 29. Sidi-
ligeretis me
gauderetis
vtrique, quia
ad Patrem
vado.

Anno de
Christo de
1555.

delle reliquias como de Sancto, & foy tal o peso da gente, que concorria a fazer estas demonstraçoens de piedade, & sentimento, que com muy grande trabalho o poderam finalmente enterrar; que assim honra Deos na morte a hum varã casto, que com verdadeyro espirito soube zelar sua honra na vida.

CAPITULO XIII.

De huma grande perseguiçã que se levantou em Paris contra a Companhia, do remedio que lhe poz Sancto Ignacio, & de como nos defendeo el Rey Dom Ioã Terceyro.

I Emos já desembarcados na Índia nove Religiosos nossos, esperando pelo Patriarcha, o qual em Lisboa se hia preparando pera a viagem, que referiremos no principio do anno seguinte de mil quinhentos & sincoenta & seis, em que se embarcou, & agora nos fica obrigaçam de contar os successos restantes deste anno de mil quinhentõs & sincoenta & sinco, em que

himos com esta nossa historia.

2 No tempo em que a Companhia em Portugal era tam favorecida do serenissimo Rey Dom Ioã, & das mais pessoas reaes, fluctuava em muytas partes do mundo, em mãres de tribulaçoens: entre outras foy muy notavel a perseguiçã, que neste tempo se levantou em França contra nossa Religiam, que quero aqui referir, pelo muyto que neste particular devemos ao serenissimo Rey Dom Ioã o Terceyro.

3 No Reyno de França em a insigne Cidade de Paris, Athenas de toda a Christandade, nam havia atè aquelle tempo, Collegio nosso em forma fundado, & dotado, nem casa alguma professa: & sendo assim que d'aquella famosa Vniuersidade sahiram Sancto Ignacio, & seus companheyros, armados com letras, pera com a nova Religiam, que ally traçãram, fazerem guerra ao inferno, & augmentarem a Religiã christã. Com tudo o commum inimigo, sentido, parece, desta sahida, tratou de lhes impedir ally a entrada, procurando com todas as forças, que se nam abrisse porta alguma, pera se receber a Companhia naquelle Reyno, que o mesmo demonio, entam por outra par-

Anno da
Companhia
16.

*Perseguiçã que
tivemos
em França.*

Anno de
Christo de
1555.

te, pertendia conquistar com o fogo da heregia.

4 Tratando pois os nossos Religiosos, por via do Padre Doutor Martim d'Olhave, diãte do Christianissimo Rey Henrique segundo, que houvesse por bem de admitir em França nossa Religiam, dandonos os privilegios de naturaes d'aquelle Reyno, remeteo este negocio ao Conselho de Paris, o qual commeteo o exame de nossas bullas, & letras Apostolicas à faculdade da Theologia do insigne Collegio Sorbonico (assim chamado por causa de seu illustre fundador Roberto Sorbona, que foy Secretario, & depois confessor de Sam Luis Rey de França) pera que tomãdo plenario conhecimêto de nossas cousas, de tudo enformassem ao Conselho de Estado. E como n'aquelle tempo a Companhia era ainda pouco conhecida em França, & o diabo autor de toda a maldade semeava naquelles Estados sua sizania contra nós, tomou huma leve occasiam pera nos perseguir com grande força. Porque o mais principal Doutor, & o de mayor authoridade, que no Collegio havia, se mostrava muy agravado da Companhia, por lhe terem recebido hum seu sobrinho, contra sua vontade; & o que mais he de espantar, o mesmo Prelado Pre-

fidente, que nos devia carear, se armou contra nós, com valentes resistencias, por entender, que haviamos de ficar isentos de sua jurisdicam, como se este privilegio nam fosse cõmum com todas as outras Religioens.

5 Em resoluçam, na Vniuersidade de Paris a faculdade dos Theologos Sorbonicos sahio com hum decreto muy pesado, & offensivo, contra nossa Religiam; porque nelle, entre outros cargos, que nos punham, nos chamavam perturbadores da paz commua, semeadores de discordias, homens perjudiciaes a toda a Igreja de Deos, desobedientes aos Prelados, sospeytos à fé Catholica; & que recebiamos entre nós gente aviltada, & infame: & que finalmente mais tinhamos vindo ao mudo pera destruiçam, que pera edificaçam.

6 Publicado este decreto, foy tal o vento da perseguiçam, que se levantou contra a Companhia, que parecia subirem em França até o cèo as furiosas ondas, que por todas as partes batiam o costado desta naveta. O Reyno todo, & o mundo todo parece que se armava em nossa destruiçam; porque os estudantes em seus geraes, os mestres nas cadeyras, os prègadores dos pulpitos, o povo em suas rôdas, pelas praças,

pelas

Anno da
Cõpanhia
16.

Decreto
pernicioso
contra a
Cõpanhia.

Collegio
Sorborni-
co de Pa-
ris.

Occasiam
desta per-
seguicam.

Grande
persegui-
çam con-
tra a Cõ-
panhia.

Anno de
Christo de
1555.

^a
Tertul. de
Patient. c. 8.
Fatigetur
improbites
patientia tua.

Tratam os
nossos Re-
ligiosos de
fazer hũa
apologia.

Pelas ruas, nos terreiros, & nos soalheiros, o Parlamento em seu conselho; & finalmente o Prelado na sua Igreja nam tratavam mais que desacreditar a Companhia, com culpas fingidas, com crimes inventados, & com sospeytas temerarias. Foy enfim neste anno a tribulaçam tam grande em França, que bẽ podiamos dizer ser este caso semelhante aos em q̃ dizia Tertuliano,^a que ficou a maldade fatigada de maltratar, mas nam ficou a paciencia cansada de sofrer.

7 Sentiram muyto isto, como pedia a rezã, todos os filhos da Companhia, que mais amavam a tam boa mãy; & em particular alguns Padres dos mais antigos, & doutos, tratãram de fazer logo apologias contra o tal decreto, pera mostrarem ao mundo, que era fundado em maldade, & em sinistras informações, alheyas de toda a verdade; porque nam cuydassem os que nos perseguiam, que porque nos calavamos os timiamos, pois logo ao murmurador cresce o atrevimento, quando cuyda que o temem. Esforçavale mais esta opiniam de sahir com a defensã apollogetica, com o exemplo q̃ em semelhante caso nos deram na mesma Univerfidade os sanctissimos Doutores S. Thomas, & S. Boaventura, que muy de propo-

sito tomãram a sua cõta defender suas sagradas religioens, respondendo com particulares apollogias aos libellos, & calumnias, que varios Doutores daquella Univerfidade, & outras pessoas mal intencionadas semeavam naquelle tempo contra as Religioens Mendicantes.

8 Ouvio o Sancto Patriarcha Ignacio estes intentos de seus filhos, que pareciam sanctos, & muy ajustados com toda a boa rezã, pois a mesma ley natural nos cõcede armas pera nos defendermos, & a divina nos ensina, que o podemos fazer? E pois cõ letras nos faziam guerra, parece que a justiça pedia q̃ com letras nos defendesemos, respondendo com a rezã, a quem sem ella nos perseguia: porẽm o glorioso Sancto (como se estivesse jã seguro da victoria, no tempo, em que ainda seus filhos tratavam da guerra) com hum animo muy sereno, com alegre, & pacifico rosto lhe respondeo, com aquellas palavras do Senhor ^b a seus Discipulos: *Minha paz vos dou, & minha paz vos deixo.* Acrescentando, q̃ nam havia pera que tratar de escusas, aonde nam apareciam sombras de culpas; nem queria permitir queyxas, pois estimavam muyto as afrontas, & só queria fundarse na charidade: que nam fizessẽ caso das ruins palavras,

Anno da
Companhia
16.

Como S.
Ignacio a-
quietou
seus sub-
ditos.

^b
Ioan. c. 14.
n. 27. Pacẽ
relinquo vo-
bis, pacem
meam do
vobis.

Anno de
Christo de
1555.

^c
Pfal. 63, n. 8.
Sagittæ par
uulorum fa-
ctæ sût pla-
gæ eorum,
& infirmatæ
sunt contra
eos linguæ
eorum.

aonde tinham o testemunho das boas obras; nem temessem a mentira, pois se defendiam cõ a verdade: que nam arreceassem linguas de maldizentes, porque seus golpes sam (como dizia o Propheta ^c) sêtas de mininos, frêchadas em arcos frouxos, q̃ ainda que tocam, nam férem. Que os nam assombrasse a grãde authoridade dos Doutores Theologos de Paris, porque muyto mayor era a força da verdade, a qual posto que a tẽpos se escureça, logo das cõtra-diçoens sahe mais resplandecẽte, qual o fermoso sol investido com a nuvẽ envejosa, o qual em breve tempo a penetra cõ seus rãyos; & parecendo d'antes escura, & triste, a torna fermosa, & dourada. Acrelscõtava o prudentissimo Sancto, que em caso que fosse necessario, nam faltaria outro meyo menos offensivo, que por ventura seria mais proveytofo, o qual elle lhes prometia de procurar: que o deyxassem a elle sõ, que elle sõ bastava, fiado na protecçam divina (como tam experimentado em semelhantes guerras) pera os defender a todos.

9 Com taes termos de mãfidam, & com esta doutrina de sofrimento, aquietou o sancto Pay os animos sentidos de seus filhos; & logo com sua celestial prudencia achou modo, com q̃ sem estrondo de apolloias, &

sem inquietaçam algũa da parte dos nossos, a verdade se declarasse entre todos. Tratou o glorioso Patriarcha com maravilhosa prevençam de haver hum testemunho publico de todos os mais Reynos, & Provincias da Christandade (aonde já estavamos) sobre o procedimẽto da Companhia, pera que a vista de tam fermosa luz desaparecessem triêvas tam feas. Escreveo a todas as casas, & Collegios da Companhia, que já havia; encarregandolhes que tirassem publicos instrumẽtos, certidoens autenticas, & pareceres muy calificados, dos Principes, Prelados, dos Magistrados, Senhorios, & Vniversidades, aonde a Companhia residisse, sobre sua doutrina, & modo de proceder (tam confiada he a innocencia, & tam animosa a verdade) pera que vendose em Paris estes testemunhos, tivessem por falsos os do seu decreto.

10 Chegando a Portugal a nova do decreto Parisiense contra a Companhia, logo o serenissimo Rey Dom Ioãm teve delle notavel sentimento, & vendo as cartas de S. Ignacio, teve por muy acertada a traça do prudente Sancto; elle mesmo por nos fazer mayor mercẽdo que lhe pediamos, tomou a sua conta executar-se em seus Reynos esta bem aprovada di-

Anno da
Companhia
16.

ligen-

Remedio
de q̃ usou
S. Ignacio.

Anno de
Christo de
1555.

ligencia; & assim além de escrever logo ao Papa, & ao mesmo Rey de França, em grande abonação, & louvor da Companhia, elle mesmo tomou sobre sy solicitar os testemunhos das pessoas de mayor authoridade em seus Reynos, com tanto affecto, que pera em todo o tempo nos constar de tam insigne benevolencia, quero pôr aqui o treslado da carta que sobre este particular, neste anno de 1555. escreveo a Coimbra, ao Bispo Conde Dom Ioão Soarez (de quem por vezes tenho falado) que entam presidia naquella mitra.

CAPITULO XV.

Da carta que el Rey D. Ioão o Terceyro escreveo ao Bispo Conde Dom Ioão Soarez, pedindolhe informaçam da Companhia, & da resposta do Bispo sobre o nosso modo de proceder.

I Everendo Bispo Conde, eu el Rey vos envio muyto saudar, como aquelle q' muyto amo. Eu tenho muyta affeyçam aos Padres da Companhia de IESUS, pelo grande louvor que se segue a Deos nosso Senhor, proveyto espiritual às almas, & a mim


muyto serviço, & a todos meus Reynos, & Senhorios grande consolaçam do religioso exemplo, virtuosa vida, conversam, doutrina, industria, & zelo do amor de Deos, & das almas, que os Padres, & pessoas da dita Companhia tem mostrado, & mostram cada dia em meus Reynos, desde tempo que ha que nelles edificaram Collegios da Companhia, com que tem feyto, & fazem muyto fruyto, de que eu tenho recebido, & recebo muyto contentamento, & serviço, & lhe sou por isso em muyta obrigaçam, pelo que vos encomendo muyto que por isto assim ser como sabeis, queyrais dar disto vossa fe, & testemunho por escrito, & de como sabeis de quanta calidade, & exemplo sam as pessoas que em a dita Companhia se recebem, & como os Padres della sam em muyta ajuda, & exemplo. de todas as outras Religioens, & favorecem sua religiosa conversaçam: & quam humilmente se empregam em ajudar os prelados cõ a edificaçam de suas ovelhas, pregando, confessando, & administrando o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & occupandose em outras obras pias, & quam aceyta a dita Companhia he a mim; & aos principaes de meus Reynos, & quam proveytosa pela paz, bondade, & doutrina que nelles semeam: & como assim aos prelados espirituales, como aos senhores temporales sam muy sogeytos, comprazendos em o que boamente podem, com muyta reverencia, & limpeza, sem nenhum dolo, nem interesse: & finalmente como esta Companhia, & pessoas della, nosso Senhor as deo e m estes Rey-

Anno da
Companhia
16.

Anno de 1555. *Como cousa muy necessaria a nossa sancta fe, & a toda a virtude, ordem, religiam, & perfeçam christã.*

2 Esta he a forma da carta, cujo original conservamos no Collegio de Coimbra; & muyto mais em nossos coraçoes, pelo paternal amor com que este humanissimo Rey nos quiz fazer tam importãte mercê, interpondo sua real authoridade, por nam perigar a da Companhia. O que resultou desta carta, & de outras semelhantes, que escreveo à sua Vniversidade de Coimbra, & ao Tribunal da Inquiçam, residẽte em Lisboa, relataremos aqui, & em particular a resposta que deo o Reverendissimo Bispo D. Ioãm Soarez, pera que aos que lermos estas regras, nos firmam suas palavras de nõvos estímulos à virtude, com que possamos satisfazer à opiniã que de nõs tinha hum Prelado tam abalizado.

REPOSTA DO Bispo Conde D. Ioãm Soarez à carta de sua Alteza.

3  Enhor, o que atè agora tenho visto, & conheço nos Padres da Companhia, que cratey, he parecerme gente de muyta charida-

de, & de grande zelo da salvaçam das almas, & que sempre se empregam todos em ajudar os proximos, & tiralos quanto em sy he de offender a nosso Senhor, & ensinatos ao amar, servir, & seguir. Isto bastava, senhor, responder, se a carta me nam obrigãra a responder a seis cousas, que nella se declaram. A primeyra, de que calidade sam as pessoas, que tomam em sua Companhia, o que eu disto sey he, receberem os dias passados neste Collegio hũ filho de Ayres de Sousa de Santarem, outro irmão do Capitã da Ilha da Madeyra, outro Dom Leãm, que ao presente he Reytor do Collegio, outro irmão de Dom Diogo da Sylveyra, Cõde da Sortelha, & Goarda mór de Vossa Alteza, outro irmão do Duque de Bragança, & outros nobres do Reyno, & posto que nosso Senhor nam escolheo estes pera a conversã do mundo, como disse Sam Paulo, ² com tudo escolherem elles esta congregaçam, he sinal de ser ella qual no principio disse.

4 Quanto ao segundo, sey certificar a Vossa Alteza, que folgãra andassem mais pelo meu Bispado, do que andam, porque onde vam logo se enxerga, & deyxam de sy bom odor de virtudes, & edificaçam. Hum dia me pediram os da villa de Coja minhas casas, pera nellas se recolherem dous, ou tres, por quinze dias, toda a villa de sua conversaçam foy muy edificada, & se tiraram muytas pessoas de peccado, que hoje frequentam o Sanctissimo Sacramento, confessandose muytas vezes, & ordenãram hũa bolça de charidade, pera curarem os enfermos, & fa-

Anno da
Companhia
16.

²
1. ad Cor. c.
1. n. 17. In-
firma mudi
elegit Deus,
vt confun-
dat forzia.

Fruyto es-
piritual q
os nos
faziaõ nas
almas.

Anno de
Christo de
1555.

zerem obras de misericordia; de boa vontade lhes daria as minhas nullas, pera visitarem por mim o Bispado, porque me parece fariam mais fruyto, & serviço a Deos do que eu faço.

5 Quanto ao terceyro se ajudam as Religioens? Se he no exemplo, nam ha duvida senam que o dam muy bom, assim no falar, como no trato da conversa, am sam muyto amigos das Religioens, louvadores dellas, aprovadores do que fazem, & communicamse; que he final de paz, & amor. Quanto ao proveyto desta Cidade, & Bispado? He, muytas graças ao Senhor, que sam muy uteis à republica christã, nam sey em cousa espiritual, que mais podesse sentir, que nam os ver neste Bispado. Mas segundo disse Sancto Thomaz, na republica ha mais desfalecidos da virtude, que virtuosos, & por isso se deram leys penaes, & assim nam he de esperar que haja muytos murmuradores, & tenham adversarios: & que muyto he se chamãram ao Pay de familias Belzebud, ^c que tratem mal os de sua casa; nam he o servo de melhor condigam, nem mais privilegiado que seu senhor, se me perseguiram a mim, diz Christo, ^d tambem vos ham de perseguir a vós, se o mundo vos avorrece, lembrayvos q por mim começou, se vos fosseis do mundo, & vos cõformasseis com elle, o mundo estivera bem com vosco, mas por isso vos quer mal, porque vós vos declarais contra elle, & nam seguis sua bandeyra. ^e

6 O quanto se sam proveytofos à sancta fe Catholica? Do que está dito se colhe; mais especialmente sey eu, que cõ

muyta diligencia me avisam, se alguma cousa de má sospeyta, lhe rem ter às orelhas. Pregam ordinariamente em seu Collegio, & na Sé, sendo eu presente, muy catholicamente, & com grande fruyto, & edificaçam do povo, & havendo tantos letrados nesta Cidade, nam se achou nenhũ erro em sua doutrina; mas sempre muyta virtude, & limpeza. Outro edificar he o da fe, segundo o que diz o Apostolo ^f Santiago. Ostendam tibi ex operibus fidem meam. Edificam muyto com sua singeleza, simplicidade, chaneza, & humildade sem engano. Isto poz por grande prova de espirito de Deos Sam Ioã na sua primeyra Epistola canonica, no capitulo quarto. ^g Charissimi nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint, nam multi pseudopphetæ exierunt in mundum, in hoc cognoscitur omnis spiritus; qui confitetur IESVM Christum in carne venisse, ex Deo est. O que Origenes escrevendo sobre Sam Paulo na Epistola ad Romanos capitulo sexto, ^h aonde poem a mesma sentença, declara desta maneyra. Omnis spiritus, qui confitetur IESVM Christum in carne venisse, ex Deo est, in quo non utique is qui syllabas istas pronuntiaverit, & communem cõfessionem protulerit, Dei spiritu agi videbitur, sed qui vitam suam ita formaverit, & ita fructus operis attulerit, Christum in carne venisse, & mortuum esse peccato, ac Deo vivere ipsa operum suo-

rum,

Anno da
Cipanhia
16.

^f
Ep. Cat. ca.
2. n. 18.

^g
1. Ep. Can.
c. 4. n. 1.

^h
Orig. Ep. ad
Rom. c. 6.

^c
Mat. 10. nu.
25. Si patrẽ
Beelzebub
vocaverunt,
quantõ magis
domesticos
eius.

^d
Ioan. c. 15.
n. 18. Si mũ
dus vos odit;
scitote quia
me priorẽ
vobis odio
habuit, &c.

^e
Ioan. c. 15.
n. 18. Si de
mũdo fuissetis,
mũdus quod
suum esset
del geret.

Anno de
Christo de
1555.

rum, & sensuum religione mō-
craverit, &c.

7 Neste mostrar por obras a fé em que a mesma fé se edifica, o fazem os Padres desta Companhia muyto bẽ, porque andam muyto fortificados, & mostram em tudo muyta humildade: sam faceis ao povo, quando os requerẽ, pera os confessar, & estar na hora da morte, com os que estam em agonia, & com os padecentes; & assim foram dous Padres aferrados em cima do carro com hum preto (que aqui atanzaram, & enforcaram os dias passados) em roupeta, & sem barrete, por acatamento do sancto Crucifixo, que hia diante, pegandolhe, & esforçando à paciencia. O mesmo fazem com qualquer outro padecente, & isto com alegria, como gente que nam tem conta com mais, que com palavras, & obras mostrar a verdade de nossa sancta fé catholica, & da vida eterna.

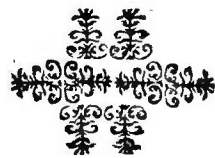
8 O sexto se sam apraziveis, & sogeytos às pessoas principaes neste Bispado, ao menos parece, que nam houve fidalgo, dos que nelle ha, que se quey-xasse delles fazerem cousa que nam devessem fazer: mas com toda a brandura, quietaçam, & sogeyçam conversam com todos: de mim nam sou acordado requererlhes cousa espiritual, que nam fizessem; hum dia mandey meter entre elles hum meu Conego, que vivia solitamente, sabio edificado, & mortificado, & qualquer infiel, que se vem converter, o tem entre sy, & ensinam, & fazemno com alegria. Nosso Senhor os

conserve, & o real estado de U. Alteza. De Coimbra 16. de Agosto de 1555.

Anno da
Cõpanhia
16.

O Bispo Conde.

9 Este foy o testemunho de tam grave, & tam douto Prelado, a quem por este testemunho tam authorizado, & pelo muyto que sentia de bem de nossa Religiam sagrada, lhe devemos continuas lembranças, & nos merece grandes obrigaçoens: elle falava de nós como Prelado tam exemplar, & que via nossas cousas com os olhos da charidade, a qual tem olhos de aguia pera ver, & aprovar o bem alheyo: confusâm grande pòde ser nossa, se nam fizermos hoje por desempenhar o bom conceyto, que entam de nós formava este doutissimo, & gravissimo Bispo,
(?)



Anno de
Christo de
1555.

Anno da
Companhia
16.

CAPITULO XVI.

*Da informaçam que deo a
Univerſidade de Coimbra ao
que elRey Dom Ioam lhe mã-
dou perguntar a cerca
da Companhia.*

I Am se contétou o piedosissimo Rey cõ o testimonho tam abalizado de hum Prelado de tanta authoridade, tambem ordenou à sua Univerſidade Conimbricense, que dêſe ſeu juizo acerca do q̄ ſentia da Companhia, pera cõ o parecer de tam ſabios doutores de Coimbra, respõder ao decreto dos Theologos Sorbonicos de Paris. Recebida a ordem,ajuntou logo o Reytor da Univerſidade (que entam era unica em Portugal)ſeu claustro pleno de gravissimos doutores em todas as facultades, entre os quaes florecia naquelle tempo o muy ſabio, & celebre doutor Martim de Aspilcueta Navarro Cathedratico de prima de direyto Canonico, & havia outros voroens de muyta Religiam,& excellentes talentos, & muy conhecidas letras, qual era o Padre Frey Martinho de Ledesma da lagradaOrdem dos Prègadores, Lente de prima de

Doutores
inſignes q̄
entam ha-
via na Uni-
verſidade
de Coim-
bra.

Theologia,& o Padre Fr.Fran-
cisco de Christo doutor muy
aſſinalado da esclarecida Ordẽ
dos Hermitaens de S. Agosti-
nho. Todos juntos de commũ
acordo deram por êcrito hum
notavel testimonho da Compa-
nhia,o qual foy dado por modo
authentico, em hum pergami-
nho, sellado cõ o ſello da Uni-
verſidade,& aſſinado por todos
ſeus Lentes, & Doutores,cujo
treslado de Latim em Portu-
guez he do teor ſeguinte.

A Univerſidade de Coimbra por
cartas do Serenissimo Rey Dom
Ioam o Terceyro deſte nome,com cujo
favor ſe vay alevãtando em tam proſ-
peros,& felices augmentos,pergunta-
da a cerca da opinãm que tẽ dos Re-
ligioſos da Companhia de IESUS(cu-
jo Collegio de quinze annos a eſta parte,
começando neſta Cidade de muy peque-
nos principios,eſtã hoje tam aventaja-
do,& amplificado) deliberando ſobre
eſte particular com maduro juizo, &
como em couſas de importancia coſtu-
ma fazer, ſe ajuntou em conſelho, no
lugar acostumado. Conſiderando pois a
Univerſidade o pio,& catholico deſejo
delRey noſſo ſenhor de alevantar a Re-
ligiam chriſtã, favorecer as honeſtas
artes, & ſciencias, & eſpalhar por
todas as partes a ſemente de ſua ca-
tholica virtude,& piedade, & pera q̄
iſto mais ſe dilataffe,& felicissimamẽ-
te creſceſſe, recolhendo de muytas par-
tes em ſeu Reyno,& favorecendo va-
roens religioſos, & doutos, os quaes

Anno de
Christo de
1555.

com sua diligencia pudessem ajudar este negocio pera que haja muytos obreyros pera a meſe do Senhor, que a possam alimpar de toda a sizia, & cõ tal animo, & tenham recebo, & favoreceo em seus Reynos esta Companhia de IESUS, de cujo modo de vida, & proveyto pera que diga o que sente, responde, & testifica a Univerſidade nos capitulos seguintes; precedendo a isto, como era conveniente, diligente, & maduro conselho.

Testimunho da Univerſidade de Coimbra.

3 Primeiramente dá testimunho a Univerſidade que estes homens sam virtuosos, modestos, humildes, devotos, benemeritos da Republica christã, & que resplandecem com exemplo, & vida religiosa. Affirma mais a Univerſidade, & assim o tem achado por experiencia, virem nam sõmente a esta Cidade, mas tambem a todo o Reyno de Portugal grandes, & copiosos fruytos da vida, & exemplo, & saudavel doutrina desta Companhia, porque fazem amizades, concertando demandas, & pondo os discordes em paz, reprehendẽ vicios, & peccados publicos, empregandose tambem com summa diligencia, & zelo nas prègaçoens, & confissoens, & na administraçam do Sanctissimo Sacramento da Eucharistia ao povo; & assim a experiencia tem mostrado serẽ os estudantes desta Univerſidade mais frequentes, & fervorosos em se confessar, & receber o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, depois que a Companhia teve casa, & assento nesta Cidade.

4 Item affirma a Univerſidade, que esta sancta Companhia entende em

obras de hum anidade, & charidade, com muyta diligencia, & cuydado, porque vemos de seus proprios bẽs ajudarem aos presos, & encarcerados, cõsolandoos juntamete com sanctas amoestaçõens, & exortandoos a receber os Sacramentos, quando, & aonde pera isso ouver oportunidade, & administrandoos elles tambem.

5 Item dá testimunho a Univerſidade, que o principal intento desta Companhia he occuparse em obras que ajudam, & aproveytam aos proximos, & os incaminham, & levam á felicidade, & bemaventurança eterna. Porque vemos o exercicio que tem de ensinar os mininos em bons costumes, & os estudantes em letras, & virtude; & tam longe està de lhe isto ser impedimento, que ajudam notavelmente, & augmentam as eschõlas, & Collegios de letras.

6 Entende mais que sam nam pouco proveytosos aos Bispos, delles sam muytas vezes chamados, & com grãde fervor de espirito pregam ao povo, ouvem confissoens, ajudam tambem com sanctas amoestaçõens, & pios conselhos o rebanho do Senhor, nam movidos do ganho, & das hõras, & louvor popular. Nem sõmente em Portugal se exercitam nestas obras, mas tambem em as partes de Africa, visitam os catholicos, que em poder de infieis estam cativos, cõsolandoos, & animandoos na fé, & alevantandoos à esperança, trabalham em seu resgate. Finalmentẽ cõ summa expediçam, & promptidam vam á India, aonde com exemplo de vida, & edificaçam, plantam as virtu-

des,

Anno da
Companhia
16.

Do que julgavão das obras de charidade dos filhos da Companhia.

Do q julgavam de nossos procedimẽtos com os proximos.

Anno de
Christo de
1555.

Do que
julga acer-
ca dos que
recebemos.

des, & arrancam os vicios, donde vem, que nam impedem entrada de outras Religioens, nem perturbam seu modo de proceder, antes se mostram seus conservos, & cooperadores valerosos, & ditigetes em cultivar a vinha do Senhor.

7 Ultimamente da testemunho a Universidade, que nam se recebem quaesquer nesta Companhia, sem haver nisso muyto dlecto, porque sabe terem se dedicado a este instituto algũs estudantes da sagrada Theologia, outros do direyto Canonico, & Civil, mancebos de grandes partes, & bõs costumes. Antes he cousa notoria que em Hespanha, os mancebos nobres, & illustres, como filhos de Duques, & Condes, tem entrada nesta Companhia, & por tanto a Universidade assim o sente, & julga, & testifica, que esta Companhia se ha de receber com summa honra, & com toda a veneraçam se deve favorecer como instituida milagrosamente, & dada por Deos ao mudo, em tempos tam trabalhosos. Em confirmaçam das quaes cousas todos afirmamos, & sellamos nosso testimonho com o sello ordinario da Universidade.

8 Tambẽ estimamos em summo grao esta informaçam da Universidade de Coimbra, como dada por pessoas tam calificadas em virtude, & tam abalizadas em letras; & lhe merecemos a boa opiniã, que formavam de nossas cousas, agradecendo juntamẽte muyto tam abonado testimonho, com que nos honraram, & obrigaram, nam menos a termos a gratidam

que lhe devemos, que a professarmos a virtude q̃ em nós viam.

Anno de
Companhia
16.

CAPITULO XVII.

Do testimonho que deo nesta materia o sagrado Tribunal do S. Officio, & do bom fim que teve esta grande perseguicam.

I




Estes tam calificados pareceres, ultimamente ajuntamos o do Tri-

bunal da S. Inquicam, a quem (por lhe pertencer atentar pela pureza de nossa sãcta Fè, & costumes que a encontram) rezã era, que Sua Alteza perguntasse seu parecer, como por hũa sua carta escrita ao Tribunal de Lisboa, mandou perguntar, no qual se cometeo a resposta ao Inquidior Pedralvez de Paredes, q̃ foy Arcediago da Lavra, & Conego de Evora, na qual cidade primeyro tinha sido Inquidior, & era homẽ de muyta bondade, & de costumes antigos: que se as cartas sam espeelhos d'alma, esta bem mostra a fingeleza, & chaneza daquelle peyto Portugues. Diz a resposta desta maneira.

Anno de
Christo de
1555.

TESTIMUNHO do sagrado Tribunal do S. Officio, resi- dente em Lisboa.

2  Que sinto desta Com-
panhia (secundum
praesentem instanciam)
he, q̄ estes Padres sam
muy necessarios á Igreja de Deos, ma-
ximé, em tempos tam perigosos, por sua
sincera vida, & bom exemplo, que com
sua doutrina continuamente dam a to-
do genero de pessoa, aonde residem, em
especial aos que com elles cõversam: sam
apartados de reboliões, & trasfegos de-
ste miseravel mundo, & dados ás cou-
espirituales, sam humildes zelosos da
salvaçam dos proximos, & pera effey-
tuar isto, & estender a doutrina Evã-
gelica, nam recusam trabalhos, antes cõ
toda a charidade fraternal, seguindo o
sancto conselho do Evangelho, ^a Prae-
dicant regnum Dei, vt homines
poenitentiam agant. Entendendo
nisto com muyta diligencia, convertendo
assim mesmo os apóstatas, & aparta-
dos de nossa sancta fé, reduzindoos ao
gremio, & uniam da sancta madre
Igreja, assim como por experiencia vi-
mos actos da Fé, que em esta Inquisiçam
de Lisboa se celebráram, Me Inqui-
sitore haereticæ pravitatis, aonde
por sua boa ensinaça, & sanctas pa-
lavras muytas pessoas, que estavam em
estado de condenaçam, foram com suas
saudaveis amoestaçoes convertidas a
nossa sancta Fé, permanecendo no ver-
dadeyro conhecimẽto della, segundo de-

^a
Iuxta Math.
cap. 3. n. 2.

Como os
nossos Pa-
dres proce-
diam com
os penitẽ-
tes da In-
quisiçam.

pois cõstou pelos sinaes de sua cõversam.

3 Continuando estes Padres seu
sancto zelo, depois que pela bondade de
Deos neste Reyno residem, tem seyto
muyto fruyto, reduzindo, & reformã-
do muytos a melhor estado, do que dan-
tes tinham, como se sabe, & ve por ex-
perencia. Sam virtuosos, & entre elles
ha pessoas calificadas, & de illustre
sangue. Quibus inest vivida vir-
tus. Sam muyto uteis à Republica. &
a este Reyno, onde em esta Cidade de
Lisboa, Com. Bra. E. ora, com diligencia
se exercitam em ensinar as letras La-
tinas & Gregas, & outras sciencias.
& assim aos Sacerdotes meros deutos
o que pertence pera exercitar seu offi-
cio Sacerdotal, especialmente aos que
tem cura de almas. Pregem, & apu-
dam aos Prclados com sua solida dou-
trina, & muitas confissões, de q̄ todos os
q̄ cõversam ficam consolados. & muyto
edificados; por isso como amados de
Deos fazem muyto fruyto digno de
perpetuo louvor; assim em a terra de
Christãos, como entre infieis na India
Oriental, Iapam, Brasil, Africa, onde
se diz que por sua sancta conversaçam,
& continuas amoestaçoes muytos Chri-
stãos cativos, que estavam resfriados na
fé, foram nella ratificados, os quaes es-
tavam em risco de apóstatar da ley
Evangelica: ^b por maneyra, que à fru-
ctibus eorum cognosceris eos.

4 Posto que nam faltẽ pessoas pouco
temẽtes, q̄ ex diametro, queyram cõta-
minar, & anichilar este estado, alevã-
do cousas q̄ carecẽ de verdade, como q̄
fosse aq̄lles, de q̄ diz o i. in c. Nemo, in-
ferindo serẽ dignos daq̄lla pena, de q̄ faz

mençam

Anno da
Cõpanhia
16.

^b
Mat. cap. 7.
num. 16.

Que jul-
gava dos
que sentẽ
mal da Cõ-
panhia.

Anno de
Christo de
1555.

çãõ Bart. in lege aut facta, por esta cõ-
gregaçãõ, & os que nella professãõ
serem defensores da ley Evangelica, &
sal da terra, & aprovada pelos Sum-
mos Pontifices presidentes na Igreja de
Deos, com verdadeyros testemunhos de
pureza de vida, & sanctas instituções,
& documentos. Outrosy seu modo de
vida he corroborado por commum con-
sentimento dos Prelados, que governam
a sancta Igreja, & muyto efficazmen-
te por Reys Catholicos, & communi-
dades, aonde residem. ^c Ideo portã
inferi, non prævalebunt adver-
sus eos, & merces eorum copio-
la est in cælis. *Eu tenho confiança*
na misericordia do omnipotente Deos,
que permanecendo esta bemaventurada
Companhia nesta harmonia espirital,
ãlem de conseguirem a vida eterna, to-
dos deyxarãõ verdadeyro exemplo de
sua virtude, ^d & fulgebit in Eccle-
sia Dei splendor firmamenti, &
velut stellæ in perpetuas æter-
nitates mansuræ.

5 Obrigaçãõ tem todos os que
presidem, a cõ todas as forças defen-
der, & emparar tam utilisimo, & bõ
estado, resistindo aos filhos de Belial,
Qui moliantur destruere vineã
Domini Dei Sabaoth. Trazendo
falsas rezões pera sustentar seus erro-
res, ao que se lhe ha de resistir, Quia
error cui non resistitur, aproba-
tur, vt docet text. in cap. errore
fiant. Ergo novissima mea eorũ
similia, & qui benedixerit eis,
erit benedictus, & qui maledi-
xerit eis, in maledictione repu-
tabitur. *E porque in futurum se pos-*

sa desviar, & desfazer a malicia dos
detractores; com charidade fraternal,
& verdadeyro desejo da conservaçãõ
da Companhia de IESV, humilmente
peço aos Padres presentes, & a seus
successores meritamente, per viscera
misericordiæ Dei nostri, que sem-
pre se alembrem do que diz o Apostolo
ad Timot. cap. 6.º Tu autẽ homo
Dei, &c. Conservando seu limpo, &
puro estado com aquella sancta simpli-
cidade, de que ao presente usam, & af-
firm confidentes habitabunt in
adiutorio Altissimi, & in prote-
ctione Dei celi, nec timebũt a ti-
more nocturno, & ab incurso, &
dæmonio meridiano, &c. Isto he
o que sinto in Domino. Lisboa, &c.

Pedralvez de Paredes.

6 Muy bem se declarou o
Inquisidor Pedralvez de Paredes, & se elle nesta sua carta nos
encõmenda a sancta simplici-
dade, bem mostra tambem em
seu estylo, que lhe nam faltava,
juntã com muyta verdade, &
muy louvavel innocencia, de
que foy dotado.

7 Tanto que se deo por sa-
tisfeyto o christianissimo zelo
del Rey D. Ioãõ cõ estes, & ou-
tros graves testemunhos dos
Tribanaes de mór authoridade
em seus Reynos, cõfirmados cõ
a muyta dos Prelados, que na
materia cõsultou, mandou a seu
Embaxador residẽte na Corte
Romana, q̃ entam era D. Affõso

Anno dæ
Copanhia
16.

^e
Ad Thim. r.
c. 6. nu. 11.

^c
Ex Mat. ca.
16. num. 18.
Luc. c. 6. nu.
12.

^d
Dan. ca. 12.
num. 3.

Anno de
Christo de
1555.

Do que fez
el Rey D^o
Ioã com
estes pa-
receres.

de Lãcastro, q̄ tudo entregasse a
nosso glorioso Padre Sancto Ig-
nacio, escrevendo juntamente
ao Summo Põrifice Iulio Ter-
ceyro sobre este particular, cõ
tanta honra, & louvor da Cõ-
panhia, que bem se deyxã ver
que bastava sua real autorida-
de, & aprovaçam, junta com a
do Cardeal Infante Dom Hen-
rique seu irmãm legado à late-
re, & Inquisidor Gèral nestes
Reynos, pera de todo desfazer,
& sepultar tudo o que a malicia
humana tramasse de suspeytas,
& calumnias em Reynos estran-
nhos contra a nova religiam,
quanto mais bastaria pera des-
fazer o decreto Pariense feyto
por poucos homens, com me-
nos informaçam, & muyta prés-
sa, & destes algũs sobrelevados
de payxam, cujo primeyro par-
to ordinariamente he erro, & o
segũdo arrependimento, quãdo
a rezãm tem seu lugar. Conhe-
cèram por seu o primeyro par-
to do erro os Doutores Parisiẽ-
ses como letrados, & por isso ti-
veram tambem o segundo de se
arrependerem, porq̄ nosso Pa-
dre glorioso q̄em todo o tẽpo a-
traz tinha calado, & feyto calar
aos seus adversarios cõ pacien-
cia, fez com sua prudencia, que
se soubesse a verdade conheci-
da por Princepẽs, a quẽ a Mo-
narquia de Frãça tinha todo o
devido respeyto, q̄ desejar se po-
dia, principalmente vindo con-

firmada com os pareceres, & te-
stimunhos dos Tribunaes, &
Prelados de Portugal.

8 Este foy o remedio de que
usou em tam grande tormenta
nosso glorioso Padre, como pilo-
to tam experimẽtado em mães
de mayores tribulaçoẽs. Tanto
q̄a França chegãram certidoẽs
tam autenticas, & justificaçoens
tam abonadas como estas, que
apõtamos, sahidas de Portugal,
& outras muytas semelhantes, q̄
nosso sancto fũdador fez vir de
outras partes da Europa, logo à
vista de tam grãde luz se come-
çãram a desfazer as trevas, &
em aparecẽdo o fermoso sol da
verdade, desmayãram as sõbras
da mêtira, & porque he muy or-
dinario, como disse hũ Sabio, q̄
a força sã conselho por sy mel-
mo se venha a ruinar, assim este
decreto se desfez em o ar, que
sõ tinha por fundamento.

9 Antes porque he costu-
me de Deos nosso Senhor de
grãdes males tirar mayores bẽs,
ordenou as cousas de sorte (co-
mo em muytos costuma a divi-
na providẽcia) q̄ nam sõmente
ficãram atalhados os errados in-
tentos dos homẽs, mas tambem
ficou a Cõpanhia cõ nova glo-
ria no mũdo, q̄ tal vez por onde
cuydam os maos que ham de
derrubar o edificio, por ahi o
costuma Deos a levãtar; & quã-
do tratam de desfazer na hõra
dos bons, entam costuma Deos

mostrar

Anno da
Cõpanhia
16.

O que se
obrou em
França cõ
estas cer-
tidoens.

Hor. lib. 3.º
de. Vis con-
siliij expers
mole ruit
sua.

Anno de
Christo de
1555.

mostrar q̄ sam melhores, como se lhe descubriram, & cavaram minas de ouro,quãdo tratavam de os acabar, & sepultar debayxo da terra.


IO Cheyas estam as letras sagradas, & as historias profanas de semelhantes exemplos, com os quaes podiamos provar esta verdade, bastanos o que em França nos succedeo, aonde a Companhia,depois desta grande tormenta, ficou tam authorizada, que logo nella foy recebida com privilegio de natural, & com fundaçam de dous Collegios, hum na mesma Cidade, & Vniversidade de Paris, outro em Bilhõn, que tomou à sua cõta fundar cõ singular piedade, & zelo o illustrissimo, & Reverẽdissimo Guilhelme do Prado Bispo de Claramon. E aquelles dous Collegios foram como primicias, & bẽafortunados principios de outros muytos, que pelo tempo adiante se fundaram naquelle Christianissimo Reyno, com tam valente successo, & com tam multiplicados ganhos, que foy necessario, dentro do mesmo Reyno, dividirem se as casas, & Collegios da Companhia em muytas provincias, que hoje vemos florecer, com grande gloria da Religiam catholica, & Romana, que tam perseguida foy naquelle Christianissimo Reyno, com o incendio das heregias, que o furor in-

fernal de Calvenistas, & semelhantes monstros aticaram, mas hoje por mercè de Deos, & incançaveis trabalhos dos nossos Padres, & pelas victorias gloriosissimas da Magestade Christianissima delRey Luis XIII.o Iusto, vemos quasi de todo ponto apagadas. Assim triunfa a verdade da mentira, & assim vimos domado o monstro da enveja, & desterrados de França os depravados intentos da furia da heregia.

Anno da
Companhia
16.

CAPITULO XVIII.

Como neste anno de mil e quinhentos sincoenta e sinco, mandou elRey Dom Ioãm entregar à Companhia o Collegio das escholas menores da Vniversidade de Coimbra.

I  Os capitulos passados vimos quã bom oonceyto tinha formado o serenissimo Rey Dom Ioãm da virtude, & procedimentos da Companhia, agora veremos cõfirmada por obras esta boa opiniam: porque neste anno de mil quinhentos & sincoenta & sinco, em que himos, nos fez hũa grande mercè, em que bem mostrou que se bem nos defendia com

Como a Companhia começou a florecer em França.

Anno de
Christo de
1555.

os estranhos com cartas autorizadas, melhor nos acrescentava em seus Reynos com mercês grandiosas; entregandonos as eschôlas publicas de Philoſophia, Rhetorica, & mais letras humanas da Vniuersidade de Coimbra, mostrando nesta acçã o amor, que nos tinha, & a confiança, que de nós formava.

Occasiam
que houve
pera nos
darem as
eschôlas
menores.

2 A occasiam que houve pera se tirarem estas eschôlas aos mestres estrangeyros, que as tinham a seu cargo; & pera as entregarem à Companhia se originou particularmente por causa da boa informaçam, que davam a elRey, de quam bem socediam às classes que os nossos Padres liam no Collégio de S. Antãm em Lisboa; porque era grande o fruyto, que se recolhia nas letras, & virtude, pela nova criaçam que os nossos Religiosos davam aos filhos daquela Cidade, os quaes depois de terem mestres religiosos, juntamente creciam no saber, & na logeyçam, & primor de bõs costumes, com que alegravam a seus pays, & edificavam a Cidade. E deseяando muytos, que este bem se communicasse ao Reyno todo, advertiram os de seu conselho a elRey D. Ioãm, que entregasse tambem à Companhia o Collegio real das Artes, & letras humanas da sua Vniuersidade de Coimbra: por-

Os mestres
do Latim
eram es-
trãgeyr os.

que posto que no dito Collegio ouvesse mestres muyto doutos, que o mesmo Rey trouxera, & chamãra de varias Vniuersidades de Europa, principalmente de Paris, com avetajados partidos; julgavam porẽm os do conselho, & o mesmo Rey, que melhorava muyto a criaçam, & ensino dos filhos de seus vassallos, dãdolhes mestres naturaes, & religiosos, q̄ tinham por instituto, & profissam encaminhar as almas a Deos.

3 Principalmente que a idade mais tenra, necessita mais de quem melhor a encaminhe, porque nella facilmente, como em cera branda se imprime, & se estampa, assim o bem da virtude, como o mal do vicio. E assim como as arvores de fruyto, nunca estam mais arriscadas, que quando as vemos mais floridas, assim nunca a vida humana estã em mayor perigo de se perder, que quando estã mais cõ flor pera crescer, conforme ao que diz Sancto Agostinho:^a *Flos ætatis periculum mentis*. E pois he certo, segundo a sentença de Salamãm,^b que os costumes que hum de moço bebe, esses conserva ainda quando he velho; assim he grande bem, como dizia ainda o Gentio,^c começar bem de minino.

4 E se todas as obras pera serem perfeytas, & bem acabadas, se querem tomadas de lãge

Anno da
Companhia
16.

Quãto mō-
ta a cria-
çam desde
tenra ida-
de.

^a
Aug. Ser. 46
de tẽpore.

^b
Prou. c. 29.
nu. 21. Qui
delicatẽ
pueritia nu-
trit seruum
suũ, postea
sentiet eum
contumacẽ,
&c. Ecclesi.
7. n. 25. Filij
tibi sunt, e-
rudi illos, &
curua illos, à
pueritia il-
lorum.

^c
Vir. 2. Geor.
Adeõ a te-
neris affue-
cere multũ
est.

(por

lmo de
isto de
555.

(por nam serem atropeladas cõ a prẽssa que traz consigo o comẽçar tarde) bem se deyxã ver, que pera a virtude ser perfeyta na velhice, ha de comẽçar bem na infancia: porque assim como nam sã caudaes, & de muytas agoas os rios, que tem seu nacimiento perto do mâr, senã os que vem de muyto longe, passando por varias terras, recolhẽdo em sy muytas fontes, & tomando outros rios, com que vẽ a defaugoar no mâr, nomeados por fama, & caudalosos em agoas: assim os que logo do principio de sua vida, comẽçãram bem, & de longe tomãram o caminho da virtude, sempre ficam mais aproveytados na mayor idade.

5 E como o principal fim da Cõpanhia he ensinar a virtude nas eschõlas, que tem à sua conta, & com os mestres seculares, & estrangeyros se podia temer, que com as letras humanas, nam sãhissẽ tam aproveytados nas virtudes, queria o religiosissimo Rey neste particular estar seguro, pera que os filhos dos seus Portugueses naquella primeyra idade bebessem em fontes limpas, & nam ouvesse alguma peçonha que viesse a Portugal, como mercadoria prohibida, com mestres estranhos, vindos das partes Setentrionaes, que naquelle tempo se hiam inficionando com maytos

erros, & he cousa certa como notou Seneca, ^d que os moços, de melhor vontade aprendem a peor doutrina. E nam foram isto sò temores de hum Rey acutelado, mas juizos muy bem fundados, pelo que em algũs se foy descubriendo, entre os quaes ouve hum famoso mestre, & muy conhecido por suas letras humanas, chamado Iorge Bucanano Escocẽs de naçam, o qual foy mestre da Latinidade em Coimbra, & vẽdose atalhado pelo Tribunal da Sancta Inquisiçam, que lhe nam deyxava vomitar a peçonha de suas heregias, que queria communicar a seus discipulos, se voltou a sua terra, aonde teve por discipulo ao mesmo Rey de Escocia, que depois foy de Inglaterra, Iacobo, filho da serenissima, & sanctissima Rainha Dona Maria, com o qual mais montãram os enganõs de hum mestre depravado, que os conselhos de hũa mãy sancta. Estes temores davã grandes estimulos ao serenissimo Rey, & aos do seu real conselho, pera tratarem de buscar mestre, de cuja doutrina melhor fiassem a de seus filhos.

6 Descursavã tãbẽ os do conselho real, que por esta via se livrava o Rey do continuo cuydado de prover aquelle seu Collegio de lentes, substitutos, & mais officiaes, despachando a hũs, aposentando a outros, &

Anno da
Cõpanhia
16.

^d
Sen. in Tgy-
est. Perora
iuvenes fa-
cile præce-
pta audiūt.

Iorge Bu-
canano foy
herege.

Qual seja
o principal
fim da Cõ-
panhia em
suas escho-
las.

Anno de
Christo de
1555.

acrescentando a todos por causa de os trazer contentes, & bẽ applicados a suas cadeyras.

7 Este real pensamento, q̃ depois de maduro conselho se tratou de dar à execuçam, communicou Sua Alteza ao Padre Diogo Mirám, que entam era Provincial da Companhia, o qual escreveu logo ao nosso glorioso Patriarcha Sancto Ignacio, dandolhe conta dos intentos delRey, & do assento, q̃ nisto se tinha tomado em seu conselho, fometendose em tudo a sua direyçam. Foy a resposta do Sãcto, que com todo o agradecimento aceytasse do serenissimo Rey a mercê, que nos fazia, pela muyta confiança, q̃ mostrava de nosso procedimento, entregandonos a doutrina, & boa criaçam de toda a juventud deste Reyno, & pela grande liberalidade, com que nos mandava dar aquelle Collegio com todas suas rendas.


8 Havida esta resposta se veyo o P. Provincial a Coimbra com cartas, & mais ordens necessarias, pera se fazer esta entrega, como de feyto se fez neste anno de 1555. no mes de Outubro, pelo Reytor, ou Mayoral do Collegio das Artes, chamado o Doutor Diogo de Teve, o qual lhe deo pacifica, real, corporal, & plenaria posse do dito Collegio, de suas cadeyras, de suas rendas, de seus privile-

Doutor
Diogo de
Teve era
Reytor do
Collegio
das Artes.

gios, & izençoens, & de todas as mais coulas a elle pertencẽtes. Estava entam este Collegio situado no lugar, aonde agora vemos o Tribunal, & carceres do sancto Officio, no fim da rua de Sancta Sofia.

9 Porey aqui o Alvará, ou carta, pela qual elRey mandou fazer esta entrega: cujo original temos autentico no Collegio de Sancto Antám.

CARTA DEL REY Dom Ioám III. pera o Doutor Diogo de Teve entregar o Collegio das Artes á Com- panhia.

IO outor Diogo de Teve eu elRey vos envio muyto saudar; mandovos que entregues esse Collegio das Artes, & governo delle, muy inteiramente, ao P. Diogo Mirám Provincial da Companhia de IESV, o qual lhe assim entregareis do primeyro do mes de Outubro, que vem deste anno presente de mil quinhentos sincoenta & sinco, em diante, porque assim o key por bem a meu serviço, como vos já tinha escrito, & cobrareis esta minha carea, com seu conhecimẽto, pera vossa guarda; & assim entregareis os ornamentos, & prata, & movel da cappella do Collegio, & as letras, & matrizes que vos foram en-

tregues

Anno d
Companhia
16.

Anno de
Christo de
1555.

treguas a Fernam Lopez de Castanhe-
da guarda do cartorio da Unversida-
de, pera tudo ter a bom recado, até
eu mandar o contrario, & cobrareis
conhecimẽto em forma do dito Fernam
Lopez, feyto pelo escrivam de seu car-
go, & assimado por ambos, em que de-
clare lhe ficam as taes cousas carregadas
em receyta, porque pelo dito conhe-
cimento em forma, vos seram levados
em conta; & por esta mando ao dito
Fernam Lopez as receba, & vos passe
dellas conhecimento em forma. Ioam
de Seyxas a fez em Lisboa a 10. dias
de Setembro de 1555.

11 E desta carta se vê cla-
ramente, que se nam chamava
o Reytor deste Collegio Payo
Rodrigues, como diz o nosso
Chronista geral, d senam Diogo
de Teve, como consta desta
carta.

12 Fezse esta entrega do
Collegio das Artes, & escholas
menores à Companhia, com
grande satisfaçam, & geral ap-
plauso de todo o Reyno. Entre
outros, que muyto aprovavam
tam boa resoluçam, foy grande
zelador desta obra Dom Anto-
nio Pinheyro, que ao diãte foy
Bispo dignissimo de Miranda,
& Leyria, & entam era muy va-
lido com a pessoa real, assim
por sua muyta virtude, como
pela conhecida eminencia de
sua grande habilidade, de sua
muyta eloquencia, & conheci-
mento, que tinha nam menos
de letras divinas, que das huma-

nas: o qual depois que vio em
o Collegio de S. Antam em Lis-
boa, o modo com que os nossos
mestres ensinavam, sempre jul-
gou que ficaria em mayor be-
neficio commum da republica
Portuguesa, se houvesse mestres
Religiosos, & naturaes, nam se
expondo às perdas, que podia
haver com os seculares, & es-
trangeyros. Tambem ajudou
muyto ao bom successo deste
negoceo o may Reverendo Pa-
dre Mestre Frey Martinho de
Ledesma, honra da sagra a R-
ligiam dos Prègadores, luz da
Theologia, ornamento, & glo-
ria da Unversidade de Coim-
bra, ao qual em grande parte
devemos o bom logro desta en-
trega.

CAPITULO XVIII.

*Declarase a forma em que a
Companhia aceyto u o cnydado
das escholas menores, & mo-
strase a izença, que sem-
pre tiveram da Vni-
versidade.*

1 **O**uve porẽm al-
gũas difficuldades
que vencer nesta
materia da entre-
ga do Collegio das Artes, &
classes de Latim, assim da nossa
parte, como da parte da Univer-

Anno da
Companhia
16.

Fr. Marti-
nho de Le-
desma da
Ordẽ de S.
Domingos.

Anno de
Christo de
1555.

fidade, de quem pareceo dar aqui alguma noticia, pera evitar alguma duvida, que por ventura poderá haver. Primeyramente por parte de nossa Companhia, antes q̄ nos resolvessemos em aceytar esta mercê da entrega das classes, se represētaram nam pequenas difficuldades: porque algũs discursavam, que nos nam convinha, por sermos Religiosos, aceytar aquellas cadeyras, q̄ ally tinham seculares. E que nẽ as rendas que elles gozavam, & Sua Alteza entam nos dava, diziam com nosso instituto,^a que totalmente nos prohibe receber premio, que pareça ser estipendio de liçoens. Tambem se representava que nam convinha a Religiosos, que sam izentos dos Bispos, haverem de ficar sogeytos aos Reytores da Vniversidade, como parece que deviam ser, pois estas eschõlas menores eram como membros da Vniversidade, & como partes daquelle insigne composto, cuja cabeça era o seu Reytor.

^a
Conf. Soc.
10. parag. 5.

Como se
desfizeram
estas diffi-
culdades.

2 Com tudo facilmente se desfizeram todas as difficuldades, que ao principio se movêram por parte da Companhia, visto termos já em outras partes tomado o cuydado de semelhantes eschõlas, com grande fruyto dos estudantes: & visto outro sy esta occupaçam, ainda que ally a tinham seculares, nam desdizer com homens re-

ligiosos, antes ser muy cõforme com nosso instituto,^b que nos manda que em tudo procuremos o mayor serviço de Deos, & proveyto das almas, & nam ha duvida que podiamos ajudar muyto a Republica christã na boa criaçam dos estudantes, que viessem a nossas eschõlas. E ainda que o estudo de Philosophias, & Humanidades, parçe méramente profano, com tudo he certo que o Curso das Artes he degrao pera a sagrada Theologia; & o estudo do Latim cõduz muyto pera os estudos mayores de letras divinas, & Canones sagrados. Quanto ao estipendio, que se nos offerencia, se respondia, que ainda que o nam podiamos aceytar por via de paga, & recompensaçam, nolo podiam dar cõ titulo de esmola, ou de dote (como se fez) suprimdo Sua Sãctidade qualquer defeyto, que no contrato houvesse.

3 Com muyta facilidade se alhanãram estas difficuldades, que por nossa parte se movêram; mas nam foy assim nas que por parte da Vniversidade se altercãram; antes houve neste particular grandes contendas, que aqui brevissimamente apõtarey, com toda a certeza possivel, pera que esta noticia possa ao diante dar algũa luz se houver alguns, que por quererem zelar o bem da Vniversidade,

Anno de
Companhia
16.
^b
Sum. Conf.
Reg. 2.

Anno de
Christo de
1555.

Duvidas
por parte
da Univer-
sidade.

Como se
respondeo
a esta du-
vida.

nes quizerem de novo mole-
star.

154 Primeiramente por par-
te da Univerſidade, ſe levava
muyto mal; havermos de ſer
izenos da juridiçam do Rey-
tor da Univerſidade, & de ſeus
reformadores, & mais officiaes;
viſto daremos de ſuas meſmas
rendas: & que aſſim parece pe-
diſſa rezam, que os meſtres das
eſcholas menores foſſem como
membros das mayores, ſogeytos
toſos ao meſmo Reytor. A eſta
duvida ſe respondeo por parte
del Rey Dom Ioã III. por hũa
ſua proviſam, paſſada no anno
de 1557. que nam obſtante a
repugnancia da Univerſidade,
elle queria, & mandava, que o
noſſo Collegio das eſcholas me-
nores tiueſſe total izençam das
mayores, & de ſeu Reytor, &
mais officiaes. E tambem a meſ-
ma izençam, ou foſſe por via or-
dinaria, ou traſordinaria; nos cõ-
cedeo depois el Rey Dom Seba-
ſtiam em hũa proviſam paſ-
ſada no anno de 1564. nove an-
nos depois da Companhia ter a
ſeu cargo as ditas eſcholas. O
meſmo conſta de hũa carta del
Rey Dom Sebaſtiam perã o ſeu
Embaxador em Roma Dom
Fernando de Meneſes, filho de
D. Diogo de Meneſes Caval-
leyro da Ordem de Chriſto, &
de Dona Cicilia de Meneſes: a
quel carta foy eſcrita em Al-
meyrim, em 22. de Março de

1565.

5 E pera que em occaſiam
de viſita (que de tempos em tẽ-
pos ſe coſtuma fazer naquella
Univerſidade) nam houeſſe ao
diante mais duvidas, declarou o
meſmo Rey Dom Sebaſtiam,
por outra ſua proviſam, paſſada
no anno de 1572. que os Viſi-
tadores dos Collegios das Ar-
tes ſam os superiores da Com-
panhia deſta Provincia. Decla-
rando mais, que havendo algũa
coiſa digna de advertencia, ou
emmenda, o meſmo Rey man-
darã avisar aos superiores da
Companhia: & nam ſe applican-
do por elles remedio conveniẽ-
te, enformaria ao Summo Pon-
tifice, pera prover no ſobredito.

6 E porque ainda depois
de taes proviſoens ſe moveram
duvidas por parte da Univerſi-
dade, com proteſtos de nam po-
derem dar ſuas rendas aos que
nam eram ſeus mẽbros, ſe veyo
a Univerſidade a contratar, &
concertar com a Companhia,
ſendo procuradores por parte
da Univerſidade o proprio Rey-
tor, que entam era Dom Iero-
nymo de Meneſes, filho de Dõ
Henrique de Meneſes gover-
nador da caſa dõ civil, & de D.
Brites de Vilheña; & juntamen-
te o grande Doutor Pero Bar-
boſa, cedendo entam a Univer-
ſidade dos proteſtos, que tinha
feyto. E q̃ ſendo nec. eſſario de-
rogaffe o Summo Pontifice a

Anno da
Companhia
16.

Os Supe-
riores da
Companhia
ſam os Vi-
ſitadores
do Collegio
das Artes

Contratos
entre a Uni-
verſidade,
& o Colle-
gio das
Artes.

Anno de
Christo de
1555.

bullada ereyçam da Vniversidade, na parte, que dizia que fossem membros da Vniversidade os que houvessem de comer suas rendas. E outra vez se assentou a tal izençam das eschòlas menores da Vniversidade: estes contratos foram confirmados por elRey Dõ Sebastiam, cõ clausulas amplissimas, de seu motu proprio, certa sciência, & plenitudine potestatis: declarando na dita confirmaçam, que seu avo o senhor Rey Dõ Ioám Terceyro, entregâra as ditas eschòlas á Companhia, por entêder o muyto fruyto, que disso resultaria ao Reyno, como por experiencia, diz, se tem visto. E tambem á instancia da mesma Vniversidade, & do proprio Rey Dom Sebastiam foram, os ditos contratos cõfirmados pelo Papa Gregorio Decimotercio, & no segundo contrato se assentou, que d'ally em diante todo o governo das eschòlas menores ficava plenaria, & privativamente dentro, & fõra destas eschòlas aos superiores da Companhia.

Foram estes cõtra-
tos confir-
mados pelo
Papa.

7 E finalmente á instancia da propria Vniversidade, & do senhor Rey Dom Sebastiam, foram os ditos contratos confirmados pelo Papa Gregorio Decimotercio, com clausulas muy amplas, & irritantes, em rezã das quaes confirmaçoens, & muyto em especial pela de Sua

Sanctidade, ficon o Collegio da Companhia recebendo a dita sustetaçam, como dotaçam perpetua, & fundaçam, porque assim lhe chama o dito senhor Rey Dom Sebastiam na sua cõfirmaçam. Nam pararam porê aqui estas duvidas, q já ficavam tambem ajustadas (que em cõmunidades grandes, sempre ha grandes zeladores, que cuydam que se afamam em bulir de novo com algũas pedras, que estavam já muy bêm assentadas) & assim tratando a Vniversidade de fazer estatutos nõvos, tratou tambem de revogar em parte os privilegios de nossa izençam, que tantas vezes estavam confirmados: & porque estes estatutos nõvos nam deviam executar-se nas eschòlas menores, em quanto estivessem a cargo da Companhia, ordenou o senhor Rey Dom Sebastiam por seu alvarã, passado no anno de 1559. que os ditos estatutos se nam entendessem nas eschòlas menores, em quanto houvesse por bem, que os Padres da Companhia tivessem a governança dellas; o qual alvarã està confirmado por elRey de Castella no anno de 1634. & o que mais he registado nos livros da Vniversidade, & confirmado pelo Reytor da dita Vniversidade, Dom Alvaro da Costa, filho de Dom Gilianes da Costa, presidente da Camara de Lisboa, &

Anno da
Companhia
16.

Alvarã
cõfirmado
pela Vni-
versidade.

prefi-

Anno de
Christo de
1555.

Novos des-
gostos so-
bre esta
visita.

Fizemos
assistencia
das eschó-
las.

presidente da mesa do Paço, & de D. Margarida de Noronha, o qual morreo sendo Cappellão mór deste Reyno. O mesmo ordenou o dito senhor Rey D. Sebastiam por outra provisam passada no anno de 1572. & por outra passada no anno de 1574.

8 Porém com a mudança do Reyno, & cõ a entrada del Rey Philippe o Prudente, mandãdo elle visitar a Vniversidade por Mano el de Quadros (filho de Simam de Quadros, que depois foy Bispo da Goarda, & tinha sido Inquifidor, & da mesa da Cõsciência) houve da nossa parte grãdes desgostos nesta visita, pela instancia, q̃ elle, & a Vniversidade fizeram em nos quererẽ visitar. E por ser contra nossos estatutos, mandou expressãmente nosso P. Gêral Claudio Aquaviva de boa memoria, que effectivamente fizessemõs desistancia das classes, em mãos de Sua Magestade. Pera isto se executar, mãdamos a Castella no anno de mil quinhentos oytenta & nove, ao nosso insigne Doutor o Padre Pero da Fonseca (de quem por vezes tenho falado) o qual entrou a falar no Escorial a el Rey Dom Philippe, com grande animo, & sancta liberdade, por final que se espantou o Rey de ver a muyta segurança, & religiosa gravidade, com que o Padre Pero da Fonseca lhe falou, & lhe fez li-

beral offerta das eschólas menores, dizendolhe, que mais estimavamos a conservaçam de nossas regras, que as cadeyras de grandes rendimentos. Nam quiz porẽm o Rey, como prudente que era, aceytar esta nossa offerta, antes ordenou, que continuassemos na fórma, & posse, que atẽ entam se tinha goardado.

9 E porque no anno de mil quinhentos noventa & tres, confirmou a dita Vniversidade os seus estatutos nõvos, nos quaes ordenam cousas contra nossa izençam, recorreo o Collegio outra vez a el Rey Dom Philippe, pedindolhe, que se nam praticassem os taes estatutos contra a fórma das provisoes dos senhores Reys de Portugal, & contra os contratos feytos com a mesma Vniversidade. Mandou logo el Rey, que assim se executasse, atẽ que elle nam mandasse outra cousa; tudo consta de hum seu alvarã, ou carta, escrita ao Reytor da Vniversidade, no anno de mil quinhentos noventa & quatro: nem atẽ hoje se mandou o contrario. E nesta posse de omnimoda izençam da Vniversidade, de seus Conselhõs, de seus Reytõres, Visitadores, & mais officiaes, se conserva a Companhia hã noventa & dous annos, que tantos vam do anno de mil quinhentos sincoenta &

Anno da
Companhia
16.

Estã o Col-
legio em
posse de
nam ser
visitado
pela Vni-
versidade.

Anno de
Christo de
1555.

Da obriga-
çam, &
jogeyçam,
que deve-
mos à Vni-
versidade.

linco, em que a Companhia tomou posse das eschólas menores até o anno de 1647. em que isto se vay estampando; & este modo de izençam he o que se pratica no mundo todo, nas terras aonde a Companhia tem a seu cargo vinte e cinco Vniversidades, & mais de cento & cinquenta estudos gêraes.

IO Porém posto que temos esta total izençam da Vniversidade, de seus Reytores, & reformadorès, nem por isso deixamos de confessar a muyta obrigação, em que lhe estamos, & a muyta gratidam, que lhe devemos: de sorte que ainda que negamos ter jogeyçam à Vniversidade, no foro contentioso, lhe confessamos toda a sumissam no foro politico; & senam tomos membros desta illustre cabeça, somos servos desta clarissima princeza, & assim negando jogeyçam de subditos, rendemos reconhecimento de servos; & se lhe nam temos obrigação juridica, confessamos vassalagem gratuita: & posto que dizemos, que nam somos partes juntas com este nobilissimo cõposto, temos outra mais nobre uniam, porque nos offerecemos todos pera servirmos, nam como partes, ou em parte, senam que todos em tudo, & de todo ponto, nos empregamos em seu serviço, criandolhe, & ensinandolhe, com todo o cuydado, &

diligencia, os que vem a Coimbra pera ser alumnos seus, & q̃ pelo tempo adiante sam os seus Lentes, os seus Doutores, & Reytores.

II E além de reconhecermos na Vniversidade a hõra, & superioridade de mayor (pois por este respeyto se chamam os nossos estudos E schólas menores) tambẽ lhe agradecemos muyto o grãde cuydado com q̃ de suas mesmas rēdas reparte cõ o nosso Collegio, dandonos muy liberal a porlam, que o serenissimo Rey Dõ Ioãntam nos assinou, pera sustētaçam dos Mestres, & mais pessoas, que se occupam no meneyo destas eschólas, q̃ sam tres mil cruzados, alẽ de quinhētos cruzados, q̃ se dam à conta da fazēda real. Nẽ ha q̃ ter escrupulo de se darẽ estas rēdas da Vniversidade aos q̃ nam sam mēbros della, pois como disse atrazjã este escrupulo está tirado pelos Sum. Põitifices: & assi todos ficamos mēbros da mesma cabeça, q̃ he o Rey. Nẽ se segue q̃ por nam serẽ estas nossas eschólas jogeytas à Vniversidade, ficaria ella tendo duas cabeças, hũa cõ o seu Reytor, & outra as eschólas menores cõ o Reytor do nosso Collegio, q̃ pareceria mostruosidade ter hũso corpo duas cabeças, como tambẽ o seria haver hum corpo sem nenhũa porque a este argumẽto respõdeo já o senhor Rey

Anno da
Companhia
1622

Responde-se
a hum ar-
gumẽto cõ-
tra o que
temos di-
ta.

Anno de
Christo de
1555.

D. Sebastiam, dizendo, q o mesmo Rey, como protector, que era de todas suas escholas maiores, & menores era sua cabeça, ficando ellas sendo membros seus; & á vista de hũa cabeça real, nam tem que ter escrupulo, nem os mais zeladores do bem da Vniversidade, de confessarem, que tambem sam membros desta cabeça, & partes de tal composto. Tudo o que aqui brevemente apontey, consta das provisoens reaes, q temos no cartorio de Coimbra, & parte está no archivo da Vniversidade, & da mesa da Consciência.

CAPITULO XX.

Dáse algũa noticia dos primeiros mestres da Companhia, que léram nas cadeyras de Philosophia, & Latim nas escholas menores, & do muyto que naquelle Collegio floresceram os professores destas artes,

I Rã neste tempo Reytor, no Collegio de Coimbra o Padre Leão Henriques, de quem largamente temos falado, o qual teve a boadita de ser tambem o primeyro Reytor da Vniversidade de Evora, como vimos, & tambem

lhe coube agora a ditosa sorte de ser o primeyro Reytor do novo Collegio das escholas menores: com elle, & com os mais Padres antigos tratou o P. Provincial Diogo Mirãm de prover aquellas escholas de professores pera as facultades de todas as cadeyras, que eram dezaseis, quatro de Cursos de Philosophia, dez de Latim, hũa de Grego, outra de Hebrayco, depois se acrescentou mais outra de Latim.

2 Nas quatro cadeyras de Philosophia sucederam aos mestres seculares, nesta primeyra entrada, quatro Religiosos da Companhia: no quarto Curso entrou a ler o P. Ignacio Martins, cõmumente chamado em Portugal Mestre Ignacio, nam tanto por ser mestre na Philosophia escholastica, quanto por ser mestre na doutrina christã, q por espaço de dezasete annos ensinou, no Reyno de Portugal, como largamente vimos no livro quarto.^b E certo q nam foy pequena gloria do Collegio das Artes em Coimbra, que o seu primeyro mestre do quarto Curso, fosse hum varãm tam insigne, nam sò pela borla de Doutor, com que em Evora foy laureado, quanto pela gloria de Sãcto, com que no Reyno sempre foy estimado.

3 No terceyro Curso entrou o P. Pero da Fõseca (q tinha vin-

Anno da
Companhia
16.

Numero
dos Mes-
tres das es-
cholas me-
nores.

P. Mestre
Ignacio.

^b
2.p.l.4.ã.c.
47.

P. Pero da
Fõseca foy
mestre do
3. Curso.

p.l.5.c.36

Anno de
Christo de
1555.

do do Collegio d'Evora) pera ler a Methaphisica, que depois nos imprimio, em quatro tomos, hõrando a Companhia com obra tam insigne, & illustrando as Philosophias cõ doutrina ram apurada. Deste excellentissimo varãm, Doutor, & Mestre da sagrada Theologia, tenho por vezes falado nestes livros, & sãpre he menos do que nos merece tam illustre sogeyto, q nam menos nos autorizou com suas abalizadas letras, que com seus muy acertados governos.

P. Iorge
Serrãm M.
do segũdo
Curso.

4 No segundo Curso entrou o Padre Iorge Serrãm, o qual tambem ao diante no anno de mil quinhentos sincoenta & nove foy o primeyro lente de Prima de Theologia, que teve o Collegio, & Vniversidade de Evora: tambem deste insigne varãm tenho por muytas vezes falado nesta Chronica, & sempre foy pouco, & muyto mais d'elle se podia dizer. Ao primeyro Curso deo principio o Padre Marçal Vaz, que tambẽ foy sogeyto de grandes prẽdas. Pera substituto dos Cursos de Philosophia foy nomeado o P. Sebastiãm de Moraes, aquelle, que depois foy o primeyro Bispo de Iapãm, do qual se farã muy honorifica mençãm, por quem profeguir esta Chronica, no anno em que se embarcou pera aquelles Reynos.

P. Sebastiam
de Moraes M.
do primeyro
Curso.

5 As dez classes de Rhe-

torica, Poesia, Humanidade, & Grammatica, & as duas liçoens de Hebrayco, & Grego, se proveram de mestres muy intelligẽtes, & applicados a feu officio, alguns dos quaes eram jã muy nomeados em Portugal, pelas boas mostras, que de sua doutrina, & rara eloquencia tinham dado em Lisboa, & em Evora, qual foy o Padre Cypriano Soarez, de quem atraz já falamos, vindo da primeyra classe de Lisboa, a ser o primeyro mestre da primeyra em Coimbra; & merecendo elle por muytos titulos ser o primeyro, nam sò nas letras humanas, mas tambem no conhecimento das escrituras divinas, nas quaes veyo a ser muyto douto, ensinandoas no Collegio de Coimbra, & depois no de Alcalã, sendo tambem insigne na Theologia, que leo com grande aceytaçam, muy visto nas historias, muy copioso na erudiçam: vindo finalmente acabar sanctamente em Placencia, no anno de mil quinhentos noventa & tres, tendo perto de oytenta annos de idade; foy natural de Ocanha, do Arcebispado de Toledo. Deyxounos (como já disse) no quarto livro impressa a Arte de Rhetorica, que cõtem tres brevissimos, & elegantissimos livros: tambem cõpoz hũs Cõmentarios Vobre os Psalmos de David, & sobre os Cãta-

Anno da
Companhia
16.

Quem fo-
ram os pri-
meyros Me-
stres de
Latim.

c
2. p. l. 4. c. 4.
num. 4.

P. Cypria-
no Soarez
veyo ler a
primeyra
classe.

Anno de
Christo de
1555.

Pero de
Perpinhão
veyo ler á
segunda
classe.

res, os quaes até agora se nam imprimiram.

6 A segunda classe veyo tomar o P. Pero de Perpinhã, excellentissimo orador, q já nos tinha honrado em Lisboa, & actualmente em Evora estava lendo a primeyra classe, ao qual Collegio deve Coimbra tam insigne mestre, Elle foy o primeyro que com muyta eloquencia, & graça, neste anno de 1555. ao primeyro dia de Outubro, quando os nossos sahiram a primeyra vez a ler no Collegio real das Artes, em presença de toda a Vniversidade, & do Bispo Conde Dom Ioã Soares, deo conta dos Collegios, q já tinha a Companhia, & das escholas, q já tomãra a seu cargo, & das causas porque aceyrava esta occupaçam de ensinar Philosophia, & letras humanas; mostrando como semelhantes exercicios, que parecem muy exteriores, nam desdouram, antes illustram muyto a perfeçam religiosa da Companhia. No mesmo anno literario teve o Padre Pero de Perpinhã outras duas oraçoens publicas, huma em Dezembro, nas exequias do serenissimo Infante D. Luis, raro exemplo de Princeses Christãos; & outra a quatro de Julho, na festa da Rainha S. Izabel, continuãdo os dous annos seguintes, conforme os estatutos da mesma Vniversidade,

em ter as oraçoens (que chamam da Rainha Sancta) empregando sua eloquencia, & seu talento na excellencia das perfeçoens daquella alma bendita, & daquelle corpo incorrupto; tudo com grande aplauso da Vniversidade, & admiraçam dos ouvintes.

7 Depois foy o Padre Pero de Perpinhã chamado a Roma, pera naquelle theatro do mundo sahir este novo Demosthenes, vindo das Athenas Conimbricenses: orando muytas vezes em presença do Summo Pontifice Pio Quarto, & de toda a Corte Romana, que com grande gosto lhe assistia, parecendo-lhes que tornavam a ver resuscitado, & ouvir de novo no Senado Romano o seu Tullio, quando com mayor força de rezoens, & profundidade de sentenças, com o espantoso trovãdo de sua voz, & cõ o ligeyro rayo de sua lingua fulminava impetuoso contra o patricida Catelina; orando (como disse o outro Sabio^e) em Roma, & enchendo com sua voz o mundo todo.

8 Daqui o mandãram os superiores a França, em socorro dos Catholicos; pera com sua grande rethorica, & vivesa de sentenças confundir os hereges Calvinistas, cõtra os quaes muytas vezes sahio a campo, armado com sua rara eloquencia, & cõ a suavidade de suas palavras, com grande corrête de rezoens,

Anno da
Companhia
16.

Vay a Roma o P. Pero de Perpinhã.

^e
Sil. Ital.
Implevit
mundū voce,
& furialia bella,
Fulminecōposuit
lingua.

Vay tambẽ a França.

Anno de
Christo de
1555.

Sua morte fora de tempo.
f
2. p. l. 4. c. 4. n. 5.

Grãde estima que delle ouve.

& força de affectos, convertendo a muytos, sendo notavel o concurso da gente, que o vinha ouvir, levados por huma parte da excellência da lingua Latina, tam apurada, & tam polida; & por outra enlevados da graça de sua rhetorica, & do suavissimo plectro de sua pronunciaçam. Aqui continuando neste louvavel exercicio, foy Deos servido de o levar pera sy (como dissemos no quarto livro^f) depois de ter huma oraçam, na qual confundio, & converteo muytos hereges, morrendo na victoria, & ficando sepultado entre os triunfos de sua rara eloquencia, nam sendo ainda mais que de trinta & seis annos de idade, podendose delle dizer que primeyro foy capitã que soldado, & que primeyro soube vencer do que aprêdesse a peleyjar.

9 Causou sua morte grande sentimento em quasi toda Europa, que tinha corrido com as azas de sua fama, que ainda hoje vive estampada no liuro q nos deyxou impresso de suas eloquentissimas oraçoens. Muyto se poderia dizer de quam estimado foy em vida, & quam sentido foy na morte este excellentissimo orador: em prova trarey aqui o testimonho, que delle deram dous eloquentissimos varoens, que foram lumes da rhetorica de nossos tempos,

cõvem a saber Paulo Manucio, escrevendo a Zerbino Ricio, desta maneyra. *Decessit alienissimo tempore, cum ad eum salutaris doctrinae dogmata de loco superiore ostendentem, omnis omnium concursus fieret, cum haeretica factionis insidias patefaceret, impetum frangeret, tela retunderet: decessit, inquam, florente adhuc aetate, nimis immatura morte, summo ingenio vir, incredibili scientia copia, maxima iam apud omnes bene sentientes existimatione, & autoritate Perpimanus noster, &c.* Em muyto mais breve periodo recuperou Marco Antonio Moreto os louvores de tam insigne orador. *Nullum nostro tempore fuisse (diz elle) in quem illud de Nestore elogium melius conveniret, cuius ex ore melle dulcior fluebat oratio, &c.* Deyxo outros muytos louvores domesticos de autõres nossos, de Horacio Turcellino,^g Nicolao Orlãdino,^h Francisco Sachino,ⁱ & outros clarissimos autõres, cujos testimonhos mostram, quam celebrado, & aplaudido foy no mundo este mestre, q em Coimbra começou a ler a segunda classe, nas eschõlas menores, q se entregaram á Companhia.

10 Pera substituto de todas estas classes foy nomeado, & mandado vir de Lisboa aonde estava lendo (como disse no quarto livro^k) o Padre Manoel Alvarez, muyto douto nas letras humanas, & mais sancto na perfeçam divina: o qual cõ

Anno da
Companhia
16.

^g
Hor. Torc.
l. 10. a n. 5.
fol. 624.
^h
Nic. Orlãd.
Soc. l. 15. n.
99. infra
medium.
ⁱ
Franc. Sach.
l. 2. n. 163.

^k
2. p. l. 4. c. 4.
num. 7.

Anno de
Christo de
1555.

Anno da
C. parhia
16.

Arte do P.
Manoel Al
vrez.

seu grande conhecimento das tres lingoas, Hebrayca, Grega, & Latina, que por muytos annos, com grande louvor, professou, deo grande lustre ao novo Collegio das Artes, & muyto mayor com o resplãdor de suas sagradas virtudes, sendo nelle Reytor, & depois Preposito da casa de Sam Roque. A este Padre reconhece ainda hoje por mestre nam somente Portugal, mas toda a Christandade, pela muy excellente Arte de Grammatica, que nos deyxou impressa, que he o texto, que inviolavelmente seguimos, & commẽtamos nas escholas de Latim, deyxou mais impresso hum livrinho aureo, em que dã bastante noticia da cantidade das primeyras syllabas, que todas sam breves pera os muytos louvores que elle merece.

II Estas foram as primeyras pedras do edificio das escholas Conimbricenses, sobre as quaes depois edificaram os que lhe succedẽram pelo tempo a diante; muytos delles foram varoens eminentissimos em todas as facultades, que se professam naquelle Collegio, porque (deyxando a parte os insignes mestres, q'ally houve de Theologia) sempre o Collegio das Artes, de que agora particularmente falo, teve nas suas cadeyras Filosoficas professores muy diligẽtes, que com seus subidos

engenhos fizeram valentes entradas pelos immensos campos da Philosophia, & com galhardo successo abriram nõvas minas, & descubriram requissimos tesouros, com que a facultade Filosofica em Portugal esta hoje alevantada de sobrepono, & reduzida a hum excellente methodo, ajuntando a luz da clareza, com a graça da brevidade.

12 Tambem na Arte Oratoria floreceram no Collegio de Coimbra excellentes mestres, que podiam fazer envejaos Hortensios, aos Quintilianos, aos Tullios, aos Demosthenes, de quem (como o outro disse^l se admiraram as Athenas pela grande copia de boas palavras destes nossos insignes mestres, pela admiravel erudiçam, pela propriedade do Latim, cultura, & generosidade da fraze, elegancia de estylo, facilidade tam grande no falar, como se a lingua Latina, que aprendẽram por arte, lhes fosse a propria, em que nasceram por natureza. Outros entraram confiadõs pelos frescos prados, & alegres florestas da poesia, & atrevendõse a desprezar (como do outro se disse^m) os regatos patientes, & as alagoas abertas, ouzaram a beber nas mais profundas agoas de Pindaro, & atreveran se a engolfar na mais remota fonte Cabalina.

l
Iuuen. sat. 10. Quem mirabantur Athenæ Torrentem, & pleni moderatè trænna theatru.

m
Hor. Ep. 1. 2. Ep. 3. Pindarici Fontis qui nõ expalluit haufres, fast. dire lacus, & viuos aũsus apertos.

O Collegio de Coimbra sempre teve vinte e seis Me. ftes.

Anno de
Christo de
1555.

ⁿ
Hor. l. i. Ep.
3. Prima fe-
res hereda-
victicis pra-
mia.

^o
Hor. Sat. l. i.
Sat. i. Luca-
nus an Apu-
lus anceps,
Nam venu-
simus, &c.

13 Antes passando muyto
avante, fiados nas ligeyras azas
de seus subidos engenhos, mais
velozes, que as do fabuloso Pe-
gazo, chegaram ao mais alto
cume do Parnasso, & respeyta-
dos de todo o erudito coro de
Apollo, ⁿ mereceram cõ muyto
louvor levar, como a outro se
prometia, os primeyros premios
da hera vencedora, com que fo-
ram dignamente coroados; po-
dendose muytos igoalar no cã-
to heroyco com a trôbeta Mã-
tuana, & na suavidade da lyra
cõ o Cyrne de Lucania, ^o &
competir no engenho elegiaco
cõ o Romano, a quem nam
roubou o nome de engenhoso
a infelicidade de desterrado; &
podêdo vestir a tragica os mais
altos cothurnos de Melpome-
ne.

14 De tudo isto tivemos
naquellas eschôlas illustres mo-
numentos, & o experimētamos
cada dia nas oraçoens publicas,
que se tem naquella Vniversi-
dade, & nos muytos, & excellē-
tissimos poemas, com que sahē
cada hora de estylo muy lima-
do, muy polido, & grave; & nas
famofas tragedias, & bem en-
graçados dialogos; com que tē
sahido em varios theatros: tudo
obras nam menos puras na ma-
teria, que insignes no concerto,
de q ha muytos, & muy grãdes
livros no Collegio de Coimbra,
q mostram bē quantos, & quam

insignes engenhos nelles flore-
ceram, depois que a Companhia
tem a seu cargo o Collegio das
Artes, & as eschôlas da Latini-
dade.

CAPITULO XXI.

*Acaba de ser Provincial o Pa-
dre Diogo Mirâm, entra em
seu lugar o Padre Doutor Mi-
guel de Torres: conta-se o modo
por onde Sancto Ignacio
trouxe á Compa-
nhia.*

Eyta a entrega das
eschôlas menores
nas mãos do Padre
Provincial Diogo
Mirâm, que foy (como tenho
dito) no primeyro dia de Outu-
bro de 1555. & compridos os
tres annos de seu Provinciala-
do (porque tantos havia, que o
dito Padre governava esta Pro-
vincia com grande exemplo de
sua pessoa, & proveyto dos sub-
ditos) teve aviso de nosso Padre
S. Ignacio, que entregasse o
governo ao Padre Miguel de
Torres. Tem a Provincia de
Portugal grande obrigaçam a
este bom Padre Diogo Mirâm,
porq ellè foy o primeyro Rey-
tor que teve o Collegio de
Coimbra, ao qual governou
mais com o exemplo, que com

Anno de
Companhia
16.

Obrigaço-
ens que se
esta Pro-
vincia de
P. Diogo
Mirâm.

Anno de
Christo de
1555.
2
1.p.l.1.c.20
4n.5.

b
Clem. Alex.
l. Stromad.
Moyses au-
te, vt semel
dicam, fuit
lex animata.

c
1.p.l.3.c.11

a
1.p.l.3.c.35

palavras, como vimos na primeyra parte, ^a executando em sy o que ensinava aos subditos: o mesmo fez sendo Provincial, & depois sendo Viceprovincial, por morte do Padre Gonçalo Vaz de Mello: & procedendo sempre em seus governos de tal maneyra, que com rezam podemos delle afirmar, o que de Moyses disse Clemente Alexandrino, ^b que era huma ley viva, & huma ley animada, porque dava vida às ordens, que punha a seus subditos, mandando, & obtando. Foy tambem por muyto tempo superintendente das obras do Collegio de Coimbra, as quaes promoveo muyto, principalmente no tempo em que foy Reytor o Padre Gonçalo Alvarez, de quem falamos na primeyra parte. Tambem foy em Roma Assistente de Portugal, & das Provincias da India, & Brazil, em todos os annos, q foy Gêral o Sancto Padre Francisco de Borja: por cuja morte deyxando este cargo teve o tempo mais livre, pera de todos se entregar a Deos. E finalmente cheyo de annos, & de merecimentos acabou em sahcta velhice, na casa professa de Roma, no anno de mil quinhentos & noventa.

2 Sucedeo lhe pois no Provincialado o Padre Miguel de Torres, o qual (como dissemos na primeyra parte) tinha vindo

por Visitador a Portugal, quando o Padre Mestre Simam Rodrigues foy mandado pera Roma por nosso Sancto Patriarcha Ignacio. Foy tambem este Padre hũa das mais autorizadas pessoas, que tivemos nesta Provincia, o qual era natural da villa de Alagon, visinho a Caragoça, em Aragã, a onde nasceo de pays nobres, no anno de 1509. a 23. de Agosto; ally aprendeo as primeyras letras. Mandado depois por seus pays à Vniversidade de Alcalã, nella proseguio seus estudos, com grande nome de letrado, & rara madureza de costumes, atè tomar o grau de Doutor em Theologia, & ser Collegial, & Reytor do Collegio mayor daquella Vniversidade, na qual foy Cathedratico de Philosophia, cõ rãto louvor, & satisfaçam de todos (por seu grande engenho, rara modestia, & estremada prudencia) que foy escolhido, entre todos os Collegiaes mayores, & Doutores daquella Vniversidade, pera hir a Roma a defender o direyto della, contra o Cardinal Dom Ioã Taveyra Arcebispo de Tolledo, & contra Gaspar de Quiroga seu Vigario gèral, que a pretendiam sogeytar à sua jurisdicam.

3 Chegou a Roma no mes de Setebro do anno de 1540. em que foy pela Sanctidade do Papa Paulo Terceyro, confir-

mada

Anno da
Copanhia
16.

Patria, &
criaçam do
P. Miguel
de Torres

Anno de
Christo de
1555.

Como Deos
mudou o
D Miguel
de Torres.

mada a Companhia de IESVS. Levava o Doutor Miguel de Torres tam sinistra opiniã do Padre Sancto Ignacio, que recusava muyto velo, quanto mais tratalo; que assim pretendia o diabo desvialo do Sancto, & assim lhe armava Deos, pera o meter em suas mãos. Resolveuse com tudo de o bulcar, & tratar, por curiosidade de saber se era sua doutrina tam ruim, como lhe diziam. Começou enfim ao communicar, & lhe ficou tam affeyçoado, que logo teve por Sancto o que dantes lhe avaliavam por sospeyto: & ficou tam satisfeyto de seu espirito, q o glorioso fundador teve confiança pera lhe dizer, que entrasse naquella nõva Religiam da Companhia, ao que respondeo o bom Doutor, que posto nam sentia em sua alma tal vocaçam, com tudo naquelle particular sua Paternidade o tratasse com Deos, & o que sua divina bondade lhe dẽsse a sentir, isso tomaria por norte pera seguir. Tres vezes fez oraçam ao Senhor o Sancto Patriarcha, & nella claramente lhe manifestou Deos ter escolhido ao P. Torres pera o servir nesta minima Companhia.

4 Passados alguns dias, sahindo ambos ao campo, lhe disse o Sancto varãm; tres vezes, senhor Doutor, fiz oraçam a Deos sobre o que me encomẽ-

dastes, & em conclasam se me respondeo, que vos abraceis cõ a humildade de Christo, nesta nõva Religiam: pois assim he, respondeo o Doutor, nam ha pera que vossa Paternidade se canse mais em me persuadir este bem, nem pera que eu tarde em o alcançar: *Ecce ego*, cumpra-se em mim a võtade do Senhor, que nada he o que deyxo, & infinito o que espero. Tal foy a resoluçam que tomou este bom Doutor, entrando logo em hũs exercicios espirituaes, dados pela mã de S. Ignacio, q nelles fez voto de entrar na Companhia. Mas parecendo assim bem ao mesmo Sãcto, ficou a coufa em segredo, & concluindo os negocios em Roma, se tornou a Alcalã a dar conta do que ficava feyto. De caminho lhe ordenou nosso Sancto, que passasse por Guandia, & visitasse aquelle Duque, que livre jã da obrigaçam do matrimonio, tambem tinha feyto voto de se sacrificar a Deos na Companhia. Grande foy a consolaçam que sentiram estes dous resolutos servos de Deos com esta visita, na qual de novo se afervorãram a cumprir os desejos de sua vocaçam.

5 Chegando a Alcalã no anno de 1546. esteve no Collegio mayor até o fim do anno de 1547. & gastando alguns meses em dar conta dos negocios a que foy a Roma, hindo

dispon-

Anno da
Companhia
16.

Resolveuse
a entrar
na Companhia.

Anno de
Christo de
1555.

Começou
sua vida
na Cõpa-
nhia Jen-
do supe-
rior.

dispondo suas cousas, pera çatar as ultimas contas com o mundo, lhe veyo huma obediencia de Sancto Ignacio, no fim do anno de 1547. em que lhe ordenava fosse a Salamanca a dar principio, & a governar hum Collegio, que naquella Univer- sidade queria fundar o Cardeal Dom Francisco de Mendoça Bispo de Corea. Notavel caso foy este, & digno de toda a ponderaçam, que o Padre Miguel de Torres primeyro entrasse a ser superior, do que começasse a ser noviço, & primeyro tivesse premio de Capitam, que começasse a vencer praça de soldado, como de Sam Paulo se viu, que começou sendo logo Sancto, assim do Padre Torres podemos dizer, que começou sendo logo superior, alcançan- do no principio, antes de ser noviço, o que muytos nam merecem por remate, depois de professos; tal foy seu espirito, & tal virtude, lhe ensinou Sancto Ignacio naquelles seus exerci- cios em Roma; que de tam boa escola nam podia deyxar de sair tam bem aproveytado.

6. Nam faltaram ao Padre Torres, no principio da funda- çam deste Collegio muytas per- seguçoens de linguas maldize- res, mas assim como se pareceo com seu pay Sancto Ignacio nos trabalhos, que ambos padecé- ram em Salamanca, assim foy

igual a remuneraçam dos favo- res, que Deos lhe communicou, nesta Univerfidade, porque hin- do ao principio os lentes, & os estudâtes, que nam tinham no- ticia da Companhia a ver por curiosidade a hum homem, de quem se diziam tantos males, achavam a hum Reytor, que pa- recia Sancto, & merecedor de grandes bens, alcançando por experiencia que a sanctidade de suas excellentes obras, encon- trava a malignidade das ruins linguas; & assim d'ally por dian- te o buscavam com grandes cõ- cursos, nam pera elles o tenta- rem, mas pera delle se aprovey- tarem: & muytos destes troca- dos já os animos, pediram a Cõ- panhia, & foram logeytos muy escolhidos os que o Padre Dou- tor Miguel de Torres ally re- cebéo.

7 De Salamanca foy este bom Padre mandado a Portu- gal por Visitador, no remate do governo do Padre Mestre Si- niam, como consta desta histo- ria; daqui, tornando a Castella, foy o primeyro Provincial de Andaluzia; donde fazendo vol- ta a este Reyno, foy algum tem- po companheyro collateral do Padre Diogo Mirâm Provin- cial, até que finalmente lhe su- cedeo no cargo, que teve por espaço de cinco annos, até o de 1560. no qual começou a ser Preposito da casa de S. Roque,

Anno da
Cõpanhia
16.

Da boa o-
piniam q
começaraõ
ter do P.
Torres.

Anno de
Christo de
1555.

de que teve cuydado por muytos annos, nam interrompendo este governo, senam pelo tempo, em que outra vez foy Visitador desta Provincia. Foy também depois algum tempo superior no Collegio de Coimbra, & ultimamente, ainda em Portugal, em vida do Cardeal Infante Dom Henrique, foy Reytor muytos annos daquelle seu Collegio, & Vniversidade de Evora, & ainda depois de sahido de Portugal foy Reytor do Collegio de Madrid.

8 Quam excellente fosse o seu governo, & quam mercedoras delle as boas partes q̄ Deos lhe communicou, de humildade, zelo, prudencia, caridade, & inteyreza, se vê bem da muyta cõfiança que delle sempre fez S. Ignacio, & os dous Gêraes seus successores, porque sempre o troxeram occupado com governos, nam lhe valendo, nem as grandes escusas que dava, nem a muyta velhice que tinha. E em particular nosso S. Padre fiava tanto de sua verdade, que lhe chegava a mandar muytos papeis asinados em branco por sua mão, pera elle escrever o que melhor julgasse, estando certo que o estylo das cartas, diria bem com a firma do nome.

(?)

Muyta cõfiança que S. Ignacio fazia do P. Torres.

Anno da
Companhia
16.

CAPITULO XXII.

De huma prophecia do B. Padre Francisco de Borja acerca do Padre Doutor Miguel de Torres, & de suas penitencias, vigias, & jejuns.

N Am quero deyxar de apõtar hũ particular favor, que Deos nosso Senhor fez ao Padre Miguel de Torres, por meyo do B. Padre Francisco de Borja. Todas as vezes que este Sancto encontrava ao Padre Torres, se alvorocava tanto interiormente, que manifestava esta alegria com evidentes sinaes no exterior. Fundavamse estes tam alegres sinaes no que Deos lhe tinha revelado, acerca do Padre Miguel de Torres, o que o B. Padre dizia fora com tanta certeza, & luz do céo, que antes podia dvidar de ser assim o que via cõ os ólhos, do que haver de deyxar de ser o que delle tivera por revelaçam: foy o caso, que tẽdo o Padre Miguel de Torres ouvido que o B. P. Francisco de Borja experimentava a Deos tam liberal, que alcançava o q̄ lhe pedia, quando offerecia pela tal tençam tres missas à

San-

Anno de
Christo de
1555.

Sanctissima Trindade, pera lhe alcançar de Deosa graça final. Respondeolhe o B. Padre, que por tam justa petiçam de boa vontade offerceria aquellas missas; as quaes logo nos tres dias seguintes applicou.

2 Indo depois o P. Miguel de Torres tratar de certo negocio com o B. Padre, sem saber q as missas estavam ditas, & sem esperar q por entam lhe falasse sobre sua petiçam, o B. Padre cõ hum rosto cheyo de alegria extraordinaria, & espirital suavidade, lhe disse: *Iã tenho, Padre meu, ditas as tres missas, & Deos me tem revelado, que vos haveis de salvar, & que vísso nome estã escrito no livro da vida: isto vos digo com tam infallivel segurança, que me tira toda a duvida de nam haver de succeder assim: & depois que o Senhor foy servido de me manifestar este segredo, nam posso declarar a reverencia que tenho a vossa bendita alma.*

3 Isto he o que passou entre aquelles dous servos de Deos, que por serem tam calificados, fica esta historia tendo mayor authoridade, & o mesmo lemos ter Deos revelado a Sãto Antonio de Padua, acerca de hum notario, o qual posto q por entam vivia mal no mudo, era por Deos eleyto pera o ceo. O que a mim me causa particular admiraçam, he fiar Deos tanto do Padre Miguel de Torres, que desse licença a seu fa-

miliar servo Francisco, pera lhe descobrir, com tanta clareza, tal segredo, que a divina providencia quiz que nos estivesse escõdido no incõprehensivel tesouro de seu eterno conselho.

4 Este celestial favor declarou depois o Padre Miguel de Torres, sendo Reytor no Collegio de Evora (ultimo governo que teve em Portugal) ao Padre Luis de Molina, Doutor tam celebre no mundo, & neste tempo Cathedratico de prima da sagrada Theologia, naquella Vniversidade, com o qual, vindo a falar em revelaçoens, disse o Padre Doutor Luis de Molina, que nam se podia fazer caso de revelaçoens, se nellas nam intervinha a certesa da cousa revelada; & a certesa de ser Deos o revelante, & que esta dava Deos aos Prophetas por hũ modo possivel a sua divina magestade, mas a nõs muyto escõdido; a este proposito lhe descobrio o P. Miguel de Torres, o q com o sancto varã Francisco de Borja tinha passado, declarãdolhe a certesa com que lho affirmara; & acrescentando, que sem embargo desta segurança, viverã sempre como quem estava em duvida de se salvar, procurando alcançar por merecimento, o que lhe estava revelado por favor: resoluçam digna de humã tam prudente alma, & verdadeyra-

Anno de
Cõpanha
16.

*Occasiam
que ouve
pera se sa-
ber desta
revelaçãõ.*

Palavras
que o B. P.
Francisco
disse ao P.
Miguel de
Torres.

Ribade. 13.
Junij, in vita
S. Ant. Ex
Suno, & a-
ijs.

Anno de
Christo de
1555.

mente humilde, que entendia quam mal dizia pagar com descuydo proprio, a hum senhor tam cuydoso do bem alheyo. Calou o Padre Doutor Luis de Molina este favor do céo (que lhe descubrio o Padre Miguel de Torres) por elle assim lho pedir, nem tivemos noticia delle, senam depois de sua morte, porque entam o contou o P. Luis de Molina, da maneyra que temos referido.

Cuydado q
punha em
sua salva-
çam.

5 Mas he rezâm que mostremos, como o P. Miguel de Torres senam deyxou levar da segurança do premio, pera se esquecer do merecimento do trabalho: desdo tempo que tomou os exercicios espirituales de nosso Padre, ficou tam affeyçoado ao sancto uso da oraçam mental, que (âlem do tempo q cada dia dava ao sacrificio da missa, ao officio divino, & à liçam da sagrada escriptura, & dos sanctos, & aos exames da consciência, como se costuma na Companhia) por mais occupaçoens, que tivesse com os homês, nũca deyxava de ter muytas horas de oraçam com Deos: & pera imitar ao Senhor (nam sòmente orando de dia, mas tambẽ pernoytando com elle) se levantava no mayor silêcio da meya noyte, como outro David,^b quando por nam poder de dia, com as occupaçoens, & negoceos da corte, se levantava no mayor descã-

ço, & no melhor ocio da meya noyte, descubriendo entre estas trevas, & escuridades nocturnas, as mais resplandecentes luzes do divino sol.¹

6 Nenhũa noyte passava a este servo vigilante sem se levãtar àquella hora, & tomar logo hũa disciplina, & logo hũa hora de oraçam de joelhos; costume que sendo já muy velho, & tẽdo de idade mais de oytenta annos, sẽpre goardou inviolavel, achãdo neste sãcto exercicio requisimos thesouros de suavidade, & devaçam, continuando sempre na missa, & na oraçam, cõ grande copia de lagrimas, que estas sam as perolas q envejava Chrysofostomo^c nos ólhos de David, quando chorava, mais preciosas que as que se pescam no Oriente, pois com ellas se nos abrem as portas do paraíso, como a embayxadores, que assim lhes chamou S. Ambrosio,^d que manda a alma a seu creador, & q sempre sahem com bom despacho. Na disciplina se havia com tanto rigor, tirando forças de fraqueza, como se fosse hum principiante, que por querer atropelar o mundo, se vingava de sy mesmo; & lembrãdo lhe algũas vezes hũ religioso, que advertisse q era velho, & lhe podia fazer muyto mal o rigor da disciplina, & a perseverança na oraçam, o constante servo do Senhor se defendia, respondendo

Anno da
Companhia
16.

De sua
muyta ora-
çam. &
mortifica-
çam.

^c
Tom. 3. Ser.
de Passione
Dom.

^d
Tom. 2. in
psal. 37.

^b
Pf. 118. nu.
62. Media
nocte sur-
gebam ad
confitendũ
tibi, &c.

Anno de
Christo de
1555.

Como se
havia nas
vigias.

com muyta humildade, eu Padre nam fuy noviço, & assim he necessario que o que nam fiz naquelle primeyro anno, fiq agora pagado por toda a vida.

7 Nem a conta destas cōtinuas vigias se recolhia mais sedo pera dormir, como alguns fazem, tomando o salto de longe, & cambiando a vigia futura, pelo sono anticipado; nem tam pouco depois da vigia nocturna, prolongava o sono diurno, como outros costumam, que quando vigiam de noyte, dormem mais de dia, ficando perdendo o merecimento que antes houve na vigia, com a preguiça que depois tiveram no sono.

8 Até idade de oytenta & sinco annos, em que Deos lhe quiz dar o premio de seus bem empregados trabalhos, nunca deyxou de jejuar as Quaresmas, & os mais dias de jejum da Igreja, & a estes acrescentava outros de sua particular devaçam, como eram os dias que corrẽ da Ascensam do Senhor, atè a Paschoa do Espirito Sancto, & as festas feyras do anno; além de todos os dias a noyte passar com hũa leve abstinencia, tratando de trazer a alma valente, a conta da

fraqueza do

corpo.

(?)

CAPITVLO XXIII.

Continuase a mesma materia, da muyta oraçam do Padre Doutor Miguel de Torres, & da muyta prudencia que tinha no governo de seus subditos.



Lem da penitencia rigorosa que fazia, continuou tam pontual na oraçam, que nem as grandes occupaçoens, & compridos caminhos (quaes sam os de Roma, aonde foy de Portugal tres vezes, a tres eleyçoens de tres Prepositos géraes) bastaram pera lhe interrõper tam sancto exercicio: quando caminhava tinha sempre por costume adiantarse muyto dos companheyros, pera hir falando, a sua vontade, com Deos; & nestas suavissimas praticas hia tam absorto, que nam advertindo nos caminhos que levava, parece que os Anjos do cõo nam somente lhe guiavam os passos pera nam errar, mas tambem tomando nas mãos, lhe defendiam os pès, pera nam tropeçar, como o Propheta dizia: *In manibus tollent te, ne vnquam offendas ad lapidem pedem tuum.*

Anno da
Cõpanhia
16.

*Traças q
uzava pe-
rater ora-
çam.*

^a
Pf. 90. n. 11.

Anno de
Christo de
1555.

Perigo de
que Deos
o livrou
por meyo
da oraçãõ.

2 He muyto boa prova desta angelica providencia, & celestial protecçam, o que lhe aconteceo hũa vez; que hindo muy adiantado dos cõpanhẽyros, conforme seu sancto costume, se enlevou tanto em Deos, que totalmente se esqueceo de sy, & do manifesto perigo, em q̃ de repente se vio precipitado, porque tomado a cavalgadura por hum passo de hũa serra muy estreyto, & alcantilado, resvalou por hũa costa pendente, atẽ o deytar, rodando pela mõtanha, no mais bayxo da serra, por cujas fraldas corria hum muy arrebatado rio, junto do qual se vio o bõ Padre igualmente metido no perigo, & fóra delle: & quasi no mesmo instante saudãdo a morte, & appellando pera a vida; chegarã ao alto do monte neste tempo os cõpanhẽyros, & vendo ao Padre cõ a cavalgadura em bayxo, saltados de magoa, nam pelo que era, mas pelo que temiam que fosse, o foram buscar, & cuydãdo que o achassem morto, o achãram sem perigo, como se viesse cahindo nam pelos penhascos da serra, mas por colchoens de lã, que nam podia perigar quem tam seguro voava com a alma pelo cõo.

3 Era tam pontual neste sancto exercicio da oraçãõ, que cortava por todos os negoceos, q̃ lha podiam estorvar. Estando

hũ dia pera se tanger à oraçãõ da cõmunidade, lhe deram recado, que hũa pessoa titular, de grande authoridade, & de muy illustre sangue o chamava; viose o Padre muyto molestado, pelo chamarem os homens, quando acodia a Deos, usou de hũ meyo pera nam deyxar a oraçãõ, nẽ escandalizar ao fidalgo, vay ter com elle, pedindolhe que fosse sua Senhoria servido de lhe dar licença, pera acudir por espaço de huma hora a hũa muy precisa obrigaçãõ, & de muyta importancia (que na verdade nenhũa nos importa mais) & que ella acabada, se viria logo servir a sua Senhoria. Ouveo elle assim por bem, antes lhe deo particulares graças, por usar cõ elle de tanto primor, que viesse darlhe aquella satisfaçãõ, quando o chamava primeyro outro Senhor tanto mayor: & na verdade nam perde ponto de cortesia com os homẽs, quem primeyro a cõstuma goardar com o Criador, & tambem he certo q̃ nam hã secular bem entendido, que estranhe a hum Religioso, deyxar de lhe acudir a elle, por acudir primeyro à obrigaçãõ da sua regra.

4 Esta constancia em sua oraçãõ goardava tambem em todas suas devaçõens, & na rãza do officio divino, & muy particularmente no sacrificio da missa, que jã mais nunca

deyxou

Anno da
Cõpanhia
16.

Como era
p̃tual na
oraçãõ.

Anno de
Christo de
1555.

deyxou de dizer senam por cau-
sa de alguma grande enfermi-
dade, & costumava a dizer o bõ
Padre, que ouvir, & celebrar o
divino sacrificio da missa, nam
tira, antes fõrra tempo, nem em-
pede jornada, antes a facilita. E
este sancto costume goardou
todas as tres vezes que foy de
Portugal às congregaçõens gê-
raes a Roma, nam passando dia
nenhum em que nam dissesse
missa; nem lhe faltãram muytos
cafos, que parecãram milagro-
los, com que Deos nosso Senhor
manifestou quãto lhe agradava
a diligencia de seu bom servo,
em nam deyxar nunca (por cau-
sa de occupaçam, ou difficulda-
de de caminhos) de dizer missa.
Trazia sempre hum rosario in-
teyro, preso da parte do ombro,
& além do tempo que tomava
pera suas devaçõens com a Vir-
gem Sanctissima, ninguem o via
sem estas contas na mã, como
se esta fosse a sua principal oc-
cupaçam na vacancia dos ne-
goceos, que mais o cãsavam: jul-
gando q̃ entam melhor feriava,
quando mais rezava.

5 Deste interior trato cõ
Deos resultava no exterior hũa
singular composiçam em suas
acçoens, & hum sancto sofrimẽ-
to das descomposiçoens q̃ às ve-
zes em outros achava, & seu es-
tylo, era em qualquer occasiam
trabalhosa, levantar os õlhos ao
cõ, & dizer com hum reveren-

cial encolhimento, & sofrida
humildade, façase Deos meu
vossa sancta võtade: & com este
escudo facilmente rebatia os
golpes das ruins repostas.

6 Nas palavras era muy
circunstancionado, & tam co-
medido que parecia que nam
tinha payxam nenhũa, & que
sabia refrear todos os primey-
ros impetos, & q̃ trazia em sua
mã o freo com que regia, go-
vernava, & sopeava as fẽras mais
bravas dos appetites humanos,
vencendo a cada hum, como se
tivesse imperio sobre todos, que
estas sam as esclarecidas victo-
rias, que prometeo Isayas, ^b al-
cançariam os fieis, em virtude
de Christo crucificado, dizendo
que o velho, & o minino com
hũ sõ final, & ameaça se fariam
temer dos feros animaes, que
representam as payxoens do ho-
mem, fazendoas viver em paci-
fica irmandade. Nunca o viram
irado, & sempre com a mẽsma
quietaçam, & serenidade exte-
rior, q̃ bastava pera cõpor os sub-
ditos, q̃ nelle punham os õlhos.

7 Tinha grãde charidade
com os de casa, visitava todos os
dias muytas vezes os doentes,
ordenando ao enfermeyro que
lhe desse repetida conta do es-
tado dos enfermos, & se algũ ti-
nha doença grave, ou perigosa,
nam descãlava, fazialhe aplicar
as mẽsinhas, atẽ esgotar todos os
remedios. Encomẽdava muyto

Anno da
Copanhia
16.

Como era
mortifica-
do nas pa-
lavras.

^b
Isayas c. ii.
n. 6. & 7. Ha-
bitabit lupus
cum agno,
& pardus cū
hædo accu-
babit, vitu-
lus, & leo, &
ovis simul
morabuntur
& puer p̃-
uulus mina-
bit eos.

Devaçam
que tinha
as contas
de N. Se-
nhora.

Anno de
Christo de
1555.

c.
Ge. c. 18. n.
2. Quod cū
vidisset, cū
currit in oc-
cursum eo-
rum, &c.
d
Chryf. ibi.

a piêssa com que haviam de acudir aos enfermos, & necessitados, & elle a goardava muy pōtual; porque a diligencia he alma da charidade, & a vida das boas obras, & a que deo o ultimo realce àquella tam celebrada holpedagem, que Abraham fez a seus Anjos, tam officioso, & apressado em sua velhice, como se estivesse nos annos juvenis, correndo, como diz a Escriitura, ^c & voando como explica Sam Ioã Chrysofomo, ^d pera servir a Deos, que tinha assentado à mesa; q̄ sem duvida a presteza engrandece as boas obras, & a negligencia as apouca.

8 Nem era de espantar usar de tanta charidade pera cō os de casa, quē tãto a goardava com os estranhos, aconteceu q̄ hum dia em Evora, sendo elle Reytor, lhe mādou hum pobre pedir juntamente nove cousas differentes, referiolhas o porteyro, mais por fazer seu officio, q̄ por esperar bõ despacho, porē o Padre Reytor, que no pobre reconhecia a Christo, lhe mandou dar todas juntas; respeytando serem necessarias, & quando o nam fossem, que melhor era ser enganado com huma petiçam fingida, q̄ arriscarse a nam socorrer a huma verdadeyra falta. Nunca já mais subdito seu algum representou ao servo de Deos sua desconsoaçam, que nam sahisse de sua presença

muy consolado.

9 Esta grande charidade nam lhe impedia ser muy inteyro, & ainda severo com os imperfeytos, & descuydados; mas se achava emmēda nos subditos muy facilmete punha em esquecimento todas as faltas passadas; que nam diz cō a boa rezã poder mais a culpa da cahida, pera vos castigarē, que a graça da emmēda, pera vos perdoarē. Sēdo Reytor em Evora lucedeo a certo noviço, q̄ levado de huma forte tētaçam, se sahio secretamete pela porta da cerca, que hia pera o campo: nam se achou menos o noviço por muytas horas, por ser o Collegio grande, porē o pobre fugitivo achou logo menos o bem de que elle mesmo se fazia indigno; nam pode finalmente sofrer os remorsos da cōsciencia, que a cada passo puxava por elle, pera que tornãdo em sy, voltasse à religiam, pera onde finalmente, rendido a Deos, tornou a emproar, com mayor préssa da que levava.

10 Logo cō a mesma dissimulaçam com que sahio; & mais animoso na tornada, do q̄ fora covarde na fugida; postoq̄ temēdo que seu caso fosse já sabido, lhe representava o diabo novas culpas, & mais feas carrancas, vencendoas porē com a graça divina, se foy lançar aos pés do Padre Reytor Miguel de Tor-

Anno da
Companhia
16.

Como se
havia com
os que se
emmēda-
vam.

Anno de
Christo de
1555.

Palavras.
que disse
ao noviço.

res, pedindo-lhe com lagrimas a penitencia de seu erro. Agasalhou o bom pastor aquella ovelha perdida, que o lobo infernal lhe levava da manada, recebendo com entranhas paternaes, consolando, & dandolhe animo, lhe disse estas formaes palavras (como o noviço depois contava.) Bem fizestes, filho de vos tornardes cedo a Deos, a quem nunca deveys de dar as costas; vence-vos a tentação, & cahistes, mas o Senhor, que por vós deo seu precioso sangue, vos deo tambem a mão, pera vos levantar-des, & pera mais tornardes em vós, corrido só de vós, & nam de outros saberê esta desgraça, & foy tão vosso amigo, que com estardes fóra do Collegio tantas horas, nem vosso mestre, nem os mais sentiram vossa falta; nam descubraes a ninguém, filho, esta fraqueza, que só eu nesta casa sey della, & de mim estay certo, que nam se saberá coisa alguma, nem por isso perderéis o bom nome que tinheis. Com estas sanctas palavras, sahidas de entranhas paternaes, aproveitou tanto o noviço, que teve d'ally por diante notaveis progressos no caminho do Senhor, procedendo com grande exemplo, & sendo depois hum grande servo de Deos: que se ouvesse nos superiores semelhantes entranhas, tambem haveria nos subditos igoaes mudanças.

11 Desta fonte de charidade nascia cuydar bem de todos, & nam se governar por sol-

peytas (virtude muy necessaria aos superiores) porque estas como muytas vezes vam mal fundadas, & nam tem bastante aliceste, dam causa a grandes ruinas. Samos homens de ordinario muy faceis em julgar mal dos outros, & esta facilidade os faz ser temerarios, & os q sam menos sanctos, sam mais sospeytosos, & géralmente qual hum he nos costumes proprios, tal costuma ser nas sospeytas alheyas: nam ha filhos que mais ao vivo representem os pays q tiveram, do que os pensamêtos mostram o autor que tem; & quem sospeyta mal dos outros, nos dá licença pera nam cuydarmos bem delle, porque como diz Sam Paulo, e no mesmo em que hum julga ao outro, dá sentença de condemnação contra sy: *In quo enim alium iudicas, te ipsum condemnas.*

12 Boa prova de qual era nesta parte o Padre Miguel de Torres seja, que estando hum dia em pratica familiar, falando dos actos das virtudes, vieram a tratar de quam falsa, & perigosa coula era cuydar, & sospeytar mal do proximo, & dizendo cada hum a este proposito, como em conferencia sancta, o que sentia, disse o Padre Miguel de Torres, com hum sancta innocencia, *Nam me lembra em minha vida ter sospeytado mal de outreo, salvo hũa vez sobre certa coisa, cujo juizo*

Anno da
Copanhia
16.

De todos
cuydava
bem.

Ad Rom. c
2. num. 1.

Anno de
Christo de
1555.


tambem me sahio falso: Que bom superior este? como andariam os subditos cõrêtes? assim como pelo cõtrario nam ha mayor cruz pera subditos fieis, que ter hum prelado sospeytofo, & hum superior desconfiado.

13 Sõ gostava com a verdade averiguada cõ solidos fundamentos, & della sõ se contentava, & tratava de tam de proposito, que sentio muyto deyxarse algũas vezes levar das primeyras informaçoens alheyas, & muyto menos de imaginaçoens proprias, porque como judiciosamente disse Seneca,^f quem ficaria innocente, se bastasse ser acusado? Nunca se notou cousa alguma, em que este bom Doutor deyxasse de seguir a verdade no sentido singello, & verdadeyro, sem pintar, nem cõrar as cousas que dizia: & daqui achamos que lhe nascia ser muy fõra de encarecimentos, como homem recto, & sincero, que em tudo ajustava suas palavras com a verdade das obras, posto que nam deyxava de entender, que atè os prudentes sabem dar quebra a exageraçoens, & hyperboles; porèm o Padre Miguel de Torres com andar tantos annos em Paço, como logo veremos, nam se deyxava levar de termos polyricos, que andam no trato humano de cortezaõs, pera mais se conformar, com a conversaçam, que

San Paulo tinha nos céos. 8

CAPITVLO XXIII.

Como se bouve o Padre Miguel de Torres no officio de cõfessor da serenissima Rainha Dona Catherina, & como em seu tempo se deo ao Collegio de Coimbra o mosteyro do Pedroso, do qual se dà huma breve noticia.

I  Am se fez a corte pera os servos de Deos, quem quizer guardar a piedade, dizia ainda hum Gentio,^a ha de sahir do Paço, mais que de passo; a virtude que hum Religioso ganhou na lua cella por muytos annos, perde com brevidade, quando troca o mosteyro pela corte. Suposta esta verdade nam ha duvida que merece mayor louvor quẽ merito no Paço entre cortezaõs vive como sancto entre solitarios. Tal foy o bom Padre Miguel de Torres, cuja virtude era tam conhecida, que havendo a serenissima Rainha Dona Catherina, molher del Rey Dom Ioã Terceyro, & irmã do Emperador Carlos Quinto, de tomar cõfessor, escolheo ao P. Miguel de Torres, pela grande satisfa-

çam,

^f
Quis innocens si sufficeret accusare.

Anno da
Cipanhia
16.

⁸
Ad Phil. 3. n. 20. Nostra autem conversatio in caelis est. &c.

²
Luc. Phari. l. 8. Exeat aula, qui vult esse pius.

Anno de
Christo de
1555.

b
2. p. 4. c. 2.
a. n. 3

Grãde pie-
dade da
Rainha D.
Catherina.

cam, que tinha de sua pessoa, de sua rara prudencia, muytas letras, grande religiam, & authoridade. Muyto contra sua vontade aceytou o humilde Doutor esta dignidade, mas nam pode deyxar de o fazer, obrigado da carta de Sancto Ignacio, de que a traz fizemos mēçã, bescrita ao Padre Diogo Mirãm, quando se escusou de ser confessor del Rey Dom Ioã.

2 Tratava muy a meude a serenissima Rainha as cousas de sua alma com seu confessor, como Princeza muy esclarecida em toda a virtude, & piedade, movendo com seu exemplo às senhoras Infantes Dona Izabel, & dona Maria a terem o mesmo amor, & devaçã à Companhia; gostava tanto esta senhora da devaçã, & modestia com que o Padre Miguel de Torres dizia missa, que hindo algumas vezes com suas Damas a visitar a Igreja de S. Roque, lhe mandava primeyro recado, que queria ouvir a sua missa, e q. fizia sua Alteza com tão singulares mostrã de charidade, que se ao entrar, ou ao sair da Igreja, acertava de se dar sinal a levantar da hostia, ou ao entrar no canon da missa, se ajoelhava logo em qualquer lugar que a tornasse este sinal, seguindo seu real exemplo toda a mais corte, que a acompanhava; & assim perseverava até o sacerdote cõ-

sumir o sacratissimo corpo, & sangue de Christo senhor nosso.

3 No meyo desta privança se houve o Padre Miguel de Torres com tanta moderaçã, que nem pera sy, nem pera os seus parentes, nem ainda pera sua religiam houve alguẽ que lhe notasse que se aproveytava de seu valimento: notavel exẽplo pera confessores de Reys, & de Princepes. E nam falando já em sua pessoa, porque era muyto pobre, & despresador de tudo, & queria viver conforme a sua profissã. Em prova desta verdade apontarey huma cousa, q. neste tempo nos succedeo em q. o Padre Miguel de Torres, que nos governava, & os mais Partes consultores da Provincia, mostrãram bem quanto mais estimavam a humildade religiosa, que as dignidades do mundo.

4 O caso foy, que vendo a serenissima Rainha o grãde nome de letras que os da Companhia tinham em Portugal, particularmente por entrã se dar principio à Universidade de Evora, & às escholas das Artes, & de Latim, em Coimbra com mestres tara insignes, como a traz contey, tratou a serenissima Rainha com o Padre Miguel de Torres (quando ella governava estes Reynos) que se nia serviço de Deos, & del Rey Dom Sebastiam seu neto, & bẽ

Anno da
Companhia
16.

Modera-
çã com que
se houve
em sua pri-
vança o P.
Torres.

Como a
Rainha nos
quize entre-
gar as ca-
deyras de
Coimbra.

Anno de
Christo de
1555.

de todos estes Reynos, encarregarle tambem a Cōpanhia das liçoens, que ha da faculdade da sagrada Theologia, em a Vniuersidade de Coimbra. Porẽm o humilde Provincial, depois de render a sua Alteza as diuidas graças, por tam singular merce, lhe pedio licença pera tratar deste particular com os Padres, a quem pertencia dar na materia seu voto: a resoluçam da consulta foy semelhante à que se tomou no tempo do serenissimo Rey Dom Ioã o Terceyro, quando com a mesma liberalidade, & confiança, nos quiz entregar os Tribunaes da Sancta Inquiçam deste Reyno, & assim lhe respondeo, que beyjava a mã a sua Alteza, pela muyta honra que nisto queria fazer á Companhia, & pelo muyto que fiava de suas letras, porẽm que a Companhia renũciava esta mercê nas reaes mãos de sua Alteza, por haver no Reyno outros muytos religiosos, a quem se podiam entregar estas cadeyras, que à Companhia bastava o trabalho das eschòlas do Latim, & que pretendia escusarse da honra das cadeyras da Theologia.

Como se
privãram
os Padres
daquellas
cadeyras.

5 Desta maneyra, por humildade do Padre Diogo Mirãm, no anno de 1552. ficamos perdendo em Portugal o cargo dos Tribunaes da Inquiçam deste Reyno, que nos offerecia

o serenissimo Rey, & agora pela mesma humildade do Padre Miguel de Torres, largamos as cadeyras da Vniuersidade de Coimbra, que nos dava a serenissima Rainha. De hũa, & outra cousa se privãram os Padres com muy liberal vontade, estimando mais a humildade com que nos queremos sogeytar a todos, que a honra com que nos pretẽdiam aventajar a muytos: principalmẽte havẽdo no Reyno outros tam illustres sogeytos, muy dignos daquelles tribunaes, & tam merecedores destas cadeyras.

6 Mas se havemos de dizer tudo, nam faltam ainda hoje entre nõs algũs, que ajuizando as cousas, nam pelo que sam, mas pelo que parecem, & nam pelo que entam eram, senam pelo que depois foram, & vendo as voltas que o mundo tem dado, & os successos que depois se occasionãram, antes quizeram os tribunaes, & as cadeyras, que entam nos davam, pera as governar, que a gloria, & preço, que nos cresce hoje, pelas nam aceytar; porque d'aquelle nosso lanço de humildade, quasi que ninguem hoje se lembra, & por ventura que algũs dũvidem; & se nos ficassem os tribunaes, & tivessesmos as cadeyras, além da honra, tambem nos resultava o proveyto, que quando vem junctos, parece que se-

Anno da
Cōpanhia
16.

O que jã
gamas se
bre esta
nossa re-
nũciagam.

Anno de
Christa de
1555.

2.p.l.4.c.2.

nam devem recusar : porém no que toca à renunciaçam dos tribunaes do Sãcto Officio, nam podemos deyxar de a aprovar, pois foy entam com ordem de nosso glorioso Patriarcha, como dissemos; no que toca às cadeyras de Theologia, nam ha duvida que foy lanço de grande humildade, pois no tempo, em que aceytamos as da Grammatica, que tem o trabalho, regeytamos as da Theologia que tem a honra; fazendo este serviço às outras sagradas religioes, pois tem mestres tam insignes, que com tanta authoridade, & tam conhecidas letras, governam hoje estas cadeyras, ficando nos por bastante honra confessarmos que elles nos hõram: & aos que entre nós quieriam estas cadeyras, antes pera as ter, que pera as deyxar, respõdemos, que estimem mais a humildade de discipulos, que em nós queria o Padre Torres, que a honra de mestres, que nos dava a serenissima Rainha, pois he certo, q̃ mais merece diante de Deos o que quer ser discipulo por humildade, que o que pretende ser mestre por ambicãõ. E aos q̃ duvidarem deste successo da offerta dos Reys, & renunciaçam dos Padres, respõdo, que a mim me basta contar a verdade, nem esta he a mais difficultosa desta Chronica, a vista dos excessivos favores, que, naquelle tempo, as

peçoas reaes faziam à Companhia, conforme largamente temos visto nesta historia.

7 Quanto mayor era o cõmedimento, & humildade do confessor da Rainha, & quanto mais desentereçado seu animo, & livre de toda a pretençam tẽporal, tanto com mayor vontade se movia a serenissima senhora a nos fazer mayores, & mais continuos favores: por esta causa pera levar a diante o nosso Collegio de Coimbra (que a liberalidade del Rey Dom Ioãm seu marido, com real magnificencia tinha traçado, & principiado, pera tanta gloria de Deos, & bem das almas) lhe deo de novo o mosteyro do Pedroso, cõ suas rendas, o qual estã quasi duas legoas antes do Porto na Comarca da Feyra. E porque esta data foy de muyta consideraçãõ, & com que muyto se aerefcetou o Collegio de Coimbra, me pareceo dar aqui huma breve noticia deste mosteyro, o qual foy de Religiosos de Sam Bento, & naquelle tempo estava quasi acabãdo, conforme diz a bulla da uniaõ do Papã Pio Quarto, & nam tinha mais que hum Prior claustral, & tres, ou quatro monges, & por estar vago este mosteyro (da maneyra que dissemos do mosteyro de S. Fiãs) nos fez doaçãõ delle a serenissima Rainha, em nome del Rey D. Sebastiaõ seu neto,

Anno da
Copanhia
16.

Doaçãõ
do mosteyro do Pedroso.

Anno de
Christo de
1555.

Dáse cõta
do mosteyro do
Pedroso.

conforme se usava em todas as doações, & mais obras, que se fizram no tempo da menoridade do dito Rey. Foram as bulhas passadas em Junho de mil quinhentos & sessenta, como se verá, porque vay lançada no fim desta obra.

9 Era com tudo este mosteyro antiquissimo, & a sua fundaçam (conforme as minhas contas) foy antes que reynasse em Portugal o nosso muy bem afortunado Rey Dom Affonso Henriquez, porque acho huma escritura feyta em tempo del Rey de Castella Dom Affonso seu avo, na qual Sizinando Alvres, residente em Coimbra, faz certa doaçam ao mosteyro do Pedroso, donde parece que se nam ha de dar credito a huma escritura del Rey Dom Ioám o Primeyro, em q̄ diz, que el Rey Dom Affonso Henriquez edificou o mosteyro do Pedroso (postoque lhe podiam dar este nome, por elle depois o dotar, & por ventura reedificar.) E mais me confirmou nesta opiniãõ outra escritura, que achei do mesmo Rey Dom Affonso Henriquez, na qual diz, que os frades do mosteyro do Pedroso lhe deram setecentas libras por fazer aquelle couto, & que trocãram com elle, & lhe deram em descambo a quinta do Canidêlo, & Almeãra, que estam no monte serpente pela quinta

de Figueyredo, que está no couto. De maneyra q̄ mostra esta escritura ser o mosteyro edificado desda era de mil, pouco mais, ou menos, contando desda era de Cesar, que foy antes que o nascimento de Christo quarenta & dous annos.

10 Os primeyros, que deram principio a este mosteyro, acho que foram dous illustrissimos casados, chamados Gondizindo Prolix, & Andaguina Palla, filha do Duque Mendo Goterres, & de Ermezenda, irmã da Rainha Dona Elvira, segunda mulher del Rey de Leãõ Dõ Ordonho, Terceyro do nome, & mãy do Principe Ramiro; o que diz a escritura por estas palavras: *Antre os filhos, que houverom assi foy hum filho Froyla, o qual nasceo aleyjado, & quando elles virom a tal vizom, forrãram seus escravos, & fizeram de suas Igrejas certos mosteyros, & que fosse Abbade Esterivo, &c.* Advirto que do nome Froyla tomãram occasiam alguns pera cuydarem ser filha, & nam filho, & pelo conseguinte ser este mosteyro em sua primeyra fundaçam de freyras, da Ordem de S. Bento; mas nam ha duvida ser nome de varãõ, como se mostra em o Rey Froyla de Leãõ. Depois alguns parentes destes fidalgos ajuntãram outras rendas a este mosteyro; delles se nomeam nas escrituras Flamula Prolix, senhora de

Anno da
Companhia
16.

Fundadores do
mosteyro do
Pedroso.

muytas

muytas terras, que lhe deo seu marido Alvaro Prolix Telliz, & ella depois as deo todas a este mosteyro do Pedroso. Tambem Aldozina Prolix, outra dona desta geraçam, deo ao dito mosteyro quanto tinha desdo Douro até Bouga. Gracia Pelais, cavalleyro daquelle tempo, tambem fez suas doaçoes à quelle mosteyro; o mesmo fizeram Gonçalo Prolix, Alvaro Prolix, Bona Pelais, Mendo Gonçalves, & outros muytos, que se cõtem naquellas antiquissimas, & escurissimas escrituras, & he necessãria muyta paciencia pera as ler, & levar até o cabo.

Do nome deste mosteyro.

11 Chamouse este mosteyro do Pedroso, nam por estar fũdado entre pedras, & penhascos, porque antes he terra fertil, & chã, senam porque sua invocaçam he dos gloriosos Princeses da Igreja S. Pedro, & Sam Paulo, & dizẽ algũas escrituras, q̃ a invocaçam era de todos os Apostolos, cujas reliquias aly estavam, & chamase Pedroso de Montecastro: a bulla da uniãõ lhe chama S. Pedro do Pedroso. Outras muytas cousas se poderiam cõtar deste mosteyro, que deyxõ aos curiosos de antiguidades, pera o dito añ. de 1560. em que se nos fez esta uniãõ.

12 Com esta mercè, que a serenissima Rainha fez ao P. Miguel de Torres seu cõfessor, & com outras semelhantes foy

o numero dos sogeytos crescẽdo no Collegio de Coimbra até chegar a 260. religiosos; q̃ ainda nam eram muytos, a respeyto das muytas empresas, & missoes, da gentildade, q̃ deste notavel Seminario de varoes Apostolicos se provem os mais dos annos, pera as missoes trãsmarinas.

CAPITULO XXV.

Como tratou o P. Miguel de Torres seus parentes nesta privança: & de como recusou ser Arcebispo de Braga: de sua tornada pera Castella, & remate de sua sancta vida.

1 **E**stas mercès fazia a serenissima Rainha à Cõpanhia, no Collegio de Coimbra, & outras muy grãdes à casa de S. Roque de Lisboa, sè esperar nẽ hũ minimo final da parte do P. Miguel de Torres seu cõfessor: & bẽ se deyxã ver, que quẽ era tam comedido em pedir mercès, & aceytar favores pera sua religiam, quã izento, & quã sacudido seria pera cõ seus parẽtes; muytos dos quaes quãdo souberam em Aragam o grãde valimento, q̃ o P. tinha diante da serenissima Rainha, lhe escreveram pretendendo por sua via alcançar favores reaes; &

Como se houve com seus parẽtes.

algũs em pessoa vieram a Portugal, esperando por sua via alcançar mercès de tam liberal senhora, com quem o P. Miguel de Torres tinha tam boa valia, fazendo estes parentes do Padre, o que costumam fazer os parentes dos religiosos, que os nam buscam senam quando lhe sam necessarios, pera seu proveyto, & entam nam sò nos buscam algũas vezes, mas perseguẽnos cada hora. Porém neste particular nos deo o bom Padre hũ raro exemplo a nós, & tambem os ensinou a elles, porque ainda que eram muy nobres, de tal maneyra se houve, como se totalmente os desconhecesse, atè que finalmente vendo elles seu grande desapegamento de carne, & sangue, se voltaram pera o Reyno de Aragã, se bem descontentes pelo verem tam seco, ao menos satisfeytos pelo conhecerem tam sancto.

Como se havia nas cousas do governo do Reyno.

2 O mesmõ que o Padre Provincial executava com seus parentes, goardava nas cousas do governo do Reyno, q pertẽciam a rezã de estado, & ainda que muytas vezes a serenissima Rainha se queria aproveytar de sua muyta prudencia, pera o governo do Reyno, elle a mostrava muyto mayor em se escusar de semelhantes conselhos, sem querer tratar de mais, que do q precisamente pertencia ao officio de confessor: & perguntan-

dolhe huma vez a serenissima Rainha, que lhe parecia em tal negoceo, o bom Padre com sua costumada humildade respondeo, que a determinaçã do q sua Alteza lhe perguntava, pertencia ao Conselho de estado, ou à mesa da Consciencia, portq elle nam sabia mais q absolver a sua Alteza; à qual reposta replicou huma vez a Rainha (em conformidade do que se conta da Rainha catholica D. Izabel sua avó.) *O que eu quero saber sobre este negoceo he o vosso parecer, porque entendo, que sò vòs me desenganareis, que o parecer dos letrados, & pessoas do conselho, já sey que sempre favorecem meu desejo, & por esse respeyto me ficam sospeytosos.* Porém nada era bastante pera o bom Padre se fahir de seu grande comedimento, nam querendo em nada exceder o officio de confessor, que como elle dizia, he pera absolver, & nam pera governar. E o certo he, que se assim o fizessem os confessores dos Princeses, teriam menos trabalhos, & seriam mais bem quistos: & nem por isso discontentariam aos Reys; & tambem he certo, q a serenissima Rainha se edificava muyto de ver hũ religioso que assim procedia no paço, como se andasse metido no deserto.

3 Foy observatissimo da pobreza religiosa, nẽ se podia acabar cõ elle q tomasse cousa nõ-

De sua pobreza.

va, trazendo muitas vezes o jubam, & outras semelhâtes peças de vestido por espaço de quinze, & de vinte annos. Offereceolhe por muitas vezes a Rainha peças muy ricas, imagẽs demuyto valor, & reliquarios muy curiosos de grande preço, mas o pobre de Christo com o devido reconhecimento, estimando em muyto mais a preciosa joya da sancta pobreza, se escusou sempre de aceytar qualquer peça destas: nem teve em toda a sua vida nenhũa outra mais que hũ reliquario muy pobre, metido em hũa bolça de couro, na qual decentemẽte trazia algũas reliquias; nem se vio nunca em seu aposento cousa algũa que tivesse sombra de curiosa, ou de algũa valia, porque só a queria ter com Deos. A imagem que tinha pera sua devaçam era de papel: tirãdo de sy toda a affeyçam às cousas da terra, pera cõ mayor affecto a empregar nas riquezas do cẽo.

4 Hum caso õuve em que este humilde servo do Senhor mostrou bem a pobreza, & humildade de seu animo, porque vagando por este tempo a mitra de Braga, por morte do Arcebispo Dom Balthezar Limpõ (que foy religioso da sagrada Ordem do Carmo, grande servo de Deos, & que tinha sido tambem confessor da mesma Rainha D. Catherina, & Bispo do

Porto, & foy dignissimo Arcebispo de Braga) tratou a serenissima Rainha de prover esta cadeyra Primacial no P. Miguel de Torres seu confessor, como nos consta por tradiçam certissima de Padres graves, & antigos daquelle tempo; apertou a Rainha com o negoço muy de vêras, mas muyto mais de vêras o regeytou o bom Padre, com tam grande resoluçam, que se contentou sua Alteza com elle lhe nomear pessoa digna daquelle Prelazia; isto aceytou o humilde confessor, nomeando-lhe ao muy veneravel P. Fr. Luis de Granada, da sagrada Ordem de Sam Domingos, o qual tambem o recusou, & lhe apontou, com gloriosissimo successo, ao Sancto varã Fr. Bertholameo dos Martyres, a quem nam valêram as muitas escusas q deo: que assim fugiam entãm aquelles sanctos das hõras, como agora outros as bulcam.

5 Na pureza, & honestidade de sua pessoa procurava muy bem guardar a regra de seu grãde mestre S. Ignacio, imitando a pureza dos Anjos, na limpeza de corpo, & alma. Nam se podia acabar com elle visitar molheres, sem muy precisa obrigaçam. Nam escrevia, nem ainda sobre cousas espirituales a molheres, ainda q fossem tidas por sãctas, & muy grãde, & extraordinario havia de ser o nego-

De sua grãde pureza.

Escuzase de ser Arcebispo de Braga.

ceo que o obrigasse a lhe responder.

6 Finalmente, por ordê da sancta obediencia, se foy pera a Provincia de Tolledo, da maneyra, que tambẽ tinha ca vindo o P. Mestre Simãm, como dissemos na primeyra parte,^a & postoque de Portugal, por muytas vezes, & em especial sendo Visitador della o P. Pero da Fõseca, se desejasse, & procrasse por todas as vias, que tornasse pera este Reyno, pera nos deradeyros annos de sua vida consolar aos que por tantos tinha governado, & edificado; nunca tratou de voltar, por dizer que nam queria vir buscar tamanho gosto; até que no anno de mil quinhentos noventa & tres, sendo de oytêta & sinco de idade, estando na casa professa de Tolledo, lhe deo hũa rija febre, com hũa forte esquinencia, que em breve lhe impedio o comer, & o falar. Mandaram os medicos que logo lhe dessem o Sãctissimo Sacramento por viatico, pera a jornada proxima, q̃ tinha pera o céo, & ainda que o bom velho disse com grãde legurança, que bem podia esperar pera cõmungar o outro dia, em jejum, com tudo aceytou de boa vôtade a prèssa que lhe davam, pera cõmũgar, como em penhor do caminho, q̃ tâto desejava de aprêssar. Em resoluçam elle viveo muytos dias depois; & un-

gindoo em hum acidente, q̃ teve, disse ao Irmãm que o servia, que ainda estava mais de vagardo que queria, & assim foy que viveo treze dias depois de nngido.

7 No fim delles entendêdo que estava jã no ultimo da vida, desejou, com grandes affectos, tornar a receber o Sãctissimo Sacramento, mas pela grãde difficuldade q̃ havia em levar algũa cousa pera bayxo, pedio ao menos com acenos, porque jã nam podia com a boca, que o nam privassem naquella ultima despedida da vista, & participaçam do divinissimo Senhor encuberto, em penhor das esperanças que tinha de cedo, o haver de ver face a face; ouvio o clementissimo IESVS os sanctos rōgos, & entranhaveis saudades daquella bendita alma, & logo com grande admiraçam de todos, parou o mal da esquinencia, & lhe deo treguas por espaço de hũa hora, na qual lãçou logo mãm de tam boa occasiam o vigilante servo do Senhor, & pedio ao Irmãm que lhe compozesse a cama, concertasse a toalha, & lhe trouxesse a estolla, & o mais necessario, pera receber com decencia tam divino hospede, porque entam era chegada a hora, em que necessitava daquelle viatico pera o caminho desta vida, pera a outra.

^a
Lib. 3. c. 37.

Como se
ouve na
ultima cõ-
munham.

Anno de
Christo de
1555.

Recebeo o
viatico cõ
grande de-
vaçam.

De sua san-
ta morte.

a
Pf. 30. n. 2.

b
1. Reg. 13.
n. 14. Que-
sui: Domi-
nus sibi virũ
iuxta cor
suum, &c.

8 Logo com todo o cuy-
dado lhe trouxeram o Sancti-
simo Sacramento, & tanto que
o seruo do Senhor vio diante
dos seus õlhos a seu Deos encu-
berto, rompeo diante de todos
em hum suavissimo colloquio,
como se nenhum impedimento
tivesse pera falar, recebendo ao
Senhor com hũa extraordinaria
devaçam, causandoa muy grande
a todos os presentes: cousa
maravilhosa, que tanto que este
acto se acabou, & recebeo o la-
vatorio, como senam pretendes-
se o Senhor mais que dar esta
consolaçam a seu bom seruo, se
lhe tornou a fala a impedir, &
se lhe fechou a garganta, até q̃
finalmente no mesmo dia falou,
dizendo aquellas palavras do
Propheta Rey, *In te Domine spe-
navi*, & com ellas na boca, & cõ
Deos no coraçam, acabou falã-
do, havẽdo tanto que estava ca-
lado, cheyo de esperanças, fun-
dadas nas chagas de Christo
crucificado, q̃ tinha nas mãos,
& na alma: foy, como creemos,
lograr o fruyto de seus traba-
lhos, a vinte & sete de Outubro,
no anno de mil quinhentos no-
venta & tres, sendo de idade de
oytenta & cinco annos.

9 Foy varã verdadeyra-
mente Apostolico, & feyto ao
molde, & ao talho do coraçam
de nosso Patriarcha Sancto Ig-
nacio, como Deos nosso Senhor
dizia de seu seruo David: ^b & pa-

rece, que por isso o mesmo Se-
nhor com sua altissima providẽ-
cia o trouxe por tantas partes
das Provincias de Portugal, Ita-
lia, & Castella, pera que em to-
das, como de Abraham disse
Theodoreto, e todos tivessem
exemplos que aprender, & vir-
tudes que admirar.

CAPITULO XXVI.

*Entra na Companhia no prin-
cipio do anno de 1556. o Pa-
dre Balthezar Barreyra, co-
meça sua vida com grã-
de edificaçam.*

Este foy o Provin-
cial, que succedeo
no cargo ao Padre
Diogo Mirãm, em
tudo digno successor de tal Pre-
lado: & nós tambem com seu
novo governo entramos em o
novo anno de 1556. em que já
se contavam 17. da Cõpanhia,
& logo no principio d'elle, em
21. de Ianeyro, foy Deos servi-
do de nos trazer à Companhia
hum fogeyto de grande estima,
verdadeyro Apostolo de Afri-
ca, em Angola, & em Guinë,
qual foy o P. Balthezar Barrey-
ra, natural da cidade de Lisboa,
filho de pays nobres, o qual foy
hũ dos mais insignes fogeytos, &
zelosos operarios, q̃ teve a Cõ-
panhia, como aqui mostrarey,

Anno da
Cõpanhia
16.

c
Theod. q. 76
in Gen. Vt
Ægyptijs pa-
reface: et vi-
ri pietatem,
ac religionẽ

P. Balthe-
zar Bar-
reyra foy
natural de
Lisboa.

Anno de
Christo de
1556.

porque suas gloriosas façanhas terã ao diante campo mais dilatado.

2 Começou sua vida Balthezar Barreyra estudando na Vniversidade de Coimbra, & vindo ter hũas ferias, em Lisboa, entrou em casa de seu pay, hum fidalgo que hia pera o Peru, o qual disse tantos louvores daquellas terras, que se resolveo Balthezar Barreyra a deyxar os textos, em que andava occupado, pelos grandes desejos, em q̄ entrou, de ver terras, & alcançar riquezas. Chegou a Sevilha, aõde em hũ fermãam que ally ouvio, se resolveo em deyxar a prãta das Indias pela pobreza do Evangelho: voltou logo a Portugal mais rico, por vir resoluto a ser pobre. Neste caminho (cõforme nos consta pelo que elle mesmo contou ao Padre Manoel Alvres seu companheyro, em Guinè, & seu grande amigo em o Senhor, o qual o deyxou escrito, em hũ livro de mãam, em que faz hũã descripçãam geographica de Guinè.)

O que lhe
ocedeo no
caminho
pera Lis-
boa.

3 Neste caminho, pois, contava o Padre, que desemparrado do mesmõ homem, que o acompanhava, encontrou com hum mancebo, que se lhe poz a dizer grandes bens da Companhia: mas nam vinha ainda Balthezar Barreyra, tam sõra do mundo, quando dizia que o vinha fugindo, que de todo apro-

vasse os louvores, que o mancebo lhe dava da Companhia, dizia-lhe que lhe nam contentava tanto, porque nam deyxavamos a nossos religiosos falar cõ seus parentes (tam pouco delapegado andava ainda dos homens, quem cuydava que vinha buscar a Deos) a esta instancia lhe respondeo logo o mancebo cõ aquellas divinas palavras do Evangelho². *Qui non odit patrem, & matrem, non potest meus esse discipulus:* & tanto que as disse, o deyxou com bastante fundamento pera cuydar, que era Anjo, quem lhe dava conselhos tam Angelicos.

4 Mas nem ainda se acabava de resolver de entrar na Companhia, porque lhe contãtava mais a pobreza do habitõ em Sam Francisco, que o odio dos parentes na Companhia. Resolveose com tudo de entrar em huma daquellas duas religioes, & que seria na em q̄ primeyro o recebessem. Vayse a Coimbra (cuydãdo seus pays que tornava a continuar o estudo) foy logo pedir o habitõ a S. Francisco: mas ordenou Deos as cousas de maneyra, que hindo muytas vezes ao mosteyro da ponte com esta pertença, nunca nelle achou o Padre Cõmissario: foyse entã ao nosso Collegio, no qual era Reytor o Padre Leãm Henriquez, & logo da primeyra vez achou o P. Provincial Miguel de Torres,

que

Anno da
Companhia
17.

Ma t. c. 26.
n. 41.

Como Deos
o trouxe
ã
Companhia.

Anno de
Christo de
1556.

que o recebo de muy boa vō-
tade; porque quando Deos he
autór da vocaçam facilita os
meyos, & desfaz as difficulda-
des.

Recebido na Cōpanhia
Balthezar Barreyra, logo na pri-
meyra provaçam deo mostrás
de seu espirito ser de prova: to-
mou os exercicios de nosso glo-
rioso Padre S. Ignacio, com grã-
de aproveytamēto de sua alma:
& quando elle mais cuydadoso
andava nesta sãcta occupaçam,
le descuydou o noviço, que ti-
nhia a seu cargo levallhe o ne-
cessario, por se ater a outro (co-
mo por vezes tem succedido a
noviços, que ainda que sãam os
mais modestos, nam costumam
ser os mais cuydadosos.) Este o
deyxou tres dias inteyros sem
comer bocado; & posto que a
fome a todos he muyto ruim de
levar, muyto mais infornel pa-
rece aos que nam sãam muy en-
trados na idade, & acostumados
a penitencias: esperou Balthe-
zar Barreyra o primeyro dia, até
a noyte (que nam devia levar
muy consolada) esperou o segū-
do, & cōtinuou o terceyro dia, &
por mais q̄ a fome ladrava, elle
muy paciente calava, com pro-
posito de soffrer aquella pena, q̄
se lhe dava a caso, cuydando el-
le que vinha muy de cuydado,
em rezãam de ser alguma experi-
encia da religiam.

6 Depois dos tres dias, en-

trando a visitalo o Meltre dos
noviços, lhe perguntou (confor-
me seu costume) como estava?
confrangeose o apostado exer-
citante, & respondeo com as pa-
lavras de Christo a seus discipu-
los. *a Spiritus quidem propius est, caro
autem infirma:* nam entendeo lo-
go o Padre o segredo da repol-
ta; porẽm porque lhe pareceo,
que nam carecia de mysterio,
lhe tornou a dizer, que se de-
clarasse mais: entam se explicou
muy bem o noviço, dizendo, q̄
o corpo por nam comer aquel-
les tres dias estava fraco, porẽm
que o espirito com a graça divi-
na estava tam animado, q̄ nam
tornaria atraz no caminho co-
meçado, ainda que lhe succedes-
se morrer á pura fome: & dizen-
do isto nam pode o noviço re-
ter as lagrimas, que a devaçam,
& por ventura que tambem a
fome lhe causava. Muy edifica-
dos ficãram os presentes, ouvin-
do semelhante resoluçam, ajuiz-
zando todos, que hũa paciencia
tam generosa, em tam breves
dias de religiam, demandava ao
diante grandes progressos na
virtude.

7 Nem se enganãram es-
tas boas promessas, & tam bem
fundadas esperãças, porque este
foy aquelle Padre Balthezar
Barreyra, digno com rezãam de
ser contado entre os mais bene-
meritos sogeytos desta Provin-
cia de Portugal: este he aquelle

Anno da
Cōpanhia
17.

Luc. e. 14.
n. 26.

Esse tres
dias sem
comer por
descuydo.

Anno de
Christo de
1556.

illustre Apotiolo de Guiné, tam celebrado nesta Provincia, pelos grandes serviços, que fez a Deos nosso Senhor, & pelos innumeraveis trabalhos, que padeceo em Angola, em Cabo verde, na Serra Leoa, & em toda a côsta de Africa, que vay correndo por muyta parte daquella Ethiopia inferior.

CAPITULO XXVII.

He escolhido o P. Balthezar Barreyra pera hir à missã de Angola, com o Governador Paulos Dias de Novaes; dà-se noticia daquellas terras.

I cabado o tempo do noviciado continuou Balthezar Barreyra com grande edificaçam, crescêdo sempre nelleos desejos de servir a Deos nas missões da Cõpanhia, & nas partes mais remõtadas de Portugal, aonde vivesse mais unido com Deos, & mais apartado de seus parentes, que dâtes amava, como homem, & já avorrecia como religioso: que estas mudanças causã a religiam naquelles, que de proposito seguem a bãdeyra de Christo. Offereceose-lhe hũa boa occasiam, em que podesse dar à execuçam seus

abrazados desejos de converter Gëtios, & de faltar a sede de salvar as almas, porque o mandãram ao Reyno de Angola, em Companhia do muy celebrado, & valente Portugues Paulos Dias de Novaes, que foy neto (como consta da provisam real que tenho em meu poder, passada por el Rey Dom Sebastiam no anno de 1571.) daquelle famoso descubridor do Cabo de boa esperança Bertholameo Dias de Novaes.

2 As milagrosas obras, que em Angola fez o Padre Balthezar Barreyra, & as prodigiosas victorias, q̄ ally alcãçou aquelle admiravel capitã, demandam hum grande volume, porê porque atêgora nam andam impressas em nosso vulgar, & eu aqui me encontro com o Padre Balthezar Barreyra, me pareceo referir algũas brevissimamente, pois em todas elle teve tanta parte, & pera isso quero primeyro, com a mesma brevidade dar algũa noticia desta monarchia Angolana, que ainda que a alguns pareça menos nôva, posso assegurar que nam serã a menos certa, & nos servirã muyto pera conhecimento dos bautifmos, que fez o Padre Balthezar Barreyra, & das victorias que alcançou Paulos dias de Novaes.

3 Primeyramente a monarchia de Angola estã na nôva

Anno da
Companhia
17.

Foy mandado ao Reyno de Angola.

Sítio do Reyno de Angola.

Ethiopia, Norte Sul, entre o Reyno de Congo, & o de Benguela; Leste Oeste cõ Pernambuco, na cõsta do Brazil, quasi nove graos de altura do pólo Austral, debayxo da zona torrida. E nem por isso deyxam aquellas terras de ser muyto habitadas; antes posto que os lugares marítimos de Angola, vizinhos ao Coanza, por serem apaulados, sejam doentios, com tudo o mais do Reyno bẽ pelo sertãõ dẽtro, goza de ares saudaveis, & temperados, de fermosas fontes, & ribeyras fresquissimas; & gẽralmente sãõ aquellas terras ferteis, & abundantes, senãõ he nas partes aõnde estãõ as minas de prata, que pera tudo o mais sãõ esterilissimas, como se a natureza ally metesse todo seu cabedal jũto, pera sahir em suas entranhas com hum parto tam precioso, & por isso se descuydasse, ou esquecesse de produzir todos os mais fruytos.

Nome de Angola.

4. Nam se chama esta terra Angola (como entre nõs corre) mas consta de muytos como Reynos, cujos nattraes por nome commum se chamãõ Ambundos, & tem seus Reys, ou Regulõs, que se dizẽ Sobas, que eram mais de setecẽtos & trinta, cujas povoaçõens, & senhorios, se chamãõ Morindas: & tendo antigamente cada hum destes Regulõs jurdiçãõ sobre seus vassallos, sem dependẽ-

cia dos outros, succedeo, que hũ delles herdando o senhorio do outro, ficou tam poderoso, que começou a conquistar seus vizinhos, cõ ajuda dos Portuguezes, que de Congo hiam a suas terras ao resgate dos escravos: este Rey se chamava Angola Inene, que quer dizer o grãde Angola, o qual appellido foram conservando os mais, que lhe succedẽram no Reyno (da maneira que de hum Ptolomeo, os de mais Reys do Egypto se chamãõ Ptolomeos) & daqui tomãõ occasiam os Portuguezes de chamar Angola a estes senhorios.

5. Por via dos nossos Portuguezes, que jã estãõ em Congo, houve em Portugal noticia deste Rey, de suas terras, & das minas de prata, q̃ ally ha, cujas primeyras mostras consagrou a Deos el Rey Dom Henrique, mandando fazer hum calix, & nam se tem continuado neste descobrimento, pela resistencia, que a isso fazẽ os naturaes, persuadidos, que descubertas estas minas, nõs lhe apanharemos a prata, & elles perderãõ as terras. Houve tambem occasiam pera o Rey Angola Inene ter algum conhecimento da fé de Christo; & com estes intentos por elle assim o pedir, lhe foram mandados, por duas vezes, de Sancto Thomẽ alguns sacerdotes, & entre elles hum religioso

Primeyra noticia q̃ houve das cousas de Angola.

da muy esclarecida Ordem do glorioso Padre Sam Bernardo: porèm (como o tempo depois mostrou) mais pertendia o Angola o comercio de Portugal, q̃ o bautismo de Christam, até que finalmente estes sacerdotes, sem effeyto algum, ou morrêram, ou se tornãram a Portugal.

6 Porèm vendo o Rey, q̃ lhe faltava o comercio com os Portugueses (porque o interesse era o Deos, q̃ governava a estes Reys, & ainda agora por nossos peccados, predomina em alguns Princepes Christãos) cuydando que cessava, por nam ter em suas terras sacerdotes, como dantes, os mandou pedir por seus embayxadores a el Rey Dom Ioã o Terceyro, affirmando, que se queria bautizar; quando esta embayxada chegou a Portugal já governava a Rainha Dona Catherina, a qual lhe mādou (como adiante se contarà, no anno de 1560. quatro Padres da Companhia, & com elles por embayxador a Paulos Dias de Novaes: chegando todos a Angola, junto ao rio Coanza, souberam dos moradores da terra, que era já falecido o Rey Angola Inêne, & q̃ em seu lugar governava Dambi Angola, o qual ao principio mostrou bom galhado ao embayxador, & aos Padres: porèm dahi a pouco arrebatado da cobiça, mādou prender ao embay-

xador, & aos Padres da Companhia, tomando toda a fazenda aos Portugueses, nam permitindo, que sahifsem de seu Reyno, & neste modo de cativeyro morrêram muytos d'elles, & dous Padres da Cōpanhia dos quatro, que levou cōsigo o embayxador.

7 Passados seis annos permitio este Rey ao embayxador q̃ tornasse a Portugal, deyxãdo lá ainda dous Padres, como em refês, dando grandes desculpas do sucedido, & prometendo a el Rey de Portugal, que se bautizaria com todo o seu Reyno, & entregaria as minas de prata, q̃ ally tinha. Posto que em Portugal se entendeo, que o Angola fazia isto fingidamente, com tudo como lá tinha em refens os dous padres da Companhia, & a piedade dos Reys de Portugal era muy grande, juntandose a isto a certeza das minas de prata, & outros metaes, que ally havia, pareceo a el Rey D. Sebastian mandar de novo a esta cõquista espiritual alguns Padres da Companhia; & hum Capitãm mōr, ou Governador, com gente de armas, pera q̃ podessem resistir às insolências daquelles barbaros, & ajudalos no bẽ de sua salvaçam; pera isto escolheo ao mesmo Paulos Dias de Novaes; cõ o qual se embarcou tãbẽ o P. Balthezar Barreyra, cõ o successo q̃ veremos no capit. seguinte.

Torna o Rey de Angola a pedir Pregadores.

Primeyra missã da Cōpanhia pera Angola.

CAPITULO XXVIII.

Chega a Angola o P. Balthezar Barreyra, aonde fez muyto serviço a Deos; conta-se particularmente hum baptismo.

I Omado o assento no conselho real, sobre as cousas de Angola; da maneira, que tenho dito, se embarcaram na mesma nao, cõ o Governador, alguns religiosos da Companhia, dos quaes hia por superior o Padre Balthezar Barreyra; chegaram ao porto de Loanda da banda de dentro da enseada, no anno de 1575. ou como acho escrito pelo mesmo Padre Balthezar Barreyra, no fim do anno de 1574. & achado o Governador, que era já falecido Dambi Angola; & que reynava Angola Quiloanfe, lhe mandou seus embaxadores, & hum presente da parte del Rey Dom Sebastiam, seu senhor. Ao principio festejou muyto o Rey aquelle presente (que até os barbaros se sabem alegrar, com dadas que nam lhe custam dinheyro) & mandou logo apregoar por todo o seu Reyno, que se tivesse amizade, & boa correspondencia cõ os Portugueses.

2 Com esta boa occasiam começou logo o Padre Balthezar Barreyra a doutrinar aqueles barbaros, aprendendo em breve a sua lingoa, porq̃ a muyta charidade o fazia muy diligente: fez levantar hũa Igreja da invocaçam de Sam Paulo (havendo respeyto ao nome do Governador) no mesmo lugar aonde primeyro esteve o Collegio da Companhia. Seria aqui muy larga historia, que deyxopera seu tempo, se houvesse de referir as muytas terras, que correo este novo Apostolo de Angola, os Reynos, em que entrou, os mares, que venceu, os rios, que atravessou, as terras, por onde passou, confinantes com o Reyno de Angola, os innumeraveis baptismos, que fez, os muytos Regulos, que cõverteo; hum sò contarey aqui, por ser o primeyro, & deyxarey os outros porque foram innumeraveis.

3 Entre outros muytos Sobas, havia hum tido entre todos, pelo mais prudẽte, desejava muyto o Padre de o converter, pera com seu exemplo mover a outros muytos. Foy Deos nosso senhor assim servido, que assim lhe succedeo, porque passando hum dia pela sua banza (que assim chamam ao lugar da habitaçam do senhor da terra) pondose cõ elle às praticas, lhe declarou o Soba como avia dias que desejava ser Christiano, logo

Do muyto que trabalhou em Angola.

Apontase em particular hum baptismo.

Em que anno chegou a Angola o P. Balthezar Barreyra.

o Padre com grande alegria, por nam perder tam boa occasiam, lhe declarou os mysterios de nossa sancta Fè, os quaes elle repetia com tanta certesa aos de sua casa, como se fosse Christam já muyto antigo.

4 Logo ally mādou fazer, & arvorar huma fermosa cruz, que se alevantou com grande festa, & alegria, entoando a ladinha, á qual todos os de sua casa respondiam a seu modo: feyto isto se veyo o Padre pera Loanda, trazendo em sua companhia hum seu filho mōrgado, hum seu irmām, & algūs parentes, pera os instruir em nossa casa nas coufas de sua salvaçam, & deyxando hum Portuguez antigo, & devoto com o mesmo Soba, que lhe fosse dando mais larga noticia de nossa sancta Fè, em quanto se preparava o necessario, pera o dia do bautismo: festejando tanto estes bons principios o Governador Paulos Dias de Novaes, que chorava de alegria.

5 Chegado finalmente o dia do bautismo, procurou o P. Balthezar Barreyra, que se fizesse com toda a solemnidade possivel, dādo-lhes por padrinhos os mais ricos Portuguezes da terra, pera que os podessem vestir mais ricamente; o que fizeram com muyto gosto, & particular consolaçam, como melhor se verá das palavras de hũa car-

ta do mesmo Padre Balthezar Barreyra, escrita em trinta & hũa de Ianeyro de mil quinhentos oytenta, & dous. O filho do Sanga (diz elle, que assim se chamava este fidalgo) levava huns imperiaes vermelhos, com suas botas laranjadas, & hũa roupa, & gorra de damasco branco, que se lhe fez de novo, & hum farregoulo lustroso; ao qual respondiam os outros ao seu modo: o dia do bautismo, que foy do glorioso S. Thomè, sabiram todos em prociaçam, com a cruz diante, de casa de hum homem devoto, dos principaes desta povoaçam, acompanhados de todos os Portuguezes, que se aqui acharam; traziam suas palmas nas mãos, em sinal da victoria, que alcançaram.

6 Foram festejados com repiques, & outros rāngeres, que na terra havia; pozemos por nome ao filho do Sanga, Dom Constantino, & ao irmām, Dom Thomè, a hum por ser o primeyro fidalgo, que se bautizava em Angola, & ao outro pelo Sancto, em cujo dia se bautizava; depois de os bautizar, & lhes dizer missa, lhes fizemos a festa dentro de casa, pera a qual tinhamos convidados todos os seus padrinhos, & o senhor de Loanda, com outros fidalgos vassallos del Rey de Congo: elles comeram no cham, como he seu costume, assentados sobre esteyras, & os Portuguezes em outra mesa apartada, com a modestia, que entre os nossos se soe guardar, mas com muyta alegria de todos.

Festas á-
quelles
bautismos.

Ceremo-
nias com
que se fez
este bau-
tismo.

CAPITULO XXVIII.

Conta-se hũa admiravel victoria, que alcançou o Governador Paulos Dias de Novaes, contra os negros, por orações (como mo parece) do P. Balthezar Barreyra.

D Estes bautismos, podéra cōtar muytos, & de outras innumeraveis cōversões de gentios, que o Padre fez nos quatorze annos, q̄ se deteve em Angola, que deixo pera quẽ escrever a historia daquelles tẽpos: agora quero brevemente contar, entre as obras pródigo-
 sas, que lhe socedẽram, a principal, que foy hũa admiravel victoria, que parece excede á fê humana, a qual alcançou o Governador Paulos dias de Novaes, como elle mesmo cõfessava, por orações do P. Balthezar Barreyra, cuja occasiam foy a seguinte. Levava muyto mal o Rey Angola Quiloanje ver as forças dos Portugueses naquellas terras, & ver em quam breve tempo tinham florecido nossas armas, & arreceando vir a perder seu Imperio, & vendo que já nam podia por traças, & invençoens maquinar a total destruiçam dos Portugueses, tra-

tou de lhes fazer guerra declarada.

2 Tambem entre os Portugueses havia muytas causas pera procurarem a vingança, & destruiçam daquelle barbaro, assim pelos enganos, com que nos tratava, como pelo odio, q̄ nos mostrava: mas como eramos tam poucos, nam ousavamos hir demãdar este bravo touro: trouxenos porém Deos hũa occasiam em que vindo pera nos destruir, ficou destruido: quiznos huma vez acometer com todo o seu poder, ajuntou hum exercito tam innumeravel, que os que lhe dam menos dizem, que poz em campo (como nos cõsta por carta do Padre Balthezar Barreyra) hum conto & duzentos mil homens. Nem pareça isto exageraçam, porque além do testemunho do Padre Balthezar Barreyra, me assegura desta verdade o Padre Ieronymo Vogado Provincial que hoje he da Companhia, em Portugal, pessoa de muyta virtude, & grande verdade, & que esteve em Angola vinte & tres annos, fazendo grandes serviços a Deos, & diz que era tal a immensidade de gente, que, no principio daquella conquista, havia em Angola, que nam duvida poderse entam ajuntar este, & outro mayor numero.

3 Era tam grãde esta inũdaçam de barbaros, q̄ cobriam

Exercito de innumeraveis barbaros.

Vittoria admiravel por sua invencçam.

^a
Virg. Geor.
1. Com par-
tu te ra ne-
tando, &c.

Grande a-
nimo do P.
e Balthazar
Barreyra.

muytas legoas daquellas vastif-
simas campinas, & largas mon-
tanhas, de sorte que parecia, que
a terra toda com hum novo, &
espantoso parto (como antiga-
mente fingiam, que lançara de
sy gigantes^a, pera conquistar os
cêos) assim agora se transformâ-
ra toda em negros, pera destrui-
çam daquelles poucos, mas es-
forçados Portugueses, os quaes
nam passavam de trezentos; &
por hũa parte estavam cercados
do rio Coanza, & por outra ti-
nham diante aquella immêsida-
de de gentes, q̄ s̄o cõ seus descõ-
postos clamores, & barbaros ala-
ridos, atroavam os ares, porẽm
nam metiam medo algũ ao P.
Balthazar Barreyra, nẽ ao muy
esforçado Governador Paulos
Dias de Novaes, a quem o P. as-
segurava q̄ teria hũa celestial vi-
ctoria, se desse a batalha confia-
do no favor do cêo, & em espe-
cial na Virgẽ Sãctissima da Vi-
ctoria sua muy singular avoga-
da, em cujo dia, q̄ acertou de ser
de sua sanctissima Purificaçam,
esperavam aquelle felicissimo
sucesso. O mesmo dizia o P. cõ
repetidas, & alegres vozes a to-
dos os Portugueses, assegurando-
lhes q̄ elle lhes prometia de os
ajudar, q̄ senam fosse peleyjado
com armas nas mãos, seia brã-
dando com oraçoẽs ao cêo.

4 Era cõ tudo muy desigual
o partido de parte a parte, porq̄
os Portugueses nam passavam

de trezẽtos, & foy tam grande o
pavor, q̄ entrou no animo dos
Regulos, nossos amigos (& q̄ já
eram christãos) à vista do grãde
poder do inimigo, q̄ nam houve
quem quizesse acodir aonde es-
tava o Governador, mais q̄ hum
Soba, por nome D. Paulo cõ suas
gêtes, q̄ seriam cousa de 30. mil
negros, porẽ vinha tam armade
de esperanças este Regulo, q̄ dizia
ser impossivel nam acodir Deos
pelos christãos. Eram já tres ho-
ras depois do meyo dia, estavam
os dous exercitos à vista, ficãdo
os nossos em hũa cãpina, & oc-
cupãdo os negros hũas grandes,
& altas montanhas, cõ q̄ nos fi-
cavam quasi sobre as cabeças.
Vendo o animoso christam Dõ
Paulo, q̄ os inimigos nam que-
riam descer dos montes, temeo,
cõ muyto fundamneto, q̄ podia
ser ardil (q̄ nam faltam a estes
barbaros) pera acometer os nos-
sos de noyte, & os tomar às
mãos, opprimidos da immensa
multidam da gente, q̄ traziam.

5 Cõ esta sospeyta se veyo
aõde estava o P. com o Gover-
nador, os quaes lhe e stimãram
muyto sua advertẽcia, & logo o
Governador deo sinal de aco-
meter, pôdose no mesmo tẽpo o
P. em oraçam à vista de todos,
cõ as mãos levantadas ao cêo.
Serrãram os nossos, & começã-
ram a batalha, apellidãdo o no-
me da Virgẽ Señora da Victoria
(como se logo começãse vécẽ-

Como se
começou a
batalha.

do,

do, & entraram na batalha triūfando) hia diãte de todoslo animoso christam Dom Paulo, cõ titulo de Capitam mórdo exercito, & mereceo elle muy bem, naquelle dia, esta hõra; começaram os barbaros a abalar pelas montanhas abaxo, despedindo sobre os nossos hum immenso chuveyro de infinitas setas, as quaes, porq̃ (como parece) hiam governadas por outra mãam mais acertada, atravessavam aos mesmos, que as atiravam, sem fazer mal a nenhum dos nossos, cahindo milhares de inimigos (q̃ quando Deos quer, & a fortuna favorece, as mesmas armas do inimigo nos servem de instrumentos de victoria.)

6 Havia muyto que durava a peleyja, & pelas boas novas, q̃ por momentos traziam ao Padre Balthezar Barreyra, se persuadio, que a batalha estava acabada, & a victoria acclamada, por esta causa, deyxando a oraçam, vinha dar ao Governador o parabem. Eys que de repente, começam os Portugueses afrouxar, perdem os primeyros brãos, instam os barbaros, com novos alentos, matamnos sete Portugueses, brãda ao Padre o Governador, que se torne a recolher em oraçam, porque sò nella tinham libradas as esperças: assim o fez o Padre a toda a preffa (porque o tempo nam era pera vagares) levanta outra vez

ao céo as mãos de larma-las, pede com muytas lagrimas ao Senhor q̃ favoreça aquelles christãos, & renove suas maravilhas. Caso admiravel, & do qual ainda a memoria estã muy fresca: de repente, sem se saber a causa de tal novidade, se começaram os barbaros a perturbar entre sy (sinal manifesto de hũa grande perdiçam) hia se já neste tẽpo pondo o sol (que parece tambẽ queria repartir com as estrellas a boa sorte de verem o esforço dos Portugueses, senam he que com as triẽvas da noyte queria acrescentar o horror da morte aos negros) os quaes amedrontados com o estrõdo das armas, com os golpes repetidos, com os espantosos brãdos, & gritos dos vencedores, com os ays, & gemidos dos q̃ morriam, acrescentando o medo às causas de sua perdiçam, voltaram as costas, & se matavam huns aos outros, por serem os primeyros na fugida; senam era que a muytos delles o medo, que costuma dar ázas pera voar, lhe tirava o animo, até pera fugir, achando a morte mais ao perto, sem a hirẽ bulcar ao longe.

7 Hindo assim os barbaros fugindo de sapoderadamẽte, por aquellas montanhas, já de noyte (que até esta se armou contra elles) foram dar em hũa profũdissima barroca, dõde despenhãdose os primeyros; se precipitã-

Como os barbaros fugiram, & se despenharam.

As armas dos inimigos tornavam cõtra elles mesmos.

Torna o P. a pôrse em oraçam.

ram, & carregáram tanto hũs sobre os outros, q̄ sò cõ os q̄ cahiram dentro daquelle horrendo precipicio, se encheo, & igoalou de tal maneyra, que lhes ficou servindo aos que vinham atraz, de hũa nova, & horrivel estrada, nam de pedras juntas, mas de corpos despedassados; cahindo todos naquella altissima cõva, q̄ logo lhes ficava servindo de sepultura, em que parece que toda Angola se vinha a enterrar: pisandose, & atropelandose a sy mesmos, os que queriam subjugar, & sopear aos outros: cahindo sobre mortos os que vinham demandar a vida: achando a morte debayxo dos pès, cuydando que lhe fugiam por lhe vir nas costas. E foy tam grande a mortandade, que nam falãdo nos que ficãram naquelle immenso despenhadeyro, & sepultura universal, conta em hũa sua carta o Padre Balthezar Barreÿra, que ao outro dia entrãram vinte negros nossos, muy valentes, carregados de narizes, que com hũa cruel crueldade cortãram aos mortos, que ficãram no campo; que demanda sem duvida ser grande o numero dos que morrẽram, considerando tambem, que ordinariamente aquelles negros, nam sam tam providos de narizes, como outras naçoens de Europa.

8 Esta foy aquella meuoravel, & illustrissima victoria, q̄ alguns doutos querem, que foy a mais admiravel, que os Portugueses tiveram em Africa, com que de todo ficãram quebrantadas as forças do Rey Angola, & tímido, & celebrado o nome do novo Ggovernador Paulos Dias de Novaes, o qual, com todos os que neste successo se achãram, atribuirãram, com muyto fundamento, esta milagrosa victoria às òraçoens deste grande servo de Deos; ficando confirmada de novò a maravilha da victoria dos Israelitas, ^a na qual foram mais valentes as mãos de Moyses, levantadas no monte, que as de Iosue armadas no campo. Sucedeo no anno de mil quinhentos oytenta & tres, em dous de Fevreyro, dia da Purificaçam da Senhora, que foy o principal favor naquella batalha; & ainda hoje em Maçangano, aonde naquelle tempo estava o assento dos governadores, se faz festa todos os annos, naquelle dia, a nossa Senhora da Victoria, em aççam de graças desta, que foy tam gloriosa, & milagrosa.

(:~:)




^a
Exod. c. 17
n. 11. Cùm
leuaret Moy
ses manus.
vincebat Is-
rael.

Grande
moy
na
victoria

CAPITULO XXX.

Torna o Padre Balthazar Barreyra de Angola, assiste alguns annos na Corte de Madrid; dally se vem a Evora: tratam, de o mandar em outra missam a Guinë, refere se huma carta que sobre isto escreveo ao Padre Provincial.

I  Ste admiravel successo da victoria que contey no capitulo passado, se attribuo entam, por todos os Portugueses, ao bom Padre Balthazar Barreyra, & nam havia por aquellas partes, quem nisto admitisse algũa rezam de duvidar, ou porque realmente a victoria se alcançou por òraçoës, & conselhos do Padre, ou porq era tal a opiniã de sua Sanctidade, que se persuadiram todos, que sò por via de hum homem tam virtuoso, se podia alcançar victoria tam milagrosa. Chegou a Portugal a fama desta tam celebrada batalha, & de outros successos nam menos gloriosos, de que darã noticia quẽ ao diante de proposito escrever toda a vida deste insigne Padre; daqui passou a mesma fama

Boa fama que havia em Portugal do P. Balthazar Barreyra.

a Madrid a elRey Phelippe: dãdose infinitas graças a Deos, naquella corte, & na de Lisboa, nam sò pelas victorias tam gloriosas, mas tambem pelos innumeraveis bautismos, que por via do Padre Balthazar Barreyra, & dos mais seus companheyros se faziam em Angola, & muyto em especial, tambem por meyo do Padre Balthazar Affonso, grande servo de Deos, de quem se podem adiante fazer grandes lembranças.

2 Movido com estas noticias elRey Phelippe, ordenou aos governadores de Angola, q nenhũa cousa se assentasse naquellas conquistas, assim no governo da paz, como nos incidẽtes da guerra, sem primeyro cõsultar ao Padre Balthazar Barreyra, persuadindose que acertariam, se se deyxassem governar por hum homem, a quem autorizava a virtude, & a quem assistiam os Anjos.

3 Quatorze annos andou o Padre Balthazar Barreyra, fazendo por aquellas terras estas, & outras semelhantes maravilhas, alumando como hum novo sol aquellas gentes tam remontadas da luz do verdadeyro Sol, sepultadas nas trêvas de sua ignorancia, obrando sempre cousas tam milagrosas, que desejou muyto elRey Phelippe em Madrid conhecer por presença a quẽ tanto lhe acreditavam

Esteve 14. annos em Angola.

*Occasiam
que houve
pera vir
de Angola
o P. Balthezar Barreyra.*

por fama ; tam bem o movia o desejo, que tinha de tomar plenaria noticia das cousas de Angola, que se entendia poderem ser de grande cõsideraçam, nam sô pelos innumeraveis bautifmos que ally se faziam , senam tambem pelo grande proveyto, que podia resultar a estes Reynos, & aos de Castella, por causa das minas da prata, & em rezam do resgate das peças , que dally passavam às Indias . Foy esta vinda do Padre Balthezar Barreyra, no anno de mil quinhentos oytenta & nove, sendo elle entam de sincoenta & oytto annos de idade. Sahio de Angola com grandes saudades , & universal sentimento nam só dos Portugueses , mas tambem de todos aquelles negros (que até estes, por mais insensiveis q pareçam, sentem a auzencia de hum homem sancto) porque o tinham por pay, & unico remedio em todos seus trabalhos. Chegou a Portugal (depois de vencer os perigos daquella cõprida navegaçam) aonde foy recebido como hum Anjo vindo do céo: partio pera Madrid , falou por vezes com sua Magestade catholica, deolhe muy larga informaçam das cousas de Angola, & foy delle muy bem ouvido, estimado de todos naquella corte , porque olhavam pera elle , como pera hum homem sancto, de quem tinham ouvido

cousas tam prodigiosas.

4 Depois de dar em Madrid a devida informaçam, & assistir naquella corte, alguns annos, aos negoceos desta provincia, que lhe entregaram , pela boa entrada , que tinha com o Rey, & com os do seu cõselho, se voltou a Portugal , & ficou morador no Collegio d'Evora, aonde o fizeram mestie de noviços, pera criar os filhos da Companhia, em espirito de devaçam com Deos , & com desejos de missoens aos gentios. E na verdade nam he pera mim materia de pouca consideraçam , nem pequena prova da grande virtude deste esclarecido servo do Senhor , que depois de andar quatorze annos metido entre negros de Angola, entre barbaros gentios; assistindo em exercitos, presidindo nas batalhas , & tratando com gentes tam destrahidas, em tratos illicitos , & em comercios prohibidos , com tudo assim soubesse conservar a devaçam, que vindo de Angola, nos viesse ensinar o espirito em Portugal; porém o certo he, que assim como o lugar bom nam faz sancto ao que era peccador, assim o lugar distrahido nam empede a virtude de quem he sancto. Agora me nam espanto dos bautifmos admiraveis, das victorias milagrosas , pois nam podia Deos deyxar de assistir muy favoravel a quem assim o

*Vem se pera
o Collegio
de Evora,
fazêno M.
de noviços*

fabia trazer dentro de sua alma, nem podiam falzar victorias a quem tinha tam particular amizade com o senhor dos exercitos, ao qual o Profeta² chamou guerreyro forte, & vencedor das batalhas.

5 Estando o Padre Balthezar Barreyra em Evora, presidindo na eschola do espirito, cõ grande cõsolaçam sua, & muyto mayor do Collegio todo (porq̃ além de elle ser muyto amado, & estimado de todos, por sua grande benevolencia, & por seu exterior tam composto, & tam digno de toda veneraçam, que re presentava hum rosto de homem sancto) muytos o vinham demandar pera se consolarem com elle, & tambem pelo gosto, q̃ tinham de lhe ouvir as coufas, que contava de Angola, & dos mais Reynos, por onde tinha andado. Estando, digo, o P. Balthezar Barreyra descansando neste sancto ocio, neste remanso de vida retirada, & nesta bella paz, & quietaçam de espirito, lhe tocãram outra vez a rebate, & de repente lhe soou nos ouvidos hum novo repique de guerra, com que se deo o bom velho por obrigado a tornar a tomar armas, que já alguẽ cuidaria que tinha dependuradas: o caso foy, que tratãram os Padres desta Provincia, no anno de mil seiscentos & quatro, a petiçam do Rey Phelippe, q̃ en-

tam nos governava, de mandar misãm às partes de Guiné, em especial à cõsta de Caboverde. Era neste tempo Provincial da Companhia em Portugal o Padre Antonio Mascarenhas, de quem já faley, & ainda no anno de mil seiscentos quarêta & sete, em que isto estampamos, he vivo. Tratou elle primeyramente com Deos este negocio, & depois tratou em sua consulta sobre a pessoa, que mandariam a esta misãm, a qual ainda que parecia ser de muyto fruyto espiritual, tambem se represêtava cheya de muytães difficuldades: porq̃ o clima daquella ilha, he muy doentio, as gentes do sertãm muy barbaras, & algũs mais representam costumes de brutos irrationaes que natureza de homens com rezãm; negros nas cores, disformes nas feyçoens, & mais abominaveis nos erros das almas: por huma parte requeymados dos rayos do sol, & por outra sepultados na escuridade de sua ignorancia.

6 Resolveram se em fim os Padres na consulta, que se acceytasse a misãm, por ser muy conforme a nosso instituto. Logo tratandose da pessoa a quem se havia de encõmentar empresa tam trabalhosa, lhe occorreo ao Padre Provincial offerecela ao Padre Balthezar Barreyra: era elle entãm de idade de 66.

Ier. 20. n. 11
Qualibellator fortis,
&c.

Era o P. muyto amado de todos.

Nova occasiã que teve o P. pera hir a Guinë.


annos, & da Companhia quarenta & oytto, tinha estado em Angola quatorze annos com innumeraveis trabalhos, & parece que mais era aquelle tẽpo, pera ter ferias em Portugal, que pera hir trabalhar a Guinẽ; cõ tudo quando Deos quer dar no mundo semelhantes exemplos, move aos superiores, a sahir cõ acçoens, que parecem condenadas pela prudencia humana, sãdo assim que entam vam mais reguladas pelas inspiraçoens do cõo. Escreveo o Padre Provincial Antonio Mascarenhas a Evora ao Padre Balthazar Barreyra, significandolhe como se tratava desta missã de Guinẽ, & pondolha em suas mãos, se a quizesse aceytar; a propria carta, que o Padre Balthazar Barreyra respondeo ao Padre Provincial Antonio Mascarenhas, escrita à quarenta e tres annos, tenho eu hoje em meu poder, & a estimo por hũa reliquia de summo preço, assim pela mão, q̃ a escreveo, como pela materia, que em sy contem; & pera que fique nesta Provincia em lembrança hum exemplar de tam grande edificaçam, porey aqui o treslado, fielmente tirado do original, que conservo hoje em minha

mãm.

(.?)

Offerecẽ-
lho a missã
de Caboverde.

CARTA DO P. Balthazar Barreyra pe- ra o Padre Provincial Antonio Mascarenhas.

7  *Am posso encarecer com palavras a consolaçam, que em minha alma causou a*

significaçam, que U. R. me deo, de se querer o Senhor servir de mim na missã de Caboverde, pelo qual beneficio dou a sua divina magestade infinitas graças, & a V. R. agradeço quanto posso o por os olhos, pera esta empresa em mim tam indigno della. O Padre Ioã Correa me offereceo tambem outras missõens, tambem ultramarinas, & posto que eu pera nenhuma me neguey, sempre pedi ao Senhor q̃ as desviasse, se havia outra de mayor gloria sua, em que quizesse servirse de mim, & quanto mais via que Deos hia dando desvio às outras, tanto me persuadia mais, que me goardava pera esta, q̃ eu estimo mais que nenhũa de quantas tem a Companhia, porque quanto mais noticia tenho de Guinẽ, tanto tenho mayor magoa do desamparo de tantos milhares de almas, que nenhum conhecimento tem do beneficio inestimavel de sua redẽçam, porque atẽgora nam chegou a elles a luz do sancto Evangelho, estendendose cada vez mais por aquellas partes a maldita seyta de Mafamede.

Carta em
que se offe-
rece pera a
missã de
Caboverde

Eu,

8 Eu, pela bondade do Senhor, tenho mais suade, que quando fuy a Angola, & vim de lá, mais que quando fuy a Castella, & tornei, & tanto que dà neste Collegio materia de louvar a Deos; ao qual ajunto, que me acho melhor no mar, que na terra, & nas terras quentes, que nas frias. Digo, pois, respondendo ao que U. R. me pergunta, que estou prestes pera esta missã, sem impedimento nenhum, & tam alvoroado, que qualquer tempo, que se dilatar, me parecerá muyto comprido, confiando na bondade, & misericordia de Deos, que se ha de abrir ally hũa porta de muyta gloria sua. Os companheyros lembro a V. R. que convem sejam homens de muyta confiança, zelosos do bẽ das almas, maduros, exemplares, mortos ao mundo, & ao amor proprio, & taes, que em todas as partes representẽ a pureza sanctidade, & espirito da Companhia. Hum delles pelo menos deve ser exercitado em casos de consciencia, & de partes, que me possa soceder, se Deos fizer de mim alguma cousa. Os outros dous (se hemos de ser quatro) convem que sejam sacerdotes, porque como necessariamente nos hemos de dividir, bem he termos com quem nos confessar. & de quem nos ajudar pera os ministerios da Companhia.

9 O titulo desta missã deve ser hir ver a disposiçã da terra: & parecendo bem a V. R. desejo que se faça isto com o menos estrondo, que for possível, & que U. R. me mande avisar do tẽpo, em q̃ lhe parece, que se effectuarã a hida, porque tem muytas couzas, que negociar, & em particular,

convem preparar algũs lieros. Eu nam tenho cousa, que me haja de deter hũa sò hora, & assim posso partir cada vez que U. R. me mandar recado. Cã ninguem sabe nada, nem saberã, senam quando V. R. o publicar. O que eu desejo he, que disponha Deos nosso Senhor de mim por meyo de V. R. como for mayor gloria sua; porque ainda que estou tam alvoroado pera esta missã, como tenho dito, todavia me faz Deos mercẽ, de me dar tanta indiferença, q̃ se fosse servido de escolher outro de mais partes, que as minhas, & que nesta empresa o houvesse de servir melhor, eu lhe daria muytas graças por isso. & ficaria tam quieto como dantes. Mas como Deos pera declarar seu poder, faz muytas vezes couzas grandes, por instrumentos fracos, fico mais confiado, q̃ ha de cumprir os desejos, que tenho de o servir nesta empresa, ainda que seja tam vil, & fraco instrumento pera que a elle se atribua todo o bem, que desta hida se seguir. Na bençã, & sanctos sacrificios de U. R. muyto me encõme-do. Evora 16. de Março 1604.

Balthazar Barreyra.

10 Atẽqui a carta do Padre Balthazar Barreyra, q̃ nam poderã deyxar de nos caular grande edificaçã, assim em rezã da idade de velho, como por causa da grande indiferença com que se offercia, & gosto q̃ sentia em missã tam difficul-tosa, pois temia pelo muyto que a estimava, que por seus pecca-

De quẽ inade era neste tẽpo.

dos lhe negasse Deos o cumprimento deste grande bem: & sobre tudo mostrãdose tam apressado em obedecer, em hũa empresa tam trabalhosa, que diz, q̃ nem hũa sò hora se deteria na partida, que he raro exemplo, pois experimentamos os vagares, com que nos desembaraçamos pera fazer huma jornada, de hum lugar pera outro, quãto mais pera navegar pelo már a terras tam remontadas, & a miltoens tam perigosas; porém o certo he, que a quem trata de servir a Deos, nem as laudades dos amigos o detem, nem os negocios dos parentes o impedẽ.

CAPITULO XXXI.

Parte o Padre Balthezar Barreyra pera Caboverde: chega à ilha de S. Thiago, da qual se dà algũa noticia, & de como nella foy bem recebido; trata de hir à terra firme, da qual se faz hũa breve descripçam.

I Assim esteve apõto este valente soldado vigiando, & esperando o final, pera fahir ao campo a debaterse com tam poderosas difficuldades, como se lhe offereciam por

davante; & bem mostrou que nam eram sòmente palavras de offerecimentos vãos, senam significaçõens verdadeyras de vòtade syncera, porque sendo esta carta feyta aos 16. de Março do anno de mil seiscentos & quatro, acho huma carta sua escrita já de Caboverde, em Junho do mesmo anno, da qual nos consta, que a viagem a Caboverde foy muy prospera, porque dentro em quinze dias, sem nunca mudar, ou estingar vèla foram navegãdo (que parece as ondas, & os ventos cõ particular obsequio o serviam, & aslopravam em popa) atè lançar ferro na ilha de S. Thiago, a que chamamos de Caboverde, por estar perto de cem legoas defronte de hum grande promontorio, na cõsta de Guinë, ao qual por nome proprio chamam Caboverde.

2 Tem esta ilha (que he a mayor daquelles mãres) quasi dezanove legoas de comprimento, & dez de largo, està da bãda do Norte, quatorze graos, & dous terços da linha equinocial: á primeyra vista, a quẽ vay do már, nam representa esta ilha mais que ferranias ingremes, arrecifes fragosos, & montanhas escavadas, cõ tudo recolhe dentro de sy valles, & ribeyras muy frescas, & que com toda a abundancia, & liberalidade produzẽ algumas arvores, assim das que

se dam

se dam pela nossa Europa, principalmête de fruyta de espinho, como de outras, que lhe vieram das Indias de Castella, âlêdas que sãm naturaes da terra, como palmeyras (que dam cocos, & tamaras) q̄ senam sãm as melhores arvores, sãm as mayores, porq̄ aõde lhe falta a bõdade do fruyto, supre a força do terreno. He porêm o clima pouco sãdio, principalmente na Cidade, por nam ser lavada do Norte, por causa de huns altos rochedos, q̄ o impedem, havendo ally outros sitios de melhores âres: porêm os moradores mais tratam do interesse, do q̄ da saude, & por isso muytas vezes vem a perder tudo. Os que mais experimentam a malignidade destes âres, sãm os novos hospedes, com os quaes esta terra, especialmente se vem em tẽpo de agoas, mostra muy pouca benignidade em os agalhar, porque raro he aquelle, a quem ao principio nam receba com hũa forte, & maligna enfermidade.

3 Nesta ilha entrou o Padre Balthezar Barreyra cõ mais dous sacerdotes da Companhia, o Padre Manoel de Barros, & o Padre Manoel Fernandes, ambos religiosos de grande exemplo, & de muy conhecida virtude, foram recebidos com grandes festas, & alegria de toda a terra, & em especial do Gover-

nador Fernam de Mesquita de Brito, filho de Gomes de Brito, & de Dona Constança de Mesquita, que os aceytou com notaveis demonstraçoens de benevolencia, levandoos nos braços, & pretendendo com grãdes vêras agalhalos em suas mesmas casas, que já tinha preparadas, em quanto nos buscava sitio accõmodado, pera se edificar hũa casa â Companhia. Porêm o Padre Balthezar Barreyra, como verdadeyro missionario da Companhia, se foy recolher no hospital da sancta Misericordia, aonde o Provedor o fez agalhar com toda a charidade.

4 Logo ao outro dia sahio o Padre Balthezar Barreyra a fazer doutrinas pela cidade, cõtinuando os mais dias pregãdo, & confessando, com grãde fruyto da gente da terra, que a todo o tempo necessita muyto de semelhantes auxilios, nam cessando de dar graças a Deos, por lhe trazer hum homem de tãta virtude, & de hum zelo tam apostolico. Porêm o grande espirito do Padre Balthezar Barreyra, ja nam se aquietava em hũa sò ilha de dezantve legoas, tratou logo fazerse à vela, & entrar por aquelle vastissimo sertãm de Guinë, q̄ dista, por onde he mais perto da ilha cousa de noventa, & mais legoas, & porque o desejo era muy grande nam lhe dava lugar pera ver os inconve-

Como foy recebido na ilha de S. Thiago.

Comotratada de hir a terra firme.

nientes de tal jornada naquelle tempo, estes lhe declarou o Governador, nam consentindo, que por entam se abalasse pelo grãde perigo, que havia, sem primeyro passarem as agoas, que sòmente ally chovem em Agosto, Setembro, & Outubro: assim o permitio o Padre pelo gravissimo escrupulo, que os Padres seus companheyros lhe metèram; até que finalmente na primeyra occasiam se embarcou, & entrou, como veremos brevemente, por aquelles Reynos, aluminandoos, como hũ novo sol, que melhor resplandecia entre as mais e scuras trêvas de sua ignorãcia, & peores cores daquelles negros gentios.

5 Porém (pera que vejamos, qual foy o theatro, aonde este grande seivo de Deos de novo começou a dar alegres espectaculos ao cèo) quero aqui fazer hũa brevissima digressam pera dar noticia (como costume) destas terras, que veyo demandar, & por onde fez a Deos serviços tam gloriosos. Esta parte de Africa, que mais propriamente se chama Guinë, & vay correndo por dezãove graos da linha equinoccial, começa pela parte do Norte, pelo rio Cenagã, & continuando cósta ao Sul, quasi cento, & oytenta legoas, se acaba na provincia da Serra leoa. Todas estas regioes sam povoadas de varias naçoens

de negros, que este nome universalmente lhe dá aquella cor, com que o sol, que ally tẽ mais visinho, lhe requeymou os corpos: os primeyros sam os Ialòfos, que com o rio Cenagã se dividẽ pela parte do Norte dos negros Alarves, & pela do Levante os cingẽ os negros chamados Fulos; a cujo Rey, que he muy poderoso, chamam o gram Fulo. Pera o Sul se terminam estas gentes com os negros chamados Barbecins, os quaes habitam a provincia mais occidental desta Africa, & he a que sahe ao mâr com hũa grande ponta de terra, a qual se chama Caboverde, que faz rosto ao Poente, & à nossa ilha de S. Thiago, a qual por este respeyto, como às mais que por ahi ha, commumente chamamos ilhas de Caboverde.

6 Depois deste Reyno Ialòfo pela cósta adiante, seguẽse os dous Reynos, q̃ chamam Ale, & Ioala, nelles tratavam antigamente os Portugueses, & agora os frequentam mais os estrangeyros do Norte. Entre outros costumes desta gente, he notavel hum, que entre sy tem, no qual nam deyxarey de me deter contando, ainda que vou tam apressado. Quando o Rey quer fazer algũa guerra, chama seus capitaens, & conselheyros, & com elles se mete em hum bosque, que està junto do seu

*Dos Reynos
que logo
se seguem.*

Donde começa a terra de Guine.

*Ceremonia
com que
significam
o segredo.*

paço real, nelle fazê hũr cova, & postos todos ao redor della, cõ as cabeças bayxas, praticam, & votam sobre a guerra, q̃ tratam fazer; & tomada a ultima resoluçam, se levãtam, & tornam a cobrir a cova; como se cõ esta cerimonia quizessem significar que aquelle conselho, que ally se tomou, fica enterrado naquelle cova, por onde se algũ outro o souber, saybam tambẽ os conselheyros, que a culpa nam he da cova, que o ouvio, & em sy o enterrou, mas dos presentês, que o desêterrãram, & descubrãram, aos quaes tambem com esta cerimonia se mostra que se manifestarem o que ally se tratou, serãram ally enterrados. Com este avizo, & bem advertida cautela de tal maneyra goardam o segredo, que rarissimamente seus inimigos o vem a saber, & ordinariamente por esta traça costumam sair vencedores; tam grande he a valétia do segredo, que elle basta pera levãtar grãdes troféos: os bõs successos com o segredo se asseguram, cõmunicados se perdem; o segredo he a alma do bom governo, & a vida das acçoens reaes.

7 Seguẽse logo pera a parte do Sul até o rio de S. Domingos, que sam quasi trinta legoas, hũas naçoens de negros muy brutos, chamados Arriatos, & Falupos. Vam logo o diante outros, que se dizem Cassangas, &

*Rios q̃ ha
por estas
terras.*

Burãmos, ou Brames, logeytos a muytos Reys. Tẽ estas Provincias rios muy fermosos de grãdes, & muy caudalosas madres, como he o rio Gambiã, cujas agoas sahẽ tam poderosas ao mâr, que por espaço de trinta legoas, como muytos dizem, cõservam sua doçura, sem admitirẽ dentro de sy o comercio do mâr salgado, q̃ até as agoas hũas cõ outras tẽ natural repugnãcia. Na mesma fonte nasce o Cenagã, cuja barra de largura tem sinco legoas, & he navegavel por espaço de mais de cento, & sessenta. Tambem he muy conhecido naquella Provincia o rio de S. Domingos (por outro nome Iarim) nam menos nomeado pelo Sancto, que lhe dà a honra do nome, que pelos escravos, q̃ lhe dam as riquezas do trato, aonde hoje está a povoaçam de Cachêo. Outro fermoso rio corre da parte do Norte, a q̃ chamam o rio Grande; por hũ braço, delê se vay ao porto de Bigubá, principal povoaçam dos nossos em Guinë naquelle tẽpo, & ao de Baoulã, q̃ fica mais assima. Da põta austral deste rio, até o cabo q̃ chamam da Verga, aõde se remata a Capitania de Caboverde, se vam seguindo outras tres naçoens de negros, a q̃ chamam Nallus, Bagás, & Cassolins.

8 Deste cabo da Verga por diante começa a correr a muy nomeada Provincia da Serra-

*Junto ao
cabo de
Verga co-
meça a Ser-
ra leoa.*

leoa: o nome de Serra lhe coadra bẽ, por causa das grãdes serranias, & altíssimos penhaços, q̃ em sy tem, os quaes da parte do mâr, representam a quẽ os ve de lōge hũa perpetua, & cõtinuada mōtanha de penedias, sendo assim que pela parte da terra cõtẽ em sy valles fresquissimos, & cãpinas amenissimas, da maneyra, q̃ experimẽtamos na nossa muy celebrada serra de Cintra, a qual aos navegãtes nam mostra mais q̃ hũa regiã de penedos, q̃ sobẽ sobre as nuvẽs, cõmunicãdo suas alegres vistas de arvoredos, suas frescas, & perẽnes fõtes aos que pela parte da terra a vam demãdar. O titulo de Leoa lhe dam algũs, porq̃ na pōta, q̃ deyta pera o mâr, a qual se chama o cabo Ledo, tẽ hũas horrẽdas concavidades, & grutas soterraneas, pelas quaes resalta o echo das ondas do mâr oceano, que entram por aquellas cavernas, & assoutando furiosas aquelles rochedos, quebram rebatidas por toda aquella cõsta: acrescentãdo se o estrõdo cõ as muytas ribeyras que se vẽ despẽhãdo pelos arrefices da terra em valles profundissimos, cujas agoas offendidas por estes penhaços, como indignadas de se virẽ precipitando por barrocas, & quebradas altísimas, parece que ao lōge representam rugidos de leoẽs, & bramidos de leoas. Posto que outros por escusarẽ estas dirivações de

*Porque se
chama Ser-
ra leoa.*

agoas retubãtes, acham mais perto o sobre nome de Leoa, por causa dos muytos leoẽs, q̃ nascẽ por aquella parte de Africa, a qual entre outras novidades, q̃ sempre gera, costuma ser muy fecũda destes generosos partos.

9 He esta regiã a melhor, a mais sãdia, a mais fresca, & abundãte de toda Guiné, & pōde cõpetir cõ muytas das mais gabaças em a nossa Europa, dãse nella muytas arvores de excellẽtes fruytas, hagrãdes palmeyras, das quaes fazem vinho, & azeyte: tẽ uvas ao seu modo, & muyta cãtidade de arvores de espinho: ha grãde variedade de aves do ar, & de animaes da terra, ha muita diversidade de bugios, & entre elles tẽ hũs chamados Daris, refeytos, & mẽbrudos, os quaes tẽ tam notavel instinto, q̃ criados de pequenos servẽ a seus amos, como se fossẽ criaturas humanas De ordinario andam estes bogios em pẽ, malham aos negros o milho nos seus piloẽs; vam por agoa aos rios, q̃ trazẽ em coartas, ou em qualquer outra vasilha, as quaes poẽ â cabeça, mas chegãdo á porta da cala, se lhas nam tomam logo, as deyxam cahir no cham, q̃ por derradeyro sam brutos, & nam pode a arte, por mais que pretenda ser bugio da natureza, ensinar a estes, q̃ deyxem de mostrar seu natural: porẽm logo entornada a agoa, & quebradas as vazilhas, como ar-

*Frescura
destas ter-
ras.*

*Bugios na
taueis.*

repen-

repêdidos, choram, & gritam, & dam grãdes quoqueadas como em mostras de sentimento. De sorte q̄ sabê sentir o mal que fizeram, mas nam sabem acautelarse pera que o nam façam.

10 Ha nesta regiam muytas arvores, & entre ellas angelim, & outras madeyras reaes, de q̄ se podiam fazer grãde copia de naos; ha hũ pao vermelho, chamado camo, muy nomeado pera tintas; ha minas de ferro, & nam falta ouro, q̄ vê do sertam. Ha muytos rios muy grãdes, & muy caudalosos, q̄ vê desagoar ao mâr, entre bosques muy frescos de fermosas lorangeyras, & mais arvores de fruyto. Sam finalmente estas Provincias tam ferteis, & abũdantes, q̄ cuydam algũs, q̄ as vïram, & que experimentaram o nosso Brazil, q̄ estas lhe fazê conhecida ventagẽ, nam sò pela brevidade do caminho, pois em menos de vinte dias se costuma fazer, mas tãbẽ na fertelidade do terreno, & abũdancia de mercadorias, pois tẽ melhor pao q̄ o Brazil, muyto algodam mais fino, açucar quãto quizerẽ beneficiar, porq̄ as canas em muytas partes por sy mesino nascẽ, tẽ gẽte pera os engenhos, tẽ muytos mantimentos, infinidade de gados, & outros muytas cousas melhores q̄ no Brazil, senam q̄ por estarem estas terras mais perto, & ser mais facil sua navegaçam por

vẽtura q̄cuydamos, que nam sejam tam boas; tanto preço tẽ as cousas, q̄ vê de mais lõge, & q̄ foram cõpradas cõ mayores riscos.

11 Povoam esta Provincia da Serra leoa duas castas de negros, hũs antigos, & naturaes da terra, chamados Sapes, os quaes tem melhor discurso em suas cousas; tẽ Rey a quẽ obedecẽ, ao qual succede no governo o parẽte mais chegado, filho de sua irmã, & pera ser obedecido ovam buscar, & o trazẽ atado aos seus paços reaes, como se quizessem darnos a entẽder, q̄ vê a governar mais por força alheya, que por vôtade propria; & q̄ o Rey nam he sò senhor livre pera dominar, mas tãbem cativo atado pera servir: depois de o terem preso no paço o assoutam, & logo o tornam a desatar, & o veste das suas insignias reaes, & fica dally por diãte feyto Rey, & obedecido, como se cõ esta cerimonia lhe quizesẽ en sinar, que pera ser bõ Rey, & poder governar a seus vassallos, havia primeyro de experimentar em sy o rigor dos assoutes, antes q̄ os dẽsse as outros; sentindo a pena, primeyro q̄ gostasse do premio.

12 A outra casta de gẽte, de q̄ he povoada esta Provincia, he de huns negros muy barbaros, chamados Sũbas, em Angola lhe chamam Zimbas, q̄ quer dizer comedores de gẽte, os quaes cõquistaram, vèderam, mataram, &

Levam estas terras vantagem ao Brazil.

Dos negros Sumbas.

comeram grãde parte dos natu-
raes da terra, q̄ dissemos chama-
rêse Papes; respondem estes bar-
baros aos Gallas de Ethiopia, de
q̄ já temos falado: posto que hoje
com a brandura da terra, & be-
nignidade de seus áres tambem
em parte mudaram de sua anti-
ga dureza, & brutal ferocidade:
tãto mōta o bõ natural de hũa
terra, q̄ pōde amansar brutos, &
domesticar feras. Ha mais ou-
tras naçoēs chamadas Souzõs,
& Bouloēs, cõfinantes cõ os da
Serra leoa. Mas esta breve noti-
cia basta aos q̄ sō de lōge querẽ
ver, & saber destas naçoens.

CAPITULO XXXII.

*Passa o P. Balthezar Barrey-
ra à Serra leoa, bautiza muy-
tas daquellas gentes, escreve-
lhe el Rey D. Philippe: conta se
hum caso, em que se mostra o
sentimento, que o diabo ti-
nha dos bautismos que
fazia.*

I Estas sam as gentes,
& estas as regioēs
de Guinè, pera on-
de navegou, & por
onde andou o P. Balthezar Bar-
reyra, emproando primeyro, em
sahindo da uossa ilha S. Thiago
no Reyno de Biguba, & desem-
barcando no porto de Guinalã,

que està por hum braço assima
do Rio grande, teve logo huma
ocasião, que pera elle foy muy
alegre de confessar, & cõmun-
gar os Portugueses daquella
povoaçam: dally se meteo logo
pelo sertãm, porque a sede de
converter aquelles gentios era
muy grande, achon o Rey da
terra, que estava enfermo, & an-
tes do Padre lhe fallar, conver-
teo, & bautizou a muytos dos
principaes do seu Reyno, & os
persuadio a terem hũa sò mo-
lher, que esta he a mayor diffi-
culdade, com que o diabo os en-
reda, fazendolhes por esta via
guerra, tanto mais violenta, quã-
to mais branda. Agravouse a
doença neste comenos àquelle
Rey, entrou o P. avizitalo, pro-
curando a saude da alma, q̄ esta-
va muyto mais enferma, mas
nam lhe foy possivel, por mais
mèzinhas q̄ lhe applicou, acabar
cõ elle q̄ se fizesse do bando de
Christo, antes q̄ acabasse a vida
do corpo; porque enfim veyo a
morrer, entre os erros de sua ce-
ga gẽtilidade, podẽdo cõ tãta fa-
cilidade ganhar em hũa hora, o
q̄ perdẽra em tantos annos; mas
sam segredos altissimos da divi-
na providẽcia, q̄ quiz nesta oca-
sião dar semelhãte noticia a este
Rey pera assi mostrar, q̄ se perdia
por querer, & nam por falta de
auxilio, pera ter menos escusa, &
mayor pena. Acabou porẽm o
P. com os principaes do Reyno,

*Trata de
bautizar o
Rey daquel
la terra.*

que

que na morte do Rey nam matassem gente humana, como he costumè fazerem, persuadindo-se, que os que em semelhante occasiam morrem vam servir aos Reys no outro mundo, que destas traças usa o demonio pera lhe abonar sua crueldade.

2 Sahido daqui o P. Balthezar Barreyra chegou ao proprio porto de Bigubâ, aonde entam havia hũa fermola povoaçam de Portugueses, aos quaes tambem consolou, & reformou. Dally entrou pelo sertam, aõde converteo muytos gentios, & bautizou algus daquelles Reys; atè que efferecendose hũa lanchara, que passava à Serra leoa, se embarcou logo nella, em treze de Junho, de mil & seiscentos & sinco, pera naquelle Reyno (que naquella côsta de Africa he o mais principal) fazer este fervo de Deos seu principal emprego. Era o tempo de chuvas, & de ventos contrarios, a embarcaçam muy incomoda, além de ser muy pequena, & assim foram grandes os trabalhos, & muytos os perigos, que o bom Padre Balthezar Barreyra aqui padeceo, gastando nesta navegaçam de Bigubâ à Serra leoa dous meses inteeyros, sendo couza ordinaria fazerse em seis atè oytto dias, que parece resistia o principe das trevas, conjurando os ares, & levantando as trometas contra a embarcaçam, em q

fabia, que navegava hum tam descuberto inimigo seu. Entre outros grandes perigos lhe saltou em huma tromenta o leme fôra, & se foy logo a pique, pera lhe nam ficarem esperanças de o poder cobrar: deramse todos os passageyros por perdidos, & o mesmo piloto tam esmorecido, que os desanimava a todos, nam os podendo governar, pois lhe faltava o leme em que pegar. Neste grãde perigo acodio o animoso P. Balthezar Barreyra, fazendo pegar das escotas, obedeceo o barco, & vindo com elle bordejando ferraram milagrosamête, como parece, o porto de Buré, que dantes nunca podèram entrar, q quando Deos he o piloto, facilmente se supre a falta do leme.

3 Em quanto neste porto se refez a embarcaçam, & metèram outro leme, nam perdeo o Padre occasiam de se ver com o Rey daquella terra, ao qual entam deyxou muy affeyçoado à Fè catholica, com promessas de fazer logo hũa Igreja, & na volta que fez àquelle Reyno, o bautizou. Continuaram logo sua navegaçam, chegaram ao primeyro porto da Serra leoa, chamado S. Miguel, em vespora de S. Matheos, q tomaram por bom agouro, esperando no glorioso Apostolo favores divinos, naquella apostoli a empreza, & assim os experimètou largamête

*Embarcaje
pera a Serra
leoa.*

*Chega ao
primeyro
porto da
Serra leoa.*

o bom Padre, porque discorrendo por aquelles Reynos, fez innumeraveis bautismos, & converteo muytos daquelles Reys, entre os quaes foram muy celebres os Reys Dom Phelippe, D. Pedro, & D. Miguel, cujas conversoens, & admiraveis progressos na fê, andam imprêssos pelo Padre Fernam Guerreiro, nas relaçoens, que com grande curiosidade imprimio dos successos que reve a Christandade nas missoes transmarinas da Companhia, entre as quaes tem boa parte esta gloriosa missam do Padre Balthezar Barreyra, o qual por espaço de cinco annos se deteve naquelles Reynos, andando por todos elles a pè, & fazendo verdadeyramente obras milagrosas, como largamente se poderam escrever ao diante, referindo suas mesmas cartas, que sam curiosissimas, & devotissimas, as quaes sam muytas, & se conservam todas no cartorio de Coimbra: & darã bastantemateria, pera se fazer hũa larga, & boa historia.

*Tempo q
estive em
Guinè.*

*Chega a
Portugal
afama das
obras do P.
Balthezar
Barreyra.*

4 Chegou a Portugal a fama dos muytos bautismos, que havia em Guinè, feytos pelo P. Balthezar Barreyra, & dos muytos Reys de novo convertidos, das obras milagrosas, com que Deos por aquellas partes o tinha feyto admiravel, & era notavel a alegria, que em todos causavam estas boas novas, de

sorte que até em Madrid o mesmo Rey Dom Phelippe, que entam nos governava, se deo por obrigado a manifestar ao Padre esta sua satisfaçam, por carta propria, que me pareceo por aqui, porque temos o original em nosso poder.

CARTA DEL REY Dom Phelippe o Terceyro pera o Padre Balthezar Barreyra.

5 **B**althezar de Barreyra, superior dos Religiosos da Companhia nas ilhas do Caboverde. Eu el Rey vos envio muyto saudar. Tive particular cõtentamento de saber, que haveis bautizado ao Rey da Serra leoa, & ao da outra costa d'alla, & as mais cousas, em que vos empregais por essas partes em serviço de Deos, & meu, que muyto vos agradeço. & espero que com vossa virtude, prudencia, & exemplo, se consigam outras muytas, & que por vosso meyo venham todos os gentios dellas em verdadeyro conhecimento de nossa sancta fê, que he o que sobre tudo desejo.

6 As lembaanças que me fazeis vos agradeço, ao que me dizeis sobre os Reys de Bigubã, & Guinãla, & socorro, que pretendem lhe mandar contra os Bijagos, & danos, que estes gentios fazem, & que delles re-

cebem

cebem as povoações do Rio grande, & commercios de meus vassallos, & necessidade que ha de serem castigados, pelo q̄ tambẽ dizeis de Sebastião Fernandes Caspã ser a proposito pera esta empreza, vos encõmedo trateis cõ elle se aquer tomar á sua conta, como offerereo, & que aponte as cousas, que pera isso pede, pera eu o mandar ver, & ordenar com isso, o que julgar por meu serviço, & do que com elle tratardeis, & sua resposta, & apontamentos, que farã me avisareis, quanto mais brevemente for possível.

7 Sobre o tratõ, que dizeis usãam os Portugueses, que vivem em Portodalle, & Iodala, & ferro, que dally se leva pera passar a Guiné, tenho mandado que se goarde o que dispoem a bulla da Cea, & leys que mandey fazer, pera os estrangeyros nam hirem a meus commercios: & no particular que tambem me escrevestes sobre haver capitã em Cacheo tenho mandado ordenar o que lá entendereis. Escrita em Lisboa a 19 de Novembro de 1611.

R E Y.

8 Desta carta bem se ve o dobrado espirito deste grande servo do Senhor, pois nam só assistia em primeyro lugar ás cousas de nossa sancta Fè, & cõversã dos gentios, mas tambẽ acudia pelo bem daquelles estados, & pelo remedio daquelles Reys seus baptizados, & afilhados, negociando lhes socorros, & advertindo, o que era ne-

cessario pera melhor conservaçam daquelle commercio.

9 Se era grande a alegria do céo sobre tantos peccadores, que faziam penitencia de seus peccados, & deygandõ as trévas da idolatria, entravam pelos caminhos resplandecentes da salvaçam, tambem era grande a tristeza do inferno, & de seus ministros, por causa das muytas presas, que este forte armado lhe tirava das unhas. Sam os gentios desta parte de Guiné notavelmẽte supersticiosos, grãdes & famosos feyticeyros: eram muytos os idolos, que havia por aquelles Reynos, tanto que algũ Rey daquelles se bautizava sahiam a publico os idolos, mãdados vir pelo mesmo Rey, acõdiã o lugar todo como a huma nõva montaria de porcos montezes, vinham os mininos todos da povoaçã, & em suas mãos lhe mandava o Padre entregar os idolos, pera que à vista do povo todo, que nisto tinha hum alegre entremès, os desfizessẽ em pedaços, & os queymassẽ no fogo, o que o Padre particularmente ordenava, assim pera mostrar a pouca força dos idolos (pois os podiam vencer mininos de tenra idade) como pera os hir criando em hum sancto odio daquelles falsos deoses.

10 Nam só eram muytos os idolos, mas tambem havia

Dã grãde superstição destes gentios.

*Ilha do Camafsono
sogeyta ao
diabo.*

lugares totalmête dedicados ao demonio, entre os quaes era muy celebre, & muy temerosa hũa ilha chamada Camafsono, afastada da terra coufa de hũa legoã, entre os Reynos daquelles Reys Dom Philippe, & Dõ Pedro; desta ilha havia muytos annos que o diabo estava depõsse, & feyto senhor tam absoluto, & tyranno tam insolente, q̃ nam consentia, q̃ nella entrasse pessoa viva, senam eram alguns seus muy devotos, & muy confidentes; & se algum outro, ou por curiosidade, ou descuydo ally vinha, logo à entrada, eram tam horrêdos os vultos, & tam medonhas as vizagens, que pela praya lhes apareciam (porq̃ o diabo faz guerra com ruins carrancas, quando nam pode com peores obras) q̃ desta sorte amedrontados com nõvos, & espantosos terrores fugiam da ilha, & multiplicavam os sacrificios, pera que os nam perseguissem na terra firme aquellas horriveis fantasmas, que na ilha do Camafsono tinham seu asẽto. Direy agora o que succedeo ao Padre Manoel Alvarez da nossa Companhia, subdito, & fiel cõpanheyro dos trabalhos do Padre Balthezar Barreyra; & contarey este caso quasi por suas mesmas palavras, & lhe podemos dar credito por ser homem de muyta bondade, & verdade.

II Achouse enfermõ (diz elle) o Rey da Serra, pediome confissam, mandoume recado a huma ilha, aonde eu fora a hũa obra de muyta gloria do Senhor: pera acudir a esta confissam, levaram me os Portugueles em hum batel, cheguey a Serra, confessey o Rey: na volta que fizemos, pedi a quem governava o barco, que fossemos costeando a ilha de Camafsono, antigo seminario de toda esta idolatria; muyto folgãram os Portugueles desta occasiam, pela terem de colher da fruyta do arvoredõ, que cinge suas praya, & de ver se descubriam algũ novidade daquelles infernaes vultos, com que tantos medos lhe metiam. Hia se jã pondo o sol, quando de repente descobrimos o mar todo cuberto de almadias cheyas de demonios chorando, & grandes vozes entoando a queyxa, ou letra seguinte: *Padre aponso e nõ*, que quer dizer, *O Padre nos acaba aqui*; que assim se queyxavam estes demonios do bom Padre Balthezar Barreyra, do modo, q̃ no Evangelho, o outro diabo se queyxava do Senhor, *Venisti perdere nos.*

12 Sahiam todas estas almadias, conforme a derrõta que levavam, da ilha do Camafsono, em cuja praya se vio logo hum diabo em hũa horrenda figura, que representava hum triste, &

*Do que se
viona ilha
do Camaf-
sono.*

²
Marc. c. 10.
num. 11.

*Figura q̃o
diabo to-
mou.*

def-

descomposto velho, o qual com brados desentoados gritava da ilha, chamando aos que já hiam no mar: feyta esta representaçam desaparecêram as almas; & os que estavam nas ilhas mais visinhas atemorizados sospeytavam serem de gente de guerra (& nam a podiam ter mais perigosa) & quando estavam mais suspensos, entra o espirito maligno no corpo de hũa gentia, atormentaa, falla nella linguagens peregrinas, perguntalhe hum dos seus falsos sacerdotes, que gente era aquella, q' sabia do Camassono: respondeo entam o soberbo espirito, *Examos nós, que vos queremos deyxar, já que o Padre nos assouta, & vivemos tam apertados por estas partes, que nam ha já lugar pera nós, & senam multiplicardes os sacrificios, todos haveis de pagar o mal, que nos fez este Padre. Que destas traças, & futis enganos sabe usar o espirito enganador.*

13 Dahi a dous, ou tres dias (pera que levemos ao cabo a hitoria do Camassono, & cõcluamos com estes diabolicos navegantes) veyo hum Regulo da ilha donde morava a gentia, em quem entrara o demonio, á nossa aldeia de S. Pedro, entra na casa do Rey Christam, começa com grandes gritos a brádarlhe em sua lingua desta sorte: *Papà Obei mĩna xarafè coroficã Camassono boga su achem ganè ehicò*

Como o diabo se queyxava do P. Balthezar Barreyra.

Padre a sapeco, quer dizer, Pay Rey, vòs nam sabeis que os demonios de Camassono nos tem tomados por inimigos, porque o Padre os assouta. Tomou dally occasiam o Rey pera lhe mostrar quam fraco era o poder de todo o inferno junto, pois hum só Padre bastava pera os vencer, & confundir a todos.

14 Esta historia conta o Padre Manoel Alvarez, desta ilha, & dos seus idolos, & feytigarias faz, por muytas vezes, mençam em suas cartas o Padre Balthezar Barreyra, & bem se vê nella, quam grãde era a guerra que o Padre fazia ao inferno, & quam gloriosas eram as victorias, que delle alcançava, pois seus mesmos inimigos assim o confessavam.

CAPITULO XXXIII.

Da saneta morte do Padre Balthezar Barreyra, do sentimento que della houve, & das exequias que lhe fizeram.

1 **H**Um anno havia q' o Padre Balthezar Barreyra estava na ilha de S. Thiago na cidade da Ribeyra grande, aõde tinha vindo da Serra leoa. pera acudir a muytas cousas do

serviço

*Trata o P.
de tornar
ao sertão
de Guiné.*

serviço de Deos, que ally eram necessarias, assim por elle ser o superior daquella missão, como porq̃ os governadores daquella conquista se ajudavam muyto de seu conselho. Porém aquelle seu grãde espirito nam lhe dava tregoa, nem os muytos annos que tinha (porque era já de setenta & quatro) lhe permitiam algum descanso: tratou com toda a boa diligencia de embarçã, pera se tornar à Serra leoa, a continuar com sua christãdade. E he proprio da virtude nam atetar pera o que fez, senam pera o que ha de fazer nẽ ver o que já tem, senam o q̃, ainda lhe falta: daqui nasce que vemos aos sanctos nam estarem nunca contentes do que já alcançaram, antes andarem sempre sollicitos em buscar o que desejam ter; donde rezã, ^a que era huma nõva, & sancta avareza, a qual quanto he mais rica, tanto se tem por mais pobre, & quanto mais alcança, tanto mais apecece.

2 Desejava este bom velho tornar à terra firme, baptizar mais christãos, padecer maiores trabalhos, & morrer, como elle muytas vezes dizia, entre barbaros, a puro desemparo, imitando a seu querido mestre, & Senhor, que tambem quiz morrer na cama da cruz, & nos braços do desemparo. Sanctos

*Desejava
o P. morrer
entre os
Jeus christãos.*

eram estes intentos do bom P. Balthezar Barreyra, mas nem sempre quando Deos estima a vontade aceyta a obra; & muytas vezes, posto que louva os desejos, desvia a execuçam, aprovando a causa, mas nam aceytãdo o effeyto: assim vemos que succedeo aqui, porque de tal maneyra faltaram as embarçaõs, que nam pode partir, como desejava, até que a enfermidade, & a morte totalmentẽ o impedio: ordenando Deos que morresse elle entre os nossos, que estavam naquella ilha, pera haver testemunhas de vista, que depois nos contassem do grande exemplo, que nos deyxou, & da perseverança que teve até o fim. Estavam entam naquella cidade, à lã do Padre Balthezar Barreyra, outros dous Padres, o Padre Sebastiam Gomez (que naquellas partes trabalhou, como servo de Deos, & foy homem virtuoso, & de grãde verdade, & morreu depois sendo ministro na casa de Sam Roque) & o Padre Antonio Dias, que ainda hoje vive na mesma casa, depois de trabalhar, com muyto louvor, naquellas partes de Guiné trinta & quatro annos, & ambos nos enformãram de tudo o que himos contando, por escrito, & por palavra.

3 Adoeceo em fim na quaresma de mil seiscentos & doze, porque nam podia já hũ corpo

Como adoeceo o P.

tam quebrantado vencer o peso do trabalho, & com tudo nam queria deyxar seus ordinarios jejuns, persuadindose, que os podia levar, porque com o vigor do espirito, cuydava que supria a fraqueza da idade, até que finalmente se rendeo ao mal, & se fogeyrou à cama: acodiram-lhe com toda a charidade nam menos os dous Padres de casa, que todos os nobres da cidade: porêm se eram grandes os desejos, que em todos havia de lhe dar laude, mayores eram, os que elle tinha de acabar a vida; gastava o dia todo em continuos colloquios ao céu, & em abraçados suspiros de ver a Deos: continuando com tanta vehemencia nestes sanctos exercicios, que os Padres lhe foram por vezes à mão, & lhe metèram grave escrupulo, por se cãsar tanto: em especial se lhe acrescentaram estes desejos no dia da Alcençam do Senhor, cõ os grandes jubilos de sua alma, que suspirava por subir ao céu, com o Senhor, naquella ditosa hora; & porque tinha já tomados os Sacramentos, pediu que lhe trouxessem a vèla, & tendoa na mão, com fervorosos colloquios ao Senhor, esperava que o levasse naquella hora; porêm vendo que passava, cessou com aquelle cuydado, mas nam com o aparelho, que cada vez mais hia afiando, até que finalmente

Grãdes desejos que tinha de morrer.

em dous de Junho lhe começaram a entrar correysos da morte mais certos, & mais apressados, que elle aceytava com notavel alegria. Chegaramse neste comenos a elle os dous Padres, Sebastiam Gomes, & Antonio Dias, & lhe pediram com muitas lagrimas a bençam, que lhes lançou, com grandes mostras de amor, assegurandoos do cuydado, que levava de os encõmentar a Deos, & ao nosso glorioso Padre Sancto Ignacio, dizendolhes algumas palavras tam brãdas, & tam affectuosas, que os movia nam sõmente a ter já fidedades, de quem ainda tinham presente, mas tambem a chorar copiosas lagrimas, pela auzécia, que já previam.

4 Assim praticava, com os dous Padres, das cousas do céu, & no tocante à sepultura de seu corpo, & missas, que pedia, que lhe dissessem, como em outro tempo fazia, dispondo as cousas do governo da casa. Poucas horas antes de espirar pediu ao Padre Sebastiam Gomez, que lhe escrevesse hũa carta para o Padre Provincial Ieronymo Dias, a qual eu de muy boa vontade aqui escrevera, se me viera à mão: mas ao menos me cõtento com referir o que della diz o P. Sebastiam Gomez no memorial, que mandou ao Padre Provincial, sobre esta morte tam sancta: *Poucas horas* (diz elle)

Da paz da alma com que tratava de sua alma.

antes de espirar, notou a carta, que cõ esta vay pera U. R. palavra por palavra, da qual se verá o aviso, prudẽcia, & sanctidade de que Deos nosso Senhor o tinha dotado: esta carta nos deyxou admirados, por ser notada em tal tempo, hindo misturando as palavras della com os arrancos da alma: nem eu cuydey nunca ver semelhante cousa, nem quando a comecey a escrever cuydey que a tal cousa elle podesse chegar, porque além de a notar ma fez repetir por vezes, & elle mesmo emmendava o que lhe parecia.

6 Atè aqui o que o Padre Sebastião Gomez diz sobre esta carta, que naquella occasiam ditou o P. Balthezar Barreyra, como se fosse a ultima muzica, que estãdo visinho á morte, nos dava este excellente, & já branco Cyrne, que entre lagrimas alheyas morria cantando: atè que em hũa segunda feyra quatro de Junho de mil seiscentos & doze na infra oytava da Ascençam, junto às dez da noyte, encostado de hũa ilharga, como quem queria repousar cõ muyta quietaçam, tomou o sono da morte, sendo de idade de setenta & quatro annos, tẽdo da Companhia sincoenta & seis, & sinco meses.

7 O sentimẽto, que houve de sua morte foy tam grande, que todos gèralmente na cidade choravam; o Governador, & os nobres, todos se vestiram de luto, até os mininos choravam,

como se lhe morresse leu pay, os negros mais barbaros mostravam mayor sentimento, até os gẽtios, & pela ilha toda nam se ouviam mais que lagrimas, que na verdade a perda de hum varãm sancto, he a mayor que pôde haver em hũa cidade, & merece ser chorada cõ as mayores demonstraçoens do mais cordeal sentimento,

8 Acodiram â nossa casa o Governador, todo o Cabido com suas dignidades, a clerisia, que na cidade se achou, fizerã-lhe as exequias com a mayor solemnidade, que até entam naquella terra se tinham celebrado; a missa do enterramẽto disse o Deam cõ Diacono, & Subdiacono, foy a missa de canto d'organ, officiada pelo ceremonial novo, que até entam senam tinha visto naquella terra, & mais novas eram ainda as ceremonias das lagrimas, com que tantas vezes se enterrompeo o officio, que nam podèram naquella manhã acabar. Ao levar da tumba houvera de soceder muyta perturbaçam, por querer cada hum dos mais nobres participar o bem de tocar naquelle veneravel deposito, tendo muytos por grande honra, & consolaçam, senam podiam levar o corpo, ao menos hir pegados â tumba, sendo muyto pera ver neste acto de tanto sentimento aos dous Padres, que com hirẽ

Solênidade com q se fizeram suas exequias.

De sua sãcta morte.

Grande sentimento em sua morte.

chorati-

chorando, queriam persuadir a gente, que nam chorasse: dobraramse porém em todos as lagrimas, quando antes de o lançarê â terra, chegaram a lhe beyjar a mãm, com tam grande affecto, q̄ parece senam podiam apartar delle.

9 Ao outro dia cinco de Junho se tornaram outra vez âjutar todos, & se acabou o officio, & ao terceyro dia houve tambẽ missa cantada de canto d'organ, a que tambem se achou presente o Governador com toda a gente nobre da cidade, & o Conego Rodrigo Annes Ceteo, Provisor, & Vigayro gẽral, sem os nossos lhe terem falado palavra na materia, se subio ao pulpito, & fez hum prudente, & devoto sermãm nestas exequias, que nos veyo a nossas mãos, com o qual acrescentou as muytas lagrimas da gente,

& a boa opini-

ãm do de-

funto.

(:):



CAPITULO XXXIII.

Das boas partes de que Deos dotou o Padre Baltbezar Barreyra, & de alguns casos que Deos obrou por elle, que parecem milagrosos.

I Ste foy o ditoso fim do Padre Baltbezar Barreyra: assim morreo aquelle sancto velho, acabando de morte natural com doença, pedindoa elle a Deos violenta com o ferro; morreo na cama, desejando elle que fosse no cãpo, peleyjando como soldado valente, & nam deytado como enfermo fraco. Foy homem, como temos visto, de grandissimo zelo da salvaçam das almas. O trato com Deos foy muy familiar, com quem gasta nam sò muytas horas de dia, mas grande parte da noyte; sua mortificaçam era rigorosissima, mais do que demandavam as forças de hum corpo velho: muytos annos havia que a sua cama era no cham, sem outro aparelho mais que huma esteyrinha da terra, a que chamam bucho, & ally descansava vestido, como se quizesse estar sẽpre aponto cingido, & vigiãdo, pera a qualquer

Prêgacam nas suas exequias.

Boas partes do P. Baltbezar Barreyra.

hora acudir ao rebate da salvagam dos proximos; as disciplinas, que se lhe acharam, eram huns cordeis tecidos de fios de arame: & como testificou o Provisor no Sermam de suas exequias, tambem lhe acharam hu cilicio, com o qual assim se tinha apertado, q ja pelo costume de o trazer, lhe tinha gastada, & consumida parte da carne: q assim se soube cingir, & apertar consigo este vigilante servo do Senhor, trazendo impressos no mesmo corpo os instrumentos de sua penitencia, tam unidos, & aferrados com sua carne vecida, que lhe poderam tirar o cilicio, mas nam as lembranças de suas victorias, & os monumentos de seus triunfos;

2 A cõpostura no exterior era em tudo angelica, & de homem sancto, que este era o nome, que tinha em toda a terra: naquelle rosto, & naquellas cans de homem velho, cuydavam muytos, que viam hum Anjo do cõo: este privilegio lhe vinha sã duvida da pureza de sua vida, q por esta causa quer S.^a Agostinho, que vissem os da Cinagoga o rosto de S. Estevam, como se fosse a face de hum Anjo; & neste particular nos consta por testimonho dos q o confessaram por vezes geralmente, que nunca teve cousa em sua vida, que se pudesse julgar por peccado mortal.

Era muy cõposto no exterior.

2
Aug. Ser. 6.
de Sanctis,
Act. c. 6. nu.
16. Viderut
faciem eius
tamquã facie
Angeli.

3 Este tenho eu pelo mayor milagre dos muytos que se cõtam deste bom velho, dos quaes tambem brevissimamente referirey tres, deyxando o exame delles a quem pertence. Hum Arcediago daquella Sê, chamado Sebastiam da Mota, era muy sogeyto ao mal da gota, a qual o acomeria por muytas vezes, cõ intoleravel violencia de dores, que lhe duravam de ordinario dez, ou doze dias. Estando ja doente o Padre Barreyra, o Arcediago o encõmendou a Deos, dizendo missa; & acertando ao outro dia de o acometer o accidente costumado, estando lidado com o tormento de vehementissimas dores, disse estas palavras: *Bõse Padre Balthezar, ja que ontem vos encõmendey a Deos, bem me poderieis vós hoje alcançar remedio para estas dores.* Dizendo isto logo adormeceo, & lonhou q estava em Roma, & que ally se faziam grandes festas ao Padre Balthezar Barreyra, por ser Sancto, & particular avogado da gota, & q elle lhe tinha alcançada perfeyta saude; este foy o sonho: o certo he que elle acordou sem dor alguma, como se nunca em sua vida tivera gota, nã final della. Ficou tam affeyçoadado ao Padre, que estando ja seu corpo lançado na sepultura, se meteo dentro, & lhe beyjou a mãm, & nam o podiam tirar fóra, como senam quizesse apar-

Como sãrou de gota a hum Arcediago.

tar-se de medico tam milagroso: & se o sonho assim como foy verdadeyro nesta saude, o for tã-bem no mais, nam faltará de-votos a este novo avogado da gota, & será unico remedio pera este mal irremediavel, & a melhor cura pera este achaque incuravel, o qual he afronta dos medicos, & tormento dos enfermos.

4 Mais breve he o segūdo caso: conta o P. Sebastiam Gomez, naquella seu memorial, que estando elle na Serra leoa com o P. Balthezar Barreyra, teve hũa gentia tam grandes dores de parto, que começou a agonizar, persuadindo-se todos que morria; chega neste comenos o marido de fóra, que tã-bem era gentio, mas porque tinha ouvido contar muytas cousas admiraveis do P. Balthezar Barreyra, começou a bradar a grandes vozes na sua lingoa, dizendo: *Padre velho, Padre velho*, lembrãdo tã-bem à molher, que chamasse pelo mesmo Padre velho; tã-to que os brados começaram, logo a molher pario hum minino, ficando sem perigo nenhum: & com serem gentios, em reconhecimento desta mercê, pozeram ao minino por nome o Padre, & sempre assim conservou este nome, até entre os gentios, os quaes nam sòmente ao dito-so nigrinho chamavam Padre, senam q̄ tã-bem à mãy chegou

Como acudio a hũa molher q̄ estava de parto.

a boa graça do nome novo, por q̄ lhe chamavam a mãy do Padre: dally a annos se bautizou este minino, do qual se pòde dizer, que primeyro foy Padre, do que fosse christã.

5 Seja o terceyro, & ultimo caso: hindo na Serra leoa algũa gente em hũa embarçaam, costumada naquelles mães, a que chamam almadia, a qual he muyto mais bayxa, que os nossos barcos: se levãto tam forte maréra, & se empollou o már com tanta colera, que se deram os da almadia por totalmente perdidos, hiam nella hũs moços pertencentes aos nossos Padres, & lēbrandose hũ delles, q̄ levavam na embarçaam hũa veste, que tinha servido ao P. Balthezar Barreyra, como se fosse hũa preciosa reliquia, a tirãram fóra, & à levantãram, arvorandoa como bandeira em hũa haste, cõtra a furia do már empolado, & cõtra o impeto de suas soberbas ondas, as quaes logo (reconhecẽdo parece, naquella veste a virtude da capa de Eliseo, ^ba quem obedeceo o Iordã) amaynãram de repente, como se ou lhe cobrassem medo, ou lhe tivessem respeyto, reverenciando no vestido a virtude do Padre.

6 Outros muytos casos semelhantes podéra cõtar, que a seu tempo se referirã, a mim me basta dar agora esta breve noticia do Padre Balthezar Barrey-

Como a-quietou hũ temporal.


b
4. Reg. c. 2. n. 15. Percussitque aquas, & divisæ sunt huc, atque illuc, &c.

*Anno de
Christo de
1556.*

ra (por me achar nesta Chronica, no anno, em que entrou na Companhia) ao qual com rezam chamam Apostolo de Guinê, donde tambem nos sahiremos, & nos faremos na volta da India, contando a viagem do Patriarcha Dom Ioám Nunez Barreto, q̃ no capitulo septimo deste livro deyxamos aviandose pera Ethiopia.

CAPITULO XXXV.

Embarcase pera a India o Patriarcha Dom Ioám Nunez Barreto, leva em sua companhia, entre outros, o Padre Dõ Gonçalo da Sylveyra, & o Padre Francisco Rodrigues, a quem chamavam o manquinbo, dàse delle algũa noticia: & embarcase tambem o Bispo Dom Andrè de Oviedo.

I  Ornamos agora a continuar com as cousas do anno de 1556. de que nos divertimos, pera dar noticia plenaria do novo Provincial, que neste anno começou a governar, & do Padre Balthezar Barreyra, que entrou na Cõpanhia no principio do mesmo anno, & assim nos fica obrigaçam de cõ-

tinuar outra vez com as cousas do Patriarcha Dom Ioám Nunez Barreto, que deyxamos no capitulo septimo em Lisboa, esperando a monçã de este anno, & preparando o necessario pera a viagem; cuja dilaçam foy de grande proveyto, nam só pelos raros exēplos de humildade q̃ nos deyxou, mas tambem pelos bõs despachos, que houve, & pelo real provimento, com que o serenissimo Rey D. Ioám preparou, & proveo aquella missã; ordenando que se fizesse cõ a mayor magestade possivel, fazendo pera isto seu embayxador ao Rey Abexim, a Fernam de Souza, q̃ chamavam de Castello Branco, filho de Iorge de Souza, pera que fosse em cõpanhia do Patriarcha, & mais Padres, & levasse àquelle Emperador algũs presentes dignos da magnificēcia do Rey, q̃ os mādava, nos quaes se continham muytas roupas de borcado, tēlas muy bē lavradas de ouro, & prata, com outras peças de grande preço, & ornamētos riquissimos a uso da Igreja Romana: tomãdo o mesmo serenissimo Rey muyto à sua cõta todos os gastos do Patriarcha, & dos Bispos, & mais companheyros, assim pera a viagē, como pera terem rendas cõpetentes, como tambē pera sua sustentaçam, & despeza da armada, q̃ na India mādava preparar, pera levar o Patriarcha com

*Anno da
Cõpanhia
17.**Embaxada que
el Rey mādava
ao Abexim.*

Anno de
Christo de
1556.

Neste anno
foy pera a
India o P.
Gõçalo da
Sylveyra.

^a
2.p.l. 4. á c.
29.

^b
Dec. 7. l. 2.
cap. 7.

P. Frãcisco
Rodrigues
o maqui-
nho.

^c
1.p.l. 2. c. 14

quinhentos homẽs de armas, & todos os mais petrechos necessarios, nam menos pera authoridade de Patriarcha, que pera goarda de sua pessoa.

2. Grandissimo foy o fervor, que nesta occasiam do Patriarcha houve em toda a Provincia, pera pedirẽ esta misãm, & pera o acõpanhar a Ethiopia: entre outros varoẽs muy insignes, q̃ pretendẽram, & alcançaram este favor foy hum delles o P. D. Gonçalo da Sylveyra (de quem atraz largamente faley^a) o qual actualmẽte era Preposito da casa de S. Roque, & neste anno de 1556. (como já adverti) & nam em o anno de 1555. como (diz Diogo de Couto^b) se partio pera a India; embarcandose em a nao Sam Giãm; cujo capitãm era Martim Affonso de Souza, o qual foy capitãm de Diõ, & filho de Gaspar de Souza, Veedor da fazenda do Cardeal Infãte D. Hẽrique, & de D. Antonia da Gama sua molher.

3. Tambem neste mesmo anno alcãçou o despacho desta misãm, & se embarcou na mesma nao com o Patriarcha o P. Francisco Rodrigues, a que chamavam o manquinho, de cuja entrada na Companhia falamos na primeyra partẽ, q̃ foy varãm insigne, assim pelos singulares ornamentos daquella ditosa alma, como pelas grãdes letras, & muytas sciẽcias, de que foy do-

rado: era excellente Mathematico, & sabia muy bem a Theologia especulativa, & moral, & foy douto nos sagrados Canones, & tinha sido o primeyro mestre q̃ no Collegio de S. Antãm ensinou casos de consciencia, & leo juntamente as sciencias mathematicas: & tambem exercitou o officio de Prẽgador com grande nome, nem menos em Portugal, que na India, aõde por muytos annos foy Reytor no Collegio de Goa, & muy conhecido em todas aq̃llas terras.

4. Este Padre cõ o exemplo do Patriarcha, & do P. Gonçalo da Sylveyra, & mais cõpanheyros entrou em grandes fervores da conversãm dos infieis, posto que parecia totalmente impedido, por causa de sua aleyjam: usava em casa de hũas muletas, nas quaes se sustentava pera poder andar, & quando sahia fõra de casa a prẽgar, hia em hũ jumẽtinho, & nos braços o tomavam pera o subir ao pulpito: & cõ parecer tam impedido pera as misões do Oriẽte, instou nesta occasiam cõ tanto fervor, que o mandassem, q̃ o P. Provincial lhe respõdeo hũ dia, que o nam importunasse mais, porque nam era pera jornada tam comprida, q̃ sem duas muletas nam podia dar dous passos: respõdeo entam o fervoroso, & bem engraçado oppositor da India, que elle nam pedia a sua Reverencia

Anno da
Cõpanhia
17.

Anno de
Christo de
1556.

licença pera andar, senam pera navegar, & como isto se executava com vento, & com vellas, & nam com pès, ou muletas, q̄ nam era elle inepto pera fêmeilhante misã. Finalmente difficultandolhe a misã os superiores de Portugal, recorreo a Roma a nosso glorioso Patriarcha, de quem alcançou esta licença, que foy o favor de mayor estima, que nesta vida, como elle dizia, podia receber. Levado finalmente á nao, fazendo de braços alheyos, guindaste pera subir ao cõvez; depois que nelle se vio, levantando as mãos pera o cèu, deo infinitas graças a Deos por tam singular beneficio, como de sua mãõ recebèra, em o deyxar entrar naquella nao, pera começar a navegaçam da India, por elle tam desejada, pela salvaçam das almas; & virãdõse pera os Padres, & Irmãos, que o vinham acompanhando (conforme o sancto costume usado entre os nossos nestas ultimas despedidas) tomando nas mãos as suas muletas: *Quem me dêra* (lhes disse) *Padres amantissimos, que em Portugal ficasse alguma lembrança, ou retrato destes pès, & destas muletas, nam pera que houvesse alguẽ que se lembrasse, ainda por brevissimo tempo, deste miseravel peccador, digno de eterno esquecimento, mas pera que nam houvesse ninguẽ ao diante, que vendo tal imagem, desesperasse de alcançar a misã da India, pois a*

Notaueis
palavras
do P. Francisco
Rodrigues.

nam ma concederãm sendo manco, & sendo tolhido; & pera que ninguẽ se escusasse de tam gloriosa navegaçam, & se resolvessem todos, que sò sam excluidos de alcançar esta empresa os que a nam querem pretender, por que todos ainda que sejam velhos, cegos, & aleyjados, acharã remedio nesta pisẽna. Estas foram as palavras tam notaveis, que nesta despedida disse o Padre Francisco Rodrigues o manquinho.

5 Desejava este excellente varã, que nesta sua ausencia, nos ficasse estampada na alma a imagem viva daquelles seus pès aleyjados: costumam os amigos quando se apartam hũs dos outros, deyxar de ly hum retrato, naquella postura, em que lhes parece que estavam mais ayrosos, & mais vistosos: & Christo nosso Senhor, havendo de hir pera o cèu (naquella ultima misã, quando deyxando o mũdo, se hia pera o Padre) o retrato q̄ de sy nos deyxou, foram as pègadas de seus sagrados pès, impressas no monte Olivete: & ainda que aquelles divinos pès estavam chagados, furados, & atravessados, nẽ por isso estavam desengraçados, antes o Prophe^d os achou dignos de lhes servir a terra toda de escabello. Queria o Padre Francisco Rodrigues, que nos ficasse hũa pintura daquelles seus pès mancos, & aleyjados, que ainda q̄ eram

illustre

Anno da
Companhia
17.

Discurso
sobre estas
palavras
do Padre

d
Isa. c. 66. M.
Terra autẽ
scabellũ pẽ
dũ meoru.

Anno de
Christo de
1556.

^e
Iſa.c. 52.n.7

^f
Iuu.ſat. 10.
Prò qua-
ſ facies, &
quali digna
tabella.
Cùm Geru-
la ducem
portaret bel-
lua lulcum.

^g
1.p.l. 2. ca.
26.n.5.

illuſtre prègador do Evãgelho, tinham a graça, & a fermosura, que o Propheta Iſayas^e lhe achava, quando dizia, *Quàm pulchri pedes evangelizantium.*

6 Diſſe bem o outro gen-
tio,^f que nunca o roſto do fa-
moſo Carthaginès Annibal eſ-
teve mais pera ver, que quando
caminhando pera Italia ſobre
hum fermoſo Elefante, por cau-
ſa das alagoas que paſſava, per-
deo hum olho; & que quando
lhes faltou a viſta pera ver, en-
tam lhe ſobejava a graça pera
ſer viſto: nam perdia o preço o
quadro de Annibal, ainda que
tivesſe eſta falha nos õlhos: nem
perderia a graça o paynel de hũ
miſſionario, ainda que tivesſe
eſta falha nos pés. Aos õlhos de
Annibal, ainda que faltava a viſ-
ta, lhe ſobejava a valentia, & a
eſtes pés, ainda que aleyjados,
lhe ſobrava a fermosura, & po-
diamos tornar a repetir com
Iſayas, *Quàm pulchri pedes evangeli-
zantium.* O mais deſte varã in-
ſigne toquey brevemete no li-
vro ſegundo, & tudo he pouco
pera o muyto que delle podiamos
historiar, porque ainda que
era manco, & como tal nam po-
dia ſahir de caſa quãdo queria,
com tudo nam houve em ſeu tẽ-
po na India outro, que mais co-
nhecido foſſe por todas aquel-
las Provincias, nem que cõ me-
lhor nome as correſſe com as
âzas da fama, em deſeyto dos

pès aleyjados.

7 Embarcouſe o Patriar-
cha em a nao Garça, ou como
outros lhe chamãm, na Flor de
la mar, na qual hia por capitãm
mór de ſincõ fermosãs naos Dõ
Ioãm de Meneſes de Sequeyra,
cõmendador da Vallada, & ca-
pitãm de Tangere, filho de Dõ
Diogo de Meneſes, cavaleyro da
Ordem de Chriſto, & de Dona
Cicilia de Meneſes; o qual le-
vava em ſua companhia o Pa-
triarcha, & dêram todas à vella
(como diz Diogo de Couto^h)
em quinze de Março, deſte di-
to anno, de mil quinhentos ſin-
coenta & ſeis. De grande pro-
veyto foy a eſta nao, & a todos
ſeus paſſageyros a preſença do
Patriarcha, nam sò pelo grande
fruyto eſpiritual que ally reco-
lheo, aſſiſtindo, & ouvindo
de confiſſam por algũas vezes a
quantos nella hiam, mas muy
em particular pela grande mer-
cé, que Deos fez a todos, pelas
õraçoens (como parece) deſte
tam virtuoſo Padre, porque le-
vantandose, junto do cabo de
boa eſperança, huma horrivel
tormenta, em que todos ſe da-
vam por perdidos, nam tendo já
eſperanças nas couſas deſta vi-
da, tratãram sò da outra, confeſ-
ſandose, & eſperando a morte
por momentos. Porẽn neſte
meſmo tempo o animoſo, & de-
voto Patriarcha, benzendo hũa
pouca de agoa, com as ceremo-

Anno da
Cõpanhia
17.

Como par-
tio pera a
India o Pa-
triarcha.

^h
Dec. 7. l. 3.
cap. 6.

Anno de
Christo de
1556.

Mercè que
Deos fez
àqlla nao
por meyo
do Patri-
archa.

nias da Igreja, a deytou nas ondas do mar, & na mesma nao; & logo de repente, à vista desta pequena de agoa benta, reconheceram as immensas agoas do mar irado à virtude do Omnipotente, porque cessou a tempestade, aquietaram as ondas, amaynou o temporal, tudo com effeytos tam apressados, que bẽ mostravam, que mais era isto milagre divino, que successo casual. E como Deos nosso senhor he liberal nos favores, que faz a seus servos, dally por diante lhes deo sempre vento em popa, como se aquella agoa benta nam sòmente tivesse virtude sobre as agoas do mar, mas tambem sobre os mesmos âres, pera os mover, tam benignos q̃ foy a mais prospera viagem, q̃ de muytos annos àquella parte se tinha feyto na carreira da India, pois dentro em quatro mezes, & dez dias, lançaram ferro em Goa, no principio d'Agosto, tendose detido vinte & oytto dias em Moçambique.

8 Foy tambem no mesmo anno de mil quinhentos sincoẽta & seis, pera a India aquelle admiravel varãm o Bispo Dom André de Oviedo, no galeãm Sam Vicente (do qual era capitãm Pero de Goes) & com elle hia na mesma embarcaçam o Padre André Goaldãnez seu fidelissimo companheyro nos immensos trabalhos, que levaram

Tambem
partio pe-
ra a India
o P. André
de Oviedo.

nas terras do Abexim, como veremos em capitulos particulares, porque foram dignissimos de se escreverem, pera universal edificaçam de toda a christandade: quero porẽm concluir primeyro com as cousas tocantes ao Patriarcha.

CAPITULO XXXVI.

Chega a Goa o Patriarcha. fazse conselbo sobre sua partida a Ethiopia, resolve-se que nam convem mandalo a elle logo, & que em seu lugar vã o Bispo Dom André de Oviedo.



A Portando em Goa o Patriarcha Dõ Ioãm Nunez Barreto, foy recebido com notavel festa, & universal alegria de toda aquella cidade; acudindo o Governador, com toda a corte, o Cabido, que entam estava sem Prelado, & os mais nobres cidadãos, todos cõ grande aplauso ao receber, & acompanhar. Festejando muyto ver na sua cidade hum Patriarcha, assim pela authoridade do cargo, como pela virtude da pessoa. Porẽm no meyo desta alegria sobreveyo ao bom Prelado huma pezada nuvem de

triste-

Anno da
Companhia
17.

Anno de
Christo de
1556.

tristezas (sobre a que já trazia da morte do embayxador Fernam de Souza, que lhe falecera na viagem) pelas ruins novas que logo soube por via do Padre M. Gonçalo Rodrigues, acerca da obstinação de Claudio Emperador de Ethiopia, o qual contra as esperanças de toda Europa (que suspensa esperava sua conversão) tam resoluta estava em não deyxar seus erros, & em continuar em sua scismatica rebeldia, & heretica desobediencia ao Sūmo Pontifice Romano.

2 Era já neste tempo Governador da India Francisco Barreto, filho do grande Ruy Barreto, fronteyro mór que foy do Algarve, & de Dona Maria de Vilhena, o qual tinha sucedido a Dom Pedro Mascarenhas Visorrey da India, de quem faley no quinto livro, ^a & assim neste particular não fazem boas cõtas os nossos historiadores da Companhia, que ordinariamente dizem, que no tempo da chegada do Patriarcha, era Visorrey da India Dom Pedro Mascarenhas, cuja opinião não podemos aprovar; porque o Padre Patriarcha aportou em Goa no principio de Agosto, no anno de mil quinhentos cincoenta & seis; & o Visorrey Dom Pedro Mascarenhas consta, ^b que morreu na mesma cidade aos 16. dias do mes de Junho de 1555.

nam havendo ainda hum anno que governava a India, como disse no capitulo sincoenta do livro quinto; & a sua chegada á India tinha sido no anno de mil quinhentos cincoenta & quatro. Por sua morte se abriram as vias, & se achou, & declarou a sucessão em Francisco Barreto; & por ventura que por faltar Dom Pedro Mascarenhas tam affeyçoado á Companhia, & tam grande zelador de suas missões, se difficultaram algũ tanto as cousas do Patriarcha, & se estreytaram os gastos pera a embayxada, nam se diffirindo a tudo, conforme as apertadas ordens, & liberaes proviões com que o serenissimo Rey mandava que se despachasse esta missão.

3 Sõ hũa consolação ficava ao bom Patriarcha neste mór de tristeza, em que trazia quasi çoçoado seu coração, que era tratar de se partir aos seus Ethioes, pera que se os não pudesse reduzir, prégandolhe a elles, ao menos os ajudasse, morrendo por elles: pera isto pedio com grande instância ao Governador Francisco Barreto que lhe desse embarcação, em que pudesse passar a Ethiopia, conforme as ordens que por tantas vezes lhe tinha offerecidas de sua Alteza. Porém o Governador aprestandose pera hir ao Norte com hũa grande armada, dizia, que nem as cousas de Ethiopia

Anno da
Companhia
17.

Trata de
partir logo
pera Ethiopia.

Francisco
Barreto
era Governador da
India.

^a
Lib. 5. c. 50.
& 51.

^b
Vide Diogo
de Couto
Dec. 7. l. 1.
c. 12.

estava n

Anno de
Christo de
1556.

Propoemse
em conse-
lho a hida
a Ethiopia

Rezoens, q
deo o Pa-
triarcha.

estavam pera as tentar com embayxadas; nemo estado da India as podia por entam franquear por armas. Com tudo como o negoceo era de tanta cõsideraçam, & elle nam queria q lhe pozessem a culpa de nam executar os regimentos tam apertados, que sobre isto tinha del Rey, fez chamar a conselho gèral alguns Theologos, religiosos graves, & fidalgos velhos de authoridade, com algũs Padres da Companhia, & entre elles o Padre Mestre Gõçalo Rodrigues, que viera de Ethiopia, pera que diante de todos propuzesse o Patriarcha as rezoẽs, que tinha de querer effeytuar sua jornada, à vista da notavel mudança q viam naquelle Emperador, & em seus Reynos, cõsiderando tambem, que nam estava o estado da India pera fazer muytos gastos, aonde se esperavam nenhũs proveytos.

4 Em presença de todo este consistorio, fez hum largo arrezoado o bom Prelado, propõdo as rezoens que havia pera se executarem as ordens tam encõmendadas de sua Alteza, & que como os coraçoens dos Reys estam na mãm de Deos, poderiam esperar que (vendo aquelle Emperador nas suas terras hum Patriarcha, tam acompanhado de gente, & com tãtos presentes, que lhe levava de hũ Rey tam grandioso) se mudasse

daquella sua danada contumacia; que as ocaſioens nam sam sempre as mesmas, & as horas do dia (como dizia Christo Senhor nosso) sam doze, & pode ser hũa mēlhor que outra; & porq as cousas desta vida estam sogetas a mil variedades, assim como o que hoje estava bem, se podia a menhã achar mal, assim pôde acontecer que o que vay errado na opiniã, venha acertar com a verdade; principalmēte se tiver guia, que o encaminhe: & que aquelle Emperador ainda deyxava algũas esperanças de admitir o Patriarcha; & que vendoo dentro de suas terras, nam se atreveria ao regeytar, por nam agravar a hũ Rey tam poderoso, que lho mādava. E que quando a malignidade dos tempos, apertos do estado da India, morte de seu embayxador Fernam de Souza, & a preversa disposiçam do Emperador Claudio, tanto difficul-tassem aquella jornada pera se fazer com a authoridade, que em Portugal se desejava; pedia ao Governador, com toda a força, & affecto de sua alma, lhe desse qualquer embarcaçam, em que podesse passar a Ethiopia, pera por sy mesmo tentar o que só lhe diziam por relaçoẽs alheyas; porque nisto sempre hia a ganhar; ou offerendose aos trabalhos, & perigos daquella jornada, a exēplo de Christo,

pera

Anno da
Companhia
17.

Ioan. ca. 11.
num. 11.
Nonne du-
odecim sur
hora diei

Anno de
Christo de
1556.

Resoluçam
que se to-
mou neste
conselho.

pera dar a vida, como bom pa-
tor, pela salvaçam de suas ovel-
has; ou alcançando o que tanto
desejavam, reduzindo aquelle
Emperador, & cõvertendo suas
gentes.

5 Edificados ficãram to-
dos os presêtes de ouvir os fer-
vorosos desejos daquelle sancto
Prelado, porêm julgando aquelle
negoceo, mais pelo q̃ lhe cõ-
vinha, que pelo que se desejava,
pareceo aos do conselho nam
ser acertado, nem conveniente
a authoridade da S^ã Apostoli-
ca, mandar àquelles Reynos
humã pessoa de tam eminente
dignidade, com tam largos po-
deres do Summo Pontifice, &
de parte de hum Rey tam po-
deroso, estando elles tam contu-
mases na obstinaçam de seus
erros, tomando dally occasiam
pera ficar entre elles o Patriar-
cha mais despresado, & por ob-
jecto de zombaria.

6 Porêm pera nam parê-
cer que de todo se desistia de
humã embayxada, em que se ri-
nha metido tanto cabedal, se a-
cordou, que pera provar se ain-
da podia ter algum remedio hũ
mal tam desconfiado, fosse a E-
thiopia o Bispo Dom André de
Oviedo, com tres, ou quatro re-
ligiosos da Companhia, a fim
de tentar vao, & ver se aquelle
cêgo Emperador deferia mais
a hum Bispo, do que ao Padre

Mestre Gonçalo, a quem elle
por vezes tinha estranhado me-
terse em couzas de religiam, sê-
do pessoa particular.

7 Tomada esta resoluçam
por todos os do cõselho (que se
julgou por muy ajustada) foy no
Bispo D. André de Oviedo, por
haver de hir, o alvororoço, &
alegria muy grande, & tambem
foy grande o pezar, & sentimê-
to do Patriarcha Dom Ioãm,
porque ficava; com hum se ale-
gravam os do cõselho, dãdolhe
os parabens, ao outro consola-
va, dandolhe os pezames: hum
se aparelhava com festas pera a
jornada, o outro com grande
copia de lagrimas chorava sua
ficada: porêm nam foy possivel
deyxar de se executar o assento
que neste conselho se tomou; &
o tempo, & os successos nos ensi-
nãram quam acertado foy, pois
ainda hoje vemos aquelles pã-
os continuar em sua rebeldia,
lançando fóra em nossos têpos
o Patriarcha Dom Affonso Mẽ-
des, como em seu tempo se dirã;

agora vejamos o fim que
teve este nosso pri-
meyro Patriar-

cha.
(..)



Anno da
Companhia
17.

Alegria do
P. Andre
de Oviedo
por haver
de hir a E-
thiopia.

Anno de
Christo de
1556.

CAPITULO XXXVII.

Da sancta vida com que o Patriarcha passou em Goa até sua morte.

I S cousas deste mudo estam sempre sogetas a mil variedades, nem se livram desta regra geral as que por terem procedido por ordẽ divina, se deviam exemir de pagar tam rigoroso tributo à natureza: & ainda que Deos nosso Senhor, quer que de nossa parte ponhamos os bons desejos, à sua conta deyxando o cõprimento delles, porque o homem propoem, & Deos dispoem; mas nem por isso deyxando de estimar os desejos em hũs, & de apremiar os effeytos em outros. Muyto desejou David ^a fundar o templo a Deos, & ainda que estes desejos eram sanctos, nam quiz Deos que elle os puzesse em execuçam, ficando David com os bõs propósitos, & remetendo o cõprimento delles a Salamã. Ao Propheta Daniel ^b chamou Deos varã de desejos, & com tudo nam lhe quiz pòr o sello aos q̃ elle sobre todos, no Missias, queria ver compridos; & nem por isso ficou o Propheta sem merecimento, nem David sem premio.

^a 1. Reg. c. 7. Suscitabo semen tuũ post te. Ipse ædificabit domum nomini meo, &c.

^b Dan. c. 9. n. 23. Quia vir desideriorũ es, &c.

2 Quem visse os grandes empenhos com que tinham entrado nesta empreza de Ethiopia tantos Papas, & hum Rey tam poderoso, & zeloso, com tam grandes gastos, com tal escolha de varoens eminentes, cõ rezão lhe poderia assegurar successos gloriosos, & melhoradas fortunas; porém o tempo lhes mostrou, que se contentou Deos nosso Senhor com estes bõs desejos, deyxando seu cõprimento pera quando a elle melhor lhe parecer. E já a experiencia nos tem mostrado (na roim passagem, que os Abexins entam dẽram ao Patriarcha Dõ Ioã Nunez, & na perversa expulsão, que fizeram agora em nossos dias ao Patriarcha D. Affonso Mendes, que ainda vive em Goa, quando isto escrevemos) quam afferradas vivem estas gentes com seus scismaticos erros, em que nascẽram, & em que muy enganados se conservam.

3 Vendo pois o exemplar varã Dom Ioã Nunez, que por entam nam tinham effeyto seus sanctos desejos, com grãde sentimento de sua alma, se deyxou ficar em Goa, aonde viveo sete annos, sempre com o coração no cẽo, & com as esperanças em Ethiopia, cujas portas, por causa da contumacia dos scismaticos, & da infidelidade do novo Emperador, cada vez mais se lhe fechavam: & como as es-

peran-

Anno da
Companhia
17.

Grandes
desejos do
Patriarcha de
Ethiopia

b
Prou.c. 13.
nu. 12. Spes
que differ-
tur, affligit
animam.

A sancta
vida que
fazia.

peranças dilatadas sam algozes
cruéis, que affigem, & dam-
tratos mortaes a huma alma:^b
vivia o bom Prelado em con-
tinuas desconfortaçoes, buscan-
do por todas as vias alguma,
por onde se abriſſem estas por-
tas de diamante. ; fazia a Deos
amorosas queyxas, nisto fala-
va, por isto suspirava; este san-
cto zelo o comia, & consumia.
E vendose por aquella parte
atalhado, buscava modo pe-
ra por outra occupar seus ta-
lentos no ganho das almas,
hiaſe à Igreja a ouvir as confis-
soens, & neste sancto exerci-
cio era tam continuo, como
qualquer dos confesſores ordi-
narios, que mais aſſiſtem ne-
ſta occupaçam, a codindo igoal-
mente aos Indios, & aos Por-
tugueſes, ſem nenhuma outra
exceyçam de peſſoas, ſenam
que acudia com mayor preſſa,
& mais diligencia aonde era
mayor a ignorancia, & mais
evidente o perigo. O reſtante
do dia, & a mayor parte da noy-
te gaſtava em oraçam, & con-
templaçam das couſas do cèo,
tendo cada dia ao menos ſinco
horas de oraçam mental. A
hora, que chamamos entre
nòs do repouſo, que ſe dá pe-
ra falar de couſas ſanctas, gaſ-
tava ou com os doentes, a
quem conſolava, & alegrava,
com praticas eſpirituaes, que
lhes fazia, & exemplos de ſan-

ctos que lhes contava: ou hia
naquelle tempo à coſinha, &
com grande humildade, & ſi-
lencio ajudava ao Irmam co-
finheyro, nas couſas de ſeu of-
ficio.

4 Era muy zeloso da cria-
çam dos noviços, como quem
bem entendia, quanto d'aqui
depende o bem da religiam, &
que ordinariamente he bom
profefſo o que foy bom novi-
ço; deſejava muyto de os ver
bem fundados nas ſolidas, &
verdadeyras virtudes, . & muy
em particular na pureza, & na
humildade; em ambas estas
virtudes lhe dava o bom Pre-
lado ſingular exemplo, a mo-
deſtia, & compoſiçam exterior
de ſeu roſto, era tam admira-
vel, que ſegundo aſſirmam os
que o viram, & trataram, pa-
recia hum Anjo do cèo, & bem
moſtrava a ordem, & concer-
to interior daquella bendita al-
ma: era em ſuas acçoens tam
modesto eſte vigilante ſervo
de Deos, que naquella idade, &
dignidade, raramente foy vil-
to fixar os olhos no roſto de
alguem, nem ainda na peſſoa
com quem falava, antes ſempre
os trazia bayxos, com huma
ſingular moderaçam, & reli-
gioſa compoſtura. Sua con-
verſaçam, & ſeu falar era ſem-
pre de Deos (como aquelle,
que ſempre o tinha poſto no
coraçam) nem ſoſtia dizerſe

De ſeu ſã-
cto zelo. &
mais vir-
tudes.

^c
Tom. 9. de
Virg. ad De-
metriad. fol.
mihi 8.

^d
Prou. c. 22.
Cùm detractori-
bus nõ cõ-
misceris,
quoniã re-
pente con-
furet per-
ditio eorũ.

*Como se
acõmoda-
va ao mo-
do commũ
dos nossos.*

em sua presença coula algu-
ma que parecesse murmura-
çam, ou que tocasse em falta
alheya, seguindo o conselho
lhodo glorioso Padre Sam Ie-
ronymo, que nam tinha por me-
nor culpa a do que ouve de ou-
trem, & festeja a murmuraçam,
que a do que por sy murmura,
& pragueja, porque, conforme
ao que juntamente ameaça o
Espirito Sancto, ^digoal perdi-
çam a ambos os espera,

5 Como vivia entre os
nossos, sem nenhũa ostentaçam
de sua dignidade, sempre em
tudo seguio a comunidade,
hindo ao refectorio, & nam per-
mitindo, que em cousa alguma
o singularizassem dos outros.
Das rendas que tinha (que
eram humas ordinarias, que el-
Rey lhe asinou) nada se apro-
veytava, pera cõmodo seu, nem
pera coula sua, todas fazia despẽ-
der cõ os pobres; nem permitia
que lhe dessem pera seu uso
cousa algũa nova; & o fato ve-
lho que trazia, elle por sy mes-
mo o remendava; elle varria o
apofento em que habitava, aju-
dava a varrer os corredores, & a
fazer os mais officios bayxos da
casa, com tam perfeyta obser-
vancia de todas as regras, ainda
que minimas, & com tal obe-
diencia aos superiores, a quem
voluntariamente se sogeytava,
com tanto encolhimento, &
com tam singular respeyto, que

atê a hum Irmãm, a quem cha-
mamos Sotoministro, obedecia
muy prompto, & venerava muy
humilde, tendo sempre o barre-
rete na mãm, quando o encon-
trava, ou lhe falava, de tal sor-
te que o Irmãm se envergo-
nhava, & de confuso fugia de
aparecer diante do Patriarcha,
& rodeava muyto por nam o
encontrar, ou passar por onde
elle estava, porque em o vendo,
era certo levantar-se, & estar
descuberto, em quãto passava
o Irmãm, respeytando nelle a-
quella sombra de superior, co-
mo cêgo, & verdadeyro obe-
diente, que nam ha de olhar a
quem obedece, senam aquelle
por quem ao homem obedece
que he Christo.

6 Entre todas estas obras
de virtudes tam heroycas, que
brevemente referimos, nam se
aquietava o bom pastor, leva-
do da interior obrigaçam, &
entranhavel desejo, que tinha
de ajudar espiritualmente suas
ovelhas, & de levar a cruz dos
trabalhos, que tam certos ima-
ginava, & queria padecer na
sua muy suspirada Ethiopia.
Cada dia se lhe representava
que podia haver algum reme-
dio pera se lhe abrirem aquel-
las portas tam ferrolhadas, &
vendo que sempre se desco-
briam novas difficuldades, tra-
tou com todas as vèras de
rênunciar aquella dignidade

*Quanto fa-
zia por en-
trar em
Ethiopia.*

de Patriarcha, pois totalmente se lhe impossibilitava o fim, que o fez fogeytar a semelhante honra: entre outras muytas cousas, que sobre isto escreveo ao Reyno, porey aqui o capitulo de huma que remeteo ao Padre Luis Gonçalves da Camara (seu antigo, & verdadeyro amigo, & muy fiel companheyro nos trabalhos de Tituâm) na qual lhe diz desta maneyta.

7 Por amor de nosso Senhor peço a V. Reverencia, pois soy tam grande parte pera eu ter sobre meus fracos hombros esta pezada carga, que me ajude a levála, & faça com el Rey, que escreva ao Governador deste estado, nos mande passar a Ethiopia, da maneyra que for mais serviço de Deos; & se por ventura sua Alteza está em nos nam mandar: trabalhe V. Reverencia com que escreva a Roma a seu embayxador acabe com o Summo Pontifice, que nos desobrigue, pera o que mando hũa renunciãçã. E se me tirarem esta carga (o que se fará com o conselho do Padre Mestre Ignazio) peço a V. Reverencia, & a todos os Padres da Companhia, da parte de Christo crucificado, & por amor de suas cinco chagas, que nam consentam, e ainda que el Rey queyra, dar-me outro Bispa-do, porque me porã em perigo de perder a alma, & nam será bem contado á Companhia. Nam seja eu mais desgraciado que outros Padres da nossa Companhia, que tanto defenderam que os nam fizessẽ Bispos; & a mim

contra minha vontade, & talento, assim me carregãram, fugindo eu tanto de ser cura dasmas, quando entrey na Companhia. Bem mereço a Deos isto por meus peccados, por isto bem he que o pague, como faço, com ter tantas almas à minha conta, sem lhes poder socorrer, nem ellas me quererem por pastor.

8 Com tam profunda humildade recusava o Patriarcha a honra das Prelasias, mas nem por isto deyxava de procurar Importunè opportunè, como o Apostolo dizia, e o bem das suas ovelhas, instando com grandes véras, & notaveis encarecimentos aos Visorreys da India, que o mandassem à sua Ethiopia, ainda que nam fosse mais, que em hum Catur, que he hum genero de embarçaçã pequena, pera que o lançassẽ na terra do Abexim, aonde ao menos tivesse a consolaçã de morrer entre suas ovelhas: mas era tal o estado das cousas de Ethiopia, conforme de lá escreviam o Bispo Dom André de Oviedo, & seus companheyros, que sò colhiã naquella seãra os fruytos da sancta paciencia, sem esperar algum da reducçã daquelle Emperador, & de seus vassallos. Por outra via tambem se tinham quasi impossibilitadas as entradas naquelle Reyno, porq os Turcos lhe tinham tomados os portos do mâr, & nam era cõveniente entregar-se o Pa-

p. l. 2. c. 33

Parte de hũa sua carta.

2. ad Thim. 4. n. 2.

Trata de passar a Ethioyia.

triarcha nas mãos destes infieis, pera dally pãsar aos Abexins scismaticos . Porẽm no anno de mil quinhentos lessenta & dous , com certa nova que daquellas terras veyo ao Patriarcha, lhe esclareceo em sua alma hũa nova luz de melhoradas esperanças, & o Visorrey lhe deo palavra de o mandar com huma boa armada: mas logo se escureceo este rayo, & esta esperança (como outras muytas) se desfez no ar, nam deyxando mais que novas desconfolaçoens , & maiores tristezas ao bom Patriarcha.

9 Chegou se neste comenos o tempo , em que pareceo ao Rey da gloria, q̄ era jã chegada a hora pera mudar este seu vigilante soldado da estancia trabalhosa desta vida caduca, ao descanso da bemaventurança eterna . Nam podiam estas afflicçoens, & doenças da alma, deyxar de redũdar fóra no corpo, adoeceo logo gravemente na ilha do Chorãm, além do rio de Goa, aonde se tinha retirado, pera mais sò tratar de sua salvação nesta ilha , & entendendo, que se lhe chegava o termo de seus trabalhos , se fez trazer a Goa ao nosso Collegio de Sam Paulo, aonde aquelles Padres o recebẽram com grandes mostras de cordeal benevolencia: & desfalecendo aqui cada vez mais nas forças do corpo, pare-

ce que hiam tomando novo alento as do espirito , porque a devaçam, a humildade , a paciencia , & a obediencia, aqui parece que de novo floreceram. Pera tomar qualquer mesinha, ou fazer outra qualquer aççam necessaria, pera a laude que lhe desejavam (posto que a natureza naquelle extremo de fraqueza totalmente abominava) bastava dizerlhe que assim parecia ao Padre Reytor, tanto se tinha sogeytado a obediencia de qualquer prelado , aquelle que nenhum outro superior tinha na terra, mais que ao Papa.

10 Recebeo com grande devaçam , & piedade os Sacramentos da confissam, & Eucharistia , & depois o da extrema Unção, todos por mãm do Bispo D. Melchior Carneyro, estãdo presentes os Padres , & Irmãos, que derramavam muytas lagrimas de devaçam, & saudades, enternecidos com os suaves colloquios, que fazia ao Senhor; mostrando claramente o alvo-roço com que sua devota alma desejava sahir ao encontro ao divino esposo, porquem chamava com sua viffimas jaculatorias, pedindo com todo o affecto a Deos misericordia, & aos circũstantes, que lhe perdoassem , & o ajudassem naquella hora. Desta maneyra, cheyo de hũa alegre confiança , & certos penhores da eterna bemaventu-

rança,

Doença, q̄ teve, & a parelhos pera morrer.

Como morreo santamente.

Anno de
Christo de
1556.

rança com o sanctissimo nome de IESV na boca, lhe entregou sua bendita alma, aos vinte & dous de Setembro, ou como outros querem aos vinte & dous de Dezembro do anno de mil quinhentos sessenta & dous, ficando seu rosto tam alegre, & bem assombrado, que mais parecia imagem de vida, que retrato de morte, por nelle resplânder hũa nova graça, & fermosura, que daquella ditosa alma lhe ficara.

Discurso
sobre esta
morte do
Patriar-
cha.

11 Desta maneyra acabou este bõ Patriarcha, & exêplo de Prelados sanctos, retrato de modestia, & de verdadeyra humildade, honra da cidade do Porto aonde naceo, ornamento da Cõpanhia, aõde viveo, remedio de Africa, pera onde passou, gloria da India, em que morreo. Nam merecêram as trêvas de Ethiopia gozar da luz deste fermoso sol, nẽ merecêram ovelhas tam desgarradas ser apascẽtadas por tam bom pastor. Nem Deos lhe quiz a elle conceder o cõprimimento de seus tam ardentes desejos, de dar a vida pelos seus Ethiopes, deyxandoo morrer em paz em sua cama descãfando, quando elle queria acabar na guerra peleyjando; outros sanctos prelados morrêram entre grandes trabalhos, este morreo por nam poder trabalhar: a outros matou o ferro do Tyranno, este morreo, porque o nam

matãram: outros por defender com sua presença os subditos, q̃ muyto amavam, este acabou por estar ausẽte de suas ovelhas, que sem as ter visto cõ os õlhos, amava tenramẽte no coraçam: as mortes foram diversas, mas a causa de que procedêram foy a mesma: & por ventura que esta foy mais penosa, pois aquelles, ainda q̃ sentiam a dor do corpo tinham o gosto da alma, mas a este sãcto Prelado atravessavam dores da alma, por nam poder padecer feridas no corpo, & estas o matãram, sendo martyr por desejos efficazes, pois o nam podia ser por tormentos corporaes.

12 Seu enterramento, & exequias celebrou com grande solemnidade o Arcebispo de Goa, revestido em Pontifical, cõ o Cabido, & religiosos de Sam Domingos, & Sam Francisco, com gram concurso de gente, q̃ com lagrimas de sentimento o acompanhãram. Seu corpo com ornamento Patriarchal, foy metido em hũa arca forrada de seda, & sepultadõ na Igreja de S. Paulo de Goa, aonde o temos por hum singular penhor, & requissimo thesouro, pera illustre exemplo de todos os ministros do Evangelho daquelle Oriente.

Anno da
Cõpanhia
17.

Seu enter-
ramento.

Anno de
Christo de
1556.

CAPITULO XXXVIII.

Dãse algũa noticia do Padre André de Oviedo (que succedeo no Patriarchado ao Padre Dom Ioã Nunez Barreto) de sua vinda, & procedi- to em Portugal.

A Cabamos de referir a vida de hũ Patriarcha sãcto, a quẽ sobejãram desejos de trabalhar, & faltãram as occasioens de padecer. Agora falaremos de outro tãbem Patriarcha, a quem nam faltãram os desejos, & sobejãram os trabalhos; este foy o P. D. André de Oviedo Bispo de Hierapolis, & Patriarcha de Ethiopia, verdadeyro espelho de perfeçãam, & exemplo de pastores sãctos, o qual por ter vindo a este Reyno, & nelle residir muytos annos, & ser daqui mandado a Ethiopia, no anno em que himos nesta Chronica, de mil quinhẽtos fincoenta & seis, nos merece descreverlhe, ainda que brevemente, sua vida. Foy este seruo de Deos Hespanhol natural da villa de Ilhescas, visinho de Madrid. Sendo mãcebo foy à Vniuersidade de Alcalã, aonde se graduou com o titulo de Mestre de Philosophia: depois foy a

Roma, aonde entrou na Companhia, logo no anno de 1541. daqui partio a pẽ a Paris, a acabar seu estudo, & dally se foy a Frandes, donde foy enviado (cõ mais oyto Companheyros Frangos) pelo Padre Pero Fabro a Coimbra ao Padre Mestre Simãm, naquelles bons principios do Collegio Conimbricense.

2 Foy o Padre André de Oviedo (entretantos fervos de Deos, quantos entãam floreciam naquelle Collegio) hũ dos mais mortificados, & devotos, & muy assinalado em humildade, & desprelo proprio: & como tal foy mandado pelo Padre Mestre Simãm a Gandia, por ordem de nosso Sancto P. Ignacio, & cõ particular advertencia do P. Fabro (que conhecia o grande espirito de Oviedo) pera dar principio àquelle Collegio, de que foy primeyro Reytor, com notavel edificaçãam, & raro exẽplo, prẽgando, & confessando, & dando a muytos os exercicios espirituaes, que elle muytas vezes tomava, recolhendo se só em sua camara, com hũa pouca de agoa, & algũs pães; & sò com este mantimento corporal, mas muy visitado de alivios espirituaes, passava todos aquelles dias, com grandes consolaçoens do cẽo, posto que com notaveis perseguiçoens do commum inimigo, que muytas vezes estando na oraçãam o assoutava, com tam

Anno da
Companhia
17.

Como vi-
ueo no Col-
legio de
Coimbra.

Sua peni-
tencia.

Patria, &
estudos do
Bispo An-
dre de O-
viedo.

Anno de
Christo de
1556.

notaveis golpes, q̄ lhe açodiam os de casa; pera lhe socorrer, mas elle como soldado veterano, & bem provado em semelhantes recontros, lhes dizia cō segurança, que se recolhessem, & o deyxassem, porque já conhecia bem a fraqueza do inimigo, com quem lutava. A esta devaçam ajuntava grande aspreza, nam vestindo nunca camisa, disciplinandose todos os dias, & fazendo outras semelhantes penitencias.

3 De Gandia foy a Roma com o Duque Dom Francisco de Borja, quando se partio aquella cidade, pera entrar na Companhia. De Roma o mandou nosso Sancto Padre a ser Rector do Collegio de Napoles, aõde actualmente estava governando os nossos, com grande exemplo, & satisfaçam de todos, quando o mesmo sancto fundador (a quem el Rey Dom Ioãõ tinha cometida esta escolha) fez eleyçam de sua pessoa, pera Bispo coadjutor, & futuro sucessor do Patriarcha de Ethiopia Dom Ioãõ Nunez: obrigando, em virtude da sancta obediencia, a aceytar aquella dignidade, que sua grande humildade, cō muytas instancias, recusava; partio de Roma em vinte de Setembro, do anno de mil quinhentos sincoenta & quatro; foy sagrado em Lisboa com titulo de Bispo de Hierapolis, juntamen-

Como foy
eleyto Bispo
de Ethiopia.

te com o Patriarcha Dõ Ioãõ, na Igreja da Sanctissima Trindade, da maneyra que atraz dissemos no anno de mil quinhentos sincoenta & sinco.^a

4 Como nam foy possivel embarcaremse estes nossos Bispos no mesmo anno, pela rezam que apontamos, teve a casa de Sam Roque muyto que ver, & muyto que admirar no exemplo destes bons Prelados, da maneyra que atraz contey,^b falando no Patriarcha Dom Ioãõ Nunez: nam havia officio humilde, no qual este nosso Prelado Dom Andre de Oviedo nam fosse o primeyro: & sendo costume naquelle tempo (por nam haver em casa agoa, nẽ comodo pera se trazer de fõra) hirem os mesmos religiosos a buscala, cada hum com sua quarta; o Bispo Dom Andre tomava tambẽ de ordinario a sua, & acõpanhava aos mais religiosos, trazendoa cheya de agoa pera casa, à vista do povo, que muytas vezes concorria a este novo spectaculo, como sem duvida era ver huma quarta de agoa, sobre o roxete de hum Bispo; que se a arca da ley com a quarta do maná, q̄ junto de sy tinha, dava tanto q̄ ver aos Cherubins,^c nam era muyto que o Padre Bispo, a que podiamos chamar cofre de ley animada, nesta açam tam humilde, roubasse a vista dos circunstantes: ficando os nossos, a

Anno da
Companhia.
17.

^a
2. p. l. 6. c. 6.
num. 14.

^b
2. p. l. 6. c. 7.

^c
Ad Hebr.
cap. 9.

Anno de
Christo de
1556.

^b
3. Reg. c. 18.
num. 45.

^c
Gen. 2. n. 6.
Seder fons
ascendebat
de terra.

Como se
houve vi-
sitando a
Provincia
d'Alentejo.

^d
Mat. c. 10. a
n. 9. Nõ pe-
ram in via,
neque duas
tunicas, ne-
que calcea-
menta, neq;
virgam, &c.

cuja sede elle socorria, cõ mais huma obrigaçam de agradeeci-mento, pois se podiam lembrar da agoa, que Elias^b deo ao povo, & da que Sam Clemente descubrio aos seus desterrados, senam que Elias previo a agoa, S. Clemente a mostrou com a maõ, & o nosso Bispo nola trazia às costas, que por vir em taes hõ-bros ficava de melhor estima, que a de aquella agoa, que manava da fonte do Paraiso^c ter-real.

5 Estando esperando embarcaçam pera a India, nam foy possivel neste breve tempo estar aquella fermosa tocha sê dar luz, pediolhe o serenissimo Cardeal Dom Henrique, que entam era Arcebispo de Evora, lhe quizesse acudir à sua Provincia de Alentejo, pera crismar, & visitar aquelle Arcebispado: partio se logo o Padre Dõ Andre, pera cumprir com esta precisa obrigaçam (pela muyta que tinhamos a este serenissimo Infante) dando hum novo exêplo nestes Reynos de hum Bispo Apostolico, verdadeyro imitador daquelles, que Christo senhor nosso^d por sy mesmo sagrou, & constituiu Princepes sobre a terra, quando os mandou, como pastores desentereffados, sem cajado, nem surram, nem outro provimento, que fossem a pê prégar pelo mundo, pera o converterem, na forma em que

o fez o mesmo Christo, mais por força de humidade, que por representaçam de potêcia. Deo ordens na cidade de Evora, & logo se partio a visitar o Arcebispado, levando por companheyro sò hum Irmãõ de nossa Companhia, sem querer aceytar as nullas, que o senhor Cardeal lhe mandava: porém quando o trabalho era grande, & o caminho comprido, se ajudava de hum jumentinho, em q̃ este humilde princepe da Igreja à imitaçam do Rey dos Reys, triunfava da soberba do mundo.

6 Muyto estimava por hũa parte o devotissimo Princepe, & Arcebispo de Evora, ver renovar se em seus tempos aquelle primitivo exemplo dos antigos Prelados da Igreja: com tudo pera tambem conservar a decêcia, & authoridade do officio Pontifical, mãdou hum seu Cappellam pera acompanhar, & servir ao Bispo Dom Andre, assim nos actos Pontificaes, como no que tocasse ao provimento, & gasalhado de sua pessoa. Nam teve o Cappellam de sua Alteza trabalho em servir ao bom Prelado, posto que o teve muy grande nas instancias que lhe fazia, pera que o deyxasse cumprir com sua obrigaçam, sem nunca o poder vencer. Por nenhum acontecimento soffria este humilde Prelado, que o Cap-

pellam

Anno da
Companhia
17.

Anno de
Christo de
1556.

pelam à entrada dos lugares se
adiantasse pera que agente, cõ-
forme o costume, sahisse ao re-
ceber, nem quando tornava da
Igreja pera seu aposento, permi-
tia que os clerigos o acompa-
nhassem, despedindoos com a-
mor, & agradecimento, sem nũ-
ca se deyxar vencer de seus de-
vidos comprimentos, atè enfim
se sahir sò com seu companhey-
ro.

Como se
recolhia pe-
los hospitaes.

7 Sua pousada era com-
mummente o hospital, & hin-
dolhe à mãem em Montemòr a
gente principal daquella nobi-
lissima villa, allegando nam ser
costume pousarẽ os Bispos nos
hospitaes, respondeo que o hos-
pital era casa muy honrada, pois
era morada da sancta pobreza,
da qual Deos na terra quiz ser
hospedado. Em outra villa, por
lhe difficultarem a pousada no
hospital, & pera por traça o le-
varem à casa que lhe tinham
preparada, lhe differam, que
nam havia ally cama que lhe
dar, respondeo, que dormeria
entre os pobres, como em ef-
feyto lhe succedeo, cuberto com
hũa manta pobre, & com hum
mala de livros à cabeceyra. Co-
mo andava visitando sò com o
companheyro, em muytas par-
tes o desconheciam, em hũ lu-
gar o nam quiz receber a hos-
pitaleyra, nam tendo noticia
de sua pessoa, & dignidade, insi-
stia o pobre Bispo, com o barre-

Anno da
Cõpanhia
17.

te na mãem, pedindo o quizesse
receber, como pobre, naquella
casa de pobres, que nam lhe
queria mais que hum esteyra,
pera se encoftar. Desta maney-
ra o achou com o barrete em
hũa mãem, & tendo com a outra
cuydado do jumentinho, o hos-
pede, que lhe tinha preparada
casa, & gafalhado; & posto que
era tarde, & chuvia, nam se po-
de acabar com elle, que deyxas-
se o hospital, aonde o nam que-
riam, & se viesse pera a casa aõ-
de o rogavam, porque estimava
mais as esquivanças entre po-
bres, que os afagos dos ricos.

8 Em todas as freguesias
crismava, prégava, & fazia ex-
hortaçoes espirituas, conti-
nuãdo nestas sanctas obras, en-
trando pela noyte atè nam ha-
ver mais gente que chrismar, ou
confessar. Elle mesmo em ven-
do algũa casa, ou aldea desvia-
da do caminho se hia là, & em
voz alta chamava a todos, que
viessem logo à Igreja, aonde o
Bispo hia crismar, & confessar,
& os que vinham acudindo a
seus brados, cuydando que era
algum clerigo ordinario, se a-
chavam com hum Bispo de rara
virtude. Encontrandose huma
vez numa Igreja com hum es-
crava muy rude, & muy boçal,
que havia quinze annos fora
bautizada, sem nunca se confes-
sar, se deteve sò por amor del-
la, ainda que arriscava perder a

Como ex-
ercitava o
officio de
Bispo.

Anno de
Christo de
1556.

jornada, & a instruiu nas cousas da fé, & logo a ouvio de confissam, & a crismou, julgando que esta era a principal jornada, & q̄ nam perdia o caminho quando encaminhava hũa alma pera o céo. Dizia missa cada dia, & a mayor parte dos caminhos galtava em falar com Deos, & em falar de Deos aos caminhâtes.

A humil-
dade he
digna de
mayor hõ-
ra.

9 Este exemplo de humildade, rigor de vida, & desprezo dos pontos, & brios da honra mundana, em hum Prelado de tantas letras, & virtude causava notavel espanto, & nam menor edificaçam na gēte de fõra; porque posto que o lustre do tratamento, & seruiço de criados cõ algum aparato exterior, nam he digno de repreçam, nos prelados da Igreja de Deos; pois serve pera mayor respeyto de suas pessoas, principalmente acerca dos soberbos, & contumases, que desprezam a humildade de Christo, & sò respeytam o lustre do mundo; com tudo he tam grande a força da virtude, & tal o verdadeyro desprezo das honras, que muytas vezes mais acaba cõ os mesmos mundanos a humildade, que elles nam conhecem, do que a grandeza, que só estimam. Viose bẽ esta verdade neste humilde Bispo, porque igoalmente se desprezava a sy, & era estimado dos outros, fugindo da honra, & sendo entam mais honrado.

CAPITULO XXXVIII.

Como o Padre Bispo Dom André de Oviedo partio da India com cinco companheyros, & chegou aos Reynos de Ethiopia, & como nellés foy recebido: & do roim animo, & má disposiçam que achou naquelle Emperador.

I Em necessarios foram ao Padre Bispo Dõ André de Oviedo estes leves ensayos de pobreza, & humildade, levados em Portugal, pera o grande peso de trabalhos, a q̄ Deos o chamava na Ethiopia. Porẽm pera seus sanctos intētos, & abraçados desejos de padecer por amor de Christo, foy esta missã de Ethiopia hũa mina de merecimentos, & hum thesouro escondido, que elle nam acabava de festejar, por lhe cahir a boa sorte de logo se partir pera o Abexim, conforme a resoluçam q̄ se tomou em Goa, depois de sua chegada à India, como dissemos no capitulo 36. & assim ficando o Patriarcha em Goa, logo a treze de Fevereiro do anno de mil quinhentos sincoenta & sete, deo à vela

Anno da
Companhia
17.

Como se
partio logo
a Ethiopia.

pera

vela pera a sua muy desejada Ethiopia, levando cinco companhyros, que todos morreram na empreza sanctamente, a saber o Padre Antonio Fernandes, que entrou na Companhia na India; os outros quatro foram recebidos em Portugal, donde navegaram pera a India, nestas duas missões antecedentes; eram elles o Padre Manoel Fernandes, que partira no anno de mil quinhentos cincoenta & cinco, o Padre Andre Galdanes, & os Irmãos Gonçalo Cardoso, & Francisco Lopez, que vieram na proxima viagem do anno de mil quinhentos cincoenta & seis, aos quaes ordenou de missa em Goa o Patriarcha Dom Ioão Nunez.

2 Mandou os o Governador Francisco Barreto prover de todo o necessario pera a viagem, & de ornamentos pera o culto divino, mandou tambem com elles quatro navios, dos quaes hia por cabo Manoel Travaços, & eram capitães dos outros Pero de Sequeyra, Valco Correa, & Antonio Vaz, com quem hia embarcado o Bispo, foy Deos servido de lhes dar prospera viagem, porque aos vinte & seis de Fevreyro, chegaram à ilha de Socotora, aonde o Bispo desembarcou cõ seus companheyros, & em huma ermida, que ally ha, fez o officio de quarta feyra de cin-

za, por acertar de cahir naquelle dia. Ally se detiveram até o Domingo seguinte, & depois de ouvirem missa se embarcaram, & ao Sabbado foram a visitar Adem, & naquella mesma noyte embocaram as portas do Estreyto, até que tomaram a ilha de Maçua (que he a escala, aonde vam surgir todas as velas que vem da India, & Arabia cõ mercadorias) dahi foy desembarcar ao porto de Arquico aos vinte & oyto de Março do anno de mil quinhentos cincoenta & sete.

3 Nam foy effeyto pouco notavel da divina providencia. chegarem naquella occasiam de tempo, porque se viessem mais tarde cinco dias sómente, já achariam aquelle unico porto, q̄ tinham os Abexins, tomado, como já o estavam todos os mais, pelos Turcos, com a difficuldade, ou quasi impossibilidade, que até agora ouve, pera poder algũ Christam entrar naquellas terras: porque logo aos dous do mes seguinte de Abril, desembarcando na ilha de Maçua, hũ Baxã do gram Turco, cõ muyta gente de armas, que trazia em favor del Rey de Zeyla, se apoderou de todos aquelles portos: & desde aquelle tempo até agora ficaram totalmente fechadas as entradas, & sahidas daquelle Imperio do Abexim. Assim quiz entam acudir, & favorecer Deos

Foy grãde mercê de Deos entrarẽ nesta occasião,

Do q̄ passaram nesta viagem.

nosso Senhor aos catholicos de Ethiopia, cõ a pressa que se tomou no conselho pera mandarẽ logo o Padre Dom Andrè de Oviedo, como se o apressasse, pera o meter dentro, antes que as portas se lhe fechassem, & elle ficasse de fóra.

4 Por espaço de quarenta annos, que cortéram de mil quinhentos sincoenta & sete, em que o Bispo Dom Andrè, cõ seus companheyros, desembarcou em Arquico, até o de mil quinhentos noventa & sete, em que morreo o bendito varã Francisco Lopez, ultimo companheyro seu, tiveram sempre estes bons Padres cuydado daquelles christãos, descendentes dos Portugueses, que acompanharam a Dom Christovam da Gama, os quaes casandose com as Abexins, tem multiplicado muyto naquella terra, conservandose sempre no conhecimẽto da fé Catholica, a quem hõram, & no amor; & lembrança de Portugal, por quem suspiram.

5 Todos estes Padres da Companhia com o Patriarcha Dom Andrè, deyxaram naquellas partes tam grande nome de sanctidade, que movido desta fama, & suavissimo cheyro de virtudes, o illustrissimo, & reverendissimo senhor Arcebispo de Goa Dom Aleyxo de Meneses, da sagrada Ordem dos Ermitaẽs

de S. Agostinho (Primaz q̄ entã era da India, & depois Arcebispo Primaz de Braga, Visorrey de Portugal, & Presidente do Conselho em Madrid, filho de Dom Aleyxo de Meneses, & de Dona Luiza de Noronha) mandou no anno de mil quinhentos noventa & oytto, por Melchior da Sylva seu Vigayro geral tirar informaçam authentica das virtudes, & milagres, & dos raros exemplos de vida sancta do Patriarcha Dom Andrè, & mais companheyros, que consigo levou: & desta inquiriçam authentica tirarey o que aqui for referindo, no tocante a esta misã, à qual inquiriçam, por ser juridica, com testemunhas juradas (& por contestar em tudo com as cartas do Bispo, & dos nossos Padres, & com o que conta em seu livro o Padre Nicolao Godinho) dou mais credito que às cousas que desta misã conta Diogo de Couto^a na sua Decada septima (posto que nam discorda muyto) por mais que elle diz, que lhe deo esta relaçam hũ Gonçalo Soares Cardim, natural de Cintra, que diz foy em Companhia do Bispo: que quanto ao que conta aquelle reverẽdo Frey Vrreta, nam respondo, porque já disse que eram cousas aereas, & sem sombra de fundamento, mais que o da sua imaginativa, tam esperta pera fingir, como credula pera se persuadir.

Informaçam autentica do q̄ fizeram estes Padres.

^a
Diog. de
Couto. lib.
4.c.4.

Da festa q̄
lhe fizeram
na primey
ra entrada

6. Continuando pois com o caminho do Bispo, & seus cõpanheyros, chegaram no anno seguinte aos 25. de Março, dia da Anunciaçam da Virgẽ Senhora a Baroà, q̄ he hũa cidade, ou hũa grande povoaçam, aõde estã o Barnagaes, de quẽ já dey noticia, o qual tão q̄ soube da chegada dos nossos, lhe sahio ao encontro pera os receber, mostrãdo grande benevolẽcia, & respeyto ao Bispo: foy grãde a alegria do povo pera verẽ hũ Bispo Romano, & todos chegavam a elle pera lhe beyjar a mãam, & receber a bençam. Deterãse naquella cidade vinte dias, celebrãdo nella cõ toda a piedade, & demõstraçoẽs catholicas os officios da sãmana sancta, cõcorrendo infinita gente a ver as ceremonias Romanas, cõ igoal aprovaçam, & admiraçãõ. Sahindo de Baroà foram demandar o Emperador, gastando no caminho sincoenta dias, por causa dos muytos Portuguezes, q̄ lhe sahiam ao encontro, aos quaes administravam os Sacramentos, cõ grande alegria dos que os recebiam, & nam menor consolaçam do Bispo, & mais campanheyros.

7. Oyto dias antes de chegar ao Emperador, lhe mandou hũ recado por hũ seu cortesã, pera dar as boas vindas ao Bispo, mandandolhe juntamente grande copia de mulas, em q̄

passassem cõ todo o seu fãto: no dia seguinte muytos dos principaes fidalgos, muy bẽ veltidos a seu modo, & em fermosos cavallos, vieram a receber o Bispo, entre os quaes vinham dous de mayor autoridade, os quaes traziam a seu cargo acõpanhalo, & levalo á tenda do Emperador. Foy o Bispo recebido nestas primeyras entradas cõ muytas mostras de benevolẽcia, de honras, & amor, assim da parte do Emperador, como de todos os mais grandes da corte: offerceo o Bispo ao Emperador as cartas q̄ levava do Visorrey da India, & do Patriarcha D. Ioã Nunez, as quaes logo foram lidas em publico, & em as ouvindo o Emperador, se perturbou notavelmente, nam podẽdo encubrir a ma vontade q̄ tinha à Igreja Romana, porẽ pela depẽdẽcia q̄ havia dos Portuguezes, dissimulou a payxam q̄ lhe arrebetava sãora. Cõ tudo nestas primeyras entradas sãpre tratou bẽ ao Bispo, mãdãdolhe acudir a elle, & a seus cõpanheyros cõ todo o necessario. Dahi a algũs dias lhe pedio o Bispo quizesse S. Alteza mãdar aos seus letrados, q̄ disputassẽ cõ elle, como se fez; & posto q̄ sãpre a victoria ficava pela parte dos catholicos, cõ tudo (como he costume de animos pertinazes) se retiravam da peleyja, rindo, & zombãdo dos vencedores.

Como foy
recebido
do Empe-
rador.

*Resoluçam
preversa
ao Empe-
rador.*

8 Vendo o Bispo o pouco q̄ aprovétava cō estas disputas, por palavra, fez hum breve tratado escrito, em que apontava os erros dos Abexins, confutãdoos com rezoês catholicas, & com o testemunho dos sagrados Concilios, & o offereceo ao Emperador, o qual depois de o ler, respondeo com grande pertinacia por escrito, que nunca havia de dar obediencia ao Põtifice Romano, nem apartarse dos costumes, & leys, que aprêdêra de leus pays, & antecessores, & que debalde se cançava qualquer q̄ desta sua opiniã o quizesse abalar. Dada esta heretica resoluçam, começou a mostrar grande desgosto das cousas do servo de Deos, mostrando muyta adversã, & nam gostando nada de o ver diante de sy, & hindo cada vez crescendo nesta maldade: q̄ na verdade quem hũa vez cae do summo bem, facilmente se precipita atê o mais infimo lugar. Vendo isto o zeloso Prelado, por nam ascender mais a furia do scismatico, se retirou por entã da corte, acudindo a outros, que tambem necessitavam muyto da luz da verdade que prégava; & posto que esta foy a pertinacia deste scismatico Emperador, nam saltavam muytos Abexins, assim frades, como seculares, nobres, & plebeos, que detestando os erros

de Dioscoro, se recolhiã no gremio da Igreja Romana.

9 A fama destas cõversoês chegava cada dia aos ouvidos do Emperador Claudio com grandes queyxas, & aggravos, dos mais zelosos em seus erros. Movido pois com estes brados, & com o entranhavel odio que nos tinha, mandou chamar ao Bispo, & lhe estranhou pezadamente o que fazia, ordenando-lhe, que a nenhum natural da terra tirasse da obediencia do seu Abunã, & do Patriarcha de Alexandria, & nam tratasse cõ mais, que com os seus Portugueses, & cõ os que delles procediam. O Bispo lhe respondeo que elle era vindo aos Reynos de sua Alteza, pera declarar a seus vassallos, que fóra da obediencia do Sũmo Pontifice, que estava em Roma, & era Vigario de Christo na terra, nam havia, nẽ podia haver salvaçam: q̄ visse sua Alteza se era rezã, q̄ elle satisfizesse cõ esta obrigaçam, deyxando de obedecer a Deos, por se fogeytar aos homens, que estava muy resolute a sofrer antes a morte, que deyxar de prégã a verdade. Muy colerico estava o scismatico, & por ver ao Bispo taõ deseioso de morrer por Christo o nam quiz matar, mas cõ afrõtas, e ruins palavras ofez fahir de sua presença.

10 Sucedeo isto em Dezẽbro de 1558. mas nam tardou o ca-

*Do que
passou o
Empera-
dor como
Bispo.*

stigo de tam perversa cõtuma-
cia, porq logo no Feveryro se-
guinte entrando o scismatico
Emperador em batalha com
os Mouros Malassarís, ou Mal-
lacaes (que por ventura sam os
Amalecitas, de que fala a sa-
grada escriptura^a) foy seu exerci-
to roto, & desbaratado, & elle
morto, sua cabeça afrontosa-
mente dependurada numa lan-
ça levada ao Rey de Adel seu
grande inimigo. No imperio
nam lhe succedeo filho, senam
hũ seu Irmã Adamã Segued,
homem por natureza cruel, &
que sendo numa guerra toma-
do pelos Mouros, & levado a
Arabia, tinha hũa vez aposta-
do da ley de Christo, & era
perverso scismatico, & inimigo
declarado contra os catholi-
cos: & posto que o Padre Dom
Andrè de Oviedo conhecia bẽ
o animo de tal ministro de Sa-
tanãs, nam deyxou de o visitar,
& como sempre os principios
dos governos, como o outro
disse, ^b costumam a ser mais
brandos nos Reys, quando co-
meçam. Este aceytou entam ao
Bispo cõ algũs sinaes de amor,
que nam durãram muyto,
porque sua christan-
dade era muy pouca.

(.?)

CAPITULO XXXX.

*Das grandes perseguiçoẽs que
o Rey de Etbiopia moveo con-
tra o Bispo D. Andrè de Ovie-
do; das vezes que lhe quiz dar
a morte, & como Deos o casti-
gou, & milagrosamente
livrou ao Bispo.*

I Am pôde hũ ani-
mo dissimulado,
por muyto tẽpo
encubrir o vene-
no de sua payxam, & assim logo
este rebelde Emperador mos-
trou os danados intẽtos de seu
peyto cõtumaz, porq sabẽdo q
algũs frades, por meyo do Bispo,
se tinham reduzido à obediẽcia
da Igreja Romana, o fez vir em-
prazado à corte, cõ ordẽs tam
apertadas, & cõ taes termos, q
julgavam todos nam tornaria
cõ vida. Chegado em presença
do Emperador, foy por elle re-
cebido cõ grãde indinaçam, fa-
zẽdo grãdes juramẽtos, q senam
desistia de ensinar adoutina da
fé Romana, lhẽ mãdaria cortar
a cabeça: o bõ Prelado lhe res-
põdeo, q estava aparelhado pe-
ra dar a cabeça ao cutelo, mas
que nam podia deyxar de en-
sinar a quem quizesse ouvir as
verdades catholicas: & logo cõ
grande fervor de espirito, & cõ
hum animo de varãam verda-
deyrãmente Apostolico, dey-

*Como se
houve o
Empera-
dor com o
Bispo vin-
do do de-
serto.*

^a
Gen. 14. nu.
7. Num. 14.
n. 45.

^b
Lucan. li. 8.
Pharf. Mitif-
sima fors est
Regnorum
sub Rege
nouo.

xando cahir o mantêo dos hō-bros, ficando em roxete, cō as mãos levantadas ao alto, & os olhos postos no cêo, se offereceo a Deos, pera defender sua sancta fé, nam só com palavras, & com offertas, mas com o sangue, & com a vida.

2 Vendo isto o scismatico, se acêdeo em colera, & atropelou o Bispo cō tal força, que lhe rasgou a roupeta, lançando de sy com palavras muy afrontosas, mandando degradar juntamente com o P. Frãcisco Lopez seu companheyro, pera hũa serra muy alta, & fragosa, muy esteril, & por isso deserta, & deshabitada, ordenandolhe, sob pena de morte, q̄ della nam fahissem, nem podessem descer a bayxo: & pera o privar atê da consolaçam espiritual, lhe mãdrou tomar o caliz. Recebeo o sancto Bispo esta cruel sentença de degredo, cō singular paciencia, & passou nesta serra oytto meses, em estremo desemparo, & falta de todo o necessario.

3 Obrigado finalmente o Emperador dos muytos rōgos, q̄ algũs lhe faziam pelo Bispo, lhe levantou o degredo, mãdando cō grandes penas a seus vassallos, q̄ nenhum comercio tivessem com elle, & nam contête o cruel tyranno com perseguir ao sancto Prelado, tratou de fazer tornar a seus antigos erros todos seus vassallos, q̄ se

tinham recõfiliado cō a Igreja Romana; & pera este effeyto mandou lançar aos leões huns quatro, ou cinco, porẽm os leões esquecidos de sua natural fereza, ensinados por outro melhor Emperador do cêo, ficaram muy brãdos, & quietos, sê fazer movimento de sy, por mais q̄ os ministros da maldade tratavam de os assanhar, & embravecer: pasma o mesmo Emperador das feras se abrãdarẽ, porẽm como sua ferina natureza era mais fãra, nam se amansou cō tal exẽplo, porq̄ mandou desterrar a estes cinco cavalleyros de Christo, com outros muytos catholicos, que tinha prezos.

4 Nam quiz o bõ pastor perder esta occasiam de acõpanhar suas ovelhas, em hũ perigo tam grande. Poẽse todos a caminho por terras muy asperas, & despovoadas, acõpanhados dos soldados da goarda del Rey, em tudo semelhãtes aquelles dez Leopardos, a q̄ S. Ignacio Martyr^a diz que foy entregue: & assim chegãram a tal fraqueza por aquellas serras, & mōtanhas, q̄ quasi desfaleciam, faltãdolhes as forças, & desẽparandoos o alêto. Grãde lastima tinha o bõ Pastor de assim ver perecer suas ovelhas, sem lhes poder acudir cō o pasto necessario, & levãtãdo o coraçam, & cō elle os olhos, & as mãos ao cêo, pedio ao Senhor cō muytas

Como foy
segunda
vez desterrado.

Torna a
vir do desterrado.

Torna outra vez ao desterro.

^a
Ignac. Mart.
Epist. ad
Rom.

b
Exod.c. 16.
num. 14.

c
4. Reg. c. 3.
a num. 9.

Como Deos
milagro-
samente os
proveo de
peyxes.

d
Iofue. cap. 3.
num. 16.

lgrimas, que lhes valesse, assim como no deserto acudira a seu povo, sahindo do Egypto, b dādolhes pām do cēo; & assim como se lembrāra dos tres Reys de Iudea, de Israel, & Edom^c quando perecendo seus exercitōs á sede, lhes deo ābūdācia de agoa por meyo do Propheta Eliseo.

5 E nam tardou o Senhor em acudir a seus servos, renovando com elles a gloria de suas antiguas maravilhas, porque hindo elles caminhando jūto a hūa grande ribeyra, q̄ hia corredo à vista do sancto Bispo (como antigamente o fermoso Iordām à vista da arca do Senhor^d) focedeo hum caso prodigioso, q̄ acho escrito; o qual foy que ficou o rio logo represado, pela parte donde vinha a corrente, & pela parte debayxo apressando as agoas seu caminho, deyxāram a madre do rio em seco, & nella os peyxes em grande quantidade, saltando (como se fizessem festa ao Bispo) os quaes se deyxavam tomar às mãos, pelos catholicos, que a pê enxuto entravam no lugar, por onde d'antes corriam as agoas. Ficando todos nam menos admirados, que cōsolados, porque nam sōmente coméram dos peyxes alegremēte, mas tãbem se provèram pera o caminho; dando infinitas graças ao Senhor, que com obra tam rara quiz aprovar a fé catholica, que professavam a-

quelles desterrados; engrandecendo com tal prodigio a gloria de sua omnipotencia, a qual teve mām na corrēte das agoas, que cada vez hiam crescendo mais, & subindo pera o alto sem correr, como retidas com hum forte muro, como se esperassem por mandado divino, todo o tēpo que os catholicos andāram recolhendo o peyxes; atē que em sahindo da madre, logo de repēte com grande furia, se soltou a represa das agoas, que retidas obedeciam a outro mayor poder. Este milagre tam estupendo, semelhāte em parte ao dos filhos de Israel^e no már roxo, nam sō se veyo logo a saber por fama constante, mas ainda quando se fez a inquiriçam, q̄ atraz apontey, por via do senhor Arcebispo Primaz da India Dom Aleyxo de Menezes, se achāram duas testimunhas de vista, convem a saber, hum catholico, & hum criado do Emperador (que cō outros ministros reaes o levavam ao desterro) o qual com tal prodigio se converteo, como tambem fizeram outros.

6 Movidos da fama de tam manifesto milagre, que logo se publicou, pediram muytos dos grandes do Reyno ao Emperador, q̄ levātasse o desterro ao Patriarcha, como fez; tornādo pois o bō Prelado, o sahio a receber, toda agente, com nam menor contentamento, & applauso,

e
Exod. c. 21.

Volta o Bispo do desterro.

^e
Hier. de D.
Hil. Reuer-
tentē ē prae-
lio hæreti-
corum Gal-
liarū eccle-
sia comple-
ta est.

do que antigamente eram recebidos os Athanasios, & Gregorios, quando vinham restituídos a suas Igrejas: & da maneyra que Sam Ieronymo ^e conta, que foy festejado, & applaudito em França o glorioso Padre S. Hilario, quando vinha da guerra dos hereges. E porque o espirito divino, que habitava no peyto do Bispo, lhe nam permitia ter medo do Emperador da terra, pois servia ao do cêo, com a mesma constancia continuou prégando a fé catholica.

7 Andava o scismatico já muy arrependido da vinda do Padre (porque os maos pouco tempo duram nos bons propósitos) & vendo que continuava prégando, & ensinando como dantes, abrazandose em fogo de odio cōtra o seruo de Deos, o tornou a fazer vir diante de sy, & com grãde sanha lhe disse, que pois nam bastavam degredos pera cessar sua contumacia, bastaria o ferro, & a morte, que tudo acaba, & dizendo isto metteo mãm à espada, o Padre, que nenhuma coula mais desejava que por huma vez dar a vida pela fê, persuadindose que era chegada esta ditosa hora, cruzando as mãos no peyto, abayxou o pescoço, que liberal offerreco pera receber o golpe desejado; leva o tyranno o alfange, levanta o braço pera o ferir, mas subitamente (caso milagro-

so) a espada lhe cahio da nãm, com grande admiraçam sua, & dos mais cortesaõs, que lhe assistiam, & depois o testimunharam. Vendo isto a Rainha, que se achou presente, movida com tal successo, & vendo que o Rey furioso tornava a levantar o alfange, pera segundar o golpe (tam cêga he a payxam quãdo mais impetuosa) com grandê pressa, se poz diante, pegando do sancto Prelado pera o defender, brada ao tyranno enfurecido, chora, exclama cōtra acçam tam indigna, de matar hum innocente, á vista das muytas obrigaçoens, que todos tinham aos Portugueses. A mesma voz tomaram algũs fidalgos, que se acharam presentes, bradando ter coula iniqua, que hum Rey, q se tinha por Christam, mataste por sua mãm a hum Bispo, que julgavam por innocente. Porẽm posto que porẽtam detiveram o braço do tyranno pera nam dar o golpe de morte, nam puderam refreat a mãm pera nam escrever a sentença de desterro.

8 Sahio o sancto Bispo terceyra vez degradado, com o Padre Francisco Lopez seu cõpanheyro inseparavel; mas nam se aquietou com isto a ira do Rey sanguinario, nem parou a sanha deste leãm encarnicado contra o innocente Prelado; porque mandou ao caminho quem o esperasse, pera secreta-

Como foy
terceyra
vez desterrado.

mente

Como o
Rey quiz
matar o
Bispo.

mente o matar, que sem duvida se executaria, se alguns grandes da corte o nam atalhassem. Neste trabalhoſo caminlio padeceo o ſervo de Deos innumera-veis trabalhos, paſſando por grandes deſertos, ſubindo montanhas muy fragoſas, & atravellando ſerras muy alperas, ſendo ſem duvida do ditoſo numero daquelles perseguidos por Chriſto, dos quaes fala Sam^o Paulo: *In ſolitudinibus errantes, in montibus, & ſpelūcis*. Chegou a taes apertos, & paſſaram tanto avante as perſeuiçoens, & roubos dos meſmos que os levavam, que hum delles lhe furtou a mula em que hia, obrigandoo a caminhar a pè, & outro lhe tomou a ſobrepeliz, & eſtola, que cõſigo levava, ſofrendo tudo o ſancto varãm com notaveis ſinaes de paciencia, & de huma ſobrenatural ſerenidade.

9 Ainda que Deos noſſo ſenhor, muytas vezes permite os maos, pera com ſua iniquidade, como diz Sãcto^s Agostinho, exercitar os bons: com tudo tã- bem he certo, que a ſeu tempo nam lhes falta com o caſtigo, o qual ainda que pareça que tarda, & que vem (como o outro dizia^h) manquejando, nunca deyxã de chegar, & nam perdoanem aos ſceptros reaes, nem aos ſolios mais ſoberanos: vimos eſta verdade poſta em praxe no que ſucedeo a eſte apoſtata, &

perseguidor do ſancto Prelado, porque ſe levantou contra elle hum ſeu Viſorrey, com outros grandes do Reyno, tomando a voz de hum filho do Rey Claudio, pera o meterem de poſſe, chamando pera eſte eſfeyto Turcos em ſeu favor. Vêdo iſto Adamã Segued armou ſeu exercito, chamou aos Portugueſes em ſua ajuda, & pera lhes grangear a vontade levantou o deſterro ao Biſpo, a quem recebèram todos os Portugueſes, & catholicos, como ao amado Diſcipulo quando veyo do deſterro de Pathmos, ou como a hum Sam Paulo deſcido do terceyro cèo. Deram os inimigos com tam grande furia no arrayal do ſciſmatico, que em breve o rompèram, & desbarataram, matando ao meſmo Rey, em caſtigo de ſua perversa apoſtaſia, & ſciſmatica rebeliam.

10 Aqui foy notavel o caſo que ſucedeo ao ſervo de Deos, porque eſpalhandose os Portugueſes, & os Padres, cada hum por onde a fortuna o dividia, quando os inimigos andavam mais cevados no ſacco do arrayal, & encarniçados na matança da gente, eſtava o Padre cõ ſeu companheyro o P. Francisco Lopez no meyo do campo, fóra das tendas, em lugar patente, & deſcuberto, poſto em òraçã, com os òlhos no cèo; paſſavam os ſoldados por jũto delle, aſſim

Morte do Emperador, & deſtruiçã de ſeu exercito.

f
Ad Heb. ca.
11. n. 38,

g
Aug. in Pf.
34. ad 1. ver.
Omnis malus aut ideo
viuit, vt corrigatur, aut
ideo viuit,
vt per illum
bonus exercetur.

h
Hor. l. 3. od.
2. Rarò antecedit em
ſceleftu deſeruit pede
pena cl. u.
do.

Como es-
capou mi-
lagrosamen-
te.

h
4. Reg. c. 6.
n. 18. Percu-
te obse-
cro gentem
hanc cæci-
rate, percuf-
sitque eos.
Dominus ne
viderent.

i
Lucæ 4. nu.
30.

K
Virg. Æn. I.
Et multo
nebulæ cir-
cū dea fu-
dit amictu
Cernere ne
quis, eū, &c.

l
Pf. 91. nu. 7.
Cadent à la-
tere tuo mil-
lia, & decē
millia à dex-
trix, &c.

Turcos, como Abexias, ferindo, & matando, & pondo a ferro, & fogo quanto achavam diante de sy, sem nunca darem fé do sancto Bispo, nem do Padre Francisco Lopez seu companheyro, que tinham diante dos ólhos, ordenando aqui Deos nosso senhor, pera emparo de seus servos, o que antigamente usou cõ os ladroens de Siria, de que cõta a sagrada Escritura,^h q̄ os cêgou por òraçoens de Eliseo, pera nam matarem, nem fazerem outro mal àquelles, sobre quem Deos trazia seus òlhos do alto do céo, quando mais desemparrados estavam na terra.

II Com igoal fortuna nesta occasiam defendeo o Senhor a este seu servo, ou cegando os inimigos, pera q̄ o nam visse, ou fazendoo invisivel, pera que lhe nam tocasse (como nẽ tocãram as pedras a Christo, cõ que seus inimigos lhe quizeram fazer tiro) emparandoo milagrosamente, nam com a fabulosa nuvem, que a antiguidade fingio no capitã Troyano,^K pera que ninguem lhe tocasse, mas com o verdadeyro, & mais seguro effcudo da protecçam do céo: fazendo com este caso praça ao mundo do que tinha prometido a David,^l que lhe cahiriam milhares de mortos aos seus lados, porẽm que a elle, nam sò lhe nam tocariam, mas nem lhe chegariam os inimigos. *Ad*

te autem non appropinquabit.

12 Depois de passar aquella primeyra furia da batalha, & do sacco, se vieram algũs Portugueses recolhendo ao seruo de Deos, & perguntando pelos mais Padres, elle lhes disse, que nam tivessem cuydado, porque estavam vivos, ainda que em poder dos Turcos, mas que muy cedo lhos restituiria o Senhor, como de feyto succedeo. E de todas estas cousas tam maravilhosas, & de outras muytas, que deyxo por brevidade, dà larga relaçam aquella informaçam authentica, que já temos citada.

CAPITULO XXXXI.

Dos muytos trabalhos que padeceo o Bispo Dom André de Oviedo, por causa das guerras de Ethiopia, & como socedeo no Patriarchado por morte do Patriarcha Dom Ioã Nunez; de muytas obras que fez que parecem milagrosas, & de sua sancta morte.

I



Randes foram as guerras civis, notaveis as inquietaçoẽs, cõ que Deos castigou neste tempo todas aquellas terras de Ethiopia, sen-

do a

*Destruicão
que fize-
ram os Gal-
las em E-
thiopia.*

do a causa, como parece, por sua perversa rebelião, & heretica contumacia cõtra a Igreja Romana, que he a mãy, & cabeça de todas as mais Igrejas. Além das guerras, que tenho referidas, nas quaes o ferro Turquelco consumio muyta parte daquelle Imperio: entrãram naquelle tempo huns Cafres, chamados Gallas, destruindo, queymando, & assolando tudo, com tal assopro da fortuna, que se fizeram senhores de cento & tantos estados, que era a mayor parte daquelle grande Imperio.

2 Nesta entrada dos Gallas nam tiveram os Padres, & os Portugueses outro remedio mais que acudir ao seu unico refugio do bẽdito Prelado, fiel companheyro, bem exercitado nestas, & noutras semelhantes tempestades, o qual pedindo com muytas lagrimas ao Senhor que fosse servido de acudir àquelle pobre rebanho, ouviu huma voz do cẽo, que lhe dizia clara, & distintamente, q Fermonã (este era o lugar aõde o servo de Deos residia cõ seus catholicos) permaneceria em paz: o effeyto provou por obra, que esta voz era divina, porque abrazando o fogo dos Cafres todos os lugares, & aldeas circunvisinhas, sõ Fermonã ficou izenta de pagar tributo à furia dos Gallas, & ao ferro dos Tur-

*A aldea de
Fermonã
sõ escapou.*

cos: & o que mais he perseverando sempre na constancia da fẽ Romana, & ainda no tempo de agora, em que isto escrevemos, quando foy desterrado de Ethiopia o Patriarcha Dom Affonso Mendes (que ainda hoje vive em Goa) naquella grande tormenta de perseguiçam, que se levantou com ondas que chegavam atẽ o cẽo, contra todos os professores da fẽ Romana, sõ os que ficãram em Fermonã estiveram em paz como se ainda os defendesse esta carta de seguro, dada por meyo das òraçoens do sancto Bispo Dom André de Oviedo.

3 No meyo destas guerras civis ouve grande variedade de Reys em Ethiopia, que em nenhuma cousa mais mostra a fortuna a pertinacia de seus insolentes boléos, que nos Reys, & nos mayores Princeses, como aqui bem se vio, porque depois da morte de Claudio lhe succedeo o impio Adamã Segued, a este matou hum filho de Claudio pretendente do Imperio, & nem este durou muyto, porque o desaposlou do sceptro hum filho do perverso Adamã Segued, chamado Melchi Segued, em tudo filho de tal pay, porque sempre foy grãde perseguidor da Igreja catholica, & Romana; pela qual rezãram posto que por morte do Patriarcha Dom Ioã Nunez

*Grãde variedade de
mudança
de Reys em
Ethiopia.*

2. p. l. 6. cap.
37. n. 10.]

Barreto (que succedeo em Goa, como atraz temos contado^a) lhe tinha o sancto Bispo succedido no Patriarchado de Ethiopia, & tinha procurado nesta occasiam têtar o animo do novo Emperador, cõ tudo nunca elle o quiz aceytar, nẽ reconhecer por seu verdadeyro pastor: occupandose o Patriarcha com o pequeno rebanho dos Portugueses, & seus descendentes, q̃ havia, & de algũs Catholicos q̃ sempre cõserváram a devaçam, & obediencia â Igreja Romana.

Resiste o
Patriar-
cha ao A-
bunã.

4 E posto que o Abunã de Ethiopia, & os seus frades intentáram por todas as vias, q̃ as mulheres dos Portugueses, por serem Abexins, nam fossem às Igrejas dos catholicos, com tudo resistio com tam grande constancia o Patriarcha, q̃ fez calar aos inimigos da verdade; tam grande era o respeyto, que atè os mesmos scismaticos tinham ao sancto varã, aos quaes a grandeza, & a perfeçam de sua admiravel sanctidade convencia, & obrigava a crer o que lhes dizia, & prègava; & se o medo da morte os nam acovardára, a mayor parte delles dariam a devida obediencia ao Patriarcha.

5 Tinham nelle huma fê tam viva, pelas muytas obras maravilhosas, que cada dia obrava, que recorriam a elle em

todos seus trabalhos, como a unico remedio delles: estando dizendo missa, hum dia, lhe entrou hum herege pela Igreja, trazendo hum seu filho meyo morto, & com grande fé, & confiança nos merecimentos do Patriarcha, lho lançou a seus pès, o qual fazendo oraçam a Deos pela saude do minino, logo acabada a missa, o entregou a seu pay sam, & bem disposto, sem sombra algũa da enfermidade passada: converteose o herege â vista de obra tam maravilhosa, & com outros muytos publicamente o apregoava por sancto.

6 Veyo hũa vez sobre estas terras hũa grande praga de gafanhotos (que he fruyta muy ordinaria por aquella Africa interior) eram tantos, que feyros em grãdes, & espesas nuvês, cubriam os àres, assombrando a tẽrra, & a seus habitadores, derrubando as arvores com o pezo, destruindo as sementeyras, & abrazando as plantas, & as hervas do campo, sem deyxar cousa verde, em que se pudessem pòr os òlhos. Davase a gente por perdida, & nam achando outro remedio, se foram todos, assim hereges, como catholicos ao sancto Patriarcha, pera se valerem de sua intercessam com Deos, & lhes acudir em hum trabalho, que parecia extremo. Recebeos o

Como acci-
dio embũa
praga de
gafanha-
tos,

Patriarcha com sua tam costumada benignidade, recolheu os catholicos na Igreja, com elles rezou as ladainhas da Virgem Sanctissima senhora nossa, com successo tam aventajado, q logo cessou a praga, sendo o despacho do ceo tam apressado, q assim como as ladainhas (caso admiravel) se hiam dizendo dentro na Igreja, logo os gafanhotos hiam morrendo fora no campo.

Como ficaram os gafanhotos consumidos.

7. E pera que o milagre ainda fosse mais evidente, quando o Patriarcha sahio fora acompanhando dos catholicos, & dos hereges, pera ver o successo, nam so os acharam mortos, mas ja estavam secos, & mirrados, como se Deos nosso senhor tomasse a sua conta, em quanto o sancto orava ao ceo, acudir aos catholicos, & aos hereges, que delle se tinham valido, & tirar-lhe por huma vez o medo de tam importunos inimigos, pois nam so os matou, mas logo os mirrou, & de todo os consumio. E nam parou aqui esta mercè (porque Deos he muy liberal com semelhantes servos seus) antes dally por diante, em quanto durou a vida do sancto Prelado, nunca mais tornou a tal praga a infestar aquellas terras, que foy mercè muy particular, por ser cousa muy ordinaria cahir nellas semelhante contagiam.

8 O que tambem a rescetava muyto o amor, & respeyto a este grande servo de Deos, era a insigne charidade, que tinha pera co os pobres, porque chegava a por por obra o que Sancto Ambrosio^b dava de conselho, & era desfazer os calices, & cousas do servico da Igreja, pera acudir aos pobres, & resgatar os cativos; & assim chegava muytas vezes a nam ter alva pera se revestir, pela ter dada de esmola, pera vestiro pobre. E mandandolhe hum senhor daquelles hereges muyto pano pera se prover de alvas, & toalhas pera a Igreja, primeyro repartio a mayor parte pelos pobres, despendendo na Igreja o que lhe era precisamente necessario. E como lhe conheciam estas entranhas de charidade, acudiam a elle em todas suas faltas, & trabalhos, posto que elle nam esperava que o viesse demandar, pera semelhantes obras.

9 Soube que os pobres de hu lugarzinho estavam em grande necessidade, & namachando em sy cousa com que lhes podesse socorrer, mais que hum boy, que lhe servia de levar os ornamentos, & mais cousas necessarias da Igreja, de hu lugar pera outro, conforme o costume da terra, o mao logo matar, & repartir pelos pobres daquella aldeia: & indo

De sua grãde caridade.

D. Amb. lib. de offi. ijs cap. 28.

lhe a mão hum catholico, que nisto testemunhou, lhe respondeo o sancto Prelado, deyxayo filho matar pera os pobres, que a manhã Deos proverà. O Patriarcha o disse, & Deos o confirmou, porque no dia seguinte sabendo este caso hum scismatico muyto rico, lhe mandou quarenta vacas, & outro muyto mantimento, com que elle se remediou a sy, & deo mesa abundante aos pobres.

10 Com estas obras prodigiosas, & muyto mais com o raro exemplo de sua vida continuou o Patriarcha em seus gloriosos trabalhos, por espaço de vinte annos que viveo em Ethiopia, os quaes trabalhos se multiplicaram com as guerras civis, em que ardiam aquellas terras; sendo necessario aos Portugueses deyxar suas casas, & assentar praça com alguns senhores, debayxo de cujas bandeyras militavam, pera ter algum socorro de vida, ficando desta maneyra o Patriarcha, & mais Padres de todo desemparrados, & em tam extrema necessidade, q̄ chegou o Patriarcha a lavrar por suas mãos a terra pera lhe dar alguma cousa com que se sustentasse a sy, & acudisse aos enfermos; executando o que Sam Paulo dizia *Quoniam sic laborantes oportet suscipere infirmos*. Veyo depois disto a tal extremo, que nam ti-

nha vestido com que se cubrir, & querendo escrever hũa carta a elRey de Portugal Dom Sebastiam, por nam ter nê meya folha de papel, cortou hũ quarto limpo, do principio do seu breviario, em q̄ lhe escreveo. Da mesma pobreza usou escrevendo ao Summo Põtifice Pio Quinto, dandolhe conta como estava impossibilitado de poder passar aos Reynos do Iapam (como S. Sãctidade por hũ breve do anno de 1566. lhe ordenava) assim por aquelles portos estarẽ todos tomados dos Turcos, como por estar em estrema pobreza; & nam se atrever a desemparrar suas ovelhas, que ficavam em tanta miseria, & sogeytas a tantos lobos; a qual carta por nam ter já outro modo de papel, escreveo nas margens do seu breviario, que foy cortando, & ajuntando hũa na outra, cousa que ao sancto Põtifice Pio Quinto fez derramar muytas lagrimas de pura compayxam. Permitindo Deos isto pera que entendamos, que nam he a pobreza a que abate os animos generosos de hum principe da Igreja.

11 Assim costuma Deos nosso Senhor provar, & apurar seus servos, quando nelles acha fundamento pera serem exemplo de tam estremada paciencia. Porém porque se vinha chegando o tempo em que o

Senhor

Da grãde
pobreza a
q̄ chegou.

Notavel
extremo
de pobreza

c
A&t.c. 10.
num. 35.

Senhor tratava de levar ao descanso eterno este seu grande servo, permitio que além das grandes affliçoens, & extremo de trabalhos, & perseguiçoens, que em summa temos contado, o sobresalteassem hūas crueis dores de pedra, que lhe deram com tanta febre, & com tal vehemencia, que os Padres, & alguns Portugueses, que lhe assistiam, pediam a Deos nosso Senhor, instantemente, o desappareçasse de taés dores, & de tantos trabalhos, mas o sancto Patriarcha abrazado em outra febre de mais perfeyta charidade, os reprehendia, dizendo que se daquella maneyra podia ainda servir ao Senhor, & ajudar suas ovelhas, aceytaria de boa vontade viver mais largos annos, posto que as dores fossẽ excessivas, & imitaçam do grãde prelado Sam Martinho, ^d que estando em vespera do descanso eterno com Deos, se offerencia pera nõvos trabalhos, entre os homens. Porẽm, porque o Senhor quẽria que seu servo fosse receber o premio tam bem merecido, depois de recebidos os sacramentos, entre suavissimos colloquios, com grande consolaçam sua, & lagrimas dos presentes, se partio pera o cẽo no mes de Setembro, no anno de 1577.

II Foy esta ditosa morte muy sentida, nam sòmente dos

catholicos, que nelle perdẽram amoroso pay, & verdadeyro pastor, mas tambem de todos os hereges, & scismaticos, que com tal perda choravam seu desemparo, por nam ter dally por diãte a quem recorrer em seus trabalhos, porẽm o bom Patriarcha, assim como tinha socorrido àquelles pobres, em vida, assim tambem lhes valeo depois de morto, porque acudiã a sua sepultura com a mesma fé, que nelle tinham quando era vivo, & nella achavam remedio; como succedeo em hūa grande seca, em que davam jã por perdidas todas suas sementeyras, quando inspirados por Deos, huma grande multidam de camponeses hereges, se vieram todos juntos em hum corpo à sepultura do sancto varã, & com muyta devaçam, & confiança, começãram a fallar, & bradar por elle, como se o tivessem vivo: Sãcto Patriarcha (diziam) socorreynos cõ vosso costumado favor, nam nos desprezẽis, por nam sermos vossos, que se desta vez nos valeis, todos no coraçam abraçaremos a sancta fé, que nos prẽgaveis. Acerca do comprimẽto desta promessa que fizeram os scismaticos, nada achõ escrito, mas sabemos de certo que nosso Senhor lhes acudio logo cõ grande abundancia de agoa, com que elles ficãram contentes, & as seãras alegres.

Como ainda depois de morto socorreo àquellas gẽtes.

Grãde cõformidade com a divina vontade.

^d
In vita D.
Martini. Sur.
11. Novẽb.

CAPITULO XXXII.

Como acabaram gloriosamente em Ethiopia os Padres Antonio Fernandes, Gonçalo Cardoso, André Gualdanes, & Manoel Fernandes, companheyros do Padre Patriarcha André de Oviêdo.

I A que fizemos mençã, ainda q muy recopilada, do illustre Patriarcha, bem he que nos nam esqueçamos de seus ditosos companheyros; porque ainda que escrevemos a historia de Portugal, & estes insignes varoens acabaram tam apartados destes Reynos, com tudo estamos cõ elles muy unidos, pelo vinculo da verdadeyra ismandade; & porque tambem nos pertencẽ (assim por companheyros do Patriarcha, como por sahitem de Portugal) & por esta causa faremos aqui dellês hũa breve relaçam. Procederam sempre estes Padres em tudo, como cõpanheyros de varã tam apostolico, com tam raro exemplo, & tam singular resplandor de sanctidade, que segundo affirmaram muytas testemunhas, juradas aos sanctos Evangelhos,

todos elles fizeram sempre naquella terra hũa vida sancta, & apostolica, tidos, & havidos por sanctos, nam sõmente entre os catholicos, que os amavam, mas tambem entre os herèges que os temiam. Eram homẽs cheyos do espirito do Senhor, do qual levados per severaram em grãdes trabalhos, por reduzir aquellas gentes à uniã da facta Igreja Romana, & por este respeyto padeceram muytos detterros, graves perseguiçoens, intoleraveis fomes, continuos desemparos, atẽ acabarẽ como soldados esforçados, sem largar o posto, morrendo no campo, cõ a lança na mã.

2 Por falecimento do Patriarcha ficaram todos cinco feyros sacerdotes, porque vendo elle a grande falta que havia de semelhantes obreyros, mãdado primeyro ensinar aos que pera o ferẽ tinham falta de sciẽcia, & instruindoos por sy mesmo, nas cousas necessarias pera o sacerdocio, com grãde seu gosto, ordenou de missa aos dous irmãos Francisco Lopez, seu fidelissimo companheyro, & Gonçalo Cardoso, tudo verdadeyramẽte por singular providencia de Deos, pera poderem socorrer àquella christãdade, & pera o P. Frãncisco Lopez ficar sacramentado aquellas desèparadas ovelhas, atẽ o tempo em que por via do Arcebispo de Goa Dõ Aleyxo de

Como ficaram todos cinco feyros sacerdotes.

Meneses, lhe pode hir hum Sacerdote, com officio de Vigayro gèral, pera as governar, do qual, como temos dito, loube-mos, àlem de outras muytas re-stimunhas, o que aqui himos referindo.

3 Deyxou o Patriarcha por sua morte pera superior dos mais ao Padre Antonio Fernã-des, natural de Braga, varã ex-celleste em todas as virtudes. Foy ferventissimo no zelo de ajudar as almas, por bem dos quaes esteve com os de mais Padres cativos, entre os Turcos sendo participante nos cõtinuos trabalhos, desterrõs, & persegui-çoens, em q̃ todos se viam. Tra-balhou sempre de promover a-quella tam importante empre-sa da cõversãm de Ethiopia, atè q̃ cheyo de merecimentos foy pera o cèo a receber o premio de seus ditosos trabalhos.

4 Nam resplãdeceo menos a insigne virtude do P. Gõçalo Cardoso Portugues. Foy tam in-cançavel obreyro nas cousas da salvaçam das almas, que de dia, & de noyte trabalhava em cultivar os catholicos, & de sar-reygar os scismaticos de seus antigos erros. Nos desterrõs, nas fomes, & perseguiçoens, mostiava tanto gosto, tal satisfaçam, & tam celestial alegria, que mais parecia festejalos por mimos do cèo, que estranhalos por tra-balhos do mundo. Tinha Deos

dotado a este Padre de hũa gra-ça singular, cõ que de tal ma-neyra tratava cõ todos, assim ca-tholicos, como hereges, q̃ pare-cia senhor de suas võtades, por-que logo os trazia, & dobrava, como queria: pera fazer amiza-des, & recõsiliar animos discor-des, tinha particular dom de Deos, & muytas vezes com hũa só palavra serenava grandes tẽ-pestades de demandas, & unia os coraçõs, desterrando delles todo o odio, por mais antigo, & por mais incuravel q̃ pareceffe.

5 Reveloulhe Deos algum tempo antes, o desejado dia de sua ditosa morte, porque mãã doo o Padre superior a hum lu-gar, por nome Dambia, distante dally quinze dias de caminho, a fim de confessar, & visitar os catholicos daquella terra, o P. Gonçalo Cardoso lhe declarou que elle estava certo nam che-garia a Dambia, nem tornaria a ver sua Reverècia. Porém q̃ cõ muyto gosto se punha logo a caminho pera acudir àquellas ovelhas, estimando mais a obe-diencia cèga, que a vida segura; em effeyto, separtio cõ o P. Frã-cisco Lopez, & tẽdo feytas al-gũas jornadas, lhe disse cõ grãde segurança, q̃ lhe faltava pouco, pera chegar ao fim da vida, & assim passou, porque dahi a tres dias os salteãram certos ladroes, a cujo ferro o bemaventurado Padre Gonçalo Cardoso foy

*Como teve
revelaçam
de sua mor-
te.*

*Do P. An-
tonio Fer-
nandes.*

*Do P. Gõ-
çalo Car-
doso.*

morto, escapando mal ferido o Padre Francisco Lopez: comprindose o que Deos tinha, como parece, significado a seu servo, o qual acabou gloriosamente, derramando seu sangue naquelle caminho, que fazia por obediencia, vencendo com ella a certeza que tinha de nam haver de ter effeyto o negocio a que o mandavam, por causa da morte que no caminho o esperava; estimando antes morrer obedecendo, que viver largos annos, ainda que fosse exercitando a vida em servir a Deos.

6 Que dizey da purissima alma do Padre André Gualdanes, natural de Xerès de la Frõtera, ditoso companheyro, entre os cinco que acompanhavam ao Patriarcha. Entrou na Companhia em Coimbra, em vinte & quatro de Setembro de 1555. Era dotado de humaravilhosa, & prudente simplicidade, & delle verdadeyramente se podia dizer, o q o Senhor, de Natanael, a ser verdadeyro Israelita, no qual nam havia engano. Os fervorosos desejos em que ardia de reduzir aquellas erradas ovelhas de Ethiopia a obediencia de seu verdadeyro pastor, o fez logo por o peyto às difficuldades da nôva lingua do Abexim, com tal applicaçam, que em seis meses, sem ter mestre de que aprendesse, sahio mestre pera poder ensinar, por-

que logo se poz a trasladar os principaes mysterios de nossa sancta fê, & maytas controverfias, & disputas pera convencer aquella obstinada gente; tam engenhosa he a charidade, & tam sabio he o zelo das almas.

7 A este fervoroso zelo respondeo a gloriosa morte, cõ que Deos quiz premiar seus grandes trabalhos, concedendolhe lavar, & purificar suas vestiduras no sangue do cordeyro: porque sendo mandado por ordem de seu superior a Maçua, ilha do mar roxo, veyo a cahir em mãos de Turcos, que conhecendo ser o Padre Christam, & ecclesiastico, pelo trajo que lhe viram, ardêdo em zelo de sua mã ceyta, como cruéis, & famintos lobos empolgaram naquelle manso cordeyro, atraveçandoo às lançadas, juntamente com hum Portuguez, que levava em sua companhia. Desta maneyta se partio aquelle puro espirito pera o cêo a receber a coroa de vida, por seus muytos merecimentos, & pelo sangue, que por amor de Christo derramou, por mãos dos Turcos inimigos de seu sanctissimo nome.

8 O quarto companheyro do Patriarcha foy o P. Manoel Fernâdes. Entrou em Coimbra a 9. de Setêbro. de mil quinhentos sincoenta & tres, ja era sacer-

dote,

André Gualdanes
companheyro
do Patriarcha.

Joan. C. I. N.
17.

Morreu gloriosamente.

Do P. Manoel Fernandes.

dote, & homem de authoridade, de quem o Cardeal D. Henrique fazia muyta confiança: teve seu noviciado, como atraz dissemos, ^b debayxo da bandeira do Padre Antonio Correa primeyro mestre de novicos que houve nestas partes de Hespanha, depois de publicadas as constituicoens. Pedio a missam de Ethiopia, aonde foy muy esclarecida, & venerada sua virtude, pelas obras do servico de Deos, & bẽ das almas, em que de continuo se occupou, andando muytos, & muy trabalhosos caminhos, pera acudir àquelles christãos; hindo sempre a pẽ: nem ouve trabalho, desterro, perseguiçam, nem a presença da mesma morte, que fizesse toldar a alegria, que sempre se via no sereno céu de seu alegre rosto. A falta do necessario que elle, & o Patriarcha, de quẽ era companheyro padeceram; foy tam grãde, que nos consta por carta sua escrita em 29. de Julho de 1562. que escaçamente tinham cevada torrada pera comer.

9 A esta liberalidade com que o servo do Senhor se entregava ao servico do proximo por amor de Deos, respondiam os mimos, & favores, que o céu liberal communicava: entre outros muytos que pudera contar, foy notavel o que lhe fez, em lhe declarar o tempo de

sua morte, porque se veyo habitar em o lugar aonde descãçara em o Senhor o seu sancto Patriarcha Oviedo, dizendo que fazia esta mudança, porque se chegava a que havia de fazer da terra pera o céu, & queria q o sepultassem junto do seu sancto Prelado. Em chegando ao lugar adoeceo gravemente, & perguntando quando era dia de Natal, dizêdolhe que o Domingo seguinte, respondeo: nam espero mais que por esse ditoso dia, pera com tal nacimiento morrer.

10 Chegado o dia por elle tam esperado, manda chamar todos os catholicos do lugar, entram em casa, ouve missa cõ elles, dalhes as boas festas, com palavras de grande cõsolaçam, & com muyta alegria lhes disse, que se fossem todos jantar a suas casas, & logo tornassem à Igreja, por ser assim necessario, sem lhe declarar o mysterio q nas palavras se continha; vamse a casa, tornam à hora affinada, & já o acharam passado dos trabalhos desta vida, ao eterno descanso, assistindolhe às exequias, que celebraram, a seu modo, com muytas lagrimas, & saudades.

11 Nesta ausencia, estando o servo de Deos muy no cabo da vida, tendo cõfigo ao P. Frãcisco Lopez, de repẽte se alvorçoou, & cõ novo sobresalto

^b
2. p. l. 4. ca.
39. n. 9.


Teve revelaçam de sua morte.

Visita que teve da Senhora.

de alegria, cobrando novas forças, exclamou com summa devaçam: *Ah minha senhora, Ah minha senhora*: espantado o Padre Francisco Lopez de tal novidade, lhe perguntou a causa daquelles brados tam alegres? *Vi agora* (diz o ditolo agonizante) *a Virgem Maria nossa senhora, ornada de hũa nova luz, & fermosura, & com esta vista tam suave, & ditosa companhia me vou ao cèd. Bẽ empregado mimo em servo tam leal, & em tam devoto capellam da Senhora, que assim favorece os filhos desta minima Companhia, quando pela gloria de seu benditissimo filho, deyxam as patrias, onde nasceram, por terras tam remontadas, & estranhas, pera onde se desterram. Foy sua ditosa morte no anno de 1593.*

CAPITULO XXXIII.

Da vida, & morte do Padre Francisco Lopez, ultimo companheyro do Patriarcha Dom Andre de Oviedo, em especial de sua grande charidade.

I  Ultimo companheyro do Patriarcha, q̃ desta vida mortal passou pera a eterna, em Mayo de

mil quinhentos noventa & lete, foy o Padre Frãcisco Lopez, natural de Lisboa, ordenado de missa pelo Patriarcha de Ethiopia, pera remedio, & consolaçam daquelles pobres catholicos, dos quaes segundo consta do dito das testemunhas, foy havido pelo mais lancto de todos seus companheyros, por morte dos quaes ficou sò trabalhando naquella christandade, com hum incansavel zelo, cõtina applicaçam, & extraordinaria charidade, trabalhando por suprir elle sò o que dantes faziam os mais companheyros. Foy este bom Padre inseparavel companheyro do Patriarcha, & por isso teve mais occasiam de estampar em sy hum perfeytissimo retrato de tam divino exemplar. Foy homem de grande penitẽcia, perseguindo sempre seu corpo, no qual parecia nam ter mais que a pelle sobre os ossos: tinha por primeyro principio, que esta vida nam nos he concedida mais q̃ pera trabalhar, & fazer penitẽcia, com que mereçamos a gloria eterna; em conformidade do que disse o Sãcto^a paciente, que o homem nasce pera trabalhar, como a ave pera voar; & he tam natural ao homem esta occupaçam de trabalhar, que nem ainda no estado da innocencia ficariamos izentos de pagar este tributo, pois nos cõ-

Grãde virtude do P. Francisco Lopez.

^a
Iob c. 5. n. 7. Homo nascitur ad laborem, & auis ad volatum.

^b
Gen. c. 2. n. 15. Tult ego Dominus Deus hominē, & posuit eum in paradiso voluptatis, ut operaretur, &c.

^c
Ad Gal. c. 6. n. 10. Dum tempus habemus, operemur bona. &c.

*Das muytas esmo-
las que da
va o Pa-
dre Fran-
cisco Lopez*

*Como deo
a roupeta.*

sta que pondo Deos a Adam no Paraiso, lhe deu por officio cultivar o mesmo Paraiso: ^b & por isso Sam Paulo^c nos exhorta sempre a fazer bem, advertindo nos, que trabalhássemos, em quanto tínhamos tempo.

² Do conhecimento desta verdade nascia ao grande servo de Deos a incomparavel applicaçam com que trabalhava, mortificandose a sy, & com que servia acudindo aos outros. E por quãto naquelles trabalhosos tēpos os Christãos, por causa das guerras, roubos, & cōtinuos assaltos dos Gallas, padeciam quasi extremas necessidades, o bom Padre vēdo se sō por morte de seus companheyros, distribuio entre os catholicos tudo quanto tinha em casa; & vēdo que com ter dado quanto tinha em casa, ainda nas alheyas havia faltas, se resolveo de dār o que trazia sobré sy: hum dia repartio o mantēo em pedaços por varios pobres, andãdo dally por diante em roupeta, porém nem esta lhe ficou, porque a febre da abrazada charidade parece que lhe nam deyxava soffrer nenhum vestido sobre sy, & assim pedindo-lhe hum pobre esmola, por nam ter que lhe dar, repartio com elle a roupeta, dandolhe a metade, cubrindose com o outro pedaço; encontrou logo outro pobre, que tambem lhe pe-

dio esmola, & nam tendo outra cousa, lhe largou o pedaço restante da roupeta, ficando só cuberto cō o vestido interior, que tambem era bem pobre.

³ Muy louvada foy na Igreja catholica a liberal charidade de S. Martinho, que repartio a capa com hum pobre, o mesmo Christo com ella se quiz ostentar glorioso mostrãdo a estima que fazia de tam preciosos despojos, porē o muy charitativo varã Francisco Lopez ainda passou avante cō façanha mais apostolica, pois tambem deo o pedaço da roupeta, que pera sy deyxava, depois de ter já dada a capa toda, que pera os pobres trazia: & nam ha duvida, que a resoluçam de dar tudo he mais louvavel que o lanço de repartir sō parte; Zacheo só deo a metade, S. Pedro largou tudo, ^d & por isso ficou Pedro mais estimado, & o seu lanço mais louvado. Assim o fez o bemaventurado Padre Francisco Lopez, que nenhũa cousa deyxou que nam dēsse aos pobres, como hiremos vendo; & pera dally, por diante poder resistir aos frios excessivos do inverno (que naquellas terras sam intoleraveis) da mesma maneyra havendo de fazer algũ caminho comprido, se cubria, conforme ao uso da terra, por nam ter outra melhor peça, com hũa péle de algum ani-

^d
Luc. c. 19. n. 8. Ecce dimidium bonorū meorum de pauperibus.

*Cubria-se o
P. com hũa
pèle.*

mal, parecendo-se melhor com este trajo o Pastor sancto, com as ovelhas pobres: & nem com este desprezivel trajo defauthorizava este bom Sacerdote o habito clerical, antes com elle hōrava mais a Deos, & edificava melhor aos homens, sendo sē duvida do ditoso numero daquelles gloriosos confesores de Christo, que com serem tam illustres, que o mundo nam era digno delles, andavam perseguidos, & angustiados, vestidos, como diz Sam Paulo, *e In melotis, in pellibus caprinis.*

4 Passemos avante em cōtar semelhantes casos, porque nesta pobreza do servo de Deos ha riquissimas minas de preciosos exemplos: achando huma vez huma pobre molher já defunta, tam desemparrada, que nam havia com que a amortalhar, se apartou hum pouco, & despindo a pobre tunica (q̄ esta era a peça interior q̄ ainda lhe restava) a deo a quē cō ella a amortalhou, que foy a testemunha de vista, q̄ isto jurou, querendo antes ficar sem tunica, q̄ deyxar a defunta sem mortalha. Ainda lhe ficava ao servo de Deos hũa pobre cama, & depois de a ter repartida, dormia no cham; & dandolhe hum christam hum sacco de pano grosso, pera se lançar nelle, o P. o recebo com mostras de agradecimento, mas nam lhe so-

freo o coraçam dormir nelle, havendo pobres enfermos que dormiam no cham, & logo o deo a hum delles, & com isto ficou descāsado, porque nenhũa cousa lhe ficou: posto que por outra parte tinha o sentimento de ver pobres, sem ter que lhes repartir; & assim quando Deos foy servido de o levar pera sy, nam se achou na sua pobre choupana com que o podessem amortalhar, nem na doença teve outra cama mais, que hũ pedaço de couro velho, & muyto roto, q̄ lhe emprestaram, sobre o qual espirou: a este extremo de charidade chega hum servo fiel, que desprezando o mundo, sō estima a Deos.

5 Parece que se devia dar por satisfeyto o bom Padre Frãcisco Lopez, com dar tudo o q̄ tinha pera dar; porém sua charidade, como era tam engenhosa, ainda passava mais avante; quando lhe faltaram as alfâyas de casa, dava os vestidos do corpo; agora que já estes estavam repartidos aos pobres, tratou de se dâr a sy mesmo aos doentes, & desta maneyra achou q̄ dar, porque os lanços da charidade, nam se limitam com os apertos da pobreza; de S. Paulino Bispo de Nola, conta Sam Gregorio Magno, ^f q̄ depois de dar tudo quanto tinha, pera resgate de cativos, invetou outra traça de se dar a sy mesmo, pera

e
Ad Heb. ca.
11. n. 37. Cir
cuierunt in
melotis, in
pellibus ca-
prinis, egē-
tes, angusti-
at, afflicti,
&c.

Deo a tu-
nica que
trazia.

Como se
deo, & re-
partio pe-
los pobres.

f
D. Greg. M.
Dial. l. 3. ca. 1.

resga-

resgatat o filho de huma viuva; tal foy o Padre Francisco Lopez, que pera lhe nam faltar q dar, inventou modos por onde se desse a sy mesmo; porque tanto que sabia que havia alguns doentes, logo se hia a socorrê-lhes, acudindolhes com o serviço do corpo, pois lhe nam podia valer com o socorro da esmola.

6 Entre outros casos loube, que estavath em summa miseria, & extremo delempero hús pobres enfermos de mal contagioso, dos quaes pela corrupção, & roim cheyro, todos vinham tal asco, que nam havia quem soffesse entrar aonde estes miseraveis estavath; foyse o charitativo sacerdote aquelle lugar, entra em suas choupanas, acudindo a todos, & repartindose, do modo que podia, em muytos, por nam deyxar de acudir a algum; com elles esteve por espaço de tres, ou quatro meses, servindoos de dia, & de noyte, com grande fortaleza, & alegria: era pera ver a applicação, & vagar com que o Padre se lhes punha a dar de conser por sua mão, a varrer as castiñhas, lavar os pastos, preparar os fios pera as chagas; & nam descançou até dar posseya saúde áquelles que pareciam intravels. Foy este exemplo de tanta edificação, pera todos, assim catholicos, como hereges, que algus com tal vista, sacaram

tambem das enfermidades da alma, redozindose à Igreja Romana.

7 Andando este bom enfermeyro muy occupado com outro doente de enfermidade muy contagiola, por ter a carne fistulada, & cheya de bichos, socedeo virem os Gallas de q affirma falamos, & começaram a destruir, & assolar aquella terra; vendo o Padre a presença do perigo, & seguro do mal que lhe podia vir, mas muy temeroso com o perigo alheyo, tratou de fugir, nam pera se livrar a sy, mas pera defender ao seu enfermo: tomou ás costas, & só com elle (porque estas etam ás riquezas que elle queria libertar daquella Troya) levou; como pode, a hum monte alto, vigiao, acompanhado, curou naquelle deserto, até os barbaros se recolherem; dos quaes sem duvida o enfermo fora morto, como o foram outros muytos, que por nam terem quem os tirasse, ou por falsas seguranças, se deyxaram ficar, naquelle lugar. Fazanha verdadeiramente digna de ser immortalizada cõ mais bẽ empregados louvores, do que foy, áque tanto a antiguidade celebrou, no Capitam Troyano, que tirou em seus hõbres do incendio da patria ardente, & das armas dos Gregos vencedores, a seu pay Anchiles, porque aquelle Troyano era

Como livrou ás costas a hum enfermo.

Notavel charidade.

filho, a quem instimulava o amor natural a nam desempatar a hum pay velho; porêm aqui aonde faltavam as obrigaçoens da natureza, sobejavam os empenhos da graça, a qual assim como he mais divina, tambem he mais poderosa.

8 Taes extremos de charidade muyto mereciam diãte de Deos, & assi tenho por causa certa, que os mimos do céo ainda eram mayores, que os trabalhos de Ethiopia: na inquiriçam que tirou o Vigayro gêral Melchior da Sylva, affirma hũa testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos, terlhe seu pay por vezes dito, filho faze muyto caso do P. Francisco Lopez, porque he hum grande sancto, & eu o vi por muytas vezes, no tempo que dizia missa, & se virava pera o povo, com o rosto abrazado, fermofo, & resplandecente como sol, & quando se tornava a virar pera o altar, aquella mesma claridade, & resplendor o hia seguindo, & se hia virando com o mesmo rosto. Nesta conformidade jurou outra testemunha de vista, que quando dizia missa, era tanta a claridade de seu rosto, que parecia hum Anjo, & que seus cabellos resplãdeciam, como fios de ouro, tornando, em sahindo da Igreja, a ficar brancos, como dantes: & que muytas vezes a reverberaçam, & claridade de

seu rosto, parece que lhe feria os ólhos; renovando Deos aqui o milagre de que fala a sagrada escriptura do Sácto^s Moyses, quando descia do môte Sinay, da pratica, & familiaridade cõ Deos, sahindo as luzes da alma a dar resplandores ao corpo.

9 A misericordia, diz o Sabio, ^h faz a cada hum particular lugar no céo, segũdo seus merecimentos. Bem merecia já a grande charidade deste nosso insigne servo de Deos hir descãçar no céo, aonde tinha grãdes premios aparelhados, & se duvida hiria logo a gozalos, se elle nam estimasse mais por amor de Deos trabalhar com os pobres em Ethiopia, que descãçar entre os Anjos no paraíso. Cahio em huma grave doença, na qual parece que a vida se lhe hia acabando: estava elle, ainda que muy doente, tambẽ muyto alegre, & consolado, mas os catholicos tristes, & desconsolados, vendo em tal extremo aquella vida, da qual depediã suas vidas, sentiam saltarhe seu pastor, seu medico, seu pay, & todo seu bẽ: choravam haverẽ de ficar sem sacerdote, & sem sacramentos: nam cessavam de rogar a Deos, com grande instancia, por sua saude.

10 Nam deyxou de ser ouvida no céo tam piadosa oraçam, & assim, ainda que o bom Padre por hũa parte se desejava

Exod. c. 34.
num. 30.

h
Eccle. c. 16.
n. 15. Omnis
misericordia
faciet locũ
vnicuique
secundũ
meritũ o-
perũ suorũ.

Favores q
Deos lhe
fazia.

Como ad-
eeco.

de

Como me-
lhorou da
doença.

de se ver com seu Deos, com tudo sentindo a falta, que havia de fazer a suas ovelhas, parece que admitio que aquelles rōgos fossem bem despachados; porq̃ no mayor perigo da doença se levantou com grande alvoroço, & com universal alegria dos catholicos; vayse logo à Igreja, dizlhes missa, & no fim della lhes fez huma pratica, declarando a todos como Deos nosso senhor, movido da efficacia de suas oraçoens, lhe estendera o prazo da vida, por mais dous annos, o que elle aceytava com muyto gosto, cortando pelo q̃ tinha de hir descançar ao cēo, por mais os poder servir em Ethiopia; assim succedeo, & nestes dous ultimos annos, que depois viveo, cresceo notavelmente no amor de Deos, & no serviço dos proximos, trabalhando com o espirito incantavel, como que em pouco tempo queria ganhar muyto; delle podemos dizer o que a Igreja tanto louva em S. Martinho, que por bē de suas ovelhas nem temeo morrer, nē recusou viver. **C**hegado o fim dos dous annos, ultimo remate de sua larga, & ditosa peregrinaçam; em hũa somana, antes de sua morte, ajuntando os catholicos (como oucto Sam. Paulo, quando se despedia pera hira Epheso ^K) exhortandoos a perseverar na virtude, & uniam da

Igreja Romana, dandolhes saudaveis documentos, & avisos, concluyo a pratica com lhes declarar, que dally a oyto dias parteria desta pera a outra vida, que nam tomassem pena por sua morte, nem se houvesse por deseparados, certificã dolhes que nam estariam hũ anno inteYRO sē ter sacerdote da Igreja Romana, porque Deos nosso senhor os proveria de pastor que os consolasse: tudo succedeo, como lhes prophetizou, porque dally a oyto dias, em o primeyro de Mayo de mil quinhentos noventa & sete, com grande pobreza, mas com celestial consolaçam, entre divinos colloquios ao cēo, se foy receber a coroa devida a tam gloriosos trabalhos, sendo de oytenta annos.

12 E antes de hum anno chegou a Ethiopia hum sacerdote Theologo, de vida muy aprovada, & de exemplar procedimento, chamado Melchior da Sylva, que veyo ally por ordem do Illustrissimo, & Reverendissimo Arcebispo de Goa Dom Aleyxo de Meneses, como tam zeloso da salvaçam das almas, da maneyra que já dissemos; o qual sacerdote encheo aquelles catholicos de extraordinaria alegria, por verem em cumprimento da prophacia do Padre Francisco Lopez, o que de quarenta annos aquella parteria nam podēram alcançar, que

De sua sã
da morte

Como veyo
a Ethiopia
hũ Sacer-
dote.

Nec mori
timuit, nec
vivere re-
cusavit.
Breu. in le-
gēd. D. Mar-
tini.

K
Act. c. 20. 2
num. 17.

era hum sacerdote catholico, vindo de novo, coufa que tantas vezes tinham intentado os religiosos da Cōpanhia, sem poder nenhum delles passar, ficando huns cativos entre os Turcos, & hindo outros martyrizados ao céo: & por esta causa foy muy festejada esta mercê do Senhor, a qual sua divina bondade quiz dobrar, mandando-lhe no anno de mil seiscentos & quatro o Padre Pero Paes da nossa Companhia, que já outra vez tentára passar a Ethiopia, cō o Padre Antonio de Monserrate, posto que ambos da primeyra vez foram presos, & cativos dos Turcos.

13 Depois da chegada do Padre Pero Paes, se voltou pera Goa o Vigayro Melchior da Sylva, tendo governado aquella christandade por espaço de sete annos, com muyta edificacão, & zelo, o qual levou consigo as informaçoes authenticas de tudo o que desta misãm brevemente relatey. Por sua via mandou o P. Pero Paes a Goa a cabeça do bemdito Patriarcha Dom Andrè de Oviedo, estimandoa como reliquia preciosissima, & como tal foy recebida, & festejada dos Padres da nossa Companhia, & collocada pelo Padre Provincial Manoel da Veyga, no Collegio de Sam Paulo de Goa; a do Padre Francisco Lopez, que

estava na mesma sepultura, deyxou o Padre Pero Paes, em Ethiopia, pera consolaçam de toda aquella christãdade, porque os varoens sanctos nos defendẽ sendo vivos, & nos hõram ainda depois de mortos.

14 Estes foram em vida, & em morte os ditosos cinco companheyros do glorioso Patriarcha, varoens verdadeyramente apostolicos, dedicados ao trabalho, & destinados à morte, como Sam Paulo¹ descreve aos verdadeyros servos do Senhor. Tal pastor nam podia deyxar de criar taes ovelhas. Assim viveram, & assim acabãram aquelles excellentes varoens, desterrados voluntariamente das terras aonde nascêram, por regioens tam remontadas, pera serem verdadeyros cidadãos da patria celestial. E com isto damos fim à misãm dos Patriarchas de Ethiopia (cō os quaes fizemos esta bem empregada digressã) que senam servio tam bem começada empresa pera reduzir aquelle Imperio, como dantes se cuydava, aproveytou pera edificar o mudo, como agora contamos; procedendo todos estes apostolicos varoens com exemplos tam raros, que os vivos temos que imitar, os passados tiveram que respeytar, & os vindouros terã sempre q̄ admirar. O mais desta misãm se verã na historia

1
1. ad Cor. c.
4. n. 9. Tan-
quã morti
destinatos.

Como che-
gou a E-
thiopia o
P. Pero
Paes.

Anno de
Christo de
1556.

de Ethiopia, que já alleguey, composta pelo nosso Padre Manoel de Almeyda, a qual muyto cedo se darâ ao prélo.

CAPITULO XXXXIII.

Trata o Padre Provincial Miguel de Torres de mudar em Coimbra o Collegio de IESVS pera o Collegio das Artes, que tinhamos na rua de Sancta Sofia; vem de Roma por Visitador o Padre Luis Gonçalves, & resiste a esta mudança.

I



Om a viagem do Patriarcha Dom Ioã Nunez Barreto, & com o successo desta missã, nos divertimos das mais cousas pertencentes ao anno de mil quinhentos, & sincoenta & seis, em que hiamos nesta Chronica; agora tornaremos a continuar com as cousas deste mesmo anno. Dissemos no capitulo ^a vinte & hum como entrã a governar esta Provincia o Padre Miguel de Torres: tambem contamos no capitulo de soyto, como nos entregou elRey Dom Ioã o Terceyro o Collegio das Artes, & mais classes de humanidade. Com este novo Collegio

(que estava fundado no fim da rua de Sancta Sofia, aonde agora estam os carcereos do Sancto Officio) ficou a Companhia tẽdo em Coimbra dous Collegios, hum, que se hia fabricãdo no mais alto da cidade, aonde agora estamos (& era obra em tudo grandiosa, & que demandava grandes gastos) & o outro, que já estava edificado no mais bayxo da mesma cidade; era neste tempo Reytor do Collegio de cima (a que chamamos Collegio de IESVS) aquelle grande servo de Deos o P. Leã Henriquez; no Collegio de bayxo, a que chamavam Collegio das Artes, era superior o P. Miguel de Sousa, de quem tenho já falado, ^b o qual juntamẽte era Prefeyto dos estudos, que entã chamavam o Principal, ao modo Parisiano; posto que em tudo ficava subordinado ao Reytor do Collegio de IESVS.

2 Porẽm como a distãcia dos lugares era grande (por hũ estar no mais alto, outro no mais bayxo da cidade) a subordinaçã continua, & a depẽdencia necessaria, causava esta divisã dos dous Collegios, hum perpetuo trabalho no provimento ordinario, que do Collegio de cima se mandava todos os dias ao Collegio de bayxo: ainda que neste trabalho havia hum bẽ, q era o exercicio de humildade, q daqui se originava, & se repar-

Anno da
Companhia
17.

b
2.p.l.5.c.5.

^a
2.p.l.6.c.21

Tinha a Companhia em Coimbra dous Collegios.

Incõmodidades que havia por ter estes dous Collegios.

Anno de
Christo de
1556.

tia igoalmête por todos os religiosos, que bẽ he, que todos os que vivem de bayxo das mesmas regras participem dos mesmos merecimentos, ainda que seja à conta de levarem os mesmos trabalhos. Pera o commum provimento do Collegio de bayxo vinham os nossos em corpo pela cidade, levando hum jumento carregado com o necessario à vista do povo todo, com grande alegria sua, como bons discipulos, que tinham sido do Padre Simãm Rodrigues exercitando em sy estes officios de desprezo proprio, pisando as honras, & vaidades do mundo, segundo o exemplo, que neste particular nos tinha dado aquelle excellente varãm o Padre Dom Gonçalo da Sylveyra, como na sua vida contamos.^c

3 Durou este sancto exercicio por alguns annos, acodindo a elle nam sòmente os discipulos, mas tambem os mestres, os mesmos superiores, & os mais graves do Collegio; & talvez lhes acontecia, por nam entenderem bem daquellẽ governo, desconfertar selhe a carga, & cahir no meyo da rua a canastra de maçãs, ou de nozes, sem se saberem dar a conselho, à vista dos muytos, que acodiam a fazer festa, com semelhantes successos, que se por huma parte festejavam velos assim embarçados, por outra se edificavam

muyto dos singulares exemplos de modestia, & humildade, ganhando naquelles bayxos ministerios altissimos premios, & grandes ventagens de gloria soberana.

4 Com tudo pera escusar esta incommodidade, de hir, & vir cada dia, de hum Collegio ao outro (que logo naquelle principio pareceo grande) por causa da perda do tempo, & menos ganho de récolhimento, & dobrados gastos, pera sustentar dous Collegios separados; tratava o Padre Provincial Miguel de Torres de reduzir estes dous Collegios a hum sò: & como elle em tudo era tam parecido a seu antecessor o Padre Diogo de Mirãm, ambos Hesponhoes, & ambos homens de grande humildade, & como tambem o Padre Miguel de Torres nam approvasse muyto as grandezas com que o Padre Mestre Simãm tinha começada a obra do Collegio de Coimbra, pareceolbe esta boa occasiam, pera deyxar a largueza do sitio, & da architectura, & estreytarse mais, accomodandose com o Collegio de bayxo.

5 Foram estas rezoões tam forçosas, & tam apressada esta resoluçam, que o Padre Provincial Miguel de Torres em effeyto fez desistencia nas mãos do serenissimo Rey Dom Ioã n

Anno da
Cõpanhia
17.

Tratam de
se mudar
pera o Col.
legio de-
bayxo.

^c
2 pl. 4. c.
29.

Anno de
Christo de
1556.

do sitio do Collegio de si.ma, cõ todo o edificio que nelle estava feyto; mandando logo parar cõ as obras: & tratou com todo o calor da mudança pera o Collegio de bayxo: & como o sitio, que elle queria deyxar era tam bom, logo teve oppositores, & entre outros, que o pediram a sua Alteza, o concedeo aos muy reverendos Padres da Ordem de Christo, a quem ordinariamente chamamos de Tomar, que entam estavam já reformados, pelo seu gravissimo Visitador, & reformador Fr. Antonio Moniz; & porque parte daquelle sitio tinha sido destes Padres, & elles nolo tinham largado, elles agora tinham mais justiça pera el Rey lho dar, quando nõs o deyxavamos. E sem duvida se executariam logo estas mudanças, assim a nossa pera o Collegio de bayxo, como a dos Padres de Thomar pera o nosso sitio, por assim o largar o nosso Provincial, que era Hespanhol, se Deos nos nam trouxera de Roma hum Portugues, que foy o Padre Luis Gonçalves da Camara, cujos altos espiritos, nam se limitavam ao Collegio de bayxo, & em effeyto resistio a esta mudança, do modo que logo contarey.

6 No quarto livro^d disse-mos da hida, que fez a Roma o P. Luis Gonçalves da Camara, o qual no fim do anno de mil

quinhentos sincoenta & sinco, foy mandado a este Reyno por ordem de nosso sancto Padre Ignacio, com titulo de Visitador desta Provincia; & trouxe consigo doze religiosos de nossa Companhia, que vinham pera viver em Portugal, que o sancto Patriarcha mandava com particular tençam, & desejo de ver a Companhia no mundo, unida toda no mesmo espirito, pera que nos conhecessemos todos por naturaes, sem haver entre nõs peregrino, ou estrangeyro, pois todos reconheciamos o mesmo pay. Notavel foy o espirito com que o Padre Luis Gonçalves, & seus companheyros passãram este caminho; caminhavam à pè, pedindo esmola, dormindo nos hospitaes, fazendo doutrinas pelas praças, prégando nas Igrejas, & nam perdendo lanço nenhum, em que podessem ganhar almas pera o cèu.

7 Caminhando desta maneyra com seus companheyros o Padre Visitador Luis Gonçalves da Camara, chegou a Portugal, & foy logo beyjar a mãma sua Alteza, dandolhe huma carta de Sancto Ignacio, que ainda hoje conserva por grande reliquia em sua mãma o Padre Ignacio Mascarenhas da Companhia de IESVS, sobrinho do dito Padre Luis Gonçalves, porque foy filho de Dõ

Anno da
Companhia
17.

P. Luis Gõ
calves Vi-
sitador em
Portugal.

O nosso Col-
legio se deo
aos Padres
de Tomar.

d
a.p.l. 4. cap.
12.

Anno de
Christo de
1556.

Carta de S.
Ignacio.

Fernam Martins Mascarenhas, que foy filho de Dõ Ioã Mascarenhas, & de Dona Aldonça de Vilhena, filha de Simã Gonçalves da Camara, Conde da Calheta, & Irmã do Padre Luis Gonçalves) pela qual carta tem Deos feyto muytos milagres, & por estar em partes já gastada a nam ponho toda aqui. Foy esta carta feyta em vinte & dous de Outubro de mil quinhentos sincoenta, & sinco; nella entre outras cousas, que o sãto Patriarcha escreve, em abonaçam do Padre Luis Gonçalves, diz, que sua estada em Roma foy muy proveytosa pera o divino serviço, & ajuda dos proximos, & conclue cõ estas palavras, *Tempos deyxado o Padre Luis Gonçalves muyta edificaçam, & contentamento de seu hom espirito, zelo, & habilidade, pera cousas do serviço divino, &c.* Depois do Padre Luis Gonçalves cumprir com esta tam precisa obrigaçam, visitando a sua Alteza em Lisboa, foy logo demandar o Collegio de Coimbra, aonde a alma, & o affecto o levavam.

8 Nam se pôde explicar a grande cõsolaçam, que teve entrando naquelle sãto Collegio (officina de devaçam, & escola de piedade) no qual se tinha criado, & bebido o primeyro leyte da devaçam. Achou o muy acrescentado na gente, mas muy parado nas obras, por

causa da resoluçam, que estava tomada, pelo Padre Provincial Miguel de Torres, pera deyxar aquella casa pelo Collegio de bayxo. Muyto sentio o Padre Visitador este apressado conselho, que por ser em materia de tanta consideraçam, demãdava mais vagares; & pera acudir aos grandes inconvenientes, que desta mudãça se podiam seguir, logo com o mayor affecto de seu coraçam, & grande copia de rezoens, propoz ao Padre Provincial, & aos mais Padres da consulta a conhecida vantagem, que o Collegio de cima fazia ao debayxo, na capacidade do lugar, largueza do edificio, bondade dos ares, alegria da vista, visinhança das escholas mayores, fõra das humidades do srio debayxo, & dos sobressaltos continuos das cheyas, & inundaçoens do rio Mondego, que cada vez mais soberbo vay gastando aquella parte da cidade, entrando furioso pelas ruas, & pelas casas, arrombando vencedor edificios grandiosos, & conquistando victorioso aos mesmos mosteyros, que estavam por aquelles bayrros da cidade, os quaes, sendo izentos de outras jurisdicoes, vem a pagar tributo, & ficam tam sogeytos à tyrannia deste arrebatado rio, que de muytos destes mosteyros; nam deyxou mais que alguns sinaes do lugar, em que esti-

veram

Anno da
Companhia
17.

Incomodidades que havia no Collegio de bayxo.

Entra no
Collegio de
Coimbra.

Anno de
Christo de
1556.

Difficul-
dade que
havia de
tornar a-
traz com
esta reso-
luçam.

veram, por unicos despojos de suas victorias, ou pera monumentos, & lembranças dos defacauteados; & a outros, que ainda por aquella parte da cidade estam em pé, cada anno ameaça ruinas semelhantes.

9 Bem cahiram logo os Padres no erro, que tinham cometido, & o mesmo Padre Provincial Miguel de Torres se mostrava muyto arrependido, porém achavam, que já estes arrependimentos vinham tarde, nem podiam já ter algum remedio, pela renunciaçam, que tinham feyto nas mãos delRey, & por intreuir já nisto sua palavra real, com que tinha feyta doaçam deste Collegio, & do sitio delle a outros religiosos. Porém o Padre Luis Gonçalves, que tinha hum coraçam mayor, que as obras, & que o sitio do Collegio, nam desmayou ram depressa, antes tratou logo de buscar remedio a este negocio; primeyramente fêlo commendar muyto a Deos, & se resolveo a voltar a Lisboa, pera representar a sua Alteza a mercè, que de novo delle

esperava o Collegio
de Coimbra.



CAPITVLO XXXV.

Anno da
Cõpanha
17.

Da pratica que o Padre Luis Gonçalves fez a elRey, sobre nam largarmos o Collegio de IESVS, & como sua Alteza compoz este negocio, & ficamos no mesmo Collegio.

I



Hegado a Lisboa o Padre Luis Gonçalves, depois de comunicar o negocio com os Padres consultores da Provincia, resolvèram todos, que o unico remedio deste negocio consistia em pedirem a sua Alteza, quizesse tornarnos a fazer nova mercè, de nos dar o Collegio, & sitio de sima, q̄ tinhamos largado em suas mãos, & de que já estava feyta mercè aos muy Reverendos Padres de Thomar: porque esta sem duvida era a mayor difficultade, por causa da palavra real, que já estava empenhada da parte do Rey, com aquelles religiosos, & como isto era materia de tanta importancia, tratou o Padre de buscar hũa boa hora, em que podesse falar a sua Alteza, & proporlhe todas as rezoens, que havia, pera esperarmos esta nova mercè. Atè que finalmête

Tratam os
Padres de
pedir ou-
tra vez o
Collegio de
Coimbra.

Anno de
Christo de
1556.

Pratica do
P. Luis Gõ-
çalves a
el Rey.

achando boa occasiam de audiência, prostrado aos pês de sua Alteza, com quem o Padre tinha grande confiança, & muyta entrada, por ter sido seu côfessor, havida licença, dizem que lhe falou desta maneyra.

2 As obrigaçoens, senhor, que a Companhia tem a V. Alteza, são infinitas, porque como do ser ao nam ser haja distancia infinita, & como esta minima Companhia deva a V. A. o ser (pois nam nascera, se V. A. a nam emparara) bem se segue que as obrigaçoens são infinitas, & que as dividas nam tem limite. Por esses reaes favores nasceo em Roma, esses reaes braços a receberam em Portugal, com esse real emparo se vio de repente no mundo nomeada, & quasi primeyro authorizada, que nascida: com tam augusto protector espera continuar sempre segura, & de mão tam liberal, & de pay tam cuydadoso, espera sempre alcançar repetidas graças, & dobrados favores. A primeyra obra em que V. A. mostrou sua liberal magnificencia foy o edificio do Collegio de Coimbra, que entre suas grandezas, a primeyra, & principal he ser traça vossa, & idea de tam illustre entendimento: este he o primeyro titulo, por onde tanto estimamos este Collegio; este he o principal empenho, por onde o nam deviamos de largar.

3 Com tudo os tempos, que sempre trazem mudanças, aqui as causarão de maneyra, que o que mais nos devia conquistar as vontades, isso nos fez perder a advertencia. Ouve entre

nós quem julgou, que nos nam convinha a grandeza que este Collegio demanda, por ventura por nam advertir que a sumptuosidade da obra, mais deve respeytar ao autor, que a manda fazer, que aos sogeyros pera quem se faz: quanto mais que este grande edificio mais he pera casa de Deos, que pera morada de homens, que era o que Salamám dizia, lançando os olhos à grandesa do templo: ^a Opus grande est, non enim homini, sed Deo præparatur habitatio, queremos este Collegio pera nelle habitar Deos, pois nelle ham de morar os servos de Deos, que ainda que sejam muytos, namigoalam meus desejos, & por isso me nam descontenta a casa por ter principios grandiosos: a vastidam do Oriente he ainda mayor, & todo elle, senhor, está á côra deste Collegio, por isso o desejo muyto grande, pera que sempre sayam delle muytos missionarios pera a gentildade.

4 Já V. Alteza nos deo humna vez este Collegio, comprounos o sitio pera a obra, deonos rendas pera os estudantes; & neste particular nam temos mais que pedir, nem V. A. por agora mais, que nos conceder. Porem as confas se ordenaram de tal sorte, que temos nova occasiam pera nos fazerdes, senhor, outra segunda mercê, ainda mayor que a primeyra: este Collegio já nam he nosso, pois pelo largarmos nos, V. A. o deo a outrem, & assim se V. A. nolo tornar a restituir, de novo o tornamos a receber, & ficará repetida a graça, & iterada a mercê.

5 E nam sò nos ficaria dado es-

Anno da
Companhia
17.

^a
1. Paral. ca
29. n. 1.

Anno de
Christo de
1556.

Quanto os
Reys devẽ
estimar sua
palavra.

te Collegio duas vezes, mas esta segunda mercê ficará muy superior á primeyra, porque naquella deo U. A. rendas, deo ditheyro, & huma, & outra cousa sobeja a hum Rey tam rico, & a hũ Monarcha tam liberal; mas na data que agora esperamos, poderá cuidar alguẽ, que arrisca V. A. sua real palavra, pois lhe pedimos, que torne atraz por amor de nòs, com a mercê que já tẽ a outrem concedida; por onde se U. A. por amor da Companhia arriscasse o comprimento de sua real promessa, claro fica que nos dava ainda mais do q̃ nos podia conceder, pois hum Rey tam verdadeyro nam pôde dexar de cumprir sempre o que huma vez tem prometido: a palavra dos Reys he a joya mais preciosa, & o thesouro mais rico que possuem no cofre de sua grandesa, mais val huma só palavra real, que muytos reynos inteeyros, assim a entendendo, senhor, porẽm daõme licença pera vos dizer, que sem risco da vossa palavra, & sem perigo de vossa promessa, nos podeis restituir a nòs, o que já tinheis dado a outrem; porque como V. A. lhes nam dava este Collegio pelo querer pera elles, senam pelo nam quereremos pera nòs, bem se segue, que se lho tiraes agora, pelo tornarmos a querer, nam ficais quebrando vossa real palavra; porque assim como o motivo de lho dar foy por nòs o largarmos, assim o titulo de lho tirar, serà pelo tornarmos agora a pedir, como em effeyto, senhor, pedimos prostrados a eses reaes pés.

6 Vossa Alteza tem muytas bençoẽs que dar, he mais rico q̃ Isaac,

que só a hum filho abençoou, a muytos mais abrange a magnifica grandeza de tal pay, nam faltará outra casa em que agasalhar tambem aquelles filhos, pois o animo he tam grande, que a todos em sy pôde recolher: foy inadvertencia, senhor, dos que movidos mais por respeyos de humildade propria, q̃ por esperanças grãdiosas do bẽ alheyo, quizeram trocar a sumptuosidade, que este edificio demanda, pela estreteza q̃ aquelle tem: mas eu que assisti a abrir os primeyros alicasses, & me achei ao lanço da primeyra pedra. & sey que os intentos foram de fazer hũa grande casa, nam pera ostentaçam de alguma vaidade, mas pera creacãm de muytos sogeytos (que deste Collegio, como de hũa praça de armas, & de celestiaes soldados, sahisse muytos a conquistar as almas a Deos, & render o mundo todo, pera o cẽo) nem me descontenta a obra por ser grande, nem posso dexar de a estimar por ser minha.

7 Lembrado estareis, senhor, quando sendo só vinde & sinco^b os q̃ moravamos neste Collegio, queyxcandonos a V. A. do pouco numero de obreyras, que havia, a respeito da grãde seára que se prometia; V. A. nos disse, recedey quantos quizerdes, que eu vos darey rendas pera os sustentardes: esse anno tam superior nam se limita à estreteza do Collegio de bayxo, esse numero tam acrescentado nam cabe em lugar tam abreviado. Tem os Religiosos em todo o bom direyto privilegio de restituçam, este, senhor, me compete agora a mim, que como superior dos mais, venho recorrer a vòs. Nòs ainda estamos

Anno da
Cõpanhia
17.

^b
Vide p. 1. l.
3. c. 33. n. 3.

Anno de
Christo de
1556.

deposse do Collegio; a ella nos chama-
mos, por restituicam de menores; nem
V. M. nos ha de querer tirar della,
depois de alograrmos, pois nola deo an-
tes de a termos. E se todas estas rezões
nam bastam, appellamos, senhor, pera o
amor que nos tendes, porque delle es-
peramos alcançar por favor, o que nam
merecemos reter por justiça.

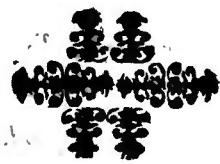
Como el Rey
se abrãdou
com esta
pratica.

8 Ouvio o benignissimo Rey as rezoens do Padre Luis Gonçalves, que tambem hiam misturadas com algũas lagrimas (que muytas vezes tem mayor pezo, sendo vistas, do que as palavras sendo ouvidas) & como o amor que nos tinha era grande, tratou logo de nos nam delacommodar a nós, nem faltar aos outros; & pera acudir a todos com mayor suavidade, primeyro quiz contentar aos outros Religiosos, dandolhe outro sitio muy accomodado, com aventajados favorès, & promessas, pera que elles mesmos quizessem deyxarnos o Collegio de sima, de que já tinham palavra, o que logo fizeram por servir ao Rey, & dar gosto à Companhia. pela qual obra reconheceremos sempre immortaes obrigaçoens aos muy reverēdos Padres da Ordem de Christo, cujos muy religiosos, & hōrados termos, que nesta occasiam tiveram, saberemos sempre reconhecer.

9 Foy esta mercè, que o liberalissimo Rey entam nos fez, grande prova da singular benevolencia, pera com nossa Religiam, pois sobre palavra real já dada, fez o que depois lhe pedimos, desfazendo o que dantes prometèra: acrescentandonos muyto a dobrada obrigaçam q̄ devemos a tam liberal magnificencia, por duas vezes nos dar este Collegio; que nam ha duvida que foy grandissima mercè, pela grande ventagem que faz ao Collegio de bayxo, donde finalmente dally a algũs annos nos sahimos, & mudamos pera o de sima, aõde agora vivemos, & nam só he o primeyro Collegio que teve a Companhia, mas tambem pòde ser o primeyro na grandeza da obra, & na multi-

dam dos so-
geytos.

(.?.)



Anno da
Companhia
17.

Grãde mer-
cè, q̄ el Rey
aqui, nos
fez.

Anno de
Christo de
1556.

CAPITULO XXXVI.

*Dãse huma breve noticia das
couzas mais notaveis do Pa-
dre Luis Gonçalves da Cama-
ra, como o obrigou Sancto Ig-
nacio a ser confessor del Rey D.
Ioã, & do Principe D. Ioã;
como foy segunda vez a Ro-
ma, & tornou pera ser mes-
tre del Rey Dam Se-
bastiã.*

Vuytas occasio-
ens tivemos nesta
Chronica pera fa-
zermos a devida
mençã das couzas mais notã-
veis da vida, & morte do Padre
Luis Gonçalves da Camara, po-
rẽm agora muy em particular
me resolvi a cumprir com esta
obrigaçã, como em satisfaçã
da que lhe devemos, por elle
de novo nos fazer dar o nosso
Collegio de Coimbra, no lugar,
aonde hoje o temos, sendo as-
sim que já el Rey, por nõs o lar-
gamos, o tinha dado, como dis-
semos, aos freyres conventuaes
reformados da Ordem de Chri-
sto.

2 No capitulo trinta &
nove do primeyro livro dissemos
do illustrissimo solar do P.
Luis Gonçalves da Camara, q

foy irmã do primeyro Conde
da Calheta, & contamos de sua
vocaçã, & entrada na Com-
panhia em Coimbra (& nam
em Gandia, como diz o Padre
Pedro de Ribadeneyra^b) & em
outras muytas partes, conforme
as occasioens nos convidavam,
contamos dos grandes progres-
sos, que fez no caminho da vir-
tude, de sua muyta humildade,
com que servia na cozinha, de
sua rara charidade, com que a-
cudio aos cativos de Tituã
em Africa, e agora brevemente
farey huma releyçã do restã-
te de suas couzas. Tanto que
foy recebido na Companhia, no
anno de mil quinhentos quarẽ-
ta & quatro, pedio licençã ao
Padre Mestre Simã, como a-
traz dissemos,^d pera ter o novi-
ciado em alguma parte fora de
Portugal, pera como outro A-
braham, deyxar sua patria, & es-
quecerse de seus parentes; pera
isto se foy ao novo Collegio de
Valençã, aonde teve por mestre
o bom servo do Senhor o Pa-
dre Diogo Mirã; ally se exer-
citou o fervoroso noviço em to-
da a mortificaçã, & humilha-
de; passando o noviciado com
grande paz, & consolaçã de
sua alma.

3 Teve porẽm hum gran-
de trabalho neste tempo, porq
ainda que o espirito era forte
pera a virtude, o corpo era fraco
pera o jejum, dondẽ lhe vinha

serem

Anno da
Copanhia
17.

^b
Rib. in Chr.
Hispan. ma-
nuscripta l.
1. c. 5.

^c
1. p. fol. 372.
& fol. 378.

^d
1. p. l. 1. c. 39
num. 9.

Como se
mortificou
na gula.

Anno de
Christo de
1556.

serem notaveis as fomes, que padecia; a causa disto era, porque além do novo Collegio de Valença ser muy pobre naquelle tempo, tinha o Padre Luis Gonçalves o calor natural muy grãde, & muy gastador, de sorte q̃o que lhe davam pera comer em todo o dia, escaçamente lhe bastava pera hum almoço da manhã: apertavao a fome, & nam tendo o calor materia em que empregar suas forças, lhe causava grandes dores, & lhe gastava a propria substancia, em que se hia cevando. Porém se o estamago era grande, pera demãdar muyto mantimento, o coração era mayor pera ter muyta paciencia: envergonhava se o novo soldado de Christo, de ver que tendo vencido o mundo como esforçado, agora se deyxasse vencer da fome, como covarde. E advertindo que o inimigo era domestico, & teymoso, tratou de o levar por traça, já q̃o nam podia sogeytar por força: & porque sabia que todo o mal lhe vinha da efficacia do calor nativo, buscou arte pera o enfraquecer; quiz atalhar este fogo, nam dandolhe pasto em q̃o empregasse, mas deytandolhe agoa, com que apagasse: havia em casa hum poço de agoa salobra muyto fria, a cada passo hia ally tirar agoa, bebia della muytas vezes, & com este remedio alcançava duas victorias,

mortificava o gosto do appetite, & a pagava o fogo do calor; & posto que ao principio foram as fomes terriveis, com tudo por este meyo, veyo de tal maneyra a sogeytar este seu contrario, que lhe ficou muy obediente, em todo o descurto de sua vida, na qual sempre pode sofrer o regimento ordinario da Religiã, & os muytos jejús, & abstinencias, em que sempre se exercitou; que os verdadeyros servos de Deos buscam traças, nam pera mais se aliviar, mas pera melhor se mortificar.

5 Acabado seu noviciado em Valença, foy outra vez chamado pela obediencia a Coimbra; aonde procedeo com grãde exêplo de humildade, oraçam, & desprelo do mundo, sahindo a peregrinar a pé, & pedindo esmolas pelas portas, cõ taes mostras de verdadeyra mortificação, que encontrando huma vez aquelle excellente varã Dom Bertholameo dos Martyres (que foy Primaz dignissimo das Hespanhas) lhe ficou tam affeyçoado, por nelle ver tam notaveis sinaes do desprelo do mundo, que chamava ao Padre Luis Gonçalves homem de sua alma. Tratou elle com grandes veras de ser dos primeyros que foram á misã do Brazil, & parecendolhe que tinha já alcançado este favor, se despedio por carta de seu grande amigo

Anno
Copia
17.

De Valen-
ça volta
a Coimbra.

Anno de
Christo de
1556.


o Padre Ioám Nunez Barreto, que tinha deyxado entre os cativos de Tituám. Mas nam permitio Deos, que esta Provincia perdesse hum varám de tanta estima, & que nos havia de ser cá de tanto proveyto.

6 Quando o Padre Mestre Simão foy a Roma á Congregaçam gèral, o deyxou em seu lugar por mestre do Principe, coula que elle muyto sentio, porque mais quizera doutrinar os pobres pelas aldeas, que ensinar a Princeses nas cortes. Tantas foram as repugnancias do Padre Luis Gonçalves, até q informado por elRey, nosso P. Sãcto Ignacio desta sua humilde, mas porfiada resistencia, por huma sua carta feyta em Roma a dous de Ianeyro de mil quinhentos sincoenta, & dous, lhe mandou hũa obediencia por estas formaes palavras. Por esta se vos ordena, & vos mando em virtude da sancta obediencia, que nam vos aparteis da corte delRey, sem especial ordem sua, & do Principe, & se agita esta vos achar ausente, logo co vossa commodidade vos pareas para ella, &c.

7 Sogeytoúse por entam o Padre Luis Gonçalves ao preceyto da obediencia tam precisa; mas porque a repugnancia era grande, & o desejo de viver mais retirado era grandissimo, & por isso continuava a escrever dando muytas escusas, lhe

respondeo nosso bemaventurado Padre no mesmo anno a seguinte carta, que aqui refiro, como costume, por ser de varám tam sancto, & sobre materia de tanta edificaçam.

CARTA DE N.P. Sancto Ignacio pera o Padre Luis Gonçalves.

8  Graça, & amor de Christo nosso Senhor, seja sempre em vossa ajuda, & favor, amen. Recebi a vossa carta de vinte & cinco de Abril, por ella entendo, que se vos faz difficuloso o ter cuydado da consciencia delRey, allegando vossa pouca idade, falta de experiencia, & molestia de negoços, que costumam carregar sobre o tal confessor, & outras cousas, que ainda que certo me causa edificaçam, o que de vós mesmo sentis, & o muyto que repugnaes a esse cargo, que tantos no mundo desejam, com tudo eu julgo em nosso Senhor, que deveis fazer o que sua Alteza vos ordenar neste particular, como tambem em qualquer outra cousa devemos por os olhos naquella, que vé, & pôde tam efficaçmente suprir tudo aquillo em que vós parece faltaes.

9 E no que toca á consciencia do Rey, nam he cousa que vos haja de parecer pesada, sendo tam boa, & sancta, mena tendes com que vos escusar, como corra a quelle, que confessasse Prin-

Anno da
Copanhia
17.

Resistio o
P. a ser cõ-
fessor del-
Rey.

Anno de
Christo de
1556.

cepes mais enredados em casos duvidosos. E ao que dizeis que he costume de sua Alteza levantar a cargos, & dignidades mais honrosas a seus confessores, nam temais, que contra vossa vontade, & da Companhia, o faça, pois he pay de toda ella; & ainda que andar na corte vos seja cruz, levaya com paciencia, porque despondo-se as cousas por meyo da sancta obediencia, nam podereis duvidar, que hirám despostas conforme a beneplacito divino, que he o q̄ pertendeis, & todos devemos pertender, em qualquer lugar, & occupaçam, que tivermos. A outras cousas nam respondo, mas sò esta peço à divina bõdade de sua divina graça, pera que sempre sintamos sua divina vontade, & perfeitamente a cumpramos. De Roma 9. de Agosto de 1552.

10 Continuou o P. Luis Gonçalves na corte até o casamento do Principe Dom Ioám com a Princesa Dona Ioanna, filha do Emperador Carlos V. & entam antes da morte do Principe (que socedeo em Dezembro de mil quinhentos cincoenta & tres, oyto meses & meyo depois do dito recebimẽto) foy o Padre Luis Gonçalves a Roma, pelas rezoões que atraz apontamos nesta segunda parte.² ally teve grandes occasioões pera tratar, & conversar muy em particular cõ nosso glorioso Patriarcha Ignacio, porque foy ministro, ou superior da casa Romana, & todos os dias se ajun-

tavam por largo espaço a praticar espiritualmente, cousa que elle muyto desejava pera notar os exemplos de tal Sancto, & beber naquella purissima fonte as agoas mais cristalinas da virtude mais qualificada, que notava, & cõ particular reflexam advertia, & admirava em varám tam admiravel, de que nos deyxou escrito hum memorial, & como diario do que nelle notava, & via; até que em Outubro de mil quinhentos cincoenta & cinco, o mandou nosso Sãcto Padre por Visitador a Portugal, & nos acudio à mudança do Collegio de sima, como vimos; & começando a exercitar este cargo, levou Deos pera sy a nosso Sancto Padre Ignacio, como veremos, & foy eleyto o mesmo Padre pera hir a Roma, à Congregaçam gèral, a que se achou presente, na qual o elegeram por Assistẽte de Portugal, sendo segundo gèral o P. M. Diogo Laines.

11 Nam pode porẽm o P. Luis Gonçalves aturar nesta sua occupaçam, todo o tempo do Padre Laines, porque tratãdo a serenissima Rainha Dona Catherina, & o Cardeal Infante de dár mestre a elRey Dom Sebastião (cujo nascimento foy no anno de mil quinhentos cincoenta & quatro, a vinte de Janeiro, dia do glorioso martyr Sam Sebastião) pera que na-

quella

Anno da
Companhia
17.

Ocasiam q̄
teve pera
hir a Roma.

²
x.p.14.c.11.

Como tornou a Portugal a ser mestre del Rey.


quella tenra idade o ensinasse, & instruisse em costumes dignos de sua real pessoa. Escolheu ella ao Padre Luis Gonçalves da Camara, por assim lhe ficar muy encomendado del-Rey seu marido, & senhor; & pera se effeytuar este decreto real, escreveu ao Padre Diogo Laines segundo gèral, pedindo-lhe a elle, & a toda a Companhia, quizessem licenciar ao Padre Luis Gonçalves da Camara do cargo de Assistente, pera poder tomar o de mestre del-Rey Dom Sebastião seu nêto.

12 Notaveis foram as repugnancias, & grandes as diligencias que fez o Padre Luis Gonçalves, pera que o escusassem desta honra; até que finalmente se lhe mandou em virtude da sancta obediencia, que aceytasse aquella occupaçam, pera a qual tinha todas as boas partes que se podiam desejar em hum tal mestre, porque além de ser muy illustre em sangue, era religioso de grande virtude, muy erudito nas sciencias divinas, muy douto nas letras humanas; & como tinha estado por muyto tempo em Valença, em França, em Roma, & em Africa, sabia muytas lingoas, a Francesa, a Italiana, a Helpanhola, & Africana, além da Latina, Grega, & Hebrayca: & sobre tudo, era ho-

mem de muyta prudencia, de grande capacidade, & conhecimento de negoceos; tinha condiçam muy amavel, & era finalmente em tudo mestre dignissimo de hum discipulo Rey.

CAPITULO XXXVII.

Começa o Padre Luis Gonçalves o officio de mestre del-Rey Dom Sebastião; dáse alguma noticia da doutrina, & boa criaçam que lhe dava.

1  Omesta obediencia partio de Roma o Padre Luis Gõçalves, & chegou a Lisboa no anno de mil quinhentos sincoenta & nove, & logo no seguinte, sendo já el-Rey Dom Sebastião de idade de seis annos. & meyo, começou o Padre Luis Gonçalves a fazer o officio de mestre del-Rey, com notavel applicaçam, & zelo do beni de tal discipulo, no qual, como era de belissimo natural; faziam grande impiessão os sanctos avilos, & prudentes documentos de tam bom mestre, que hia formando aquella tenra idade, na ver-

Como se applicou a ser mestre del-Rey.

Boas partes que tinha pera ser mestre del-Rey.

dadeyra, & catholica doutrina, ciuavao no zelo da justiça, instruhiao no amor da misericordia, affeyçoavao a toda a piedade, ensinavao a ser liberal, & grandioso, como Rey, & nam ser desperdiçador, & perdido, como prodigo: mostravalhe por exemplos da sagrada escriptura, & historias de Reys sanctos, quanto depende o estado, & felicidade dos Reys, & senhores da terra, da perfeyta sogeyçam, & vassallagem, que em tudo devem reconhecer ao soberano Rey da gloria, de cuja mão tem o praço dos bens, que neste mundo possuem, & de cuja liberalidade esperam o comprimento das promessas, que no outro delectam.

*Depêdência
q os Reys
tê de Deos.*

2 Nesta conformidade lhe ensinava que ninguem depende mais de Deos, que aquelle, de quem muytos dependem, pelo continuo socorro, & favor do cêo, de que muyto necessita, pera se conservar a sy, & reger aos outros. Nem pôde huma arvore tant grande, como he hum Rey (representada em sonhos a Nabuchodonozor, & explicada em vigia por Daniel^a) dilatar seus ramos, a tam distantes partes, emparar com sua sombra tantos povos, manter em justiça tanta gente, sem estar bem arreygada, & firme no cêo, no qual ha de ter as rai-

zes, & donde ha de tomar forças, pera se estender, florece r, & fortificar; que assim o alcançou Platam^b sò com o lume natural, dizendo que a arvore do homem tinha as raizes no cêo, de quem em tudo dependia; o que muy em particular se ha de verificar em hum Rey, pelas rezoens que apontamos.

3 E pera que com mayor facilidade podesse este real discipulo em sua tenra idade aprender as primeyras letras, usava da prudente industria, que Sam Ieronymo^c dava a Leta (Matrona de rara virtude, na creaçam de sua filha Paula) à qual, pera se affeyçoar às letras, lhe mādava fazer as do A.B.C. em huns como bilros de marfim; pera que desde criansinha, folgando com as letras, lhe viesse a saber os nomes: & estes brincos lhe servissem de erudiçam; de maneyra que juntamente jugasse pera se aliviar, & estudasse pera se aproveytar: & com este suave engano, quando o Rey cuydava que tinha brincado, sahia doutrinado. Com esta mesma engenhosa traça lhe ordenava, que os tresladados, & materias, por onde el Rey havia de aprender a ler & escrever, fossem de sentenças judiciosas, & de exemplos muy escolhidos, pera que no mesmo tempo exercitaf-

^b
Fla. in Tym.

*Tracas q
usou pera
ensinar cõ
mais faci-
lidade.*

^c
Hier. ad Leta-
tam Epif. 7.
Fiant eni-
tera, vel bu-
xæ, vel e-
burnæ, &
suis nomi-
nibus appel-
lentur, ludat
ineis, vt &
ludus ipse
erudicio sit.

^a
Dan. 4. 11. 8.

se a mão na escritura, & cultivasse a alma na boa doutrina. Tinha também grande cuydado em advertir quẽ eram os mininos fidalgos com quem tratava, porque he certo q̃ mais se pegam em semelhante idade os modos daquelles com quem nos criamos, que os costumes daquelles de quem nascemos.

4 Com tam bom mestre, & com tam solida doutrina hia elRey crescendo na idade, & cada vez mais hia proveytando na piedade: & muy em especial na devaçam ao Sãctissimo Sacramento da Eucharistia, & gostava tanto de o acompanhar, q̃ nam sò quando a caso na rua o encontrava, se apeava, & punha de joelhos, ainda q̃ fosse na lama, & o acompanhava a pé, & descuberto, posto que fosse longe, & a muytas partes, mas também mandava dante mão saber das freguesias, se havia o Senhor de hir fóra a algum enfermo. pera o hir cõ a corte acompanhar. Era tanto o gosto, que tinha nesta devota açam, & trazia nisto os sentidos tam occupados, que conhecia de muy longe a campainha, com que se dá sinal a sahir fóra o Sãctissimo Sacramento, & a sabia distinguir entre outras muytas, que o verdadeyro amor tem os ouvidos muy espertos, & tem os olhos muy limpos.

5 Entendiam bem os cortezaõs, quanto gosto lhe davam em semelhantes praticas, & assim quem melhor lhe queria grangear a vontade, lhe vinha dar por alvitre (que estes eram os que entam admitia aquelle bom Rey) que o Senhor havia de hir a tal enfermo, que se podia sua Alteza aparelhar, pera o sahir acompanhar: nem acode o fronteyro de Africa com mais diligencia ao repique do sino que deo a atalaya, do que era a pressa com que elRey sahia ao final da campainha do Senhor.

6 Tinha por devaçam rezar o officio divino, & por nenhuma occupaçam o deyxava. Estando em Almeirim, tendo mandado aparelhar pera hir à caça, lhe deram recado, que estavam os fidalgos esperando, & os cavállos preparados; sahio ellẽ com muyto alvoroço, & hindo já na falla de fóra, lhe lembrou, que tinha vesporas por rezar, disse o seu Camareyro, que depois que viesse as rezaria, pois o esperavam já havia muyto tempo; nam serã assim, respondeo, porque nam hey de sahir de casa sem as rezar, pelas nam deyxar pera a noyte. Assim o fez, tornoule a recolher, rezou as vesporas, & depois foy à caça; pelo que também pòde este exemplo servir de confusã, aos que tendo por officio

Rezava o officio divino.

Devaçam que elRey tinha ao Sãctissimo Sacramento.

rezar o officio, andam negocea-
do de dia, & goardam a reza
pera a candeya.

7 Desta mesma boa cria-
çam lhe nasceo a grande deva-
çam, & singular amor que tinha
à Virgem Maria Senhora nossa;
aos Sabbados ouvia duas mis-
sas, hũa em publico, outra no seu
oratorio, & a esta ordinariamēte
ajudava, nam sô sendo minino,
mas tambem depois de ter o
governo; hũa vez o fez estando
sangrado do mesmo dia, por
mais que lhe refistio o P. Ama-
dor Rabello (que era o compa-
nheyro do Padre Luis Gonçal-
ves, que o ensinava a escrever)
& era o sacerdote que ordina-
riamente lhe dizia a missa no
seu oratorio. Tinha tanto res-
peyto à soberana Senhora, que
lendo huma vez hũa portaria
que dizia: El Rey nosso senhor
faz esmola de tanto dinheyro,
pera a cõfraria de nossa Senho-
ra, em que sua Alteza he con-
frade; respondeo el Rey, rompa-
se esta portaria, & façam outra:
perguntando porque? deo repo-
sta, que aonde se fala na Virgẽ
Maria nossa Senhora, nam se ha
de dizer, el Rey nosso senhor.

8 Ao Summo Pontifice, &
à Igreja Romana tinha tam par-
ticular reverencia, que vindo a
este Reyno o Cardeal Alexan-
drino, sobrinho do Papa Pio V.
de sancta memoria, Legado de
sua Sanctidade, sobre negoceos

de grande importancia, lhe fez
hum recebimento real, & o a-
galhalhou em seus mesmos pa-
ços, dando ao Cardeal os apo-
sentos de sima, ficando el Rey
nos de bayxo, como quem em
tudo se fogeytava, & abatia à vi-
sta de quem lhe representava a
pessoa do Vigayro de Christo
na terra; & ouvindo ambos mis-
sa publicamēte na capella real,
lhe deo o lugar da parte do E-
vangelho, & mandou pòr a sua
cortina, & sitial da outra parte;
& foram tantas as honras, & fa-
vores, que fez ao dito Legado,
que causou grandes espantos, &
edificaçam em toda Europa.

9 Sobre tudo foy notavel
a inclinaçam, que sempre teve à
pureza, & honestidade, que ain-
da foy mais admiravel no meyo
das delicias da corte, & do res-
plendor do estado real, de sorte
que com rezam se pode contar
este por hum raro exemplo, en-
tre os que nos deyxaram o Em-
perador Henrique Segundo, D.
Affonso o Casto Rey de Castel-
la, & o Sancto Rey Eduardo em
Inglaterra: & nam menos se pò-
de tambem contar com os que
nos deram em Portugal os In-
fantes D. Henrique, & D. Fernã-
do, dignissimos filhos del Rey D.
Ioã o Primeyro, & cõ o Car-
deal de S. Eustachio, nêto outro-
sy meritissimo do mesmo Rey,
& filho do Infante D. Pedro Du-
que de Coimbra: & finalmente

*Do grande
amor que
teve à ca-
stidade.*

*Era muy
devoto da
Virgẽ Se-
nhora.*

*Devaçam,
& obediẽ-
cia ao Sũ-
mo Ponti-
fice.*

com o do Cardeal, & Rey Dõ Henrique seu tio, que todos estes Princepes se affinalâram tão to na pureza, que igualmente alegrâram o ceo, & espantâram o mundo.

10 Trazia tanto elRey D. Sebastião esta virtude dentro em sua alma, que o que mais pedia a Deos em suas óraçoens eram tres cousas, a primeyra q̃ o fizesse muy casto: a segunda que lhe dèsse zelo pera dilatar a fé: a terceyra, que lhe dèsse animo pera goardar justiça. Ainda hoje temos em nossa mão hum papel, escrito da mesma letra deste casto Rey, que escreveo em hũ missal, que nos deo, o qual papel está autenticado com o testimonho de seu mestre de escrever, o P. Amador Rabello, que depoem, que lho vio fazer, no qual papel diz assim: *Padres rogay a Deos que me faça muyto casto, & muyto zeloso de dilatar sua sancta fé, por todas as partes do munda.*

11 Bem he verdade que daqui tomâram algũs occasiam, pera dizerem, que o P. Luis Gõçalves teve a culpa d'elle nam casar, pelo affeyçoar tanto á pureza, porẽ a estes zeladores responderey em capitulo particular: o certo he, que o mundo todo se edificava dos bõs principios, & muy louvaveis progressos, q̃ este Rey moço na idade, hia fazendo na virtude, com os sanctos conselhos, & excellente

doutrina, de tam insigne mestre; assim o significou o sanctissimo Papa Pio V. em hũa carta, q̃ escreveo ao Cardeal Infante Dõ Hêrique no an. de 1566. q̃ foy o primeyro de seu Põtificado, no qual diz desta maneyra: *In primis iucunda nobis fuit commemoratio pietatis, ac virtutis ipsius Regis, & ingenii spei, ac expectationis, quam de se omnibus illâ idem ætate affert, id quod nos, cum vi naturæ, generisq̃ tribuimus, tũ verò paternæ curæ, ac institutioni eus, nec solum monitis sapientissimis, sed etiam exemplis, quæ ipse sibi propõsita ad imitandum habuit, &c.* Isto dizia hum Pontifice sancto, movido pelo muyto que lhe contavam da boa indole, & louvavel criaçam delRey D. Sebastião, & pelas boas informaçoens, que sobre isto lhe mandava o seu Nuncio Apostolico, que eram certas, & sem sospeyta.

12 Muyto poderamos aqui escrever das singulares mostradas da christandade, & esclarecidas virtudes, que resplandeciam naquelle Rey mancebo; mas nam quero hir por diante nesta materia, porque o dito basta pera se nos acrescentarem as saudades da bondade do discipulo, & pera formarmos o divido conceyto da virtude do mestre, o qual continuou com este officio de mestre, & depois confessor do mesmo Rey, da idade de seis annos & meyo, atẽ ser de vinte annos, no qual

O que disse o Papa da boa criaçam que dava a elRey.

Palavras q̃ deyxou escritas.

tempo se deliberou de passar a Africa a primeyra vez, pera ver a disposiçam daquelles lugares, em consequencia dos effeytos, que em seus pensamentos fabricava, da qual jornada, como veremos, se começou a originar a morte do Padre Luis Gonçalves. Porém quero primeyro responder aos cargos que alguns lhe deram.

CAPITVLO XXXXVIII.

Das murmuraçoens que havia contra o Padre Luis Gonçalves, mostrase o pouco fundamento que tinham, & apontase a causa das queyxas, que entam havia no Reyno.

Murmuraçoens que havia do P. Luis Gonçalves.

Sendo tam grande a entrada do Padre Luis Gonçalvescõ elRey, nam he muyto que fossen tambem muy grandes as envejas, & as murmuraçoens contra elle na corte, na qual costume he muy antigo, que os mais privados sejam os mais murmurados: antes de ordinario a elles costumam os cortesãos attribuir todos os defacertos dos Reys: & por isso querem alguns estadistas, que as pessoas reaes tenham sempre jũto de sy algum muyto valido,

pera que a este, & nam ao Rey se attribuam os erros do governo.

2 E como sempre nos paços reaes, & nas cortes dos Reys, haja muytos descontentes, & na de Portugal entam nam faltassem, toda a culpa dos ruins successos, & maos despachos, se attribuia ao Padre Luis Gonçalves, & tambẽ a seu irmãm Martim Gonçalves da Camara, de quẽ já faley, a que era Escrivam da puridade delRey Dom Sebastião: & sobre esta materia se fizeram varios memoriaes, & entre elles hum sem nome, que se meteo na mãõ do mesmo P. Luis Gonçalves, no anno de mil quinhentos setenta & hum, no qual fingiam varias queyxas, sem nenhun fundamento, contra elle, & contra seu irmãm; queyxandose tambem da Companhia, attribuindonos a todos a culpa, que fingiam no Padre, como se a todos nos pertencesse aconselhar a elRey, & fazelo à vontade, & ao geyto de cada hũ dos descontentes, sendo couza certa, que todas estas queyxas, & odios nasciam de enveja, por ver o grande calo, que as pessoas reaes entam faziam da Companhia, dandonos, & amãdonos tanto, & entregandonos suas mesmas consciencias, porque elRey se confessava com o Padre Luis Gonçalves, a Rainha Dona Catherina sua avõ com o

2
2. p. l. 4. c. 28
num. 4.

*Memorial
contra o P.
Luis Gonçalves.*

*Envejas
causavam
estas mur-
muraçoens.*

Padre

Padre Miguel de Torres, & o Infante Cardeal tio del Rey cõ o Padre Leãm Henriques; & nam he cousa nõva que os envejados nam possam ver bẽ aos outros; & dos Portugueses he já praga muyto antiga, pezarlhe dos bẽs alheyos, nam tanto porque carecem delles, quanto pelos ver nos outros; de sorte que querem antes padecer fõmes, que ver os outros fartos.

3 E ainda q̃ nam he agora meu intento mostrar nõssa innocencia, posso dizer com toda a verdade, que Martim Gonçalves da Camarã, contra quem se adestavam muyta parte destas queyxas, foy homem de admiravel inteireza, de muyta prudencia, & de nenhũa ambiçam, como bem se vio, porque de pois de tantos annos de valimento, sahio da privança com sós seicentos mil reis de renda, com os quaes tinha entrado; & foy homem de rara virtude, como testificam nam só os antigos, q̃ o trataram, mas tambem os que o conhecemos, & vimos na casa de Sam Roque, aonde se recolheo, vivendo como religioso, & morrendo como homem sancto.

4 Mas decendo a tratar em particular, & mais por menor dos cargos, q̃ se davam cõtra o Padre Luis Gõçalves, dous eram os principaes, primeyro, q̃ elle persuadia a el Rey que nam

casasse, em rezãm de o fazer muyto casto: segundo que elle tivera a culpa na jornada de Africa. Quanto ao primeyro, nam sò dentro do Reyno lhe punham esta culpa alguns, que se prelavam de zeladores, senam, que tambem algũs authores estrangeyros a eltamparam em seus livros, como foy Comes Natalis,^b Antonio de Fuen Mayor^c na vida do Papa Pio Quinto, aonde diz, que el Rey persuadido de huns Iesuitas avorrecia as vodas. Enam advertio este Castelhana, que ally mesmo diz estas palavras: *Propuso Pio al Rey casamiento con Margarita, hija de Henrique Rey de Francia, que acetó Don Sebastian, dando licencia al Cardenal Legado, que la pidiesse en su nõbre.* Logo nam deyxou el Rey este casamento por avorrecer as vodas, ou por culpa dos Iesuitas, q̃ o aconselhavam, & ensinavam, pois confessa este author, que se admitio tratar se neste casamento. Outro mayor desvio tiveram estas vodas, que se põde ver no manifesto do Doutor Ioãm Pinto^d Ribeyro, aonde o descobre com sua costumada erudiçam, & engenho.

5 Bem he verdade, conforme o testemunho, que temos do mesmo Padre Luis Gonçalves, & do Padre Amador Rabello da nõssa Companhia (que entam era mestre de escrever del Rey & foy homem muy sincero, &

^b Com. Nat. l. 29. al me-
dium.

^c D. Anto. de Fuen May. in vita Pij Quint. l. 3.

^d D. Ioan. Pi-
etus Rib. in
suo manife-
sto, S. Ani-
mause D.
Philippe.

Honestida-
de del Rey
Dõ Sebas-
tiãu.

Martim
Gonçalves
homem de
grãde vir-
tude.

Cargos cõ-
tra o Pa-
dre Luis
Gõçalves.

de grande verdade, o qual testimunha isto em hum escrito de sua mã, que eu tenho em meu poder) que o mesmo Rey era naturalmente muy honesto, & affeyçoado à pureza, & disto punham a culpa ao Padre Luis Gõçalves, como se elle lhe houvesse de ensinar o contrario. Sêdo assim q̃ lhe podia dizer que fosse casto, & lhe podia aconselhar que casasse, como he certo que fez, & o testifica o dito Padre Amador Rabello, o qual depois de tratar muyto sobre esta materia, & dar della grandes provas, vem a concluir com estas formaes palavras.

6 Destas mostras de honestidade, que viam em el Rey, nascia dizerem, que a culpa delle nam casar tinha seu mestre, sendo verdade, q̃ nenhũa outra pessoa desejava mais de o ver casado, nẽ trabalhava mais por isso, & o lembrava frequentemente à Rainha sua avõ, & ao Cardeal seu tio, & com o mesmo Rey nam se descuidava, & andava nisto tam solícito, que nam se coalhando este casamento del Rey com a prumeyra Princeza, em que se fallou (Dona Isabel Clara Eugenia, filha de Philippe Prudente) fez que se tratasse logo doutro noutra parte com Margarita filha de Henrique Segundo, Rey de França, & nam vindo tambem a effeyto procurou, que se falasse a outra, que era a filha do Duque de Baviera: & vendo finalmente, que nem com esta terceyra se concluia, lembrou pera este effeyto outra senhora, a qual ainda que era infe-

rior no sangue, & doce, & se embicava nisso, o houve o P. Luis Gonçalves por menos inconveniente, que deyxar el Rey de casar logo, tendo já idade, pois nam se offerecia por entam outro casamento. E foy cousa muy notoria o muyto, que nisto fez o Padre Luis Gonçalves; & ha ainda homens vivos, que serãm disso lembrados, hum delles he Thomè Lopez de Andrade, pessoa bem conhecida, & morador nesta cidade de Lisboa, o qual vindo doutro Reyno, & tendo visto hũa das Princezas, com que naquelle tempo se tratava deste casamento, lhe pedio encarecidamente o Padre Luis Gonçalves, que fallasse nella a el Rey, & lha gabasse muyto, porque o mesmo Thomè Lopez dizia muytos gabos desta Princeza, & poderá disso informar, sendo necessario, &c.

7 Até aqui o Padrê Amador Rabello; & se o Padre Luis Gonçalves em quanto viveo teve culpa del Rey nam casar, pergunto a estes zeladores, porque o nam fizeram casar depois da morte do Padre, que succedeo tres pera quatro annos antes da perda del Rey em Africa? Porẽ a verdade he, q̃ os fados foram mais poderosos, que a prudẽcia, & que por outros ocultos juizos se empedia, o q̃ os homẽs nam podiam avançar.

8 Quanto às outras queyxas, que no Reyno havia, nam era causa dellas o Padre Luis Gonçalves, nem seu irmãm Martim Gonçalves da Camara, porque nem elles eram dos validos

Testimunho do P. Amador Rabello.

que sò tratam de seus despachos. Nê o Rey errou em quãto se governou por seus conselhos: porê m o povo sempre cuida dos privados que podê mais, do que na realidade pôdem, & â volta disto a elles lançam a culpa de tudo o que lhe descon- tenta.

9 Nam lhe veyo o mal a elRey Dom Sebastiam, nem da doutrina do Padre Luis Gonçalves, que era religioso muy exemplar, nem dos conselhos de Martim Gonçalves, que foy homem muy prudente: a verdade he, que o Rey hia crescendo na idade, & tambem hia sahindo na liberdade, que esta por sy nasce, sem esperar que a enfinê, & arrebeta com mayor força nos que sam mayores senhores, que tem mais â mã o mais apressado comprimento dos menos acertados appetites: & como era muyto voluntario gostava mais de alguns fidalgos mancebos, que lhe falavam â vontade, que dos velhos, & moucarroês (como elle lhes chamava) que lhe queriam dar conselhos; estes mancebos o traziam enlevado em festas, & destrahido em caças; & o chegãram a persuadir, que se passasse a viver em Almeyrim, pera tera caça mais visinha, & que pera lá levasse os tribunaes, como fez com grandissimo descõmodo do Reyno todo; que nam foy esta a pri-

Causa dos erros del-Rey D. Sebastiam.

meyra vez que chegou hũ Rey a desconfolar o Reyno todo, por afâgar hum sò appetite; daqui nasciam grandes queyxas dos pòvos, & dos fidalgos velhos, dizendo, que tinham hum Rey montefinho, & que fugia da gente: & nos consta por carta do mesmo Padre Luis Gonçalves, que elle foy oq finalmente persuadio a elRey, q fizesse tornar os tribunaes pera Lisboa, como se fez, com grandissimo aplauso do Reyno todo.

10 Socedeolhe a elRey Dom Sebastiam, o que antigamente a elRey Ioãs, e que em quanto seguio os conselhos do sacerdote Ioiada, sempre acertou em suas acçoês, que se o Rey continuasse admitindo as lembranças do Cardeal seu tio, & ouvindo a doutrina do Padre seu mestre, nam haveria no Reyno tâtos defacertos: porê m, porque se entregou todo a mancebos sem experiencia, que lhe falavam lisonjas, conforme o appetite do Rey, & nam segundo o proveyto do Reyno; daqui nascêram os precipicios, em que o Rey veyo a cahir, & com que o Reyno se véyo a perder: assim o julgãram sempre todos os desapayxonados, & de sã consciencia: & assim o entendeo naquelle tempo o mesmo Martim Gonçalves da Camara, & o deo em hum memorial a elRey, feyto em Almeyrim, a dez de Novê-

^e
2. Paral. 24.
17. & 4. Reg.
c. 12. n. 12.

Perdeose elRey por seguir ruins conselhos.

bro do anno de mil quinhentos setenta & hum, que temos ainda em nosso poder, no qual com admiravel liberdade, digna de hum peyto Portugues, & de verdadeyro catholico, lhe mostra, que a causa dos defacertos presentes, & das perdas, que ao diante previa, & com muyto fundamento temia, em todo o Reyno, lhe nasciam dos amigos com quem tratava, sem fazer caso dos homens velhos, & prudentes, que nam faltavam no Reyno, no qual memorial, entre outras, lhe diz estas palavras:

Memorial
de Martim
Gonçalves
a el Rey.

II Como pôde V. Alteza ter a Deos por ajudador, como pôde ter honra, & authoridade, conversando continuamente com homens, que huns delles sam tidos por molles no corpo, & nas opinioens, outros por pouco amigos da honra de Deos, & do bem commum, & o que peor he, & mais pera sentir, que a estes mostra V. Alteza mais amor, & destes terá, por nossos peccados, melhor conceyto. Dos Emperadores perdidos, que foram monstros do mundo, nam dizem os escritores mayor praga, que nam ter bons amigos: & nam sey qual he peor, se nam conhecer V. Alteza os que tem, se conhecendoos favorecelos. Se isto senhor assim for, & os efeminados, & pouco amigos do bem commum tiverem bom lugar ante V. Alteza, como tem, corrermehey muyto de eu tambem o ter, & de estar neste em que estou, que ainda que muyto honrado, & muyto defacostumado, & com continuas honras de V. Alteza; ainda

isto me obriga mais a ter mais conta, cõ o que toca à honra de Deos, de V. Alteza, & bem de seus Reynos, & morrer por cada huma destas cousas: & por isso se assim houver de ser, nam faça V. Alteza contra de mim, & de meu servico, senam na aldeia, aonde suspirarey sempre pela redempçam de Israel, & pedirey a Deos que dê esforço a V. Alteza, & constancia, pera goardar as leys de Deos, & as do Reyno, & pera se livrar de efeminados, & pouco amigos do bem commum, & pera fazer as cousas com liberdade de Rey, & com authoridade, sem dissimulaçoens, & pera ter o devido sentimento das cousas, que se fazem contra a honra de Deos, contra a de V. Alteza, & de sua coroa, &c.


12 Quem falava com esta liberdade bẽ mostrava ao Rey sua verdade, & izençam; & bem lhe manifestava a raiz, donde nasciam os desgostos, que entam havia em Portugal, q̃ nam procediam do mestre, & cõfessor del Rey, senam dos amigos, que o prevertiam. E assim pouco montaram estas nam menos livres, que faudaveis lembranças; posto que por entam mudou o Rey os pensamentos da caça em cuydados de guerra, que as vontades dos Reys, como diz Salustio, f̃ assim como sam vehementes, sam tambem variaveis.

(:i)

f
Sallust. in
Iugurth. Ple
rumq; regia
voluntates,
vt vehemē-
tes, sic etiā
mobiles.

CAPITULO XXXVIII.

*Mostrase com evidencia o pou-
co fundamento que houve, pera
se dizer que o Padre Luis Gõ-
çalves tivera culpa da jornada
que el Rey Dom Sebastião fez
a Africa; como se retirou da
corte, & adoeceo de
sentimento.*

I  Vanto ao segũdo cargo, que impunham ao Padre Luis Gõçalves, de elle ter a culpa da jornada de Africa, & perda del Rey; he tam falso, como o primeyro; delle tambem diremos o que passa na verdade; & bastava pera defesa do Padre sabermos de certo, que elle morreo tres annos & meyo antes da jornada del Rey, como veremos no capitulo seguinte: porẽm pera que vejamos o principio daquelle desacerto, digo que primeyramẽte mais o devemos attribuir ao discipulo, que ao mestre: era o generoso Rey de seu natural muy inclinado às armas, activo nos pensamentos, pouco sogeyto a conselhos alheys, & de espiritos muy briosos. Ouve às mãos hum livrinho (nam se sabe porque via) no qual se conti-

na a vida do Emperador Carlos Quinto seu avo; nelle se viam as grandes aventuras deste Principe, principalmente contra os Turcos.

2 Tambem lia por outro livro, que lhe dedicaram da vida do famoso Iorje Castrioto, Principe de Albania, outro Alexandre, vencedor nam de Persas fracos, mas de Turcos valerosos, a quem elles mesmos chamavam Escanderbego, q̃ quer dizer Alexandre senhor: & como he muy natural a todos, especialmente aos moços sem experiencia, affeyçoarem se ao que lem em alguma historia, de tal maneyra se inclinava a estas guerras, contra Turcos, & cõtra Mouros, que em nenhuma outra cousa tratava, senam em os render, & em os conquistar; discursando nas cousas, nam como costumam ser, mas como elle queria, que fossem; nam segundo succedem na execuçam, mas conforme a traçava na fantezia.

3 Procurava o Padre Luis Gonçalves com exercicios sanctos, & com obras de piedade, q̃ lhe ensinava, abrandar, como David fazia com sua cithara a Saul, a viveza; & efficacia dos espiritos guerreiros, que já desde sua tenra idade, inquietavam aquelle seu presado discipulo.

4 Visivelmẽte crescia nelle cõ a idade; o amor às armas,

*Livros por
onde leo el
Rey D. Se-
bastião.*

*Como o P.
Luis Gon-
çalves pro-
curava a
manjar a
natureza
del Rey.*

& a inclinação á guerra, & era necessario domar por arte os bravos orgulhos daquelle Marte juvenil. Naturalmente avorrecia delicias, & regeytava mimos, assim no prato da mesa, como no trato da pessoa; sua mayor recreação era correr em huma tea, quebrar lanças, montar feras, esperar hum touro a cavallo, tornejar, jugar canas, em que tinha muyto ar, & muyta destresa; & muyto mais no lançar de hum ginete, fazendo com grande destreza passar á carreya, & escaramuçar, voltar, parar, & apertando com elle cõ tanta força, ainda sendo de pouca idade, que o fazia gemer. E tinha tantas forças, sendo ainda minino, que cortava com huma espada pequena, de hum golpe, duas tochas de quatro pavios.

Como o Rey era inclinado a coufas de guerra.

5 E posto que gostava da caça de altenaria, na de montaria era tam porfiado, tam fragueyro, & intrepido, que por meyo de grandes matos, sã com seu arremeçam, acometia aqualquer javali, & quando mais affanhado vinha, o esperava, & atravessava; o que muytos com rezam lhe atribuiam a temeridade, a qual nõs de boa vontade lhe perdoariamos, se sã nisto parasse. Nunca reparou em vadear rios, & tentar passos perigosos, mostrando que totalmente carecia de medo; & assim o que em outros neste particular po-

dia ser cautela, & prudencia, chamava elle medo, & covardia. Em resolução, o incauto Rey deyxãdose levar deste seu natural, nam tratava mais que de armas, principalmente cõtra Mouros. Alentavamlhe estes seus brios, & fomentavamlhe seus discursos alguns daquelles mancebos seus validos, sem experiencia, que lisongeando lhe chamavam já Rey de Marrocos, & Emperador de Africa.

6 Grande sentimento tinha o Padre Luis Gonçalves, de ver estes pensamentos no seu querido discipulo, & prevendo como velho, como prudente, & experimentado (que nam he pequena prudencia atalayar-se a danos futuros) aonde podiam hir dar semelhantes pensamentos, o tomou hum dia diante do Padre Amador Rabello (que isto testifica no seu papel que tenho em meu poder) & lhe disse estas formaes palavras, estando em Lisboa nos paços da ribeyra: *Senhor, por quanto parece que V. Alteza falla de sizo nesta materia, lhe fallarey tambem de sizo nella: nam pode el Rey de Portugal passar a Africa se tres cousas, a primeyra que ha de deyxar no Reyno segura, & desembarçada a successam, com quatro, ou cinco filhos machos: a segunda que a necessidade o force de tal maneyra, que nam fazendo a dita jornada arrisque seu Reyno: a terceyra, que ha de ter junto muyto dinheyro, muyta gente, muytas*

Defengano que o P. Luis Gonçalves deo a el Rey.

armas,

armas, munições, & peçochos de guerra; & por cima de tudo isto ha de proceder na empreza com grande conselho, & resguardo de sua pessoa. Com esta desenganada amestação se vio no Rey por algũs dias grande desconsolação (que gente voluntaria nam gosta de ouvir verdades) mas nam ha duvida, que por entam o bom mestre deytou agoa na fervura d'aquella juvenil generosidade, aquietandose por alguns dias em tam mal considerados pensamentos.

7 Porẽm como os juizos de Deos sãt mais poderosos, que a prudencia dos homens, pouco montãram conselhos acutelados, aonde pervaleciam fados occultos. Tornou outra vez o Rey a seus antigos discursos, & em nenhuma cousa mais tratava, que em fazer jornadas contra infieis: aticavam este fogo os mancebos com quem tratava, fallandolhe conforme ao appetite, & nam segundo a rezã. De tal maneyra se ateou no incauto Rey este desejo, que logo, em tomando posse de seus Reynos, tratou muy de proposito, de passar em pessoa às partes do Oriente, embarcandose nas suas naos, que navegavam pera a India (como se quizesse em Asia anticipar sua ruina, que em Africa lhe estava destinada.) Nam ha juizo tam esperto, que antes da

experiencia comprehenda a natureza das cousas; muytos nem ainda depois do estudo sahiram sabios; o favor da fortuna pòde fazer a hum homem que seja Rey, mas nam que seja sciẽte: era este Princepe valente, mas nam tinha experiencia, & parecialhe que nam faltaria a ventura aonde sobejava o esforço, & que eram covardes todos, os que lhe diziam, que nam emprendesse logo semelhantes jornadas: isto mesmo lhe praticavam aquelles mancebos seu favorecidos: sendo erro irremediavel, quererle julgar das acçoens da guerra no tribunal dos cortesaõs.

8 Vendo pois o Padre Luis Gonçalves que já nam bastava sua authoridade pera dissuadir ao Rey semelhantes desatinos, deo conta ao Cardeal Infante Dom Henrique seu tio, & ambos nos paços de Almeyrim, lhe representãram os grandes inconvenientes de semelhantes empresas: & nam bastando rezõens, porque o Rey com outras que dava lhes resistia, cuydando (como he proprio dos apayxonados) que as desfazia; foy necessario ao Cardeal, levado do zelo, jurarlhe muy de proposito, pelos sanctos quatro Evãgelhos, que enganavam a S. Alteza os que lhe fallavam em jornadas, tãto cõtra seu serviço, & contra o bẽ cõmũ de todo o

Trata o Cardeal de dissuadir a el Rey D. Sebastião

Como o Rey se trata-va de jornada contra infieis

Reyno. Tudo isto nos consta por testemunho de Padres antigos de nossa religiã, & pelo papel do Padre Amador Rabello, com que por vezes tenho allegado. Donde se vê quam falsa, & temerariamente fallou o autor Genovez^a na sua historia da uniã n de Portugal, & Castella, dizendo, que o Cardeal nam dissuadira ao Rey a jornada de Africa.

9 Andando porém o tempo, entendendo o Padre Luis Gonçalves que elRey se diliberava na primeyra jornada de Africa (porque engenhos briosos nunca se aquietam) usou de novo muy vivamente de todas as traças possiveis, pera ver se podia amançar aquella vontade indomavel: mas vendo que nada montavam seus conselhos, & que elRey lhe recebia seus avisos muy carregado, & que já nam gostava delle, & que finalmente se deliberava em hir a Africa (dando mais por sua propria inclinaçam, & pelos ditos de alguns lisongeyros, que pelos saudaveis avisos de seu mestre) vendo isto o Padre, se resolveo em se sahir da corte, & assim o fez, pedindo licença a elRey pera se hir retirar ao Collegio de Coimbra, pera onde se partito, tomando elRey por confessor ao Padre Mauricio da nossa Companhia, como temos já dito na primeyra parte;^b & estan-

do auzente da corte, socedeo a primeyra jornada delRey Dom Sebastião a Africa, o qual sahio de Lisboa aos dezafete de Agosto de mil quinhentos setenta & quatro, sendo de idade de vinte annos; & foy desembarcar na cidade de Ceyta, aõde esteve alguns dias, & dahi passou a Tangere. Com a qual jornada se intristeceo tanto o Padre Luis Gonçalves, que veyo âdoecer gravissimamente, & ficou com hũas quartans dobres, occasionadas da grãde tristeza, & mortal malencolia, do que, como prudente já previa. Obrigaramno os medicos a se passar a Lisboa, pera ver se com a mudança dos âres, se lhe mudavam as quartans. Porém o mal se lhe hia cada vez mais agravando (que enfermidades ganhadas com tristezas prolongadas, tem muy difficultos remedios.)

10 Estava o Padre Luis Gonçalves muy enfermo, & fraco, mas o amor a seu querido Rey, & amado discipulo estava na mesma força, & vigor; vendo a detença que elle fazia em Africa, sem nenhum effeyto, & çom discredito de sua real authoridade, movido de pessoas graves, lhe escreveo huma carta, estando já desconfiado dos medicos, affirmandolhe pela hora em que estava, & pela conta que sedo havia de dar a

*Como o P.
se retirou
da corte,
& adoeceu.*

^a
Hieron. Co-
nestag. lib. 3.
de cõjunctio-
ne Portug.
& Castel.

*Resolve-se
elRey em
hir a Afri-
ca.*

^b
Lib. 2. c. 19.
num. 4.

Deos

Deos, que nenhuma couza o tinha posto naquella cama, às portas da morte, senam aquella sua jornada de Africa; que lhe pedia encarecidamente se quizesse tornar, & com sua vista consolar ao Reyno, que com tal ausencia andava como fôra de sy mesmo. Esta carta foy pera o Rey de tanto effeyto, que logo tratou de fazer volta a Portugal; & chegando a Lisboa, em o ultimo dia de Novembro, do mesmo anno de mil quinhentos setenta & quatro; logo foy ao Collegio de Sancto Antam, aonde ainda estava muy doente o Padre Luis Gonçalves, & o visitou, enterrecendose muyto, & mostrando grande magoa de o ver naquelle estado; & dandolhe as graças pela carta que lhe escrevêra, lhe disse estas palavras, pera que saybaes quanta força teve a vossa carta, que me escrevestes sobre minha vinda, a goardey, & trago comigo, & em prova disto, vola torno a entregar; & com isto lha tornou a meter na mão. Esta carta teve muytos annos em sua mão o Padre Ioam Correa, Provincial desta Provincia, & o testificam o Padre Amador Rabello, & outras muytas testemunha de vista, & eu vi o treslado della, na mesma forma que digo.

II Porèm entendendo o

Padre Luis Gonçalves dahi a pouco que o animoso Rey Dom Sebastião tratava de voltar a Africa, se lhe agravou o mal, & veyo a morrer, como veremos no capitulo seguinte: que desta sorte hia a fortuna pertinaz a cezoando a total ruina daquelle prezado Principe, & a fatal destruição deste nobre Reyno, que nem entam o Padre Luis Gonçalves com seus conselhos soube impedir, nem nós agora com nossas queyxas poderemos remediar, que os erros passados, como diz Sallustio ^c, sabemse reprehender, mas nam se podem emmendar.

^c Sallust. in Cat. Præterita reprehendi possunt, corrigi non possunt.

CAPITULO L.

Da sancta morte do Padre Luis Gonçalves da Camara, & do sentimento que della mostrou el Rey Dom Sebastião.

I **D**E tal maneyra se apoderou a enfermidade do Padre Luis Gonçalves, & tam pertinaz foy a tristeza que lhe acometeo o coração, que por espaço de seis meses teve bem em que se exercitar, & que se ver sua grande pacien-

Palavras que el Rey disse ao P. Luis Gonçalves,

cin, porque os achaques que lhe sobrevieram foram muytos, & as doenças tam repetidas, & encontradas, que lhe causavam continuas dores, & o que era remedio pera huma, lhe vinha a ser veneno pera a outra; nam o deyxando aquietar de dia, nem podendo repouzar de noyte. Por tudo o bom Padre dava graças a Deos nosso Senhor, mostrando que recebia esta doença, como particular mercé de sua mām, por haver muytos annos que trazia hum requerimento com sua divina magestade, que antes de morrer lhe desse huma doença prolongada, pera ter tempo de aparelho, por temer que como era tocado de parlesia, o poderia levar a morte apressadamente. Vendo pois o fiel servo do Senhor, que o visitava com tam comprida, & rigorosa enfermidade, se confessou logo geralmente, & recebeu logo o Santissimo Sacramento com muy cordeal devaçam, como quem tanto desejava sahir dos perigos desta vida, & entrar nas felicidades da eterna.

2 Quando obrigado dos medicos se houve de partir de Coimbra pera Lisboa, lhe mādou o Bispo Conde Dom Manoel de Meneses (filho de Dom Antām de Almada, & de Dona Maria de Meneses) dar hūas andas, pera vir com mais com-

modidade, porēm elle (como quem estimava mais o bom exemplo, que a boa saude) nunca as quiz aceytar, mas os grandes accidentes que no caminho lhe sobrevieram, mostraram bem a quam bom tempo vinham as andas que o Bispo lhe dava, pera chegar vivo a Lisboa, cō tudo elle ainda que previa isto, se veyo em huma cavalgadura ordinaria, como quem antes queria perigar na vida, que arriscar a edificaçam. Tinha elle havia muyto tempo pedido a seu amigo, & companheyro o Padre Amador Rabello, que em satisfaçam de sua antiga amizade, o avizasse, tanto que os medicos começassem a desconfiar de sua vida, o que o Padre fez com grande sentimento seu, mas com notavel alegria do enfermo, o qual levantando as mãos ao céu deo amorosas graças ao Senhor, por querer desatar sua alma das prisões do corpo, pera entrar na ditosa liberdade de seus amados, & verdadeyros filhos.

3 Logo pondo o pensamento nos benditos Padres, & Irmãos da nossa Companhia, que já no céu descansados gozavam da vista do Senhor, começou a fazer humas ladainhas de todos elles, dizendo assim. Bemaventurado Padre Ignacio, que tanto me amastes, lembrayros deste

Como o avizaram
pera morrer.

Como se
passou a
Lisboa.

vosso indigno filho: Bemaventurado Padre Francisco de Xavier, pregador Evangelico do Oriente, & Apostolo dos Reynos do Iapam, lembrayvos deste vosso pobre Iymam: & assim foy descorrendo por todos os outros primeyros Padres, que já eram mortos, nomeandoos por seus proprios nomes. Os desejos de acabar esta vida presente, & começar a eterna se acrescentavam tam vivamente, que tinha pedido aos que o visitavam, que se por ventura os medicos dissessem, que lhe sentiam alguma melhoria, que lhe nam dessem tal nova, porque pera elle a melhor era a que lhe dava mais apressadas esperanças da vida eterna, em que tanto desejava entrar.

4 Dalli por diante continuou em devotissimos colloquios, & continuas jaculatorias que fazia ao Senhor, & aos seus Sanctos, em especial à Virgem Sanctissima, de quem sempre tinha sido muy devoto. Chegouse a elle o Padre seu companheyro Amador Rabello, & lhe perguntou se tinha alguma cousa, que o molestasse, ou se lhe queria encommendar alguma cousa, pera mayor satisfacção sua, ou descargo de alguma obrigaçam de negocio, que por ventura tivesse. Respondeo com grande serenidade, que nam sentia naquella

hora cousa semelhante, que o molestasse. Que certo foy resposta admiravel (como bem ponderou o Padre Amador Rabello, no tratado que fez das cousas del Rey Dom Sebastiam) & de rara edificaçam, & notavel testemunho de quam perfeyto, de quam recto, & bem intencionado era seu espirito, pois tratando tanto tempo com Reys, com Princepes, dos quaes era tam valido, & com as pessoas principaes do governo, em negoceos de muyto peso, nam achava cousa que o molestasse naquella hora; & na verdade quem sò poem os olhos no mayor serviço de Deos, tan fóra de encargos vive no paço, entre negoceos de pertendentes, como na Thabayda entre collocaçoens de ermitaës.

5 E o que ainda mais espanta, & melhor mostra a inteireza de seu procedimento, he o que affirmou nesta occasiam, que nunca em negoceos tocantes ao seu officio de mestre, & confessor del Rey, o movèra respeyto particular, senam o serviço de Deos, & gloria divina, & que nam era lembrado que nesta materia lhe remordesse a consciencia em cousa alguma. Resposta que sò poderia dar hum tal servo do Senhor, que tam particular amizade teve com aquelle grande Sancto fundador nosso

Como sempre procedo desinteressado.

*Desejos q
tinha de
morrer.*

*Notavel
resposta do
P. Luis Gõ-
çalves.*

Ignacio, que nam podia deyxar de beber documentos divinos, em fonte tam pura. Que se os religiosos que tratam co Princespes, & sam cõfessores de Reys pozessem diante dos õlhos semelhante exemplo, morreriam mais consolados, & viveriam cõ mais edificaçam. E verdadeiramente, que me nam espanta tãto ver sahir a Daniel² intacto, & illeso do lago dos leoens esfaymados, quanto me admiro de ver sahir ao Padre Luis Gonçalves tam incorrupto, & inteyro do trato dos cortelaõs requerentes; porque ainda q os leõs de Daniel estavam cegos com fome, tiveram respeyto a hum sancto, pera lhe nam tocarem, nem com os dentes, nem com as unhas. Porẽm, nas cortes dos grandes Princepes, nam ha feras mais famintas, nem leoens mais affanhados do que sam os pretendentes, porque estes nẽ perdoam aos sanctos, nem respeytam ao mesmo Deos: tudo levam, & tudo engolem, por alcãçar seus despachos, por sahir cõ suas pretençoens; & o Padre Luis Gonçalves sahio tam sam, & tam inteyro deste profundo lago de leoens deshumanos, que nem pera ty, nem pera outros, negoceou nunca alguma coula, que nam fosse muy conforme à justiça, & que nam estivesse muy ajustada com a rezam; que ló que n foy na vida tam intey-

ro podia agora esperar morte tam sancta.

6 Recebeo a ultima vez o Sanctissimo Sacramento com mostras de profunda humildade, & suavissima devaçam; & quando lhe deram a extrema unçam, elle mesmo ajudou a rezar os Psalmos penitenciaes, & respondeo a todas as mais oraçoens; & vendo que tinha já cõprido com todas as obrigaçoens de christam, quiz tambem satisfazer às de religioso, & levantãdo a voz o melhor que pode, disse por ultima despedida estas palavras. *Sempre Padres meus, & irmãos em Christo muyto amados, vive entranhavel amor a nossa Companhia, & a todos os filhos della, os quaes tenho, & levo escritos em meu coraçam, Rogovos, charissimos, que sempre em todas as cousas sejao leaes à Companhia, & a ameis como mãy; & se quereis ser consolados na morte, sedo na vida amigos da mortificaçam, & em especial da castidade. Pondevos sempre da parte de Christo, & defendey sua causa; confessayo em toda a occasiam, & sahi por sua honra na vida, pera que na ultima hora IESU Christo vos confesse por seus, diante de seu Padre eterno. E porque nam posso dizer mais concluso rematando tudo, quanto vos quizeram lembrar, com vos pedir procureis em tudo vestirvos do verdadeyro espirito de nosso bemaventurado Padre Ignacio: & agora pedi ao Senhor me conceda inteyro juizo, até a hora derradeyra, pera sentir, & chorar meus pecca-*

Palavras que disse em sua ultima despedida.

2
Dan. 6. n. 17.
Qui libera-
vit Danielẽ
de lacu leo-
num.

dos,

dos, & me entregar com amoposo affecto em suas mãos.

7 Estavam presentes a esta saudosa manda, & ultima despedida todos os Padres, & irmãos do Collegio; & entre elles tambem se achou o P. Mestre Simão Rodrigues, seu antigo mestre, & Provincial, do qual se despedio com particular affecto, & nam podendo já o Padre Mestre Simão reter as lagrimas, as deramam muy copiosas todos os presentes, causadas nam menos com muy cordeaes saudades do que perdiam, que com muy espiritual consolacão do que viam. E porque era entrada a noyte, pedio a todos que se fossem repouzar, como quem mais sentia o trabalho alheyo, q a morte propria. & posto que já nam tinha pulso no braço direito, & no esquerdo, tinha intercadencias, lhes assegurou, q bem se podiam recolher, porq nam espiraria senam das quatro pera as cinco horas da manhã, na qual hora assistindolhe o P. Mestre Simão, cõ outros muytos Padres, & irmãos, chamando pelo Senhor, com o nome de IESV na boca, com a véla acesa em huma mão, & com huma conta de indulgencia plenaria na outra, com notavel quietacão deo o espirito a seu creador, aos quinze de Março do anno de mil quinhentos setenta & cinco, tres annos & meyo

De sua sã-
sta morte.

antes da perda del Rey D. Sebastião, tendo de idade 57. annos.

8 Ficou seu rosto tam alegre, & bem assombrado, que se maravilharam os presentes grandemente, & em especial o Padre Mestre Simão, & deram graças ao Senhor, por mostrar com tal evidencia, como a morte de seus servos he principio de eterna vida. Seu corpo foy sepultado na Igreja de S. Antão o velho, primeyro assento que em Portugal tivemos, & dah foy trasladado em ataude particular, pera o novo Collegio, aõ de agora residimos; esperando sempre grandes mercês do Senhor, por meyo de hum seu servo tam excellente, o qual assim como sendo vivo nos authorizou com os Princepes da terra; assim tambẽ depois de morto nos defenderã diante do Rey da gloria.

9 No tempo em que o P. Luis Gonçalves estava tam enfermo em Lisboa, assistia el Rey Dom Sebastião com a corte em Evora, donde mādava muytos correos a saber como passava na doença, & vindo hum a se informar de sua saude, lhe levou por novas que já era morto; notavel foy o sentimento que teve el Rey com a perda de seu prefado mestre, & tanto mais quanto entendia, que lhe ajudara cõ o sentimento que tinha tomado pela sua primeyra jornada a

Quanto el
Rey sentio
esta morte.

Africa, & pensamentos que trazia da segunda: grandes foram as demonstraçoens que deo deste seu sentimento; recolheose logo sò em hũa camara, na qual esteve por espaço de tres horas; depois sahindo de seus Paços, com o capello da capa metido na cabeça, em sinal de tristeza, (como naquelle tempo se usava) se foy recolher em hũ mosteyro da Ordem de S. Ieronymo, situado meya legoa fõra da cidade, a que chamam de nossa Senhora do Espinheyro, hindo todo cuberto de luto, com pello-te, & capa de dõ muyto comprida, & carapuça do mesmo (que assim fala o Padre Amador Rabello naquelle seu tratado) nam comendo em todo aquelle dia; & passando a mayor parte da noyte sem se deytar, tendo de dia as janellas fechadas, cõ hũa vèla acesa, sem permitir que pessoa alguma entrasse a lhe falar.

10 Porém porquẽ tam apertado retira mento poderia ser nocivo a elRey, àlem de ser de muyto dano às partes que requeriam na corte, & aos negocios que sobrevinham; o Padre Mauricio da Companhia, que naquelle tempo era já seu confessor, lhe foy pedir que nam quizesse usar de tanto rigor, & sentimento, pela morte de quẽ estava descançando no cèu. E

posto que sua Alteza por deferir às amoestaçoens de seu confessor, mandou apagar a vèla, & abrir huma janella, com tudo por nenhum calo quiz sahir, nẽ admitir visitas, ou abreviar os cinco dias, que tomou de recolhimento, nos quaes o grande desgosto que tinha, de tal maneira lhe tirou a vòtadẽ de comer, que nam tomava senam cousa muy pouca, com nam pequeno espanto de todos:

11 Poucos dias depois vindo de Evora a Lisboa, se foy logo ao Collegio de Sancto Antãm, aonde visitou a sepultura do Padre Luis Gonçalves, & fez em sua presença dizer missa por elle, & lhe fez lançar agoa benta, com sinaes de grande sentimento, & mostras do grande amor, que da criaçam, & trato de tantos annos tinha, & devia a tam grande servo do Senhor, mestre, & confessor seu; que por nos merecer grandes lembranças, nam quero deyxar de fazer mais algũa, em particular de suas heroycas virtudes.

(:):



CAPITULO L.

Das virtudes do Padre Luis Gonçalves, em especial de sua charidade; de como favorecia os professores de letras humanas, & de sua humildade.

Era haver de dizer alguma cousa das heroycas virtudes deste grãde servo do Senhor, quero começar pela charidade, porque esta he a rainha de todas as virtudes, he a medida dos merecimentos, he o fim dos preceytos, & o alvo aonde atiram os conselhos; antes como elegantemente diz Richardo de S. Viçtoire,^a quem tem muyta charidade, necessariamente tem muyto das mais virtudes, pois he certo que a charidade sò he a que permanece nas adversidades, porque he paciente, como lhe chama Sam Paulo; nam dá mal por mal, porque he benigna; nam atormenta a felicidade a lheyta, porque nam tem enveja; nam se levanta com hõras, porque nam he soberba; nam pretende mandar, porque nam he ambiciosa. E finalmente a charidade he a que ordena a vida, inflãa os affectos, informa as

^a Richard. de S. Viçt. li. de Gradi. Char. c. 1. Sola est quæ in adversis nõ deficit, quia patientis est, quæ iniurias non rependit, quia benigna est; quam felicitas aliena nõ cruciat, quia nõ æmulatur; quæ honore non extollitur, quia nõ inflatur; quæ præ se non nititur, quia nõ est ambiciosa, &c.

atçoens, emmenda os excessos, compõem os costumes, poderosa pera tudo, & mais poderosa que tudo. Isto diz este Padre, falando da charidade, & vem nascendo ao Padre Luis Gonçalves, que viveo em cortes, & sempre sem enveja, sem soberba, & sem ambiçam, porque tinha muyto amor de Deos, & muyta charidade com o proximo, & desta fonte lhe nascia a perfeçam de sua vida. E porque (como argumenta S. Ioã na sua Epistola^b) quem nam ama ao proximo, a quem ve, nam terã charidade com Deos a quem nam pode ver; por isso vejamos primeyro como amou cordealmente a seus proximos, & entenderemos logo quam inflamado era na charidade, pera com Deos.

2 Boa prova teremos deste amor pera com seus proximos no que já contamos delle na vida que fez a Africa,^c & estada em Tituãm, acudindo ao remedio daquelles christãos cativos com o Padre Ioã Nunez Barreto, & com o Irmã Ignacio Vogado: em ambos tinha o Padre muyta occasiam, pera crescer na charidade, & pera fazer bem aquelles pobres christãos, porque o Padre Ioã Nunez Barreto foy aquelle Patriarcha de Ethiopia, de quem contamos cousas tam notaveis,^d & o Irmã Ignacio Vogado foy hũ grande

servo

Hæc est que vitam ordinat, affectus inflammat, actus informat, excessus corrigit, mores componit, valens ad omnia, omnibus prævalens.

^b Ioan. Ep. 1. 4 num. 20. Qui non diligit fratrem suum, quem videt Deum quæ nõ videt quomodo potest diligere?

^c p. l. 2. c. 33.

^d Lib. 6. a. c. 1.

Grãde paci-
ciencia do
Irmã Ign-
acio Ve-
gado.

2. p. l. 6. c. 2.

feruo de Deos, & tam apostado no divino seruiço, q̄ sendo muy noble, & tendo sciencia pera ser sacerdote, pedio, & alcançou na Companhia, o estado mais humilde de Coadjutor temporal, como alguns fizeram naquelles sanctos principios; & depois de servir aquelles christãos cativos com raro exemplo, & admiravel charidade, até nas occupaçoens mais abatidas, ficou elle sô em refens, como tocamos atraz; e & neste tempo foram tantas as afrontas que padeceo dos Mouros, tantos os trabalhos que soffreo, golpes, & pancadas que lhe davam, que admirados de sua paciencia, de sua modestia, & grande charidade, diziam que se na ley dos Christãos podia haver sancto, aquelle homem o era; tal he a força que faz a virtude, ainda aos que a nam conhecem. Este Irmã Ignacio Vegado veyo finalmente de Africa, & viveo no Collegio de Coimbra, tam dado à oraçam, que andava como transportado em Deos; & veyo a morrer no mesmo Collegio, no anno de mil quinhentos sessenta & sete, com opiniã de sancto. Foy natural de Bésteyros, do Bispado de Viseo.

3 Com taes companheyros aprendeo o Padre Luis Gõçalves na eschõla da charidade, da maneyra que hiremos vêdo. Primeyramente era tam pater-

nal, & entranhavel o amor que tinha aos Padres, & Irmãos da Companhia, que a sua mayor alegria, toda estava em os ver alegres em suas occupaçoens; & a tristeza, & desconsolaçam de qualquer assim o penetrava, como se fora mais q̄ sua propria: nêmera em sua mã descançar, até lhes nam buscar, & dar remedio. A doença de qualquer Padre, ou Irmã o punha em tanto cuydado, que muyta parte do dia gastava em sollicitar sua saude, com tanta applicaçam, & miudeza, quanta pôde ter hũa mã muy cuydadosa, sobre o filho unico, que muyto ama. Estando hum verã em Cintra com elRey Dom Sebastião, no tempo em que era seu mestre, & confessor, lhe foy nova de como em Lisboa estava no Collegio hum Padre muy enfermo, & perigoso, & logo auida licença de sua Alteza, se partio pera o visitar, & curar, como fez, com notavel diligencia, assistindo, & vigiando sobre o enfermo de dia, & de noyte, sem tornar a elRey, senam depois que o doente ficou fóra de perigo. O mesmo quiz fazer estando com a corte em Almeyrim, tratando de hir ao Collegio de Evora assistir á cura de outro Padre, que estava gravemente enfermo, mas nam pode alcançar a licença, por haver necessariamente de ser por muytos dias, supri-

Grãde charidade pera com os da Companhia.

do com orações fervorosas o que nam pode remediar com assistencia cuydadosa.

Como procurou a saude de hum enfermo.

4 Por meyo de tam singular charidade, foy Deos nosso Senhor servido de dar saude a hum Irmão, que no Collegio de Evora havia meses que andava tifico: & posto q os medicos já o deyxavam, nam o quiz o P. deseparar, porq nam descõfiava tam deprẽssa da saude do enfermo, como os medicos costumam desconfiar de alguns, & pera isto nunca lhes faltam textos. Ouve logo o Padre licença pera curar aquelle Irmão, tomou à sua conta, pede o aposentem junto da sua camara, pera melhor o vigiar: & com ter sobre sy negoços de tanto peso, teve por espaço de quatro meses tal cuydado do seu risco, como se de todos os mais negoços andasse totalmente ocioso: levantavase de noyte muytas vezes, pera o vigiar; se o achava esperto consolavao cõ palavras sanctas: & como pudera fazer huma cuydadosa mãy, apiadando hum unico filho, que tivesse muyto enfermo; se havia frio, lhe chegava a roupa, & o cobria, & fazia aquietar; & quando advertia, que o Irmão de noyte nam repousava, madiugava antes do espertador, pera que nam acertasse por descuydo, ou elle, ou outrem alguẽ de lhe quebrar o sono da menhã: pro-

curavalhe mimos, & alcançavalhe alivios, & recreações. Desta maneyra com a continuaçam de tam estremada charidade, veyo este Irmão pouco a pouco a melhorar, até que sãrou de todo ponto, com espanto, & alegria de toda a comunidade, q julgavam este caso por milagroso; porẽm eu verdadeiramente me persuado, que se ainda hoje houvesse semelhante charidade, tambem viriamos repetidos outros semelhãtes successos; mas se a charidade se esfriar entre nõs, haverã mais tificos, & veremos menos milagres.

5 Quando o Padre Luis Gonçalves habitava no Collegio de Sancto Antão, ainda q nam era Reytor, tinha superintendencia sobre o Reytor, & ficava com hum como dominio alto sobre todos os de casa. Havia no Collegio hum enfermo, sobre quem elle vigiava, conforme seu costume, & por lhe fazer mimo, tinha ordenado, q lhe trouxessem agoa da fonte da Pimenteyra (bem conhecida em Lisboa) por ser mais delgada, & sãdia; deo elle esta ordẽ diante do Padre Reytor, que era o Padre Gaspar Alvarez (de quem faley no livro quart. f) & voltando depois a ver o seu enfermo, lhe perguntou, como se achãra com aquella agoa; poiẽ o desastre foy, que a agoa senã tinha hido buscar, por esqueci-

O que lhe socedeo cõ hum enfermo.

f
2. p. l. 4. c. 43.
num. 10.

*Obediência
do Reytor
de S. Antão.*

mento do Padre Reytor, que ingenuamente cõfessou sua culpa; pois assim he, disse o Padre Luis Gonçalves, o remedio està na mã de V. Reverencia, & pera que outra vez senam esqueça, tome logo V. Reverência huma quarta, vâse à Piminteyra, & traga a cheya daquella agoa: assim o disse o Padre Luis Gonçalves, & assim o executou logo o Padre Gaspar Alvarez: toma a quarta debayxo do mãtêo, vayse àquella fonte, q̄ dista mais de meya legoa do mosteyro de S. Antão o velho, aonde habitavamos, enchea de agoa, volta com ella cheya, cheyo elle tambem de alegria, & de cõfiança: & nam sey se me espante mais da charidade de hum, se da obediencia do outro? O certo he, que ambos nos deram muyta materia de edificaçam, o Reytor pela obediencia que mostrou a seu superior, & o Padre Luis Gonçalves pela charidade que tinha com o seu enfermo.

6 Desta grande charidade lhe nascia hum singular dom, q̄ tinha de Deos, pera consolar os tristes, pera espertar os fracos, & dar animo a todos em seus officios, & occupaçoens; era isto cousa tam conhecida, que tanto que o Padre Luis Gõçalves entrava em hum Collegio, em todos se via logo huma universal alegria, hum novo alento, como

se com sua vinda entrasse por casa a cada hum todo seu bem; tanto monta ser hum religioso bem quisto, que sò com sua vista alegra os outros.

7 E posto que desejava que todos continuassem com fervor em suas occupaçoens, favorecendo no que podia aos prégadores, aos confessores, & aos professores das sciencias mayores; com tudo era muy singular fautor, & liberal protector daquelles nossos mestres, & estudantes, que com mayor curiosidade, & melhor diligencia se applicavam ao estudo das letras humanas, q̄ a Companhia professa, cõ muy particular cuydado, como fundamento, & melhor lustre de todas as sciencias mayores; porque na verdade assim como a igoaria mais saborosa contenta melhor, quando o prato em que se offerece he mais precioso; assim saye muyto mais brilhãte o ouro da sagrada Theologia, quando o boril do estylo he mais limado; & entam campeam melhor os mais subidos repãros, & os mais levantados assumptos, sobre a divina escriptura, quando o esmalte da fraze he mais perfeyta, mais polida, & ajustada cõ as leys da boa rhetorica, a qual com suas bellas flores enfeyta o fermãm, com suas bẽ engraçadas regras governa a grossa, & cõ suas eloquentes pinturãs dá melhor fórma à melhor materia.

*O P. Luis
Gõçalves
estimava
muyto os
mestres do
latim.*

E por

8 E por isso na Igreja de Deos foram tam estimados os Ieronymos, os Agostinhos, os Ambrosios, os Chrystomos, os Hilarios, os Nazianzenos, & outros eloquentissimos Padres, porque souberam ajutar o proveyto das escripturas divinas, cõ a suavidade da fraze elegante; & quem isto assim pòde temperar, por voto dos melhores juizos, mereceo os melhores louvores, pois como disse o outro Sabio,^g soube ajuntar o proveytoso da materia grave, com o laboroso do estylo culto. Porém (porque sõ estima o valor da obra rica, o que só alcança os primores da arte engenhosa) por isso o Padre Luis Gonçalvez tão prelava as letras humanas, & tão cuydadoso era sobre os mestres da eloquencia, pera por todas as vias os favorecer, porque tinha sido insigne humanista, muy erudito nas tres lingoas, Latina, Grega, & Hebraea, ao qual parece que as Musas mais doudas, & as rhetoricas mais sobrelevadas, cõ mayores empenhos, tonâram muyto à sua cõta, pera o criarẽ a seu peyto, & pintarẽ nelle aquella perfeytissima imagẽ do perfeyto orador, & de hum douto, & divino humanista.

9 E porque o P. Luis Gonçalvez favorecia tão aos q̃ cõ mais curiosidade, & melhor cuydado se empregavam no estudo

das letras humanas, por isso no seu tempo ouve nesta faculdade varoẽs tam insignes, & mestres tam excellentes, como vemos no P. Pero de Perpinham, no P. Cypriano Soares, no P. Manoel Alvarez, & em outros admiraveis sogeytos, q̃ nesta Provincia nos ensinãram a rhetorica, & a eu-diçam, & a quẽ devemos o credito, que neste particular ainda hoje temos, q̃ poderemos cõservar melhor, se usarmos dos me-yos, q̃ pera isso tomava o P. Luis Gõçalvez, apremiãdo, & favorecẽdo os professores destas faculdades, porque sentença foy sempre muy cantada, & acertada, q̃ nam faltariam Maroẽs eruditos, se houvesse Mecenates liberaes.

10 Digamos tambem algũa cousa de sua grande moderaçam; era no P. Luis Gõçalvez notavel o desprezo que tinha de todas as honras humanas, porq̃ sò trazia os õlhos nos bens eternos, & foy neste particular tão mais notavel o exemplo que nos deyxou este humilde Padre; quanto mayores foram as occasioens que teve, pera poder alcançar muyto, pelos cargos, & authoridade de sua pessoa, nam sò na religiã, mas acerca dos Reys de Portugal, porque foy por algũ tẽpo confessor del Rey D. Ioã o III. & do Princepe seu filho; & foy muytos annos, mestre, & cõfessor del Rey D. Sebastião, & de tão alta autoridade diãte

Como foy moderado em suas privanças

^g
Hor, in Arte poet. Omne tulit punctũ qui miscuit utile dulci.

Em seu tẽpo floreeram as letras humanas.

de sua Alteza, & dos do seu real conselho, que ordinariamente seguiam seu parecer: & com tudo no meyo de tam grande privança, nunca pera sy aceytou cousa alguma: nem por sombras pretendeo dignidade alguma. Nem tratou de alévantar, & enriquecer seus parentes, antes Martim Gonçalves da Camara (pessoa bem conhecida nestes Reynos) seu irmám, que depois de ser Reytor da Vniversidade de Coimbra, foy Escrivam da puridade, Presidente da mesa da Consciencia, Presidente, & justiça mór destes Reynos, do desembargo do Paço, & mayor valido del Rey Dom Sebastião, sahio do Paço, como dissemos, depois de tantos annos de privança, sô com a pouca renda cõ que entrou, que era o Arcidiagado de Lamego, o qual lhe deo seu tio o Bispo Dom Manoel de Noronha, filho de Simám Gonçalves da Camara; que he raro exemplo, & que nestes tempos nos póde causar admiraçam, pois vemos que os validos sô pretendem valerse a sy, & aos seus; & os que ontem eram pobres, tanto que começaram a ser privados, logo começaram a ser ricos, como se õs Reys os puzessem naquelle lugar, pera se despacharem a sy, & nam pera acudirẽm aos outros.

II Porẽm sendo assim, que nunca pretendeo, nem alcan-

çou cousa alguma pera sy, nem pera seus parentes, com tudo muytas procurou pera sua religiam, a quem amava entranhavelmente, alcançandolhe muytas mercês, muytos privilegios, & rendas competentes, pera nesta Provincia se criarem muytos sogeytos, pera servirem a Deos, & ajudarem o bem das almas; & por isso em qualquer negocio, ou cousa da Companhia se desvelava tanto, que parece se desfazia em zelo, por acudir pela honra de sua muy querida mãy a Companhia de IESVS.

12 Foy varám verdadeyramente humilde, & que nam trazia os olhos mais que em servir a Deos, por cujo respeyto tam contente vivia no officio, mais bayxo, como no cargo mais honrado; depois de ser Reytor do Collegio de Coimbra, andou na cofinha continuo algũs mezes com a perfeçam que vimos na primeyra parte desta Chronica; ⁱ & o mesmo fazia todas as vezes que se podia furtar a suas grandes, & graves occupaçõs; de sorte que parecia enredo vello hoje no paço, venerado dos Princepes, & vello à tarde na cofinha servindo os pobres; pela manhã entrado pelas salas reaes, à noyte metido nas officinas humildes: mas estes enigmas tam cõtrapostos interpretavam, & entendiam muy bem os que

conheciam sua muyta virtude, porque

De sua grande humildade.

i
1. pl. 2. c. 32

porque esta o persuadia a des-
prezar as hōras que lhe faziam,
& estimar o desprezo, que elle
buscava.

*Do despre-
zo com que
se tratava*

13 Desta humildade lhe
procedia o grāde desprezo com
que tratava sua pessoa; o vestido
que trazia era ordinariamente
velho, pobre, & remendado, em
tal fōrma que sua tia Dona Ioana
Dona Catherina, tinha disto
grande sentimento, & tratou por
vezes de lhe dar hum vestido
novo, mas nunca o pode acabar
com elle; porq̃ o verdadeyro re-
ligioso mais trata de renovar a
alma, que de enfeytar o corpo.
E porque alguns na religiam
querem captar gravidade com
trazerem os vestidos muy com-
pridos, o Padre Luis Gonçalvez
pera fugir esta dissimulada es-
pecie de vaidade, costumava
trazer a roupeta, & o mantéo
curtos, quanto sofria a honesti-
dade, & decencia religiosa; es-
tranhando muyto vestidos ros-
sagantes, nos que profes-
sam desprezos mun-
danos.

(.?.)



CAPITULO LII.

*Continuase a mesma materia
das virtudes do P. Luis Gon-
çalves, em especial de sua ora-
çam; & retiroamento que fazia
à quinta de Valde-rosal, & de
sua mortificaçam, & muy-
to zelo das almas.*

I Inda que era tam
ocupado no paço,
com tudo nunca
deyxou seus exer-
cicios espirituaes, aos quaes era
muy inclinado. Sēpre teve a sua
oraçam de pela manhã, toda de
joelhos; & quando de dia os ne-
goceos o nam deyxavam ter
outras horas de oraçam, se vin-
gava de noyte, prolongādo este
sancto exercicio, no qual conti-
nuava por vezes, deyxando a ca-
ma, pondose com os joelhos em
terra. Na oraçam buscava, & a-
chava remedio pera todas suas
tristezas, & affliçõs; em nenhũa
cousa se resolvia, sē primeyro re-
correr a Deos na oraçam, & da-
qui tirava luzes divinas, cō que
previa, & dizia cousas futuras:
entrādo certo Irmam em tenta-
çam de deyxar a religiam, teve
oraçam por elle, & logo o exor-
tou à perseverança, affirmādolhe
com notavel certeza, q̃ se deyx-
ava a religiam, o haviam logo
de matar no mundo: nam deo

*De sua
muyta ò-
raçam.*

elle, nem pelas ameaças do P. n.º pelos avisos do céo (que tal he às vezes a cegueyra, & teyma de hum tentado) sayese da Cõpanhia, a fim de nam perder certa herança (como se a houvesse mayor q̃ a do céo, q̃ na religiam assegurava) tomou em breves dias o estado do matrimonio, & logo hũ irmão da molher com quẽ casou, tẽdo por grave afrõta ser cunhado de hũ q̃ elle chamava apostata da religiam, se foy a elle, & o matou, como o P. Luis Gõçalves lhe tinha denunciado; com justa permisiã de Deos, pois nam quiz ouvir nem as vozes do Padre, que o acautelavam, nem as inspiraçoẽs divinas que o avizavam.

*Do que pa
rece q̃ pro-
phetizou a
hum estu-
dante.*

2 Outra vez em Evora o veyo demandar hũ estudãte Artista, dandolhe conta dos grãdes desejos, que tinha de entrar na Companhia; sabendo delle o P. que tinha mãy velha a que acudir, & irmãs donzelas a quẽ emparar, o persuadio, com grande deliberaçam, que acudisse antes às obrigaçoẽs taõ precisas. Porẽ encõmedãdo o negoceo a Deos, teve tal luz do céo, q̃ vendo em espirito ao lõge o q̃ havia de succeder àquelle bom estudante, com grande affirmaçam, & segurança, mudado totalmẽte, lhe disse: consolayvos filho, q̃ haveis de entrar na Cõpanhia, & sereis professo de quatro votos, & finalmente nella acabareis; as

quaes cousas todas se cõpirã n, como o P. lhas tinha denuncia- das ao dito estudante, que era o P. Bertholameo Duarte, que no Collegio de Braga leu hũ Cur- so de Artes, foy professo de qua- tro votos, & morreu no Colle- gio de S. Antãm, lendo Theolo- gia moral, & contou este caso, antes de Deos o levar pera sy, q̃ foy no anno de 1598.

3 Pera o Padre Luis Gon- çalvez se poder com mais com- modidade entregãr a Deos na oraçam, fugia de quando em quãdo da cidade; & pera o nam desenguietarem os recados do paço, & os pretendentes da cor- te, se passava da banda d'alem, & se hia retirar em hũa granja, a q̃ hoje chamamos de Valde-rosal, de que elle muyto gostava, que esta no meyo de huma grande charneca, junto a Caparica, a qual já descrevi no quarto li- vro, & deste lugar tambem gos- tava muyto, & cõ rezãm, el Rey D. Sebastião, por causa da caça de montaria, pera a qual sam muy acõmodados aquelles ma- tos; & folgava muyto S. Alteza, quando por ally vinha, ter quẽ lhe dissesse missa, na nossa ca- pella, que he muyto bem en- graçada, a qual nos fez Mar- tim Gonçalvez da Camara, ir- mãm do mesmo Padre Luis Gonçalvez. O modo com que o Padre aqui gastava o tempo, era este: em se levantando pela

*Como se
retirava a
Valde-ro-
sal.*

²
2. p. l. 4c. 7-

menhã

menhã tinha hũa hora de ôraçam de joelhos, dizia logo misa; & em acabando o recolhimẽto, se hia por aquelles campos a meditar, & fallar com Deos, por espaço de duas horas; & o lugar, ainda que por hũa parte he toco, he muy acõmodado, como dissemos, pera contemplaçoens. Estas eram as caças q̃ o P. Luis Gonçalves vinha demandar por aquellas charnecas, por onde se andava contemplando, até que o Irmã, com quem hia, o avisava que era hora pera se recolhêr. Pelo caminho lhe vinha lendo algũa cousa da escriptura, em especial das Epistolas de S. Paulo, das quaes era muy devoto. A tarde gastava em rezar, ou em ouvir ler vidas de Sanctos. E depois que tomava por algũs dias este alivio espiritual, se voltava à corte de bem mã vôtade, obrigado dos muytos negoços, pera que o chamavam.

4 Hindo hũa vez do Porto de Cassilhas pera esta quinta de Valde-rosal, que dista huma boa legoa, com dous sacerdotes da mesma Companhia, tratãdo os companheyros de alugar dous jumentinhos, pera os tres no caminho se revelarem, respondeo o P. que hum sò bastava pera os dous se revelarem; & elle sendo enfermo, velho, & carregado se foy a pè; & chegando lá, porque se descuydãram em casa de os prover, tam boas foram as igoa-

rias da cea pera comer, como tinham sido os aparelhos da jornada pera caminhar; com hum pouco de pã de rala, & com hũa pouca de agoa do poço, se deram por satisfeytos; dizendo elle com muyta alegria, q̃ nũca comêra cousa, que tambem lhe soubesse, festejãdo aquella falta, & descuydo do Irmã de pensẽyro, como mimo da sancta pobreza.

5 Outra vez estãdo na mesma quinta cõ os mestres de S. Antã (q̃ ally fazia hir recrear-se pelas ferias, como sempre foy costume, procurandolhes todo o bõ alivio) lhe sobreveyo hum hospede, & socedeo (o q̃ às vezes ally acontece, por ser lugar muy sò, & retirado) q̃ nam havia cama em que o agasalhar: pois que remedio? (diz o P. Luis Gõçalvez, com muyta alegria) elle nam ha de ficar sem cama, & aqui nam sobeja nenhũa, lancemos sortes, a qual de nõs lhe ha de emprefatar a sua; assim se ordenou, mandando elle que tambẽ o metesse no sortilegio, apezar dos mais Padres, & Irmãos, que diziam, q̃ nam era bem q̃ sua Reverẽcia, sendo superior, se quizesse igoa-lar cõ os subditos: enfim as sortes corréram, & porque este jogo a ninguem goarda respeyto, (por ser calo da fortuna, & nam acerto da prudencia) cahio o lanço da sorte sobre o Padre, que era o superior, o qual

De hũa sorte que lhe sahio.

2.p.1.4.c.8.

O que lhe socedeo hindo a Valde-rosal.

com a mesma alegria deo a cama ao hospede, & elle dormio no cham, sem nunca querer acceytar a que os subditos com liberal vontade lhe offereciam, porque pera elle nam era cousa nova, nẽ andar muytas legoas a pẽ, nem deyxar a cama por dormir na terra; & de faacomodar-se a sy, por aga alhar os outros.

De sua mortificaçã.

6 Foy o Padre Luis Gonçalves homem de grande mortificaçã, & costumava a dizer que a prova do verdadeyro religioso da Companhia era a verdadeyra mortificaçã, & lenhorio de suas payxoens, & que por mais devoto que hum fosse, & assinalado em obras de sanctidade, se lhe faltava a mortificaçã, tinha aproveytado muy pouco, & nam era de virtude solida: trazia isto tanto no pensamento, que estando hũa vez com os Irmãos (na quinta de Villafranca, que he do Collegio de Coimbra) conferindo cõ elles, em huma sancta, & religiosa recreaçã, sobre a virtude que mais convinha a hum fogeito da Companhia, propõdo premio a quem melhor dissesse; ditas muytas coulas boas, & bem notadas, julgou o primeyro premio a hum P. q̃ disse, q̃ hum religioso da Companhia havia de procurar ser tam mortificado em suas payxoens, que ainda com os primeyros movimentos da natureza, senam des-

compuzesse; & bem mostrou aqui o Padre Luis Gonçalves a perfeçã que deleyava na obediencia, pois nam queria, que houvesse impetos da natureza, aonde sò deviam prevalecer effeytos da graça.

7 E porque ajuda muyto a penitẽcia do corpo, pera topcar as payxoens da alma, era muyto dado a jejuns, a cilicios, & a disciplinas, as quaes continuamente trazia na algibeyra (como se estas fossem as melhores moedas da sua bolsa.) E assim atẽ quando estava em Villafranca, ou se retirava a Valde-rosal, cõtinuava com suas compridas, & quotidianas disciplinas, q̃ ainda aqui se devem louvar, & exercitar semelhantes bons costumes, & parece muyto bem o som da disciplina rigorosa, no meyo do alivio da recreaçã religiosa, q̃ atẽ dentro do paraizo terreal, entre as delicias daquelle excellente retiro, conserva ainda hoje o Propheta Elias² o cilicio do pobre vestido, porque posto que, quando foy arrebatado, largou a capa, nam deyxou o pellote.

8 O seu mayor gosto era pedir esmola pelas portas, andar em missoens peregrinando, & prẽgando pelas villas, & lugares da maneyra que o tinha ensinado o P. Mestre Simãm, como muytas vezes fez neste Reyno, & fõra delle. No anno

4. Reg. c. 2.
num. 13.

Suas peregrinações.

de mil quinhentos cincoenta & cinco, quando veyo de Roma pera Visitador de Portugal, passou todo o caminho a pé, peregrinando, com os treze companheyros, que trazia consigo, pedindo esmola, & poufando sempre nos hospitaes. E socedendo romperse o calçado neste comprido caminho a hum destes Irmãos estrangeyros, o Padre lhe deu os seus çapatos, de q̄ usava, & tomou os rotos, que o Irmão trazia. Tam affeyçoado ficou sempre em sua vida, a estas peregrinaçoens, que ainda seguindo a corte, cada vez que podia, se punha a pé com hum bordão na mão, & se hia com seu companheyro a peregrinar, & pregar pelas aldeas visinhas; & tal vez lhe socedia sahindo do paço, tomar logo o caminho com seu cõpanheyro, sem provimento algum; & andava algũs dias pelo termo de Lisboa, fazendo doutrinas, & vivendo de esmolas; & ally tornava de melhor vontade, aonde as esmolas tinham sido mais pequenas; porq̄ tratava de se mortificar, & nam de se hir recrear.

9 Com o mesmo zelo se applicou sempre muyto a fazer missões, nas quaes fazia grãdes serviços a Deos, & tinha boas occasiões de muyto merecimento. Nam comia senam o que lhe davam de esmola, nẽ aceytava coufa alguma, que por ou-

tra via lhe mandassem: dormia commummente pelo inverno nos hospitaes, & pelo verã nas eyras, muyto consolado por ally meditar nas palhinhas do presepio do minino IESV, a qual devaçam nam deyxou hũa vez de lhe custar muyto caro. Foy o caso, que o tomou hũa noyte em huma aldeia junto do Pedrogam, aonde tinha hido em missam, foyle agasalhar na eyra, conforme seu bom costume, & porque na noyte de antes tinha hum ladrão furtado hum sacco de trigo de certa eyra ally visinha, andava o lavrador (aque pertencia a em que estava o P. agasalhado) em perpetua ronda, avisado com o defastre alheyo, vigiando sobre a sua eyra: eys q̄ vindo huma vez muyto dissimulado, dà com o servo de Deos, & persuadido ter na sua eyra o q̄ roubava as alheyas, tratou de acudir à sua, & de vingar as dos outros.

10 Logo sem mais inquirir, nem ouvir rezã, cuydando que toda tinha, porque castigava hũ ladrão, começa a servir o P. com hũa hastea de lança; tam colerico vinha, & tam cego da payxam, que estando a noyte clara, & com luar, nam advertio que o trajo nam era de ladrão formigueyro, mas de sacerdote humilde. Espertou o companheyro ao som dos golpes, & quando acudio com bra-

O que lhe socedeo cõ hũ lavrador ficado em huma eyra.

De sua paciencia.

Suas missões.

dos, já lhe nam pode tirar as pã-
cadas. Ao dia seguinte sahio o P.
ao pulpito, & teve por ouvinte
o lavrador, que acabando de
cahir em seu erro, se desfazia
em lagrimas, & se foy lançar aos
pés do Padre, pedindolhe mil
perdoens: o Padre o tratou com
muyto amor, julgãdo que mais
lhe rendera a ira do lavrador, q̃
a piedade dos devotos, porque
com o erro daquelle tivera o
merecimento que buscava, &
com a charidade destes, se lhe
offereciam regalos, de que fu-
gia.

II Pongamos a coroa a
todas estas excellentes virtudes
do Padre Luis Gonçalvez, com
dizermos algũa cousa do seu ar-
dentissimo zelo que tinha da
honra de Deos, & salvaçam das
almas, como verdadeyro filho
de Sancto Ignacio, de quẽ foy
tam particular amigo. Couisa
foy muy sabida nesta Provin-
cia o muyto que fez cõ elRey,
& com os do seu real conselho,
pera se augmentar a christan-
dade da India, do Iapã, do
Brazil, & de Guiné, acabando
com sua Alteza, que fundasse
Collegios da Companhia nas
terras de suas conquistas; pondo
particular cuydado de lhes mã-
dar todos os annos grandes so-
corros de estremados sogeytos,
acendendo nos religiosos tal
fervor de pedir estas gloriosas
missoens, que alguns subditos

seus, como se fossem opposito-
res a cadeyras da Vniversidade,
se punham a orar em latim por
grande espaço, diante delle, &
dos mais superiores, persuadin-
do cada qual com mais força de
eloquencia, & movimento de
affectos, que devia ser preferido
aos outros, & nomeado pera a
tal missã. E o que mais dese-
java, & pretendia estas empre-
zas era elle mesmo, mas sempre
os superiores lhe resistiram, &
os Reys o nam consentiram.

12 Este foy aquelle grãde
servo de Deos o Padre Luis Gõ-
çalves da Camara, nobre por
seu nobilissimo sangue, & muy
mais por suas illustrissimas vir-
tudes, dado por Deos nosso Se-
nhor, pera ornamento da Com-
panhia, pera honra desta Pro-
vincia, pera mestre de Prince-
pes, pera espelho de todas as vir-
tudes, & pera exemplo de reli-
giosos; cuja vida aqui referi, en-
tre outras de muytos servos do
Senhor, que vam nesta Chroni-
ca, pera que os da Companhia
tenhamos sempre diante dos
òlhos estes esclarecidos exem-
plos, pera os imitarmos, porque
os Sanctos, como diz S. Ambro-
sio,^b nam eram de melhor na-
tureza, mas foram de melhor
observancia, & ainda que sen-
tiram guerras de vicios,
tiveram victorias de
virtudes.

*Tinha grã
de zelo da
cõversã
dos gẽtios.*

^b
Amb. in lib.
de Ioseph.
Cognosca-
mus illos nõ
naturã me-
lioris fuisse,
sed obser-
uãtiã maio-
ris; nec vitã
nescisse, sed
emmedasse.

Anno de
Christo de
1556.

CAPITULO LIII.

Da sancta morte de nosso glorioso Patriarcha Sancto Ignacio; do estado em que deyxou a Companhia, & da grande gloria que recrêce a este Sancto, pelos filhos desta Provincia.

E Stando as cousas da Provincia de Portugal no estado em que hímós relatando, sendo seu Visitador o Padre Luis Gonçalves da Camara, & Provincial o Padre Miguel de Torres, em dezasete annos depois de fundada a Companhia, succedeo em Roma a bēaventurada morte de nosso glorioso Patriarcha Sãcto Ignacio: & pois nós com seu ditoso nascimento demos principio ao primeyro tomo da Chronica desta Provincia, tambem daremos fim a este segndo, cō sua bemaventurada morte, que por ser de hum varã justo, & sancto, tam fora estã de seu triste, & infaulta, que antes he principio de noya gloria, & de eterna alegria.

2. Grandes eram os desejos que tinha este glorioso Padre de se ver no cẽo, fora deste mũ-

do; pedindo efficacissimamente ao Senhor, que pois lhe comprira jã, & lhe deyxara ver cō seus olhos as tres cousas que nesta vida mais desejava, pera mayor gloria sua, agora lhe puzesse o despacho a ultima, que lhe pedia, de lhe mostrar sua divina face. As tres cousas a que o Sancto varã aludia, que muyto nesta vida desejava, foram, a primeyta ver confirmada a Companhia, a segunda ver aprovados os exercicios espirituaes cō auctoridade Apostolica, a terceyra ver escritas, & publicadas suas cõstituições, & regras. Todas estas tres cousas lhe cõprio o Senhor muy inteiramẽte, porque vio confirmada a Companhia, estendida, & multiplicada quasi pelo mundo todo; vio os exercicios espirituaes aprovados pela Sē Apostolica, vio impressas, & publicadas as cõstituiçõens, como temos dito.

3. Tempo era jã deste bēaventurado Padre hir descansar, no porto da gloria, depois de tãtas tormentas, levadas no mardo mundo. Os trabalhos passados foram muytos, os carceres, perigos, & perseguiçõens foram muy grandes, & muyto mayores, & mais vehementes eram os desejos de se ver cō seu muyto amado IESV. Costumava a repetir muytas vezes este dulcissimo colloquio, que como breve jaculatoria despedia ao

cẽo,

Anno da
Companhia
17.

Tres cousas que S. Ignacio de Jejava.

a
2.p.l.4.c.19

Anno de
Christo d^e
1556.

Desejos q^e
tinha S. Ig-
nacio de
morrer.

céo, sahida da aljava daquelle peyto cheyo de sétas de amor divino. Quando, Senhor, se levantar à este desterro, quando quebrareis as duras prisoens deste corpo, quando gosarey de vossa Companhia, & presença. O meu bom IESU. a quem de todo o coração nesta vida procurey amar, por quem sempre suspirey, cuja gloria, & exaltaçam sempre busquey, pois me compristes, Senhor, todos meus desejos, o que agora resta he, que deyxeis a vosso seruo descansar em paz.

4 Ouvio o Senhor as ferventissimas oraçoens de seu fiel seruo, reveloulhe o dia, & a hora de sua morte, começoouse a despedir de seus amigos por cartas, dizendolhes que elle se hia ao céo, que lá os encômendaria a Deos. Logo entregou o governo todo da Companhia, & da casa a alguns Padres graves, & elle se retirou ao campo, como outro Sam Francisco ao retiro do monte de Alvernia, este preparandose pera receber as chagas de Christo, Sancto Ignacio aparelhandose pera ser recebido nos braços de Christo. A fraqueza do corpo se aumentava mais cada dia, & os desejos de ver a Deos cresciam por momētos.

Como se
preparou
pera mor-
rer.

5 Voltouse a Roma, confessouse, & tomou o Sanctissimo Sacramento por viatico, com grande suavidade de lagrimas, & devaçam, como quem sabia de certo que aquella era a ulti-

ma vez, que havia de gozar nesta vida mórtal das delicias daquelle divina mesa; mandou logo chamar ao Padre Mestre Ioam de Polanco secretario da Companhia, de quem, entre os de casa, quiz fiar este segredo; dizlhe com grande paz, & serenidade, que vá ao Summo Pontifice, & lhe diga que elle estava de caminho pera o céo, que pera sy, & pera outro companheiro, que em casa estava doente, q̄ tambem cedo morreria, lhes mandasse sua paternal, & Pontifical bençam. Nam se persuadiu o Padre Palanco que estava isto tam apressado, porque tal serenidade de rosto, tanta alegria nō falar, mais representava hum exterior de quem estava muy alegre, do que de quem esperava a morte; porém huma, & outra cousa socedeo, o Sancto se foy ao céo, como logo direy, & o Padre Martim de Olave, q̄ era o doente, tambem dahi a pouco espirou: mostrando nisto o Sancto, que primeyro nelle se acabava a vida corporal, que o espirito Prophetico, & o amor de seus subditos.

6 Nam temeo a morte, porque a tomava muy de longe, & muyto meditada, nam foy dos servos que dormiam ao tempo que veyo o esposo, ^a era do numero dos que vigiavam, & oravam, esperando a vinda do Senhor. Temeo Iacob, ^b quando vio

aquella

Anno da
Companhia
17.

^a
Mat. c. 24. n.
42. Vigilate
quia nescitis
qua hora Do-
minus ves-
ter veturus
sit.

^b
Gen. 28. a n.
12. Terribi-
lis est locus
iste, &c.

Anno de
Christo de
1556.

Anno da
Copanhia
17.

Como pas-
sou a noyte
antes de
morrer.

e
Deut. c. vlt.
num. 5.

c
Rup. err. ibi.
An timu. t
quia Dominu
viderat in-
quiete?

um. i.

aquella escada mysteriosa, & acordou bradado que era aquelle lugar muy temeroso. A causa deste medo nam foy por ter visto a Deos na escada, por sonhar com Anjos, q subiam, & deciam, porque lugar aonde Deos se vé, aonde andam, & passeam Anjos, mais pode causar alegrias, que motivar temores; com tudo o Abbade Ruperto^c achou muyta rezã p de medo no Patriarcha, porque buscando Deos, o achou dormindo: *Dormiuit in eodem loco.* Nam temeo entam o glorioso Patriarcha Sãcto Ignacio, antes espera a hora do Senhor com grande alegria de sua alma, porque nam dormia, vela, & vigiava, esperando a desejada vinda, em que havia de ser visitado do Senhor.

7 Acudiram os medicos melhores de Roma, Turriano, & Petronio: viram o sancto enfermo, disseram que a enfermidade nam era de consideraçam (que com tam pouca cultumam tal vez falar os medicos, em materia de tanta importancia.) Porém o Sancto sabia melhor tomar o pulso àquelle febre, que como era a de que a Esposa^d nos cantares tinha enfermado; nam podiam os medicos terrenos, & ignorantes entender achaques celestiaes, & divinos. Deyxaramno so aquella noyte, que pera elle era principio de alegre dia, & como el-

d
Cant. 2. n. 5.
Dicite quia
amore lan-
gueo.

le desejava verse so co seu amado, naquelle tempo, em que esperava particulares mimos, & mayores regalos, estimou a solidade, & nam pedio nenhum que o vigiasse, porque elle sempre esteve vigilante: ficou a solas com Deos, como outro Moyses^e em semelhante occasiam. Passou a noyte toda em suavissimos colloquios, que repetia em voz alta, com a Sãctissima Trindade, & co o dulcissimo IESV, & com a Virgem Rainha dos Anjos, ouviã os visinhos estas vozes, sentiam os sospiros, advertiam os affectos daquelle sãctissima alma, mas nam entederam que esta era a ultima cantiga daquelle Cirne do Paraiso; cuydãram que eram as ordinarias visitas do ceo, que o Sancto de noyte gozavã, & com semelhãtes descantes recebia. Logo pela menhã o visitãram, acharamno estendido na cama, com as mãos levantadas, como quando estava em oraçam, com o rosto, & com os olhos no ceo, repetindo o sãctissimo nome de IESV.

8 Encheole logo a casa de religiosos, porq todos os filhos tam amados quizeram, naquella occasiam, acudir a tam bom pay: offereceramlhe huma pouca de sustancia, pera levar pera bayxo, & cobrar algum alento, porém o Sancto lhes disse, que já nam era tempo (como se todo aquelle atẽ a ultima respiraçam, esti-

Como acudiram os religiosos aocubiculo do Sãcto

Anno de
Christo de
1556.

vesse applicado sò a cousas da salvaçam. Pedio logo huma véla benta acesa que lhe metèram na mão (a qual ainda hoje se cõserva como preciosa reliquia) protestando nella a fê catholica em que vivèra, & o fogo da charidade em que morria. Tomando esta tocha acesa, como luz pera o guiar no caminho, q̃ havia de fazer; pera entrar seguro pelas portas escuras da morte, & pera achar a claridade, & alegria da eterna vida: repetindo sem nenhuma interrupçam cõ a voz o dulcissimo nome de IESVS, q̃ sempre trouxera estampado no coração; com grande serenidade de rosto, com admiravel paz, sem nenhum movimento do corpo; sahio aquella ditosa alma do carcere deste mundo, em companhia dos Anjos, & dos Sanctos Patriarchas, pera gozar eternamente das felicidades da gloria, que estam aparelhadas pera quẽ tam bem soube contentar a Deos, & desprezar o mundo.

9 Morreo este glorioso Patriarcha no anno de mil quinhentos sincoenta & seis, aos sessenta & cinco de sua idade, em huma sexta feyra, trinta & hum de Julho, às seis horas da manhã, hũa hora depois de sahido o sol (o qual parece, que com suas primeyras luzes se quiz adiantar, pera nesta ultima despedida lhe servir como candeia

na hora da morte, que a hum fogo de immenso resplendor só hum sol podia servir de tocha) como quem passava pela noyte tenebrosa da morte breve, amanhecendolhe o bemaventurado dia da vida eterna: havendo já dezasete annos, menos quasi dous meses, que a Companhia estava confirmada pela Sè Apostolica; no qual tempo a vio dilatada quasi pelo mundo todo, deyxando fundadas doze Provincias, que sam as de Portugal, (que he a primeyra que teve a Companhia, & a mais bem dotada) a de Roma, a da India Oriental, a do Brazil, a do Iapam, a de Castella, de Andaluzia, dos Reynos de Aragã, a de Italia, que cõprehẽde a de Lõbardia, & a Toscana, a de Napoles, de Sicilia, a de Alemanha a alta, a de Alemanha a bayxa, & a de França; nas quaes havia muytos Collegios, muytas casas, muytas residencias, seminarios, que cada vez mais se foram crescendo.

10 De maneyra que no anno de mil seiscentos vinte & seis, feyta resenha pelo novo cathalogo, se contavam trinta & seis Provincias, Casas professas vinte & seis, Collegios quatrocentos quarenta & quatro; noviciados quarenta & quatro; residencias duzentas & vinte oytto, Seminarios sincoenta & seis; duas Viceprovincias, que por

todos

Anno a
Companhia
17.

Provincias, casas,
& Collegios, que
deyxou sũ
dadas.

De sua sã
ta morte.

Anno de
Christo de
1556.

todas entre Casas, Collegios, Residencias, & Seminarios, passam de mil novecentos & trinta; & se contavam no mesmo anno na Companhia, quinze mil, quinhentos, quarenta & quatro Religiosos: & daquelle anno até o de mil seiscientos & quarenta, se acrescentaram hũa casa professa, setenta & oytto Collegios, seis Noviciados, & vinte Seminarios; & tudo como a seu principio, & principal autor se deve a este gloriosissimo Patriarcha.

Nam me detenho mais em contar as cousas deste incomparavel Sancto, assim porque andam muyto bem historiadadas por muytos filhos seus, como porque sam tantas, que requeriam livro particular, & eu vou já recolhendo as velas, & estou quasi no fim desta Chronica: cõ tudo pera em duas palavras recopilar as grandes virtudes deste admiravel varã, digo que a mim me basta, por mayor de todos seus louvores, por aos leyttores diante dos ólhos esta Chronica, que até aqui escrevi; porque podendo dizer muyto de suas admiraveis virtudes, de seus espantolos milagres, de suas grandes penitencias, & dos notaveis prodigios de sanctidade, que delle pelo mundo toda a fama publica, & os livros apregoam, com tudo a mim me basta, por mayor de todos estes lou-

vores, offerecer aos leyttores esta breve Chronica, pera que nella, como em hum pequeno mappa, vejam quaes foram os filhos de Sancto Ignacio, porque desta maneyra, à vista de taes filhos, viremos em claro conhecimento de tal pay.

12 E assim quem quizer fazer plenario conhecimento deste famoso capitã, veja os soldados que criou; & quem nam acabar de entender os preciosissimos quilates da ceestial doutrina deste divino mestre, veja os discipulos que ensinou, que por este modo se deo antigamente o mesmo Deos a conhecer a quem lhe perguntava quem era; quando instando lhe Moyses vivamete, que lhe desfinas pera o haver de dar a conhecer a outros, & podendo Deos tomar nomes de gloria infinita, titulos de magestade soberana, & prerogativas da mesma divindade, lhe disse que se chamava Deos de Abraham, Deos de Isaac, & Deos de Jacob, como se o melhor titulo, como diz Sancto Ambrosio, pera haver de ser conhecido por Deos, fosse conhecendo por pay de taes filhos, & por mestre de taes discipulos, como eram Abraham, Isaac, & Jacob; porque nam podia deyxar de ser Deos verdadeyro, quem criara, & deira ao mundo tres varoens tam exemplares, & ta-

Anno da
Companhia
17.

Os milagres maiores de S. Ignacio quaes sejam.

Exod. 3. nu. 15. Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob. &c.

Amb. in Pf. 47. Ipse enim verus, Deus, quales & vos præceptorum suorum institutione formavit.

Anno de
Christo de
1556.

sanctos: uzando eu agora desta divina traça, digo, que se queremos formar conceyto cabal, de quem foy o Padre Sancto Ignacio, vejamos quaes foram seus filhos, cujas vidas aponthey nesta Chronica: senam, que Deos se achava por muy bem acreditado sò com tres heroes, & Sancto Ignacio tem tantos, quantos o mundo todo reconhece, & esta breve historia nos offerece.

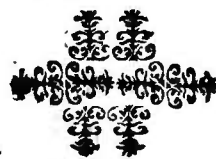
13 Da mesma maneyra digo, que quem quizer saber os grandes milagres, & prodigiosas obras do nosso Patriarcha Sancto Ignacio, lea esta Chronica, & vendo quaes foram seus descendentes, entenderã quaes sam suas façanhas; que os filhos sam os mais vivos retratos, & sam os melhores livros, que nos podem dar a conhecer as vidas, & as obras dos pays, que desta maneyra fala a sagrada escritura, ^h porque aonde nos diz, *Ha sunt generationes Noe*, que aquelles sam os filhos de Noe, vertem alguns com muyta propriedade, & melhor sentido, *Ha sunt res gesta Noe*, que aquellas eram as façanhas de Noe: uzando desta mesma traça digo, que os mayores milagres de nosso fundador Sancto Ignacio, as mayores façanhas que obrou, as obras mais insignes, que no mundo to-

do mais o dam a conhecer a todos, sam os filhos q nos deyxou, cujas vidas nestes livros estampey; porque todos procederam de tal author, como rios caudalosos, sahidos desta fonte manancial.

14 Esta he a rezã, porque sendo este bemaventurado Padre Sancto Ignacio, em sua vida tam milagroso, como se poderá ver bem largamente nos muytos, & grandes milagres, que d'elle contam o Padre Pedro de Ribadeneyra, & o Padre Andre Lucas, religiosos da nossa Companhia, quasi com tudo eu nesta Chronica nenhum milagre lhe conto, & me dou por satisfeyto com sò relatar aqui as vidas, & as obras de tantos sogeytos insignes, filhos seus, porque acho que estes sam os seus mayores milagres, & as suas

mais gloriosas façanhas.

(.)



Anno da
Companhia
17.

Quem ve
os filhos de
S. Ignacio,
vê seus mi-
lagres.

^h
Gen.c.6.n.9
Hæ sunt ge-
nerationes
Noe.
Pag.ubi. Hæ
sunt res ge-
sta Noe.

CAPITULO LIIII.

Das grandes obrigaçoens que esta nossa Provincia tem a el-Rey Dom Ioã Terceyro, com huma breve recopilaçam do muyto que este liberalissimo Principe fez à Companhia; dà-se tambem huma breve noticia de seu nascimento.

I



Om a morte de Sancto Ignacio, que referi no capitulo passado, cenho dado fim, conforme no principio prometi, a estas duas partes da Chronica da Companhia de I E S V, em Portugal; porêm nam compriria com minha obrigaçam, se tambem nam dèsse aqui alguma breve noticia del Rey Dom Ioã o Terceyro, a quem poderemos, com rezãm, chamar, segundo pay da Companhia; principalmente porque sua morte socedeo nam muyto depois da de Sancto Ignacio, em onze de Junho, no anno de mil quinhentos cincoenta & sete, na cidade de Lisboa, nos mesmos paços, & no mesmo mes em que nasceo, que assim andam unidas a vida com a morte, que no mesmo

lugar, & no mesmo tempo se dam as mãos, pois ally tal vez acabamos, aonde começamos, & ally morremos, aonde nascemos.

2 E assim como nesta Chronica fomos sempre fazendo huma breve recopilaçam das virtudes d'aquelles, que principalmente concorreram no bom progresso d'esta Provincia, com muyto mayor rezãm, pois he mayor a obrigaçam, devemos fazer esta lembrança, igoalmente devida pela Companhia, & merecida pelo Rey, porque elle foy o que nos trouxe a Portugal, antes de nossa Religiam estar aprovada pela Sè Apostolica, de sorte que podemos dizer, que a Companhia lhe naceo em seus braços, & qué seu amor se anticipou em nos amar, porque antes de haver Companhia, já amava os da Companhia, pois antes de ser confirmada em Roma, já a trazia nas palmas pera Portugal; fazendo logo vir a este Reyno aquelles nossos dous insignes varoens Sam Francisco de Xavier, & o Padre Mestre Simãm Rodriguez, dedicados pera a India, mas nam consentindo que ambos se embarcassẽ, pera que hindo hum, & ficando o outro, tivesse a Companhia na India Oriental, & gozasse della Portugal; nam permitindo que por huma vez se en-

Amor muy anticipado que nos teve el Rey D. Ioãm.

i. p. l. i. c. i.
n. 4.

Em que tempo morreo el Rey Dom Ioãm.

tregassem taes dous logeytos ao mar, tirando ao Padre Mestre Simam das ondas (como antigamente fez a Princesa de Egypto ao minino Moyses^e) retendo nelle a Companhia em seu Reyno, & recolhendoa dentro de seu mesmo paço, ordenando que o mesmo Padre fosse mestre de seu filho, Principe, & herdeyro destes^d Reynos. Com este mesmo amor, tratou logo de dar à Companhia casas, & Collegios, começando pelo de Coimbra, que entam foy o primeyro, que a Companhia teve no mundo todo: & ainda hoje he o primeyro na grandesa do sitio, & no numero dos logeytos, porque da mão de tal Rey nam podia deyxar de fahir esta obra tam real, & tam grandiosa.

3 Obra tambem sua, & por isso tambẽ real, foy o nosso Collegio de Sam Paulo de Goa, na India Oriental, & o de todos os Sanctos, na cidade da Bahia, no Brazil, os quaes tres Collegios sam os primeyros, & os principaes, & maiores que ha nas Provincias de Portugal, da India, & do Brazil; hum em Europa, outro em Asia, outro na America, que a todas estas tres partes abrangia a liberalidade deste grandioso Rey, cujo animo ainda era mayor que o mundo todo. A este mesmo soberano Rey, &

benignissimo pay, reconhece por fundador a casa professa de Sam Roque da cidade de Lisboa, como já contamos nesta segunda parte^e no livro quarto. E era tal a benevolencia, & cuidado, com que tratava nossas cousas, que nam permitia que as mercês que nos fazia, & os despachos que nos dava, passassem pelas mãos de seus ministros, senam que elle por sy mesmo nos fazia a graça, & nos despachava as portarias, como se fosse tanto o gosto que tinha de nos fazer mercês, que o nam queria repartir com outros. E este notavel favor de nos livrar de negociarmos por via de officiaes, & ministros reaes, era merecê de grande consideraçam, como ponderamos já na primeyra parte.^f E porque o que tem amor, nam somente falla bem, mas escreve bem d'aquelles a quem estima, eram notaveis as cartas, que em nossa abonaçam escrevia ao Summo Pontifice, & aos Princeses da Christandade, confessando nellas que nos tinha grande affeyçam, como largamente temos visto nestes livros. Effeyto tambem foy deste mesmo amor mandar pagar de sua real fazenda todos os gastos que se fizeram nas bullas da confirmaçam da Companhia, querendo tambem este liberalissimo Rey ter parte em obra tam

gloriosa,

^c
Exo. l. i. ca.
l. n. 10.

^d
p. l. i. c. 26

Fundou nos
o primeyro
Collegio da
Companhia.

Mas ou-
ros e ou-
ros q nos
fundou.

Grande fa-
vor del Rey
D. Joam.

^f
p. l. i. c. 20
num. 2.

gloriola, & mostrando que do modo que podia era sua esta religiam, pois lhe custava de seu dinheyro, como já tenho dito. ^h

4 Deste mesmo amor que nos tinha, & do muyto conceyto, que de nós formava, & da cõfiança de nossos procedimentos lhe nascêo a entrega que nos fez do Collegio real das eschõlas menores da sua Vniversidade de Coimbra, como temos cõtado; ⁱ & da mesma fonte manou o desejo que teve de entregar à Companhia (com parecer dos serenissimos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique) o sagrado Tribunal do Sancto Officio; desejando tambem entregar-nos sua mesma consciencia; & querendo com as instancias que dissemos, ^k escolher confessor da Companhia. Até em seu testamento deyxou encommendado à Rainha Dona Catherina sua mulher, que desse a elRey Dõ Sebastião seu neto, mestre, & confessor da Companhia, como em effeyto se cõprio; dandolhe o Padre Luis Gonçalvez, como largamente vimos neste livro; mostrando nesta aççam, que até depois de morto nos estimava, & que seu amor era mayor que sua vida, pois deyxando de viver, nam deyxava de nos beneficiar.

5 E como este amor era tam efficaz nam se contentava com

favorecer, acreditar, & defender a Companhia em seus Reynos, senam que tambem tratava de a estender, & authorizar pelos estranhos, fazendoa entrar em Castella, & defendendoa em França, como já referimos naquella grande perseguiçam, que contra nossa religiam se levantou, movida pelo Collegio Sorbonico. Chegou finalmente o grande amor, que nos tinha este Augustissimo Princepe, ao mayor extremo, que explicar se pòde, porque chegou a cortar por sua propria palavra, por nam cortar por nosso mayor proveyto; como se vio, quando tendo já dado a outros religiosos o sitio, ^m em que estava começado a fundar o nosso Collégio de Coimbra, por nós o largarmos, nolo tornou a dar, por nós lho tornarmos a pedir; fazendo particulares favores aos outros religiosos, pera que elles sahisssem contentes, & nós ficassemos satisfeytos. O mesmo se vio no caso, que contamos da entrada na Companhia de seu sobrinho Dom Theotónio de Bragança, ⁿ porque tendo concedido ao Duque Dom Theodosio seu irmam, que se lhe fizessem perguntas, depositando em outra religiam; por nam dar esta molestia à Companhia, quiz antes tornar atraz com o que tinha ordenado, que hir a diante com o desgosto,

^h
1.p.l.1.c.18
n.12.

ⁱ
2.p.l.6.c.18

^k
2.p.l.4.c.2.

Até em seu
testamento
nas encõ-
mendou.

à cap.47.

^l
1.p.l.1.c.42

^m
2.p.l.6.c.45

ⁿ
1.p.l.2.c.38

que nisto se nos dava.

6 Com este notavel amor á Companhia, ajuntava hũ grande respeyto, & affectuosa devaçam, que tinha a nosso glorioso Patriarcha Sancto Ignacio, mostrando que estimava a obra, & que tambem presava o autor; daqui lhe nascia que venerava, como preciosa reliquia qualquer carta sua, que lhe vinha á mãm: & ordenou ao Padre Luis Gonçalves, ° quando foy a Roma, que o avifasse muy por menor, de qualquer acçam, que visse neste Sancto, & dos sucesos de sua vida passada, porque tudo nelle tinha por admiravel, & digno de veneraçam. Bem se vio a estima que fazia deste sancto varãm, & o muyto que procurava fazerlhe a vontade, ainda que fosse à conta de cortar por seu proprio gosto, como foy consentindo que o Padre Mestre Simãm^p de quem fazia tanta estima, sabisse do serviço do Principe seu filho, & deyxasse Portugal, & fosse governar a Provincia de Aragãm, conforme Sancto Ignacio lhe ordenava: chegãdo elle mesmo a escrever ao Padre M. Simãm (a quẽ o desgosto del Rey poderia dificultar a execuçam desta obediencia) que mayor contentamento lhe daria em obedecer ao Sancto fundador, que em ensinar o Principe seu filho.

7 E pelo muyto conceyto,

& opiniãm que este christianissimo Principe tinha da pessoa, & prudencia do Sancto Patriarcha se communicava com elle por cartas, & lhe encarregava negoços de muyta importancia, tocantes ao bẽ de seus Reynos, como foy sobre as letras, & confirmaçam do sagrado tribunal da sancta Inquisiçam, q̃ particularmente se deve à boa agẽcia de Sancto Ignacio, & do muy insigne Doutor Balthezar de Faria, que foy embayxador em Roma, da maneyra que cõtamos na primeyra parte. 9 E tãbem a S. Ignacio se deve a paz entre o Summo Pontifice Paulo Terceyro, & o mesmo Rey Dom Ioãm o Terceyro, depois dos desgostos movidos por causa do Cardeal Dom Miguel da Sylva; como em seu lugar mais largamente escrevi. r

8 A esta devaçam do pijsimo Rey respondia tal agradecimento, & amor da parte de nosso bemaventurado Padre, q̃ entre todos os Princeses, & Reys Christãos, a elle tinha pelo principal bemfeytor da Companhia, & assim com muy sincero, & verdadeyro amor costumava a dizer, ser esta Companhia mais del Rey Dom Ioãm, que sua. E pera dizer tudo em breves palavras, com todo o fundamento podemos chamar a el Rey Dom Ioãm o Terceyro, cooperador da fundaçam da

Como tratava el Rey Dõ Ioãm com S. Ignacio.

9
i. p. l. 2. c. 6.

r
i. p. l. 1. c. 25

O q̃ dizia S. Ignacio del Rey D. Ioãm.

Grãde devaçãõ que tinha a S. Ignacio.

o
2. p. l. 4. c. 12
num. 2.

p
1. p. l. 3. c. 35

Companhia, pois elle nos fundou a Provincia de Portugal, que foy a primeyra, que no mūdo teve a Companhia, & da qual as outras tiveram principio, porque posto que confessemos que a Provincia de Roma foy a primeyra na dignidade, pois ally começou a Cōpanhia com seu S. fundador Ignacio, cō tudo o nome absoluto da primeyra Provincia da Cōpanhia, no mundo todo, teve a Provincia de Portugal, ^r como obra de hum tam magnifico Rey, que ainda que Terceyro em o nome, foy primeyro na liberalidade com a Companhia.

9 Conformé tam notorias obrigaçoens, nam satisfaria esta nossa historia a dividas tam precisas, confessando só o muyto q̄ nossa Companhia tem recebido da real magnificēcia del Rey Dom Ioām, se faltasse nas graças que nōs lhe devemos, & no louvor que elle nos merece; que este he o de que Deos mais se paga; conforme nos ensina o seu Propheta; ^s & este o q̄ mais péde de seus beneficiados; porque posto que o tal louvor, a respeyto da divina Magestade, sempre fique infinitamente âquem, & por esta causa pareça que mais he atrevimento, que serviço; com tudo a mesma soberana bondade o aceyta com tanto gosto, que diz pelo seu Propheta, ^t que mais estima o

sacrificio do louvor, que o holocausto das victimas: Por esta rezãõ pera mostrarmos o devido agradecimento a hũ Rey tam benefico, deyxando por agora o particular de suas grandes obras, pera quem escreve de proposito sua vida, só porey aqui, como em cifra, a excellēcia das virtudes, com que Deos ornou sua real pessoa, tocary os bons sucessos, com que Deos no mūdo o acreditou, & tudo brevissimamente, da maneyra q̄ Ausonio dizia (dando graças ao seu Emperador Graciano) como quem descreve o mundo todo, em hum abreviado mappa, ^u cō detrimento da grandesa, mās sē dispendio da verdade: & com este pequeno serviço lhe ficaremos rendendo as graças, que nōs lhe devemos, & tributando os louvores, que elle nos merece.

10 Foy este muy esclarecido Rey filho do felicissimo Rey Dom Manoel, & da Rainha Dona Maria, filha dos Reys catholicos Dom Fernando, & Dona Izabel. Nasceo em leis de Junho, do anno de mil quinhētos & dous, nam sem manifesto final que o céo dava de tal nascimento; porque no mesmo dia em que sahio a luz, sendo o tēpo de verãõ, & o mes de Junho, com tudo de repente se moveo o ar, com espantōsos trovoēs, cō temerōsos relampagos, & com

Só brevemente tractarey das cousas del Rey Dom Ioām.

^u
Auf. Paneg. ad Gratian.

Quem foram seus pays.

Sinaes em seu nascimento.

A Provincia de Portugal he a primeyra da Companhia.

^r
Vide Orlãd. hist. Societ. l. 6. n. 98.

^s
Pf. 40. nu. 1.

^t
Pfal. 49. 14. Immola Deo sacrificium laudis, &c.


repentinos chuveyros, o que por ser cousa notavel, & quasi extraordinaria em tal tempo, se julgou nam soceder a caso, mas dar o céo mostras de querer fahir com o parto de hum Principe, que o mūdo havia de ter por dado pelo mesmo céo.

II E muyto mais se confirmaram nesta boa opiniã, vendo como todo aquelle soar de trovoens, correr dos céos, fuzilar de nuvens, relampagear de luzes, esclarecer do ar, cahir de chuvas, ameaçar de coriscos, fora sem dano algum de pedra, ou rayo, que decesse: resolvendole tudo em som, em relampagos, em resplãdores, em chuvas, pera se poder fazer conjeytura de quantos bens haviam em seu tempo de chover em Portugal, & de quanto ao longe haviam de soar, & encher o mundo os trovoens da palavra divina; & com quanta ligeyreza haviam de correr, & voar em seu tempo as apressadas nuvens dos prégadores do Evangelho; & das luzes, & resplandores, com que em seus ditos annos havia de esclarecer a fé, rompendo a cerçam da ignorancia, & desterando as trevas da idolatria. De sorte que todo aquellê movimẽto que fez o ar de trovoens, de nuvens, de rayos, & de chuveyros, foy festa, & foy applauso dos elementos, foy salva de artelharia, que os céos davam ao naci-

mento deste novo Principe: foram rayos de luzes, & nam coriscos de temores; foram prenũcios de felicidades, & nam pronosticos de infortunios, como brevemente hirey mostrando.

CAPITULO LV.

Da grande piedade del Rey Dom Ioã III. & do cuydado que teve de estabelecer as cousas da Religiã, assim em seu Reyno, como fora delle, em suas conquistas.

I  Omeçou el Rey Dom Ioã a governar, por falecimẽto del Rey seu pay, em Dezembro de mil quinhentos vinte & hum, entrando em idade de vinte annos. Casou com a Rainha Dona Catherina, filha de Dom Philippe Primeyro Rey de Castella, & Archiduque de Austria, irmã do Emperador Carlos Quinto. Foy dotado de muytas, & muy esclarecidas virtudes, porẽm a q̃ mais leva os ólhos, de quem leu suas Chronicas, he a singular piedade, & insigne religiam, de que Deos nosso Senhor, cõ singular mãõ o dotou: & ainda q̃ o outro gentio a dizia, que se nam dava bem no paço a piedade,

Festa que lhe fizeraõ os elementos.

Luc. 8. Pharisæi. Exeat a vobis, Qui velitis esse piius, virtus, & summa potestas. Non coeunt.

dade, por nam costumarem. Ser muy piedosos os Princeses muy poderosos; com tudo he certo q nenhuma virtude mais convem a hum Principe soberano, que a piedade, & religiam, que esta era a que no primeyro lugar o outro sabio^b encomendava ao seu Emperador Honorio, & esta he a com que mais os Reys se parecem com Deos, & com q mais contentam aos homens.

2. Desta singular virtude nos deyxou ratos, & admiraveis exēptos este piedosissimo Principe, primēyramente vemos como a goardou pera cō Deos, & logo diremos como a executava com os homens. Nam havia cousa em que mostrasse mayor gosto, & melhor applicaçam, que nas da devaçam, & culto divino, que procurou por em melhor ordem, nam só em sua capella real, mas tambem em todos seus estados. Se os templos falassem, se os mosteyros, os convētos, as sēs cathedraes (que por authoridade apostolica de novo pelo mundo levantou, ornou, & enriqueceo) pudēram falar, seriam nelles as linguas diversas, mas as vōzes seriam as mesmas, dizendo, que tudo o q em sy tē de lustre, de ornamēto, & rendas, tudo lhe deo este nam menos magnifico, que piedoso Rey.

3. Corramos as partes de seu Reyno, & conquistas delle:

em Portugal acharemos, q elle foy o que nomeou os primeyros Bispos nas cidades de Portalegre, de Leyria, & de Miranda. A Igreja Eborense, que dantes só era Episcopal, fez Metropolitana, nomeado por primeyro Arcebispo della o Cardeal Infante Dom Henrique seu irmam, q em tudo foy o primeyro: a Africa deo o Bispo de Caboverde: em Asia o de Cochim, & o de Malaca: no mundo novo o da cidade da Bahia, cabeça daquelle grande Provincia do Brazil, & nam se cōtentando com dar Bispos, & Prelados a seus vassallos, tambem os procurava aos estranhos, mandando a Ethiopia sobre o Egypto o primeyro Patriarcha da Igreja Latina Dō Ioam Bermudes, & depois o P. Ioam Nunez Barreto, primeyro Bispo, & Patriarcha da nossa Companhia, com dous Bispos seus coadjutores, & futuros successores, & outros religiosos da mesma Companhia, com notaveis despesas de sua real fazenda, como largamente apontamos, c desejando converter aquelle Imperio ao verdadeyro pastor da Igreja de Deos, nam reparando no gasto, que nisto fazia, porque mayor era o gosto que daqui tirava.

4. Por todas as terras ultramarinas de suas conquistas mandou edificar Igrejas, provenidas de bons pastores, de ornamētos,

Bispados que fez de novo.

c
2.p.l.6.ã.1

Donatuios q dava aos tēplos, & aos mosteyros.

prata,

b
Claud. in 4.
Coful. Honor. S. s. pius
imprimis,
nam cū vincamur in
omni Munere, sola
Deos æquat
clementia
nobis.

*Piedade
del Rey D.
Manoel.*

prata, & mais fabrica, sem perdoar a gastos, antes offerendo a Deos o primeyro, & o melhor que as terras de suas conquistas lhe offerciam; como testimunya ainda a custodia riquissima de ouro mocisso, que hoje se mostra no real mosteyro de Belem, a qual o religiosissimo Rey mandou fazer do primeyro ouro, que lhe trouxeram da Mina (que entam era a melhor, & a mais rica, quando se despendia com o Senhor) imitando nisto a singular piedade del Rey Dom Manoel seu pay, que do primeyro ouro de Sofala fez hũ relicario pera a sagrada mãe de Sam Gregorio Nazianzeno, por excellencia o Theologo, de que goza o insigne convento de Tomar: & da pedraria, & aljofar, que lhe veyo da India Oriental, fez hum riquissimo Põtifical, que mandou ao Papa Leãm Decimo, de tanto custo, & feytio, que o menos, em que na corte Romana ficou avaliado foy em seiscentos mil cruzados. Deyxo os presentes, que el Rey Dom Ioã mandou, & ainda hoje se goardam dentro em Ierusalem, & em Sanctiago, que foram de grande preço, entre os quaes neste grande templo o alampadario, que a este sagrado Apostolo mandou, excede a todos os que ally ha de grãde valor, mãdados por muytos Reys da Christandade: res-

plandecendo nesta alãpada nam menos a luz do fogo, que nella sempre arde, que a piedade do Rey, que a offerceeo.

5 Era nelle muy notoria, & louvada a devaçam, que tinha ao divinissimo Sacramento do altar, vendose bem na frequencia, & veneraçam com q todos os dias assistia à missa, na reverencia com que muytas vezes visitava o Senhor, no alvo-roço com que esperava pela solenidade da festa do corpo de Christo, em que todos os annos hia na procissam (como he costume) descuberto, com grande humildade, & reverencia, com todos os fidalgos, & cõmendadores; acõpanhando, & seguindo o Senhor com aventajada reverencia à de Iosué, & Salamã de traz da arca, & nam menor que à de David, diante da mesma arca do Senhor; que assim se esmeravam os melhores Reys nas melhores mostras de piedade, em cousas do culto divino. A mesma devaçam mostrava em quinta feyra da somana sancta, quando depois de lavar os pés a doze pobres (segundo uso dos Princepes, que entam melhor o parecem) com muyta humildade; & depois de ouvir a prègaçam do Mandato, sahia de dia com a Rainha, Principe, & Infantes, a correr as Igrejas de Lisboa, ou de Evora, a pè com grande recolhimento, & demõ-

*Devaçam
que tinha
ao Sanctis-
simo Sacra-
mento.*

straçam

straçam de piedade ; & que naquelles dias , & noytes sempre affistia na Igreja,ou no coro,cõforme o bom costume que herdâra delRey seu pay.

6 Desta perfeyta reverencia,que o bom Rey tinha a todas as cousas sagradas , & divinas,lhe nascia a grande obediência,amor,& respeyto , que sempre teve â Sé Apostolica , & ao Vigario de Christo na terra ; q̄ era tal que nem a guerra,que o Emperador Carlos Quinto seu primo,& seu cunhado teve com o Papa Clemente VII. nem a que depois elRey Dom Philippe Segundo,seu sobrinho,& seu genro , fez ao Papa Paulo IV. foy parte pera de algũa maneyra diminuir a devaçam ; q̄ sempre teve ao Summo Pontifice, antes seu desejo,& gosto era em tudo conservar o privilegio que parece foy dado por Deos a esta coroa de Portugal,a qual nũca teve Rey,que fizesse guerra ao Papa, com nota de heresia, ou scisma (ainda em tempo do Antipapa Benedicto , a quem seguiam os Castelhanos, nossos visinhos, nem nõ tempo de outros Antipapas , que ouvẽ nos quarenta annos,q̄ durou aquella scisma condenada no Concilio Constanciense.) Couza que em poucos outros Reynos da christandade se achãrà,fazendo Deos a este seu Reyno unico neste , & em outros privilegios,

que sempre lhe conservará , le sempre lhos soubermos merecer.

7 O zelo de conservar , & estender a fé catholica , que sempre ardeo em seu peyto , o moveo,vistas as perigosas novidades, & alteraçoes , que em outras partes, & provincias hia causando a heresia (que costuma ser total ruina dos Reys , & incendio das republicas) a trazer,& estabalecer em seus Reynos o sagrado Tribunal do sancto Officio da Inquiçam,rompendo as difficuldades , & desfazẽdo os embaraços,que o demonio em Roma punha ao abrir dos alicesses desta invẽcivel torre de omenajem,& fortaleza da fé, segundo consta de huma copiosa carra de sua Alteza pera o Papa Paulo Quarto , que mostra bem quanto trazia nos õlhos , & tinha no coraçam a honra deste sagrado Tribunal, tam importante pera defender, & conservar a fé em sua pureza, & sinceridade , que pois nestes tẽpos,& deste Reyno, como de outra cidade de Siã,saye a ley & prẽgaçam Evangelica , pera tantas partes de Africa, Asia, & mundo novo,convẽ estar nelle a semente da palavra divina,pura,& limpa,sem mistura da zizania ; que por outros Reynos o inimigo vay semeando secreta, & publicamente,& pera senam dormir,& haver vigia lhe veyo

Como trouxa Inquiçam a Portugal.

Obediência que tinha ao S. Pontifice.

Grande christãdade de Portugal.

do céu esta atalaya, que esperta os pastores, & affugenta os lobos.

8 Já se fahirmos dos limites de Portugal, & estendermos a vista pela Asia Oriental, pela nova Ethiopia, em Africa; & pelo mundo novo, no Brazil, & mais terras desta cõquista, veremos claramête, quãto foy o cuydado, & industria, que o serenissimo Rey poz na conversã da gentilidade, & como com a prẽgaçam do Evangelho, passou muyto alem, donde seu pay cõ suas armas, & venturosos descobrimentos tinha chegado. Pois em seu tempo, & por sua ordem esclareceo de novo a luz da sãcta fẽ, em muytas Ilhas, & Reynos, em especial nos do Iapã, que reynando sua Alteza foram descubertos, & illustrados, com o resplandor do Evangelho, por meyo do sanctissimo Padre M. Francisco de Xavier, Apostolo daquellas partes; que tambem o fora dos grandes Reynos da China, se a morte o nam tomãra às portas della. Conforme a esta singular piedade, a primeyra carta que escreveo à India, em tomando pôsse do governo foy sobre cousas da religiam, ao Visorrey Dom Duarte de Meneses, filho de Dom Ioã de Meneses, & de Dona Luiza de Castro, na qual sobre tudo lhe encommendava, que favorecesse muyto a christandade, & pro-

vesse bem os ministros do Evãgelho, pera que se nam divertissem de seu officio a chatinar, cõ achaque da falta do necessario. E porque tinha ouvido, que na cõsta de Choromandel estava o sepulchro de Sam Thomê, lhe encõmendou muyto, que trabalhasse por descobrir tam grande thesouro, como se mais prefallsse este, que os das minas.

9 Tambem as ilhas Malucas, em tempo del Rey Dom Ioã tiveram as primeyras alvoradas da prẽgaçam Evangelica, que com summo zelo, & christandade, promoveo por sua ordem o capitã Antonio Galvam, filho de Duarte Galvam, nam menos venturoso em sogeytar por armas, & meter debayxo do jugo Portugues aquella fẽra gente, que em conquistar a idolatria, & ganhar almas pera Deos, com tam grande successo, que já quando el Rey Dõ Ioã faleceo, deyxou bautizados doze Reys daquellas partes, com suas familias, & vassallos, pondo por terra todas as melquitas, & pagodes, que havia nos taes Reynos, obrando estas cousas, como a primeyra, & mais principal, em que podia servir, & agradar a seu Rey, & a que elle principalmête assim por palavra, como por escrito cada anno mais encommendava a seus Visorreys, & Governadores, afirmandolhes, q̃ entam se have-

Os progressos na fe q̃ houve em Maluco.

Como procurou a conversã da gentilidade.

riapor senhor d'aquelles estados, quando a ley de Christo tivesse a posse delles. Pera isto melhor se effeytuar, passava em muytas occasioens, que elle mesmo buscava, provisoens de merçes, de privilegios, & honras pera os que de novo se fogeytavam a nossa sancta ley, sem respeyto a gastos, & sem temor de despezas; nam sabendo nunca negar cousa, que pera bem da christandade se lhe pedisse.

IO A seu zelo sancto se deve tambem a conversam dos gentios d'aquella parte do mundo novo, a que chamamos Brazil, que deyxou descuberto el-Rey Dom Manoel seu pay, mas ainda muyto inculto, muy sylvestre, & pouco povoado: por onde com rezam del-Rey Dom Ioam o Terceyro, he propria a gloria, que os Gregos^a antigamente davam ao seu Deos Mercurio, & ao seu Rey Theseo (contando delles que souberam com sua politica, & boas traças, amañçar gente fera, & domesticar brutos) pois elle pode com a doutrina do Evangelho, doutrinar, & policiar os que eram tam barbaros por natureza, & tam rudes por costumes. Elle foy o que principalmente dividio toda aquella terra, que tem mais de mil legoas de costa, em capitancias, mandando colonias de gente Portuguesa,

pera as povoar. Elle foy o que escolheo Padres da Companhia de IESV, pera os doutrinar, como já contey.^b Elle foy o que mandou o primeyro Governador, & o primeyro Bispo, que fizeram seu assento na cidade do Salvador, q o mesmo Rey mandou edificar de seus fundamentos, na Bahia de todos os Sanctos. Nem faltou seu ardere zelo ao barbaro gentio de Guiné, porque ao Reyno de Cogo mandedu por vezes Prégadores religiosos, assim da sagrada Ordem de Sam Domingos (que por muytos annos trabalharam naquella nova, & inculta vinha) como tambem da nossa Companhia, como apontey na primeyra parte.^c

II Nam se esquecia este christianissimo Rey, no tempo em que perpetuava a fé fóra do Reyno, de perfeçoar a vida religiosa, nos que a professam em Portugal, & por esta rezam muytos lhe chamaram reformador das Religioes, pera este intento mandou vir de outros Reynos algus varoens insignes em virtude, observancia, & religiam, que em Portugal procederam com grande exemplo, quaes foram os muy veneraveis Pádres Fr. Luis de Granada, & Fr. Francisco de Bobadilha, ambos filhos dignissimos do grãde Patriarcha S. Domingos. Item os muy graves, & muy religiosos

O que fez no Brazil seu sancto zelo.

^c Hor. l. i. Od. 10. Qui ferros cultus hominū recentū voce formasti, &c

^b 1. p. l. 3. c. 1.

^c 1. p. l. 2. c. 28 & 29.

Como reformou as religioens.

Padres Fr. Frâncisco de Villafrâca, & Fr. Luis de Mōtoya varâm muy esclarecido em sanctidade, ambos Visitadores, & Reformadores geraes da Ordē dos Ermitaens de Sancto Agostinho; & outros que com singular destreza, & prudencia restituiram em grande parte as Religioens neste Reyno ao lustre, & resplendor de seus antigos costumes.

12 Com este mesmo zelo fez vir do mosteyro de nossa Senhora de Goadelupe ao Reverendissimo, & gravissimo Padre Frey Antonio Moniz, da Ordem de Sam Ieronymo, conhecido em prudencia, authoridade, & virtude, o qual por ordem del Rey Dom Ioam, com authoridade Apostolica, no anno de mil quinhentos vinte & tres, reformou o mosteyro de Tomar, que antes era de Clerigos seculares, fazendoos Religiosos, debayxo da regra de Sam Bento. E pera estender mais esta nova Ordem, âlem de acrescentar o mosteyro de Tomar, com muytas officinas, & fermosas claustras (entre as quaes ha hum de real architectura, que depois acabou el Rey Philippe o Prudente) lhe deo a Igreja de nossa Senhora da Luz nos arrabaldes da cidade de Lisboa: & lhes principiou outro Collegio na cidade de Coimbra.

13 Nesta gloriosa empreza de reformar as Religioens, & as reduzir a seu antigo lustre, meteo tanto cabedal o religiosissimo Principe, que nam reparava em gastos de dinheyro, pelo gosto que tinha do bem dos Religiosos. Tratando humavez, em seu Conselho, da reformaçam de hum Ordem, & reparando todos nas grandes despezas, que isto demandava, affirmou hum do seu Conselho, que se requeriam, ao menos, trinta mil cruzados; cuydava este ministro, que impossibilitava a reforma, manifestando os custos: porêm o magnifico Rey lhe respondeo estas formaes palavras: *E isto que he? monta tanto diante de Deos, & dos homens reduzir se hum Religiam a seu primeyro espirito, que nam só trinta mil cruzados, mas de boa vontade empenharey a coroa; & assim nam haja aqui atentar pera gastos, em negoceo de tanta gloria de Deos.* Estas palavras disse, & mandou logo por a mãm á obra, reprehendendo o conselheyro, & reformando a Ordem.

14 Nam sò reformou as Religioens antigas, senam que tambem procurou introduzir no Reyno outras, como foy a da Companhia, segundò tenho contado; & as duas Provincias de Capuchinhos da Ordem de S. Francisco, a que chamam da Piedade, & da Arrabida, que

Gastos em reformar as Religioens.

Religioens que introduzio no Reyno.

em

Fr. Antonio Moniz reformador de Thomar.

em seu tempo, & com seu favor tiveram principio em Portugal; o exemplo dos quaes Religiosos na humildade, afpereza de vida, & sancta pobreza, tem em summo grao edificado, & consolado este noslo Reyno. Esta foy a piedade, & o zelo deste piedosissimo, & zelosissimo Princepe; o qual muy bem merece o titulo, que Sancto Agostinho dá aos Reys amigos da piedade, & das Religioens, chamandolhes bemaventurados.

CAPITULO LVI.

Da grande clemencia, & real liberalidade deste magnifico Rey Dom Ioam Terceyro.

Imos a piedade, & liberalidade del Rey D. Ioam pera cõ Deos, vejamos como goardou tambẽ estas virtudes cõ os homẽs: notavel foy sempre, & bem conhecida no mundo a brandura, humanidade, & clemencia deste piedosissimo Princepe, o qual com esta tam divina virtude se fazia amado, querido, & estimado de todos seus vassallos; a alegria de seu rosto fazia alegre a seu povo; experimentando todos

nelle o que diz o Espirito Sancto, ^a que assim como o fresco orvalho da menhã mais serena, faz melhor crescer a herva do prado, assim o bom agrado, o sembrante alegre do Rey benigno, faz crecer a seus vassallos com nõvos alentos, falos tomar espiritos, & falos ganhar melhores brios.

² Parece que nam tinha mayor gosto, que em perdoar, & fazer bem; & posto que nelle o braço da justiça era igoal ao da misericordia, com tudo imitava a Deos, no qual sendo igoaes os attributos na essencia, nos parecem diferentes nos effeytos; porque ainda que a justiça divina pèza tanto, como sua misericordia (pois em Deos as suas perfeçoens sam a mesma cousa indivisivel, & nam podemos dizer, que nelle ha mais, nem menos) com tudo com o Propheta Rey, ^b temos licença, pera confiadamente apregoarmos, que as misericordias de Deos realçam melhor sobre suas melhores obras: assim socedia neste piedoso Monarca, nelle havia misericordia, & justiça, ambas se uniam, & ambas se ermanavam, como se fossem duas irmãs: senam que a misericordia era a irmã mais velha, a primeyra, a mais mimosa, & a mais privilegiada: eram como duas mãos, a justiça era a mãm esquer-

^a
Prou. c. 19.
n. 12. Sicut
ros super
herbam, ita,
& hilaritas
Regis.

*Mais era
inclinado
a perdoar,
que a castigar.*

^b
Psal. 49. n. 14
Misericordia
eius super
omnia
opera eius.

^d
Aug l. 5. de
Ciuir. ca. 24.
Illos felices
& beatos
Reges iudicat
christiana religio,
qui suam potestatem ad
Dei cultum
maximè dilatandũ, &c.

da, a mais fraca, & a menos activa; a misericordia era a mãem direyta, a mais nobre, a mais valente, & a mais operativa.

3 Muytos exemplos nesta materia podiamos aqui referir; achavale todas as festas feyras na Relaçam, & nam consentia fulminarse sentença de morte, sem grande consideraçam, & queria que sempre fosse em sua presença, lembrando aos juizes, que, antes de dar a sentença, advertissem quanto custa a vida, & a criaçam de hum homem. Cõ esta mesma clemencia mandou que se nam goardasse a ley antiga de Portugal, que despunha, que os ladroens fossem marcados no rosto; ordenando que lhe dessem outra pena, & lhe puzessẽ a marca, em outra parte do corpo, & nam no rosto; como quem tratava de emmẽdar a culpa, & nam de afrontar a pessoa, acudindo com o castigo, & nam faltando com o decõro; havendo que se era bem castigar, nam era bem deshonnar; & dando por causa desta sua disposiçam: que os taes podiam mudar seus maos costumes, & de ladroens vir a ser Sanctos; & assim que nam convinha, que o final de seu rosto, os andasse indiciando, & apregoando por maos, em tempo, em que já podiam ser bons: & julgando que nam convinha mandar affear

*Ley antiga
de marcar
na face os
ladroens.*

a face do homem, que por natureza he livre, com hum ferrete de tanta afronta.

4 Parece que aprendeo este benigno legislador do mesmo Deos, que querendo que seu povo se distinguisse das outras gentes, nam permitio que no rosto trouxesse o final da circunsisam, porque, como judiciosamente notou Ruperto, ^c a circunsisam, posto que foy remedio de culpa, tambem foy ferrete de peccado, & nam era bem que sempre no rosto humano, se lessem sinaes de culpa, & se vissem marcas de peccados. Esta ha de ser a condiçam do Principe, como bem disse Seneca, ^d que de tal maneyra ha de curar a ferida, que se alcance a saude, & nam se agrave a chaga.

5 Nas palavras era tambrando, tam considerado, & tam comedido, que neste particular corria as parellhas com seu cunhado o Emperador Carlos Quinto, que a ambos, entre os Princeses do seu tempo, se dava este louvor de ninguem lhes ter ouvida alguma palavra aspera, & descomposta. Nem lhe faltaram occasioens, em que nos deyxasse neste particular nobres exemplos de sua grande mansidam, & clemencia, porque ouve casos, em que alguns seus vassallos, se lhe descompuzeram com palavras

^c
Rup. l. 5. in
Gen. ca. 31.
Quia si in
naso, aut la-
bio signum
circuncision-
is posuisset,
damno-
sa utiq; ma-
culam faciem
hominis detur-
passet.

^d
Sen. ad Ner.
de Clem. li.
1. c. 17. Agat
Principes cu-
ram non tantum
salutis,
sed etiam honesta-
tricis.

solras, que nem os Reys fogem da ira de pretendentes descomedidos. Socedeo requerer diante de sua Alteza hum homem conhecido sobre certo negocio, em que elle cuydava (como he ordinario dos requerêtes) q̄ tinha por sy toda a justiça; & ou fosse por sua pouca criaçam, ou pela reposta nam fer tanto a feu gosto, entrou em colera, dizendo algũas palavras, com notavel importunaçam, & descomedimento. Porém o serenissimo Princepe entam mais senhor dos outros, quando melhor se soube senhorear a sy, por nam dar algum final do sentimento, que lhe sobreveyo, se recolheo sem responder palavra, mais sêtido da interior payxam que lhe repontava na alma, que da exterior descomposiçam, que vira no vassallo; dizêdo depois a Dom Antonio de Ataide, Conde da Castanheyra, que era muy seu valido, & de quem faley na primeyra parte, que toda sua vida fora triste se em alguma cousa se descompuzera com aquelle fidalgo.

6 Sua brandura, & muyta affabilidade a todos agasalhava, & ninguem de sua presença sahia descontente; muytos exemplos desta materia pudêra contar aqui. Estando hum dia á janella do seu paço, vio passar hũ Religioso de Sam Francisco cõ a sacola, & advertio que chegã-

do a outras portas a fim de lhe darem esmola, passou de largo pela porta do paço; mandao o Rey benignissimo chamar, recebeo com bom agrado, perguntalhe com hũa amorosa queyxa, q̄ mal lhe fizera aquella porta, pera nam chegar a ella a pedir esmola? dizendo isto lhe mandou dar huma boa esmola, com ordem, que sempre a dessem aos Padres de Sam Francisco, que a viessem pedindo, por aquella rua. Tal era a benignidade deste grande Princepe, que se dava por agravado, quando lhe nam pediam esmola.

7 A hum fidalgo que veyo da India, tomaram na casa da India por perdidos hũs bisalhos de pedraria, que valeriam doze mil cruzados; & os levaram a el Rey, dandolhe conta daquella tomadia, que lhe pertencia, por nam vir registada; porém elle, julgando que nem sempre se ha de uzar do rigor das leys, mandou chamar o fidalgo, perguntoulhe muy amigavelmente, como vinha de saude, depois de tam larga navegaçam, & se trazia alguma pedraria? Sim trazia, Senhor, respõdeo o fidalgo, mas os officiaes da casa da India ma tomaram, & assim perdi no porto o que salvey no mâr. Conheceylaheis, lhe tornou el Rey a dizer? Sim senhor, & muyto bem: mostroulha logo el Rey, dizendolhe, he esta? E

O que fez a hum fidalgo da India.

*c
p.l.i.c.ii
an.5.*

*Esmola q̄
deo a hum
frade de S.
Francisco.*

mandoulhe que a levasse: sahio o fidalgo mais contente do que sahira da casa da India, levâdo os seus bizalhos, entam mais preciosos, quando saham de taes mãos, que ficavam mais ricas, quando mais enriqueciam.

8 Geralmente falando todos em sua benignidade achavam remedio; & daqui tambem lhe nacia a facilidade com que todos com elle tinham entrada, sendo neste particular muy diferente o norte que seguia, do que costumam commummente levar os Reys, que pretendê grangear estima da pessoa, com a difficuldade das entradas; fechandose tanto, que nem seus mesmos vassallos tal vez os conhecem, senam he, como dizia Seneca,^f por beneficio dos pintores: de sorte que se nam fosse o pintor, que nos poem em publico o retrato do Rey, pera o vender, mal o poderiam muytos conhecer pera o amar; nam advertindo que melhor se conserva a magestade real, com abrir as mãos, que com fechar as portas.

9 Bem estava nesta verdade el Rey Dom Ioam; os estrangeyros que a este Reyno vinham se espantavam, de ver quam facil audiencia dava a todos em seu paço, & fóra delle: & o que mais he, com quanta confiança sahia fóra de casa sem goarda de archeyros de pé, &

sem gente de armas de cavallo; tendo por mais firme, como ao Emperador Honório ^g se dizia, a goarda do amor, que as lanças dos soldados: & a mesma experiencia nos tem ensinado, acrescentava Plinio a Trajano, que nam ha mais fiel goarda, pera hum Princepa, que a sua mesma innocencia; porque as armas provocam outras armas, & o amor grangea outro amor; & pelo contrario, como o outro dizia,ⁱ ninguem mais teme que o que he mais temido.

10 E com tratar seus vassallos com tanto amor, & facilidade, nam diminuia coula algũa de sua real authoridade, que se pre conservou na magestade de sua pessoa, verdadeyramete digna de Imperio, pois até aquelles que nunca o tinham conhecido, a primeyra vez que o viam, advertiam ser aquelle o Rey; & metido entre milhares, logo parecia, que aquelle era o principal, só porque representava ser o melhor: nem havia quem nelle pozesse os olhos, que logo lhe nam dêsse o coração. Tal era como dizia Plinio ^k ao seu Emperador, a concordia das virtudes, a armonia de suas boas partes, que nam despintava o mais alto da gravidade de Rey, com o mais brando da humanidade de amigo. A nenhum seu vassallo soube huma vez o nome, que lhe esquecesse mais; cõ

nenhum

Tinha muyto facis entradas.

^f Seneca.
Regem agnoscamus beneficio pictorum.

^g Claud. in 4. Conf. Hon. Non sic excubiæ, non circumstantia castra, Quæ tutatur amor.

^h Plin. ad Traj. Discimus experientia, fidissima esse custodia principis ipsius innocentiam.

ⁱ Claud. in 4. Cõsul. Hon. qui terret plus ipse timet.

^k Plin. ad Traj. At principi nostro quæta cõcordia omniũ laudũ, vt nihil maiestati humanitate detrahatur.

nenhum falou, a quem depois desconhecesse; como se este fosse o seu estudo; & nelle esta a ligam que trazia mais bem decorada.

CAPITULO LVII.

Continuase a mesma materia da clemencia, & real liberalidade del Rey D. Ioam

Terceyro.

I



Om este mesmo amor, & piedade, acudia com grandes esmolas; nas

Esmolas que fazia.

faltas, & necessidades publicas; com tanta liberalidade; & prevençam, que na grandesa da mercê mostrava ser Rey, & no gosto de a fazer se via que era amigo: caçava cada anno muytas orfãos, sustentava com rênas ordinarias muytas viuvas, & filhas de seus vassallos, resgatava muytos cativos, vestia muytos pobres, & pera estas, & outras semelhantes obras mandava abrir seus thesouros. Deste prernal affecto, & amor, q tinha a seus vassallos, lhe nacia sentir mais as perdas dos vassallos, que as proprias luas. Socedeo huma vez, pegarse de noyte o fogo, por desastre, em huma fermosa nao, que estava surta defronte dos seus paços da ribeyra, preparandose pera a India, & ten-

do já dentro muyta fazenda; & eram tam espantosas as nuvens do fogo, & subiam tam alto, as labaredas, que sahiam da fogueyra deste grande monte de madeyra, que igoalmente allumiavam, & assombravam toda Lisboa; nam lhe valia a nao estar ardendo em fogo sobre a agua, porque parece que pera sua destruiçam se uniam, & faziam liga estes dous tam encotrados elementos.

2 Acudio o mesmo Rey a grita, que se levantou; & a primeyra couza que perguntou (como a que mais lhe doia) foy, se ardia ally alguma fazenda das partes, & respondendolhe que sò a fazenda real ardia, porque sò essa estava embarcada, & arrumada, se alegrou, como se aquella nao naquella mesma hora lhe viera da India a salvamento, carregada de drogas preciosas. Mostrando este magnifico Rey, que mais estimava o bem de seus vassallos, que a riqueza de seus thesouros.

3 Era finalmente tam grãde o amor deste Rey magnifico a seus vassallos, era tanto o que lhes dava, & o que por elles repartia, que a muyta liberalidade lhe chegava a ser impedimento à mesma liberalidade, porque por muyto dar parece que chegava a nam ter que dar; mas aqui mostrava o Senhor, que nunca o repartir com

Notavel amor aos vassallos.

sa hũa, & outros, que Deos dar á pe-
ra todos. Assim ensinou ao Vea-
dor, & mostrou sua real Benig-
nidade, porque nam tinha só
os criados, pera ser servido del-
les, senam tambem pera os aju-
dar a elles, porque se era senhor,
tambem queria ser pay.

6. Porém porque gostava
tanto de dar, nunca lhe faltou
que gastar, por mais que muy-
tos lhe hiam á mãõ. Em Lisboa
boa acabou aquelle famoso tẽ-
plo do mosteyro de Belê, prin-
cipiado por seu pay, cujo corpo
com o da Rainha sua mãy, &
irmãõ o Infante Dom Affonso,
tresladou pera a dita Igreja. A-
crescentou o hospital real da
mesma cidade. Em Coimbra,
ãlem do Collegio da Compa-
nhia (de cuja grandesa diffemos
muyto nestes livros) fundou o
Collegio de S. Thomaz, da Or-
dem dos Padres Prêgadores (o
qual tinha sido principiada por
el Rey Dom Diniz) & lhes deo
rendas pera sustento dos Reli-
giosos. Fundou mais os dous
Collegios de Sam Ieronymo, &
de Sancto Agostinho: deo ren-
das ao Collegio dos Padres do
Carmo, & deo o sitio ao Colle-
gio dos Padres de Tomar, &
lhes principiou a fundaçãõ, q
sem duvida acabaria, se primey-
ro se lhe nam acabasse a vida.
Aos hospitaes, & aos Religiosos
do seu Reyno acudia com libe-
raes, & continuas esmolos de

dinheyro, de trigo, de pano, pro-
vendoos tambem de pimenta,
de canella, & de outras drogas
da India, de incenso pera o cul-
to divino, & de açucar, & ou-
tras cousas, pera os enfermos;
como senam só fosse Rey, mas
tambem quizeste ser enfer-
meyro.

7. As mesmas esmolos mã-
dava algumas vezes aos hospitaes,
& Religiosos de Castella,
& Galliza, porque como delle
disse o Bispo Aluisio Lippoma-
no (que foy em seu tempo Nũ-
cio nestes Reyuos) pera tam
grande liberalidade era peque-
no campo Portugal. E em espe-
ciala todas nossas Casas, & Col-
legios da Companhia de Hes-
panha, França, Italia, & Alema-
nha, mandava, todos os annos, as
mesmas esmolos de drogas da
India, & do Brazil, ficando todos
aquelles Religiosos nam sòmẽ-
te obrigados, mas tambem es-
pantados, vendo sua liberalida-
de, & reconhecendo seu amor.

8. Nam se limitava sua grã-
deza em acudir só a Religiosos,
senam que tambem fez muytas
obras muy reaes, & grandiosas,
nas quaes ficou seu nome enta-
lhado, & sua memoria immor-
talizada; ^b elle foy o q edificou,
entre outras, duas muy insignes
fortalezas, a de Mazagam em
Africa, que depois acrescentou
el Rey Dom Henrique seu ir-
mãõ; a de Dio no Reyno de

Mandou
muytas es-
molos fora
do Reyno.

^a
Lippom. in
Exod. Au-
gusta mise-
ricordiae e-
ius tota quã-
ta est Luli-
tania fuit.

^b
Vasc. in Io-
ann. 3. fol.
295.

Fortalezas
q edificou.

Obras sũ-
puzos q
faz.

Collegios
de Religio-
sos q fun-
dou.

*Cano da
agoa da
prata em
Evora.*

Cambaya; & outras que refez em Portugal, & começou no Brazil, pera que na Africa, na Europa, na Asia, & no mundo novo, servissem de padrao de sua gloria. Na cidade de Evora (a qual era muy affeyçoado) restaurou de novo com grande magnificencia, o celebrado cano da agoa da prata (edificado antigamente por Quinto Sertorio Romano, dos despojos da guerra Celtiberica, em favor, & honra daquelle Municipio Romano) estando já em tempo del Rey Dom Ioam quasi de todo derrubado, & desfeyto: que foy obra nam menos custosa, que grandiosa, por vir esta agoa de mais de huma legoa, por arcos reaes de cento em cento, offerrece-se a toda a cidade, & repartirse por todos os mosteyros, q̄ como era obra de hũ Rey tam liberal, tam benefico, & tam magnifico, bem era, que abrangesse a todos, ficando a cidade provida com copiosa agoa, & suas praças ennobrecidas com fermosas fontes, que lhe mãdou fazer. Chamase esta agoa da prata, pela muyta prata que nella se gastou, porẽm a obra he tam real, & tam proveytosa, que ainda que custou muyta prata, bem val outro tanto ouro.

9 E se no Evangelho se fez cõmemoraçam de Iacob, n̄ por quanto na herdade que deyxou a seu filho Ioseph, junto da

cidade de Sicar, abriu hum poço, do qual elle, seus filhos, seu gado, & os moradores da Samaria bebiam: & se a divina escriptura faz particular mençam da piscina, & cano que fez el Rey Ezechias, o pelo qual meteo a agoa em Ierusalem; quãto mais honorifica memoria, quantos mais louvores nos merece nesta obra este nosso magnifico Rey, nam por abrir hum poço, do qual o que havia de beber, necessariamente havia de tirar a agoa à força do braço; senam por nos abrir tantas fontes, por nos descubrir tanta abundancia de agoa, & nola trazer com tanta liberalidade, que sem esperar, que a tirem à força; nem ainda que a vam buscar fóra, dentro das mesmas casas, dentro dos mosteyros a vay offerrecer.

CAPITULO LVIII.

Da grande prudencia del Rey Dom Ioam, & de como sempre conservou a paz, & favoreceo as letras em seus Reynos.

I **N**E tam propria perseyçam dos Reys a sabiduria que sem ella ficam os homens indignos de o

^e
Isaia c. 36.
num. 2. & 4.
Reg. ca. 18.
n. 17. Ste-
runt iuxta
aqua Iudæ
piscina, &c.

n
Ioan. c. 4. n.
11. Iacob,
qui dedit
nobis pute-
um, & ipse
ex eo bibit,
&c.

fer ; que por este respeyto foy ordinario entre os antigos, principalmente Perfas, & Egypcios, juntarem o cetro com o sacerdocio, havendo que como da boca dos sacerdotes, se ouvia a sabedoria, em sua mãm se devia ver o cetro. Nẽ Melchisedech fora Rey de Salẽm, ^a senam fora sacerdote do Altissimo . E pois já dissemos da piedade, & religiam, de que elRey D. Ioãm uzou com a fé, & Igreja, na qual parece se igoualou a qualquer perfeyto religioso, & sacerdote, em consequencia havemos de dizer de sua prudencia, & sabedoria, em que se aventejou a muytos Reys: tanto que comparando alguns sens vassallos a elRey Dom Manoel seu pay, com David, por todo se empregar em armas, & conquistas, a elRey Dom Ioãm seu filho, como a Rey sabio, & pacifico, cõparavam a Salamãm (que assim lhe chama, por voz de todos, o Bispo Aluisio Lippomano ^b) por manter, como elle mostra, seus Reynos em justiça, em abundancia, & felicidade; por engrãdecer a fé mais, que todos os Reys passados, dilatandoa com pregaçam, fortalecendoa com o sancto Officio, illustrandoa cõ a luz da Theologia, & das sciẽcias, que trouxe, dandolhes alsentõ na sua cidade de Coimbra, fundando nella huma real Vniversidade, no anno de mil

quinhẽtos trinta & quatro, que dotou com renda de mais de trinta mil cruzados: provendoa de Mestres, de Doutores, de Ministros, & Prégadores Evangelicos, que de todas as Religioens, & ainda de outros Reynos, & Vniversidades, procurou trazer armados de virtude, & eruditos com doutrina, careandoos com grandes partidos, & fazendoos vir a muytos delles das melhores Vniversidades de Europa, aos quaes Mestres favorecia tãto, q̃ neste particular renovava, & ainda vencia a humanidade delRey Ptolomeo, ^c Filadelfo, em hõrar sabios nas suas eschõlas de Alexãdria: igoualãdo se cõ a do Emperador Carlos Magno, ^d nos favores, com que engrãdeceo as sciencias, & a sabedoria, que mudou de Athenas, pera Paris, enriquecendo a sua França, com o melhor q̃ achou em Grecia.

2 Nam foy pequẽna demonstraçam do gosto, com que favorecia as sciencias, querer na hida q̃ fez a Coimbra pouzar em casas alheyas, por largar seus paços reaes, pera aposento da Sabedoria; & em nam consentir fazeremselhe, na cidade outras festas, senam literarias. Na mesma cidade fundou por este respeyto os Collegios, de Religiosos, de que já falley; pera que assim, como na virtude procurava tanto a perfeçam

^a
Gen. c. 14. n. 18. Melchisedech Rex Salem, &c. erat enim sacerdos Dei altiss. mi.

Chama-
vãlhe Rey
pacifico.

^b
Lippom.
Prol. in Ex-
odi. In veri
Salomonis
similitudinẽ
Regis paci-
fici nomen
meritõ cõ-
secutus esse
diceris.

^c
Atheneus l.
5. c. 17.

^d
Auẽtin. lib.
4. Annaliũ
Boiorum.

*Quão flo-
receram
as letras
em Coim-
bra.*

religiola, o mesmo fizesse na das letras, que nam sòmête dam lustre aos Reynos, mas ornam as Religioens, & ajudam a conservar a huns, & outros, na policia da virtude, & a nam cahirẽ em bayxos de ignorancia. Nem me espanto (aonde o favor real era tam grande) florecerẽ tanto, & em tam breve tempo as letras em Portugal, que logo da Vniversidade de Coimbra sahiram Doutores eminentes em todas as faculdades, de que nam sòmête se proveo o Reyno, mas outras antigas, & celebres Vniversidades; pois dos filhos desta teve aquella tam insigne Salamanca muytos Lentes de Prima, do direyto civil, continuando algũs delles por sucessam de hum a outro, os quaes com algũs outros Doutores de grande fama, acrescẽtãram o nome de letras em Portugal, que atẽ entam mais o teve de armas: de sorte, que assim como dos Gregos^d se dizia em Roma, que eram doutos, mas covardes; assim dos Portugueses corria, que ainda que eram muy valentes, nam eram muyto sabios; porẽ el Rey Dom Ioãm mostrou ao mundo, que os Portugueses tinham braço pera peleyjar, & tinham engenho pera estudar.

3 Com sua grande prudẽcia soube temperar as cousas de sorte, q ardendo naquelle tẽpo Hespanha, França, & Italia, em

guerras, entre Princepes christãos, tal meyo de prudẽcia tomou este pacifico Salamã, que com todos soube conservar a boa amizade, sem faltar, nem no que devia ao sangue, & liança, que com o Emperador Carlos Quinto tinha, nem com a boa amizade dos outros Princepes cõtrarios ao Emperador: o seu gosto era ser terceyro entre elles, mandando a huma, & outra parte seus embayxadores, procedendo com huns, & outros, com tanta cautella, & aviso, que a nenhum deyxou agravado, & a todos tinha obrigados.

4 Era admiravel seu saber na escolha. que fazia de homẽs, pera as occupaçoens, como logo mostrarey nos Governadores, que mandou á India; nam se servindo senam de pessoas muy judiciosas, de grande luz, & expediente nas cousas, pelo que todos os de seu conselho, & os validos, acerca de sua pessoa, eram homẽs de conhecida prudẽcia, & grandes partes, & os conselheyros taes, quaes o Espirito Sancto e manda escolher, Hum entre mil: & dos milhares o unico foy o serenissimo, & prudentissimo Infante D. Luis seu irmã, de cujo parecer sẽpre fez muyta conta, por assim o merecer nam só sua grande virtude, & prudẽcia, mas o singular modo, que em seu proce-

^d
*Oui. Gracia
faciãdũ, sed
malẽ forte
genus.*

*Como foy
amigo da
paz.*

^c
*Eccl. c. 6. a
6. Confilia-
rius tibi f
vnus de
mille.*

dimento sempre teve. Nem he o menor dos louvores d'este muy louvado Rey ver a grande paz, & singular conformidade, que sempre goardou com este esclarecido Infante, & com os mais Infantes seus irmãos, cousa que no mundo, como o outro disse, ^f he muy rara, porque entre irmãos aonde os empenhos da natural amizade deviam ser mayores, os odios tal vez costumam ser mais entranháveis, q assim começou logo o mundo nos primeyros dous irmãos; ^g & assim começou Roma, em seus primeyros fundadores; potém entre estes serenissimos irmãos os primores da benevolência, vêciam as falhas da natureza:

5 Com isto cobrou tam singular reputaçam com todos, que junto com a magestade de sua pessoa verdadeiramente real, todos reconheciam nelle tal eminencia de prudencia, que muytos ainda grandes fidalgos, aos quaes o fangue, & autoridade d'avam mais confiança, & facil entrada, vindo diante d'elle a lhe falar, se perturbavam, sem atinar com o que haviam de dizer: & hum fidalgo de muytos serviços, diante d'elle se embarçou, & perdeu o titio, de sorte, que de todas as cousas que levava cuydadas, pera representar a sua Alteza, nem huma sò lhe lembrou; antes levantandose disse: *Senhor, sey-*

vos servir, & nam vos sey pedir, foy-se-me da memoria tudo o que trazia pera dizer. Fazey por vos lembrar, respondeo elRey, até a manhã, ou o outro dia, & esquecendovos vós, eu me lembrarey. Assim socedeo, porque ambos ao outro dia se lembrâram, o fidalgo pedindo, & o Rey concedendo. Nam se descuydou menos o Conde do Prado cheyo de cans, vindo huma vez diante de sua Alteza, sem saber falar em sua presença, no que queria pedir, chegou a lhe cahir da mão hum memorial, que trazia sem dar disso fê: ido o Conde mandou elRey levantar o papel, & vendo que era de petiçoens do Cōde, posto que nelle se continham algumas de importancia, de todas lhe mandou logo provisam affinada, sem o Conde mais nisso intrevir, como se pera elle fossem escusadas as petiçoens, quando lhe constava dos serviços.

6 Além da singular madureza de juizo, & luz de entendimento, que neste Rey era muy grande; & além do respeito, & veneraçam de sua pessoa, se via nelle outra eminencia de sabiduria, nascida de dous principios, praticados mais na eschola da religiã, q no paço da corte. O primeyro era o da oraçam, cõ a qual recorria a Deos, & cõ mayor fervor quando os negocios eram mais

O que passou com o Conde do Prado.

Sua grãde sabiduria.

^f
Quid. i. Me
tam. Fratrū
quodque gra
tia rara est.

^g
Amizade q
goardou cõ
seus ir-
mãos.

^g
Luc. i. Phar.
Fraterno pri
mi madue-
rūt sangui-
ne muri.

*O que lhe
facedeo cõ
hū fidalgo,
que lhe fa-
lava.*

graves, como bem se notou em Almeyrim, nam sem espantos que cuydavam retirar-se sua Alteza àquelle lugar de suas coutadas, por causa da recreaçam da caça, por fugir a negoços, pois ahi o viam tam metido no despacho delles, & no trato com Deos, que a mòr parte do dia dava aos negoços, & antes de ceiar hũ grãde espaço a Deos, fazendo òraçam, só em hũa capella, pera os despachos virem mais acertados, & melhor regulados com a boa rezam, & com a vontade divina, conforme o bom estylo do Sancto Rey David, do qual diz S. Ambrosio, ^h que primeyro negoçava com Deos, o que havia de ordenar aos homẽs; & por isso sempre vencia: & conforme o bom costume q̃ goardavam os capitaens do povo de Deos, que nam começavam empreza de cõsideraçam, sem primeyro a consultar com Deos, diante do seu tabernaculo.

7 O segundo principio donde lhe nascia tanta prudencia, foy o bom uzo d'aquelle exemplo de Christo Senhor nosso, ⁱ que perguntava no Evangelho a seus discipulos, que opiniã se tinha delle: o que nam sò fazia elRey Dom Ioã, enformandose com pessoas de confiança; mas tambem dava por officio a hum homem de virtude conhecida, que inquiris-

se, & soubesse tudo o que nelle se notava, acerca do governo, & de sua pessoa, pera que o avizasse, o que se o tal homem fazia de boa võtade pelo ganho, que dahi lhe resultava, de melhor o recebia elRey, pelo proveyto que dahi lhe nascia; aceytando tudo com a boa docilidade, que Sancto ^K Ambrosio louva no Emperador Valentiniano, o qual em sabendo que seu povo lhe notava alguma cousa, ainda que fosse muyto licita, & de seu gosto, como era a caça, logo a deyxava, porque ordinariamente melhor julgam os estranhos nas cousas alheias, que os intereçados em materias proprias.

8 E sendo tam curioso em saber o que delle se dizia, pera se emmendar, nam gostava nada de ouvir murmuradores, & maldizentes, que nos paços, & em casas grandes tem por vida propria andar roendo nas vidas alheias; & por esta rezam havia entam em Portugal, & na corte delRey Dom Ioã Terceyro, poucos desta má casta de gente, a quem o outro ^l chamou inimigos da paz, & perturbadores da concordia, os quaes crescem muyto, se acham hum Principe sospeyto. E como era tam prudẽte, era tambẽ muy difficuloso em crer novidades; & hia muyto attento em ouvir faltas alheias, & accusa-

^h
Ambr. lib. 1.
Offic. ca. 35.
Nunquã nisi
cõsulto Do-
mino bellũ
adorfus est,
& ideo in
omnibus vi-
ctor prælijs

*Procura-
va saber o
que delle
diziam.*

ⁱ
Mat. ca. 16.
n. 23. Quem
dicũt homi-
nes esse filiũ
hominis?

^K
Ambr. de o-
bitu Valen-
tiniani. Aie-
bant aliqui
ferarum ea
venationi-
bus occu-
pari, &c.

*Nam dava
credito a
gente má-
levola.*

^l
Martial. li. 1.
Turba gra-
uis paci, pla-
cida: que ini-
mica quieti,
&c.

çoões de emulos, ou sospeytas de competidores; q̄ nam ha coula que peça mais maduro exame que semelhantes informações de gente apayxonada. Com estas heroicas obras, & excellêtes virtudes, nascidas de sua grãde prudência, & exercitadas na paz, alcançou mayor nome no mūdo el Rey D. Ioã III. do q̄ outros muytos Príncipes, que fizeram grãdes façanhas na guerra, porque como judiciosamente disse Xenophonte, ^m mais honram a hum Rey os beneficios, que obrou, que os tropheos, que dependurou.

^m
Xenoph. in
uo Cyro.

CAPITULO LVIII.

Do bom successo, que tiveram as armas no tempo del Rey D. Ioã, nas conquistas deste Reyno, especialmente na India.



A Paz, de que estes Reynos gozãram à sombra del Rey D. Ioã, fez parecer a algũs, que aquelles dourados tẽpos degeneravam do antigo esforço, & se esqueciam do desejo, que os Reys passados tinham de grandes conquistas, & gloriosas empresas, porque considerando o muyto favor, que el Rey Dom Ioã dava às cou-

fas da paz, applicandose todo a dilatar a fé, promover o culto divino, reformar Religioens, & engrandecer letras, podã dar sospeyta, que sò a isto attendia.

Com tudo (alẽm de ser igoal façanha, por voto dos prudentes, conquistar de novo, & conservar o alcãçado) nam deyxava de reynar em seu animo o esforço militar, & a generosidade de espirito, que de seus antepassados, como por herança propria, lhe pertencia. He verdade, que se nam achava em pessoas nas guerras, & batalhas, como nem seu pay se achou, por nam ter nestas partes inimigos, contra os quaes pudesse guerrear, senam em Africa, & pera estes tinha insignes capitaens, & valerosos fronteyros, que sem ser necessaria sua presença, lhes punham o freo, alcançando cada dia illustres victorias. Nem se deve ter por pouco esforço, o q̄ foy julgado por grande governo, & prudencia, largar algumas das praças, & lugares, que estavã ganhados em Africa, como foram Safim, Azamor, Alcaceite, & Arzilla, pois em rezã de estado, & regra de milicia, he averiguado, que nam convẽ em terras frõteyras a gẽte inimiga, guerreyra, & poderosa, como he Portugal aos Mouros Africanos, dividirte hum Rey em sustẽtar muytas praças pequenas, que

*Rezã de
teve pera
largar os
lugares de
Africa.*

nam se podem bem defender, sem arriscar a reputaçam: devêdo sò acudir a poucas de importancia, & bẽ fortalecidas em q se conserve o q se tem ganhado, & em q se rebatam as entradas do inimigo: como hoje o uzam, & uzãram antigamẽte os Monarcas, & Princeses bem aconselhados na guerra.

*Outra rezã
zãm pera
se deyxarẽ
aquellas
praças.*

3 Principalmente que as terras de Africa, que reynando elRey D. Manoel, estavam divididas por varios Reys, & Senhores, reynando elRey D. Ioã estavam já unidas em hum cetro, & Monarchia delRey Xarife, & por isso mais facilmete se uniam os Mouros em nos offender, & eram necessarias mayores forças pera nos defendermos. Também a experiẽcia tinha mostrando, que mayores ganhos eram os que nos vinham do trato da India, que das guerras em Africa; & com tudo cõ difficuldade viera elRey D. Ioã em largar as ditas praças, senam fora esse o parecer, nam sò do Sũmo Põtifice, mas de toda a boa milicia de Italia, & do mesmo Emperador Carlos V. Principe tam exercitado em guerras, & famoso em victorias. Acrescõtandose q pera exercicio das armas, & dano dos inimigos, bastavam as praças de Ceyta, Tãgere, & Mazagã, que sua Alteza de novo mãdou goarnecer cõ armas, capitaes, & cavalleyros esforçados

que já tinham dado mostras de seu valor em varias sahidias, & encõtros, em especial no afamado cerco de Safim, q elRey Xarife cõtra nõs sustentou, por espaço de 6. meses, cõ cẽ mil homẽs de pé, & de cavallo, dando tetraveis assaltos, & batarias cõ artelheria, q adestava, sobre machinas de estranho artil; sendo os Portugueses tam poucos, q cada hũ tinha dos Mouros a sua conta, muytos centos, & avendose tam hontada, & valerosamẽte, que o Xarife de corrido, por mais naõ ser visto, levãtou o cerco, & se foy, cõfessãdo q hũ sò Portugues, valia por muytos Mouros. No mesmo tẽpo mãdou sua Alteza fazer a fortaleza de Mazagã, junto ao mãr, tam forte, & inexpugnavel, q se pôde contar entre as famosas do mũdo, como depois bẽ experimentou elRey Xarife, quãdo metẽdo o rêsto de Africa, veyo nella quebrar suas forças, & mostrar o valor dos Portugueses.

*Cerco no-
tavel de
Safim.*

4 Pois se quizermos por os olhos nas empresas, & conquistas da India, acharemos, que elRey D. Ioã nam sò cõservou, & poz em forma de se poder perpetuar o q já estava ganhado, mas acrescentou grãdemẽte o estado (por meyo de seus capitaes) cõ novos Reynos, fogeytãdo hũs a esta coroa, & em outros estẽdendo a cõquista, & dilatãdo o commercio. Nem se pôde ne-

*Do muyt
que elRey
Dõ Ioã
fez na In-
dia.*

gar, que em seu tempo alcançaramos Portugueses as victorias de mór importancia, & sustentaram os cercos mais famosos, que houve, por nam se peleyjar entam sò com Indios, & cõ outra gente menos destra nas armas, mas com poderosas armadas de Turcos, Rumes, & outras naçoens muy bellicolas. Depois que por ordem, & regimento del Rey Dom Ioã, & à sombra de sua felicidade, o insigne Governador Nuno da Cunha, filho de Tristã da Cunha, capitã mór na India, & Embaxador em Roma, destruiu a Ilha de Betel, tomou as cidades de Baçaim, & Dãmãm, fundou fortaleza em Dio, matando ao Soltã Baudur, poderoso Rey de Cambaya.

5 Neste comenos nam soffredo o Gram Turco Solimãm, hiremse apoderando tanto os Portugueses do maritimo da India, & particularmente do Reyno de Cambaya, mandou nõ anno de mil & quinhentos trinta & oytto, sobre a dita fortaleza de Dio ao Baxã Soleymãm, Visorrey do Egypto, principal conquistador da Ilha de Rodes, ^a com huma armada de oytenta vellas grossas, em que entravam sincoenta & quatro gallês, seis galleões, & quatro galleças, a fõra outros navios de alto bordo, bem artilhados, & providos de laniferos, & sol-

dados velhos. Porẽm nam afrõtou o muy insigne capitã Antonio da Sylveyra, irmãm do primeyro, Conde da Sortelha, filho de Nuno Martins da Sylveyra, & de D. Philippa de Vilhena, tio do nosso insigne martyr Gonçalo da Sylveyra, mas antes cõ seu estremado esforço, ajudado sò de seiscentos Portugueses, rebateo o impeto da armada Otomana, & lhe fez reconhecer às suas custas, com grãde espanto de Asia, & Europa (por onde se espalhou a fama de tam memoravel cerco) quanto mõtou sempre o braço, & milicia dos Portugueses, principalmẽte neste encõtto: pois antes de lhe chegar cõ socorro o Visorrey, bastaram aquelles poucos Portugueses, pera fazer retirar a tantos mil Turcos.

6 El Rey Christianissimo de França Frãisco de Valoes (diãte do qual tinha o verdadeyro preço a valeria, ainda dos estranhos) estimou em tanto este successo, q mandou buscar a Lisboa hũ retrato do valeroso capitã Antonio da Sylveyra, pera o por, entre outros, que tinha dos homês famosos em armas, q nõ mũdo houve, dandolhe o lugar, a que o alevantou a gloria das façanhas, q neste cerco fez, alcãçado hũa victoria tam memoravel, depois da qual acabaram os Portugueses de sogeytar toda a costa do Reyno de Cã-

Quam estimado foy oesforço de Antonio da Sylveyra.

Primeyro cerco de Dio, que defendeo Antonio da Sylveyra.

^a
Vasc. in Ioa. fol. 169.

baya à obediencia, & serviço del Rey de Portugal.

Sahida de D. Estevão da Gama.

7 Que dizey da sahida de Dom Estevam da Gama, filho do famoso Dom Vasco da Gama, & de Dona Clara de Ataide (verdadeyro suceffor na ventura, & esforço de tal pay, primeyro descubridor, & Almirante do mar da India, & Conde da Vidigueyra) quando desamarrou da barra de Goa, pera o estreito do mar Roxo, com intento de queymar as gallès, q o gram Turco tinha juntas, no porto de Sués, no ultimo feyo d'aquelle estreito, como sem duvida alcançara, senam estiveram já recolhidas; mas nam tornou de vazio, porque sahindo em terra de Arabia, derramou muyto sangue de Mouros, em varios recontros, que teve: & à vista do monte Sinay, armou cavalleiros alguns Portugueles, entre elles ao illustre capitam Dõ Luis de Ataide, filho de Dom Affonso de Ataide, & de Dona Maria de Magalhaens, o qual depois foy Conde d'Atouguia, & duas vezes dignissimo Visorrey da India. Logo na volta veyo por toda aquella côsta, como hum rayo, queymando, & assolando todos os lugares de Mouros, que nella havia, & depois de tomar porto em Ethiopia sobre Egypto, terra de christãos scismaticos, que chamamos do Preste Ioam, cujo Emperador

(de quem já faley ^b) estava apertado por entam dos Mouros, q entrando pelo Reyno se lhe apoderavam de muytas terras, por sua parte lhe foy pedido socorro, o qual elle, cõforme a sua grandesa, & piedade, lhe mandou, por seu Irmam Dom Chitrovam da Gama, acompanhado de quatrocentos Portugueles, escolhidos soldados, que foram a causa daquelle Emperador ser restituído à sua antiga dignidade, posto que na empreza puzeram a vida a mayor parte delles, com seu capitam Dõ Chitrovam, o qual depois de alcançar muy gloriosas victorias, morreo como esforçado christam, pela fé que defendia cõtra Mouros.

8 Nam foy menos gloriosa, no segundo cerco, a defensão da fortaleza de Dio, que o poderoso Rey de Cábaya Sultam Mamude, combateo no anno de mil quinhentos quarenta & sete, ainda com mais poder, ao que trouxe Solymam Baxá, a primeyra vez no anno de mil quinhentos trinta & oytto, porque neste segundo cerco, além de trinta mil soldados, escolhidos, entre as mais belicosas gētes de Europa, Asia, Africa, se juntaram seis mil Turcos. Mas tudo era pouco pera o grande animo, & invencivel braço do excellente capitam Dom Ioam Mascarenhas, de quẽ já faley, ^c q

^b
r.p.l.6.a.c.

Suceffo do segundo cerco de Dio.

^c
r.p.l.5.c.15

com

com seiscientos Portugueles somente, nem depois de afrazados os muros, com as continuas baterias, deyxou entrar a fortaleza, ficando com aquelles muros vivos (apostados cada qual a morrer em sua estancia) mais segura, do que dantes estavam com os baluartes, cavas, reductos, & terraplenos, que estes eram os muros, que Licurgo deyxou aos Espartanos.

9 Atè que finalmente o Governador Dom Ioã de Castro, filho de Dom Alvaro de Castro, Governador da casa do civil, & de Dona Leonor de Noronha, ^dveyo em socorro com mil & quatrocentos Portugueles, & trezentos Indios de Goa. E posto que na fortaleza havia poucos que podessẽ tomar armas, mãõu a presenter batalha campal aos inimigos; & com seus esforçados Portugueles, acometeo hum exercito de trinta & seis mil homens, fortalecidos com cem peças de bater, governados pelo General Rumeçãm, que ally morreo. Mas aos nossos poucos deo Deos tal ouzadia, que sem temor algũ, romperam os vallos, saltaram as trincheyras, venceram os esquadrens inimigos; & peleyjando valerosamente, lhe mataram mais de oyto mil, & em breve alcançaram huma das mais famosas victorias, que da conquista da India se escrevẽ, na qual socer-

dêram grandes maravilhas, obradas pelos nossos Portugueles.

10 Nem me espanto ser ella tal, pois o mesmo Deos na batalha declarou sua presença em favor del Rey Dom Ioã; fazendo, segundo constou por confissam dos mesmos infieis, q no furor da peleyja as mões peças de artilharia, estando cevas, & o tempo sereno, & enxuto, nunca tomassem fogo, por mais que os bombardeyros porfiaram em lho por. E o q mais he de estimar em todo o tempo do assalto, se via sobre as ameas da Igreja da fortaleza, hũ grande resplendor, & no meyo delle huma Senhora, de tanta magestade, & gloria, que com a luz de seu rosto feria, & cegava a todo o câpo dos inimigos, fazendo lhe perder o tino, & ordem da milicia, com tal confusam, & medo, que como se andassem às escuras, hum Portugues lhes parecia mil, antes cuydando, q de todas as partes lhe sahiam exercitos delles, nam sabiam pera onde fugissem, achando a morte, sem saberem buscar remedio pera a vida. Vindo tambẽ a mesma Senhora dos Anjos assistir a huma tam gloriosa victoria, ou pera a authorizar com sua Angelica presença, ou pera a favorecer com seu celestial favor.

Como Deos favorece os Portugueses.

11 Depois foy o mesmo

^d
Vid. Maff.
Histor. Ind.
lib. 13.

^e
Vid. Vasc. in
Anaceph. in
Joan. 3. f. mi-
hi 298.

*Segunda
vinda a
Cambaya.*

Governador segunda vez a Cãbaya, venceo, & desbaratou o mesmo Rey, & voltando victorioso a Goa, de caminho veyo açoutando, & destruindo os lugares dos Mouros, com tam grãde successo, que nem nos picos dos montes se davam por seguros, largando o campo, & as fazendas, por salvar as vidas. Poz em fugida huma grossa armada do Idalcãm, quey mandolhe Dãbul, & outros muytos lugares. E pouco depois venceo, & desbaratou o grande exercito, q o mesmo Rey mandava sobre Goa: a qual victoria fez mais nova, & celebrada haverse em dia do sagrado Apostolo Sam Thomê, cujo nome, como de singular padroeyro da India, jũtamente com o de Sanctiãgo, conforme a ordem del Rey Dõ Ioã, ^f acclamava o P. Fr. Antonio Casal, Custodio de S. Francisco, com hum Crucifixo nas mãos, repetindo o mesmo agẽte Portuguesa, com grande alvorço. E a esta fervorosa devaçam respondeo a felicidade do successo, que morrendo sò da nossa parte hum Portugues, & dous Indios, dos inimigos foram tantos os mortos de pẽ, & de cavallo, que se a noyte lhe nam valera, nenhum tornãra com vida, defendẽdo as trevas da noyte, os que nam mereciam gozar da luz do dia.

12 O medo que os Tur-

cos cobrãram aos Portugueses desta, & semelhantes victorias, declarou bem o encontro de Heytor da Sylveyra, filho de Francisco da Sylveyra, Coudel mór, & de Dona Margarida de Noronha, o qual foy hum novo Heytor Lusitano, nam sò em o nome fabuloso, como o Troyano, mas nas façanhas verdadeyras como Portugues: este esforçado capitã, entre outras muytas victorias, vindo de correr o estreyto do mãr royxo, como entam se fazia cada anno, sò cõ a vista de sua armada mereo tãto terror nos Turcos, que havia sinco meses tinham de cerco a eidade de Adem, que logo levantando ferro, se puzeram em fugida; como se este valeroso capitã nam sò tivesse o esforço de Heytor, mas tambem a fortuna de Cesar, pera com huma apressada vinda, ver, & vencer; & el Rey de Adem, em reconhecimento deste beneficio, se fez tributario del Rey D. Ioã, que bem era que se tributassem Reys, a hũ Rey que tinha taes vassallos.

13 Nam acabãram por aqui as victorias dos Portugueses contra os Turcos na India, que nam foy de pouco louvor, a que alcançãram de vinte & sinco gallês reaes do mesmo Emperador dos Turcos, as quaes tinham jã saqueada a riquissima cidade de Ormuz, & posto cer-

*Victorias
de Heytor
da Sylvey-
ra.*

*Outra vi-
ctoria.*

^f
Vid. Maff. li.
13. ad finẽ.

co a fortaleza, da qual era capi-
 ram Dom Alvaro de Noronha,
 ou de Meneſes, filho de Dom
 Antonio de Meneſes, & de D.
 Ioanna de Caſtro, o qual com
 poucos Portugueſas lha defen-
 deo, no anno de mil quinhent-
 os ſincoenta & dous, com tal
 brio, & eſforço, que deſcõfiados
 os Turcos, de a poder render, ſe
 retiraram com a rica preſa da
 cidade de Ormuz: mas dando
 nelles os Portugueſes, que de
 varias partes acudiram, mormẽ-
 te o valeroſo mancebo Dõ Fer-
 nando de Noronha, ou de Me-
 neſes, filho do Viſorrey D. Affõ-
 ſo de Noronha, & de D. Maria
 d'Eça (que com poucas vallas os
 foy buſcar ao eſtreyto, & thes
 deo batalha.) foram totalmente
 vencidos, & desbaratados, ſem
 tornarem ao porto de Sués: mais
 que duas gallès, ficando oyto
 em poder dos Portugueſes; &
 as de mais fazendo a oſſada cõ
 morte de toda a gente na coſta
 de Cambaya; que aſſim favore-
 cia Deos naquelle tempo as ar-
 mas del Rey Dom Ioã, dando-
 lhe victorias na Índia, quan-
 do elle dava eſmo-

las em Portu-
 gal.

(?)



CAPITULO LX.

*Proſegueſe a meſma materia
 do bom ſucceſſo que houve nas
 armas em tempo del Rey Dom
 Ioã Terceyro, aſſim na
 India, como em outras
 partes.*

I Am chegou a fe-
 licidade del Rey
 Dom Ioã na In-
 dia a vêcer ſõ hũa
 vez ſeus inimigos, mas muytas,
 mandando, quando era neces-
 ſario, caſtigar aos rebeldeſ, &
 levantados; pondo a fogo, &
 ferro lugares, & cidades inte-
 ras, arrazando fortalezas, & de-
 ſtruindo a cada paſſo exercitos,
 & armadas dos Reys Malabares,
 & dos mais daquelle Oriente, q̃
 com o terror de ſuas armas, &
 com a fama das victorias, que
 Deos lhe dava, trazia aſſombra-
 dos, obrigandoos a pedir pazes,
 & a ſe fazerem tributarios à ſua
 coroa. Aſſim o fez experimen-
 tar ao Zamorim Rey de Cale-
 cut, o Governador Dom Hen-
 rique de Meneſes, filho de Dõ
 Fernando de Meneſes o Roxo,
 ſenhor do Louriçal, o qual de-
 pois de lhe aſſolar duas grandes
 povoaçoẽs, lhe deo batalha cã-
 pal, aonde o desbaratou, & fez
 alevantar o cerco da fortaleza,

*D. Hêrique
 de Meneſes
 Governador da In-
 dia.*

*D. Fernã-
 do de Me-
 neſes, mã-
 cebo muy-
 to valêre.*

que tinhamos em Calecut. Nê o humilhou menos neste tempo o Governador Martim Affonso de Sousa, filho de Lopo de Sousa, senhor do Prado, & de D. Brites de Albuquerque, que cõ milagrosas victorias enfraqueceo o poder do mesmo Zamorim, & o fez inferior a elRey de Cochim, amigo, & irmam em armas delRey de Portugal, cõ o qual o dito Zamorim tinha continuas guerras.

2 Bem sentio, com grande dano seu, o muy poderoso Rey Idalcâm as continuas victorias, que Deos dava a elRey Dom Ioâm, contra sua contumacia, com que cada anno, huma, & muytas vezes, com poderosos exercitos vinha sobre as terras do estado da India, & por isso nam houve quasi Visorrey, nem Governador por aquelles tempos, a quẽ nam coubesse a gloria de o ter vencido, em batalha campal; sendo os Portugueses tam poucos em numero, que pera hum havia cento & mais dos inimigos; contra os quaes muy bem mostrou seu grande esforço Dom Ioâm Pereyra, capitam de Goa, filho de Dõ Manoel Pereyra, Conde da Feyra, & de Dona Izabel de Castro, o qual deo batalha a Soleymâm Agâ, ² capitam do Idalcâm; & com huma lança na mãm, acõpanhado de poucos Portugueses o venceo, & poz em fugida:

& o mesmo lhe socedeo contra o Acedacâm, principal capitam do Idalcâm; rompendolhe, & desbaratandolhe seus poderosos exercitos.

3 Da mesma maneyra ²⁰¹¹⁰ sentiram a força do braço Portugues os Reys rebeldes de Maluco, em tempo do capitam Dõ Jorge de Meneses, filho de Dõ Rodrigo de Meneses, & de Dona Izabel de Macedo; & no tempo do capitam Tristam d'Ataide, filho de Alvaro de Ataide, cunhado do Conde Almirante Dom Vasco da Gama; & muyto em especial no tempo do muy excellente capitam, em sê, & esforço Antonio Galvam, filho de Duarte Galvam; & tambem em tempo de Antonio Pereyra Brandam, filho de Fernam Brandam Pereyra, & de Dona Izabel de Pina. Tambem o Rey de Bintam experimentou, â sua custa, a felicidade das armas del Rey Dom Ioâm Terceyro, porque, depois de perder a cidade, & Reyno de Malaca, muytas vezes tratou de o cobrar, por força de armas, mas sempre cõ mayor perda sua, & mayor gloria dos Portugueses.

4 Nem se devem calar os espiritos generosos, que o amor, & favor delRey Dom Ioâm dava ainda a qualquer particular, como se vio em Gil Fernandes de Carvalho, filho de Gil Fernandes de Carvalho, capitam

Victorias em Maluco.

Idalcâm vencido muytas vezes pelos Portugueses.

^a
Vid. Barros. Déc. 4. lib. 7. c. 11. & inde.

Gil Fernandes de Carvalho muyto valente.

de Mazagã, & de Dona Iza-
bel de Mendoça, no socor-
ro que levou á fortaleza de Ma-
laca. Soube este valeroso capi-
tã, que na costa da Pescaria es-
tavam todos aquelles Christãos
oprimidos de huma grossa ar-
mada dos Turcos, & Malabares
com perigo de perder as vidas,
ou atroco dellas a fé, se dentro
em cinco dias nam tinham algũ
socorro; & como o estado da In-
dia, por falta de dinheyro, &
soldadesca, lho nam podesse
mandar, elle armado da fé, &
christandade, depois de confes-
sado, & commungado, seguindo
o valor, & grandesa de animo de
seu pay, & irmãos, a aprestou lo-
go á sua custa quatro gallees, com
as quaes sahio acometer os ini-
migos, que traziam mais de sin-
coenta vellas cheyas de Turcos,
& cossarios feroços; dando nel-
les com tal esforço, & bravura,
com o nome de IESVS na bo-
ca, que no mar alcançou glorio-
sa victoria, & na terra assolou,
& destruiu ás mesquitas dos
Mouros, com terrivel espanto
dos infieis, & alegria dos opri-
midos christãos, que dally por-
diãte reconheceram, & nomea-
ram por defensor de sua fé, &
libertador de suas vidas, & fa-
zendas, a tam valeroso capitã.
& Muyto pudera tambem
contar do vigilantissimo capi-
tã Diogo da Sylveyra, filho
de Martim da Sylveyra Alca-
y

de môr de Terena, o qual no tê-
po do governador Nuno da Cu-
nha, com suas illustres victorias,
obrigou ao Zamarim a nos pe-
dir pazes; & foy como hũ rayo
de fogo abrazador de Mouros,
aos quaes queymou Patã, Pa-
tê, & Mangalor, & a outras
muytas cidades, recolhendo-se
victorioso a Goa, com mais de
quatro mil cativos, como se po-
de vernos autôres, que escrevẽ
daquellas cousas. ^b Com tal fe-
licidade descorriam neste tem-
po os capitaens del Rey Dom
Ioã, por aquelles mãres, &
costas da India, castigando os
inimigos, & rebeldes, favorecẽ-
do, & emparando os confedera-
dos, & leaes, sem que algũa força
lhe podesse resistir.

6. No mundo novo nam
foram os successos menos ven-
turosos, porque os Governado-
res Thome de Soula, Dõ Duar-
te da Costa, dos quaes já se faley,
& Mende Sã, filho de Gonçalo
Mendes de Sá, tambem tirãram
a desafio muytos daquelles bar-
baros, metendoos pelo certã
dentro, por nunca com boas o-
bras, & favores os poderem do-
mesticar. Lançaram fora desta
costa os Franceses alevantados,
que a infestavam, & se tinham
feyto fortes no rio de laneyro,
pretendendo o comercio, & a
conquista daquellas novas ter-
ras, pelos nossos Portugueses
descubertas, & conquistadas a

^a
Vide Andr.
4.p.c.87.

^b
Bar. Dec. 4.
l.4. cap. 21.
Cout. Dec.
4. l. 7. c. 13.
Castan. aca.
45. Andr. 2.
p.c.76.

^c
i. p. l. 3. c. 2.
num. 71.

Diogo da
Sylveyra
muy esfor-
çado capi-
tã.

primeyra vez.

7 Tambem elRey Dom Ioám acudio sempre cõ armas à costa da nova Ethiopia Meridional, a que chamamos Guiné, & ao Reyno de Congo, defendendo suas fortalezas, onde as tinha. E posto que de continuo sustentava estas suas fortalezas, & conquistas, em partes tam diversas, & remotas, nam se negava, pera ajudar as alheyas, quando era cõtra infieis, como fez ao Emperador Carlos V. seu primo, & cunhado, na jornada de Tunnes, no anno de mil quinhentos trinta & sinco, mandando o Infante Dom Luis seu irmám em pessoa, com vinte & seis vellas, das quaes era capitania o muy celebrado Galeám, chamado S. Ioám, de tam extraordinaria grãdesa, que se duvida se o mar sustentou outro mayor, o qual jugava mais de trezentas peças de artilharia; & sô elle, com hum talhamár, metido no esporã, na enchente da maré, com as vellas cheyas, cortou, & desfez a cadêa, que fechava o porto da Goleta, & bastou pera rãder a fortaleza, cuja tomada socedeo em doze de Julho de mil quinhentos trinta & sinco: ficando nesta occasiam, nam menos o mar de levante, que as terras de Africa, reconhecendo o esforço do Infante, & o poder do Rey seu irmám.

8 Todas estas felicidades,

& boa ventura: com muyta rezãzã poderamos attribuir á sanctidade, & heroica virtude delRey Dom Ioám (pois com esta se alcançam mais gloriosas victorias, que com a força das armas) cõ tudo sofrerey mal namter tambem parte nellas sua industria, sua prudencia, sua vigilancia, & grandeza de animo, q̄ teve sempre em administrar as cousas de guerra, a que nam foy tam pouco affeyçoado, como alguns cuydãram. Sendo avilado, que bayxava aquelle anno sobre a cidade de Ceyta, chave de Hespanha, huma grossa armada do Turco, logo com singular providencia, & notavel brevidade, mandou, por cartas suas, chamar todos os morgados do Reyno, encommendando a cada qual fizesse prestês tantos homens de peleyja, pera se embarcarẽ em certo dia, huns em Lisboa, outros na cidade do Porto, o que elles fizeram cõ tanta pressa, que espantou aos Reynos visinhos, & là onde estavam se eclypsãram as Lúas Othomanas, havendo por escusado acõmeter gente tam determinada, & pontual, nas cousas de guerra, na qual aprevençam, & pressa, de ordinario dã a victoria.

9 As armadas, que cada anno aprestava pera a India, nunca melhores foram, que em seu tempo, como veremos no capi-

Socorro ao
Emperador, pelo Infante Dom Luis.

tulo seguinte, os soldados se offerciam, crescia o dinheyro, as armas, os mantimentos, & tudo o mais quera que houvesse em abundancia, nam soffrendo que por falta destas cousas enfraquecessem os generosos espiritos de seu animosos vassallos. E desta maneyra soube este grande Monarca peleyjar, sem nunca entrar em batalha; soube fazer cruel guerra, estando sempre em bella paz; soube, sem perder nada, ganhar muito; porque, alem do que elle adquirio de novo, conservou o que ja lhe tinham conquistado; & alguns querem, que ainda he mayor proeza o conservar, que o conquistar; porque a conquista dura menos, & a conservaçam demanda muito mais tempo; de sorte que o conquistar he peleyjar, & o conservar fica sendo huma victoria continua, & hum perenne triumpho.

Mais val
saber con-
servar, q
saber con-
quistar.



CAPITULO VLTIMO.

Da boa escolha que elRey D. Ioam Terceyro sempre fez de Governadores pera a India; do sentimento que bouve em em sua morte, de seu sepulcro; & da se fim a esta Chronica.

DA boa eleyçam das pessoas, dependem os bons acertos do governo; & he grãde dita de hũ Rey saber fazer boas escolhas. Nam foy a menor das felicidades deste felicissimo Rey, nem a menor prova de sua grande prudencia, & vigilancia, a boa escolha, que sempre fez de Visorreys, & Governadores, q em seu tempo teve na India: todos elles foram homens de grande authoridade, & conhecido valor: aqui os porey brevemente, nam fazendo mais, que nomeallos, porque bastam seus nomes, pera serem conhecidos por suas obras, & tambem lhes nomearey seus pays, conforme costume; salvo se lhos tiver ja apontados, nos capitulos passados.

Boas eley-
çoens que
fez elRey
D. Ioam

1 O primeyro que em seu tempo governou a India foy

D. Duarte de Menezes.

Dom Duarte de Menezes, de quem já faley, tam celebrado por suas memoraveis façanhas, assim em Africa sendo capitão de Tangere, como na India, sendo Visorrey, o qual tinha partido com quinze naos, no anno de mil quinhentos vinte & hum. A este foy soceder o Conde Almirante Dom Vasco da Gama, tam cantado no mundo todo, por primeyro descobridor da mesma India, o qual era filho de Estevam da Gama Alcaide mór de Sines, & partito de Lisboa por Visorrey, no anno de mil quinhentos vinte & quatro, com tres mil soldados, ^a em dezaseis embarcaçoens, das quaes dez eram naos grossas de carga. Por sua morte, que foy sentidissima, sahio nomeado, no anno de mil quinhentos vinte & cinco, na primeyra via, por Governador, Dom Henrique de Menezes, do qual já faley, a quem faltou a vida, porque morreo mancebo, mas sobejou o esforço, porque foy muy valente. Por sua morte, no anno de mil quinhentos vinte & seis, entrou a governar Lopo Vaz de Sam Payo, filho de Diogo de Sam Payo, & de Dona Briolanja de Mello; o qual com sua conhecida valentia, & bons successos, que teve em seu governo, desempenhou bem as duvidas, que ouve na sua nomeaçam, com Pero Mascaren-

^a
Vide Maff. de rebus Indic. lib. 8.

D. Henrique de Menezes.

Lopo Vaz de Sam Payo.

has, filho de Ioão Mascarenhas (irmão do capitão dos Ginetes) & de Dona Maria Ribeyra. No anno de mil quinhentos vinte & oito, foy de Portugal o Governador Nuno da Cunha, com onze naos muy fermosas, & por espaço de dez annos, governou, & acrescentou o estado da India, como soldado esforçado, & como capitão prudente. Depois no anno de 1538. lhe foy tomar o governo o Visorrey Dom Garcia de Noronha, filho de Dom Fernando de Noronha, & de Dona Constança de Castro, ao qual sobejavam os annos da idade, mas nam faltava o brio de valeroso. E porque por via de Veneza, tinha vindo recado, que o Gran Turco Solimão, armava contra a India, o fez el Rey Dom Ioão aparelhar, com estranha brevidade, levando doze naos de muyto porte, nas quaes hiam, além da outra soldadesca, oytocentos fidalgos, & criados del Rey; & sò a fama deste socorro bastou pera os Turcos, q̄ estavaõ sobre Dio, deyxarẽ o cerco.

3 Ao Visorrey Dom Garcia socedeo na India, no anno de mil quinhentos & quarenta, Dom Estevam da Gama, de quem já faley, igoalmente animoso, & piedoso: & a este foy de cá, no anno de mil quinhentos quarenta & hum, pera lhe tomar o governo, Martim

Nuno da Cunha.

D. Garcia de Noronha.

D. Estevam da Gama.

Martim
Affonso de
Souza.

Dõ Ioám
de Castro.

Garcia de
Sã.

b
Andr. 4. p. c.
30.

Jorge Ca-
bral.

c
Maff. lib. 1. 5.
Vir & bello
strenuus, &
pietatis lau-
de præcel-
lens.

D. Affonso
de Noro-
nha.

Affonso de Sousa, que proce-
deo sempre como muyto es-
forçado, & com grande Chris-
tã. E no anno de mil quinhẽ-
tos quarenta & cinco, chegou
a Goa por Governador (& tã-
bem foy Visorrey) Dom Ioám
de Castro, tam temido na India,
& tam affamado no mundo, por
cuja muy sentida morte, no an-
no de mil quinhentos quarenta
& oyto, entrou por succésam das
vias Garcia de Sã, filho de Ioám
Rodrigues de Sã (Alcayde mór,
& Veador da Fazenda no Por-
to, & frõteyro mór d'entre Dou-
ro & Minho) & de Dona Ioan-
na de Albuquerque: era este fi-
dalgo antigo na idade, & au-
thorizado nos cargos; naquelle
anno lhe chegãram quatorze
naos do Reyno, ^b & se bẽ foy di-
toso na prosperidade da paz,
nam foy ocioso nas prepara-
çoens da guerra. Seguiose por
sua morte, no anno de mil qui-
nhentos quarẽta & nove, o Go-
vernador Jorge Cabral, filho
de Ioám Fernandes Cabral, Al-
cayde mór de Belmõte, & de D.
Ioanna de Castro; do qual con-
forme a opiniã do nosso Pa-
dre Maffeo, ^c podemos dizer, q̃
se foy Romulo nas armas, tam-
bem foy Numa na piedade. Logo
no anno de mil quinhentos
& cincoẽta chegou á India pera
a governar o Visorrey D. Affõso
de Noronha, ou de Meneses (fi-
lho de Dom Fernando de No-

ronha Marquez de Villa-real,
& de Dona Maria Freyre, ir-
mã do Marquez de Villa-real
Dom Pedro de Meneses) o qual
Dom Affonso tinha sido Capi-
tã muy esforçado em Ceyta,
metendo medo àquelles Reys
fronteyros de Africa; & na In-
dia foy terror dos Mouros de
Cambaya, & dos Persas de Or-
muz. Socedeolhe no anno de
mil quinhentos cincoenta, &
quatro, o Visorrey Dom Pedro
Mascarenhas, de quẽ faley lar-
gamẽte no fim do quinto ^d livro:
por cuja morte, que foy em 16.
de Junho de mil quinhentos
cincoenta & cinco, entrou no
governo Francisco Barreto (fi-
lho de Ruy Barreto, Alcayde
mór de Faro, & de Dona Maria
de Vilhena) a quem nam faltou
piedade, pera as cousas da Re-
ligiã, nem animo com que
põz freo ao Idalcã, & a outros
Reys da India.

4 Estas foram as eleyçoẽs,
que em seu tempo fez el Rey
Dom Ioám Terceyro, estes os
capitaens, que mandou gover-
nar a India, nos quaes bem mo-
strou sua celestial prudencia, &
sua muy cuydadosa vigilancia:
& estes foram os varoens assina-
lados, que em seu tempo honrà-
ram, & acrecẽtãram o estado da
India, conquistandolhe muytas
terras, ẽtre as quaes foy Baçaim,
cõ todo seu adjacente, item Sal-
sete do Norte, Salsete de Goa,

Dõ Pedro
Mascare-
nhas.

d
2. p. l. 5. a ca.
48.

Francisco
Barreto.

& as terras de Bardês, & outras muytas. E todos estes bons successos, com muyta rezam se devem attribuir a este felicissimo Rey. De tam illustres capitaens, era elle tambem illustrissimo remunerador; antes por isso foram elles tam valentes pera acometer, porque elle era tam liberal em satisfazer, q se ouver Cesares, que saybam dar, haverà Hercules que queyram peleyjar.

5 Daquitambem lhe nacia a muyta estimaçam que fazia de seus capitaens, sentindo mais perder algum delles, que a morte de seus melmos filhos; como lhe socedeo na noya que teve da morte em Cananor de Dom Hérique de Meneses, Governador da India (de quem tenho falado) o qual quasi no principio de suas memoraveis façanhas, em idade de trinta annos, acabou a vida temporal; & foy tal o sentimento del Rey, q hindolhe muytos à mã, respõdeo: *Que quereis que faça hum homẽ, que perdeo a Dom Henrique de Meneses?* Como quem bem entendia, que nam ha mayor perda pera hum bom Rey, que a de hum bom vassallo. E ainda nos caularà mais admiraçam este seu grande sentimento, à vista da muyta paciencia, com que levou a morte de todos seus filhos, como se mais sentisse a perda de bons vassallos, que a

morte de muytos filhos. 6 Bem lhe pagaram todos seus vassallos este grande amor, porque nam se pôde crer, quam sentida, & chorada foy sua morte, em todos seus Reynos, & conquistas, por ser o Rey mais amado, & mais querido, que teve esta coroa, tanto que nam sò na doença ultima, mas tâbẽ todas as vezes q se achava mal, logo todo o Reyno, & principalmente a cidade de Lisboa, se punha em romarias, & oraçoens, & esmolas, por sua vida, & saude, & andavam algumas peffoas, pelas Igrejas, & ruas publicas com o dinheyro na mã, dando esmola aos pobres, & pelas casas às orfãs, & viuas, pera que rogassem a Deos, pela saude de sua Alteza: & em fim o titulo q communmente se lhe dava, & que hoje em dia se conserva aberto nos marmores, em letras publicas, na cidade de Evora, & de que os grandes Reys, sobre todos se podem prezar, he Pay da patria; vendose nelle em effeyto o que Xenophonte desejava em hum bom Princepe: à vista deste titulo desaparecem os magnificos sobrenomes, & soberbos appellidos, com que outros Reys procuraram no mundo immortalizar suas obras, & eternizar sua fama. Morreo em onze de Junho de mil quinhentos sincoenta & sete; viveo sincoenta & sinco

annos,

*Quãto sê-
tuo a mór-
te de Dom
Henrique
de Menes-
ses.*

*Como foy
chorada
sua morte.*

*Foy cha-
moda pay
da Patria*

*Xenoph. in
Cyr. Bonus
Princeps ni-
hil differat
à bono pa-
tre.*

annos, dos quaes reynou trinta & cinco & meyo: delle podemos dizer, o que Sancto Ambrosio f do Emperador Valentiniano, *Quod obijt fragilitatis est, quod talis fuerit admirationis.*

7 Seu corpo está sepulta-

do na capella môr de Belêm em hum dos quatro insignes Mausoléos daquelle admiravel templo, & he o primeyro que fica junto ao altar, da parte da Epistola, nelle se lê este Epitaphio.

Pace domi, bellóque potens, moderamine miro,
Auxit Ioannes Tertius imperium;
Diuina excoluit Regno importauit Athenas.
Hic tandem fitus est Rex, patriæque Parens.

8 Ally está sepultado este magnifico Rey, mas bem podemos dizer, que nam está ainda morto, porque nos ficou vivo, pelas muy reaes, & muy piedosas obras, que nos deyxou vivas, neste seu Reyno: por elle vive hoje o Tribunal da sancta Inquisiçam, por elle vivem em seu lustre as Religioes, por elle vive a Vniuersidade de Coimbra, por elle se conserva a Companhia em Portugal, na India, & no Brazil. E finalmente vive em todas as mais obras, & fortalezas que fez; & sobre tudo, vive na memoria, & na lembrança de Deos, como querido, & valído seu, que assim vivem os justos, conforme dizia Christo Senhor nosso, quando dandose por Deos de Abraham, de Isaac, & de Iacob, ajuntou que nam

era Deos de mortos, como se quizesse o Senhor dizer, que ainda que os justos nos parecê mortos ao mundo, estam vivos, nam menos na lembrança de Deos, que nas obras que nos deyxaram.

9 Este foy o serenissimo Rey Dom Ioam o Terceyro, esta foy sua piedade, esta sua Religiãm, esta sua liberalidade, estes os bons sucessos, que em seu tempo teve o seu governo, na Religiãm, nas letras, & nas armas; foy amado em vida, & ainda agora sua memoria de todos he estimada, semelhante à do Sancto Rey Iozias. ^h Concluamos esta sua lembrança cõ dizer, que parece sua a empreza, que o outro tomou, que foy hum braço, que com a mão estava espalhando ouro, & pedra-

^h
Ecclef. cap.
49. num. 1.
Memoria
Iosifæ in cõ-
positione
odoris.

f
D. Ambr. de
obitu Valē-
tina i.

Epitaphio
em seu se-
pulcro.

^g
Mat. 22. nu.
32. Non est
Deus mor-
tuum, sed
vuentium.

ria sobre hum altar, sobre hum livro, & sobre hum escudo. Foy sem duvida este o braço Portugues del Rey Dom Ioâm III. pois tanto ouro espalhou, sobre os escudos das conquistas de Asia, & do Brazil; tanto sobre os livros da Vniversidade de Coimbra, tanto sobre os altares das Igrejas, & das Religioens. E se todas lhe tem grandes obrigaçoens, as que lhe tem a Companhia, sam infinitas, como vimos nos dous tomos desta Chronica.

*Conclusam
desta segū-
da parte.*

IO Ecom isto dou por acabadas as duas partes da Chronica da Companhia de IESVS, nesta Provincia de Portugal: offerecendo esta pequena dadiua aos Padres, & Irmãos da mesma Provincia, que se bem me custou algum trabalho (em rezâm de outras muytas occupaçoens, que neste tempo tive) o dou por muy bem empregado, em serviço da obediencia, que nisto me occupou, entre outros muytos, que com mayor louvor poderiam sahir com obra tam desejada na Companhia; que eu no pouco que aqui escrevi, nam pretendi mais, que abrir caminho a outros mayores engenhos, que poderâm melhor continuar com os successos memoraveis, que houve nos annos, que se seguiram depois da morte de nosso glorioso Patriarcha Sancto Ignacio, por-

que sò ate este tempo prometi no principioⁱ de dar relaçam das cousas mais notaveis, & dos varoens mais affinalados, que entrâram naquelles annos, na Companhia, filhos desta Provincia Lusitana. E nem por esta obra acabar com a morte de Sancto Ignacio, & tambem com a morte do serenissimo Rey Dom Ioâm Terceyro, se segue que seja obra de tragedia, porque a morte dos varoens sanctos, mais he principio de alegria eterna, que remate de vida temporal, que por isso o Espirito Sãcto, ^K chama à morte dos justos, preciosa, porque perdendo as pennalidades do mundo, cheyo de trabalhos, ganham o preço do céu, enriquecido com glorias.

II Por ultimo rêmate, torno a advertir, que posto que nestas duas partes da Chronica da Companhia, falo em alguns homens de grande virtude, que ainda nam estam canonizados, & trato de outros, que deram a vida pela fé Catholica, que ainda nam estam declarados por Martyres; & posto que tambem fallo em muytos casos, que parecem milagrosos; com tudo nunca meu intento foy exceder o decreto do Sanctissimo Padre Urbano VIII. passado em treze de Março do anno de mil seiscentos vinte & cinco, & confir-

mado

i
i.p.l. i c.i.
num.4.

K
Psál. 115. n.
15. Pretiosa
in cōspectu
Domini
mors sanc-
torum eius.

mado pelo mesmo Sūmo Pontifice, no anno de mil seiscentos trinta & quatro; antes sempre minha tençã foy sogeytarme em tudo ao parecer da sancta Igreja Romana, que he a primeyra regra de toda a verdade; & sò pretendo nestas couzas falar sòmente, com a certe-

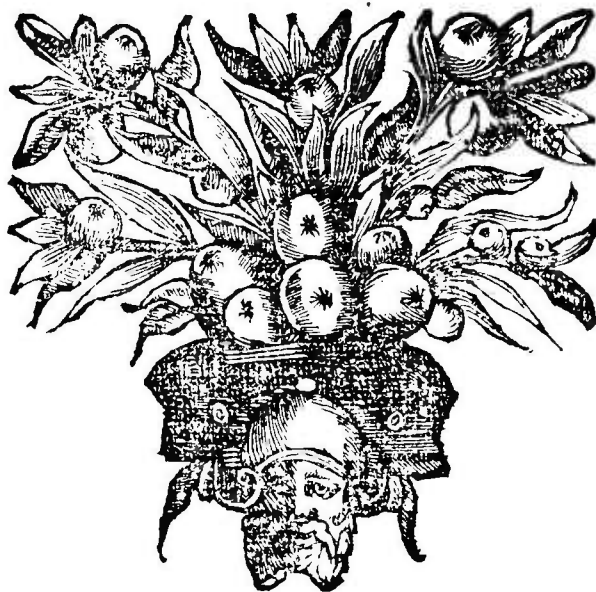
za, ou probabilidade humana, como ensinam os ¹ Doutores, que falaram sobre o dito decreto; porque eu nem posso fazer Sanctos aos que o nam sam, nem devo negar os louvores aos que os merecem.

(:?)

¹
Vide Nicol. Baldel. in Moral. Theolog. t. 1. l. 3. D. 13. a nu. 21. Lezan. 10. 4. quart. Regul. verbo Sanctor. cultus n. 9. & 10. Dian. p. 4. fol. mihi 28.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

Laus Deo, Virginiq̃ue Matri: ac Parenti Sanctissimo Ignatio.





T A B O A D A

D O S C A P I T V L O S

D E S T A C H R O N I C A .

L I V R O Q U A R T O .



APITULO I. Continua em seu governo o Padre Provincial Diogo Miram; exercitãse os nossos em Coimbra, em grãdes mortificações: & de hũa publica disciplina, q̃ tomãrão pela mesma cidade. Fol. 1.

Capitulo II. Escuzase o Padre Diogo Miram de ser confessor de sua Alteza, & de serem os da Companhia Inquisidores no Tribunal do Sancto Officio: & o que se nocio sobre estas cousas noſso Sancto Padre Ignacio. Fol. 6.

Capitulo III. Do que S. Ignacio escreveo sobre algũs serem despedidos da Companhia, & do successo de hum que se foy da Religiam. Fol. 11.

Capitulo IIII. Do novo augmento que neste anno de 1552. seve o Collegio

de S. Antãm, cõ as escholas publicas, & dos primeyros mestres, que nellas ensinãram.

Capitulo V. Das obrigaçoens que todos os desta Provincia temos ao Collegio de S. Antãm, & de algũas suas excellencias. Fol. 21.

Capitulo VI. Das virtudes do P. Ignacio de Azevedo primeyro Reytor do Collegio de S. Antãm, & de como foy a Roma por procurador da India, & do Brazil. Fol. 25.

Capitulo VII. Vay o P. Ignacio de Azevedo por Visicador ao Brazil; volta a Portugal a fazer gente pera esta misã: vay a Roma, esereve ao Papa sobre elle o Arcebispo de Braga, alcança do Papa muytas graças, pera aquella Provincia, pera onde trata logo de se embarcar. Fol. 29.

Capitulo VIII. Retirase o P. Ignacio de

Azevedo com seus companheiros á quinta de Valde-rofal: descreve-se este sitio, & conta-se brevemente a sancta vida q' ally fizeram. Fol. 34.

Capitulo IX. Embarcase o P. Ignacio de Azevedo com seus companheiros pera o Brazil: chega à vista da Ilha da Palma, aonde com quarenta religiosos foy morto por hereges, em odio da fe catholica. Fol. 39.

Capitulo X. De algũas cousas admiraveis que socederam depois da morte do Padre Ignacio de Azevedo, & de como foy tido por martyr, & da obrigaçam que lhe tem o Collegio de S. Antãm, Fol. 43.

Capitulo XI. De outros Padres de muyta virtude, que houve no Collegio de S. Antãm o velho, & de como se tratou de fundar o Collegio novo: das muytas contradicções que nisso houve, & como finalmente se venceram. Fol. 48.

Capitulo XII. Vay a Roma em nome desta Provincia o P. Luis Gonçalves da Camara sobre algũs negocios de muyta importancia: apontam-se as cartas que levou del Rey, Fol. 54.

Capitulo XIII. Escreve tambem nesta occasiam a Roma o serenissimo Cardeal Infante a alguns Cardeaes, sobre o Padre Luis Gonçalves, chega elle áquella cidade, & do que passou com N. P. Sancto Ignacio, Fol. 59.

Capitulo XIII. Como neste anno de 1553. se publicaram por ordẽ de S. Ignacio, no Collegio de S. Antãm, as construcções da Companhia, & do grande contentamento, que mo-

strou el Rey de as ver: dáse dellas huma breve noticia. Fol. 64.

Capitulo XV. Da admiravel carta de obediencia, que neste anno de mil quinhentos & sincoenta & tres, escreveu Sancto Ignacio a esta Provincia de Portugal. Fol. 69.

Capitulo XVI. Continua a mesma carta de Sancto Ignacio, em particular sobre a obediencia de entendimento. Fol. 73.

Capitulo XVII. Da occasiam que houve pera o Infante Dom Luis escrever ao nosso B. Padre Francisco de Borja, porem-se a sua carta, & a resposta do mesmo Padre. Fol. 78.

Capitulo XVIII. Vem o Beato Padre Francisco a Portugal neste anno de 1553. he bem recebido de todos, & do muyto que cõ seu exẽplo se aproveitou o Infante Dom Luis, & das grandes obrigações q' lhe tem esta Provincia. Fol. 83.

Capitulo XVIII. De outras vindas, que o B. P. Francisco de Borja fez a Portugal, & como por seu meyo tivemos o Collegio da cidade do Porto. Fol. 88.

Capitulo XX. Do principio da fundaçam da casa de S. Roque da cidade de Lisboa: dáse conta da ermida deste Sancto, que primeyro houve no lugar, aõde agora está a nossa Igreja. Fol. 91.

Capitulo XXI. Tratam os nossos Padres de fundar casa neste sitio da ermida de S. Roque das difficuldades que houve pera se nos haver de entregar esta ermida, & como el Rey as fez aquietar por via de

D. Pedro Mascarenhas. Fol. 94.
 Capitulo XXII. Tomam os Padres posse da ermida de S. Roque; achase presente elRey com toda a corte; prega o B. P. Francisco de Borja, & fazem naquelle dia profissam solenne, em publico, algus nossos religiosos. Fol. 97.
 Capitulo XXIII. Mudamse os Padres pera a ermida de S. Roque; povoase todo aquelle bayrro, & como procediam naquelle tempo os moradores daquella sancta casa. Fol. 101.
 Capitulo XXIII. Trata elRey de nos fazer hum templo muy sumptuoso, & hũa casa muy grandiosa, a hũa, & outra cousa resistem os Padres, & do modo com que por entam se accomodaram. Fol. 104.
 Capitulo XXV. Como se fez a Igreja de S. Roque, da maneyra que hoje a vemos; descrevese esta obra cõ o seu tecto, especialmente pela parte de dentro. Fol. 108.
 Capitulo XXVI. Começase a tratar das capellas da Igreja de S. Roque, dáse particular conta da capella mór, & de seu ornato. Fol. 113.
 Capitulo XXVII. Das duas capellas collateraes a mayor, nas quaes estam as reliquias desta casa; dáse hũa breve noticia deste sancto, & copiosissimo thesouro. Fol. 116.
 Capitulo XXVIII. Dáse tambem algũa noticia das mais capellas da Igreja de S. Roque. Fol. 121.
 Capitulo XXVIII. Do admiravel varãrã Dom Gõçalo da Sylveyra primeyro Preposito da casa de S. Roque; de seu grande despresõ, & rãra

humildade. Fol. 126.
 Capitulo XXX. Da grande humildade com que o P. Gonçalo da Sylveyra encobria sua nobreza, & de sua rara mortificaçam. Fol. 131.
 Capitulo XXXI. Continuase a mesma materia de mortificaçam, & mais virtudes do P. Gonçalo da Sylveyra, & em especial de sua oraçam, & grãde devaçam q̃ tinha. Fol. 135.
 Capitulo XXXII. Alcãça o P. D. Gõçalo da Sylveyra licença pera hir à India, & das revelaçoens que parece teve, assim desta missã, como do martyrio que havia de padecer pela fe. Fol. 141.
 Capitulo XXXIII. Chega à India o P. Gonçalo da Sylveyra, he nomeado por Provincial; como exercitou este cargo; do grande zelo com que acudia à conversã dos gentios, & ao bem dos Portugueses. Fol. 144.
 Capitulo XXXIII. Trata o P. Gonçalo da Sylveyra de hir à Cafraria: dáse algũa noticia destas terras, & da occasiam q̃ houve pera o P. pedir, & alcãçar esta missã. Fol. 148.
 Capitulo XXXV. Das rezões que podia haver pera se cõceder esta missã ao P. Gonçalo da Sylveyra: conta-se brevemente sua jrnada, & o muyto que fez, & padeceo, assim nos caminhos, como dentro na Cafraria. Fol. 152.
 Capitulo XXXVI. Prêga a fe em Monomotapa, bautiza o Rey, & a Rainha sua mãy: tratam os Mouros de lhe dar a morte, & como se aparelhou o servo do Senhor pera a receber. Fol. 156.

- Capitulo XXXVII. Da morte que os Mouros deram ao P. Gonçalo da Sylveyra, em odio da fe, q̄ pregava, & como lhe lançaram seu corpo em hum rio. Fol. 159.
- Capitulo XXXVIII. De hum caso prodigioso, que se conta do corpo do P. Dom Gonçalo da Sylveyra, que está goardado, & incorrupto em hums mattos de Monomotapa. Fol. 163.
- Capitulo XXXVIII. Dãse alguma noticia do P. Antonio Correa (que foy o primeyro mestre de noviços, que houve na casa de Sam Roque) das mortificaçoens com que criava os seus noviços, & das mais virtudes, em que se exercitou em vida, & em morte. Fol. 171.
- Capitulo XXXX. Como neste tempo procediam os Padres da casa de S. Roque, & de algũas obras mais notaveis do serviço de Deos, que fizeram, em especial do mosteyro de S. Martha. Fol. 177.
- Capitulo XXXXI. Aponamse outras obras que fizeram os Padres de S. Roque, & em especial se dá noticia do Collegio Irlandez, que se instituiu por ordem dos Padres da Companhia, os quaes hoje delle tem cuydado. Fol. 181.
- Capitulo XLII. Como os Padres desta casa procuraram introduzir a frequencia dos Sacramentos da confissam, & communham, & dos pibileos, que nella ha, em especial das quarenta horas, que he proprio da Companhia; item das irmandades que tem esta Igreja. Fol. 188.

- Capitulo XLIII. Da grande charidade com que os Padres da casa de Sam Roque acudiram à cidade de Lisboa, no tempo da peste grande, aponamse algumas cousas notaveis que neste tempo socederam, Fol. 191.
- Capitulo XLIII. De como os Padres da casa de Sam Roque acudiram na seguinte peste, que houve em Lisboa, no anno de 1579. na qual morreo servinda os feridos o Padre Pero Mascarenhas, com outros Religiosos, & como tambem trabalharam na outra peste menor, no anno de 1598. Fol. 198.
- Capitulo XLV. De outras muitas obras de piedade que exercitam os Padres de S. Roque, & em especial do modo q̄ teem acudir aos encarcerados de Lisboa. Fol. 203.
- Capitulo XLVI. Do exercicio da sancta doutrina que sempre houve nesta casa de S. Roque: dãse hũa breve noticia dos Padres, que desde principio continuaram com esta tam proveytosa occupação. Fol. 208.
- Capitulo XLVII. De outros Padres de grande virtude, & authoridade, q̄ em S. Roque tiveram o officio de fazer as doutrinas. Fol. 212.
- Capitulo XLVIII. Dãse algũa noticia do P. M. Ignacio Martins, de como se começou applicar a este sancto exercicio de fazer as doutrinas pelas ruas, & praças de Lisboa. Fol. 215.
- Capitulo XLVIII. Aponamse alguns casos particulares, & bõs successos do P. M. Ignacio, que alcançava por

meyo da sancta doutrina. Fol. 220.

Capitulo XLVIII. Das traças que tomava pera ensinar, e trazer os mininos a doutrina: de hum caso de muyta edificaçam que lhe socedeo com o Cardeal Alberto: e das cântigas que cõpunha, pera os mininos cantarem na doutrina. Fol. 224.

Capitulo L. De alguns casos admiraveis que Deos obrou, por meyo das vozes. e das doutrinas do P. Mestre Ignacio: e de outros casos que parecem milagrosos, que lhe socederam nas mesmas doutrinas. Fol. 229.

Capitulo LI. Aponamse dous notaveis casos, que socederam ao P. Mestre Ignacio, com hum peccador, que cõverteo, e com hũs comediantes q̄ reprehendo. Fol. 233.

Capitulo LII. Da muyta oraçam, e mortificaçam do P. Mestre Ignacio Martins: da occasiam que houve pera hira Coimbra a hũa congregaçam; como ficou lá pregando; e ally adoeceo, e morreo sanctamente. Fol. 236.

Capitulo LIII. Refere-se o que socedeo depois da morte do P. M. Ignacio Martins, com o testemuho, que deo o Reytor da Universidade de Coimbra, e do grande sentimento, que houve em todo o Reyno com esta falta. Fol. 241.

Capitulo LIII. De algumas obras maravilhosas q̄ Deos foy servido obrar por meyo das reliquias do P. M. Ignacio Martins. Fol. 246.

LIVRO QUINTO.

Capitulo I. Entra a ser Reytor no Collegio de Coimbra o P. Leão Henriques, o qual no mesmo tempo lia Casos de consciencia, e foy o primeyro que os leo na Companhia: apontamse algumas aparições notaveis que fez, pelas quaes era muy venerado naquella cidade. Fol. 253.

Capitulo II. De algumas cousas que neste tẽpo socederam no Collegio de Coimbra, em especial da ditosa morte de hum Iruam de muyta virtude, e de como dous se tentaram na vocaçam, e foram despedidos da Companhia. Fol. 258.

Capitulo III. De hum grã de embusteyro que neste anno pedio a Companhia, e entrou no Collegio de Coimbra, como o conheceo o P. Leão Henriques, como foy despedido; e da perseguçam que nos moveo, e como Deos nos livrou della. Fol. 263.

Capitulo IIII. Como neste anno de 1553. se affeytuou a missam pera a India do P. Urbano, o qual tinha sido o quinto Reytor do Collegio de Coimbra; como Deos foy servido de o levar pera sy na viagem: e do mais que socedeo aos nobos, que no mesmo anno se embarcaram pera a India. Fol. 268.

Capitulo V. Vay em missam a Tomar o Padre Miguel de Sousa, e confãse particularmente a missam, que neste anno fez a Congo o Padre

Cornelio Gomes por ordem del Rey D. Ioám, & de como nam respõdeo o fruyto ao trabalho. Fol. 272.

Capitulo VI. Da missãõ deste anno pera o Brazil, em que foy o Padre Luis da Gram, & leuou consigo ao Irmãõ Joseph de Anchieta, que foy hum varãõ admiravel: dáse conta como entrou na Companhia, & de seus primeyros trabalhos no Brazil. Fol. 277.

Capitulo VII. Ordenase de missa o P. Joseph de Anchieta; dáse huma breve noticia de sua grande charidade, pera com Deos, & pera com os proximos, aos quaes acodia com admiravel cuydado (andando muytos caminhos, sempre a pè) & socorrendoos, em todos seus trabalhos. Fol. 282.

Capitulo VIII. Dos baptisimos que fez o Padre Joseph de Anchieta, & em especial se apontam dous muy admiraveis, & dos muytos caminhos que andou, pera bem dos proximos, assim religiosos, como seculares. Fol. 286.

Capitulo VIII. De suas prodigiosas prophecias, segundo a comum opinãõ: & em especial de duas, que disse no Rio de Ianeyro, & outra na cidade da Bahia. Fol. 292.

Capitulo X. Continuase a mesma materia das prophecias do P. Joseph de Anchieta, de como previo a destrucãõ del Rey Dom Sebastiam, em Africa, & como denunciou outras muytas cousas, muyto d'antes, que socedessẽ. Fol. 296.

Capitulo XI. Referemse outros suces-

fos admiraveis, & de como deo fala a hum mudo, & de como as aves do ar, & os peyres do mar lhe obedeciam, & de como até sobre a chuva do ceo tinha imperio. Fol. 301.

Capitulo XII. Conta-se hum prodigioso caso, de como parece que o mesmo mar o respeitou: aponta-se outro successo admiravel com hums bugios: & de como converteo a agoa em vinho, & de huma musica que os Anjos lhe deram. Fol. 305.

Capitulo XIII. Dos muytos achaques que teve, de como renunciou o governo da Provincia, & de sua sãta morte: & de algumas maravilhas, que depois della se souberam, & de suas feyçoens corporaes, & boas partes, que tinha. Fol. 310.

Capitulo XIII. De como o Cardeal Infante Arcebispo de Evora, no anno de 1554. se resolveo em nos dar o Collegio, que naquella cidade fazia: dáse conta dos meentos que dantes tinha nesta obra, & de como nos fez della entrega, & dos primeyros mefres, que ally levam Casos de Consciencia, & letras humanas. Fol. 316.

Capitulo XV. Vay a Evora o Padre Sam Francisco de Borja, he muy festejado do Cardeal Dom Henrique, sahe em missãõ à villa de Moura o Padre Provincial Diogo Alim, achao o Cardeal enfermo em hum hospitaõ: vãõ dous Padres em missãõ a Castello de Vide, aonde com o favor de Dom Ioám Mascarenhas fazem grande ser-

uço a Deos. Fol. 322.

Capitulo XVI. Continuam as missões do Collegio de Evora; e dáse alguma noticia dos Reytos deste Collegio, que socederam ao Padre Melchior Carneyro, até o anno de 1556. Fol. 327.

Capitulo XVII. Do grande Fruyro, que procedia dos estudos de Evora: de quanto isto alegrou aos serenissimos Infantes Dom Luis, e Dom Henrique, o qual tratou de fazer em Evora humma Universidade, ao que se opoz a de Coimbra. Fol. 333.

Capitulo XVIII. Vay a Lisboa o Cardeal Infante, por causa da morte do Principe Dom Ioam; vem a ser Reytor do Collegio de Evora o Padre Leão Henriques, o qual appareceu em Lisboa ao serenissimo Infante, que estava enfermo, e lhe deo perfeyta saúde. Fol. 337.

Capitulo XIX. Da fundaçam, e ereçam da Universidade de Evora: das bullas que pera isso se passaram, e da solemnidade com que della se tomou posse. Fol. 342.

Capitulo XX. Escreve o Cardeal Infante ao B. Padre Francisco de Borja sobre as cousas da sua Universidade; mandalhe este dous famosos testes de Theologia, vñ ambos a Evora ver a Universidade. Fol. 345.

Capitulo XXI. O Cardeal Infante dá hũa mostra de toda a sua Universidade ao B. Padre Francisco de Borja: vam ambos visitar as classes, e o B. Padre conclue com a visita do Collegio. Fol. 349.

Capitulo XXII. Descrevese brevemente o edificio material do Collegio, e da Universidade de Evora, que o Cardeal Infante, com grande amor, e liberalidade fundou, e acrescentou. Fol. 351.

Capitulo XXIII. Referemse algumas particularidades do Collegio de Evora, e das grandezas, e privilegios daquella Universidade. Fol. 358.

Capitulo XXIII. Dos mais officios que ha nesta Universidade, e de outros poderes, e preeminencias, que tem o Padre Reytor daquelle Collegio, e Universidade. Fol. 362.

Capitulo XXV. De como o serenissimo Infante Cardeal se resolveo em mandar fazer outra Igreja de novo, e se lhe lançou a primeyra pedra. Fol. 361.

Capitulo XXVI. Continuase a obra da Igreja, até que depois de acabada veyo a Evora o Cardeal Infante, pera se mudar o Sanctissimo Sacramento pera a Igreja nova: dáse conta da solemnidade, com que se fez esta mudanca. Fol. 369.

Capitulo XXVII. Apontamse alguns donativos, que o serenissimo Cardeal nos fez: descrevese a sua sepultura, junto da qual está sepultado o senhor Dom Duarte Condestable deste Reyno. Fol. 373.

Capitulo XXVIII. Dáse alguma noticia das cousas do Cardeal Infante fundador do Collegio, e Universidade de Evora: e de seu nascimento, e criacam, e como foy incli-

nado ás letras, & quanto estimou os homens letrados. Fol. 376.

Capitulo XXVIII. Das dignidades ecclesiasticas, que teve o Infante D^o Henrique, & como procedeo em todas. Fol. 382.

Capitulo XXIX. Das mais dignidades que teve o Infante Cardeal: do modo com que se houve no governo deste Reyno, com huma recopilacão do muyto que nelle obrou, & da prudencia, com que sempre governou. Fol. 387.

Capitulo XXXI. Do grande amor, & benevolencia que teve á Companhia o serenissimo Cardeal Infante: como se veyo a Evora a morar dentro do nosso Collegio, & das grandes mercês, & favores que nos fazia. Fol. 393.

Capitulo XXXII. Continuase a mesma materia, apontamse alguns donativos, que fez á Companhia, & outras mostras de singular amor que nos tinha. Fol. 397.

Capitulo XXXIII. Contase, em prova do amor, que nos tinha o Cardeal Infante, como acudio pela Companhia em huma persegucão, que contra ella moveo hum Religioso da sagrada Ordem de Sam Domingos, vindo de Castella a nos perseguir em Portugal, & do fim que isto teve: mostrase a rezã de obrigaçã q^{ue} hoje devemos a todos estes muy veneraveis Padres. Fol. 401.

Capitulo XXXIII. Como o Cardeal Dom Henrique foy jurado Rey de Portugal, de sua sancta morte, & de como seu corpo foy sepultado, &

achado inteiro: & das boas partes de que foy dotado. Fol. 407.

Capitulo XXXV. Continuase a mesma materia das boas partes del Rey D. Henrique, em especial de sua liberalidade, & piedade, & de quam estimado foy de todos. Fol. 411.

Capitulo XXXVI. Do primeyro Rector que teve a Universidade de Evora, que foy o Padre Leãm Henriques, de sua grande oraçã, & de como Deos lhe cõmunicava muytos segredos, por meyo deste sancto exercicio. Fol. 416.

Capitulo XXXVII. Da virtude que tinha contra o demonio, & quam facilmente venceia suas perseguiçõs, & conhecia seus enganos. Fol. 422.

Capitulo XXXVIII. De sua fervente charidade, & amor que tinha aos proximos. Fol. 429.

Capitulo XXXVIII. Dos cargos q^{ue} teve, & com quanta perfeicão os exercitou, & da muyta moderacão que teve na privança com o Infante Cardeal: de como foy a Roma a huma congregaçã geral, & do que lã lhe socedeo. Fol. 435.

Capitulo XXXX. Do grande amor que o Padre Leãm Henriques teve à sua Religiam; do notavel exemplo que dava sendo superior, & da grande estima que fazia do instituto da Companhia, ainda em confas leves. Fol. 440.

Capitulo XXXXI. Da grande humildade deste insigne varã, com a qual acudia a fazer os officios mais abatidos da casa. Fol. 444.

Capitulo XXXXII. Do cydadado com que exercitou o officio de confessor, no qual finalmente veio a morrer na casa de Sant Roque. Fol. 449.

Capitulo XXXXIII. Dos primeyros Lentes de Theologia, que houve na Universidade de Evora, em especial do Padre Doutor Fernam Peres. Fol. 454.

Capitulo XXXXIII. Da grande caridade do Padre Fernam Peres, & da sancta morte que teve. Fol. 460.

Capitulo XXXXV. Do Padre Doutor Luis de Molina, de suas virtudes, & myltas letras, & do P. Doutor Gaspar Gonçalves, que tambem foram dos primeyros Lentes daquelle Universidade. Fol. 464.

Capitulo XXXXVI. Do primeyro Goarda dos estudos que houve na Universidade de Evora, que foy Simão Gomes, ao qual communmente chamam o sapateyro sancto: toca-se entre outras, hũa sua prophacia, sobre as cousas deste Reyno. Fol. 470.

Capitulo XXXXVII. Da grande virtude do Padre Dom Francisco de Navarra, que foy, nos principios daquelle Collegio, seu mestre do noviços: & de humo caso notavel, que lhe socedeo em sua morte. Fol. 475.

Capitulo XXXXVIII. Dos primeyros noviços, que entraram no Collegio de Evora, & em particular do Padre Francisco de Gouvea. Fol. 482.

Capitulo XXXXVIII. Partem para a India, no anno de 1554. dous

Religiosos nossos, em Companhia do Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, dáse conta como elle, & os dous Padres procederam nesta viagem. Fol. 489.

Capitulo L. Dáse algũa noticia do Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, dos cargos que teve, de suas boas partes, & de como se houve no governo da India. Fol. 493.

Capitulo LI. Como Deos levou pera sy na India ao Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, das grandes obrigaçõens que toda esta Provincia lhe tem a elle, & aos mais de sua illustissima familia. Fol. 496.

Capitulo LII. Contase a gloriosa morte que neste mesmo anno os Indios do Brazil deram a dous Irmãos da Companhia, chamados Pero Correa, & Ioão de Sousa, que naquellas partes andavam doutrinando os mesmos Indios. Fol. 501.

LIVRO SEXTO.

Capitulo I. Volta de Africa a Portugal o Padre Ioão Nunez Barreto a solicitar o resgate dos Christãos cativos. Fol. 507.

Capitulo II. Da pratica que fez o Padre Ioão Nunez Barreto a elRey Dom Ioão o Terceyro sobre os cativos de Africa, & como elRey tratou de o mandar a Ethiopia. Fol. 510.

Capitulo III. Dáse hum breve noticia das cousas de Ethiopia, de seu sitio, & terras, de seus costumes, & creança, & do poder daquelle Empera-

dor,

- dor, & aponta-se a rezã por que se chama Preste Ioã. Fol. 513.
- Capitulo III. Continua-se a mesma materia das cousas dos Abexins, em especial de seus costumes, & erros, em materia de Religiã. Fol. 519.
- Capitulo V. Trata el Rey Dom Ioã cõ o Padre S. Ignacio sobre a pessoa que ha de hir por Patriarcha a Ethiopia: ellegem o Padre Ioã Nunez Barrero, o qual pertende escuzar-se desta dignidade. Fol. 523.
- Capitulo VI. Chegam a Portugal as bullas pera o Patriarcha: escreve S. Ignacio ao P. Ioã Nunez Barrero, dandolhe as ordens do que ha de fazer: celebra-se sua sagraçã na Igreja dos muy reverendos Padres da Trindade. Fol. 527.
- Capitulo VII. Manda el Rey Dom Ioã prover, com grande liberalidade, ao Patriarcha: & de seu muy exemplar procedimento, em quãto se nam embarcou pera a India. Fol. 532.
- Capitulo VIII. De como mandou el Rey Dom Ioã embaxadores, que fossem diãte sentar o animo dos Abexins: do que nesta viagem passou, & do que alcançou o P. Mestre Gonçalo Rodrigues, que foy por compãheyro de Diogo Dias. Fol. 536.
- Capitulo VIII. Como o Padre mestre Gonçalo Rodrigues, havendo licença do Abexim, se partio pera a India com a ultima resoluçã, acerca da aceytaçã do Patriarcha. Fol. 540.
- Capitulo X. Partem este anno pera a India doze Religiosos da Companhia em consequencia do Patriarcha: refere-se huma carta que o Infante Dom Luis nesta occasiã escreveo ao Visorrey da India Dom Pedro Mascarenhas. Fol. 544.
- Capitulo XI. Do lastimoso naufragio da nao Conceçã, em que hiam tres Padres desta missã. Fol. 550.
- Capitulo XII. Do succello que tiveram os que se meteram neste barco: & do mais que aconteceu neste naufragio aos Portugueses que ficaram na Ilheta com os tres Padres da Companhia, que finalmente morreram ao puro desamparo. Fol. 556.
- Capitulo XIII. Chegam á India as outras quatro naos, & como nella procedeo o Padre Antonio de Quadros, aponta-se particularmente hum caso raro de sua singular pureza. Fol. 561.
- Capitulo XIII. De huma grande perseguiçã que se levãto em Pariz contra a Companhia; do remedio q̃ lhe poz Sancto Ignacio, & de como nos defendeo el Rey Dom Ioã III. Fol. 567.
- Capitulo XV. Da carta que el Rey D. Ioã o Terceyro escreveo ao Bispo Conde Dom Ioã Soares, pedindo-lhe informaçã da Companhia, & da resposta do Bispo sobre o nosso modo de proceder. Fol. 572.
- Capitulo XVI. Da informaçã que deo a Universidade de Coimbra ao que el Rey Dom Ioã lhe mãdon perguntar acerca da Companhia. Fol. 575.
- Capitulo XVII. Do testimunko que deo nesta

nesta materia o sagrado Tribunal do S. Officio, & do bom fim que teve esta grande perseguição. Fol. 577.

Capitulo XVIII. Como neste anno de mil quinhentos sincoenta & cinco, mandou el Rey Dom Ioãõ entregar à Companhia o Collegio das eschololas menores da Universidade de Coimbra. Fol. 581.

Capitulo XVIII. Declarase a forma em que a Companhia aceyrou o cuidado das eschololas menores, & mostrase a izença q. sempre tiveram da Universidade. Fol. 585.

Capitulo XX. Dãse alguma noticia dos primmeyros mestres da Companhia, que leram nas cadeyras de Philosophia, & Latina, nas eschololas menores, & do muyto que naquelle Collegio floreceram os professores destas artes. Fol. 591.

Capitulo XXI. Acaba de ser Provincial o P. Diogo Mirãõ: entra em seu lugar o Padre Doutor Miguel de Torres; conta-se o modo por onde S. Ignacio o trouxe à Companhia. Fol. 596.

Capitulo XXII. De huma prophacia do B. Padre Francisco de Borja acerca do P. Doutor Miguel de Torres, & de suas penitencias, vigias, & jejuns. Fol. 600.

Capitulo XXIII. Continuase a mesma materia da muyta oração do P. Doutor Miguel de Torres, & da muyta prudencia que tinha no governo de seus subditos. Fol. 603.

Capitulo XXIII. Como se haue o P. Miguel de Torres no Officio de

confessor da serenissima Rainha D. Catherina, & como em seu tempo se deo ao Collegio de Coimbra o mosteyro do Pedroso: do qual se dá huma breve noticia. Fol. 608.

Capitulo XXV. Como tratou o Padre Miguel de Torres seus parentes nesta privança, & de como recusou ser Arcebispo de Braga: de sua tornada pera Castella, & remate de sua sancta vida. Fol. 613.

Capitulo XXVI. Entra na Companhia o P. Balthezar Barreyra no principio do anno de 1556. começa sua vida com grande edificacão. Fol. 617.

Capitulo XXVII. He escolhido o Padre Balthezar Barreyra pera hir à missãõ de Angola com o Governador Paulos Dias de Novaes; dà-se noticia daquellas terras. Fol. 620.

Capitulo XXVIII. Chega a Angola o P. Balthezar Barreyra, aonde fez muyto serviço a Deos: conta-se particularmente hum bapuzismo. Fol. 623.

Capitulo XXVIII. Conta-se huma admiravel victoria, que alcançou o Governador Paulos Dias de Novaes, contra os negros, por oracoens (como parece) do P. Balthezar Barreyra. Fol. 625.

Capitulo XXX. Torna o Padre Balthezar Barreyra de Angola, assiste alguns annos na corte de Madrid, dally se vem a Evora: tratam de o mandar em outra missãõ a Guiné, refere-se hũa carta q. sobre isto escreveu ao P. Provincial. Fol. 629.

Capitulo XXXI. Parte o P. Balthezar Barreyra pera Caboverde: chega á Ilha de S. Thago, da qual se dá alguma noticia, & de como nella foy bem recebido: trata de hir á terra firme, da qual se faz hũa breve descripçam. Fol. 634.

Capitulo XXXII. Passa o P. Balthezar Barreyra a Serra leoa, bautiza muytas daquellas gentes, escrevelhe el Rey Dom Phelippe: conta-se hum caso, em que se mostra o sentimento q' o diabo tinha dos bautismos que fazia. Fol. 640.

Capitulo XXXIII. Da sancta morte do P. Balthezar Barreyra, do sentimento que della houve, & das exequias q' lhe fizeram. Fol. 645.

Capitulo XXXIII. Das boas partes, de que Deos dotou o P. Balthezar Barreyra, & de algũs casos, que Deos obrou por elle, que parecem milagrosos. Fol. 649.

Capitulo XXXV. Embarcase pera a India o Patriarcha Dom Joám Nunez Barreto, leva em sua companhia, entre outros, o Padre Dom Gonçalo da Sylveyra, & o Padre Francisco Rodrigues, a quem chamavam o manquinho, dá-se delle alguma noticia, & embarcase tambẽ o Bispo Dom André de Oviedo. Fol. 652.

Capitulo XXXVI. Chega á Goa o Patriarcha: faz-se conselho sobre sua partida a Ethiopia, resolve-se, que nam convem mãdalo a elle logo, & que em seu lugar vá o Bispo Dom André de Oviedo. Fol. 656.

Capitulo XXXVII. Da sancta vida

com que o Patriarcha passou em Goa, até sua morte. Fol. 660.

Capitulo XXXVIII. Dá-se alguma noticia do Padre André de Oviedo (que succedeo no Parriarchado ao P. Dom Joám Nunez Barreto) de sua vinda, & procedimento, em Portugal. Fol. 666.

Capitulo XXXVIII. Como o P. Bispo Dom André de Oviedo partio da India com cinco companheyros, & chegou aos Reynos de Ethiopia, & como nelles foy recebido, & do rom animo, & mã desposiçam que achou, naquelle Emperador. Fol. 670.

Capitulo XXXX. Das grandes perseguiçoens que o Rey de Ethiopia moveo contra o Bispo Dom André de Oviedo: das vezes que lhe quiz dar a morte, & de como Deos o castigou, & milagrosamente livrou ao Bispo. Fol. 675.

Capitulo XXXXI. Dos muytos trabalhos que padereo o Bispo D. André de Oviedo; por causa das guerras de Ethiopia, & como succedeo no Patriarchado, por morte do Patriarcha Dom Joám Nunez Barreto, de muytas obras que fez, que parecem milagrosas, & de sua sancta morte. Fol. 680.

Capitulo XXXXII. Como acabaram gloriosamẽte em Ethiopia os Padres Antonio Fernandes, Gonçalo Cardoso, André Gualdanes, & Manoel Fernandes, companheyros do Padre Patriarcha Dom André de Oviedo. Fol. 686.

Capitulo XXXXIII. Da vida, & morte

- morte do Padre Francisco Lopes, ultimo Companheyro do Patriarcha D. André de Oviedo, em especial de sua grande charidade. Fol. 69 c.
- Capitulo XXXXIII. Trata o P. Provincial Miguel de Torres de mudar em Coimbra o Collegio de IESUS, pera o Collegio das Artes, que tinhamos na rua de S. Sofia; vem de Roma por Visitador o Padre Luis Gonçalves, & resiste a esta mudança. Fol. 69 7.
- Capitulo XXXXV. Da pratica, que o Padre Luis Gonçalves fez a elRey, sobre nam largarmos o Collegio de IESUS, & como sua Alteza cõpoz este negocio, & ficamos no mesmo Collegio. Fol. 70 1.
- Capitulo XXXXVI. Dãse hũa breve noticia das cousas mais notaveis do Padre Luis Gonçalves da Camara: como o obrigou Sãnto Ignacio a ser confessor delRey Dom Ioã, & do Principe Dom Ioã; como foy segunda vez a Roma, & tornou pera ser mestre delRey Dom Sebastiam. Fol. 70 5.
- Capitulo XXXXVII. Começa o Padre Luis Gonçalves o officio de mestre delRey Dom Sebastiam: dãse algũa noticia da doutrina, & boa criaçam que lhe dava. Fol. 70 9.
- Capitulo XXXXVIII. Das murmuraçoens que havia contra o Padre Luis Gonçalves, mostrase o pouco fundamento, que tinham, & aponta-se a causa das queyxas que entam havia no Reyno. Fol. 71 4.
- Capitulo XXXXVIII. Mostrase com evidencia, o pouco fundamento que

houve pera se dizer que o Padre Luis Gonçalves tivera culpa da jornada, que elRey Dom Sebastiam fez a Africa: como se retirou da corte, & adoeceo de sentimento. Fol. 71 9.

Capitulo L. Da sancta morte do P. Luis Gonçalves da Camara, & do sentimento que della mostrou elRey Dõ Sebastiam. Fol. 72 3.

Capitulo LI. Das virtudes do P. Luis Gonçalves, em especial de sua charidade, & de como favorecia os professores de letras humanas, & de sua humildade. Fol. 72 9.

Capitulo LII. Continúa-se a mesma materia das virtudes do P. Luis Gonçalves: em especial de sua oraçam, & retiroamento que fazia á quinta de Valde-rosal, & de sua mortificaçam, & muyto zelo das almas. Fol. 73 5.

Capitulo LIII. Da sancta morte do nosso glorioso Patriarcha S. Ignacio: do estado em que deyxou a Copanhia, & da grande gloria que recrece a este Sãnto pelos filhos desta Provincia. Fol. 74 1.

Capitulo LIII. Das grandes obrigaçoens que esta nossa Provincia tẽ a elRey Dom Ioã Terceyro, com hũa breve noticia de seu nascimeto. Fol. 74 7.

Capitulo LV. Da grande piedade delRey Dom Ioã Terceyro, & do cuydado que teve de estabelecer as cousas da Religiam, assim em seu Reyno, como fora d'elle, em suas conquistas. Fol. 75 2.

Capitulo LVI. Da grande clemencia,

¶ real liberalidade deste magnifico Rey Dom Ioám Terceyro. Fol. 759.

Capitulo LVII. Continua-se a mesma materia da clemencia, ¶ real liberalidade del Rey Dom Ioám III. Fol. 763.

Capitulo LVIII. Da grande prudencia del Rey Dom Ioám Terceyro, de como sempre conservou a paz, ¶ favoreceo as letras em seus Reynos. Fol. 766.

Capitulo LVIII. Do bom sucesso que tiveram as armas no tempo del Rey

Dom Ioám Terceyro, nas conquistas deste Reyno, especialmente na India. Fol. 771.

Capitulo LX. Profeguese a mesma materia do bom sucesso que houve nas armas em tempo del Rey D. Ioám Terceyro, assim na India, como em outras partes. Fol. 777.

Capitulo Ultimo. Da boa escolha que el Rey Dom Ioám Terceyro sempre fez de Governadores pera a India: do sentimento que houve em sua morte: do seu sepulchro: ¶ dá-se fim a esta Chronica. Fol. 781.





T A B O A D A

D O S L V G A R E S D A

S A G R A D A E S C R I T V R A

deſta Chronica.

G E N E S I S.



Ap. i. num. 13. Et factum est vespere, & manè dies tertius. fol. 64. col. 2.

Cap. 1. num. 4. Divisit lucem à tenebris. Ibidem.

Cap. 3. num. 24. Collocavit ante paradifum voluptatis Cherubim, & flâmeum gladium, ad custodiendam viam. fol. 150. col. 2.

Cap. 2. num. 10. Et flâvius egrediebatur de loco voluptatis, ad irrigandum paradifum. fol. 161. col. 2.

Cap. 4. num. 14. Omnis qui invenerit me interficiet me. fol. 193. col. 2.

Cap. 27. num. 9. Affer mihi duos hædos optimos, ut faciam ex eis escas patri tuo,

quibus libenter vefcitur. fol. 229. col. 2.

Cap. 49. num. 22. Filius accrescens Ioseph, fol. 282. col. 1.

Cap. 39. num. 12. Accidit autem quadam die, ut intraret Ioseph domum, & operis quidquâ, sine arbitris faceret. fol. 443. col. 2.

Cap. 4. num. 5. Respexit Dominus ad Abel, & ad munera eius. fol. 462. col. 1.

Cap. 39. num. 12. Qui, relicto in manu eius pallio, fugit, & egressus est foras. fol. 564. col. 1.

Cap. 18. num. 2. Quod cùm vidisset, cucurrit, in occursum eorum. fol. 606. col. 1.

Cap. 2. num. 6. Sed & fons ascendebat de terra. fol. 668. col. 1.

Cap. 2. n. 15. Tulit ergo Domi-

nus Deus hominem, & posuit eum in paradiso voluptatis, ut operaretur. fol. 99 r. col. 1.

Cap. 28 num. 12. Terribilis est locus iste. fol. 742. col. 2.

Cap. 14. num. 18. Melchisedech Rex Salem, &c. erat enim sacerdos Dei altissimi. fol. 767. col. 1.

Cap. 6. n. 9. Hæ sũt generationes Noe. &c. fol. 746. col. 1.

EXODVS.

Cap. 19. num. 16. Et ecce cæperunt audiri tonitruca, ac micare fulgura. fol. 67. col. 1.

Cap. 3. Videbat quod rubus ardebat, & non combureretur fol. 86. col. 1.

Cap. 37. n. 9. Duos Cherubim extendentes alas, & tegentes propitiatorium. fol. 115. col. 2.

Cap. 23. num. 40. Fac secundum exemplar quod tibi in monte monstratum est. fol. 170. col. 2.

Cap. 13. num. 22. Nunquam defuit columna nubis per diem. fol. 303. col. 1.

Cap. 14. num. 23. Erat enim aqua quasi murus a dextra eorum, & læva. fol. 305. col. 2.

Cap. 2. num. 9. Accipe puerum istum, & nutri mihi. fol. 457. col. 1.

Cap. 17. num. 11. Cum levaret Moyses manus vincebat Is-

rael. fol. 628. col. 2.

Cap. 3. num. 15. Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Iacob, &c. fol. 745. col. 2.

NUMERI.

Cap. 28. num. 8. Ne attendatis ad sœnia vestra. fol. 419. c. 2.

LIBER IVDICIUM.

Cap. 6. num. 25. Et fuit siccitas in solo vellere, & ros in omni terra. fol. 304. col. 2.

REGVM 1.

Cap. 15. num. 22. Melior est obedientia, quam victimæ. fol. 72. col. 1.

Cap. 28. num. 15. quare inquietasti me. fol. 417.

Cap. 3. num. 8. Et adiecit Dominus, & vocavit Samuelem tertio. fol. 419. col. 2.

Cap. 13. num. 14. Quæsiuit Dominus sibi virum, iuxta cor suum. fol. 617. cel. 1.

REGVM 2.

Cap. 18. num. 3. Vnus pro decem millibus computaris. fol. 192. col. 2.

Cap. 24. num. 15. Immisit Deus pestilentiam in Israel. fol. 198. col. 2.

Cap. 6. num. 5. David autem, & omnis Israel videbat coram

Domino. fol. 349. col. 2.

Cap. 23. num. 10. Ipse stetit, & percussit Philistæos, donec deficeret manus eius, & abrigesceret cū gladio. fol. 452. col. 6.

Cap. 7. Suscitabo semen tuum post te, ipse ædificabit domum nomini meo. fol. 660. col. 1.

REGVM 3.

Cap. 7. num. 5. Et statuit duas columnas in porticu templi. fol. 169. col. 2.

Ibidem. num. 15. Et finxit duas columnas æreas. fol. 170. col. 1.

Et num. 19. Capitella autē quæ erant super capita columnarum, quasi opere lilij fabricata erant. Ibi.

Cap. 8. num. 10. Gloria domini implevit domum. fol. 372. col. 2.

REGVM 4.

Cap. 2. num. 11. Ecce currus igneus, & equi ignei dividerunt utrumque, & ascendit Elias, per turbinem in cælum. fol. 45. col. 1.

Cap. 13. n. 21. Quidam autē sepelientes hominem viderunt latrunculos, & proiecerunt cadaver in sepulchro Elisei, quod cū tetigisset ossa Elisei, revixit homo. fol. 234.

col. 2.

Cap. 4. num. 27. Dimitte illam, anima enim eius in amaritudine est, & dominus celavit à me, & nō indicavit mihi. fol. 297. col. 2.

Cap. 6. à num. 17. Cūque orasset Eliseus, ait, Domine, aperi oculos huius, ut videat: aperuit Dominus oculos pueri, & vidit: & ecce mons plenus equorum, & curruum igneorum, in circuitu Elisei, &c. fol. 550. col. 1.

Cap. 2. num. 15. Percussit aquas, & divisæ sunt huc, atque illuc. fol. 651. col. 2.

Cap. 6. num. 18. Percute obsecro gentem hanc cæcitate, percussitq, eos Dominus, ne viderent. fol. 680. col. 1.

Cap. 18. n. 17. Steterunt iuxta aquæ-ductum piscinæ. fol. 766. col. 2.

PARALIPOM.

Cap. 9. num. 1. Opus grande est neque enim homini præparatur habitatio, sed Deo. fol. 95. col. 2.

Cap. 29. num. Opus grande est, non enim homini, sed Deo præparatur habitatio. fol. 702. 2.

I O B.

Cap. 31. num. 18. Ab infantia

mea crevit meū miseratio.
fol. 46 1. col. 1.

Cap. 5. n. 7. Homo nascitur ad
laborem, & avis ad volatum,
fol. 690. col. 2.

PSALMI.

Psal. 68. num. 5. Quæ non rã-
pui, tunc exolvebam. fol. 4.
col.

Psal. 72. num. 23. Vt iumen-
tum factus sum apud te. fol.
27. col. 1.

Psal. 92. num. 4. Mirabiles
elationes maris, mirabilis in
altis Dominus. fol. 36. col. 1.

Psal. 75. num. 13. Qui aufers
spiritum Principum. fol. 82.
col. 1.

Psal. 54. num. 9. Expectabam
eum, qui saluum me fecit à
pusillanimitate spiritus, &
tempestate. ibidem. col. 2.

Psal. 76. num. 4. Defecit spiri-
tus meus. fol. 83. col. 1.

Psal. 50. num. 14. Spiritu prin-
cipali confirma me. fol. 87.
col. 1.

Psal. 75. num. 13. Terribili, &
ei, qui aufert spiritū Princi-
pum. ibidem.

Psal. 93. num. 29. Secundum
multitudinem dolorū meo-
rum in corde meo, consola-
tiones tuæ lætificaverūt ani-
mam meam. fol. 98. col. 1.

Psal. 79. num. 2. Qui sedet su-
per Cherubim. fol. 116. co. 1.

Psal. 18. num. 6. Exultavit ut

gigas ad currēdam viam. fol.
141. col. 2.

Nec est qui se abscondat a
colore eius. ibidem.

Psal. 4. n. 7. Signatum est super
nos lumen vultus tui Domi-
ne. fol. 149. col. 2.

Psal. 33. num. 21. Custodit
Dominus omnia ossa eorum,
vnum ex his non conteretur.
fol. 180. col. 2.

Psal. 9. num. 14. Tibi dereli-
ctus est pauper orphano tu-
eris adiutor. fol. 205. col. 1.

Psal. 8. n. 3. Exore infantium,
& lactentium perfecisti lau-
dem. fol. 219. col. 1.

Psal. 93. num. 19. Secundum
multitudinem dolorum in
corde meo: consolationes tuæ
lætificaverunt animam meā.
fol. 280. col. 2.

Psal. 138. num. 3. Intellexisti
cogitationes meas à longe.
fol. 292. col. 2.

Psal. 25. num. 4. Virga tua, &
baculus tuus ipsa me conso-
lata sunt. fol. 353. col. 2.

Psal. 42. num. 3. Emitte lucem
tuam, & veritatem tuam. fol.
355. col. 2.

Psal. 8. n. 3. Exore infantium,
& lactentium perfecisti lau-
dem. fol. 370. col. 2.

Psal. 7. num. 16. Incidit in fo-
veam quam fecit. fol. 449.
col. 1.

Psal. 6. num. 9. Quoniã exau-
divit Dominus vocem fletus
mei. fol. 462. col. 2.

Pfalm. 63. n. 8. Sagittæ parvulo-
rum factæ sunt plagæ eorum,
& infirmata sunt contra eos
linguæ eorum. fol. 570. col. 1.
Pfalm. 118. num. 62. Mediaino-
cte surgebam ad confitendū
tibi. fol. 602. col. 1.
Pfalm. 90. num. 11. In manibus
tollent te, ne unquā offendas
ad lapidem pedem tuum. fol.
603. col. 2.
Pfalm. 30. num. 2. In te Domine
speravi. fol. 617.
Pfalm. 91. num. 7. Cadent à la-
tere tuo mille & decem mil-
lia à dextris. fol. 680. col. 1.
Pfalm. 115. num. 15. Pretiola
in conspectu Domini mors
Sanctorum eius.
Pfalm. 144. num. 9. Misericor-
diæ eius super omnia opera
eius. fol. 759. col. 2.
Pfalm. 49. Immola Deo sacrifi-
ciū laudis, &c. fol. 750. col. 1.

PROVERBIO.

Cap. 3. n. 5. Ne innitaris prū-
dentia tuæ. fol. 74. col. 1.
Cap. 13. num. 24. Qui parcit
virgæ, odit filium. fol. 172.
col. 2.
Cap. 10. num. 9. Qui ambulat
simpliciter ambulat confi-
denter. fol. 264. col. 1.
Cap. 13. num. 4. Vult, & non
vult piger. fol. 276. col. 1.
Cap. 24. n. 16. Septies enim in

die cadit iustus. fol. 446.
col. 2.

Cap. 9. num. 1. Sapientia ædifi-
cavit sibi domum, exciavit
columnas septem. fol. 434.
col. 1.

Cap. 29. num. 21. Qui delicate
à pueritia nutrit servum suū,
postea sentiet eum contuma-
cem. fol. 582. col. 2.

Cap. 13. num. 12. Spes quæ dif-
fertur, affligit animam. fol.
661. c. 1.

Cap. 24. num. 22. Cum detra-
ctoribus ne cōmiscatis, quo-
niam repente consurget per-
ditio eorum. fol. 662. col. 1.

Cap. 19. num. 12. Sicut ros su-
per herbam, ita & hilaritas
Regis. fol. 759. col. 2.

ECCLESIASTIC.

Cap. 4. num. 10. Væ soli, quia cū
cecidit non habet suble-
vantem se. fol. 290. col. 1.

Cap. 7. num. 25. Filij tibi sunt.
erudi illos, & curva illos à
pueritia illorum. fol. 382.
col. 2.

Cap. 16. nu. 15. Omnis miseri-
cordia faciet locum unicuiq,
secundum meritum operum
suorum. fol. 646. col. 2.

Cap. 49. num. 1. Memoria Io-
ziæ in compositione odoris,
&c.

Cap. 6. num. 6. Consiliarius tibi
sit unus de mille. fol. 768.
col. 2.

CANTICA CANTICOR.

- Cap. 4. num. 6. Ascendam ad montem myrrhæ, & ad collem thuris. fol. 2. col. 2.
- Cap. 2. num. 16. Qui pascitur inter lilia. fol. 38. col. 2.
- Cap. 7. num. 8. Dixi, ascendam ad palmam, & apprehendam fructus eius. fol. 4. col. 2.
- Cap. 8. num. 6. Fortis est ut mors dilectio. fol. 44. col. 1.
- Cap. 8. num. 7. Aquæ multæ nõ potuerunt extinguere charitatem. fol. 45. col. 1.
- Cap. 2. num. 5. Dicite quia amore langueo. fol. 743. col. 1.

SAPIENTIA.

- Cap. 8. num. 1. Attingit à fine vsque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter. fol. 41. col. 2.
- Cap. 10. num. 21. Linguas infantium fecit esse disertas. fol. 219. col. 2.
- Cap. 4. num. 13. Consummatus in brevi explevit tēpora multa. fol. 481. col. 2.
- Cap. 1. num. 13. Descenditque cum illo in foveam, & in vinculis non dereliquit eum. fol. 512. col. 1.

ISAIA S.

- Cap. 35. num. 1. Exultabit solitudo, & florebit, quasi lilium,

germinās germinabit. fol. 38 col. 1.

Cap. 52. num. 7. Quàm pulchri sunt super montes pedes annūtiantis, & prædicantis pacem. fol. 30. col. 1.

Cap. 35. num. 1. Lætabitur deserta, & in via, &c. Germinās germinabit.

Et num. 8. Et erit ibi semita, & via, & via sancta vocabitur. fol. 101. col. 1.

Cap. 6. num. 1. Vidi Dominum sedentem super folium excelsum, &c. fol. 116. col. 1.

Ibidem num. 2. Seraphim stabāt super illud sex alæ uni, & sex alæ alteri, duabus velabant faciem, &c. Ibidem.

Cap. 37. num. 35. Protegam civitatem istam, ut salvē eam, propter David servum meū. fol. 120. col. 2.

Cap. 62. n. 11. Ecce Rex tuus venit tibi mansuetus, sedens super asinam, &c. 130. col. 1.

Cap. 52. num. 7. Quàm pulchri super montes pedes evangelizantium? fol. 153. col. 2.

Cap. 43. num. 2. Cum ambulaveris in igne non comburearis, & flāma non ardebit in te. fol. 197. col. 2.

Cap. 49. num. 15. Etsi illa oblita fuerit, ego tamen nõ obliviscar tui. fol. 205. col. 1.

Cap. 49. Ego sum Deus, & non est similis mei, annuncians ab exordio novissima, & ab initio quæ nondum facta

sunt.

ſunt. fol. 292. col. 2.

Cap. 11. num. 6. & 7. Habitabit lupus cum agno, & pardus cum hælo accubabit, vitulus & leo, & ovis ſimul morabuntur, & puer parvulus minabit eos. fol. 655. col. 2.

Iſai. cap. 66. num. 1. Terra autē ſcabellum pedum meorum. fol. 654. col. 2.

Cap. 52. num. 7. Quàm pulchri pedes evangelizantium. fol. 655. col. 1.

I E R E M I A S.

Cap. 3. num. 27. Bonū eſt viro, cum portaverit iugum ab a-
doſcentiā ſua. fol. 208. col. 2.

Cap. 7. num. 16. Tu ergo noli orare pro populo hoc, nec aſſumas pro eis laudem, & orationem, & non obſiſtas mihi, quia non exaudiam te. fol. 422. col. 1.

Cap. 2. nu. 18. Et nunc quid tibi vis in via Ægypti, ut bibas aquam turbidam. fol. 521. col. 1.

Cap. 20. num. 11. Quasi bellator fortis. fol. 631. col. 1.

D A N I E L.

Cap. 5. num. 50. Et non tetigit eos omnino ignis, &c. fol. 86. col. 1.

Cap. 14. num. 30. Tradidit illis Danielem, qui miſerunt illum in lacum leonum. fol. 168. col. 1.

Qui miſerunt eum in lacū leonum, & erat ibi ſex diebus. Ibi.

Cap. 12. num. 4. Plurimi pertrāſibunt, & multiplex erit ſciētia. fol. 466. col. 2.

Cap. 12. num. 3. Et fulgebit in eccleſia Dei ſplendor firmamenti, & velut ſtellæ in perpetuas æternitates manſuræ. fol. 579. col. 1.

Cap. 9. num. 23. Quia vir deſideriorum es. fol. 660. col. 1.

Cap. 6. num. 27. Qui liberavit Danielem de lacu leonum. fol. 726. col. 1.

A M O S.

Cap. 7. num. 14. Non ſum propheta, nec filius prophetæ, ſed armentarius ego ſum. fol. 473. col. 1.

N A H Ū M.

Cap. 1. num. 15. Quàm pulchri ſuper montes pedes evangelizantium? fol. 285. col. 2.

S. M A T T H Œ V S.

Cap. 27. num. 31. Et induerunt eum veſtimentis eius, & duxerunt eum, ut crucifigerent. fol. 16. col. 1.

Cap. 11. num. 12. Regnum cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud. fol. 41. col. 2.

Cap. 10. num. 8. Gratis accepistis, gratis date. fol. 67. col. 2.

Cap. 23. num. 2. & 3. Super cathedram Moysis sederunt Scribæ, & Pharisei, omnia ergo quæcūque dixerint vobis, servate, & facite, secundum opera verò eorum nolite facere. fol. 71. col. 2.

Cap. 16. num. 24. Qui vult venire post me, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me. fol. 86. col. 2.

Cap. 5. num. 14. Non potest civitas abscondi supra montem posita. fol. 101. col. 2.

Cap. 21. num. 6. Eantes autem fecerunt. fol. 129. col. 2.

Cap. 12. num. 48. Quæ est mater mea, & qui sunt fratres mei? &c. fol. 133. col. 2.

Cap. 8. num. 23. Ascendente in naviculam secuti sunt eum discipuli eius. fol. 153. col. 2.

Cap. 8. num. 25. Domine salva nos perimus. fol. 160. col. 1.

Cap. 24. num. 22. Non fiet salva omnis caro. fol. 193. col. 1.

Cap. 21. num. 15. Et pueros clamantes in templo Osanna filio David. fol. 219. col. 1.

Cap. 19. num. 14. Sinite parvulos venire ad me, talium est enim Regnum cælorum. fol. 230. col. 2.

Cap. 13. n. 44. Simile est Reg-

num cælorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo, &c. fol. 234. col. 2.

Cap. 14. num. 30. Videns verò ventum validum timuit, &c. fol. 306. col. 2.

Cap. 8. num. 27. Quis est hic quia venti & mare obediunt ei. Ibi.

Cap. 17. num. 9. Nemini dixeritis visionem, donec à mortuis resurgat filius hominis. fol. 309. col. 2.

Cap. 4. num. 9. Hæc omnia tibi dabo. fol. 412. col. 2.

Cap. 8. num. 24. Ipse verò dormiebat. fol. 427. col. 1.

Cap. 9. num. 29. Hoc genus dæmoniorum non eicitur nisi in oratione. fol. 429. col. 1.

Cap. 10. num. 34. Non veni pacem mittere, sed gladium; veni enim separare hominē adversus patrem suum. fol. 437. col. 1.

Cap. 20. num. 28. Non veni ministrari, sed ministrare. fol. 441. col. 1.

Cap. 11. num. 25. Abscondisti hæc à sapientibus, & prudentibus, & revelasti ea parvulis. fol. 471. col. 2.

Cap. 24. num. 12. Propter electos breviabuntur dies illi. fol. 481. col. 1.

Cap. 20. num. 16. Qui voluerit inter vos maior fieri, sit vester minister. fol. 487. col. 2.

Cap. 25. num. 21. Euge serve

bone,

bone, & fidelis, quia in pauca fuisti fidelis, supra multate constituam, intra in gaudium Domini tui. fol. 534. col. 1.

Cap. 10. n. 25. Si patrē familiās Beelzebub vocaverunt, quātō magis domesticos eius. fol. 573. col. 1.

Cap. 3. num. 2. Prædicant Regnum Dei, ut homines pænitentiam agāt. fol. 578. col. 1.

Cap. 7. num. 16. A fructibus eorum cognoscetis eos. Ibi. col. 2.

Cap. 16. num. 18. Ideò portæ inferi non prævalebunt adversus eos, & merces eorum copiosa est in cælis. fol. 579. col. 1.

Cap. 26. num. 41. Qui non odit patrem, & matrem, non potest meus esse discipulus. fol. 618. col. 2.

Cap. 10. à num. 9. Non peram in via, neq, duas tunicas, neque calceamenta, neque virgam. fol. 668. col. 1.

Cap. 24. num. 42. Vigilate quia nescitis qua hora Dominus venturus est. fol. 742. col. 2.

Cap. 16. num. 23. Quem dicunt homines esse filium hominis? fol. 770. col. 1.

Cap. 22. num. 32. Non est Deus mortuorum, sed viventium. fol. 787. col. 1.

S. M A R C V S.

Cap. 4. num. 39. Comminatus est vento, & dixit mari tace, obmutesce. fol. 227. col. 2.

Cap. 6. num. 20. Audito eo multa faciebat. fol. 275. col. 2.

S. L V C A S.

Cap. 9. num. 62. Nemo mittens manum ad aratrum, & respiciens retro est aptus ad Regnum Dei. fol. 14. col. 1.

Cap. 10. num. 16. Qui vos audit, me audit, & qui vos spernit, me spernit. fol. 71. n. 3.

Cap. 1. num. 47. Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo. fol. 83. num. 12.

Cap. 12. num. 35. Sint lumbi vestri præcincti. fol. 241. col. 1.

Cap. 10. num. 20. Gaudete autē quòd nomina vestra scripta sunt in cælis. fol. 271. col. 2.

Cap. 9. num. 58. Filius autem hominis non habet ubi caput suum reclinet. fol. 284. col. 2.

Cap. 23. num. 43. Hodie mecum eris in paradiso. fol. 296. col. 1.

Cap. 10. num. 1. In Omnem civitatem, & locum quò ipse erat venturus. fol. 323. col. 2.

Cap. 1. num. 20. Ecce Angelus Domini apparuit in somnis

- Ioseph. fol. 419. col. 2.
 Cap. 17. num. 10. Cùm feceritis omnia, quæ præcipiuntur vobis, dicite servi inutiles sumus. fol. 442. col. 1.
 Cap. 18. n. 13. Deus propitius esto mihi peccatori. fol. 451. col. 2.
 Cap. 14. num. 26. Spiritus quidem promptus est, caro autē infirma. fol. 619. col. 2.
 Cap. 19. num. 8. Ecce dimidium bonorum meorum dō pauperibus. fol. 691. col. 2.

S. IOANNES.

- Cap. 11. num. 54. Abijt in regionem, iuxta desertum, in civitatem quæ dicitur Ephrē, & ibi morabatur cum discipulis suis. fol. 37. col. 1.
 Cap. 15. num. 13. Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animā suam ponat quis pro amicis suis. fol. 47. col. 2.
 Cap. 3. num. 8. Qui ubi vult spirat. fol. 82. col. 2.
 Cap. 11. num. 44. Statim prodijt qui fuerat mortuus ligatus pedes, & manus institis. fol. 229. col. 2.
 Cap. 6. num. 44. Nemo potest venire ad me nisi Pater qui misit me, traxerit eum. fol. 288. col. 1.
 Cap. 11. num. 51. Hoc autem à semetipso non dixit, sed cùm

- esset Pōtifex anni illius prophetavit. fol. 300. col. 1.
 Cap. 2. num. 11. Hoc fecit initium signorum Iesus, in Canā Galileæ. fol. 308. col. 2.
 Cap. 4. num. 16. Qui manet in charitate, in Deo manet, & Deus in eo. fol. 463. col. 2.
 Cap. 15. n. 15. Vos autem dixi amicos, quia omnia quæ audivi à patre meo nota feci vobis. fol. 472. col. 1.
 Cap. 13. num. 4. Surgit à cæna, ponit vestimenta sua, & cùm accepisset linteum; cæpit lavare pedes discipulorum. fol. 487. col. 2.
 Cap. 14. num. 29. Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad patrē. fol. 566. col. 2.
 Ibidem num. 27. Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis. fol. 599. col. 2.
 Cap. 15. num. 18. Si mūdus vos odit; scitote quia me priorem vobis odio habuit. fol. 573. col. 1.
 Cap. 12. num. 11. Nonne duodecim sūt horæ diei. fol. 658. col. 2.
 Cap. 4. num. 11. Iacob, qui dedit nobis puteum, & ipse ex eo bibit, &c. fol. 766. col. 1.
 Cap. 15. num. 18. Si de mundo fuissetis, mundus quod suum esset diligeret. fol. 573. col. 1.

ACTA APOSTOLORVM.

- Cap. 22. n. 3. Secus pedes Gamalie-

- maliel, eruditus iuxta veritatem paternæ legis. fol. 123. col. 1.
- Cap. 12. num. 6. In ipsa nocte, erat Petrus dormiens vincus catenis duabus. fol. 160. col. 2.
- Cap. 8. num. 4. Philippus autem inventus est in Azoto. fol. 290. col. 2.
- Cap. 20. num. 23. & 24. Quæ in ea mihi vētura sunt ignorans, nisi quòd Spiritus Sanctus, per omnes civitates mihi protestatur. fol. 297. col. 2.

AD ROMANOS.

- Cap. 11. n. 33. Quàm in comprehēsbilia sunt iudicia eius, & investigabiles viæ eius. fol. 41. col. 2.
- Cap. 15. num. 5. Vt id ipsum omnes sapiant, & dicant. fol. 75. num. 5.
- Cap. 8. num. 15. Abba Pater. fol. 82. col. 2.
- Cap. 2. n. 1. In quo enim alium iudicas, te ipsum condemnas. fol. 607. col. 2.

AD CORINTH. 1.

- Cap. 5. num. 4. Stella enim ab stella differt in claritate. fol. 126. col. 2.
- Cap. 4. num. 15. Per Evangelium ego vos genui. fol. 205. col. 2.

- Cap. 4. num. 6. Scientia inflat, charitas vero ædificat. fol. 465. col. 2.
- Cap. 13. n. 5. Charitas non cogitat malum. fol. 563. col. 1.
- Cap. 1. n. 14. Infirma mūdi elegit Deus, ut confundat fortia. fol. 572. col. 2.
- Cap. 6. n. 11. Tu autem homo Dei, &c. fol. 579. col. 2.
- Cap. 4. num. 9. Tanquàm morti destinatos. fol. 696. col. 2.

AD CORINTH. 2.

- Cap. 12. num. 11. Factus sum insipiens, vos me coegistis. fol. 224.
- Cap. 12. num. 9. Virtus in infirmitate perficitur. fol. 259. num. 3.
- Cap. 10. num. 10. Quoniam quidam, epistolæ inquirunt, graves sunt, & fortes; præsentia autem corporis infirma. fol. 314. col. 1.
- Cap. 7. num. 5. Nam & cū venissemus Capadociam, nullam requiē habuit caro nostra. fol. 334. col. 2.

AD GALATAS.

- Cap. 6. num. 10. Dum tempus habemus operemur bonum. fol. 691. col. 1.

AD EPHESIOS.

- Cap. 5. n. 27. Gloriosam eccle-

fiam non habentem maculam.

Cap. 6. num. 5. 6. Obedite Dominis carnalibus cum timore, & tremore, in simplicitate cordis vestri, sicut Christo non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed ut servi Christi facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, & non hominibus. fol. 71. col. 2.

Cap. 3. num. 19. Supereminentem scientiæ charitatē Christi. fol. 431. col. 1.

AD PHILIPPENSES.

Cap. 2. num. 8. Factus obediens usque ad mortem; mortem autem crucis. fol. 71. col. 1.

Cap. 3. num. 20. Nostra autem conversatio in cælis est. fol. 608. col. 2.

AD COLOCENSES.

Cap. 3. num. 13. Sicut Domino, & non hominibus. fol. 447. col. 2.

AD TIMOTHEVM I.

Cap. 6. num. 8. Habentes alimenta, & quibus regamur his contenti simus. fol. 26. col. 2.

Cap. 1. num. 15. Venit in hunc mundum peccatores salvos

facere, quorum primus ego sum. fol. 134. col. 1.

Cap. 3. num. 7. Oportet testimonium habere bonum ab his, qui foris sunt. fol. 393. col. 2.

Cap. 6. num. 8. Habentes alimenta, & quibus regamur, his contenti simus. fol. 441. col. 2.

AD HEBRÆOS.

Cap. 11. num. 24. Maiores divitias æstimans thesauro Ægyptiorum impropriū Christi. fol. 78. col. 1.

Cap. 11. num. 25. Magis eligens affligi cum populo Dei, quā temporalis peccati habere iucunditatem. fol. 511. col. 2.

Cap. 11. num. 37. Circuerunt in melotis, in pellibus caprimi, egentes angustiati, afflicti. fol. 692. col. 1.

IACOBI.

Cap. 2. num. 17. Descendens à patre luminum. fol. 65. col. 2.

Cap. 2. num. 18. Ostendam tibi ex operibus fidem meam. fol. 573. col. 2.

PETRI.

1. Cap. 4. num. 8. Super omnia autem hæc, charitatem continuam habentes. fol. 429. col. 1.

1. Cap. 5. Cùm autem apparuerit Princeps pastorum . fol. 533. col. 1.

IOANNIS.

Epistol. 1. cap. 3. Quoniam ille animam suam pro nobis posuit, & nos debemus pro fratribus animas ponere . fol. 203. col. 1.

Cap. 4. num. 1. Charissimi nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint, nam multi pseudo-prophetæ exierunt in mundum, in hoc cognoscitur omnis spiritus: qui confitetur Iesum Christum in carne venisse, ex Deo est. fol. 573. col. 2.

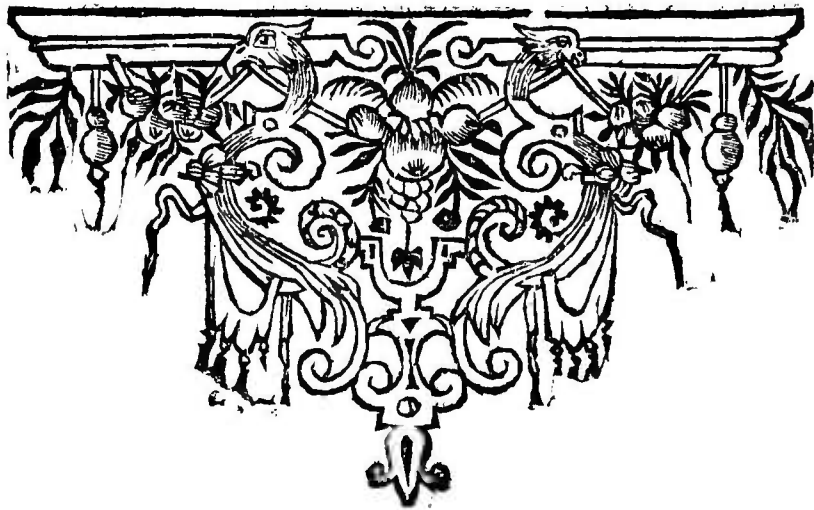
Epist. 1. cap. 4. n. 20. Qui non diligit fratrem suum, quem videt, Deum, quem non videt quomodo potest diligere? fol. 729. col. 2.

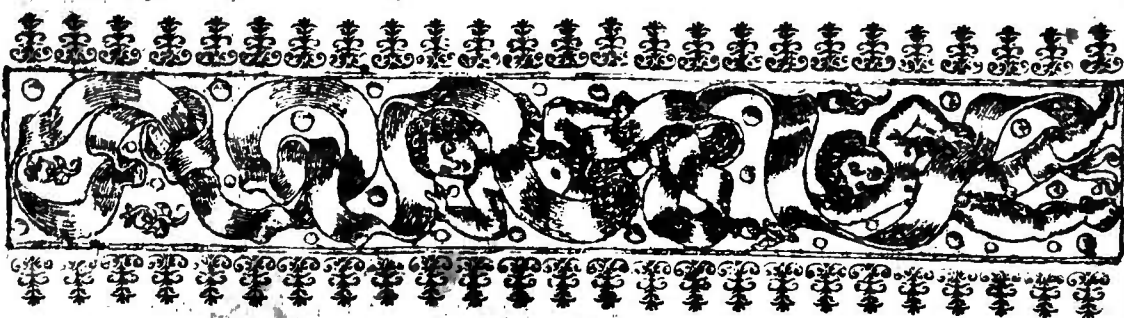
APOCALYPSIS.

Cap. 10. n. 2. Et posuit pedem suum dexterum super mare, sinistrum autem super terram. fol. 153. col. 2.

Cap. 11. n. 5. Hi sunt duæ olivæ, & duo candelabra in conspectu Domini. fol. 169. c. 2.

Cap. 14. num. 13. Audivi vocem de cælo dicentem mihi beati mortui qui in Domino moriuntur. fol. 240. col. 2.





T A B O A D A

D A S C O V S A S

MAIS NOTAVEIS

desta Chronica.

A

Abexins.



S Abexins sam incultos no seu tratado. fol. 516. n. 6.

Os seus erros nas cousas da fé. Ibi.

num. 7.

Pretendêram os Papas acudir a seus erros. fol. 520. num. 2.

Quem preverteo os Abexins? Ibi. num. 3.

Tempo em q duráram as suas heregias. fol. 521. n. 4.

Tem grãde respeyto às Igrejas. fol. 522. n. 8.

De sua devaçam pera com nossa Senhora. fol. 523. n. 9.

Embaxada que se mandou ao Abexim. fol. 536. n. 2.

Da esquadra que se deo pera acompanhar esta embaxada, pera o Abexim. fol. 537. n. 3.

De como foram recebidos os Embaxadores, pelo Rey Abexim. fol. 537. num. 5.

Do que continha a embaxada ao Abexim. fol. 538. col. 1.

De quam mal aceytou elRey esta embaxada. Ibi. n. 6.

De hũa notavel prophacia que tem os Abexins. fol. 542. col. 1.

He mandado por Embaxador ao Abexim Fernam de Sousa. fol. 652. col. 2.

Dos presentes que elRey Dom Ioã mandou ao Abexim. Ibi.

D. Affonso Furtado de Mendosa.

Quaes foram seus pays? fol. 243. num. 4.

Cargos honrosos que teve neste Reyno. Ibi.

Do testimunho que deo sendo Reytor da Vniversidade de Coimbra, sobre o que socedeo na morte do P. Mestre Ignacio Martins. Ibi, num. 5.

D. Affonso de Castello Branco.

Sendo Bispo de Coimbra veyo venerar o corpo morto do P. Mestre Ignacio Martins. fol. 242. col. 1.

P. Affonso Gil.

Foy muy charitativo com os condenados á morte. fol. 204. num. 4.

D. Affonso de Naranha.

Foy Visorrey da India. fol. 783. col. 1.

Quaes foram seus pays? Ibi.

Affonsa Leão Barbuda.

Andou pelas partes de Monomotapa. fol. 164. col. 1.

Relaçam que mandou ao Padre Francisco de Gouvea, de hum caso prodigioso, sobre a morte do Padre Gonçalo da

Sylveyra. Ibi.

Dom Affonso de Lancastro.

Foy muyto affeyçoado ás cousas da Companhia. fol. 57. num. 8.

Fez nos na Curia Romana muy bons officios. Ibidem.

Alagoa.

Cousas notaveis de huma alagoa, que ha em Ethiopia. fol. 542. num. 5.

P. Alvaro Pires.

Quaes foraõ seus pays? fol. 116. num. 7.

Fez a obra da charõla da capella mór de Sam Roque. Ibi. Como fez as doutrinas em Lisboa. fol. 214. num. 6.

D. Alvaro de Azaide.

Quaes foram seus pays? fol. 553. num. 7.

O Cardeal Alberto.

Quaes foram seus pays? fol. 225. col. 2.

Foy Governador deste Reyno. Ibi.

Affistia á doutrina do P. Ignacio Martins. Ibi.

Mostra sua Alteza ao povo as contas de carcam q lhe mandou o Padre Mestre Ignacio. fol. 226. col. 1.

Ambiçam.

Como desterrou Sancto Ignacio da Companhia a ambiçam. fol. 66. num. 6.

O senhor D. Alexandre.

Como veyo venerar o corpo do Padre Ignacio Martins. fol. 242. col. 1.

Irmám Affonso Vaz.

Foy Religioso de muyta virtude. fol. 258. n. 1.

Era muyto dado à oraçam. Ibi. num. 2.

Tinha dom de lagrimas. fol. 259. col. 1.

Da grande edificaçam que deo na sua doença. Ibi.

De sua morte. fol. 260. col. 1.

P. Affonso Barreto.

Foy irmám do Patriarcha D.º Ioám Nunez Barreto. fol. 330. num. 6.

Teve o cargo do Reytorado do Collegio de Evora. Ibi.

Foy homem de grande espirito. Ibi.

Nasceo na cidade do Porto. Ibi.

Fr. Alonso de la Fuente.

Como se moveo a perseguir a Companhia. fol. 402. col. 1.

Rezam que teve pera nos per-

seguir em Portugal. Ibi. n. 3.

Cargos que deo este Religioso contra a Companhia. Ibi. n. 4. até o 10.

Prégava contra a Companhia. fol. 403. col. 2.

Como se houve o Infante Cardinal contra elle neste negocio. Vide D. Henrique.

Castigo que se deo a Fr. Alonso de la Fuente. fol. 404. col. 2.

P. Antonio de Quadros.

Foy natural de Sanctarem. fol. 567. num. 2.

Quatorze annos foy na India Provincial. Ibi.

Foy Religioso de muytas partes. Ibi.

De seu grande zelo. fol. 562. num. 3.

Exemplo notavel de sua castidade. Ibi. n. 4. 5. & 6.

Admiravel meyo de que uzou em hũa tentaçam. fol. 564. num. 7.

De sua morte. fol. 566. num. 13.

Pede licença pera hir tomar hũa disciplina publica pela cidade de Coimbra. fol. 5. col. 1.

De sua muyta charidade na viagem da India. fol. 545. col. 2.

Como livrou Deos a nao de hũ grande perigo, por seus merecimentos. fol. 546. num. 7.

D. Antonio Pinheiro.

Bispo de Miranda, & Leyria, fi-

cou muy satisfeyro de ouvir os primeyros mestres de S. Antãm. fol. 22. num. 3.
Foy dar grandes parabens a sua Alteza, dizendo que tinha já em Lisboa outra Vniversidade, como a de Paris. Ibidem.

D. Antonio de Castro.

Foy homem de grande virtude, & muy devoto da Companhia. fol. 122. num. 1.
Quaes foram seus pays? Ibi.
Estã sepultado na capellinha de nossa Senhora do Desterro, de S. Roque. fol. 123. col. 1.
Mandouse sepultar aos pés do P. D. Francisco Soares. Ibidem.

Antonio Gomes d'Elvas.

He padroeyro da capella de S. Francisco Xavier da Igreja de Sam Roque. fol. 125. n. 9.

D. Alvaro da Costa.

Foy Reytor da Vniversidade de Coimbra. fol. 588. col. 2.
Quaes foram seus pays? Ibi.

S. Antãm.

A casa de S. Antãm foy a primeyra que teve a Companhia, em Portugal. fol. 17. col. 1.
No principio tinha somente o titulo de Residencia. Ibidem. col. 2.

Chamoule Collegio, no anno de 1552. Ibidem.

Manda S. Ignacio meter as classes em Sancto Antãm. Vide S. Ignacio.

Proposta do P. Provincial a sua Alteza, sobre estas classes. Vide P. Diogo Mirãm.

Quaes foram os primeyros mestres deste Collegio? fol. 18. & 19. num. 4. & 5.

Quem foy o primeyro que no Collegio de Sancto Antãm leo juntamente as duas lições de Casos, & Mathematica? Vide Francisco Rodrigues.

Ocasiam que houve pera nos mudarmos de Sancto Antãm o novo.

Foy a primeyra habitaçam que teve a Companhia no mundo fóra de Roma. fol. 22. c. 1.

A este Collegio se devem o estudos do Collegio de Coimbra. fol. 23. col. 1.

Nelle se começaram publicar as constituições da Companhia. Ibidem. n. 4.

Delle sahiram os Padres, que fundaram a casa de S. Roque. Ibidem. n. 5.

He o commum hospicio dos nossos ditos missionarios. Ibidem.

Nam sahio martyr da Companhia desta Provincia q nam experimentasse a charidade deste Collegio. fol. 24. col. 1.

O Padre Ignacio de Azevedo

foy

foy o primeyro Reytor de S. Antãm. Vide Padre Ignacio de Azevedo.

Estado presente de S. Antãm. Ibidem. col. 2.

Quê foy a fundadora do seu tẽplo? Vide Dona Phelippa de Sa.

Rezoens que houve pera a mudança de S. Antãm o velho. fol. 50. col. 2.

Resistencias que houve na posse de sua cerca. Ibidem. n. 6.

Lança-se a primeyra pedra, & renovamse as contradicções. fol. 51. num. 7.

Resiste a cidade de Lisboa à obra do Collegio. Ibidem col. 2.

Vam as obras por diante. Ibi. num. 8.

Como crescia a obra no meyo das perseguicoens. fol. 52.

Continúa a resistencia do Padre cõfessor das Madres de Sancta Anna. Ibidem.

Da mudança pera S. Antãm o novo. fol. 54. n. 12.

Ajuntamse em S. Antãm os Padres mais graves da Proyincia, pera haverem de publicar as constituicoens. Vide constituicoens.

O Collegio de Sancto Antãm emprestou alfayas pera a casa de R. Roque. fol. 102. go. 2.

Assistente.

Foy eleyto por Assistente do segundo Preposito Geral da Companhia o P. Luis Gon-

çalves da Camara: Vide P. Luis Gonçalves.

Arrayal.

Do modo que tem elRey de Ethiopia em mover seu arrayal. fol. 518. n. 10.

O seu arrayal he a cidade. Ibi.

Ordem que goardam em assentar o arrayal. Ibi. col. 2.

P. André Gonçalves.

Do seu naufragio. fol. 556. n. 12.

De sua lastimosa morte. fol. 560. col. 1.

Antõnio Fernãdes Ximenes.

Quaes foram seus pays? fol. 185. col. 1.

Edifica casa pera o Collegio Irlandez. Ibi.

Antõnio Cayado.

Foy grande valido delRey de Monomotapa. fol. 157. co. 1.

Entregalhe o P. Gõçalo da Sylveyra os ornamentos com q̃ dizia missa. fol. 158. col. 2.

Vay fallar ao Padre, pera lhe traçar a escapar à morte. Ibi.

P. André Fernandes.

Foy Religioso de muyta virtude. fol. 155. col. 1.

Acompanhou o P. Gonçalo da Sylveyra na missã da Cafraia. Ibi.

Irmãõ André Annes.

Foy este Religioso muy perseguido do diabo. fol. 424. n. 4.

P. André de Oviedo.

Patria, & estudos do P. Andre de Oviedo. fol. 666. n. 1.

Como viveo no Collegio de Coimbra? Ibi. num. 2.

Foy o primeyro Reytor do Collegio de Gandia. Ibi.

Sua penitencia. Ibi. n. 2.

Acompanhou o B. P. Fracisco a Roma, quando houve de entrar na Companhia. fol. 667. num. 3.

Foy mandado por nosso Sancto Padre Igracio a ser Reytor do Collegio de Napoles. Ibi.

Como foy eleyto Bispo de Ethiopia. Ibi.

Foy sagrado em Lisboa, com titulo de Bispo de Hierapolis. Ibi.

Como se houve visitado a Provincia de Alentejo. fol. 668. num. 5.

Pediolhe o Cardeal Dom Henrique, que visitasse o Arcebispado de Evora. Ibi.

Como caminhava a pé nesta visita. Ibi.

Como se recolhia pelos hospitaes. fol. 669.

Como exercitava o officio de Bispo. Ibi. num. 8.

Como partio logo pera Ethiopia. fol. 670. num. 1.

Nomes dos Cõpanheyros que levou consigo. fol. 671. col. 1.

Do que passaram nesta viagem, pera Ethiopia. Ibi.

Como desembarcou em Arquico. fol. 672. num. 4.

Da festa q lhe fizeram na primeyra entrada. fol. 673. n. 6.

Como foy recebido do Emperador. Ibi. n. 7.

Resoluçam perversa que lhe

deu o Emperador. fol. 674. col. 1.

Como se houve o Emperador com o P. D. Andre de Oviedo, vindo do desterro. fol. 675. col. 1.

Como foy segunda vez desterrado. fol. 676. n. 2.

Torna a vir do desterro. Ibi. & n. 4. & 6.

De hum caso milagroso, que lhe socedeo. fol. 677. num. 5.

Como o Rey o quiz matar. fol. 678. n. 7.

Como foy terceyra vez desterrado. Ibi. n. 8.

Socedeo no Patriarchado de Ethiopia a Dom Ioã Nunez Barreto. fol. 682. col. 1.

Como resistio o Patriarcha ao Abunã. Ibi. n. 4.

Como acudio em huma praga de gafanhotos. Ibi. n. 6.

De sua grande charidade. fol. 683. col. 2.

Da grande pobreza a que chegou. fol. 684. col. 1. & 2.

De sua grande conformidade, com a divina vontade. fol.

685. col. 1.

Como ainda depois de morto socorreo aquellas gentes.

Antonio Fernandes.

Foy natural de Braga. fol. 687. num. 3.

Foy Religioso de muyta virtude. Ibi.

Acompanhou o Patriarcha Andrie de Oviedo em Ethiopia.

Ibi.

P. André Gualdanes.

Foy natural de Xerès dela Frõ-
tera. fol. 688. n. 6.

Foy companheyro do Patriar-
cha de Ethiopia. Ibi.

Morreo gloriosamente. Ibi. n. 7.

D. Aleyxo de Meneses.

Quaes foram seus pays . fol.
672. num. 5.

Foy Arcebispo de Goa, & Bra-
ga. Ibi.

Foy Visorrey de Portugal. Ibi.

De outros cargos que teve. Ibi.

Como mandou o seu Vigayro
géral tirar informaçam au-
tentica das virtudes do Pa-
triarcha D. Andriê de Ovie-
do, & seus companheyros. Ibi.

Irmám André da Costa.

Foy companheyro do P. Gon-
çalo da Sylveyra, na missám
da Castraria. fol. 155. col. 1.

P. Antonio Correa.

Foy natural da cidade do Por-
to. fol. 171. n. 2.

Depois de publicadas as conf-
tituiçõs foy o primeyro me-
stre de noviços q̄ teve Hes-
panha. Ibi.

Teve noviços que foram varoẽs
muy insignes. fol. 172. n. 3.

Mortificava muyto os noviços.
Ibi. num. 4.

Como vigiava sobre os novi-
ços. fol. 173. n. 5.

Notavel mortificaçam com q̄
provou a hum Padre seu no-
viço. Ibi. n. 6.

Exercitava os noviços em mor-
tificaçoens publicas. fol. 174

num. 8.

Como fez a mesma mortifica-
çam que ordenava aos ou-
tros. fol. 175. num. 9.

Notavel confiança com que se
houve em hũa mortificaçam
publica. Ibi. á num. 10.

Adoeceo o P. Antonio Correa,
& veyo a morrer sanctamẽ-
te. fol. 176. n. 11.

P. Antonio de Araujo.

Foy o primeyro noviço em Evo-
ra. fol. 482. n. 2.

Servio de Proçurador trinta an-
nos, na Companhia. fol. 483.
col. 1.

Foy muyto applicado a ouvir
confissoens. Ibi. n. 4.

Sua morte no Collegio do Por-
to foy muy sentida. Ibi. col. 2.

Acudia muyta gente à nossa
Igreja, por lhe tomar alguma
coufa por reliquia. Ibi.

Armada.

Da armada que foy pera a In-
dia no anno de 1553. fol.
268. col. 2.

Quaes foram os capitaens mô-
res nesta armada. Ibidem.

Angola.

Sitio do Reyno de Angola. fol.
621. col. 1.

Nome de Angola. fol. 621. c. 1.

Primeyra noticia que houve
das coufas de Angola. Ibi.
num. 5.

Primeyra missám da Compa-
nhia, pera Angola. fol. 622.

Como mandou o Rey de An-
gola prender os primeyros

missio-

missionarios. Ibi.

Torna o Rey de Angola a pedir prégadores. Ibi. n. 7.

Antonio da Sylveyra.

Defende o primeyro cerco de Dio. fol. 773. n. 5.

Quam estimado foy o esforço de Antonio da Sylveyra. fol. 773. num. 6.

B

P. Balthezar Barreyra.

Foy natural de Lisboa. fol. 617. num. 1.

Como Deos o trouxe à Companhia. fol. 618. num. 4.

Como esteve tres dias por descuydo sem comer. fol. 619. col. 1.

Como se houve nestes dias. Ibi. Procedeo em seu noviciado cõ grande edificaçam. fol. 620. num. 1.

Como foy mandado ao Reyno de Angola. Ibi. col. 2.

Em que anno chegou a Angola. fol. 623. col. 1.

De hum particular bautismo, que fez. fol. 624. col. 1.

De hũa admiravel victoria, alcançada por suas òraçoens. fol. 625. & seq. n. 1.

Torna de Angola pera Portugal. fol. 629. col. 1.

Esteve quatorze annos em Angola. Ibi. n. 3.

Ocasiam que houve pera hir a Madrid. fol. 630. col. 1.

Vemse pera o Collegio d'Evo-
ra, fazemno mestre de novi-
ços. Ibi. col. 2.

Noua ocafiã que teve pera
hir a Guiné. fol. 631. col. 1.

Offerecemlhe a misãm de Ca-
bo-verde. fol. 632. col. 1.

Escreve ao Padre Provincial,
offerecendose pera a misãm
de Cabo-verde. Ibi. n. 7.

Parte pera Cabo-verde, & che-
ga à Ilha de S. Thiago. fol.
634. col. 2.

Como foy recebido nesta ilha.
fol. 635. n. 3.

Como tratou de hir à Terra-
firme. Ibi. col. 2.

Trata de bautizar hum Rey
daquella terra. fol. 640. c. 2.

Embarcase pera Serraleoa. fol.
641. n. 2.

Dos muytos perigos que nesta
navegaçam padeceo. Ibi.

Como converteo muytos Reys
desta regiam. fol. 642. col. 1.

Do tempo que esteve em Gui-
nè. Ibi.

Chega a Portugal a fama de
suas obras. Ibi.

Escrevelhe el Rey Dom Phelip-
pe o Terceyro. Ibi. col. 2.

Como se queyxavam os diabos
da Ilha de Camassõno do P.
Balthezar Barreyra. fol. 644.
col. 2.

Trata de tornar ao sertãm de
Guiné. fol. 646. col. 1.

Como desejava morrer entre
os seus Christãos. Ibi.

Como adoeceo. Ibi. col. 2.

De sua sancta morte. fol. 648.
num. 6.

Do sentimento que mostrou o Governador, & mais nobres de sua morte. Ibi. n. 7.

Da solemnidade com que se fezeraõ suas exequias. Ibi. n. 8.

Como prêgou o Vigairo gèral nas exequias. fol. 649. col. 1.

Das suas boas partes. Ibi. col. 2.

Era muy composto no exterior. fol. 650. n. 2.

Como farou de gota a hum Arcediago. Ibi.

Como acudio a hũa molher q̃ estava de parto. fol. 651. n. 4.

Como aquietou hum temporal. Ibi. num. 5.

Balthezar Alvares.

Architecto de sua Alteza he mandado cordear, & designar o edificio de S. Antam. fol. 21. col. 2.

Lança a primeyra pedra aos 11. de Mayo. Ibi.

Bautismos.

Bautizase o filho del Rey de Tonga. Vide Tonga.

Bautismo milagroso de hum Indio. fol. 288. n. 4.

Outro caso semelhante. Vide P. Joseph de Anchiera.

P. Bertholameu de Bustamante.

Como o livrou Deos de hum grande perigo' pela oraçam de Sam Francisco de Borja. fol. 85. col. 1.

D. Fr. Bertholameu dos Martyres.

Escreve ao Papa sobre o P. Ignacio d'Azevedo. fol. 31. c. 1.
Bertholameu Froes.

Foy casado cõ Soeyra de Vafconcellos. fol. 123. n. 3.

Foram ambos insignes bemfeytores da Companhia. Ibi.

Sam padroeyros da Capella do Espirito Sancto. Ibi.

Estam sepultados nesta capella. fol. 124. col. 1.

Bayrro alto.

Como se habitou o bayrro alto? fol. 101. col. 1.

Este bayrro parece hũa boa cidade. Ibi.

O bayrro de Sam Roque parece o melhor da cidade de Lisboa. Ibi. col. 2.

Todo este bayrro se habitou depois de termos ally a casa de Sam Roque. fol. 102. c. 1.

P. Bento Fernandes.

Foy varãm muyto douto. fol. 214. num. 7.

Compoz varios tomos sobre a sagrada escriptura. Ibi.

Foy muy devoto à Virgem N. Senhora. fol. 215. col. 1.

De como fez as doutrinas em Lisboa por muitos annos. Ibi.

Irmam Balthezar Dias.

Foy sogeyto de rara virtude. fol. 202. n. 11.

Escapou da peste servindo nella. Ibi.

Como foy em peregrinaçam a Ierusalem. Ibi.

Porque foy a Africa. fol. 400.

Esteve cativo em Tituam. Ibi.

Bulla.

Bullas que se passaram pera se fũlar a Vniversidade d'Evo-
ra. fol. 343. num. 3.
Como se publicou a bulla da
confirmaçam. fol. 344. n. 6.

Bugios.

Notaveis bugios que ha em Gui-
nè. fol. 638. col. 2.

Bremudes.

D. Ioãm Bremudes teve o titu-
lo de Patriarcha de Ethio-
pia. fol. 523. n. 1.

C*Caboverde.*

Offerecem ao Padre Balthezar
Barreyra a misãm de Cabo-
verde. Vide Balthezar Bar-
reyra.

Do sitio de Caboverde. fol.
634. col. 2.

Cadeyras.

Como a Rainha Dona Cather-
rina nos queria entregar as
cadeyras de Coimbra. fol.
609. col. 2.

Como se priuãram os Padres
daquellas cadeyras. fol. 610.
col. 1.

Cafraria.

Dãse breve noticia dos Castres,
& da Cafraria. fol. 149. n. 2.
Ha muyto ouro na Cafraria. Ibi.
Sam terras estereis. fol. 150. n. 4.

D. Christovam da Gama.

Quaes foraõ seus pays. fol. 521.
num 6.

A Ilha Camasõno.

Como esteve muytos annos so-
geyta ao diabo. fol. 644. c. 1.
Do que vio na Ilha Camasõno.
Ibi. col. 2.

Como se queyxavam os diabos
do Padre Balthezar Barrey-
ra, pelos lançar de Camasõ-
no. Ibi.

D. Camilla.

Grande devota da Companhia.
fol. 122. col. 1.

Deo muytas esmolas à casa de
Sam Roque. Ibi.

Quaes foram seus pays. Ibi.

Dalhe a Companhia a capelli-
nha da Sanctissima Trinda-
de em final de gratidam. Ibi.

Dã hum juro à Companhia. Ibi.
Estã sepultada nesta capellinha.
Ibi. col. 2.

A Rainha D. Catherina.

Como lavrava goardas, & cor-
poraes pera a Igreja de S. Ro-
que. fol. 179. col. 1.

De sua muyta piedade. fol. 609.
col. 1.

Da moderaçam cõ que se hou-
ve na sua privança o Padre
Miguel de Torres. Vide P.
Miguel de Torres.

Como a Rainha nos quiz en-
regar as cadeyras de Coim-
bra. fol. 609. col. 2.

Canonizaçam.

Trata-se da canonizaçam dos
missionarios do Brazil. fol.
46. num. 7.

Castidade.

Exemplos notaveis de Sanctos
pera guardar a castidade.
fol. 565. n. 10. & 11.

Capuchos.

Tentase hum Irmam de sahir
da Companhia, & fometer
Capucho. fol. 14. col. 1.

Como tornou a sahir dos Padres
Capuchos. fol. 15. n. 8.

Carta.

Carta de S. Ignacio pera o Pa-
dre Diogo Miram. fol. 71. n. 3.

Carta do N. Sancto sobre os
despedidos. fol. 12. n. 2.

Carta do Arcebispo de Braga
Dom Frey Bertholameu dos
Martyres sobre o Padre Ig-
nacio de Azevedo. fol. 31.
col. 1.

Carta del Rey Dom Ioam III.
pera sua Sanctidade. fol. 56.
num. 4.

Carta de S. Alteza pera hum
Cardeal. fol. 57. n. 6.

Carta de Sua Alteza pera Dom
Affonso de Lancastro, seu
embayxador em Roma. fol.
58. num. 9.

Carta de S. Alteza pera el Rey
de França, sobre o Padre Luis
Gonçalves da Camara. fol.
59. num. 12.

Carta do Infante Cardeal sobre
o mesmo. fol. 60. n. 2.

Outra do mesmo. fol. 62. n. 5.

Carta de obediencia de S. Ig-
nacio. fol. 70. col. 2.

Rezoens que houve pera S. Ig-
nacio remeter esta carta a

Portugal. Ibidem. col. 1.

Carta do Infante Dom Luis
pera S. Francisco de Borja
depois de renunciar o Du-
cado de Gandia. fol. 80. nu-
mero 5.

Carta de Sam Francisco de
Borja pera o serenissimo In-
fante Dom Luis. fol. 81.
col. 2.

Carta notavel sobre a imagi-
naçam que houve nos mo-
radores de Lisboa no tem-
po da peste grande. fol. 194
num. 5.

Carta do Duque de Aveyro so-
bre a morte do Padre Mestre
Ignacio Martins. fol. 235.
num. 10.

Carta do senhor Alexandre so-
bre hum caso notavel que
obrou Deos por huma reli-
quia do Padre Ignacio Mar-
tins. fol. 247. n. 2.

Carta de Sancto Ignacio pera o
Cardeal Infante. fol. 318. n. 7.

Carta do Cardeal Infante pera
Sam Francisco de Borja. fol.
346. num. 2.

Outra pera o Papa Pio Quarto.
fol. 398. col. 1.

Carta de Sancto Ignacio pera o
Patriarcha de Ethiopia Dõ
Ioam Nunez Barreto. fol.
528. num. 3.

Carta do Infante D. Luis, muy
avifada, pera o Visorrey da
India D. Pedro Mascarenhas
fol. 548. num. 12.

Da carta que el Rey escreveo

ao Bispo de Coimbra, pedindolhe informaçam da Companhia. fol. 571.

Carta de sua Alteza, pera o Doutor Diogo de Teve. fol. 584. uum. 10.

Carta del Rey Dom Felippe o terceyro, pera o Padre Balthazar Barreyra. fol. 642. num. 5.

Carta de S. Ignacio pera o P. Luis Gonçalves da Camara. fol. 707. num. 8.

Classes.

A Camara de Lisboa aceyta as classes da Cõpanhia. fol. 18. col. 1.

Quaes foram os primeyros mestres destas classes. fol. 18. 19. & 20. per totum.

O tempo das classes durava tres horas pela manhã, & outras tres à tarde. fol. 20. col. 1.

Nam se tinha dia de sueto em toda a semana. Ibidem.

Confessor.

Escusase o P. Diogo Miram de cõfessor del Rey. Vide Diogo Miram.

O P. confessor das Madres de S. Anna resiste a obra de S. Antam. Vide S. Antam.

Companhia.

Tentase hum Irmam de sahir da Companhia, & se meter Capucho. Vide Capucho.

Pede com instancia que o admitam outra vez à Companhia. fol. 15. n. 8.

Notavel experiencia que delle tomou o Padre Reytor do Collegio. Vide Manoel Godinho.

Como se governava a Companhia antes de haver constituições. fol. 64. n. 1. & 2.

Os da Companhia ham de ter tres annos de noviciado. fol. 68. num. 9.

Rezãm, porque na Companhia ha tres annos de noviciado. Ibi.

Os Religiosos da Companhia estam sogeytos a muytas difficuldades. Ibidem. n. 10.

Na Companhia os melhores sã os que vam pera a India. fol. 154. num. 4.

A frequencia da confissam, & cõmunham se deve à Companhia. fol. 188. n. 2.

Entregase à Companhia o governo do Collegio Irlãdez. fol. 185. num. 9.

Da informaçam, que deo a Universidade de Coimbra sobre a Companhia, à instancia de sua Alteza. fol. 575. col. 2.

D. Constantino de Bragança.

Foy Vilorrey da India. fol. 152. col. 1.

Encomendou a convertãm dos gentios ao Padre Provincial da India. Ibidem.

Constituições.

Como sahiram as cõstituições da Companhia. fol. 64. n. 3.

Vem o Padre Ieronymo Nadal

a publicar as constituições.
Vide Ieronymo Nadal.

Vay o Padre Commissario com
o Padre Provincial offerecer
as constituições a Sua Alte-
za. fol. 66. col. 1.

Quanto el Rey estimou ver as
constituições. Ibidem. n. 5.

Contrato.

Contrato, que fizeram os Pa-
dres com os confrades de S.
Roque. Vide S. Roque.

Côtratos entre a Vniversidade,
& o Collegio das Artes. fol.
588. col. 1.

Collegio.

Varios Collegios foyeytos ao
Reytor da Vniversidade de
Evora. Vide Vniversidade.

O Collegio de Coimbra teve
em algũ tempo 260. Religio-
sos. fol. 613. col. 2.

Tinha a Cõpanhia dous Colle-
gios em Coimbra. 697. co. 1.
Incõmodidades, q̃ havia por ter
estes dous Collegios. Ibi. n. 2.

Tratam os nossos de se mudar
pera o Collegio debayxo. fol.
698. num. 4.

O nosso Collégio se deo aos Pa-
dres de Thomar. 699. col. 1.

Incommodidades, que havia no
Collegio debayxo. 700. c. 2.

Tratam os nossos de pedir ou-
tra vez o Collegio, q̃ tinham
largado. fol. 701. num. 1.

Como mandou el Rey se entre-
gassẽ à Companhia as eschõ-
las menores do Collegio de
Coimbra. fol. 581. num. 1.

P. Cypriano Soares.

Foy Doutor em Theologia muy
. versado nas escrituras divi-
nas, & muy lido nas letras
humanas. fol. 18. n. 4.

Foy Prefeito nas eschõlas da
Companhia. Ibidem.

Passou por ordem da obediên-
cia ao Collegio de Alcalã.
Ibidem.

Notavel charidade deste bom
Padre no tempo da peste
grande. fol. 192. col. 2.

Acudia a dez mil. empéstados,
que tinha à sua conta. fol
197. num. 13.

Veyo ler a primeyra classe da
eschõlas menores de Coim-
bra. fol. 592. col. 2.

Confraria.

Instituiu se hũa confraria de S.
Roque em Lisboa. Vide S.
Roque.

Esta foy a primeyra confraria
de Sam Roque, que houve
em Hespanha. fol. 94. col. 2.

Resistem os da Confraria aos
nossos Padres, que queriam
edificar sua casa professa jun-
to à ermida de Sam Roque.
fol. 95. num. 3.

Grande satisfação nos confrades
de Sam Roque. fol. 177.
col. 2.

Da confraria dos irmãos offi-
ciaes. fol. 190. num. 7.

Do grande exemplo que dam
os irmãos desta confraria.
fol. 191. num. 9.

A confraria dos nobres. Ibi. c. 2.

Taboada das cousas mais notaveis,

Capella.

O Padre Ioã m de Madureyra concertou as capellas das sã-etas reliquias de S. Roque.

Vide Ioã m de Madureyra.

Ioã n Pimenta de Sam Payo padroeyro da capella das Sanctas Virgens. Vide Ioã m Pimenta de Sam Payo.

Dãse noticia da capellinha da Sanctissima Trindade. fol. 121. num. 1.

Dãse noticia da outra capellinha, que a esta respõde d'outra parte. fol. 122. n. 2.

Mandou ornar esta capellinha Ioã m de Castro. Ibi.

A invocaçam della he de nossa Senhora do Desterro. fol. 123. col. 2.

Dãse noticia das mais capellas. fol. 124. & 125. do 3. até o 10.

A capella de Sam Roque se fez à custa da Companhia. fol. 125. num. 8.

He da mesma confraria de Sam Roque. Ibi.

A cuja custa se fez a capella de nossa Senhora da Doutrina de Sam Roque. fol. 125.

Congo.

Dos Padres que foram à misãm de Congo. fol. 274. col. 1.

Chegam a Cõgo, & o que nelle fizeram. Ibi.

Fala o Padre Cornelio Gomes com elRey de Congo. Vide Cornelio Gomes.

Da inconstancia do Rey de Cõ-

go. fol. 275. n. 7.

Da inconstancia da gente de Congo. fol. 276. n. 10.

Convertidas.

O Recolhimento das convertidas tem grandes obrigações à Companhia. fol. 182. col. 1.

P. Cornelio Gomes.

Como foy escolhido pera a misãm de Congo. fol. 273. n. 4.

Embarcase com seu cõpanheyro. fol. 274. col. 1.

Leva consigo huns mininos orfaõs. Ibi.

De como pretendèram alguns de malquistar o Padre com elRey de Congo. Ibi. n. 5.

Fala o Padre cõ elRey de Congo. Ibi. n. 6.

Trata de sahir de Congo. fol. 275. num. 8.

Chega com dous mininos orfaõs à Ilha de S. Thomè. fol. 276. col. 1.

Vemse a Portugal. Ibidem.

Foy Reytor de Evora. fol. 332. num. 11.

D

Deos

Como Deos tomou à sua conta esta Provincia. fol. 1. col. 2.

Aos mais estimados mete Deos em mayores trabalhos. fol. 153. col. 1.

D. Duarte da Costa.

Quaes foram seus pays. fol. 278. col. 1.

Foy Governador do Brazil. Ibi.
Quanto estimou os missionarios, que foram em sua companhia pera o Brazil. Ibi.

Decreto.

Manda o Capitulo gèral de S. Domingos publicar hũ decreto pera perpetuar a amizade com a Companhia. fol. 305. col. 2.

Diabo.

Tenta o diabo a hum Irmão q̄ saya da Religiam. Vide Religiam.

Tenta o com capa de mayor aperto. fol. 14. col. 1.

São muy ordinarias as tetações do diabo nos servos de Deos. fol. 423. col. 1.

P. Diogo Mirãm.

Foy homem de muyta ôração. fol. 2. n. 3.

Das mais virtudes deste Padre. Ibidem.

Alguns o queriam comparar ao Apostolo do Oriente. Ibidem.

Quanto resistio em aceytar a honra de confessor del Rey. fol. 7. col. 1.

Da conta a S. Ignacio desta materia. Ibidem.

Aproveytase o P. Diogo Mirãm da advertencia de S. Ignacio cerca dos despedidos. fol. 13. num. 5.

Proposta do P. Diogo Mirãm a Sua Alteza, sobre meter as classes de Sancto Antãm. fol. 17. num. 3.

Sendo Provincial vay a huma

missãm a Alentejo. fol. 323. num. 4.

Adoecendo na missãm, se foy agasalhar ao hospital. fol. 324. num. 5.

Da obrigaçam que tẽ esta Provincia ao P. Diogo Mirãm. fol. 596. n. 1.

Foy Assistente das Provincias de Portugal. fol. 597. col. 1.

Morreo em Roma. Ibi.

P. Diogo Monteyro.

Fez o retablo da capella mór de Sam Roque. fol. 114. n. 3.

Diogo de Teve.

O Doutor Diogo de Teve foy Reytor do Collegio das Artes. fol. 584. col. 1.

Dio.

Quem defendeo o primeyro cerco de Dio. fol. 773. n. 5.

Successo do segundo cerco de Dio. fol. 764. num. 8.

Diogo da Sylveira.

Quaes foraõ seus pays. fol. 779. col. 1.

Seus feytos illustres. Ibi.

Disciplina.

Occasiam que houve pera huma disciplina pela cidade de Coimbra. fol. 3. n. 6.

Como passou o caso da disciplina publica. fol. 4. n. 7.

Do que alguns julgãram desta disciplina. fol. 5. n. 10.

Despedidos.

O que S. Ignacio julgava sobre os despedidos. fol. 12. col. 1.

Notavel resoluçam do P. Mestre Simãm Rodrigues sobre

dis-

dispedir alguns da Companhia. Ibidem. num. 3.

Doutrina.

Quanto a Companhia estima ensinar a sancta doutrina. fol. 209. col. 1.

Quaes foram os primeyros Padres, que começaram a ensinar a doutrina nesta Provincia. Ibi.

Difficuldades, que havia em responder à doutrina. fol. 218. num. 7.

De como hũa criança de peyto respondeo à doutrina. fol. 219. n. 8.

O principio, que teve levar as bandeyras na doutrina. Ibi. num. 9.

Dom Duarte.

Quaes foram seus pays. fol. 376. n. 8.

Está sepultado na nossa Igreja de Evora. Ibi.

E

Escholas.

Occasiam, que houve pera nos darem as escholas menores. fol. 582. num. 2.

Os mestres destas escholas. Ibi.

Qual seja o fim da Companhia nas suas escholas. fol. 583. num. 5.

Declara-se a fórma, em que a Companhia aceyrou o cuydado das escholas menores; & mostra-se a izença, que sempre

tiveram da Vniversidade. fol. 585. num. 1.

Os superiores da Companhia, sam os visitadores das escholas menores. fol. 587. n. 5.

Cõtrato entre a Vniversidade, & as escholas menores. Vide contrato.

Fizemos desistencia das escholas. fol. 589. col. 1.

S. Esba.

Como cortou os narizes, & os beyços, pera guardar sua castidade. fol. 565. num. 10.

D. Estevam da Gama.

Quaes foram seus pays. fol. 774. num. 7.

Eleyçam.

Ordena Sancto Ignacio como se haviam de fazer as eleyçoens em Roma. fol. 66. n. 6.

D. Elena Mascarenhas.

Foy muy devota à Companhia. fol. 96. col. 2.

Ditto muy avisado desta fidalga. Ibi.

Epiraphio.

Do épitaphio da sepultura do Cardeal Henrique. fol. 375.

Epitaphio do sepulchro del Rey Dom Ioãm terceyro. fol. 785. num. 7.

Ermida.

Tratam em Lisboa de fazer huma ermida ao bemaventurado Sam Roque. Vide Sam Roque.

Esmolas.

Das esmolas, q repartia o Cardeal Dom Henrique. Vide

Dom Henrique.

Estudantes.

Os estudantes de Sam Antãm aos Domingos à tarde au-
diam a suas mesmas classes
a ouvir a sãcta doutrina. fol.
21.col. 1.

Experiencia.

Experiencia que Sancto Igna-
cio fez no Padre Luis Gon-
calves. fol. 63.col. 1.

Ordena nosso Sancto Padre se-
nam dẽsse profissam solem-
ne senam depois de largas
experiencias. Vide profis-
sam.

Ethiopia.

Chamase Abassa. fol. 514.n. 3.

Dãse huma breve noticia de
Ethiopia. Ibi.

Os Ethiopes nam sam hoje se-
nhores da cõsta do mar. fol.
515.num. 4.

Limites de Ethiopia. Ibi.col. 2.

Quem foy o primeyro prẽga-
dor de Ethiopia. Ibi.

Da magestade do Emperador
de Ethiopia. fol. 516.n. 8.

Titulos que tomam os Reys de
Ethiopia. fol. 517.n. 9.

Rezam q̃ houve pera em Por-
tugal se saberem as cousas
de Ethiopia. fol. 621.n. 6.

Do fervor q̃ houve nesta Pro-
vincia sobre a missãm de E-
thiopia. fol. 525.col. 2.

Escolhidos pera a missãm de
Ethiopia. Ibi. n. 6.

Do modo de caminhar por E-
thiopia. fol. 542.col. 2.

Nomes dos Padres missiona-
rios de Ethiopia. fol. 544.
num. 1.

Destruçam q̃ fizeram os Gal-
las em Ethiopia. fol. 681.
col. 1.

Grande variedade, & mudança
de Reys em Ethiopia. fol.
681.n. 3.

Evora.

Tocamse os principios do Col-
legio de Evora. fol. 316.n. 2.

Como tratou o Cardeal Infan-
te de nos fundar hum Col-
legio em Evora. Vide Car-
deal Henrique.

Começase a obra deste Colle-
gio. fol. 317.n. 4.

Como aceytaram os Padres o
Collegio de Evora. fol. 319.
num. 8.

Quaes foraõ os prim eyros me-
itres deste Collegio. Ibi.

Quam bem ouvidos eram estes
mestres. fol. 320.num. 9.

Como o Infante Cardeal nos
foy edificando este Collegio
Ibi. num. 10.

Numero dos Religiosos, que
começaram habitar neste
Collegio de Evora. fol. 321.
col. 2.

Começase a ler Curso de Ar-
tes em Evora. fol. 337.col. 1.

Sancto Ignacio manda ser Rey-
tor em Evora ao P. Leãm
Henriques. Vide S. Ignacio.

Como se occasionou a licença
pera se fundar a Vniversi-
dade de Evora. Vide Vni-

verfidade.
 Descreve-se o refeytorio d'Evora. fol. 356. col. 2.
 Casa do noviciado de Evora. Ibi. num. 11.
 Como se acrescentaram depois as obras do Collegio d'Evora. fol. 357. num. 9.
 Das obras que fez nelle o Padre Antonio de Sousa. Ibi. num. 10.
 Dos primeyros lentès de Theologia do Collegio de Evora. fol. 454. n. 2. & 3.
 Dos primeyros noviços que entraram em Evora. fol. 482. num. 2.
P. Francisco Lopes.
 Grande virtude deste Padre. fol. 690. col. 2.
 Foy natural de Lisboa. Ibi.
 Foy Religioso muy penitente. Ibi.
 Das muytas esmelas que dava. fol. 691. n. 2.
 Como deo a roupeta. Ibi.
 Cubriase com hũa pelle. fol. 691. col. 2.
 Deo a tunica que trazia. fol. 692. col. 1.
 Como se deo, & repartio pelos pobres. fol. 692.
 Como levou às côstas a hum enfermo. fol. 693. n. 7.
 Favores que Deos lhe fazia. fol. 694. n. 8.
 Como adoeceo. Ibi. n. 9.
 Como melhorou da doença. fol. 695. col. 1.
 De sua sancta morte. Ibi. col. 2.

Fome.

Da fome que houve em Lisboa no tempo da peste grande. fol. 193. n. 3.
S. Francisco de Borja.
 Quaes foram os pays do B. P. Francisco de Borja. fol. 78. num. 1.
 Foy primeyro casado com Dona Leonor de Castro. Ibidem. col. 2.
 Affeyçoouse à Companhia por causa da Duquesa sua mulher. Ibidem. n. 2.
 Como renunciou seu Ducado, & entrou na Cõpanhia. fol. 79. col. 2.
 El Rey Dõ Ioã Terceyro fez viesse o Sãto pera este Reyno. fol. 84. col. 1.
 Patte o B. Padre pera Portugal. Ibi. n. 2.
 Grande perigo de que Deos livtos ao companheyro do B. Padre Francisco de Borja. Ibi. num. 3.
 Como foy poderosa a oraçam de Sam Francisco de Borja. fol. 85. col. 1.
 Quam bem recebido foy dos Reys, & Princepes de Portugal. Ibidem. col. 2.
 Quanto o Infante D. Luis cõmunicou com o Sancto Padre. Ibidem. n. 5.
 Tres vezes veyo a Portugal. fol. 88. num. 1.
 Na cidade do Porto se agasalhou no hospital. Ibidem. num. 2.

Como tomou posse do Collegio do Porto. fol. 89. n. 4.

Como procedia o bemaventurado Padre no Porto. fol. 90. num. 5.

Hia com hũa campainha pelas ruas chamando os miuihos pera a sancta doutrina. Ibi. dem.

Fazia exhortaçoes deuotissimas no tempo que se virava pera o povo com o Senhor nas mãos. Ibi. col. 2.

Como se exercitava nos officios mai. humildes da casa. Ibi. dem. num. 6.

Huimas vezes se fazia porteyro, outras vezes tomava o officio de conselheyro. Ibi. dem.

Prégou Sam. Francisco de Borja na casa professa de Sam Roque, quando se tomou posse della. fol. 99. num. 5.

Como mandou á instancia do Infante Cardeal dous famosos Lentes de Theologia á Vniuersidade de Evora. fol. 347. num. 5.

Vem a Evora, & aceyta as pregaçoens da Quaresma, á instancia do Infante Cardeal. fol. 348. num. 9.

Particular acto de humildade de Sam Francisco de Borja. fol. 350. col. 1.

Quanto estimou o Cardeal Infante este acto. Ibi. col. 2.

Vay em companhia do Cardeal Infante visitar as classes de Evora. Ibi. n. 4.

Do remate da visita do bemaventurado Padre. fol. 351. num. 5.

Como em lugar da pratica ordinaria beyjou os pés a todos os ouvintes. Ibi.

De como foy continuar a sua visita. Ibi. n. 6.

D. Francisco Henriques de Navarra.

Quaes foraõ seus pays. fol. 475. col. 2.

Foy doutor no direyto canonico, & civil. Ibi.

Entrou na Companhia em Lisboa. Ibi.

Era mestre, & juntamente dicipulo. fol. 476. col. 1.

De sua grande devaçam. Ibi. col. 2. n. 4. & 5.

Foy muy obediente. fol. 477. num. 6.

Como exercitava o officio de confessor. fol. 478. n. 7.

Da grande vigia que tinha sobre sua vida. Ibi. n. 8.

Do que lhe socedeo na ultima doença. fol. 479. col. 2.

Commualhe Deos o purgatorio em penas desta vida. Ibi.

Entra em grandes tormentos. fol. 480. col. 1.

Do grande sentimêto que mostrava nestas dores. Ibi. n. 11.

Como se lhe mudaram as dores, espirou muyto quieto. fol. 481. col. 1.

Francisco Figueyra de Azevedo.

Foy grandemente affeyçoado a Sam Frâncisco de Xavier. fol. 547. num. 8.

Quaes foram seus pays. Ibi.
S.P. Francisco de Borja.
 Fez copiar com particular a sagrada imagem que pintou S. Lucas. fol. 32. n. 7.
 Mandou a como reliquia de grande estima à Rainha de Portugal. Ibidem.
P. Francisco Cardoso.
 Fez as doutrinas com grande nome. fol. 211. n. 6.
 Foy varão de raras talentos, & de muyta penitencia. Ibi. num. 7.
 Morreo na casa professa de Lisboa. Ibi.
 Quam sentida foy sua morte. Ibi. col. 2.
P. Francisco de Gouvea.
 Qual foy sua patria. fol. 484.
 Servio de moço de camara a el Rey Dom João o terceyro. Ibi.
 De sua entrada na Companhia. Ibi.
 Como indo fraco por hum caminho a pé, o socorreo Deos milagrosamente. fol. 485. num 9.
 Como procedeo no seu noviciado. Ibi.
 Leo Theologia com grande nome em Evora. fol. 486. col. 1.
 Fez hum tratado sobre a sūma de Navarro. Ibi.
 Foy Reitor de Evora, & Preposito de Sam Roque. Ibi. num. 12.
 De sua grande humildade. fol.

487. col. 1.
 Foy confessor do Visorrey de Portugal. Ibi. num. 13.
 Como acudio a dous q̃ se queriam matar. fol. 488. col. 1.
 Morreo de idade de 98. annos. Ibi. num. 15.
 Foy Provincial na Companhia. fol. 164. col. 2.
 Como lhe veyo huma relaçam de hum caso prodigioso sobre o corpo do P. Gonçalo da Sylveyra. 165. & 166.
Francisco Correa.
 Senhor de Bellas muy affeyçoado à Companhia. fol. 18. c. 1.
 Propoz o negoceo do Collégio de S. Antão, & suas classes à Camara de Lisboa. Ibidem.
P. Francisco Rodriguez.
 Foy o primeyro que leo duas liçõens de mathematica, & casos de consciencia, em S. Antão. fol. 20. num. 8.
 Tinha quatrocentos ouvintes. Ibidem.
 Em que anno, & com que companheyros se embarcou pera a India. fol. 633. col. 1.
 De seu grande fervor pera alcançar esta missã. Ibi. col. 2.
 Notaveis palavras do P. Francisco Rodriguez. fol. 654. col. 1.
Francisco Barreto de Lima.
 Quaes foram seus pays. fol. 147. num. 5.
 Foy Governador da India. Ibi.
 Grande entrada teve com este fidalgo o Padre Gonçalo da

Sylveyra.

P. Francisco Ueyra.

Foy varã de muyta virtude, & letras. fol. 269. col. 1.

Como se embarcou pera a

India. ibi. 16. num. 3.

Despoz a huns fidalgos pera tomarem os exercicios espirituales de S. Ignacio na mesma nao. ibi.

Por meyo destes exercicios se meteo Capucho hum destes fidalgos. Ibi.

P. Francisco Pinto.

Saude milagrosa que o Padre Ioseph de Anchieta deo, & prophetizou ao Padre Francisco Pinto. Vide Padre Ioseph de Anchieta.

Do muyto que trabalhou na vinha do Senhor. fol. 299. c. 1

Como veyo a morrer pela se de Christo. ibi. n. 7.

D. Fernando de Meneses.

O Arcebispo Dom Fernando de Meneses se achou presente quando se tomou posse da casa de Sam Roque. fol. 99. col. 2.

D. Fernando de Meneses.

Foy Embayxador del Rey Dom Sebastião em Roma. fol. 587. num. 4.

Quaes foram seus pays. Ibi.

Fernam Alvres Cabral.

Quaes foraõ seus pays. fol. 268. col. 1.

Foy capitã mór de quatro naos da India. Ibi.

D. Fernando de Meneses.

Quaes foraõ seus pays. fol. 777. col. 1.

Foy mãebo muyto valente. ibi.

Fernam Soares de Albergaria.

Quaes foraõ seus pays. fol. 268. col. 2.

Cargo que teve na viagem da India. Ibi.

P. Fernam Peres.

Leo Theologia muytos annos na Vniversidade de Evora. fol. 456. col. 1.

Qual foy sua patria. Ibi.

Do singular beneficio que recebeu por via da Virgem Santissima Senhora nossa. fol. 456. num. 5.

Fez voto de seguir a opiniã da Immaculada Conceyçam de Nossa Senhora. fol. 457. col. 1.

Das muytas letras do P. Fernam Peres. fol. 457. n. 8.

De sua grande humildade. fol. 458. num. 9.

Reposta humilde deste Padre, pera el Rey Dom Sebastião. fol. 459. col. 2.

Faziase discipulo do Prefeyto espiritual. Ibi. n. 12.

De sua charidade, & mais virtudes. fol. 460. n. 1. & 2.

Como se aparelhou pera morrer. fol. 462. n. 5.

Estando espirãdo, encõmendou a chatidade. fol. 463. n. 6.

Prova de sua granda pureza. Ibi. num. 8.

P. Fernam Tenreiro.

Quaes foram seus pays. fol. 484.
col. 1.

De sua entrada na Companhia
em Evora. Ibi.

Alcãçou a missã da India. Ibi.

G

P. Gonçalo Rodrigues.

Foy religioso de muyta virtu-
de. fol. 536. num. 2.

He nomeado pera poder infor-
mar das cousas da Religiam
dos Abexins. Ibi.

Quem foy por seu companhey-
ro. Ibi.

Defengano que se deo ao Padre
Gonçalo Rodrigues sobre a
reducçam do Abexim. fol.
539. col. 1.

Côpoem hum livro em defen-
sam da fê Romana. fol. 540.
num. 1.

Do serviço de Deos q fez o P.
em Ethiopia. fol. 541. num. 2.

Despedese do Emperador. Ibi.
num. 3.

Tornase pera a India. fol. 542.
num. 4.

Das cousas que vio neste cami-
nho. Ibi. col. 2.

P. Gonçalo Cardoso.

Foy religioso de muyta virtude.
fol. 687. num. 4.

Quanto trabalhou em Ethio-
pia. Ibi.

Como lhe revelou Deos sua
morte. Ibi. num. 5.

Garcia de Sã.

Quaes foram seus pays. fo. 783.
col. 1.

P. Gaspar Alvres.

Foy homem de vida exemplar.
fol. 195. num. 9.

Morreo de peste sendo Reytor
de Sancto Antãm. Ibi.

P. Gaspar Gonçalves.

Foy natural de Coimbra. fol.
469. num. 9.

Leo Rethorica na primeyra
classe de Coimbra. Ibi.

Tambem professou Theologia
escholastica na Vniversidade
de Evora. Ibi.

De sua virtude, & mais boas par-
tes. Ibi.

Foy confessor do Duque Dom
Duarte. Ibi. col. 2.

Foy escolhido por sua Sancti-
dade, pera emmenda da Bi-
blia sagrada. fol. 470. col. 1.

Teve huma oraçam diante do
Papa. Ibi.

Morreo sanctamete no novicia-
do de Roma. Ibi.

Gonçalo Pires de Carvalho.

Quaes foram seus pays. fo. 122.
col. 1.

Foy casado com D. Camilla de
Noronha. Ibidem.

Ornou elle, & sua molher a ca-
pellinha da Sãctissima Trin-
dade de S. Roque. Ibi.

Nella tem sua sepultura. ibi.

Deram pera a fabrica hum
juro., que està á conta do
Collegio de Coimbra. ibi.
col. 2.

D. Garcia de Noronha.

Quaes foram seus pays. fol. 782. col. 2.

Levou consigo doze naos com que fez levantar o cerco de Dio. Ibi.

P. Gonçalo Vaz de Mello.

Fazia as doutrinas em Lisboa. fol. 178. col. 1.

Foy o primeyro que ensinou a doutrina christã em Sam Roque. fol. 209. n. 3.

P. Gonçalo da Sylveyra.

Sentio muyto de se nam achar presente a huma disciplina publica, que houve pela cidade de Coimbra. fol. 5. numero 10.

Como sahia pela cidade de Lisboa, em corpo, a buscar a goa, acompanhado dos mais Padres de Sam Roque. fol. 103. col. 1.

Foy o primeyro Preposito da casa de S. Roque. 127. col. 1.

Foy muy illustre por sãgue. Ibi. num. 2.

Quaes foram seus pays. fo. 128. col. 1.

Do lugar onde nasceo o Padre Dom Gonçalo da Sylveyra. Ibi. num. 3.

Como sendo de dezafete annos foy mandado á Vniuersidade de Coimbra. Ibi.

Como entrou na Companhia. Ibi. col. 2.

Como passou o tempo do noviciado. fol. 129. n. 4.

Sua grande humildade, & mot-

tificaçam. Ibidem, col. 2.

Como se mortificava no vestido. fol. 130. n. 6.

Da traça que uzãram hũs devotos pera lhe dar huns sapatos nõvos. Ibidem.

Das traças que uzava pera fugir do Paço. fol. 132. n. 3.

Chega a se fingir doudo. Ibidẽ.

Nam quiz dizer a hum confessor que era filho do Conde da Sortelha. Ibi. n. 4.

Como por desprezo proprio disse ao porteyro q̃ nam conhecia ao Conde seu irmã, que lhe vinha fallar. fol. 133. n. 5.

De como se tratava, & mortificava. fol. 134. n. 6.

Do cilicio, & cinto de ferro que trazia cõtinuamente, ibi. n. 7.

Da disciplina que tomava. Ibi. num. 8.

Como bebeo a materia de hũa chaga. Ibi. n. 9.

Do que escrevia acerca de sua mortificaçam. fol. 136. col. 1.

De seus grandes jejuns. Ibi. col. 2.

Como estando em missã na cidade do Porto, hia com huma tigellinha de barro pedir esmolos pelas ruas. Ibi. num. 3.

Levava hũ alforge aos hõbros. fol. 137. num. 4.

Prẽgava muytas vezes no mesmo dia. Ibi. num. 5.

Como passava as noutes em oraçam. fol. 138. n. 5.

Como na villa de Tomar prẽ-

- gou doze horas em hum dia.
Ibi. num. 6.
- De sua continua oraçam . fol.
139. num. 7.
- Como o acharam levantado no
ar. Ibi. num. 8.
- Da grande devaçam q̄ tinha à
Virgem N.S. fol. 140. n. 9.
- Nas festas de nossa Senhora ti-
nha por devaçam rezarlhe
mil Ave Marias, ajoelhando-
se no principio de cada hũa
dellas. Ibi. col. 2.
- Como pretendeo a missâm da
India. fol. 142. n. 3.
- Das revelaçoens que teve desta
missâm. Ibi. col. 2.
- Da revelaçam que teve de seu
martyrio. fol. 143. n. 5.
- Muytas vezes repetia que ha-
via de ser afogado por Chri-
sto. Ibi. col. 2.
- Do sangue que lhe viram nas
mãos dizêdo missa. Ibidem.
- Como se embarcou pera a In-
dia. fol. 144. num. 8.
- Em que anno foy pera a India.
Ibi.
- Como se houve na viagem da
India. Ibi. col. 2.
- Chega a Goa de noyte, & prê-
ga logo ao outro dia. fol. 145.
col. 1.
- He nomeado Provincial. Ibi. nu-
mero 2.
- Como se houve sendo Provin-
cial da India. fol. 146, n. 3.
- Como acudio ao bem espirital
de Goa, & da India. Ibi. n. 4.
- Tambem acudia ao bem do
estado da India . fol . 147.
num. 6.
- Dos desejos que tinha de pade-
cer muytos trabalhos . fol.
148. col. 2.
- Pede, & alcança a missâm da
Cafraria. fol. 152. n. 8.
- Dáse a rezâm de mandarem pe-
ra a India, & pera a Cafraria
o Padre Gônçalo da Sylvey-
ra. fol. 154. num. 5.
- Parte pera sua missâm da Ca-
fraria. & chega cõ seus dous
companheyros a Moçambi-
que. fol. 155. col. 1.
- Em Moçambique se exercita
em obras do serviço de Deos.
Ibi.
- Adoece gravemente em che-
gando a Tonga. Ibi.
- Como depois de instruir el Rey
& toda sua casa os bautizou.
Ibi. col. 2.
- Chamou a el Rey no bautismo
Constantino. Ibi.
- Como voltou logo a Moçam-
bique pera entrar em Mo-
nomotapa. Ibi.
- Dos muytos trabalhos que pa-
deceo nos caminhos. Ibi. n. 7
- Como se recolheo em exerci-
cios dentro na embarcaçam.
Ibi. num. 8.
- Chegou a Monomotapa . fol.
157. col. 1.
- Como bautizou el Rey de Mo-
nomotapa, sua mãy, com
muytos dos seus mayoraes.
Ibi.
- Conjuramse os Mouros contra
o Pa-

o Padre. Ibi. n. 2.
 Resolvemse em lhe dar a morte. Ibi. col. 2.
 Como se aparelhou pera receber o martyrio. fol. 158, numero 3.
 Repartio entre os Christãos as reliquias, contas, & vestidos, que tinha. Ibi.
 Deyxou sómente consigo hum crucifixo com duas velas pera acompanharem a sagrada imagem. Ibi.
 Vestiose de novo, & com huma superpeliz pera receber a morte. Ibi. col. 2.
 Os grandes desejos que tinha de morrer por Christo. fol. 159. num. 5.
 Da morte que deram ao Padre Gonçalo da Sylveyra. fol. 161. col. 1.
 Tambem afrontaram a sagrada imagem que tinha consigo. Ibidem.
 Lançaramlhe o corpo no rio Moncenguéste. Ibi. col. 2.
 Acharam ao fervo de Deos cingido com hum cilicio de ferro. Ibi.
 Em que dia, & anno morreo. fol. 162. n. 6.
 Morreo afogado com garrôte. Ibi. col. 2.
 Como pedio a Deos que lhe nam hõrasssem suas reliquias, fol. 163. col. 2.
 Quiz Deos fazer admiravel ao ao Padre Gonçalo da Sylveyra com hum caso prodigi-

oso. fol. 163. col. 2.
 Quem foy autor deste prodigioso caso. Vide Affonso Leâm Barbuda.
 O corpo do Padre Gonçalo da Sylveyra está goardado por animaes da terra, & aves do ar. fol. 164. & 165. per totum.
 Este caso tẽ em sy cousas muyto prodigiosas. fol. 168. numero 10.
 Prêgava em S. Roque aos Domingos, & dias sanctos. fol. 178. col. 1.
 Lia às quartas feyras hũa liçam da sagrada escriptura ao povo. Ibi.
Gil Fernandes de Carvalho.
 Quaes foraõ seus pays. fol. 179. num. 3.
 Seus feytos. Ibi.
Guiné.
 Onde começa a terra de Guiné. fol. 636. col. 1.
 Rios famosos que ha em Guiné fol. 637. num. 7.
 Dos bugios notaveis que ha em Guiné. Vide bugios.

H

Infante Dom Henrique.

Poz em ordem o Tribunal do Sancto Officio. fol. 10. col. 1.
 Deseja ter por collateraes no officio de Inquisidor os da Companhia. Ibidem.

Manda chamar ao Padre Provincial pera este effeyto. Ibi. dem. num. 8.

Edificase elRey nam menos da humildade do P. Diogo Miram, que da valente resoluçam de S. Ignacio. fol. 11. col. 1.

Quanto estimou ver as constituições da Companhia. fol. 66. num. 5.

Testimunho do Cardeal Infante nas cousas da Cõpanhia. fol. 61. n. 3.

Favoreceo muyto a frequencia dos Sacramentos da confissam, & cõmunham. fol. 188. col. 2.

Mandou publicar huma provisam em que louvava este sãcto uzo. Ibi.

Como tratou de nos fazer o Collegio de Evora. fol. 317. col. 1.

Comõ tratou cõ os nossos, em Evora, & juntamente com os Seminaristas. Ibi. col. 2.

Como se mudou deste parecer. Ibi.

Como festejou a vinda do Padre Sam Francisco de Borja a Evora. fol. 322. col. 2.

Como fez prégar a S. Francisco de Borja. fol. 323. col. 1.

Como achou o serenissimo Infante ao nosso Padre Provincial doente em hum hospital. fol. 324. n. 5.

Como tratou de fundar huma Vniversidade em Evora. fol.

336. col. 1.

Rezoões que dava o Infante pera se fundar esta Vniversidade. Ibi. num. 10.

Vayse a Lisboa por causa da morte do Principe D. Ioam. fol. 338. n. 3.

Escreve a S. Francisco de Borja, pedindolhe que venha a Evora, & lhe mande lentes. fol. 346. n. 2. 3. & 4.

Vay ver a Vniversidade de Evora, onde foy muy festejado. fol. 348. num. 8.

Da grande piedade do serenissimo Cardeal Infante. fol. 370. num. 4.

Como enriqueceo a Igreja da Vniversidade de Evora. Vide Igreja.

Provisam que nos houve pera nos trazer a agoa da prata.

Descrevese a sua sepultura. fol. 374. num. 4.

De huma insigne pintura de S. Hieronymo, que mãdou por nesta sepultura. Ibi. n. 5.

Do nãcimento do serenissimo Infante. fol. 377. num. 3.

Choveo muyta neve no dia do seu nascimento. fol. 378. n. 4.

Quaes foram seus pays. Ibi. numero 5.

Por quem foy bautizado. Ibi.

Das sciencias que aprendeo. Ibi.

Das obras que cõpoz. fol. 379. col. 1.

Empreza que tomou. fol. 380. num. 7.

Quanto estimou os homens le-

trados.

- trados. Ibi. num. 8.
- Fez escrever, & imprimir as façanhas dos Portugueses. fol. 381. col. 2.
- Das dignidades ecclesiasticas que teve, & como procedo nellas. fol. 382. & 383. num. 2. & 3.
- Do synodo que celebrou. Ibi. num. 4.
- Do cuydado q̄ teve de seu Arcebisado. fol. 384. n. 5.
- Por sy mesmo acudia a suas ovelhas. Ibi. col. 2.
- De sua grande charidade. Ibi. num. 7.
- Obras que fez em Braga. fol. 385.
- Como foy Inquisidor gèral. ibi. num. 8.
- Como procedo no Arcebisado de Evora. ibi. num. 9.
- Das esmolas que repartia. fol. 386. num. 10.
- Como foy creado Cardeal. fol. ibi. num. 11.
- Dos muytos votos que teve pera ser Papa. fol. 387. col. 1.
- Como foy eleyto legado a latere. ibi. num. 12.
- Como aos rogos da Rainha Dona Catherina aceytou o ser Rey. fol. 388. col. 2.
- Memorial q̄ o serenissimo Cardeal deo a elRey Dom Sebastião, quando lhe entregou o governo. fol. 389. c. 1.
- Lembrança das cousas que se fizeram no tẽpo que governou estes Reynos. Ibi. nu. 4.
- & fol. 390. n. 5. até o 9.
- A fortaleza de S. Giam foy começada, & continuada por sua ordem real. fol. 392. num. 10.
- Os bons conselhos que dava a elRey Dom Sebastião. fol. 392. num. 11.
- O Cardeal Infante ao principio desgostava muyto da Companhia. fol. 393. col. 2.
- Provas do grande amor que nos tinha. fol. 394. n. 2.
- Como veyo habitar entre os nossos religiosos. Ibi.
- Da muyta familiaridade com q̄ nos tratava. Ibi. n. 3.
- Tinha oraçam mental, & tomava disciplina no coro, quando os nossos a tomavam na Igreja. fol. 395. n. 4.
- Como manifestava o amor da Companhia. Ibi. n. 5.
- Dos grandes poderes que teve. fol. 396. n. 6.
- O que fez sendo Arcebispo de Lisboa. fol. 397. n. 1.
- Alcançou muytos privilegios pera todos os nossos Collegios de Portugal. Ibi. n. 2.
- Dos favores que nos fazia. Ibi. num. 3.
- O que ordenou no seu testamento. fol. 399. n. 7.
- Como se houve o Cardeal Infante contra Fr: Alonso de la Fuente, que veyo de Castella pera perseguir a Companhia. fol. 403. n. 11.
- Queyxase o Cardeal a elRey

- de Castella contra este frade. fol. 404. num. 12.
- Como foy acclamado Rey. fol. 407. col. 2.
- Morte del Rey Dom Henrique. Ibi. n. 2.
- Da hora em que morreo. fol. 408. num. 3.
- Foy sepultado em Almeirim. Ibi. num. 4.
- Abrindo a sepultura pera o tresladarem acharam seu corpo enteyro, Ibi. col. 2.
- Mandou em seu testamento lhe tresladasse alguma parte de seu corpo pera sua sepultura do Collegio de Evora. Ibi.
- O Padre Leão Henriques executou esta ordem. Ibi. n. 5.
- Como se recolheo este deposito na sua sepultura de Evora. fol. 409. col. 1.
- Das boas partes deste magnifico Rey. Ibi. n. 7.
- Como tirou a imagem de hum sancto Crucifixo do meyo de hum fogo. Ibi. col. 2.
- Notavel moderaçam do Cardeal Infante. fol. 410. col. 1.
- De sua brandura. Ibi. col. 2.
- Quam facilmente se movia a fazer bem. fol. 411. col. 1.
- Das obras grandiosas que fez. Ibi. col. 2.
- Tinha grande estimaçam dos magistrados. fol. 412. n. 2.
- De sua liberalidade. Ibi. n. 3.
- Era muyto amado de todos. fol. 413. num. 4.
- Como era facil em dar audien- cia. Ibi. num. 5.
- De sua grande devaçam. fol. 414. col. 1.
- O que sentiam muytos delle. Ibi. col. 2.
- Testimunho do Summo Pontifice, em abonaçam do Cardeal. fol. 415. n. 9.
- Porque nam nomeou successor no Reyno. Ibi. col. 2.
- Trata de dissuadir a el Rey Dõ Sebastião da jornada de Africa. fol. 721. col. 2.
- Hereges.*
- Como encontraram os companheyros do Padre Ignacio de Azevedo com hũa esquadra de hereges. Vide Ignacio de Azevedo.
- Morte que dam os hereges aos missionarios do Brazil. Vide morte.
- Os hereges lançaram ao már as sanctas reliquias, que hiam pera o Brazil. fol. 46. col. 1.
- Henrique de Gouvea.*
- Henrique Nunez de Gouvea larga parte de suas proprias casas pera os nossos terẽ habitaçam na cidade do Porto. fol. 89. col. 2.
- D. Henrique de Meneses.*
- Quaes forão seus pays. fol. 777. col. 2.
- Foy governador da India. Ibi.
- Hospital.*
- Tem a Vniversidade de Evora hum hospital muyto perfeyto. Vide Vniversidade de Evora.

I

Idalcãm.

O poderoso Rey Idalcãm foy muytas vezes vencido pelos Portuguezes. fol. 778. col. 1.

D. Ieronymo Mascarenhas.

Teve grande amor à Companhia. fol. 497. num. 4.

Quaes foram seus pays. Ibi.

D. Ieronymo de Meneses.

Foy Reytor da Vniversidade de Coimbra. fol. 587. n. 6.

Quaes foram seus pays. Ibi.

P. Ieronymo Rodriguez.

Foy religioso de muyta virtude. fol. 399. n. 7.

Porque foy mandado em peregrinaçam a Ierusalem. Ibi.

Morreo no Collegio de Coimbra. fol. 400. n. 8.

Igreja.

Incõmodos da Igreja antiga de Evora. fol. 366. col. 1.

Sentiam as molheres nam poderem entrar na nossa Igreja Ibi.

Fazem petiçam a sua Alteza sobre este ponto. Ibi. col. 2.

De como o Infante Cardeal se resolveo em fazer a Igreja. Ibi. n. 3.

Em que anno se começou a Igreja. fol. 367. col. 1. n. 4.

Como se aquietaram as difficuldades do edificio da Igreja. Ibi. num. 5.

Como se lançou a primeyra pe-

dra desta Igreja. fol. 368. numero 7.

Grãdes gastos que fazia o Cardeal Infante nestas obras da Igreja. fol. 369. n. 1.

Das festas q se fizeram na mudança do Senhor pera a Igreja nova. fol. 371. n. 5.

Ornato da Igreja nesta festa. fol. 872. num. 8.

Como enriqueceo o Cardeal Infante esta Igreja. fol. 373. num. 1.

P. Ieronymo Nadal.

Vem por Commissario de Hespanha. fol. 65. col. 2.

Publica as constituçoens no Collegio de Sancto Antãm. Ibidem.

Vay offerecer as constituçoens a S. Alteza. Vide constituçoens.

Como tratou com sua Alteza o ter a Companhia casa professada em Lisboa, & como ficou despachado. fol. 95. c. 1.

S. Ignacio.

Elcreve ao Padre Diogo Mirãm sobre o ser confessor de sua Alteza. fol. 7. n. 1.

Grandes obrigaçoens que o nosso Sancto Padre confessa a elRey D. Ioã Terceyro. fol. 8. col. 1.

Manda aos nossos aceytem os cargos de cõfessores de suas Altezas. fol. 9. col. 2.

Prohibe sermos Inquisidores do Reyno. fol. 10. col. 1.

Rezoens que teve o nosso San-

- cto fūdador pera nam acety-
tarmos o cargo de Inquisi-
dores. fol. 11. col. 1.
- O que julga sobre os despedi-
dos da Companhia. fol. 12.
col. 1.
- Manda Sancto Ignacio meter
as classes de Sancto Antãm
em virtude de obediencia.
fol. 17. col. 2.
- Manda ao Padre Luis Gonçal-
ves da Camara por Visitador
a Portugal. Vide o P. Luis
Gonçalves.
- Aproveytouse S. Ignacio dos
outros institutos. Vide insti-
tuto.
- Como desterrou S. Ignacio da
Companhia a ambiçam. Vi-
de ambiçam.
- Ordenou como se haviam de
fazer as eleyções em Roma.
Vide eleyçam.
- Mandou se nam dèsse profissam
solemne senam depois de
largas experiencias. Vide
profissam.
- Como julgou S. Ignacio que
convinha mais ao serviço de
Deos ficar o Infante D. Luis
no seculo, & nam entrar na
Companhia. fol. 85. col. 2.
- Queria nosso Sancto que hou-
vesse em Lisboa huma casa
de professos da Companhia.
fol. 94. n. 1.
- Sãcto Ignacio renovou no mū-
do o uzo da frequencia da
confissam, & communham.
fol. 189. num. 3.
- Sancto Ignacio manda ser Rey-
tor de Evora ao Padre Leãm
Henriques. fol. 339. n. 4.
- Como tratava de acudir a E-
thiopia. fol. 524. num. 3.
- ElRey lhe escreve sobre o Pa-
triarcha d'Ethiopia. fol. 525.
col. 1.
- O que ordenou acerca do nu-
mero dos companheyros do
Patriarcha. fol. 529. n. 5.
- Como fez o Patriarcha superior
de todos os da Companhia.
ibi. num. 6.
- Da instruçam que lhe mandou.
fol. 530. num. 10.
- Como aquietou os nossos que
estavam sëtidos da persegui-
çam que houve em França.
fol. 569. n. 8.
- Do remedio q̄ uzou nesta ma-
teria. fol. 570. num. 9.
- Da sancta morte de S. Ignacio.
fol. 741. n. 1.
- Das tres cousas que desejava
ver. ibi. col. 2.
- Desejos que tinha de morrer.
fol. 742. col. 1.
- Como se preparou pera mor-
rer. Ibi. num. 5.
- Provincias, Casas, & Collegios,
que deyxou fundadas. fol.
744. col. 2.
- Os milagres de S. Ignacio quaes
sejam. fol. 745. n. 11.
- P. Ignacio de Azevedo.*
- Foy o primeyro Reytor de S.
Antãm. fol. 24. num. 6.
- Foy muy dado aos exercicios
da oraçam mental. 25. n. 2.

De sua grande mortificação,
& muyta eharidade. fol. 26.
num. 4.

Singular exemplo nesta mate-
ria. Ibidem.

De sua rara humildade, & zelo
da salvação das almas. fol.
27. num. 5.

Da missam que fez á villa de
Barçelos. Ibidem.

Sêdo Reytor de Braga se foy el-
le mesmo a esta missam. Ibi.

Estimava mais o officio de Cõ-
fessor, q̃ o cargo de Reytor.
Ibidem.

Prégava muytas vezes no dia,
hindo a pé com seu compa-
nheyro. Ibidem.

Sendo elle Vices provincial em
Portugal acudio a Roma á
primeyra congregaçam gê-
ral. fol. 28. n. 7.

Occasiam que houve pera elle
hir a segunda vez a Roma.
Ibidem.

Como foy eleyto por Procura-
dor geral da India, & Brazil.
Ibidem.

Como procurava o bem da In-
dia, & do Brazil. fol. 28. c. 1.

He nomeado por Visitador do
Brazil. fol. 29. n. 1.

Parte pera o Brazil com nove
companheyros. Ibidem. n. 2.

Volta pera Portugal a buscar
gente pera o Brazil. fol. 30.
num. 3.

Como desembarcou em Lis-
boa, partio pera Almerim, &
propoz sua embayxada a el-

Rey D. Sebastiam. Ibidem.

O Arcebispo de Braga festejou
a vinda do Padre Ignacio de
Azevedo. Ibidem. col. 2.

Opiniã que delle se tinha. fol.
31. col. 2.

Vay de Portugal a Roma com
grande prêssa. fol. 32. col. 2.

Trouxe de Roma muytas reli-
quias. Ibidem.

Trouxe hum retrato da imagẽ
dã Virgem Sanctissima Se-
nhora nossa, que pintou San
Lucas. Ibidem. n. 7.

Mãdou copiar quatro retratos,
& çomo os repartio. fol. 33
col. 1.

Chega a Lisboa com seus com-
panheyros. Ibidem. n. 7.

Occasiam que houve pera se
retirarem de Lisboa à ban-
da d'alem. fol. 34. n. 8.

Como tratava de aliviar os seus
noviços. fol. 37. n. 7. 8. & 9.

Partele de Valde-rosal pera Lis-
boa. fol. 39. n. 1.

Embarcase em a nao Sanctiago
com quarenta & quatro cõ-
panheyros. Ibi. col. 2.

Como fez embarcar o P. Pero
Dias com vinte & tantos, &
o Padre Frãcisco de Castro,
com os mais em a nao dos
Orsaõs. Ibidem.

Como passaram o tẽpo da na-
vegaçam. Ibi. n. 2.

Como previo o perigo a que se
punham. fol. 40. col. 1.

Dam à vela pera a Ilha da Pal-
ma. Ibidem.

- Começa o P. Ignacio d'Azevedo a animar a todos ao martyrio. Ibidem. col. 2.
- Estando duas legoas do porto da Ilha da Palma se levantou hum temporal. Ibidem. n. 5.
- Como desembarcou neste porto. Ibidem.
- Como teve occasiam de hir por terra à Ilha da Palma. fol. 41. col. 1.
- Resolve se em hir por mar. Ibidem. num. 6.
- Como encontraram com hũa esquadra de hereges. Ibidem num. 7.
- Anima a todos o P. Ignacio de Azevedo com hũa imagem de N. Senhora de S. Lucas nas mãos. fol. 42. col. 1.
- He ferido mortalmente pelos hereges. Ibidem. col. 2. n. 9.
- Como depois de lhe darem tres lançadas, com as quaes cahio no cham, animava ainda os seus companheyros a morrerem pela fé Catholica. Ibidem.
- Sucedeo sua bêaventurada morte em 15. de Julho. fol. 43. num. 10.
- Nam lhe pudèram tirar das mãos a imagem da Virgem Sacratissima nossa Senhora. fol. 43. num. 2.
- Foy lançado ao mar com a sagrada imagem nas mãos. fol. 44. col. 1.
- Andou o corpo sobre o mar. Ibidem. num. 3.
- Sobre as agoas conservou o final da cruz nos braços. fol. 45. num. 4.
- Foy morto em odio de nossa sancta fé. Ibi. n. 5.
- Obrigaçam que tẽ o Collegio de S. Antãm ao Padre Ignacio de Azevedo. fol. 47. c. 2.
- Como lançou hum demonio. fol. 428. col. 2.
- Irmã Ignácio Vogado.*
- Grande paciência do Irmã Ignácio Vogado. fol. 730. c. 1.
- P. Ignacio Martins.*
- Patria do P. M. Ignacio Martins. fol. 216. col. 1.
- Foy muy devoto à Virgem Senhora nossa. Ibi.
- Fez muytos donativos de ornamentos à ermida de N. S. da Vera-cruz. Ibi.
- Foy eleyto por procurador a Roma, pera a criaçam do novo Gèral. Ibidem. col. 2.
- Visitou em Padua o sagrado deposito de Sancto Antonio. Ibi. num. 3.
- Como se moveo vendo a lingua incorruta de Sancto Antonio. Ibi.
- Como tornãdo a Portugal mudou o estylo no pulpito. Ibi.
- Como se occupou em fazer as doutrinas. fol. 217. n. 4.
- Difficultades que venceo nesta materia. Ibi. col. 2.
- Acha grandes repugnancias no principio. Ibi. num. 5.
- Como lhe fazia guerra o diabo. fol. 218. num. 6.

- Difficuldades que havia em responder a sancta doutrina. Ibidem. num. 7.
- De como hũa criança de peyto respondeo à doutrina, que fazia o P. Ignacio Martins. Vide doutrina.
- Como poz em ordem as suas doutrinas. fol. 220. num. 10.
- Da victoria que alcançou contra as comedias. Ibi. n. 1.
- Como levou a doutrina ao corpo sancto. fol. 221. n. 2.
- O successo que teve com a doutrina na ribeyra. Ibi. n. 3.
- Restituição notavel que se fez por meyo da sancta doutrina. fol. 222. col. 2.
- Foy o primeyro mestre do primeyro curso das eschòlas menores. fol. 591. col. col. 2.
- Como acudia aos encarcerados. Ibi. num. 5.
- Como fazia a doutrina aos pretos. fol. 223. n. 6.
- Conselho que fez com os pretos. Ibi. col. 2.
- Dos premios que dava aos que respondiam na doutrina. fol. 224. num. 1.
- Das cõtas de carvam que dava. 225. n. 1.
- Assistia o Cardeal Alberto à sua doutrina. Vide Cardeal Alberto.
- Como perguntava pelas cõtas. fol. 225. col. 2.
- Pede a sua Alteza lhe queyra mostrar as contas. fol. 226. col. 1.
- Como mandou o Padre Mestre Ignacio Martins hũas contas de carvam a sua Alteza. Ibi.
- Das cantigas que compunha pera os mininos cantarem. fol. 226. col. 1.
- Da cantiga que elle chamava dos Anjos. fol. 227. n. 5.
- Como livrou Deos a huns naufragantes por meyo desta sua cantiga. Ibi. col. 2.
- De hum caso notavel em que hum Anjo lhe assistio. fol. 228. n. 7. & 8.
- Conversam de hum peccador movido milagrosamente cõ a voz do Padre Mestre Ignacio. fol. 229. n. 1. & 2.
- Como acudio a hũa peccadora. fol. 230. num. 3.
- Como amava, & tinha cuydado dos mininos da doutrina. Ibi. num. 4.
- Como acudio, & deo saude a hum minino. fol. 231. n. 5.
- Dã saude a outro minino. Ibi. num. 6.
- Como acudio a outros mininos. fol. 232. n. 7.
- Como previo, & acudio a hum grande perigo. Ibidem. n. 8.
- Notavel cõversam de hum peccador. fol. 233. n. 2.
- Como o peccador resistia à graça. Ibi. num. 3.
- Como finalmente se rendeo a Deos. fol. 234. n. 4.
- Como impedio o Padre Mestre Ignacio Martins a hu-

- huma dança infernal de hũs comediantes. fol. 235. num. 7. & 8.
- Do bom successo que teve neste caso. fol. 236. col. 1.
- Como exercitava o que ensinava. Ibi. num. 1.
- De sua muyta oraçam. fol. 237. col. 1.
- Como resistia ao sono. Ibi.
- De sua grande mortificaçam. Ibi.
- Occasiam que houve pera hir a Coimbra. Ibi. n. 3.
- Caminhou de Lisboa a Coimbra a pè, fazendo doutrina pelo caminho. Ibi.
- Foy muy festejada sua vinda ao Collegio de Coimbra. Ibi.
- Pedè licença ao Padre Reytor pera habitar no corredor da terra pera tomar disciplina á sua vontade. fol. 238. numero 4.
- Como o obrigaram a ficar em Coimbra. Ibi. n. 5.
- Como adoeceo em Coimbra. Ibi. col. 2.
- Como he tradiçam na Companhia, que Nossa Senhora lhe appareceo na hora da morte. Ibi.
- Das cousas que mais o consolaram na hora da morte. fol. 229. col. 1.
- Nunca foy superior na Companhia. Ibi.
- Como se alegrava na doença, falandohe na sancta doutrina. Ibi. col. 2.
- De sua sancta morte. fol. 246. num. 8.
- Acharam no seu corpo depois de morto chagas, & nodos das disciplinas. Ibi. n. 9.
- Havia vinte annos que todos os dias se disciplinava com grande rigor. Ibi.
- Parecia seu corpo hum Ecce homo. fol. 141. n. 10.
- Do grande sentimento que houve na cidade com a nova de sua morte. fol. 242. col. 1.
- Acudiram as pessoas mais graves da cidade a venerar o corpo morto. Ibi.
- Pelo grande concurso da gente que vinha tomar alguma reliquia sua o nam poderam enterrar de dia. fol. 242. numero 2.
- Testimunho que deo o Reytor da Universidade de Coimbra sobre o que socedeo na morte do Padre Mestre Ignacio Martins. fol. 243. numero 5.
- Sentimento do Duque d'Aveyro sobre o mesmo. fol. 245. num. 10.
- Saude maravilhosa por meyo de huma reliquia do Padre Mestre Ignacio Martins. fol. 247. num. 3.
- De outro caso que parece milagroso. fol. 248. num. 5.
- Jubileo.*
- Quando começou em Lisboa o jubileo das quarêta horas. fol. 189. col. 2.

Como he este jubileo proprio da Companhia. Ibi.

Do anno em que começou este jubileo. fol. 190. col. 1.

Do jubileo da communham geral. Ibi. num. 6.

Dos muytos que commungam neste jubileo. Ibi.

Irmám Ioám de Sousa.

Grande obreyro entre os Brazis. fol. 503. col. 2.

Como se lhe maquinou a morte. fol. 504. col. 1.

Como foy morto o Ir. Ioám de Sousa. Ibi. col. 2.

D. Ioám de Castro.

Quaes foraõ seus pays. fol. 775. num. 9.

Veyo em socorro ao cerco de Dio. Ibi.

Como hindo a Cambaya venceu o mesmo Rey. fol. 776. col. 2.

P. Ioám de Madureyra.

Foy homem de muyta authoridade. fol. 210. col. 1.

Hindo visitar o Brazil morreo na viagem. Ibi. col. 2.

Socedeo a fazer as doutrinas ao P. Ignacio Martins. Ibi.

Concertou as capellas das sanctas reliquias da casa de S. Roque. fol. 121. n. 9.

Instituto.

Aproveyrouse S. Ignacio dos outros institutos. fol. 65. c. 1.

P. Ioám de S. Miguel.

Foy natural de Galliza. fol. 49. num. 3.

Varám de raro exẽplo, & muy

devoto ao Sanctissimo Sacramento. Ibi. num. 4.

D. Ioám de Borja.

Foy filho do B. P. S. Fráncisco de Borja. fol. 114. col. 1.

He padroeyro da capella môr de S. Roque. Ibi.

Deolhe a Cõpanhia esta capella em titulo de gratidam. Ibi.

Nesta capella jazem seus ossos. Ibi.

Deo as sanctas reliquias a S. Roque. fol. 118. n. 3.

Occasiam que teve pera ajuntar tantas reliquias. Ibi.

Como se inclinou a dar este Sãtuario à Companhia. Ibi. num. 4.

Inquisiçam.

Do testemunho q̃ deo sobre as cousas da Cõpanhia. 577. n. 1

Como procediam os nossos cõ os penitentes da Inquisiçam. fol. 578. num. 2.

Nam quiz S. Ignacio que os nossos aceytassem o cargo da S. Inquisiçam. fol. 10. n. 8.

O Cardeal Henrique poz em ordem o Tribunal da Sancta Inquisiçam. Vide Cardeal Henrique. fol. 10. col. 1.

P. Jorge Serrám.

Primeyro lente de Theologia de Evora. fol. 454. n. 2.

De outros cargos que teve na Companhia. Ibi.

Foy o primeyro que leo o segundo curso nas eschõlas menores de Coimbra. fol. 592. col. 1.

ElRey Dom Ioám III.

Trata de tomar confessor da
Companhia. fol: 6. n. 1.

Pede por confessor, ou ao Pa-
dre Diogo Mirâm, ou ao Pa-
dre Luis Gonçalves da Ca-
mara. Ibidem.

Ditto delRey, digno de per-
petua lembrança. fol. 7. co-
luna. 1.

Proposta do Padre Diogo Mi-
râm a sua Alteza sobre as es-
chólas publicas de Sancto
Antâm. Vide Padre Diogo
Mirâm.

Como aceytou elRey D. Ioám
a offerta das classes. fol. 18.
col. 1.

Mandou propor este negocio
à Camara da Cidade. Ibi-
dem.

Desejava sua Alteza saber as
cousas de Sancto Ignacio.
fol. 55. num. 2.

Quanto estimou elRey ver as
constituiçoens da Compa-
nhia. Vide constituiçoens.

ElRey, & os mais Princepes fi-
zeram viesse a este Reyno S.
Francisco de Borja. fol. 84.
col. 1.

Do grande gosto que teve sua
Alteza de ver sagrado o Pa-
triarcha d'Ethiopia. fol. 532.
num. 1.

Mandao prover de todo neces-
sario com real magnificen-
cia. Ibi.

Dalhe grandes donativos. Ibi.
col. 2.

Grande benevolencia de sua
Alteza pera com huns mis-
sionarios da India. fol. 544.

Como nos defendeo contra hu-
ma perseguiçam que se le-
vantou contra nós em Fran-
ça. fol. 567. n. 2.

Do que fez com huns parece-
res que se deram por nós. fol.
580. col. 1.

Escreve ao Reytor do Collegio
das artes que o entregue à
Companhia. fol. 584. nume-
ro 10.

Da embayxada, & presentes q̃
mandou ao Abexim. 652.
col. 2.

Em que anno morreo elRey
Dom Ioám Terceyro. fol.
747. num. 1.

Fundounos o primeyro Colle-
gio da Companhia. fol. 748.
col. 1.

De outros Collegios que nos
fundou. Ibi.

De hum grande favor que fez à
Companhia. Ibi. col. 2.

Atê em seu testamento nos en-
cômendou. fol. 749. col. 1.

Da grande devaçam que tinha
a Sancto Ignacio. fol. 750.
col. 2.

O que dizia Sancto Ignacio
delRey Dom Ioám. fol. Ibi.
col. 2.

Quaes foram os pays delRey
Dom Ioám Terceyro. fol.
751. col. 2.

Sinaes em seu nascimento. Ibi.
 Festa que lhe fizeram os elementos. fol. 752. col. 1.
 Donativos que dava aos Templos, & Mosteyros. fol. 753. col. 2.
 Devaçam que tinha ao Sanctissimo Sacramento. fol. 755. num. 5.
 De sua obediencia pera com o Summo Pontifice. Ibi. n. 6.
 Como trouxe a Inquisiçam a Portugal. Ibi. n. 7.
 Como procurou a conversam da gentilidade. fol. 756. numero 8.
 Dos progressos da fé, que houve em Maluco por sua industria Ibi. num. 9.
 O que fez no Brasil seu sancto zelo. fol. 757. n. 10.
 Como reformou as religioens. Ibi. col. 2.
 Dos gastos que fez em reformar as religioens. fol. 758. col. 2.
 Das religioens que introduzio no Reyno. Ibi. n. 14.
 Era n. ais inclinado a perdoar, que a castigar. fol. 759. numero 2.
 Mandou que se nam goardasse a ley que dispunha que os ladroes fossem marcados no rosto. fol. 760. n. 3.
 Obras sumptuosas que fez. fol. 765. num. 6.
 Collegios de religiosos que fundou. Ibi.
 Mandou muytas esmolas fora

do Reyno. Ibi. n. 7.
 Das fortalezas que edificou. Ibi. num. 8.
 Como restaurou o cano da prata em Evora. fol. 766. col. 1.
 Chamamhe Rey pacifico. fol. 767. col. 1.
 Do que fez a hum fidalgo da India. fol. 761. col. 2.
 Tinha muyto faceis entradas. fol. 762. num. 8.
 Esmolas que fazia. fol. 763. numero 1.
 Do notavel amor que tinha aos seus vassallos. Ibi. col. 2.
 O que disse hum pregador contra o muyto que el Rey dava. fol. 764.
 Como resistio ao Procurador de sua fazenda. Ibi.
 Como foy amigo da paz. fol. 768. col. 1.
 Amizade que goardou com seus irmãos. fol. 769. columna 1.
 O que lhe socedeo com hum fidalgo que lhe falava. fol. 769. num. 5.
 Do que passou com o Conde do Prado. Ibi.
 De sua grande sabiduria. Ibi. num. 6.
 Nam dava credito a gente malevola. fol. 770. n. 8.
 Rezam que teve pera largar os lugares de Africa. fol. 771. numer. 2. & fol. 772. numero 3.
 Do muyto que fez na India. Ibi. col. 2.

Das boas eleyçoens que fez el-Rey. fol. 781. n. 1.

Quanto sentio a morte de Dõ Henrique de Meneses. fol. 784. num. 5.

Como foy chorada sua morte. fol. 784 col. 2.

Foy chamado pay da patria. ibi. *D. Ioãõ Mascarenhas.*

Quaes foraõ seus pays. fol. 325. col. 1.

Sustentou o cerco de Dio. Ibi.

Foy mordomo môr delRey Dõ Henrique. Ibi.

Toma os exercicios de nosso S. Padre. Ibi. col. 2.

Costumava dizer que nunca fora Chrlstã senam depois de conhecer os Padres. fol. 326. col. 1.

Leva huns nossos missionarios pera Castello de Vide. Ibi.

Do grãde fruyto que nesta missam se fez. fol. 326. n. 9.

Abuso que se tirou nesta missam. Vide missam.

Defendeo o segundo cerco de Dio. Vide Dio.

D. Ioãõ de Meneses de Siqueyra.
Foy Capitã môr de Tangere,

& Cõmendador na Vallada. fol. 655. n. 7.

Foy Capitã môr de cinco naos da India. Ibi.

Quaes foram seus pays. Ibidem. *D. Ioanna de Aragãõ.*

Duqueza de Gandia, & mãy de Sam Francisco de Borja. Vide Sam Francisco de Borja.

Ioãõ Pimenta de S. Payo.

Foy muy devoto da Cõpanhia. fol. 121. col. 1.

He padroeyro da capella das Sanctas Virgens da Igreja de S. Roque. Ibi.

D. Jorge Mascarenhas.
Quaes foraõ seus pays. fol. 493. num. 2.

D. Jorge de Meneses.
Pays deste fidalgo. fol. 778. n. 3. *Irlandez.*

Da occasiam que houve pera se fundar o Collegio Irlandez de Lisboa. fol. 185. n. 5.

Quaes foram os Padres que ajudaram a esta fudaçam. fol. 184. col. 1.

Ordenase huma confraria pera esta fudaçam. Ibi. coi. 2.

Lugares onde primeyro esteve este Collegio. Ibi.

Entregase este Collegio à Cõpanhia. fol. 185. n. 9.

De como hoje aprendẽ os Collegiaes Irlandezes. fol. 186. col. 2.

P. Ioseph de Anchieta.
Quem foy o Padre Ioseph de Anchieta. fol. 278. col. 2.

A historia de sua vida anda impressa em varias lingoas. ibi.

Qual foy sua patria. fol. 279. num. 4.

Entra na Companhia na cidade de Coimbra. fol. 279. c. 2.

Dos achaques que tinha sendo ainda mancebo. Ibi.

Embarcase pera o Brazil. fol. 280. num. 6.

Quam facilmente tomou a lingua da terra. Ibi.

Como compoz a arte Braslica, & verteo na mesma lingua o Catechismo. Ibi.

Fica o P. Anchieta em refens entre os Tamoyos. Ibi. col. 2.

Compoem em verso latino a vida de N. Senhora. fol. 281. num. 8.

Apostrophe da poesia do Padre Anchieta. Ibi. n. 9.

Continua com seus estudos, & se ordena de missa. fol. 182. num. 1.

Teve o cargo de Provincial no Brasil. Ibi.

Da sua grande charidade, & oração. fol. 283. num. 2. & 3.

De sua notavel mortificação, & pobreza. fol. 284. n. 4.

Sempre andava seus grãdes caminhos a pè. fol. 285. col. 1.

Como acudia aos Brasís em todas suas necessidades. Ibi. num. 7.

Morte, que desejava o Padre Anchieta. fol. 286. num. 8.

Como Deos o levou a fazer hũ milagroso bautismo. fol. 287. col. 1.

Como bautizou o P. Anchieta a hum gentio resuscitado. fol. 277. col. 1.

Como acudio a hum nosso religioso. fol. 289. col. 1.

Como acudio a outro religioso que estava em huma grande tribulação. fol. 290. n. 7.

Como milagrosamente voltou

a buscar hũ missal. fol. 261. col. 1.

Do que lhe socedeo no caminho de S. Vicente. Ibi. n. 9.

De outro caminho milagroso que fez a Piratininga. fol. 292. col. 1.

O que proferisou acerca de hũ armada que chegou ao Rio de Janeiro. fol. 293. col. 1.

Como com suas orações accudio a hũas naos da armada. Ibi. col. 2.

Como restituiu hum marido a sua verdadeyra mulher. fol. 294. col. 2.

O que profetisou acerca de hũ pedreyro. fol. 295. col. 1.

Como profetisou a morte ao Irmam Ioam Fernãdes. Ibi. col. 2.

Como profetisou a perda del Rey Dom Sebastiam. fol. 297. col. 1.

Do que Deos lhe encobrio acerca del Rey D. Sebastiam. Ibi.

O que profetisou a Ayres Fernãdes. fol. 298. num. 5.

Saude milagrosa que profetisou & deo ao P. Francisco Pinto. Ibi. num. 6.

Como profetisou a hũ Irmam nosso a morte de hũ sua irmã. fol. 299. num. 8.

De outro caso admiravel. fol. 300. col. 1.

Como Deos lhe revelou a morte sancta de hũ mulher. Ibi. col. 2.

Caso aprafivel que teve em hūs
 jogos. fol. 301. col. 1.
 Como deo fala a hum menino
 mudo. fol. 302. col. 1.
 Obedeciamlhe os brutos ani-
 mais. Ibi.
 Como as aves lhe fizeram som-
 bra Ibi. col. 1.
 De hũa pescaria milagrosa que
 riveram os Indios por sua in-
 tercessam. fol. 303. col. 2.
 Como lhe obedeceo a chuva do
 Cêo. fol. 304. num. 7.
 Como lhe obedeceo o mâr fol
 305. col. 1.
 Como as agoas do mâr cercâ-
 ram ao P. Ioseph de Anchie-
 ta, deyxando sô hum cami-
 nho aberto por onde se pu-
 desse vir sahindo. Ibi. n. 2.
 Entra seu cõpanheyro pelo mes-
 mo lugar, que o mâr deyxou
 aberto. fol. 306. n. 3.
 Como sahio com seu compa-
 nheyro do mâr. Ibi. à n. 4.
 Do que lhe socedeo com huns
 bugios. fol. 307. col. 1.
 Obedecemlhe os bugios. Ibi.
 num. 6.
 Rezâm que teve pera recrear os
 Indios com os jogos dos bu-
 gios. fol. 308. col. 1.
 Como converteo agoa em vi-
 nho. Ibi. num. 8.
 De hũa musica que lhe deram
 os Anjos. fol. 309. col. 1.
 Como quiz encubrir este favor
 do cêo. Ibi. n. 10.
 Nam quiz uzar de milagres
 config. fol. 310. n. 1.

Tinha muytos achaques. Ibi.
 Cauza destes seus achaques. Ibi.
 col. 2.
 Como deyxou o governo da
 Provincia. Ibi. n. 2.
 Como se persuadio que morria,
 & se preparou. fol. 311. c. 2.
 Dos annos que teve de idade.
 fol. 312. num. 4.
 Dos annos que viveo na Com-
 panhia. Ibi.
 Do que tinha profetisado sobre
 sua morte. Ibi. col. 2.
 Do que profetisou no Padre
 Jorge Serrâm. fol. 313. n. 6.
 Com rezâm lhe chamâram A-
 postolo do Brazil. Ibi, n. 7.
 Foy o Padre Ioseph de Anchie-
 ta homem de grandês talen-
 tos. fol. 314. n. 8.
 Foy muy aspero pera consigo,
 & brando perá com os ou-
 tros. Ibi. à num. 9.
 Bom conselho que deo a hum
 superior. fol. 315. col. 1.
O P. Joã Nunez Barreto.
 Foy o primeyro que teve digni-
 dade Episcopal na Compa-
 nhia. fol. 508. col. 1.
 Sinco annos gastou servindo nas
 masmorras de Tituâm. Ibi.
 Occasiam que teve pera tratar
 de vir a Portugal. Ibi. n. 4.
 Como tratou de vir buscar re-
 medio aos cativos. fol. 509.
 num. 5.
 Como intentou acudir a hum
 caso lastimoso. Ibi. col. 1.
 Vemse huma pobre casiva va-
 lerse do Padre. Ibi. n. 6.

Como desembarcou em Lisboa trazendo consigo alguns cativos. fol. 510. n. 7.

Da pratica que fez a el Rey D. Ioam Terceyro sobre os cativos de Africa, & como sua Alteza tratou de o mandar a Ethiopia. Ibi. num. 1.

Como el Rey deferio ao Padre sobre o remedio dos cativos. fol. 512. n. 6.

Escreve a S. Ignacio escusando-se de ser Patriarcha. fol. 527. num. 10.

Obrigao S. Ignacio aceyte o ser Patriarcha. Ibidem. n. 1.

Sagra-se o Patriarcha na Igreja da Sanctissima Trindade. fol. 531. col. 1.

Virtudes notaveis do Patriarcha. fol. 533. col. 1.

De sua grande humilidade. Ibi. num. 3.

Do exemplo que dava sahindo fora. Ibi. n. 4.

Hia servir na cozinha. fol. 534. col. 1.

Como procedeo na casa de S. Roque. Ibi. col. 2.

De hum caso de granle edificaçam que lhe locedeo. fol. 534. col. 1.

Embarcou-se o Patriarcha em a nao Garça. fol. 655. n. 7.

Mercè q Deos fez aquella nao por meyo do Patriarcha. fol. 652. col. 1.

Trata de partir logo pera Ethiopia. fol. 647. col. 2.

Como foy recebido em Goa.

fol. 656. col. 2.

Propoem-se conselho à hida do Patriarcha a Ethiopia. fol. 658. col. 1.

Rezoens que deo o Patriarcha. Ibi.

Da sancta vida com que o Patriarcha passou em Goa. fol. 660. num. 1.

Grandes desejos do Patriarcha de hir a Ethiopia. Ibi. col. 2.

Da sancta vida que fazia. fol. 661. col. 1.

De seu sancto zelo, & mais virtudes. Ibi. col. 2.

Como se accomodava ao modo commum dos nossos. fol. 662. col. 2.

Quanto fazia por entrar em Ethiopia. Ibi. n. 6.

Da doença que teve, & aparelhos pera morrer. fol. 664. num. 9.

Como recebeu os Sacramentos por mão do Bispo Dõ Melchior Carneyro. Ibi. n. 10.

Como morreo sanctamente. Ibi. Em que anno morreo. fol. 665. col. 1.

Naceo na cidade do Porto. Ibi. Celebrou suas exequias o Arcebispo de Goa. Ibi. n. 12.

Esta enterrado na Igreja de S. Paulo de Goa. Ibi.

Jorge Buchananano.

Foy mestre de Latim em Coimbra. fol. 583. col. 2.

Foy herege. Ibi.

D. Ioam Pereyra.

Quaes foram seus pays. fol.

778. nu n. 2.
Foy capitam de Goa. Ibi.

L

P. Leão Henriquez.

Foy varã muy douto. fol. 254. num. 2.
O D. Navarro estimou muyto as letras do Padre Leão Henriquez. Ibi.
Foy o primeyro que leo casos de consciencia aos nossos religiosos em Coimbra. Ibi.
He nomeado por Reytor do Collegio de Coimbra. fol. 255. num. 3.
Quam aceyta foy esta eleyçam Ibi. num. 4.
Caso milagroso que socedeo ao Padre Leão Henriquez. Ibi. col. 2.
Acode a hum homem que se queria matar. fol. 258. col. 1.
Como se veyo a saber este caso. Ibi. col. 2.
De outro caso admiravel que lhe socedeo. fol. 257. n. 7.
Foy o primeyro que ordenou se lly Theologia em casa aos nossos religiosos. Ibi. n. 8.
O que profetizou a hum Sacerdote. fol. 261. col. 1.
De sua muyta charidade pera com hum Sacerdote, que se foy da Companhia. fol. 262. col. 1.
O que socedeo ao Padre Leão Henriquez com hum Sacer-

dote enganador. fol. 264. col. 1.
He mandado vir de Coimbra a ser Reytor d'Evora. fol. 339. num. 4.
Sendo chamado pera ser Reytor de Evora o mandou o P. Mestre Simão fosse servir na cozinha com roupeta parda. Ibi. num. 5.
Como estando em Evora, appareceo em Lisboa. fol. 340. c. 2.
Saude milagrosa por seu meyo ao Infante Cardeal. fol. 341. col. 1.
Foy muy dado à oraçam, tendo sete horas de joelhos cada dia. fol. 416. num. 2.
Rezava sempre o officio divino de joelhos. fol. 417. col. 1.
Dos muytos favores que recébia de Deos. Ibi.
De hum raptio espirital que teve. Ibi. col. 2.
De outra extasi mais admiravel. fol. 418. n. 4.
Como encubrio este favor do cêo. Ibi. col. 2.
Como Deos lhe communicou a tentaçam de hum seu subdito, a quem acudio. fol. 419. num. 6.
Revelalhe Deos o estado de hum peccador. fol. 420. n. 7.
Como acudio a este peccador. Ibi. num. 8.
Como lhe revelou Deos os castigos deste Reyno. fol. 421. num. 9.
Faloulhe o Sanctissimo Sacra-

mento.

...mento. Ibi. num. 10. 27. 21.
 Como se soube este caso. fol.
 422. num. 12.
 Das travessuras que o diabo lhe
 fazia. fol. 423. n. 1.
 Como lhe appareceo o diabo em
 figura de cam. fol. 424. n. 3.
 Como por seu meyo ficou livre
 do diabo hum irmão nosso.
 fol. 425. num. 5.
 De como o diabo o ameaçou.
 Ibi. num. 6.
 O que lhe socedeo em Sancta-
 rem. fol. 426. col. 2.
 Do poder que tinha contra os
 endemoninhados. fol. 427.
 col. 2.
 Como curava alguns que se fin-
 giam endemoninhados. fol.
 428. num. 11.
 Como acudio a hum desafio.
 fol. 429. num. 2.
 Grande charidade que uzou cõ
 hum enfermo. fol. 430. n. 4.
 De duttos exemplos de muyta
 charidade. fol. 431. n. 6.
 Como era charitativo com os
 hospedes. fol. 432. n. 7.
 Estranhava as faltas da charida-
 de. fol. 433. col. 1.
 Como era animoso a desenga-
 nar os enfermos. Ibi. n. 10.
 Como avisou pera morrer ao
 Padre Miguel de Sousa. fol.
 434. col. 1.
 Foy Rector do Collegio de
 Coimbra, & Evora. fol. 435.
 num. 1.
 Como foy eleyto Provincial.
 Ibi. col. 2.

Foy do conselho geral do Sãcto
 Officio. Ibi. dem.
 Foy confessor do Infante Car-
 deal. fol. 436. n. 2.
 Como se houve em suas privã-
 ças. Ibi.
 Nunca quiz tomar tença, ou or-
 denado algum. Ibi.
 Do desapegamento que tinha
 dos seus parentes. fol. 437.
 col. 1.
 Como foy por Vice-provincial
 a Roma a congregaçam ge-
 ral. fol. 438. col. 1.
 Manda sua Sanctidade aos seus
 porteyros dessem livre en-
 trada ao Padre Leão Hen-
 riques a qualquer hora. Ibi.
 Como se houve na eleyçam do
 novo Géral. Ibi. n. 7.
 Grande amor que tinha às cou-
 sas da Companhia. fol. 440.
 col. 2.
 Do exemplo que dava sendo su-
 perior. fol. 441. n. 2.
 De sua grande pobreza. Ibi.
 Nam permitia particularidades.
 Ibi. col. 2.
 Do pouco cuydado que tinha
 de sy. fol. 442. n. 4.
 Quanto estimava o instituto da
 Companhia. Ibi. num. 6.
 Exemplo notavel de sua gran-
 de cautela. fol. 443. n. 7.
 Como acudia a servir na cozi-
 nha. fol. 445. n. 3.
 De huma penitencia que lhe
 deram, & fez com humilda-
 de. fol. 448. n. 8.
 Foy porteyro na casa de Sam

Roque. fol. 449. col. 2.
 De sua grande applicaçam, & fervor pera ouvir as confissoens. fol. 450. col. 1.
 Ainda sendo muyto velho acudia aos hospitaes. Ibi. n. 3.
 Da occasiam que teve pera adoeecer gravemente. Ibi. a num. 4.
 Como acudio a hum enfermo. fol. 451. col. 1.
 Pegafelhe o mal deste enfermo. Ibi.
 Morreo della em tres dias. Ibi.
 Como se tinha aparelhado pera morrer. Ibi. n. 4.
 O tresvalio que tinha na sua doença era de ouvir confissoens. fol. 452. n. 6.
 De sua ditosa morte. fol. 453. col. 1.
 Como foy sepultado na Igreja de Sam Roque. Ibi.
 Do grande concurso, & pranto que houve nas suas exequias. Ibi.

Lentes.

O primeyro lente da Vniversidade de Evora foy o P. Jorge Serram. Vide Padre Jorge Serram.

D. Leonor Mascarenhas.

Resistio lhe o Emperador Carlos Quinto a se meter freyra. fol. 499. n. 7.
 Do seu recolhimento. Ibi.
 Foy muy devota do Sanctissimo Sacramento. Ibi. col. 2.
 Quam estimada foy de todos. Ibi. num. 8.

Os Reys de Portugal lhe escreviam muytas vezes. Ibi.
 De sua morte. Ibi.
 Acharam seu corpo incorruto. fol. 500. col. 1.
 Fundou o mosteyro dos Anjos. fol. 499. col. 2.
 Festejase cada anno a sua memoria com piègaçam. fol. 500. col. 1.
 Quaes foraõ seus pays. fol. 498. num. 5.
 Teve grande amor à Companhia. Ibi.
 Foy senhora de muyta virtude. Ibi. col. 2.
 Foy muyto devota de S. Ignacio. Ibi. num. 6.

D. Leonor de Castro.

Quaes foram seus pays. fol. 78. num. 1.
 Casou com Dom Francisco de Borja. Ibi.
 Foy muy estimada da Emperatriz D. Izabel. Ibidem. col. 2.
 Foy muy affeyçoada à Companhia. Ibi. n. 2.
 Tomou a nosso Senhor por instrumento pera affeyçoar tanto o Duque seu marido à Companhia, que depois de sua morte entrou nella. Ibidem.

D. Luis de Vasconcellos de Meneses.

He nomeado por Governador do Brazil. fol. 30. col. 2.
O Infante D. Luis.
 Quanto estimou ver as constituicoens da Companhia. fol. 66. num. 5.

Foy muy devoto de Sam Francisco de Borja. fol. 80. col. 1.
Escreve huma carta ao Beato Padre Francisco de Borja.

Ibidem. Notavel foy o affecto, & piedade do Infante Dom Luis. Ibidem. num. 6.

Quanto comunicou com Sam Francisco de Borja. 85. n. 5.
Pretendeo o serenissimo Infante de entrar na Companhia. ibi.

Da mudança de vida que fez. fol. 86. num. 6.

Vendeo suas ricas bayxellas de prata a fim de dar esmollas. Ibidem.

Trazia cilicio junto da carne, os jejuns eram continuos. Ibidem. col. 2.

Fez voto de castidade, & pobreza como seu estado permitia. Ibidem. num. 7.

Como fez voto de obediencia perpetua aos preceytos divinos. Ibidem.

Como julgou Sancto Ignacio que convinha mais ao serviço de Deos, que nam entrasse na Companhia o Infante Dom Luis. Vide S. Ignacio.

Forma da profissam que fez o Infante Dom Luis. fol. 86. num. 7.

Continuou sempre nesta sancta vida. fol. 87. n. 8.

Tomava mediraçam todos os dias dos nossos Padres. Ibi.

Dava perfeyta conta de sua consciencia. Ibidem. col. 2.

Mandava pedir ao Padre Proposito da casa de S. Roque que lhe mandasse qualquer confessor, sem nunca apotar nenhum em particular. Ibid.

Como se desfazia o serenissimo Infante em lagrimas. Ibidem.

Costumava dizer: Que serâ de mim se no dia do juizo o meu escravo me roubar o cêo, & eu for caminhando sô pera o Inferno. Ibid. num. 9.

Grandes obrigações em que está a Companhia ao Infante Dom Luis. Ibidem.

Do muyto que se alegrava com o bom procedimento dos estudantes de Evora. 335. n. 7.

Acompanhou a Dom Pedro Mascarenhas Visorrey da India até o meter na nao. fol. 490. col. 2. fine.

Socorro ao Emperador pelo Infante Dom Luis. fol. 780. numero 7.

A Infante D. Izabel.

Alcãçou licença de S. Sanct. pera sy, & suas filhas, pera lavar os corporaes que serviam nos altares de Sam Roque. fol. 179. col. 1.

P. Luis Gonçalves da Camera.
Escuzase de aceytar a honra de confessor del Rey. fol. 7. col. 1.

Ocasioens que houve pera allehir a Roma. fol. 54. n. 1.

Apontava todas as acçoens de S. Ignacio. fol. 55. col. 2.

Chega a Roma aonde he muyto bem recebido de Sua

- Sanctidade, & do Embayxador Dom Affonso de Lancastro. fol. 62. n. 3.
- Teve intimo trato com nosso Sancto Padre Ignacio. fol. 63. num. 8.
- Grande satisfacção que teve S. Ignacio do P. Luis Gõçalves. Ibidem. col. 2.
- Mãda S. Ignacio ao P. Luis Gõçalves por Visitador a Portugal. Ibidem.
- He eleyto por Assistente do segundo Preposito Geral da Companhia. Ibidem.
- Chega a Portugal. fol. 699. c. 2.
- Entra no Collegio de Coimbra. fol. 700. col. 1.
- Pratica do P. Luis Gonçalves a elRey. fol. 702. n. 2.
- Como elRey se abrandou com a pratica do Padre Luis Gonçalves da Camara. fol. 704. num. 8.
- Como se mortificou na gula. fol. 705. num. 3.
- Acabado o seu noviciado em Valença voltou a Coimbra. fol. 706. num. 5.
- Como resistio a ser confessor delRey. fol. 707. n. 6.
- Como Sancto Ignacio mandou ao P. Luis Gonçalves nam resistisse a ser confessor delRey. Ibi.
- Occasiam que teve de hira Roma. fol. 708. n. 10.
- Como tornou a Portugal a ser mestre delRey. Ibi. col. 2.
- Boas partes que tinha pera ser mestre delRey. fol. 709. col. 1.
- Como se applicou a este officio. Ibi. num. 1.
- Murmuraçoens que havia do Padre Luis Gonçalves. fol. 714. num. 1.
- Luis Alvres de Tavora.*
- Foy fundador do Collegio da cidade do Porto. fol. 91. col. 1.
- S. Lourenço.*
- O Collegio do Porto se chama o de Sam Lourenço por succeder sua mudança no seu dia. fol. 91. col. 1.
- D. Luiza Froes.*
- Insigne bemfeytora da Companhia. fol. 124. n. 7.
- Deo ao Collegio de S. Antãm a quinta de Caniços. fol. 125. col. 1.
- He padroeira da capella de N. Senhora da Conceyção de Sam Roque. Ibidem.
- Fr. Luis de Montoya.*
- Morreo servindo na peste. fol. 196. num. 11.
- Com seu exemplo se animaram muytos outros Religiosos a entrar em semelhante batalha. fol. 197. col. 1.
- P. Luis Lobo.*
- Socedeo no exercicio de fazer as doutrinas ao P. Nuno Mascarenhas. fol. 213. n. 3.
- Suas boas partes. Ibi.
- Quaes foram seus pays. Ibidem.
- Foy muy zeloso em ouvir confissoens. Ibi. n. 4.

Socedialhe estar confessando nove horas continuas. Ibi.

Com ser muy achacado nam deyxava de acudir à penitencia. Ibi.

Cargos que teve na Cõpanhia. fol. 214. col. 1.

E a o Padre Luis Lobo o confessor dos pobres. Ibi. n. 5.

P. Luis Gonçalves.

Memorial contra o Padre Luis Gonçalves. Ibi. n. 2.

Como procurava amañçar a natureza del Rey. fol. 719. col. 2.

Defengano que deo a el Rey Dom Sebastiam. fol. 720. col. 2.

Como se retirou da corte, & adoeceo. fol. 722. col. 2.

Da carta que escreveo a el Rey Dom Sebastiam a Africa cõ que fez com el Rey que voltasse a Portugal. fol. 723. col. 1.

Como se passou a Lisboa. fol. 724. num. 2.

Como o avisaram pera morrer. Ibi. col. 2.

Desejos que tinha de morrer. fol. 725. col. 1.

Como procedeo sempre desentereffado. fol. 725. n. 5.

Palavras que disse na sua ultima despedida. fol. 726. col. 2.

De sua sancta morte. fol. 727. num. 8.

Quanto sentio el Rey sua morte. Ibi. num. 9.

De sua grande charidade pera

com os da Companhia. fol. 730. col. 3.

Como procurou a saude de hum enfermo. fol. 731. n. 4.

O que lhe socedeo com hum enfermo. Ibi. n. 5.

Do desprelo cõ que se tratava. fol. 753. n. 13.

De sua muyta oraçam. fol. 755. num. 1.

Do que parece que profetisou a hum estudante. fol. 736. c. 1.

Como se retirava pera Valde-rosal. Ibi. col. 1.

O que lhe socedeo em Valde-rosal. fol. 737. n. 4.

De hũa sorte que lhe sahio. Ibi. col. 2.

De sua mortificaçam. fol. 738. num. 6.

De suas peregrinaçoens, & missocus. fol. 739. col. 1.

O que lhe socedeo com hum lavrador ficando em huma eyra. fol. 739. col. 2.

Do grande zelo que tinha da conversam dos gentios. fol. 740. num. 11.

P. Luis da Gram.

Foy o quarto Réytor do Collegio de Coimbra. fol. 277. num. 1.

Pede a missam do Brazil, & se lhe concede. Ibi.

Parte de Lisboa pera o Brazil. Ibi. num. 2.

Quaes foram seus companheiros na missam do Brazil. fol. 278. col. 1.

P. Luis de Molina.

- De sua patria. fol. 464. n. 1.
 De sua entrada na Companhia,
 & procedimentos. Ibi.
 De sua grãde mortificaçam. fol.
 465. num. 2.
 De sua pobreza, & mais virtu-
 des. Ibi. num. 3.
 Como era apertado em seguir
 opinioens. fol. 466. n. 4.
 Grande authoridade das letras
 do Padre Luis de Molina.
 fol. 467. col. 2.
 Como foy pedido a elRey Dõ
 Phelippe o Prudente pera
 Lente de Prima da Vniver-
 sidade de Coimbra. Ibi.
 Como tratou de imprimir suas
 obras. fol. 468. n. 7.
 Das obras que compoz. fol. 468.
 col. 2.
 Morreo na villa de Madrid. Ibi.

D. Luis de Ataide.

- Quaes foram seus pays. fol. 774.
 col. 1.

Lopo Soares de Alvarenga.

- Quaes foraõ seus pays. fol. 515.
 num. 4.

D. Leonardo de Sousa.

- Foy por capitã mór de fin-
 co naos da India. fol. 545.
 col. 2.
 Quaes foram seus pays. Ibi.

M*P. Manoel Fernandes.*

- Vay a missã a cidade d'Elvas.
 fol. 327. num. 2.

Do grande fruyto que fez nes-
 ta missã. fol. 328. n. 3.

Foy dos companheyros do Pa-
 triarcha de Ethiopia. fol.
 689. col. 1.

Teve revelaçam de sua morte.
 Ibi. num. 9.

Visita que teve de nossa Senh-
 ra. Ibi. num. 11.

Em que anno morreo. fol. 690.
 col. 1.

P. Marcos Jorge.

Dãse algũa noticia deste gran-
 de religioso. fol. 332.

Foy muy aplicado a fazer as
 doutrinas. fol. 331.

Foy o quarto Reytor do Col-
 legio de Evora. Ibi. num. 9.

S. Martha.

Como se fundou o convento
 de Sancta Martha. fol. 179.
 col. 2.

Quaes foram os Padres que
 ajudaram a fundar o conven-
 to de Sancta Martha. Ibi.
 num. 7.

Nomes das primeyras religio-
 sas fundadoras de S. Martha
 fol. 180. num. 8.

Occasiam que houve pera se fũ-
 dar este mosteyro. 179. c. 2.

Como encarregou o Arcebispo
 de Lisboa aos Padres orde-
 nassem os estatutos deste cõ-
 vento. fol. 180. n. 8.

As regras das Religiosas de S.
 Martha sam como as da Cõ-
 panhia. Ibi.

Procede este convento cõ muy-
 ta virtude. fol. 181. col. 1.

Louvorez do mosteyro de Santa Martha. Ibi. n. 10.

P. Manoel Godinho.

Foy religioso de rara virtude. fol. 2. num. 4.

Sahe o Padre pelas ruas de Coimbra disciplinãdose. fol. 4. num. 8.

Ajoelhafe doze vezes nos lugares mais publicos da cidade. Ibidem.

Torna pera o Collegio lavado em sangue, vay demandar a comunidade que estava junta em oraçam. Ibidem.

Trata com notaveis modos de persuadir a hum Irmão tentado na vocaçam se aquiete nas primeyras inspiraçoens. fol. 14. col. 1.

Raro exemplo da charidade do Padre Manoel Godinho. fol. 14. num. 7.

Experiencia que tomou de hũ Irmão tentado na vocaçam. fol. 15. num. 9.

P. Manoel Alvres.

Foy natural da ilha da Madeyra. fol. 20. num. 7.

Cargos que teve na Cõpanhia. Ibidem.

Compoz a arte da Grammatica. Ibidem.

Martim Gonçalves da Camara.

Quaes forão seus pays. fol. 124. num. 4.

Foy homem de rara virtude. Ibi. Cargos honrosos que teve neste Reyno. Ibi.

He padroeyro da capella de

IESV de Sam Roque, aonde está sepultado. Ibi, col. 2.

S. Martinho.

O Prior de S. Martinho ministra a communham aos presos confessados pelos Padres da Companhia. fol. 206. c. 1.

Martim Affonso de Sousa.

Quaes forão seus pays. fol. 653. col. 1.

Cargos que teve. Ibi.

Mestres.

O primeyro mestre da Rhetorica, & Grego em S. Antãm foy o P. Cypriano Soares. fol. 18. num. 4.

Quem foy o que lia humanidade neste Collegio de Sancto Antãm. Vide Sancto Antãm.

Quem foy o primeyro mestre da Grammatica em Sancto Antãm. fol. 20. n. 7.

Foy o primeyro mestre dos casos o Padre Frãisco Rodrigues. Ibidem. n. 8.

Do bom procedimento dos mestres de Evora. fol. 335. co. 1.

Numero dos mestres das eschôlas menores. fol. 59. c. 2.

Nomes dos que lèram artes nas eschôlas menores neste tempo Ibi. n. 2.

Quaes foram os primeyros mestres de Latim nestas eschôlas. fol. 592. col. 2.

Mortificaçam.

Grandes mortificaçoens que se uzavam no Collegio de Coimbra. fol. 3. num. 5.

Occasiam que houve pera huma disciplina pela cidade. Vide verbo disciplina. fol. 4. num. 8.

Das mortificaçoens publicas que faziam os primeyros Padres de Sam Roque. fol. 103. c. 1.

Morte.

Morte desastrada de hum que sabio da religiam. fol. 16. c. 1.

Morte que detam os heres Calvinistas aos nossos missionarios do Brazil. fol. 42. col. 2.

Morte do Padre Ignacio de Azevedo. Vide Ignacio de Azevedo.

P. Melchior Rodrigues.

Foy por ordem del Rey em peregrinaçam a Ierusalem. fol. 202. col. 1.

Milagre.

Milagre que fez nossa Senhora por occasiam de hum rayo. fol. 36. col. 1.

Missionarios do Brazil.

Vide P. Ignacio de Azevedo. Trate de sua canonizaçam. Vide canonizaçam.

Missoens.

Missoens que sahem da casa de S Roque. fol. 207. n. 11.

Missam de Congo. Vide Congo.

Missam do Brazil. Vide P. Luis da Gram.

Abuso grande que se tirou na missam de Castello de Vide. fol. 326. num. 10.

D. Niquel de Castro.

Arcebispo de Lisboa exami-

nou, & approvou as sanctas reliquias da casa de S. Roque. fol. 119. num. 6.

Marcum Affonso de Sousa.

Quaes foraõ seus pays. fol. 778. col. 1.

P. Melchior Joannis.

Tinha sido Capellam das Indias fantas; filhas do Emperador Carlos Quinto. fol. 48. n. 2.

Aragonès de naçam. Ibidem.

Foy dado à obtaçam; & applicado a procurar o bem das almas. Ibidem.

P. Niquel de Sousa.

Quaes foraõ seus pays. fol. 272. num. 1.

De como entrou na Companhia. Ibi.

Foy em missam à villa de Tomar. Ibi. num. 1.

Monomotapa.

Do grãde poder do Rey de Monomotapa. fol. 149. n. 3.

Pera goarda de sua pessoa costuma ter trinta mil Cafres. fol. 151. num. 5.

Mudança.

Da mudança pera S. Antam o novo. Vide S. Antam.

P. Melchior Carneyro.

Foy o primeyro Reytor do Collegio de Evora. fol. 328. n. 4.

Dos Reyttores, que socederam ao P. Melchior Carneyro. fol. 329. col. 1. & 2.

He nomeado pera a missam de Ethiopia, & pera successor do Patriarcha. fol. 544. n. 1.

Foy sagrado em Goa por Bispo

de Nicosa fol. 94. h. 8. g. 1.
 Como foy mandado para China
 e aonde achou g...
P. Miguel de Barros
 Foy osegundo Reytor do Col
 .m legim de Evora fol. 329. nu
 mero 5.
 Foy naup alda cidade do Ro
 Era ja Theologo quando entrou
 na Companhia. Ibi. col. 2.
P. Miguel de Torres.
 Patria, & criação do Padre Mi
 guel de Torres. fol. 597. b. 2.
 Foy Doutor em Theologia, &
 si. Regente do Collegio mayor
 de Alcalá. Ibi.
 Foy eleyto pela Universidade
 pera ir a Roma, para defen
 de o direyto della. Ibi.
 Ibi.
 Como mudou Deos o Padre
 Miguel de Torres. fol. 598.
 col. 1.
 Resolve se a entrar na Compa
 nhia. Ibi. col. 2.
 Da grande consolaçam que sen
 tiu com a visita que fez ao
 Duque de Gandia. Ibi.
 Conteçoa sua vida sendo supe
 rior. fol. 599. col. 1.
 Foy mandado a Portugal por
 Visitador. Ibi. col. 2.
 Foy o primeyro Provincial de
 Andaluzia. Ibi.
 De como succedeo ao Padre Dio
 go Miram no Provinciala
 do. Ibi.
 Como foy Reytor da Univerfi
 dade de Evora, e a profesh

sa de Lisboa, & Reytor do
 Collegio de Madrid. fol.
 600. col. 1.
 Foy outra vez Visitador desta
 Provincia, & da muyta con
 fiança que S. Ignacio fazia
 della. Ibi.
 Como lhe mandou S. Ignacio
 papeis afinados em branco
 por sua mã. Ibi.
 De huma profecia de S. Fran
 cisco de Borja acerca do P.
 Miguel de Torres. Ibi. n. 1.
 Palavras que disse o Padre Frã
 cisco de Borja ao P. Miguel
 de Torres. fol. 601. col. 1.
 Da occasiam que houve pera se
 saber de hũa revelaçam que
 teve S. Francisco de Borja
 sobre o P. Miguel de Tor
 res. Ibi. col. 2.
 Do cuydado que punha em sua
 salvaçam. fol. 602. col. 2.
 De sua muyta oraçam, & mor
 tificaçam. Ibidem. col. 2.
 Como se havia nas vigias. fol.
 603. col. 1.
 Traças que uzava pera ter ora
 çam. fol. 603. col. 2.
 Perigo de q o livrou Deos por
 meyo da oraçam. 604. n. 2.
 Como era pontual na oraçam.
 Ibi. col. 2.
 Devaçam que tinha às contas
 de nossa Senhora. fol. 605.
 col. 1.
 Como era mortificado nas pa
 lavras. Ibi. col. 2.
 De sua muyta charidade. fol.
 606. col. 1.

Como se havia com os que se emmendavam. Ibi. col. 2.

De todos cuydava bem. fol. 607. col. 2.

Como se houve no officio de confessor da Rainha D. Catharina, & como em seu tempo se deo ao Collegio de Coimbra o mosteyro do Pedroso. fol. 608. n. 1.

Como se houve com seus parêres nesta privança. fol. 613. num. 1.

Como se havia nas cousas do governo do Reyno. fol. 614. col. 1. num. 2.

De sua pobreza. Ibi. n. 3.

Escuzase de ser Arcebispo de Braga. fol. 615. col. 1.

De sua grande pureza. Ibi. nu. 5.

Como se houve na ultima communham. fol. 616. col. 1.

De sua sancta morte. fol. 617. col. 1.

N

Naufragio.

De hum lastimoso naufragio da nao Conceyçam, em que hiam huns missionarios da Companhia. fol. 550. n. 1.

Nam ha cousa mais horrenda que hum naufragio. fol. 551. col. 2.

Occasiam que houve deste naufragio. fol. 552. num. 4.

Remedios que uzaram pera ver se se podiam livrar deste nau-

fragio. Ibi. n. 5. & 6.

Effeytos que a feme causou nestes naufragantes. fol. 558. num. 5.

Como sahiram em huma ilha, & do que nella passaram. fol. 559. n. 7.

Como mortêram os que ficaram em outra ilha. Ibi. c. 2.

Dos que escaparam deste naufragio. fol. 660. col. 2.

Noviciado.

Os religiosos da Cõpanhia ham de ter tres annos de noviciado. fol. 68. n. 9.

Rezâm porque na Companhia ha tres annos de noviciado.

Ibidem. n. 10.

O noviciado no principio durava hum anno sòmente. fol. 171. col. 2.

Por quanto tempo esteve o noviciado em S. Roque sendo mestre o P. Antonio Correa. fol. 176. num. 11.

Noviços.

O primeyro mestre de noviços em toda a Hespanha depois de publicadas as constituições quem foy. fol. 171. num. 2.

P. Nuno Mascarenhas.

Quaes foraõ seus pays. fol. 199. num. 4.

Teve a occupaçam de fazer as doutrinas. fol. 212. n. 1.

Suas boas partes. Ibidem.

Cargos que teve na Cõpanhia. Ibi. col. 2.

A elle se deve a fundaçam do

Collegio do Algarve. Ibi.
Muyto agenciou a canoniza-
çam dos nossos Sanctos. Ibi.
num. 2.

Sendo Assistente de Portugal
morreo em Roma. Ibi.

Nuno da Cunha.

Foy Governador dos estados da
India por espaço de dez an-
nos. fol. 782. col. 2.

Levou consigo onze naos fer-
mosas. Ibi.

O

Obediencia.

Carta de obediencia de Sancto
Ignacio pera os Irmãos de
Portugal. Vide carta.

Quer nosso Sancto que os da
Companhia se assigalem na
obediencia. fol. 71. n. 3.

Havemos de recorrer a Christo
nos superiores. Ibidem. nu-
mero 4.

Pela obediencia se ha de entre-
gar a vontade. fol. 72. col. 1.

A verdadeyra obediencia tam-
bem he do entendimento.
fol. 73. num. 1.

A obediencia cega he muy ne-
cessaria. Ibidem. n. 2.

Quam necessaria seja a obediẽ-
cia de juizo. fol. 74. col. 2.

O obediente todo se offerce a
Deos. fol. 75. num. 5.

Meyos pera alcançar a obediẽ-
cia de entendimento. Ibidẽ.
num. 6.

Quanto monta a obediencia
pera o bom governo. fol. 77.
col. 1.

P

Patria.

Obrigaçoens que os homens tẽ
à sua patria. fol. 22. n. 2.

Padres.

Mudamse os Padres pera as ca-
finhas terras de S. Roque.
fol. 102. n. 3.

Nomes dos Padres que come-
çaram ally morar. Ibi. n. 4.

Como passavam ally com ale-
gria. fol. 103. n. 5.

Das mortificaçoens publicas q
ally faziam. Vide mortifica-
çam.

Vam em corpo buscar agoa pe-
la cidade. Ibidem.

Dos grandes serviços de Deos
que faziam os Padres. Ibidẽ.
num. 6.

Resistem os Padres a se fazer
hum templo sumptuoso. fol.
105. num. 2.

Do modo com que os Padres
accõmodaram a Igreja. Ibi.
num. 3.

Resistem os Padres a sua Alte-
za, que nos queria fazer hum
templo como o de Belẽ. fol.
105. num. 2.

Como os Padres se accõmoda-
ram pobrememente. fol. 107.
num. 6.

Como acudiam os Padres de S.

Roque

- Roque a toda a hora . fol. 178. num. 4.
- Do grande amor que tinham as pessoas reaes aos Padres de Sam Roque. Ibi. num. 5.
- Como acudiam os Padres â peste grande que houve em Lisboa. fol. 195. n. 8.
- Como os Padres de S. Roque levaram os seus doentes para S. Antam. Ibi. n. 9.
- Como acodem aos encarcerados. fol. 204. n. 3.
- Modo que os Padres tem em acodir âs confissoes dos presos. fol. 205. col. 2.
- Como acodem aos condenados à morte. fol. 206. num. 8.
- Tambem favorecem aos do hospital. fol. 207 n. 10.
- Em outras muytas cousas exercitam os Padres sua charidade. fol. 208. n. 12.
- D. Pedro Mascarenhas.*
- Foy affeyçoadissimo aos Padres da Companhia. fol. 96. c. 1.
- Sua Alteza manda a Dom Pedro Mascarenhas compor as difficuldades que havia sobre edificar a casa de Sam Roque. Ibidem.
- Trata el Rey de o mandar por Visorrey à India. fol. 490. numero 3.
- Como aceytou a viagem. Ibi.
- Levou consigo dous nossos para a India. Ibi. n. 5.
- Da edificaçam com que se houve na viagem da India. fol. 491. num. 7.
- Como desembarcou o Visorrey. fol. 492. num. 8.
- Foy General das galês. fol. 493. num. 2.
- Foy Estribeyro mór del Rey D. Manoel. Ibi.
- De como foy por Embayxador a Carlos Quinto. fol. 494. col. 1.
- Nam quiz aceytar o ser Ayo do Principe D. Phelippe. Ibi.
- De hum grande banquete que deo. Ibi. n. 3.
- Foy muyto amigo da justiça. fol. 495. n. 6.
- De huma resposta avisada que deo a hum pretendente. Ibi.
- O que lhe socdeo com hum preso. fol. 496. num. 7.
- Como Deos levou pera sy a Dõ Pedro Mascarenhas. Ibi. n. 1.
- Seus ossos foram tresladados para este Reyno. fol. 497. c. 1.
- Obrigaçoens que tem a Companhia a Dom Pedro Mascarenhas. Ibi. n. 2.
- Os fidalgos Mascarenhas tem grande amor à Companhia. Ibi. num. 3.
- Da esquadra que mandou dar Dom Pedro Mascarenhas para acompanhar a embayxada para o Abexim. Vide Abexim.
- P. Pedro d' Aфонсека.*
- Acrecentou a casa de Sam Roque. fol. 107. n. 7.
- Ao Padre Pedro d' Aфонсека se fez entrega das sanctas reliquias da casa de Sam Ro-

que. fol. 119. col. 1.

Ajudou a fundaçã do convento de Santa Martha. fol. 180. col. 1.

A elle se deveo recolhimento das convertidas. fol. 181. num. 1.

Tambem se lhe devem os recolhimentos das meninas orfãs, & de Sancto Antonio. Ibi.

A casa dos Cathecumenos se fez por industria sua. fol. 183. col. 1.

Foy o primeyro mestre do terceyro curso das escholas menores de Coimbra. fol. 59. 1. col. 2.

P. Pero Paulo Ferrer.

Leo escriptura na Universidade de Evora. fol. 455. n. 3.

De suas boas partes, & virtude. Ibi.

Irmão Pero Corroa.

Como mataram os barbaros este ditoso Irmão. fol. 155. numero 10.

Pedrosos.

Doaçam do mosteyro do Pedrosos. fol. 611. col. 2.

Dãse conta deste mosteyro. fol. 612. num. 9.

Fundadores deste mosteyro. Ibi. num. 10.

Do nome do Pedroso. fol. 613. col. 1.

Perseguição.

Perseguição que teve a Companhia em França. fol. 567. num. 3.

Occasiã desta perseguição. fol. 568. n. 4.

Tratam os nossos a fazer apologia contra a perseguição. fol. 569. num. 7.

P. Pero Paes.

Como chegou a Ethiopia. fol. 696. col. 1.

Mandou a Goa a cabeça do Patriarcha Dõ Andriê de Oviedo. Ibi. num. 13.

P. Pero de Perpignan.

Foy insigne orador, & de nacção Valenciano. fol. 19. numero 5.

Foy o primeyro mestre que leu humanidades no Collegio de Sancto Antãm. Vide Sancto Antãm.

Leo Rethorica em varias Universidades do mundo. Ibi. col. 2.

Raro exemplo de sua humildade. Ibi. n. 6.

Morreo em Paris. Ibi. c. 2.

Como veyo ler a segunda classe das escholas menores. fol. 593. col. 1.

Vay a Roma, orãdo muytas vezes em presença do Summo Pontifice, & de toda a corte Romana. Ibi. n. 7.

Como foy tambem a França. Ibi. num. 8.

Pedro Machado de Brito.

He padroeyro da capella de S. Antonio da Igreja de S. Roque. fol. 124. n. 5.

D. Pedro d'Almeyda.

Quaes foram setis pays. fol. 52.

num. 10.

Grandes obrigaçoens que temos a Dõ Pedro de Almeida. Ibidem.

Notaveis mostras de amor deste fidalgo pera a Cõpanhia. fol. 53. col. 1.

Porto.

Sam Francisco de Borja chega à cidade do Porto. fol. 88. numero 2.

Agasalhase no hospital do Porto. Ibidem.

Os cidadãos do Porto dam licença pera os nossos terem algũ modo de casa, & Igreja na cidade. fol. 89. col. 1.

Arrependemse da licença que deram. Ibidem. num. 3.

Como Sam Francisco de Borja tomou posse do Collegio do Porto. Vide S. Francisco de Borja.

D. Phelippa de Sá.

Condessa de Linhares fundadora do Templo de S. Antãm. fol. 25. col. 1.

Casa professa.

Vide Sam Roque.

Profissam.

Ordena S. Ignacio se nam desse profissam solemne senam depois de largas experiencias. fol. 66. col. 2.

Profissam que fez o Infante D. Luis. Vide Dom Luis.

Padres que fizeram profissam solemne quando se tomou posse da casa de Sam Roque. fol. 100. n. 6. & 7.

Proximos.

Por seguridade propria nam se ha de deyxar o bem do proximo. fol. 8. col. 2.

Como os nossos ham de procurar o bem do proximo. fol. 9. num. 6.

Prudencia.

Tem o primeyro lugar entre as virtudes moraes. fol. 6. n. 10. fine.

Grande prudẽcia do P. Manoel Godinho. Vide Manoel Godinho.

Pêste.

Da grande charidade com que os Padres de Sam Roque acudiram à cidade de Lisboa no tempo da pêste grãde. fol. 191. n. 1. & seq.

Da pêste grande que houve em Lisboa no anno de 1569. fol. 192. col. 1.

Grande mortãdade que houve em Lisboa nesta pêste grande. Ibi. col. 2.

Notavel charidade do Padre Cypriano Soares. Vide Cypriano Soares.

Quantos mil morreram cõ esta pêste. fol. 193. n. 3.

Nomes dos nossos que morreram na pêste curando os enfermos. fol. 196. n. 10.

Outra pêste que houve em Lisboa no anno de 1579. fol. 198. num. 2.

Como acudiram os nossos nesta segunda pêste. fol. 199. co. 1.

Nomes dos Padres que morreram

rêram nesta segunda pête.
fol. 201. n. 10.

Nomeãse outros nossos q mor-
reram na pête, fol. 202. n. 12.

P. Pero Mascarenhas.

Foy o primeyro que se offere-
ceo a hir servir na pête. fol.
199. num. 4.

Quaes foram seus pays. Ibi.

De muyto que trabalhou nesta
pête. Ibi. col. 2.

Morte do P. Pero Mascarenhas.
fol. 200. col. 1.

De huma grande consolaçam q
lhe quiz dar Deos nosso Se-
nhor no ultimo remate de
sua vida. Ibi. n. 6.

Do sentimento que teve elRey
de sua morte. Ibi. n. 7.

Teve tres irmaõs na Compa-
nhia. fol. 201. n. 9.

Ir. Pero Correa.

De sua entrada na Companhia.
fol. 501. col. 2.

Foy grande prégador entre os
Brazis. Ibi.

Occasiam que houve pera en-
trar pelo sertam. fol. 502. n. 3.

Occasiam de outra missam aos
Indios. Ibi.

Persuade a paz entre os Indios.
fol. 503. n. 5.

Causa porque se amotinaram
os barbaros contra elle, & seu
companheyro. Ibi. col. 2.

Como se lhe maquinou a mor-
te. fol. 504. col. 1.

Prestito.

Como o Cardeal Infante foy
no prestito da Vniversidade

de Evora. fol. 349. n. 1.

Preste Ioam.

Do nome de Preste Ioam. fol.
519. num. 12.

Purificaçam.

O Collegio da purificaçam de
Evora foy fundado pelo Car-
deal Dom Hérique. fol. 385.
num. 9.

Este Collegio està fogeito à
Companhia. fol. 386. col. 1.

R

Reliquias.

Tem a Igreja de Sam Roque
grãdissima copia de reliquias
Vide S. Roque.

As reliquias da casa de Sam Ro-
que sam autenticas. 118. n. 3

Dõ Ioam de Borja deo as reli-
quias a S. Roque. Vide Dom
Ioam de Borja.

Occasiam que houve perã ajũ-
tar tantas reliquias. Ibi.

Como foram reconhecidas por
autenticas. fol. 119. n. 6.

Foram recebidas com grandes
festas. fol. 120. n. 7.

Ha neste sanctuario reliquias
de sanctos conhecidos. Ibi.

As reliquias dos Sãctos sam po-
derosas pera fazer bẽ. Ibi. n. 8

O P. Ioam de Madureyra cõcer-
tou as capellas das Sãctas re-
liquias. Vide Ioam de Madu-
reyra.

Religiã.

Tentãse hum Irmã de fahir
da Religiã. fol. 13. n. 6.

Donde se originou esta sahida.
fol. 14. col. 1.

Metelhe o diabo em cabeça q̄
busque Religiã m mais aper-
tada do que lhe parecia era
a Companhia. Ibidem.

Morte defaistrada de hũ q̄ sahio
da Religiã. Vide morte.

Reytor.

P. Reytor de Coimbra toma hũa
disciplina publica pela cida-
de. fol. 4. num. 8.

Torna a fazer o mesmo em
procisãm com os seus Reli-
giosos. fol. 5. n. 9.

Primeyro Reytor de S. Antãm.
Vide P. Ignacio d'Azevedo.

Preeminencias do Reytor de
Evora. fol. 363. n. 4.

O Reytor do Collegio de Evo-
ra he tambem Reytor de ou-
tros Collegios. 364. n. 5. & 6.

Tem este Reytor muytas datas.
Ibi.

Resistenciã.

Resistencias que houve na pos-
se da cerca de S. Antãm. Vi-
de Sancto Antãm.

Como se acabãram estas resis-
tencias. fol. 53. n. 11.

Retabolo.

Descrevese o retabolo da capel-
la mór de S. Roque. 115. c. 1.

Do paynel que estã no retabo-
lo. Ibi. col. 2.

Da casa que estã no vãm do lu-
gar do paynel. Ibi. n. 6.

Rey.

Titulos q̄ tomam os Reys de
Ethiopia. Vide Ethiopia.

Do modo que tem em mover
seu arrayal. fol. 518. n. 10.

Rios.

Do rio Gambiã. fol. 637. col. 2.

De outros varios rios em Gui-
nẽ. Ibi.

S. Roque.

Quẽ rezãm houve pera se cha-
mar casa de S. Roq̄. 91. n. 1.

Sam Roque he avogado da pẽ-
ste. fol. 92. n. 2.

A instancia del Rey D. Manoel
mandou a Senhoria de Ve-
neza as preciosas reliquias
do bẽaventurado Sãcto. Ibid.

Tratam em Lisboa de fazer hũa
ermida ao Sancto. Ibidẽ. n. 3.

Qual foy o sitio desta ermida
de Sam Roque. Ibidem.

Rezãm q̄ houve pera neste sitio
se fundar a ermida do San-
cto. fol. 93. n. 5.

Grãde applauso que houue em
fundar esta ermida. 93. n. 6.

Instituiose huma confraria de
Sam Roque. fol. 94. n. 7.

Queriam os nossos Padres edi-
ficar sua casa professa junto à
ermida de S. Roque. 95. n. 2.

Das muytas resistẽcias q̄ houve
da parte dos cõfrades. Ib. n. 3.

Concertaramse os Padres cõ os
confrades de Sam Roque.
fol. 98. num. 2.

Contrato que fizeram os Pa-
dres com os confrades de S.
Roque. Ibi. num. 3.

Achoase el Rey, & corte presen-
te quãdo se tomou põsse da
casa de S. Roque. fol. 99. n. 4.

Grandes concursos que havia no principio na Igreja de S. Roque. fol. 104. n. 7.

Querria elRey fazer hũa Igreja como de Belem. Vide elRey D. Ioã Terceyro.

Resistem os Padres de Sam Roque a se fazer hum templo sumptuoso. fol. 105. n. 2.

Do modo com que os Padres se accõmodaram de Igreja. Ibi. num. 3.

Resolvemse a fazer tẽplo grande. fol. 108. n. 2.

Começase a Igreja nova de S. Roque. fol. 109. n. 3.

Tratase do tecto da Igreja. Ibi. num. 4.

Descreve se o tecto da Igreja pela parte de dentro. fol. 110. num. 5.

Veyo hum architecto famoso mandado por elRey Catholico Dom Phelippe o Prudente a traçar esta obra. Ibi.

Notavel novidade nas columnas que sustentam o forro da Igreja. Ibi. col. 2.

O tecto de Sam Roque pela parte de dentro representa outra Igreja. fol. 111. n. 6.

Descreve se a pintura do forro. Ibi. num. 7.

A roda do tẽplo vay outra cornija de pedra. fol. 112. n. 8.

Cubriose o tecto de fora com laminas, & pastas de chumbo. Ibi. num. 9.

Como se fizeram quatro capellas de novo na Igreja de S.

Roque. fol. 113. n. 1.

Rezãm que houze pera fazer estas capellas. Ibi. col. 2.

Tem a Igreja de Sam Roque grandissima copia de reliquias. fol. 117. num. 1.

S

ElRey D. Sebastião.

Da devaçam que tinha ao Santissimo Sacramẽto. fol. 711. num. 4.

Rezava o officio divino. ibi. n. 6.

Como era devoto da Virgem nossa Senhora. fol. 712. n. 7.

Devaçam, & obediencia ao Sũmo Pontifice. Ibi. n. 8.

Do grande amor que teve à castidade. Ibi. num. 9.

Palavras que deyxou escritas. fol. 713. col. 1.

Do q disse o Papa da boa criaçam delRey Dõ Sebastião. Ibi. col. 2.

Causa dos erros delRey Dõ Sebastião. fol. 717. n. 9.

Perdeose elRey por seguir ruins conselhos. Ibi. col. 2.

Livros por onde leo elRey. fol. 719. col. 2.

Como era inclinado a coulas de guerra. fol. 720. n. 5.

Resolve se em hir a Africa. fol. 722. num. 9.

Tomou dõ pela morte do P. Luis Gonçalves da Camara. fol. 728. col. 2.

Foy logo visitar sua sepultura

- tanto que veyo a Lisboa. Ibidem. num. i i.
Sacerdote.
- Como castigou Deos a hum Sacerdote que se foy da Companhia. fol. 261. col. 2.
- Do que profetisou o P. Leão Henriques a este Sacerdote. Vide P. Leão Henriques.
- Como se arrepedeo este Sacerdote sem remedio. 262. c. 1.
- Como foy admitido na Companhia hum Sacerdote em baidor. fol. 263. n. 1.
- O que foycedeo ao P. Leão Henriques com este enganador. Vide P. Leão Henriques.
- Como foy despedido da Companhia. fol. 264. n. 4.
- Como este homem depois de despedido nos perseguia. Ibi.
- Traça que tomou pera enganar a gente. fol. 265. col. 1.
- Vza de novos enganos. Ibi. n. 5.
- Como foy descuberto o engano deste homem. Ibi. n. 6.
- Foy preso este Sacerdote, & cõdenado às galles. fol. 266. num. 7.
- Entra em nõvos enganos. Ibi. num. 8.
- Modo por onde fogio das galles. Ibi. col. col. 2.
- Foge pera o Brazil, & là nos persegue. fol. 267. n. 9.
- Como tornou a ser preso na Inquisiçam. Ibi. col. 2.
- Sebastião de Sá de Meneses.*
- Quaes foraõ seus pays. fol. 151. col. 2.
- Foy capitã n de Sofãla quando se bautizou o filho del Rey de Tonga. Ibi.
P. Sebastião de Moraes.
- Foy o primeyro Bispo de Iapão. fol. 592. col. i.
Sepultura.
- Descrevese a sepultura do Cardeal Infante. fol. 374. n. 4.
- Epitaphio desta sepultura. Vide epitaphio.
- A sepultura do Senhor Dom Duarte està na nossa Igreja de Evora. fol. 376. n. 8.
Serra-leoa.
- Começa a Serra-leoa junto ao cabo de Verga. fol. 638. col. 1.
- Porque se chama Serra-leoa. Ibi.
Soeyra de Vasconcellos.
- Insigne bemfeytora da Companhia. fol. 123. n. 3.
- He padroeyra da capella do Espirito Sãcto de Sam Roque. Ibidem.
P. Simão Vieyra.
- Como orou sendo mestre da primeyra, diante do Cardeal Infante. fol. 348. n. 8.
Simão Gomes.
- Foy o primeyro Goarda dos estudos da Vniversidade de Evora. fol. 470. n. 1.
- Foy natural do Marmeleyro. fol. 471. n. 2.
- Foy devotissimo de nossa Senhora. Ibi.
- Chamavamlhe o çapateyro sancto. Ibi.

Do muyto caso que delle fazia
 elRey Dom Sebastiam. Ibi.
 Sua vida anda imprèssa. Ibi. n. 3.
 De sua sancta morte. Ibi. n. 4.
 Notavel profecia de Simam
 Gomes sobre as cousas de
 Portugal. fol. 472. n. 6.
 Da sua muyta óraçam. fol. 473.
 col. 2.
 Como sentio em sy effeytos da
 payxam de Christo. Ibi. n. 9.
 Quanto tempo esteve em Evo-
 ra. fol. 474. n. 10.
 Està sepultado em Sam Roque.
 Ibi. col. 2.

S. Tereza.

Teve revelaçam como foram
 mortos pelos hereges os nos-
 sos missionarios do Brazil. fol.
 46. n. 8.
 Deo conta della ao seu confes-
 sor o P. Balthezar Alvares.
 Ibidem.

F. Thomas Turco.

Sendo gèral da Ordem de Sam
 Domingos mãdou publicar
 hum decreto pera continuar
 a amizade com a Cõpanhia.
 fol. 405. col. 2.

Tonga.

O Reyno de Tonga tem seu si-
 tio junto a Moçambique. fol.
 151. n. 6.
 A cidade principal deste Rey-
 no se chama tambem Ton-
 ga. Ibi.
 Distã da linha equinocial vinte
 & tres graos. Ibi.
 Bautizase o filho do Rey de
 Tonga. Ibi. col. 2.

V

Valde-rosal.

Descreve-se seu sitio. fol. 34. n. 1.
 O sitio he muy accõmodado
 pera cõtemplaçoens. fol. 35.
 num. 2.
 Da habitaçam que os nossos al-
 ly tinham. fol. 36. n. 4.
 Sinco meses estiveram os nos-
 sos em Valde-rosal. fol. 38.
 num. 10.

S. Vicente.

O corpo de Sam Vicente foy
 goardado pelos corvos. fol.
 67. col. 2.

Vicio.

Mais facilmente se pega o vi-
 cio, do que se communica a
 virtude. fol. 13. n. 5.

Visitador.

Manda Sancto Ignacio ao Pa-
 dre Luis Gonçalves por Vi-
 sitador a Portugal. Vide P.
 Luis Gonçalves.

Vocaçam.

Notavel sucesso de hum man-
 cebo a quem o diabo tentou
 na vocaçam. fol. 13. n. 6.
 A vocaçam da Companhia he
 pera discorrer pelo mundo
 todo. fol. 68. n. 10.

Victoria.

Victoria dos Portugueses no
 porto de Chaul. fol. 148. n. 7.
 Victorias de Heytor da Sylvey-
 ra. fol. 776. col. 2.
 Outra victoria. Ibi. n. 13.

Victorias em Maluco. fol. 778.
num. 3.

P. Urbano.

Sendo Reytor do Collegio de Coimbra pedio com grande instancia a missã da India. fol. 268. n. 1.

Embarcase pera a India com dous cõpanheyros. fol. 269. col. 2.

Como morreo o Padre Urbano na viagem. Ibidem. n. 3.

Chorou muytas lagrimas quando o declarãram por Reytor de Coimbra. fol. 270. col. 1.

Das grandes incõmodidades q̃ teve na nao. Ibi.

De suas boas partes. Ibi. col. 2.

Da obrigaçam que lhe tem o Collegio de Coimbra. fol. 271. num. 6.

Como este Padre mudou o nome. Ibi.

Vniversidade.

Trata o Cardeal Infante de fundar a Vniversidade de Evora. Vide Dom Henrique.

Resiste a esta pretencãm a Vniversidade de Coimbra. fol. 336. n. 9.

Como se occasionou a licença pera se fundar a Vniversidade de Evora. fol. 342. n. 2.

Do modo com que se tomou posse da Vniversidade. fol. 343. num. 4.

Da solemnidade com que se tomou posse desta Vniversidade. fol. 344. col. 1.

Como se entregou a Vniversi-

dade à Companhia. fol. 345. num. 7.

Testimunho da Vniversidade de Coimbra nas cousas da Companhia. fol. 576. n. 3.

Do que julgou a Vniversidade de nossos procedimẽtos. Ibi. col. 2.

Do que julga acerca dos que recebemos. fol. 577. n. 7.

Tem a Companhia à sua conta vinte & cinco Vniversidades. fol. 590. col. 1.

Da obrigaçam, & foyçãm q̃ devemos à Vniversidade. Ibi.

Quanto gostava o Infante Cardeal de ver as obras da sua Vniversidade. fol. 352. col. 1.

Da occasiã que teve pera acrescentar as obras da Vniversidade. Ibi. col. 2.

Descreve-se a obra do pateo da Vniversidade. fol. 353. n. 3.

Descreve-se a fachata do gèral da Vniversidade. Ibi. n. 4.

Empresa que nesta Vniversidade tomou o Cardeal Infante. Ibi.

Letreyros que estam na fachata do Gèral da Vniversidade. fol. 354. col. 1.

Continuale com a descripçam da fachata da sala da Vniversidade. fol. 355. num. 6.

Fonte que estã no meyo do pateo della. Ibi. num. 8.

Quantos sam os mestres da Theologia na Vniversidade. fol. 358.

O Reytor do Collegio he jũta-

mente

mente Reytor da Vniuersidade. Ibi. n. 2.

Podres do Reytor della . fol. 359. col. 2.

Do Cancellario, & Prefeyto della. fol. 358. col. 2.

Do Conservador ecclesiastico, & secular desta Vniuersidade. fol. 359. n. 3. & 4.

Dos grandes privilegios desta Vniuersidade. fol. 360. col. 2.

Tem esta Vniuersidade todos os privilegios da Vniuersidade de Coimbra. Ibi.

Dos outros officiaes que tem esta Vniuersidade. fol. 363. col. 1. & 2.

Das preeminencias do Reytor da Vniuersidade. Ibi.

Tem a Vniuersidade hum hospital muyto perfeyto . fol. 365. col. 1.

Z

Zelo.

Zelo da salvaçam das almas. Vide o Padre Ignacio de Azevedo.

Zelo da fé del Rey Dom Ioão Terceyro. fol. 273. col. 1.



PARTE DAS BVLLAS APOSTOLICAS,

DE QUE SE FAZ MENCAM NESTAS
duas partes da Chronica da Companhia de
I E S V S.

VNIAM DE CARQVERE AO COLLEGIO
de Coimbra; I. de Abril de 1561.



PIVS Episcopus, seruus seruorum Dei, ad perpetuam rei memoriam. Ad Apostolicæ dignitatis apicem meritis licet imparibus diuina dispositione vocati, gratos Domino, & Reipublicæ Christianæ vtilis, fideliumque animabus saluiferis fructus, qui ex literarum, præsertim sacrarum, studio, ac verbi Dei prædicatione prouentire noscuntur, intra cordis nostri arcana reuoluentes ad ea, per quæ personarum Ecclesiasticarum, & præcipue sub suaui Religionis iugo altissimo famulantium, & prædicationi huiusmodi vacantium subuentioni valeat prouideri, libenter intendimus, ac in his Apostolicæ prouidentia partes prout opportunum fore conspicimus, fauorabiliter impartimur. Sane cum, sicut charissimus in Christo filius noster Sebastianus Portugallie, & Algarbiorum Rex illustris, tam suo, quam dilectorum filiorum Rectoris, & Collegialium Collegij Societatis sub inuocatione nominis Iesu in ciuitate Colimbriensi instituti nominibus nobis nuper exposuit, in dicto Collegio magnus ipsius Societatis præbyterorum, & scholarium numerus reperitur, qui studij sui tempore de more peracto, disciplinaque sapientie salutaris illic salubriter hausta, plurimos in domo Domini fructus afferunt, & ad prædicandum Dei Euangelium in dies etiam ad remotissimas prouincias, aliasque Regiones diuisionis temporalis Sebastiani Regis prædicti transportantur, quorum operibus, & doctrina non solum populi dictarum Regionum in fide Catholica confirmantur, sed etiam barbaræ gentes (quæ Deum hæcenus non norunt) ad cognitionem veri luminis, qui Christus est, ac Sacramenti baptismalis lauerum copiosissime accedunt, & in fide Christiana ædificantur; ac insurgentibus hodie contrariarum Orthodoxæ fidei opinionum autoribus maior numerus doctrina, & virtute pollentium in Ecclesia Dei propugnatorum requiratur; & propterea in dicto Collegio plures Collegiales manu tenendi veniant, ad quos alendos, ac simul reliqua dicti Collegij onera supportanda illius fructus redditus, & prouentus non sufficiunt. Et vt eadem petitio subiungebat si prioratus Monasterij per priorem gubernari soliti beatæ Mariæ de Carquere Ordinis Sancti Augustini Canonicorum regularium Lamacen. dioc. quem dilectus filius Antonius Nogueira dicti Monasterij Prior obtinet ex nunc, prout extime, cum primum illum per ipsius Antonij cessum, vel diceßum, seu quamuis aliam diuisionem, vel amissionem vacare contigerit, dicto Collegio perpetuo vniretur, annecteretur, & incorporaretur, profecto dictum Collegium hac subuentione subleuatam maiorem numerum Doctorum, & præbyterorum tallium parturiret, quorum ope Religio Christiana quotidie per amplius verisimiliter propagaretur. Quare prædictus Sebastianus Rex asserens conuentualem mensam dicti Monasterij ab ipso prioratu separatam existere, dictique prioratus, & non nullarum parochialium Ecclesiarum, ac forsitan aliorum illi annexorum, fructus, redditus, & prouentus quadringentorum quinquaginta ducatorum auri de Camera secundum communem estimationem valorem annuum non excedere, eisdem nominibus nobis humiliter supplicauit, vt eundem prioratum Collegio prædicto perpetuo vnire, annectere, & in incorporare, aliasque in præmissis opportunè prouidere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur, qui dudum inter alia voluimus quod petentes beneficia ecclesiastica alijs vniri, tenerentur exprimere verum annum valorem secundum estimationem prædictam, etiam beneficij, cui aliud vniri peteretur, alioquin vnro non valeret; & semper in vnionibus commissio fieret ad partes, vocatis, quorum interesset; Rectorè, & singulares scholares Collegij huiusmodi à quibusuis excommunicationis, suspensionis, & interdicti, alijsq; ecclesiasticis sententij censuris, & pœnis, à iure, vel ab homine, quauis occasione, vel causa latitis, si quibus quomodolibet innodati existunt, ad effectum præsentium tuum duntaxat consequen-

dum, harum ferie absolventes, & absolutus fore censentes, necnon fructuum, reddituum, & proventuum eiusdem Collegij, & illi forsitan annexorum, verum annum valorem presentibus pro expresse habentes, huiusmodi supplicationibus inclinati prioratum predictum cum primu illam per cessum, etiam ex causa permutationis, vel decessum, seu quamvis aliam dimissionem, vel etiam expriuatione amissionem dicti Antonij, vel alias quouis modo etiam apud Sedem Apostolicam, etiam in aliquo ex mensibus nobis, & Sedi Apostolicæ per nostras constitutiones, aut Cancellariæ Apostolicæ regulas, vel alias referuatis seu ordinarijs collatoribus, etiam per constitutiones, vel clausulas huiusmodi, aut literas alternatiuarum, seu alia priuilegia, & indulta Apostolica concessis hactenus, & impostèrum concedendis vacare contigerit; ex nunc prout extunc, & contra, etiam si, si dicto nunc ex eiusdem Antonij, vel alterius cuiuscumque persona, seu per liberam ipsius Antonij, vel cuiusvis alterius resignationem, siue iuris cessionem de illo in Romana Curia, vel extra eam, etiam coram notario publico, & testibus sponte factam, aut constitutionem felicitis recordationis Ioannis PP. XXII. prædecessoris nostri, quæ incipit ex-crabilis, vel assecutionem alicuius beneficij Ecclesiastici quauis autoritate collati, vacet, etiam si tant tempore vacauerit, quod eius collatio iuxta Lateranensis statuta Concilij ad Sedem eandem legitime deuoluta, ipseque prioratus dispositioni Apostolicæ specialiter, vel generaliter referuatus existat, & super eo inter aliquos, cuius statum ac verum, & vltimū eiusdem prioratus vacationis modum, etiam si ex illo quæuis generalis referuatio, etiam in corpore iuris clausula resulter, presentibus haberi volumus pro expressis, pendeat indecisa cū annexis huiusmodi, ac omnibus iuribus, & pertinentijs suis eidem Collegio ipsius Antonij adhuc quo ad eius cessum, vel decessum tantum expresse accedente consensu dicta autoritate Apostolica tenore presentium perpetuò vnimus, annectimus, & incorporamus; ita quod liceat eidem Rectori, & Collegialibus per se, vel alium, seu alios corporalem possessionem prioratus vacatione illius, vt præfertur, occurrente, & non antea, & annexorum, iuriumque, & pertinentiarum suorum predictorum quorūcumque liberè apprehendere, & perpetuò retinere, ac fructus, redditus, proventus, iura obuentiones, & emolumenta Prioratus, & annexorum huiusmodi in suos Collegij, & prioratus eorundem vsus, & vtilitatem conuertere: dictumque prioratum per se, vel aliquem ex eis, seu aliam personam idoneam in spiritualibus, & temporalibus regere, & gubernare, necnon ecclesijs, & beneficijs eidem prioratu annexis per se ipsos, aut alium, seu alios sæculares, vel regulares ad id eorum arbitrio deputandos, & constituendos in diuinis, vt moris est, deservire. Omniaque, & singula ad pro tempore existentem priorem eiusdem prioratus quomodolibet pertinentia facere, & exequi, diæcesani loci, vel cuiusvis alterius licentia desuper minime requirit; ita tamen quod Rector, & Collegiales præfati per se, vel alium, seu alios vigore vnionis, annexionis, & incorporationis ipso Antonio illi incumbentem possessionem prioratus huiusmodi capere nequeant, nec ipsæ vnio, annexio, & incorporatio quod id sortiuntur effectum, ne idem Rector, & Collegiales nisi vacatione prædicta adueniente se in regimen, & gubernium spirituale, & temporale monasterij, seu prioratus, eiusque reddituum, & bonorum aliarumue pertinentiarū suorum principaliter, vel accessorie ingerere valeant, alioquin in euentum contrauentionis vnio, annexio, & incorporatio prædictæ nullæ, & dissolutæ sint ipso iure, ac ipsius Antonij consensus desuper præstitus nullius vigoris, & effectus existat, sed idem Antonius præmissis non obstantibus de dicto prioratu, vt prius ad eius voluntatem, & beneplacitū disponere possit, vt in similibus postquā vnio, annexio, & incorporatio huiusmodi suū fuerint effectum sortitæ, Rector, & Collegiales præfati obligationes modernas, & antiquas, aliaque onera monasterio, & prioratu prædictis incumbentia iuxta dicti monasterij fundationem, & constitutiones integrè, & absque vlla deminutione adimplere teneantur. Decernentes, ac statuentes vnionem, annexionem, & incorporationem huiusmodi, ac præsentis literas sub quibuscumque reuocationibus, suspensionibus, derogationibus, moderationibus, vel alterationibus similium, vel dissimilium vnionum, annexionum, & incorporationum per nos, & sedem prædictam sub quibuscumque tenoribus, & formis, ac cum quibusvis etiam derogatorijs derogatorijs, alijsque efficacissimis titulis irritantibus, & alijs decretis pro tempore factis minime cōprehendi, sed semper ab illis exceptas, vt quoties illas suspendi, vel reuocari, aut illis derogari contigerit, toties illas de nouo, & subdatur per Rectorem, & Collegiales præditos eligendā cōcessas, & in pristinum statum restitutas, & ad hoc, vt sub reuocationibus, suspensionibus, & derogationibus huiusmodi minime cōprehendantur, ex nunc verè, & non fictè suum plenariū effectū sortitas, & non deuacaturo, sed de vacante prioratu huiusmodi factas, & per illas ex nunc Collegio, eiusque Rectori, & Collegialibus prædictis ius in re quæsitum existere, illasque verè, & non fictè pro augmento diuini cultus, & dote necessaria Collegij, illiusque scholarium predictorū alimentis factas fuisse, & esse; ac vim initi, & stipulati contractus inter Sebastianum Regē, & sedem prædictas obtinere, ac suspensiones, reuocationes, & derogationes vnionis huiusmodi pronou illius concessione, & restitutione haberi, & ceteri debere; necnon vnionem, annexionem, & incorporationem, aliaque præmissa, ac etiam præsentis literas nullo vnquam tempore etiam ad superiorum dicti Ordinis Patris Sancti Augustini instantiam ex quacumque causa reuocari, alterari, limitari, ad iuris terminos reduci, vel illos contra ea in integrum restitui, seu surreptionis, vel obreptionis, aut nullitatis vitio, seu intentionis, aut alio

quo pram defectu noctari posse, causamque, seu causas propter quas illa emanarunt coram loci ordinario etiam tanquam à Sede Apostolica delegato verificari debere; nec propterea aut ex eo quod interesse vocati non fuerint, per surreptionem obtentas præsumi, & viribus carere, sicque per quoscumque iudices tam ordinarios, quam delegatos, etiam Palatij Apostolici causarum auditores, & Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinales in quacumque instantia subla-
ta eis, & eorum cuilibet, quauis aliter iudicandi, & interpretandi autoritate, & facultate, iudica-
ri, & diffiniri debere necnon irritum, & inane quicquid secus à quoque quauis autoritate, sciē-
ter, vel ignoranter contigerit attentari, non obstanti priori voluntate prædicta ac nouissime ce-
lebrati Lateranensis Concilij vniones perpetuas, nisi in casibus à iure permissis fieri prohiben-
tis; necnon felicis recordationis Bonifacij PP. VIII. prædecessoris nostri, ac alijs Apostolicis;
necnon in generalibus, ac Prouincialibus, & sinodalibus Concilijs editis, & specialibus consti-
tutionibus & ordinationibus, ac monasterij, & Ordinis Sancti Augustini prædictorum iuramen-
to confirmatione Apostolica, vel quauis firmitate alia roboratis statutis, & cōsuetudinibus, pri-
uilegijs quoque indultis, & literis Apostolicis, monasterio, conuentui, & ordini præfatis, illorū-
que superioribus, & personis sub quibuscumque verborum formis, & tenoribus, ac cum qui-
busuis etiam derogatorijs derogatorijs, alijsque efficacioribus, & insolitis clausulis, irritanti-
busque, & alijs decretis etiam motu proprio, & ex certa scientia, per nos, & Sedē Pontificatam
ac quoscumque alios Rom. Pontifices prædecessores nostros etiam ad quorumuis etiam Im-
peratoris, Regum, Ducum, & aliorum principum instātiā, etiam iteratis vicibus in genere, vel
specie quomodolibet concessis, & approbatis, & inuatis. Quibus omnibus etiam si pro sufficien-
ti illorum derogatione de illis, eorumque totis tenoribus, specialis, specifica expressa, & in-
diuidua: non autem per clausulas generales idem importantes, mentio, seu quauis expressio
habenda, aut aliqua alia exquisita forma ad hoc seruanda foret, illorum tenores, formas, & de-
creta in eis apposita, ac si de verbo ad verbum nil penitus omisso, & forma in illis tradita obser-
uata, inserti forent, præsentibus profufficienter expressis habentes, illis, alias in suo robore per-
mansuris, hac vice duntaxat specialiter, & expressè derogamus contrarijs quibuscumque; aut si
aliqui super prouisionibus sibi faciendis de prioratibus huiusmodi speciales, vel alijs beneficijs
ecclesiasticis in illis partibus generales dictæ Sedis, vel legatorum eius literas impetrant,
etiam si per eas ad inhibitionem, restitutionem, & decretum, vel alias quomodolibet sit proces-
sum; quas quidem literas, & processus habitos per eandem; & indefecuta quacumque ad dictū
prioratum volumus non extendi; sed nullum per hoc eis quoad assecutionem prioratum, seu
beneficiorum aliorum prædictorum generari, & quibuslibet alijs priuilegijs, & indulgentijs, &
literis Apostolicis generalibus, vel specialibus quorumcumque tenoribus existunt, per quæ
præsentibus non expressa, vel totaliter non inserta effectus earum impediri valeat quomodo-
libet vel differri; & de quibus, quorumque tenoribus de verbo ad verbum habenda sit in nos-
tris literis mentio specialis. Volumus autem, & similiter Apostolica autoritate decernimus,
quod propter vnionem, annexionem, & incorporationem huiusmodi diuini cultus, & solitus
Canonicorum, & ministrorum numerus in dicto monasterio nullatenus minuat, sed illius ac
eorundem conuentus congrue supportentur onera consueta; quodque cedente, vel decedē-
te eodem Antonio, Canonici, & Conuentus parti ex tunc de cætero sub ordinarij loci obediē-
tia degant. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ absolutionis vnionis, an-
nexionis, & incorporationis, decreti, statuti, derogationis, & voluntatis infringere, vel ei ausu
temerario contra ire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis
Dei, ac beatorum Petri, & Pauli Apostolorum eius se nouerit incursum. Datum Romæ apud
Sanctum Petrum anno Incarnationis Dominicæ millesimo quingentesimo sexagesimo primo
Kal. Aprilis Pontificatus nostri anno secundo. M. Coirenot.

VNIAM DO MOSTEIRO DE SAMFINS

ao Collegio de Iesus de Coimbra; 17. de

Iunho de 1548.



PAVLVS Episcopus seruus seruorum Dei, ad perpetuam rei memoriam. Copio-
sus Dominus, & in cunctis suis operibus gloriosus, à quo omnia dona defluunt,
ad hoc nobis licet immeritis, suæ sponsæ vniuersalis Ecclesiæ regimen com-
mittere voluit, vt tanquam de summo vertice montis ad infima reflectentes in-
tuitū, quid pro huiusmodi illustrada Ecclesia ad fidei orthodoxæ propagationē
cōferat, quid statui fidelū quorūlibet cōueniat, attentiū prospiciamus, & qualiter
fideles ipsi profligatis ignorantæ tenebris per donū sapiētiz in via mādatorū Dñi in edere de-
beāt, solertiū attēdēs, eos ad quærēdū literarū studia, per quæ militātis eccles. gubernatur, di

uini nominis cultus proreudatur, omniſque proſperitas humanæ conditionis augetur, noſtræ ſolicitudinis ope, Apoſtoli iſque fauoribus propenſius excitemus, & adeo noſtræ conſiderationis aciem ſolicite dirigamus, per quæ locorum, in quibus ſtudia ipſa vigere noſcuntur, ac perſonarum in ſtudijs inſiſtentium commoditatibus conſulatur; & vt exinde in ſuis opportunitatibus aliquod ſuſcipiant releuamen, & ſtudia ipſa decentius continuare valeant, de congruæ ſubuentioſis auxilio per noſtræ prouifionis adminiculum ſalubriter prouideamus, prout Catholicorum Principum ad hoc tendentium vota expoſcunt, ac perſonarum, & rerum qualitate penſata conſpicimus in Clementiſſimo ſalubriter expedire.

Sane chariſſimus in Chriſto filius noſter Ioannes Portugalliæ, & Algarbiorum Rex illuſtris, ſuo, & dilectorum filiorum moderni Rectoris, & ſcholarum Collegij Conimbricenſis Societatis IESV nuncupatæ nominibus nobis nuper exponi fecit, quod alias ipſe Ioannes Rex poſtquam in ciuitate Conimbricenſi Vniuerſitatem ſtudij generalis ad Dei laudem, & fidei catholicæ propagationem erexerat, attendens præbyteros prædictæ Societatis antea per nos in alma vrbe noſtra, erectæ, vel confirmatæ ad Dei gloriam, & animarum ſalutem Religionisque Chriſtianæ deſenſionem, & propagationem Sedi Apoſtolicæ in ſeruendo, cum nobis, noſtrisque ſucceſſoribus Romanis Pontificibus pro tempore exiſtētibus peculiari voto ſe obſtrinxerint, plurimos in Eccleſia Dei fructus afferre; illoſque tam in Regno Portugalliæ, & in ſulis maris Oceani eidem Ioanni Regi ſubiectis, quam in alijs multis locis plurimum prodeſſe; & ad profeſſionem in eadē Societate emittendam iuxta inſtituti ſui rationem, non niſi literatos admitti, & quod nonnulli ex dictis præſbyteris in certis domibus ipſius ciuitatis residentes ad vniuerſalem inibi Chriſti fidelium animarum ſalutem tam publice prædicando, & docendo, quam priuatè, die, noctuque vigilando proficere tunc non ceſſabant; in eadem Vniuerſitate præſatum Collegium, quod ſub cura, & adminiſtratione dicti filij moderni, & pro tempore exiſtentis Præpoſiti Generalis ipſius Societatis exiſteret, erexit, & inſtituit, ſeu erigere, & conſtruere incepit, ipſum Collegium regendum iuxta tenorem erectionis ipſius Societatis illi conceſſit, ipſius Collegij ſcholares numerum centum excedentes ſuis proprijs ſumptibus, & expenſis manu tenendo, & tunc in partibus illis dictæ Sedis Nuncius attendens quod dictum Collegium nullos, vel ſalutè tenues, & exiles fructus habebat; ac ipſi ſcholares ex fructibus ipſis, & eleemoſynis ſibi à Chriſti fidelibus pro tempore erogatis, ſi literis operam darent, ſuſtentari nullatenus poſſent. Habent ad id vt aſſerebat, ſpeciale a Sede prædicta per eius literas facultatem illius vigere monaſterium S. Felicis de Trieſtas Ordinis S. Benedicti Bracharenſis diœceſis, quod de iure patronatus præſati Ioannis Regis ex priuilegio Apoſtolicò, cui non fuerat eatenus in aliquo derogatum, fore dignoſcebatur, certo tunc expreſſo modo vacans, in quo à certo tempore antea non ultra quã tres Monachi iuxta ordinem huiusmodi minimè, ſeu potius diſſolutè, & inhoneſtè ac contra regulã ordinis huiusmodi inſtituta viuentes extiterant, & tunc exiſtebant, eidem Collegio ad centum annos Apoſtolica auctoritate vniuit, annexuit, & incorporauit. Ipſiq; Rector, & ſcholares dicti Monaſterij, ac illius bonorum poſſeſſionem, ſeu quaſi, aſſecuti fuerunt; & ſicut eadē expoſitio ſubiungebat, ſi vniò, annexio; & incorporatio prædictæ in perpetuum extenderentur, & S. Laurentij de Lapella, & S. Mariæ de Torpiris, ac S. Michaelis de Zago, ac quæ de iure patronatus laicorum exiſtit S. Martini de Aljoredo parochiales eccleſiæ: nec non vna eiufdem S. Mariæ de Labella, ac alia S. Pantalionis de Cornes, & alia ſine cura, & alia, quæ etiam diſſimili iure patronatus exiſtit cum cura S. Iacobi de Boiua, ac reliquæ etiam ſine cura eiufdem S. Mariæ de Morera per vnum curatum, & alterum ſine cura Rectores portionarios nuncupatos regiſolitarum parochialium Eccleſiarum dictæ diœceſis (portiones quarum, exceptis eccleſia S. Martini, & portione cum cura nuncupata huiusmodi, dum pro tempore vacant, præſentatio perſonæ idoneæ, ad ipſius Monaſterij Abbatem pro tempore exiſtentem pertinet) qua primò per ceſſum, vel deceſſum vacarent eidem Collegio perpetuo vnirentur, annecterentur, & incorporarentur, ex hoc profecto ſcholarium eorundem commoditatibus ſalubriter conſuleretur. Ipſiq; Rector, & ſcholares ſuis ſtudijs cõmodius, & perfectius inſiſtere, ac in illis amplius proficere, ac aliquod ſubuentioſis auxiliũ ſuſcipere, & onera eidem Collegio pro tempore incumbentia facilius perferre poſſent. Quare dictus Ioannes Rex aſſerens Monaſterij ducetorum, & inſimul parochialium eccleſiarum, ac portionũ prædictarum ducetorum ſexaginta ducetorum auri de Camera fructus, redditus, & prouentus, ſecundum cõmunẽ æſtimationẽ, valore annuũ non excedere ſuo, ac moderni Rectoris, ac ſcholarium nominibus huiusmodi nobis fecit humiliter ſuplicari, vt erectionẽ, inſtitutionẽ, conceſſionẽ, & applicationẽ Collegij, ac vnionẽ, annexionẽ, & incorporationẽ monaſterij huiusmodi, nec non omnia, & ſingula ipſius Collegij ſtatuta, & ordinationes in quibus ſuis literis, ſeu ſcriptis contenta, & inde ſecuta quæcũq; approbare, & confirmare, ac Collegium ſi erectum, vel engi inceptum huiusmodi in Collegiũ ſcholarium Societatis eiufdem adinſtar aliorum Collegiorum dictæ Societatis erigere, & inſtituere, ac illi pro eius dote omnia, ac ſingula bona per ipſum Ioannem Regem, ac alios quoſcumque illi pro tempore conceſſa, & assignata, ipſique Societati Collegium ipſum cũ illius omnibus, & ſingulis bonis præſentibus, & futuris perpetuò applicare, & appropriare, nec non vnionẽ, annexionẽ, & incorporationẽ Monaſterij huiusmodi, adhuc vt vniò, annexio; & incorporationẽ Monaſterij huiusmodi perpetuis futuris temporibus durare debeat, & extẽdere, & prorogare, ac alias in præmiſſis

opportune providere de benignitate Apostolica dignemur. Nos qui dudum inter alia volumus, quod petentes beneficia ecclesiastica alijs viri, teneretur exprimere verum animum valorem secundum estimationem predictam, etiam beneficij, cui aliud viri peteretur, alioquin unio non valeret; & semper in unionibus commissis fieret ad partes, vocatis quorum interest; unionis, annexionis, & incorporationis monasterij; necnon erectionis, ac literarum, & scripturarum huiusmodi veriores tenores, ipsiusque Collegij, ac illi unitorum fructuum, reddituum, & proventuum veros annuos valores presentibus pro expressis habentes, ac modernum Rectorem, & scholares Collegij huiusmodi, ac illorum singulos a quibusvis excommunicationis suspensionis, & interdicti, alijsque ecclesiasticis sententijs, censuris, & penis a iure, vel ab homine, quavis occasione, vel causa a latis, si quibus quomodolibet innodati existunt, ad effectum presentium duntaxat consequendum harum serie absolventes, & absolutos fore censentes. Huiusmodi supplicationibus inclinati erectionem, institutionem, concessionem, & applicationem Collegij, ac unionem, annexionem, & incorporationem monasterij huiusmodi, necnon omnia, & singula eiusdem Collegij statuta, & ordinationes, ac prout illa concernunt, omnia, & singula in literis seu scripturis huiusmodi contenta, & indefecta quaecumque (licita tamen, & honesta, ac sacris Canonibus non contraria) autoritate Apostolica tenore presentium ex certa scientia approbamus, & confirmamus, illaque valida, & efficacia existere, suosque plenarios effectus sortiri, & observari debere decernimus, omnesque, & singulas, tam iuris, quam facti, defectus, si qui forsan interuenerint, in eisdem supplemus; ac Collegium sic erectum, vel erigi inceptum huiusmodi in Collegium scholarium Societatis eiusdem pro eorum perpetuis usu, & habitatione cum Ecclesia, altaribus, cimiterio, campanili, campanis, ortis, ortalicij, & alijs officinis necessarijs, ac alias ad instar aliorum Collegiorum scholarium dictae Societatis erigimus, & instituimus; ac illi sic erecto pro eius dote omnia, & singula bona, per ipsum Ioannem Regem, ac alios quoscumque eidem pro tempore concessa, & concedenda, & assignanda, ipsique Societati Collegium predictum cum illius omnibus, & singulis bonis presentibus, & futuris perpetuo applicamus, & appropiamus, ac concedimus, & assignamus. Necnon unionem, annexionem, & incorporationem monasterij huiusmodi, ac cum omnibus, & singulis in eis contentis clausulis de superfectas literas predictas ad hoc, ut unio, annexio, & incorporatis monasterij, huiusmodi perpetuis futuris temporibus durare debeat, & monasterium ipsum eidem Collegio perpetuo unium, annexum, & incorporatum sit, & esse censetur extendimus, & prorogamus. Et nihilominus monasterium ipsum de nouo ex nunc ita, quod decedentibus modernis ipsius monasterij monachis in eo alij monachi permanere, vel loco illorum, seu alicuius eorum alius, vel alij recipi, nec in eo regularitas aliqua censeri possit, seu debeat, de Sancti Laurentij, & S. Mariae de Torpiris, ac S. Michaelis, & S. Martini parochiales ecclesias, necnon portiones predictas, cum primum illarum, seu quaelibet earum percessum, vel decessum, seu quamuis aliam dimissionem, vel amissionem earum modernorum possessorum, aut alias quouis modo, quem etiam ex illo quavis generalis reservatio, & in corpore iuris clausa resultet, aut ex cuiuscumque persona, seu per liberam cuiusvis resignationem de illis in Romana Curia, vel extra eam etiam coram notario publico, & testibus sponte factum; aut S. Laurentij, & S. Mariae de Torpiris, ac S. Michaelis, & S. Martini ecclesiarum, & cum cura portio predicta, per constitutionem felicitis recordationis Ioannis PP. XXII. praedecessoris nostri, quae incipit. Execrabilis, vel illarum, ac aliarum portiones huiusmodi per affectationem alterius beneficii ecclesiastici quavis autoritate collati vacent, etiam si tanto tempore vacauerint, quod earum collatio iuxta Lateranensis statuta Concilij ad Sedem predictam legitime deuoluta, ac S. Laurentij, & S. Mariae de Torpiris, ac S. Iacobi, & S. Martini ecclesiarum, necnon portiones predictae dispositioni Apostolicae specialiter, vel generaliter reservatae existant, & super eis inter aliquos lis cuius statum, ac nomina, & cognomina iudicium, & colligantium, ac ius, & titulos eorum presentibus haberi volumus pro expressis, pendeat indecisa, dummodo tempore datum presentium non sit in eis alicui specialiter ius quaesitum, & quoad ecclesiam S. Martini, ac portionem curatam predictas patronorum predictorum, quantum si iam non accesserit, expressus accedat assensus cum omnibus iuribus, iurisdictionibus, & alijs membris annexis bonis, ac pertinentijs suis, remanente tamen congrua portione ex fructibus, redditibus, & proventibus singularum S. Laurentij, & S. Mariae de Torpiris, ac S. Michaelis, necnon S. Martini ecclesiarum, ac portionis cum cura huiusmodi pro singulis illarum Vicarijs. Quorum presentatio Vicariae ipsae pro tempore vacauerint ad dictum Praepositum pertineat, & qui eisdem ecclesijs in diuinis laudabiliter deseruiant, & animarum curam parochianorum illarum exerceant congrua portione, ex qua ipsi Vicarij se sustentare, & iura episcopalia soluere possint eidem Collegio ex nunc prout extunc, & contra eisdem autoritate Apostolica, & tenore perpetuo unimus, & annectimus, & incorporamus; in ipsoque monasterio nomen tantum monasterij, necnon conuentus, ac abbatialem mentem, ipsumque ordinem S. Benedicti, omnemque regularitatem, & dependentiam illius perpetuo supprimimus, & extinguimus, ac alia onera, si quae sint, in quibus monasterium predictum, ac illius monachi obligati existant in collegio predicto adimpleri faceant; necnon corporalem possessionem monasterij continuare, seu illius de nouo ac S. Laurentij, & S. Mariae de Torpiris, ac S. Michaelis, & S. Martini ecclesiarum, & portionum predictarum per se, vel alium, seu alios propria autoritate, & absque spolij, seu attentatorum vitio libera apprehendere,

dere, & perpetuò retinere, illorumque fructus, redditus, & proventus in suos, ac Collegij, & parochialium ecclesiarum, ac portionum prædictarum vsus, & vtilitatem conuertere, diocesani loci, vel cuiusvis alterius licentia super hoc minime requisita. Nec non Collegio, Rectori, & scholaribus præfatis quod omnibus, & singulis priuilegijs, indultis, libertatibus, immunitatibus, ac alijs gratijs spiritualibus, & temporalibus. societati prædictæ, ac illius, & alijs quibusvis Collegijs quomodolibet concessis, & concedendis, & quibus vtuntur, potiuntur, & gaudent, ac vti, potiri, & gaudere poterunt quomodolibet infuturum vti, potiri, & gaudere liberè, & licitè valeant, concedimus. Ac priuilegia, indulta, exemptiones, libertates, immunitates, indulgentias, & gratias huiusmodi ad illos, & illos extendimus, & prorogamus. Ac cù eis iuxta ordinationè dicti Præpositi desuper faciendam, prout solum est in dicta Societate, cõmunicare. Ac ex nunc plenum ius Rectori, & scholaribus prædictis in Sancti Laurentij, & Sanctæ Mariæ de Torpiris, ac S. Michaelis, & S. Martini ecclesijs, necnon portionibus prædictis acquisitum fore, ipsosque super illis beneficio de non tollendo ius quæsitum, ac de annuali, & triennali possessore regularium gaudere posse, & debere, ac eos solam illorum fructuum perceptionem, & corporalis possessionis apprehensionem expectare, ipsasque ecclesias, & portiones de cætero ex personis illarum possessorum ad hæc, vt de illis in fauorem alterius quam Collegij, & vniõis huiusmodi disponi possit, nullatenus valeat posse; ac commendas vniões, & alias dispositiones de illis in alterius quam dicti Collegij fauorem etiam per nos, & sedem Apostolicam, etiam cum quibusvis suspensionibus, & derogationibus prædictarum, & aliarum similium gratiarum quomodolibet pro tempore factas, nullas, & inualidas, nulliusque roboris, vel momenti existere, nullumque per eas cuique ius acquiri, vel etiam coloratum titulum tribui posse, ac præsentis ex quavis causa desurrectionis, vel obreptionis vitio, seu intentionis, & voluntatis defectu notari, vel impugnari nullatenus posse, sed validas, & efficaces existere, suosque effectus sortiri debere; necnon sub quibusvis etiam illarum tenorem continentibus reuocationibus; & alijs eis in totum, vel in partem quomodolibet derogantibus, vel obuiantibus dispositionibus, etiam per quasunque constitutiones Apostolicas, & regulas Chancelleriæ Apostolicæ quomodolibet pro tempore emanatas, nullatenus comprehensas, sed semper ab illis prorsus exceptas, & quoties opus fuerit, toties de nouo in pristinum statum subdat per eisdem Rectorem, & scholares eligenda restituras repositas, & plenariè redintegratas, ac denouo concessas esse: sitque per quoscumque quauis autoritate fungentes iudices, & personas sublata eis, & eorum cuilibet quauis aliter iudicandi, & interpretandi facultate, & autoritate iudicari, & diffiniri debere, irritum quoque & inane, si secus super his à quoque quauis autoritate scienter, vel ignoranter contingerit attentari decernimus. Quo circa venerabilibus fratribus nostris Archiepiscopo Bracharensi, & Colimbriensi, ac Salutarum Episcopis per Apostolica scripta mandamus quatenus ipse, vel duo, aut vnus eorum per se, vel alium, seu alios literas prædictas, & in eis contenta quæcunque vbi & quando opus fuerit, ac quoties pro parte præpositi Rectoris, & scholarium prædictorum, seu alicuius eorum desuper fuerint requisiti solemniter publicantes, eisque præmissis efficacis defensionis præsidio assistentes faciant autoritate nostra præsentis, & in eis contenta humiliter firmiter obseruari. Atque singulos, quos illa concernunt eis pacifè frui, & gaudere, non permittentes eos desuper per quoscumque quomodolibet indebitè molestari, contradictores quoslibet, & rebelles per sententias, censuras & pœnas, ecclesiasticas, ac etiam pœnariarum, aliaque opportuna iuris remedia appellatione præposita compefcendo, & legitimis super his habendis seruatis processibus censuras, & pœnas prædictas etiam iteratis vicibus aggravando, etiam inuocato ad hoc, si opus fuerit auxilio brachij secularis. Non obstantibus priorum voluntate nostra, & alijs præmissis, ac Lateranensi Concilij nouissimè celebrati perpetuas vniões, nisi in casibus à iure permissis, fieri prohibentis, ac quibusvis alijs dictæ Chancelleriæ regulis, necnon piæ memoriæ Bonifacij PP. VIII. etiam prædecessoris nostri, & alijs Apostolicis, ac in Prouincialibus, & synodalibus Concilijs editis Generalibus, vel specialibus constitutionibus, & ordinationibus, ac Monasterij, & ordinis, necnon Vniuersitatis prædictorum, & iuramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis statutis, & consuetudinibus, priuilegijs quoque indultis, & literis Apostolicis eisdem Monasterio Ordini, Vniuersitati, illorumque superioribus, & personis, à quibusvis alijs, sub quibuscumque tenoribus, & formis, ac cum quibusvis etiam derogatorijs derogatorijs, alijsque efficacioribus, & insolitis clausulis irritantibusque, & alijs decretis concessis approbatis, & innouatis. Quibus omnibus, & si pro illorum sufficienti derogatione de illis, eorumque totis tenoribus specialis, specifica, expressa, & indiuidua atque de verbo ad verbum, non autem per clausulas generales idem importantes, mentis, seu quauis alia expressio habenda, aut aliqua alia exquisita forma ad hoc seruanda foret, tenores huiusmodi ac si de verbo ad verbum, & forma in illis tradita obseruata inserti forent præsentibus pro sufficienter expressis, & in fertis habentes illis alias in suo robore permanfuris hac vice duntaxat harum serie specialiter, & expressè derogamus contrarijs quibuscumque, aut si aliqui super prouisionibus sibi faciendis de huiusmodi vel alijs beneficijs ecclesiasticis in illis partibus speciales, vel generales dictæ Sedis, vel legatorum eius literas impetrarint, & si per eas ad inhibitionem, reseruacionem, & decretum, vel alias quolibet sit processum. Quas quidem literas, & processus habitos per easdem, ac inde secuta quæcumque ad Sancti Lauren-

tij, & Sanctæ Mariæ, ac Sancti Michaelis, & Sancti Martini ecclesiæ, nec non portiones prædictas volumus non extendi. Sed nullum per hoc eas quoad executionem beneficiorum aliorum præiudicium generari, & quibuslibet alijs priuilegijs, indulgentijs, & literis Apostolicis quorumcumque tenorem exstant, per quæ præsentibus non expressa, vel totaliter non inserta effectus earum impediri valeat quomodolibet, vel differri, & de quibus quorumque totis tenoribus de verbo ad verbum habenda sit in nostris literis mentio specialis. Volumus autem quod propter vnionem, annexionem, & incorporationem prædictas Sancti Laurentij, & Sanctæ Mariæ, ac Sancti Michaelis, & Sancti Martini ecclesiæ, necnon portiones prædictæ debitis non fraudetur obsequijs, & animarum curæ in eisdem ecclesijs, & cum cura portionem huiusmodi nullatenus negligatur, sed earum, & aliarum portionum prædictarum congruè supportentur enera consueta nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ absolutionis, approbationis, confirmationis, supplementationis, erectionis, institutionis, applicationis, appropriationis, assignationis, extensionis, prorogationis, vnionis, annexionis, incorporationis, suppressionis, extinctionis, concessionis, decretorum, mandati, derogationis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contra ire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem omnipotentis Dei, ac Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum eius se nouerit incursum. Datis Romæ apud Sanctum Marcum anno Incarnationis Dominicæ 1548. decimo quinto Kalend. Iulij Pontificatus nostri anno quarto decimo.

VNIAM DE SANCTO ANTONIO

Collegio de Coimbra: 19. de Dezembro de 1550.

IULIUS Episcopus seruus seruorum Dei ad perpetuam rei memoriam. Cuius inspecta Apostolicæ Sedis benignitas viros literarum scientiæ deditos, ut earum pretiosam inquirant margaritam congruo solet favore prosequi, eisque libenter illa concedendo ministrat: per quæ ad brauium, quod solito apprehendere satagunt studio, valeant acceptius peruenire. Sane cum sicut accepimus præceptoriam domus Sancti Antonij de Benefera ordinis Sancti Augustini Egeranienensis diæcesis certo modo vacauerit, & vacet ad præsens, & sicut exhibita nobis nuper pro parte dilectorum filiorum modernorum Præpositi Generalis Societatis de IESV in alma vrbe nostra per nos institutæ, ac Rectoris, & scholarium Collegij dictæ Societatis Vniuersitatis studij generalis Conimbriensis petitio continebat pro huiusmodi Collegij constructione, & illius scholarium mantentione diuersæ, & notabiles præcuriarum summæ per charissimum in Christo filium nostrum Ioannem Portugalliæ, & Algarbiorum Regem illustrem, cuius auspicijs, & ope dictum Collegium insigne erectum extitit, expositæ fuerunt, ita quoad societas ipsa præfatum Ioannem Regem super præmissis vterius grauare non audeat, ac fructus, redditus, & prouentus dicti Collegij adeo tenues existant, quod pro illius scholarium huiusmodi quorum numerus ad centum viginti fere attingit, & indies augeri speratur, sustentatione, ac onerum eidem Collegio incumbentium supportatione, nullatenus suppetere possint; & præterea tam Præpositus, quam Rector, & modernis scholares præfati desiderant præceptoriam huiusmodi eidem Collegio perpetuò vniri, annecti, & incorporari, pro parte Præpositi, & Rectoris, ac modernorum scholarium præmissorum assentientium fructus, redditus, ac prouentus præfata & eiusdem S. Antonij Vlysbonsis, & ipsius Sancti Antonij de Sanctarem, & Sancti Antonij de Aueleira, necnon Sancti Dominici de Besteiros, Vlysbonsis, & Vifensis, & dictæ Egeranienensis diæcesis domorum eiusdem ordinis præceptoriarum, & forsitan aliorum illi annexorum octoaginta ducatorum auri de Camera secundum communem æstimationem valorem annum non excedere, nobis fuit humiliter supplicatum, ut primo dictam præceptoriam præfato Collegio perpetuò vnire, annectere, & incorporare, atque in præmissis opportunè prouidere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur qui dudum inter alia voluimus quod petentes beneficia ecclesiastica alijs vniri, tenerentur exprimere verum annum valorem secundum estimationem prædictam, & beneficij cui alius vniri peteretur, aliò qui vnio non valeret, & semper in vnionibus commissio fieret ad partes vocatis, quorum interesset, ipsos Præpositum, & Rectorem, ac modernos scholares, & eorum singulos a quibusvis excommunicationis, suspensionis, & interdictionis, alijsque ecclesiasticis sententijs, censuris, & penis a iure, vel ab homine, quauis occasione, vel causa litis, si quibus quomodolibet innodati existunt ad effectum præsentium duntaxat consequendum harum serie absoluentes, & absolutas fore censentes, necnon fructuum, reddituum, & prouentuum Collegij huiusmodi verum annum valorem, verumque, & vltimum primo dictæ vocationis præceptorie modum, etiamsi ex illo quauis generalis reseruatio etiam corpore iuris clausa resultet, præsentibus pro expressis habentes huiusmodi supplicationibus inclinati primo dictam præceptoriam quouis modo, & ex cuiuscumque personæ, seu per libe-

ram resignationem cuiusvis de illa in Romana Curia, vel extra eam, etiam coram notario publico, & testibus sponte factam, aut institutionem felicitis recordationis Iohannis PP. XXII. prædecessoris nostri, quæ incipit execrabilis, vel affectationem alterius beneficii ecclesiastici, quavis auctoritate collati vacet, & si tanto tempore vacauerit quod eius collatio iuxta Lateranensis statuti Concilij ad sedem huiusmodi legitime deuoluta, ac primo dicta præceptorum dispositio- ni Apostolicæ specialiter reseruata, ac conuentualis, seu generalis existat, & ad illam consue- uerit quis per electionem assumi, eique cura, & iurisdictionalis imminet animarum super ea quoque inter aliquos his cuius statum præsentibus haberi volumus pro expresso, pendeat in- decisa dummodo tempore daturus præsentium non sit in ea alicui specialiter ius quantum, cum præceptoribus, & alijs annexis huiusmodi ac omnibus viribus, & pertinentijs suis eidem Collegio Apostolico a auctoritate tenore præsentium perpetuo vnimus, annectimus, & incorpo- ramus. Itaque liceat pro tempore existentibus Rectori, & scholaribus præfati Collegij per se, vel alium, seu alios corporalem possessionem præceptoriarum, & aliorum annexorum iurium- que, & pertinentiarum prædictorum propria auctoritate liberè apprehendere, illorumque fru- ctus, redditus, & prouentus supradictos vndeunque, & quomodocumque, & ex elemosinis quæsitis, ac votis aut alias prouenientes percipere, colligere, & leuare, ac retinere, necnon in suos & dicti Collegij usus, & utilitatem conuertere, atque alia quæ præceptores dictæ domus, qui hætenus fuerunt, facere, & exercere potuerunt, omnibusque, & singulis priuilegijs, indul- tis, gratijs, & indulgentijs illi, & annexis ac ordini Sancti Antonij præfatis quomodolibet con- cessis uti, & gaudere; necnon onera primo dictæ præceptoriarum, & annexis prædictis de iure, vel consuetudine, seu alias incumbentia, & ad quæ præceptor primo dictæ domus, & si inibi forent Canonici dicti ordinis per se, vel alios supportanda tenerentur, in ipso Collegio decetero sup- portari possint, & debeant absque alicuius censuræ, siue pænæ incurfu. Quo circa venerabilibus fratribus nostris Archiepiscopo Salemitanensi, & Episcopo Conimbricensi, ac dicto filio The- saurario Ecclesiæ Conimb. per Apostolica scripta mandamus, quatenus ipsi vel duo, aut vnus eorum per se, vel alium, seu alios eidem Rectori, & scholaribus in præmissis efficacis defensionis præsidio assistentes faciant auctoritate nostra eos præsentibus literis, & in eis contentis om- nibus, & singulis pacificè gaudere non permittentes eos per quoscumque desuper quo- modolibet indebite molestari, contradictores quoslibet, & rebelles per censure, & pænæ eccle- siasticæ appellatione postposita compescendo ac legitimis super his habendis seruatis processibus censuras, & pænâs ipsas, & iteratis vicibus aggrauando, inuocato, & ad hoc, si opus fuerit, auxilio brachij secularis, super quibus omnibus, & singulis; necnon omnes, & singulos, qui ad- hoc citandi fuerint, & per edictum publicum constituto summarie de non tuto adeos accessu citan- di, ac eis quibus inhibendum fuerit, & sub censuris, & pænâs huiusmodi inhibendi, plenam, & li- beram, eis auctoritate Apostolica, & tenore præmissis facultatem concedimus, non obstantibus priore voluntate nostra prædicta, ac piæ memoriæ Bonifacij Pp. VIII. & prædecessoris nostri, & qua inter alia cauetur nequis extra suam ciuitatem, vel diocesim, nisi incertis exceptis casibus illis ultra vnâ diem tantum a sine suæ diæcesis ad iudicium euocetur, seti ne iudices ab eadē sede deputati extra ciuitatem, vel diocesim, in quibus deputati fuerint contra quoscumque procedere, seu alij, vel alijs vices suas committere præsumant, & de duabus dictis in Consilio generali edita, dummodo vltimas tres dictas aliquis auctoritate præsentium non trahantur, a Lau- teran. Concilij nouissimè celebrati vniones perpetuas nisi in casibus a iure permissis fieri pro- hibentis; necnon alijs constitutionibus, & ordinationibus Apostolicis, ac monasterij, vel alte- rius regularis loci, a quo primo dicta præceptorum forsân dependet, & ordinis, necnon si qui sût prioris præceptoriarum prædictorum iuramento confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis statutis, & consuetudinibus priuilegijs quoque indultis, & literis Apostolicis etiâ in forma breuis per quoscumque Romanos Pontifices prædecessores nostros, & nos ac sede prædicta sub quibusuis verborum formis, & tenoribus, ac cum quibusuis clausulis, & decretis, & irritantibus, & motu proprio in fauore fabricæ basilicæ principis Apostolorum deditæ vrbe quomodolibet concessis approbatis, & innouatis, & disponentibus quod ministri, seu præpositi similibus præceptoriarum omnes, & singulas pecuniarum summas elemosynis seu quæsitis quomodolibet, acquisitas eidem fabricæ, vel eius deputatis consignare teneantur, & deinceps elemosynas petere; ac quod vniones annexiones, & incorporationes dedomorum eiusdem ordinis præceptoriarum alicui alteri beneficio seu loco, & quantumcumque pio nisi forsân dicti or- dinis, & Religionis ipsius Sancti Antonij fieri nec domus, aut præceptoriarum dicti ordinis per aliosque eiusdem ordinis Religiosos obtineri, aut alijs commendari non possint, & alias de il- lis, & per sedem ipsam pro tempore factæ vniones, annexiones incorporationes nullius sint ro- boris vel momenti, quodque eidem statutis, consuetudinibus, priuilegijs, indultis, & literis vl- latenus, aut nisi subartis modo, & forma inibi contentis derogari nequeat, & aliter factæ dero- gationes nemini suffragentur, quibus omnibus, etsi pro illorum sufficienti derogatione de illis, eorumque totis tenoribus specialis, specifica, individua, & expressa ac de verbo ad verbum, non autem per clausulas generales idem importantes, mentio, seu quæuis alia expressio habenda, vel aliqua alia exquisita forma ad hoc seruanda foret, tenores huiusmodi ac si de verbo ad ver- bum nihil penitus amisso, & forma in illis tradita obseruata inserti forent præsentibus pro suf-

ficienter expressis habentes illis, alias in suo robore permanfuris, hac vice duntaxat. Itaque illic non obstantibus Rector, & scholares præfati quoscumque pecuniarum summas per eos seu primo dictæ præceptorie ministros ex elemosynis, vel alias quomodolibet acquisitas retinere, ac in suos usus, & vtilitatem conuertere possint, nec propterea aliquas excommunicationis sententias incurrisse censeantur, quod eis auctoritate Apostolica, & tenore præmissis de speciali gratia indulgemus, specialiter, & expresse derogamus contrarijs quibuscumque, aut si aliqui super prouisionibus sibi faciendis de præceptorijs huiusmodi speciales, vel alijs beneficijs ecclesiasticis in illis partibus generalis præfate Sedis, vel legatorum eius literas impetrarint, & per eas ad inhibitionem, reservationem, & decretum, vel alias quomodolibet sit processum, quas quidem literas, & processus habitos per illas ac indefecuta quæcumque ad primo dictam præceptoriam volumus non extendi; sed nullum per hoc eis quoad assecutionem præceptoriarum, seu beneficiorum aliorum præiudicium generari, seu si aliquibus communiter, seu diuisim ab ipsa sit sede indultum, quod interdicti, suspendi, vel excommunicari, aut extra, vel ultra erra ioca ad iudicium trahi non possint per literas Apostolicas non facientes plenam, & expressam ac de verbo ad verbum de indulto huiusmodi mentionem; & quibuslibet alijs priuilegijs priuilegijs, indulgentijs, & literis Apostolicis generalibus, & specialibus quorumcumque tenorem exstant, per quæ præsentibus non expressa, vel totaliter non inserta effectus earum impediri valeat quomodolibet, vel differri, & quibus quorumque totis tenoribus de verbo ad verbum habenda sit in prædictis literis mentis specialis prouiso quod propter vnionem, annexionem, & incorporationem huiusmodi primo dicta præceptoriam debitis non fraudetur obsequijs, & animarum cura in ea siqua illi imminet nullatenus negligatur, sed eius congrue supportentur onera antedicta, nos enim ex nunc irritum decreuimus, & inane, si secus super ijs a quoque quauis auctoritate, scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ abolitionis, vnionis, annexionis, incorporationis, mandati, concessionis, indulti, derogationis, voluntatis, & decreti infringere, vel ei ausu temerario contraire; si quis autem hoc attentare præsumperit, indignationem omnipotentis Dei, ac beatorum Petri, & Paulo Apostolorum eius se nouerit incursum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum anno Incarnationis Dñcæ. 1550. quarto decimo Kalend. Ianuarij Pötificatus nostri anno primo.

VNIAM DO MOSTEIRO DE S. IOAM
de Longouares ao Collegio de Coimbra; 12. de
Outubro de 1551.



IVLIVS Episcopus seruus seruorum Dei ad perpetuam rei memoriam. Regimini vniuersalis ecclesiæ meritis licet imparibus disponente Domino præsidentes, ad ea libenter intendimus per quæ singulorum locorum, in quibus sacrarum literarum studia, quibus mundus illuminatur, vigere noscuntur, felici successui, ac personarum in illis huiusmodi studijs insistentium, vt ea commodius continuare possint congruæ subuentioni salubriter valeat prouideri, & vt pia ad id tendentia Catholicorum Principum vota optato sortiantur effectu opem, & operam quantum nobis ex alto conceditur, efficaces impendimus, prout ad diuini nominis exaltationem, & Christianæ Religionis augmentum, ac animarum salutem conspiciamus in Domino salubriter expedire. Cum itaque Monasterium Sancti Ioannis de Longouares ordinis Sancti Augustini septem diæcesis quod alias tunc certo modo vacans dilecto filio Emmanueli Godinho clerico per eum quo ad viueret tenendum, regendum, & gubernandum apostolica auctoritate commendatum, aut quod commendaretur concessum extitit commenda ex eo quod dictus Emmanuel illi, seu literis Apostolicis desuper non confectis eius confessioni huiusmodi, ac omni iuri sibi in eodem monasterio, vel ad illud quomodolibet competenti possessione, seu quasi regiminis, & administrationis, ac bonorum dicti monasterij per eum forsitan non habita, hodie in manibus nostris spontè, & liberè cessit, nosque cessionem ipsam duximus admittendam cessante adhuc eo quod dum eidem Emmanueli commendatum, aut quod commendaretur concessum fuit, vacabat; modo vacare noscatur ad præsens, & sicut charissimus in Christo filius noster Ioannes Portugallie, & Algarbiorum Rex illustris, nobis nuper exponi fecit, alias ipse Ioannes Rex postquam in ciuitate Conimbriensi Vniuersitatem studij generalis ad fidei propagationem erexerat attendens, quod præbyteri Societatis IESV nuncupatæ, alias per felix recordationis Paulum PP. prædecessorem nostrum erectæ, & per nos apostolica auctoritate confirmatæ ad Dei laudem, & animarum salutem, Religionisque Christianæ defensionem, & propagationem Se Ji Apostolicæ inseruendo, cum nobis, nostrisque successoribus Romanis Pontificibus pro tempore existentibus peculiari voto se astrinxerint, plurimos in ecclesia Dei

fructus afferebant, quodque illi tam in dictorum Portugalliae, & Algarbiorum regnis, quam insulis maris Oceani eidem Regi subiectis, & pluribus alijs locis plurimum procedant, ac ad professionem in eadem Societate emittendam iuxta instituti sui rationem, non nisi literati admittebantur, & quod nonnulli ex præsbyteris ipsis incertis domibus ipsius ciuitatis residentes ad vniuersalem inibi Christi fidelium animarum salutem prædicando, & docendo tam publice, quam priuatim ac die, noctuque vigilando proficere non cessabant, in eadem Vniuersitate vni Collegium scholarium dictæ Societatis subnorma, regimine, & administratione moderni, & pro tempore existentis Præpositi generalis ipsius Societatis erexit, & instituerit, seu erigere, & instituere inceperit, ipsumque Collegium, in quo scholares numerum centum excedentes suis proprijs sumptibus, & expensis manu teneri debent iuxta tenorem literarum erectionis ipsius Societatis illi concesserit, & applicauerit; & sicut eadem expositio subiungebat, Collegium ipsū, illiusque scholares præfati propter eorum tenues redditus manu teneri non possint, sintque præsbyteri, qui circa plantarum in agro Domini propagationem, & vt animas Deo lucrifaciant, continuis laboribus in fidei Catholicæ exaltationem, verbum Dei in populo seminando in vigilantijs, & quorum opera, & persuasione in nonnullis Indiarum, & Africæ, ac aliarum partium prouincijs, terris, & locis eiusdem Ioannis Regis temporali dominio subiectis, & adiacentibus, concedente Domino non modicus ouium aberrantium numerus ad gremium Sanctæ matris Ecclesiæ, & viam salutis præfato Ioanne Rege ad id auxilium, & fauorem gnauiter præstante aduectus dignoscitur, & sunt in partibus illis admodum viles, & necessarij; & propterea pium, & rationi consonum censeatur, quod scholares ipsi vt quietius, & liberius earundem literarum studijs operam dare possint, de aliquo subuentionis auxilio per sedem eandem reficiantur, & tam ipsi quam præfatus Ioannes Rex, cui in acquirendis, & in iam acquisitis conseruandis terris, & locis continua bella contra infideles gerendo grauioribus expensis, & incommoda iugiter subire non cessant, exinde opportunum suscipiant releuamen. Idcirco si monasteriorum ipsū, in quo à certo tempore citra tres duntaxat canonicis minus religiosè viuentes repetuntur, eidem Collegio perpetuò vniretur, annecteretur, & incorporaretur, ex hoc profecto eorundem scholarium commoditatibus, ac alias in præmissis non parum consuleretur, ipsique congruum subuentionis auxilium opportunè susceperent, ac in eorum studijs copiosius proficere, & in melius circa conuersionem eundem infidelium attendere possent. Quare idem Ioannes Rex nobis humiliter supplicari fecit, vt monasterium ipsū eidem Collegio, vt præfertur, vnire, annectere, & incorporare, ac alias in præmissis opportunè prouiderè de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur, qui dudum inter alia voluimus, quod petentes beneficia ecclesiastica alijs vniti, tenerentur exprimere verum annum valorem secundum communem estimationem, & beneficij, cui aliud vniti peteretur, alioquin vnio non valeret; & semper in vnionibus commissio fieret ad partes vocatis quorum interesset, dicti Collegij fructuum, reddituum, & prouentuum verum annum valorem præsentibus pro expresso habentes huiusmodi supplicationibus inclinati monasterium prædictum, de quo consistorialiter disponi non consuevit, ac cuius, & S. Iacobi de Pias, ac Sancti Saluatoris de Cambosis, & S. Michaelis de Cago, ac eiusdè S. Michaelis de Mesugas parochialium ecclesiarum Bracharensis, & seu dictæ septem diocesis, necnon perpetui simplicis beneficij ecclesiastici in dicta ecclesia de Cago, & forsitan aliorum eidem monasterio annexorum fructus, redditus, & prouentus, & quinquaginta florenas auri in libris Cameræ Apostolicæ taxati reperuntur, quouis modo, & ex cuiuscumque persona vacet, etsi tanto tempore vacauerit, quod eius prouisio iuxta Lateranensis statuta Concilij, aut alias canonicas sanctiones ad sedem prædictam legitime deuoluta existat, & illa ex quauis causa ad sedem eandem specialiter, vel generaliter pertineat, ac super illiuc regimine, & administratione præfatis inter aliquos his cuius statum præsentibus haberi volumus pro expresso, & indeat indefinita dummodo tempore datur præsentium eidem monasterio de Abbate prouisum, aut illud alteri commendatum canonicè non existat, & eiusdem Emmanuelis ad hoc expressus accedat assensus, cum anexis eiusmodi, ac omnibus iuribus, & pertinentijs suis eidem Collegio Apostolica autoritate prædicta tenore præsentium perpetuò vnimus, annectimus, & incorporamus. Ita quod decedentibus modernis ipsius monasterij canonicis ipsorum loco alij recipi, & inibi permanere non possint, nec tunc de cætero aliqua regularitas in dicto monasterio censeatur, liceatque pro tempore existenti Rectori ipsius Collegij, & præfatis scholaribus per se, vel aliū seu alios corporalem possessionem dicti monasterij, ac bonorum illius iurium, & annexorum quorumcumque propria autoritate libere apprehendere, ac perpetuò retinere, illiusque, & annexorum huiusmodi fructus, redditus in suos ac Monasterij, & Collegij prædictorum vsus, & vtilitatem conuertere, ac animarum curam, si qua illi imminet per vnum Vicarium, & ad eorum liberum nutum ponendum, & admouendum in ipso monasterio exerceri, ac alia onera quæcumque, & qualiacumque monasterio, illiusque annexis huiusmodi de iure, vel consuetudine, aut alias incumbant, & ad quæ præfati canonici obligati censeantur, & existunt, in dicto Collegio de cætero supportari, & adimpleri facere, ordinari loci, vel cuiusvis alterius, licentia de super minimè requisita. Quo circa venerabili fratri nostro Episcopo Balneoregiensi, & dilectis filijs Vlybonensis, & Eborensis officialibus per Apostolica scripta mandamus, quatenus ipsi, vel duo, aut vnus eorum per se, vel alium, seu alios præsentibus literas, & in eis contenta quæ-

cunque

cumque ubi, & quando opus fuerit, ac quoties pro parte Rectoris, & Scholarium prædictorum, seu alicuius eorum de super fuerint requisiti, solemniter publicantes, eisque in præmissis efficacis defensionis præsidio assistentes, faciant autoritate nostra literas, & in eis contenta huiusmodi firmiter obseruari, ac Rectorem, & scholares prædictos, omnesque, & singulos alios, quos literæ ipsæ quomodolibet concernunt, & infuturum concernent, illis pacificè frui, & gaudere, non permittentes eorum aliquem per quoscumque desuper quomodolibet indebitè molestari, contradictores autoritate nostra appellatione post posita compescendo; non obstantibus priori voluntate nostræ prædictæ, & Lateranensis Concilij nouissime celebrati, vniones perpetuas nisi in casibus à iure permittis fieri prohibentis, ac præ memoriæ Bonifacij PP. VIII. & prædecessoris nostri, & alijs Apostolicis, ac in prouincialibus, ac synodalibus Concilijs editis generalibus, vel specialibus constitutionibus, & ordinationibus; necnon monasterij, & ordinis prædictorum iuramento, confirmatione Apostolica, vel quauis firmitate alia roboratis statutis, & consuetudinibus, priuilegijs quoque indultis, & literis Apostolicis monasterio, & ordini, ac dilectis filijs illius conuentus, eorumque superioribus, & personis, & quibusuis alijs sub quibuscumque tenoribus, & formis, ac cum quibusuis, & derogatorum derogatorijs clausulis, & decretis, & irritantibus, & alijs quomodolibet, & iteratis vicibus concessis, approbatis, & innouatis. Quibus omnibus etiam si pro illorum sufficienti derogatione de illis, illorumque totis tenoribus, specialis, specifica, expressa, & indiuidua, ac de verbo ad verbum, non autem per clausulas generales idè importantes, mentio, seu quæuis alia expressio, aut aliquid alia exquisita forma ad hoc seruanda foret, tenores huiusmodi, ac si de verbo ad verbum nihil penitus omisso, & forma in illis tradita obseruata inserti forent, præsentibus pro sufficienter expressis habentes illis, alias in suo robore permanfuris, hac vice duntaxat harum serie specialiter, & expresse derogamus contrarijs quibuscumque, & quibuslibet alijs præuilegijs, indulgentijs, & literis generalibus, vel specialibus quorumcumque tenorum existant, per quæ præsentibus non expressa, vel totaliter non inserta effectus earum impediri valeat quomodolibet, vel differri, & de quibus quorumque totis tenoribus de verbo ad verbum habenda sit in nostris literis mentio specialis. Volumus autem quod propter vnionem annexionem, & incorporationem huiusmodi monasterium prædictum in spiritualibus non lædatur, & in temporalibus detrimenta non sustineat, sed eius congruè supportentur onera consueta; quodque ex fructibus eiusdem monasterij de congrua portione per præfatum loci ordinarium taxanda præfatis modernis canonicis ad eorum vitam prouideatur, & insuper examine irritum decernimus, & inane, si secus super ijs à quoque quauis autoritate, scienter, vel ignoranter contingerit attentari. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ vnionis, annexionis, incorporationis, mandati, derogationis, voluntatis, & decreti infringere, vel ei ausu temerario contra ire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem omnipotentis Dei, ac beatorum Petri, & Pauli Apostolorum eius se noverit incursum. Datù Romæ apud Sanctum Petrum anno Incarnationis Dominicæ 1551. quarto idus Octobris Pontificatus nostri anno secundo.

VNIAM DO MOSTEIRO DE S. PEDRO de Pedroso ao Collegio de Coimbra in perpetuum.



DIVS Episcopus seruus seruorum Dei ad perpetuam rei memoriam cœlestis Patris prouidentia ad Summi Apostolatus apicem euecti tamquam de excelso monte ad ima agri irrigui militantis ecclesiæ nostræ dirigentes intuitum, considerantisque laboriosam, atque indefessam operam, quam veneranda Societas de IESV in seminanda sapientia salutari inter cæteros ipsius agricultores ubiq; præstat, dignum, quin potius debitum reputamus, vt illius domos, & loca congruæ sustentationis admniculis etiam per suppressionem regularium locorum minus vtilium confoueamus, prout etiam Catholicorum Regum vota exposcunt, ac locorum eorundem qualitas, & temporum conditio persuadent. Dudum si quidem monasterio Sancti Petri de Pedroso Ordinis Sancti Benedicti Portugallensis diæcesis quod dilectus filius noster Carolus Sanctorum Viti, & Modesti in Macello Martyrum diaconus Cardinalis Carrafa nuncupatus ex dispensatione Apostolica in cõmendam tunc obtinebat, seu cui antea felicitis recordationis Paulus PP. IV. prædecessor noster monasterium ipsum tunc simili commenda per obitum quondam Sancij de Noronha clerici illud ex concessione, seu simili dispensatione Apostolica in eandem commendam, dum viueret obtinentis extra Romanam Curiam defuncti, cessant adhuc eo quo dum ipsi Sancio commendatum fuerat vacabat, modo vacans per eundem Carolum Cardinalem quoad viueret tenendum, regendum, & gubernandum Apostolica autoritate commendauerat commenda Carolo Cardinali facta huiusmodi ex eo quod ipse illi, ac omni iuri sibi in eodem monasterio, seu illius regimen, & administrationem, vel ad illa quomodolibet competenti in mani-

bus eiusdem prædecessoris spontè, & liberè cesserat, ipseque prædecessor cessionem huiusmodi duxerat admittendam cessante adhuc tunc ut præfertur vacante. Idem prædecessor monasterium ipsum quouis modo, quem haberi voluerat pro expresso vacante dilecto filio Michaeli de Sousa præbytero Vlixbon diæcesis etiam per eum quoad viueret tenendum, regendum, & gubernandum sub datis videlicet vndecimo Kal. Augusti Pontificatus sui anno quarti concessit commendari. Cum autem dictus Michael concessioni commendæ sibi factæ huiusmodi literis Apostolicis desuper non confectis, ac etiam omni iure sibi in monasterio, ac regimine, & administratione prædictis ut ad illa quomodolibet competenti hodie in manibus nostris etiam spontè, & liberè cesserit, fructus, redditus, & proventus monasterij prædicti hætenus de cursoribus, & sibi per dictum Carolum Cardinalem donatos, ac alias quomodolibet debitos, vel ad eum pertinentes ad effectum infra scriptum etiam donando, nosque posteriorem cessionem huiusmodi duxerimus admittendam, & propterea dictum Monasterium adhuc nunc ut præfertur vacare noscatur. Et sicut exhibita nobis nuper pro parte charissimi nostri in Christo Sebastiani Portugalliz, & Algarbiorum Regis illustris, ac dilectorum filiorum Rectoris, & Collegialium Collegij dictæ Societatis in ciuitate Conimbricensi canonice institutæ petitio continebat in dicto Collegio quod alias claræ memoriæ Ioannes Portugalliz, & Algarbiorum Rex provide attendens præbiteros dictæ Societatis plurimos in ecclesia Dei fructus per diuersas orbis partes attulisse, in dicta ciuitate construere fecit, ac curæ, & regimini pro tempore existentis Præpositi generalis ipsius Societatis subiicitur, ingens numerus præbiterorum ipsius Societatis foueat, qui studij sui tempore de more per actum, necnon disciplina sapietiz salutaris isthic perfecte hausta, ad prædicandum Dei Euangelium etiam ad remotissimas Indiæ prouincias, & alias regiones ditionis temporalis dicti Sebastiani Regis traducantur, ac eorum operibus, & doctrina non solum populi dictorum regnorum in fide Catholica confirmantur, sed etiam barbaræ gentes quæ hætenus Christum non norunt ad cognitionem veri luminis, qui est Christus, & sacrum baptismatis lauacrum copiosissime accedunt, & in fide Christiana ædificantur. Cumque insurgentibus orthodoxæ fidei contrariarum opinionum autoribus maior numerus personarum doctrina, & virtute pollentium requiratur, inter quas cum dicti Collegiales non mediocriter idonei videantur, idcirco plures quam antea in dicto Collegio manutenendi sint; sed ad eos alendos, ac simul illorum, & dicti Collegij onera supportanda illius fructus, redditus, & proventus minimè sufficientes. Si dictum monasterium, in quo vnus prior claustralis, & quatuor monachi, ac vnus nouitius, ut plurimum rudes cultumque regularem, ut deceret minimè exercetes duntaxat existunt, & in eo nomen, titulus, & dignitas Abbatialis, cæteraque officia, & beneficia, necnon ordo, & essentia, ac dependentia regulares supprimerentur, & extinguerentur, ac illud Collegio prædicto perpetuè vniretur, annecteretur, & incorporaretur, illiusque ædificia, possessiones, prædia, bona, census fructus redditus, proventus, & iura omnia eidem Collegio perpetuè applicarentur, & appropriarentur, Profecto Collegium ipsum hac subuentione subnixum maiorem numerum doctorum virorum ad munera huiusmodi parturiret, quorum ope religio Christiana falsis iam pridem doctrinis lacerata per gratiam Dei purgaretur, purgataque in dies magis, magisque propagaretur. Pro parte Sebastiani Regis, ac Rectoris, & Collegialium præfatorum nobis fuit humiliter supplicatum, ut petitioni huiusmodi annuere, ac alias in præmissis opportunè prouiderè de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur qui dudum inter alia volumus, quod petentes beneficia ecclesiastica alijs vnire, tenerentur exprimere verum annum valorem secundum communem ætimationem etiam beneficij, cui aliud vniri peteretur, alioquin vnio non valeret, ac semper in vnionibus commissio fieret ad partes vocatis quorum interesset, ut Collegium prædictum copiosiores in agro Domnico fructus facilius producere valeat, illi de opportune subuentionis auxilio prouidere volentes, ac Sebastianum Regem, necnon Rectorem, & Collegiales præfatos, ac eorum singulos à quibusuis excommunicationis, suspensionis, & interdicti alijsque ecclesiasticis sententijs, censuris, & penis à iure, vel ab homine quauis occasione, vel causa latis, si quibus quomodolibet innodati existunt, ad effectum præsentium duntaxat consequendum harum siue absoluentes, & absolutos fore censentes; necnon verum annum valorem fructuum, reddituum, & proventuum Collegij, ac etiam verum, & vltimum monasterij huiusmodi vocationis modum, etiam si ex illo quæuis generalis reseruatio, etiam in corpore iuris clausa resultet, præsentibus pro expressis habentes, huiusmodi supplicationibus inclinati monasterium ipsum, cuius ecclesia etiam parochialis existit, & cura animarum dilectorum filiorum illius parochianorum per Vicarium, seu Capellanum perpetuum exerceri consuevit, ac cuius, & illi forsitan annexorum fructus, redditus, & proventus ad trecentos florenos auri in libris Camere Apostolicæ taxati reperiuntur, quouismodo, & ex cuiuscunque personæ, seu per liberam cessionem cuiusuis de regimine, & administratione prædictis in Romana Curia, vel extra eam etiam coram notario publico, & testibus sponte factam vacet, etiam si tanto tempore vacauerit, quod eius prouisio iuxta Lateranensis statuta Concilij, aut alias Canonicas Sanctiones ad Sedem prædictam legitime deuoluta existat, & illa ex quauis causa ad Sedem prædictam specialiter, vel generaliter pertineat, ac de illo consistorialiter disponi consueuerit, seu debeat, & super regimine, & administratione prædictis inter aliquos his, qui super illius, seu illorum possessio molestia, cuius statum præsentibus haberi volumus pro expresso,

pendeat in decisa, dummodo tempore datis presentium eidem Monasterio de Abbate prouidum, aut illud alteri commendatum canonice non existat, & in eo nomen, titulum, & dignitatē Abbatialem, ac conuentualitatem, nec non omnia, & singula officia, & beneficia ac denique ordinem, essentiam, ac dependentiam regulares autoritate Apostolica tenore presentium suppressimus, & extinguimus illudque sic suppressum, & extinctum cum annexis huiusmodi, atque omnibus iuribus, iurisdictionibus, & pertinentijs suis præfato Collegio perpetuò vnimus, annectimus, & incorporamus; ac ædificia, possessiones, prædia, fructus, redditus, prouentus, bona, census, & iura omnia sic suppressi Monasterij huiusmodi, ac illius tam Abbatialis, quam conuentualis mensurarum præfato Collegio perpetuò applicamus, & appropriamus, ita tamen quod ex fructibus, redditibus, prouentibus, monasterij suppressi huiusmodi dilectis filijs illius modernis priori monachis, & nouitio de portione congrua arbitrio ordinarij Portugallensis, sub cuius obedientia, & correctione de cætero degent, annis singulis persoluenda prouideatur, & nihilominus ipsi interim omni facultate, & potestate administrandi eis in ipso monasterio, illiusque fructibus, & redditibus competente priuati existant; nec ex nunc deinceps alij prior, & monachi ibidem recipi possint. Quodque modernis priore, & Monachis prædictis inde recedentibus, vel de recedentibus nulla regularitas in eo esse censeatur, sed illud, illiusque res, & bona, ac iura tam in spiritualibus, quam temporalibus, & ex nunc ab omni superioritate, iurisdictione, uisitatione, & correctione dicti Ordinis Sancti Benedicti, & quorumcumque aliorum superiorum libera, & exempta sint, ac iurisdictioni, uisitationi, superioritati, gubernio, & correctioni Præpositi Generalis, ac ab eo facultate habentium superiorum dictæ Societatis duntaxat subiiciantur, & submittantur. Liceatque etiam ex nunc Rectori, ac Collegialibus dicti Collegij per se, vel alium, seu alios corporalem possessionem, seu quasi regiminis, & administrationis monasterij, & annexorum huiusmodi, eorumque ædificiorum prædiorum, proprietatum, bonorum, iurium, actionum, & iurisdictionum quorumcumque per se, vel alium, seu alios propria autoritate libere apprehendere, & perpetuò retinere; illorumque fructus, redditus, & prouentus, iura offensiones, responsiones, & emolumenta quocumque nomine nuncupentur, ac etiam ipsius monasterij Ecclesiam, & ædificia in suos, & dicti Collegij usus, & utilitatem conuertere. Nec non in dicto monasterio loco monachorum Ordinis Sancti Benedicti religiosos dictæ Societatis, si uoluerint, & eis expedire videbitur, introducere, ac quæcumque onera ipsi monasterio quomodolibet incumbant, & ad quæ præfati prior, & monachi de iure, vel de consuetudine, aut alias obligati erant, absque eo, quod in illis, seu eorum aliquo diæcesani, vel alij etiam sæculares uisitationes se intramittere possint, aut debeant supportari, facere, ac circa fructus, & redditus Abbatialis, & conuentualis mensurarum, & alia quæcumque bona ubilibet existentia monasterij, & annexorum huiusmodi in spiritualibus, & temporalibus regere, gubernare, & administrare ordinarij loci, vel cuiusuis alterius licentia super præmissis, vel eorum aliquo nomine requisita; nec non omne, & quodcumque ius patronatus, & præsentandi personas idoneas ad omnes, & singulas Ecclesias prioratus capellas, & forsitan alia etiam simplicia beneficia ecclesiastica pro tempore existenti Abbati, vel Commendatario, ac conuentui eiusdem monasterij ex præuilegio, vel consuetudine, aut alias quomodolibet forsitan competentia, ac omnem, & quamcunque iurisdictionem, facultatem, & autoritatem ad eos, & eorum quemlibet, tam coniunctim; quam diuisim ratione monasterij, & ecclesiarum, ac aliorum illi annexorum huiusmodi, quomodolibet spectantes, & pertinentes in superiores, & Collegiales dicti Collegij, ita quod ipsi loco prioris, seu Abbatis, ac Commendatarij, & Conuentus Monasterij huiusmodi personas idoneas ad ecclesias, capellas, & beneficia prædicta, quoties opus fuerit communiter, vel diuisim præsentare, seu deputare possint; ac præsentationes seu deputationes sic per eos factæ ualeant, plenamque roboris firmitatem obtineant, ac si à Priore, Abbate, vel Commendatario dicti monasterij pro tempore existente factæ fuissent, Apostolica autoritate, & tenore præmissis transferimus, & transportamus, illisque, ea etiam perpetuò concedimus. Præterea statuimus, & ordinamus quod quæcumque dubia, ambiguitates, discensiones, & differentie super præmissis, vel eorum aliquo, & eorum occasione circa monachos, & alias personas, ac res, & iurisdictiones Monasterij, & Collegij, etiam quoaduis præsentandi, & deपुरandi huiusmodi, seu alias quomodolibet pro tempore suborta, & emanata pro tempore existentem Archiepiscopum Bracharensem, & Episcopum Mirandensem, ac Sedis prædictæ in illis partibus Nuncium summariè, simpliciter, & de plano, sine strepitu, & figura iudicij, sola facti uarietate inspecta; coniunctim, vel diuisim arbitrio suo per se, vel alium, seu alios dicta autoritate Apostolica decidi, terminari, declarari, & annullari debeant prout nos eis ex nunc, prout ex tunc, & e contra illa omnia cum omnibus eorum dependentijs emergentibus annexis, & connexis decidenda, terminanda, declaranda, & annullanda committimus; eisdemque, & eorum cuilibet ad hoc plena, & liberam licentiam, & facultatem concedimus. Decernentes nullo unquam tempore suppressionem, extinctionem, unionem, annexionem, incorporationem, applicationem, appropriationem, concessionem, statutum, ordinationem, commissionem, & alia præmissa etiam ad superiorum dicti Ordinis Sancti Benedicti instantiam, & ex quacumque causa reuocari, alterari, limitari, aut ad iuris terminos reduci, vel illos contra ea in integrum restitui, seu subreptionis, vel obreptionis, aut nullitatis uicio, seu intetionis defectu notari posse; causamque, seu causas, propter quas illa facta

sunt, coram prædicto loci ordinario, etiam tanquam à Sede prædicta delegato verificari debe-
 re; nec propterea, aut ex eo quod interesse putantes vocati non fuerint, per subreptionem ob-
 tentas præsumi, iuribusque carere; sicque per quoscumque iudices tam ordinarios, quam dele-
 gatos etiam causarum pallatij Apostolici auditores, ac Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinales in
 quacumque instantia sublata eis, & eorum cuilibet quauis aliter iudicandi, & interpretandi fa-
 cultate, & autoritate, vbique iudicari, & interpretari debere. Irritum quoque, & inane quicquid
 secus super his a quo quam quauis autoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Quo
 circa venerabili fratri nostro Episcopo Pisarenſi, & dilectis filijs Bracharenſi, & Conimbricensi
 officialibus per Apostolica scripta mandamus; quatenus ipsi, vel duo, aut unus eorum per se,
 vel alium, seu alios, præſentes literas, & in eis contenta quæcumque vbi, & quando opus fue-
 rit, ac quoties pro parte Sebastiani Regis, ac Rectoris, & Collegialium prædictorum, seu alicuius
 eorum desuper fuerint requisiti, solemniter publicantes, eisque in præmissis efficacis defensionis
 præsidio assistentes, faciant autoritate nostra literas, & in eis contenta huiusmodi firmiter
 obseruari, ac Sebastianum Regem, necnon Rectorem, & Collegiales prædictos, omnesque alios,
 & singulos, quos literæ ipſæ quomodolibet concernunt, illis pacificè frui, & gaudere, non per-
 mitterentes eorum aliquem per locorum ordinarios, aut visitatores prædictos, vel quoscumque
 alios desuper quomodolibet indebitè molestari. Contradictores quoslibet, & rebelles per cen-
 suras, & pœnas ecclesiasticas, aliaque opportuna iuris, & facti remedia appellatione postposita
 compescendo, ac legitimis superijs habendis seruatis processibus, censuras, & pœnas ipsas etiam
 iteratis vicibus aggrauando; inuocato etiam ad hoc si opus fuerit, auxilio brachij secularis, non
 obstantibus priori voluntate, nostra prædicta, & Lateranensis. Concilij nouissimè celebrati
 vniones perpetuas, nisi in casibus à iure permissis fieri prohibentis; ac felicitis recordationis Bo-
 nifæ ij PP. VIII. prædecessoris nostri etiam, qua cauerur, nequis extra suam ciuitatem, vel diœ-
 cesim, nisi in certis casibus, & in illis vltra vnam dietam à fine suæ diœcesis ad iudicium aduo-
 cetur, seu ne iudices ab eadem sede deputati extra ciuitatem, vel diœcesim, in qua deputati
 fuerint, contra quoscumque procedere, aut alij, vel alijs vices suas committere præsumant. Et
 de duabus dictis in Concilio Generali edita dummodo vltra tres dietas aliquis autoritate præ-
 sentium ad iudicium non trahatur, & alijs Apostolicis constitutionibus, ac monasterij, & Colle-
 gij necnon ordinis præfatorum iuramento, confirmatione Apostolica, vel quauis firmitate alia
 roboratis, statutis, & consuetudinibus, præuilegijs quoque indultis, & literis Apostolicis illis, eo-
 rumque conuentibus superioribus, & personis a quibusuis alijs sub quibuscumque tenoribus,
 & formis, & formis, ac cum quibusuis etiam derogatorijs, clausulis, & decretis
 etiam irritantibus, & alias quomodolibet etiam iteratis vicibus, concessis, approbatis, & inno-
 uatis, etiam in eis caueatur expresse quod illis nullatenus, aut non licet sub certis modo, &
 forma in eis expressis derogari possit. Et si eis aliter derogetur, derogationes huiusmodi cum
 indefectis nullius sint roboris, vel momenti. Quibus etiam si pro sufficienti illorum deroga-
 tione de illis, illorumque totis tenoribus, specialis, specifica, expressa, & indiuidua, ac de verbo
 ad verbum, non autem per clausulas generales idem importantes, mentio, seu quæuis alia ex-
 pressio habenda, aut aliqua alia exquisita forma ad hoc seruanda foret. Tenores huiusmodi acti
 de verbo ad verbum nihil penitus omisso, & forma in illis tradita obseruata inserti forent, præ-
 sentium pro sufficienter expressis, & insertis habentes, illis alias in suo robore permansuris hac
 vice duntaxat harum serie specialiter, & expresse derogamus contrarijs quibuscumque: aut si
 ordinarijs, visitatoribus, & couentui prædictis, ac dilectis filijs, vassallis, & alijs subditis dicti mo-
 nasterij, vel quibusuis alijs communiter, vel diuisim ab eadem sit sede indultum, quod interdicti
 suspendi, excommunicari non possint per literas Apostolicas non facientes, plenam, & expres-
 sam, ac de verbo ad verbum de indulto huiusmodi mentionem. Et quibuslibet alijs priuilegijs,
 indulgentijs, & literis Apostolicis generalibus, vel specialibus quorumcumque tenorum existi-
 rant, per quæ præsentibus non expresse, vel totaliter non inserta, effectus earum impediri vale-
 ant, quomodolibet vel differri, & de quibus quorumque totis tenoribus de verbo ad verbum
 habenda sit in nostris literis mentio specialis prouiso quod propter suppressionem, extinctio-
 nem, vnionem, annexionem, & incorporationem prædictas in Ecclesia monasterij suppressi hui-
 usmodi animarum curæ nullatenus negligatur, nec diuinus cultus minuatur, sed ipsius ecclesiæ
 congruè supportentur onera consueta. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nos-
 trarum absolutionis, suppressionis, extinctionis, vnionis, annexionis, incorporationis, applicatio-
 nis, appropriationis translationis, transportus, concessionis, statuti, ordinationis, commissionis,
 decreti, mandati, & derogationis infringere vel ei ausu temerario contra ire. Si quis autem hoc
 attentare præsumperit, indignationem Omnipotentis Dei, ac Beatorum Petri, & Pauli Aposto-
 lorum eius se nouerit incursum. Datū Romæ apud Sæctum Petrum anno Incarnationis Do-
 minicæ 1560. id. Kal. Iulij Pontificatus nostri anno primo.

VNIAM IN PERPETVVM DO CONVËNTO
do mosteyro de Nossa Senhora de Carquere, feyta ao
Collegio de IESV de Coimbra.



REGORIVS Episcopus seruus seruorum Dei ad perpetuam rei memoriam disponente clementia, eiusque immobilis permanens sua prouidentia mirabili, suo ordine dat cuncta moueri. In Apostolicæ Sedis Cathedra meritis licet imparibus constituti, ex commissi nobis eadem clementia desuper pastoralis officij debito ad singula monasteria, & religiosa loca dirigentes considerationis intuitu interdum illorum statum immutamus, & alteramus prout temporum, & locorum, ac personarum conditionibus pensatis conspiciamus in Domino salubriter expedire. Exhibita siquidem nobis nuper pro parte charissimi in Christo filij Sebastiani Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illustris, ac dilectorum filiorum Rectoris, & Collegialium Collegij Societatis IESV in Ciuitate Colimbricensi canonicè instituti petitio continebat, quod dudum felicitis recordationis Pius Papa IV. prædecessor noster certis tunc expressis causis adductus Prioratum Monasterij per Priorem gubernari soliti, & cuius mensa Conuentualis ab ipso prioratu separata existebat, Beatæ Mariæ loci de Carquere Ordinis S. Augustini Lamacensis diæcesis, cum primum illum, percessum, vel decessum, seu quamuis aliam dimissionem, aut amissionem quondam Antonij Nogueiræ olim ipsius Monasterij Prioris, vel alias quouis modo vacare contingeret Collegio præfato, ita quod liceret Rectori, & Collegialibus præfatis possessionem dicti Prioratus, illiusque annexarum, iuriumque, ac pertinentiarum occurrente vacatione duntaxat apprehendere, & perpetuò retinere illiusque fructus, redditus, & prouentus in suos, & Collegij, & Prioratus eorundem vsus, & vtilitatem conuertere, dictumque prioratum per se, vel per aliquem excels, seu aliam personam idoneam in spiritualibus, & temporalibus regere, & gubernare; necnon ecclesijs, & beneficijs eidem Prioratui annexis per se, vel alium, seu alios sæculares, vel regulares ad id eorum arbitrio deputandos, & destinandos in diuinis, vt moris est, deseruire; omniaque, & singula ad pro tempore existentem eius monasterij priorem quomodolibet pertinentia facere, & exequi; ac quòd infra scriptis vnione, annexione, ac incorporatione effectum sortitis, Rectori, & Collegiales præfati ordinationes modernas, & antiquas, aliaque omnia monasterio, & Prioratui prædictis incumbentia iuxta dicti monasterij, fundationem adimplere tenerentur, apostolica autoritate sub certis modo, & forma tunc expressis perpetuò vniuit, annexuit, ac incorporauit; volens quod propter vnionem, annexionem, & incorporationem huiusmodi diuinus cultus, & solitus canonicorum, & ministrorum numerus in dicto monasterio nullatenus minueretur, sed illius ac dilectorum filiorum illius Conuentus congrue supportarentur onera consueta; ac quod eodem Antonio cedente, vel decedente canonici dicti monasterij extunc de cætero sub ordinarij loci obedientia degerent; prout in literis ipsius prædecessoris desuper confectis plenius continetur. Cum autè sicut eadè petitio subiungebat Rectores, & Collegiales præfati vigore literarum earundem dicto Antonio defuncto possessionem eiusdem Prioratus de mense Septembris anni Domini millesimi quingentesimi sexagesimi tertij cæperint, illamque hætenus continuarent, & ex quatuor, aut quinque canonicis qui in eodem monasterio degere solebant; duo tantum viui supersint, & nullus à pluribus annis citra superuenerit, qui inibi regularem disciplinam profiteretur, & dicti duo Canonici superstites conuentuales actus exercere nequeunt, necsi alij inibi reciperentur Canonici regularis obseruantia in dicto monasterio tum propter reddituum mensæ Conuentualis tenuitatem, tum propter loci incommoditatem, qui inter montes, & pauperes pagos, situs, & à ciuili conuersatione valderemotus existit, introduci, & manuteneri valeret; quin imo experientia compertum est, quod dicto Antonio defuncto canonici, qui sine Priore in dicto monasterio degerunt, laxioris vitæ delectatione allecti varijs excessibus populum circumuicinum non modicum offenderint in regularis disciplinæ opprobrium, & plurimorum scandalo, & si in dicto monasterio status, ordo, depèdencia, & essentia regulares, illiusque officia claustralia, ac mensa Conuentualis perpetuò suppremerentur, ac extinguerentur, & tam monasterium, quàm fructus mensæ huiusmodi eidem Collegio applicarentur, & appropriarentur, ac duobus canonicis in ipso monasterio superstibus quoaduixerint competens portio iuxta conventionem inter eos, & Rectorem, ac Collegiales præfatos in eundem, vel ordinarij loci arbitrio designanda ad eorum sustentationem necessària per eosdem Rectores, & Collegiales præstaretur, & assignaretur, profecto scādalis non modicis obuiaretur, & plebis saluti, & Collegij huiusmodi comoditati confuleretur. Quare pro parte eorundè Sebastiani Regis, ac Rectoris, & Collegialium asserentium fructum dictæ mensæ centum, & sexaginta ducarorum auri de Camera secundum communem æstimationem, valorem annum, non excedere; nobis fuit humiliter supplicatum, quatenus de opportuno in præmissis remedio præuidere de benignita-

te Apostolica dignaremur. Nos igitur qui dudum inter alia voluimus quod petentes beneficia ecclesiastica alias vniri, tenerentur exprimeré verum annum valorem secundum estimationem prædictam etiam beneficij, cui aliud vniri peteretur, alioquin vnio non valeret, & semper in vnionibus commissio fieret ad partes vocatis quorum interesset Sebastianum Regem, ac Rectorem, & Collegiales præfatos, & eorum quemlibet à quibusuis excommunicationis, suspensionis, & interdicti alijsque ecclesiasticis sententijs, censuris, & pœnis à iure, vel ab homine quauis occasione, vel causa latis, si quibus quomodolibet inodati existunt ad effectum præsentium duntaxat consequendum harum serie absoluentes, & absolutos fore censentes, necnon dicti Collegij fructuum, reddituum, & prouentuum verum annum valorem præsentibus pro expresso habentes; huiusmodi supplicationibus inclinati, statum, ordinem, essentiam, & dependentiam regulares, necnon officia claustralia, & mensam conuentualem in dicto monasterio, ita quod de cætero in eodem monasterio nullus nouitius, aut professus, vel canonicus recipi, vel admitti possit aut debeat, apostolica autoritate tenore præsentium supprimimus, extinguimus; ac fructus, redditus, & prouentus ad dictam mensam quomodolibet expectantes, necnon Ecclesiam, ædes, & habitationes, ac pertinentias quascumque monasterij suppressi per dicti eidem Collegio, ita quod liceat dictum Rectorem monasterij, ecclesiam, ædium, ac habitationum, & pertinentiarum huiusmodi possessionem per se, vel alium, seu alios eius nomine liberè apprehendere, illorumque fructus, redditus, & prouentus percipere, exigere, & eleuare, ac in dicti Collegij vsu, & vtilitatem conuertere, necnon quæcumque onera monasterio, & conuentui huiusmodi incumbentia in dicti Collegij suffragia, quæ ex instituto societatis prædictæ singulis hebdomadis, mensibus, & annis profundatoribus, & benefactoribus fieri solent, commutamus, dummodo duobus canonicis ipsius monasterij superstitibus prædictis, quoaduxerint, competens portio iuxta conuentionem prædictam pro illorum sustentatione, & domus pro eorundem habitatione in eodem suppresso monasterio, si inibi degere voluerint, & ubicumque degerint, sub cura, iurisdictione, & correctione ordinarij loci manentes per Rectorem, & Collegiales prædictos assignetur, & præstetur, perpetuò applicamus, & appropriamus, non obstantibus voluntate nostra prædicta, ac Lateranensi Concilij nouissime celebrati vniones perpetuas nisi in casibus à iure permissis fieri prohibentis, & alijs constitutionibus, & ordinationibus apostolicis; necnon monasterij, & ordinis prædictorum iuramento, confirmatione Apostolica, vel quauis firmitate alia roboratis statutis, & consuetudinibus, & ceterisque contrarijs quibuscumque. Volumus autem quod Collegiales præfati ad assignationem, & præstationem portionis, & habitationis in dicto nuper suppresso monasterio superstitibus duobus canonicis prædictis præstandarum etiam per censuras, & pœnas cogi, & compelli possint. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ absolutionis, suppressionis, extinctionis, commutationis, applicationis, appropriationis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis autem hoc attemptare presumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum eius se noverit incursum. Datum Romæ apud S. Petrum anno Incarnationis Dominicæ millesimo quingentesimo, septuagesimo sexto. Idus Martij Pontificatus nostri anno quinto.

BULLA DA INCORPORAC, AM DO
Collegio da Purificaçam, & suas rendas, & hospital, &
rendas ao Collegio da Companhia.



GREGORIVS Papa XIII. ad perpetuam rei memoriam. Romani Põtificis prouidentia circumspecta, ea, quæ ad scientiæ, & doctrinæ incrementum, ac personarum in illis proficere volentium commoditatem, infirmorumque subuentionem ordinata, & instituta fuerunt, ne contentionis materiam, & rerum iacturam inducant, ac personarum quietem perturbent, interdum alterat, & immutat, officijque sui partes in his libenter interponit, prout rationabiles causæ persuadent, & catholicorum Regum vora id exposcunt, ac in Domino salubriter dignoscitur expedire. Dudum siquidem postquam charissimus in Christo filius noster Henricus Portugallia, & Algarbiorum Rex illustris, qui tunc ad huiusmodi regis dignitatis fastigium nondum assumptus Ecclesie Elborensis ex concessione, & dispensatione apostolica præerat, in Ciuitate Elborensi vnium Collegium subinuocatione Sancti Spiritus ad grammaticam cæteraque artes liberales, & Sacram Theologiam quibuslibet clericis, & alijs personas studere volentibus legendum, & interpretandum ordinaria, & seu apostolica autoritatibus erexerat, & instruerat, ac post modum illud in Vniuersitatem studij generalis etiam erigi, eiusque curam, regimen, & administrationem pro tẽpore existentibus Præposito Generali, & præfiteri Societatis Iesu cõcedi; necnon Collegio, seu Vniuersitatis huiusmodi inter alia nonnullas proprietates, seu annuos redditus olim ad mensam Archiep. & seu Capit. Elbor. spectantes, ac etiã so-

citatos annuos ex fabricæ eiusdem ecclesiæ redditibus applicari, aut applicationem huiusmodi confirmari dicta Apostolica autoritate procurauerat. Nos supplicationibus ipsius Henrici Regis tunc præfulis inclinati sibi vt in eadem ciuitate pro Collegij, seu Vniuersitatis huiusmodi augmento, ac scholarium clericorum, & presbyterorum inibi studentium commoditatibus, publicaque vtilitate vnum, duo, vel plura alia Collegia, in quibus aliqui ex ipsis scholaribus, clericis, & presbyteris ad certum tempus residerent, cum capella, seu capellis, in quibus missæ, & alia diuina officia secundum prouidam ordinationem eiusdem Henrici Regis tunc præfulis desuper faciendam celebrarentur, erigendi, & instituendi facultatem per quasdam concessimus, ac a fabrica, & mensa capitulari prædictis tot illius bona, redditus, prouentus, iura, obuentiones, emolumenta, possessiones, & proprietates, quorum annuus valor ad summam quatuor millium cruciatorum similium æquis portionibus fabricæ videlicet duorum, mensæ autem Capitularis aliorum duorum millium cruciatorum huiusmodi ascenderet, perpetuo separauimus, & dismembrauimus, illaque sic separata, & dismembrata erigendis postquam erecta fuissent pro eorum dote, necnon Sancti Spiritus Collegijs prædictis pro illius dotis augmento, ac alias subcertis modo, & forma tunc expressis etiam perpetuo applicauimus, & appropriauimus, ac successiue per alias nostras literas ex certis tunc expressis causis eidem Henrico Regi tunc præfuli, vt in eadem ciuitate vnum Hospitale, in quo Collegiales, & alij pauperes scholares prædicti occurrentibus eorum infirmitatibus recipi, & curari valeret cum simili capella erigendi, & instituendi, ac illius in spiritualibus, & temporalibus curam, regimen, gubernium, & visitationem presbyteris Societatis IESV, vel alijs personis ipsi Henrico Regi tunc præfuli bene visis committendi facultatem etiam concessimus; dismembrationem vero summæ duorum millium ducatorum ex fructibus redditibus, & prouentibus à mensa capitulari, & applicationem illorum Collegijs huiusmodi quoad summam mille, & quingentorum ducatorum eisdem dismembratione, & applicatione in reliquis quingentis ducatis saluis, & illæis remanentibus cassauimus, & annullauimus, ac loco summæ mille & quingentorum ducatorum huiusmodi quæcumque fructus, redditus prouentus, iura, obuentiones, emolumenta, possessiones, & proprietates in Oppido de Estremoz Elborensi diæc. consistencia, ac dictam mensam Archiepiscopalem spectantia, & pertinentia ab ipsa mensa Archiepiscopali separauimus, & dismembrauimus, ac vnã in Sancti Ioannis Baptistæ pro viginti quatuor de sexennio in sexennium, & alteram capellantiã in veræ Crucis Capellis sitis in dicta ecclesiæ Elborensis pro alijs viginti octo de biennio in biennium eligendis capellanis, seu portonarijs, qui in cappellis, seu collegio Sancti Spiritus, aut ecclesia prædictis certas missas qualibet hebdomada celebrare, ac priores videlicet Logicam, & Philosophiam, atque Theologiam per sexennium, posteriores verò capellani huiusmodi casus conscientia in dicto Collegio Sancti Spiritus doceri, & interpretari solitos per biennium prædictum audire, & edificare tenebantur, ac pro eorum sustentationis subuentione certas partes, seu portiones fructuum, reddituum, & prouentuum à mensa Archiepiscopali ac vno, & vna ex canonicatibus, & præbendis ecclesiæ Elborensis huiusmodi pridem dismembratas, & eis ad id assignatas, seu dictis capellanijs respectiue applicatas percipere soliti erant; ac alias subcertis modo, & forma ab eodem Henrico Rege tunc præfuli olim institutas perpetuo suppressimus, & extinximus, illarumque sic suppressarum, & extinctarum, necnon à mensa Archiepiscopali per posteriores literas huiusmodi separata, & dismembrata fructus, redditus, & prouentus, iura, obuentiones, emolumenta, proprietates, & possessiones Sancti Spiritus extunc, & alijs erigendis Collegijs, ac hospitali huiusmodi postquam erecta forent iuxta prouidam desuper per ipsum Henricum Regem, tunc præfulem, seu ab eo deputatum, vel deputandum, partitionem, diuisionem, & ordinationem desuper faciendam, similiter perpetuo applicauimus, & appropriauimus, ac tunc existentibus portonarijs, seu capellanis prædictis locum, & habitationem in dictis Collegijs, seu eorum aliquo prout eidem Henrico Regi tunc præfuli magis conuenire visum foret, concessimus, & assignauimus. Post completum autem sui cuiusque studij cursum, vel alias ipsis inde recedentibus illorum loco tot alios capellanos quot eidem Henrico Regi tunc præfuli visum foret, in dictis Collegijs, seu eorum aliquo iuxta illius ordinationem, & dispositionem subrogandos, ac manutenendos fore, & esse statuimus prout in singulis nostris literis prædictis plenius continetur. Cum autem sicut dictus Henricus Rex nobis nuper exponi fecit ipse vigere dictarum literarum in dicta ciuitate prope Collegium Sancti Spiritus huiusmodi aliud Collegium subinuocatione Purificationis Beatæ Mariæ Virginis pro dictis capellanis, & certis alijs Collegialibus, ac vnum hospitale, in quo tam Collegiales, quam pauperes scholares Vniuersitatis huiusmodi occurrentibus eorum infirmitatibus recipi, & curari debeant, erexerit, & instituerit, ac tam capellaniarum suppressarum, quam a fabrica, & mensa Archiepiscopali separata, & dismembrata fructus, redditus, prouentus, iura, obuentiones, possessiones, proprietates, & emolumenta prædicta inter Collegia Sancti Spiritus, & Purificationis, ac hospitale huiusmodi eorum cuilibet suam ratam partem assignando diuidere, & compartiri intendens, seu forsan post factam per eum diuisionem, & compartitionem huiusmodi rematurius perperna animaduerneret super regimine, gubernio, & administratione Collegij Purificationis,

& hospitalis huiusmodi, portionibusque reddituum, & bonorum illa, ac dictum Collegium Sancti Spiritus respectiue tangentibus, earumque exactiōibus, & collectionibus, controuersias, dissidia, adique fomenta, & animi inquietudines cum temporis, & eorum studiorum, ac instituti iactura inter Rectores, Collegiales, scholares, & economos, & ministros Collegiorum, & hospitalis huiusmodi facile suboriri fructus quoque redditus, prouentus, & alia bona prædicta ex illorum diuisione, & separatione per manus diuersorum ministrorum exacta, & gubernata maioribus expensis subiacerē, nec ita commodē, & fideliter recuperari, administrari, & cōseruari posse; & in super in Collegio Purificationis, & hospitali huiusmodi nullam capellam propriam, in qua capellani, & alij eiusdem Collegij Purificationis collegiales missas, & alia diuina officia, ad quæ ratione dictarum capellaniarum suppressarum, seu ex consuetudine, vel statuto, aut alias obligati existunt celebrare possint, ad huc perfectē extractam, & ornatam existere. Collegium verò Sancti Spiritus huiusmodi ecclesiam, & diuersas capellas ad id commodas habere, ac propterea magis expediens fore, vt Collegium Purificationis, & hospitale huiusmodi eidem Collegio Sancti Spiritus, seu Vniuersitati tanquam membrâ suo capiti perpetuò vniantur, & incorporentur, ac ea ratione bona, & proprietates huiusmodi integra, & indiuisa ad communem eorumdem Collegiorum, & hospitalis vsum conferantur, ac missæ, & diuina officia prædicta in ecclesia, & capellis Collegij Sancti Spiritus huiusmodi celebrētur. Nos prædicti Henrici Regis iudicio, quod semper plurimi fecimus, acquiescendum esse censentes, necnon singularum literarum nostrarum, ac illarum vigore factarum erectionis, institutionis, dismembrationis, applicationis, diuisionis, & partitionis prædictarum tenores, bonorumque, & reddituum huiusmodi confines, situationes, qualitates, quantitates, ac tam illorum, quam Collegiorum hospitalis fabricæ, & mensarum eiusmodi fructuum, reddituum, & prouentuum veros annuos valores præsentibus pro expressis habentes ipsius Henrici Regis supplicationibus in hac parte inclinati, Collegium Purificationis, ac hospitale huiusmodi, ac tam illis assignata, quam quæcumque alia capellaniarum suppressarum, & etiam à fabrica, & mensa Archiepiscopali, seu alias vigore dictarum nostrarum literarum separata, & dismembrata, fructus, redditus, prouentus, iura, obuentiones, possessiones, proprietates, & emolumenta prædicta cum omnibus, & singulis suis pertinentijs eidem Collegio Sancti Spiritus, seu Vniuersitati, ita quod liceat Præposito, Rectoribus, & præbyteris Societatis huiusmodi pro tempore existentibus, corporalem, realem, & actuaalem possessionem Collegij Purificationis, & hospitalis, ac iurium, possessionum, proprietatum, & pertinentiarum prædictorum per se, vel alium, seu alios propria autoritate liberè apprehendere, & perpetuò retinere, illorumque fructus, redditus, prouentus, vera, obuentiones, & emolumenta quæcumque percipere, exigere, leuare, colligere, locare, dislocare, arrendare, & in dicti Collegij Sancti Spiritus vsum, & vtilitatem conuertere, missasque, & alia diuina officia per dictos Capellanos, & alios Collegiales, vt præfertur celebranda in ecclesia, ac capellis Collegij Sancti Spiritus huiusmodi celebrari facere, necnon Collegium Purificationis, & hospitale huiusmodi, Collegialesque, & scholares, & alias quascumque personas in illis pro tempore degentes in spiritualibus, & temporalibus regere, & gubernare cæterasque in præmissis, & circa ea quomodo libet necessaria iuxta ordinationem per ipsum Henricum Regem desuper factam, seu faciendam gerere, & exercere, diocæsani loci, seu prædictorum capituli, vel cuiusuis alterius licentia, vel consensu desuper minimè requisitis, cum onere tamen, & obligatione, quod Collegium S. Spiritus, seu Præpositus, & Rectores, ac Præbyteri Societatis huiusmodi perpetuis futuris temporibus modo, & forma ad hoc per eundem Henricum Regem seu personam, vel personas ad id ab eo pro tempore deputandas præscriptis, seu præscribendis, centum Capellanos, seu scholares huiusmodi casibus conscientie extra ipsum Collegium Purificationis in dicta Vniuersitate incumbant, assignata eorum singulis annua portione, quæ sit omnino libera, immunis, & exempta, ac modo, & forma, nec non in terminis, ac sub censuris, & pænis per ipsum Henricum Regem, seu ab eo ad id deputatos, vel deputandos statuendis, absque aliqua contradictione, & exceptione in eodē Collegio Purificationis solui debeat, Theologie videlicet quinquaginta, artibus verò, & casibus conscientie vacantibus capellanis, seu scholaribus huiusmodi triginta cruciatorum monetæ Portugallie sustentandi, & numerum centum Capellanorum, seu scholarium huiusmodi semper ita, quod aliquibus ex eis deficientibus, seu recedentibus, alij eorum loco subrogentur, manutenendi, ac in vsum dicti hospitalis, & Collegialium, ac aliorum pauperum scholarium infirmorum in eo pro tempore degentium summam septingentorum, & quinquaginta cruciatorum similium, si necessitas ita postulauerit, annuatim erogandi, necnon tam hospitalis, quam Collegij Purificationis huiusmodi fabricam in suis ædificijs, & structuris necessarijs manutenendi, ac eisdem capellanis, & alijs Collegialibus prædictis, paramenta, & ornamenta, cæteraque omnia pro missis per ipsos, vt præfertur, celebrandis necessaria suppeditandi literis nostris prædictis, præsertim circa facultatem, statuta, & ordinationes, felicem, & salubrem directionem, conseruationem, regimen, & administrationem Collegiorum, & hospitalis huiusmodi, illorumque bonorum rerum, & iurium spiritualium, & temporalium, ac qualitates, & obligationes scholarium, & Capellanorum huiusmodi, necnon modum, & formam visitationis, receptionis, ad missionis, seu depositionis illorum, ac tempus per quod ibidem sustentari, & manuteneri debeant concernentia faciendi, condendi, reuocandi, immutandi, corrigendi, & de nouo

edendi eidem Henrico Regi tunc præfili concessam, alias in suo robore per mansuris motu proprio, & ex certa nostra scientia, ac de eiusdem Apostolicæ potestatis plenitudine tenore præsentium perpetuò vnimus, annectimus, incorporamus, & applicamus, ac appropriamus. Decernentes easdem præsentis literas nullo vnquam tempore de subreptionis, vel obreptionis vitio, aut intentionis nostræ, vel alio quopiam defectu notari, vel etiam ex eo quod interesse habentes vocati non fuerint, aut alio quouis prætextu annullari, inualidari, vel impugnari, aut per locorum ordinarios examinari, seu reuideri, aut causas, propter quas illa emanauerint, venificauerint, aut ad terminos iuris reduci, seu in controuersiam reuocari posse, aut debere, neque sub quibusuis similibus, vel dissimilibus gratiarum reuocationibus, suspensionibus, aut alijs contrarijs dispositionibus comprehendi: sed semper ab illis exceptas, & quoties illæ emanabunt, toties in pristinum statum restitutas repositas, & plenariè reintegratas esse, & fore, sicque per quoscumque iudices ordinarios, vel delegatos, etiam causarum Palatii Apostolici Auditores, & Nuncios Apostolicos, ac Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinales sublata eis, & eorum cuiuslibet, quauis aliter iudicandi, & interpretandi facultate, & autoritate, iudicari, ac diffiniri debere. Irritum quoque, & inane, si secus super his, à quo quam quauis autoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Quo circa venerabilibus fratribus Archiepiscopo Vlixbonensi, & Siluensi, ac Eluensi Episcopis seu dilectis filijs eorum officialibus per præsentis committimus, & mandamus, quatenus ipsi, vel duo, aut vnus eorum per se, vel alium, seu alios præsentis literas, & in eis contenta quæcumque vbi, & quando opus fuerit ac quoties pro parte Henrici Regis, ac Rectoris, Collegialium, & scholarium prædictorum, ac aliorum, quorum interest, vel intererit solemniter publicantes, eisque in præmissis efficacis defensionis præsidio assistentes, faciant autoritate nostra præsentis literas, & in eis contenta quæcumque ab omnibus, ad quos spectat, & spectabit, quomodolibet in futurum inuiolabiliter obseruari, ipsosque Henricum Regem, ac Rectorem scholares, ac Collegiales, ac alios interesse habentes huiusmodi illis pacificè frui, & gaudere; non permittentes eos desuper pro tempore existentes præfules, seu administratores, ac Capitulum Ecclesiæ Elborënsis huiusmodi, ac reddituum eorundem proprietarios, vel quoscumque alios desuper quomodolibet indebitè molestari, inquietari, impediri, seu perturbari; contradictores quoslibet, & rebelles per sententias, censuras, & pœnas Ecclesiasticas, aliaque opportuna iuris, & facti remedia appellatione postposita compescendo; necnon legitimis super his habendis seruatis processibus, sententias, censuras, & pœnas ipsas, etiam iteratis vicibus aggravando, inuocato etiam ad hoc, si opus fuerit auxilio brachij sæcularis non obstantibus præmissis, ac quatenus opus sit de non tollendo iure quæsito, ac vnionibus committendis ad partes vocatis interesse habentibus, ac exprimendo valore, etiam beneficij cui aliud vniri petitur; necnon Lateranensis Concilij vniones perpetuas, nisi in casibus à iure permissis fieri prohibētis, ac se re. Bonifacij papæ VIII. prædecessoris nostri de vna, & in Concilio generali edita de duabus dietis, dummodo vltra tres dietas aliquis autoritate præsentium ad iudicium non euocetur; alijsque Apostolicis constitutionibus, & ordinationibus; necnon omnibus illis, quæ in singulis nostris literis prædictis volumus non obstare contrarijs quibuscumque; aut si aliquibus communiter, vel diuim ab Apostolica sit sede indultum, quod interdici, suspendi, vel excommunicari non possit per literas Apostolicas non facientes plenam, & expressam, ac de verbo ad verbum de indulto huiusmodi mentionem. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub annulo Piscatoris die 13. Iunij 1529. pontificatus nostri anno octauo.

BVLLA PAVLI QVARTI DE FVNDATIONE Vniuersitatis Eborensis. 1559.



PAVLVS Episcopus seruus seruorum Dei Dilecto filio nostro Henrico, tituli Sanctorum quatuor Coronatorum Sanctæ Romanæ Ecclesiæ presbytero Cardinali, Infanti Portugalliæ salutem, & Apostolicam benedictionem. Cùm à nobis petitur quod iustum est, & honestum, tam vigor æquitatis, quàm ordo exigit rationis, vt id per sollicitudinem officij nostri ad debitum perducatur effectum. Sanè pro parte tua Nobis nuper exhibita petitio continebat, quod alias, seu nuper, pro parte tua dilecto filio Raynuntio tituli Sancti Angeli Sanctæ Romanæ Ecclesiæ presbytero Cardinali, & maiori Pœnitentiario nostro exposito, quod tu, qui Ecclesiæ Elborensi ex dispensatione Apostolica præesse dignosceris, pro diuini cultus augmento, ac animarum salute, vnum Collegium, seu Vniuersitatem, in Ciuitate Elborensi erexeras, illudque sic erectum dilectis filijs presbyteris, seu patribus nuncupatis, Societatis de IESV tradideras, concesseras, & donaueras, vt in ipsa Ciuitate, in qua Sedes Metropolitana consistit, & quæ vna

ex insignioribus Ciuitatibus totius Regni Portugalliae, ac ad Vniuersitatem studij generalis tenendum capax, & idonea existit, longèque à Ciuitate Colimbricensi, in qua studium generale viget, distat, tam ciues eiusdem ciuitatis, quam eius districtus, aliorumque circumuicinarum locorum incolae, absque longi itineris dispendio, literis incumbere possent, ut per hanc diuinum cultus aueretur, aliaque bona ex literarum studio prouenientia procederent, in Omnipotentis Dei laudem, & honorem, cupiebas in dicta Ciuitate Elborensi Vniuersitatem studij generalis, in qua omnes scientiae, seu facultates, praeter Medicinam, & ius ciuile, ac eam partem iuridicam, quae ad forum contentiosum pertinent, doceri, legi, & interpretari; ac omnes gradus, etiam Magisterij, & Doctoratus, conferri possent; ac quae curae, regimini, & administrationi ipsorum presbyterorum, seu Patrum dictae Societatis de IESV, tuis verò, ac tui Vicarij iurisdictioni, ac correctioni (saluis tamen eiusdem Societatis praerogatijs quoad eius personas) tua vita durante, & de inde pro tempore existentis Archiepiscopi Elborensis successoris tui, vel charissimi in Christo filij nostri Portugalliae Regis Illustris, prout magis tibi expedire videretur, subiaceret, Apostolica autoritate erigi ipse Raynuntius Cardinalis, & maior Pœnitentiarius tuum piam, ac laudabile propositum confouere volens, tuis supplicationibus inclinatus, auctoritate nostra, cuius pœnitentiae curam gerit, & de speciali mandato sibi per nos viue vocis oraculo facto in Ciuitate Elborensi praedicta Vniuersitatem studij generalis, in qua omnes licitae scientiae, & facultates praeter medicinam, & ius ciuile, ac eam partem iuris canonici, quae ad forum contentiosum pertinent, doceri, legi, & interpretari possint, & in qua in scientijs, seu facultatibus praedictis omnes gradus, etiam Magisterij, & Doctoratus, ad instar Colimbricensis, & aliarum Vniuersitatum dicti Regni, rigoroso examine praecedente, ac, iuxta earundem Vniuersitatum morem, & usum, his, qui idonei fuerint, per eiusdem Vniuersitatis Rectorem, vel personas ad hoc idoneas, quas tu duxeris nominandas, conferantur, erexit, & instituit. Ac illi pro illius sustentatione, & Lectorum, ac Cathedralicorum sustentatione, omnia, & singula redditus, & bona per te hactenus eidem assignata, & concessa, ac in posterum assignanda, & concedenda perpetuo applicauit. Illamque ex tunc, & illius regimen, curam, & administrationem Praeposito Generali, & Patribus praefatae Societatis de IESV; illius verò, ac scholarium in eadem Vniuersitate pro tempore existentium iurisdictionem, & correctionem (saluis ipsis Societatis praerogatijs) tibi, tuoque Vicario, quoad uixeris, & deinde successoribus tuis Archiepiscopis Elborensibus, seu ipsi Regi Portugalliae, prout tibi magis expedire videretur, & iuxta prouidam per te desuper faciendam ordinationem, seu ordinationes, perpetuo commisit. Ac eidem Vniuersitati, illi, & quae Rectoribus, Bidellis, Magistris, Doctoribus, Lectoribus, Scholaribus, & personis, ut omnibus, & singulis praerogatijs, gratijs, immunitatibus, exemptionibus, libertatibus, concessionibus, favoribus, & indultis tam spiritualibus, quam temporalibus, quibus dictae Vniuersitates studiorum generalium, illarumque Rectores, Bidelli, Magistri, Doctores, Lectores, Scholares, & aliae personae de iure, usu, consuetudine, praerogatio, aut alias etiam per communicationem vtuntur, potiuntur, & gaudent, ac uti, potiri, & gaudere poterunt quomodolibet in futurum uti, potiri, & gaudere. Ac hi, qui inibi gradus susceperint, quoad legendum, & interpretandum, ac alias praerogatijs eidem praerogatijs, insignijs, libertatibus, honoribus, & favoribus, quibus alij in alijs Vniuersitatibus graduati vtuntur, potiuntur, & gaudent, ac uti, potiri, & gaudere poterunt, pariformiter, & absque vlla penitus differentia, uti, potiri, & gaudere libere, & licite possint, & valeant. Quodque liceret tibi pro salubri regimine, & gubernio Vniuersitatis huiusmodi, illiusque bonorum, & personarum, quaecumque statuta, & ordinationes, licita tamen, & honesta, ac sacris canonibus non contraria, condere, & ordinare, illaque, quoad vixeris, mutare, & alterare, &, si expedierit, in totum tollere, ac alia de nouo condere, quae, postquam per te condita, & ordinata, ac pro tempore mutata, alterata, & sublata, ac alia de nouo condita, ac per Praepositum Generalem dictae Societatis de IESV, vel alium eius nomine, ad missa fuerint, dicta auctoritate Apostolica approbata, & confirmata sint, & esse censentur, concessit, & indulsit. Ac Vniuersitatem praedictam in dicta Ciuitate Elborensi perpetuis futuris temporibus, modo, & forma praemissis, conseruandam, & manutenendam fore, ac praemissa omnia, necnon statuta, & ordinationes per te condenda, ordinanda, mutanda, & alteranda iuxta tuam ordinationem perpetuo inuolab. liter obseruari, sicque per quoscumque Iudices, sublata eis quauis aliter iudicandi, & interpretandi facultate, iudicari, & interpretari debere; ac irritum, & inane si secus super his a quocumque quauis auctoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari, decreuit; certis desuper executoribus deputatis, cum derogationibus, & alijs clausulis prout literis Apostolicis desuper per officium sacrae Pœnitentiae Apostolicae sub data videlicet duodecimo Kalendas Octobris, Pontificatus nostri anno quarto expeditis plenius dicitur contineri. Quae omnia, & singula tu, qui, ut asseris, cupiens dictum tuum laudabile propositum suum fertiri effectum, quoad bona, seu redditus annuos tunc expressos, videlicet quingentos ducatus, cruzados vulgariter nuncupatos, & duas partes ex certis etiam tunc expressis redditibus, ac triginta modios grani, Anasil vulgariter nuncupati, necnon alios decem modios hordei dictae Vniuersitati canonicè, de eorum, quorum intererat, expresso consensu concessisti, & assignasti, & tei concedi, & assignari obtinuisti, prout publico instrumento, vel instrumentis, aut alijs scripturis desuper confectis plenius continetur, pro eorum omnium sustentatione firmiter Apostolice a

Nobis petisti munimine roborari. Nos itaque tuis in hac parte supplicationibus inclinati erectionem, institutionem, applicationem, subiectionem, indultum, decretum, & alia præmissa, ac in dictis literis contenta, securi rite, & prouidè concessa, & facta fuerunt, rata, & grata habentes Apostolica autoritate confirmamus, & præsentis scripti patrocinio communimus. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ confirmationis, & communionis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotens Dei, ac beatorum Petri, & Pauli Apostolorum eius se nouerit incursurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum, anno Incarnationis Dominicæ millesimo quingentesimo quinquagesimo nono, decimosextimo Kalendas Maij, Pontificatus nostri anno quarto.

BULLA DE ERECC, A M D A Vniuersidade. Anno 1558.



RAYNVTIVS miseratione diuina tituli Sancti Angeli præbyteri Cardinalis Reuerendo in Christo Patri, & Serenissimo Domino Henrico eadem miseratione diuina tituli Sanctorum quatuor coronatorum presbytero Cardinali, Infanti Portugallicæ salutem, & sinceram in Domino charitatem. Ad personam Vestram Sedi Apostolicæ deuotam, excellentemque progeniem Regalem à qua descenditis, debitum respectum habentes, & inter arcana mentis nostræ reuoluentes quod per literarum studia diuini nominis, & fidei Catholicæ cultus protenditur, tenebrosa ignorantie caligo propulsatur, veritas agnoscitur, iustitia colitur, ad bene, beatèque viuendum via paratur, ac omnis humanæ prosperitatis conditio augetur; dignum, quin potius debitum arbitramur, ut precibus, quæ nobis desuper porriguntur, quantum cum Deo possumus, fauorab liter præstemus assensum. Exhibita siquidem nobis nuper pro parte vestra petitionis series continebat; quod vos, qui ecclesiæ Elborensi ex dispensatione Apostolica præstis, & pro diuini cultus, ac Religionis augmento, ac animarum salute vnum Collegium in vestra Ciuitate Elborensi erexitis, illudque sic erectum dilectis in Christo Patribus Societatis de IESV tradidistis, concessistis, & donastis, ut in Ciuitate præfata, in qua Sedes Metropolitana consistit, quæque vna ex insignioribus ciuitatibus totius Regni Portugallicæ, ac Vniuersitatem studij generalis tenendum capax, & idonea existit, & longè à Ciuitate Colimbriensi, in qua literarum studium generale viget, dictat, tam ciues ipsius Ciuitatis, quam incolæ eius districtus, aliorumque circumuicinarum locorum, absque longi itineris dispendio, literis incumbere possent, ut per hæc diuinus cultus augeatur, aliaque bona ex literarum studio prouenientia procedant, in Dei laudem, & honorem, vos cupitis in eadem Ciuitate Elborensi Vniuersitatem studij generalis, in qua omnes scientiæ, seu facultates (præter medicinam, & ius ciuile, ac eam partem iuris canonici, quæ ad forum contentiosum pertinet) doceri, legi, & interpretari, ac omnes gradus, etiam Magisterij, & Doctoratus, conferri possent, quæque curæ, regimini, & administrationi eorundem Patrum Societatis IESV iurisdictioni verò, & correctioni vestris, & vestri Vicarij, saluis tamen eiusdem Societatis præuilegijs quoad eorum personas, vestra vita durante, & deinde Archiepiscopi Elborensis successoris vestri pro tempore existentis, vel Serenissimi Regis Portugallicæ, prout magis expedire videritis, subiaceat, Apostolica autoritate erigi. Quare supplicari fecistis humiliter nobis super his per Sedem Apostolicam de opportuno remedio salubriter prouideri. Nos igitur vestrum pium, & laudabile propositum in hac parte confouere volentes, vestris in hac parte supplicationibus inclinati, autoritate Domini Papæ, cuius Pœnitentiariæ curam gerimus, & de eius speciali mandato super hoc viuz vocis oraculo Nobis facto, in dicta ciuitate Elborensi Vniuersitatem studij generalis, in qua omnes licitæ scientiæ, & facultates præfate (præter medicinam, & ius ciuile, ac eam partem iuris canonici, quæ ad forum contentiosum pertinet) doceri, legi, & interpretari possint, & in qua in scientijs, & facultatibus præfatis omnes gradus, etiam Magisterij, & Doctoratus, ad instar Colimbriensis, & aliarum Vniuersitatum Regni Portugallicæ, riguroso examine præcedente, ac iuxta earundem Vniuersitatum morem, & vsum, his, qui idonei fuerint, per eiusdem Vniuersitatis Rectorem, vel personas ad hos idoneas, quas vos duxeritis nominandas, conferantur, tenore præsentium, erigimus, & instituimus. Ac illi pro illius manutatione, ac Lectorum, & Cathedralicorum sustentatione omnia, & singula, res, & bona, per vos hætenus eidem assignata, & concessa, ac in posterum assignanda, & con. edenda perperuò applicamus; illamque ex nunc, & illius regimen, curam, & administrationem Præposito generali, & Patribus Societatis IESV; illius verò, ac scholarium in eadem Vniuersitate pro tempore existentium iurisdictionem, & correctionem, saluis præuilegijs præfate societatis vobis, vestroque Vicario, quoad vixeritis, & deinde successoribus vestris Archiepiscopus Elborensibus, seu Serenissimo Regi Portugallicæ, prout magis expedire videritis, & iuxta prouidam per vos desuper faciendam ordinationem, seu ordina-

tiones,

tiones, perpetuò committimus. Ac eidem Vniuersitati, illiusque Rectoribus, Bidellis, Magistris, Doctores, Lectoribus, Scholaribus, & personis, vt omnibus, & singulis priuilegijs, immunitatibus, exemptionibus, libertatibus, concessionibus, fauoribus, indultis, tam spiritualibus, quam temporalibus, quibus dictæ Vniuersitates studiorum generalium, illiusque Rectores, Bidelli, Magistri, Doctores, Lectores, Scholares, & aliæ personæ de iure, vsu, consuetudine, priuilegio, aut alias, etiam per communicationem, vtuntur, potiuntur, & gaudent, ac vt, potiri, & gaudere poterunt quomodolibet in futurum, vt, potiri, & gaudere; ac hi, qui inibi gradus succiperunt, quoad legendum, & interpretandum, & alias præminentias, eisdem priuilegijs, insignibus, libertatibus, honoribus, & fauoribus, quibus alij in alijs Vniuersitatibus graduati vtuntur, potiuntur, & gaudent, ac vt, potiri, & gaudere poterunt, simili modo vt, potiri, & gaudere pariformiter, & absque vlla penitus differentia vt, potiri, & gaudere liberè, & licitè possint, & valeant. Quodque liceat vobis pro salubri regimine, & gubernio Vniuersitatis huiusmodi, illiusque bonorum, personarumque quæcumque statuta, & ordinationes, licita tamen, & honesta, ac sacris canonibus non contraria, condere, & ordinare, illaque quoaduixeritis, mutare, & alterare, & si expedient, in toto tollere, & alia de nouo condere; quæ postquam per vos condita, ac per Præpositū Generalē dictæ Societatis IESV, vel alium eius nomine, admissa fuerint, Apostolica autoritate approbata, & confirmata sint, & esse censeantur, earumdem tenore præsentium, concedimus, & indulgemus. Decernentes Vniuersitatem prædictam in dicta Vniuersitate Elborēsi perpetuis futuris temporibus, modo, & forma præmissis conferuandam, & manutenendam fore, ac præmissa omnia, necnon statuta, & ordinationes per vos condenda, & ordinanda, mutanda, & alteranda iuxta ordinationem vestram perpetuò inuiolabiliter obseruari; sicque per quoscumque Iudices, & personas, sublati eis, & eorum cuiuslibet quauis aliter iudicandi, interpretandi, & diffinendi facultate, & autoritate, iudicari, interpretari, & diffiniri debere; ac irritum, & inane quidquid secus à quoquam contigerit quomodolibet attentari. Quo circa venerabili in Christo Patri Dei gratia Episcopo Pisauriensi, & discreto viro Curie causarum Camerae Apostolicae Viceregenti, & eorum cuiuslibet, & eisdem autoritate, & mandato, committimus, & mandamus quatenus in præmissis per se, vel per alium, seu alios, efficacis defensionis præsidio assistentes, faciant vos, vestrosque successores, ac Vniuersitatem præfatam, & illius Scholares, Lectores, Bidellos, & singulares personas præsentibus literis, & illarum effectu pacificè frui, & gaudere; nec permittant dispositioni prædictæ per aliquem contraheri. Contradictores quoslibet, & rebelles per censuras Ecclesiasticas, & alia iuris opportuna remedia, appellatione postposita, compescendo, inuocato etiam ad hoc, si opus fuerit, auxilio brachij secularis. Non obstantibus Apostolicis, & tam Prouincialibus, quam synodalibus constitutionibus, necnon Vniuersitatum præfatarum etiam iuramento, confirmatione Apostolica, vel quauis firmitate alia roboratis statutis, & consuetudinibus, priuilegijs quoque, indultis, & literis Apostolicis eisdem Vniuersitatibus, & cuiuslibet ipsarum, sub quibusuis verborum formis, & clausulis, etiam derogatorijs, derogatorijs, alijsque fortioribus, efficacioribus, & solitis, irritantibusque, & alijs decretis, etiam Regum, & Reginarum contemplatione, & intuitu confirmatis, & etiam iteratis vicibus innovatis; quibus omnibus, illorum tenores, ac si de verbo ad verbum infererentur præsentibus pro plenè, & sufficienter expressis, ac totaliter insertis habentes, illis alias in suo robore permansiuris, hac vice duntaxat, specialiter, & expressè derogamus, cæterisque contrarijs quibuscumque. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub sigillo Pœnitentiariæ duodecimo Kalendas Octobris, Pontificatus Domini Pauli Papæ IV. anno quarto.

BULLA DE PIO QVARTO DAS
indulgencias da Igreja do Collegio do Spirito Sancto da
Vniuersidade de Euora. Anno 1562.



PIVS Episcopus seruus seruorum Dei ad perpetuam rei memoriam. Super regem Dominicum curæ nostræ diuinitus creditum, quantum nobis ex alto conceditur, intenti spicularioris officium exercentes in his, per quæ fidelium defunctorum animarum saluti consulitur, & vt illæ pijs missarum, aliorumque diuinorum officiorum suffragijs Creatori, & Redemptori suo lucrifiant, ministerij nostri partes libenter impertimur. Cupientes igitur vt ecclesia Collegij Spiritus Sancti Societatis IESV in Ciuitate Elborensi Apostolica autoritate erecti, quam alias, vt accepimus, dilectus filius noster Henticus tituli Sanctorum quatuor Coronatorum presbyter Cardinalis, Infans Portugalliae nuncupatus pia deuotione ductus suis expensis magnificè, & sumptuosè construi, ædificari, & erigi fecit, Collegium præfatum competenter dotando, & ad quam ipse singularem gerit deuotionis affectum, ac in qua corpus suum,

cum

cum eum ab hac luce migrare contigerit, sepeliri forsitan intendit, congruis frequentetur honoribus, & tam Ecclesiæ, quam Collegium huiusmodi apud Christi fideles in debita veneratione habeantur, ipsique Christi fideles eò libentius, deuotionis causa, addictam Ecclesiam confluant, quo exinde dono cælestis gratiæ conspexerint vberius se resecutos. De Omnipotentis Dei misericordia, ac Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum eius autoritate confisi omnibus, & singulis vtriusque sexus Christi fidelibus, verè pœnitentibus, & confessis, seu statutis a iure temporibus firmum confitendi propositum habentibus, qui Ecclesiam prædictam, ac cappellam, ac altare saluatoris nostri crucifixi situm in eadem Ecclesia in Paschatis, Pentecostes, & Natiuitatis Domini nostri Iesu Christi festiuitatibus a primis vesperis vsque ad occatum solis cuiuslibet earundem festiuitatum, annis singulis, deuotè visitauerint, & inibi tam pro felici statu Vniuersalis Ecclesiæ, quam pro Henrici Cardinalis præfati, postquam ab humanis decesserit, animæ salute quinquies orationem Dominicam, ac toties salutationem Angelicam deuotè recitauerint, quoties id fecerint, plenariam omnium peccatorum suorum indulgentiam, & remissionem; & super vt fidelium defunctorum animæ in igne purgatorij detentæ refrigerium aliquod inibi, nanciscantur, quòd quicumque præbyteri pro defuncti, qui in Dei vnitrate decesserit, anima missas ad idem altare celebrauerint, seu celebrari fuerint, quoties id fecerint, omnes, & singulas gratias, indulgentias, & peccatorum remissiones, etiam pro defunctorum ipsorum animabus per modum vero suffragij, & quantum diuinæ pietati placuerit, consequantur, & consequi valeant, quas præbyteri ad Sancti Ioannis Lateranensis, & Sancti Gregorij intra, necnon Sancti Sebastiani Monasterium extra muros almæ vrbs ecclesiarum altaria, priuilegiata nuncupata, celebrantes, seu celebrari facientes consequuntur, & consequi solent, autoritate Apostolica, tenore præsentium, misericorditer in Domino perpetuò concedimus, & indulgemus, missasque prædictas tam ipsis defunctis, quam etiam vtiis Christi fidelibus, pro quibus illæ celebrabuntur, perinde ac si ad altaria, priuilegiata nuncupata, huiusmodi celebrarentur, suffragari debere decernimus, eisdem præsentibus, quas sub quibusuis reuocationibus, suspensionibus, & derogationibus quarumcumque similium, aut dissimilium indulgentiarum, & gratiarum, etiam in fauorem fabricæ Basilicæ Principis Apostolorum de vrbe, vel ciuitate Sanctæ, ac Redemptionis captiuorum, vel pauperum hospitalium, aut aliorum piorum locorum, etiam ad Imperatoris, Regum, Reginarum, aut aliorum Principum Christianorum instantiam, vel eorum intuitu, & alias quomodolibet, & ex quibusuis vgentissimis causis, sub quibuscumque tenoribus, & formis, ac cum quibusuis clausulis, & decretis, etiam motu proprio, & ex certa scientia factis, & faciendis nullatenus comprehendi, sed semper ab illis exceptas, & quoties illæ emanabunt, toties in pristinum statum restitutas, & de nouo concessas esse, & eisdem Christi fidelibus perpetuò etiam suffragari debere similiter decernimus perpetuis futuris temporibus duraturas. Volumus autem quòd si aliquas alias similes indulgentias eisdem fidelibus Ecclesiam prædictam visitantibus concesserimus, præsentibus indulgentiæ huiusmodi nullæ sint, & pro non concessis habeantur. Datum Romæ apud Sanctum Petrum, anno Incarnationis Dominicæ millesimo quingentesimo sexagesimo secundo, quarto Idus Martij, Pontificatus nostri anno quarto.

ERRATAS DA PRIMEYRA P A R T E.

Fol. 13. col. 2. lin. 14. lege Iulio Terceyro. Fol. 19. col. 1. n. 2. lin. 25. lege Viseo. Fol. 108. c. 2. n. 7. l. 31. lege Betanços. Fol. 259. c. 1. n. 6. l. 8. lege Affonso Cypriano. Fol. 304. n. 3. l. 24. lege destes fidalgos. Fol. 362. c. 1. l. 1. lege lingoa. Fol. 431. c. 2. n. 5. lin. 25. lege D. Ioam. Fol. 441. n. 6. l. 23. lege S. Ioam. Ibi eadem lin. lege cento & sincoenta. Fol. 432. col. 1. l. 6. lege taurinho. Fol. 551. col. 2. n. 1. lin. 2. lege D. Duarte Deça.

ERRATAS DA SEGUNDA PARTE.

Fol. 17. num. 3. lin. vltima corrige sua. Fol. 35. n. 9. lin. 4. lege Miguel Godinho. Fol. 91. n. 6. lege Balio. Fol. 79. n. 3. l. 6. lege tio. Fol. 108. initio, lege Ioam Freyre. Fol. 185. col. 1. lin. 4. lege hortas. Lib. 4. cap. 44. n. 11. lege Ieronymo. Fol. 120. c. 2. l. 4. lege Taumaturgo. Fol. 135. n. 9. lege Miguel. Fol. 354. real, corrige Pontifical. Ibidem scepro, lege bago. Fol. 202. n. 11. lin. 16. lege Ieronymo. Fol. 315. col. 2. lege milagres. Fol. 411. marg. 1. lege fazer. Fol. 425. col. 2. lege agigantado. Fol. 539. n. 8. marg. 1. lege Gonçalo Rodrigues. Fol. 587. col. 1. & fol. 655. col. 2. n. 7. lege claveyro. Fol. 417. col. 2. lege irmam. Fol. 474. em lugar de 1579. corrige 1597.

L A V S D E O.

DO QUE IVLGARAM OS
 Reverendissimos Padres, o Padre Doutor Frey
 Antonio Carneiro, M.&D. Abbade gèral da Or-
 dem de Sam Bento, com os mais Padres De-
 finidores actuaes, sobre o que se diz na
 historia Benedictina Lusitana, acerca
 de nosso sancto Padre Ignacio
 de Loyola.

DEPOIS de sahir com a precedente advertencia, em a qual
 brevissimamente mystrey o pouco fundamento, que havia, pe-
 ra se dizer na historia Benedictina Lusitana, que nosso
 Sancto Padre Ignacio de Loyola fora Abonge leygo de Sam
 Bento, conforme tinha fingido o Abbade Constantino Cayetano, tiveram no-
 ticia de nosso justo sentimento os Reverendissimos Padres, o Padre Doutor
 Frey Antonio Carneiro, dignissimo Dom Abbade gèral, em Portugal, da sa-
 grada Religiã de Sam Bento, & os mais muy Reverendos Padres Defi-
 nidores actuaes. E logo, como pessoas tam eminentes em letras, & em pru-
 dencia, fizeram examinar as proposiçoens, de que nos queyxavamos, & de que
 pediamos, & esperavamos satisfaçam.

2 E achando, depois de largo, & maduro exame, que tinha-
 mos rezam em nossas queyxas, foram servidos sua Reverendissima, com os
 mais gravissimos Padres Collegas, de nos querer deferir, dandonos a dese-
 jada satisfaçam; com a qual finalmente sahiram, ajuntandose todos em
 capitulo (pera isso particularmente congregado) no qual fizeram, sobre este
 ponto, hum Decreto, em que assentaram, que nenhum fundamento havia
 pera o que se dizia de nosso Sancto Padre Ignacio de Loyola na dita historia
 Benedictina; o qual Decreto logo aqui appontarey, pera que a todo tempo
 conste nam menos a verdade desta materia, que a honra, & confiança
 destes gravissimos Padres, pois entenderam, como tam sabios, & tam fi-
 lhos de Sam Bento, que tem tanto em sua sagrada Religiã, pera se hon-
 rarem, & se autorizarem, que nam necessitavam de mendigar hum fi-
 lho alheyo, pera honrar hum pay tam rico, & a hum Patriarcha tam
 fecundo, que encheo o mundo de Patriarchas, & enriqueceo o Paraiso de
 Sanctos.

Hist. Bene-
 dict. Lusita.
 tra. 2. p. 2. c.
 23. §. 2. fol.
 388.
 Constant.
 Caet. in illo
 suo libello,
 de Religio-
 sa S Ignatij
 institut.

a
Plin. in suo
Paneger. ad
Trajanum
Imperatoré.
b
D. Hiero. ad
Demetriadé
de Virgini-
tate, Epist. 1

3 He propriedade, que só compete a Princeses supremos, & a heróas soberanos, serem grandes por sy mesmos, sem abatimento de outrem, que assim o disse gravemente Plinio^a de seu Emperador Trajano, Tu tamen maior omnibus, sed nullius diminutione maior: fraco louvar merece aquelle, que pera luzir por sy mesmo, he necessario meter em trevas aos outros: antes, como escreve Sam Ieronymo^b, he de gente aviltada procurar louvores proprios, com grangear vituperios alheyos: Vilium satis hominum est alios viles facere, quia alterius vituperatione se laudari putant. O glorioso Patriarcha Sam Bento he, na verdade, hum Sol resplandecentissimo, entre os maiores Patriarchas, sed nullius diminutione maior; mas com esta ventagem, que tal Sol nam necessita de sombras alheyas, pera melhor avultarem seus rayos; sem desluzirem os outros, tem melhor lustre seus louvores.

c
Tit. Liv. lib.
3. Decad. 3.
Martiū apud
se habebat
tanto hono-
re, ut facile
appareret,
&c.

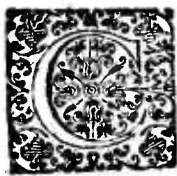
4 De tam sancto, & de tam confiado Pay aprenderam bem estes gravissimos Padres, os quaes quanto mais nos honram, mais mostram sua honra, pois só pôde honrar aos outros confiadamente aquelle, que encende de sy, que nam perde de seus louvores, quando louva aos estranhos; como judiciosamente disse o historiador Romano^c do seu Cypiam Africano, assegurandonos, que quanto mais honrava a Marcio, insigne Capitam, mais mostrava, que nam perdia ponto de sua honra, porque hum Cypiam tinha confiança pera ser o mais glorioso, entre as melhores glorias alheyas, Ut facile appareret, nihil minus eum vereri, quam ne quis obstaret gloriae suae.

d
D. Bern. ser.
de D. Bene-
dicto, non
longe a prin-
cipio.

5 Semelhante confiança tem estes Reverendissimos Padres em nos honrar tanto, & em nos largar pera nós toda a honra de nosso Santo Patriarcha, por que estão certos, que nam pôde haver gloria de outros, que lhes possa, nem levissimamente, assombrar os rayos da gloria de hum hum sancto, que he Pay universal de innumeraveis Sanctas, nem diminuir a honra de huma Religião, que he a mãy, aonde naceram, & aonde se criaram tantas, & tam sagradas Religioens, as quaes todas reconhecem por seu autor a Sam Bento, que foy, como lhe chama Sam Bernardo^d, aquella arvore grande, & fructifera, plantada junto das correntes das agoas, Arbor fuit Benedictus grandis, & fructifera, tamquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum. Que desta grande arvore, tambem regada com divinas influencias, se cria, sem dividida, como ramos sempre frescos, & como garfos bem lagrados, tantos Patriarchas, tantos Papas, tantos Cardaes, tantos milloanes de Sanctos, & de Martyres canonizados: tantos Princeses, & tantos Monarchas, que ainda hoje militam de baixo das regras de S. Bento.

5 *Agora sem divide se acrecenta mais esia gloria , pois nam so largam confiadamente a que he alheya , mas tambem a pretendem acrecentar , com palavras tam harradas , com decretos tam autorizados , com louvores tam affectuosos , como se contem nesta satisfagam , a qual diz assim :*

T R E S L A D O D O D E C R E T O ,
que fizeram os muy Reverendos Padres Dom
Abbate géral de Sam Bento, com os mais De-
finidores , sobre o que se diz na historia
Benedictina Lusitana, acerca de
nosso sancto Padre Ig-
nacio de Lo-
yola.



VM nostra Benedictina Congregatio Lusitana, summo semper, ut par est, studio, & reverentiâ doctissimam, & religiosissimam Patrum Societatis IESV familiam prosequuta sit; idque omnes Christianæ disciplinæ, ne dum arctioris instituti sectatores deceat, ut charitate simul ambulantes honore se se invicem præveniant: testamur nos infra scripti prædictæ Cōgregationis Abbas Generalis, & Definitores, ad hoc specialiter congregati, in libro inscripto *Historia Benedictina* vernaculo idiomate Lusitano, nuper edito, à nostro reverendo admodum Patre Magistro Leone à Sancto Thoma, Congregationis nostræ Lusitanæ Monacho, & in Conimbricensi Academia primario Theologiæ professore, nonnulla referri, ex Constantino quodam Cayetano, nostræ item Cassinensis Congregationis Monacho, quæ, ut prædictæ religiosissimæ Societatis existimationi aduersantia, sic minùs probabilia, quàm fides historiæ postulat, ab ipsa Cōgregatione nostra Cassinensi (quam ut parentem libenter veneramur) decreto publico iudicata iam sunt. Quo circa ea, ut sine fundamento à primo auctore vulgata, aut excogitata, & minùs consideratè à secundo relata, certè à communi prorsus Congregationis nostræ sensu aliena declaramus. In quorum fidem testimonium hoc scribi iussimus, & nomina nostra subscripsimus. Religiosos sacræ dictæ Societatis PP. enixè rogantes, ut

de antiqua illa nostra in ipsos, quam haecenus experti sunt, observantia, nihil detractum vel diminutum fuisse, vel etiam in posterum fore, sibi certò persuadeant. Datum in hoc nostro monasterio Tibanensi. Die 29. Octobris, anni 1645.

*Magister Fr. Antonius Carneiro D. Abbas
Generalis sancti Benedicti.*

Fr. Thomas ad Spe, Deffinitor primus.

Fr. Zacharias Osorio, Prædicator Generalis, Deffinitor secundus.

Frater Benedictus à Matre Dei, Deffinitor tertius.

Frater Paulus à Rosario, Deffinitor quartus.

Frater Mattheus à D. Michaele Deffinitor quintus.

O qual Decreto tresladado em Portuguèss, diz assi.



OMO a nossa Congregaçam Benedictina em Portugal amasse sempre, com grande vontade, & reverencia, a doutissima, & religiosissima familia dos Padres da Companhia de IESV, como convem a todos os que professam a Religiãam Christã, quanto mais aos professores de mais aperado instituto, pera que assim, andando todos em charidade, procurem huns dar ventagem aos outros; testificamos nós abaixo assinados, o Abbade gèral, & Deffinidores da dita Congregaçam (pera isto particularmente juntos) que, no livro intitulado, *Historia Benedictina* (que hà pouco sahio em nossa lingua Portuguesa, feita pelo nosso muito Reverendo Padre Mestre Frey Leãm de sancto Thomas, Monge desta nossa Congregaçam, & Lente de Prima de Theologia na Vniversidade de Coimbra) se contem algumas couzas, tiradas de hum Constantino Cayetano, Monge de nossa Congregaçam Casinense, as quaes, assim como sam em perjuizo da boa opiniãam da dita religiosissima Companhia, assim tambem foram julgadas por menos provaveis, do que pede a verdade da historia, por hum decreto publico, passado pela nossa Congregaçam gèral Casinense (a qual de boa vontade conhecemos por mãy). Por onde declaramos, que assim como estas cousas foram sem fundamento divulgadas, & fingidas pelo primeiro Autor, assim pelo segundo foram contadas menos consideradamente; & que na verdade sam muy alhéas do commum sentir de nossa Congregaçam. E em fé desta verdade fizemos escrever este nosso testemunho, juntamente com os nossos nomes. Pedindo muy encareci-

damente

damente aos Religiosos Padres desta sagrada Companhia, que se persuadam, que nada se mudou, nem mudará ao diante do antigo amor, que sempre em nós experimentaram. Dado neste nosso Mosteiro de Tibaens, 29. de Outubro, anno de 1645.

O Mestre Fr. Antonio Carneiro
D. Abbade Geral de S. Bento.

Fr. Thomas da Esperança, Definidor primeiro.

Fr. Zacharias Ozorio, Pregador geral, & Definidor segundo.

Fr. Bento da Madre de Deos, Definidor terceiro.

Fr. Paulo do Rosario, Definidor quarto.

Fr. Mattheos de S. Miguel, Definidor quinto.

6 Bem se ve, neste honradissimo testemunho, o animo tam verdadeiro, tam religioso, & sincero, tam desinteressado, tam confiado, & desapaxonado destes gravissimos Padres, cujo parecer, & juizo nam podemos deixar de prezar em summo grau, pois he dado por pessoas tam autorizadas, & por huma Religiam tam sancta, porque como bem disse o aviso de Cassiodoro, e aquelle se póde ter por mais capaz de mayores merecimentos, que alcançou a abonaçam de hum juiz, em quem melhor realçam os melhores quilates de todas as virtudes, Omnium profectò capax esse potest meritorum, qui iudicem cunctarum meruit habere virtutum. Com tal abonaçam nos confessamos obrigadissimos, & agora mais que nunca, nos damos por filhos de Sam Bento, nam só pela rezã commua de Sam Bento ser o Pay universal^e de tantas Religioens, mas em particular, pela grande devaçã, que lhe teve nosso sancto Patriarcha Ignacio, começando sua conversã por sua casa de Monserrate; tendo por primeyro Mestre aquelle Religiosissimo varã frey Ioam de Chanones, dignissimo filho do espirito de Sam Bento; visitando seu sanctuario de Monte Cassino, compdo nelle muito do instituto da Companhia, aproveitando das sanctissimas regras de Sam Bento, pera ordenar as Constituiçoes da Companhia, g o que nam só confessamos com os nossos historiadores, mas tambem com os mesmos autores desta sagrada Ordem, como douca, & prudensmente mostram, os muy eruditos Padres D. Ascanio^h Tamborino, & fr. Antonio de Yepes; & conforme a isto nos prezamos tambem muito do titulo de irmãos destes muy veneraveis Padres, posto que somos irmãos minimos, & por isso servos addictissimos a esta sagrada Religiam-

7 E posto que apregoamos as grandezas, que temos dico, nesta venerabilissima Ordem, & nos confessamos por servos, & nos prezamos de irmãos, nam se nos poderá attribuir a soberba, resstirmos tanto aquella novidade, que traz o Abbade Constantino, que na verdade bem vejo que depois de tantos

Cassiod. lib.
1. Epist. 3.

f
Vide D. Rodrigo. à Cunia super Decretum Gratiani. 1. p. c. Gener. 12. n. 10. ubi recenset Religiones quæ militant sub D. Benedicto.

g
P. Petr. de Rib. in vita S. Ign. lib. 1. c. 4. & lib. 2. c. 13. Oril. li. 1. n. 17.

h
D. Ascanius Tamb. to. 2. de iure Abbatum, disp. 24. q. 5. n. 69 P. fr. Anton. Yepes, to. 4. hist. Bene. Centur. 5. c. 2. à fol. 235 verso.

Prin-

Príncipes, que estão debaixo das ordens militares de S. Bento, & se prezam de serem monges leigos de S. Bento, nam podia ser afronta de S. Ignacio, ter vestido tam sagrado habito. Com tudo por outra parte teve muita rezã a Companhia, de se sentir tanto desta novidade; porque nam continuando, nem morrendo sancto Ignacio no habito, & Religiã de S. Bento, como he cousa notoria, ficaria sendo por huma de duas causas, ou por elle a engeitar, ou por ser della engeitado: & bem se ve, que nam devia ser pelo sancto a engeitar, pois he Religiã, que tantos sanctos professaram, & tantos Príncipes appeteceram; sendo logo por elle ser o engeitado, bem se alcança quam grande afronta era sua, & quam grande labéo fora nosso, pois tinhamos hum fundador, que nam mereceo continuar com a vida sancta, que huma vez professara, sendo assim que Christo; Senhor nosso, falando com aquelles, que huma vez lançaram mã do arado, nam sò lhes prohibe o voltar, mas ainda o olhar pera trã.

i
Luc. c. 9. n.
62. Nemo
mittens ma-
num ad ara-
trum, & ref-
piciens re-
trò, est ap-
tus ad reg-
num Dei.

1
In Exam.
Generali, c.
2. n. 3. Item
in Constit.
p. 1. e. 3. n. 5

8 Acrecentase mais o inconveniente, porque, com este successo, se lhe ataram as mãos ao nosso sancto Patriarcha, pera nos nam deixar a regra, que fez na Companhia, mandando, que nam pudesse¹ ser admitido nella, quem tivesse trazido o habito de outra qualquer Religiã; & parece que nam cabia em boa rezã, querernos o Sancto prohibir a nós, o que elle por sy tinha obrado. Estas foram as causas porque nos queixamos da culpa, que nisto teve, nam esta sagrada Religiã, que o reprovou, mas o Abbade Constantino, que o fingio.

9 Posto que agora, depois de vermos este gravissimo decreto, & a honradissima satisfacã, que nos deo esta sagrada Religiã em Portugal (conformandose com a que já deo em Monte Cassino a Congregacã geral de toda a ordem) podemos, se nos he licito, dizer com a Igreja sancta, que assim como foy ditoso o peccado de Adã, porque teve tal Redemptor, assim damos hoje por bem empregado o erro do Abbade Constantino Cayetano, pois nos rendeo hum bem tam grande, como foy conhecermos de novo o animo tam fraternal, tam benevolo, & tam verdadeiro do Reverendissimo Dom Abbade geral de Portugal, & dos mais Religiosissimos Padres desta sagrada Congregacã de Sam Bento, aos quaes, por este singular beneficio, & por outros titulos mais antigos, perpetuamente confessaremos amor como a irmãos, & obrigacão como a mayores.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).